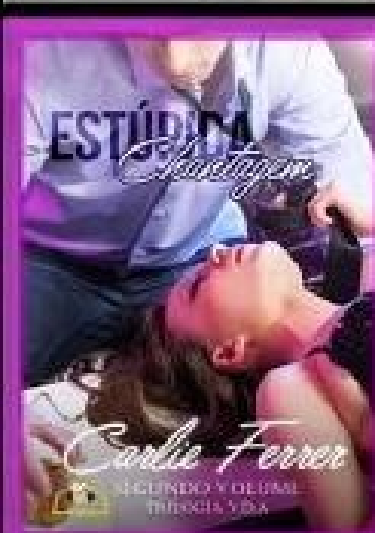
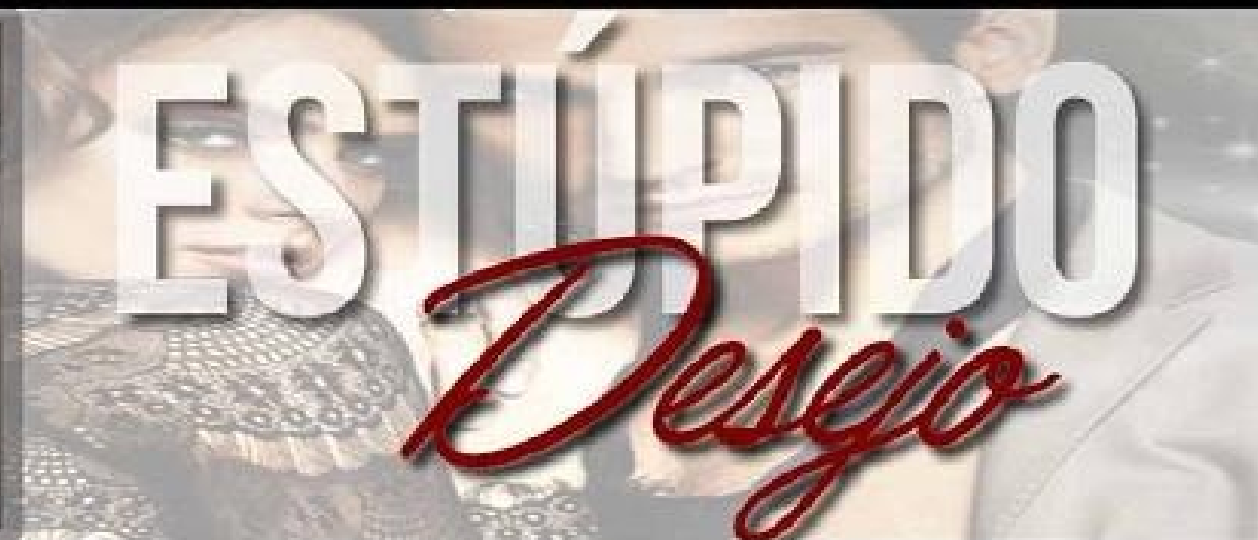
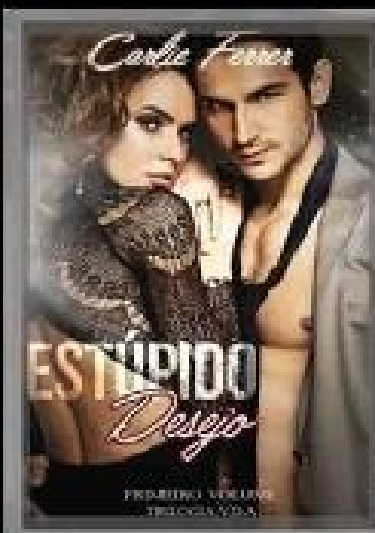


BOX



TRILOGIA V.D.A.



BOX
TRILOGIA
V.D.A.

ESTÚPIDO **Desejo**
ESTÚPIDA **Chantagem**
ESTÚPIDA **Proposta**

Carlie Ferrer

Copyright ©2015 Carlie Ferrer

Todos os direitos reservados. É proibida a distribuição ou cópia de qualquer parte desta obra sem o consentimento escrito do autor.

Revisão: Bárbara Pinheiro

Capa: Amanda Lopes

1ª Edição

ESTÚPIDO
Desejo

Trilogia V.D.A.
Volume I

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, por cada pessoa especial que colocou em minha vida, por todas as oportunidades que me permitiu, por esse amor que me move em cada segundo.

A minha família agora e sempre, por todo o trabalho que esses livros dão a vocês. Mamãe, Aninha e Lukas em especial, obrigada!

As minhas amigas, meus anjos, minha força e porto seguro: Ellen, Nanda, Vick, Olívia, Daniele, Mel, Maria Rosa, Ale Lacombe, Sara, Jessica Souza, Nathalia, Naty, Andréia, Regiane e Mia Klein.

As minhas meninas, porque sem vocês eu não seria nada, porque vocês são a família mais linda que eu poderia ter, amo vocês demais: Andrezza, Emily, Mika, Keissiane, Livia, Anna, Nessah, Raquel, Karol, Luana, Kétleen, Carla, Josi, Jessica Bidoia, Julia, Diana, Alinne, Daya, Emanuela, Rozzy, Cynthia, Flavia, Mony, Mirelle, Amanda, Catarina, Shirlene, Krisley, Ana Rita e Gaby.

A Nathalie Graff, Ângela Aguiar, Denise Bernardes, Danny Lobo, Sheyla Mesquita, Cristiane Spezzaferro, Simone Camargo, Alda Andrade, Bianca Patacho, Amanda Feitosa, Natália de Souza, Jessica Laine, Rayane, Claudia Mariana, Mariana Dias, Leila Rios, Jaine Gonçalves, Ana Mendes, Jaqueline Borges, Camila Lima, Débora Gomes, Shirley Nonato, Rebeca Xavier, Eliane Crispim, Erika Will, Emanuela Ferreira, Dany Lobo, Raquel Tavares, Jaqueline Renata, Alessandra Fernanda, Cleidi Natal, Isnathyelly, Graziela Rodrigues, Diana Medeiros e Uennia Soares.

Aos grupos: Recanto das Autoras Brasileiras sempre, Viciados em livro novo e o blog Livros do coração, muito obrigada por todo apoio!

Aos meus amores do Wattpad, tudo isso só é possível graças a vocês: Jessica Lorraine, Larissa e Ícaro, Amanda Fonteli, Ana Paula Leguli, Fernanda Maria, Fabi del Col, Bianca Gonçalves, Monica Medeiros, Kamila Santos, Fernanda

Ramalho, Maria Elisa, Fabiana Nunes e Eddye Castro.

Capítulo 01

Celina

Merda. Essa é a palavra que define a minha vida hoje. Não que ela sempre tenha sido uma merda, mas, ultimamente não consigo limpar a merda que domina minha vida. Não, não tenho nenhum problema grave de saúde. Tenho um teto para morar e comida na geladeira, mesmo assim estou reclamando. Julgue-me!

Olho para o prédio onde trabalho há seis meses e tomo um ar antes de entrar. Era para ser provisório; ficaria nesse lugar trabalhando de secretária até daqui a duas semanas, quando me casaria com Edmundo e daria “adeus” à vida de trabalhadora. Não que eu me importasse em trabalhar, mas ele não aceitaria que com todo dinheiro que tem, a esposa dele precisasse obedecer às ordens de outros que não fossem ele.

Sabe o que é pior? Eu tinha aceitado abrir mão da minha independência e viver dependendo de um marido. Mesmo que um marido rico, dependeria de um dinheiro que não era meu. Agora, um dia depois de o flagrar comendo a secretária, penso que a merda já estava na minha cabeça há muito tempo.

Entro no elevador e fico olhando o chão, tentando esconder meus olhos vermelhos. Não tive uma boa noite de sono. Para ajudar, com o casamento cancelado, eu tenho um milhão de dívidas, sim, eu deveria fazer o idiota do Edmundo arcar com cada uma delas. Mas, tenho meu orgulho. Não vou pedir que ele pague meu enxoval de cama, mesa e banho (só peças caríssimas que eu comprei), os tapetes persas, as pinturas maravilhosas da última exposição que havíamos ido e nem meu enxoval de lua de mel. Imagina!

Ele nem sabe das bolinhas comestíveis e as quinze fantasias que eu comprei para que pudéssemos nos divertir na lua de mel. Resultado: estou falida. Nem mesmo tirando todo o dinheiro que tenho no banco vai dar para cobrir tudo. Nem sei se ainda tenho um emprego, pois fui contratada por apenas seis meses. Acabei de rejeitar uma proposta excelente de trabalho porque me casaria. Além de tudo, vou ter que implorar a Matheus que me mantenha como secretária, tomara que ele não tenha dado meu cargo para outra pessoa.

Olho para cima bem a tempo de ver que estou no décimo primeiro andar, eu deveria ter descido no décimo. Apresso-me para sair do elevador, não me importo de descer um lance de escadas, mas, no momento que dou um passo para frente, esbarro em um braço segurando um copo que vira em mim, molhando minha blusa social branca de café, além da pasta do homem. Ouço um

palavrão escapando dos lábios dele e, para piorar meu constrangimento, olho para cima e vejo minha vítima, e então faço uma careta. Por que Senhor? De todos os idiotas que trabalham nessa empresa, por que toda vez que algo dá errado comigo é na frente de Sebastian Vaughn?

Sebastian é um dos sócios da V.D.A Rede Hoteleira, e o mais estúpido dos três donos dessa empresa. Só trata bem as mulheres bonitas. É desagradável, mal humorado e pervertido. Claro que ele nunca deu em cima de mim, pelo menos não do jeito que eu me visto para vir trabalhar, por isso, só sobra para mim os insultos e as humilhações.

— Me desculpe senhor Vaughn.

— Tinha que ser você! — esbraveja ele.

Nós dois saímos do elevador e eu corro para o banheiro mais próximo, o café quente está queimando minha barriga. Tiro a blusa e passo a parte suja na água. Então, uma voz me faz pular:

— Está vermelho na sua barriga, é melhor lavar isso.

Viro-me e lá está Sebastian Vaughn, com um sorriso malicioso, e embora esteja falando da minha barriga, está de olho no meu sutiã. Ele vê minha expressão espantada e sorri mais ainda.

— Onde você esconde isso tudo, senhorita Morelli? — Fala ele olhando para os meus seios. Rapidamente, cubro os seios com as mãos.

— O que você está fazendo aqui? Esse é o banheiro feminino!

— Na verdade, é o banheiro masculino — fala ele apontando para os mictórios e só então reparo que havia mesmo entrado no banheiro masculino — Eu ficaria de bom grado olhando seus seios a manhã toda, mas não queremos que mais alguém veja sua comissão de frente, não é mesmo? — fala se aproximando. Então pega minha blusa molhada de cima da pia e passa levemente na mancha vermelha na minha barriga.

Eu puxo a blusa da mão dele com um solavanco:

— Eu sou perfeitamente capaz de cuidar de mim mesma!

— Estou vendo.

Tenho um grande defeito: pago o mico do século, mas não perco meu orgulho. Ergo a cabeça o máximo que posso e saio do banheiro segurando a blusa em frente aos seios. Assim que desvio do olhar de Sebastian, corro para o banheiro feminino.

Claro que ficou uma mancha horrível na minha blusa. Para ajudar, cheguei atrasada, e Matheus nem me deu tempo de falar nada, foi logo passando quinhentos relatórios para eu terminar. Perdi meu horário de almoço e Mônica, a minha assistente, não veio trabalhar, de novo.

Perto da hora de ir embora, eis que surge à minha frente Sebastian Vaughn,

com um sorrisinho afetado no rosto, a olhar para os meus seios e depois para a minha cara. Eu faço a pior careta possível, deixando claro que não aprovo a atitude dele.

— Sua blusa ficou horrível. — fala ele apontando para a mancha marrom na minha blusa.

Eu quero responder “não está pior que a sua cara”, mas eu sei quando estou errada, e nesse caso, eu fui a estabanada que derramou café na mala dele. Então tento sorrir e digo:

— Espero não ter estragado nenhum documento importante.

— Ah, mas você estragou. Eu deveria te mandar refazer tudo.

Ok, eu tento ser legal, mas ele é insuportável. Antes que eu possa responder, ele prossegue:

— Cadê a Mônica? Está lá dentro com o Matheus?

— O quê? Não, ela não veio hoje,

— Hum. Que pena, eu tinha grandes planos para nós dois hoje.

Faço uma careta. Eu sei que ele tem um caso com a Mônica, mas ele não precisa ficar espalhando isso pela empresa. Também, a culpa é dela, nenhuma garota de respeito sairia com Sebastian Vaughn. Todo mundo sabe que ele pega todas, e no final, acabam apaixonadas, e sofrendo quando ele se cansa.

— Que pena ver seus planos darem errado.

Sem querer, falo com muito sarcasmo, e ele sorri para mim. Vê se pode?! Ele fica um tempo me encarando, então de repente, solta:

— Você parece ser bonita. Por que vem trabalhar parecendo uma velha?

O quê? Eu tenho mesmo que aguentar isso? Tá bom, eu não sou nenhum exemplo de beleza e capricho no trabalho. Na verdade, venho trabalhar desarrumada de propósito, mas ele não precisa jogar isso na minha cara. E se eu realmente não tivesse conserto? Tento me segurar, afinal ele é meu superior e eu preciso do emprego, não posso sair por aí dando patadas nos donos da empresa. Mas, quando olho meu relógio, vejo que meu horário de trabalho já acabou, então, eu não devo nada a ele. Dou um sorriso afetado e respondo calmamente:

— Não é da sua conta.

Ele parece surpreso.

— Eu pensava que as secretárias deveriam ter mais respeito com seus superiores.

— Meu horário de trabalho já acabou. Fora desse horário, eu só respeito quem merece.

Ele fecha a cara e vai responder, quando Matheus sai da sala e o cumprimenta. Aproveito a oportunidade e corro atrás de Matheus antes que ele entre no elevador. Consigo segurá-lo pelo braço:

— Senhor Amorim, preciso muito falar com o senhor.

Ele consulta o relógio:

— Tem que ser agora, Celina?

— É urgente.

Ele assente.

— Tudo bem, fale.

— Aqui?

Ele revira os olhos parecendo impaciente.

— Eu não vou voltar para minha sala e ter uma reunião com a senhorita, então, se quiser falar, fale agora.

— Tudo bem. É que eu estava pensando... eu gosto muito de trabalhar para o senhor, e gostaria de aceitar a proposta que me fez e continuar sendo sua secretária por tempo indeterminado.

Primeiro ele me encara, depois faz uma careta, e eu sinto meu mundo ruir ao perceber o que ele vai me dizer:

— Sinto muito Celina. Eu realmente preferia continuar com você como secretária, mas você disse que não iria ficar. Dei sua vaga para a Mônica.

— A Mônica? Mas ela nem vem trabalhar!

— Bom, a Mônica está com alguns problemas pessoais, mas como você disse com certeza que não ficaria mais na empresa, eu precisei arrumar uma substituta. E não posso voltar com a minha palavra agora.

Claro que não pode. A Mônica já deve estar ansiosa esperando uma promoção. Então por que ela não se dignava a aparecer no trabalho? Suspiro e ambos ficam me olhando.

— O senhor tem alguma outra vaga para mim? Talvez eu possa ser assistente da Mônica. — engulo em seco ao falar isso. Eu, me rebaixando à metida da Mônica, mas estou desesperada!

— Sinto muito, mas já contratei outra assistente, ela chega na semana que vem. Eu não tenho nenhuma outra vaga para você.

Assinto cabisbaixa e agradeço. Quando me viro para voltar para minha mesa, alguém segura meu braço. Viro-me para ver Sebastian me encarando.

— Eu também não tenho uma vaga fixa para te oferecer, mas vou fazer uma viagem em uma semana e a minha secretária não pode me acompanhar porque está com um bebê de poucos meses. Preciso de uma secretária que me acompanhe nessa viagem; seria mais fácil se fosse alguém que já entende como as coisas funcionam.

Espera. Ele está me oferecendo um emprego?

— Eu? Viajar com você?

Meu desprezo deve ter sido claro, porque ele fecha a cara e com uma

carranca, fala:

— Se está em condições de escolher, não precisa aceitar.

Sim, eu mereci! Abaixo minha crina e humildemente me desculpo.

— Não foi o que eu quis dizer, só estranhei o convite.

— Não vejo por que.

— Porque pensei que levaria algum dos seus casos, você sabe... para se divertir durante a viagem.

Eu disse mesmo isso em voz alta? Matheus dá uma gargalhada e ele me olha divertido, avaliando meu corpo de cima a baixo.

— Eu não vou transar com você! — Me apresso em esclarecer, fazendo Matheus rir mais ainda.

— Não me lembro de ter te pedido isso. — responde ele convencido, então se aproxima de mim e sussurra — Mas se eu quisesse você, ficaria comigo sem pensar duas vezes. — então ele se afasta de novo — Esteja na minha sala amanhã às oito... Não se atrase e não chegue amassada ou suja como hoje.

Dito isso, ele entra no elevador e desaparece. Eu quero de novo mandar ele para aquele lugar, mas estou muito feliz porque acabei de conseguir um emprego.

Encontro Gil na saída e vamos caminhando até nosso apartamento. Somos amigas desde a faculdade; ela mora comigo e trabalha na empresa. É assistente do Cleber, o terceiro dono da empresa.

— Uau! Então você vai viajar com o gostosão do Vaughn.

— Nós não vamos a passeio. É só um trabalho. E pretendo manter distância daquele arrogante.

— Arrogante ou não, ele é maravilhoso, até você tem que admitir! E pela fama que ele tem não deve ser fraco. Você sabe em quê, como seu ex-noivo.

— Não precisa jogar isso na minha cara. De qualquer forma eu só aceitei porque estou praticamente falida. Assim que pagar minhas dívidas vou procurar outro emprego.

Ela está com um sorriso no rosto.

— O que foi Gil?

— Você pode negar, mas nós duas sabemos que você vai transar com Sebastian Vaughn.

Eu paro no mesmo instante.

— É claro que não! Em primeiro lugar, eu não o suporto!

— Foi o que você disse quando começou a trabalhar para o Edmundo. E veja no que isso deu.

É verdade, assim que me formei na faculdade, fui trabalhar na O.C.A. Engenharia. Edmundo era meu chefe. Ele era insuportável, mandão, e ficamos

juntos por três anos e noivos. Claro que eu deveria saber; assim como ele transou comigo quando eu trabalhava para ele, também transou com as secretárias que vieram depois de mim. Eu não entendo essa modinha de executivo e suas secretárias! Não vejo mesmo qual é a graça. Talvez para uma secretária de um “Sebastian da vida”, eu possa até abrir uma exceção. Ele é um idiota, mas é muito gostoso. Mas o Edmundo, não é vingança de mulher traída, ele não é atraente, é pão-duro e muito ruim de cama.

— É totalmente diferente dessa vez. Mesmo porque ele não vai nem olhar para mim. Esqueceu como venho trabalhar?

Outra verdade. Desde que atraí a atenção indesejada do velho que foi meu chefe depois do Edmundo, saí da empresa. O meu outro chefe também deu em cima de mim e chegou a me chantagear, resolvi que nos dias de hoje não dá para ser uma secretária bem apresentável. Então, desde que entrei na V.D.A. eu ia trabalhar com um coque no cabelo, óculos enormes e roupas largas e sem graça.

Ninguém nunca olhou para mim naquela empresa. Bem, ninguém exceto Sebastian quando me viu de sutiã, mas isso não conta. Qualquer homem olharia para uma mulher seminua.

— É uma viagem. Você não vai manter esse disfarce horroroso a viagem toda. Ele vai acabar vendo você e com certeza vai desejá-la.

Faço uma careta.

— Não mesmo. Eu te garanto que entre mim e Sebastian Vaughn nunca, nunquinha vai acontecer nada.

Sebastian

A porra do despertador está tocando há cinco minutos e meus pensamentos confusos já começam a repetir esse barulhinho irritante. Hora de levantar.

Depois de tomar um banho, olho minha geladeira, vazia como sempre. Não sei nem mesmo porque tenho uma geladeira, minhas bebidas só ficam no bar e eu nunca tenho comida em casa, coisa que minha mãe acharia um absurdo se estivesse viva. Se bem que, se minha mãe estivesse viva eu nunca teria saído da Inglaterra, para começar.

Paro para tomar um café na cafeteria da esquina de onde trabalho. Dessa vez não vou correr o risco de subir com o café para o meu andar e a louca da Morelli derrubá-lo em mim. Sento-me numa mesa e ouço risos. Quer saber uma coisa que sempre desperta minha atenção? Risos femininos. Nada melhor que uma mulher bem humorada. Viro-me para ver quem é e seguro um palavrão: lá está ela, o perigo ambulante, a razão do pesadelo que tive a noite. Célie Morelli! Quer dizer... acho que o nome dela é esse, só me lembro do sobrenome dela.

Tento me esconder e até penso em sair de fininho. Onde eu estava com a cabeça quando contratei essa mulher? Ela me pareceu desesperada quando estava falando com o Matheus, eu realmente preciso de uma secretária para a viagem, mas por que tinha que bancar o bonzinho e dar o cargo a ela? Ela estava certa quando disse que eu deveria levar um dos meus casos. Seria a coisa certa a se fazer! Depois de cada reunião exaustiva eu teria um bom sexo a noite para relaxar. Mas, viajando com aquela bruaca, mal humorada, só me restaria papéis estragados, más respostas e noites solitárias desacompanhado no Hotel Quatro Estações, o hotel da minha rede onde sempre fico.

Droga! Olho para ela novamente, e percebo que há algo errado com essa mulher. Eu a vi sem camisa ontem, quando ela derramou café em mim, e... uau! Ela tem um corpo que eu nunca imaginaria por baixo daquelas blusas largas e daqueles saíões. A cintura dela é fina e os seios fartos, o tipo de mulher que eu pegaria facilmente. Mas, depois que ela vestiu a blusa de novo, meu desejo por ela brochou. Não sei que grau de miopia alguém precisa ter para usar óculos tão grandes, e nem o quanto um cabelo pode ser ruim a ponto de precisar ficar sempre naquele coque apertado. Mas o cabelo dela, pelo menos olhando de longe, parece ser tão macio! É negro e lustroso, ela não deve ser tão descuidada assim.

Me dou um tapa para sair do transe. Por que diabos eu estou preocupado com o cabelo dessa Morelli? Saio da cafeteria sem nem mesmo terminar meu café. Já sei do que preciso. Preciso de uma boa noite de sexo, é esse o meu problema:

falta de sexo. Já faz dois dias que vi a Mônica, só pode ser isso!

Como a Mônica não está indo trabalhar, preciso de uma substituta. Lembrome então da Lurdinha, do RH. Entro na empresa e vou direto para o terceiro andar e paro no RH, de longe vejo Lurdinha com seu sorriso metálico para mim. Ela é bem bonitinha, cabelo curto, marrom e olhos da mesma cor do cabelo. O aparelho nos dentes dá um charme para ela. Não que eu vá deixar ela por meu pau na boca com aquele negócio metálico, mas no resto ela é boazinha. Depois de dois minutos de papo, já tenho um encontro marcado para depois do trabalho. Pronto, resolverei minhas tensões essa noite.

Quando viro para ir para o meu andar, dou de cara com um convite de casamento. O convite branco com letras douradas convida para o casamento de Celina e Edmundo que ocorrerá daqui a duas semanas. Que porra é essa? Daqui a duas semanas a louca estará numa viagem comigo! Como ela aceita uma viagem a negócios se vai se casar?! A não ser, que não haverá mais casamento. Isso explicaria porque ela estava tão desesperada para manter o emprego.

Depois de chegar à minha sala, ligo para o Matheus que confirma minhas suspeitas. A senhorita Morelli negou uma proposta feita por ele, porque iria se casar. Mas, depois ela pediu o emprego de volta. Então não iria mais se casar. Será que teria adiado o casamento ou cancelado de vez? Bem, mal humorada do jeito que aquela mulherzinha é, aposto que o cara caiu fora antes que fosse tarde demais. Abro um sorriso com essa explicação quando alguém bate à minha porta. A senhorita Morelli entra com uma blusa verde lodo, os enormes óculos, uma trança mal feita puxando seu cabelo para trás e uma saia social enorme (vai quase até o pé). O lado bom dessa saia horrorosa que ela está usando, é que é colada ao corpo e posso ver claramente os contornos do quadril e das pernas dela. Que corpo essa mulher tem! Deu-me até uma curiosidade de ver essa mulher nua. Dou-me outro tapa e saio do meu devaneio. Essa noite Sebastian, essa noite você vai acabar com esses problemas de tensão acumulado. Sorrio para ela e a convido a sentar-se. Olho o relógio; ela está três minutos adiantada e sua roupa parece limpa.

— Vejo que não fez nenhuma vítima hoje, senhorita Morelli.

Ela faz uma careta antes de responder.

— Ainda não.

Ora! Ela tem senso de humor. Isso sim é uma novidade.

— Vamos direto ao assunto então. Como eu disse ontem, vou fazer uma viagem a negócios na semana que vem e preciso de uma secretária para acompanhar-me. Você já conhece tudo sobre o andamento dos negócios da empresa, só precisa conhecer o projeto que estou indo conseguir no Rio. Isso eu posso te mostrar hoje mesmo em uma reunião que teremos daqui a pouco, da

qual você vai participar para ficar por dentro de tudo.

Ela assente.

— Tudo bem para você viajar na semana que vem?

— Sim.

— Vamos ficar fora por duas semanas.

— Ok.

A curiosidade finalmente me vence.

— Sabe que hoje dei uma passada no RH e adivinha o que encontrei lá?

— A Lurdinha, é claro.

Olho para ela espantado.

— Ah, qual é?! Todo mundo sabe do seu caso com a Lurdinha.

Dou um sorriso.

— Mesmo? Eu nunca quis que fosse segredo. Mas não foi isso que encontrei lá. Bom, a Lurdinha também. Vamos fazer um bom sexo hoje.

Ela fica vermelha no mesmo instante.

— Poupe-me dos detalhes sórdidos da sua vida, senhor Vaughn. — fala irritada.

— Eu só acho que você se divertiria muito com os detalhes sórdidos da minha vida.

— Eu duvido.

Sim, ela é bem atrevida. Eu gosto disso numa mulher. Droga! Estou pensando nela como uma mulher de novo. Preciso mesmo me encontrar com a Lurdinha.

— Mas o que eu encontrei no mural do RH foi um certo convite de casamento. — Pronto, foi só eu falar a palavra casamento e ela se sentou ereta na cadeira e pude sentir sua tensão, vindo em minha direção.

— Esqueci de tirar.

— E o que vai acontecer com seu casamento se você vai viajar?

— Não haverá mais casamento. Não se preocupe senhor Vaughn, estou livre para essa viagem.

Então ela realmente cancelou o casamento, não apenas adiou. Sei que não é da minha conta e posso pensar em mil e um motivos diferentes para o cara ter pulado fora, mas fico curioso assim mesmo. Contenho-me para não perguntar o motivo. Não quero que ela abra seu coração partido. Deus me livre me tornar o amiguinho dessa mulher.

— Ótimo. Pegue esses papéis, você tem até as onze para lê-los. Encontre-me às onze em ponto na sala de reuniões do décimo primeiro andar.

— Sim senhor.

Ela pega os papeis da minha mão e, quando se vira para sair posso reparar a

bunda dela com aquela saia colada. E que bunda! Bela comissão de frente e bela comissão de trás. A trança longa quase alcança sua bunda e percebo que seu cabelo negro é comprido. Um mistério. Celina Morelli é um mistério para mim.

Capítulo 02

Celina

Li o monte de papéis que aquele estúpido me deu o mais rápido que pude. Antes de subir para a reunião, fui até o RH, arranquei de lá o convite de casamento e o arremessei na lixeira mais próxima. Olhei para Lurdinha com um ar sonhador, Sebastian nem precisava ter me dito o que eles fariam essa noite, estava na cara de boba dela. Eu não entendo essas mulheres que vivem por sexo. Sexo nem é tudo isso! Resultado: cheguei dois minutos atrasada para a reunião. Foram só dois minutinhos, mas Sebastian estava me esperando do lado de fora da sala e praticamente agarrou meu cotovelo quando me viu.

— Atrasada na sua primeira reunião Célie? Isso não é nada bom.

— Me desculpa. E meu nome é Celina.

— Tanto faz.

Ele me arrasta para dentro da sala que já estava cheia, restando apenas dois lugares vazios à mesa. Merda! Vou ter que me sentar ao lado dele. Nós nos acomodamos e não, ele não puxou a cadeira para mim. Mas, eu não esperava realmente que ele fosse algum tipo de cavalheiro.

A reunião começa e estou prestando o máximo de atenção, anotando tudo o que acho importante para me preparar para a viagem. De vez em quando Sebastian olha para mim, vê que eu estou anotando alguma coisa e faz um sinal leve com a cabeça de aprovação. Sabe o que é mais estranho? Conversei com a Maura, a secretária dele, e ela disse que ele é um ótimo patrão. Que é paciente, que entendera que ela não poderia viajar por causa do bebê e vive dando presentes para o bebê dela. Dá para imaginar isso? Sebastian Vaughn, o sempre grosso e mal educado, um bom chefe?

De repente, no meio da reunião um barulho de um bipe começa a tocar. Olho para os lados irritada, perguntando-me quem entra para uma reunião de negócios e não deliga o celular? Então sinto uma vibração na cintura e percebo que o celular que está tocando é o meu. Depois que terminei com o Edmundo, apaguei a música que era toque dele, e agora meu celular toca esse bipe horroroso, parecendo um grilo engasgado! Todos percebem de onde está vindo o barulho e olham para mim. Rapidamente tento tirar minha blusa de dentro da saia para alcançar o celular, derrubo alguns papéis no processo e a reunião para, enquanto esperam que eu desligue o celular. Quando consigo finalmente alcançar meu celular, olho para Sebastian que está possesso. Mas, não é para menos! Sussurro um “me desculpe” para ele e aperto o botão de desligar, mas ouço baixinho uma

voz gritando (eu apertei o botão errado).

Então tiro meu celular da saia e coloco na orelha a tempo de ouvir Edmundo falando:

— Me perdoa Passarinha, você sabe que eu te amo, não foi minha intenção. — Não posso falar agora! — sussurro e aperto um botão para desligar o celular. E, de repente a voz de Edmundo está no viva-voz, e ele está falando:

— Amor, eu juro que não que não queria comer a secretária, eu prefiro mil vezes comer você.

Pronto! Consigo finalmente interromper a chamada e desligo o aparelho para não correr o risco de tocar de novo. Sei que estou vermelha porque estou sentindo meu rosto queimar. Olho pelo canto do olho para Sebastian, esperando encontrar uma careta, e ele está sorrindo. Meu Deus! Olho em volta disfarçadamente e todos estão tentando segurar o riso. Eu virei o motivo de piada da reunião! Olho para o homem que estava mostrando um quadro de gráficos e falando antes do meu celular tocar.

— Pode continuar.

Ele, segurando o riso pergunta.

— Tem certeza?

— Sim, desculpe a interrupção.

Durante o resto da reunião sinto olhares em mim e ouço Sebastian rindo mais de uma vez. Acho que ninguém mais prestou atenção na reunião depois daquela ligação. Se eu pudesse eu mataria o Edmundo. Depois de tudo ainda me apronta uma dessas! Eu juro que vou arrancar aquele pau minúsculo dele e ele nunca mais vai falar de comer ninguém, comigo!

Quando a reunião acaba, tento sair de fininho, mas Sebastian é mais rápido e me segura pelo braço:

— Eu quero a senhorita na minha sala em dois minutos — ele diz e se afasta conversando com um investidor.

Passo no banheiro e vejo meu rosto ainda vermelho. Então jogo um pouco de água e respiro fundo antes de ir para a sala do Sebastian. Agora sim eu serei demitida! Nem preciso bater, a porta está aberta. Ao entrar, percebo que ele está ao telefone. Faz um sinal com a mão para que eu espere e eu aguardo onde estou, em pé perto da porta. Assim fica mais fácil se eu precisar fugir.

Ele termina a ligação e faz um sinal para que eu me acomode na cadeira de frente para ele. Eu me sento sem graça e fico olhando os papéis que estão em cima da mesa.

— Então Célie, deu para entender a proposta que faremos e o que desejo exatamente que você faça?

— Sim senhor. E meu nome é Celina.

— Ótimo. Pensei que com aquela ligação, você não teria prestado atenção na reunião.

Olho para ele e percebo que ele está segurando o riso. Então é isso, em vez de brigar comigo ele vai tirar uma com a minha cara. Tudo bem, eu mereço essa.

— Desculpe-me por aquilo senhor. Não levarei meu celular durante a viagem. Agora sim ele sorri.

— Então foi por isso que cancelou o casamento? Por que seu noivo estava comendo a secretária? E eu que achei que fosse porque você anda vestida desse jeito. Mas se bem que ele disse que prefere mil vezes comer você, então você não deve ser tão ruim assim!

A raiva me sobe. Como ele ousa falar assim comigo?

— Te garanto que sou bem melhor que a Lurdinha ou a Mônica. Aliás, o seu gosto para mulheres é duvidoso, para você ficar me julgando assim...

Ele fecha a cara, mas sua carranca dura pouco. Logo ele está sorrindo novamente e eu sei que mais algum insulto está por vir:

— Mas, se você não é tão ruim assim eu imaginei que ele tivesse desistido por causa do seu mau humor. Você sabe, nenhum homem suporta uma mulher mal humorada. E você minha cara, está sempre com essa careta que está fazendo agora.

— O meu humor varia de acordo com a pessoa que está perto de mim. Eu sou sempre mal humorada perto de idiotas.

Ele sorri mais ainda.

— Suponho que seu noivo seja um idiota.

— Bom, ele comeu a secretária. E não é mais meu noivo. Será que podemos falar da reunião?

Ele balança na cadeira de um lado para o outro, depois completa:

— Eu estou começando a achar que saber dos seus detalhes sórdidos também me divertiria muito Célie.

— É Celina!

Gil e eu passamos na sorveteria que fica na esquina de nosso prédio. Eu estava contando a ela a cena na reunião e ela estava se acabando de rir de mim, quando entramos no hall do prédio e avisto alguém cochilando no sofá. Apavoro-me, mas Gil faz um sinal de silêncio com o dedo e vamos andando na ponta dos pés para que ele não nos veja entrar. Mas o elevador desce nesse momento fazendo um barulho alto que o faz despertar, e ele me vê.

Ele está horrível, a barba está por fazer, o terno todo amassado e o cabelo completamente despenteado. Rapidamente Edmundo se levanta e se ajoelha aos

meus pés:

— Me perdoa, Passarinha! Eu juro que nunca mais faço isso. Eu só vou contratar secretários a partir de agora. Eu já demiti aquela assanhada, por favor, volta para mim!

Todos que estão no hall olham essa cena lamentável. Admito, estou no meu momento “deusa”, toda mulher sonha em ver um homem mal passado, descabelado e acabado por causa dela. Essa cena de se ajoelhar aos seus pés em público, então! Momento “deusa” total! Mas eu não estou curtindo meu momento. Pelo contrário, estou morrendo de vergonha de todo mundo ver esse homem, que já não é muito bonito, todo bagunçado e se jogando aos meus pés. É como se *eu* fosse a má da história, e *ele* o pobre coitado que está se humilhando para mim. Até recebo um olhar de desaprovação do porteiro. Oh céus eu mereço.

Rapidamente faço com que ele se levante. Ele começa a fingir um choro (sim, fingir, porque eu olho bem os olhos dele e não há sequer o brilho de uma lágrima) e, para evitar um constrangimento ainda maior, tenho que convidá-lo para entrar no meu apartamento para que possamos conversar sem uma plateia.

— Já que vocês precisam ficar sozinhos, vou voltar para a sorveteria e ver se aquele loiro ainda está por lá. — fala Gil saindo de novo para a rua.

— Não! Gilcelle, volta aqui!

E lá se vai minha tábua de salvação. Agora quem vai me impedir de jogar o Edmundo pela janela? Nós subimos em silêncio e fico igual a uma lagartixa no elevador, praticamente colada ao espelho, o mais longe possível dele.

Entramos no meu apartamento e coloco minha bolsa no sofá. Antes que diga qualquer coisa, ele está de joelhos e fingindo chorar de novo.

--- Passarinha, me deixa explicar!

Minha paciência do dia havia terminado com meu chefe estúpido tirando sarro da minha cara. Por isso, vou logo explodindo:

— Edmundo, pode parar com essa cena ridícula e ficar de pé!

Ele faz um barulho ainda mais alto imitando um choro. Então não tenho outra saída, a não ser agarrá-lo pelos cabelos e levantá-lo, para que olhe para mim. Como eu desconfiei nenhuma “lagrimazinha” sequer. Seria um momento “deusa” se um homem chorasse por mim, é meu sonho ver isso acontecer. Ele parece assustado com a minha atitude, o que me dá tempo de falar:

— Viu? Nenhuma lágrima. Pode parar com esse choro falso! Só vou ouvir o que tem a dizer se eu vir uma lágrima rolando pelo seu rosto!

Ele fica espantado, então gagueja:

— Mas Passarinha, seja razoável.

— E não me chama de passarinha! Que pássaro eu seria com esse cabelo preto? Um urubu que come carniça? Um corvo daqueles de filme de terror?

— Passarinha, eu...

Faço uma careta que o faz se calar. Ele sempre me chamou de passarinha, era meu apelido carinhoso, e por ele eu já deveria saber que esse homem não prestava. Que homem chama o amor de sua vida de passarinha? Amor, sim. Vida, sim. Até fofinha eu aceitaria, mas passarinha? Tenha dó!

— Desculpa Celina. Eu só preciso de alguns segundos.

— Então levanta desse chão e aja como homem. Coisa que nós dois sabemos que você não é.

Ele assente como se tivesse recebido uma ordem e fica de pé. Respiro fundo para aguentar uma explicação.

— Você tem dois minutos.

Ele imediatamente começa a falar.

— Celina, eu nunca traí você. Aquilo só aconteceu daquela vez e você chegou bem na hora. E eu não queria ter feito aquilo! Eu estava cansado, a gente não dormia junto há duas semanas, você sabe, com os preparativos para o casamento. Ela apareceu ali se oferecendo para mim e eu recusei, eu juro que não queria transar com ela.

— Mesmo? E como o seu pau foi parar dentro dela? Hein? — eu estou gritando nesse momento— Me explica! Porque você não estava amarrado, nem obrigado a fazer nada. Ela não poderia ter tirado sua roupa à força, ter feito seu pauzinho ficar duro, coisa que eu sei como é difícil fazer, e ter enfiado nela sem o seu consentimento.

— Celininha, eu não queria...

— Celininha o caralho! Você acha que sou idiota a esse ponto? Eu sei o que eu vi, e imagino quantas outras você deve ter comido antes que eu descobrisse tudo!

— Eu juro que não! Foi só ela.

Então, me lembro de Aline, uma mulher cinquentona, com mais rugas que minha avó, que tinha sido secretária dele e seguro para não desabar. Toda vez que eu ia ao trabalho dele, ela me olhava como se estivesse escondendo alguma coisa. Me apoio no sofá para não desabar, o quão ruim de cama eu devo ser para o meu noivo me trair com uma “mexerica” chupada daquela? Percebo que vou chorar e seguro minhas lágrimas. Esse projeto de homem não vai me ver derramar uma lágrima sequer por ele.

— Sai da minha casa!

— Celina, pensa bem. Foram três anos, é muita coisa para você jogar fora por um capricho.

Olho para ele como se fosse matá-lo.

— Tudo bem, não foi um capricho, mas onde fica o perdão? Quem ama

perdoa!

Cerro meus punhos ao lado do corpo, me segurando para não socar a cara de pau dele. Ele parece perceber, porque dá um passo para trás.

— Celina, eu te amo.

Foi a gota d'água! Quando estávamos juntos, ele dizia um “eu te amo” para cada vinte “eu te amo” que eu falava. E, provavelmente isso acontecia nos dias em que ele comia a secretária e vinha me adular depois. Meu Deus! Eu sou chifruda. E imagino o tanto de mulher que sempre o rodeou: a vizinha “boazuda” que ele tem, se bem que ela não deve ter dado mole para um cara como ele. Tem a síndica do prédio dele, a cunhada viúva dele, ele pode ter querido fazer “as vezes” do irmão. A cozinheira dele (uma vez ele me disse que o tempero dela era muito bom com uma cara que indicava alguma coisa indecente), não um tempero de comida.

Então, piro. Começo a imaginar todo ser feminino que convive com ele, a sócia dele na empresa, a recepcionista, a prima que ficou hospedada em sua casa umas semanas atrás, até a cachorra dele. Meu Deus! De repente meu noivo, que a Gil dizia ser ruim de cama pela minha cara de insatisfação toda vez que a gente dormia junto, parece um “deus do sexo”, transando para todo lado com um bando de desesperadas que não tem um homem melhor! O que faz de mim a desesperada chefe. Antes que eu enlouqueça com tantos pensamentos levanto minha mão para enfim socar a cara dele.

— Isso! Me bate! Me bate e põe para fora a sua raiva e aí tudo vai ficar bem.

— Ele fecha os olhos e dá um passo na minha direção: — Vamos, me bate!

Eu não sei se rio dessa situação, se choro ou se eu realmente desço um soco na cara dele. Mas, antes que possa decidir, a campainha toca. Nem acredito que o porteiro tenha deixado alguém subir depois daquela cena no hall, mas ele nunca foi com a minha cara. Abro a porta e lá estão dois caras com uniforme azul.

— Pois não?

— Estamos procurando por Celina Morelli.

— Sou eu.

— Somos da loja Sonho de Casa Enxovais e como você não pagou o material que comprou, viemos levá-lo de volta para a loja.

— O quê? Vocês não podem fazer isso!

O mais baixinho deles me olha e explica calmamente, como se estivesse falando com uma pessoa totalmente burra.

— Moça, se você compra uma coisa numa loja, e paga, essa coisa passa a ser sua. Mas se você compra uma coisa e dá o calote, como a senhora fez, essa coisa deve ser devolvida à loja, porque a loja não pode ficar no prejuízo.

Fico em choque. Aqueles homens estão aqui para levar meu enxoval dos

sonhos e estão fazendo isso na frente do Edmundo. Dá para me humilhar mais? Desespero-me, não quero dar “adeus” aos meus tapetes persas, aos meus jogos de cama de seda importada, meus travesseiros de plumas egípcias...

Resolvo apelar para o lado misericordioso dos homens. Faço uma cara de choro e falo pelo nariz:

— Por favor, meu noivo me traiu, sabe?! Ele comeu a secretária, o casamento foi cancelado e tenho que pagar tudo sozinha. Estou sofrendo muito, mas vou dar um jeito nisso e até semana que vem eu pago à loja.

Eles sequer alteram a expressão:

— Moça, se a loja fosse dar um enxoval para cada noiva traída, já teria falido. Se a senhora vai ter o dinheiro na semana que vem, então volte lá na semana que vem e compre tudo de novo!

Fico com raiva da insensibilidade desses monstros.

— Não se trata assim uma dama. Aposto como os dois são solteiros e moram com as pobres das mães, que tem que aguentar esses homens cruéis e insensíveis, barbudos e velhos sob o teto delas.

Eles parecem impacientes.

— Eu sou casado e por isso conheço as artimanhas de uma mulher. Agora por favor, nos mostre onde está o enxoval.

— E se eu já tiver usado e deixado tudo velho?

— Então a senhora será presa e processada.

Fico em choque. Arregalo os olhos e aponto para o corredor que dá no meu quarto.

— Primeira porta a esquerda.

Os homens entram marchando e vão recolher minhas caixas. Eu não tinha usado nada ainda, estava tudo nas caixas da loja, do jeito que vieram. Quando eles saem pela porta com minhas coisas de rico, metade do meu coração vai com eles. A dor é quase a mesma de pegar o Edmundo comendo a secretária.

— Celina, não precisa ser assim. Você pode ter tudo isso de volta e muito mais. Eu posso te dar uma vida de rainha e você sabe disso. É só me perdoar e tudo fica bem de novo.

Sim, eu queria matá-lo. Nunca achei que seria uma assassina, mas consigo pensar em vinte formas diferentes de matá-lo em apenas dois segundos. Isso aí “serial killers”, eu sou pior que vocês. Aponto o dedo para a porta que ficou aberta depois que os homens saíram.

— Sai da minha casa agora!

— Celina, a igreja já está reservada, a gente não precisa cancelar tudo. Os convites já foram entregues, alguns parentes meus já vieram de outros estados para esse casamento. A decoração, o bufê, tudo que você escolheu com tanto

carinho, tudo está reservado. É só você aparecer, e...

— Então cancele! Foi você que pagou por tudo, você que pode quebrar os contratos.

— Eu não posso fazer isso. Essa é só uma crise que vamos superar e...

Aponto de novo para a porta.

— Junto com as coisas de cozinha, eu comprei um jogo de facas, enormes e bem afiadas, que ficariam ótimas enfiadas no seu peito em um minuto se você não sair agora.

Ele arregala os olhos e anda até a porta. Então, volta um pouco e fala:

— Eu não vou cancelar nada. Estarei esperando por você na igreja, como combinado.

— Então fará papel de idiota. O que cairá muito bem em você.

— Vou esperar por você. — fala ele e sai.

E eu desabo no sofá e começo a chorar. Eu normalmente não sou uma pessoa fraca, mas é coisa demais acontecendo num único dia.

Quando a Gil chega, conto a ela o que aconteceu com meu enxoval e com minha vida; está tudo desandando. Então ela me sugere que tire umas fotos com as minhas quinze fantasias, para o caso do sex shop resolver pegar de volta se eu não conseguir pagar. E eu sei que não vou conseguir. Me maquio, boto um sorriso no rosto e visto cada uma das minhas fantasias posando para que Gilcelle possa me fotografar. No final da noite, tenho fotos maravilhosas no meu celular e nunca me esquecerei dessas fantasias.

Ainda tem o lado bom: já posso devolvê-las, afinal de contas já as usei e vi como ficam em mim, mesmo. É certo que eu não vou usar essas roupas sexy com ninguém.

Sebastian

Chego em casa no sábado de manhã. Tinha passado a noite com a Lurdinha num motel elegante e caro que ela escolheu. As palavras de Celina me vieram à mente, dizendo que meu gosto por mulheres é duvidoso. Tenho que admitir que Lurdinha não é mesmo uma gata de parar o trânsito, mas dá para o gasto. E, por falta de tempo, há muito tenho pegado apenas mulheres que dão para o gasto. Tomo um banho e resolvo não ir dormir. Não estou com sono, apenas cansado. Vou para meu escritório trabalhar um pouco, e para variar, uma coisa me preocupa: Celina. Com tudo o que está acontecendo na vida dela eu tenho medo que ela não consiga dar conta do recado na viagem. E eu irei atrás de três investidores nessa viagem, nada pode dar errado. Consulto meu registro de funcionários e encontro a ficha da senhorita Morelli. Vinte e cinco anos, solteira, mora perto do serviço e acho os números dos telefones dela. O engraçado é que na ficha dela não tem uma foto. Bom, melhor assim. Ninguém vai querer ficar olhando para aquela bruaca mesmo. Pego logo o número do celular dela e disco.

— O que foi? — atende uma voz sonolenta e irritada.

— Bom dia senhorita Morelli, é Sebastian Vaughn falando.

Ela fica em silêncio e depois ouço um som; parece que ela bufou ao telefone:

— Claro que é você! Você já viu que horas são?! Não se liga para o celular das pessoas num sábado de manhã.

Tenho que conter um sorriso. Essa mulher é irritantemente folgada.

— Sinto muito se acordei a bela adormecida, mas você tem um trabalho a fazer e está atrasada. E eu não ligaria se não fosse urgente.

Ela resmunga e responde:

— Não, você não sente. É melhor que alguém tenha morrido para me acordar às seis da manhã. O que você quer?

— Não me ameace senhorita Morelli. Eu ainda sou seu chefe.

— Eu não estou no meu horário de trabalho.

— Claro, e o seu respeito para comigo é apenas quando você é minha subordinada.

— Exatamente.

Não consigo conter o riso dessa vez. Nunca conheci mulherzinha mais abusada que essa Morelli!

— Preciso que esteja em uma reunião às sete horas em ponto.

— Você está de brincadeira, não é?!

— Eu não sou homem de brincadeiras, senhorita Morelli. Essa viagem é muito importante para a empresa e, devido aos últimos acontecimentos durante a

reunião, quero ter certeza de que está preparada para a responsabilidade que terá.
Ela solta um palavrão.

— Eu sou só uma merda de secretária. Minhas responsabilidades serão somente fazer anotações e organizar sua agenda. Qual o seu problema?

— As anotações, senhorita Morelli. Meu problema são as anotações. Você sabe que precisarei delas e você deve estar preparada para fazê-las da maneira correta. Agora, levanta esse grande traseiro da cama e anota o endereço que vou te passar.

— Ok, mas é melhor eu receber uma gorda hora extra, por me acordar num sábado às seis da manhã e pelo seu linguajar nada profissional!

— Respeito é uma via de mão dupla senhorita Morelli.

— Vai à merda!

Às sete horas em ponto a campainha da minha casa toca. Abro a porta para encontrar uma Morelli com cara de sono, olhos vermelhos, o cabelo todo embolado em uma espécie de coque. Os óculos enormes e tortos em seu rosto, uma calça de moletom larga e uma blusa toda amassada mais larga ainda. Ela está horrorosa. Isso me faz abrir um sorriso.

— Devia ser crime sair na rua vestida assim. —provoco.

Ela levanta o dedo do meio para mim.

— Devo lembrá-la de que já que chegou aqui, está em horário de trabalho, ou não quer mais a hora extra? Eu exijo respeito, subordinada.

— Ok. Desculpe-me, digníssimo senhor Vaughn se a minha aparência não é digna de entrar em sua residência, mas tive uma noite longa e um completo imbecil me acordou às seis da manhã de um sábado. O senhor pode imaginar uma idiotice dessas?

Eu sorrio.

— Que pena que ande em companhias tão desagradáveis que a acordam num sábado de manhã, senhorita Morelli.

Ela dá um sorriso e reparo que seus dentes são perfeitos.

— Não se pode escolher quem vai ser rico e quem vai obedecer esses ricos. O senhor sabe das injustiças do mundo. Imagine que um perfeito idiota é dono de uma empresa, e uma boa menina como eu tem que fingir suportá-lo para ter o que comer no fim do mês?! Nada justo.

— Se está tão descontente com seu trabalho peça as contas. —desafio, sei que ela precisa do emprego.

— Seu eu pedir conta, o imbecil do meu chefe não vai achar uma secretária a tempo de viajar com ele, e em dois dias conseguir ensinar tudo o que me mostrou durante a semana. Ou será que vai?

Maldita. Essa mulher é uma megera! O ex-noivo deve estar agradecendo aos

céus por ter comido a secretária nesse momento.

— Por causa dessa ameaça senhorita Morelli, irei descontar cinquenta por cento da sua hora extra de hoje.

Ela faz uma careta. Eu a convido para entrar e vejo que ela repara em tudo na minha sala de estar. Seus olhos curiosos pousam em cada detalhe da sala e ela parece impressionada. Por um motivo totalmente desconhecido, me agrada saber que ela tenha ficado impressionada com a minha casa.

— Imagino que este palácio seja sua residência.

— Sim.

— E por que a reunião será aqui e não no prédio da V.D.A.?

— Porque não quis fazer com que a recepcionista e o ascensorista fossem trabalhar hoje. Era mais fácil nos encontrarmos aqui.

Ela faz uma cara de deboche.

— Quanta bondade!

— Você não faz ideia do quanto eu sou bom, senhorita Morelli.

Ela faz uma careta.

— Então, onde estão os outros?

— Perdão?

— Os outros que você chamou para a reunião.

— Não haverá mais ninguém para a reunião. O que preciso passar é apenas para a senhorita.

Ela parece assustada.

— Está me dizendo que seremos apenas você e eu?

— Algum problema?

— Além de você não ter mais ninguém para dirigir suas piadinhas infames e sua total falta de educação?

— Devo lembrá-la que a mal humorada de nós dois é você. E esse mau humor é coisa de mulher mal comida. Eu aposto que você nunca teve um orgasmo.

Ela fica vermelha como um pimentão e parece em choque. Gagueja por alguns instantes, depois respira fundo e responde:

— Como se atreve a falar assim comigo? Eu não estou aqui para discutir meus detalhes sórdidos com você. E a minha hora extra acaba de dobrar nesse momento se não quiser ter um processo por assédio moral.

Tenho que dar uma gargalhada. Há muito tempo não me divirto tanto. Eu estou certo, essa mulherzinha nunca teve um orgasmo! Isso explica o mau humor, as caretas e as roupas horrorosas que ela usa.

Percebo que ela está mesmo brava e a conduzo ao meu escritório. Peço a empregada um chá e alguns biscoitos, mas ela responde que quer um café forte e

sem açúcar. Claro, uma mulher de vinte e cinco anos que nunca teve um orgasmo tem que ser amarga até para tomar café. De repente essa viagem está me parecendo mais interessante do que eu teria imaginado.

Nós passamos a manhã toda repassando tudo o que ela tinha que fazer. Eu não disse isso para ela, mas a achei bem mais inteligente do que havia imaginado. Até mesmo coisas que não são da alçada dela, está disposta a fazer. Eu tenho que admitir que aprendeu bem rápido, como se tivesse acompanhado toda a negociação com os possíveis investidores desde o começo.

Lá pelas duas da tarde ouço o estômago dela roncar e me toco que deveríamos ter almoçado. Vou à cozinha e peço à cozinheira que prepare alguma coisa rápida e leve pra gente no escritório e informo a ela que comeremos em breve.

— Até que enfim. Achei que planejava me matar de fome.

Certo, quando ela tem esses ataques de humor eu desgosto um pouco menos dela. Uma coisa que me chama atenção numa mulher é bom humor. Claro que eu não me engano por uma frase bem humorada; a cada trinta frases que ela fala (e como ela fala), vinte e nove são algum insulto, reclamação ou palavrão.

Ela continua lendo os relatórios da minha secretária fixa enquanto eu a observo. Por algum motivo não consigo tirar os olhos dela. Tenho a impressão que alguma coisa está errada com ela, alguma coisa está faltando, como se estivesse escondida de mim. Eu estou louco, mas as maçãs do rosto dela são lindas, os lábios então... Eu posso imaginar meus lábios e outras coisas entre eles. E aqueles olhos castanhos claros, como olhos de gata! A pele tão branca parece macia como veludo. Dou um pulo na cadeira para sair dos devaneios que estou tendo. Deus! Eu acabei de passar a noite com a Lurdinha, fazendo de tudo e ainda estou devaneando com a horrorosa da senhorita Morelli!

Ela me pega olhando e fica me encarando com uma careta. Apresso-me em inventar alguma coisa:

— Como vamos viajar juntos, acho que podemos nos tratar pelo primeiro nome. Sem cerimônias. O que acha?

— Ok, sem problemas senhor Sebastian.

— Não, sem esse senhor. Me chame apenas de Sebastian.

Ela assente e volta a prestar atenção no relatório. Para atrair de novo a atenção dela e irritá-la, eu digo:

— E eu chamo você apenas de Célie.

Deu certo. Ela me lança um olhar furioso.

— Meu nome é Celina!

Eu abro meu melhor sorriso.

— Tanto faz.

E ouço quando ela bufa e volta a olhar para os papéis. Então me lembro do que fiquei fazendo durante essa hora que ela demorou em chegar à minha casa. Eu andei pesquisando sobre uma pessoa no Google, e estou curioso para saber se ela pretende voltar com essa pessoa. Pigarreio para chamar a atenção dela e puxo o assunto:

— Sabe, eu andei pesquisando um pouco sobre o seu ex.

Ela larga imediatamente o relatório e olha para mim surpresa. Espero que ela demonstre raiva, qualquer coisa, mas ela parece apenas curiosa.

— Não posso imaginar porque você faria uma coisa dessas.

— Eu gosto de conhecer bem as pessoas que trabalham para mim.

Ela não engole essa. Na verdade, essa desculpa saiu esfarrapada até mesmo para mim. Eu estou mesmo curioso sobre os detalhes sórdidos da vida dela.

— Eu não sou ele. —é tudo o que ela diz e volta a olhar para o relatório. Sequer me pergunta o que eu descobri sobre ele.

— Sinto muito por ele ter comido a secretária.

Ela me olha novamente, dessa vez em seu rosto, além da curiosidade, há deboche.

— Não, você não sente.

Eu sorrio.

— Bom, melhor você ter descoberto tudo antes do casamento, não é mesmo?

Espero que ela demonstre qualquer sinal de tristeza ou arrependimento por não ter se casado, mas ela assente e sua expressão curiosa não altera. Tenho que puxar conversa novamente, antes que ela volte a atenção para o relatório. Ela não vai falar dele de boa vontade.

— Fiquei surpreso por ele ser tão rico. Era por isso que ia pedir demissão da empresa? Por que ia se casar com um homem rico?

Ela parece envergonhada.

— Eu sei, é ridículo eu abandonar minha independência para depender de um homem. Mas não é como se eu tivesse uma grande carreira para largar, e ele fazia tanta questão que eu não trabalhasse.

— Não é por isso. Acho que também iria querer dar uma boa vida para minha esposa se eu me casasse um dia. Fiquei surpreso por você não tê-lo perdoado.

Ela parece confusa.

— E por que eu faria isso?

Arrependo-me de ter falado isso no mesmo momento em que ela entende o que eu quero dizer.

— Você está dizendo que achou que eu o perdoaria por causa do dinheiro dele?

Ela parece furiosa e eu sei que está com a razão. Tento falar alguma coisa,

mas as palavras me escapam.

— Por que está me ofendendo?

— Desculpe! Eu não devia ter pensado isso. É que existem muitas mulheres que perdoariam no seu lugar por um bem maior.

Quanto mais eu tento explicar, mais percebo o quanto estou sendo estúpido.

— Um bem maior? — parece que ela vai me bater a qualquer momento — Não existem, não! Eu sei o meu valor e o meu orgulho não pode ser comprado!

Pior do que a raiva que eu posso sentir nela, é a mágoa que está em seus olhos, o que me faz sentir ainda mais idiota.

— Célie, me desculpe! Eu não tive a intenção em ofendê-la.

Ela começa a juntar os papéis que estava analisando e joga tudo dentro da bolsa velha dela.

— Acho que é melhor encerrar essa reunião por aqui, senhor Vaughn.

Ótimo, voltamos ao estágio sobrenomes. Ela sai pisando duro e eu corro atrás dela.

— Me deixe ao menos levá-la em casa.

— Não precisa se incomodar!

Ela fala com tanta raiva que nem insisto. Logo, ela bate a porta ao sair e eu fico aqui parado, feito um idiota. E então percebo que nem todas as mulheres são como a Jamille.

Capítulo 03

Celina

Depois de pegar um ônibus lotado para minha casa, meu estômago roncando a cada cinco segundos, fazendo todos olharem para mim, finalmente chego ao meu prédio. A raiva de Sebastian Vaughn ainda me atinge com força! Quero muito mandar ele para aquele lugar e deixar que se vire em sua viagem importante, mas, uma mulher falida não tem condições de se vingar.

Eu preciso mesmo desse emprego. Assim que pagar minhas dívidas de um casamento que não acontecerá, eu o mandarei ir tomar num lugar bem específico e jogarei um copo de café quente naquele cabelo desgrenhado dele. Isso, essa ideia me faz ficar mais calma. Eu sonho com o dia em que verei Sebastian Vaughn ser humilhado.

Assim que entro no meu prédio, recebo um olhar no mínimo curioso do porteiro. Como eu disse, ele nunca foi com a minha cara, diz que eu reclamo demais, mas normalmente ele simplesmente ignora a minha presença. Agora ele está me olhando como se tivesse aprontado alguma coisa, e estivesse com medo que eu descobrisse. Corro para minha casa e olho tudo em meu apartamento, uma vez que ele tem uma cópia da minha chave. Mas, nada está fora do lugar.

À noite, recebo uma mensagem do estúpido Vaughn dizendo que a viagem foi adiada para segunda-feira à noite por conta de uma reunião de última hora de manhã, e detalhe, eu terei que estar nessa reunião ao lado dele. Só de pensar em ver de novo todos aqueles que ficaram rindo de mim na última reunião, sinto meu rosto queimar. Oh! meu Deus, por quanto tempo ainda serei motivo de piada? Minha resposta vem na segunda de manhã.

Chego à empresa depois de uma péssima noite de sono. Desde que eu terminei com o segundo maior imbecil do mundo, não consigo dormir direito. Assim que chego, logo na recepção, percebo pessoas me olhando e cochichando, e alguns risinhos. Penso que a história do meu telefonema deve ter vasado, é claro. E agora eu serei motivo de piada da empresa inteira!

Fico na cantina boa parte da manhã, já que a mesa de secretária do Sebastian é ocupada pela secretária dele. Estudo mais um pouco os relatórios que ele havia me passado e vou para a reunião. Entro lá já de cabeça baixa, procurando um buraco para enfiar minha cabeça, e novamente, aqueles olhares, cochichos e risinhos. Isso está acontecendo de tal maneira, que uma hora Sebastian puxa minha cadeira para perto da dele e sussurra em meu ouvido.

— O que está havendo? Por que todos estão rindo?

Eu dou de ombros, confusa.

— Acho que deve ser por causa daquela ligação.

Ele nega com a cabeça.

— Acho que não, nem no dia eles reagiram assim.

Continuamos a reunião sem saber o que está acontecendo. Até que vou ao RH receber meu salário. Lá, no painel onde dias antes estava o meu convite de casamento, agora havia uma foto minha impressa, no hall do meu prédio, com o ridículo do Edmundo ajoelhado aos meus pés. Eu, com uma cara horrorosa de espanto, e ele com aquela careta de choro, e escrito embaixo: *menina má*.

Arranco a folha do mural e vejo que as meninas estão rindo. Saio correndo do RH e topo com Gil, que me arrasta para a mesa dela, e me mostra um vídeo. Oh meu Deus! Por quê? Um vídeo no Youtube do Edmundo ajoelhado aos meus pés, e eu, com cara de pamonha assustada pedindo que ele levantasse do chão. E o vídeo já tinha mais de cinco mil acessos!

Muita gente sonha com seus quinze minutos de fama, eu não sou uma dessas pessoas. A menina má está sendo vista e eu estou mais uma vez, sendo motivo de piada. A Gil me explica que a foto foi postada no Instagram do porteiro do nosso prédio. Aquele traste! Eu vou arrancar as bolas dele e colar com prego na testa dele! Que merda! Penso em ir para o banheiro, bancar a covarde que estou sendo nos últimos dias, mas antes que consiga uns minutos de paz, Sebastian aparece e me chama até a sala dele.

Quando entro na sala vejo uma cópia da foto do Edmundo ajoelhado na minha frente em cima da mesa dele.

— Pela sua cara você já descobriu porque estavam rindo.

Eu apenas assinto.

— Você tem ideia de quem pode ter feito isso?

Falo com a voz mais baixa do que esperava.

— O porteiro do meu prédio.

Ele parece supresso.

— Por Deus, mulher! Até o porteiro do seu prédio não te suporta!

Eu quero gritar com ele e mandá-lo para aquele lugar, mas começo a chorar. E aí fico mais envergonhada ainda porque estou chorando na frente desse estúpido. Ele todo sem graça, anda até mim e põe as mãos nos meus ombros. Não é ridículo uma mulher adulta chorar por causa de problemas? Sim? Imagina o quanto é pior quando ela pula nos braços de um homem que odeia. Isso mesmo, ele coloca as mãos nos meus ombros e eu agarro a cintura dele e começo a chorar. Ele tenta me afastar sem graça, mas eu me prendo a ele. Só o ouço falando:

— Não chora Celina, não chora, você vai manchar minha camisa caríssima.

E, para piorar, quando vou me acalmando, adivinha qual a primeira coisa que percebo? O abdômen dele. Sim minha gente, eu sou mais uma vez motivo de piada na empresa, estou chorando na frente do bastardo do meu chefe, agarrei ele para chorar e, em vez de encontrar vergonha na cara, percebo como o peitoral dele é duro. Continuo fingindo chorar, com a cara enterrada no ombro dele e passo a mão por sua barriga. Como eu imaginava, sinto a barriga dura e aqueles gominhos deliciosos que homens malhados têm.

Então percebo que quando o agarrei ele passou o braço em volta de mim e sinto aqueles braços fortes me acalmando. Fecho os olhos e me esqueço de fingir chorar, fico ali aproveitando aquele abraço gostoso e aquele corpo musculoso colado ao meu.

De repente, ele se afasta e só então tudo volta a mim. Todos rindo da minha cara e da minha total falta de noção ao agarrar o homem daquele jeito. Abaixo a cabeça e olho para o chão, sem graça.

— Você já parou de chorar? — pergunta ele e parece realmente preocupado.

Eu apenas assinto.

— Ótimo. Eu poderia dizer que sinto muito pelo que aconteceu, mas estaria mentindo. Toda vez que alguma coisa desse tipo acontece com você eu sempre me divirto. E confesso que dei boas risadas com essas coisas de hoje.

Eu deveria sentir raiva dele. É o que ele merece, mas o que eu posso fazer? Eu sou mesmo uma comédia para as outras pessoas, a retardada, menina má, estabanada. Sempre acontece alguma coisa que me constrange. Por que o estúpido do meu chefe se compadeceria da minha maré de azar? Claro que não! Ele tinha que se divertir mesmo, como todos os outros.

— Que bom que sirvo ao menos para diverti-lo! Minha vida está ganha por saber disso, senhor.

Ele abre um enorme sorriso e passa a mão gentilmente pelo meu cabelo.

Sebastian

Macio, o cabelo da senhorita Morelli é macio como eu havia imaginado. Eu queria que nesse ato desesperado de me abraçar, alguns fios tivessem se soltado daquele coque horroroso, mas isso não aconteceu. Então me contento em deslizar o dedo por seu cabelo e contornar o coque. E o cabelo dela é muito macio. Por que ela anda com esse penteado horrível?

Afasto-me dela ao perceber o que estou fazendo. Sua última frase bem humorada depois de tudo a que tinha sido submetida me surpreendeu a tal ponto, que me fez perder a consciência de que era ela, ali na minha frente, e eu tive vontade de tocá-la. Mas isso passou e agora preciso mesmo me concentrar na viagem que faremos daqui a algumas horas, não no cabelo macio e nas curvas dela encostadas em mim.

No começo, ela me assustou com aquele abraço, e eu quis empurrá-la para longe da minha camisa cara, que agora está amassada e manchada de lágrimas, mas assim que passei os braços a sua volta, senti o calor do seu corpo colado ao meu. Seu cheiro me atingiu e alguma coisa me impediu de afastá-la. Deus! Estou ficando maluco!

Ela está sentada na cadeira a minha frente e olha para todos os lados, menos para mim. Deve estar envergonhada pela atitude que teve. Sei que ela é durona, tenta não dar o braço a torcer, mas posso imaginar o que deve estar passando por pegar o noivo comendo outra. Lembro-me do estado em que a Jamille ficou quando eu a traí. Até que a Morelli está segurando bem a barra. E eu estou parecendo “*um mariquinha*”, psicólogo sentimental de mulheres, analisando o comportamento pós-traição dela. Meu Deus!

Tento me concentrar no trabalho e volto a falar da viagem.

— A senhorita acha que estará pronta para a viagem às dezoito horas?

— Sim senhor.

— Então pode ir para casa. Eu passo para pegá-la às 17h30 para irmos ao aeroporto. O voo sai às 19h, mas temos que chegar cedo.

— Não precisa me pegar. É mais fácil se eu encontrá-lo no aeroporto às 18h.

Prefiro não discutir. Concordo e dou o resto do dia de folga para ela. Quando ela sai da minha sala, viro minha mente para várias coisas ao mesmo tempo, para não pensar nela. Está perto da hora do almoço e resolvo comer no restaurante chinês que tem em um shopping próximo. Pego minha carteira e saio.

Assim que chego à rua, avisto a senhorita Morelli saindo do prédio. Ela parece acabada. Com a cabeça baixa, a bolsa velha pendurada ao ombro e sem os óculos enormes. Isso me surpreende de tal forma que paro e olho bem para o rosto dela.

Como eu imaginava, a maldita é muito bonita! As maçãs proeminentes, os

lábios cheios, os olhos de gata brilhando por causa das lágrimas. Fico ali parado, olhando para ela. Ela me vê com cara de bobo e para onde está. Espero que ela me mostre o dedo do meio, mas um homem aparece na frente dela, ofuscando minha visão. Ele pega a mão dela e a arrasta, e, assim que ele se vira eu o reconheço. É o tal do Edmundo, o ex-noivo dela.

Pelo vídeo que vi no Youtube, ela parecia constrangida com a perseguição dele, mas agora, ela está tão triste, tão desanimada, que não fala nada quando ele a arrasta até um canto para conversarem. E eu sei que a senhorita Morelli normal não o deixaria a arrastar assim. Ela diria algum impropério, gritaria alguns palavrões, o empurraria, socaria a cara dele, faria qualquer coisa, mas não se deixaria levar como está fazendo.

E isso me preocupa, o que há de errado com ela? Será que ainda o ama? Será que está sofrendo por causa do término do noivado? Ele pega na mão dela e a arrasta até o shopping, e quando dou por mim, já os estou seguindo. Eles se sentam na praça de alimentação e ele pede alguma coisa, ela apoia a cabeça nas mãos e fica assim. Eu também me sento na praça de alimentação e peço uma pizza, deixo a comida chinesa para outro dia.

De onde eu estou, posso vê-los bem, o cara fala apressadamente, gesticula, vez ou outra pega a mão dela. A comida dele chega e ele começa a comer e a falar ao mesmo tempo. Espero que ela faça uma careta pela falta de educação dele, mas ela está com a mesma expressão desligada, como se não estivesse ali, olha para o nada e não diz uma só palavra.

Eu mal consigo comer a pizza, tão absorto estou na cena diante de mim. Eles ficam lá por uma hora mais ou menos. Eu assumo que não estou com apetite para comer o pedaço de pizza que ainda tenho no meu prato. Durante todo o tempo ela não diz uma palavra. Nem quando ele a toca.

Eu conheço esse estado, me parece desprezo. Ele começa a ficar desesperado. De repente ela se levanta e pega sua bolsa velha. Ele se levanta também e sai a seguindo. Eu solto um palavrão por ela ter se levantado de repente e deixo uma nota de cinquenta na mesa, chamo o garçom para que ele veja que eu paguei e saio apressado seguindo os dois.

Eles caminham até o prédio dela, onde ela se vira e finalmente fala alguma coisa para ele. Ele coloca um papel no bolso do casaco dela, que ela nem faz questão de ler. Ela parece se despedir e quando se vira para entrar no prédio, ele a puxa e a beija e então ela volta a ser a Morelli que eu conheço. Empurra-o e desce um tapa na sua cara. E eu não posso conter a gargalhada que escapa.

Volto ao prédio correndo para pegar minhas coisas e ir para casa, e Cleber me aguarda na minha sala. Nós três: Matheus, Cleber e eu, somos amigos de faculdade e fundamos juntos o negócio. Matheus é muito sério, mas Cleber e eu

temos gostos parecidos, só que ele é mais *porra louca* que eu.

— Onde diabos você estava homem? — pergunta ele.

— Por aí.

— Por aí o caralho! Eu vi você descendo para almoçar e fui atrás de você para almoçarmos juntos. Percebi você feito um pateta olhando para aquela secretária mal vestida do Matheus, e depois vi que ela saiu com um cara e você os seguiu. — ele passa a mãos pelos cabelos — Porra! Sebastian, você seguiu uma mulher?

— Por que você estava me seguindo?

— Eu não estava seguindo-o. Você estava seguindo aquela garota estranha. Qual o seu problema?

Dou de ombros.

— Foi só curiosidade... Você viu o vídeo, ficou sabendo do telefonema dela na reunião; eu fiquei curioso!

— Tá, pelo vídeo e pela história do telefonema, parece que o namorado dela comeu a secretária e agora está se humilhando pelo perdão dela. Normal, já cansamos de ver essa cena. Por que a curiosidade a ponto de segui-los?

— Não foi nada demais, Cleber. É que eu a contratei para a viagem, e fiquei curioso quando a vi com o ex, só isso!

Ele não parece convencido.

— Sei. Abre o seu olho garanhão, abre o seu olho!

Capítulo 04

Celina

Tiro um cochilo à tarde no sofá e acordo me sentindo outra pessoa. Nada que um cochilo no sofá não resolva, não é mesmo?! Já havia feito o meu papel mais ridículo da história, chorando nos braços do Estúpido Vaughn, “almoçado” com o imbecil do Edmundo, (embora eu não tenha comido nada) calada, ouvindo todas as baboseiras que ele tinha a me dizer sem reagir, e tinha finalmente libertado meu estado de torpor ao dar um tapa na fuça dele.

Depois de bater nele e cochilar no sofá, me sinto uma nova mulher. Passou! Nada de chorar agora! Nada de agarrar chefes estúpidos em uma crise de pena de mim mesma, nada de dar chances para o “ex idiota” falar sem parar na minha cabeça. Só não posso prometer dessa nova “eu”, que não serei mais motivo de piada, porque isso raramente é proposital. É simplesmente meu destino cruel.

Meu estômago ronca, me lembrando que ainda não comi nada. Vou até a cozinha e então avisto o micro-ondas, e nele as horas. Já são 17h30. Eu tenho meia hora para chegar ao aeroporto. Por que, Senhor? Nunca dará tempo!

Tomo um banho de gato, mas lavo “direitinho” os lugares importantes, só para constar. Visto uma calça jeans, a primeira blusa que encontro, penteio meu cabelo molhado, prende-o em um coque e jogo meu casaco por cima. Ainda bem que já tinha separado meus documentos e feito a mala um dia antes.

Pego minha bolsinha querida, minha mala e desço correndo pelo elevador. Uma olhadinha no relógio me diz que eu tenho dez minutos para chegar ao aeroporto. Até eu esperar o ônibus, ou mesmo que pegue um taxi, levarei uns vinte e cinco minutos. Sebastian vai me matar!

Assim que saio do prédio, um taxi buzina para mim. Olho para dentro dele e lá está Sebastian Vaughn, malditamente lindo com uma blusa social azul escura. Merda! Quando eu comecei a reparar se Sebastian está bonito ou não? Aliás, ele sempre está lindo e eu nunca me importei com isso. Não é porque eu senti os músculos da barriga dele pela blusa que vou começar a reparar no cara, não é?! Ele abre a porta e eu corro em direção ao carro. O taxista já está pegando minha mala para colocar no porta-malas, então eu entro e me jogo no banco.

— Você está atrasada.

— E eu achei que te encontraria no aeroporto.

— Ainda bem que fiz o que eu queria e não te dei ouvidos, não é Célie? Ou que horas você chegaria saindo de casa a essa hora?

Nem faço questão de corrigir meu nome. Eu estou errada! Ele olha para o

taxista guardando a minha mala e comenta:

— Você vai mesmo viajar com essa mala velha?

Ele vai mesmo começar a me irritar desde o taxi?

— No meu contrato de trabalho não fala o estado em que meus objetos pessoais devem estar na sua presença e se quiser que eu ande com uma mala melhor, aumente o meu salário.

Ele sorri.

— Vejo que está de volta.

— De volta de onde?

Ele dá de ombros. Meu estômago ronca e ele pega uma sacola e joga no meu colo.

— Ainda bem que eu trouxe isso.

Abro a sacola e encontro um hambúrguer, fritas e uma caixinha de suco. Agradeço aos céus para não ter que agradecê-lo e começo a comer como a esfomeada que sou nesse momento. Quando está acabando, ele enfia a mão no meu bolso e de lá, tira um papel. Lembro-me que é o papel que o Edmundo havia enfiado ali. Ele lê e meneia a cabeça.

— Então vocês fizeram as pazes?

Tem mesmo um sorrisinho no rosto dele?

— Não. — respondo e tiro o papel da mão dele.

Está escrito *“estarei esperando por você no dia treze às dezenove horas, como combinado. Te amo”*.

— Parece que ele não cancelou o casamento. — comenta ele.

— Azar o dele.

Ele olha para fora e então percebo a estranheza dessa situação.

— Como você sabia que esse papel estava aqui?

— Eu não sabia, vi a ponta dele saindo do seu bolso.

— E como sabia que eu estava faminta?

— Pelo barulho horrendo que o seu estômago fez. Eu não trouxe isso para você, mas não tem importância você ter comido.

Assinto.

— Não espere um agradecimento.

Ele dá uma gargalhada.

— Acredite, eu não espero.

Chegamos ao aeroporto e fazemos o check-in. Enquanto aguardamos o voo, escovo meus dentes no banheiro. Quando saio, Sebastian está esperando por mim. Ele me olha de cima a baixo e um sorriso idiota aparece nos lábios dele.

— Satisfeito? — pergunto.

— Belas coxas.

Faço uma careta e me afasto dele. Eu não tive tempo de procurar um saião e uma blusona para me esconder e não tinha colocado essas roupas na mala. Não adiantará manter meu disfarce na viagem, é chato me sentir tão bagunçada e, além do mais, Sebastian não será meu chefe por muito tempo mesmo. Tanto faz ele saber como sou. E eu nem sou tão bonita para temer qualquer coisa. Se eu queria evitar as piadinhas safadas dele, não está funcionando nem comigo vestida como me visto para ir trabalhar. É melhor aceitar que ele é um idiota completo e tentar ter paciência, ou matá-lo durante a noite em último caso!

Quando entramos no avião, ele pede para colocar minha bolsa no bagageiro, mas eu digo que não precisa. Ele insiste, mas eu teimo e me sento com a bolsa enorme no colo. Ele pega uma alça da bolsa e eu a seguro por baixo.

— Por favor, Morelli, não seja ridícula. Essa bolsa velha é enorme, é melhor deixá-la no bagageiro.

— A bolsa é minha e eu quero levá-la no colo.

— Você vai ficar desconfortável com essa coisa no colo. —fala ele e puxa a bolsa bem no momento em que algumas pessoas estão passando.Com o puxão, eu solto a bolsa de uma vez, que vira na mão dele derrubando algumas calcinhas no chão.

Eu escondo meu rosto entre as mãos. Ó, meu Deus! Por quê? Ele junta minhas calcinhas e soca dentro da bolsa, mas fica com uma na mão. Percebo que ele está olhando para a minúscula calcinha fio dental com um laço atrás. Eu nunca sequer usei essa calcinha, mas havia esquecido de pôr as calcinhas na mala e as joguei dentro da bolsa na última hora. Peguei um amontoado de calcinhas na gaveta e nem parei para conferir quais estaria levando.

— O que está fazendo? Guarde minha calcinha na bolsa!

Um homem que está sentando-se na poltrona atrás de mim ri e percebo que gritei isso. Fico ainda mais vermelha, mas Sebastian fica rindo.

— Interessante você usar uma calcinha dessas por baixo daqueles saíões horrorosos.

— Isso não é da sua conta! Devolve minha calcinha. — dessa vez eu sussurro.

— Acho que não. — ele fala ainda com um sorriso.

Não tenho outra saída, tenho que mentir. Aproximo-me dele e sussurro.

— Essa calcinha está usada.

Ele olha para mim com algo nos olhos que eu não sei explicar, e eu, achando que ele ia jogar a calcinha em mim, leva a peça até o rosto e cheira-a.

— Eca! E se estivesse mesmo usada? Seu nojento!

Ele sorri e coloca minha calcinha no bolso.

— Então eu seria um homem muito feliz, senhorita Morelli.

Fico ainda mais vermelha.

— Você não pode estar falando sério. Tem fetiche por calcinhas então?

— Não. Mas vou pensar em você a viagem toda, cada vez que pegar essa calcinha. Vou imaginar você usando apenas ela.

Fico sem reação por cinco segundos e sinto meu corpo todo formigar. Então, a comissária de bordo se aproxima para falar alguma coisa e volto para minha poltrona ainda em choque. Logo, ele se senta também. Nós nos sentamos lado a lado no avião, eu na janela, e ele no meio.

— Então, vamos conversar? — ele fala.

Eu faço uma careta.

— Prefiro não ouvir sua voz.

— Como queira.

Ele não fala mais comigo, e quando me viro, está conversando com a mulher que sentou do outro lado. Loira, com um decote exagerado, seus peitos estão quase pulando para fora! Já está toda assanhadinha para cima dele. Oh céus! Essa viagem vai ser longa.

Nem vinte minutos depois, ouço um risinho da loira que está ao lado do Sebastian. Estico meu pescoço para ver o que está acontecendo e ele está falando ao ouvido dela e ela dando risinhos. Bufo. Gostaria de ler o livro que trouxe, mas o idiota do Sebastian o colocou no bagageiro, e para pegá-lo, precisaria passar por ele e pela loira assanhada.

Desisto. Penso em olhar a paisagem pela janela, mas está escurecendo e não dá para ver nada. Ouço outro riso alto e respiro fundo para ter paciência. De repente, ouço um barulho semelhante a uma chupada, olho e eles estão se beijando. Recosto-me na cadeira e cerro os punhos, só mesmo o perverso do Sebastian para beijar uma desconhecida no avião enquanto ainda está com a minha calcinha no bolso. E eu não sei por que estou tão nervosa com isso, mas ele está viajando comigo, deve no mínimo respeitar-me.

Claro que eu estou sendo ridícula por esperar algum respeito de Sebastian Vaughn. Ele é o imbecil número um da minha lista. Pior até do que o Edmund! Começo a cantarolar para ver se atrapalha os amassos dos dois, mas o cara que está sentado atrás chuta a minha poltrona e resmunga que está tentando ler. Nós somos quase os últimos no avião, e nenhuma comissária de bordo passa por aqui. Será que elas não vão passar e mandar Sebastian e a loira pararem com esse showzinho?!

Então o barulho do beijo cessa e respiro aliviada. Tomara que ele pegue uma doença por sair beijando estranhas desse jeito. É aí que ouço um gemido. Oh céus! Estico novamente o pescoço e, por Deus! Sebastian está com a mão enfiada debaixo da saia da mulher, e ela revira os olhos e geme. Sinto meu rosto

corar e a raiva me dominar. Será que ele não se lembra que eu estou aqui ao seu lado? Será que ele não tem medo de alguém passar e ver o que eles estão fazendo? Será que ele não tem vergonha de estar com a minha calcinha no bolso e tocando as partes íntimas de outra?

Não é que eu queira que ele estivesse tocando as minhas partes íntimas. Ah! Quero que ele aja como um homem decente uma vez na vida e simplesmente durma durante a viagem, em vez de quase trepar com uma desconhecida ao meu lado. A mulher dá um grito e Sebastian volta a beijá-la, abafando os gemidos. Eu o odeio. Odeio Sebastian Vaughn.

Às vinte horas em ponto, o piloto anuncia que o avião já vai pousar. Sebastian recosta em sua poltrona e fala alguma coisa, mas finjo que não ouvi. Quando o avião para, a moça faz a maior cena para se afastar dele, e eu praticamente passo por cima deles, empurro-a na poltrona para conseguir sair. Ela resmunga, mas Sebastian está sorrindo. Começo a puxar minha bolsa do bagageiro e ele rapidamente aparece ao meu lado.

— Deixa que eu pego para você.

Eu praticamente grito.

— Não ponha essa mão imunda nas minhas coisas!

O maldito ri mais ainda. Eu puxo minha bolsa e saio apressada do avião sem esperar que ele se despeça da loira. Desço no aeroporto Santos Dumont e solto um palavrão. Eu nem sei em que hotel ficaremos não fiz nenhuma reserva. Eu como secretária, deveria ter cuidado disso, mas estava tão preocupada com as coisas relacionadas aos negócios, que não pensei nisso.

Como ele não me deu nenhuma ordem em relação à reserva de um hotel, penso que ele deve ter pedido à Maura para reservar. Eu só quero tomar um banho e dormir até o dia seguinte quando terei que aguentar esse nojento o dia todo.

Vou andando para o lado das bolsas e espero minha mala passar. Ouço um risinho conhecido atrás de mim e nem preciso olhar para saber que Sebastian e a loira estão logo atrás. Será que ele a levará para o quarto dele no hotel também? Merda! A minha mala vem e, quando ameaço pegá-la, Sebastian estica a mão e a pega para mim. Ele a estende para mim e eu só consigo sentir nojo por ele ter tocado minha mala com essa mão. Faço uma careta e me afasto.

Ele percebe minha reação e fica rindo enquanto pega a sua bagagem na esteira e se despede da loira. Vou andando para um lado qualquer para dar-lhes privacidade, mas ele me chama:

— Célie, espere bem aí ou pegarei sua mão para te levar para o lugar certo.

Faço uma careta e paro onde estou. Permaneço ali parada por quinze minutos; achei que o pervertido estava se despedindo da loira com uns bons beijos

enquanto a tonta aqui espera, mas quando me viro ele está é tentando se desvencilhar dela. A loira está com os braços em volta do pescoço dele, este tira os braços dela com um sorriso sem graça, e ela volta a colocá-los. Ele me olha como que pedindo socorro, e eu tenho que rir da cena dele. Bem feito! Ele me lança um olhar ameaçador, mas eu dou de ombros e vou até uma banca ver as revistas.

Uns trinta minutos depois, Sebastian me puxa pelo braço.

— Ei, tira essa mão imunda de mim.

Percebo que ele está impaciente.

— Então me siga. Imagino que você não tenha reservado nenhum hotel.

Sinto-me corar! Eu não gosto de ser incompetente, mas foi uma falha não ter verificado esse detalhe com a Maura.

— Não, eu achei que a Maura teria reservado o hotel.

— Eu liguei para ela, mas ela achou que você faria isso, já que você viajaria comigo.

— Bom, a culpa é sua por não esclarecer as coisas.

Ele me lança um olhar irritado. E eu tenho um choque por aqueles olhos verdes ficarem tanto tempo olhando meu rosto. Recomponho-me no instante em que ele desvia o olhar e volta a andar.

— Tanto faz, nós podemos ficar num hotel da V.D.A. Eu sempre fico no Quatro Estações. Sou um dos donos, então não preciso de reserva. Eles é que têm que reservar um quarto para mim!

E eles têm. Somente um quarto. Está havendo uma convenção de alguma coisa na cidade e eles só conseguem um quarto, na cobertura, que é reservado aos donos e nunca é alugado. Sebastian manda que eu o siga, e começo a temer onde eu ficarei. Será que ele me mandará para outro hotel e eu terei que fazer o percurso até ele toda manhã? Tomara que não seja um hotel muito longe e que eu possa vir até ele a pé.

Subimos de elevador até o vigésimo terceiro andar. Assim que entramos, me afasto dele o máximo possível, mas só há nós dois no elevador. Então observo quando ele enfia a mão no bolso da calça e fica tocando minha calcinha. Aí a raiva me domina, não consigo controlá-la. Para piorar, ele começa a falar.

— Não sei por que está tão longe de mim. Não tenho nenhuma doença contagiosa.

— Como posso ter certeza, se você trepa com qualquer uma que conhece?

Ele me olha surpreso.

— Não me lembro de ter trepado com ninguém na sua presença.

— E o que foi aquela cena ridícula com aquela loira piranha no avião?

Ele abre um enorme sorriso.

— Isso te incomodou?

— Claro! Tive que ficar escutando os gemidos e os gritos daquela “zinha”! Você podia ao menos ter me respeitado.

— Não desrespeitei você hora nenhuma.

Eu estou uma pilha de nervos, mas ele fala tranquilo, com minha calcinha na mão e um sorriso idiota no rosto.

— Eu estava ao seu lado! Você podia ter levado em consideração que havia uma pessoa a mais ali que foi obrigada a presenciar seu ato de perversão.

Ele dá uma gargalhada, e eu devo frear minha língua, mas não, tenho que continuar:

— Você não tem vergonha de tocar as partes íntimas de uma mulher que você nunca viu na vida? E se ela tiver uma doença? – Ele começa a falar alguma coisa, mas eu avanço e puxo a calcinha de sua mão, o que o deixa ainda mais surpreso.

— Me devolve isso, Morelli.

— Não. Para começar essa calcinha é minha. E você deveria ter vergonha de enfiar a mão na calcinha de outra enquanto está com a minha calcinha no bolso!

— Então esse é seu problema. Você queria que eu enfiasse a mão na sua calcinha. Eu pretendia fazer isso, mas você logo cortou conversa.

Sinto-me corar ainda mais.

— Não seja ridículo. Você teria que me matar antes de enfiar a mão na minha calcinha.

— Sabe qual o seu problema Morelli? Você está incomodada porque ela gozou. Esse é seu problema. Você viu uma mulher gozar facilmente ao seu lado com um estranho, mas você nunca gozou com seu noivo. Esse é o mal de uma mulher mal comida, invejar os orgasmos das outras.

Nesse momento o elevador para no décimo oitavo andar e as portas se abrem. Olho rapidamente e não há ninguém ali. Quem chamou o elevador já deve ter pegado outro. Então me concentro em Sebastian e no absurdo que ele está falando sobre mim.

— Se eu gozei ou deixei de gozar não é da sua conta! E eu não invejo uma piranha que abre as pernas para um desconhecido num avião! Como ela poderia saber onde você tinha enfiado essa mão antes de colocar nela? Além do mais, eu tenho coisas mais importantes com o que me preocupar. Eu não vivo em função de sexo e você não tem nada a ver com meus orgasmos.

Ouçó um som como se alguém tivesse se assustado e olho para ver um japonês que está entrando no elevador com uma criança. Ele está com a mão no ouvido do filho, que ri, e me olha com uma carranca.

— Me desculpa. — falo.

Ele vira de costas para mim e prende o filho ao corpo dele, não o deixando em meu campo de visão. Oh Senhor, eu tinha acabado de olhar para fora e não tinha ninguém. De onde surgiu esse ser? Nem preciso olhar, pois posso ouvir Sebastian rindo.

Descemos no vigésimo terceiro andar e sigo Sebastian cabisbaixa. Antes de abrir a porta, ele para abruptamente e eu acabo trombando nele. Então ele me prensa na parede, com um braço em cada lado da minha cabeça.

— Por favor, não toque em mim com essa mão!

Ele fica me olhando com um risinho nos lábios, olhando dentro dos meus olhos, mas eu estou com tanto medo de ser tocada com “aquela” mão pervertida que mal presto atenção naqueles olhos verdes. Ele diz calmamente.

— Me devolve a calcinha.

Era só o que me faltava.

— Não!

— Devolve ou eu vou acariciar seu rosto.

Sinto meu estômago embrulhar, mas não cederei a ele.

— Toque meu rosto e eu acuso você de assédio sexual!

— Você nunca provaria nada.

— Mas valeria o escândalo.

Ele sorri.

— Você que sabe Célie, mas eu te garanto que terei essa calcinha mais cedo ou mais tarde.

— Se gosta tanto de calcinhas, compre umas para você.

Ele me solta e abre a porta do quarto. Que lugar maravilhoso! Entramos em uma sala enorme, com um sofá de canto creme, uma tela enorme num painel, as janelas que vão do chão ao teto e vista para o mar. A decoração é impecável! Do chão ao teto, os móveis e as cores, tudo é chique. Essa sala é do tamanho do apartamento onde moro. Com certeza tem dois quartos aqui e ele me deixará ficar num deles. Num canto há um frigobar abastecido e numa mesa, uma cesta de frutas.

Sebastian tira o sapato e se joga no sofá. Então, pega o telefone e faz algumas ligações. Eu permaneço em pé, perto da porta, já que não recebi nenhuma ordem. Depois da terceira ligação ele olha para mim e fala:

— Acho que você devia se sentar. — então ele aponta para aponta do sofá onde ele está deitado, de forma que eu ficarei perto do quadril dele.

— E eu acho que você deveria lavar essas mãos. — respondo e me sento em uma poltrona mais confortável que a minha cama, que está do outro lado.

Ele faz mais algumas ligações e depois diz:

— Nós temos um encontro hoje. Quer tomar um banho?

— Já? Achei que sua agenda começasse amanhã.

— Sim, mas um futuro investidor está indo para uma boate agora e me chamou para ir. E seria deselegante recusar.

— Então vá. Por que tenho que ir com você?

Ele me olha como se eu fosse idiota.

— Você é minha secretária. Irá comigo a qualquer lugar que eu for. Como a minha sombra. — então ele se levanta— Como imagino que você não tenha nada decente para usar, vou pedir a uma funcionária do hotel que te arrume um vestido.

— Não será necessário, eu trouxe minhas roupas.

— Você não vai sair comigo usando “saiões” e aquelas blusas horrorosas.

— Eu vou usar o que eu quiser.

— Vou mandar buscar o vestido.

— Estará perdendo o seu tempo.

Ele bufa e resmunga:

— Faça como quiser, mas se me envergonhar com sua vestimenta horrorosa, eu juro que vou descontar toda a minha consumação da noite no seu salário. E te garanto que não será pouca coisa!

Faço uma careta. Tiro meu casaco, enrolo ele em volta da minha mão e pego a alça da mala que ele havia tocado com aquela mão imunda.

— Onde vai ser o meu quarto?

Ele sorri e nesse momento sei que alguma coisa está errada.

— Me siga.

Eu o sigo até um quarto enorme, com uma cama box imensa. Sério! Caberiam umas oito pessoas nessa cama tranquilamente. Fico impressionada. Nunca havia nem visto um lugar imponente como esse, ainda mais dormido numa cama parecida com essa! De repente fico ansiosa para a hora de dormir chegar logo.

— Esse é o meu quarto. — ele fala e sinto meus sonhos murcharem.

— Então acho que está com problema de audição. Eu perguntei onde seria o meu quarto.

Ele aponta para o quarto.

— Não estou entendendo.

— Célie, esse aposento só tem um quarto.

— Você está brincando, não é?

— Absolutamente. Você não ouviu quando a recepcionista disse que havia somente um quarto disponível?

— Está me dizendo que vamos ter que dividir esse quarto?

— Você ouviu que é o único quarto disponível. — fala ele impaciente.

— Mas, mas... Será que não há nenhum outro hotel, que tenha mais quartos?

— Eu só fico nesse hotel.

Isso só pode ser um pesadelo. Por que, Senhor? Por quê?

— Então eu poderia ir para outro hotel.

— Você não vai achar nenhum hotel Célie. A culpa é sua por não ter feito reserva. Terá de aceitar o que tem disponível.

— Mas, eu não quero ficar no mesmo quarto que você.

— Eu acho que eu não estou muito preocupado com a sua vontade.

É isso. Está decidido. Celina sua burra! Devia ter olhado a questão das reservas de um hotel, agora terá que aguentar esse nojento e suas conquistas. Oh Céus! Isso não vai ser nada fácil para mim, mas também não vai ser para ele.

— Deveria, já que sou eu que vou preparar seu drinque.

— Está me ameaçando senhorita Morelli?

Tomo um banho demorado. Sebastian bate na porta por uns dez minutos me mandando sair. Enxugo-me vagorosamente e tiro a touca que havia colocado para não molhar o cabelo. Saio do banheiro enrolada na toalha, corro para o quarto e bato a porta. Ouço quando ele resmunga um palavrão e bate a porta do banheiro. Primeiro de tudo, eu levo para o quarto um paninho com álcool do banheiro, e passo nas alças da minha mala, para limpar onde a mão de Sebastian havia encostado. Então jogo a mala naquela cama enorme, quero me jogar em cima dela também, mas sei que não terei tempo. Reviro minha mala e encontro o que estou procurando. Meu vestido de noivado.

É um vestido todo de renda, curto, perolado, cheio de pedrinhas e colado ao corpo. Primeiro me perfume e faço uma maquiagem que a Gil tinha me ensinado e que, segundo ela, destaca meus olhos castanhos. Quando estou terminando a maquiagem, Sebastian começa a bater na porta mandando eu me apressar. Mostro o dedo do meio para a porta, e resmungo dez palavrões em voz baixa, mas ele grita que escutou, que eu deveria morder minha língua venenosa e andar mais rápido. Finalmente, solto meu cabelo. Como eu o tinha prendido em um coque ainda molhado, ele agora tem um efeito ondulado, com ondas enormes que vão até minha cintura. Só jogo um pouco de laquê nele e está pronto. Então vou para o meu vestido. É hora de ter uma nova história para contar com ele, que não seja sobre um noivado que havia sido o maior erro da minha vida.

Visto cuidadosamente meu vestido, não me importando com as reclamações de Sebastian, perguntando quanto tempo uma mulher precisa para vestir um saião, ou se eu ainda estava limpando os meus óculos. Olho-me no espelho uma última vez. É isso! Se qualquer homem olhar para mim essa noite, Sebastian Vaughn não poderá descontar nem um centavo do meu salário. Respiro fundo uma última vez e abro a porta.

Sebastian

A maldita está me atrasando, e ainda por cima não permitiu que eu arrumasse para ela um vestido elegante. Vou ter que sair carregando esse projeto de tribufu para a boate. Pelo menos ninguém dará em cima dela. Não que eu me importe se alguém se interessar nela, mas prefiro que não se interessem.

Quando a maldita finalmente abre a porta, perco o ar. Ela está usando um vestido de renda perolado colado ao corpo. O cabelo negro realça a palidez de sua pele. Os lábios vermelhos mais chamativos do que posso suportar! Fico sem reação, vendo essa mulher maravilhosa de parar o trânsito diante de mim e, por um momento, quero perguntar onde está a maldita da senhorita Morelli.

— Pronto! Ficou me apressando e agora vai ficar aí parado olhando para mim? Não estamos atrasados?

Com a voz dela eu acabo voltando a mim. Não dá para sair com essa mulher para uma boate, vestida desse jeito. Ainda mais conhecendo o Adrian como eu conheço, ele vai ficar louco por ela. O que eu estou dizendo? Todos os homens daquela maldita boate vão ficar loucos por ela. Ela vai se divertir enquanto eu vou ficar louco para vigiá-la. Espera, por que eu precisaria vigiá-la? Ela acabou de ser traída, seria até bom para ela dar uns beijos em uns desconhecidos, para ver se ela para com esse moralismo ridículo. Mas merda, a ideia de vê-la com outros homens me irrita por algum motivo desconhecido. Ela solta um palavrão, anda até a porta e a abre esperando por mim.

— Você vem ou não?

Eu a sigo ainda sem dizer nada. Sabe quando eu disse que estava pegando apenas mulheres que davam para o gasto e não as de parar o trânsito? Pois é, aqui está uma mulher de parar o trânsito e eu não vou comê-la. Caralho!

Chegamos à Lounge 69 e Adrian me espera na entrada. Ele é um mauricinho de vinte e seis anos que herdou a fortuna do pai e só faz merda com o dinheiro. Procura investimentos para aumentar sua fortuna e meu trabalho é garantir que um desses investimentos seja um dos meus hotéis. Nós nos cumprimentamos e ele me apresenta as meninas que estão com ele. Uma é loira, cabelo curto e seios pequenos, se chama Sara ou Lara, não ouço direito. A outra é uma ruiva que tem um belo par de seios com um decote do jeito que eu gosto, se chama Lorena. Eu não quero apresentar a Morelli, mas ela pigarreia e tenho que fazê-lo.

— Essa é a Célie Morelli, minha secretária.

Vejo quando os olhos de Adrian brilham ao olhar para ela. Não é para menos, as duas mulheres que estão com ele são gostosas, mas não chegam aos pés da maldita da Morelli. Adrian estica a mão, pegando a mão dela e levando aos

lábios.

— É Celina Morelli, na verdade. — corrige ela.

A merda está feita. Entramos e Adrian sequer fala comigo ou com as acompanhantes dele, é todo charme para cima da Celina! Fez questão de sentar numa cadeira ao lado dela, pede drinques para ela toda hora, chega a alisar suas ondas negras, e eu tenho que me segurar para não socar a cara dele.

Preciso ficar me lembrando que Celina não é nada minha e fica com quem ela quiser, mesmo que seja o idiota do Adrian Campanaro. Para não ter que ficar vendo-o dar em cima dela, acabo me divertindo com a ruiva. Dou-lhe um beijo e fico contente em ver que Celina para de prestar atenção na conversa de Adrian para olhar a cena. Então beijo a ruiva mais ainda.

Não adianta tentar falar de negócios com o barulho que está rolando nessa boate, por isso marcamos uma reunião para daqui a dois dias, já que na manhã seguinte terei uma reunião com outro dos possíveis investidores. Lorena e a loira se levantam para ir ao toalete e eu me arrasto no banco, ficando quase ao lado da Morelli, perto o suficiente para ver as belas coxas dela que estão tentadoramente à mostra.

Enquanto viajo naquelas coxas grossas, reparo que Adrian conversa com ela olhando seu decote. Será que ela não percebe o que ele está olhando? Presto atenção em um pouco da conversa. Como eu imaginei, Adrian está falando de todos os bens que tem, tentando impressioná-la, mas Celina não o está afastando e até ri das coisas que ele diz. Qual é o problema dela? Tem mesmo uma queda por idiotas como ele?

Tento desviar meus pensamentos; olho novamente para as coxas dela e para os saltos pretos que ela usa. A sandália tem uma tira fina com um laço e me faz lembrar de sua calcinha sexy. Será que ela a está usando? Inferno! Eu preciso tirar a Celina daqui o mais rápido possível. Preciso levantar a saia dela e por minha boca naquelas coxas, ou ficarei maluco!

Quando vou chamá-la para dançar, ela diz que vai ao toalete e se levanta. Reparo que é justamente quando a ruiva e a loira estão voltando. Celina passa por Adrian, que falta babar em sua bunda e vai em direção ao toalete. Lorena logo vem para cima de mim, mas eu desconverso e espero uns dois minutos antes de seguir a Celina.

Paro no meio do caminho ao ver que ela sequer chegou ao banheiro, havia sido abordada por um cara alto, musculoso e tatuado, ele a segura pela cintura e passa a mão pelo rosto dela. E ela parece querer se afastar dele. Esse cara pode me quebrar, mas ele não vai ficar passando a mão na Celina desse jeito! Logo me aproximo e grito para ser ouvido:

— Algum problema aqui?

Celina parece aliviada em me ver. O grandão me olha com uma expressão fechada, como que marcando território. Rapidamente puxo Celina pelo braço para perto de mim. Ele reluta um pouco em soltá-la, mas pergunta:

— Ela está com você?

— Ela é minha namorada.

Ele assente.

— Então você não devia deixar sua namorada gostosa rodando por aí sozinha. Da próxima vez ela pode cair nas garras de um cara que não seja tão legal quanto eu.

— Pode deixar que eu vou cuidar dela.

Ele ainda dá uma boa olhada para as pernas dela antes de se afastar. Assim que ele se afasta, percebo Celina relaxar nos meus braços. Ela me dá um beijo no rosto em agradecimento e vai em direção ao banheiro. Merda! Foi só uma merda de um beijo inocente no rosto, mas meu pau acordou com esse simples toque dos lábios dela. Eu estou mesmo fodido!

Paro na porta do banheiro, aguardando que ela saia para escoltá-la até a mesa. Por mais de uma vez quero entrar lá, ver que está sozinha e comê-la ali mesmo, mas sempre entra alguém no banheiro e eu desisto. Por fim, ela sai. Ela retocou o batom e esses lábios vermelhos estão quase me enlouquecendo. Ela sorri ao me ver.

— O que está fazendo aqui?

— Vou levá-la para a mesa. Para que não tenha nenhum empecilho no caminho.

Ela passa os dedos no meu rosto e eles saem manchados, percebo que meu rosto estava com a marca do batom dela.

— E a troco de que vai servir de segurança? — pergunta desconfiada.

É a minha deixa. Finalmente vou ter esses lábios vermelhos nos meus.

— Bom, já que perguntou. Nada que um beijinho não resolva. — falo e vou para cima dela puxando-a para junto do meu corpo e segurando seu cabelo.

Mas, antes que minha boca alcance a dela, ela se afasta.

— Você está louco se acha que vai chegar com essa boca perto de qualquer parte do meu corpo!

— Relaxa Morelli! Ninguém vai ficar sabendo. Por que não pode se divertir um pouco?

Eu tento segurá-la, mas ela se afasta de novo.

— Nem pensar. Você estava praticamente chupando *aquelazinha* desconhecida agora mesmo. De jeito nenhum eu vou beijar você!

Sorrio como um idiota por saber que ela só não me beijará porque eu havia beijado outra. E merda! Por que eu tinha que ter beijado a ruiva?

— Não preciso da sua segurança! Eu me viro. — ela fala e sai andando. Então, tenho que segui-la de longe.

Assim que voltamos à mesa, percebo que a loira e a ruiva estão de um lado, e Adrian do outro. Ele jogará pesado para ter Celina, mas eu não deixarei que isso aconteça! A loira se insinua para mim e, lembrando do ciúme de Celina por causa da ruiva, dou um beijo nela. Celina olha me censurando. Eu praticamente podia ouvi-la gritando quando a gente voltasse ao hotel, se eu não sentia vergonha de tentar beijá-la e em seguida beijar outra.

Ela pega o celular na bolsa e mexe em alguma coisa enquanto Adrian ainda está falando com ela. Logo, meu celular vibra no bolso. Pego ele por debaixo da mesa e vejo a mensagem dela:

Celina: *Cafajeste.*

Respondo com um sorriso que eu sei que vai irritá-la ainda mais:

Sebastian: *O que foi que eu fiz agora?*

Logo, a resposta:

Celina: *Vc acabou de tentar me beijar e já está beijando outra.*

Sorrio mais ainda. Ela está com ciúme.

Sebastian: *Vc negou meu beijo. Mas se tiver mudado de ideia, dou um pé na bunda da loira agora mesmo e serei todo seu.*

Ela me olha como se fosse me matar e bebe um gole de sua bebida. Então, a resposta chega:

Celina: *Não mudei de ideia a seu respeito, mas não pretendo ficar sozinha a noite toda!*

Maldição! Ela vai se vingar. Malditas mulheres e sua mania de dar o troco. Penso no que poderia responder para desencorajá-la, quando Lorena a chama para dançar. Ela olha para Lorena com uma cara de nojo e me apresso em responder por ela.

— Ela não gosta de dançar.

Ela faz uma careta.

— Quem disse que não? Vamos lá.

Fico aqui, estupefato enquanto ela sai com Lorena e a loira. As três vão à pista de dança. E, como eu previ, logo todos os caras estão olhando para ela, mas não é para menos! Ela rebola e desce até o chão com aquele vestido minúsculo. De onde estou, consigo ver que a calcinha dela é preta. Deve ser a que eu tinha pegado, a minha calcinha.

Merda! Meu pau se agita feito um louco enquanto ela desce as mãos pelo corpo, eu queria que fosse minha língua lambendo cada gota de suor dela. Sou tirado do meu devaneio com um cumprimento de Adrian.

— Que delícia de mulher Sebastian! Leve-a para a reunião na quarta e teremos um acordo.

Volto o olhar para a pista e ela está dançando com um homem. Ele desliza a mão por sua cintura e ela não faz nada para impedi-lo. Lorena volta à mesa e senta no meu colo, mas eu não consigo prestar atenção nela, só consigo ver a maldita gostosa da Morelli se esfregando em um desconhecido.

Não aguento, empurro Lorena e vou até a pista de dança. Lanço um olhar ameaçador ao cara que dança com ela e ele logo se afasta. Ela vira para trás para ver o que aconteceu e abre um sorriso quando me vê ali. Era o que ela esperava que eu fizesse e eu, retardado caí na armadilha dela direitinho. Mas já que estou aqui, vou aproveitar. Puxo o corpo dela junto ao meu e minha mão logo encontra a bunda dela, então aperto-a. Ela geme, me deixando ainda mais louco.

— Achei que estava ocupado. — grita no meu ouvido.

— Estou ocupado agora.

Ela sorri e se afasta um pouco. Levanta a cabeça na minha direção e me preparo para beijá-la, mas ela me empurra.

— Vai sonhando, estúpido!

Então ela se afasta e vai se esfregar em dois homens que estão dando sopa por perto. Eu poderia ir até lá e espantá-los de novo. É o que eu quero fazer, mas seria ridículo. Volto à mesa e tenho que me contentar com a loira e a ruiva. Mas, se a Morelli acha que pode mexer comigo, não pego leve com as duas, menos ainda na presença dela. Ela não volta a falar comigo a noite toda e até dança com o Adrian. Nenhuma vez sequer a vejo olhando na minha direção, mas tenho certeza que vez ou outra ela olhou.

Quando saímos da boate, Adrian tenta beijá-la, mas ela desvia dele e vai andando na frente. Fico combinando com ele a reunião e tentando me livrar das meninas que querem ir para o hotel comigo. Quando percebo, tem um cara conversando com a Celina. Merda! Por que ela tinha que sair com um vestido tão curto? Despeço-me rapidamente e vou em direção a eles, bem a tempo de ouvi-la falar “não” e o cara puxá-la e beijá-la.

Aquilo me cega de ódio! Como ele consegue assim o que eu estou tentando a noite toda? Eu o empurro e soco a cara dele. Ele cai no chão alarmado. Vou para cima dele de novo, mas Celina entra na minha frente, me contendo. Então a pego pelo braço e a arrasto para o carro.

Ela fica calada durante a viagem. O cheiro do perfume dela, misturado com o suor do seu corpo está me deixando de pau duro. Eu devia ter trazido as meninas para casa, visto que essa maldita nunca dormirá comigo. Resolvo puxar assunto para desviar meus pensamentos:

— Então, você é tudo isso.

Ela não responde.

— Por que vai trabalhar com aquelas roupas de velha? E aquele cabelo horroroso?

— É uma longa história. — ela diz e fecha os olhos.

Maldição! Eu estou tentado a beijá-la, mas me pego dizendo.

— Você é linda Morelli! Não devia esconder essa beleza toda.

Ela me olha espantada e não diz nada. Então seguimos o resto do caminho até o hotel em silêncio.

Capítulo 05

Celina

As atitudes de Sebastian ainda me confundem. Ele havia me defendido do cara tatuado e do atrevido que me beijou. Chegou a bater num cara por minha causa! Esse sim seria um momento “deusa total”, se ele não tivesse feito isso por questão de princípios. Ele faria isso por qualquer outra mulher que estivesse naquela situação.

Tento não pensar tanto nele grudado com as duas mulheres a noite inteira e me concentrar no quanto tinha me divertido. Dancei como não fazia desde que havia começado a namorar o Edmundo. Até voltei a usar roupa curta, ele pirou quando me viu naquele vestido de noivado, dizendo que era indecente. E eu me pego agora pensando quando eu tinha ficado tão sem vontade própria a ponto de parar de sair, e de vestir apenas roupas recatadas por causa de um noivo.

Ainda estou triste por ter sido feita de palhaça por três anos e tenho aquela sensação de traição, que corrói a minha alma. Mas não sofro por amor. Eu me sinto leve, como se pudesse finalmente voltar a ser eu. E, se me lembro bem de como eu era antes de começar a namorar o Edmundo, eu deveria ter deixado o Adrian me beijar hoje. Era a coisa certa a se fazer, para completar a diversão.

Mas, na hora achei cedo demais. De qualquer forma eu o verei novamente, ele é um idiota que fica olhando para os meus seios e falando do tanto de coisas que possui, para me impressionar. Até me pergunto por que eu atraio esse tipo de idiotas para a minha vida, mas é bonitinho. Não faria mal nenhum calar a boca dele com uns beijos e dar uns amassos. Faz tanto tempo que eu não dou uns amassos que “*periga*” eu nem saber mais como fazer!

O carro entra no estacionamento do hotel e para. Eu desço do carro ainda sem falar nada com Sebastian. A boca dele está manchada do batom das duas mulheres que ele beijou e eu sinto nojo ao olhar para ele. Safado, pervertido! Veio com um papo para cima de mim e logo já estava com as outras.

Imagina se eu tivesse deixado ele me beijar? Ele me beijaria e se sentaria à mesa e as beijaria. Eu seria apenas a terceira da noite. Não que eu tenha sequer cogitado a ideia de deixá-lo me beijar. De maneira nenhuma, isso nem passou pela minha cabeça. Mas, se eu for olhar o quanto ele é lindo com esse corpo malhado, os olhos verdes, esse cabelo castanho escuro desgrehado caindo no olho, ah!

Como o estúpido é lindo! Se eu fosse olhar a beleza dele, já estaria na sua cama essa hora, junto com as outras duas que eu nem sei por que ele não trouxe para o hotel para terminar a noite. E falar na noite no hotel me faz

lembrar aquela cama enorme e maravilhosa, e do fato de que eu terei que dormir na poltrona. Claro que Sebastian Vaughn jamais deixará a cama para mim. Eu, a incomodada que vá para outro lugar!

Entramos no elevador e percebo que ele me olha e um sorrisinho idiota aparece no rosto dele.

— O que foi?

— Estou aqui imaginando qual calcinha você estaria usando.

Sinto-me corar.

— É bom que tenha uma excelente imaginação. Porque vai ser o mais perto que você vai chegar da minha calcinha!

— É aquela, não é? A preta, sexy? A minha calcinha?

Como ele sabe?

— Não sabia que você usava calcinhas.

— Não adianta fingir de boba, Morelli. Eu sei que está usando aquela calcinha. E sei que só a colocou por minha causa, para pensar em mim. — ele se aproxima de mim e me prensa na parede do elevador — Eu sei que quando estava dançando daquele jeito era para me atrair e sei que quando estava vestindo essa calcinha você me imaginou tirando ela com os dentes.

Uau! Ele sabe ser pervertido. Eu olho bem para os olhos dele meio hipnotizada, mas percebo o que estou fazendo e começo a rir. Ele não sabe o que fazer com a minha reação e parece bravo.

— Qual o problema, Morelli?

— Você é mesmo uma figura. “Se acha” mesmo tudo isso?

A confiança dele vacila por um momento, cedendo lugar a raiva, mas logo ele está sorrindo e se afasta de mim.

— Você ainda vai me implorar para tirar sua calcinha Morelli, e vai fazer isso gritando meu nome e gozando na minha mão. Mas não se preocupe, eu atenderei o seu pedido com o maior prazer.

— Isso só vai acontecer nos seus sonhos!

É um fato quando entramos exaustos no quarto: eu não dormirei de maneira alguma na mesma cama que Sebastian. Ainda mais depois das coisas que ele me disse. Eu realmente coloquei a calcinha por causa dele, mas não havia pensado que ele a veria, nem imaginado ele a tirando, até agora. Até ele plantar essas cenas na minha mente. E eu bebi muito e estou exausta, e dormir com um homem como ele não pode acabar bem!

Tomo um banho rápido, me enrolo num roupão, pego uma manta e vou me aconchegar na poltrona da sala. Depois de um tempo, Sebastian vem atrás de mim.

— O que está fazendo aqui? O quarto fica para o outro lado.

— Vou dormir aqui, obrigada.

— Não seja ridícula. A cama é enorme. Dá para nós dois dormirmos nela e nem chegar perto um do outro.

Eu olho para ele.

— E você vai fazer isso? Vai ficar o mais longe possível de mim?

Ele dá um sorriso malicioso.

— Não posso prometer que farei isso.

— Então vou dormir aqui mesmo.

Ele bufa.

— Você não pode estar falando sério.

— Por que você não vai dormir? Me deixa em paz pelo menos o restinho da noite!

— Você vai acordar com dores no corpo todo se ficar encolhida aí.

— Isso é problema meu!

— Tudo bem! Eu prometo que não vou tocá-la e vou manter distância de você.

— Não confio em homens que voltam atrás nas suas palavras.

Ele solta um palavrão.

— Quer saber? Faça como quiser, mas não diga que eu não avisei.

— Agradeço a sua preocupação. — falo com todo sarcasmo que posso.

Ele começa a rir.

— Eu já entendi qual é o seu problema: você tem medo de dormir comigo! Tem medo, não de eu tocar você, mas de você perder o controle perto de mim.

Eu bufo.

— Claro, porque você é um convite ambulante a um sexo maravilhoso.

— Ainda bem que reconhece senhorita Morelli. Mas pode vir se deitar comigo, eu prometo tentar frear você se me atacar.

Dessa vez eu dou uma risada.

— Você deve ser muito feliz com toda essa imaginação. Fique feliz com ela essa noite querido.

Ele resmunga alguns palavrões e bate a porta do quarto.

Eu não consigo dormir. Estou com tanto sono que meus olhos nem abrem, mas minha coluna dói e meus braços já estão dormentes, não tem como mudar de posição nessa poltrona.

De repente, sinto braços me envolvendo e me levantando da poltrona. Consigo abrir meus olhos para ver um delicioso Sebastian, com o cabelo mais bagunçado ainda me levando para o quarto. Ele me coloca gentilmente na cama e puxa a coberta para cima de mim. Eu quero protestar, mas estou cansada demais, e a cama é tão macia! Deus, como é gostosa! Ele dá a volta na cama e se

deita ao outro lado, o mais longe possível. Antes de ameaçá-lo, ou tentar me levantar para voltar para a poltrona, já estava dormindo.

Sebastian

Mal consigo dormir à noite. Primeiro, fiquei preocupado com a imbecil da Morelli dormindo naquela poltrona pequena e desconfortável. Pensei em deixá-la lá, deixar que ela amanhecesse com dores por todo corpo para aprender a ser tão teimosa. Mas, de madrugada ainda não tinha conseguido dormir preocupado com ela e acabei indo lá, ver como ela estava.

Ela estava sonolenta, mas ainda acordada, claro que por causa do desconforto. Pensei em dizer que eu tinha avisado que não dava para dormir ali, mas acabei por carregá-la para a cama. Merda, meu pau sonolento acordou no instante em que toquei o corpo daquela mulher. Ela se aconchegou a mim e seu calor misturado ao seu perfume me deixou louco!

Precisei mesmo me controlar para colocá-la na cama e tive que me deitar o mais longe possível dela. Mesmo assim, sentia o seu cheiro. Toda vez que eu estava quase dormindo, ela se mexia e meu pau acordava. Fui conseguir dormir quando o dia já estava nascendo.

Pouco depois que durmo, o maldito despertador começa seu som infernal na minha cabeça. Celina resmunga e se senta para desligá-lo. Quando por fim abro meus olhos, quase tenho um troço. Aqui, na minha frente, está uma mulher deliciosamente descabelada, com o rosto rosado, uma camisola transparente que aparece por baixo de seu roupão aberto, se espreguiçando. Meu pau desperta no mesmo instante e caralho! Como eu desejo essa maldita Morelli! Ela se levanta sem nem me dar bom dia e vai tomar um banho.

Trato de levantar também e vou comer alguma coisa enquanto a Morelli não sai do banheiro. Quando finalmente ela sai, mais um ataque para o meu coração, ela está enrolada na toalha com o cabelo molhado em um coque sexy, não aqueles coques bagunçados que ela fazia...

— Você está mesmo querendo que eu te agarre. — comento para irritá-la.

Ela faz uma careta.

— Claro, estou quase te implorando que me coma!

— Você não vai precisar fazer isso, basta dar mais um passo a frente e eu te agarro aqui mesmo.

Ela para abruptamente e eu dou uma gargalhada.

— Saindo de toalha na minha frente? Se isso não é provocar, não sei mais o que é.

— Sinto te informar que o mundo não gira em torno de Sebastian Vaughn. Eu só saí do banheiro de toalha porque não temos muito tempo e pensei que adiantaria se eu trocasse de roupa no quarto para você tomar banho logo...

Ela faz menção de ir para o quarto, mas eu entro na frente dela, barrando sua passagem. Só quero olhar esse corpo molhado nessa minúscula toalha mais um pouquinho.

— Sabe, eu deixaria o Luciano esperando se fosse para “dar” uma com você.
— Ela faz uma careta e cora.

— Eu não sou as desconhecidas que você pega em qualquer canto para dar “umazinha”.

— Quem falou em “umazinha”? Estou falando de uma completa Morelli! Uma que vai levar a manhã toda e boa parte da tarde. Uma que vai te deixar tão louca, que você nem vai saber seu nome depois, só o meu.

Ela cora mais ainda e fica sem graça. Então esse é o ponto fraco da Morelli, sexo. Ela, obviamente não tem muita experiência nisso e fica sem graça e sem respostas sarcásticas quando eu brinco com sexo. “Touché” para mim. Todas as nossas conversas a partir de agora vão conter uma inclinação sexual.

— Se você é tão bom assim, não estaria subindo pelas paredes como está agora!

Sim, essa maldita me pega desprevenido com essa observação.

— Acha que eu não percebo? Aposto como não transa desde aquele dia com a Lurdinha. Posso até imaginar: mulherzinha mais ou menos, transa mais ou menos, e o “Sr. Tudo Isso Aí” não se satisfaz de verdade há um bom tempo!

Tenho que rir do atrevimento dela. Deus! O atrevimento dela deveria me irritar, mas me excita. Eu tenho que dar um jeito de levar essa maldita para a cama.

— E você Morelli? Há quanto tempo não fica satisfeita com uma transa? Não, espera: você nunca ficou!

Ela empurra meu braço e entra no quarto batendo a porta. E eu fico pensando durante o banho, enquanto acaricio meu pau duro, que não é justo que uma mulher tão linda como essa não tenha um orgasmo decente na vida. E serei eu a proporcionar isso a ela, com o maior prazer. Antes do final dessa viagem, ela estará gemendo nos meus braços!

Chegamos à filial da V.D.A. que fica no Rio de Janeiro e vamos logo para o nono andar, onde terei uma reunião importante com Luciano Cartariam. Ele, ao contrário do Adrian, é uma raposa velha. Astuto como só ele e que sabe fazer negócios. É o cliente mais difícil que fui buscar e o mais importante, pois o capital que ele investirá será quase o dobro dos outros dois juntos. Luciano está com as ações em alta e procura um bom investimento. Cleber e Matheus falaram mil vezes na minha cabeça que eu deveria mostrar esse investimento a ele.

Luciano ainda não chegou. É um velhaco de trinta e cinco anos, viúvo e mal

humorado. Mas tem um fraco comum entre os homens: mulheres bonitas. Eu sei que a presença da Morelli ao meu lado garantirá cinquenta por cento da participação dele.

Olho para ela que está com uma saia preta social colada às pernas grossas, àquela comissão traseira espetacular e uma blusa social branca de botões, fechada até o pescoço. Aproximo-me dela e abro três botões da blusa, deixando a mostra um pedaço do sutiã preto sexy que ela usa.

— O que você está fazendo?

— Relaxa Morelli, não vou agarrar você aqui. Só estou garantindo o sucesso do meu negócio.

Ela me olha como se fosse me matar com o comentário, e faz menção de fechar a blusa. Tiro as mãos dela da blusa e as seguro.

— Nem pense nisso. Acho que está bem mais sexy assim. Muito mais agradável de olhar.

— Estou pouco me lixando para o que você acha sexy, e menos ainda preocupada em agradar seus olhos pervertidos! Solta minha mão ou eu começo a gritar.

— Você está muito arisca, Célie! Agora, lembre-se que está em seu horário de trabalho. Desobedeça-me e será demitida hoje mesmo! Acha que não consigo me virar sozinho aqui?

Ela se acalma contra a vontade.

— Mostrar meus seios para você não faz parte do meu contrato de trabalho!

— Verdade, me lembre de incluir isso da próxima vez!

Ela faz uma careta e eu a arrasto até o espelho que fica ao lado dos elevadores. Seguro os braços dela para trás, o que faz com que seus seios levantem mais ainda.

— Está vendo Morelli? Vê como é sexy? Nenhum homem resistiria a você se andasse vestida assim.

Ela cora e fica um tempo se olhando no espelho, parece espantada.

— Você é linda. Deveria explorar mais essa beleza.

Puxo o corpo dela para mais perto do meu, e o movimento faz a blusa dela abrir mais. Posso ver pelo espelho um pequeno laço preto no meio dos seus seios.

— Esse sutiã é conjunto daquela calcinha sexy, senhorita Morelli?

Ela parece sair do transe e me empurra.

— Oras! Eu já poderia acusar você de assédio sexual há muito tempo com esse linguajar infame que você usa comigo!

— Sim, poderia. E sabe por que não faz isso? Porque no fundo você gosta. Aposto que eu te excito mais com esse linguajar infame do que seu noivo com as

proezas dele!

Ela fica uma fera. Abre a boca para soltar algum impropério, mas o elevador abre e ela se cala.

Luciano sai do elevador acompanhado de dois advogados, ele sempre anda com eles, mesmo quando vai apenas falar sobre negócios. O cumprimento e apresento Celina.

— Essa é a Célie, minha secretária.

— Celina. — ela corrige quase bufando.

Não preciso falar mais nada. Os olhos dele crescem no decote dela e ele chega a engolir em seco. Meu investimento está garantido! Entramos para a sala de reuniões e começo a explicar sobre os hotéis que pretendemos abrir na Europa. Temos hotéis por todo o Brasil, mas expandir para fora é um passo muito grande e por isso, precisamos de investidores.

Ele parece realmente interessado no negócio; mais ainda na Celina! Enquanto conversamos, vejo que ele pega a agenda dela e escreve alguma coisa e então, devolve-a. Ela cora, dá um sorriso sem graça e rabisca alguma coisa em resposta. Eles ficam com isso até que termino de explicar tudo. Luciano parece muito interessado e fala que dará a resposta definitiva no coquetel que teremos na semana seguinte. Claro que eu não posso deixar meu principal futuro investidor solto até lá.

Mas Celina é bem mais esperta e planta um convite para sair com Luciano. Ele cai como um patinho, chamando-a para sair. Isso me deixa possesso! Uma coisa é ela usar uma blusa sexy para atrair a atenção dele. Outra muito diferente é ela “tregar” com ele. Isso eu não permitirei mesmo!

Assim que Luciano se despede, vamos para a sala reservada a mim na empresa. Mas, durante o caminho já vou para cima dela.

— Que negócio é esse de sair com ele?

Ela abre um sorriso lindo. É muito raro ela sorrir, e como ela fica linda quando sorri!

— Só entrei no seu joguinho. Você não precisava de uma puta para trocar sexo por seu negócio?

— Não! Não foi isso que quis dizer! Eu só precisava que você o distraísse um pouco, não que tregasse com ele.

Ela levanta as mãos na defensiva.

— Quem falou em trepar? Vamos só tomar uns drinques, nada demais.

— Você não vai sair com ele, Célie! Você é ingênua e ele é um velhaco experiente, que vai dobrar você como se fosse uma folha de papel. Sabe o que eu faço com as mulheres? Ele faz muito pior!

Ela dá de ombros.

— Como se você tivesse moral para falar da “cafajestice alheia”. E o que importa para você é garantir seu negócio, não foi o que você disse? Garanto que se ele sair comigo seu negócio estará garantido.

— Não a esse preço.

— O preço é meu!

— Você não vai trepar com ele!

— Você não manda na minha vagina!

— Não seja ridícula! Você não tem que dar para ele.

— Se eu quiser dar, eu vou dar para quem eu quiser! — ela grita.

Corrigindo, ela grita isso bem no meio da sala principal, onde cerca de onze pessoas estão totalmente caladas, prestando atenção nela e em mim. Tenho que segurar o riso, mas fracasso. Ponho as mãos nos ombros dela, que está vermelha como um tomate ao perceber a cena e tento acalmá-la.

— Dê a vontade Célie. — sussurro — Acho que está precisando.

Por que isso sempre acontece com ela? Ela parece um ímã ao constrangimento! Ainda rindo, entro na minha sala e ela praticamente voa lá para dentro.

Celina

Se o dia havia sido uma merda, a noite não prometia ser muito diferente. Sebastian e eu discutimos o caminho todo até o hotel, tudo porque ele não quer que eu saia com Luciano.

Acho que ele está com medo que eu consiga o investimento e não ele. Mas eu não pretendo roubar os créditos desse acordo, menos ainda transar com o Luciano. Ele é um homem maduro, atraente e sexy, e eu até sairei com ele e darei uns amassos, mas não passará disso. Eu sei, posso ser a senhora careta, mas não transo com um desconhecido. Mesmo porque não acho tanta graça em sexo.

E o imbecil do meu chefe está certo. As coisas indecentes que ele me fala, conseguem mexer mais comigo do que o Edmundo pelado, por exemplo. Isso deve ser um dom de todo pervertido: perverter os pensamentos das pessoas alheias.

Quando enfim chegamos ao hotel, eu já não respondo mais às provocações de Sebastian. Estou cansada, com fome e louca por um banho. Ele quer me convencer que só não me deixará sair com Luciano pelo meu bem, mas nunca que vou acreditar que ele esteja realmente preocupado comigo; o buraco é mais embaixo!

Sebastian entra no quarto e se joga no sofá da sala. Liga a tela plana e fica mudando de canal. Aproveito e me sento à mesa, abro o notebook e vou atualizar a agenda dele com as novas reuniões que ele terá. Faço tudo de um jeito que possamos ir embora antes dos quinze dias previstos. Não que eu tenha alguma coisa importante para fazer em casa, nem emprego eu terei quando voltar. Mas preciso me afastar urgentemente de Sebastian.

A convivência com ele está me alterando, eu já reparo a roupa que ele está usando, me arrepio com suas conversas pervertidas e até cheguei a sonhar com ele a noite. Não! Preciso mesmo me afastar dele. Enquanto digito no notebook, dou uma olhada em Sebastian.

Ele tirou a blusa social que estava usando e está largado no sofá, tomando uma cerveja. Seu corpo definido e bronzeado prende minha atenção por mais tempo do que eu pretendia olhar. E me pego pensando como um homem tão lindo, rico e pervertido como ele pode ser solteiro? Nos seis meses em que estive na empresa, sempre ouvir falar que ele estava transando com uma e outra, sempre casos, nunca ouvi falar que ele teve uma namorada.

Mesmo que ele goste de ficar com várias e não se interesse em um compromisso sério, uma hora ele teria que ter tido uma namorada, não teria? Fico curiosa e abro o Google: então pesquiso “Sebastian Vaughn namorada”. E,

para minha surpresa, aparece uma foto dele com uma loira espetacular. A foto é de dois anos atrás. Procuro por mais informações, mas não há mais nada sobre nenhum outro relacionamento além daquela namorada.

— O que está fazendo?

De repente a voz dele atrás de mim me assusta e fecho o notebook com o susto. Sebastian está atrás de mim; havia se levantado e ido ao frigobar pegar outra cerveja e eu nem reparei. Ele parece desconfiado com minha reação.

— O que está fazendo aí Morelli? Olhando sites pornô?

Faço uma careta.

— Eu não preciso de mais material pornô do que conviver com você.

Ele dá uma gargalhada.

— Então, o que está escondendo?

— Nada.

— Mentirosa. Você se assustou e fechou o notebook.

— Porque você me assustou. Não vi que estava atrás de mim.

Ele dá a volta e se senta na ponta do sofá, bem ao meu lado, e fica olhando meu rosto. Resolvo perguntar qual o seu problema, mas olho em seus olhos, tão verdes, tão profundos, aquela barriga a mostra... Ele não devia andar com aquela barriga se exibindo para mim desse jeito! Será que ele não sabe que eu estou na seca? Que o sexo com o Edmundo era sem graça e eu estou ficando curiosa para conhecer o tal sexo fabuloso que ele tanto fala?

Mas o que eu estou pensando? Estou mesmo pensando em sexo e Sebastian na mesma frase? Estou mesmo ficando louca, só pode ser isso! Viro o notebook, abro e fecho rapidamente a página do Google com as fotos dele. Ele continua olhando para mim: se espera me intimidar, não vai conseguir!

— Você não se sente sozinho? — Pergunto de repente e ele parece se assustar. Levanta-se e volta a deitar no sofá com a cerveja na mão.

— Você está com fome? Pede o serviço de quarto. Pode pedir qualquer coisa, o que você escolher eu como. — fala ele.

Peço uma comida leve, do jeito que eu sei que ele não gosta e volto ao assunto.

— Eu perguntei se você não se sente sozinho.

— Eu ouvi.

— E?

Ele se senta e olha para mim.

— Por que isso agora?

— Curiosidade. Eu nunca vi você com uma namorada.

— Talvez porque eu nunca tenha tido uma.

Ele está mentindo. Sebastian Vaughn esconde alguma coisa. Por que mentir

sobre já ter namorado alguma vez na vida?

— Você está dizendo que nunca teve uma namorada?

Ele sorri.

— Estou dizendo que sempre tive várias e nenhuma delas foi séria o bastante para ser a única.

Faço uma careta.

— Mas, não se sente sozinho vivendo assim?

— Sim e não. Eu posso ter companhia a qualquer hora que desejar, ter a liberdade de morar onde eu quero, fazer o que eu quero e sair com quem eu quero. Eu não me vejo preso a uma única mulher, tendo que dar satisfações, ser fiel, ser romântico, essa merda toda!

— Acho que uma mulher que te conhecesse pelo menos um pouco, nunca ia esperar romantismo de você.

Ele sorri, mas é um sorriso triste.

— Você iria se surpreender...

— Você nunca se apaixonou?

Dessa vez ele faz uma careta.

— Que papo ruim é esse Célie? Por que não voltamos a falar de sexo? Quando foi sua última vez?

Eu sorrio.

— Achei que fosse mais inteligente que isso. Que pudesse falar de outras coisas além de sexo.

— Não com você. Você me lembra sexo.

Certo, eu tento conversar com ele, mas ele me irrita ao extremo. Volto para o meu notebook e resolvo ignorá-lo. Depois de uns minutos, ele fala:

— E você? Depois que terminou com seu noivo está se sentindo sozinha?

Sem nem olhar para ele eu respondo:

— Eu tenho a Gil.

Antes que ele possa falar qualquer besteira, vou logo esclarecendo:

— Não para isso que você está pensando! Quero dizer para companhia. Ela é minha amiga e divide o apartamento comigo e sempre posso contar com ela.

— Mas, e se ela não morasse com você?

— Eu não conseguiria. Não consigo ficar sozinha. Não gosto.

— Por que não?

Eu não quero contar detalhes da minha vida para ele, ainda mais detalhes de um passado que eu tento a todo custo esquecer. Sou salva por uma batida na porta e corro para atender.

Como eu imaginei, Sebastian faz uma careta quando vê as saladas.

— É disso que eu estava falando. Gosto de comer o que eu quiser, e não um

monte de folhas escolhidas por uma mulher. — ele pega o telefone e pede dois hambúrgueres pra gente e tenho que rir.

Enquanto comemos o enorme hambúrguer que ele pediu, seu celular toca. Ele sequer faz menção de se levantar para atender. Resmungo um xingamento e atendo o celular. A pessoa do outro lado fica em silêncio, mas eu posso ouvi-la respirar.

— Olá? Quem fala?

A pessoa não responde e desliga.

— Estranho, tinha alguém na linha, mas não quis falar. Deve ser um dos seus casos. — falo e jogo o celular para ele, bem na hora que ele toca de novo.

Sebastian olha o número não reconhecendo e atende. Então sua expressão muda totalmente. Ele gagueja um pouco, se levanta e sai de perto de mim. Alguns minutos depois, quando sai do quarto, está com uma expressão de raiva. Ele pega outra cerveja e se joga no sofá. Como ele não toca no assunto, não quero perguntar o que era. Aviso que vou tomar um banho antes de terminar um relatório que precisaria apresentar a Adrian no dia seguinte.

Saio do banheiro após vestir uma calça de ginástica e um top, e percebo que Sebastian não está na sala. Eu vou bater na porta do quarto, mas ela está aberta. Entro e ele está debruçado na cama, minha bolsa revirada e ele com minha agenda na mão.

— O que está fazendo?

Ele dá um pulo e deixa a agenda cair. Então, eu a pego rapidamente. Espero que ele fique sem graça por ter sido pego no flagra mexendo nas minhas coisas, mas ele sorri.

— Está gostosa com essa barriga de fora.

— Quero saber o que estava fazendo mexendo nas minhas coisas!

— Mexendo nas suas coisas?! — fala ele se divertindo.

— Então podemos mexer nas coisas um do outro?! Simples assim?

— Você pode mexer à vontade nas minhas coisas, mas não me responsabilizo se ficar traumatizada com algumas coisas que pode encontrar!

Perco a paciência.

— Sebastian, Por que estava mexendo na minha agenda?

Ele fica sério.

— Porque queria vê-la.

— Para quê?

— Para ver o que o idiota do Luciano escreveu para você, satisfeita?

Fico sem reação. Por que ele quer ver isso? Ele parece nervoso depois que confessa, mas eu não entendo qual sua curiosidade no que Luciano e eu estávamos falando. Mesmo porque não é nada demais!

— E você encontrou o que queria?

— Não, você chegou antes.

— Ótimo. — falo enfiando a agenda na minha calça e saindo do quarto.

Ele vem atrás.

— Isso quer dizer que você não vai me dizer o que vocês conversaram, ou prefere que eu pegue a agenda de dentro da sua calça? Porque eu escolho a segunda opção!

— Isso quer dizer que se você mexer nas minhas coisas de novo, eu vou cortar fora seus dedinhos!

— Qual é Morelli? Não deve ser nada demais! Qual o problema de me mostrar?

Eu sorrio para ele.

— Problema nenhum. Eu só não quero te mostrar. Ele escreveu para mim, na minha agenda e não para você!

Ele fecha a cara, mas não insiste e se joga de novo no sofá. Quando abro o notebook, tem uma chamada de vídeo da Gil. Ligo de volta e vejo minha amiga com seu cabelo vermelho estiloso, sentada no nosso sofá. Sinto saudade de casa.

— E aí? Como está o Rio?

— Chato. E você, o que tem de novo?

Ela pega o notebook, vira pelo apartamento e posso ver que ele está repleto de flores.

— O que é isso Gil? Assaltou uma floricultura?

— Não! Isso é o peso na consciência do seu ex.

Faço uma careta.

— Por que não joga tudo isso fora?

— Porque cheiram bem e são bonitas. Deixe as pobres flores, elas não têm culpa.

Sebastian se levanta e vem ver com quem eu estou falando. Dá um “oi” para Gil, pega uma cerveja e se joga de novo no sofá. Gil arregala os olhos e fica se abanando.

— O que esse gato está fazendo pelado aí com você?

— Ele não está pelado e nem está comigo. Bom, não como você imagina! Estamos no mesmo quarto no hotel, só isso.

— No mesmo quarto? Celina, você está no mesmo quarto com esse “deus do sexo”? Você vai transar com ele! Eu sabia.

Apresso-me em abaixar o volume do notebook quando ouço Sebastian rindo.

— Quer falar mais baixo? E eu não vou transar com ele, não viaja! Só estou aqui com ele porque não reservei um quarto para mim. Acredite! Nossa convivência não poderia ser pior...

— Sexo com ódio é o sexo mais quente!

Eu tenho que rir.

— De onde tirou isso?

— Aposto como ele já tentou transar com você!

Devo ter corado, porque ela começa a gritar. Então, me desespero pedindo que faça silêncio.

— Claro que não tentou! Sou a secretária dele, nada mais!

Nesse momento ouço um gemido, seguido de um grito e mais gemidos. Levanto a cabeça e vejo Sebastian sentado no sofá de frente para a tela, que mostra um casal transando. Oh céus! Ele vai mesmo assistir um filme pornô na minha presença?

— Que “gemeção” é essa, aí? Celina, o que está acontecendo?

— Gil, depois eu te ligo. — falo e fecho o notebook.

Cruzo os braços e espero, mas Sebastian nem se mexe. Então me levanto e paro na frente dele, tampando a vista da tela.

— Você não tem respeito? Há uma dama com você no aposento, não pode ficar vendo essas porcarias.

Ele avalia meu corpo todo e de repente, me puxa pelo braço para o colo dele. Eu começo a gritar e ele tenta me beijar. Eu desvio enquanto ele ri, mas posso sentir a ereção dele através da calça. Quando consigo me desvencilhar dele, estou descabelada, meu top torto e ele com um sorriso satisfeito no rosto.

— Você ficou louco? Vou agora mesmo registrar um boletim de ocorrência contra você!

— Já que vai fazer um escândalo, me deixe ao menos consumir o ato. — ele me puxa de novo, mas consigo me soltar.

Ele começa a rir.

— Relaxa Célie, eu estava vendo um filminho bom, mas você entrou de repente na minha frente com esse top minúsculo... Achei que quisesse um pouco de diversão também!

Faço uma careta, pego o controle no sofá e desligo a tela.

— Agora chega, Sebastian! Vá tomar um banho e depois dormir para se preparar para a reunião de amanhã! — ordeno.

Ele sorri e se levanta. Acho que vai falar alguma coisa, mas ele sai resmungando para o banheiro.

Volto para o notebook e começo a conversar com a Gil pelo bate-papo. Será mais seguro caso Sebastian apareça só de cueca por aqui. Meu Deus! Que ele não resolva fazer isso! Aguentar ele sem camisa já é demais para a minha libido, só de cueca então!

Começo a tentar explicar a ela que não aconteceu nada além de que ele tenha

me irritado como sempre. Depois de um tempo, Sebastian sai do banheiro, vai ao quarto e sai de lá com uma camisa social amarrotada.

Ele joga a camisa social azul em cima da mesa, perto de mim e sequer me olha antes de ordenar:

— Passe essa camisa! Preciso usá-la amanhã. — e se afasta, voltando a se deitar no sofá.

Minha primeira reação é querer mandá-lo para aquele lugar, mas apenas praguejo baixinho e continuo conversando com a Gil.

Depois de um tempo, ele se levanta para pegar outra cerveja e pelo canto do olho o vejo fazendo uma careta ao ver a blusa ainda embolada em cima da mesa.

— Eu acho que mandei você passar essa blusa há meia hora! Ou será que você não escutou?

Sem desviar meus olhos da tela do notebook, respondo:

— Ouvi sim. Só não sabia que estava falando comigo, já que sou sua secretária, não sua passadeira!

Ele arregala os olhos:

— Como?

— Eu quis dizer que não é função de uma secretária passar sua roupa!

— Eu entendi o que você quis dizer.

Ele se senta de novo na ponta do sofá, perto de mim e coloca a mão na minha perna. Então me olha com toda aquela beleza jogada em mim:

— Será que você poderia, por favor, passar essa blusa para mim?

Ele se aproxima tanto de mim, que eu posso sentir seu hálito me causando arrepios e tenho que respirar fundo para que ele não perceba o efeito que me causa. Ele pode ser um idiota de marca maior, mas é uma tentação! Ainda bem que eu já estou vacinada contra caras do tipo dele. Tiro sua mão da minha perna e dou meu melhor sorriso:

— Não!

Ele parece surpreso.

— O quê?

Eu bufo impaciente, será que eu precisarei ficar repetindo tudo?

— Eu disse que não posso passar a blusa para você.

— Eu entendi. E por que não?

— Porque eu não estou com vontade.

Ele me olha por um momento como se quisesse me estrangular. Então, respira fundo e abre aquele sorriso delicioso:

— Por favor, é que eu não posso aparecer amassado na reunião amanhã e o serviço de quarto não atende mais a essa hora.

Sorriso de volta:

— Se vira!

Ele se levanta, puxa a blusa, entra no quarto e bate a porta.

Quando vou me deitar, ele está dormindo na outra extremidade da cama novamente, bem longe de mim. Eu me deito sem fazer barulho, aproveitando aquela cama maravilhosa. De repente o braço dele rodeia minha cintura e ele me puxa para junto dele. Eu resmungo, mas ele finge estar dormindo. Então dou uma cotovelada nele, não bato com força, mas é o suficiente para ele se afastar e falar que eu não preciso ser tão estressada, que ele só está “brincando”. Com isso, ele se afasta novamente e vira de costas para mim. Mesmo estando naquela cama enorme e confortável, mesmo morrendo de sono, não consigo dormir direito. Além de estar consciente da respiração dele tão perto de mim, ainda sinto o calor do braço dele na minha cintura. Merda! Eu quero dormir nos braços dele. Repreendo-me mentalmente, fecho bem os olhos e adormeço.

Durmo como um bebê e acordo sentindo um calor delicioso em volta do meu corpo. Uma respiração na minha orelha e dois braços em volta me apertando. Mexo-me um pouco e percebo algo cutucando minha bunda. Paro de me mexer, abro os olhos, e me vejo deitada nos braços de Sebastian, de “conchinha”.

Quando isso havia acontecido? Eu dormi pensando nele. Reparo que estou no meio da cama, o que significa que, ou ele me arrastou até aqui (o que é improvável porque eu acordaria), ou que eu procurei por ele a noite!

Céus! Eu dormi com ele! Sinto meu rosto esquentar, não quero me mexer, para não ficar esbarrando na ereção dele, mas ele está com os braços apertados em volta do meu corpo. Não tenho saída. Tento sair do braço dele sem acordá-lo, mas enquanto rebolo para me soltar, ele sussurra:

— Continua fazendo isso e eu vou gozar aqui mesmo.

Dou um tapa no peito dele e puxo os seus braços, beliscando até ele me soltar. Não importa se fui eu que procurei pelo corpo dele a noite, ele é um abusado!

Preparamos tudo para a reunião com Adrian. Sebastian não falou nada comigo sobre eu ter procurado por ele a noite, e ele é do tipo que tiraria uma com a minha cara por causa disso, não é?

Será que havia sido ele mesmo que havia me agarrado? Entramos no elevador e reparo a camisa social azul toda amassada. Quando ele se vira, tem um queimado no formato perfeito de um ferro atrás. Tento segurar a risada, mas não consigo. Ele me olha e tenho que explicar:

— Acho melhor você colocar o terno.

Ele olha pelo espelho e solta um palavrão ao avistar a marca.

— Você me paga por isso!

Capítulo 06

Sebastian

O perfume da maldita Morelli está confundindo meus pensamentos no elevador. Vou deixar uma coisa bem clara: eu quero muito transar com essa mulher, e se ela der qualquer pista de que também quer isso, eu vou com tudo.

Mas não vou tentar seduzi-la. Eu poderia tê-la facilmente se me esforçar um pouco mais: uns presentinhos aqui, umas palavras românticas ali e ela estaria na minha! Ainda mais no estado frágil pós-rompimento em que ela se encontra. Só não vou fazer isso, porque ela já sofreu bastante, eu não sou o homem que vai pedi-la em casamento e ser fiel.

Ela não precisa de mais um idiota que não consegue frear o pau, na sua vida. Por isso, tenho que me contentar em admirá-la, porque cara, ela é gostosa! E gosto de falar besteiras com ela só para irritá-la. Porque ironicamente, quando ela está mais irritada, é quando fica mais bem humorada! Com aquelas respostas sarcásticas e todo seu atrevimento...

Um homem, como o Luciano, por exemplo, daria tudo para tê-la em casa. E esse é mais um motivo pelo qual ela não vai de maneira nenhuma sair com ele. Eu não permitirei que ela seja seu próximo troféu, como era a primeira esposa dele.

Luciano e eu já saímos juntos algumas vezes, e sei que ele gosta de mulheres atrevidas e indomáveis, como a Celina, mas ele saía comigo enquanto era casado. E se eu não vou trepar com ela para não colocar outro infiel na vida dela, não permitirei que Luciano faça isso! Tenho que rir de mim mesmo; eu, o bom cara, deixando de ter relações sexuais com uma mulher gostosa e ainda impedindo que outro imbecil o faça, para protegê-la. O mundo deve mesmo estar acabando.

Ela está o mais longe possível de mim no elevador, e cada vez que olha para mim, cora. Isso se deve ao fato dela ter me procurado a noite. Imagine como fiquei surpreso quando a mão dela tocou minha barriga, ela nem precisou insistir, eu rapidamente passei meus braços em volta dela e dormi com ela assim. E foi a primeira vez na minha vida que eu dormi com uma mulher gostosa sem trepar.

Estranhamente, estou me sentindo bem, dormi como não fazia há dias! Quando ela me procurou à noite, percebi que ela estava dormindo. Até torci para que ela fosse sonâmbula... Imagina se ela procura por sexo enquanto dorme? Eu seria o homem mais sortudo desse planeta!

Ela está mesmo muito calada, preciso ouvir um pouco sua voz:

— Achei que fosse me agradecer depois de ontem. — falo.

Ela me olha confusa:

— Agradecer pelo que exatamente?

— Por eu ter tê-la abraçado durante a noite. Você sabe, resmungou e veio para cima de mim como uma menina carente! Eu poderia ter sido mau, e já que não iria transar com você, te empurrar para o seu lugar ou te acordar. Mas, eu fui um cara legal! Eu te abracei até que se acalmasse e deixei você dormir comigo.

Ela parece em choque por um segundo. Depois cora e abaixa a cabeça. Espero por uma resposta sarcástica dela, ou um pedido de desculpas; de vez em quando ela é humilde. Mas seus ombros sacodem e ela começa a chorar: coloca as mãos no rosto e fala com voz de choro:

— Me desculpa! Eu sinto falta de dormir com meu noivo e estava sonhando com ele. Achei que você fosse ele. — ela funga — Eu só queria sentir o calor dele me envolvendo de novo... Desculpa-me se te perturbei, vou voltar a dormir na poltrona!

Eu fico em pânico! Não sei lidar com mulheres chorando. Ainda mais uma que tenha passado por tudo que ela passou, e sendo eu, o insensível que fui ao tentar zoar com ela! Sinto-me ainda pior.

Coloco a mala no chão e me aproximo sem jeito. O que eu posso fazer? Lembro que abraçá-la a acalmou da outra vez, então pego suas mãos, que estão em seu rosto, e as puxo para baixo, de modo que a puxo para mais perto. Então, falo:

— Me desculpa, Célie! Eu não me importei, não queria magoar você. Você não teve culpa, não me incomodou, não precisa dormir na poltrona.

Quando olho para o rosto dela, não há nenhuma lágrima. Pelo contrário, ela está sorrindo.

— Brincadeira! — diz com toda alegria e me empurra afastando-me — Não precisa olhar desse jeito. Tenho certeza que você apreciou muito ao dormir de conchinha com uma mulher para variar. E eu não ouvi você reclamando durante a noite. Pelo contrário, você estava bem “felizinho” com a minha companhia essa manhã.

Eu ainda estou em choque! Sinto vontade de estrangular essa maldita por me deixar numa situação dessas, mas tenho que dar o braço a torcer. Foi engraçado.

— Sabe Morelli, quando eu digo que você precisa ter mais senso de humor, não é disso que eu estou falando.

Ela abre aquele sorriso lindo e algo faz um barulho, parecido com um grilo. Ela pega o celular da bolsa e olha a tela.

— Achei que você tivesse dito que não ia trazer isso.

Ela fica um tempo olhando a tela e depois joga o celular na bolsa. Pelo seu

semblante, imagino que seja o tal Edmundo. Ele não dá trégua! A alegria some de seu rosto e percebo que ele ainda mexe com ela. Será que ainda o ama? Será que ainda o perdoará quando a gente voltar para casa?

De repente me dá uma vontade súbita de ficar mais tempo aqui. Talvez haja mais investidores para conquistar, mais reuniões. Talvez a filial do Rio precise de maiores acompanhamentos. Qualquer coisa que a mantenha mais tempo aqui comigo e longe daquele retardado do ex dela. E por que caralho eu estou pensando isso? Se ela voltar para casa e voltar para aquele idiota é problema dela! Deus! Estou ficando louco!

Chegamos ao prédio da V.D.A. e percebo que ela passa de cabeça baixa e ainda recebe uns cochichos pela cena do dia anterior. Adrian, já chegou e sequer olha para mim quando saímos do elevador. Vai logo para cima da Celina, dizendo que ela está linda e tomando sua mão até a sala de reuniões.

Durante a reunião toda, eu tento falar com ele e ele fica dando em cima dela. Quando eu fico nervoso, ele apenas diz:

— Não precisa ser chato Vaughn, você sabe que vou dar o dinheiro a você, só me deixe conseguir algo com a belezura aqui!

Maravilha! Um dos investidores eu já consegui! Quero comemorar. Ainda mais quando Celina dá três foras educados em Adrian, e um quarto não tão educado.

Ele me chama em um canto antes de sair:

— Difícil essa sua secretária, hein?! Mas quanto mais difícil melhor. Você já conseguiu pegá-la?

— Eu? Eu não! Ela é minha secretária, nós não...

— Não venha com essa para cima de mim, Sebastian! Nós dois sabemos que você não resiste a um rabo de saia, ainda mais um tão lindo quanto o dela. O que rolou entre vocês? Porque se ela for do tipo que está apaixonada pelo chefe, eu não tenho a mínima chance!

— Não, não rolou nada entre a gente! Se ela não te der uma chance é por incompetência sua mesmo.

Ele faz uma careta e vai se despedir dela mais uma vez.

Eu estou feliz. Um dos negócios foi garantido bem mais fácil do que imaginava. Não que Adrian seja inteligente o suficiente... Ele não é mesmo! Mas, esperava que por ser tão burro, fosse mostrar mais resistência. O fato de que ele tenha concordado tão rapidamente é excelente, pois deste modo poderei me concentrar nos outros dois investidores que preciso.

A isca para Luciano já foi lançada, o que me lembra do jantar da Celina com ele. Quase acaba com meu humor! Durante todo o dia, resolvo me vingar da Celina por não poder tirar meu terno. Não é sua obrigação passar minhas roupas,

mas ela não morreria se tivesse feito esse pequeno favor. E olha que eu pedi com educação! Bom, pelo menos a partir da segunda vez.

Fico o dia todo mandado ela para todo lado, ela não fica sequer cinco minutos sentada na mesa dela. E a cada coisa absurda que eu peço, faço questão de lembrá-la que faz parte das funções dela, cada vez que me olha como se não entendesse o porquê eu estou pedindo tal coisa. Só de cafés, faço-a pegar uns quinze! Tomo um gole e peço outro. Estou vendo a hora em que ela vai arremessar todos os cafés na minha cabeça, mas está no horário de trabalho dela, e apesar de ser desbocada e atrevida, é uma boa funcionária.

Dispenso o motorista na hora de irmos e vou dar uma volta pela orla da praia com a Celina, para que ela conheça um pouco. Descemos do carro e a convido para andar pela areia. Espero que ela vá me bater por já ter andando o dia todo no escritório, mas ela apenas fica surpresa e aceita. Ela deixa o sapato no carro e tira o casaco, descendo com uma blusa de seda de “alcinhas” e uma calça social.

Vamos andando pela praia, sem falar nada. Ela também parece feliz por ter dado certo o primeiro investidor. Avisto uma barraca de água de coco e paro ali. Pego um coco e dou-lhe o outro. Ela fica me olhando por um tempo, e parece confusa.

— O que foi Célie?

— Você é tão estranho.

— Obrigado, eu acho.

— Não, eu só acho você diferente. Você toma cerveja, come sanduíches de rua, bebe água de coco em barracas. E você nem se importou de dividir seu quarto de hotel com sua secretária. A maioria dos empresários famosos e ricos como você tem um gosto mais seletivo para as coisas!

— Você quer dizer que a maioria dos ricos que você conhece são frescos. .

Ela ri.

— Isso. O Matheus mesmo é um merda “dum” fresco, você já viu os almoços dele?

Tenho que rir, ele é mesmo.

— Mas você não, você parece tão simples.

Dou de ombros e continuo tomando minha água de coco.

— Você sempre foi rico?

— Não. Eu nasci em uma família de classe média, mas quando meu pai foi embora, as coisas pioraram. Minha mãe costurava para fora e eu vendia biscoitos na rua para sobrevivermos.

Espero encontrar aquele olhar de pena, o mesmo que a Jamille me deu quando contei a história a ela, mas Celina parece fascinada.

— Jura? E como foi que ficou tão rico?

— Sendo muito esforçado e inteligente.

Ela faz uma careta.

— E convencido.

— Não, isso veio depois que fiquei rico. Eu conheci o Matheus e o Cleber na faculdade. Já estava com essa ideia dos hotéis há algum tempo, mas não tinha capital. Eles tinham, mesmo sendo “frescos”, como você disse. Eu era mais inteligente e fazia os trabalhos deles. Assim, ficamos amigos. Quando nos formamos, resolvemos tirar do papel minhas ideias, eles entraram com o capital, e eu com o trabalho pesado. Por fim, estamos aqui hoje.

Ela parece admirada.

— E hoje você é chefe, irritante, folgado, rico e pervertido.

— Não, eu já era irritante, folgado e pervertido antes de ser rico. Acredite, as mulheres já ficavam loucas com o meu pau desde quando eu tinha quinze anos.

Ela me dá um tapa.

— Não, estávamos conversando numa boa, sem detalhes sórdidos nem sua imaginação fértil.

Eu dou uma gargalhada.

— Não é imaginação Morelli. Ainda vou provar para você que sou muito melhor do que imagina.

Ela ri, sai andando e eu a sigo. Não falamos nada por mais um tempo, mas quando o sol está se pondo, a luz banha os seus cabelos deixando-os mais negros, e destacando o branco de sua pele. Ela é linda. Permaneço alguns minutos apenas admirando sua beleza, enquanto ela olha o sol se pôr.

— É lindo não é? — pergunta ela.

— Muito, muito linda.

Ela me olha por um tempo, e depois volta a andar.

— E a sua mãe? Deve estar muito orgulhosa de você.

— Ela faleceu quando eu tinha quinze anos. Ainda não tinha vindo para o Brasil.

Ela para de andar e coloca a mão no meu braço.

— Eu sinto muito.

— Foi há muito tempo. — respondo, mas faço uma cara de tristeza e ela passa os braços pela minha cintura. Eu a abraço e finjo suspirar para ficar mais um tempo ali.

— Sabe, eu acho que você não está triste coisa nenhuma. Só está se aproveitando de mim!

Eu começo a rir. Ela se afasta e me dá um tapa. E assim caminhamos mais um pouco, antes dela dizer que não aguenta mais andar. Então, voltamos para o hotel.

Celina

Ele foi insuportável me dando ordens que faziam parte do meu trabalho o dia inteiro. Teve uma hora que ele chegou a me pedir um relatório que eu sabia que não ia precisar, e depois que tive todo o trabalho de deixar prontinho, quando fui entregar, ele me disse que havia mudado de ideia e me mandou jogar o relatório no lixo. Idiota!

Mas depois que saímos do escritório, me surpreendeu com aquela caminhada na praia. E me surpreendeu mais ainda contando um pouco de sua vida, e isso foi uma merda. Saber que era pobre e que tudo o que conseguiu foi por mérito dele, o torna aos meus olhos, uma pessoa melhor. E eu já ando tendo pensamentos demais com Sebastian Vaughn, mesmo ele sendo cem por cento idiota. Não preciso admirá-lo para piorar tudo!

Assim que chegamos ao quarto, praticamente me joga no sofá e tiro os sapatos. Meus pés estão me matando. Ele joga a pasta no sofá ao meu lado. A reunião havia sido ótima, com os resultados que ele queria, mas ele parece tenso. Eu não entendo qual motivo ele teria para não estar comemorando ainda. Será que está com medo por causa de Luciano Cartariam? Ouvi dizer que ele é terrível, uma raposa velha, como Sebastian o chama.

Sebastian se joga ao lado da pasta no sofá e ordena:

— Me traz um Martini.

Gemo. Eu terei mesmo que me levantar?

— Agora! — ordena ele.

Pronto. O chefe admirável foi embora, e o irritante e folgado está de volta. Quando vou me levantar, vejo no relógio de pulso que já passa das oito horas da noite. Havíamos feito um trato quando aceitei a viagem, que estipulava um horário para o término dos meus serviços, a não ser no dia do tal coquetel. Então me sento de novo e fecho os olhos sorrindo.

Mesmo sem abrir os olhos, eu posso sentir o olhar dele em mim.

— Qual o seu problema? Eu preciso repetir a ordem?

— Não.

Continuo de olhos fechados

— O que você está esperando? Precisa que eu desenhe para você o que eu quero?

Uau! De onde saiu tanto mau humor? Ele está mais de lua que mulher de TPM.

— Não. — respondo.

Ele praticamente grita:

— Então?

— Eu não vou.

— O quê? Não precisa repetir, eu entendi. Quero saber por que você não vai? Viro meu pulso para que ele possa ver meu relógio; ele me olha sem entender:

— São mais de oito horas, meu horário de trabalho é até as sete!

Ele solta um palavrão. Então, quando acho que vai me deixar em paz, ele joga uma nota de cinquenta em mim.

— Toma. Hora extra. Agora prepara meu drinque.

Eu jogo a nota de volta nele. Por mais que precise de dinheiro, tenho meu orgulho.

— É mais fácil eu te pagar só para ter o prazer de te ver preparando seu próprio drinque.

Resmungando, ele se levanta e vai fazer o drinque. Eu me levanto também e gemo quando meus pés tocam o chão.

— Algum problema? — ele pergunta e só então reparo que ele está olhando para mim.

— Nada demais! São meus pés. Vou tomar um banho e me deitar.

— Tome um banho e venha aqui que eu vou fazer uma massagem nos seus pés.

Olho para ele desconfiada:

— A troco de quê?

Ele dá uma gargalhada.

— Por Deus, mulher! A troco de nada. Eu não vou morrer por fazer uma massagem no seu pé, deixe de ser desconfiada! Aliás, eu sou muito bom em massagem.

Faço uma careta.

— Claro que é.

Ele dá um sorriso malicioso.

— Eu sou bom em muitas outras coisas também.

Tomo banho bem devagar, aproveitando a água quente. Não consigo tirar da cabeça a tarde na praia com Sebastian, nem aquele papo de fazer massagem em meus pés. Espero que ele esteja brincando.

Quando saio do banho e vou me vestir, tenho um dilema: não esperava ficar no mesmo quarto que ele quando viajei, então trouxe apenas roupas confortáveis para dormir, uma camisola transparente, um top, um short minúsculo e minha calça de ginástica. Nenhuma blusa velha e comprida, nada decente!

Depois de ficar um bom tempo escolhendo o que posso vestir, decido não vestir nada. Se ele me pedir para tirar o roupão, e eu não estiver usando nada, posso dizer que estou só de lingerie e pronto! Faço questão de não vestir a

calcinha preta dele, aff! Enrolo-me no roupão e saio para a sala.

Para a minha surpresa, ele arredou a poltrona colocando-a de frente para o sofá e tem um pote de alguma coisa em suas mãos.

— Sente-se Célie, e relaxe.

Ainda desconfiada eu me sento o mais cuidadosamente possível para ele não ver nada, mas meu roupão abre e ele arregala os olhos.

— O que você está usando por baixo desse roupão?

Sinto-me corar:

— O normal. Calcinha, sutiã.

— E?

— Mais nada.

Ele abre um sorriso malicioso e respira fundo.

— Ah Célie, como eu vou dormir depois de saber que você está quase nua por baixo desse roupão?

— Muito bem, eu imagino.

Ele sorri e senta na poltrona de frente para mim. Pega meu pé e passa algo gelado nele, então reparo que o pote que está em suas mãos é algum hidratante. Fecho os olhos enquanto ele faz a mágica nos meus pés, e como ele é bom nisso!

Suas mãos ágeis passam por todo meu pé e me sinto relaxar como há muito não fazia. Acabo gemendo, e ele para quando faço isso.

— Me desculpe.

— Tudo bem, pode gemer à vontade. Eu gosto de ouvir você.

Coro mais ainda e volto a fechar os olhos. Logo, as mãos dele passam para o meu tornozelo, e ele começa a massagear minha perna. Como ele é bom com as mãos! Isso faz passar pela minha cabeça várias imagens dele usando aquelas mãos em outros lugares, mas me repreendo no mesmo momento em que penso nisso. Ele deixa meus pés e se levanta. Abro os olhos resmungado:

— Calma, vou só ligar o som.

Ele coloca uma música lenta para tocar e eu desconfio.

— Para que a música?

— Para te ajudar a relaxar.

— Você não está tentando me seduzir, não é?

— Por que? Estou conseguindo?

Eu preparo para me levantar, mas ele me empurra gentilmente de volta ao sofá.

— Relaxa Morelli, não estou tentado te seduzir. Se eu a quisesse, não precisaria fazer isso. Eu a teria e pronto!

Faço uma careta e volto a fechar os olhos. Logo, as mãos mágicas dele estão de novo nos meus pés, e nas minhas pernas. Deixo-me levar pela música e pelo

toque dele. Ele vai subindo o toque até tocar minha coxa, e quando ele faz isso, sinto meu corpo todo acender e algo pulsar no meio das minhas pernas. Gemo de novo. Percebo que ele também geme e abro meus olhos. Meu roupão está aberto nas pernas e ele está com as mãos na minha coxa e o rosto bem próximo do meu centro. Eu me assusto e me levanto. Ele ainda respira fundo antes de se levantar também.

— Você não relaxa mesmo, hein!

— Você disse que ia massagear meus pés, não minhas coxas!

— Achei que você estava com o corpo todo muito tenso.

Percebo ele balançar o pescoço de um lado para o outro. Penso em oferecer uma massagem, mas mudo de ideia. Ele aperta os ombros e penso de novo na massagem, afinal ele foi legal ao fazer massagem em mim. Ele se senta na poltrona e continua balançando o pescoço de um lado para o outro. Quando ouço um estalo e ele geme, me decido. Vou para trás da poltrona e começo a massagear os ombros dele.

Assim que o toco ele se assusta, mas olha para mim e abaixa de novo a cabeça, deixando que eu o massageie. A camisa social fica escorregando na minha mão, fico sem graça de ter que pedir isso, mas não tem outro jeito:

— Preciso que tire sua roupa.

Ele arregala os olhos com um sorriso malicioso:

— Tiro tudo o que você quiser, Morelli!

— Só a camisa! Está atrapalhando a massagem.

Ainda sorrindo ele tira a camisa, abrindo botão por botão lentamente e olhando nos meus olhos. Percebo que já estou arfando e quase perco o fôlego; volto a mim e olho para outro lado. Ele ri. Quando termina, se senta de novo e me chama.

— Pronto Morelli. Se quiser que eu tire mais alguma coisa é só falar. A propósito, você está sexy pra caralho com essa lingerie vermelha!

Finjo não ter escutado o comentário e continuo a massagem. Mas, assim que meus dedos tocam a pele nua dele, sinto um choque percorrer meu corpo e outro pulsar no meio das minhas pernas. Céus! Se ele quisesse me seduzir, conseguiria facilmente. Mesmo sem tentar fazer isso eu já estou ficando louca! Ainda bem que ele disse que não quer nada comigo.

Mas por que ele não quer nada comigo? Se ele pega a Lurdinha e a Mônica, por que não eu? O que tem de errado comigo? Começo a ficar com raiva da rejeição dele e aperto demais seu ombro, ele grita e segura a minha mão.

— Relaxa, Célie! Está tentando se vingar de mim por ter feito você andar tanto hoje?

— Não, me desculpa, vou fazer mais devagar.

— Fazer devagar é o segredo Célie.

Me sinto corar e continuo a massagem. Mas cada vez que ele se mexe, ou emite qualquer som, eu sinto aquela pulsação no meio das pernas. O ombro dele está quente sob meu toque e de repente me vejo abaixando a mão e descendo por seus braços. Ele fica tenso, mas num movimento, me puxa pelo braço e me joga no sofá.

Meu roupão abre e ele já está em cima de mim, beijando meu pescoço, me deixando louca. Ele dá mordidas no meu pescoço e chupa o lóbulo da minha orelha. Eu sou toda sensações e pulsações nesse momento. Ele vai abaixando os beijos até meus seios, e os rodeia com a língua. Eu não aguento mais, preciso tê-lo em mim. Ele sobe me beijando e beija meu queixo. Quando olha em meus olhos para de beijar minha boca, eu me toco do que estou fazendo. É apenas um segundo de lucidez, mas nesse segundo eu o empurro e me sento arfando.

— Meu Deus! Desculpa-me. Eu não devia ter tocado você, desculpa. — começo a me desesperar.

— Relaxa Célie! Está tudo bem. Não aconteceu nada. — ele parece nervoso

— Eu vou tomar um banho. — ele fala e sai. Logo depois, bate a porta do banheiro.

Quando vou para o quarto, não quero me deitar na cama. A tensão sexual entre nós não está só na minha cabeça, ela existe. E se eu dormir com ele acabaremos transando, eu não sou de ferro, afinal de contas! Fico em pé ali analisando a cama, decidindo o que fazer, quando ele aparece atrás de mim, sem camisa, com o corpo molhado e eu quase o agarro ali mesmo.

— Não se preocupe. Eu não vou dormir com você. — diz ele.

— E onde vou dormir?

— Na cama.

— Mas e você?

— Eu durmo no sofá.

— Não, eu não posso permitir isso. É seu quarto, sua cama. Você dorme na cama, eu vou para o sofá!

Ele bufa e se aproxima de mim. Então pega minhas mãos.

— Célie, eu não posso dormir perto de você porque não vou parar da próxima vez que tocar em você. Então, para o seu bem é melhor que eu durma longe. Eu nunca permitiria que você dormisse no sofá enquanto eu durmo na cama. Então, ou eu durmo no sofá e você na cama, ou nós dois dormimos na cama e aí transaremos a noite inteira. O que você prefere?

Minha cabeça dá um nó. O que eu prefiro? Prefiro mil vezes transar a noite inteira. Transar agora! Mas a razão ainda está ali. Eu abaixo a cabeça e agradeço pelo sacrifício dele. Ele parece desapontado, mas pega suas coisas e sai do

quarto.

Sebastian

Levanto-me cedo e vou ao quarto pegar uma roupa. Celina está dormindo, metade do corpo descoberto. Então posso admirar aquelas pernas deliciosas e um pedaço de seu sutiã vermelho; aquela lingerie vermelha destaca a brancura da sua pele e até seus olhos de gata, deixando-a ainda mais linda.

Eu sei que disse que não transaria com essa mulher, sei que ela merece coisa melhor do que eu, mas mesmo não tentando seduzi-la, ela me deseja, e isso é demais para mim. Se eu conseguir chegar tão perto do corpo seminu dela de novo, não pararei.

A quem estou querendo enganar? Eu quero essa mulher. Quero transar com ela e fazê-la ter todos os orgasmos que deveria ter tido a vida toda. E quero fazê-la rir mais vezes, quero que ela perca toda essa pressão que parece carregar e seja apenas a Celina atrevida e desbocada que ela é. Quero que ela nem pense mais nesse ex idiota, mas só em mim!

Merda! O que está acontecendo comigo? Eu não posso desejar tanto uma mulher que eu sequer cheguei a beijar. Pelo contrário! Uma mulher que me detesta, que me irrita como ninguém mais, que me provoca como ninguém também. Eu preciso transar com ela, é isso. Eu a desejo desde o dia que ela derrubou café em mim, desde quando a vi sem camisa pela primeira vez. Desde aquele dia ando com essa tensão sexual, e nem transando com a Lurdinha isso dissipou, porque não é a Lurdinha que eu quero, é a Celina. E isso só vai passar quando eu estiver dentro dela!

Eu queria ser um homem bom e protegê-la de caras como eu, mas não sou. Sou um homem que pensa com a cabeça de baixo, e nesse momento, a única coisa que eu quero é ter Celina Morelli gemendo nos meus braços. Está decidido, antes de irmos embora, quando não a verei mais, eu vou transar com ela! Ao menos uma vez. Uma vez e eu tenho certeza que essa obsessão toda vai acabar.

Volto a mim, pego uma roupa tentando não fazer barulho e saio. Nós não temos nenhum compromisso durante o dia, apenas um jantar com o Dante, o terceiro investidor.

Vou dar uma volta pela cidade, há muito tempo que não venho aqui. Entro em um shopping, tomo meu café, e depois começo a andar entre as lojas. Passando por uma loja de roupas femininas, avisto um vestido no manequim que chama minha atenção. É um vestido vermelho escuro, justo, não muito curto, mas com uma abertura na lateral e com um decote enorme. É um vestido perfeito para a Celina. Ela ficaria deslumbrante com esse vestido. Eu posso imaginá-la nele

tanto quanto posso me imaginar tirando-o dela depois. Sem pensar duas vezes, entro na loja e compro-o para ela.

Ainda não estou pronto para voltar ao hotel e encará-la; o desejo ainda está em mim só de pensar nela. Passo numa concessionária para olhar novos modelos. Talvez troque um dos meus carros. Dou mais algumas voltas e almoço num restaurante. Quando a tarde está indo embora, não tenho mais nada para fazer. Não tenho saída, a não ser voltar.

Chegando à entrada do Hotel, avisto aquele cabelo negro balançando com o vento de fim de tarde. Olho para uma Celina que eu nunca havia visto, com um sorriso enorme no rosto, sem aquele peso que ela geralmente carrega. Como eu quero que ela seja sempre assim comigo. Mas, ela está sendo a minha Celina para outro homem, pois atrás dela está Luciano Cartariam.

Ela parece sem graça quando me aproximo e me cumprimenta com um leve aceno de cabeça.

— Você dormiu bem? — pergunto a Celina para irritar Luciano, o que funciona bem pela careta que ele faz.

— Sim, e você?

— Poderia ter dormido melhor, você sabe.

Ela cora e desvia o olhar. Logo Luciano me cumprimenta e diz que vai levar Celina para dar uma volta. Eu a lembro do jantar que teremos, mas ela diz que só vai tomar um drinque e já volta.

Eu não estou feliz em deixá-la sozinha com ele, mas pelo menos eles não terão muito tempo juntos. Até ele convencer essa cabeça dura a ir para a cama com ele, a hora deles já terá passado. Assim eu espero!

Capítulo 07

Celina

Ao chegar a um bar próximo ao hotel somos colocados numa mesa com vista para o mar. A brisa do mar me atinge e eu posso respirar esse cheiro delicioso; me passa pela cabeça que se eu tivesse me casado com o Edmundo, poderia talvez ter uma casa na praia.

Logo, afasto esses pensamentos, prefiro continuar morando no meu apartamento minúsculo a ser enganada a vida toda! Volto a mim com Luciano chamando minha atenção. E aqui estou eu, tentando ser de novo a antiga eu, a que eu era antes de me relacionar com o Edmundo. E a antiga eu agarraria esse Luciano em dois tempos.

Ele é muito bonito, charmoso, mais velho, atencioso, tudo que uma mulher pode querer. Então porque em vez de prestar atenção na conversa dele eu estou pensando no Sebastian? Mal dormi durante a noite, sentindo falta dele na cama, e o pouco que consegui cochilar, sonhei com ele. Está me deixando louca! Louca de desejo por ele, e louca por desejá-lo.

Luciano chama minha atenção novamente e me sinto corar por estar tão distraída diante desse homem lindo:

— Me desculpa.

— Tudo bem, espero que sua cabecinha não esteja no trabalho. Conhecendo o Vaughn como eu o conheço, ele deve deixar você louca!

Engasgo na hora com o Martini que estou tomando.

— Como?

— Ele deve te deixar louca, deve dar ordens, gritar o tempo todo e ser bem mal humorado. Que eu me lembre ele é assim.

Respiro aliviada ao constatar que eu não havia pensando em voz alta como costumo fazer. Ele se refere a outro tipo de loucura. E na verdade, tirando o dia em que Sebastian fez isso para se vingar, ele até que está sendo bonzinho comigo. Ceder sua cama, por exemplo, foi um gesto de cavalheirismo que nunca esperaria dele!

— Até que ele não é tão mau assim.

Luciano me olha por um tempo, antes de voltar a falar.

— Então, você é comprometida?

Como uma adolescente envergonhada, faço que não com a cabeça. Na mesma hora me repreendo. Celina sua burra! Por que não pode falar como uma pessoa normal? Faz tanto tempo que eu não paquero desse jeito, que não sei mais como

fazer.

— E sendo você tão linda e solteira, o Sebastian não dá em cima de você? Engasgo pela segunda vez na noite.

— Não! Claro que não! Sou apenas uma secretária.

Ele sorri.

— Não posso imaginar isso. Pelo que conheço do Sebastian ele não resiste a uma mulher bonita, e você é muito bonita.

— Obrigada.

Ele segura minha mão por cima da mesa e a leva aos lábios.

— Pensei que talvez pudéssemos estender essa noite, só você e eu. Damos uma volta pela praia, o que acha?

— Infelizmente não vou poder. O Sebastian tem um jantar de negócios e preciso acompanhá-lo. Fica para outro dia.

Ele parece decepcionado:

— Mas nosso jantar ainda está de pé, não está?

— Claro! — falo e vou me levantando para me arrumar para o tal jantar.

Luciano vem se despedir de mim e acreditem, ele tenta me beijar. Eu desvio o rosto bem a tempo, mas ele beija o canto da minha boca. Eu saio sem graça, mas volto a mim quando entro no elevador e finalmente fico sozinha.

O que eu estou fazendo? Por que não deixei que ele me beijasse? Eu estou mesmo precisando ser beijada. Quem sabe assim não paro de pensar nos lábios do Estúpido Vaughn na noite anterior? Penso em ligar para Luciano do elevador, mas o que poderia dizer? “Oi Luciano, é que eu estou precisando de uns beijos e acho que pode ser você!”. Não, eu tinha que ter cortado o clima?! Como sou burra!

Quando entro no quarto, Sebastian está andando de um lado para o outro. Ao me ver, se aproxima de mim como um louco e me puxa pelo pulso, praticamente me jogando no sofá:

— Isso é hora de dar passeios Morelli? Não sabe que temos um jantar importante hoje?

Olho no relógio e vejo que ainda tenho tempo.

— Acho que cheguei a tempo, então não sei por que está agindo assim.

Ele fica mais nervoso ainda.

— Por que estou agindo assim? Deve ser porque tive uma noite de merda nesse sofá duro!

— Eu não mandei você sair da sua cama!

Se tem uma coisa que me irrita é alguém fazer algo por mim e depois ficar jogando na minha cara. Bem que eu deveria ter desconfiado da bondade desse ser imbecil, tinha que dar nisso.

— Você praticamente mandou! Afinal de contas, você me seduziu e depois se fez de santa.

Tenho que rir. Na verdade, começo a gargalhar. Imagina! Eu, uma mulher nada sexy e sem experiência alguma em sedução, seduzindo um pervertido como Sebastian Vaughn? Ele parece surpreso com a minha reação, mas logo está rindo também.

Ele se joga ao meu lado no sofá:

— Eu disse para você ficar longe do Luciano. Ele vai usar você!

— Talvez eu o use primeiro.

— Você não pode com ele, Célie! Ele te possuiria e acabaria com você antes de você entender o que está acontecendo. E não estou dizendo que você é burra, mas ele é muito esperto, e é acostumado a usar mulheres bonitas!

— Então vocês têm algo em comum!

— Touché! Mas eu não estou tentando seduzir você.

Eu nem respondo. Ele não está mesmo tentando me seduzir, mas eu me sinto totalmente seduzida por ele. Escolho essa hora para olhar a poltrona, ainda de frente para o sofá e lembro-me da cena da noite anterior. Meu corpo todo arrepiava, mas Sebastian me tira de meus devaneios:

— Como vocês se encontraram hoje?

— Ele me ligou.

— Então ele simplesmente te chama e você sai para dar uns beijos nele?

— Ele não me ligou e disse para sairmos e dar uns beijos. Ele disse: “vamos sair para conversar” ...

— É o que os homens dizem quando querem comer uma mulher!

— E o que eles dizem quando querem realmente conversar?

— Homens nunca querem realmente conversar.

Eu jogo uma almofada nele.

— Fale por você, que é um pervertido.

— Devo lembrá-la que tenho muito em comum com o Luciano.

Faço uma careta para ele e vou tomar meu banho. Passei a tarde toda, antes de sair com Luciano, escolhendo um vestido para essa noite, e foi então que percebi que não tinha roupa para ir a um jantar como aquele.

Como o tal Dante, o terceiro investidor é casado, eu acho que Sebastian não precisará que eu o distraia como aconteceu com o Adrian e o Luciano. Então separei um terno cinza sem graça e uma saia preta mais sem graça ainda.

Vou me trocar no quarto para que Sebastian possa usar o banheiro, e quase caio para trás quando abro a porta. Ali, em cima da cama, está um dos vestidos mais lindos que já vi na vida! O vestido vermelho, justo, elegante e com certeza caríssimo. Parece ter sido feito para mim. Fico um tempo apenas admirando-o,

até Sebastian aparecer atrás de mim:

— É para você usar hoje à noite.

— Você pediu a alguém do hotel para arrumar um vestido para mim?

Ele parece sem graça:

— Não, eu vi esse vestido e me lembrei de você. Então resolvi comprá-lo.

Espera! Eu estou mesmo ouvindo isso? Sebastian Vaughn comprou um vestido lindo para mim? A troco de nada? Algo está muito errado! Ele deve ter percebido meu assombro, porque se apressa em explicar:

— Eu imaginei que não tivesse nenhuma roupa decente para o jantar de hoje, então preferi te dar esse vestido a passar vergonha com você!

Pronto! Todo o encanto pelo gesto dele acaba aqui. Ele é mesmo um imbecil. Mostro o dedo do meio para ele, que abre um sorriso e sai falando:

— Esteja linda quando eu sair do banho, Célie. Eu não saio acompanhado por mulheres feias!

Sebastian

Nem preciso dizer o que senti quando a vi com aquele vestido vermelho minúsculo. Ela está simplesmente deliciosa. Por um momento, penso em jogá-la na cama e tirar aquele vestido com os dentes, mas me contenho e vamos para o jantar. No elevador, com o perfume dela enchendo o ar, já começo a provocá-la:

— Então, que calcinha está usando hoje?

Ao invés de soltar um xingamento, ou fazer uma careta, ela sorri. Merda! Se ela deixar de ser uma fera comigo e me deixar se aproximar, eu a terei. Eu já mal tenho controle sobre mim mesmo perto dela, com ela facilitando as coisas, então! Não sairemos desse elevador vestidos!

— Você está me perguntando? E eu que achava que pelo seu grau de perversão, pudesse adivinhar a cor da lingerie de uma mulher!

Tenho que rir; ela está me provocando. Eu nunca tinha visto esse lado dela, mas estou cada vez mais tentado em tirar a roupa dela aqui mesmo.

— Você está usando uma lingerie branca.

Ela me olha espantada e eu seguro o riso. Foi um chute, mas pelo visto eu acertei. Logo, seu espanto some e ela continua como se eu não tivesse perguntado nada.

— Então? Acertei?

Ela dá de ombros e mantém sua cara de paisagem.

— Aí é que está a graça da coisa! Você nunca vai saber. — ela diz e sai do elevador.

Maldita! Antes da noite terminar eu vou descobrir a cor da lingerie dessa maldita! Com toda certeza do mundo.

O clima no carro não podia estar mais quente, quando ela se senta ao meu lado. Seu vestido sobe, revelando suas coxas grossas, e eu quero tocá-las. Fico batucando com a mão no volante para me controlar.

Eu tenho uma decisão na mão: posso agir com a razão e não transar com a Celina, assim não corro risco algum de magoá-la, só ficando ferrado o resto da viagem cada vez que a vir, tendo que dormir naquele sofá duro por mais uma semana e meia (mas, isso será um preço pequeno a pagar pela paz de espírito dela), ou eu posso mandar tudo para o inferno e transar de uma vez com essa mulher. Posso acabar com todo esse tesão reprimido e dar o primeiro e melhor orgasmo da vida dela!

Talvez ela me agradeça depois e nem se importe quando a gente voltar para casa e eu não ligar para ela. Talvez ela prefira gozar uma vez na vida, e ter o

coração partido depois, do que não se arriscar e nunca conhecer as maravilhas de um bom sexo. Não, eu não posso fazer isso! Dou um soco no volante, o que a assusta e tento me controlar até chegarmos ao restaurante.

A viagem até o restaurante parece durar uma eternidade. Quando paro o carro, entrego a chave ao manobrista, abro a porta para a Celina e a ajudo a descer. Ela me olha espantada, pois não sou de gentilezas e não tenho paciência com isso. Mas não sei o que deu em mim, quis abrir a porta para ela.

Eu finjo que não foi nada demais e a conduzo para dentro do restaurante. Avisto Dante e a esposa assim que entro. Vou até ele e apresento Celina; como sempre, ela corrige quando a chamo de Célie, e começamos a conversa.

Dante não está realmente interessado em investir em um hotel internacional. Argumento com ele sobre os possíveis lucros e defendo minha causa. Insisto mesmo sabendo que estou sendo chato, mas ele parece decidido a não investir. Mas eu não sou o tipo de homem que desiste facilmente. Olho para o lado e vejo que Celina conversa animadamente com Mirella, a esposa de Dante. Meus olhos se demoram nela por um instante a mais e Dante já coloca um sorriso no rosto.

— Você sempre teve um ótimo gosto para mulheres, Vaughn.

— Ela é minha secretária.

— Sei. E você não está transando com ela?

— Por incrível que pareça, não.

Ele não parece convencido. Então, escuto um barulho da bolsa da Celina e ela pede licença para atender o celular. Converso um pouco com Mirella, talvez se convencê-la, possa convencer Dante. Todos sabem que ele faz tudo o que a mulher quer. Pouco depois, Celina retorna pálida e se senta quieta à mesa. Mirella também percebe que há algo errado, pois a chama para irem ao toalete e as duas somem lá por uns trinta minutos. Dante fica me falando de suas últimas férias e dos filhos, mas eu estou com a cabeça naquela porta do banheiro que não abre, no quanto elas estão demorando e na expressão de Celina antes de sair. Alguma coisa está errada: será foi o ex que ligou para ela? O que será que ele disse para deixá-la daquele jeito?

Depois de um tempo as duas voltam. Celina está com os olhos vermelhos e sorri. Ela havia chorado. Noto a mudança em Mirella assim que elas se sentam. Ela começa a perguntar pelo investimento e argumentar com o marido que ele deve investir. Olho para Celina que pisca para mim. Ela fez alguma coisa, e convenceu a mulher do Dante a investir na V.D.A.

Finalmente o jantar acaba com a promessa de Dante, que analisará minha proposta e me responderá no coquetel, mas Mirella garante que ele vai investir. Prendo Celina no restaurante por um tempo, até os dois sumirem de vista.

Quando eles saem, parto para cima dela:

— O que você fez?

Ela dá de ombros, como se não soubesse do que eu estou falando.

— Não se faça de boba Morelli. A Mirella nem estava prestando atenção na conversa sobre os investimentos! De repente vocês duas somem e quando ela volta, está toda interessada no negócio e querendo investir.

Um garçom se aproxima e Celina pede uma bebida.

— Não fiz nada. Ela só ficou tocada com minha situação e resolveu me ajudar.

— Que situação?

— Você sabe, sou uma mulher sozinha, quase desempregada e que acabou de ser traída. Quando contei a ela uma parte da minha história, ela ficou com tanta pena que estava disposta a tudo para me ajudar. Eu disse a ela que meu emprego dependia dos negócios que você fecharia aqui, então ela me disse que o marido iria investir!

Ela é incrível! Muito mais esperta do que teria imaginado. O garçom chega com nossos drinques e Celina vira o copo dela e pede outro.

— Parabéns Morelli! Você está me saindo uma excelente executiva.

— Eu deveria ter tentado essa área em vez de me tornar uma secretária e me contentar em ser esposa de um homem rico.

— Você seria muito perigosa, com certeza.

Ela sorri e vira o segundo copo. Logo, seu rosto está vermelho.

— Então, o que aconteceu quando seu celular tocou? Você saiu para atender e voltou assustada. O que foi?

— Nada demais. Era só a Gil com notícias que eu já esperava...

— Que tipo de notícias?

— Notícias do tipo, dívidas!

— Você tem muitas dívidas?

Ela assente.

— Então você é uma dessas descontroladas que sai comprando tudo com o cartão de crédito e agora deve o banco?

Ela sorri.

— Não mesmo! Eu sou uma dessas iludidas que achou que fosse se casar. Que comprou um enxoval caríssimo, pegou o noivo comendo outra e agora não sabe como vai fazer para pagar tudo!

Isso me pega de surpresa! A Celina normal jamais revelaria isso para mim, mas ela está mais solta por causa da bebida. É por isso que ela precisa tanto do emprego: tem dívidas do casamento.

— Por que não faz o imbecil do seu ex pagar tudo?

Ela nega rapidamente com a cabeça.

— Tenho meu orgulho. Só passo por cima dele para aturar você!

Eu sorrio.

— Qual é Morelli? Eu nem sou tão difícil assim!

— Você é quase impossível.

Ela volta a beber e parece triste.

— A sua dívida é muito grande? Ou vai dar para você pagar tudo com o salário que vou te pagar?

— Digamos que o salário que vou receber por essa viagem vai quitar quase metade da dívida.

— E como você vai fazer para pagar o resto?

— Você não quer mesmo que eu encontre a solução mágica para os meus problemas, bêbada, não é?!

— Eu posso dar para você o dinheiro.

Ela engasga.

— Dinheiro não é problema para mim, Morelli! Eu posso te dar. E só me falar de quanto precisa.

— Não, obrigada! Eu nunca aceitaria dinheiro seu.

— Então eu vou dobrar seu salário.

— Claro que não. Nós já temos um contrato.

— Que pode ser alterado... Talvez eu queira te pagar hora extra!

— Não, não precisa fazer isso! Na verdade, eu não aceitaria se você fizesse isso. Não quero seu dinheiro.

— Por que você tem que ser tão teimosa? Eu só quero te ajudar.

Ela pega minha mão e aperta.

— Eu sei, e agradeço, mas não posso aceitar seu dinheiro! Quando voltarmos, vou arrumar outro emprego e vou dar um jeito em tudo.

Eu não fico satisfeito. Quero realmente ajudá-la. Talvez seja por isso que ela anda tão mal humorada e tensa; está endividada por causa de um casamento que nem acontecerá.

Eu não me importo em dar o dinheiro a ela, na verdade, eu quero fazer isso! Mas, sei que ela é orgulhosa demais para aceitar e isso me faz admirá-la ainda mais. Qualquer outra mulher no seu lugar aproveitaria a chance de estar sozinha com um mulherengo rico para quitar suas dívidas, mas ela tem caráter. É muito diferente da Jamille! Muito diferente de qualquer mulher que eu tenha conhecido.

Quando estamos saindo do restaurante, ela tropeça e eu a seguro. Ela passa os braços pelo meu pescoço e fica um tempo assim.

— O quão tonta você está?

Ela sorri e se afasta.

— Não estou tonta, então, não se anime!

Eu sorrio e entramos no carro. Quando ela sorri para mim, a decisão é tomada. Eu não tenho outra saída, sei exatamente o que fazer com o que sinto por Celina Morelli.

Celina

O jantar foi bem melhor do que eu havia imaginado. Mirella é uma figura: uma mulher rica e mimada que manda no marido, mas que tem um coração enorme e gosta de ajudar, como pude constatar.

Quando a Gil me ligou e disse que a loja havia recolhido minhas coisas de cozinha e que o sex shop me ligara oito vezes porque meu cheque tinha voltado, tive vontade de chorar. Como a vida de uma pessoa pode virar de pernas para o ar em tão pouco tempo? Se me dissessem há duas semanas, que hoje eu estaria aqui, em uma viagem com Sebastian Vaughn, eu teria cuspidido na pessoa e mandado ela para aquele lugar.

Mas aqui estou eu, viajando com um imbecil que é tão idiota quanto sexy, e confusa em relação à atração que ele exerce sobre mim. Com um homem lindo dando em cima de mim, mas sem coragem de me entregar a ele, e com um milhão de dívidas para pagar. Essa é minha vida agora e não tenho nenhuma expectativa do que está por vir. Não tenho mais um casamento no fim de semana para pensar, não tenho uma casa para mobiliar, não tenho empregados para contratar, nem lua de mel para planejar.

É tão estranho ser apenas eu, sem plano nenhum, sem nada depois dessa viagem. O que eu vou fazer quando voltar para casa? Arrumar um novo emprego de secretária, ser assediada por outro chefe, ter que andar fantasiada de novo e tentar pagar minhas dívidas?

Talvez eu possa revender minhas fantasias! Não precisarei mais delas e não vou usá-las mesmo! Sim, talvez eu faça isso e consiga pagar uma parte do sex shop vendendo-as. Eu até tentei devolvê-las, mas a loja não aceita de volta fantasias, mesmo que eu nunca as tenha usado, mesmo que só para tirar fotos. E isso me faz ser ainda mais patética!

Alguém puxa meu cabelo e só então volto a mim. Estou no elevador com o Imbecil Delicioso Vaughn olhando para mim:

— Um real pelos seus pensamentos. — ele diz.

— Só estava pensando se posso revender minhas fantasias.

— Que fantasias?

Eu disse isso em voz alta? Sinto-me corar e tento desconversar:

— Nada, só estava pensando alto, deixa para lá!

— Começou agora termina Morelli. De quais fantasias está falando?

— Fantasias! Você sabe que eu comprei para... — olho para ele embaraçada e ele está sorrindo. Claro que ele sabe de quais fantasias estou me referindo — Você sabe, que eu comprei para a lua de mel.

— Isso sim é surpreendente, nunca pensaria que você fosse uma menina travessa na cama.

Sem querer, solto uma gargalhada. Como se uma mulher pudesse ser travessa com o “Edmundo pinto pequeno” e sem imaginação nenhuma! Sebastian solta uma gargalhada e percebo que falei aquilo em voz alta.

— Sebastian, eu bebi. Não me faça falar nada, por favor! Me deixa quieta.

Ele continua rindo enquanto desço do elevador e me atrapalho com a chave. Deixo-a cair e me abaixo para pegá-la. Não, eu não me abaixo como uma moça faria, eu abaixo mesmo, deixando minha bunda à mostra para Sebastian, que está atrás de mim. E só quando sinto um ventinho gelado na bunda percebo que estou fazendo isso, então me levanto rapidamente e nem consigo pegar a chave.

Sebastian me olha com uma intensidade que me assusta, se aproxima e pega a chave, destranca a porta e espera que eu entre.

Eu praticamente me jogo no sofá:

— Então, você já está com dor de cabeça?

Faço que não com a cabeça.

— E você está consciente?

— O suficiente. — respondo.

Ele ri e se senta ao meu lado. Eu olho para ele, para aqueles olhos verdes, aquele cabelo desgrenhado, aquele sorriso convencido e sem perceber, pulo em cima dele. Isso mesmo minha gente, pasmem! Eu, uma garota reservada e contida, que bebeu uns três copos de uma bebida forte, está se jogando em cima do perverso do chefe. Pior, quando fui beijá-lo ele me afastou.

Claro que fico com a cara mais vermelha que um tomate, procuro um buraco para enfiar minha cabeça para sempre, mas não acho. Está certo, às vezes, os micos que eu pago são por culpa minha mesmo. Tento sair do colo dele, mas ele me segura e sussurra em meu ouvido:

— Vá tomar um banho, Celina! Preciso ter certeza que sabe exatamente o que está fazendo antes de dar o próximo passo.

Pronto! Já estou totalmente bêbada de novo! Eu me levanto e vou para o banheiro. Tomo um banho gelado, que acaba de me despertar. O que foi que eu fiz? Eu tentei agarrar Sebastian Vaughn, e agora ele está lá fora, esperando eu sair do banho para fazer só Deus sabe o quê comigo! E a pior parte é que eu estou realmente curiosa para saber o que ele pretende fazer.

Saio de meus devaneios e decido que não devo fazer nada, devo apenas pedir-lhe desculpas, enfiar minha cabeça num buraco imaginário e permanecer ali para sempre! Agora não tenho mais moral para barrar as piadinhas infames dele, pelo contrário, dei motivos para ele fazer isso.

Termino meu banho e me seco vagarosamente. Visto minha camisola

transparente e o roupão do hotel por cima. Saio do banho toda sem graça, e quando o vejo ali, sem camisa, jogado no sofá de olhos fechados, esqueço por um segundo das desculpas e percebo que pela primeira vez ele me chamou pelo nome certo.

Ele me olha e não diz nada. Eu me aproximo cautelosa, olhando para baixo.

— Desculpa-me pela minha reação! Foi a bebida.

— Não sabia que beber te deixa com tesão.

Eu quero mandá-lo para aquele lugar, mas me contenho. Eu estou errada e claro que ele não vai facilitar as coisas.

— Você não precisa ser um idiota sempre. Eu bebi, tentei te agarrar, você me rejeitou, eu sou ridícula, e ponto. Agora esse assunto morre aqui!

— Nada disso, Célie! Você me deseja e eu não vou mais fingir que não percebo isso.

Dou uma risada.

— Eu te desejo? Então seu ego aceita atitudes desesperadas de mulheres bêbadas? Fico imaginando quantas mulheres você pega e realmente conquista ou quantas você apenas embebeda!

Ele abre um sorriso.

— O importante é que no final, eu pego todas.

Eu bufo e dou a volta para entrar no quarto, mas ele me puxa para o seu colo.

— Sebastian, me solta! Isso não tem graça.

— Só se você olhar nos meus olhos e disser que não me deseja!

Ele só pode estar brincando. Olho para ele e percebo que está sério. Então é isso, por mais que eu o deseje (e como eu desejo), nunca vou admitir isso para ele!

Olho bem naqueles olhos verdes lindos e falo:

— Eu não te desejo, seu imbecil convencido de merda!

Ele abre um enorme sorriso.

— Claro que não.

Então me puxa para mais perto dele e num segundo sua boca já está na minha. Seus lábios tomam os meus e sua língua invade minha boca, me deixando tonta. Ele se move, deitando meu torso no sofá enquanto minhas pernas permanecem no colo dele. Começa a passar a mão pelos meus braços e seu beijo se torna mais voraz.

Estou quase sem ar quando ele se afasta da minha boca e começa a beijar meu pescoço, descendo para os meus seios. Ele abre meu roupão e eu não tenho forças para pará-lo (eu não quero pará-lo). Ele toma meu seio na boca através da camisola, mas isso não impede que eu sinta o calor dos lábios dele em mim, eu nunca senti nada parecido com o desejo que sinto por ele nesse momento.

Vejo-me arquear de encontro a ele e gemer como nunca tinha feito. Sua mão continua passeando por meu corpo, quando ele levanta minha camisola e toca minhas coxas, eu grito. Ele volta a me beijar, ainda com mais força quando sua mão entra em minha calcinha. Ele para de me beijar e olha para baixo, para minha calcinha preta, a calcinha que ele conhece bem. Um sorriso surge em seu rosto e ele fala com a voz rouca:

— Eu acertei. Quando você abaixou vi que estava usando lingerie branca. E sabia que agora estaria com a minha calcinha.

Ele tira vagarosamente minha calcinha e me acaricia, fazendo-me gemer. Então pega minha calcinha e põe de novo no bolso.

— Ela agora é minha, nem tente pegá-la de volta!

Então sua boca já está na minha de novo e sua mão está mexendo com tudo no meio das minhas pernas. Eu arquejo e gemo e tudo parece novo para mim. Nunca tinha sentido tanto prazer na vida!

Ele enfia um dedo em mim e perco o fôlego, logo ele enfia outro dedo e começa a se movimentar. Eu sinto algo me tomando, algo que nunca senti antes, como se eu perdesse meus sentidos, e existisse apenas um sentimento arrebatador que vem de dentro de mim. Aquilo vai ficando mais forte, mais forte, até que não aguento mais e grito enquanto sou levada para outro mundo!

Quando passa, eu volto a respirar novamente, Sebastian beija minha testa e se afasta. Ele enfia os dois dedos na boca e chupa e isso faz com que algo pulse no meio das minhas pernas de novo. Então ele se levanta e diz:

— Você é deliciosa! É uma pena que não me deseje.

E sai de perto de mim me deixando ali, sem forças até para me mexer e frustrada como eu nunca estive na vida.

Capítulo 08

Sebastian

Não durmo nada durante a noite. A imagem da Celina nua fica voltando a minha mente, e eu a desejo como nunca desejei nada na vida. Eu deveria ter terminado aquilo, deveria ter metido nela de uma vez e acabado com todo esse desejo, mas eu quis dar uma lição nela e acabei pagando por isso.

Ela não quis admitir que me desejava. Posso ser um safado, mas não sou um cafajeste, não tomo nada que não queiram me dar. Se ela tivesse dito que me queria, como eu sei que queria, eu a teria tido a noite inteira, talvez ainda estivesse transando com ela naquela cama macia até agora. Mas ela é teimosa como uma mula! Então tive a ideia de dar a ela o prazer que ela desconhecia, mas negar o que ela mais precisava: meu pau.

Claro que ela ficou uma fera! Olhou-me como se não acreditasse que eu estava fazendo aquilo e tive que tomar um banho gelado para não perder o controle e manter meu plano. Quando saí do banheiro ela tinha ido deitar, mas duvido que tenha dormido mais do que eu essa noite.

Agora estou aqui pensando nela e a desejando mais do que nunca. Sou arrancado de meus devaneios quando ela abre a porta. Ela sequer me dá bom dia, entra no banheiro e bate a porta. Eu me levanto, separo minha roupa de trabalho e encontro na minha mala a calcinha dela. A calcinha que agora é minha, que ainda tem o cheiro dela, que me lembra do que podia ter tido na noite passada.

Eu paro na porta do banheiro e espero ela sair. Quando ela abre a porta, se assusta ao me ver ali, mas ao perceber o que tenho na mão, parece ficar possessa. Ela avança para me tomar a calcinha, mas eu sou mais rápido, (sabia que ela faria isso), então enfio a calcinha dela na minha cueca.

Ela me olha como se não acreditasse que eu estou fazendo isso e faz uma careta.

— Bom dia Morelli, dormiu bem?

Ela me mostra o dedo do meio e entra no quarto para pentear o cabelo. Eu vou atrás dela:

— Eu tive uma noite de sono ótima.

Ela não responde. Continua penteando o cabelo, mas vejo que está ficando vermelha, e fico satisfeito de ver que ainda consigo irritá-la.

— Você não vai nem falar comigo? Achei que estaria mais receptiva e até que me agradeceria depois de ontem.

Ela finalmente me olha. Aperta a escova na mão e por um momento a vejo

arremessando aquela escova em mim, mas escolho me arriscar.

— Pelo que exatamente eu deveria te agradecer?

— Não se faça de esquecida, Morelli! Você deveria estar beijando o chão que eu piso depois de eu te dar o primeiro orgasmo da sua vida.

Primeiro ela me olha, depois fecha os olhos e respira fundo, então, como eu previ, atira a escova em mim. Eu desvio por pouco e começo a rir. Então ela pega um pote em cima da penteadeira e arremessa em seguida, mas consigo desviar novamente.

Ela vai para o lado do secador, mas eu corro até ela e seguro seus dois braços a contendo:

— Poxa Morelli, para que tudo isso? E eu que achava que seu mau humor era falta de orgasmo, mas vejo que estava errado.

— Você não me fez nenhum favor seu safado, pervertido de merda!

Eu sorrio mais ainda.

— Claro que não, eu não disse isso hora nenhuma. Na verdade, eu teria me divertido muito se você me desejasse, mas você disse que não me queria. Eu não costumo tomar nada a força!

Ela então começa a rir. Um riso nervoso, mas um sorriso! Quando me olha de novo, não há a raiva que havia antes em seu rosto. Ela está calma, e isso me assusta.

Ela se recompõe muito rápido:

— Você tem razão. Obrigada por me dar meu primeiro orgasmo. Agora que sei como é, quero muito mais. — ela se aproxima de mim e raspa os dentes em meu pescoço, enviando uma onda de eletricidade por meu corpo e despertando meu pau.

Sem perceber passo a língua pelos lábios dela, ela não se afasta. Não acredito que foi tão fácil seduzi-la.

— Sério? — pergunto já me aproximando para beijá-la, mas ela me dá uma joelhada no meio das pernas e se afasta.

— Não, não é sério! E você não é tudo isso, então não se gabe tanto.

Ela se afasta enquanto eu fico espremido no chão esperando meu saco parar de latejar.

— Sua maldita! Você ainda vai implorar por isso, você me paga!

O dia de trabalho não podia ser pior. Celina fica sentada quieta na mesa em frente a minha e nenhuma vez sequer a pego olhando para mim. Pelo contrário, ela está me evitando hoje mais do que o normal, o que me irrita.

Eu não fiz o serviço completo, mas tenho certeza que dei a ela o melhor momento de sua vida e ela me agradece com uma joelhada no saco e

indiferença?! Não dá para entender a cabeça dessa mulher. Ela é uma víbora, não sei como o tal Edmundo pôde aguentá-la por longos três anos.

Eu escolho não puxar assunto. Ela deveria estar puxando meu saco; depois do que fiz por ela, não tenho que ficar adulando para que ela converse comigo, então também a ignoro e não nos falamos o dia todo. E isso me deixa com um mau humor do caralho!

Sinto falta de conversar com ela, da sua língua afiada e suas atitudes atrevidas. Sinto falta até dos seus insultos, de simplesmente ouvir a voz dela. Deus! Estou ficando maluco. Saio da sala e subo para o térreo do prédio. Fico ali até a noite cair.

Quando desço ela está cochilando na mesa, o que prova que também não dormiu a noite. Será que ficou pensando em mim? Desejando-me? E que merda estou fazendo preocupado com o que ela pensa de mim?

Bato na mesa o mais forte que consigo e ela dá um pulo, assustada:

— Eu não te pago para dormir, Morelli! Essas últimas horas serão descontadas do seu salário.

— Estúpido. — ela murmura, mas eu escuto.

Quando saímos da minha sala percebo que quase todos já foram embora. Estamos no décimo primeiro andar. Chamo o elevador e a ignoro. Quando finalmente entramos no elevador, ela vai para o mais longe possível de mim. O elevador nem desce dois andares, quando para de repente e as luzes se apagam. Tento mexer no painel, mas está tudo apagado. Sei que todo elevador tem um botão de emergência, mas no escuro não consigo enxergar qual é.

Pego meu celular e ela faz o mesmo, mas não há sinal. Então ligo a lanterna dele e uso para iluminar o painel. Acho que encontro o botão de emergência, mas nada acontece. Nem sei se ainda tem porteiro nesse prédio a essa hora. Bato na porta e grito por alguém, mas não dá para ouvir nenhum barulho do lado de fora.

— Parece que estamos presos. — falo mais para constatar o que nós dois já sabemos.

Celina está estranhamente calada. Depois de pegar o celular, não vi mais nenhum movimento dela. Fico quieto também por uns minutos e o calor começa a me incomodar. A quietude de Celina também me irrita:

— Deve ter acabado a luz no prédio. — falo, mas ela mais uma vez não responde.

Preparo-me para aproximar dela, mas quando a ilumino com o celular, ela está com as duas mãos na cabeça como se estivesse nervosa. De repente, ela começa a chorar e bater os braços na parede do elevador, desesperada.

— O que foi? — pergunto já me aproximando dela.

— Tenho claustrofobia. — ela responde aos gritos.

Era só o que me faltava, ficar preso com essa louca no elevador tendo um ataque de pânico. Aproximo-me mais dela para tentar acalmá-la e a puxo para meus braços apertando bem forte. De repente, ela começa a rir. Olho para ela confuso, enquanto ela me empurra e se afasta.

— Brincadeira! — diz com a cara mais lavada. Sinto vontade de matá-la!

Celina

— Sua megera! — é tudo o que ele diz, mas sei que por dentro ele quer me matar.

Reparo que ele está branco e muito assustado. Tenho até um pouco de dó, mas passa muito rápido. Ele mereceu por ter me tratado da maneira que tratou, na verdade ele mereceu por tudo que me fez! Por me negar o que eu mais queria na noite passada e depois ficar jogando na minha cara o que tinha feito, como se tivesse feito um favor a uma desesperada.

Quer dizer, eu estava desesperada, mas não pedi nada a ele. Tocou-me porque quis! Ele foi um babaca maior ainda por ficar me dando gelo por causa de uma joelhada leve que dei no saco dele. Mas ele também mereceu, quem sabe assim aprende a não ser tão estúpido?!

O tempo parece não passar e o calor está me deixando louca. Sei que essas coisas de elevador demoram, e sem ter o que fazer e sem saber quanto tempo ficaremos aqui, me sento no chão e passo os braços em volta dos joelhos. Depois de algum tempo, vejo pela luz da lanterna do seu celular que ele se sentou também, do outro lado.

Dessa distância eu não consigo ver o rosto dele.

— Então... — ele diz.

— Então. — respondo.

— Você não tem medo de ficar presa no elevador?

— Não.

Ele dá uma risada.

— Deveria ter medo de ficar presa aqui comigo.

— É mesmo? Por quê?

Ele fica calado. Calado demais para o meu gosto. De repente um barulho ao meu lado me assusta e eu grito.

— Eu disse que você deveria ficar com medo. — ele fala e percebo que ele se sentou ao meu lado no chão.

— Fala sério! Por que veio se sentar aqui? Volte para o outro lado! — reclamo.

Ele passa o braço pelo meu ombro e me puxa para o peito dele.

— Prefiro ficar aqui bem pertinho de você. Nós dois aqui, nesse escuro, sem ninguém por perto...

O cheiro dele invade meus sentidos e meu coração parece que vai sair pela boca! O calor dos braços dele à minha volta me aquece e tenho dificuldade de respirar presa àqueles braços. Percebo o que estou fazendo, me afasto rapidamente e o empurro.

Ele começa a rir:

— Eu disse que você ficaria com medo. Achou mesmo que eu faria alguma coisa com você?

— Eu não confio em você. Quem sabe o que seria capaz de fazer contra a minha vontade?

Ele ri mais ainda.

— Contra a sua vontade? Celina! Você não estava exatamente se queixando quando gozou na minha mão na noite passada.

Ainda bem que está escuro e ele não pode ver a cor do meu rosto, que está pegando fogo! Eu fico calada. O que poderia dizer? Não dá para acertar um chute no saco dele nesse escuro que nos cerca.

Ele volta a falar:

— Eu não faria nada contra a sua vontade, você sabe bem disso. Não tomo o que não querem me dar. Mas estou louco para fazer quando você implorar por isso!

— Eu nunca vou implorar nada a você!

— Ah Sebastian, não para! — ele começa a imitar as coisas que eu gritei na noite em que me deu o primeiro e único orgasmo da minha vida.

— Idiota! — murmuro e dou um tapa nele.

Ele ri por um tempo. Depois me pergunta com a voz séria.

— Se você não quer fazer isso, o que deseja fazer até sairmos daqui?

— Nada.

— Vamos conversar então.

— Prefiro não ouvir sua voz.

Nós dois nos lembramos da cena no avião e começamos a rir. Por fim, ele fala.

— Confessa, você ficou irritada daquele jeito porque a loira estava tendo um orgasmo e você nunca havia tido um!

— Eu fiquei irritada daquele jeito porque você é um sem noção pervertido e estava me envergonhando.

— Te envergonhando por que se eu nem estava tocando em você?

Porque eu queria que você estivesse tocando em mim. As palavras aparecem em minha mente, mas eu não as pronuncio. Também não respondo. Fico calada e espero que ele faça o mesmo. Claro que ele não faz.

— É melhor você conversar comigo, Célie! Se eu não tiver nada para me concentrar, minhas mãos vão começar a agir. Você sabe que é linda e está sozinha comigo nesse elevador.

— Nojento! Ok, do que quer falar?

Ele fica um tempo em silêncio, acho que desistiu ao perceber que não

tínhamos nada de interessante para falar, mas de repente ele solta:

— Você ainda sofre por causa do seu ex?

Essa pergunta me pega de surpresa. Por que ele quer saber isso? Não temos nada pior para falar?

— Jura! Você quer falar sobre o meu ex?

— Quero saber como se sente.

Fico ainda mais surpresa. Penso em deixar para lá, mas é raro ele ter um momento em que não é um verdadeiro babaca. Então decido responder.

— Acho que estou bem. Às vezes me lembro do que aconteceu ou penso no que poderia ter acontecido. Eu ainda não parei para pensar em como me sinto...

Ele pega minha mão e começa a massageá-la. E esse gesto de alguma forma me acalma.

— Então pense agora. Como você se sente sobre tudo isso?

Ele aperta mais meus dedos e seu polegar desliza vagarosamente pela palma da minha mão.

— Não consigo pensar com você fazendo isso. — respondo.

Ele sorri e para de massagear minha mão, mas a mantém entre as suas. Pela primeira vez paro para pensar em como me sinto. Não em como vou pagar minhas dívidas, ou como vou arrumar um emprego quando voltar para a casa, mas em como realmente me sinto depois de tudo pelo que passei e pelo que ainda estou passando.

Sei que poderia ser pior! Eu sei o que você está pensando “o que poderia ser pior que ser traída às vésperas do casamento? Ficar com um monte de dívidas e desempregada?” Mas podia ser pior! Eu poderia estar na fossa, por exemplo, ou estar sofrendo e sentindo falta de um homem que com certeza não mereceria essa atitude. Então, apesar de tudo, em meu interior, estou até calma demais.

— Bem. — respondo — Eu me sinto bem. Só fico pensando onde eu estaria agora se não tivesse descoberto tudo.

— Acho que você estaria casada com um completo imbecil, infeliz e nunca teria tido um orgasmo.

Eu acabo rindo com a observação.

— Tem razão. Isso seria trágico.

De repente me vem à cabeça que no estado em que minha vida está, do jeito que as coisas estão andando, provavelmente nunca mais terei outro orgasmo.

— Você preferiria não ter descoberto nada? — ele pergunta de repente.

— Eu preferiria ter descoberto antes! Fiz papel de boba por muito tempo. Perdi muito tempo da minha vida com alguém que nunca me amou.

— Eu acho esse seu ex é um perfeito babaca e acho que você não deve nunca mais sequer falar o nome dele. Mas, o fato de ele trepar com outra não quer dizer

que ele não ame você.

Tiro imediatamente minha mão da dele:

— Claro que quer dizer! Se você ama alguém não quer ficar com outra pessoa!

— Isso é paixão! Você pode amar muita gente. Pode amar a namorada, a família, amigos e a secretária. Mas quando você se apaixona por alguém, só enxerga essa pessoa. Quando a paixão te domina é que você não deseja ter mais ninguém!

— Você já se apaixonou?

Ele demora para responder. Penso que não devia ter perguntado isso, que nossa primeira conversa séria estaria acabada aqui. Mas ele finalmente responde.

— Eu já achei que estava apaixonado.

— E o que aconteceu?

— Eu tinha uma namorada, Jamille. Eu a amava. Mas isso não me impediu de comer a prima dela!

Dou outro tapa nele.

— Canalha!

— Essa não foi a pior parte!

— E o que poderia ser pior do que isso?

— Quando ela descobriu ficou furiosa. Ela chorou e gritou, quebrou as coisas, me bateu e foi embora. Eu liguei para ela a noite toda, mas ela não me atendeu. Dois dias depois ela apareceu na minha casa e agiu como se nada tivesse acontecido. Estava calma, dócil, fazendo planos para o fim de semana. Eu toquei no assunto e ela me disse que já tinha esquecido. Que era melhor a gente fingir que nada aconteceu e seguir em frente. Ela chegou a me dizer que eu tivesse mais cuidado na próxima vez que fosse me divertir!

Fico horrorizada e ele continua falando:

— Eu não entendi a atitude dela e disse que era melhor a gente dar um tempo para ela me perdoar de verdade. Ela ficou desesperada, disse que não podia viver sem mim, que não tinha como bancar a vida que estava levando sem minha ajuda. Que o mínimo que eu podia fazer depois de tudo era continuar dando a ela do bom e do melhor. E que ela não se importaria com as minhas diversões amorosas se eu continuasse pagando suas contas.

Dessa vez eu seguro a mão dele e falo:

— Eu sinto muito.

Ele aperta minha mão.

— Ela não teve valor, nem orgulho se fosse por um bem maior. Por isso achei que você...

Ele não precisa terminar a frase para que eu saiba exatamente do que ele está

falando. Lembro-me bem da insinuação que ele fez uma vez sobre eu passar por cima do que Edmundo havia feito por causa do dinheiro dele.

— Por isso achou que eu perdoaria meu ex? Para ter uma vida boa?

— Sim, e sinto muito por ter pensado isso de você.

— Tudo bem, você não foi o único. Minha própria mãe me disse que homens eram assim mesmo. Que eu deveria relevar o que ele tinha feito e pensar na posição social que eu teria.

— Eu sinto muito. E admiro o seu caráter.

Eu sempre fico sem reação quando ele me elogia. Acho que é porque ele não é disso, é um estúpido, e esse lado mais humano dele me fascina, mas me deixa sem saber como agir! Não posso dar uma resposta sarcástica se ele está sendo legal comigo.

Nós ficamos em silêncio de mãos dadas por um tempo. É ele que quebra o silêncio com mais perguntas:

— Será que você pode me contar agora aquela longa história sobre você ir vestida como uma velha para o trabalho?

Eu começo a rir.

— É, acho que temos tempo para uma longa história. Meu primeiro emprego foi na empresa do Edmundo. Ele era meu chefe e eu sua secretária.

Ele faz uma careta e tenho que conter o riso.

— Ele deu em cima de mim e eu caí no conto dele como uma boba. Você sabe no que isso deu! Mas o fato é que quando começamos a namorar, achei que não ficaria bem se eu ainda fosse sua secretária, então arrumei outro emprego, em outra empresa. Meu chefe era o Arnaldo, um velho barrigudo com um bigode imundo. Logo começou a dar em cima de mim. Chegou num ponto em que ele só me chamava à sua sala para falar pornografias e dar suas cantadas ridículas. Um dia a esposa dele escutou uma dessas cantadas e foi uma confusão. Então acabei pedindo demissão. Aí fui para meu terceiro emprego, também de secretária.

— Me deixa adivinhar, seu chefe deu em cima de você?

Eu assenti.

— Você não pode reclamar disso, é realmente linda! É difícil um homem se conter perto de uma mulher como você.

— Então a culpa por esses executivos serem uns pervertidos é das secretárias?

— Claro! Se elas não fossem trabalhar com aqueles decotes, aquelas saias coladas que deixam pouco para a imaginação... — ele para de falar e sorri — Acho que entendo onde você vai chegar. Mas me conta, o que aconteceu na terceira empresa?

— O chefe deu em cima de mim, é claro. Eu dava uns foras nele, mas ele era impossível. Chegou a me chantagear para eu sair com ele. Então pedi demissão novamente. E foi aí que consegui emprego na V.D.A. Como eu já estava escaldada, resolvi me fantasiar. E deu certo, ninguém deu em cima de mim lá. Quer dizer, além de você, que sempre veio com essas cantadas infames para cima de mim.

Ele começa a rir.

— Eu sempre soube que havia alguma coisa errada com você. Sempre achei seus traços e seus cabelos perfeitos demais para você ser feia. E ficava me perguntando por que você andava tão mal vestida. Você me intrigava.

— Bom, agora você já sabe!

Ele aperta minha mão e a leva aos lábios, então dá um beijo terno em cada um dos meus dedos. E eu sei que devo me afastar dele, mas não sei como agir nessa situação. A verdade é que gosto desse Sebastian, gosto muito. E apesar de não justificar a perversão dele, a história sobre a tal namorada me fez entender melhor o que ele pensa sobre mulheres. É muito fácil generalizar, é o que faço também por causa do Edmundo. Assim como eu, ele está escaldado.

— Me fale sobre a sua mãe. — fala ele de repente.

— Não. Chega de assuntos tensos por hoje.

— Então sua mãe é um assunto tenso? Tudo bem! Então me fale por que você não gosta de ficar sozinha...

— Assunto errado, senhor Vaughn!

— Isso também é um assunto tenso? Então devo presumir que sua mãe e o motivo de você não querer ficar sozinha estão conectados de alguma maneira.

— Não quero realmente falar disso. Por que não falamos de uma coisa mais interessante?

Oh céus por que ainda dou ideias para Sebastian Vaughn? Uma vez um estúpido pervertido, sempre um estúpido pervertido.

— Acho que você deveria acariciar meu pau depois do que fez hoje de manhã.

Tento tirar minha mão da dele, mas ele a segura forte:

— Nem sonhando. E nem está doendo mais, não seja um bebê chorão!

Ele ri.

— Você é uma menina muito má, Morelli! — sua voz está rouca e isso me assusta — E linda. E mulheres lindas e más como você são o meu fraco.

— Mulheres são o seu fraco. Não importa a aparência nem o caráter!

Ele ri mais ainda. Depois fica em silêncio e volta a massagear meus dedos.

— Eu nunca desejei alguém tanto quanto eu desejo você.

A sinceridade que sinto nas palavras dele me assusta. Fico sem reação. Ele

continua a falar:

— E eu desejo você desde o dia em que te vi naquele banheiro masculino sem blusa. Desde quando olhei seus seios, soube que precisava colocar minha boca neles.

Dou um tapa nele e tento me afastar.

— Porque você é um perverso!

— Não, porque você é linda demais.

Ele me puxa e sua boca já está na minha, ao mesmo tempo em que ele leva minha mão até a ereção que aperta a calça. Eu não tenho como fugir, eu também o desejo, muito!

Correspondo ao beijo e aperto a ereção dele através da calça, e ele geme em minha boca. Seu braço rodeia a minha cintura e ele me puxa ainda mais de encontro ao corpo dele. Eu subo em seu colo de frente para ele e ele aprofunda os beijos, enquanto sua mão entra por baixo da minha blusa e ele toca minhas costas, depois passa pela minha barriga e sobe para os meus seios.

De repente o elevador dá um solavanco e desce um pouco, a luz acende e eu nem tenho tempo de pensar antes das portas se abrirem e dois homens entrarem no elevador para nos ajudar.

Ao perceber a cena, eles ficam sem graça. Eu me levanto rapidamente do colo de Sebastian e arrumo minha saia, sem saber onde enfiar minha cara. Mas Sebastian, como sempre, fica rindo.

Vamos o caminho todo até o hotel no mais absoluto silêncio. Escondo meu rosto atrás do meu cabelo e não tenho coragem de olhar para ele nenhuma vez sequer. Quando chegamos ao hotel eu desço praticamente correndo, mas ele consegue me acompanhar e entra no elevador comigo.

Graças a Deus mais pessoas entram com a gente, o que impede que ele tente qualquer coisa, mas não impede minha imaginação de voltar ao outro elevador, às suas palavras e aos beijos. Foco minha atenção nos andares que faltam e finalmente chegamos.

Entro no quarto e tento correr para o banheiro, mas ele me segura:

— O que foi Celina? Você sabe que não precisa ficar constrangida comigo.

— Não estou constrangida.

— Então por que está correndo de mim?

Ele passa uma mecha do meu cabelo por trás da minha orelha e se aproxima para me beijar. Eu me afasto bem a tempo e ele parece surpreso.

— Sebastian, eu não sei o que deu em mim ontem à noite, quando deixei que me tocasse daquele jeito. E não sei o que deu em mim naquele elevador, mas isso não vai acontecer de novo!

Ele parece em choque. Aproxima-se de mim e eu me afasto de novo.

— Celina, você não precisa...

Eu o interrompo antes que ele me convença de qualquer coisa.

— Não Sebastian! Você é meu chefe e eu sou sua secretária. Eu já cometi esse erro antes e não pretendo fazer isso de novo. O que aconteceu entre nós acaba aqui.

Antes que ele possa responder eu corro para o banheiro e tranco a porta. E tento convencer a mim mesma que estou fazendo a coisa certa!

Capítulo 09

Celina

Quando saio do banheiro, já vestida para dormir, não avisto Sebastian. Melhor assim, prefiro mesmo nem olhar para ele. Tiro o roupão do hotel e me deito rapidamente, me enfiando embaixo do cobertor com minha camisola transparente. Tudo está quieto demais e fico pensando se Sebastian saiu para algum lugar. Talvez ele tenha ido encontrar uma mulher, afinal, um homem lindo como ele não deve ter nenhuma dificuldade em encontrar alguma companhia de última hora!

Talvez eu o tenha irritado ao ponto dele finalmente me deixar sozinha para dar uma “trepada”. Coisa que ele ainda não havia feito desde que chegamos ali. De repente imaginar que ele está comendo uma por aí me machuca. Fico com raiva dele por ser tão pervertido e movido a sexo, mas sei que não tenho esse direito. Eu neguei sexo a ele hoje, fui eu que cortei o clima.

Droga! Por que tenho que ser tão burra? Sei que não posso pensar assim, que fiz a coisa certa, mas ainda fica aquela vozinha dentro da minha cabeça, aquela voz que deve vir direto do meio das minhas pernas, me dizendo que eu fui burra em dizer não a ele. Tenho essa mania de imaginar o que estaria fazendo se tivesse acontecido determinada situação, e nesse momento estou imaginando o que estaria fazendo com Sebastian uma hora dessas.

O que ele estaria fazendo comigo? Com certeza me dando outro orgasmo daqueles, mas ao invés disso, estou sozinha nessa cama enorme fazendo o que é certo. Sei que estou fazendo drama, as coisas podem ser mais simples; ou você dá para o cara e curte bem sua noite, ou você diz não e esquece, mas não é assim que acontece.

Há uma batalha em minha cabeça quando duas vozes duelam em mim. Uma fica me dizendo que fui uma “idiota de marca maior”, que poderia estar na cama com ele agora, descobrindo a graça que existe no sexo. Mas a voz da razão, aquela que a gente deve ouvir, diz que fiz a coisa certa. Eu transaria com ele essa noite, seria mais uma da V.D.A. que ele comeu e depois? Depois, nada. Depois que ele me tivesse, nem me desejaria mais, eu devo ser péssima de cama.

O Edmundo era um chato e só transei com ele na vida. Que experiência eu tenho? O Sebastian, como bom pervertido que é, deve ter transado com mulheres incríveis, que sabiam fazer de tudo por ele na cama. Fico imaginando aquelas mulheres lindas, atrevidas, safadas, contorcionistas. Ele tiraria uma com a minha cara depois que transássemos. Isso mesmo, sairia por aí espalhando o quanto sou

ruim de cama. Não, foi melhor mesmo cortar logo no início!

Fico me virando na cama, não adianta mesmo ficar martelando minha decisão. Estou parecendo essas mulheres desesperadas por pinto, e eu juro que não sou assim! Pelo menos posso dormir nessa cama enorme e deliciosa e só terei que pensar no problema “Sebastian” amanhã de manhã. Talvez eu saia e nem precise vê-lo. Amanhã é sábado, não há nenhuma reunião ou compromisso. Isso mesmo! Vou me levantar e sair na surdina e ele nem vai ficar sabendo.

Fecho os olhos para tentar dormir quando ouço a porta do quarto abrir. Oh céus que ele não tenha vindo insistir! Por favor, não faça isso comigo! Eu já disse que sou uma boa garota, mas não sou de ferro. Ouço seus passos pelo quarto e aperto os olhos fingindo que estou dormindo. Tudo fica em silêncio por um tempo, depois, sinto a cama se mexer. Esforço-me para nem respirar alto e espero que ele veja que estou dormindo e saia da cama, mas isso não acontece. Ao contrário, ele se deita na cama e sinto quando ele puxa a coberta para se cobrir. Abro meus olhos e acendo o abajur.

— Que merda é essa?

— Boa noite para você também, Morelli.

— Boa noite o caralho! O que está fazendo aqui?

Ele me olha e abre um sorriso idiota.

— O que duas pessoas adultas fazem numa cama a noite Celina? Vou dormir, é claro.

— Seu lugar de dormir é na sala.

— Eu nunca disse isso. Eu dormi lá por duas noites para não constranger você, mas agora foda-se. Não vou ficar me martirizando naquele sofá duro e deixar essa cama enorme e deliciosa chamando por mim!

— Você vai dormir aqui?

— Não é para isso que essa cama serve? Porque se você tiver uma ideia melhor de como utilizar essa cama, eu sou todo ouvidos!

Levanto-me irritada na mesma hora. Se ele vai dormir na cama, eu não vou. Pego meu travesseiro e me preparo para ir para a sala, mas antes de conseguir sair, ele fala.

— Sério Morelli? Você acha mesmo que não pode se controlar?

Eu me viro para ele:

— O quê?

— Por que está indo para a sala? Você sabe que a cama é grande o suficiente para caber nós dois. Se está correndo assim é porque sabe que não vai resistir a mim!

Solto uma risada debochada que normalmente o irrita.

— Resistir a você? Eu sequer desejo você ou já se esqueceu?

Ele fica rindo, e me irrita mais ainda.

— Se quer ir para a sala, vá, mas eu vou entender isso como uma confissão de que você me deseja e não pode se controlar.

— Não me trate como uma criança. — resmungo.

Mas claro que caio na dele. A verdade é que fico pensando, por que mesmo não posso dormir na cama com ele? Ah sim, porque eu o desejo. Mas sei que posso me controlar. E se eu for para o sofá, vou perder essa cama deliciosa à toa e ainda estarei admitindo que ele está certo. E ele não está! Jogo meu travesseiro na cama e me jogo em seguida. Decido então não me cobrir a noite; já estou na mesma cama que ele, não preciso ficar debaixo da mesma coberta.

— Belos seios. Acho que já te disse isso.

Olho para ele que está olhado fixamente meus seios, e só então percebo que estou com a camisola transparente e com a luz do abajur acesa. Enfio-me debaixo da coberta e apago a luz.

— Você não sabe mesmo receber um elogio. — reclama ele.

— Ah, cala a merda dessa boca!

Ouçó sua risada, mas ele finalmente fica quieto. Por pouco tempo. Logo, ouço um gemido. Em seguida outro. Depois um grito. Passa um tempo em silêncio e ele começa de novo. Os gemidos, os gritos, ouço um barulho como se ele estivesse batendo a mão na perna, o que lembra o som que faz o movimento do pênis entrando e saindo. Ele geme de novo e grita meu nome e só então percebo o que está fazendo. Ele está simulando sexo comigo e fazendo os barulhos, para me enlouquecer, para me irritar, para me fazer querer matá-lo.

E é isso que faço. Pego meu travesseiro e pulo em cima dele, mirando o travesseiro em sua cara de pau, pretendo sufocá-lo. Ele começa a rir e segura meus braços. Claro que ele é muito mais forte do que eu e logo arranca o travesseiro da minha mão e me joga na cama, prendendo meu corpo embaixo do dele.

— Por Deus mulher, você é descontrolada!

Faço uma careta enquanto ele continua rindo. Assim que me acalmo, ele solta um dos meus braços e acaricia meu rosto. Fico sem reação tempo o suficiente para ele aproximar o rosto do meu. Primeiro ele beija minha bochecha, depois a ponta do meu nariz.

— Sebastian. — digo, mas nem eu sei se estou pedindo que ele pare ou que continue.

—Shhh! É só um beijo. — ele responde e sua boca já está na minha, voraz, faminta, me deixando sem ar.

Eu correspondo ao seu beijo, não tenho forças para fazer diferente, ele solta meus braços e passo as mãos pelo cabelo dele o puxando para mais perto de

mim. Quando estamos sem ar ele se afasta, deita na cama e me puxa para os braços dele.

Antes que eu possa reclamar, ele fala:

— Só fica aqui comigo, eu não vou fazer nada com você.

Como se eu tivesse forças para me afastar dele. Apenas concordo com a cabeça e adormeço usando o peito dele como travesseiro.

Sebastian

Ela está nos meus braços quando acordo. E já fazia tempo que eu não dormia tão bem. Coincidentemente, as últimas duas vezes que dormi bem, Celina estava nos meus braços. Tento não fazer barulho para me levantar, mas ela acorda, me olha com uma cara assustada, então sorri.

Ela se levanta e vai para o banheiro, e eu fico ali tentando entender o que significou aquele sorriso. Será que significa que ela finalmente aceitou que me deseja e vai ficar comigo? Será que quis dizer que ela curtiu a noite, mas não vai mais acontecer? Merda! Estou parecendo esses adolescentes apaixonados. E eu quero mesmo transar com ela, mas nem a pau vou me apaixonar de novo. Fico mais um tempo na cama, sentindo o cheiro dela. Eu sei, preciso transar logo, pois estou ficando patético!

Depois de tomarmos café no mais absoluto silêncio, finalmente Celina fala.

— Milagre você não ter vindo ainda com suas piadinhas infames para cima de mim.

— Está sentindo falta? Porque tenho um monte delas prontinhas para você.

Ela faz uma careta.

— Não disse que estou sentindo falta, só que achei estranho você ficar calado. Mas admiro seu silêncio, só para constar.

— Vou tomar mais cuidado com você de agora em diante, Morelli. Não quero morrer asfixiado pelo travesseiro enquanto durmo!

Ela engasga com o chá que está tomando e começa a rir.

— Não é sempre que eu faço isso. Mas você tem uma incrível capacidade de me irritar.

— Você não é a primeira a me dizer isso.

Ela volta a tomar o chá em silêncio. Mas sei que ela quer me dizer alguma coisa, porque vez ou outra, ela me olha pelo canto do olho. Decido não puxar o assunto, se ela vai vir com aquele papo de “não vamos transar Sebastian”, prefiro adiar o máximo possível ouvir isso.

Finalmente ela fala:

— Hoje é sábado e não temos compromisso. Imagino que esteja de folga hoje.

— Sim. — respondo já não gostando do rumo que as coisas estão tomando.

— Estava pensado em dar uma volta. Sei que já deve estar cansado da minha companhia, então quero sair um pouco. Sozinha! Sei que você entende.

Eu entendo e fico com raiva. Ela quer sair de perto de mim justo hoje! Justo no dia em que mais quero que ela fique comigo?! Mas não posso prendê-la a

mim, ela não é minha. Não é mesmo?

— Claro, pode sair sim. Precisa de algum dinheiro?

— Não, obrigada. Vou mesmo só dar uma volta pela cidade.

Fico mal humorado depois disso. Eu tinha planos para nós hoje, ia sair com ela, levá-la aos pontos turísticos da cidade, almoçar com ela ou talvez pegar uma praia. Mas agora vou passar justo esse dia sozinho.

Alguém bate na porta e Celina vai atender, Luís, o gerente do hotel, entra trazendo uma cesta de frutas e uma garrafa de champanhe.

— Me desculpe incomodá-lo senhor Vaughn, mas queria lhe desejar os parabéns. — ele estende a cesta meio sem graça.

Eu me aproximo e pego a cesta, já esperava por alguma coisa do tipo. Cumprimento Luís e agradeço pelo presente, então ele se retira. Fico mexendo no que tem na cesta, mas Celina continua parada na porta, feito uma estátua.

Por fim, ela fala:

— Por que não me disse que hoje é seu aniversário?

— Você não me perguntou.

Ela se aproxima de mim sem graça. Eu me viro ficando de frente para ela, para facilitar. Ela então passa os braços pela minha cintura e eu a envolvo em meus braços. Ela encosta a cabeça no meu ombro e fica assim um tempo.

Depois de alguns segundos, fala:

— Feliz aniversário. Eu não comprei nada para você. Se tivesse me avisado, teria feito alguma coisa.

Ela se afasta cedo demais e fica olhando para mim.

— Tudo bem, não achei nem que me daria os parabéns, levando em conta que me queria morto ontem à noite!

Ela sorri sem graça.

— Esqueça isso. Tem alguma coisa que eu possa fazer por você?

Sim, claro. Você pode deitar em cima dessa mesa e abrir as pernas, o resto eu mesmo faço, pensei.

— Não se preocupe, Morelli! Vá dar o seu passeio.

Ela parece indecisa, mas anda até a porta. Porém, para antes de abri-la e olha para mim de novo.

— Você vai passar seu aniversário sozinho?

É minha chance, preciso fazê-la ficar comigo por vontade própria. Não posso ser ridículo ao ponto dela perceber que quero a companhia dela.

— Não se preocupe, já estou acostumado. — ela assente e ainda indecisa se vira para sair. Merda! — Desde que minha mãe morreu sempre fico sozinho.

Dá certo. Ela para de novo e olha para mim. Posso ver a indecisão no seu olhar.

Finalmente ela anda de volta até onde estou.
— Eu não preciso sair hoje. O que quer fazer?

Celina

Fizemos de tudo durante o dia. Ele me levou ao Corcovado e aos Arcos da Lapa, depois almoçamos num restaurante a beira mar. Quando estávamos voltando para o hotel, passamos em frente a uma loja de biquínis, e ele parou ali.

— Vamos dar um mergulho?

— Eu não trouxe biquíni.

Ele apontou para a loja.

— Você não vai comprar um biquíni para mim. — reclamei.

— Por que não? É só um biquíni, não precisa ser tão orgulhosa.

— Não mesmo! Você já pagou pelo almoço, pelos passeios, não vai me comprar um biquíni.

— Célie, não seja uma vaca! É meu aniversário e eu quero mergulhar, com você. Então ou você aceita e mergulha com um lindo biquíni, ou vai entrar na água de lingerie mesmo!

Dei-lhe um tapa por ter me chamado de vaca e agora aqui estou eu. Em frente ao imenso mar da Praia do Pepê, com Sebastian deliciosamente de cueca, estendendo a mão para mim e me desafiando a tirar a roupa. Olho mais uma vez para os lados e antes que perca a coragem e pague pau para ele, tiro minha blusa.

Em seguida a calça e fico só de calcinha e sutiã. Ele fica mais tempo que o necessário olhando meu corpo, mas passo por ele correndo em direção ao mar.

— Anda logo, antes que alguém nos veja!

Percebo que ele está atrás de mim, mas entra na água, enquanto eu me abaixo bem na pontinha mesmo. Ele para quando percebe que eu não o estou seguindo.

— Você ainda está na areia, Morelli. Vem!

— Eu não sei nadar.

Ele dá uma gargalhada e anda até onde estou.

— Eu vou segurar você. — sussurra no meu ouvido e eu vou com ele.

Quando chegamos a um lugar em que meus pés não alcançam o fundo, passo as pernas pela cintura dele e ficamos assim. Há anos que eu não entrava no mar. Havia ido uma vez, com dez anos, para Cabo Frio com minha tia, mas assim que entrei na água, tomei um caldo duplo, entrou água e areia em todos os buracos possíveis! Comecei a chorar e fui sair do mar, quando fui sapecada por uma água-viva. Resultado: nunca mais entrei no mar.

Mas com Sebastian não tenho medo. Assusto-me cada vez que sinto alguma coisa encostar em mim, mas ele me acalma. Depois de alguns minutos, começo a relaxar, e até desço da cintura dele, mas não permito que ele solte minha mão, o que arranca risos dele.

Pouco tempo depois, já estou cansada. O mar é lindo, maravilhoso, mas não tem graça ficar dentro dele se você não sabe nadar. Sebastian percebe que estou impaciente para ir embora, e me puxa para bem perto dele, passando os braços pela minha cintura.

— Eu queria pedir um presente de aniversário para você!

— Pode pedir. Mas tenha em mente que estou falida.

Ele dá uma gargalhada.

— O que eu quero de você, não há dinheiro no mundo que possa comprar.

— Não posso imaginar o que seria isso.

Ele se aproxima de mim e me beija. Docemente, praticamente roça os lábios nos meus.

Então se afasta:

— É isso? Você queria um beijo de aniversário?

Ele abre aquele sorriso safado e sei que estou mais ou menos encrencada.

— Não, um beijo não. O beijo é só o começo do que quero de você.

Fico em choque. Sinto como se mil águas-vivas estivessem me sapecando, mas sem a dor, só a adrenalina e o susto. Claro que penso em descer um tapa na cara dele por sugerir aquilo, mas ali estamos nós. Aquele corpo musculoso dele todo molhado, colado ao meu, seus olhos verdes brilhando enquanto me olham, aquela boca deliciosa tão perto da minha.

Eu já disse que não sou de ferro? Assinto com a cabeça concordando, e ele parece supresso pela minha resposta. Então é ele quem está doido para ir embora. Ele me pega no colo e saímos da praia. Visto-me correndo para que ninguém me veja de lingerie, mas não deixo de observar enquanto ele se veste, a ereção que já está visível nele. Oh céus! Essa noite promete!

Ele praticamente me arrasta até o hotel e me manda direto para o chuveiro. Depois de tomar banho não sei o que vestir. Nem sei se devo me vestir. Mas ele interrompe minhas dúvidas batendo na porta do banheiro e pedindo gentilmente que eu me apresse, pois vamos jantar primeiro. Isso, eu disse que ele pediu gentilmente. Como um homem pode mudar quando quer comer uma mulher!

Então nós saímos primeiro. Repare bem que essa palavra “primeiro” promete! Ele é totalmente carinhoso e atencioso durante o jantar. Toca em mim o tempo todo, pega minha mão, beija meu ombro, meu cabelo. Sorri para mim nessa noite mais vezes do que já o vi sorrir desde que o conheço.

Quando o jantar acaba, começo a ficar nervosa. É só uma noite, é o aniversário dele, e eu quero muito isso. Sei que vai ser mais fácil conviver com ele mais uma semana se eu liberar logo, e acabar com esse desejo, mas estou realmente nervosa. Edmundo sempre transava comigo no escuro. Eu mal o vi pelado, e nunca deixei que ele me visse direito. Mas algo me diz que com

Sebastian não será assim e isso me assusta.

Assim que chegamos ao hotel, ele prova que eu estou certa. Antes mesmo de trancar a porta, ele já tira minha blusa e começa a me beijar. Eu decido não sentir medo e deixar rolar. Ele me beija como se o mundo fosse acabar. Então me pega no colo e me leva até o quarto. Eu não consigo controlar a risada quando ele faz isso.

Quando entramos no quarto, a coisa muda. Eu apago a luz, mas ele a acende. Nota que estou vermelha, então acende os dois abajures e apaga a luz. Mas ainda há luz suficiente para ele enxergar meu corpo.

Abaixo a cabeça, mas ele se aproxima:

— O que foi Celina? Não precisa ter vergonha, você é linda!

— Você sabe que eu não sou como as mulheres que você está acostumado a ter. Eu não sou perfeita.

— Sim, você é. Para mim você é perfeita, exatamente assim. Você não pode imaginar a quanto tempo tenho desejado ter você, Celina. Não há nada em seu corpo que diminua o tesão que você provoca em mim. Não tem com o que se preocupar. Vem aqui! — ele me puxa para os braços dele e me beija.

Acho que para me acalmar, ele tira a roupa dele primeiro e isso faz todo medo sumir. Ele é lindo! Maravilhoso! Esplêndido! Não, não estou exagerando! Quando ele tira a cueca, quase tenho um treco. É grande demais! Ele vê que me assustei e volta a me beijar; saber que o corpo dele está tão perto do meu, que ele está nu, me excita mais do que posso explicar!

Então ele começa a tirar minha roupa. Primeiro, ele abre meu sutiã, deixo que ele o tire. Ele toca meus seios gentilmente, mas vejo no olhar dele que está se controlando. Ele me olha e eu dou um leve aceno com a cabeça, ele entende o que quero dizer e toma meu seio na boca. Não consigo me controlar e gemo. Ele então passa o dente pelo meu mamilo, e sinto que vou explodir. Ele continua trabalhando em meus seios, e nem percebo quando ele tira minha calça. Mas quando ele se afasta de mim, minha calça já está em meus pés. Eu termino de tirá-la e ele fica mais um tempo me admirando.

Ele toca a lateral do meu corpo, desde o ombro até a coxa, e de repente se ajoelha na minha frente. Levo um susto e me afasto, mas ele me olha de cara feia e me aproximo de novo. Ele então começa a tirar minha calcinha. Enquanto faz isso sinto o medo voltar.

— Sebastian, espera! Você tem que me prometer que isso vai ficar só entre a gente. Quero dizer, por pior que eu seja na cama, você tem que prometer que não vai falar com ninguém.

Ele parece assustado e se levanta.

— Você está com medo de ser ruim de cama?

— Eu sei que eu sou. Só transei com o Edmundo, e ele não era exatamente bom de cama, então sei que também não sou. Tenho medo que você vá zoar comigo depois.

Ele parece em choque.

— Celina, eu nunca faria isso. Posso ser um estúpido como você diz, mas você nunca me viu contando realmente os detalhes sórdidos das minhas noites com outras mulheres.

Ele está certo. Eu tento me desculpar com o olhar, mas ele não parece mais com raiva. Me segura gentilmente pelos ombros e beija minha testa.

— Não se preocupe com isso, Celina. É impossível você ser ruim de cama, mas essa noite, você não vai ter que fazer nada. Essa noite, você só vai sentir.

Então ele me empurra para a cama e antes que eu perceba, sua boca está no meio das minhas pernas e sinto um prazer que nunca pensei que seria possível. Ele é implacável, sua língua não para e ele começa a enfiar um dedo em mim. Rapidamente perco o controle e sinto meu mundo ruir, percebo que gritei muito e me concentro em não fazer isso na próxima vez.

— Segundo. — ele fala e eu mostro o dedo do meio para ele, precisa ficar contando meus orgasmos?

Então ele está ali de novo, sua língua me enlouquecendo e perco os sentidos. Quando estou prestes a gozar de novo ele se afasta e eu reclamo. Ele então sobe na cama e me beija, e posso sentir meu gosto nos lábios dele, mas isso me excita. Ele continua me beijando enquanto vai guiando sua ereção até minha entrada. Gemo quando ele encosta a cabeça ali, mas ele logo retira. Quando estou prestes a reclamar, ele toma minha boca de novo e enfia em mim de uma vez. Dou um grito na boca dele, e ele começa a se movimentar dentro de mim.

Posso sentir minha parede se esticando para recebê-lo e isso me deixa ainda mais perto do paraíso. Ele atinge um ponto em mim, que aumenta meu prazer e eu dou um grito. Então tampo minha boca. Ele atinge esse ponto de novo e outro grito escapa de mim, mas me contenho para não fazer escândalo. Não consigo controlar os gemidos que saem da minha boca, mas estou fazendo de tudo para não gritar! Ele então olha para mim e diz.

— Grita mais alto, Celina! Mais alto, eu ainda não estou ouvindo você!

— Então você deve ter algum problema de audição. — consigo responder.

— Não. Quero que grite mais alto. Mais alto!

— Mas se eu gritar mais alto, todo mundo vai ouvir!

— Qual o problema dos outros hóspedes saberem que você está tendo o melhor sexo da sua vida?

— Convencido!

Ele ri e mete mais fundo, me pegando desprevenida e me fazendo dar um

grito.

— Isso! Assim que eu gosto. Eu quero ouvir você, quero saber que está gostando.

Mas eu estou adorando, não quero que isso acabe nunca. Mas logo mudo de ideia. Aquela sensação deliciosa vai se apoderando de mim, crescendo cada vez mais, e quero chegar lá. Enfio as unhas nas costas dele e ele geme, e logo nós dois gritamos quando enfim o êxtase mais absoluto nos atinge!

Ele ainda fica um tempo dentro de mim, recuperando o fôlego, quando se retira, sinto imediatamente sua falta. Mas ele deita ao meu lado na cama e me puxa para os braços dele.

— Tenho duas perguntas para você. — diz ele.

— Sim, foi o melhor sexo da minha vida.

Ele ri.

— Eu já sabia disso. O que quero saber é por que você não queria gritar.

— Não é que eu não quisesse. É que o Edmundo não gostava de dar show para os vizinhos, então ficava me pedindo silêncio. Quer dizer, não que ele já tenha feito alguma coisa que me fizesse realmente querer gritar, mas ele já me deixava avisada.

— Ele é realmente um babaca. Aposto como ele só fazia isso porque sabia que você não teria motivos para gritar e não queria ferir o próprio ego.

Começo a rir.

— Qual a segunda pergunta?

— Você toma anticoncepcional?

Faço uma cara de assustada e ele arregala os olhos, então começo a rir.

— Agora que você pergunta? Muito fácil dar o golpe da barriga em você. Mas eu tomo, sim.

Quero dizer, eu tomava, tomei por anos, quando estava com o Edmundo. Desde que terminei com ele não tomei mais, não achei que fosse precisar, mas sei que o remédio ainda não saiu do meu organismo. Vou voltar a tomar amanhã mesmo.

Ele me abraça mais forte e puxa a coberta para cima de nós. Fico feliz por ele não ter se afastado depois do sexo, quero muito dormir de novo nos braços dele. Ele fica acariciando meu cabelo e me pego pensando que ele tem razão em ser tão convencido, ele é realmente tudo isso que diz que é, e até mais. E essa foi de longe a melhor noite da minha vida.

Recosto-me nele e quando estou quase dormindo, ele diz com a voz baixa:

— Você foi maravilhosa, Celina! Mas amanhã, vou pegar mais pesado com você!

— Não terá amanhã, Sebastian. Foi seu presente de aniversário. Nós não

faremos mais isso!

Ele fica tenso por um momento e espero uma discussão, mas logo ele relaxa e me aperta nos braços dele.

— Claro que não vamos mais fazer isso. Não vamos mesmo. — ele fala, mas sinto que está rindo.

Capítulo 10

Sebastian

Quando ela acorda, eu já pedi o serviço de quarto e estou tomando meu café. Ela me dá um sorriso sem graça e vai para o banheiro. Preciso admitir que tive uma das melhores noites de que me lembro. Finalmente peguei uma mulher de parar o trânsito!

Tá, depois ela veio com aquele papo de “não vamos mais fazer isso”, mas duvido que ela vá resistir, estando nesse quarto de hotel e na mesma cama que eu, porque eu não pretendo facilitar para ela. Quero tê-la de novo, quero tê-la mais um monte de vezes, e vou tê-la!

Ouçõ o barulho de um grilo vindo da mesa, está vindo de dentro da bolsa da Celina. As últimas duas vezes que ouvi esse barulho era o tal do Edmundo, então olho para conferir se ela ainda está no banho, ouço o barulho da água caindo e abro a bolsa dela. Pego o tijolo que ela chama de celular e aparece apenas um número; ela deve ter apagado o contato dele da agenda do celular. Então eu atendo.

Fico em silêncio por um momento, mas ele começa a falar:

— Celina, onde você está? Eu fui à igreja ontem, fiquei esperando você. Tinha certeza que você ia aparecer, por que fez isso?

Continuo em silêncio, mas percebo que ele espera uma resposta, então resolvo falar:

— A Celina está no banho. Não pode atender agora!

Ele gagueja, mas consegue perguntar:

— Quem está falando?

— Sebastian Vaughn.

— Sebastian? Da V.D.A.?

— Isso mesmo.

— Por que diabos você está atendendo o telefone dela?

— Porque ela foi para o banho e o deixou na cama, então resolvi atender.

— Na cama? Onde vocês estão?

Perco a paciência e já falo de forma que ele perceba isso.

— Quem é você?

— Sou Edmundo, o noivo dela. Ela não falou de mim?

— Tenho absoluta certeza de que se ela tivesse um noivo, não teria viajado comigo.

— Viajado? Para onde?

— Olha Edmundo, a Celina está ocupada agora. Na verdade pretendo mantê-la ocupada pelo resto do dia, então pode ligar para ela outra hora. Até mais!

Desligo antes que ele possa dizer qualquer coisa, e um sorriso nasce em meus lábios ao imaginar a cena. Se ele estava falando a verdade, então ele não cancelou o casamento, ela deveria ter se casado ontem, mas ficou o dia todo comigo e em momento algum pareceu se lembrar disso.

É melhor guardar o celular dela, se ela não se lembrou, não sou eu que vou lembrá-la. Apago a ligação dele do celular, e estou prestes a guardá-lo, quando aperto um botão e uma imagem aparece. Ergo o celular novamente para ter certeza que estou vendo direito, mas estou. É uma foto de Celina vestida com uma fantasia sexy pra caralho! Ela está vestida de coelhinha, com as orelhas e tudo.

Lembro-me que ela comentou sobre as fantasias que comprou para a lua de mel e passo para a próxima foto. Sorrio quando constato que eu estou certo, ela deve ter tirado foto com todas as fantasias. A segunda foto a mostra deliciosamente vestida de enfermeira. Meu sorriso agora domina todo meu rosto e meu pau já está acordado. Vou até o quarto e pego meu celular, preciso ter essas fotos, preciso me lembrar delas para sempre.

Quando Celina sai do banho, me aproximo dela e dou um beijo em sua boca. Ela se assusta e se afasta.

— O que foi isso?

— Um beijo. — digo calmamente e ela arregala os olhos.

— Sebastian, nós conversamos sobre isso. Aquilo que aconteceu ontem não vai acontecer de novo.

— Porque você é minha secretária, eu sou seu chefe e blá-blá-blá... Você já disse isso Morelli, relaxa, foi só um beijo! Ainda não estou tirando sua roupa.

Ela bufa.

— Você não vai tirar minha roupa! E não é para ficar me beijando também.

— Ok, relaxa.

Ela vai para o quarto trocar de roupa, mas eu a sigo. Claro que sigo. Depois de ver aquelas fotos dela, não tem a menor possibilidade de não estar dentro dela nos próximos dez minutos.

Quando abro a porta ela se assusta e se enrola de novo na toalha:

— O que está fazendo aqui?

— Vim ver você.

— Você não pode esperar eu vestir a roupa para me ver?

— Não, você fica bem mais interessante nua!

Ela se irrita e atira um frasco de algum creme. Eu não saio rápido o suficiente e ele acerta meu ombro.

— Ah Celina, não acredito que você fez isso!

Ela começa a rir. Eu avanço na direção dela, ela grita e corre para a porta, mas eu a agarro e a jogo na cama.

— Você me paga! — reclamo e antes que ela possa pensar no que estou fazendo, minha boca já está na dela e minha mão já está no meio de suas pernas, ela é minha, e precisa aceitar isso de uma vez por todas!

Celina

Não acredito que transamos de novo, e novamente foi maravilhoso! Quando me recupero, me visto e vou comer alguma coisa. Pouco depois ele se senta ao meu lado na mesa e começa a comer também. Não falamos nada.

Não sei mais o que fazer com essa situação. Era para ter sido somente uma transa no aniversário dele, nada mais que isso. Mas já foram duas vezes, e hoje nem é um dia especial.

Que desculpa eu vou dar agora para mim mesma para que não ocorra uma terceira vez? Distraio-me em meus pensamentos por um minuto e a boca dele já está na minha de novo. Eu correspondo ao beijo, não consigo me afastar, mas quando ele me pega no colo e vai em direção ao quarto. Eu reajo e bato nele até me colocar no chão.

Afasto-me imediatamente.

— O que acha que está fazendo?

— Te levando para o quarto. Ou você quer fazer aqui mesmo, na sala? Eu não me importo.

— Nós não vamos fazer, nem no quarto e nem na sala! Você não ouviu o que eu disse?

Ele abre aquele sorriso safado.

— Ouvi. Você disse que não ia fazer de novo, mas foi pouco antes de fazer de novo. Então acho que não devo levar em consideração o que você fala.

Faço uma careta. Ele realmente me irrita!

— Sebastian, presta atenção! Nós transamos, duas vezes, foi ótimo, mas acaba aqui! Eu não vou ser sua amante e você não vai me ter de novo!

Ele dá um passo na minha direção e eu dou um passo para trás.

— Você não vai ser minha amante, porque eu não sou comprometido.

— Você entendeu o que eu quis dizer. Não quero ficar fazendo sexo com você!

— Você não gostou?

— Não se trata disso.

— E se trata do que então?

Eu suspiro e me sento no sofá. Ele se senta na poltrona, longe de mim.

— Eu não sei fazer isso, Sebastian. Não sei ter esse tipo de relação!

— De que relação estamos falando Celina? Você sabe que eu não vou ser o cara que vai te pedir em casamento e te chifrar depois.

Ele se senta ao meu lado e pega minha mão.

— O que estou te propondo é muito mais fácil, não é uma relação, não é um

compromisso. É só sexo. Você só tem que me deixar te dar todo o prazer do mundo, e eu prometo fazer isso. Quando você se cansar, não faremos mais.

Parece simples, e bom demais. E eu sei que nada realmente bom é tão simples. Eu realmente quero transar com ele de novo e de novo e de novo, mas não sei se estou pronta para ter uma relação. Ou uma “não-relação”, como ele diz.

— Não precisa pensar tanto, Celina. Isso é comum hoje em dia, duas pessoas se conhecem, confiam uma na outra, sentem atração uma pela outra, acaba em sexo. É simples e delicioso assim!

— Eu não sei. Você é meu chefe, isso vai ser estranho.

— Vamos fazer o seguinte: durante o dia, quando a gente estiver na empresa, você é só minha secretária, nada de beijos, nada de sexo. Quando voltarmos para o Hotel, ou quando anoitecer, você é minha. Vai deixar eu fazer de tudo com você, na hora que eu quiser e em troca te prometo todo prazer que você sequer pode imaginar. Quando a viagem acabar e voltarmos para a casa, nosso sexo acaba. Pense nisso como umas férias da sua rotina!

— Férias? — ainda estou em dúvida, ainda sinto que alguma coisa vai dar muito errado nisso tudo.

— Celina, você acha mesmo que vai conseguir ficar ao meu lado a semana inteira e não fazer amor comigo? Acha mesmo que vai resistir?

— Você não tem que ser tão convencido! Sabe, eu poderia dormir tranquilamente na mesma cama que você e não tirar a sua roupa!

— Claro que poderia, mesmo porque eu já estarei nu, quando estiver na cama com você.

— Sebastian! — vou dar um tapa nele, mas ele me puxa e me beija.

— Relaxa Celina, só relaxa e curte!

Então volta a me beijar e assim inauguramos o sofá da sala.

Não preciso detalhar como passamos aquela tarde de domingo, acho que transamos umas oito vezes. Sebastian é incansável, e quanto mais eu o tenho, mais o quero! Tento não pensar muito nisso, ele não vai ser sempre esse cara atencioso e quente que está sendo hoje, isso é só pelo sexo. Amanhã é segunda, voltaremos ao trabalho, à rotina, e ele voltará a ser o estúpido que sempre foi! Assim eu vou parar de pensar tanto nele.

Saio do que deve ser meu quarto banho do dia e ouço o som do celular de Sebastian. Ele está sentado no sofá, perto do telefone, mas claro que não atende. Eu reclamo, mas atendo o celular dele e uma mulher pede para falar com ele. Pergunto quem é, mas ela fica em silêncio. Então entrego o telefone a ele:

— Alguém não identificado quer falar com você.

Ele me olha estranhando, mas pega o telefone, e então sua expressão muda

totalmente. Ele se levanta e gagueja. Eu disse que ele ga-gue-ja, e nunca na vida vi Sebastian gaguejar. Ele sempre é confiante demais. Sinto que tem alguma coisa errada, mas ele sai do quarto e vai para o corredor, me deixando ali.

Visto-me e fico trocando de canal, não consigo prestar atenção em nada. Sebastian está no corredor, ao telefone com a pessoa não identificada a pelo menos quinze minutos. Ele não fica esse tempo no telefone nem por questões de trabalho, ele sempre passa o telefone para mim.

Quando ele volta, decido não perguntar o que aconteceu, não sou nada dele, se quiser, ele que me conte! Senta-se ao meu lado e apoia a cabeça entre as mãos, mas continuo ignorando. Depois de um tempo, ele toma o controle da minha mão e desliga a televisão. Parece irritado.

— Você não vai perguntar quem era? — diz.

— Não é da minha conta!

Ele parece surpreso. Joga o controle no sofá do outro lado e volta a colocar a cabeça entre as mãos.

— Pode me devolver o controle? — reclamo.

— Não! Não quero esse zumbido na minha cabeça.

Eu me aproximo dele.

— Está acontecendo alguma coisa? Você quer conversar?

Ele dá uma risada, mas não há nada de feliz nela.

— Eu sabia! Esse papo de não é da minha conta só vale por um minuto. Você vai perguntar quem era, não vai?

Ele tem um dom de me irritar. E além de ser irritante ainda é um imbecil mal humorado e sem noção. Eu me levanto e praticamente grito.

— Não venha descontar o seu mau humor em mim! Eu não te perguntei hora nenhuma quem te ligou, perguntei se você quer conversar. Mas se você não é civilizado o suficiente para fazer isso, então vai à merda!

O barulho da música Erva Venenosa começa a tocar me alertando que a Gil está me ligando.

Então me afasto dele e vou atender ao celular:

— Celina, como você está?

— Bem, e você?

— Bem também.

Ela fica em silêncio e percebo que quer me contar alguma coisa.

— O que foi Gil? Pode falar. O que aconteceu agora?

— Eu nem ia te falar isso, mas achei que era melhor saber por mim. Eu passei em frente à igreja ontem, às dezenove horas e ele estava lá. Estava vestido de noivo, no altar, toda a família dele e alguns conhecidos de vocês estavam lá. Ele não cancelou o casamento Celina, ficou esperando por você!

Fico em silêncio. Estou em choque, não sei o que fazer, o que dizer, nem sei o que pensar. Eu deveria ter me casado ontem, deveria estar em lua de mel nesse momento. Como eu nem me toquei que ontem foi dia treze de fevereiro? Como eu pude deixar passar? E o que quer dizer o Edmundo não ter cancelado o casamento? O que quer dizer ele ter ficado como um idiota na igreja, esperando por mim? Sou arrancada de meus devaneios, quando Gil grita:

— Você está aí?

— Desculpe, sim.

— Você está chorando? Celina, eu não te disse isso para te fazer chorar! Eu quero que você ria, porque o imbecil ficou lá com uma cara de panaca abandonado no altar. Só te avisei para você desligar o celular, caso algum parente vingativo dele resolva te ligar.

Não consigo mais responder. O que aconteceu com a minha vida? Como fui parar nessa situação? Não duvido nem por um segundo que esteja pegando pesado com o Edmundo, ele mereceu, mas por que não me deixa simplesmente em paz? Será que um dia poderei perdô-lo?

De repente Sebastian envolve minha cintura em seus braços e tira o telefone da minha mão. Ele me abraça forte e eu encosto minha cabeça no ombro dele e choro. Ficamos assim por uns minutos. Quando paro de chorar, ele se senta no sofá e me puxa para o colo dele. O tempo todo ele fica beijando minha testa, alisando meu cabelo e dizendo que está tudo bem e isso acaba me acalmando.

Quando estou recuperada, ele me olha.

— O que aconteceu, Celina?

— A Gil, ela disse que ele não cancelou o casamento. Disse que todos foram e ficaram lá na igreja esperando por mim.

— Ótimo. Assim ele fez papel de ridículo!

Concordo com a cabeça, mas ele percebe que algo está errado.

— Celina, o que foi? Você está arrependida por não ter se casado? É isso?

— Não. Eu não sei. Não sei o que estou sentindo. Acho que queria apenas esquecer tudo isso!

Ele me puxa de novo para o peito dele e fica acariciando meu cabelo.

— Você ainda o ama?

— No momento eu o odeio.

Ele respira fundo.

— Acha que vai perdô-lo quando essa mágoa passar?

Eu penso por um momento: sou mesmo capaz disso? De esquecer o que vi, o quanto fui humilhada e voltar para ele? Será que sou mesmo capaz de continuar com o Edmundo egoísta, depois de ter por um único dia toda a atenção que Sebastian tem me dado?

— Não. Acho que sou vingativa demais para perdoar.

Percebo ele relaxar quando falo isso.

— Então não vale a pena chorar por ele. Se você vai chorar por um homem Celina, ele tem que valer a pena. Você vai chorar por mim, mas eu vou valer cada lágrima!

Olho para ele, mas ele cobre minha boca com a sua.

— Tudo vai ficar bem. — ele sussurra e me beija de novo.

Eu me deixo levar nos braços dele. Ele me carrega ao quarto, mas não afasta a boca da minha hora nenhuma, porém seus beijos não são mais aqueles urgentes, que me devoram. Ele me beija pacientemente, com carinho, quase devagar demais.

Assim ele me deita na cama, bem devagar e abre meu roupão do mesmo jeito. Ele me beija novamente, ainda carinhosamente e então vai descendo seus beijos pelo meu pescoço, até alcançar meus seios. Espero ele chupar com força, como sempre faz, mas ele brinca com a língua neles, dando beijos leves e mordiscando bem de leve. Aquilo me irrita e me excita ao mesmo tempo. Fico louca esperando que ele faça logo, que faça alguma coisa rude e acabe com aquilo, mas ele não faz. Ele deixa meus seios e desce seus beijos pela minha barriga, demora um tempo beijando o que parece cada centímetro do meu corpo, até chegar ao meio das minhas pernas. É mais frustrante ainda a forma como ele me beija ali, tão devagar, tão de leve.

Eu resmungo e arqueio meu corpo em direção a boca dele, mas ele ri e continua me beijando de leve. Quero que ele me chupe, que enfie seus dedos em mim, mas ele não faz isso.

— Sebastian. — resmungo.

— Fica calma Celina, me deixa amar você do jeito certo — ele sussurra e volta a me beijar de leve, mas as palavras dele me fazem acalmar e apreciar o que ele está fazendo.

E ele está me deixando a beira do abismo, e recuando. Está me enlouquecendo, entendo o jogo dele. Quando estou prestes a explodir, ele se afasta, sorrindo. Então começa a tirar sua roupa vagarosamente, eu me levanto ainda meio grogue e começo a tirar sua camisa, ele afasta as mãos e me deixa fazer o resto.

Quando tiro a camisa dele, beijo cada centímetro de seu rosto, lábios e seu ombro. Desabotoo sua calça e a tiro, junto com a cueca. Ele as tira pelos pés e eu o empurro na cama, e monto em cima dele. Ouço sua risada e meu coração se alegra que ele tenha gostado.

Nem sei o que estou fazendo, nunca fui ousada na cama, mas quero retribuir o carinho e a raiva que ele me fez. Então vou beijando delicadamente cada pedaço

de seu peito, ouço ele gemer, quando raspo as unhas levemente em sua barriga. Vou descendo meus beijos, beijo cada músculo, cada gominho de seu abdômen e então chego ao seu pau. Eu o toco levemente com a mão.

— Celina! — ele grita.

Mas eu continuo lentamente, então encosto minha boca na cabeça dele. Ele geme e arremete contra a minha boca, mas eu me afasto. Quando ele se acalma volto a tomá-lo com a boca. Nunca fiz isso antes, não quero que ele perceba que estou nervosa, ou que não sei como fazer. Já vi minha quota de filmes pornô para ter uma ideia de como fazer, então lambo sua cabeça e o ouço gritar. Então concluo que devo estar fazendo certo.

Quando enfio seu pau na boca, faço com que ele entre vagarosamente, até alcançar o limite da minha garganta, então o tiro da boca com a mesma lentidão. Ele grita meu nome de novo e tenta meter na minha boca, mas eu me afasto e espero novamente ele se acalmar. Quero torturá-lo da mesma forma que ele me torturou!

— Você é muito vingativa! — ele reclama quando volto a lambê-lo bem devagar.

Eu sorrio para ele e respondo:

— Nada disso, estou apenas amando você do jeito certo.

Ele dá uma gargalhada, mas me puxa para os braços dele.

— Vou te ensinar a amar bem direitinho. — Então sua boca está na minha e ele me joga de costas na cama, seu corpo cobrindo o meu.

Seu beijo voltou a ser voraz e violento. Ele entra no meio das minhas pernas e para a cabeça do pau na minha entrada. Eu não acredito que ele vai fazer isso, mas ele faz.

— Implora.

— Filho da mãe!

— Você não terá o que quer se continuar tão malcriada.

— Não vou implorar.

— Então não vai ter!

Ele fica passando a cabeça do pau pela minha entrada e no meu clitóris, me enlouquecendo!

— Sebastian. — não resisto e grito o nome dele.

— Está implorando?

— Merda! Estou! Faça logo. Estou implorando, me come!

Ele me beija e morde meu lábio, então, bem lentamente vai entrando em mim, e a sensação de senti-lo entrar tão devagar é tão diferente de quando ele mete de uma vez, que fico quieta, apenas sentindo. Fecho os olhos e suspiro e ele começa a se retirar bem devagar, então entra vagarosamente de novo.

— Você não vai ficar fazendo isso. — reclamo e o empurro, subindo em cima dele.

Ele dá gargalhadas enquanto eu cavalgo em cima dele, com pressa, do jeito que eu gosto. Ele segura meu quadril e guia meus movimentos, metendo ainda mais fundo e cada vez mais rápido. Quando nós dois alcançamos o clímax, ele me puxa para o peito dele e me abraça forte.

— Você não vai sair daqui tão cedo. — sussurra em meu ouvido.

— Não quero ir a lugar nenhum. — respondo pouco antes de adormecer no calor dos braços dele.

Sebastian

Acordo com uma sensação que há muito tempo não sentia. A sensação de estar completo e realizado. Sei que foi a primeira vez que a Celina pôs um pau na boca, mas fez isso tão bem, que se não conhecesse a história dela, diria que é uma puta disfarçada.

Toco o lado da cama, mas ela não está ali. Então vou procurá-la. É estranho que tenha trepado com ela há tão pouco tempo e já sinta falta do seu corpo junto ao meu. Acho que estava precisando mais de sexo do que imaginava! E por mais vingativa e malcriada que ela seja, é maravilhosa na cama. Simplesmente deliciosa.

Eu a encontro sentada a mesa, com meu celular na mão. Ela se assusta quando me vê, mas me olha como se fosse me matar, e sei exatamente o que ela achou ali, meu papel de parede.

— Sebastian, que merda é essa? — ela pergunta virando a tela do celular para mim.

Tomo o celular da mão dela e digo calmamente:

— Acho que é uma mulher deliciosa vestida de dominatrix!

— Muito engraçadinho. Onde você achou essa foto e o que ela está fazendo como protetor de tela do seu celular?

— Celina, relaxa! Ninguém mexe no meu celular além de você e eu. Ninguém vai ver!

— Você vai.

— Não queria acabar com sua ilusão, mas eu já a vi com bem menos roupa do que isso.

Ela se levanta e começa a dar socos em meu peito.

— Seu idiota! Não é para você ter fotos minhas indecentes no seu celular! Como conseguiu isso?

Eu seguro os pulsos dela, tenho que conter um sorriso, ela está realmente nervosa. Fica ainda mais linda quando está assim.

— Peguei do seu celular.

— E quem te deu permissão para mexer no meu celular?

— Você mexe no meu.

Ela bufa e se afasta de mim.

— Eu sou sua secretária, infelizmente sou obrigada a mexer no seu celular! Você não tem direito nenhum de mexer nas minhas coisas! E para quê passar minhas fotos para o seu celular?

— Por que você acha que eu vou querer uma foto sua seminua no celular?

Para pensar em você cada vez que...

Ela não me deixa terminar de falar, arremessa um vaso na minha direção e desvio por pouco. Tenho que conter o riso para ter forças para segurá-la, antes que ela alcance o segundo vaso.

— Celina, sua louca! Pare com essa mania de atirar as coisas! Vou descontar o valor desse vaso do seu salário!

Eu não vou fazer isso, mas isso a faz se acalmar. Quando acho que é seguro a solto. Eu quero mesmo puxá-la para meus braços e beijá-la. Adoro quando ela dá esses ataques, mas me mantenho firme.

Ela respira fundo e pega meu celular de novo:

— O que está fazendo Celina?

— Apagando essas fotos, é claro.

Deixo que ela mexa um pouco no celular, depois o tomo da mão dela, e antes dela reclamar, já a estou beijando de novo. Preciso tê-la, já me segurei por tempo demais!

Acordo com um sorriso idiota no rosto que não quer sumir. Celina ainda me provoca, mas não me deixa tocá-la.

— Amanhã! Sou sua secretária agora. Nada de beijos, nada de sexo!

— Como queira, Célie!

Ela faz uma careta e arremessa uma almofada em mim. Adoro irritá-la.

Chegamos à empresa e ela se senta calada em sua mesa. Percebo que todos a estão olhando e cochichando. Incomoda-me que ela esteja sendo motivo de chacota de novo. Ainda mais porque não saí de perto dela nos últimos dias e dessa vez ela não fez nada. Penso que pode ser alguma coisa com o seu ex noivo, chamo um funcionário num canto para perguntar, mas ele desvia os olhos e diz que não é nada.

A resposta para a minha pergunta vem depois do almoço, quando recebo uma ligação de Matheus.

— Que merda está acontecendo entre você e a Morelli, Sebastian?

Engasgo.

— O quê? Nada. Ela está viajando a trabalho comigo.

— A trabalho? E você não transou com ela?

— Que pergunta é essa Matheus?

— Quero saber, por que a foto da Celina usando uma fantasia de dominatrix está no seu Instagram? Que merda você acha que está fazendo? Você sabe que não permitimos relacionamentos entre funcionários da empresa. Que merda é essa, Sebastian?

— Instagram?

Não digo mais nada enquanto ele vai soltando um monte de palavrões. Abro

meu notebook e vou direto para o meu Instagram. Lá está: a foto da Celina vestida de dominatrix, enviada ontem à noite, na hora em que ela estava mexendo no meu celular. Ouço um arquejo atrás de mim, e Celina está parada, com a mão no rosto, vermelha como um tomate.

— Ah não... Isso não é verdade! Me diz que você não fez isso!

— Na verdade, você fez isso.

Ela parece que vai desmaiar, então joga meu celular na mesa e a puxo para o meu colo.

— Relaxa, vamos apagar isso, ainda não deu tempo de quase ninguém ver.

Apago a foto, mas claro que todo mundo já viu. Bem que o Matheus podia ter ligado para me xingar mais cedo!

— Claro que todo mundo viu! Por isso estão cochichando de novo.

— Não se preocupe, daqui a pouco todo mundo esquece.

— Quantos seguidores você tem no Instagram?

Engulo em seco e penso em mentir, mas não adiantaria, ela poderia acessar meu Instagram depois e ver a verdade.

— Um pouco mais de dez mil. — falo baixinho, mas ela sai do meu colo horrorizada.

— Dez mil?

Tento acalmá-la, mas nada do que faço a deixa melhor. Merda, dessa vez foi culpa minha. Eu não devia ter colocado sua foto como tela do celular. Claro que ela ia ver e ia tentar apagar. E sendo a Celina, eu devia saber que tinha uma grande probabilidade de acabar assim.

— Desculpe-me, Celina. A culpa foi minha. Você pode me processar, vai ficar rica.

Ela dá um sorriso sem graça e volta para sua mesa e não sai de lá nem para almoçar.

Depois de horas, consegui convencer a Celina a ir comer alguma coisa, mas ela está demorando demais, então vou atrás dela. Olho no refeitório, mas ela não está lá. Então saio pela empresa procurando por ela. Avisto seus cabelos negros próximo ao banheiro feminino, mas ela não está sozinha. Tem dois homens a encurralando.

Escuto apenas o final do que um deles está dizendo.

— Você não precisa se fazer de difícil, gatinha! Não sou o dono da empresa, mas posso fazer você esquecê-lo em dois tempos. — ele passa a mão pelo cabelo dela, que tenta se afastar, mas ele segura o seu braço — Não se faça de santa, eu vi sua foto. Você é deliciosa!

Então entro em ação, afasto-o pelos cabelos, mas sei que não posso agredi-lo. Não quero um processo de verdade nas minhas costas. Eu o imobilizo e o viro na

direção da Celina. Sei bem o quanto ela tem a mão pesada.

— Vamos, Célie, ele é todo seu! Pode descontar.

E é o que ela faz. Descarrega toda sua raiva na cara dele. Ela consegue arrancar sangue dele e fico muito orgulhoso dela. Depois que suas mãos doem, ela começa a chutá-lo, chuta várias vezes no meio das pernas e tenho que segurá-lo em pé. O outro cara fica apenas olhando, se divertindo com a situação.

Quando ela cansa, põe a mão nos joelhos.

— Já chega, não estou mais com raiva!

Olho para ele e vejo que o estrago foi muito bom para uma mulher.

— Eu vou processar você. — reclama ele.

— Sério? Por quê? Eu não te dei um tapa. Se pretende dar queixa contra a senhorita Morelli, devo lembrá-lo que ela pode acusá-lo de assédio, eu sou testemunha dela!

Ele sai resmungando e eu decido levá-la para o hotel. Espero que essa história da surra se espalhe e que não haja mais cochichos quando ela passar amanhã.

Ela fica calada o caminho todo. Quando chegamos ao hotel, deixo que ela tome um banho, e peço o serviço de quarto. Enquanto tomo meu banho espero que ela coma, mas ela não faz isso. Tento convencê-la a comer, mas ela parece chateada e sem fome.

— Não precisa ficar assim. Você vai ver amanhã que a história da surra vai sobrepujar a história da foto. Daqui a pouco ninguém lembrará mais disso!

Ela não diz nada, continua chateada.

— Celina, você é linda! Vai que você consegue um contrato para posar nua por causa dessa foto, hein? Vai ficar rica! — tento brincar, e ela dá um sorriso, mas logo volta a ficar triste.

Eu me aproximo para abraçá-la, mas ela se afasta.

— Não, Sebastian! Eu estava pensando. Acho melhor pararmos com isso.

— Pararmos com o quê?

Sei o que ela vai dizer, e não quero, não quero de jeito nenhum ouvir isso.

— Esse caso. Isso que há entre a gente. Isso não pode ser bom para nenhum de nós. Acho que não vale a pena, estamos arriscando demais. Olha no que deu!

— Celina, foi um acidente. Nada parecido vai acontecer de novo.

— Eles vão falar, Sebastian! Todo mundo vai falar que eu estou tendo um caso com você e como eu vou me defender? Eles estarão certos, não estarão?

Começo a ficar desesperado. Ela se afasta e vai para o quarto. Eu não sei o que fazer, só sei que não quero perdê-la agora. Não posso!

Vou atrás dela e a puxo para meus braços, a apertando o máximo que consigo.

— Você não vai fazer isso Celina! Eu não vou desistir de nós! Que pensem ou digam o que quiserem, mas você e eu não vamos acabar aqui! Você é minha essa

viagem inteira e ponto.

Eu a beijo, e ela não se afasta. Então deito com ela na cama e a prendo em meus braços, acariciando seu cabelo até ela adormecer. Não transamos essa noite, mas o fato dela ter ficado em meus braços depois de dizer que não ia mais ficar comigo, me conforta. O que temos está muito longe de acabar.

Capítulo 11

Celina

Os cochichos diminuíram bastante. Ainda há alguns, mas percebo que estão falando sobre a surra que dei no Ângelo, não sobre a minha foto no Instagram do meu chefe. Nem sei como me meto nessas situações, mas elas sempre acontecem comigo. Estava até demorando para eu ser motivo de piada de novo, e não vai demorar, serei novamente. Essa é minha vida, o que posso fazer? Sebastian está andando ao meu lado em silêncio. Ele está assim desde quando entramos no elevador, ainda no hotel e meu celular começou a tocar aquele som de grilo engasgado.

Sebastian me olhou e pediu para eu não atender, não pretendia mesmo atender o Edmundo, mas não entendo o porquê disso! Não é como se ele soubesse que era o Edmundo ligando, ou será que ele percebeu que meu celular só toca esse grilo engasgado quando ele liga?

De qualquer forma, eu não atendi, e ele me ligou mais umas cinco vezes depois disso. Eu ainda não estou pronta para falar com ele, não quero ouvir que ele fora à igreja e ficara esperando por mim. Não quero ter de dizer a ele que eu sequer lembrei que era a data do nosso casamento, que estava ocupada demais tendo o melhor sexo da minha vida com o meu chefe. Então o melhor para nós dois é não nos falarmos por agora. Quem sabe um dia eu queira falar com ele de novo? Acho que isso não vai acontecer, mas nunca se sabe.

Sebastian continua em silêncio, eu fiz o que ele queria então não entendo por que está tão sério. Resolvo não perguntar o motivo. Se quiser, ele falará comigo! Não quero dar uma de “namorada ciumenta”, se nem namorada dele eu sou.

Deixo-o com seus pensamentos; nos entenderemos a noite, na cama. Estou contando os minutos para chegarmos logo ao hotel, não transamos na noite passada e essa noite ele terá que me dar prazer em dobro, para compensar.

Entramos em sua sala e ele vai para a mesa ligar o computador. Logo, percebe que há um buquê de flores na mesinha de centro da sala, ele lê um cartão e joga as flores no lixo.

Quero perguntar de quem são as flores, o que está acontecendo, mas é como eu disse, deixo ele com seus pensamentos, afinal, não são da minha conta. Ele fica com um mau humor do caralho depois de receber as flores, e mal fala comigo.

Também não insisto, falo o que tenho que falar com ele por e-mail, o que o faz dar o primeiro sorriso ao conversarmos no bate-papo:

Sebastian: *Por que está me mandando mensagem se estou na sua frente?*

Celina: *Porque vc parece estar em outro mundo.*

Sebastian: *Não se engane, estou muito consciente da sua saia curta.*

Celina: *Vc é um perverso. Mesmo quando está tão mal humorado.*

Sebastian: *Não estou de mau humor, impossível ficar mal humorado com essa vista.*

Percebo que a forma como estou com as pernas cruzadas está mostrando um pedaço da minha bunda para ele, então abro as pernas, e o ouço gemer:

Sebastian: *Vc é uma menina muito safada. Adoro isso!*

Celina: *Pena que não pode me tocar, apenas me ver.*

Sebastian: *Não me desafie, sabe que não tenho limites.*

Resolvo parar de provocá-lo antes que ele tome mesmo isso como um desafio e queira transar na sala dele, o que seria constrangedor, já que eu não conseguiria dizer não e odiaria dizer sim. Paro de mandar mensagens e volto ao meu trabalho, recebo ainda algumas carinhas tristes dele, mas as ignoro.

Vejo que ele olha para as flores no lixo de vez em quando e faz uma careta, então presumo que quem quer que as tenha enviado, o irritou muito, e isso me deixa muito curiosa. Então tenho uma ideia.

Eu não pretendia ficar dando voltas na empresa, mas preciso de um café. Acabo rindo quando percebo que todos se afastam quando passo e ninguém mais mexe comigo. Agora eles têm medo de mim, e devo isso a Sebastian.

Odeio o fato de que no momento devo muitas coisas a ele, inclusive minha paz de espírito! Pego o café com pouco açúcar, do jeito que ele gosta e levo à mesa. Ele me agradece com um sorriso enorme e fico tentada a beijá-lo, mas me contenho. Enquanto ele toma o café olho de relance para as flores no lixo e percebo que o cartão está por cima, de forma que eu poderia pegá-lo tranquilamente, mas Sebastian percebe o que estou olhando e começa a falar coisas comigo sobre o negócio que está fechando. Não me deixa olhar de novo naquela direção...

Desisto por enquanto e volto à minha mesa, quando chego, há uma mensagem dele.

Sebastian: *Não vejo a hora de comer vc.*

Faço uma careta!

Celina: *Não diga essas coisas, pois alguém pode interceptar essa conversa. Vc sabe que essa rede é de toda a empresa. Não preciso ser motivo de chacota de novo.*

Sebastian: *Desculpe.*

Volto a trabalhar, mas logo recebo outra mensagem.

Sebastian: *Que calcinha está usando?*

Celina: *SEBASTIAN!!!!!!!!!!*

Uso letras maiúsculas e um monte de pontos de exclamação para ele entender que estou chamando sua atenção.

Sebastian: *Desculpe, última mensagem. Venha aqui e sente-se na minha mesa com as pernas abertas.*

Celina: *Filho da mãe! Vou ter que abrir a porta agora!*

Penso que se alguém ler o que ele está falando comigo, é melhor que vejam que a porta está aberta e, portanto não tem como eu ter feito o que ele me pediu, mas quando me levanto para abrir a porta, ele corre em minha direção e me puxa, me beijando feito um louco.

Quando enfim ele se afasta, sussurra:

— Celina, por favor, senta na minha mesa. Só um pouco!

Faço o que ele me pede. Sento-me à mesa e abro as pernas. Ele senta na cadeira de frente para mim e parece me devorar com os olhos. Ele se aproxima de mim e quando vai me tocar, eu me afasto.

— Nada disso, senhor Vaughn! Na empresa somos apenas chefe e secretária, lembra? Você não pode me tocar!

— Sua megera! Vem aqui!

Ele vem em minha direção e eu consigo descer da mesa, mas assim que ponho os pés no chão, me desequilibro e caio de quatro. Nessa hora, alguém entra na sala com alguns papéis na mão. Eu me levanto rapidamente, arrumo minha saia, mas a mulher diante de mim fica me olhando com uma careta e algo no olhar que identifico como inveja.

Faço uma cara de “sim, estou dando para ele e você não”, mas logo me recomponho. Estou parecendo a Lurdinha, o que há de errado comigo?

— Você não pode entrar na minha sala sem bater! — esbraveja Sebastian.

A mulher pede desculpas e só falta pular em cima dele, mas quando ela sai, sei que vai espalhar pela empresa que eu estava de quatro no chão da sala dele, e eu nem estava fazendo nada demais! Sebastian me olha e digo isso para ele a beira das lágrimas.

— Eu nem estava fazendo nada demais!

— Está vendo! Antes estivéssemos mesmo fazendo alguma coisa, assim você levaria a fama, mas receberia algo em troca. Agora vai ficar falada sem ter aproveitado o lado bom disso!

Faço uma careta e vou para a minha mesa.

— Ainda dá tempo Celina, de aproveitar o que estão falando de você nesse momento!

Mostro o dedo do meio para ele.

— Isso é culpa sua!

— Relaxa, Célie. Se você não quer, não vou insistir.

Ele vai para o banheiro e essa é minha chance. Corro até a cesta de lixo e pego o cartão. Estou me sentindo uma namorada ciumenta mexendo nas coisas do namorado, mas não me importo. Ele nem vai saber!

Quando abro e vejo a assinatura no cartão, percebo que Sebastian vai sim saber que eu li o cartão, aliás, ele vai ter que me explicar isso. Pois no cartão está escrito:

Celina, espero que um dia possamos ser pelo menos amigos. Saiba que não presto, mas amo você assim mesmo. Do sempre seu, Edmundo.

Sebastian sai do banheiro e estaca onde está quando me vê com o cartão na mão. Eu não falo nada, olho para as flores e para ele.

— Você não devia ficar mexendo nas minhas coisas! — diz ele.

— É mesmo? Mas você pode jogar as minhas coisas no lixo? —eu grito.

Ele se aproxima, parece desesperado.

— Por favor, não atire nada em mim! Eu posso explicar.

Eu queria que ele passasse um aperto, que tivesse mesmo medo de mim, mas

não consigo e começo a rir.

Logo ele relaxa.

— Não vou jogar coisas em você, não sou tão desequilibrada assim. Quero saber por que você jogou minhas flores no lixo.

Ele gagueja. Isso mesmo, ga-gue-ja.

— Eu não... Eu quis... Eu acho...

— Sebastian para com isso. Porque jogou minhas flores no lixo?

— Se você faz tanta questão assim das flores dele, pegue-as e ponha na sua mesa.

— Não seja criança.

— Então não me provoque.

Cruzo os braços e olho para ele com uma cara de reprovação. Ele mexe na gravata e se senta. Então abaixa a cabeça, como se aceitasse que foi derrotado e fala:

— Eu estou com ciúme. E isso é uma merda.

Ele me pega tão desprevenida que não falo nem faço nada. Fico ali parada, olhando o cartão. Quando me recupero do choque, jogo o cartão de volta no lixo e vou para a minha mesa. Volto a trabalhar e finjo que nada aconteceu. Mas não paro de pensar nenhum segundo sequer que ele, Sebastian Vaughn, está com ciúme de mim. E estou batendo palmas por dentro de tanta felicidade!

Chegamos ao hotel e eu corro para o banheiro, não quero encará-lo ainda. Não falamos sobre o que aconteceu no caminho de volta, e não pretendo falar tão cedo. Quando saio do banho, ele vai tomar o dele. Depois de um tempo resolvo pedir serviço de quarto, mas Sebastian aparece e diz que vamos jantar fora. Eu não discuto e saio com ele. Ainda com aquele clima estranho, nenhum de nós dois fala quase nada. Jantamos assim.

Quando estamos comendo a sobremesa, ainda sem olhar direito nos olhos um do outro, olho para ele de soslaio e percebo que ele está me olhando. Então desvio o olhar rapidamente. Ficamos assim até a sobremesa acabar, e de repente, não aguento mais e começo a rir. Ele começa a rir também, do nada, e todos a nossa volta ficam nos olhando, como se fôssemos loucos.

Ele paga a conta e pega na minha mão quando saímos do restaurante. Vamos passando por lojas de roupas e joias, e toda hora ele oferece alguma coisa para mim. Eu não posso olhar demais para alguma coisa e ele já quer entrar na loja e comprar. Não permito que ele me compre nada, o que o deixa frustrado.

— Sebastian, você não tem que me dar nada.

— Mas eu quero. Quero te dar essas roupas, essas joias e tudo o que achar que vai ficar lindo em você!

— Valeu estilista, mas não quero nada seu.

— Celina, eu realmente amo sua personalidade, mas você podia ser menos orgulhosa de vez em quando.

Eu não respondo. Ainda estou na palavra “amo”. Meu coração acelera só de pensar que ele ama alguma coisa em mim. Eu sei, estou parecendo uma adolescente boba apaixonada, mas não estou apaixonada, só boba. Lembre-se disso.

Em vez de me levar de volta ao hotel, ele me arrasta em direção a praia.

— Para onde estamos indo?

— O que você acha? Está muito calor, não?

Sim está, mas nem por isso quero nadar de lingerie de novo. Digo isso a ele, mas ele me corrige dizendo que vamos nadar nus. Faço uma careta, pois por nada no mundo eu farei isso. Ao chegarmos à praia, praticamente deserta, ele começa a tirar a roupa, então começo a duvidar da minha certeza.

Reparo que há apenas um casal, não muito perto da gente, mas também não muito longe.

— Eu não vou tirar minha roupa. Tem gente ali.

— Celina, me desculpe, mas acho que eles estão ocupados demais para prestar atenção em algum coisa além deles mesmos!

Reparo o casal na areia. Eles estão deitados de lado, de conchinha e olhando bem, reparo que a perna dela está em cima da dele, e há um movimento discreto, mas contínuo dos corpos.

— Meu Deus! Não acredito que eles estão fazendo isso aqui, na praia, em público!

— Por que o espanto? O que acha que viemos fazer aqui?

Olho para Sebastian com a cara mais inocente que consigo fazer:

— Viemos nadar, é claro.

Ele abre um enorme sorriso.

— É claro. — então tira a cueca e sua ereção já está apontando para mim.

Entro em pânico:

— Sebastian, cobre isso! Alguém vai ver você, ficou louco?!

Ele começa a rir.

— Relaxa Celina, ninguém vai me ver! E se o casal ali olhar para cá, o máximo que vai acontecer é que a mulher vai querer trocar o namorado sem graça dela, por mim!

Faço uma careta:

— Desculpe-me por esperar humildade de você.

— Você acha mesmo que um cara com um pau desse tamanho precisa ser humilde?

Dou um tapa nele, mas ele me puxa para seus braços e sussurra em meu

ouvido:

— Tira a roupa e vem comigo.

E é o que faço. Tiro rapidamente minha roupa e praticamente corro para a água. Mesmo no calor que está fazendo, a água está fria e dá um choque em meu corpo. Só me aqueço de novo quando Sebastian me abraça, então eu passo minhas pernas pela cintura dele e ele me penetra. A sensação de senti-lo na água, em um lugar público, me dá uma adrenalina que faz o sexo ser ainda mais gostoso!

Sebastian

Fui um estúpido. Tive medo de assustá-la quando revelei que estava com ciúme. Eu estava mesmo, ainda estou. Irrita-me que ele pense que tem o direito de procurar por ela depois de tudo o que fez, e me irrita que ela demonstre algum interesse nele.

Quando vi as flores que ele havia mandado, perdi o controle. O que não preciso agora é que eles façam as pazes e ela não queira mais dormir comigo. Não permitirei que isso aconteça! E esse é o motivo do meu ciúme, não quero que ela deixe de dormir comigo. Nada mais que isso.

Não há sentimentos envolvidos, apenas posse. Eu a desejo como nunca desejei ninguém. Achei que transaria com ela uma vez e esse desejo louco acabaria, mas só fez aumentar. Quanto mais a tenho, mais a quero. E sei que isso tem um prazo de validade, até o fim da semana, mas não importa. Eu a quero até lá. Quero aproveitar cada noite com ela; ainda irei convencê-la a transar na minha sala, e assim poderei aproveitar cada dia ao seu lado.

Quando voltamos ao hotel, meu celular toca. Dessa vez atendo antes que Celina apareça. Tenho medo que seja alguém com quem não quero que ela fale, mas é Cleber. Ele pergunta como estou, como estão os negócios, e fica contente quando digo que Adrian já está garantido, e possivelmente Dante também.

Então ele finalmente toca no assunto pelo qual sei que ele ligou: Celina.

— Você está transando com ela.

Ele não pergunta, afirma. Resolvo não desmentir:

— Eu sabia que isso ia acontecer. Desde quando você a seguiu como um lunático, eu sabia que tinha mais nisso!

— Cleber, se vai me falar das normas da empresa, que funcionários não podem se envolver, isso não é exatamente um envolvimento. E eu já transei com muitas mulheres da empresa e ninguém nunca se importou com isso!

— Você nunca pôs fotos delas no seu Instagram, mas não vou falar isso. Estou pouco me lixando para as normas da empresa, isso é coisa do Matheus. Só queria dizer que sei que está comendo a senhorita Morelli. Cara! Como ela é gostosa! Eu até salvei a foto dela vestida de dominatrix; ela se vestiu assim para você?

A raiva enfim começa a me tomar.

— Não é da sua conta e apague a foto dela! Não quero você olhando para ela seminua.

Ele começa a rir:

— Você seguiu a mulher antes de comê-la e agora está todo possessivo! Acho

que meu melhor amigo foi fisgado. Que pena, vou ter que marcar com as indianas só para mim...

— Idiota!

— Tonto apaixonado!

— Não estou apaixonado! — olho para o lado e vejo Celina entrar no quarto ao telefone.

Isso acaba com minha paz, ela está ao telefone, será que é o ex? Ou a amiga com notícias do ex? Despeço-me de Cleber e vou para o quarto e ouço apenas o fim da conversa:

— Não, eu não vou te visitar e não precisa fazer essa cena. Ótimo! Quem está falida sou eu, isso não é da sua conta! Também te amo, tchau.

Fico confuso. Quando a ouvi brigando achei que era o ex, mas ela disse “eu te amo” no final. Será que fez as pazes com ele? Não quero dar uma de homem enxerido, mas que se dane, preciso saber!

— Quem era?

Ela parece espantada com a minha pergunta.

— Sabe Sebastian, eu não fico me metendo na sua vida pessoal!

— Porque não quer! Eu me meto na sua. Quem era ao telefone?

— Minha mãe.

— Não seja mal criada! Diga-me quem era. Era seu ex?

Ela começa a rir.

— Não, seu idiota. Era Cecília Morelli, a minha mãe!

Percebo que ela está falando sério e vejo como estou realmente sendo um idiota.

— Não sabia que tratava a sua mãe assim!

— Você não viu nada. De vez em quando ela precisa de um puxão de orelha.

Ela suspira e percebo que há alguma coisa errada entre ela e a mãe. Lembro-me então de algo que ela me disse há algum tempo.

— Por que não gosta de ficar sozinha? Você disse que está bem porque tem sua amiga, que não conseguiria se estivesse sozinha. Por quê?

— É uma história complicada.

— Conte-me!

— Não, vamos transar! Não precisamos contar nossos detalhes trágicos um para o outro. Eu não fico perguntando da sua vida...

— Mas eu já te contei sobre a minha mãe! A sua história não pode ser mais trágica que a minha.

— Tudo bem! Você pediu. Minha mãe trocava de namorado como quem troca de roupa. Quando eu tinha quinze anos ela conheceu o Ronaldo. Ele era um cara estranho, eu falava isso para ela, mas ela nunca me deu ouvidos. Um dia, ela

brigou com ele, o colocou para fora de casa e viajou com uma amiga, me deixando sozinha por uma semana. Nós morávamos afastadas, então não tínhamos vizinhos. No último dia antes do dia previsto para ela voltar, Ronaldo apareceu lá em casa. Eu disse para ele que ela não estava...

Ela para de falar e eu sinto meu peito apertar só de imaginar o que pode ter acontecido.

— Ele estava bêbado.

Vejo uma lágrima rolar por seu rosto e a puxo para meus braços.

— Tudo bem Celina, não precisa dizer mais nada!

— Não, eu vou dizer senão você vai pensar o pior. Ele disse que não estava ali pela minha mãe, então veio para cima de mim. Eu comecei a gritar, mas sabia que ninguém ia me ouvir, então deixei que ele tirasse minha roupa, consegui alcançar um canivete que estava na mesa, perto de onde estávamos, e quando ele ia tirar minha calcinha, eu cortei seu rosto. Saí debaixo dele e tentei correr, mas ele me segurou pelo pé e me bateu no rosto. Eu segurei sua mão e o mordi até sair sangue. Ele ficou furioso, veio para cima de mim de novo, mas nessa hora minha mãe chegou. Ela resolveu voltar um dia mais cedo da viagem porque ficou sem dinheiro; ela chamou a polícia, mas ele conseguiu fugir. A partir disso eu nunca mais consegui ficar sozinha! Quando fui para a faculdade conheci a Gil, então saí de casa e fui morar com ela.

Preciso de um momento para assimilar tudo o que ela me disse. Saber que alguém tenha feito tanto mal a ela me dá muita raiva. Se eu descobrisse quem fez isso, faria questão de torturá-lo por várias horas, minuto a minuto. Abraço-a ainda mais forte!

— Então imagino que sua relação com a sua mãe não seja muito boa.

— Não pense mal de mim, eu a amo. Mas acho que como mãe ela deveria ter mais responsabilidade.

Quero acabar com essa tensão, quero que ela saiba que estou aqui por ela, quero que ela se sinta protegida ao meu lado. Eu a puxo para que se sente em meu colo e a beijo, delicadamente.

— Eu não te julgo. Estou aqui agora e nada vai te acontecer. Você não precisa mais ficar sozinha! E não precisa sair por aí esfaqueando os outros, nem atirando coisas!

Ela sorri. Eu adoro o sorriso dela, a sua fragilidade... Eu a adoro mais do que deveria! E quero que ela saiba disso, então a beijo, beijo com tudo o que posso oferecer para que ela saiba. E ela entende, porque tira minha blusa bem devagar e sussurra no meu ouvido que eu a cale e faça amor com ela. É o que mais quero fazer.

Capítulo 12

Celina

Estou me sentindo estranha hoje. Não aconteceu nada de ruim, pelo contrário. Eu contei minha história mais cabulosa para Sebastian, coisa que nunca achei que faria. Esperava que ele nem fosse prestar atenção, ou que se esqueceria disso em cinco segundos e me pediria sexo, mas ele me surpreendeu. Ele entendeu o que eu senti, não me julgou, me consolou, me abraçou e fez amor comigo da maneira que eu precisava. E incrivelmente foi nossa melhor transa até agora!

Ele foi carinhoso, intenso e apaixonado. Aliás, essa é uma palavra que o descreve bem, intenso. Deixou-me sem reação duas vezes ontem, quando disse que estava com ciúme, e quando foi tudo aquilo que eu precisava que ele fosse.

Agora não sei mais como agir perto dele. Isso é só sexo, não temos compromisso, não temos sequer um acordo de fidelidade, ele vai a um coquetel daqui a duas noites, provavelmente vai encontrar uma conhecida por lá. Ele pode querer passar a noite com ela e eu não posso fazer nada a respeito disso, é um direito dele. Mas quando paro para pensar que Sebastian pode ficar com outra pessoa, isso me irrita. E não me irrita de um jeito fácil, como ele me irritou no avião e logo eu esqueci. Irrita-me de um jeito que dói, e isso me assusta!

Ele também não parece tão à vontade comigo. Ele me beijou de manhã, antes de irmos para o trabalho, mas depois disso sequer olhou na minha direção. Quando chegamos ao prédio da V.D.A. os cochichos recomeçaram; sei que estão falando sobre eu estar de quatro na sala dele.

Não adianta tentar me fazer de inocente, mesmo sendo inocente nesse caso, e nem fingir que não sei do que todos estão falando. Então ando com a cabeça empinada e faço questão de olhar para cada uma daquelas invejosas por cima. Que elas saibam que eu durmo com o chefe gostoso delas, elas não precisam saber que eu sei que qualquer uma delas também pode dormir.

Trabalho assim o dia todo, em silêncio, e ele também. A forma como ele se afasta de mim me atinge. Merda! Deus, não permita que eu me apaixone por esse imbecil. Respiro fundo e penso no Edmundo, e a raiva é tanta que entendo que não estou me apaixonando por Sebastian, ainda não estou pronta para isso, graças a Deus!

Quando o dia cansativo acaba, vamos embora. Ainda há os cochichos quando eu passo, mas tenho a mesma atitude e estranhamente não me sinto tão atingida dessa vez. Talvez a vergonha por tudo que acontece comigo já estivesse gravada na minha postura, o que fazia tudo parecer bem pior do que realmente era.

Ao entrarmos no prédio do hotel, meu telefone toca. Não é o toque do grilo engasgado, então sei que não é o Edmundo. Olho para a tela é o Luciano, mas fico sem graça de atender perto do Sebastian.

É como se eu estivesse traindo-o, mas logo percebo como essa ideia é ridícula e atendo:

— Oi Celina, como está?

— Bem, e você?

— Ótimo agora que ouvi sua voz. Então, nosso jantar hoje está de pé, certo?

Jantar? Hoje? Eu tinha me esquecido completamente, penso em inventar uma desculpa, mas vai ser bom me afastar um pouco do Sebastian e arejar minha cabeça. Mesmo porque agora que dormi com meu chefe, não vou mais sequer dar uns amassos no Luciano. Espero não ter que dizer isso a ele!

— Claro, onde nos encontramos?

Sebastian imediatamente me olha quando falo isso.

— Eu vou buscar você. Melhor, Te espero no hall do hotel.

— Excelente.

Nós nos despedimos e finjo que nada aconteceu. Sebastian me olha como se esperasse uma explicação, mas não pretendo dar isso a ele. Afinal de contas, ele não é meu namorado!

Devo confessar que estava interessada no Luciano. Ele me liga de vez em quando e me manda mensagens quase todos os dias. É muito bonito, educado e uma ótima companhia, mas agora sairei com ele apenas como amiga!

Quando chegamos ao quarto, vou tomar meu banho. Ao sair, Sebastian está nu na sala. Me assusto e um sorriso malicioso aparece no rosto dele. Vejo que ele arrastou a mesa até o centro da sala e tirou tudo de cima dela.

— Vem aqui Celina, deite-se!

— Deitar aonde?

Ele aponta para a mesa.

— Não sei se isso é seguro.

— Eu nunca te colocaria em risco.

Não quero confiar, mas confio nele. Dou um passo para perto da mesa, mas Sebastian me para e me manda tirar a roupa. Faço isso lentamente, estou tremendo e ansiosa demais com o que ele está planejando para mim em cima daquela mesa. Percebo o mesmo frasco que ele usou para fazer massagem em meu pé da outra vez. O que será que ele vai fazer agora?

Depois de tirar toda a roupa, Sebastian me levanta e me deposita gentilmente na mesa. O frio do vidro dá um choque em meu corpo, e já sinto o meio das minhas pernas pulsar.

— Deite-se de barriga para baixo!

Faço o que ele pede e logo suas mãos estão tocando as minhas costas. Ele está me fazendo uma massagem.

— Achei que passou o dia todo muito tensa hoje Celina, acho que devo deixá-la relaxada!

Eu não respondo, apenas gemo. Não existo nesse momento, sou apenas sensações e pulsações e adoro quando ele me deixa nesse estado. Apesar da excitação, realmente eu relaxo. Olho pelo vidro enorme da sala, e sei que alguém pode estar nos vendo pela janela aberta, mas ao invés de me acanhar, me sinto ainda mais excitada com essa possibilidade.

Quando estou quase dormindo, ele sussurra que eu me vire de frente. Ao fazer isso, ele acaricia minha barriga, fecho os olhos e me deixo levar pelo toque dele. Então toca meus seios, gentilmente, me torturando. Logo, aperta meu mamilo entre os dedos e gemo. Continua com isso até eu chamar pelo nome dele. Então volta a me massagear na barriga e desce as mãos, indo direto para as minhas pernas. Eu resmungo e o ouço rir.

Finalmente, ele chega onde eu quero. Passa levemente a mão no meio das minhas pernas e se afasta:

— Abra as pernas! — diz com a voz rouca.

Eu mal consigo firmar minhas pernas na mesa, mas faço isso, espero que ele venha massagear o meio das minhas pernas, mas ele puxa uma cadeira e se senta de frente, ele as separa ainda mais com os braços, e logo sua boca já está onde eu mais preciso dele. Dessa vez ele não vai devagar, ele é ávido, faminto, e me leva rapidamente ao clímax.

Quando volto a mim percebo que ele está excitado. Ele então sobe em cima da mesa.

— Sebastian, você acha que isso é uma boa ideia?

— Sexo com você sempre é uma ótima ideia!

— Mas em cima de mesa? E se ela não aguantar o peso de nós dois?

— Do chão não passaremos. — ele sorri — Relaxa, Celina! Nos meus hotéis só usamos móveis de qualidade, essa mesa aguenta e eu não pretendo fazer devagar!

E ele cumpre isso, faz como um louco, como se estivesse com saudade de estar dentro de mim, e me surpreendo quando ele sussurra que estava com saudade de me penetrar, e isso me leva ao orgasmo.

Depois que tomamos outro banho, separadamente, ficamos um tempo assistindo a tevê deitados no sofá. Chega a hora e vou me arrumar. Sebastian fica parado na porta, com um sorriso bobo olhando o que estou fazendo.

Quando coloco meu vestido de noivado, ele fecha a cara.

— Aonde você vai?

Não quero dizer a ele, mas não tenho outra saída:

— Jantar, com o Luciano. Lembra, que marcamos esse jantar naquela reunião na empresa?

Sua expressão se transforma. Ele bate a porta e passa a chave.

— Você não vai a lugar nenhum com ele!

— Não seja ridículo!

— Não seja burra! Eu já disse o que ele vai fazer com você!

— Sebastian abre essa porta. Quem decide minha vida sou eu!

— Não!

Isso me irrita. Irrita-me que ele tente me dar ordens, eu nunca recebi ordens nem da minha mãe, e já me submeti as ordens do Edmundo por muito tempo, não vou aceitar que Sebastian faça o mesmo. Como sei que brigar não vai adiantar, termino de me arrumar enquanto ele parece soltar fogo. Depois me aproximo dele e o beijo, ele parece surpreso, mas passa os braços em volta da minha cintura e me puxa para os seus braços.

— Sebastian. — sussurro — Nós não temos um relacionamento, temos apenas sexo. Você não pode me proibir de sair com outro, então não faça isso.

Eu enfio a mão no bolso dele, puxo a chave e destranco a porta. Ele vem andando atrás de mim, mas não fala mais nada. Enquanto espero o elevador, olho para ele, que está na porta com uma expressão triste.

— Celina, não vá.

Por um momento penso em correr para os seus braços e ficar aqui com ele, onde quero ficar, mas se eu fizer isso estarei admitindo para mim mesma que estou apaixonada por ele. E não posso estar. Então entro no elevador e o deixo ali.

Luciano está me esperando no hall, como combinado. Ele sorri quando me vê e fica uns vinte minutos me elogiando. Vamos andando até um restaurante próximo, e acho isso ótimo, porque preciso mesmo de ar fresco. Ao contrário do Adrian, ele não fica olhando meu decote, nem falando sobre os bens dele. Ele é educado, fino e divertido. É incrível a forma como ele me faz rir sem que eu perceba. Ele seria um excelente amigo.

Eu sei, ele seria um excelente, muito mais que amigo, mas não quero pensar nisso. Chegamos ao restaurante e nos sentamos no fundo, num lugar onde não há quase ninguém, o ambiente é mais tranquilo e tem vista para o mar. Nós falamos um tempo sobre a beleza da cidade, sobre o tempo quente e comemos a entrada, que ele mesmo escolhera porque eu estava com a cabeça muito longe. Quando o prato principal chega, ele decide ser direto.

— Celina, eu sou viúvo, e desde que a minha esposa morreu, confesso que nunca me interessei em ter outro relacionamento sério. Até conhecer você.

Engasgo na mesma hora com o peito de frango defumado. Ele me estende um lenço e pega minha mão:

— Estou realmente muito interessado em você. Você é linda, inteligente, divertida e tão viva! É exatamente o que eu estava procurando sem mesmo saber que estava. Sei que você está de passagem, e que logo vai embora, mas se eu fechar o negócio com a V.D.A. terei que ir a Belo Horizonte, e poderei te conhecer melhor. Eu não quero apressar as coisas, mas desejo ter algo sério com você, e quero que me permita procurá-la em BH para estreitarmos nosso relacionamento.

Não sei o que fazer. Se ele tivesse me dito isso há uma semana eu aceitaria sem pensar duas vezes, mas agora, agora tem o Sebastian.

— Luciano, eu realmente fico lisonjeada por ouvir isso de um homem como você. Confesso que você é o que qualquer mulher poderia querer!

— Mas?

— Mas eu não estou pronta para um relacionamento agora. Eu disse a você que acabei de terminar um noivado longo, e não quero outro relacionamento.

— Eu entendo Celina, por isso vou te dar tempo. Mas o que quero saber é se você pode me dar esperanças. Se pudermos ser amigos íntimos, até que você se recupere e me conheça o suficiente para confiar em mim e se entregar.

Ele está mesmo me pedindo sexo até termos um relacionamento? Não seria nada mau em outras circunstâncias. E eu acabo falando isso em voz alta, porque ele ri alto e depois me olha com um brilho travesso no olhar.

— Qual circunstância te impede de ter isso agora?

— Eu... Eu não... Eu não quis dizer isso.

De repente ele se afasta e parece sério.

— Você já conheceu alguém, é isso não é?

— Não! Estou falando sério quando digo que não estou pronta para um relacionamento.

— E para diversão? Porque é o que estou te propondo para começar. Você já achou alguém que te proporcione isso?

Acho que ele está muito bravo, e estou ficando irritada com a atitude insistente dele!

— Celina eu quero que entenda que não gosto de perder meu tempo. Se eu me envolver com você será para tentarmos uma coisa a mais. Mesmo que depois você perceba que não sou o homem certo, eu entenderei. Mas não gosto de ser enrolado.

Quem ele pensa que é para falar assim comigo? Vou dar uma resposta, mas esbarro na taça de champanhe e a derrubo nele, manchando toda sua calça.

— Ah meu Deus, me desculpe!

Eu pego o guardanapo e começo a esfregar em sua virilha e em sua coxa, onde o champanhe caiu. Ele começa a rir e pede para eu parar, dois garçons se aproximam para ajudar, mas param com a cena que se desenrola diante deles. Eu ainda não entendo porque todos estão olhando para mim, mas de repente um garçom se afasta e percebo Sebastian sentado na mesa ao lado da nossa. Ele olha a cena e arregala os olhos, e só então percebo o que estou fazendo.

Eu paro no mesmo instante e me sinto corar, mas não tenho tempo para sentir vergonha, Luciano também percebeu Sebastian escondido na mesa ao lado e se levanta para tirar satisfações com ele.

— O que está fazendo aqui?

— Jantando. — responde ele com certa raiva.

Nós olhamos para a mesa dele, mas não há nenhum prato.

— Já estou indo embora. — ele diz e sai andando.

Penso em ir atrás dele para tirar satisfações, mas Luciano me arrasta de volta para a mesa.

— É com ele que você está se divertindo?

Eu tinha acabado de colocar o champanhe na boca e engasgo de novo.

— Não! Claro que não! Entre Sebastian e eu não há absolutamente nada!

Ele parece acreditar, mas percebo como ele muda depois disso. Passa a rir menos, e não conta mais suas piadas. Terminamos o jantar e ele nem pede sobremesa, diz logo que temos que ir. Ele me leva até a porta do quarto e me dá um beijo no rosto para se despedir. E eu penso ainda dois minutos antes de entrar no quarto, pois não sei o que fazer com Sebastian.

Sebastian

Merda! O que ela pensa que está fazendo? Eu sequer me lembrava desse jantar dela com o Luciano, mas depois de tudo o que fizemos, não esperava que ela ainda fosse querer sair com ele. E o que ela me disse? Que não temos nada.

O pior de tudo é que ela está certa, e fui eu quem disse isso a ela quando começamos o nosso não-relacionamento. Fiquei tão puto por ela ter se arrumado toda para sair com ele que fiz o que nunca mais achei que faria, pelo menos não por ela, eu os segui.

Segui a Celina de novo. Escondi-me numa mesa próxima para tentar ouvir o que eles falavam, mas consegui ouvir apenas a parte em que ele pedia para ter um relacionamento sério ou apenas diversão com ela. Depois disso um garçom se aproximou para insistir que eu deveria pedir alguma coisa para ficar na mesa e eu não vi o que aconteceu, pois quando olhei novamente ela estava com as mãos nas bolas dele. E estava fazendo isso em público!

Estou sentado no sofá com a cabeça entre os joelhos quando ouço a porta bater. Não me movo, mas posso sentir a raiva emanando dela. Eu devo ter estragado o seu encontro de hoje. Bem feito!

— O que deu em você? — ela grita.

Permaneço como estou, não respondo.

— Sebastian eu estou falando com você, o que deu em você?

Finalmente olho para ela, ela está malditamente linda, e muito brava.

— Eu que te pergunto! Um pau só não é suficiente para você?

Ela pega o frasco que eu usei para fazer massagem nela mais cedo e arremessa em mim.

— Seu estúpido! Não fale assim comigo!

Quero responder e gritar! Quero que ela se dane, não, quero que ele se foda, ela não! Ela é minha. É isso, quero que ela entenda isso. Levanto-me de uma vez e a puxo para meus braços, ela fica tão supressa que não reage.

— Você o beijou quando ele veio te trazer?

— O quê?

— Você o beijou? Responda!

— Não seu idiota! Eu não o beijei!

Assim que ela termina de falar, minha boca já está na dela. Eu a beijo como se o mundo fosse acabar, quero marcá-la, quero que ela se lembre amanhã que é minha e só minha. Eu quase rasgo o seu vestido na pressa para tirá-lo, mas me afasto o suficiente para ela segurar meus ombros.

Ela parece assustada, mas excitada também:

— Espera, precisamos falar sobre isso, precisamos esclarecer umas coisas.

— Não quero falar, quero foder você! É só isso que temos, nós não precisamos conversar.

Ela parece magoada.

— Quer saber, Sebastian? Vai à merda! Você e o seu pau!

Ela me empurra e corre para o quarto, mas eu corro atrás dela e consigo impedi-la de bater a porta.

Antes de me aproximar, ela já começa a gritar:

— Sai daqui! Sai de perto de mim! Eu não sou seu objeto!

— Eu sei que não, merda! Você acha que eu sairia por aí seguindo um objeto?

Acha que eu me importaria tanto se fosse um objeto?

Vejo a dúvida brilhar nos olhos dela. Ela respira fundo e se acalma.

— Por que você me seguiu?

— Você sabe a resposta.

Ela me olha.

— Por ciúme?

— Ciúme, possessividade, medo de ver você com outro. Pode chamar do que quiser.

— Mas, eu não entendo. Você deixou bem claro que não temos nada. Foi você que disse que era só sexo, não um relacionamento. Isso mudou?

Merda, mudou? Será que eu devo dizer a ela que mudou e fazer com que ela seja só minha? Não, eu a quero desesperadamente e morro de ciúme dela, mas não estou apaixonado por ela. Eu tenho quase certeza que não. Não posso fazer uma promessa que sei que não vou cumprir!

— Não Celina, isso não mudou. Nós não temos nada, é só sexo. E eu gostaria de fazer sexo com você agora, pode ser?

Ela parece confusa, depois algo passa pelo seu olhar. Acho que é mágoa. Será que não respondi o que ela gostaria de ouvir? Depois ela assente com a cabeça, mas quando vou em direção ela põe a mão na minha barriga me afastando.

— Espera, preciso dizer mais uma coisa.

— Eu não quero falar. — digo mais secamente do que esperava.

Ela se assusta e concorda. Eu a puxo para meus braços e a beijo, e beijo e beijo e me acalmo enquanto vou fazendo amor com ela.

Quando acabamos eu a puxo para debaixo da coberta comigo, mas ela se afasta e deita longe de mim, virada de costas. Sei que está com raiva, ela foi quente durante o sexo, mas não teve a ternura, o carinho que ela sempre entregava a mim, e eu senti falta disso.

— Você não pode estar com raiva de mim, Celina! Não fui eu quem ficou dando showzinho em público.

Ela se vira para mim, posso ver a raiva nela.

— Showzinho?

— Acha que eu não vi você esfregando as partes íntimas dele em público?

Ela começa a rir e isso me irrita.

— Fala sério Sebastian, você acha mesmo que eu faria um papel desse num restaurante?

— Eu não acho Celina. Eu vi!

Ela se aproxima de mim.

— O que você viu foi...

— Eu não quero saber. Não preciso que você desenhe o que fez com ele.

— Eu não fiz nada com ele. E foi você que agiu como um louco enciumado e me seguiu!

— Pelo menos eu não fui comer outra depois de ter feito amor com você na sala!

— Eu não fui dar para ele! Será que você pode deixar de ser ridículo?

— Por que você não cala a boca e vem aqui?

A verdade é que vê-la tão nervosinha está me excitando. Meu pau já está acordado de novo e tudo o que eu quero é puxá-la para meus braços e acabar com isso.

— Você é um estúpido! Eu não sei como fui abrir as pernas para você.

— Eu sei exatamente como você fez isso. E não se faça de arrependida, você nunca reclamou nenhuma das vezes que abriu as pernas para mim!

Ela não me responde apenas me olha com toda raiva que sinto nela. E isso me preocupa, se ela não está respondendo deve estar realmente puta comigo.

— Celina, eu não quero brigar. Só quero que você venha aqui e vamos esquecer tudo isso!

— Você é um idiota!

— Eu sei, agora vem aqui. — eu a puxo pelo braço, mas ela se desvencilha.

— Sabe por que eu saí com ele hoje?

— Eu não quero saber.

— Claro! Você acha que um pau não é suficiente para mim não é? Mas não foi por isso que eu saí com ele, eu saí com ele porque achei que se não o fizesse, ele não investiria nas suas preciosas ações. Achei que se ele ficasse bravo comigo, descontaria em você. Por isso pensei em pelo menos jantar com ele, para não irritá-lo e não prejudicar você! E o que você acha que foi um gesto de carinho nas partes íntimas dele, foi eu tentando limpar a taça de champanhe que derrubei. Seu estúpido!

Ela sai da cama, se enrola no roupão e vai para a sala. Eu não vou atrás dela, fico aqui me afundando em minha estupidez e sei que nenhum de nós dormiu

nada a noite.

Isso se confirma quando me levanto. Celina já está de banho tomado e já pediu café. Ela sequer olha para minha cara. Eu tento agir como se nada tivesse acontecido, mas não dá. A verdade é que estou puto, estou bravo comigo mesmo. Por que caralho eu a segui? O que passou pela minha cabeça? Eu nunca tive ciúme de ninguém, nem da Jamille eu tinha ciúme e eu achava que a amava. Por que eu estou agindo assim com ela? Estou sendo ridículo e por causa de um sentimento mais ridículo ainda! Eu não forço a conversa com ela.

Quando chegamos a empresa, antes de descer do carro, eu a seguro pelo pulso.

— Me desculpa Celina! Isso nunca mais vai acontecer. Eu não vou mais ter ciúme de você, você não é nada minha. Na verdade, se não quiser mais transar comigo eu vou entender. Você pode sair com quem quiser e eu também.

Ela parece chateada, mas assente e bate a porta do carro quando sai. E eu torço para que ela não leve a sério essas coisas que eu disse só da boca para fora. Claro que não vou deixar que ela pare de transar comigo, mas preciso que ela pense que tem essa escolha nas mãos.

Não nos falamos durante o dia todo, e fico martelando o que me faz agir como um ciumento apaixonado com ela. Eu já disse, não estou apaixonado por ela, merda, não posso estar! Ela não está pronta para um relacionamento, e eu não tenho certeza de que não a trairia com a primeira mulher de parar o trânsito que eu encontrasse no coquetel de amanhã.

Preciso me controlar. Já sei, preciso beijar outra boca, comer outra mulher e esquecer do corpo da Celina, das suas curvas, do seu cheiro, do seu gosto. É disso que eu preciso!

Quando saímos do trabalho eu a levo ao hotel, mas não desço do carro. Ela desce e fecha a porta e eu arranco o carro e a deixo ali. Não olho para trás para ver a reação dela. Nós não somos nada, como ela fez questão de me lembrar, eu só preciso tirar a prova, não preciso que ela descubra o que eu fiz isso. A questão é simples. Se eu conseguir comer outra mulher tranquilamente, então não estou mesmo “fodidamente” apaixonado por ela. Mas se eu não conseguir me interessar por outra mulher, aí, merda, aí eu me atiro da primeira ponte, porque não posso estar mesmo apaixonado por ela.

Fico dando voltas com o carro e acabo parando em frente a Lounge 69. Sei que não é uma boa ideia ir a um lugar onde tenho tantas lembranças da Celina dançando com aquele vestido minúsculo. Mas assim é melhor, o teste será mais eficaz.

Há muitas mulheres dançando quando eu entro, elas se insinuam para mim e chego a dançar com um delas, mas ela não me atrai, e acabo parando sozinho no

balcão perto do bar. Merda! Estou fodido! Depois de dar o fora amigavelmente em três gatas de parar o trânsito, percebo que estou realmente, inegavelmente fodido!

Só me resta encher a cara antes de procurar a Celina e tentar convencê-la a ter mais que um não-relacionamento. Se gosto tanto assim dessa mulher a ponto do meu pau não acordar para nenhuma outra, só posso estar apaixonado por ela. Bebo tudo o que posso e sei que nem terei condições de dirigir. Talvez eu ligue para ela vir me buscar, a mulher que eu amo, que merda! Ela tem que merecer esse amor, tem que sair do conforto do hotel e pegar um taxi até uma boate para me arrastar totalmente bêbado de volta para o quarto.

Será que ela faria isso? Será que ela também está apaixonada por mim? E se não estiver? Como vou conquistá-la? Ela é a mulher mais difícil e imprevisível que eu conheço. Não, não posso querer começar um relacionamento com ela, já fazendo ela me buscar bêbado em uma boate. Preciso que alguém me leve.

É aí que avisto um par de seios enormes e um cabelo ruivo vindo na minha direção.

— Sebastian, que supressa!

Tento falar com ela, mas estou muito bêbado e ela percebe.

— Vamos, garotão! vou levar você para casa.

Eu me apoio nela e vou cambaleando, mostro para ela onde está meu carro e deixo que ela me leve até o hotel.

Celina

Acordo com um barulho de um grito, mas não um grito de susto, um grito de prazer. Por um momento acho que é minha cabeça pregando peças porque estou com saudade do Sebastian. Mas quando fecho os olhos novamente, ouço de novo o grito. Enrolo-me no roupão do hotel e vou cambaleando até a sala, o grito parece vir de muito perto.

Quando acendo a luz da sala, quase caio para trás: Sebastian está jogado no tapete do chão, e uma mulher ruiva está cavalgando nele. Ela se assusta quando eu acendo a luz, mas sorri quando vê quem sou eu e a reconheço; é a tal Lorena, amiguinha do Adrian.

Sebastian me olha e abre um sorriso, o olhar dele está desfocado e sei que ele está bêbado:

— Celina, oi meu amor. — ele fala com a voz arrastada.

Eu sinto tanta raiva, mas tanta raiva, que sei que as lágrimas vão correr a qualquer momento. Eu apago de novo a luz e saio do quarto. Fecho a porta atrás de mim e seguro para não chorar. Não posso chorar, não vou chorar!

Nem me lembro que estou apenas de roupão ao descer de elevador, mas quando chego ao saguão do hotel, não quero descer. Então subo de elevador novamente. Não quero ir até o vigésimo terceiro andar, então desço no vigésimo.

Resolvo descer de escada. Vou descendo enquanto as lágrimas rolam e aos poucos me sinto acalmar. Qual o meu problema? Por que estou sentindo essa dor no peito se eu sempre soube que ele não é nada meu? Eu sempre soube que o que tínhamos era só sexo, nada mais. Ele me disse de manhã, que entenderia se eu nem quisesse mais transar com ele, então por que estou agindo assim?

De repente me vem à cabeça que quando estava confusa sobre o que sentia por ele, eu tive que sair um pouco, dar uma volta para esfriar a cabeça, mas se é isso o que o motivou, ele foi longe demais.

Não, é mais fácil aceitar que ele quis esfregar aquilo na minha cara. Por que não levá-la para um motel? Tinha mesmo que ir para o nosso quarto? *Nosso quarto*, o que eu estou falando? Seco as lágrimas quando chego ao saguão de novo e dessa vez resolvo ir para a rua. Não me importa se estou de roupão, que se dane.

Assim que saio, topo com Luciano:

— Celina! Está tudo bem?

Faço que sim com a cabeça, mas sei que não posso convencer ninguém dessa mentira.

Ele se aproxima de mim:

— Por que não vamos dar uma volta? Vem comigo ao bar do hotel, vamos beber alguma coisa!

— Acho melhor não! Estou de roupão.

— O que importa? É o bar do hotel, é como se fosse a cozinha da sua casa. Vem, vamos beber um pouco e aí você me conta o que aconteceu!

— Acho melhor não, desculpe! —respondo e viro para subir de novo pelas escadas.

Merda, merda, merda! Por que estou tentando me desculpar, quando na verdade eu devia mesmo era sair com ele?! Isso! Eu devia ir com ele, dar para ele e esquecer aquele imbecil do Sebastian!

Viro-me novamente e ele ainda está parado, olhado para mim.

— Pensando bem, vamos. Vamos beber.

Ele passa o braço pela minha cintura e me acompanha até o bar. Claro que quando entro todos olham para mim. Uns caras até tentam fazer gracinha, mas Luciano é firme ao meu lado, e logo deixo de ser o centro das atenções. Ele fala gentilmente sobre uns negócios que está pretendendo fechar, mas reparo que ele não fala nada sobre a V.D.A. Que se dane! Que Sebastian e os sócios dele se danem também!

Quando o assunto morre, ele pergunta:

— Pode me dizer agora por que estava chorando?

— Não estava chorando. Estou meio gripada.

— Sei, e por que está chateada? Porque isso você não pode negar.

— Nada demais.

Ele tenta mais uma vez:

— Então por que estava no saguão do hotel de roupão em vez de estar no seu quarto?

— Isso é porque estou no mesmo quarto que o Sebastian. Quando nós chegamos, não havia quartos disponíveis por causa de uma convenção de alguma coisa. Ele está lá em cima agora transando com uma mulher qualquer e eu não quis atrapalhar!

Percebo que a frase saiu mais fácil do que eu teria imaginado.

— Mas a convenção já acabou há três dias! Tenho certeza que o hotel já tem quartos disponíveis. Quando acabarmos aqui, vamos providenciar um quarto para você, e não terá mais que se sujeitar a ele.

Eu agradeço e continuamos bebendo. A bebida aquece meu corpo e acabo sorrindo com ele e esquecendo um pouco o que aconteceu. Quando acabamos, ele aluga um quarto para mim como prometido. Resolvo não ir até o quarto de Sebastian pegar minhas coisas, faço isso amanhã de manhã.

Despeço-me dele e agradeço por toda paciência comigo e me jogo na cama,

que não é tão grande e macia como a do quarto do dono, mas ainda é mil vezes melhor que a minha! Acabo adormecendo.

Capítulo 13

Celina

Dormi bem a noite porque a bebida sempre me dá um pouco de sono. Ao acordar, tenho três mensagens do Luciano; eu queria realmente sentir alguma coisa por ele, mas não consigo. Sonhei com Sebastian à noite, que ele me deixava e eu ficava arrasada. Eu não posso correr o risco de me apaixonar de novo, não estou pronta para isso!

Por que me incomoda tanto o que ele faz? Pior que isso, doeu vê-lo com outra. E não deveria ser assim. Chego a pensar que ele fez isso de propósito, porque eu saí com o Luciano e ele quis vingar-se. Mas eu não dei para o Luciano, e mesmo se tivesse dado, acho que não ele se importaria tanto quanto eu me importo com a atitude dele.

Sei que não tenho o direito de me sentir como estou me sentindo, nós não temos nada, conversamos sobre isso ontem mesmo, mas ele não precisava esfregar isso na minha cara tão rápido.

Nem tenho como fazer a higiene nesse quarto novo, pois todas as minhas coisas estão no quarto do Sebastian. Pelo menos hoje não temos que ir à empresa, é o dia do tão esperado coquetel, e só preciso pegar minhas coisas e sair de fininho sem que Sebastian perceba. Depois vou desligar meu celular e ele não vai saber onde estou até a hora do coquetel. Não preciso vê-lo hoje. Não saberei como agir perto dele, tampouco posso demonstrar raiva, ou ele saberá que sinto alguma coisa. Preciso agir como se fosse a coisa mais natural do mundo tê-lo visto comendo outra.

Me enrolo no roupão e me certifico de que não há ninguém no corredor, estou no décimo oitavo andar. Resolvo não ir de elevador, para não correr o risco de encontrar alguém. Ontem saí por aí com esse roupão porque estava desesperada. Agora que estou pensando direito e não há a menor chance de fazer isso novamente!

Subo as escadas até o vigésimo terceiro andar. Meu coração acelera quando me aproximo do quarto, e preciso me recompor por um momento antes de entrar. Quando abro a porta, tudo está escuro. Vou até a cortina na enorme janela e a abro, e então ouço o resmungo de Sebastian.

Ele está jogado no sofá, com o cabelo mais emaranhado que o normal, os olhos inchados e um monte de comprimidos estão ao seu lado na mesinha de centro.

— Que merda é essa? — ele resmunga.

— Foi mal. — digo, mas não fecho a cortina.

Vou até o quarto pegar minhas coisas. Quando estou juntando tudo, ele aparece cambaleando na porta.

— Eu preciso falar com você.

— Pode falar.

— Sobre o que aconteceu ontem. Eu não queria ter feito aquilo, eu bebi demais! Ela veio me trazer em casa porque eu não podia dirigir e acabou acontecendo. Eu juro que não tinha a intenção de magoar você...

— Você não me magoou, Sebastian! Nós não temos nada, lembra? Você sai com quem você quiser, é um direito seu.

Ele me olha por um tempo, depois completa:

— Por que está chegando agora? Onde você passou a noite?

Continuo juntando minhas coisas e não respondo.

— Celina, onde você passou a noite? Para onde foi quando saiu daqui?

— O que eu faço ou deixo de fazer fora do meu horário de trabalho não é da sua conta!

Ele tenta vir na minha direção, mas tropeça em um sapato e cai, batendo a cabeça na cama. Corro até ele e o ajudo a levantar.

— Sebastian! Você ainda está bêbado?

— Não, só com um pouco de dor de cabeça. Eu disse, ontem bebi muito mais do que estou acostumado.

— E a troco de que você fez isso?

— Porque precisava tirar você da cabeça mesmo que por cinco minutos. Eu só queria esquecer você!

Preciso fingir que as palavras dele não me atingiram, mas meu coração quase saiu pela boca quando ele disse isso. Eu o empurro até o banheiro, e não respondo ao que ele disse, mas minha mente já está a mil pensando no que aquilo significa.

Ele tem ciúme de mim, mas isso pode ser explicado, nós estávamos transando. Ele pode ser desses homens possessivos que não aceitam que a mulher queira outros se já tem a eles. Mas ele ter bebido para me esquecer, se parece muito com a minha atitude quando saí com Luciano, para tirá-lo da cabeça. Mas eu não fui tão longe como ele, e não posso me esquecer disso.

Entro com ele no banheiro e percebo que ele está olhando para mim, esperando que eu diga alguma coisa. Não quero falar sobre o assunto, mas sem querer escapa dos meus lábios:

— E você conseguiu?

É óbvio que ele conseguiu. Ele estava aqui transando com outra! Que pergunta ridícula!

— Nem por um segundo. Mas vi você em cada rosto que encontrava a minha frente. Talvez isso explique porque dormi com outra, eu estava enxergando você. Sei que isso não justifica o que eu fiz. Acho que se você tivesse dormido com outro, eu seria capaz de matá-lo!

Não posso ficar ouvindo essas coisas, ele não pode achar que me engana tão fácil.

Então, mudo de assunto.

— Espero que esteja bem para o coquetel hoje à noite.

Eu o recosto na bancada e vou sair do banheiro, mas ele me segura.

— Toma banho comigo.

— Nem sonhando! Não vou tocar em você enquanto ainda estiver com o cheiro daquelazinha!

Ele abre um sorriso enorme e me abraça, mas eu me afasto.

— Espera! Me ajuda a tirar essa cueca.

— Fala sério Sebastian! Você consegue fazer isso sozinho.

Eu saio do banheiro e bato a porta. Volto para o quarto e tento não pensar nas coisas que ele me disse, mas elas ficam voltando aminha mente e então começo a pensar numa música, isso, começo a cantar uma música qualquer para tirá-lo da minha cabeça, mas acabo trocando as palavras pelo nome dele, e não consigo esquecer a sensação de que ele está me fazendo de boba. Mesmo sabendo disso, estou caindo na dele. Oh céus não posso ser tão fraca!

Arrasto a minha mala pelo corredor, quando ouço um barulho enorme vindo do banheiro. Largo a mala e corro até lá, e Sebastian está caído no chão, com a cabeça encostada no box.

— Quer parar de bater essa cabeça? Você precisa estar bem no coquetel hoje.

Ele começa a rir.

— Eu não estou batendo minha cabeça de propósito, Morelli.

O fato de que ele tenha me chamado pelo sobrenome me irrita. Já estou acostumada a ser chamada pelo meu nome, saber que ele se lembra de quem eu sou. Eu o ajudo a levantar e ele me puxa para debaixo da água.

— Sebastian! Não acredito que fez isso!

Ele ri e beija meu pescoço. Tenho que me afastar dele, eu tenho que fazer isso. Mas ele passa o braço pela minha cintura e então não tenho mais forças para ir a lugar algum. E a forma como meu corpo precisa do dele tão perto me assusta, ele sussurra meu nome e me beija e eu retribuo. Ele me beija com desespero, com vontade, chega a morder meus lábios. Nossas línguas se encontram numa dança da qual não quero me afastar nunca.

Quando estamos sem fôlego, ele começa a beijar meu rosto, me abraça forte e fica sussurrando no meu ouvido.

— É você que eu quero, só você. Nunca mais vou ficar com nenhuma outra mulher que não seja você.

Fecho os olhos e me deixo acreditar nisso por cinco minutos, quando ele volta a me beijar. Mas, quando ele tenta abrir meu roupão, me afasto dele. Estou magoada, estou confusa com o que sinto por ele. E por mais que necessite tê-lo em mim agora, não estou pronta ainda.

Eu me afasto e saio do banheiro. Vou pingando pelo corredor até minha mala, procurar uma roupa. Ele vem atrás de mim segurando uma toalha, e me enrola nela quando tiro a roupa. Eu permito que me enrole e me afasto em seguida.

— Você está chateada. — ele diz cabisbaixo.

— Estou confusa. Ontem você me disse que não se importaria se eu não quisesse mais transar com você. Desde então estou pensando nisso.

— Eu disse isso da boca para fora. Jamais permitiria que você se afastasse de mim!

Mais uma vez ele me pega de surpresa. Eu visto a primeira roupa que encontro e deixo o roupão molhado pendurado no banheiro. Ele ainda está só com a toalha em volta da cintura, e fica avaliando cada movimento meu.

— Para onde você foi ontem?

— Bom, eu não queria atrapalhar vocês, então fui para o bar beber um pouco.

— Você foi para o bar de roupão e sozinha? Celina, como faz uma coisa dessas?!

Quero gritar “você estava comendo outra, o que queria que eu fizesse?”, mas não faço isso. Ele não precisa saber que me atingiu.

Dou de ombros e comento calmamente:

— Não estava sozinha. Encontrei com o Luciano lá embaixo e ele foi comigo. Não corri risco algum!

Ele se aproxima de mim a passos largos e me pega pelos ombros.

— Onde você passou a noite? Você dormiu com ele?

Ele está com tanta raiva pela possibilidade de eu ter dormido com o Luciano, mas não se lembra que saí daqui porque ele estava transando com outra. Qual o problema dele? Só ele pode fazer isso?

Sinto a raiva me dominar e o empurro.

— Não é da sua conta onde eu passei minha noite!

— Você dormiu com ele. — afirma ele.

— Não acho que preciso explicar o que fiz para você. Você não é ninguém para julgar minhas atitudes, não é mesmo?

Volto a arrastar a mala pelo corredor e ele vem atrás de mim.

— Para onde vai com essa mala?

— Para o meu quarto.

— Para onde?

Bufo. Detesto ter que repetir as coisas, mas antes que o faça ele assente, para que eu saiba que ele entendeu o que eu disse.

— Luciano disse que a convenção acabou há três dias e arrumou um quarto para mim.

Ele fica ainda mais nervoso.

— É mesmo? E foi lá que você passou a noite?

— Sim.

— E ele passou a noite com você?

— Não é da sua conta.

Ele se aproxima de mim de repente e me puxa para os seus braços. Ele sempre tem essas ações que me deixam sem reação.

— Por favor Celina, eu sei que não sou ninguém para julgar você, não vou fazer isso. Não precisa entrar em detalhes, eu nem quero que entre. Quero apenas saber se ele passou a noite no seu quarto com você. Por favor, me diz!

Fico tentada a responder, mas que espécie de mulher sou eu que não pode resistir a um abraço molhado de um homem delicioso só de toalha?

— Sebastian, isso realmente não é da sua conta.

Espero ele se afastar, mas ele me aperta ainda mais.

— Tudo bem! Mas me diz o que você pensou, nós ainda vamos ficar juntos, não vamos?

Então eu me afasto, antes que perca as forças para ir para o meu quarto.

— Não pensei nisso ainda. Mas você não precisa de mim, Sebastian! Você consegue sexo fácil, não é mesmo?

— Não diga isso! Você não é só sexo para mim.

Tento fingir que não ligo para o que ele disse, mas por dentro estou começando a gostar desse negócio de Sebastian arrependido e doido para me ter de volta. Talvez eu possa tirar algum proveito disso. Mas, quando olho para ele, ele parece em pânico, parece mais despedaçado do que eu. Será que ele sente mesmo alguma coisa por mim? Para com isso, Celina, sua burra! Ele estava comendo outra! Outra! Lembre-se disso!

Ele tenta pegar minha mão, mas eu me afasto e abro a porta. Vejo que ele vai me seguir e aviso.

— Não acho que você deveria sair no corredor só de toalha. Estou indo para o meu quarto. E só para constar, as despesas estão na sua conta. — tento abrir um sorriso brincalhão para ele e vou para o meu quarto.

Enquanto espero o elevador, fico pensando no que fazer. Será que eu devo dormir com ele de novo? Não, por mais que eu o deseje é melhor não. Nossa viagem já está acabando, só faltam dois dias, então é melhor cortar o que quer

que esteja começando a sentir e não ficar mais com ele.

Sebastian

Tento não me concentrar tanto na merda que fiz. Fiquei tão bêbado que só pensava na Celina. Cheguei a sentir o cheiro dela! Tenho certeza que chamei a Lorena de Celina, mas ela pareceu não se importar. Achei que estava com ela, até que ela acendeu a luz e apareceu ali na minha frente, em choque. Assim que ela bateu a porta, consegui interromper o grande erro que estava cometendo e disse a Lorena que estava apaixonado por aquela mulher que havia acabado de sair do quarto furiosa comigo. Ela ficou brava, mas entendeu, disse que homens têm um jeito estranho de mostrar que amam.

Passei a madrugada toda procurando pela Celina, mas não tinha ideia de onde ela estava. Por fim, quando minha cabeça doeu demais, me joguei no sofá e fiquei ali pensando nela até ela aparecer. O pior foi ver que ela nem se importou. Achei que estaria furiosa comigo, que gritaria, jogaria as coisas, mas ela agiu como se eu não tivesse feito nada. Eu deveria ficar aliviado por não precisar lidar com a raiva dela, só imagino como essa mulher deve ser quando está com raiva, mas a verdade é que eu queria que ela se importasse, queria que ela tivesse ficado com raiva e quebrado as coisas em mim. Assim pelo menos eu saberia que ela sente alguma coisa por mim, que ela se importa.

Minha esperança é o fato dela ter parecido pelo menos chateada com o que aconteceu. Talvez não seja tão indiferente assim a mim, ainda tenho que lidar com o fato dela ter o próprio quarto agora, e que pode ter passado a noite com o imbecil do Luciano. Nem quero pensar nisso, sou capaz de matá-lo!

Acabei de receber uma ligação do Matheus dizendo o quanto é importante que eu consiga o investimento do Luciano. Então, por ora, preciso me concentrar menos na Celina e me dedicar inteiramente a conseguir o investimento do Luciano.

Faltam apenas quinze minutos para a hora marcada da gente sair, mas ela ainda não apareceu. Ela não me deixou comprar um vestido para essa noite, disse que tinha trazido um de casa para a ocasião, então só me resta esperar para apreciá-la.

Não sei em qual quarto ela está, mas não é impossível descobrir, então decido ir a recepção descobrir, mas quando abro a porta, dou de cara com ela, usando um vestido preto colado ao corpo, com uma renda que vai até o pé. O vestido destaca sua cintura fina e seus seios fartos. Ela está maravilhosa! Fico um tempo sem ação, apenas admirando sua beleza. Ela fica sem graça e me empurra para eu voltar a mim, mas a puxo e a beijo.

Ela corresponde o beijo, o que me deixa mais tranquilo. Não que ela vá

realmente conseguir não dormir mais comigo, como eu disse a ela, jamais permitirei isso, mas fico mais tranquilo que ela não negue meus beijos.

É estranho saber que estou apaixonado por ela. Sinto vontade de fugir para bem longe dela para ver se tiro essa merda da cabeça, mas ao mesmo tempo, sei que não conseguiria ficar longe por muito tempo. Olho para ela agora e quero beijá-la, fazer amor com ela e declarar que ela é minha, e também quero que sinta o mesmo, que precise de mim como eu preciso dela.

Sentir isso tudo nesse grau de intensidade cada vez que a olho é uma enorme merda! Ainda nem sei como vou fazer para conquistá-la, mas vou fazer isso. Já não escondo mais as coisas, acho que aos poucos vou dizendo o que sinto, para não assustá-la, mas ela vai ser minha de qualquer jeito, porque não há a menor chance no mundo de eu ser tão apaixonado por essa mulher e ela não sentir o mesmo.

Quando nos afastamos, ela entra resmungando que precisa retocar o batom e eu a sigo. Assim que ela acaba de retocar, a puxo de novo e a beijo. Ela ri nos meus braços e eu a abraço bem forte, sentindo cada curva do seu corpo colado ao meu.

— Talvez a gente possa se atrasar um pouco. — sussurro.

— Nem pensar, e eu ainda não pensei sobre isso. Foco, senhor Vaughn. Sua noite hoje não pode ser sobre mim, tem que ser sobre seus investimentos.

Ela está certa. Ela retoca a maquiagem e limpa meus lábios. Quando passa batom de novo, me aproximo dela, mas me ameaça com minha máquina de cortar cabelo, então deixo que ela vá para o coquetel maquiada.

Minha felicidade pelos beijos correspondidos dura pouco. No caminho para o coquetel, tento tocá-la e ela não deixa. Conversa comigo, ri, mas quando faço alguma piada sobre sexo, ela desconversa. É como se nem se importasse com isso. Como se nem sentisse falta.

Sinto o peso do que fiz mais uma vez. Por que tive que ser tão burro? Como fui transar com outra? Agora quero a minha Celina de volta, a que arde quando a olho, a que entra em meu jogo quando a toco. Não essa Celina que não sente nada, que não se importa comigo. Estou a ponto de parar o carro e agarrá-la ali mesmo, quando percebo que chegamos.

A festa está acontecendo em um grande salão de festas, situado a beira-mar. Tudo está bem arrumado quando chegamos, as pessoas desfilam de braços dados e nariz empinado, como se ir a um evento desses fosse algo para poucos, o que de fato não é bem verdade. Poucos executivos levam suas secretárias, mas estou muito feliz por ter a minha comigo.

Assim que entramos, nos deparamos com Dante e Mirella, que se aproxima feliz de Celina e as duas ficam conversando animadamente, enquanto Dante me

confirma que irá investir no meu projeto. Nós combinamos dele passar na empresa amanhã à tarde para fecharmos o negócio. Quero brindar minha conquista, mas não quero beber. Tomo apenas um champanhe leve para não fazer como na outra noite.

Tento me concentrar nas pessoas que param para conversar comigo, mas meus olhos sempre buscam a Celina. Ela está linda, radiante, todos a olham em algum momento e me sinto orgulhoso porque ela é minha. Ela só não sabe disso ainda!

Estou num papo até animado com Abimael Carvalho, um amigo de faculdade que hoje é dono de uma empreiteira. Quando percebo que Celina não está mais ao meu lado, olho em volta e a vejo conversando com Luciano. Meu sangue ferve, sei que tenho que tratá-lo com cordialidade, mas é muito difícil quando ele desliza os dedos pelo braço dela.

O que será que aconteceu entre eles ontem à noite? Quero me aproximar dos dois, mas ele a leva para dançar, e isso me irrita mais ainda. Devo estar deixando claro meu desagrado, pois Adrian se aproxima com um sorriso afetado.

— Nem você, nem eu conseguimos nada. Ela foi cair justo nas garras de Luciano Cartariam. Fazer o que não é? Pelo menos disfarce sua dor de cotovelo, homem!

Mando-o ir à merda e resolvo beber. Nunca me senti assim, não sei o que fazer com isso. Quero matá-lo por tocar nela, quero me matar por ter sido tão burro. Percebo que ela não está apaixonada por mim, reagiu calma demais com a merda que eu fiz, enquanto eu estou prestes a ficar louco só por ela estar dançando com outro. E isso me atormenta!

O que tenho que fazer para conquistá-la? Para provar que por ela estou disposto a não ser o estúpido que sempre fui? Eu a quero e preciso dela mais que tudo no mundo! Por que ela consegue dançar com outro sem precisar de mim?

Ela fica com ele por três danças inteiras, quando finalmente se afasta e vai na direção do banheiro. Eu a sigo e a arrasto para o segundo andar. Entro com ela em uma sala enorme e acho o que precisava: uma mesa.

Eu a arrasto até a mesa e a empurro.

— Sebastian, o que está acontecendo?

— Nada demais, apenas estou irritado com a sua atitude com o Luciano. O que houve, Celina? Decidiu então ficar com ele? Sinto te informar que não vou permitir que isso aconteça!

— Sebastian eu não sei...

Eu a calo colando minha boca à dela. Sei que estou sendo selvagem, mas não posso impedir, estou explodindo de raiva, de medo e de desejo por ela. Começo a tirar seu vestido bruscamente, mas quando penso que posso rasgá-lo, respiro

fundo e o tiro mais devagar, os cachos do seu cabelo desfazem quando faço isso.

— O que está fazendo Sebastian? Todo mundo vai saber o que fizemos.

— É exatamente o que eu quero.

Respondo e a viro de costas, empurro seu ombro para que ela se apoie na mesa e separo suas pernas. Sorrio ao ver a lingerie que ela está usando, a mesma vermelha da primeira vez em que ela gozou comigo.

Enfio a mão em sua calcinha e sinto que está molhada.

— Vejo que já está preparada, querida. — digo. Ela apenas geme enquanto movimento meus dedos no meio de suas pernas. Eu a empurro de repente para cima da mesa e abaixo a minha calça. Coloco uma perna dela para cima, e meto nela com força. Assim que sinto as paredes dela se fecharem a minha volta, me acalmo. Quero perguntar se Luciano foi melhor nisso com ela, mas ela está se contorcendo e gemendo, e não quero estragar o momento. E nesse momento ela é minha.

Começo a me mover com força, sem me importar com os gritos que ela está soltando, nem o barulho que a mesa está fazendo arranhando o chão. Que todos vejam, que todos saibam que ela é minha! Estou prestes a explodir, então a abraço pela cintura e começo a mexer os dedos em seu clitóris, ela goza rapidamente com um grito, que tenta abafar mordendo os dedos da minha mão que estava em seus seios. E então, finalmente gozo, me entregando ao que sinto!

Demoro um pouco para sair de dentro dela e me afastar. Ela ainda está bamba, então visto rapidamente minha calça, tiro um lenço do bolso e a limpo. Ajudo-a colocar o vestido e ela tem que soltar o cabelo, pois bagunçou demais.

Quando ela solta o cabelo e se vira para mim, espero ansiosamente sua reação.

— O que foi isso? — diz ela secamente.

Percebo que ela está com raiva. Não era a reação que eu esperava dela depois de ter um orgasmo.

— Me desculpe, eu perdi a cabeça. Eu vi você dançando com ele, as mãos dele em você, pensei em tudo o que devem ter feito ontem à noite e fiquei com raiva.

— Raiva? — ela parece prestes a me matar — Em primeiro lugar, eu nunca ficaria com outro homem enquanto estou transando com você!

Então ela não transou com ele. Seguro-me para não soltar um viva na frente dela quando está tão nervosa.

— E em segundo lugar, com quem eu fico ou deixo de ficar não é problema seu! O nosso acordo não inclui fidelidade, ou já se esqueceu da Lorena?

Ui! Essa eu mereci!

— Tudo bem, nós precisamos mudar esse acordo agora mesmo. Eu quero que

você seja só minha!

Ela me olha espantada por um tempo, por fim, diz:

— Não.

— O quê?

— Eu disse não! Você transou com a Lorena. Eu não vou ser fiel a você enquanto não der o troco.

E dizendo isso, ela sai da sala. Merda! Eu precisarei de mais que um bom sexo para domar essa megera!

Saio atrás da Celina, mas não a vejo em lugar nenhum. Avisto Luciano conversando com alguns conhecidos, mas ela não está perto dele. Meu primeiro intuito é procurá-la, pois saiu da sala procurando vingança. Linda do jeito que está, conseguirá isso facilmente! Então me lembro da bronca que levei do Matheus, do quanto esse negócio dos hotéis internacionais é importante para mim; respiro fundo e vou até Luciano. Assim que me vê ele se afasta das pessoas e vem ao meu encontro.

Nos cumprimentamos com a cabeça, o clima está tenso entre nós.

— Vaughn. — ele diz por fim.

Nunca nos chamamos pelo sobrenome, mas entro na dele.

— Cartariam, você ficou de dar a resposta hoje.

Sim, o investimento dele é muito importante, mas quando olho para ele só consigo vê-lo com as mãos na Celina, e não dá para tratá-lo melhor do que estou fazendo.

— Sim, eu pensei bem sobre isso. De fato o investimento é algo promissor, portanto, é provável que eu invista. Porém...

Ele para de falar e sei que alguma coisa ruim está por vir.

— Porém?

— Farei isso. Irei investir na sua empresa desde que você se afaste da Celina. Fico tão em choque que nem respondo.

— Sei que o contrato de trabalho dela acaba no fim de semana, mas gostaria de assegurar que não irá procurá-la quando ele acabar.

— Você não tem o direito de me pedir isso!

— Tenho direito a partir do momento que fui eu que a socorri quando ela estava aos prantos por sua causa! Tenho direito porque estou realmente interessado nela, não vou usá-la para me divertir como você. Você deveria agir como um homem ao menos uma vez na vida e reconhecer o que é melhor para ela!

Minha vontade é de dar um murro para que ele cale a maldita boca.

— Isso não vai acontecer. Não é da sua conta, mas não estou com ela por diversão.

— Está me dizendo que sente alguma coisa por ela? — ele pergunta incrédulo.

— É exatamente o que estou dizendo.

— Eu nunca acreditaria nisso!

— Não me importa que acredite ou não. Não vou me afastar dela, e não quero mais vê-lo a rondando.

— Se não se afastar dela, não investirei no seu projeto!

— Que se dane! Não invista! Conseguirei outro investidor, mas não se meta com a Celina.

Ele concorda com a cabeça e sai andando. Merda! Acabei de praticamente afundar uma coisa que levei anos para idealizar, mas não posso deixar que ele fique com a minha mulher.

Celina

Não sei mais o que está havendo. Ainda sinto o pau do Sebastian no meio das minhas pernas cada vez que me movo. Ele não pegou leve, estava mais intenso que o normal, com raiva até, mais apaixonado. Paro quando penso nessa palavra, apaixonado. Será possível? Não, claro que não! Só posso estar louca!

Encontro de novo com Mirella, que está com uma cara de tédio, então a arrasto para um canto, para beber comigo.

— Essa batida está ótima. — comento.

Ela apenas concorda com a cabeça, depois me puxa para o lado de fora, onde há um jardim enfeitado com luzes e as flores mais lindas que já vi. Há poucas pessoas do lado de fora, então encostamos ao balaústre da pequena varanda.

— Então, o que há entre você e Sebastian Vaughn?

Engasgo assim que ela diz o nome dele. Merda! Preciso parar de engasgar cada vez que alguém fala de Sebastian comigo.

— Nada.

— Não parece. Ele não tirou os olhos de você a noite toda. Precisava ver a cara dele quando você estava dançando com Luciano Cartariam. Dante e eu chegamos a apostar se ele iria até a pista tirá-la dos braços dele.

— Bobagem, Sebastian é incapaz de se sentir assim por uma mulher só.

— Não acho que esse seja o caso. Acredite, sou mais velha que você e mais experiente. Reconheço um homem apaixonado quando vejo um, e Sebastian Vaughn está totalmente apaixonado por você.

Engasgo de novo e não digo nada. Não quero pensar sobre isso, não posso pensar sobre isso. Ela parece perceber meu desconforto, pois começa a falar da filha.

— Você quer ter filhos, Celina?

— Acho que não, nunca pensei nisso, mas acho que não daria conta de cuidar de mais alguém que não seja eu mesma. Na verdade, eu mal cuido de mim.

Lanço um sorriso sem graça para ela.

— É uma pena, um filho seu e de Sebastian seria a coisa mais linda desse mundo!

Engasgo de novo e ela bate nas minhas costas.

— Beba mais devagar se vai ficar engasgando tanto, Celina.

De repente Sebastian aparece, ele vem em nossa direção e percebo que está transtornado. Sei que aconteceu alguma coisa.

— Olá Mirella. Celina, estou indo embora. Se quiser ficar, pode me ligar quando quiser ir embora e eu venho buscá-la.

Ele parece realmente preocupado, e triste até.

— Não, eu vou com você!

Nos despedimos de Mirella que faz um gesto para que eu ligue para ela depois. Vamos em silêncio até o carro. Ele não diz nada durante o caminho de volta, mas de vez em quando bate no volante, e sei que está nervoso.

— Quer me dizer o que aconteceu?

— Não. Só quero extravasar a tensão que estou sentindo.

— Por favor, eu não aguento mais uma sessão de sexo selvagem de descarregar raiva como a de mais cedo. — brinco.

Ele abre um sorriso e respiro aliviada. Como ele não diz nada, ligo o rádio, coloco numa música bem alta, eu conheço a música, então começo a cantá-la aos gritos. Sebastian ri, mas logo se junta a mim e começa a gritar também. Seus gritos são terríveis e machucam meus ouvidos, mas eu não digo nada. Sei que estou gritando também, mas pelo menos sou um pouco afinada, ele realmente não deveria cantar na presença de mais ninguém que possa ouvi-lo.

Quando ele para o carro, percebo que está mais relaxado:

— Então, a terapia de descarrego da música funcionou?

— Nada mal. Mas eu preferia o sexo selvagem de descarrego. — ele pisca para mim.

Faço uma careta e desço do carro. Quando entramos no elevador ele fica me olhando.

— O que foi?

— Você é linda. Simplesmente linda.

Ele é tão sincero quando diz isso, que me sinto corar e não penso em nada sarcástico para dizer a ele. Ele acaricia meu rosto com carinho, depois se afasta. O elevador para no décimo oitavo andar e eu desço. Ele segura a porta.

— O que está fazendo?

— Meu quarto é nesse andar.

— Você ainda pode ficar comigo. Prometo que não irá mais ninguém para lá além de nós dois.

— Acho melhor não.

Ele parece zangado, mas tenta disfarçar.

— Celina, tenho certeza que a cama desse quarto não é tão macia quanto a do presidencial.

— Não é mesmo! Mas estou cansada. Quero apenas tomar um banho e dormir. Nada de sexo hoje.

— Não é por isso que estou chamando você para o meu quarto!

— É por que então?

Ele gagueja. Não, não vou mais detalhar que ele gagueja, agora já o vi

fazendo isso muitas vezes. Depois assente e deixa a porta do elevador fechar. Tenho a impressão de que o que vi no olhar dele antes das portas fecharem foi tristeza.

Tomo meu banho e me deito. A cama não é tão grande nem tão macia, e o calor dele não está a minha volta. Mas preciso me livrar desses vícios, afinal de contas, nossa viagem está no fim e ele não dormirá comigo depois que voltarmos para casa. Custa a adormecer, e quando o faço, alguém bate na porta.

Resmungo um palavrão e me levanto sonolenta. Quando abro a porta, encontro um Sebastian descabelado, com uma cara de sono e de samba canção na porta.

— Por favor, não me diz que você bateu em cada porta desse andar usando essa cueca!

— Na verdade eu perguntei direto na recepção.

Eu sorrio e o convido a entrar. Assim que fecho a porta vou logo falando:

— Sebastian, eu estou realmente cansada e ainda não me recuperei do que fez hoje na festa. Será que não podemos transar outro dia?

Um sorriso malicioso aparece no rosto dele.

— Claro, podemos transar quando você quiser, não vim aqui para isso.

— Então por que veio?

— Porque não consigo dormir sem você. E estou cansado, realmente preciso dormir.

Mais uma vez, ele me surpreende e me deixa sem reação. Eu apenas concordo com a cabeça e ando até o quarto. Ele me segue. Reclama quando vê o tamanho da cama, mas se deita comigo. Ele me puxa para os seus braços e fica acariciando minha cabeça.

Nunca pensei que faríamos isso, que dormiríamos juntos, como um casal, sem ter tido sexo antes. Respiro o perfume dele e me sinto acalmar com os seus braços a minha volta. Tão melhor dormir assim!

Quando estou quase adormecendo ele fala, sua voz está arrastada e sonolenta.

— Estava pensando, não consigo dormir sem você. Quando a gente voltar para casa, será que ainda podemos dormir juntos?

— Como? — eu praticamente grito.

Ele me aperta mais ainda em seus braços.

— Eu disse a você quando isso começou que quando a viagem acabasse, nosso sexo também acabaria! Mas não quero isso. Não estou pronto para ficar sem você. Será que quando voltarmos para casa ainda podemos ficar juntos? Eu posso dormir na sua casa, mas se sua amiga achar ruim, você pode ir para a minha!

— Depois a gente vê isso. — estou em choque para responder.

— Não, quero saber! Quero ter certeza de que não vou precisar sequestrar você do aeroporto mesmo.

— Vamos fazer assim: quando voltarmos para casa, esperamos uma semana, e se você tiver ficado com saudade de dormir comigo, eu passo o fim de semana na sua casa.

— Uma semana? Sem chance. A gente chega em BH sábado, você pode passar na sua casa, pegar suas coisas e tomar banho na minha!

— Sábado? Claro que não! Eu estou com saudade da minha cama! E da Gil, quero conversar com ela.

— Então eu durmo na sua casa domingo.

— Vamos fazer assim, eu vou para sua casa na segunda.

— Não, não quero ficar domingo à noite sem você.

Eu começo a rir, ele só pode estar brincando. Mas não está, e eu percebo isso.

— Você sobrevive sem mim, quando voltar para casa terá a Lurdinha e a Mônica para te entreter, nem vai sentir minha falta!

Ele bufa e me aperta, então puxa meu rosto e me beija.

— Não diga isso, ninguém vai me fazer não querer você. Você nem faz ideia!

Então me aperta de novo.

— Vamos dormir juntos no domingo e não se fala mais nisso. — ele diz.

— Segunda.

— Tudo bem Celina, mas segunda assim que sair da empresa vou buscar você na sua casa.

— Tudo bem.

E assim adormecemos.

Capítulo 14

Sebastian

Acordo sozinho numa cama pequena e nem tão confortável. Não estou tirando o mérito do conforto do meu hotel, mas sou mais exigente do que a maioria dos hóspedes que recebemos, graças a Deus. Olho pelo quarto, mas não avisto Celina. Eu a ouço falando ao telefone e me levanto. Ela está embolada no sofá e a ouço dizer o nome do Edmundo.

Logo sinto a raiva subir e tomo o telefone de sua mão.

— Ela não pode falar agora, ligue mais tarde! Aliás, não ligue nunca mais.

Desligo o telefone e jogo no sofá. Ela está com as pernas em cima do sofá, enrolada no roupão e com um sorriso no rosto.

— Você é terrivelmente ciumento, sabia?!

— Não sei lidar com o ciúme. — respondo e ela ri mais ainda — Por que você ainda o atende?

— Não sabia que era ele, ele ligou de outro número.

— E o que ele queria?

Ela fica ajoelhada no sofá e passa o dedo pelo meu peito e minha barriga.

— Que tal nos concentrarmos mais no que você quer?

— Acho uma excelente ideia.

Eu a puxo para junto de mim e minha boca toma a dela. Eu a carrego até o quarto e a jogo na cama. Tiro a roupa dela rapidamente e tomo seu seio na minha boca. Adoro quando ela geme. Enfio dois dedos nela e vejo que já está molhada, então, tiro minha cueca e paro com o pau em sua entrada.

— Então... — digo e ela faz uma careta — O que me diz sobre a mudança no nosso acordo?

— Já disse que vou dormir com você.

— Não sobre isso. Sobre você ser fiel a mim e eu ser fiel a você...

Ela bufa.

— Sebastian, você mesmo me disse que não se imagina sendo fiel a alguém!

— Mudei de ideia.

— Rápido assim?

— Não, foi lento e doloroso, por isso, que tal sermos fiéis um ao outro? Não faça essa careta, só quero garantir que nenhum outro homem vai pôr as mãos em você e em troca te garanto que nenhuma outra mulher vai ver meu lindo pau!

Ela dá uma risada.

— Ok. — responde.

Eu estranho. Foi fácil demais, mas a beijo e finalmente me perco dentro dela. Quando acabamos ela gruda em mim e eu fico beijando o seu pescoço.

Por fim, ela diz:

— O que aconteceu ontem? Por que estava daquele jeito?

— Luciano Cartariam não vai investir na V.D.A.

— Eu sinto muito. Sei o quanto era importante o investimento dele. Você acha que eu tive algo a ver com a decisão dele?

Não gosto de mentir para ela, mas não fará bem algum que ela se sinta culpada, então omito a informação:

— Acho que não. Ele não deu o braço a torcer desde o começo.

Ela fica calada, depois fala com a voz baixa:

— Eu acho que a culpa foi minha. Quando saímos, ele disse que se fechasse negócio com você iria a Belo Horizonte se encontrar comigo. Como eu neguei o pedido dele, ele se vingou. Sinto muito Sebastian, não queria prejudicar você. Se eu pudesse fazer alguma coisa para você conseguir esse investimento, eu juro que faria!

— Eu sei meu bem. Não se preocupe com isso agora! A culpa não foi sua, ele é um idiota. Mas vou conseguir outro investidor.

Nós vamos para o meu quarto, pois ainda estou cansado e como só tenho que ir a empresa à tarde, arrasto Celina para a minha cama, que é maior e mais confortável. Assim que chegamos ao meu quarto nos beijando, ouço meu celular tocar.

Eu o ignoro, mas Celina se irrita com a música e atende. Ela chama algumas vezes e passa o telefone para mim.

— Para você, aquela pessoa não identificada de novo.

Sinto o mau humor querer me dominar, mas não digo nada. Atendo e digo rapidamente que não posso falar, então desligo o celular para ela não ligar novamente. Celina está me olhando com curiosidade estampada nos olhos, ela não pergunta quem era. Nunca faz isso, mas sei que quer que eu diga.

— É só uma ex que vive pegando no meu pé. — digo, o que não é de todo mentira.

Ela faz uma careta, mas eu a beijo e a faço se esquecer dessa ligação, e tento esquecer também. Depois de transarmos pela segunda vez no dia, eu a puxo para meus braços.

— Estou feliz por você ter concordado em continuar comigo quando voltarmos.

— Você não me deu outra opção!

— Não mesmo. Mas se eu desse, você diria não?

Ela ri.

— Eu diria sim. E você sabe disso, não me faça ficar te elogiando!

— Que é isso, Celina?! Você tem que alimentar meu ego, já que agora é minha única mulher.

Ela fica rígida nos meus braços.

— Celina, estamos conversados sobre isso, certo? Vamos ficar somente um com o outro.

— Por que isso agora? — ela pergunta e percebo que está insegura.

O que posso dizer? Se eu disser que é porque estou desesperadamente apaixonado por ela, ela não vai acreditar. E não quero mentir para ela nunca mais. Resolvo contar outra meia verdade.

— Porque não preciso de mais ninguém se tiver você.

Ela suspira e diz:

— Não foi o que pareceu na outra noite.

Merda!

— Eu sei, e nunca vou conseguir te pedir desculpas o suficiente por aquilo.

— Na verdade, você não tem que me pedir desculpas, Sebastian. Nós não temos nada, não tínhamos um acordo de fidelidade. Assim como eu saí com o Luciano, você poderia ter saído com quem fosse. O que me chateou foi você tê-la levado para o quarto onde dormia comigo. Você podia ao menos ter me respeitado.

Obrigado Celina pelo belo tapa na cara!

— Não precisa esfregar no meu focinho que você não sente ciúme de mim. Eu percebi isso! E dane-se, sinto ciúme de você assim mesmo, sou possessivo mesmo. Aceite que não permitirei que nenhum outro homem ponha as mãos em você. E estou falando sério agora, Celina. Eu quero só você, não terei outra mulher, não tocarei outra mulher! Se quiser eu nem olho mais para outra mulher...

Ela sorri e isso me anima um pouco. Mas não responde. E essa indiferença dela está me deixando louco!

— Sebastian, eu não posso julgar você pelo que fez na outra noite, porque você é livre. Mas se quiser ter um acordo de fidelidade comigo, precisa entender que vou exigir que seja fiel. Eu não quero outro Edmundo na minha vida! Não quero me envolver com você e te pegar com outra, como aconteceu. Não vou aceitar nada sequer parecido com isso! Você precisa saber no que está se metendo, sou ciumenta, possessiva e louca.

Solto uma gargalhada e a aperto contra meu corpo:

— Do jeitinho que eu sempre sonhei!

Ela sorri, mas não me responde, não posso deixar que ela pense muito. Ouço quando ela murmura que não confia em mim, e preciso que ela diga sim. Preciso

impedir que ela fique se lembrando da minha burrada.

— Então? Você concorda? Vamos manter nosso acordo de fidelidade?

— Claro, vamos sim. Eu aceito o seu acordo Sebastian, mas só depois que eu der o troco.

— Como é que é?

— O que você ouviu. Eu serei fiel a você, assim que encontrar outro homem e dar para ele a vontade. Ai estarei vingada pelo que você fez com a Lorena e poderei ser fiel a você em paz.

Sinto meu sangue ferver.

— Celina, você não pode estar falando sério! Pensa bem no que está dizendo. Eu sei que fui um babaca, mas você não precisa se vingar.

— Claro que preciso!

— Eu não vou permitir que você fique com outro!

— Você provavelmente só vai saber depois que eu contar.

— Então vou contratar um detetive para seguir você o dia todo. E o dia que você estiver conversando com um homem, eu aparecerei antes que você possa pensar em dar para ele!

Ela começa a gargalhar.

— Você está falando sério? Não acredito que faria isso!

— Não me ponha a prova, Celina!

Ela me beija e começa a rir.

— É tão fácil irritar você.

— Você está falando isso só para me irritar?

— Eu não disse isso. — ela fala e me beija.

E eu fico aqui sem saber se ela está falando sério ou não. E isso me irrita. Não sei o que fazer com ela, não sei como conquistá-la. Quando acho que ela gosta de mim, ela age como se eu fosse apenas o senhor sexo fabuloso para ela. Ela nem teve ciúme da Lorena, porra! Ficou irritada só porque eu a levei para o quarto em vez de um motel.

Tudo o que eu queria era uma reação dela, qualquer reação que não seja agir como se nada tivesse acontecido. Ela não sente uma gota de ciúme de mim e eu mataria por ela. E saber disso me faz sentir uma coisa esquisita no peito que aperta e me faz sentir um maricas perdido. E nem posso gritar para ela o que sinto, senão ela nunca mais vai confiar em mim. Vai lembrar que mesmo sabendo que a amava eu ainda assim transei com outra.

Merda! Maldita Lounge 69. Maldita bebida. Maldito pau que sobe mesmo quando eu não quero. Como vou provar para ela agora que posso ser o que ela precisa se fiz exatamente o contrário?

À tarde, a deixo de folga e vou para a empresa me encontrar com Dante.

Quando chego lá, recebo uma ligação de Matheus.

— Sebastian, estou ligando para o seu celular, mas não está chamando.

— Ele está desligado. Esqueci de ligar.

— É ela te ligando de novo?

— Infelizmente.

— Eu disse que ia dar nisso. Mas você nunca me ouve. De qualquer forma estou ligando para falar sobre Luciano Cartariam.

— Eu sei, ele me disse ontem que não vai investir no projeto. Sinto muito, mas vou procurar outro investidor à altura dele.

— Não existe outro investidor à altura dele e você sabe disso. E não foi o que ele me disse quando me ligou.

— Ele ligou para você?

— Sim, Sebastian. E disse exatamente a proposta que ele te fez. E eu não sei que merda está acontecendo entre você e a senhorita Morelli, mas precisa acabar agora! É o seu trabalho Sebastian, nosso negócio. Você não vai colocar uma mulher qualquer acima disso. Se ele quer que você se afaste da Celina é o que você vai fazer. Deixe-a para ele!

— Eu não vou fazer isso! Ela não é qualquer mulher!

— Vou colocar você no viva-voz.

Mateus coloca no viva-voz e Cleber me cumprimenta. Mas é Matheus que volta a falar:

— Você pode ter a mulher que quiser Sebastian, a Celina já nos causou problemas demais. Você já se divertiu com ela, agora a deixe em paz e se concentre no investimento de Luciano Cartariam. Você vai procurar por ele antes que ele vá embora hoje à noite, e vai dizer que aceita a condição dele.

— O caralho que eu vou! A Celina não é qualquer mulher, e eu não vou abrir mão dela por causa de um capricho de um homem que quer se aproveitar dela!

— O que deu em você, homem? Você nunca perdeu a cabeça por uma mulher antes! Você sabe que vai ser só voltar para casa que já vai querer várias mulheres. Esse encanto que sente por ela vai passar, o investimento é mais importante!

— Chega Matheus! Não vou ficar aqui discutindo com você. Eu estou apaixonado pela Celina e não vou abrir mão dela!

Ele fica em silêncio e ouço Cleber comentar que tinha avisado que eu diria isso.

Depois de um tempo ele fala:

— Você que sabe! Espero que valha a pena e que saiba o que está fazendo. Se não conseguir outro investidor como o Luciano a tempo, a culpa do fracasso será toda sua!

Ele desliga o telefone e eu fico ali desnortado. Tenho pouco tempo para achar um investidor que queira investir mais do que é pedido em obras normalmente. É praticamente impossível. Mas pelo menos ainda tenho a Celina ao meu lado.

Celina

Encontro o celular do Sebastian jogado em cima do sofá e penso em ligá-lo. Mas mudo de ideia, tenho simplesmente que acreditar nele. Mas essa história de que uma ex o está perseguindo me parece estranha, não pela história em si, que seria a cara dele, mas pela reação que ele tem quando ela liga.

Será que é a tal da Jamille? A única mulher que ele achou que amava? Sou tirada dos meus devaneios pelo toque do meu celular. Vejo que é Luciano e penso em não atender, mas mudo de ideia, ele sempre foi legal comigo.

— Celina, tudo bem? É que estou indo embora hoje e gostaria de me despedir de você. Pode tomar um drinque comigo aqui em baixo, no hotel?

— Claro, estou indo.

Desço para o meu quarto e visto uma roupa, então vou me encontrar com ele. Nós vamos até o bar do hotel e ele me elogia antes de ir direto ao assunto.

— Queria me despedir de você e saber como está. Mas queria principalmente saber se pensou bem na minha proposta.

Fico sem graça. Esperava que ele não se lembrasse disso, mas acho melhor resolver isso de uma vez. Sei que tenho nas mãos a chance de me vingar de Sebastian, mas não pretendo fazer isso. Na verdade, não conseguiria.

Então escolho ser sincera:

— Eu sinto muito Luciano, mas realmente não estou emocionalmente disponível. Ainda estou me recuperando de um relacionamento e não estou em busca de diversão. Mas ficaria feliz se pudéssemos ser amigos...

Ele toma um gole da bebida e dá um sorriso sem graça.

— Não sou amigo de mulheres bonitas, Celina!

Não digo nada. Sinto como o clima esfria entre a gente depois disso. Preparo-me para me despedir e ir embora, mas ele volta a falar:

— O Sebastian te contou sobre a proposta que eu fiz para investir no projeto dele?

— Ele disse que você não quis investir.

— Imaginei que ele não teria contado.

— Contado o quê?

Ele se vira para mim com um sorriso no rosto.

— Ele mentiu. Eu aceitei investir no projeto dele, desde que ele se afastasse de você.

Levo um choque com a revelação e deixo a taça que está na minha mão bater na bancada.

— Como é?

— A única condição para eu investir no projeto dele, foi que ele deixasse você livre para mim! Mas o bastardo não aceitou. O Matheus e o Cleber não ficaram contentes quando eu contei a eles sobre a decisão do seu precioso Sebastian.

— Você contou a eles?

Isso explica porque Sebastian estava tão nervoso ontem à noite. E explica o desespero dele para que eu promettesse ser fiel. Ele havia escolhido a mim em vez do negócio mais importante da carreira dele. E eu ainda não sei o que fazer com isso.

— Claro que contei!

— Você é um idiota se acha que eu sou um objeto que pode manipular desse jeito! Bem feito que Sebastian tenha recusado! Tomara que ele tenha te mandado para o lugar certo também.

Ele sorri com a minha reação:

— Ah, ele mandou! E eu imaginei que você reagiria assim, mas escute com muita atenção Celina...

Ele me puxa pelo pulso e se aproxima do meu ouvido.

— O Matheus está pensando em tirar o Sebastian da diretoria da V.D.A!

— Ele não faria isso!

— Faria, porque eu ofereci ser sócio da empresa se ele tirar o Sebastian. Mas há uma chance de você ajudá-lo. Há uma chance de eu resolver dar o investimento ao Sebastian e retirar minha proposta para o Matheus.

— O que você quer que eu faça?

— Quero que se afaste dele! Quero que termine o que quer que esteja acontecendo entre você e Sebastian Vaughn. Se fizer isso, eu darei o investimento a ele!

— Eu não entendo. Você sabe que mesmo que eu não fique com o Sebastian, eu nunca ficaria com você. O que ganha com isso?

— Eu ganho porque ele perde! Há dois anos eu me apaixonei, senti o mesmo que sinto por você, por outra mulher. Mas ela conheceu o Sebastian, e mesmo sabendo o que eu sentia, ele começou a namorar com ela. E a exibia como um troféu!

— A Jamille?

— Ela mesma.

— Mas eles não estão mais juntos. Por que não foi procurá-la?

— E ficar com o que o Vaughn jogou fora? Nem pensar. Eu vejo a forma como ele quer você! Escolheu você em vez do maior investimento da sua carreira! Não quero que ele a tenha. Eu posso não ter você, mas ele também não terá! É você que escolhe Celina, ou acaba com ele de vez, ou ele será demitido

da V.D. A!

Eu não duvidei nem por um momento do que seria certo escolher. Estou diante de uma cobra, mas só me resta fazer o jogo dele. Por nada nesse mundo prejudicaria Sebastian desse jeito. Eu estou apaixonada por ele, e por isso, vou fazer o que é melhor para ele!

— Tudo bem! Eu aceito. Prometo que assim que voltarmos a Belo Horizonte não haverá mais nada entre Sebastian e eu.

Ele abre um enorme sorriso vitorioso.

— Muito bem, Celina! Tenha certeza que eu terei homens de olho em vocês dois para assegurar isso. Você fez a escolha certa. É uma pena que demonstre tanta antipatia por mim, eu poderia te fazer feliz.

— Aposto que sim. — respondo com todo sarcasmo que consigo — Posso ir agora?

— Ah sim, claro!

Ele me solta e assim que sua mão não está na minha, eu pego a taça de champanhe e a viro na cabeça dele. Ele parece em choque. Então eu dou um tapa na cara dele!

Todos no bar estão olhando para nós.

— Isso é por tentar me negociar como um objeto! Se você precisa descer a esse nível para conseguir o que quer, eu tenho pena de você, porque o seu final será terrível. Seu monstro!

Ele se levanta e me segura pelo pulso possesso. Eu começo a gritar, dizendo que ele está me machucando. Ele me solta rapidamente, mas meu show é tão convincente que logo dois seguranças o estão segurando. Eu não vou dar queixa dele, claro, sei que estou inventando isso. Mas reparo que algumas pessoas fotografaram o que aconteceu e acho que é o suficiente para prejudicá-lo.

Então subo ao quarto ainda sem saber como terminar tudo com Sebastian sem que ele descubra o porquê de eu estar fazendo isso. Ele jamais permitiria que eu me sacrificasse por ele!

Eu entendo isso agora. Entendo que esse tempo todo em que tive medo de me apaixonar por ele, ele sentia o mesmo. Mas ainda temos vinte e quatro horas, tenho um dia para viver a maior paixão que já senti na vida e depois precisarei dar adeus.

Assim que chego, Sebastian abre a porta. Vejo que está zangado.

— Onde você estava?

— Com o Luciano.

Ele arregala os olhos.

— Celina, você não foi realmente cumprir a sua vingança...

— Não. Não foi nada disso! Só fui me despedir dele.

Eu prendo os braços em torno da cintura dele e o abraço.

— Me beija! — peço — Faz amor comigo! Eu preciso de você.

Ele toma meu rosto nas mãos e me beija.

Depois me olha com preocupação nos olhos:

— O que foi meu amor? O que ele fez com você? Se ele tiver tocado em você eu juro que sou capaz de matá-lo!

— Ele não me tocou. Nunca mais quero falar dele. Vamos embora amanhã, então só quero ficar com você hoje!

Ele sabe que estou escondendo alguma coisa. Mas me puxa de novo e me beija. E faz amor comigo como eu pedi. Nós passamos a noite toda acordados fazendo amor.

Acordamos no dia seguinte quase na hora do nosso voo. Eu preciso bater nele para que não enfie a mão na minha saia durante o voo, mas não consigo impedir que ele me beije. E eu o beijo de volta, beijo muito, porque sei que serão nossos últimos beijos!

Capítulo 15

Sebastian

Assim que chegamos a Belo Horizonte, Celina me dá um beijo apaixonado e desce do carro. Eu digo que vou ligar para ela, mas ela diz que vai dormir e pede que eu não ligue. Acho estranho, mas a Celina nunca foi uma pessoa normal, por isso faço como ela quer.

Tenho uma noite de merda, longe dela! Não consigo dormir um segundo. No domingo de manhã, tento ligar para ela, mas não me atende o dia todo. À noite, não aguento mais e passo em sua casa, mas Gilcelle me diz que ela foi para a casa da mãe e que não sabe onde fica.

Sei que ela está mentindo. Primeiro porque Celina não tem uma boa relação com a mãe, segundo que não existe a menor chance no mundo da melhor amiga não saber onde a mãe dela mora. E terceiro, porque ela está estranha desde sexta à noite, desde que se encontrou com o Luciano, eu sei que alguma coisa está errada.

Mal durmo no domingo também, sou vencido pelo sono quando o dia já está quase nascendo, mas tenho que me levantar pouco depois para ir para a empresa. Sou recebido com festa pelos meus funcionários, e recebo olhares furtivos de Lurdinha e Mônica, mas não me importo com isso, não pretendo ficar com nenhuma das duas de novo.

Assim que chego, Matheus me chama para uma conversa. Espero encontrá-lo com raiva, e espero até uma briga, mas quando entro, ele está com um sorriso enorme no rosto e Cleber está com uma cara de desconfiado.

— O que houve?

— Muito obrigado por ter me ouvido, Sebastian! Achei que estivesse mesmo ficando louco, mas você agiu como o homem de negócios que eu conheço. — diz Matheus me abraçando.

— Do que ele está falando? — pergunto a Cleber.

— Luciano Cartariam entrou em contato e disse que vai investir no projeto dos hotéis internacionais.

— Como?

Matheus volta a falar.

— O que você ouviu! Depois de resolver tudo com você, ele estará aqui no mês que vem para assinar o contrato e saber dos detalhes.

Percebendo meu olhar confuso, Matheus explica:

— Você disse a ele que se afastaria da Morelli, eu imagino.

— Claro que não!

Ele também parece confuso.

— Tem certeza? Porque ele disse que resolveu tudo com você e que irá investir!

— Não sei o que aconteceu para ele ter mudado de ideia, mas eu não falei mais com ele. E não mudei de ideia, ainda estou com a Celina e espero que ele não se aproxime dela, ou não respondo por mim!

Saio da sala e bato a porta. Deveria estar contente por ter conseguido o investimento. Não tenho mais que encontrar outro investidor em cima da hora, mas tem alguma coisa me dizendo que se eu não resolvi as coisas com o Luciano, a Celina o fez. Ela foi a última de nós dois a vê-lo, e parecia arrasada quando voltou para o quarto de hotel.

Eu sei que ele fez alguma coisa que a magoou, e o fato de ela não ter me contado só pode significar que tem alguma coisa a ver comigo. Minha vontade é de ir procurá-la agora mesmo para saber o que está acontecendo, mas nós combinamos de dormir juntos hoje. Então vou agir como um homem maduro e esperar até a noite para falar com ela.

O dia parece se arrastar infinitamente, mas finalmente anoitece. Tinha planejado ir para casa e tomar um banho primeiro, mas estou ansioso demais, vou direto à casa da Celina. Nós podemos tomar banho juntos em minha casa.

O porteiro, o que imagino que deva ter postado a foto do Edmundo ajoelhado aos pés da Celina, interfona para o apartamento delas, mas Gilcelle diz que ela não está. Eu não acredito e molho a mão dele para que me deixe subir.

Quando Gilcelle abre a porta, eu invado o apartamento. Sei que estou sendo ridículo, mas preciso vê-la. Revisto o pequeno apartamento rapidamente e ela realmente não está lá. Então volto aos quartos e olho debaixo das camas e dentro dos armários.

Quando volto à sala Gilcelle está com os braços cruzados e uma cara fechada.

— Acabou? Saiba que está sendo ridículo ao fazer isso!

— Eu sei. Aonde ela foi?

— Não faço ideia, e não estou mentindo! Ela estava aqui quando saí de manhã, mas ao chegar já não estava. Tentei ligar, mas ela deixou o celular aqui.

Agradeço e decido ir embora. Será que ela voltou para o ex? Será que está com ele nesse momento? Fico dentro do carro em frente ao prédio dela até que finalmente a avisto chegar. Ela carrega umas dez sacolas e mal consegue pegar a chave para abrir a porta. Vejo que o porteiro vê sua dificuldade, mas não se movimenta para ajudá-la.

Tenho vontade de quebrar a cara dele! Mas vou até ela e seguro suas sacolas. Ela se assusta quando me vê, mas noto algo passar pelo seu rosto e ela dá um

pequeno sorriso. Por um minuto acho que tudo vai ficar bem.

Ela me convida para ir ao seu apartamento, e quando entramos, Gilcelle me olha e pega a bolsa.

— Tudo bem, nem precisam dizer nada! Estou de saída e não devo voltar cedo. Boa noite a vocês! — ela pisca para Celina, sai e percebo que gosto muito dela.

— Você sumiu. — Digo quando ela não fala nada.

— Foi bom você ter aparecido porque precisamos conversar.

— Eu apareci porque nós combinamos de você dormir na minha casa hoje, lembra?

— É sobre isso que temos que falar:

Pela expressão dela, posso imaginar o que vai falar, mas não pretendo deixá-la dizer isso.

Eu a puxo para meus braços.

— Nós conversamos depois. Estou com saudade de você.

Então a beijo, ela passa o braço pelo meu pescoço e cola o corpo ao meu. Respiro aliviado ao ver que ela ainda me corresponde e a beijo com voracidade. Nós acabamos no sofá duro e pequeno da sala. Ela ri quando eu reclamo, mas monta em mim, e assim que a penetro, sinto todas as dúvidas e medo se esvaírem. Ela é minha, posso sentir isso pela maneira como ela geme, como se entrega e me beija. Ela é minha!

Depois que gozamos, ficamos abraçados no sofá. Ela não sai do meu colo e eu adoro tê-la assim. Quando a chamo para ir para minha casa tomar um banho comigo, ela se levanta e vejo sua expressão mudar totalmente.

— Sobre isso. — ela diz vestindo a roupa — Não vou dormir na sua casa hoje. Na verdade, não irei dormir na sua casa dia nenhum!

Eu me levanto e me visto.

— Que merda é essa, Celina?

— Eu pensei melhor. Por favor, não fique com raiva de mim, mas eu não estou pronta para um relacionamento! Ainda mais um relacionamento com você. Depois de ser traída você é a última pessoa que uma mulher pensaria em confiar. Será que é tão difícil entender que preciso ficar sozinha agora?

Minha primeira reação é raiva. Eu soco a parede e digo uns palavrões, mas penso melhor e sinto desespero. Eu vou até ela e a puxo para meus braços, mas ela se afasta.

Então, finalmente, penso no que ela me disse.

— Olha para mim Celina. — eu a seguro de frente para mim, olhando nos olhos dela — Você quer se afastar de mim ou precisa se afastar de mim?

Percebo um sorriso se formar nos lábios dela, mas passa logo e ela diz:

— Eu preciso me afastar de você!

Tem alguma coisa errada. Ela não quer isso, é o que está dizendo. Há algo ou alguém que a está obrigando a isso!

— Celina, se alguém tiver ameaçado você... O Luciano, se o Luciano falou alguma coisa, você pode me dizer e daremos um jeito nisso juntos, mas não me afaste!

Ela parece surpresa e vejo novamente o sorriso nos seus lábios. Mas ela se afasta de mim.

— Sebastian, não torne as coisas mais difíceis! O que aconteceu naquela sexta quando você percebeu que eu não estava bem, não pode ser mudado agora. Preciso que entenda que não posso ficar com você agora. Preciso realmente que me deixe em paz! Você não pode me ligar e não pode aparecer aqui...

Hora nenhuma ela diz que não sente nada por mim, apenas que precisa se afastar.

— Você sente alguma coisa por mim, Celina? Qualquer coisa?

Os olhos dela brilham e vejo que estão cheios de água.

— Não faça isso, não torne as coisas ainda mais difíceis.

Eu me aproximo dela de novo, mas ela se afasta.

— Celina, me diz o que está acontecendo! Deixe-me ajudá-la! Vamos resolver qualquer coisa juntos.

— Não, Sebastian! Que droga! Me deixa fazer as coisas do meu jeito, estou cansada de ter que seguir ordens suas. Não sou mais sua empregada, então me escute! Não vou mais transar com você, o que tínhamos, nosso sexo, acabou!

Ela fala de uma maneira tão firme, que me faz sentir abalado por um momento. Então ela ri e me manda um beijo. Fico confuso. Ela vai até a mesinha do telefone, escreve alguma coisa e me entrega.

Depois diz de novo com a voz firme:

— Vai embora e não me procure Sebastian! Escute bem: não me procure!

— Você vai me procurar?

Ela aponta para o bilhete. Não entendo o que está acontecendo, mas ela abre a porta e pede que eu saia. Ainda tento ir até ela, mas ela me afasta e parece realmente brava. Então saio do seu apartamento sem saber o que fazer, o que pensar. Será que ela quer me dar um fora e está brincando comigo? Seria bem a cara da megera fazer isso, mas não, alguma coisa está errada!

Quando entro no carro abro o bilhete, que diz apenas:

“Espere até a hora certa, senhor Sexo Sensacional.”

No dia seguinte Matheus vai cedo à minha sala e diz que sabia que meu caso

com a Celina não iria durar. Eu a desobedeço e tento ligar para ela, mas ela não me atende. A semana inteira passo na sala do Cleber e Gil fica me dando notícias. Ela sempre diz que eu devo deixar a Celina em paz e pisca para mim e me sinto confuso sobre o que isso quer dizer. Os dias seguintes são uma tremenda merda.

Na sexta, estou na cantina me afundando no meu décimo café do dia, quando Cleber aparece.

— Que cara de bosta é essa Vaughn?

— Não tenho dormido bem.

— Aposto que não.

Espero por uma piada, afinal é o Cleber, mas ela não vem. Olho para ele que parece preocupado.

— Que merda está acontecendo com você? — pergunto.

— Tem alguma coisa errada. O Luciano de repente aceita assinar o contrato depois de ter sido um babaca e a Celina simplesmente decide terminar! Quer dizer, eu não sei o que ela sente por você, mas me parece coincidência demais!

— Também acho.

— Vou falar com o Matheus e descobrir o que está acontecendo!

— Você acha que ele sabe?

— Tenho certeza que sim.

Penso se devo procurar a Celina de novo, mas decido não fazer isso. Ela sabe onde moro, tem meu telefone, mas sequer me atende. Não sei o que estão correndo, mas sei que precisa do tempo dela agora.

Entro na minha sala depois da conversa com Cleber, e ouço a porta bater atrás de mim e o barulho da chave sendo passada. Mônica está na minha frente com uma cinta liga a vista por baixo da saia levantada.

— Senti sua falta garanhão!

Ela vem para cima de mim, mas eu a afasto.

— Não vai rolar, gata.

Ela tenta de novo, mas eu a afasto de novo.

— Qual o problema, Sebastian? — ela diz chorosa.

— Não estou no clima!

— Podemos nos encontrar amanhã então?

— Também não estarei no clima!

— O que há com você?

— Mônica, tudo o que fizemos antes foi muito bom, mas agora não quero mais. Entendeu?

Ela parece em choque e sei que estou sendo um cretino, mas não importa. Não quero ter nenhuma outra mulher! Ela me lança um olhar magoado e sai da

sala.

Quando estou indo embora, entro na garagem vazia e vou até meu carro, mas me assusto ao ver algo em cima dele, alguém na verdade. Pois ali está Lurdinha, com seu sorriso metálico em cima do meu carro.

— Sebastian, estava morrendo de saudade de você!

Merda. Preciso ser mais claro! Sei que a Mônica deve ter contado que levou um fora. Preciso que todas as mulheres que eu costumava comer da empresa entendam que não estou mais disponível.

Então a desço do carro e a seguro para dizer de uma vez. Não me preocupo em ser sutil.

— Eu e você, não vai mais rolar! Aliás, é bom que saiba e que todas saibam que estou comprometido. E não pretendo trair minha noiva!

Ela me olha em choque e sei que exagarei. Celina sequer é minha namorada, mas não importa. Quero que todas elas me deixem em paz!

Celina

Chego sexta à noite feliz porque consegui uma entrevista de emprego. Isso afasta da minha cabeça o fato da minha menstruação estar atrasada. Faz uma semana que não vejo Sebastian, e sinto uma saudade enorme dele. É duro não poder atendê-lo quando ele me liga, mas ele não está realmente correndo atrás de mim. Sinceramente depois de ele quase acabar com sua carreira por minha causa, eu esperava que ele fosse rastejar aos meus pés, que fosse chorar para me ter de volta. É decepcionante que ele tenha simplesmente aceitado minha escolha e nem tenha insistido muito.

Encontro Gil com uma cara fechada no sofá esperando por mim. Eu a evitei a semana toda, e sei que está na hora de falar a verdade. Ela me arrasta assim que entro e se senta de frente para mim.

— Tenho uma super notícia para te dar! Mas só o farei se me contar primeiro o que aconteceu na viagem entre você e o “Delícia Vaughn”.

— Gil, isso é chantagem!

— Não, isso é o cúmulo da curiosidade. Não aguento mais ele perguntado por você todos os dias!

— Ele pergunta? — eu sinto o sorriso bobo que aparece em meus lábios e Gil percebe também, porque grita.

— Não acredito! Você está apaixonada.

— Você não precisa gritar isso. Parece ridículo com você falando assim!

— Me conta agora!

Então conto a ela tudo o que aconteceu, inclusive a parte onde fui chantageada por Luciano Cartariam. Ela fica revoltada e solta quinhentos palavrões, nós rimos e conto a ela que tenho uma entrevista de emprego.

— Não muda de assunto, Celina! O que você vai fazer? Você está de quatro por ele, vai simplesmente aceitar e desistir?

— Claro que não! Vou dar um tempo para o Luciano dar o dinheiro para o projeto. Assim que ele fizer isso, você vai me avisar e eu vou procurar o Sebastian. Isso é, se ele ainda me quiser depois de tanto tempo...

— Ele vai querer! Era isso que queria falar com você. A Lurdinha e a Mônica estavam aos prantos na empresa hoje, porque ele deu o fora nas duas e disse que está comprometido.

Sinto meu coração inchar no peito. Será possível que ele fez isso por mim? Gil percebe a pergunta no meu olhar.

— Por quem mais seria sua tonta!

Nós comemoramos com um brigadeiro de panela e trinta minutos depois, eu

boto todo o brigadeiro para fora. Gil me olha espantada quando digo que minha menstruação ainda não desceu. Mas prefiro não me preocupar com isso. Sei que tenho passado por estresse demais e é normal atrasar nesses casos.

Faz mais de um mês que não vejo o Sebastian, mas ele continuou perguntando por mim todos os dias, como a Gil me contara. Há duas semanas ele nem me liga mais e fico aqui me perguntando se ele já se acostumou a dormir sem mim.

Claro que já, ele já deve ter arrumado outra! Não posso imaginar Sebastian um mês e meio sem fazer sexo. Consegui o emprego de secretária há duas semanas e adivinhem? Meu chefe está dando em cima de mim, mas trato de fingir ser bem burra e não perceber as indiretas dele, o que acaba deixando-o irritado. Ele me deixa em paz cada vez que faço isso.

Chego em casa com o envelope nas mãos. Não queria ter feito o exame, mas a Gil me obrigou depois de minha menstruação ainda não ter descido e do excesso de coisas estragadas que pareço estar comendo. Jogo o envelope nela e vou tomar um copo de leite. Nunca gostei de leite, mas ultimamente, tenho tomado como se fosse água.

Ela abre o exame e faz uma careta quando olha. Eu me preocupo por um segundo, mas passa. Sei que o exame deu negativo. Ela se aproxima de mim e diz calmamente:

— Celinha, você sabe que uma contagem inferior a 1,0 do nível de HCG não quer dizer gravidez...

Sorrio aliviada, mas ela continua:

— Entre 1,0 e 25,0 seria preciso repetir o exame.

— Que merda Gil! Fala logo, qual foi a minha contagem?

— Ok, mas acho melhor você parar com essa boca suja porque a sua contagem deu 15.000.

Não digo nada, e também não sinto nada. Solto o copo que está na minha mão e caio para trás.

Quando volto a mim, Gil já me arrastou até o sofá. Puxo o exame de sua mão e olho. O número 15.000 está bem grande na parte superior da folha.

— Merda, merda, merda! Como isso pôde acontecer?

— Você quer mesmo que eu te explique sobre alguém que transou sem camisinha e que havia parado de tomar a pílula?

— Eu voltei a tomar no dia seguinte! E sempre me disseram que o remédio demora para sair do organismo!

— Eles mentiram, e você está grávida! Precisa contar para o futuro papai.

Então a história que Sebastian me contou sobre Jamille me vem à mente. O

tempo todo ela estava tentando dar um golpe nele. O que ele vai achar de mim? Eu disse a ele que tomava remédio, mas agora ele vai achar que sou igual à Jamille. Oh céus por quê? Por que comigo?

— Gil, eu não sei nem cuidar de mim! Eu não consigo nem me manter num emprego e nem manter um noivo! Como vou cuidar de uma criança? Tadinha dela, Gil!

Eu começo a chorar e ela me abraça. Quando me acalmo, ela tenta me animar.

— Pensa pelo lado positivo. Melhor ter um filho do Sebastian que do Edmundo. Pelo menos seu filho vai ser lindo!

Lembro-me que alguém já comentou isso comigo e começo a chorar de novo.

— Não! Isso foi praga da Mirella. Tenho certeza. Ela disse como meu filho com o Sebastian seria lindo! Droga, o que eu vou fazer agora? Se descobrirem na empresa que estou grávida, eles irão me demitir!

— Eles não podem fazer isso Celina. É contra a lei!

— Então vou ter que aguentar o idiota do Leandro dando em cima de mim por mais nove meses! — volto a chorar.

— Como você pretende contar isso para o Sebastian?

— Eu não pretendo.

— Celina, você não pode mesmo achar que dará conta de cuidar de uma criança sozinha. E mesmo porque ele tem o direito de saber que vai ser pai!

— Eu sei, vou contar, mas não agora! Talvez quando minha barriga estiver bem grande, aí ele não vai ter coragem de me bater. Ou talvez, quando o bebê nascer. Isso, ele vai olhar a criança linda, com os seus olhos verdes, e não vai ter coragem de me matar e deixar ela sem mãe...

— Você está exagerando! Além do mais, ele provavelmente vai querer acompanhar sua gravidez.

— Não diga essa palavra! Ainda não aceitei. E você realmente não entende. Ele quase levou um golpe de uma mulher uma vez. Eu disse a ele que tomava pílula, o que acha que ele vai pensar se eu disser agora que estou grávida? Vai achar que quero dar o golpe nele!

Ela não disse nada. Mas entendeu que a situação era muito mais “fodida” do que parecia.

Capítulo 16

Celina

Querido Sebastian,

Não, não posso ser tão melosa ou ele vai desconfiar.

Sebastian,

Não, falta alguma coisa. Já sei:

Senhor Sexo Sensacional...

Perfeito!

Senhor Sexo Sensacional,

Sei que passou esses últimos meses se perguntando o que aconteceu comigo. Sei que deveria tê-lo procurado quando o dinheiro do Luciano caiu na conta. Acredite, o que eu desejei pular no seu colo e sentir seu lindo e enorme pau, ~~mas temos um pequeno problema~~.

Não, não posso tratar meu bebê recém-nascido como um problema. Por mais que agora ele seja um. Continuo:

Peço por favor que me encontre na Maternidade...

Não, não tenho que pedir “por favor” para o safado ir conhecer o próprio filho. Preciso fazer melhor que isso:

Estou internada, costurada e com dores, então nem venha reclamar ao saber que tem um filho. Pronto, falei, estou nesse momento na maternidade e preciso que venha registrá-lo.

Não, não posso ser tão direta ou ele achará que é mais uma das minhas piadas. Senhor, por que não fui uma garota mais séria? Ok! Vamos tentar de novo.

Senhor Sexo Sensacional,

Parabéns! Hoje você alcançou mais uma grande conquista! Um filho!

Não, não vou usar meu bebê como um troféu. O que escrever?

Gil para na minha frente e me encara pela enésima vez. Faço uma careta para ela enquanto tomo meu copo de leite.

— O que está fazendo há três horas nessa mesa? — ela pergunta.

— Tentando contar ao Sebastian que ele vai ser pai.

— Com uma carta?

— Ah não, isso é só o rascunho! Vou mandar uma mensagem de texto. Assim terei certeza que ele leu quando receber a confirmação.

Ela faz uma careta.

— Achei que fosse fazer isso depois que o bebê nascesse...

— E vou! Só vou mandar a mensagem depois que ele nascer.

Ela me olha como se eu fosse louca, mas por fim dá de ombros e volta para seu quarto. Então volto para minha deprimente carta. Merda! Não estou falando nada com nada. Preciso ser séria e direta para que entenda que não é uma piada.

Que se dane! Preciso apenas avisá-lo que ele é pai!

Sebastian,

Sei que faz muito tempo, mas lembra da nossa primeira noite juntos, quando eu disse que tomava pílula? Imagine você que eu, uma pobre garota recém traída, realmente tomava a pílula até uns dias antes daquela noite, e claro, como todos dizem, achei que o efeito do remédio ainda ficasse um tempo no organismo, e voltei a tomar no dia seguinte.

Bom, acho que já deu meio que para captar onde quero chegar. Sou um desastre, se algo pode dar errado, comigo vai dar! E bem, eu engravidei de você. Não faça essa cara! A culpa não foi minha e não foi nenhum golpe. A culpa foi sua por ser um imbecil pervertido que não controla o próprio pau.

Você me seduziu, eu não queria. Ok, talvez eu quisesse um pouco, mas nunca teria chegado àquela cama se não fosse aquele papinho furado sobre presente de aniversário. Enfim, a culpa é sua! E não me venha com reclamações porque quem sofreu para colocar essa criança no mundo fui eu. Quem engordou como uma porca e carregou peso por nove meses, fui eu. Quem está com os peitos cheios e vazando como uma teta de vaca sou eu.

Você ficou com a parte fácil: o dinheiro. Queria dizer que vou entender se não quiser assumir seu filho, mas a verdade é que não vou. O filho é seu, é sua cara! E você é rico. Portanto, apareça na maternidade em vinte e quatro horas para registrar o bebê ou eu coloco você na cadeia.

Não, ele vai chegar à maternidade munido de quatro advogados, e ainda é capaz de tirar o bebê de mim. Aí sim, eu o mato! Sem falar que o bebê tem que

nascer a cara dele.

Meu Deus! O Senhor é testemunha que eu queria realmente contar, mas infelizmente não será possível. Tenho mais longos sete meses para pensar em um jeito de dizer isso a ele sem prejudicar a segurança do meu bebê. Maldito Sebastian e seu pau! Maldita eu e minha fertilidade.

Obrigada Senhor! Por esse filho não ser do Edmundo, ou eu juro que me mataria. Está decidido, não dá para contar. Ainda não estou pronta para dizer a Sebastian que ele vai ser pai. E eu o amo, e isso é uma droga, porque sinto tanta falta dele!

Chega! Nada de lamentações, não quero um filho mal humorado. Vamos bebê, vamos tomar mais leite.

Sebastian

Faz um mês e meio que não a vejo. Normalmente, nesse tempo eu já teria encontrado outras, transado muito, e esquecido. Tive oportunidades para isso. Mas merda, sequer consigo dormir direito sem ela. Tenho andado assim na empresa, sempre cabisbaixo e não saio mais para beber com os meninos. Matheus vive dizendo que devo voltar ao normal, mas não me sinto normal. Minha vontade é de ir até a casa daquela maldita e me ajoelhar aos seus pés, mas me lembro do patético do ex dela fazendo isso e sei que serei patético também.

Tenho que deixá-la livre e isso é uma merda sem tamanho. Para piorar, a Gilcelle me pediu que eu não pergunte mais por ela. Disse que não pode falar. Penso que a Celina deve ter pedido para ela não dar mais notícias. Fico pensando se ela sequer imagina o estado em que estou por sua causa. Quando descobri que estava apaixonado por ela, eu sabia que não seria fácil conquistá-la, que ela não estaria pronta para um novo romance. Quero dar esse tempo a ela, será que um mês já é tempo suficiente para ela se envolver comigo?

No começo, achei que assim que Luciano depositasse o dinheiro do investimento em nossa conta, ela me procuraria. Achei que era isso que ela estava esperando, mas ele fez isso há uma semana e nem sinal dela. Pelo contrário, fiz questão de dizer a Gilcelle que ele já tinha dado o dinheiro, mas ao invés de me trazer algum recado da Celina, disse que não pode mais falar sobre ela.

Avisto Luciano de longe e minha vontade é de quebrar a cara dele! Ele já assinou o contrato e veio à empresa apenas para saber mais detalhes e me ver derrotado, tenho certeza. Fico me perguntando se ele procurou pela Celina. Se ela o recebeu, se ela ficou com ele.

Tento não ter contato com Luciano, mas claro que ele passa pela minha sala.

— Soube que você e a Celina não estão mais juntos. É uma pena.

— E eu sei que tem dedo seu nisso!

— Ah! Por favor, Sebastian. Você não pode achar que uma mulher teve que ser chantageada para não ficar com você. Aceite que ela não o quis!

— Quem falou em chantagem? — pergunto.

Ele se assusta com o erro que cometeu e parto para cima dele. Sei que ele é o motivo da Celina ter se afastado. Soco a cara dele até o nariz sangrar, então Matheus e Cleber aparecem e nos separam.

Cleber sai com ele da sala e Matheus permanece. Espero uma bronca, pois Matheus é arcaico e moralista como ele só! Detesta confusão.

Mas em vez de me passar um sermão, ele se senta e me olha:

— Eu sei que está sendo difícil. Achei que fosse mais uma mulher com quem você queria se divertir, e que se importasse tanto com ela porque não podia tê-la. Mas agora vejo que você realmente a ama.

— Eu disse isso desde o começo.

Ele tira do bolso uma página de jornal velho e atira em mim.

— Eu deveria ter te dado isso antes, mas tive medo de que você fizesse algo que atrapalhasse o investimento do Luciano.

Pego a página e vejo a notícia de um mês e meio atrás, do dia em que Celina e eu estávamos voltando da viagem. É uma foto do Luciano todo molhado e da Celina. E o título diz que ele havia tentado agarrá-la e ela havia gritado por socorro, atirando champanhe nele. Não entendo essa reportagem, nem porque Matheus a está me dando agora.

— O que isso quer dizer?

— Pelo amor de Deus Sebastian, você é burro ou o quê? Será que não percebe? O Luciano não queria investir por causa da Celina, aí ele se encontra com ela e a irrita a ponto de jogar uma taça de champanhe nele e gritar por socorro. Em seguida ela termina com você e ele decide investir no projeto.

— E ele me falou agora a pouco sobre uma chantagem...

— Demorou para você perceber! Eu soube que era isso assim que ela terminou com você, mas não tive coragem de te falar. Ele a está chantageando, só pode ser isso. Eu sei que agi errado e quero que saiba que vou devolver o dinheiro do Luciano e cancelar o contrato com ele.

Minha primeira vontade é dar um soco no Matheus, mas sei que eu deveria ter percebido isso. Ela me deu vários sinais de que não queria realmente acabar com nosso relacionamento. Decido ir atrás dela agora mesmo, não posso esperar nem mais um segundo.

Dirijo como um loco até o prédio dela, mas o porteiro diz que ela não está. Molho de novo a mão dele para entrar no apartamento. E decido fazer uma denúncia sobre isso, ele não pode deixar qualquer desconhecido entrar no apartamento dela assim. Não é seguro!

Assim que entro no apartamento, sinto o cheiro delicioso dela. Então percebo como estou com saudade, como a amo! Sento no sofá e decido esperar por ela ali. Mexo na sua agenda, vejo sua letra, vejo o nome do Edmundo riscado, procuro por meu nome e sorrio ao ver que está na agenda como “Estúpido Vaughn”. Estou louco para tê-la logo em meus braços!

Ela demora e começo a pensar, se Luciano a chantageou. Ela poderia ter me procurado assim que ele depositou o dinheiro na conta. Por que ainda não fez isso? Será que se separou de mim por causa dele e durante esse tempo me esqueceu?

Olho novamente para um papel dobrado em cima da mesa do telefone. Sem nada para fazer, pego o papel e percebo que é um exame de sangue em nome da Celina. Leio o que está escrito, mas não entendo. Só quando vejo o número grande que está na parte de cima da folha, especificado em semanas embaixo, é que entendo.

— Que porra é essa?

Celina

Tive um dia de merda. Além de o meu chefe ser um perfeito cretino, ao sair do serviço me deparei com Luciano me dando os parabéns por eu ser uma mulher de palavra. Ele levou para mim um buquê de flores, que fiz questão de tentar enfiar no rabo dele!

Todos na rua riram, eu também acabei caindo na gargalhada, mas ele não. Odeio homens sem senso de humor. Credo! Pareço até o Sebastian falando. Sebastian! Assim que entro em meu apartamento, sinto o cheiro do perfume dele. Senhor, estou mesmo ficando louca, é isso? Já comecei até a sentir o cheiro dele! Ótimo, meu filho além de ter uma mãe estabanada, vai ter uma mãe louca! Penso na frase que me vem à cabeça todo dia quando acordo “coitada dessa criança”.

Assim que acendo a luz, um vulto no meu sofá me dá um susto e grito deixando tudo o que está na minha mão cair. Sebastian se levanta e para de frente para mim. Quero gritar com ele, perguntar porque está aqui, como entrou aqui. Quero bater nele por ter desistido de mim tão facilmente! Quero beijá-lo e quero me afastar urgentemente dele antes que descubra sobre a gravidez, pois ainda não está na hora.

Porém, antes que eu possa dizer qualquer coisa, ele me puxa para os seus braços e me beija. E como eu senti falta do seu beijo! Eu me entrego a ele e já passo as pernas pela sua cintura. Ele me levanta e me encosta na parede. Sinto a ereção dele pressionado o meio das minhas pernas, seus beijos ficam cada vez mais vorazes, quando ele toca meu mamilo, eu explodo e gozo. Ele me olha espantado e fico muito sem graça. São os hormônios da gravidez, mas ele não pode saber disso.

— Poxa, você estava mesmo com saudade, hein! — ele comenta com um sorriso.

Eu me afasto dele e desço da sua cintura. Arrumo minha saia e me recomponho.

— O que você quer aqui, Sebastian?

— Quero saber quanto tempo mais esse seu “preciso de tempo” vai durar. O dinheiro do Luciano já está na nossa conta Celina. Por que você não me procurou?

— Você sabia que era por causa disso que eu estava me afastando de você?

Ele fala um palavrão e percebo que ele não sabia.

— Não, eu desconfiei que havia alguma coisa errada! Mas sofri como um louco imaginando você com outro, pensando que não me queria mais. Quando o

dinheiro dele caiu na conta, fiz questão de contar a Gilcelle para que ela te contasse, mas mesmo assim você não me procurou. Eu vim aqui para procurar você e fazer uma cena até você ir para a minha casa comigo, Celina!

Eu abro um sorriso ao ouvir aquelas palavras.

— Ele me procurou. Disse o que havia te proposto para investir na V.D.A., também disse que você não aceitou. Eu fiquei surpresa, mas então ele disse que o Matheus pretendia te excluir da sociedade da empresa e que ele impediria isso te dando o investimento, se eu me afastasse de você. Disse que ia ter gente me seguindo, para garantir que eu estaria cumprindo minha palavra.

Ele me puxa para os seus braços.

— Celina, ele mentiu! O Matheus nunca me demitiria, somos sócios, ele não pode fazer isso, tenho o mesmo tanto de ações que ele. Eu preferiria ter ficado como um louco em busca de um novo investidor, do que ter ficado todas essas semanas sem você.

Eu o aperto e deixo que ele me beije de novo. Então, sinto um enjoo e me afasto dele. Ainda não é hora de fazermos as pazes. Preciso que nosso filho nasça primeiro.

— Tanto faz, já faz muito tempo Sebastian. Eu estou trabalhando, sabe. Acabei de chegar e estou exausta. Acho que é melhor nos falarmos outro dia.

Ele parece indignado com minha sugestão.

— O caralho que eu vou me afastar de você agora!

Ele vem na minha direção, mas sinto o enjoo voltar e a ânsia me domina, corro até o banheiro e vomito. Ele vem atrás de mim e segura meu cabelo. Quero mandar que ele saia daqui, não quero que ele me veja assim, mas quando digo isso a ele, diz que é bobagem, se senta no chão e me põe no seu colo, enquanto eu vomito tudo que comi durante o dia e até o que comi no dia de ontem.

E eu que achei que essa fase do enjoo havia passado...

— Quanto tempo demora para passar?

Percebo que falei isso em voz alta e me levanto.

— É só uma virose, já vai passar!

Escovo meus dentes e tomo um copo de leite, pois já estou com fome. Sebastian está me esperando na sala e quando saio, ele está com um papel na mão. Mas o papel ainda está fechado. Sinto o sangue fugir do meu corpo e ele corre até mim e me segura.

— Você está bem? Vai desmaiar?

— O que está fazendo com esse papel na mão?

Ele me deposita no sofá e ergue o papel.

— Quando pretendia me contar sobre isso?

Merda! Ele descobriu. Isso não pode estar acontecendo. Só falta dizer que o

bebê não é dele!

— Quando o bebê nascesse!

— Você não pode estar falando sério!

— Acredite, estou.

Ele fica andando de um lado para o outro. Parece maravilhado e irritado.

— Celina, eu não sei o que você pensou, mas esse exame já tem uma semana. Você já devia ter me contado isso desde uma semana atrás! Eu sou o pai, droga! Você pretendia mesmo me manter longe da sua gravidez? Ia me impedir de ver meu filho crescer?

— Não diga a palavra gravidez em voz alta! Ainda não aceitei.

Ele se aproxima de mim e se ajoelha entre minhas pernas.

— Por que você faria isso? Por que esconderia de mim o meu filho?

— Não é óbvio? Porque seu eu contasse que estou grávida, você ia pensar que estou dando um golpe. Eu disse a você que tomava pílula, mas eu fiquei sem tomar por uns dias, quando terminei com o Edmundo. Voltei a tomar assim que transamos. Mas você não entenderia isso, você acharia que eu engravidei de propósito. E eu nunca faria isso Sebastian. Eu juro!

Ele passa a mão pelos meus cabelos para me acalmar. Sinto uma lágrima rolar por meu rosto, mas ele a seca gentilmente.

— Foi por isso que você não me procurou quando o dinheiro do Luciano caiu na conta? Por que teve medo de como eu reagiria?

Concordo com a cabeça.

— Celina, eu nunca pensaria isso de você! Fui eu que te seduzi, eu transei com você sem camisinha sabendo muito bem o que poderia acontecer. Depois você disse que estava tomando o remédio, mas eu não perguntei antes, então não adiantaria nada, não é mesmo? Não foi um deslize só seu, foi de nós dois. Mas não me arrependo nem por um segundo, porque amo você e vamos ter um filho. E você nunca mais vai poder se livrar de mim.

Meu coração dá um pulo no peito e quase desmaio.

— Você... você me ama? — pergunto ainda sem acreditar que ele sinta mesmo isso por mim.

— Mais que isso, também sou perdidamente apaixonado por você!

Sinto as lágrimas rolarem por meu rosto, mas ele me puxa e me beija, e logo estou em seu colo. Nesse momento, a porta abre e Gil estaca ao ver a cena.

— Desculpe, já estou de saída de novo.

Ela sai e nós ficamos rindo.

— Eu também te amo, Sebastian!

Ele abre um enorme sorriso.

— Achei que não diria isso nunca!

Então me beija de novo e me leva para o quarto. Ele tira minha roupa lentamente e comenta que ainda não dá para ver nosso bebê, então começa a beijar meu pescoço. Toma meu mamilo na boca e quase gozo quando faz isso. Ele me toca no meio das pernas e me contorço embaixo dele, então finalmente me penetra. Ele sai e entra em mim duas vezes e eu gozo. Ele me olha espantado.

— São os hormônios da gravidez, não pare! — grito.

Ele sorri.

— Acho que vou adorar ter você grávida.

Eu resmungo e ele volta a me penetrar, com vontade, gozo ainda mais duas vezes até ele se entregar e gozar dentro de mim.

Ele me puxa para os seus braços e sussurra:

— Eu te amo Celina. Te amo como nunca amei ninguém! Vai ser maravilhoso ter você na minha casa e na minha cama todo dia.

— Como?

— Você está grávida, Celina. Achei que era óbvio que agora vai morar comigo. Quero cuidar de você e do meu filho.

— Eu não vou morar com você.

Ele bufa.

— Tudo bem, vamos fazer do seu jeito. Celina, quer se casar comigo?

Eu começo a rir.

— Claro que não! Eu não vou me casar por causa do bebê. Em que época você vive? Além do mais, não vou me casar com você até ter certeza de que você será fiel a mim!

Ele fica nervoso e se senta.

— Celina, nós ficamos separados por quase dois meses e nesse tempo todo eu sequer olhei para outra mulher. Você precisa de mais provas da minha fidelidade do que isso?

— Sebastian, eu vou ficar enorme e vai chegar uma época em que não vou aguentar fazer sexo. E depois vai ter o resguardo, quarenta e cinco dias! Não vou me casar com você para ser traída quando isso acontecer.

— Não seja infantil! Eu não preciso te dar mais provas do meu amor. Você vai se casar comigo e ponto.

— Provas do seu amor? Que amor? Você simplesmente concordou quando eu te mandei embora e sequer se arrastou aos meus pés!

— Eu não acredito que você queria que eu fizesse isso.

Eu olho para ele brava, mas ele está rindo.

— Você me privou do meu momento deusa.

Digo e começo a rir também, ele deita em cima de mim.

— Você vai se casar comigo!

— Não vou!

Ele me beija.

— Vai sim!

Ele enfia os dedos no meio das minhas pernas e me toca.

— Não. — sussurro com dificuldade.

— Vamos ver se não. — ele responde e ficamos a noite toda nessa briga.

Eu o amo, de verdade, e vamos ter um filho. Mas você me conhece há várias páginas. Acha mesmo que seria uma boa esposa e mãe?

Capítulo 17

Celina

— Pinto pequeno!

Estou deitada em uma cama enorme e macia; a cama do hotel Quatro Estações. Estou usando minha fantasia de dominatrix, aquela mesma, que me fez ser alvo das risadas de dez mil pessoas. E um pinto pequeno faz algo parecido com cócegas no meio das minhas pernas. Fecho os olhos e tento me concentrar. O que está havendo? Eu conheço essa sensação, a sensação das cócegas. As cócegas que não me fazem rir.

Olho para Sebastian pronta para implorar que ele tire o dedo mindinho e meta logo seu pau enorme, mas quando reparo em seus olhos, não são verdes, são castanhos. E há uma pequena macha em um deles.

Merda! A barriga protuberante toca em mim e entro em pânico. Merda, merda, merda!

Então percebo que não é um dedo dentro de mim, mas sim o micro pau do Edmundo. Ele me olha como se o que estamos fazendo fosse “o paraíso”, e eu só quero sair desse inferno.

— Saia daqui! Não me toque — Grito e tento me afastar.

— Você me ama, Passarinha. — ele diz com a voz rouca que mais parece um graso.

— Que merda está fazendo? Como entrou aqui? Não quero você, não me toque!

Ele se zanga e se afasta. E eu nem sinto a hora que ele sai de dentro de mim, para você ter uma noção do que é um pinto pequeno. Sei que ele está gritando alguma coisa, mas estou ocupada olhando para os lados, procurando por Sebastian. Onde ele está? E se ele chegar e pegar Edmundo nu aqui?

Cubro-me com o lençol e finalmente olho para Edmundo ajoelhado na cama. Ele está nervoso. Segura meus ombros, me joga de volta na cama e aproxima de mim aquele...

— Pinto pequeno!

— Celina! Acorde! Celina!

Meus ombros são sacudidos por mãos, mas de repente Edmundo some e sinto o cheiro de Sebastian. Abro os olhos lentamente e o vejo à minha frente.

Ele parece preocupado.

— Celina, está tudo bem! Foi um sonho.

Respiro fundo e me sento também. Ele me estende um copo de água, que

tomo rapidamente. Quando ele começa a me perguntar o que sonhei, pulo em cima dele. O derrubo na cama e abaixo sua cueca: ali está! Meu menino. Ele está dormindo e mesmo assim é quatro vezes maior que o do Edmundo. Suspiro aliviada e o acaricio emocionada.

Sebastian me olha como se eu fosse louca. Abre a boca para falar de novo, mas coloco seu pau lindo e enorme na boca e ele substitui as palavras por gemidos.

Estou tão desesperada que o faço gozar rapidamente. E mesmo depois que ele goza, fico ali, sentindo-o pulsar em minha boca, tendo a certeza que aquilo ali é a realidade. Quando ele se acalma, me puxa para seus braços e me aperta contra ele.

Preparo-me para dormir, mas ele fala:

— Com quem você sonhou? E não venha me dizer que foi comigo, porque você estava gritando pinto pequeno. Não poderia estar falando de mim...

— Convencido. — murmuro.

— Celina, por favor! Não me diga que você sonhou com o Edmundo?!

— Ok.

— Ok, o quê? Ok você sonhou com ele?

— Ok, não vou dizer.

Ele se levanta e me encara:

— Então você não sonhou com ele?

— Agora você quer que eu responda?

Ele bufa e assente.

— Sim. — repondo.

— Sim você vai dizer ou sim você sonhou com ele?

Começo a rir. Tudo isso está ridículo demais.

— Sim eu estava sonhando com ele.

— Nu?

Preparo-me para dar uma resposta espertinha quando vejo o seu rosto. Ele está com raiva.

— Sim, sonhei que ele estava me fazendo cócegas. É o que ele chama de comer!

Ele parece confuso, mas logo se joga na cama, o mais distante possível de mim. Corro o dedo por seu peito, mas ele pega a minha mão e afasta.

— Não acredito que esteja com raiva por causa de um sonho!

— Por que você sonhou com ele? Nu ainda por cima? Você estava pensando nele?

— Não. — respondo me sentando — Sebastian, que insegurança é essa?

Ele se senta também e parece ainda mais irritado.

— Não estou inseguro! Você não vai desejar outro homem enquanto tiver meu pau à sua disposição. Estou confuso.

Ele se levanta e fica dando voltas.

— Você não aceitou meu pedido de casamento, não quis dormir dia nenhum na minha casa, e agora sonha com seu ex! Isso só é meio inesperado.

Não sei como agir. Nunca pensei que teria que lidar com um Sebastian inseguro. Arrogância é seu nome do meio, insegurança passa longe dele. Mas por que isso?

— Vou para sua casa amanhã. — digo para apaziguar o que quer que ele esteja sentindo. — E não estava tendo um sonho erótico com o Edmundo, era mais um pesadelo.

Um sorriso brilha em seu rosto e ele fica me olhando.

— Merda, Sebastian! Venha aqui e me faça esquecer essa porcaria de pesadelo.

— Nem precisa pedir duas vezes. — ele diz e pula em cima de mim.

Estou saindo do serviço quando o vejo.

— E o pesadelo aparece! — sussurro enquanto Edmundo abre os braços com um sorriso amarelo.

Como se eu fosse mesmo me jogar nos braços dele. Louco! Paro a uma distância segura, que ele ignora, dando dois passos na minha direção:

— Celina... — ele diz avaliando meu corpo dos pés à cabeça com aprovação.

— Encosto! — respondo.

Seu sorriso some e aquela expressão de causar pena surge no rosto dele.

— Eu fui à igreja Celina, esperei por você!

— Fiquei sabendo.

Ele me olha com expectativa. Ok, vamos ser sinceros aqui. Tudo bem que ele pagou um mico “à lá Celina” ficando plantado na igreja como um idiota, mas gente! Pinto pequeno! Comedor de secretárias! Não dá para perdoar esse homem. Ainda mais depois de experimentar o senhor sexo sensacional. Ele continua me encarando, esperando que eu demonstre pena, e eu me seguro para não rir.

Faço isso por pouco tempo, logo o enjoo me toma, preciso vomitar. Interrompo o que quer que ele estava falando e digo:

— Preciso ir Edmundo, tchau.

Viro-me para correr, mas ele segura meu braço e me puxa de encontro a ele, o rodopio que faço com o gesto me leva a beira do abismo e não tenho saída, me afasto o suficiente e vomito em seu pé, o nojo tomando seus olhos.

Quero rir, muito, mas um braço enlaça minha cintura e Sebastian está com um

sorriso enorme no rosto.

— Olha, se não é o Edmundo Pinto Pequeno!

Edmundo o encara com mais raiva ainda no olhar. Quero dizer a ele para não fazer isso, quero dizer que ele já é feio o bastante, não pode fazer caretas, mas estou meio que tendo um ataque de pânico. Sebastian já andava estranho desde o meu sonho com Edmundo. O que irá pensar em vê-lo ali, na porta do meu trabalho, justo no dia em que não tinha me avisado que viria me buscar?

Não vou ficar dando explicações, mas tento controlar a ansiedade que me toma e me concentro na expressão dele. Ele está sorrindo.

— Vaughn. — responde Edmundo com algo parecido com nojo — Então é verdade!

— Sim, como pode ver.

Verdade? O que é verdade?

— Sinto muito pelo incidente. — Sebastian diz olhando o pé de Edmundo. — A Celina está grávida, isso acontece muito no início da gestação.

De branco, Edmundo fica azul. E começa gaguejar.

— Grávida? A Celina está grávida? De você?

Sebastian abre um sorriso debochado.

— É claro! De quem mais seria? Cócegas não geram bebês.

Dou uma cotovelada em Sebastian e Edmundo parece em choque. E pela primeira vez desde que o peguei comendo a secretária, tenho pena dele. Ele me olha ferido, exatamente como olhei para ele quando o peguei com a secretária. Sei o que ele está sentindo, mas não posso fazer nada por ele. Eu sempre desejei uma vingança, mas agora que acidentalmente consegui, vejo que na verdade não queria me vingar.

Ele havia me ajudado no fim das contas; se não fosse por ele eu não teria ficado endividada, e não teria aceitado viajar com o Sebastian. Indiretamente ele foi o meu cupido.

Edmundo, Sebastian e eu ficamos em silêncio. Sebastian não está mais rindo, acho que percebeu que isso realmente afetou o Edmundo. Ele abaixa a cabeça, derrotado e diz com a voz baixa:

— Você vai se arrepender disso, Vaughn!

Sebastian parece tão surpreso quanto eu pela ameaça. Mas apenas diz:

— Acho que não!

Então Edmundo me olha, bem nos olhos, vejo a dor em seus olhos e quero me sentir culpada, mas não me sinto. Ciclo totalmente encerrado Edmundo, sua fase já passou!

Ter certeza disso me faz abrir um sorriso, e ele diz para mim:

— Eu queria te dar filhos, Passarinha! Muitos. Você não precisava buscar isso

em outro assim, tão rápido.

Filhos? Com o Edmundo? Eu não os queria nem com o Sebastian, imagina com o Edmundo? Deus me livre ter um monte de passarinhos, nem pensar! Vou dizer isso a ele, mas ele já parece derrotado o suficiente, então apenas dou de ombros e não digo nada.

Sebastian parece inquieto, me puxa para mais perto e me afasta de Edmundo.

— Precisamos ir, amor. — diz para mim e eu concordo com a cabeça.

Ele olha para Edmundo ainda ali, parado, derrotado, vomitado.

— Adeus, Edmundo Pinto Pequeno e Pés Vomitados! Espero que não procure a minha noiva novamente.

Edmundo e eu piscamos os olhos com a palavra noiva, mas tento disfarçar. Sebastian só está marcando seu território, como um cachorro. Sinto-me uma cadela ao pensar assim, mas é melhor ser uma cachorra, do que uma passarinha, convenhamos!

— Ah, mas não é ela que pretendo procurar. — Edmundo responde antes de sair batendo o pé e espirrando respingos de vômito pela calçada.

Ficamos parados, Sebastian ainda com os braços em volta da minha cintura. Espero ansiosamente que ele diga alguma coisa, que pergunte o que Edmundo estava fazendo ali, pois sei o quanto é ciumento e possessivo, mas ele não diz.

Ele me guia ao carro e me leva direto para casa. Eu desço sem entender e espero que ele desça atrás de mim, mas buzina, arranca com o carro e vai embora.

Eu não entendo a reação dele, e só posso rezar para que ele não cometa nenhuma burrice. Porque da próxima vez que ele falhar comigo, não haverá vingança que me faça perdoá-lo.

Sebastian

Pai, eu vou ser pai. Fico dando voltas pela sala enquanto tento assimilar. Há três dias, quando recebi a notícia de que irei ser pai, foi uma maravilha. Mas estava tão concentrado em estar dentro da Celina que não parei para pensar no que aquilo significava. Nas duas primeira noites, só queria tê-la e nem lembrei desse assunto. Mas depois, quando ela se recusou a dormir na minha casa pela terceira vez, a palavra me atingiu. Pai. Eu vou ter um filho com a Celina!

Encontro Cleber no mesmo bar de sempre. Um bar de rua, no centro da cidade, em que noventa por cento dos frequentadores são do sexo feminino. Ele já está com o copo de cerveja na boca e de olho em uma mulata quando me joga na cadeira de frente para ele.

— Porra! Você me assustou, homem!

Então ele repara minha cara e faz uma careta também.

— O que aconteceu Sebastian? Você brigou com a Celina de novo?

— Eu vou ser pai. — digo.

Ele cospe a cerveja na minha cara.

— Merda!

— Pois é. — digo me limpando com um guardanapo.

— A Celina vai te matar, cara!

Olho para ele confuso e então me dou conta. Ele acha que é de outra mulher.

— Ela é a mãe!

— Ah...

Ele fica um tempo assimilando, depois começa a rir. Não entendo onde está a graça da situação! Vou ter um filho com a Celina, a Celina. Dentre todas as mulheres que eu peguei na vida, logo a Celina, vulgo louca, foi engravidar! Mas quando penso isso, penso que não queria ter filhos com nenhuma outra mulher além dela. Aliás, nem com ela. Merda!

Cleber se recupera de sua crise de riso quando vê a cara que estou fazendo. Vamos, me provoque cara! Estou precisando extravasar minha tensão no rosto de alguém.

Ele fica sério e fala, tentando conter o riso:

— Então, você vai ser pai...

— Pois é.

— Como você se sente sobre isso?

— Não sei.

Não sei mesmo. Me sinto feliz, eu acho. Terei um elo eterno com a única mulher que amei, a mulher que amo. Por que estou falando no passado? Mas não

estou pronto para ser pai. A Celina mal está pronta para um relacionamento, imagina para ser mãe? E mesmo que ela não tivesse sofrido uma decepção tão grande com o ex noivo e comigo, e uma chantagem de Luciano, acho que ela não estaria preparada para ser mãe nunca! Posso vislumbrar a Celina atirando a mamadeira na cabeça da criança se ela chorar demais. Não, ela não faria isso. Ela é boa e responsável. Merda...

— Às vezes acho que a Celina tem problema de cabeça! — solto.

Ele me encara, sei que ele quer rir e torço que ele faça isso, porque aí vou ter um motivo para quebrar a cara dele.

Mas ele diz, ainda tentando se manter sério:

— Imagina se for uma menina com o temperamento dela? Você terá duas Celinas!

— Merda.

— Merda dupla, eu diria!

Tiro o copo da mão dele e viro. Então peço outro, que viro assim que chega e peço algo mais forte. Quando o uísque é depositado na mesa, me preparo para virá-lo, mas Cleber me impede.

— Tá legal Vaughn! Eu detesto ser o responsável, mas como o Matheus não está aqui, serei seu grilo falante por hoje. Beber não vai fazer você voltar no tempo e lembrar-se de encapar a criança antes de mandá-la para chuva.

Faço uma careta. Que comparação mais ridícula!

— Não tenho experiência em dar conselhos. — ele justifica— Se você não quer a criança, pode pedir para ela tirar!

— Nunca faria isso! E não disse que não quero a criança. Só não estou preparado ainda.

Penso por um momento em uma menina, com o sorriso da Celina, o seu cabelo, até mesmo seu temperamento. E me pego sorrindo.

— O que foi agora? — pergunta Cleber.

— Seja como for, se tiver uma menina, ela será linda!

— Se puxar a mãe...

Deixo o uísque para lá e peço outra cerveja.

— O que vai fazer agora? Você sabe que não precisa se casar com ela. Embora eu acho que vá querer fazer isso.

— Sou louco por ela, não é segredo. Eu já queria tê-la em minha cama todas as noites. Mas isso, um filho?! Quero estar ao seu lado em cada momento, quero estar quando o bebê chutar pela primeira vez, quero segurá-la enquanto ela vomita.

— Chega! Você não faz ideia do quanto está gay dizendo essas merdas todas! E pare por aí porque não quero saber mais nada que grávidas fazem! A questão é

simples: você aparentemente quer a criança e quer a Celina? Qual é o problema?

— O tempo. Não era para ter acontecido agora! A Celina não está pronta. Hoje o seu ex noivo imbecil foi procurá-la e vi que ela ficou mexida. Talvez se ela não estivesse esperando um filho meu, teria feito as pazes com ele.

Cleber me olha sério, depois começa a rir, alto.

— Não acredito! Morri e fui para o céu! Sebastian Vaughn, o ser mais convencido que eu conheço, está inseguro. Já posso morrer feliz!

Pronto. Era tudo o que eu precisava! Me levanto em um rompante e acerto um soco na cara dele. A cadeira dele tomba para trás e as pessoas à nossa volta gritam. Ele não se mexe por um tempo e sinto a tensão se esvaír do meu corpo. Estendo o braço que Cleber segura e o puxo para cima. Há sangue escorrendo do seu nariz.

Ele o toca e solta um palavrão.

— Melhor agora? — pergunta.

Apenas concordo com a cabeça.

— Porra Sebastian! Nunca mais chamo você para beber.

Nem respondo. Saio a procura do que preciso para ficar melhor. Minha droga favorita: Celina. Dane-se a reação dela diante do ex! Dane-se se não estamos prontos para ser pais! Eu a quero. Agora ela é minha em dobro. E eu preciso ouvir da boca dela, enquanto geme, que não pensa mais no ex imbecil.

Celina

Alguma coisa ainda está errada. Sebastian e eu voltamos ao nosso não-relacionamento há uma semana, coisa que ele quer transformar em um relacionamento sério. Mas, não sei se confio nele o suficiente para isso.

Nas primeiras noites, ele não saiu da minha casa, e transamos o equivalente ao que teríamos transado no tempo todo que passamos separados. Mas há dois dias, desde que sonhei com Edmundo, Sebastian está estranho. Ele não dormiu mais na minha casa, sequer o vi. Ele me liga toda noite e diz que está cansado.

Eu diria que o maldito já arrumou outra, se não fosse a Gil Patrulha. Ela meio que está obcecada em vigiá-lo, e garante que ele não tem uma amante. Então, o que está acontecendo?

Chego em casa e encontro Gil jogada no sofá, o que é incomum. Ela sempre sai nas sextas à noite.

— Preciso falar com você. — digo e ela se senta.

Então conto a ela sobre o sonho estranho e a reação mais estranha ainda de Sebastian.

— O que você acha?

Ela pensa um pouco.

— Será que você sente falta de dormir com o Edmundo?

Faço o sinal da cruz.

— Credo! Claro que não! Gil, meu namorado é super bem dotado! Jamais sentiria falta do Edmundo pinto pequeno.

— Tem razão. Ninguém desejaria cócegas se pode ter orgasmos, mas você é meio estranhas às vezes. Mas não, você ama o Sebastian, e isso é fato!

Ficamos as duas pensando e logo, pergunto:

— Quando o Matheus foi embora você sonhou com ele?

Ela faz uma careta.

— Não Celina! Nós não tínhamos uma relação, e quando ele foi embora eu abri as pernas para outro no dia seguinte e nunca mais pensei nele.

Ok, isso não é uma reação normal. Eu não sonhei mais com ele, foi somente um pesadelo. Já a reação de Sebastian, bem, não sei o que dizer sobre Sebastian, não sei o que está acontecendo com ele.

De repente alguém bate na porta, com força e repetidas vezes. Corro para atender receosa, mas é Sebastian. Ele está com o cabelo bagunçado, a blusa social com os primeiros botões abertos e cheira a cerveja. Ah merda! O que foi que ele fez?

Antes que eu diga qualquer coisa, ele me puxa e me beija com força.

— Eu te amo! — sussurra — Te amo. Você é louca, encrênqueira e mal humorada, e eu te amo assim mesmo.

Começo a rir como uma boba em seus lábios e o puxo para mais perto. Mal vejo a Gil sair e nem escuto o que ela fala. Estou concentrada em Sebastian, o homem que eu amo, que eu desejaria muito que fosse meu.

Ele me arrasta até meu quarto e me deposita gentilmente na cama. Deita sobre mim e espero que ele tire minha roupa. Fecho os olhos e espero, espero, mas o contato dos seus dedos não vem.

Abro os olhos e ele está me olhando:

— O que houve?

Ele continua me olhando e não responde:

— Merda Sebastian, o que foi que você fez? Você bebeu?

Ele começa a rir.

— Fique sabendo que não vou aceitar mais nenhuma merda sua, ouviu? Não tem filho no mundo que me faça perdoar você de novo.

Ele ri ainda mais alto e me cala com um beijo.

— Eu só tomei umas cervejas com o Cleber e o máximo que fiz foi socar a cara de pau dele!

Arregalo os olhos. Sempre soube dessa amizade esquisita dos dois, mas um soco me parece ser demais!

— Celina, precisamos conversar. Preciso saber exatamente o que você sentiu quando viu o Edmundo hoje.

Será que isso é um teste? Um jogo? Que merda é essa? Para quê ele quer saber de Edmundo quando estamos na cama totalmente excitados?

Olho para ele para dizer isso, mas lá está, no olhar dele, a insegurança:

— Enjoo. — respondo — Senti um enjoio terrível, por isso vomitei no pé dele!

— Você sabe que não é disso que estou falando.

— Então não sei do que você está falando. O que espera que eu tenha sentido ao vê-lo?

— Não sei, levando em conta que você sonhou com ele...

— Eu já disse que foi um pesadelo! E a culpa é sua por me deixar mal acostumada com o seu pau. Sinto medo de perdê-lo.

Ele sorri e parece relaxar:

— Sabe Celina, às vezes acho que você só está comigo por causa do meu pau.

— Acha é? Eu tenho absoluta certeza disso.

Ele sorri e me beija, mas quando começa a tirar minha roupa, eu o empurro e me sento.

— Acho que está na hora de termos uma conversa séria, Sebastian! E não

faça essa cara. É muito fácil você vir aqui e transarmos a noite toda e brincarmos com respostas engraçadinhas e provocações. Mas as coisas estão diferentes agora. Vamos ter um filho! Eu quero saber exatamente como se sente sobre isso!

Ele me olha em choque. Quero dar um soco nele pela descrença com minhas palavras. Por que todo mundo reage assim quando falo alguma coisa séria?

Mas por fim, diz:

— Assustado.

— Ainda bem que não sou só eu, então.

— E maravilhado, para falar a verdade. Vamos ter um filho, Celina! Um pedaço de nós dois em um só ser. Você pode imaginar isso?

— Posso. Pobre criança!

Ele sorri e me beija. Puxa-me para os seus braços e espero que ele fale. Sei que há algo mais na sua insegurança. Sei que não é por causa de um sonho bobo com o Edmundo. Há algo mais!

Ele começa a desabotoar minha blusa, mas paro sua mão.

— Sebastian!

Ele suspira e me aperta mais forte antes de começar a falar.

— Eu quero me casar com você! E não é somente por causa da criança. Eu te amo. Não consigo dormir sem você, detesto acordar longe do seu mau humor matinal e claro, quero aproveitar os hormônios da gravidez para transarmos o dia todo!

Começo a rir.

— Mas não quero forçá-la a nada! Eu sei que você não está pronta. Sei que não confia em mim. E não quero que você aceite só porque vamos ter um filho, porque eu serei pai dessa criança independente da situação.

— Nós nos conhecemos há pouquíssimo tempo, Sebastian. Eu sei, vamos ter um filho, mas isso foi um acidente, não era para ter acontecido. De qualquer forma, é nossa responsabilidade agora, será para sempre. Mas casamento? Esse é um passo que não temos que dar. Eu quase cometi um grande erro uma vez e não quero passar por isso de novo. Se eu me casar um dia, quero ter absoluta certeza do que estou fazendo!

— O que eu tenho que fazer para te dar essa certeza?

— Você fez. Dormiu com outra na primeira oportunidade. Sentiu-se inseguro e foi beber em vez de falar comigo. Como espera que eu confie em você?

— Eu vou mudar, Celina! Entenda que nunca me apaixonei assim antes. Nunca senti esse grau de ciúme, de necessidade de ter alguém. Eu sei que estou pirando, que não sei lidar com esse sentimento. Há momentos que parece que ele irá me dominar e serei tão ridículo quanto o Pinto Pequeno...

Eu o abraço e beijo seu pescoço.

— Isso nunca vai acontecer! Eu sei que você me ama, Sebastian. Você deixou o maior negócio da sua vida por mim. Não duvido disso, eu sinto pela forma como você me toca. Mas amor não é suficiente! Você precisa crescer. Eu preciso crescer. Nós temos algo que nos unirá para sempre. Por que não podemos esperar? Dar um tempo para nos conhecermos melhor, para termos certeza de que devemos mesmo passar o resto da vida sob o mesmo teto?

Ele pensa um pouco e depois um suspiro triste escapa de seu peito.

— Você não me ama, Celina. Está ferida demais para amar de verdade! E não sei mais o que fazer para te conquistar.

— Você está errado, eu o amo muito! Chega a ser assustador! E não quero estragar isso. Sebastian, as merdas que você faz não me afetam muito, porque não espero nada de você. Mas, a partir do momento que você assumir um compromisso comigo e colocar uma aliança no meu dedo, eu vou esperar tudo de você. E se você pisar na bola, eu vou te matar. E não quero deixar meu filho sem pai!

Ele sorri e me aperta. Ficamos um tempo em silêncio, mas sei que ele está magoado.

— O que eu sinto por você é o sentimento mais forte que já senti na vida. — digo.

Ele me beija, com paixão, com desespero. Deita-me de costas e sobe em mim. Fica acariciando meu rosto.

— Entendi Celina. Eu ainda preciso provar que posso ser o homem que você merece.

— E precisa ter certeza que pode aguentar meu mau humor todos os dias, porque os hormônios da gravidez estão me deixando ainda mais louca!

Ele sorri.

— Disso eu tenho absoluta certeza! Celina, a minha mãe se casou porque estava grávida. E foi infeliz. Não quero ser o homem que irá fazê-la infeliz. Nunca mais quero vê-la chorar. Se você não estivesse grávida, ainda estaria comigo?

— Sebastian, se eu não estivesse grávida eu teria procurado você assim que o dinheiro do idiota do Luciano caiu na conta da empresa! Teria te mantido no quarto por longas duas semanas, porque já estava ficando louca sem você...

Um sorriso enorme surge no rosto dele.

— Então venha morar comigo!

Começo a protestar, mas ele me interrompe:

— Escuta! Não é um casamento. A qualquer hora, se eu agir como um estúpido de novo, você pode ir embora. Melhor ainda, você vai me processar, e tomar todo meu dinheiro e minha casa. Talvez nem tenha que ir embora, e

consiga me expulsar. Então, o que diz? Você não tem nada a perder!

Começo a rir.

— Celina, pensa! Assim saberíamos se vamos dar certo juntos. Eu sei que vamos, mas posso provar isso a você. E tem o bebê, quero vê-lo crescer de perto, e estar com você em cada momento. Vem morar comigo.

Quero dizer não. Não quero que ele assuma um compromisso, que não sabe se vai poder cumprir. Mas vamos ter um filho, e se Sebastian não for capaz de manter um namoro, imagina como será como pai? Preciso ter certeza que ele dará conta disso, de ser um bom pai. Preciso ter certeza que ele pode mudar, e é melhor que ele machuque a mim se não der certo do que ao nosso filho. Talvez essa seja a solução perfeita.

Mas não é tão fácil. Vou morar com ele, no dia em que decidir que devo ir! No dia em que ele não estiver me esperando. Vamos ver se ele vai desistir se eu persistir em recusar.

— Posso pensar sobre isso? — digo por fim.

Sua expressão murcha, mas ele concorda. Deita a cabeça em meus seios e fica ali, aninhado a mim.

— Sebastian, se eu for morar com você, fique ciente que você será meu. Não vou aceitar que você sequer olhe com desejo para outra mulher! Não vou aceitar que fuja quando tiver que enfrentar algo. Vou exigir que seja sincero comigo sempre!

— Eu sei.

— Se eu não for morar com você, não impedirei de ver seu filho nunca. Continuarei fazendo amor com você e não te cobrarei nada.

— Eu prefiro mil vezes que você vá morar comigo e seja minha por inteiro. Não quero sentimentos e relacionamento pela metade, Celina. Eu quero você por inteiro! Quero que seja minha da maneira como eu sou seu.

Pisco os olhos e meu coração pula no peito. Ah, esse lado fofo dele é meu maior perigo!

— É um risco, Sebastian. Você sabe que não sou boa em perdoar!

— Não tenho medo de arriscar e tenho certeza que seu perdão não será necessário.

— Eu mato você no primeiro deslize!

— Eu não vivo direito sem você por perto! Não tenho nada a perder...

Quero argumentar mais, mas como poderia? Enfio os dedos em seus cabelos e o puxo de encontro a minha boca. Preciso dele. Ele corresponde à altura e logo estamos nus.

Capítulo 18

Celina

A manhã está uma verdadeira merda. Estou vomitando a cada cinco minutos, e ficando com fome de novo. Para piorar, na terceira vez que corri para o banheiro, escorreguei no piso molhado e molhei toda a minha roupa. Justo no dia em que estou usando uma blusa social branca! O idiota do meu chefe vai me matar se me vir com a blusa nesse estado.

Jogo meu casaco por cima, apesar do calor infernal de Belo Horizonte e quando Leandro sai de sua sala, me olha como se eu fosse louca.

— Senhorita Morelli, estarei na sala de conferências com os acionistas. Transfira todas as ligações para lá.

— Sim senhor.

Ele ainda me encara por um tempo e sai batendo o pé. É a minha chance. Corro para sua sala e vou até seu banheiro privado. Tiro a blusa e tento limpá-la. Claro que não faria isso no banheiro da empresa, onde qualquer uma poderia me ver. Estou ficando mais esperta depois de pagar tantos micos.

Parabenizo-me internamente pela excelente ideia, quando o telefone começa a tocar. Corro até a mesa e ao identificar um dos acionistas da empresa, faço a conferência para a sala onde o “mala” se encontra.

Corro para o banheiro de novo, e o telefone toca.

— Merda! — grito e corro de volta para repetir o processo.

Isso se repete por cinco vezes seguidas. Quando finalmente para de tocar, volto ao banheiro. Estou tonta e preciso vomitar de novo. Resmungo muito, porque eu nem comi nada desde a última sessão de descarrego do meu estômago, mas ele não se importa com isso.

Parece que a mancha na blusa vai sair, sorrio satisfeita. Então o telefone toca de novo.

Corro até ele e vejo o número, não é nenhum acionista.

— Acompanhantes Travecas, bom dia.

Ele engasga e começo a rir.

— Celina! Juro que já ia mandar a polícia aí agora mesmo para te resgatar!

— O que é isso, Sebastian? Eu nunca seria confundida com uma traveca. — digo rindo e ele ri também. — Por que está me ligando? Você sabe que não pode me ligar no meu horário de trabalho.

— Preciso saber uma coisa, é muito importante.

Fico apreensiva. Raramente ele fala comigo nesse tom sério:

— Que calcinha está usando? — ele diz com sua voz de perverso profissional.

— O quê? — Eu praticamente grito.

— Você ouviu amor, que calcinha está usando? Usando meu dom de perverso, posso dizer que é a minha calcinha!

Não sei se rio ou se chamo a sua atenção por me atrapalhar em horário de trabalho por uma besteira dessas! Mas, Leandro não está ali mesmo, que mal vai fazer brincar um pouco?

— Ah, senhor Vaughn! Não deveria dizer essas coisas. Imagina se alguém escuta que você usa calcinha? Estou exatamente com ela.

Ele engasga ao telefone:

— E ela está bem apertadinha, por causa da gravidez.

— Ah Celina. Onde você está?

— Na sala do chefe. Ele está em conferência.

— Está sozinha?

— Claro! Não estaria falando sobre a minha calcinha se não estivesse.

— Abre as pernas.

— O quê?

— Vamos Celina, quero ouvir você.

— De jeito nenhum! Não vou fazer isso na sala do meu chefe.

— Vamos, amor! Estou com saudade. Só um pouquinho... Abra as pernas!

Sem perceber faço o que ele pede.

— Agora, arraste minha calcinha preferida para o lado!

— Sebastian... — digo temerosa e dou uma olhada na porta fechada.

Mais uma vez, faço o que ele pede.

— Você está molhada? — ele pergunta com a voz rouca. Aquela voz sexy que derrete minhas calcinhas!

— Agora estou.

— Ah, Celina! Agora feche os olhos, e leve seu dedo até meu botão preferido, imagine que é o meu dedo, brincando com você. Não estou te ouvindo, Celina.

Solto um gemido sem querer e o ouço gemer também.

— Isso meu amor! O quão molhada você está?

— Muito. — digo com dificuldade.

— Agora, imagine meu pau passeando em você, te tocando bem de leve...

Gemo de novo, é incontrolável.

— Agora leve meu pau até sua entrada.

Vou com o dedo na direção que ele pede.

— Imagine meu pau te penetrando bem devagar.

— Não dá! Meu dedo nem se compra com o seu pau...

Ele sorri.

— Imagine amor. Tente!

Começo a fazer o que ele pede, quando o enjoo me toma. Não, não, não! Isso não é hora.

— Sebastian! — digo tapando a boca.

— Mas já?

— Não é isso!

Não dá tempo de correr para o banheiro e tudo acontece muito rápido. Eu vomito na primeira gaveta da enorme mesa de Leandro. A porta da sala se abre e um Leandro furioso aparece.

— Celina Morelli! Posso saber por que ouço sexo ao telefone com seu namorado no Viva Voz da sala de conferências?

— Não!

Não. Não. Não.

— Sim!

E então ele percebe meu estado, descabelada, o rosto corado, e sem blusa. Imediatamente pego a blusa jogada na mesa e me cubro. Ele pisca os olhos e parece que vai explodir a qualquer momento de tão vermelho. Quero dizer “eu posso explicar”, mas a verdade é que não posso.

Começo a bater a cabeça na mesa, merda, eu devo ter transferido a ligação de Sebastian para a conferência, como fiz a manhã inteira! E agora os principais acionistas da empresa me ouviram fazendo sexo ao telefone com meu namorado.

Quanto tempo será que essa notícia vai demorar para rodar? Provavelmente na hora da minha saída, os costumeiros cochichos e risinhos já estarão à minha volta. Meu Deus! Como posso pensar em ser mãe assim? Pobre criança!

Volto a mim quando um tapa forte atinge a mesa, me fazendo dar um pulo.

— Você ouviu o que eu disse? Saia da minha sala agora!

Estou demitida. Merda, merda, merda! Saio com a cabeça baixa e o rabinho entre as pernas. Visto a blusa rapidamente do lado fora enquanto ele me observa.

— Senhorita Morelli, não irei demiti-la por causa da sua gravidez! Mas que fique claro que estou sendo muito generoso com a senhorita, pois o que fez é passível de uma justa causa!

— Obrigada senhor.

De repente, toda a raiva some e ele está me avaliando abotoar a blusa, o que faz com que eu enfie os botões todos nas casinhas erradas e ela fica torta. De jeito nenhum vou tirá-la de novo.

Ele me avalia um tempo e depois diz, sem nenhum vestígio de raiva na voz:

— Não me agradeça. Lembre-se disso da próxima vez que eu precisar que fique até mais tarde!

Ele volta para a sala dele com uma piscadela e eu quero bater minha cabeça mais forte dessa vez. O homem está me cantando de novo! Achei que isso tinha parado depois de revelar minha gravidez, mas não! Oh Senhor eu devo ser mesmo muito gostosa! Ou esses executivos de hoje não tem um bom sexo em casa.

Volto a minha mesa e me fecho em minha maré de vergonha e fico ali. Pouco depois os outros acionistas que estavam presentes começam a passar por mim e mesmo com a cabeça quase enfiada dentro da gaveta da minha mesa, percebo que eles me olham, cochicham e riem.

Quero chorar, mas não sou disso, então discretamente mostro o dedo do meio para o último deles, que me olhou mais tempo. Ele arregala os olhos e entra na sala.

Então tiro finalmente minha cabeça da gaveta. Gaveta?!

— Ah, merda!

Assim que me levanto, Leandro abre a porta furioso. Na mão dele há algum contrato totalmente manchado com meu vômito.

— O que significa isso?

— Hum... Coisas da gravidez?

Ele sacode a mão, mas o papel está grudado nela. Eca!

— Celina Morelli, você está DIMITIDA!

O berro que ele dá é tão grande que tenho a impressão que Sebastian o escutou do outro lado da cidade.

Nem fico surpresa quando saio da empresa, minhas coisas em uma caixinha, minha cara derrotada, e minha blusa totalmente torta e o vejo. Nem me importo com os olhares que estão sobre mim, nem os de pena e nem os de zombaria. Que se danem todos eles!

Desejo internamente que um raio caia e parta esse prédio ao meio, torrando todos aqueles que riem nesse momento da minha desgraça. Até consigo vislumbrar um Leandro totalmente torrado e muito bem morto!

Sebastian corre até mim e me segura pelo ombro.

— Ei, o que houve? Por que os botões da sua blusa estão todos nos buracos errados?

Não vou chorar, não vou chorar, não vou chorar...

— Ah! O I-aaaaah-di-aaaaah-o-aaaaah-tahaaaaaaa!

Ele me aperta entre seus braços quando os soluços me tomam.

— O que ele fez? O que fez? Vou lá em cima agora e o mato se ele tiver colocado as mãos em você!

Então começo a rir. Sebastian me olha como se eu fosse louca. Quero dizer a ele que esses hormônios extras estão me deixando doida, mas desisto. Vamos ver

se ele se assusta com essa nova Celina.

— Na verdade ele pegou em algo meu. O vômito que deixei espalhado na gaveta dele.

Sebastian abre um enorme sorriso.

— E isso foi antes ou depois de ele te pegar no flagra na sala dele?

Ele está rindo, mas faço uma careta. Com certeza ele ouviu o grito de Leandro quando entrou na sala.

— Não fiquei aí sorrindo! Fui demitida, justa causa. Sou um fiasco!

— Ei, não fale assim! Você é linda e a mulher mais inteligente que eu conheço!

— Sou estabanada e realmente há algo errado comigo. Algo cósmico, castigo eu acho. Não é possível que todas as situações vergonhosas do universo tenham que ser comigo?!

Ele me aperta mais uma vez junto ao seu corpo.

— Não fale assim!

— Você já me imaginou dando banho em uma criança? Não pense que vou derrubá-la, vou derrubar a banheira com tudo! Meu filho não vai sobreviver nem uma semana nas minhas mãos.

Ele tenta conter, mas sei que quer rir. Belisco-o e ele se explica.

— Sinto muito pelo que passou, mas a verdade é que estou muito contente! Não aguentava mais imaginar você trabalhando perto daquele homem maluco cheio de dedos. Muito melhor assim, você pode se dedicar ao bebê e arrumar um emprego melhor!

— Não fique aí cantando vitória! Fique feliz se o seu nome não estiver no jornal de amanhã: “*Sebastian Vaughn é chegado a uma calcinha*”.

Ele dá uma gargalhada e me beija, e por um momento, esqueço tudo pelo que passei.

Na manhã seguinte, acordo desanimada. Estou desempregada. E grávida. E não venha me dizer que o pai do meu pobre bebê é rico, porque não quero que meu filho dependa somente dele! Estou tomando meu café, desanimada, quando a campainha toca. Nem faço questão de atender.

Sebastian vai e sorri ao ver Matheus. Gil, que estava jogava novamente no sofá, se levanta como um furacão e nem vejo de onde ela tira a bolsa, mas já está de saída.

— Gilcelle, não sabia que estaria aqui. — diz Matheus olhando diretamente para ela.

Mas ela desconversa e sai falando.

— Não estou mais!

Sebastian convida Matheus a tomar café conosco, mas sei que ele não vai fazer isso, é fresco demais para encostar qualquer coisa que não saiba a exata procedência na boca.

— Não, obrigado! Só vim aqui para vê-la Celina.

— Eu? O que eu fiz agora?

Sebastian sorri e Matheus parece não entender.

— Nada, creio eu. Só queria te fazer uma proposta. Fiquei sabendo que está desempregada. E bem, a Mônica é uma péssima secretária, ela falta mais do que vai, e quando vai, some não sei com quem e só aparece no final da tarde!

Ah! Eu avisei! Quero gritar, mas a verdade é que sabia disso, mas guardei para mim.

— Eu quero que você volte a ser minha secretária.

Fico surpresa, mas Sebastian está com um sorriso no rosto. O encaro em busca de uma explicação e ele dá de ombros.

— Celina, nem vou te pedir para ficar sem trabalhar porque sei que você não aceitaria. Mas sei que você gostava de trabalhar com o Matheus. Ele estava precisando de uma secretária, então pensei que poderia ser você.

Fico tocada com a consideração dele, e com o fato de mesmo tendo todo dinheiro e mesmo deixando claro que queria que eu não trabalhasse mais, ainda respeitou a minha vontade e pensou em mim, em vez de pensar nele. Quero abraçá-lo e dizer que o amo, mas me controlo. Não sou sentimental, não sou.

— Eu estou grávida. — digo para Matheus ter certeza. Não vou aceitar reclamações posteriores.

— Eu sei.

— Eu vomito muito.

Ele faz uma cara de nojo e quase posso sentir a vontade que ele está de enfiar a mão no bolso do paletó e tirar um lenço para se proteger.

— Não é problema, desde que não faça isso perto de mim.

Concordo. Mas não sei se quero isso. Não sei que quero voltar para o lugar onde fui tão humilhada.

— Eu posso pensar?

— Claro, pense à vontade Celina. De qualquer maneira, a vaga é sua. E espero muito mesmo que a aceite de volta, pois estou ficando louco.

Sorrio e ele se despede, sem pegar na minha mão. Imagino que por causa do meu papo sobre vomitar.

Assim que Sebastian fecha a porta, nem o espero virar-se para mim. Pulo em suas costas e começo a beijar seu pescoço.

— Eu te amo, te amo, obrigada.

Ele se vira rapidamente me prendendo em sua cintura e me beija com paixão.

— Ah Celina. Eu adoro quando você tem essas crises de amor tão raras. Amo ouvir você dizer que me ama. Mas, amo mais ainda quando você grita que me ama.

Ele dá um tapa em minha bunda, me fazendo gritar.

— Ai seu filho da puta!

— Quase lá. — ele diz e me arrasta para o quarto.

Sebastian

Ainda sinto o cheiro dela. Mais um dia em que estou totalmente fora do ar pensando na maldita da Celina. Ela parece uma praga, me pegou de jeito e fico totalmente infestado. Vejo-a em todos os lugares. Chega a ser assustador. Cleber está na minha frente rindo pela milésima vez da minha cara de bobo.

É ridículo, eu sei. Um marmanjo com barba e um pau enorme, sorrindo feito um menino por causa de uma mulher. Mas dane-se, nunca fui tão feliz assim. Percebo então a diferença do que sentia pela Jamille, que eu achava que era amor, e o que sinto pela Celina, que sei que é amor.

Pensar em Jamille é como convocá-la, Vernee. O telefone toca e Cleber atende, faz uma senhora careta e rapidamente sacudo a cabeça para que ele diga que não estou.

Ele diz, insiste, mas depois estende o telefone para mim, derrotado.

— Ela está lá embaixo. Disse que se você não atender, ela virá até aqui e fará uma cena.

— Merda.

Pego o telefone com o tratamento especial reservado a Vernee.

— O que é que você quer me enchendo de novo, porra?

— Meu pai está vindo para o Brasil. — diz aquela voz esganiçada.

Como pude sentir tesão com essa voz no meu ouvido? Claro, eu amordacei a boca dela na hora h.

— Azar o seu! — respondo irritado.

— Azar o nosso Sebastian, porque se meu pai sonhar que você mentiu, você será um homem morto!

— Nós mentimos, Vernee, não se esqueça disso. Além do mais, foi há dois anos. Se não cumprimos até agora ele já deve saber que não deu certo. Diga a ele que terminamos, que deu tudo errado e que você tem outro.

— Não vou fazer isso. Eu disse a ele que iríamos marcar a data e ele está vindo para cá.

— Você é maluca? Eu já tenho uma noiva! O nome dela é Celina!

— Não quero saber das mulheres que você come, Sebastian! Você assumiu um compromisso. Vai dizer para o meu pai que ainda está comigo até ele ir embora, ou eu vou à imprensa e acabo com você.

Não respondo. Pondero, penso, desespero-me. Maldita, maldita, maldita. Maldita família interesseira.

— Você é pior do que a Jamille, maldita hora que eu enfiei meu pau em você. O prazer não pagou nem ter ouvido sua voz na manhã seguinte.

Ela bufa, grita palavrões e por fim, diz:

— Se vire, Sebastian Vaughn. Mas esteja na minha casa hoje a noite ou eu juro que acabo com a sua vida e da sua preciosa Morelli!

— Aproxime-se da Celina e será uma mulher morta.

Mas ela já desligou.

Cleber me encara com aquele olhar de “eu te avisei”. Sim, ele me avisou na época, há dois anos, mas claro, eu tinha que pensar com a cabeça de baixo. Começo a puxar meus cabelos, tentando encontrar a solução. O mais importante é que a Celina não descubra isso. Preciso dar um jeito de me livrar da Vernee urgente, antes que ela se aproxime da Celina.

Cleber cuida dessa parte, ele contrata um segurança particular para Celina. Ela não sabe disso, mas esse homem impedirá que a louca da Vernee se aproxime. Não quero colocar minha mulher e meu filho em risco.

De repente ele começa a rir.

— Qual é a graça? — pergunto irritado.

— Não é engraçado? Que você tenha uma noiva maluca que não quer de jeito nenhum e queira uma mulher maluca que não quer ser sua noiva?

— Não tem graça nenhuma nisso!

No final da tarde, Cleber e eu já exaustos de tantas contas, finalmente uma notícia boa. Não, uma notícia ótima, esplêndida.

— Finalmente. — Cleber diz.

— Finalmente. Luciano Cartariam vai aprender com quem ele deve mexer.

Nós bebemos e brindamos a falência das empresas de Luciano, quando Maura entra em minha sala com uma caixa preta.

— Chegou para você, Sebastian.

Pego a caixa ainda comemorando minha pequena vingança contra Luciano, mas quando a abro, há apenas pétalas negras e murchas. Não entendo o que é. Não há um cartão, assinatura, nada. Viro as pétalas em cima da minha mesa sob o olhar atento de Cleber e lá está, um papel. Cleber o abre e faz uma careta, então o estende para mim.

— Você não vai gostar nem um pouco disso, Vaughn.

Tomo o papel de sua mão e mal posso acreditar.

Vaughn,

Você vai pagar por ter me humilhado. Contarei a Celina sobre sua noiva. Imagina como ela vai se sentir ao descobrir que está sendo traída de novo?

E.F.D

— Maldito! — grito — Cleber, ligue para o segurança. Diga a ele para

garantir que o imbecil do Edmundo também não possa se aproximar da Celina em hipótese nenhuma.

Cleber nem discute. Liga rapidamente e passa as novas ordens.

— Você tem uma foto dele?

— O quê?

— Uma foto, como a que tinha da Vernee, para eu enviar pra ele. Senão ele não vai saber quem é!

— Não tenho uma foto desse imbecil. Mas ele é um empresário conhecido, mande que ele procure na internet.

Cleber faz uma careta de reprovação, mas repassa novamente as instruções e desliga. Ele estende um copo de Gim pra mim e diz:

— Porra, Sebastian! Parece que todo mundo resolveu te ameaçar hoje!

— Bem vindo a minha vida feliz.

— Isso é tudo culpa da Celina. Não que ela seja culpada pelo mau caráter do ex dela e da sua ex, mas se você não estivesse aí, feito um mariquinhas suspirando pelos cantos, poderia seguir o plano com a Vernee sem maiores problemas e não teria o Edmundo Pinto Pequeno na sua cola. Eu não quero me apaixonar nunca!

Penso por um momento na minha Celina e no meu filho que está para chegar.

— Você vai me achar louco se eu te disser que vale a pena?

— Vou. Não acredito nisso nem por um momento. Acho que a Celina deve ser espetacular na cama, tem mel na xoxota, não há outra explicação.

— Não fale da xoxota dela ou vou quebrar seu nariz dessa vez!

— Ok, nada sobre a xoxota mágica da Celina. Não está mais aqui quem falou. Ele se levanta e sai da minha sala.

Então tudo desanda. Não consigo me concentrar e Matheus chega a me dar um safanão para que eu volte a mim em determinado momento. Perto da hora de ir embora, Cleber aparece na minha sala com uma pasta e a joga em cima da mesa.

— Pronto. Você me deve sua vida, parceiro.

— Que merda é essa?

— Tudo o que consegui sobre Edmundo Ferraz Diniz.

— O que diabos eu vou fazer com isso?

— Você? Absolutamente nada. Mas eu? Estou indo agora mesmo procurar esse imbecil. O apartamento dele não é longe da nossa empresa.

— E vai fazer o que quando o encontrar?

— Deixa comigo meu amigo. Posso te garantir que depois da minha ilustre visita, Edmundo Diniz nunca mais dirá o seu nome ou o da Celina.

Fico olhando meu amigo de longa data, imaginando se ele está maluco de

vez, ou se tem uma identidade secreta.

— Que se dane! Faça o que quiser fazer. Só preciso impedir que a Celina descubra sobre a Vernee.

Ele se senta a minha frente com uma expressão séria, atípica dele.

— Sebastian, eu sou um merda no quesito amor, mesmo porque nem sei o que é isso. Mas vou te dar um conselho assim mesmo. Bom, eu vou procurar o Pinto Pequeno e tentar resolver isso, mas seria bom você contar a verdade para a Celina.

Olho para ele tentando entender de onde saiu esse Cleber que quase parece um homem adulto.

— Você tem razão, vou explicar toda a situação a ela.

Ele me olha, eu o olho, e um sorriso nasce em seu rosto. Cleber Dantas, o verdadeiro, está de volta.

— Isso mesmo. Pare de ter medo da sua mulher, homem. — ele diz debochado.

— Não tenho medo. Não é como se ela fosse me matar, nem nada. — digo, mas não tenho certeza disso, ela já tentou me matar uma vez, com o travesseiro, e eu a irritei bem menos na ocasião — Mesmo porque entre a Vernee e eu não há absolutamente nada!

Cleber levanta as mãos em sinal de paz e diz:

— Eu sei disso. Você sabe disso. Mas tenta convencer a Vernee disso.

Ele está certo. Isso não pode dar certo. Não há uma maneira segura de contar isso para a Celina. — A Celina não vai gostar nada. — sussurro.

— Ou talvez ela coloque a megera no seu devido lugar.

Agora ele está sorrindo, mas fala com convicção.

— Acho que não. Ela não é ciumenta.

Ele faz uma careta e levanta a mão.

— Vamos apostar?

— O que? — pergunto.

Ele pensa e vou logo avisando.

— Se você disser qualquer coisa relacionada a xoxota da Celina não sobreviverá para vencer aposta nenhuma.

Ele sorri.

— Não se preocupe, quero distância da xoxota dela. E nem é por você, na verdade. Mas não quero ser pego no mesmo feitiço que te transformou num gay.

— Sabe Cleber, eu ainda vou rir muito quando vir você com a mesma cara que estou fazendo nas últimas semanas.

Ele imediatamente bate na madeira.

— Nem brinca com isso, homem! Pare de me rogar pragas! Cleber e paixão

são palavras que não combinam na mesma frase.

— Você acabou de combinar.

— Foi explicativo, não conta. E vamos mudar de assunto que isso já está enchendo. Vai pra casa homem, vou lá dar um jeito no ex da sua verdadeira noiva!

— Claro que não vou para minha casa, e mais uma vez, o fato de a Celina não estar morando comigo me irrita. Ela está grávida, sei que me ama, e é tão corajosa normalmente, mas por que tanto medo de tentar?

Tudo bem, ainda vou convencê-la. Eu não queria me apaixonar assim, mas já que a megera provocou isso, vai ter que aguentar as consequências! Não vou sossegar enquanto não a tiver debaixo do mesmo teto que eu, na minha cama, nos meus braços, durante todas as noites.

Ela está ao telefone quando chego, mas desliga assim que me vê. Espero que pule em cima de mim, como tem feito nos últimos dias. Essa coisa de gravidez a está deixando mais emotiva. Mas ela caminha a passos largos e aponta um dedo para o meu peito. Estou encrencado.

— Sebastian! Pode me dizer por que tem uma porra de segurança me seguindo?

— Como você descobriu?

— Você não pode achar que sou tão burra assim! Acha mesmo que eu não perceberia um homem de três metros de altura me seguindo para todos os lados? Achei que era um maníaco, que queria me sequestrar por causa do seu dinheiro! Você tem ideia do trabalho que me deu para acertar as bolas dele quando ele se aproximou de mim?

— Você o quê?

Sei que é errado, e ela está muito nervosa, mas tenho uma crise de riso. O segurança que Cleber contratou é conhecido por Montanha, pela altura e porte. E não consigo imaginar a Celina, essa mulher aparentemente delicada, acertando as bolas dele. Pobre homem.

— Isso não tem graça! Eu não quero um guarda roupa me seguindo!

— Amor, é para sua proteção.

— Ninguém está me ameaçando!

— Pode ser que ameace. — levanto o envelope que trago na mão e a curiosidade a acalma um pouco.

— O que é isso?

— Números. Isso, minha querida Célie, é nada mais nada menos, que a falência de Luciano Cartariam.

Ela fica em choque. Abre a boca e arregala os olhos. Tomas os papéis da minha mão e analisa.

— Ele não está pobre, infelizmente. Mas conseguimos fazer com que 80% dos investidores dele retirem seu dinheiro. Isso é o suficiente para ele ter que fechar as portas. Podemos dizer que ele está bem menos rico agora.

— Sebastian, isso foi vingativo demais. Você não pode ser assim tão frio.
—ela me olha totalmente incrédula e estou prestes a me explicar quando ela sorri
— Eu adorei! Queria só ver a cara daquele safado quando descobrir isso.

Eu a puxo e a beijo. Deus, eu amo essa mulher!

— Entende por que precisa de segurança?

— Sim, mas você terá que contratar outro, não acho que o grandalhão vá querer se aproximar de mim depois de hoje.

— Ah, Celina! O que eu faço com você?

— Você sabe muito bem o que tem que fazer.

Ela me beija e puxa meu cabelo e eu esqueço das ameaças, de Pinto Pequeno, de Vernee e do resto do mundo nos braços dela.

Celina

Olho novamente o relógio, nervosa. Ele está atrasado e isso é totalmente incomum nele. Tudo está pronto. Há velas em todo o apartamento, Gil vai dormir fora e estou usando minha fantasia de dominatrix. Eu sei, a do sonho, mas quero acabar com aquela imagem ridícula. Sem falar, que foi a que Sebastian escolheu para protetor de tela de seu celular, deve ter gostado mais dela.

Eu nunca imaginei que usaria essas fantasias um dia, mas agora, vestida com uma, me sinto quase uma expert. Se bem que, pelo tanto que tenho praticado, e pela variedade que tenho experimentado, já posso me nomear uma expert em sexo.

Finalmente o clique da porta me tira de meus devaneios e fico tensa. E se ele não gostar? E se eu já tiver engordado? Para Celina! É o Sebastian! Ele sempre vai gostar de uma mulher seminua.

Vejo quando ele entra, faz uma careta ao ver as velas e acende a luz. Quando faz isso, seus olhos param em mim. Ele abre a boca, arregala os olhos e passeia seu olhar preguiçosamente por todo meu corpo. Sua mala já está no chão e sua gravata também, eu nem o vi tirando-a.

Ele apaga a luz novamente e se aproxima de mim. Primeiro afaga meu rosto e meu cabelo, a admiração que vejo em seu olhar só não mexe mais comigo do que a luxúria que vejo neles. Ele me deseja. Desce o dedo pelo meu corpo, parando em cada tira de couro da fantasia e puxando.

— Deliciosa. — murmura me fazendo gemer.

Eu não aguento mais, me aproximo dele e rodeio sua cabeça com meus braços, logo sua boca está na minha. Ele me beija com voracidade, desespero. Puxa-me para seu colo e me leva até o quarto. Desce-me vagorosamente pelo corpo dele, sinto sua ereção queimar em cada ponto onde toca até me depositar totalmente na cama.

— Ah Celina! Você ainda vai acabar comigo.

— Espero que sim. — respondo com dificuldade para falar. E isso o faz gemer e deitar-se sobre mim.

Ele começa a abrir minha fantasia. Passeia o dedo por meu ombro nu, desce-o entre meus seios levantados pelo corpete, abaixa mais e desamarra a primeira fita que o prende. Quando faz isso, beija meu pescoço, me provocando arrepios. Então desamarra a segunda fita, mordisca minha orelha e desamarra a terceira. Sobe a mão vagorosamente de volta aos meus seios e puxa cada um, deixando o mamilo para fora do corpete. Ele suga cada um com toda calma e isso quase me

faz explodir.

— Sebastian. —suplico.

— Calma, amor.

— Sem essa de me amar da maneira certa.

Ele sorri.

— Não é isso, só quero amar cada pedaço de você.

— Você não pode fazer isso outro dia?

— Ah não! Quero cada pedaço de você, agora.

Ele me beija, calando minhas próximas súplicas. Enquanto sua mão ágil solta as ligas da fantasia. Num rompante, ele se levanta e desce minha calcinha preta.

— Minha calcinha. — murmura com aprovação.

Rapidamente ele tira a roupa e vejo sua ereção apontar. Achei que ele fosse me despir totalmente, mas não é o que ele quer.

— Ah Celina. Você não faz ideia do quanto fantasiei em ter você exatamente assim. Com esse corpete, seus seios me tentando e bem aberta para mim.

Ele me toca com o dedo e me contorço. Quando ele enfia o dedo em mim quase gozo, mas percebendo, ele o retira rapidamente.

— Nada disso! Você vai gozar no meu pau.

— Então faça logo!

Ele sorri e volta a me beijar.

— Paciência minha deliciosa Celina.

E tudo acontece rápido, num segundo ele está me beijando bem devagar, quase me enlouquecendo, e no seguinte sua boca me devora e ele está dentro de mim. Grito o seu nome quando gozo e ele não para de se mexer. Sua boca não sai da minha, até que o orgasmo me atinge de novo, então ele se apoia nos braços e mete com mais força, levando-me ao abismo outra vez. Grito novamente seu nome, arranho suas costas suadas com as unhas e ele grita de volta o meu nome, com toda reverência e paixão.

Ele deita ao meu lado na cama e me puxa para os seus braços. Estou mole depois de três orgasmos e apenas me aconchego para dormir, mas ele me beija. Passeia sua mão por meu corpo, me despertando.

— Quer me deixar dormir? — resmungo.

— Nem pensar, não amei cada parte de você ainda.

— Acredite Sebastian, estou me sentindo completamente amada.

— Que bom Celina. — ele diz, mas há algo em sua voz. Um alerta.

Forço-me a abrir os olhos e o encaro. Sua mão está segurando apertado a minha. Quero perguntar o que está acontecendo, mas antes que o faça, ele se deita sobre mim e me beija, intensamente. Murmura que me ama e volta a desamarrar as tiras restantes do corpete.

Joga o corpete no chão e deposita beijos na minha barriga. Ele a caricia e me olha, há um brilho intenso em seu olhar.

— Meu bebê. — ele diz.

Eu confirmo com a cabeça e ele beija novamente minha barriga. Fecho os olhos, tocada com seu gesto de carinho, mas logo desce os beijos e já estou agarrando seus cabelos e gritando o nome dele quando sua língua me dá o quarto orgasmo.

Ainda com meu gosto na boca ele sobe beijando meu corpo, mordisca meu pescoço, meu queixo, meus lábios. Me beija, ao mesmo tempo me penetra de novo já estou agarrada a ele, pernas e braços enroscados, gritando seu nome enquanto ele me ama da maneira exata que preciso ser amada.

Quando terminamos, estou realmente mole, mal consigo abrir os olhos, mas sinto algo gelado em minha mão. Sebastian sai da cama e vai apagar as velas, abro os olhos um pouco apenas para admirá-lo nu, mas no movimento que faço para me virar, vejo algo em meu dedo. Sento-me imediatamente, totalmente desperta. Não acredito que isso está aqui! Como? Quando?

— Sebastian Vaughn! Por que tem uma aliança enorme no meu dedo?

Capítulo 19

Celina

Ele se aproxima de mim, calmo. Como se nada demais tivesse acontecido. Mas não está em seu modo brincalhão, então sei que está tenso.

— Porque você vai usá-la amanhã.

— Amanhã?

— Sim, na V.D.A.

— V.D.A.? Sebastian, você bebeu? Eu não vou à V.D.A. amanhã.

— Sim, você vai. Recuperar seu posto de secretária do Matheus.

— Ainda não me decidi quanto a isso.

Ele se senta na beira da cama e segura minha mão, que agora pesa o mundo com essa aliança enfiada nela.

— Amor, essa é sua chance. Você está grávida. Nenhuma outra empresa vai empregar você. A não ser que você queria realmente não trabalhar durante a gestação. O que eu acharia ótimo.

Ficar sem trabalhar? Depender dele?

— Não, você está certo! Vou voltar amanhã. Mas não preciso estar com essa aliança no dedo.

Começo a retirar a aliança, mas ele me impede imediatamente.

— Não é uma aliança de casamento, Celina. É um anel de compromisso. Apenas um anel. Por favor, não tire!

Há um certo desespero no modo como pede que eu não tire. Mas anéis me lembram casamentos, que me lembram traições, que me lembram anos perdidos e amores não correspondidos.

— Não gosto de anéis. — digo.

— Eu sei que não. Mas isso é uma coisa que você precisa superar! Você é minha Celina. Eu sou seu. Na sociedade em que vivemos, não posso marcar meu nome em você de outra maneira. Nem o seu em mim.

Ele estende a mão que também tem uma aliança enorme. Tiro a aliança da mão dele e meu nome está escrito nela. Não sei explicar o que sinto. Tenho medo, que esse pequeno objeto de ouro acabe com a felicidade que sentimos. Mas, ao mesmo tempo, saber que Sebastian carrega meu nome o dia todo me faz sentir tão bem, que parece loucura!

— Você já deixou sua marca em mim. — digo passando a mão dele na minha barriga.

— Essa foi a melhor marca, Celina. Mas vai demorar para aparecer. Preciso

dizer que você é minha, agora. Preciso assumir você, entende isso?

Eu entendo. Ele é um famoso e cobiçado executivo. Quer mandar o recado, dizer que está comprometido. Não posso achar isso ruim, mas algo nisso me assusta. É compromisso demais! Preparo-me para contra-argumentar quando ele diz algo que acaba com qualquer ressalva em relação à aliança.

— Pense na cara da Mônica e da Lurdinha quando virem essa aliança no seu dedo.

Até que a Lurdinha nunca me encheu muito, mas a Mônica, essa sim sempre tentou me humilhar.

— Ok, eu uso esse anel. Mas que fique claro que é apenas um anel.

— Como quiser, minha noiva.

Eu acerto um tapa nele, que me puxa e me joga na cama para a terceira rodada da noite.

Não quero que ele segure minha mão. Não preciso estar sob a proteção dele. Quero mostrar que me virei sozinha, que sou linda, recontratada e namorada do chefe delicioso delas. Há uma comoção enquanto vamos passando. Sebastian pareceu entender meu recado, pois hora nenhuma tentou me tocar, está andando ao meu lado. As pessoas cochicham quando passamos e pela primeira vez esses cochichos não estão zombando de mim, mas sim me elogiando. Ouço os murmúrios, “linda”, “namorada do Vaughn”, “grávida” ... Não sei como as notícias correram tão rápido, mas não me importa.

Mônica está sentada em sua mesa de assistente, de onde não deveria ter saído. Abre um sorriso falso quando me vê e abro um enorme sorriso de “sim, sua piranha, ele é meu”. Matheus aparece e me dá um longo abraço, ficamos na sala dele alguns minutos enquanto ele repassa algumas coisas comigo e logo estou na minha mesa. Mônica não para de me olhar, principalmente para a aliança enorme na minha mão. De vez em quando alguém aparece para falar com ela, só para ficar me olhando.

É estranho ter tanta atenção positiva.

Quando vou ao banheiro, apertada para fazer xixi, escuto saltos no azulejo e ouço as vozes de Lurdinha e Mônica:

— Você a viu? Nem parece a mesma mulherzinha horrorosa de antes! O que o dinheiro não faz?

— Mas como ela conseguiu conquistá-lo? Ele nunca olharia para uma mulherzinha sem sal como ela.

— Ela deve ter feito macumba.

Abro a porta e as duas ficam brancas de susto. Elas gaguejam, mas trato de falar antes delas.

— Ah meninas, que coisa feia essa inveja toda! Sabe, quando eu era a mulherzinha horrorosa eu nunca tive inveja de vocês. Nem uma vez sequer. Nem teria motivos, não é?

Vejo Mônica ficar vermelha, mas ela não ousa me responder. Adoro impor respeito.

— Em vez de ficarem aí conjecturando sobre como eu fiz para conquistar o Sebastian, por que não vão cuidar das suas vidas?! Se preocupem com vocês, quem sabe assim os próximos homens para quem vocês abrirem as pernas, não se cansem tão rápido de mulherzinhas mais ou menos.

Mônica vem para cima de mim, mas Lurdinha a segura.

— Ela está grávida! — grita — E é a noiva do chefe, quer ser demitida?

Mônica sai batendo o pé e Lurdinha corre atrás dela.

Ok, não sou uma pessoa má, mas esse negócio de o mundo dar voltas e estar por cima vendo seus inimigos lá embaixo, é uma maravilha!

Sebastian

Todos só falam dela. Do quanto está linda, diferente, segura. E estou como um bobo babando na reação que ela provoca. Mas fiz questão de bater um papo “amigável” com cada indivíduo do sexo masculino dessa empresa e deixar bem claro que ela é só minha.

Na hora do almoço, quero me sentar com ela e beijá-la. É um saco vê-la tão perto de mim e não poder tocá-la. Mas não vou fazer isso, não vou deixar que pensem que ela só está aqui por minha causa, quando o Matheus teve todo o trabalho para garantir que todos soubessem que ela voltaria por mérito próprio. Mas fico o almoço todo a olhando embasbacado.

Quando volto a minha sala, tomo uma decisão. Ligo para a mesa dela.

— Celina! Venha a minha sala, por favor.

— O que houve? — ela pergunta alarmada.

— Apenas procedimentos, Célie.

Ela bufa e bate o telefone na minha cara. Ligo de novo e ela atende com um insolente “o que é?”.

— Atrevida. — digo.

— Vai à merda. — ela responde e bate o telefone outra vez na minha cara.

Eu amo essa mulher!

Pouco depois ela entra. Está deliciosa com esse vestido preto colado. A barriga ainda não aparece e não vejo a hora de vê-la com minha melhor marca bem estampada.

— Pois não.

— Como ousa desligar o telefone duas vezes na minha cara? — digo me fingindo de bravo, mas ela nem liga.

— Já fiz coisas piores, não sei porque o drama.

Levanto-me e em dois passos estou atrás dela. Nem dou tempo para ela se virar, seguro seus braços para trás e sussurro em seu ouvido.

— Você vai pagar por essa grosseria, menina malvada.

Eu a empurro até a mesa e a viro de frente para mim, para capturar sua boca num beijo voraz. Quando me afasto para respirar, ela diz meio sem ar.

— Não quero transar na sua sala. Não sou a Mônica nem a Lurdinha.

Pressiono meu joelho no meio das pernas dela.

— Não quer?

Mordisco seu pescoço e belisco seu mamilo por cima do vestido. Ela geme e aperta os olhos.

— Mudei de ideia, eu quero!

Volto a beijá-la enquanto abro minha calça.

— Eu te amo Celina, e nunca transei com ninguém na minha sala. Nem dentro das dependências da empresa.

Ela abre os olhos surpresa, e volto a beijá-la, para finalmente, penetrá-la.

— Eu quis fazer isso desde o instante em que você se afastou de mim.

— Então por que demorou tanto? — ela reclama.

Volto a beijá-la e não pego leve.

À tarde, estou concentrado em alguns documentos quando o primeiro telefonema é passado. Maura tem ordens expressas de não passar nenhum telefonema da Vernee, mas ela sempre dá um jeito de enganá-la.

— Então você assumiu a secretária? O que acha que está fazendo, Sebastian?

Imito a Celina e bato o telefone na cara dela. Algumas horas depois, meu celular pessoal toca, penso em nem atender, mas acabo atendendo.

— Isso não vai ficar assim! Você não vai fazer isso comigo!

Encerro a chamada novamente e volto aos meus papéis. Pouco depois, outro telefonema.

— Merda! — grito para que Maura ouça e entenda que não deve transferir mais nenhuma ligação.

Atendo pronto para gritar com Vernee, quando a voz de Luciano me cala.

— O que foi que você fez, Vaughn?

— Oras, olá Cartariam.

— Não me venha com saudações. Não sei que merda fez, mas trate de recuperar meus investidores ou irei acabar com você.

— Não sei do que está falando. Mas se não consegue segurar seus investidores, o problema não é meu.

— Faça como quiser Vaughn, mas também sei atacar onde dói mais.

— Está me ameaçando, Luciano? Poxa, será que você não se lembra das coisas que eu sei sobre você e sua empresa? Imagine que tenho muitas pessoas de confiança totalmente instruídas e se qualquer coisa acontecer comigo, com a Celina, ou qualquer empregado da V.D.A., a Cartariam Empreendimentos será desmascarada. Acho que agora que perdeu tanto dinheiro, não é o momento de ter seus bens e suas contas, todas elas, confiscadas. Não é mesmo?!

Ele balbucia alguma coisa ininteligível e desliga o telefone. E me sinto radiante. Até ouvir Maura gritando ao telefone com a Vernee. Preciso mesmo resolver isso. Seria muito fácil, se o buraco não fosse mais embaixo.

Arrasto Matheus até a sala de Cleber e desabafo.

— Vernee.

— Eu avisei. — os dois dizem em coro.

— Eu sei, sou o estúpido com um pau descontrolado, mas isso não vem ao caso. Como podemos resolver isso? Porque se Nicolas Mathieu retirar seus investimentos da V.D.A. teremos sérios problemas.

Nicolas Mathieu, o pai da Vernee é o maior investidor da V.D.A. Perdê-lo está totalmente fora de cogitação. Ele investe sempre que precisamos e mantém um de seus bancos à nossa disposição, fazendo tudo isso pelo futuro genro: Eu.

Matheus e Cleber tentam pensar em uma forma de resolver o problema Vernee. Até sugiro que Cleber dê em cima dela; quem sabe se ela cismar com outro não me deixe em paz. Mas ele nega veementemente. Amigo da onça!

— Nicolas nem pode sonhar que foi enganado. — diz Matheus.

— Mas a louca da Vernee está ameaçando contar a ele e à imprensa o que fizemos. — justifico.

— Ela também perde muito com isso, ele com certeza a deserdaria.

— Mas o que ela lucraria em campanhas com a imagem da pobre menina traída poderia valer o risco. — Cleber diz.

Estamos em uma sinuca. Matheus me encara como se a resposta fosse óbvia. Eu devo me casar com a Vernee.

Mas antes que ele diga esse absurdo, já vou logo falando.

— Se você vai falar algo sobre eu me casar com a Vernee e terminar com a Celina, já vou avisando que prefiro perder a empresa...

— Ei! Abaixa a guarda, homem! Eu não ia dizer nada disso, não quero acabar com um hematoma no nariz como o Cleber. Não vou pedir que se separe dela. Sei que a ama, e que terão um filho, pelo amor de Deus! Não sou nenhum monstro!

— Desculpa.

— Vamos pensar em alguma coisa, Sebastian. Mas acho que deveria falar com a Celina. Ela é meio assustadora, talvez consiga colocar a francesinha pra correr.

— Ela não é assustadora! E não é ciumenta! Qual o problema de vocês?

Os dois dão de ombros e volto para minha sala sem uma solução.

Mal termino de me sentar, Celina entra como um furacão. Seu rosto ainda está rosado e ela parece furiosa.

— Sebastian, seu safado, pervertido de merda!

— O que houve?

Ela não diz nada, apenas aponta o dedo para a blusa dela. É aí que vejo, o botão aberto, deixando à mostra um pedaço de seu seio, e a marca que deixei nele com os dentes mais cedo. Então me dou conta de que ela deve estar com a blusa assim desde que saiu da minha sala, e deve ter rodado a empresa toda com o seio mordido à mostra.

Levanto-me imediatamente. Merda! Eu jurei que não iria expô-la ao ridículo de novo. Vou até ela que se joga em meus braços.

— Eu vou matar você! Me fez perder o respeito que custei impor nesse lugar!

— Celina, meu amor! Em primeiro lugar, você não teve trabalho algum para impor respeito, é a noiva do chefe.

Ela resmunga e me morde, me fazendo rir.

— E em segundo lugar, acredite, as pessoas saberem que você está desconjuntada porque estava transando comigo só aumenta seu respeito.

Dessa vez recebo uma joelhada fraca na virilha, e ela se afasta enquanto eu rio.

— Você me paga por isso, Sebastian Estúpido Vaughn!

E sai da minha sala antes que eu possa consertar sua blusa. Corro até a porta e grito:

— A blusa amor, você precisa esconder o chupão!

Todos a olham, ela fica vermelha como um tomate, mostra o dedo do meio para mim e sai batendo o pé. E eu fico todo feliz, hoje à noite vamos ter um sexo selvagem de punição na casa dela.

Celina

Chego em casa preocupada, recebi uma mensagem no mínimo estranha do Sebastian. Ele disse que precisa muito conversar comigo. Liguei para ele, e embora tenha brincado e feito suas piadas infames, pude sentir que algo o incomoda, e não é uma coisa fácil de dizer. Penso que deve ser novamente sobre o assunto casamento.

Jogo-me no sofá e analiso minha situação. Não sou só eu; há uma vida bem aqui dentro de mim que devo levar em conta ainda mais do que a minha própria. E talvez, Sebastian esteja certo. Talvez, eu esteja sendo paranoica em negar ao menos tentar ter uma família com ele. Um raio não cai duas vezes no mesmo lugar; Sebastian não é o Edmundo. E eu o amo. Não há razão para vivermos separados.

Sorrio como uma boba e coloco em minha mala apenas as coisas mais necessárias: umas roupas de trabalho, sapatos, alguns livros e claro, as quinze fantasias. Só experimentamos uma, há mais quatorze que precisam de atenção.

Com esse pensamento saio feliz e quase saltitante do meu pobre apartamento em direção à mansão de Sebastian. Farei uma surpresa para ele essa noite. Provarei para ele que o escolhi; independente do que aconteça, quero ficar com ele.

Espero por um taxi quando alguém segura meu braço, no mesmo instante, uma voz diz:

— Não precisa gritar, sou eu.

Então começo a gritar ao ouvir a voz de Edmundo.

— Celina!

Paro de gritar quando ele tenta tapar minha boca. Ok! Quero essas mãos pequenas longe de qualquer parte do meu corpo.

— O que é que você quer? Já vou avisando que ainda estou na fase do vômito.

Ele automaticamente dá um passo para trás.

— Eu só queria te contar uma coisa, sobre o seu precioso Vaughn.

Antes que eu possa sequer perguntar o que é, duas mãos enormes seguram Edmundo que arregala os olhos.

— Eu falei pra você não se aproximar dela!

Edmundo me olha suplicando, mas estou ocupada, me envergonhando por ter chutado as bolas do homem que agora está ali me defendendo.

— Olá Montanha.

— Olá, senhorita Morelli.

— Me desculpa por ontem.

Ele abre um sorriso.

— Não se preocupe, o senhor Dantas me avisou que a senhorita era assustadora.

— Ei! Eu não sou assustadora! Só estava me defendendo!

Ele sorri mais ainda e pergunta:

— O que eu faço com o elemento?

— Ah, sei lá, faça o que sentir vontade.

Edmundo arregala os olhos e começa a gritar meu nome e o de Sebastian, mas o taxi aparece e nem o escuto mais.

Até o momento em que ele grita:

— Ele tem uma noiva! Sebastian Vaughn tem uma noiva.

Paro na porta do carro e olho para ele com um sorriso.

— Claro que tem. Conta outra. — digo mostrando a enorme aliança no meu dedo. Então entro no carro.

A casa de Sebastian é ainda maior do que eu me lembrava. Tiro nervosa da bolsa a chave que ele me deu. Ainda não acredito que estou mesmo fazendo isso, indo morar com ele. Estou louca, só pode. Tudo culpa dele e do efeito que ele causa em mim.

Olho os móveis chiques, a casa enorme e tão bonita e penso que minha mãe ficaria no céu se conhecesse essa casa, ela me parabenizaria o resto da vida por ter engravidado do Sebastian. Como se eu tivesse feito um excelente investimento. Nunca entenderia que eu não queria de jeito nenhum estar grávida. Que não tenho como cuidar de uma criança. Que não quero ser uma mãe como ela. Pensar nisso me faz lembrar que devo contar a ela sobre a gravidez.

Deixo os assuntos difíceis para outro momento e entro na sala de estar, quando um vulto pula na minha frente. Meu susto dura dois segundos até perceber a criatura loira, magra e com enormes olhos azuis me encarando.

— Quem é você? — pergunto já jogando a mala no chão.

Senhor, por que tem uma mulher na casa de Sebastian? Que não seja o que estou pensando ou vou arrancar o pau dele fora!

— Sou Vernee Mathieu, a noiva de Sebastian.

Olho bem para a cara dela, aquela cara magrela e agora totalmente sem sal e começo a rir.

— Noiva? Você?

Ela me encara sem entender, parecendo ultrajada com minha reação. Então estendo a mão com a enorme aliança dourada para ela.

— Acho que está enganada, *querida*, eu sou a noiva do Sebastian.

Ela abre um sorriso afetado e estende a mão magrela na minha direção, onde um anel prateado brilha. Nem espero ela dizer nada, arranco o anel do seu dedo e

lá está: o nome do maldito escrito elegantemente.

Por um momento, quero ser criança e gritar que a aliança que está na mão dele é a que conta, e que essa, tem meu nome. Mas estou em choque. Isso tem que ser uma maldita piada. Uma brincadeira sem graça de Sebastian, só pode ser isso! Ele não está me traindo, não pode ser!

Um barulho na porta me traz de volta e ouço a voz de Sebastian.

— Vernee, o que está...

Ele corre até mim e me segura pelos ombros.

— Celina, amor, você está bem? Celina, fala comigo.

Eu o olho, quero chorar, mas não vou fazer isso. Não na frente dele. Espero que ele explique. Ele entende o que quero que ele faça, como sempre, pois segura minha mão e começa a explicar bem devagar, como se eu fosse uma criança com dificuldade para entender.

— Amor, eu posso explicar. Não é tão ruim quanto parece.

— Não tenta me enrolar, Sebastian. Essa mocreia magricela é sua noiva?

Ele responde “não” ao passo que ela responde “sim”.

— Que brincadeira é essa?

Ele abre a boca para falar, mas a mulherzinha se adianta.

— Somos noivos há dois anos.

Espero que Sebastian a desminta, mas ele está olhando para minha mala.

— Você veio morar comigo? — pergunta emocionado.

— Você ouviu o que ela disse?

— Ouvi. E posso explicar.

Afasto-me dele imediatamente.

— Como pode explicar? Isso é verdade?

— Não. É. Não é bem assim.

Não preciso ouvir mais nada. Saio batendo o pé e entro no primeiro lugar que vejo, o Porshe 911 de Sebastian. As lágrimas ameaçam sair, mas não vou fazer isso na frente deles. De jeito nenhum. Estou com tanta raiva que tremo e custo a conseguir ligar o carro. Quando finalmente o motor ganha vida, avisto Sebastian chamando meu nome e a magricela, Verme, com a mão no braço dele, como que pedindo para que ele não vá atrás de mim.

— Experimenta não vir atrás de mim, Sebastian. — sussurro e sei como extravasar a minha raiva.

Acelero o carro diretamente na porta fechada da garagem. Ouço o grito dele, o grito dela e o barulho do carro amassando. Pronto! Estou me sentindo melhor agora. Dou a ré com o carro e acelero para longe desse traidor e seu *Verme* ambulante.

Chego em casa aos pedaços. Meu celular não para de tocar e o que mais me assusta é a dimensão da dor que estou sentindo. Quando eu peguei o Edmundo com a secretária achei que tivesse sofrido, mas isso, nem tem comparação. Estou me sentindo vazia, pela metade. E só o que vejo é o rosto de Sebastian quando pôs essa maldita aliança no meu dedo.

Penso em tirar a aliança nesse momento, embaixo do jato de água que me cobre, mas não tenho forças para isso. Deixo que a água escorra, quero derreter e escorrer com ela. Quero acordar e descobrir que foi mais um pesadelo, como aquele do Edmundo, e que Sebastian está na minha cama, sorrindo para mim e dizendo que me ama. Fecho os olhos e vislumbro isso.

Mas essa visão é substituída pela visão da Verme, e de Sebastian aparecendo na casa dele. E então uma coisa chama minha atenção, ele não ficou desesperado quando me viu ali, frente a frente com a “noiva” dele. Ele pareceu até emocionado por ver que minha mala estava ali. Mas não desmentiu o que ela disse. Alguma coisa não faz sentido. Não importa! Ele está lá com ela agora, sequer veio atrás de mim! Não importa se eu acabei com o carro importado dele, ele deveria vir atrás de mim!

É aí que a porta do banheiro abre e ele aparece. Respira fundo quando me vê e recosta-se na porta. Fica ali, me olhando. Permaneço como estou: parada embaixo da água, deixando minha raiva escorrer.

Sebastian se cansa da brincadeira primeiro que eu, pois pega uma toalha, desliga o chuveiro e me enrola nela.

— Você vai me ouvir agora!

Não digo nada. Quero brigar e ameaçá-lo, mas mais que isso. Quero que ele diga que é um mal entendido, que ela mentiu, que ele nunca me traiu.

Ele me arrasta até meu quarto e quando finalmente o olho, ele diz:

— É tudo um mal entendido, amor. Ela mentiu! As coisas não são como ela fez parecer. Eu fiquei tão bobo de ver que você finalmente foi morar comigo, que nem consegui raciocinar para te explicar direito. Mas eu nunca traí você. Você precisa entender isso, Celina! Desde que assumi um compromisso com você, foi somente você.

Respiro aliviada, quero chorar de novo e pular nos braços dele, mas ainda consigo perguntar.

— Como ela conseguiu aquela aliança com seu nome?

Ele faz uma careta e dou um passo para perto da minha penteadeira e longe dele.

— Eu dei a ela. Mas não foi agora, foi antes de...

Nem espero ele terminar de falar, arremesso o ferro de passar nele. Vejo que ele desvia por pouco e logo arremesso o pote de creme hidratante; esse o acerta

em cheio no ombro, ele geme e vem na minha direção, mas estou atirando tudo o que encontro pela frente.

Tudo o atinge, mas ele continua, até chegar a mim. Não há mais nada na penteadeira, então começo a bater nele. Com força. Dou socos conforme as lágrimas ardem, mas não quero derramá-las, quero que ele chore, não eu! Ele me deixa extravasar por um tempo, depois me puxa de encontro ao seu corpo e me aperta.

— Eu te amo. — ele diz.

— Você mentiu!

— Não menti, não amor! Por favor, me deixa explicar.

Engulo as lágrimas, tento me afastar, mas ele me segura mais firme. Então me joga na cama. Antes que eu consiga me levantar, ele junta minhas duas mãos e as amarra com a gravata que estava usando.

— O que está fazendo?

— Preciso que você me ouça! E preciso sair vivo dessa conversa, tenho um filho para criar e uma mulher descontrolada para domar.

— A culpa do meu descontrole é toda sua!

— Eu sei.

Ele amarra meus pulsos e amarra a gravata na cabeceira da cama. Isso faz com que a toalha escorregue e expõe meus seios. Sebastian para o movimento de se levantar da cama e fixa os olhos neles.

— Nem pensar, Sebastian! Conversa. Quero ouvir você, lembra? E é bom que tenha uma excelente explicação ou eu mato você.

Ele volta a si e se senta na cama. Tenta focar o olhar no meu rosto ao falar:

— O nome dela é Vernee Mathieu. Ela é uma modelo francesa...

— Uma modelo? Francesa? Isso só pode ser brincadeira!

— Me escuta! Não é isso que importa. O que você deve saber, em primeiro lugar, é que ela é filha de Nicolas Mathieu.

Só então ligo os sobrenomes dos dois. Não pode ser!

— Merda!

— Pois é.

— Então, você seduziu a filha do seu maior investidor para conseguir o que tem hoje.

— Meu Deus, Celina, claro que não! Não é nada disso. Eu dormi com ela, houve um escândalo e bem...

— Sebastian eu não estou entendendo nada.

— Vou ser mais claro então.

Ele puxa a toalha me deixando nua. Não entendo onde ele quer chegar com isso, mas antes de perguntar, sua mão está no meio das minhas pernas e o meu

corpo traiçoeiro reage imediatamente ao toque dele.

— Para com isso. — digo com dificuldade.

Mas ele não para. Continua movimentando os dedos no meu clitóris enquanto fala.

— Lembra da Jamille?

Só consigo gemer em resposta.

— Lembra que peguei a prima dela?

Gemo novamente.

— Vernee é a prima da Jamille.

Abro os olhos e começo a tentar chutá-lo, ele segura imediatamente minhas pernas, e enfia um dedo em mim. Isso me faz arquejar e me faz perder os movimentos raivosos.

— Não tenho um caso com ela. Foi uma noite apenas, acabou ali. Mas ela cismou comigo e vive me perseguindo e me ligando.

Alguma coisa na minha mente diz algo sobre ligações, mas não consigo pensar direito. Não quando dois dedos de Sebastian estão em movimento dentro de mim.

— Eu ia falar sobre isso com você hoje. — ele continua, o olhar fixo no meio das minhas pernas e a voz rouca — Mas não disse antes porque não tem importância. Ela não significa nada. Minha única mulher é você. Eu assumi você publicamente Celina, sabe que não faria isso se fosse noivo da filha do meu maior investidor.

Há coerência no que ele fala, mas não há coerência alguma em meus pensamentos. Quero dizer que entendo, mas na verdade, nem estou pensando, estou sentindo. Ele retira os dedos de mim e resmungo, mas logo sou preenchida pelo pau dele. Ele solta minhas mãos e volta a me penetrar e eu posso tocá-lo, arranhá-lo. Gemo mais alto, ele toma minha boca e me beija com voracidade. Seus movimentos são rápidos e fortes e logo nós dois gozamos e gritamos.

Ele se enrosca em mim enquanto eu passeio a mão pelo seu cabelo. Sentindo-me totalmente saciada, feliz, boba.

— Belo método de me fazer ouvir Sebastian, mas devo admitir que é um tremendo golpe baixo.

Ele dá uma gargalhada.

— Estou aprendendo como domar você, Celina. Essa é a melhor maneira, para nós dois.

Seguro o cabelo dele e puxo até que esteja olhando para mim.

— Sebastian, você jura pra mim que não está com ela?

— Eu juro amor, não tenho nada com ela. Com nenhuma outra mulher. Eu juro que no meu coração, na minha mente e no meu pau, só há você.

Abro um sorriso e o beijo.

— Desculpa pelo carro.

— Eu mereci.

— Mereceu mesmo! Você quase me matou de susto.

Ele me dá um beijo e diz:

— Eu sei, desculpa amor. Não vamos esconder mais nada a partir de agora. Mesmo as coisas mais insignificantes eu vou contar para você, para que não haja mais sustos.

Concordo com a cabeça e o beijo. É impressionante como minha raiva sumiu.

Ele se afasta e acaricia meus pulsos antes de dizer:

— Vem amor, vamos voltar pra casa.

E eu me deixo ser levada pelo meu amor, para aquela que será a nossa casa.

Capítulo 20

Sebastian

Preciso contar a ela a história toda, porque Vernee está na minha casa. Tenho que dizer, mas ela vai me matar. Ela não precisa saber, não precisa. Vamos chegar em casa, vou dar um jeito de tirar Vernee de lá e pronto, que se dane o pai dela. Que se dane a V.D.A.! Só não posso perder a Celina. Olho para ela que está calada, olhando a rua, o que quer dizer que está pensando. E não gosto quando fica quieta para fazer isso.

Resolvo mexer com ela. Pego sua mão com a aliança e a beijo. Ela me olha e sorri.

— Sebastian, eu não entendo uma coisa.

Merda.

— O que, amor?

— Por que a magricela está na sua casa?

— Não estará mais, vou tirá-la de lá.

— Ia te pedir para fazer isso. Eu reparei as malas dela, sei que pretende ficar lá. Mas não vou me sentir bem com outra mulher na sua casa. Ainda mais uma ex sua.

— Eu entendo. Vou tirá-la de lá.

Ela concorda e sei que estou agindo errado. Não é assim que as coisas devem ser entre nós. Ela quer confiar em mim, não posso começar nosso noivado com mentiras. Preciso contar toda a verdade.

Como contar isso de um jeito fácil? Não existe jeito fácil. Rezo para que ela esteja saciada e contente e não tente virar o carro. Diminuo a velocidade por precaução e fico mais perto das calçadas, para o caso de precisar parar o carro abruptamente.

— Então, há dois anos, quando eu traí a Jamille com a Vernee, foi um escândalo. Você sabe como Nicolas Mathieu é moralista?!

Ela assente, já bem atenta ao que estou falando. Ela sabe que vou dizer algo que não vai agradá-la.

— Ele queria deserdá-la, expulsá-la de casa e acabar com a V.D.A. – não digo mais nada, ela pensa um pouco, e deduz sozinha.

— E você fez alguma coisa que o fez perdoá-la, te perdoar e investir na V.D.A.? Sebastian, o que foi que você fez?

— Nada demais, amor. Ela inventou para o pai que estávamos noivos. Eu confirmei, ele acreditou, e foi embora do país feliz. Ela foi pouco depois e todo

mundo ficou feliz.

Ela não responde. Está quieta demais. Olho de relance e ela está me encarando.

— Isso é alguma piada?

Fico calado. Diminuo mais ainda a velocidade do carro. Deveríamos ter vindo de taxi, quem sabe assim ela ao menos esperaria descermos do carro para tentar me matar.

— Sebastian, você é noivo dessa mulher?

— Não, eu sou seu noivo. O noivado com ela foi uma mentira!

— Mas você deu a merda da aliança para ela, não deu?

— Fazia parte da mentira.

— E por que é que você nunca desmentiu isso?

— Porque achei que ela já teria encontrado outro e já estaria feliz e nem se lembrasse mais de mim.

— E enquanto isso você ia usando o dinheiro do pai dela como se ainda estivessem juntos, é isso?

— Parece muito errado com você falando assim.

— Porque é muito errado! Onde você está com a cabeça? Sebastian, meu Deus! É assim que quer que eu confie em você?

Merda, preferia que ela tivesse virado o volante do carro. Mas essa mágoa na voz dela é pior do que um acidente.

— Não, amor me escuta, não é assim. Ele tem retorno de tudo o que investe na V.D.A.

— Não importa! Por que ela está na sua casa com todas aquelas malas se vocês não tiveram mais contato?

— Eu não disse exatamente que não tivemos mais contato.

— Para o carro! — ela ordena.

Acelero o carro imediatamente. Não posso permitir que ela se afaste de mim agora.

— Celina, me escuta. Eram as ligações. Lembra da ligações? Esse foi o único contato que tivemos, juro que não a tinha visto até aquele dia em que ela apareceu lá em casa.

— E por que ela resolveu aparecer agora?

Merda. Deus me ajude. Não vou sair vivo dessa. Meu Deus, se ela virar o carro, não deixe nada de mal acontecer com ela, só comigo, por favor. Adeus vida, adeus Belo horizonte. Olho pela última vez para o movimento no centro da cidade e para o meio das minhas pernas. Adeus amigo, valeu por tudo. É por sua culpa que vou perder minha vida, mas valeu pelas alegrias.

Então finalmente a respondo:

— Porque o pai dela está vindo para o Brasil. — digo. Vamos Sebastian, seja homem e conte tudo de uma vez — Para o nosso casamento.

Espero um grito, que ela quebre o vidro, que me bata. Mas ela não faz nada. Não faz absolutamente nada. Olho para ela e está parada, como se estivesse em choque.

— Um raio não cai duas vezes. — ela sussurra.

Não sei o que quer dizer, mas não pode ser bom. Estou prestes a chamá-la quando ela diz:

— Pare a merda desse carro!

Há tanta raiva em sua voz, que paro. Celina e raiva são duas coisas perigosas quando andam juntas.

Ela abre a porta e desce. Eu desço imediatamente atrás dela.

— Celina, aonde vai? Amor, espera!

Saio correndo atrás dela. Pouco a frente está havendo uma blitz, avisto os carros de polícia e o movimento. Finalmente a alcanço e a seguro pelos ombros. Viro-a para que fique de frente para mim, mas ela não olha nos meus olhos. Não consigo saber o que está sentindo, nem o que está pensando.

— Celina. —chamo de novo.

Ela está calma, calma demais para a revelação que eu fiz. Ou está muito machucada e sem forças, ou está tramando alguma coisa. Só percebo que é a opção B, quando ela começa a gritar.

— Socorro! Socorro!

— O que está fazendo?

Ao invés de soltá-la, eu a aperto mais ainda. Um erro, claro. Em questão de segundos dois policiais se aproximam com armas em punhos. Celina começa a chorar e eu tento explicar.

— Ela é minha noiva.

— Mentira! Ele quer me agarrar!

— Tire as mãos dela e se afaste. — ordena o policial.

— Ela é minha noiva! —digo mais nervoso.

— Vou repetir pela última vez! Tire suas mãos dela ou eu atiro.

Faço o que ele manda. Olho para ela, mas ela não me olha de volta. Os policiais se aproximam, um deles vai até ela enquanto o outro segura meus braços para trás.

— Celina, eu sei que sou um imbecil, mas pelo amor de Deus, me perdoa! Eu não me importo se você quiser que eu seja preso, se quando eu sair da cadeia você já tiver me perdoado.

O policial quer rir e sei que estou sendo ridículo. Mas estou desesperado, porra!

— Celina, amor por favor! Vamos ter um filho. Celina você precisa falar comigo. Exploda, bata em mim, mas põe o que está sentindo para fora. Amor!

Finalmente ela me olha. Seu olhar é como uma lança me perfurando.

— Você quer que eu ponha a raiva que estou sentindo de você para fora? — pergunta baixinho.

Já não tenho certeza disso, mas confirmo com a cabeça. Ela respira fundo e tudo acontece muito rápido. Ela puxa o cassetete da cintura do guarda e parte para cima de mim. Acerta aquilo na minha cabeça, nos meus braços, no meio das minhas pernas. Não tento impedi-la. O policial se afasta e deixa que eu apanhe. Tudo está doendo, mas não importa. Ela chora enquanto me acerta.

Aos poucos, me aproximo. Quando consigo segurar seu braço, ela joga o cassetete no chão e chora. Eu a abraço, mas ela me empurra e se afasta.

— Você quer dar queixa contra ele, senhorita? — pergunta o policial para ela.

— Não, não precisa. — ela diz e sai andando.

Encaro os policiais para ver se estou liberado para ir atrás dela, e o que estava me segurando, diz:

— Vá homem, não vou prendê-lo! Essa mulher é louca. Você vai sofrer mais com ela do que na cadeia.

Quero acertar um soco nele, mas ele está certo. Minha amada maluquinha. Corro atrás dela.

Celina

Chego em casa e logo Sebastian chega atrás de mim. Ele não diz nada, tenta se aproximar, mas me afasto e ele entende que não o quero perto agora. Até a forma como ele sempre entende o que quero me irrita. Não acredito que fui enganada de novo. Mesmo que ele não tenha de fato ficado com ela, mentiu para mim. Isso é uma traição. Não importa quais foram as intenções dele ao não me dizer nada.

Entro para o quarto e digo para ele.

— Vá embora. Vai para casa. Não quero ver você agora, nem ouvir sua voz. Só vá embora.

— Você me disse que devemos crescer, que devemos parar de fugir dos problemas, lembra? Este é o momento de fazermos isso.

— Não venha me dar sermões a essa hora.

— Não estou te dando nenhum sermão, amor. Preciso que me diga o que está sentindo.

Isso é ridículo. Ele está todo machucado, eu estou machucada e não estamos chegando a lugar nenhum. Por um momento me questiono se vale a pena o risco de amar alguém como ele.

— Não venha atrás de mim, Sebastian. Quero ser pirracenta agora, quando eu estiver pronta para crescer, te procuro.

— Não vou sair daqui sem você, Celina! Eu não volto para casa sem você. Fique o tempo que quiser nesse quarto, mas eu estarei aqui quando precisar de mim.

Maldito! Quero bater nele de novo por agir como se fosse o melhor dos homens.

— Seu traste!

— Eu sei amor. Sei que você me odeia.

— Ah, você não faz nem ideia. Eu te odeio! Você não vale nada Sebastian, maldita hora em que me apaixonei por você.

Ele abaixa a cabeça e eu o empurro para fora do quarto e bato a porta, antes que diga coisas que nunca poderão ser esquecidas. Não sinto mais raiva, mas mágoa. O que é pior!

Pouco depois a Gil chega. Sei que é bem tarde. Imagino que Sebastian tenha ido embora, já que não ouvi nenhum barulho dele. Gil entra em meu quarto e senta na beirada da cama.

— O que houve Celina? Por que você está aqui acabada e o Sebastian está sentado na porta, acabado?

— Ele está aqui?

— A sombra dele está. Parece um fantasma. Como um cão de guarda vigiando sua porta. Mas me pediu para ver se você precisa comer. Disse que não come há horas.

— Ele me traiu. — digo.

Gil se levanta em choque.

— Impossível. Quando não está com você, está na V.D.A., não daria tempo.

— Não assim, ele mentiu. Ele tem uma noiva, Gil.

Ela fica confusa, mas depois uma expressão de entendimento surge em seu rosto.

— Está falando da Vernee?

— Você sabia sobre ela?

— Claro que sim. Achei que também soubesse, mas eles não são noivos. Foi uma mentira que ela inventou para se salvar e foi muito esperta fazendo o pai investir na empresa para prender o Sebastian. Mas eles não se veem há séculos. Ele nunca teve nada com ela.

— Ela está na casa dele agora.

— Então é por isso que o Cleber está tão nervoso. Celina, isso não é culpa do Sebastian. Quer dizer, foi quando ele traiu a namorada e tudo mais, mas ele caiu na armadilha dela. Eu sabia que um dia ela ia parecer para dar o bote.

— O que quer dizer?

— Você não vê? Ela fez o pai acreditar que eles estavam noivos e o fez investir pesado na empresa do Sebastian. Aí ela some e o deixa livre, mas, para todos os efeitos eles são noivos. Aí quando a empresa está prestes a fechar o maior negócio da vida do Sebastian, ela reaparece ameaçando acabar com isso. O que acha que ela espera?

— Que ele se case com ela?

— Claro! O que devo admitir, seria exatamente o que ele faria se não estivesse com você.

— Ele não seria tão burro.

— Sim, ele seria. A empresa dele depende disso. Mais do que isso, o trabalho de toda vida dos melhores amigos dele depende disso. Ele se sacrificaria sem pensar duas vezes. Sabe por que não está fazendo isso? Porque ele te ama.

Jogo-me na cama e cubro a cabeça com o travesseiro.

— Não defenda aquele pervertido. Não é isso que quero ouvir.

Ela puxa o travesseiro da minha mão.

— Não estou defendendo ele, e sim você e seu filho. Você vai mesmo ficar aqui se lamentando enquanto a *lambisgoia* está na sua casa vivendo no luxo?

— Eu não disse que faria isso! Na verdade, isso nem passou pela minha

cabeça.

Ela fica confusa.

— Como assim? Você não vai terminar com ele?

Eu vou matá-lo na primeira oportunidade, mas não. Não pretendo deixar que essa mulherzinha tome posse do que é meu. Sebastian é meu!

— Então por que estava aqui sozinha e com essa cara?

— Estou deixando que ele sofra um pouco. Gil, o que ele fez foi errado, ele mentiu. Mas eu no seu lugar faria o mesmo. Quer dizer, quem poderia imaginar que a louca ia parecer? Só que ele deveria ter me contado isso assim que ela apareceu, não depois de eu dar de cara com ela na casa dele.

— O que vai fazer?

— Estava aqui pensando em um jeito de castigá-lo. Já sei como vou fazer isso. Mas antes, preciso resolver outra coisa.

Levanto-me, dou um abraço nela e saio do quarto. Sebastian está andando de um lado para o outro. Está acabado. Seu rosto tem marcas e seus olhos estão inchados. Por um momento quero esquecer tudo e pular nos braços dele, mas não posso.

É nosso começo, preciso que ele aprenda agora. Preciso que entenda que se esconder as coisas de mim de novo terá consequências. Preciso podá-lo. Sei que isso parece ridículo, mas se não mostrar como deve se comportar desde agora, não conseguirei fazer isso depois. E se vamos mesmo fazer isso dar certo, preciso poder confiar nele.

Saio andando em direção à porta e ele me segue imediatamente.

— Celina, aonde vai?

— Aonde você acha? Vou tirar aquela mocreia da nossa casa.

Bato a porta ao sair, mas logo ele está atrás de mim. Corre até o carro e abre a porta para eu entrar. E vai cantarolando o caminho todo até sua casa.

Ah Sebastian, você não sabe o que o aguarda!

Sebastian

Ela não fala comigo, nem olha para mim em nenhum momento, mas está indo comigo, o que já é um grande, enorme, passo. Quando ela amaldiçoou a hora em que se apaixonou por mim, achei que a tivesse perdido para valer, ou que ela não voltaria nunca. Estava disposto a implorar se fosse preciso. Merda, não há o que eu não faria por ela. Eu a amo. Desesperadamente.

Sei que não pode ser tão fácil, que ela não vai simplesmente chegar na minha casa e agir como se eu não tivesse feito nada. Ela vai se vingar, tenho certeza. Mas não importa, pelo menos vai fazer isso na minha casa, debaixo do nosso teto, perto de mim. Estou disposto a aguentar as consequências.

Ela desce sem esperar que eu abra a porta e entra na casa como se morasse ali a vida toda. Não demora, Vernee aparece. Antes que eu possa dizer qualquer coisa, Celina abre um sorriso para ela.

— Você ainda está aqui? Por quê? — pergunta com uma falsa calma.

Vernee pisca os olhos confusa.

— Tenho um desfile na cidade no fim de semana.

— E eu com isso?

— Não tenho onde ficar. — responde Vernee e Celina lhe lança um olhar que me faria tremer se fosse direcionado a mim.

— Você a convidou para ficar aqui, amor? — pergunta olhando para mim.

— Eu não.

— Nem eu. Rua querida!

Vernee parece em choque e me olha esperando ajuda.

— Sebastian. Meu pai não vai ficar nada contente com isso.

— Não posso fazer nada. Ela é minha noiva, a casa é dela. Ela decide essas coisas de visita.

Vernee parece ainda mais nervosa enquanto Celina caminha elegantemente até as malas dela, que estão em um canto da sala e pega uma. Ela volta desfilando e joga a mala na varanda da frente. Vernee fica ainda mais em choque.

— Sebastian! — choraminga enquanto Celina vai buscar a outra mala.

Imediatamente vou ajudá-la, essa segunda mala é maior.

— Não posso fazer nada, Vernee. Nunca ouviu falar que ela é louca? Não posso ir contra ela.

Vernee então entra na frente da Celina, barrando que ela saia com a mala de mão.

— Eu posso até sair dessa casa, mas se fizer isso, não sairei sozinha. Vou

chamar toda a imprensa aqui e dizer que você me enganou esse tempo todo e está me expulsando da sua casa.

Eu não me importo com o escândalo que ela pode fazer. Não me importo mais se vai ou não manchar o nome da V.D.A., nem se o pai dela vai retirar o que investe. Que se dane! Eu me importo com a mulher que está calada ao meu lado fuzilando a Vernee com o olhar. E com o bebê que está crescendo no ventre dela.

Espero que a Celina pule em cima da Vernee e a expulse a tapas. Na verdade, até torço para que isso aconteça.

Mas, indo contra tudo o que conheço sobre ela, ela sorri para Vernee e diz com toda calma:

— Pode ficar até o tal desfile Verme, eu a convido.

— É Vernee.

— Tanto faz. — diz Celina dando de ombros e pega minha mão.

— Amor, podemos deitar agora?

Merda, merda, merda. Ela está apertando meus dedos, com força. Está nervosa e vai descontar em mim de novo.

Ela praticamente me arrasta escada acima até o meu quarto, e assim que entramos, vai até sua mala e tira de lá suas roupas. Entra na suíte e vai tomar um banho. Eu me sento na cama e fico ali, sem saber como agir. Sei que ela não convidou a Vernee de boa vontade, é claro. Está armando alguma coisa. O que me preocupa é se essa coisa que ela está armando também é direcionada contra mim.

Quando ela sai do banheiro com aquela camisola transparente, esqueço planos, vinganças, Vernee, esqueço até meu nome. Caminho até ela como um ímã atraído pelo outro. Mas, quando vou tocá-la, ela se afasta.

— Regra número um da nossa convivência: não toque em mim.

— Co-como? — gaguejo.

— Você ouviu. Regra número dois: não toque nela.

— Eu não pretendia fazer isso.

— Eu sei, mas é bom reforçar. Regra número três: se eu pegar você sozinho com ela em qualquer cômodo da casa, não me importa o motivo, vou matá-lo!

— Entendi. Quero distância dela. Agora venha aqui.

Eu a puxo para meus braços, mas ela se afasta rapidamente.

— Você não ouviu a regra número um? Não toque em mim.

— Celina, você não pode estar falando sério, acha que vou conseguir dormir na mesma cama que você e não tocá-la? Acha que sou capaz...

Ela põe a mão na minha boca me calando e parece prestar atenção em algo.

— Você ouviu? — pergunta sussurrando.

— O quê?

— Ela está no corredor. Quer saber o que estamos fazendo.

Vejo a sombra de um pé na porta e sei que Vernee está por ali. Antes que eu possa dizer qualquer coisa, Celina pula na cama, e faz com que a cabeceira bata na parede, o que provoca um estrondo.

— Ah! — ela geme. — Ah, Sebastian, mais forte.

— O que está fazendo? — sussurro.

— Gema também. — ela ordena.

— O quê?

— Ah, Sebastian, meu Deus.

Ela se levanta da cama e me acerta um chute na canela.

Ah! — grito.

— Isso mesmo, querido. Vai gemer sozinho ou precisa de ajuda?

Ela é louca. Quero rir da situação, mais do que isso, quero agarrá-la e fazer barulho de verdade para a Vernee escutar. Decido que a melhor forma de fazer isso, é entrando no jogo dela.

— Ah, Celina! Você é tão gostosa.

— Ah! — ela grita de volta, sobe em cima da cama e bate na parede.

Quero rir, ela também, porque põe a mão na boca e se controla.

— Ah Celina, eu te amo!

Quero que ela grite que me ama, mas ela faz uma careta percebendo meu jogo e me mostra o dedo do meio. Não aguento mais, puxo-a e a beijo, mas a maldita da Vernee escolhe essa hora para bater a porta em algum quarto do corredor e a Celina se afasta num pulo.

— Sebastian Vaughn, a próxima vez que tocar em mim sem minha permissão vai ficar sem essa mão pervertida!

Ela se joga na cama, vira para o lado e dorme. E eu fico ali, de pau duro, louco por ela, sem saber o que fazer.

Essa é a terceira noite em que a Celina não me deixa tocá-la. Estou enlouquecendo, não aguento mais isso. Nesses últimos dias, ela conseguiu estragar três blusas da Vernee, a queimou com leite quente e prendeu o cabelo dela na fivela de um cinto.

Não sei como a Vernee ainda não foi embora. Eu já teria desistido! Não dá para ficar em uma guerra com a Celina, ela é terrível. O lado bom da presença da Vernee, é que sempre que ela está por perto, a Celina vira outra. Ela me beija, me abraça, diz que me ama. Sei que é só para irritar a Vernee, mas sempre me aproveito desses momentos. Com tudo isso, meu humor anda péssimo.

Ontem à noite, quase a agarrei de novo, na verdade, eu fiz isso. Esperei ela sair do banho e a agarrei, ainda de toalha. Consegui um beijo delicioso antes de ela afastar minha cabeça da dela pelos cabelos. Mas estava rindo, o que já é um

começo.

— Celina! — choraminguei — Quanto tempo mais essa regra vai durar?

— Vai durar até minha alma ficar totalmente livre do rancor que sinto por você nesse momento.

Merda.

— Você só pode estar querendo me matar!

— Há uma mulher louca para abrir as pernas pra você no quarto ao lado, Sebastian. Quer ir até lá?

Então foi minha vez de abrir um sorriso.

— Não senhora, esse meninão em pé aqui tem dona. É só dentro dela que ele vai entrar. É uma pena que a dona dele está de greve.

Isso a fez dar gargalhadas. Mas depois ela deitou na cama e dormiu. Dez a zero para a maldita.

Essa noite, Celina parece mais calma, ela não provocou a Vernee no jantar, não a machucou de maneira nenhuma, nem fez piadas com o nome dela, como vinha fazendo nos outros dias. Alguma coisa está errada.

Quando vamos nos deitar, ela diz:

— Amanhã tenho uma ultrassom. Mas é no horário de uma reunião sua. Você não vai poder ir.

Olho para ela imediatamente.

— Ultrassom? Quer dizer que dá para ver o bebê?

— Acho que não. Mas dá para ouvir o coração dele bater.

— Eu vou.

Ela sorri e volta a olhar para o teto. Tento tocar sua mão, mas ela a afasta. Resolvo tomar um banho. Saio do banheiro seminu, pingando água, mas ela sequer me olha. Jogo-me ao seu lado na cama e deixo minha perna encostar na dela. Ela não a afasta, mas não reage de maneira nenhuma.

A Celina que eu conheço teria pulado em cima de mim por muito menos. Será que os hormônios da gravidez dela não a estão enlouquecendo mais? As horas passam e não consigo dormir. E fico me perguntando por que não contei antes sobre a Vernee? Por que esperei que ela descobrisse sozinha? Merda! Nunca mais escondo nada da Celina.

Estamos deitados, lado a lado, mas ela não me deixa tocá-la. Estou enlouquecendo por isso. Preciso tocá-la, nem que seja só a sua mão. Eu queimo por ela e ela parece nem se abalar. Estou aprendendo com essa convivência com a Celina, que ela é ótima em esconder o que sente, sua cara de paisagem é profissional. Mas nesse momento ela não está com a respiração acelerada, nem inquieta, como fica quando está excitada. Merda.

Roço meu dedo pelo braço dela, sei que a estou irritando com tantas tentativas vãs e então começo a falar do bebê, isso sempre a acalma.

— Você já pensou em algum nome para o bebê?

— Ainda não. Ainda não sei se é menino ou menina.

Dá certo, ela não me manda não tocar nela.

— Quero ajudar a escolher.

— Eu sei Sebastian, não fiz esse bebê sozinha. Estava pensando, se for uma menina, queria homenagear alguém. Alguém que admiramos.

Penso muito e não chego a ninguém que admiramos em comum.

— Se for menino pode chamar Sebastian Júnior.

Finalmente ela me olha. Não, ela me fuzila com o olhar.

— Nunca! Meu filho jamais vai pagar esse mico. Peço a Deus todos os dias que ele não seja como eu, mas um nome desses é como assinar uma sentença.

Começo a rir. Pego sua mão e a aperto. Estou com saudade do contato, do calor dela. Do número de vezes que ela goza agora que está grávida.

— Como se chamava sua mãe? — ela pergunta.

— Nathalia, por quê?

— Um belo nome. — ela diz.

Olho para ela meio em choque. Será que ela está pensando em colocar o nome da minha mãe em nossa filha? Se for uma menina, claro. Mas só a ideia de ela fazer isso já me faz sentir aquela coisa estranha no peito e no estômago. Penso em prender os seus braços e beijá-la, mas ela tem a mão pesada e sei que iria usá-la em mim se eu encostar meus lábios nela, assim que tiver a mão livre.

— Você já pensou em algum nome de menina? — pergunto.

Espero pela resposta, mas ela está quieta, lambendo os beiços, com os olhos arregalados.

— Celina?

— Melancia. — ela diz de repente.

— O quê? Celina, não acho que esse seja um nome...

— Não, seu imbecil! Preciso comer uma melancia. Estou com desejo.

— Merda.

Levanto-me correndo e vou até a cozinha. Vernee está sentada na sala e me segue quando eu passo. Onde tem uma melancia? Onde? Reviro a geladeira, a despensa, a fruteira. Não tem uma maldita melancia nessa casa? Já li na internet sobre esses desejos de grávida, e não quero que minha filha nasça parecida com uma melancia.

— O que houve, Sebastian? A louca te expulsou do quarto?

Nem tenho tempo para brigar.

— Você sabe onde acho uma melancia?

— À essa hora? Esquece.

— Eu vou achar.

Digo e saio correndo do jeito que estou, apenas com uma cueca samba canção, e entro no carro. Rodo o bairro todo e nada está aberto. Passam duas horas e nada de achar a melancia, mas não vou voltar para casa sem ela. É o primeiro desejo da Celina, preciso ser um pai melhor do que isso.

Passo a madrugada rodando bairros à procura da melancia. Finalmente vejo uma luz acesa dentro de um hipermercado. Desço do carro e quase arrombo a porta. Um funcionário todo de branco abre a portinha lateral com cara de poucos amigos.

— Amigo, preciso de uma melancia.

Ele me olha como se eu fosse louco.

— Minha esposa está grávida, e está com desejo.

Ele assente e começa a rir.

— Claro, sinto muito, mas o mercado não abre agora e não posso deixar você entrar para procurar.

Tiro três notas de cem e mostro a ele.

— É uma emergência.

Ele me olha, vê que estou apenas de cueca e assente.

Chego em casa correndo e entro depressa no quarto esperando encontrar uma Celina irritada e com algo na mão para atirar em mim, mas a maldita está dormindo. Seu cabelo negro está espalhado pelo travesseiro e ela parece inquieta. Murmura algumas coisas e parece resmungar. Toco seu rosto bem devagar para não acordá-la.

— Ah Celina, mesmo dormindo tem que resmungar?

Volto à cozinha e guardo a melancia na geladeira. Então me junto a Celina na cama. Eu mal termino de colocar minha mão na sua barriga e ela chama meu nome e se aconchega a mim. Sinto-me o homem mais feliz do mundo. Eu a amo.

Quando acordo, ela está sentada na bancada da cozinha, toda molhada, descabelada, a camisola com uma enorme mancha vermelha, devorando a melancia. Não há outra palavra para descrever o que ela está fazendo, não está comendo aquilo civilizadamente.

Aproximo-me cauteloso, mas ela sorri. Então me aproximo e a beijo, e ela corresponde. Sei que é porque Vernee está ali horrorizada pelo modo como ela está comendo.

— Me desculpe não ter chegado a tempo. — digo.

Ela aperta minha mão e pelo olhar que me dá, sei que o que ela diz não é para irritar Vernee.

— Você foi ótimo, Sebastian. Eu te amo.

Capítulo 21

Celina

Sebastian fica como um bobo quando ouve o coração do bebê. Ele aperta minha mão e posso ver como está maravilhado. Percebo nesse momento que não poderia ter escolhido um pai melhor. Quando saímos do consultório ele quer comprar tudo de bebê que vê pela frente, e eu preciso lembrá-lo a todo momento que não sabemos o sexo da criança. O tempo todo ele me beija e me agradece, e finjo que esqueci da regra número um, pois também não sei como agradecê-lo por isso.

Chegamos em casa com as mãos cheias de sacolas e coisas que não consegui impedi-lo de comprar, e assim que vejo a Verme esticada no sofá como se a casa fosse dela, a regra número um volta com tudo. Ao chegarmos, ela se aproxima, e assim que vê o urso enorme nos meus braços e as bolsas de bebê nos braços de Sebastian, estaca.

— Por que compraram tudo isso? Vão a algum chá de bebê?

Sebastian não contou a ela. Presto bastante atenção na expressão dela quando ele abre um sorriso enorme e diz todo orgulhoso:

— Não, é para o nosso filho. Não sabemos se é menino ou menina, mas as coisas que compramos dá para usar nos dois sexos.

Ele tira um macacão da sacola e mostra a ela.

— Olha que lindo!

Ela está em choque! Está com os olhos arregalados enquanto Sebastian fala animado sobre o bebê. Sinto pena dela, por seu plano de amarrar o Sebastian ter ido por água abaixo. Mentira! Não sinto não, quero muito rir. Mas sei que é feio rir da tristeza do outro, mesmo que esse “outro” seja uma mocreia que quer roubar meu noivo.

Digo a Sebastian que estou cansada e subo para o nosso quarto. Reparou que o deixei sozinho com ela? Pois é, tomara que ele fale do bebê por horas, como está fazendo desde que saímos da clínica, e que ela entenda de um vez por todas que perdeu. Ainda bem que o tal desfile está chegando, não aguento mais essa mulherzinha em casa.

Sebastian ainda está falando do bebê quando vamos nos deitar. Fico olhando para ele e rindo como uma boba, é notável sua felicidade. Eu o vi ligar para o Matheus pelo menos três vezes para falar do filho. Decidi que se for uma menina terá o nome da mãe dele. E se for um menino, ele escolhe o nome, desde que não venha com essa de Sebastian Júnior, isso nunca!

Ele para de falar de repente e noto que está olhando meu decote. Mexo-me, como que espreguiçando para mostrar mais dos seios e o vejo engolir em seco. Vou ser sincera, esse negócio de regra número um está acabando comigo. Acho que estou sendo mais afetada do que ele. Estou subindo pelas paredes, ficando desesperada e muitas vezes quase o agarro enquanto ele dorme.

Eu o amo muito, mas é tão difícil essa coisa de relacionamentos, de confiar em uma pessoa mesmo depois que ela te machuca! Porque todo mundo que você ama vai te machucar em algum momento, e você precisa ser a pessoa que vai saber amar apesar disso, ou então será a pessoa que irá perder um amor por não saber superar. Eu não sei superar. Todo mundo me traiu em algum momento. Quero conseguir isso com o Sebastian, porque o amo, porque vamos ter um filho. Apesar de tudo, ele é a melhor coisa que aconteceu na minha vida: me entende como ninguém, e me aceita como sou. Ele não tem medo da minha forma de encarar a dor, não tem medo das minhas crises, nem dos meus piores dias. Por isso sei que estará sempre aqui, já o assustei demais e mesmo assim ele não desistiu.

Não era assim com o Edmundo, eu não podia ser quem sou com ele. Sempre aceitava tudo calada e acho que acumulei por tanto tempo as pequenas mágoas, que chegou o momento em que não o suportei mais. Não quero isso com o Sebastian; prefiro explodir, gritar, atirar coisas e esquecer isso no dia seguinte.

Estou perdida em pensamentos quando ele me toca, passa levemente o dedo pelo meu braço, e segura minha mão. Meu corpo todo acorda com o seu toque, mas não sei se é o momento de acabar com a regra. Ele ainda não tirou a Verme da casa, ele é quem tem que fazer isso. Ou eu a faço sair por vontade própria.

Resolvo ser forte e afasto a mão. Mas ele toca meu cabelo.

— Sebastian, não me toque.

— É só o seu cabelo. — ele diz com aquela voz rouca e tenho que me controlar para a minha voz sair normal.

— O cabelo faz parte do meu corpo. Não toque em nada que é meu.

Ele bufa e afasta a mão. Fecho os olhos e peço forças, mas estou quase pulando em cima dele. É aí que ouço um barulho, abro bem os olhos e ele está acariciando o pau. Pisco os olhos para ter certeza que não é uma alucinação, mas não é. Ele está deitado ao meu lado na cama, acariciado o pau duro. Merda!

— Sebastian! — grito.

— O que foi? Não estou tocando em nada seu.

— É claro que está! Meu menino! Minha propriedade! Tire logo suas mãos daí!

Ele me olha surpreso e logo um sorriso malicioso surge em seu rosto.

— Isso é seu?

— Você sabe que sim.

— Bem, se isso é seu, algo aí é meu.

Quero sorrir, mas não posso. Preciso ser mais forte, preciso ser mais forte...

— Eu sei. Mas isso que está na sua mão agora é meu menino, não quero que fique acariciando ele assim.

— Sem problemas, amor. Eu prefiro mil vezes acariciar o que é meu.

Ele vem pra cima de mim e eu desvio por pouco, me levantando. Mas vejo pelo seu olhar que não dá para fugir: dessa vez ele está no limite. Hora de acabar com essa regra; ele já foi punido, eu fui punida, nossos meninos foram punidos, é hora de matar a saudade.

— Vem aqui Celina. — ele diz com a voz carregada.

Não é necessário que ele repita a ordem, pulo na cama e mal me equilibro, já estou em seus braços. Ele me vira de costas na cama e sua boca toma a minha. Ele me beija com tanta força, que sei que meus lábios ficarão inchados, mas não me importo.

— Eu te amo, sua peste! — ele sussurra — Sinto sua falta. A vida não é vida se eu não tiver você em meus braços.

— Estou aqui agora.

— E não vai se afastar nunca. Celina eu sei que sou um idiota, mas sou um idiota totalmente apaixonado por você. Por favor, não me castigue assim de novo. Prefiro que quebre meus ossos a ser privado de entrar em você. Você é meu lar. — ele sussurra antes de tomar minha boca de novo.

Ah como eu o amo!

É aí que acontece, alguém bate na porta. Nós ignoramos no começo, e continuamos nos beijando, mas aquele clima de fogo já não existe mais. A voz esganiçada da Verme fere nossos ouvidos.

— Sebastian! Preciso de ajuda!

É sério, não é por ela ser ex do Sebastian, mas essa voz deveria ser proibida!

— Pelo amor de Deus, Sebastian. Vá ver o que ela quer antes que meus tímpanos estourem.

Ele sai resmungando e vou imediatamente atrás.

— O que foi? — diz irritado.

Noto que ela repara a ereção dele, repara muito, aliás. Estou quase enfiando os dedos nos olhos dela, quando ela diz:

— Tem uma barata no meu quarto.

Posso enfiar os dedos nos olhos dela agora?

— Não acredito! — reclamo — Você acabou com nosso sexo por causa de uma barata?

Ela faz uma careta e abre a boca, mas antes de ouvir sua voz esganiçada, já

vou falando para Sebastian.

— Sebastian, vá tirar a merda da barata do quarto dela logo porque temos que continuar.

Ele sorri e vai ao quarto, ela vai atrás e eu também. Os dois sozinhos no quarto dela? Nem pensar! A barata está ali, miudinha e quieta no tapete, e não sei por que essa lambisgoia está dando esse ataque. É aí que Sebastian se aproxima para matá-la e a bicha voa. Verme dá um grito e se esconde atrás de mim e até Sebastian dá um pulo para trás.

Quero rir. Lembro de minha mãe dizendo que a masculinidade morre quando a barata voa. Sebastian fica desconcertado procurando por ela, e as unhas afiadas da Verme estão quase perfurando meus braços. Decido acabar logo com isso. Pego uma folha em cima da penteadeira e a coloco próximo a barata, que anda até ela.

— Meu contrato! Sebastian, ela sujou meu contrato! — reclama Verme.

Perco a paciência, vou com o papel na direção dela, que começa a gritar e pular feito uma louca.

— E depois a louca sou eu.

Sebastian me olha segurando um sorriso e saio do quarto com a bichinha, que apelido de Vernee e abro a janela para soltá-la.

— Vá Vernee, você não é bem vinda nessa casa. Adeus. — digo bem alto para que a Verme escute e ouço a crise que ela dá com Sebastian.

Mas logo Sebastian está fechando a porta e vem na minha direção. Só que eu não estou mais no clima. Claro que a lambisgoia fez isso só para nos atrapalhar, e isso não vai ficar assim. O primeiro a pagar será Sebastian, por não ser homem para expulsar essa mulher de casa.

Entro no quarto e me jogo na cama, me cubro e apago a luz.

— Mas o que...

— Quero dormir. — corto o que quer que ele ia dizer.

Ele anda a passos largos e acende a luz.

— Não vai dormir não! Você vai tirar a camisola e vai fazer amor comigo.

Sento-me na cama assustada. Ele está aos berros.

— Não vou! Não quero mais. Temos uma regra...

— Dane-se esse negócio de regras. Vê isso aqui? — ele diz apontando para o pau acordado — Você diz que é seu mas não cuida direito.

— Sebastian...

— Sebastian nada! Não quero saber o que fiz, onde errei nem da sua alma vingativa! Não quero ouvir a palavra regra nessa casa nunca mais. Tira a camisola agora ou eu vou rasgá-la!

Ele está possesso, e acho que nunca estive tão sexy.

— Não acredito que gritou comigo. — digo.

— Ah sim, eu gritei. E vou agarrá-la e lhe dar uma surra se não estiver nua em um minuto.

Eu não disse que ele estava no limite? Conheço meu homem. Ele começa a contar e rapidamente me levanto e tiro a camisola, toda desajeitada pela cabeça. Mal termino de tirá-la ele já está nu em cima de mim. Prende-me na cama com os braços acima da minha cabeça e me olha.

— Onde estávamos? Ah sim, diz que me ama.

— Mas que merda é essa?

— Diga, Celina! Não teste mais minha paciência. Se eu tiver que arrancar isso da sua boca vou fazê-la repetir a noite inteira.

Não sei o que é melhor, dizer que o amo agora e acabar com a aflição dele, ou deixar que ele me convença a falar isso a noite toda. Antes de tomar uma decisão ele chupa meu seio com força e morde. Sei que vai ficar uma marca, mas é tão gostoso que me contorço toda embaixo dele.

— Você vai dizer ou eu vou ter que marcar cada pedaço do seu corpo?

— Ah, essa é uma oferta tentadora.

Ele sorri e segura minha cabeça.

— Diga! — ordena.

— Não sou o tipo de mulher que recebe ordens. Não vá achando que pode agir como se eu fosse sua empregada.

Ele fecha os olhos e se prepara para mais uma bronca, quando digo.

— Eu te amo.

Ele arregala os olhos e abre um sorriso enorme.

— Achei que você nunca mais fosse dizer isso, nua embaixo de mim.

— Eu também.

Então ele me beija. Devora meus lábios, passeia as mãos pelas minhas pernas e as crava abaixo da minha bunda. Passo as pernas por sua cintura e ele se ergue, me levando em seu colo. Não tira a boca da minha. Nem mesmo quando me penetra lentamente. Quase gozo só por senti-lo, fazia tanto tempo!

— A próxima vez que você fizer greve de sexo eu juro que a amarro em uma cama e a deixo louca, Celina.

— Nunca mais vou fazer greve de sexo. Eu sofri mais do que você.

— Não sofreu não. Não sofreu mesmo. — ele diz e volta a me beijar e quando se movimenta dentro de mim de novo eu gozo.

Ele ri e volta a me penetrar, com mais força me levantando e abaixando com pressa. Estou gritando feito louca, faz muito tempo, tempo demais, preciso tê-lo cada vez mais. Agarro seus cabelos e mordo seu pescoço quando o segundo orgasmo me atinge. E continuamos assim a noite toda.

Quando acordo Sebastian está no banho e estou faminta. Sei que fizemos muito barulho ontem à noite, por isso, quando avisto a Verme na bancada da cozinha, começo a andar com as pernas abertas e as mãos nas costas, gemendo.

— Ai, o Sebastian não pegou leve.

Vejo que ela arregala os olhos e me seguro para não rir.

— Bom dia, Verme.

Ela bufa e não me corrige, já desistiu. Pego um copo de suco, uma fatia de queijo, alguns pães, geleia de amora, um croissant, e a faca. Sento com aquilo, abro os pães e misturo o queijo, a geleia e os pedaços do croissant. Fecho o pão contente e mordo.

Verme quase engasga e Lia, a cozinheira elogia meu apetite. Essas comidas esquisitas ainda vão me enlouquecer. Como no mais absoluto silêncio, já que minha boca está lotada. Mas a Verme, é claro, quebra minha paz com aquela voz esganiçada dela. Já falei que a odeio? Não? Que isso fique bem claro então. Eu queria que um raio caísse na cadeira em que ela está sentada e a partisse em duas. Uma parte de Verme tostada para cada lado. Começo a rir, quando ela fecha a cara e presto atenção ao que está falando.

— O Sebastian disse que eu estava linda hoje de manhã.

— É, ele tem esse hábito de mentir pela manhã.

Ela faz uma careta e continua.

— Quando estávamos juntos, ele era insaciável, transávamos a cada hora.

Ela fala isso tão alto, que até a cozinheira faz uma careta.

— Hum, e ele amordaçava sua boca, eu imagino. Porque pau nenhum sobrevive com essa voz.

Ela fica vermelha como um tomate e me dou conta que Sebastian realmente a amordaçou. Perverso! Não vale nada mesmo!

— Eu o convidei para ir a Paris comigo.

— É mesmo? Que bom! Sabe que com esse negócio de gravidez, meus hormônios estão tão alterados, que ando com vontade de ver sangue. E acredita que uma mulherzinha qualquer convidando meu noivo para viajar me fez querer mais ainda ver sangue?

Pego a faca de pão e a mocreia sai correndo. Então Lia e eu temos uma crise de riso.

Pouco depois Sebastian aparece e vem direto até mim, me puxa da cadeira em seus braços e me beija.

— Bom dia meu amor, você está linda! Eu te amo. — e me beija de novo.

Nossa, será que se não existisse a Verme e não tivéssemos brigado, seria assim nossa convivência todos os dias? Uma garota pode se acostumar com isso, com um “deus” desses a beijando, elogiando e dizendo que a ama. Sorrio como

uma boba, me penduro nele e avisto a Verme nos olhando do canto da porta. Preciso tirá-la urgentemente dessa casa.

Mal me sento à minha mesa, Cleber aparece.

— Bom dia Celina.

— Dia. — respondo.

— Posso falar com você um minuto?

Lá vem problemas.

— O que foi?

— Sei que não tenho nada a ver com seu relacionamento e que o Sebastian é um idiota que faz muitas merdas, mas pelo amor de Deus, faça as pazes com o homem. Não estou criticando sua greve, não é isso, você sabe melhor do que ninguém como domá-lo, mas quem aguenta as consequências, minha querida Celina, somos nós. Matheus e eu. Ele anda insuportável. Chato mesmo! Pior do que sempre foi.

Começo a rir enquanto ele reclama de Sebastian.

— Não entendo o que você tem que o fez se apaixonar desse jeito, mas Celina, amor é uma coisa perigosa. Credo! O Sebastian virou outro. É seu capacho!

— Ei, não fale assim! Ele me dá muito trabalho e é muito bem recompensado por tudo que faz por mim.

Ele faz uma careta.

— Não tem sexo no mundo que me faça mudar assim por causa de uma mulher.

— Sabe Cleber, eu ainda vou rir muito da sua cara quando estiver apaixonado. Apaixonado mesmo, bem de quatro, por uma mulher.

Ele bate na madeira e isola.

— Cruz cerdo! Pare de me rogar pragas. O assunto aqui é o Vaughn e sua chatice ambulante por falta da sua xoxota mágica.

Antes que eu possa perguntar o que ele quer dizer, Sebastian aparece sorridente, dá um abraço em Cleber, me beija, diz que me ama e estende para Cleber a ultrassom que eu fiz.

— Está vendo esse ponto pequenino aqui? É meu filho.

Cleber pega a ultrassom, a analisa e abre um sorriso.

— Cara! Só não vou dizer que está muito gay fazendo isso, porque realmente é bonitinho. Como pode ser tão pequeno?

— É pequeno, mas já dá para ver o pau.

— Você não quer uma menina?

— Sim, estou falando no caso de ser um menino...

Os dois saem da minha sala e acho que nunca me senti tão feliz na vida.

Sebastian

Não me lembro de já ter estado com humor melhor do que hoje. Nem de já ter estado tão feliz assim. Está vendo como a Celina, mesmo sendo louca às vezes, consegue me fazer feliz? Eu sei, isso foi brega pra caralho, mas foda-se estou mesmo feliz. Depois de mostrar a foto do meu filho para o prédio todo, retorno à minha sala animado, mas encontro um Cleber agitado à minha espera.

— Sebastian! Muito lindo seu filho, parabéns, você vai ser pai. Mas onde diabos você estava? Há um trabalho aqui que precisa ser feito se você quiser sustentar essa criança.

De onde saiu tanto mau humor?

— O que eu perdi?

— Uma reunião com Nicolas Mathieu.

— Ele está aqui? Merda.

Cleber está estranho, parece ansioso e irritado.

— O que há com você?

— Nada, homem! Vamos procurar Nicolas.

— Você falou com o Edmundo ontem?

— Edmundo, por que eualaria com o Pinto Pequeno?

— Você não disse que ia dar uma lição nele por ter te desobedecido?

Ele faz uma careta e diz desanimado:

— Não cheguei ao andar dele. Encontrei uma pedra no meio do caminho.

— Uma o quê?

Antes de ele me responder, Matheus aparece vermelho e respirando com dificuldade.

— Ele sumiu! O homem sumiu! Temos que achá-lo.

E lá vamos nós, três marmanjos, a procura do velho rico que banca nossa vida luxuosa. Mentira, não é assim, mas ele banca uma boa parte dela. Rodamos a empresa toda, descemos três vezes em cada andar, e nem sinal do velho. Quando já estamos desesperados, e desistimos, prestes a chamar a polícia, quem avistamos? O próprio. Nicolas Mathieu está sentado na cantina, com um copo descartável de café, mas pior do que isso é quem está à sua frente. De todas as pessoas no mundo, ele está conversando justamente com a Celina.

— Porra! — diz Cleber. — Me diz que vocês fizeram as pazes ou já podemos fechar as portas.

— Nós fizemos as pazes. Mas é a Celina. Nunca se sabe o que ela vai aprontar.

— Quão rancorosa a Celina é? — pergunta Cleber.

— O bastante.

— Porra!

— O que vamos fazer?

É Matheus que interrompe nosso diálogo e diz passando por nós.

— A Celina é vingativa, mas não é burra. Ela trabalhou duro nesse projeto, você sabe disso melhor do que ninguém Sebastian, não vai colocar tudo a perder.

Ele está certo. Claro que está. Ela é a mulher mais inteligente que eu conheço. Cleber faz uma careta quando digo isso em voz alta.

— E a mais vingativa.

É aí que Nicolas dá uma gargalhada. Nós nos aproximamos e ele me abraça todo animado.

— Vaughn, como vai meu futuro genro?

Encaro a Celina que cerra os punhos e respira fundo. Ela não disse. Não contou a ele. E só posso imaginar como deve ter se segurado. Meu Deus, como eu amo essa mulher!

À tarde com Nicolas foi terrível. Tentamos mostrar a ele as ações da V.D.A. que dobraram de preço e o projeto dos hotéis internacionais, mas ele só sabia falar do casamento e de como a mãe da Vernee está contente por finalmente pararmos de enrolar. E a Celina está certa, isso é errado. Não importa o lucro que ele está tendo, não posso continuar com isso.

Assim que ele vai embora, Matheus me encara e diz:

— Conte a ele. Se ele retirar seu dinheiro, o problema é dele. Está lucrando muito também, diga logo a verdade, mande ele e a filha maluca de volta para Paris.

— Vou fazer isso.

Chego em casa e imediatamente procuro por Celina. Mas ela não está em lugar nenhum. Quando pego meu celular para ligar para ela, vejo sua mensagem:

Celina: *Sorvete com a Gil. Não vou demorar. Quero meu menino acordado quando eu chegar. Te amo seu estúpido.*

Imediatamente respondo:

Sebastian: *Também te amo sua safada. Seu menino já está acordado. Ele acorda só à menção do seu nome, Célie.*

Em seguida ela responde:

Celina: *Imbecil. Só por causa disso não terá minha língua ávida hoje, Sebs.*

Sebs? Que merda é essa?

Sebastian: *Não gostei do apelido.*

Celina: *Desculpe, não o chamo mais assim Sebs.*

Maldita. Sei que vou pagar por chamá-la de Célie. Mas Célie é aceitável, Sebs parece apelido de guerra de traveco. NÃO ME CHAME ASSIM!

Sebastian: *Vou fazer vc gritar SEBASTIAN bem alto a noite toda.*

Ela responde:

Celina: *Estou contando com isso.*

Sebastian: *Te encontro na banheira quando chegar, CELINA.*

Celina: *Ok, banheira + Sebs = noite perfeita.*

Sebs de novo? Tem como desenhar um palavrão nesse teclado?

Estou relaxado na banheira quando ela chega.

— Adivinha quem está acordado e louco por sua boca ávida, amor? — digo e quando olho para Celina, não é ela ali, e sim Vernee.

— Mais que merda!

Puxo a espuma para cobrir meu pau em pé e a fuzilo com o olhar.

— Sai daqui agora mesmo! —ordeno.

Mas, ao invés de sair, a maldita se aproxima e se joga na banheira com roupa e tudo. Imediatamente eu me levanto, uso as duas mãos para cobrir meu pau. E quando olho para a porta me preparando para correr. Ela está ali: Celina.

Espero que ela grite, me bata com a bolsa, arremesse o enfeite de vidro da pia em mim, mas ela não faz absolutamente nada. Olha para Vernee de uma forma que faria qualquer um sair correndo. Esta se levanta da banheira escorregando com a água e me encara, pedindo proteção, mas estou com vontade de matá-la. Não sei o que está esperando para sair.

Celina então diz com aparente calma na voz:

— Vai sair sozinha ou vou ter que tirá-la?

Vernee sai depressa, escorregando e desaparece. Já falei que estou com vontade de matá-la?

Olho para Celina e tento ir até ela, mas ela levanta as mãos para que eu pare e diz:

— Agora não.

Então vai para o quarto. Mas eu a sigo. O que acabou de acontecer aqui? Ela me pegou nu, na banheira com Vernee e não vai fazer nada? Será que não sente nem um pouco de ciúme de mim?

— Celina.

— Agora não, Sebastian!

— Agora sim! Que merda! Você não vai fazer nada?

Ela me fuzila com o olhar.

— E o que você quer que eu faça?

— Reaja! Sinta ciúme de mim! Se importe por me encontrar nu no banheiro com outra! Que merda, Celina! Sinta ciúme ao menos uma vez! – Ela parece em choque, joga a bolsa no chão e se aproxima de mim.

— Você acha que eu não sinto ciúme de você? Acha que eu não me importo?

Então ela pula em mim e começa a socar meu peito. Está com raiva.

— Seu safado, estúpido, pervertido, idiota! Eu morro de ciúme de você! Estou me controlando agora para não matar aquela lambisgoia a tesouradas. E você acha que eu não tenho ciúme?

Ela respira, descansa um pouco e depois recomeça a me bater e falar:

— Eu quase saí aos tapas com a Mônica no banheiro da empresa, mudei para sua casa quando soube que a Vernee estava aqui. Eu chorei como uma louca quando te vi com a Lorena e você acha que eu não tenho ciúme?

Eu seguro as mãos dela e a puxo para meus braços.

— Eu te amo, Celina.

— Não venha me adular! — ela diz se afastando — Sebastian, eu te amo! Mas é tão difícil ter paz com você! Você precisa tirar a Verne dessa casa! Precisa dar um jeito nisso!

— Eu sei, vou tirá-la. O desfile é amanhã. Prometo que amanhã mesmo ela vai embora.

Ela concorda, se aproxima e enfia a mão em meus cabelos. Então puxa minha boca de encontro à dela. Imediatamente a abraço e a arrasto para o banheiro. Ela para de me beijar e diz:

— Se você me levar para essa água contaminada eu juro que mato você!

— Nem pensei nisso. — digo tirando sua roupa.

Ela acaricia meu pau e gemo em seus lábios.

— Não aconteceu nada entre a Vernee e eu. Eu sequer a toquei.

— Eu sei, não sou tão idiota. Reparei que ela estava vestida, você estava cobrindo o pau e com cara de pintinho assustado.

Começo a rir e a beijo.

— E quando foi que reparou tudo isso?

— Assim que entrei. Sebs, uma mulher consegue analisar uma cena dessas nos mínimos detalhes em um segundo.

— Sebs? Eu vou te mostrar o Sebs!

Eu a prendo na parede, passo as pernas dela pela minha cintura e a torturo até ela gritar meu nome correto. SEBASTIAN!

Vernee está sentada na sala com cara de tédio quando me aproximo. Olha-me com um olhar esperançoso, mas ao ver a felicidade que anda pregada em meu rosto, essa esperança desmorona.

— Então, o que a louca aprontou dessa vez?

— Não fale assim dela. E a próxima vez que ficar em algum cômodo sozinha comigo irá embora dessa casa na mesma hora.

Ela pisca os olhos e tenta falar com a voz melosa, mas seu ganido ainda é de machucar os ouvidos.

— Sebastian! Não entendo o que viu nela. Admito que ela é bonita, mas é completamente louca! Pensa! Se você se casar comigo eu viverei em Paris, e você será livre, e ainda terá o dinheiro do meu pai. Mas se ficar com essa louca é provável que nem chegue aos trinta anos.

— Vernee, está claro que não nos amamos. Por que quer tanto se casar comigo?

— Amamos? Desde quando você se importa com amor? Estou te oferecendo o relacionamento perfeito! Papai está no meu pé. Vai cortar minha mesada se eu não me casar logo. Não quero um compromisso sério. Quero que esteja disponível para transarmos quando eu vier e que não se importe se eu for embora depois!

Se ela tivesse me feito essa proposta há quatro meses eu teria aceitado sem pensar duas vezes. Agora? Agora tenho a Celina, não quero mais nada além dela.

— Vernee, por que não vive com o dinheiro dos desfiles?

— Porque isso não é para sempre! Vou envelhecer e não conseguir mais emprego, e aí o que vou fazer? Não quero ter que economizar agora para ter dinheiro depois.

Ela se levanta e toca meus ombros.

— Sebastian, pense. É perfeito! Você pode até continuar com a louca se quiser, desde que eu seja a esposa oficial. Ou pode ser o Sebastian de sempre,

com várias mulheres e sem nenhuma responsabilidade.

É estranho como a oferta dela sequer mexe comigo. Quando penso em viver como antes, sem a Celina, sem o bebê que cresce nela, não consigo me imaginar feliz. Sou feliz com ela. Mesmo com todas as loucuras, as brigas, ela é minha felicidade.

Estou tirando as mãos de Vernee do meu ombro quando noto que Celina está nos espionando. Escondida atrás da porta com o celular em mãos. Então, para aproveitar e fazer uma média com ela, digo em alto e bom tom:

— Não sou mais o Sebastian de sempre. Sou um homem melhor agora, um homem completo. Eu amo a Celina, sou feliz com ela como nunca pensei que fosse possível. Ela é perfeita para mim, se é louca é porque é exatamente assim que deve ser. Ela é minha vida. É meio louco e repentino, mas não consigo me imaginar sem ela.

Vernee pisca os olhos confusa.

— Por que está fazendo uma declaração para ela?

— Porque esse safado sabia que eu estava aqui. — Celina responde entrando na sala, com os olhos marejados e joga o celular na poltrona — Eu te amo Sebastian. Você é um perverso, estúpido e me deixa louca, e eu te amo.

Não enxergo mais Vernee ali, nem a casa, nem penso em mais nada, somente nela. Minha Celina. Minha amada maluquinha. Ela já enfia a mão no meu cabelo, e só escuto a porta bater quando Vernee sai, e aí já começo a tirar a roupa da minha Celina.

É a manhã do desfile da Vernee, finalmente. Ela está uma pilha de nervos. Talvez por isso tenha me dito que não vai deixar essa casa, mas por via das dúvidas, a procuro assim que ela acorda.

— Bom dia Sebastian. — ela diz de má vontade, mal olhando para mim.

— Vernee. Hoje é seu desfile. Boa sorte.

— Obrigada.

— Aproveite e leve suas malas, de lá você já pode ir embora.

Finalmente ela me encara.

— Você está muito enganado se acha que eu vou sair como a mentirosa para o meu pai. Não posso perder a mesada dele. Se quiser que eu saia, terá que me expulsar Sebastian. Entendeu?

Maldita. Se eu expulsá-la o escândalo estará armado. Mas se não tiver outro jeito, eu a expulso. Não quero nada entre a Celina e eu. Nosso relacionamento já é complicado demais, não precisamos de ninguém de fora para atrapalhar ainda mais. Talvez se eu falar com jeito com Nicolas, ele mesmo tire a maluca da filha da minha casa. Ligo para ele, confesso que estou nervoso, meio tremendo

até. Há muito dinheiro envolvido, mas não é isso que me incomoda. E sim, Matheus e Cleber. Eles dão o sangue pela V.D.A. há dez anos, e agora eu posso pôr tudo a perder assim, por causa do meu pau.

Por um momento até torço para que ele não atenda, mas ele atende no terceiro toque.

— Sebastian! Como vai meu filho?

Merda, isso vai ser mais difícil do que imaginei.

— Nicolas, precisamos conversar.

— Claro! Do que você precisa? Parabéns pelos hotéis internacionais. Sabia que estava fazendo a coisa certa ao investir na V.D.A.

— Obrigado. — penso em comentar sobre o tempo para enrolar, mas é melhor não.

É melhor contar tudo de uma vez. Que ele exploda comigo por telefone, vai ser mais seguro assim.

— Preciso que consiga um lugar para a Vernee ficar.

— Vocês brigaram? Não se preocupe filho, essas coisas acontecem. É o nervosismo por causa do casamento. Daqui a pouco vocês fazem as pazes.

Merda!

— Não é isso, preciso mesmo que ela se afaste.

— Relaxa! Isso sempre acontece com os noivos pouco antes do casamento. Isso passa. Depois você percebe que cometeu um erro, mas já é tarde demais. Mas não desista, você precisa se casar para saber como é. Tem que cometer seu próprio erro, sabe.

— Nicolas, eu realmente não quero...

— Como vai a secretária do Matheus?

— O quê?

— Celina, não é? A secretária linda e divertida dele. Que mulher Sebastian! Que mulher! Você poderia ser um bom genro e me dar o telefone daquela beleza. Ela é comprometida? – Isso é sério? Ele está interessado na Celina? Minha Celina?

— Sim ela é comprometida! É noiva, e está grávida. — digo com mais raiva do que pretendia.

— Que pena! Que pena mesmo! Eu preciso desligar, filho. Fique calmo e mais tarde eu passo aí.

Então ele desliga. Merda, como vou tirar a Vernee dessa casa?

Vou procurar pela Celina que está na cozinha comendo um abacate com geleia de uva. Meu estômago embrulha só de sentir o cheiro das duas coisas ao mesmo tempo, e isso me dá uma pista da personalidade do nosso filho. Estou ferrado.

Vernee está na outra ponta da mesa observando a Celina comer, com nojo. Celina se levanta, mexe nos armários e depois vejo que pegou alho.

— Amor, o que vai fazer?

— Uma omelete.

— Com alho?

— Cala a boca Sebastian, você não sabe cozinhar.

— Nem você.

— Isso não vem ao caso.

Concentro-me em meu jornal e deixo que ela coma as “gororobas” que quiser comer. Vernee pigarreia, mas como ninguém lhe dá atenção, ela começa a falar assim mesmo.

— Meu desfile é hoje.

Celina e eu não a escutamos.

— Serei a modelo principal.

Continuamos a ignorando. Estou tão concentrado em meu jornal que só ouço o final da frase que ela está falando quando Celina para de socar o alho e bufa.

— Porque é obvio que essa criança vai ser louca como a mãe, olha as coisas que sua noiva está comendo!

Tudo acontece muito rápido. Noto que Celina enrijece, começa a se virar, e antes que eu possa impedir, arremessa o socador de alho na Vernee. Acerta em cheio bem no nariz dela.

Vernee começa a gritar, mas Celina grita ainda mais alto:

— Se falar do meu filho de novo eu quebro todos os seus dentes, sua lambisgoia desnutrida e oxigenada!

Vernee está chorando, fazendo um escândalo, enquanto eu seguro a Celina para que ela não bata na Vernee. Quero rir, e quando Vernee sai da cozinha chorando, finalmente faço isso.

Sei que não deveria, deveria estar puto por Vernee ter insultado meu filho e minha mulher, mas porra! A Celina tem uma pontaria perfeita! Acertar a Vernee da distância em que estava. Dou-me conta que às vezes em que não acertou as coisas em mim foi porque não quis acertar.

— Você não quis acertar aquele ferro de passar, não é? — pergunto a abraçando.

Aos poucos ela se acalma.

— Ah eu quis, errei a pontaria.

— Não errou não, sua pontaria é ótima. Você só queria me assustar.

Ela sorri.

— Você merecia o ferro bem no meio da cara aquele dia.

— Eu sei, assim como a Vernee mereceu aquilo na cara dela. Você sabe que

acabou com o desfile dela, não sabe? Aquilo com certeza vai deixar uma marca.

— É mesmo? Que pena! Sinto muito por ela.

— Cínica. — digo e a beijo.

Ela sorri.

Mas nossa paz dura pouco, pois logo Vernee aparece com um pano no nariz e o celular na orelha.

— Isso mesmo, foi uma tentativa de homicídio.

Celina arregala os olhos e não acredito que a Vernee está mesmo registrando uma queixa contra ela.

Celina

A polícia não demora a chegar. Estou sentada, tranquilamente com as pernas para cima, acariciando a barriga. Já sinto uma diferença quando a toco, dá para sentir que há algo dentro de mim. Isso é o máximo!

A mocosora está sentada na poltrona e não tira os olhos de mim. Tive uma crise de riso no momento em que ela tirou o pano do nariz, acho que teve muita sorte por não ter quebrado, mas ficou uma bola, que até combinou com ela. Ela deveria me agradecer afinal de contas.

Agora ela está ao telefone se desculpando e fazendo todo um drama porque não vai poder desfilar. E estou olhando bem para a cara dela e rindo. O sorriso não quer sumir do meu rosto. Sei que a estou irritando mais, mas fazer o que se estou feliz?

Quando ela desliga o telefone olha para mim e diz:

— Você vai ser presa, sua louca! E internada.

— Reza para eu ser mesmo, porque agora só fiz uma bola no seu nariz. Mas, se eu não for presa, vou atrás de você e quebro seu nariz enorme em mil pedacinhos.

Ela tampa o nariz imediatamente e sua expressão de espanto me faz rir ainda mais.

— Sebastian! — choraminga.

É aí que a campainha toca. Permaneço onde estou enquanto Sebastian abre a porta. Dois policiais aparecem, e um deles abre um enorme sorriso para Sebastian.

— O que foi que a sua noiva louca fez agora?

Percebo que é o mesmo policial que segurou o Sebastian no dia do cassete.

— Ei! A noiva dele está bem aqui!

Ele sorri ao olhar para mim.

— Foi mal.

Mas noto que coloca uma mão no cassete e a outra na arma. Idiota! Eu nem pretendia pegar nada dele. Vernee se levanta e começa a contar aos prantos que tentei matá-la. Mas a voz dela já é esganiçada, chorando então. Rapidamente ele tapa os ouvidos e pede que ela se cale.

Então se aproxima de mim, senta-se na mesinha de centro e diz:

— Quer me explicar como tentou matá-la?

— Não tentei. Seria uma tentativa de homicídio se eu tivesse enfiado a faca no peito dela cem vezes seguidas, como pensei em fazer. Ou se eu tivesse atirado o secador de cabelo ligado quando ela estivesse na banheira, também pensei em

fazer isso. Você sabe, como nos filmes?

Sei que ele está segurando o riso quando concorda.

— E o que foi que você fez?

— Nada demais. Apenas atirei um socador de alho no nariz dela.

— No nariz?!— ele diz admirado.

— Ah sim, minha pontaria é muito boa.

— Estou vendo. E por que você fez isso?

Aí eu me sento. Cruzo as pernas e olho bem para ele.

— Imagine o senhor, que essa mocoronga descolorida apareceu aqui querendo roubar o meu noivo. E eu tenho um filho desse pervertido na barriga. Não posso permitir que uma qualquer apareça aqui e ache que tem o direito de se instalar nessa casa. Ele era um tremendo de um pervertido. Imagina se todas as mulheres que ele já comeu resolvem fazer isso? Isso aqui vai virar um hospício.

O policial dá uma risada, mas se controla e continua me encarando.

— Bom, o fato é que ela inventou um noivado para fazer o pai investir na empresa do meu noivo e claro, depositar uma grana alta todo mês na conta dela. E agora ela precisa confirmar essa farsa. Ela queria armar um casamento falso. Isso não é falsidade ideológica?

Observo Vernee arregalar os olhos e ficar ainda mais branca.

— Sim, pode ser caracterizado assim. Se ela tivesse realmente assinado algum documento.

— Entendo. E seu eu tiver provas das intenções dela?

Claro que isso nunca daria certo. Mesmo porque, se eles já tivessem assinado algum documento, Sebastian também pagaria. Só quero assustar Verme. E claro, o policial gente boa está me ajudando. Acho que por medo do que posso fazer com a arma que está na cintura dele.

— Isso não vem ao caso! — grita Verme — Ela tentou me matar! — diz e mostra a bola no nariz.

O policial se levanta e diz para ela com toda paciência.

— Senhorita Mathieu, levando-se em conta que o objeto utilizado foi um socador de alho, que não é uma arma, e que a senhora está viva e bem, isso não se caracteriza como tentativa de homicídio. A senhorita pode dar queixa por agressão. Mas pelo que entendi, nesse caso, a senhorita Morelli poderia dar queixa contra a senhora por invasão. Então sugiro que deixe as coisas como estão.

— O quê? Não é possível. Mas a justiça nesse país é atrasada mesmo!

Ela diz e sai batendo o pé, mas sei que ela desistiu por medo do crime de falsidade ideológica, que é burra demais para saber que não cometeu.

O policial diz alguma coisa para Sebastian, que sorri em agradecimento,

depois se despede de mim e vai embora.

Sebastian se aproxima sorridente e me pega no colo.

— O que ele disse?

— Que você não é louca afinal de contas, só esperta demais.

Antes de chegarmos ao nosso quarto, Verme passa por nós como um furacão, em suas mãos está uma das malas e ela sai andando com o que lhe resta de dignidade.

— Já vai Verme? Que pena! Adeus!

Ela me encara com fúria no olhar e se dirige a Sebastian.

— Pegue minhas malas, por favor.

Rapidamente ele me deposita no chão e corre para pegar, vou também, é claro. Quero ajudar a levar as coisas dela. Nada a ver com o fato de querer atirar a mala dela na varanda de novo. Não é isso. Mas acredita que quando chego a entrada da casa a mala escorrega da minha mão e desse os degraus sozinha?

— Ops! Foi mal!

— Meus cremes! —ela grita em mais uma cena.

Ela deveria ser atriz e não modelo, mas se bem que com essa voz, não, não dava mesmo para ser atriz.

À noite Sebastian recebe um telefonema de Cleber, fica cerca de trinta minutos com ele ao telefone. Os dois estão discutindo alguma coisa e Sebastian está nervoso. Fico atrás da porta de seu escritório prestando atenção e então entendo. Ele não está falando mais com Cleber, está falando com Nicolas, que deve estar gritando, pois Sebastian grita ainda mais alto.

— Não me importa. Nunca houve noivado, nunca haverá casamento! Nós mentimos! E o motivo foi o seu dinheiro. Tanto para a minha empresa quanto para a conta da sua filha. É uma farsa. Pode pegar sua família, seu dinheiro e voltar para o seu país! Que se dane! Retire todo seu dinheiro, eu não me importo! Nunca me casaria com uma pessoa tão fria e mentirosa quanto sua filha!

Não preciso ouvir mais. Ele e Nicolas estão brigando. Vernee fez alguma coisa, se fez de vítima, no mínimo. Não queria que Sebastian fosse prejudicado, por isso aceitei-a na minha casa. De que valeu todo meu esforço se no fim das contas ela venceu?

Volto para a cama e finjo estar dormindo. Sebastian me beija quando chega, me cobre e me puxa para seus braços. E apesar dos planos que estão em minha mente, adormeço também. Acordo mais cedo que ele, me levanto sem fazer barulho e me arrumo. Deixo um bilhete dizendo que precisei sair. Vou até minha antiga casa e peço a ajuda de Gil. Ela não concorda com o que vou fazer, mas

ajuda assim mesmo.

E é graças a sua ajuda que estou aqui agora, em frente à porta do quarto em que Nicolas Mathieu está hospedado. Ele mesmo abre a porta e sorri ao me ver. Acho que não sabe que a noiva de Sebastian sou eu.

Ele me oferece um monte de coisas, mas digo que estou enjoada por conta da gravidez, o que ele entende imediatamente e não me oferece mais nada. Comenta sobre algumas coisas que são diferentes no Brasil e na França, e por fim, pergunta por que estou aqui.

— Preciso falar sobre Sebastian Vaughn.

— Não quero falar desse manipulador! Ele enganou a mim e minha filha e não vou descansar até acabar com a empresa dele.

Eu sabia que ele faria isso. Foi o que Sebastian fez com Luciano quando ele o enganou, não foi? Claro que Nicolas agiria da mesma maneira.

— É sobre isso que quero falar. Ele não o enganou exatamente. Bom, enganou, mas não enganou sua filha.

Ele começa a protestar, mas o interrompo.

— Eu a conheço, a Vernee. Ela esteve hospedada na minha casa esses últimos dias.

— Mas ela estava na casa do Vaughn.

— Sim, também é minha casa. Quer dizer, estou morando lá há um tempo. Eu sou a noiva dele. O filho que estou esperando, é dele.

Nicolas se levanta chocado.

— Então você também estava nessa farsa?

— Não, não é nada disso. Escuta-me. Eu não sabia sobre a Vernee até ela aparecer lá em casa com as malas e tudo dizendo que ela e Sebastian precisavam se casar. Eu quis matar o Sebastian por ter me escondido isso, e foi aí que ele me explicou. Ele traiu a Jamille com a Vernee, e foi um escândalo quando o senhor descobriu. Para se safar, ela inventou que estava noiva de Sebastian, e ele confirmou para que o senhor não a deserdasse. Ele se sentiu culpado. Depois o senhor investiu todo aquele dinheiro na V.D.A., como rapidamente começou a ter retorno do dinheiro, Sebastian e os sócios deixaram para lá. Mas ele e Vernee nunca mais tiveram contato depois disso. Agora ela aparece de repente querendo se casar porque o senhor está ameaçando cortar a mesada dela.

Ele pensa por um momento e depois diz:

— Não acredito em você! Está inventando essas coisas para defender seu noivo. O que ele fez não tem defesa. Ele tem que pagar.

— O que ele fez foi errado, sim, foi uma mentira. Mas ele não deve ser punido mais do que merece. Acredite, ele já pagou por isso, eu mesma fiz questão de fazê-lo pagar. Entendo se quiser retirar seu capital da empresa,

embora vá sair perdendo, pois tem obtido excelentes lucros. Tenho como provar que não estou mentindo.

Tiro o celular da bolsa e encontro a gravação. A gravação do dia em que Sebastian se declarou para mim, a gravação da Vernee fazendo uma proposta para ele. Nicolas assiste aquilo calado. Quando percebe que estou falando a verdade, parece em choque. Tem um momento que acho que ele vai desmaiar, mas o velho aguenta firme.

Quando a gravação acaba, ele não diz nada. Seus olhos estão marejados e me sinto culpada. Mas tinha que fazer isso, tinha que defender Sebastian.

— Eu vou indo senhor Mathieu. O senhor tem o direito de agir como quiser para punir sua filha, mas não Sebastian. Ele é minha responsabilidade, não sua. Só peço que antes de decidir acabar com a empresa em que muitas pessoas trabalham duro por causa disso, pense no que o senhor mesmo faria se fosse ele. O que faria se recebesse uma proposta como essa? Só pense um pouco nisso.

Então eu saio e o deixo ali, com seus pensamentos e sua decepção.

Capítulo 22

Celina

Chego à empresa atrasada. Mal me sento, Mônica me avisa que os chefes estão me aguardando na sala do Cleber. Os três. Merda, alguma coisa deu errada. Meu plano não deu certo. Tanto trabalho para gravar a Verme confessando as coisas, mesmo que tenha sido quase sem querer, e o imbecil do Nicolas vai ferrar com a V.D.A. assim mesmo.

Mas então penso que ainda não deu tempo de Nicolas ter feito algo para prejudicar a empresa. Então, o que eles querem? O que eu fiz para ser convocada pelos três estúpidos?

Ergo a cabeça, finjo uma confiança que com certeza não estou sentindo, e entro na sala. Cleber e Matheus estão em pé conversando, não parecem desesperados. Mas é Sebastian que me assusta. Ele está sentado, e assim que me vê, se levanta como um louco na minha direção, mas Cleber o segura e não deixa que ele se aproxime. O que está havendo?

— Olá Celina, chegou atrasada? — pergunta Matheus.

— Desculpe Matheus, tive um problema para resolver.

— Que seria?

O que devo dizer? Acho melhor descobrir primeiro o que aconteceu antes de dizer que a culpa foi minha.

— Uma coisa aí, nada demais.

Então Sebastian diz, de onde está, sem se aproximar de mim.

— Celina, você foi ver Nicolas Mathieu?

E agora? Minto? Não minto? Saio correndo? Olho para a porta, mas Matheus rapidamente se aproxima de mim e a fecha. Merda!

— Talvez. — respondo.

Ah, que saco! Não vou ficar aqui bancando a medrosa, fui vê-lo mesmo. E se alguém reclamar vou mandar que eles façam melhor.

— Sim, fui vê-lo. Por quê? Algum problema?

— Problema? Não. Problema nenhum Celina. — diz Cleber muito animado.

— Celina, o que foi que você disse para ele? — pergunta Matheus.

Dou de ombros e tiro o celular do bolso.

— Disse a verdade, que o Sebastian é um estúpido, mas que cabe a mim puni-lo. E que ele deve punir apenas a filha mimada dele e não descontar a decepção dele na empresa e em nós, reles funcionários que não temos nada a ver com a vida ruim dele. Ah, e claro, eu mostrei isso. — digo dando play na gravação.

Os três estúpidos assistem à gravação, embasbacados.

Quando acaba, Cleber pergunta, admirado:

— Como você pensou em gravar isso?

— Eu não pensei. Estava falando com a Gil, quando vi que a mocoronga ia aprontar alguma. Foi automático, eu sabia que elaalaria alguma coisa sobre o noivado falso, então gravei para ver se tinha sorte.

— Brilhante! — elogia Matheus.

Sebastian está me encarando e não diz nada. Estou começando a ficar nervosa com a reação dele. Oh céus será que realmente piorei tanto assim as coisas?

— O que houve? Nicolas Mathieu retirou o dinheiro dele da V.D.A.?

Ninguém me responde, Cleber olha para Matheus que olha para Sebastian. Então de repente Sebastian dá dois passos largos e para na minha frente. Espero que ele brigue, ou me responda, mas o que ele faz me pega totalmente desprevenida. Ele se ajoelha.

— Celina Morelli, eu te amo. Se eu já não fosse totalmente louco por você, hoje eu teria me apaixonado completamente. Você é a mulher mais linda, inteligente, corajosa e forte que eu conheço.

— Merda, o que foi que você fez, Sebastian?

Sabemos que quando o homem começa a te elogiar assim, do nada, é porque aprontou alguma...

— Não é o que eu fiz meu amor, é o que você fez.

— E o que eu fiz?

Ele passa os braços pela minha cintura e coloco a mão no cabelo dele, não sei se devo ficar emocionada por vê-lo ali aos meus pés, no melhor momento deusa que eu poderia ter, ou se devo ter medo do que quer que eu tenha feito. Você sabe, eu faço muitas coisas, nem todas tem o resultado positivo.

— Você salvou a V.D.A., Celina. De novo. — diz Cleber.

Olho para Sebastian confusa e posso sentir o orgulho na voz dele, quando diz:

— Nicolas entrou em contato com o Matheus. Ele disse que não vai retirar o dinheiro da V.D.A.. E que não vai fazer absolutamente nada contra mim ou contra a empresa. Ele também disse que você é adorável e que eu sou um puta sortudo por você me amar desse jeito.

Estou confusa.

— Ele disse?

— Celina, você salvou a V.D.A.. Você convenceu Nicolas Mathieu a não só desistir de se vingar, como manter seu investimento. Você é incrível. Não sei o que fiz de tão bom para merecer você.

— Ah, Sebastian!

Dou um beijo em sua cabeça, muito feliz por ter dado certo, afinal de contas.

Não disse que tudo o que eu faço dá certo? Pode demorar, mas no final dá certo. Está vendo esse ex-perverso ajoelhado aos meus pés? Ele é a prova disso.

— Eu te amo, mas você poderia fazer isso na frente do prédio inteiro. — brinco.

Ele sorri, se levanta e me beija. Mas antes que eu possa derreter em seus braços, somos afastados por dois solteirões safados que não entendem o que sentimos.

— Chega vocês dois. Deixem para comemorar em casa. — diz Cleber.

E é aí que a bomba vem. Matheus me afasta de Sebastian e me senta gentilmente em uma cadeira. Noto que ele olha para Cleber que faz um movimento mínimo com a cabeça e então é Sebastian quem fala:

— Celina, levando em conta que você salvou a empresa duas vezes nesses últimos meses, temos uma proposta...

— Não é uma proposta, Sebastian. Você não sabe dar uma promoção. — ralha Matheus.

— Promoção? — pergunto interessada.

— Isso, Celina, infelizmente você não será mais minha secretária, e na verdade precisarei que me ajude a encontrar duas secretárias, uma para mim e uma para você.

— Para mim?

Então Sebastian diz novamente:

— Amor, você está sendo promovida a diretora geral da V.D.A..

— O quê? — eu praticamente grito.

Sebastian percebe que estou nervosa, noto que Cleber e Matheus estão fazendo careta. Não quero ser promovida, quero dizer, quero, mas não agora. Já tenho um noivo e um filho para administrar, é responsabilidade demais, e se eu não der conta?

Sebastian parece ler meus pensamentos, pois se ajoelha novamente a minha frente e diz com toda convicção:

— Amor, você dá conta. Celina olha para você, veja como se ergueu quando tudo estava de pernas para o ar, como sempre resolve tudo, como é inteligente e boa. Celina, será que não enxerga o quanto é perfeita?

— Eu não sou perfeita, Sebastian, sou louca, e...

— Linda, leal, esperta demais, muito inteligente. E também é corajosa e forte. Sei que você dá conta. Dar ordens? Isso vai ser fuchinha para você.

Não sei o que dizer. Ficaria contente em ser promovida ao RH, mas diretora geral é um passo grande demais. Matheus segura minha mão e diz:

— Não precisa responder agora, Celina. Mas pense direito antes de recusar assim.

Concordo e ganho o dia de folga. Resolvo ir para a casa, minha nova casa, agora sem uma intrusa e fico no jardim a tarde toda pensando.

Chego à empresa e todos abaixam a cabeça quando passo. Gosto de impor esse respeito. Gosto que ninguém mais se atreva a rir de mim. Vou direto para o elevador da direita, que agora somente os sócios têm permissão de usar. Hoje, ele é meu. Entro nele sozinha, e assim que as portas se fecham, começo a dar pulinhos de alegria! Tenho um elevador só meu!

Quando desço no último andar, o mesmo respeito. A conversa para, todos fingem estar trabalhando duro. Sei que não estão, mas gosto que finjam na minha presença. Quando eu fechar a porta da minha sala, eles podem “morcegar” à vontade.

Desfilo entre eles, divando no meu salto agulha dez centímetros, é claro que não caio, nem viro o pé hora nenhuma. Sou uma diva! Entro em minha sala e ali está, em cima da enorme mesa de vidro, a placa dourada, com meu lindo nome escrito.

CELINA VAUGHN

CEO

Vaughn? Mas quando? Como?

É aí que reparo em minha sala, nas paredes há vários quadros pendurados, fotos minhas e de um monte de crianças.

— Mas, o que é isso?

Aproximo-me e vejo que estou nas fotos, Sebastian também, em cada uma delas. Consigo contar seis crianças diferentes. Todas se parecem comigo, e com Sebastian.

— Seis? Meu Deus, não!

Saio da minha sala e vejo o que a empresa se tornou. Há coisas voando para todos os lados, pisco os olhos e reparo que são as mulheres da empresa, atirando as coisas em seus subordinados. Começo a me desesperar. Olho para a mesa da minha secretária e quem está ali?

— Sebastian! — digo pedindo socorro.

— Oi, amor. — ele responde e vem até mim, me abraça e me arrasta para dentro da minha sala.

Assim que entramos, tento perguntar o que está acontecendo, mas rapidamente sua boca está na minha e ele me encosta na parede. Quando se afasta para respirarmos, diz:

— Vem meu amor, vamos fazer nosso sétimo filho.

— O quê?

Então ele abre uma porta que eu não havia reparado e adivinhe o que há lá dentro.

— O que é isso? — pergunto assustada.

Sebastian me olha confuso.

— Nosso ninho, amor. Celina o que há com você? Transamos aqui todos os dias, até três vezes por dia. Por que essa cara?

— Todos os dias?

Olho de novo para o “quarto”, pode ser chamado assim. Há uma cama, uma poltrona espaçosa e uma mesa de vidro. As paredes são acolchoadas e há barras para apoio entre o acolchoamento. É a prova de som e todo preto.

— Celina! — Sebastian me chama — Nós fizemos todos os nossos últimos cinco filhos aqui. O que há com você?

Isso só pode ser uma piada! Corro para os seus braços que me aperta e me arrasta para a cama.

— Acalme-se amor. Vem aqui, vou acalmar você com seu menino.

Sorrio aliviada, esse é o Sebs, meu Sebs, tudo volta ao normal. Mas, quando ele tira a calça eu vejo, na lateral do seu corpo, há nomes escritos. Muitos nomes, seis para ser mais exata. Os nomes dos nossos filhos.

— Não!

— Celina, o que houve?

— Nãaaaaao! — começo a gritar.

— Celina, acorde! — Sebastian me sacode e abro os olhos.

Seus olhos verdes estão em cima de mim, carregados de preocupação.

— Foi um sonho, amor. Acalme-se.

Afasto-me dele num pulo e passo a mão na barriga. Está ali, meu bebê, o único bebê. Olho em volta e o quarto é igual. Sebastian está sentado na cama me avaliando, parece confuso.

— Com o que você sonhou?

— A empresa. Eu era a CEO. Não quero isso, não quero ser promovida.

Ele respira fundo, e me puxa para o seu colo.

— Celina, você não está sendo promovida a CEO, não seríamos tão loucos de fazer isso. É apenas um passo.

— Um passo grande demais.

— Um passo do tamanho certo para você. Celina, você dá conta e sabe disso.

— Não sei se quero mais responsabilidades agora. Não sei se estou pronta para isso. Vamos ter um filho, Sebastian. Terei um bebê que será minha responsabilidade. Uma vida que vai depender de mim. Isso já não te parece responsabilidade demais?

Ele me aperta mais ainda em seus braços e se recosta na cabeceira da cama, me levando com ele.

— Sim, é uma responsabilidade enorme, e você vai dar conta disso brincando. Você é a pessoa mais forte que eu conheço, mais corajosa e mais cara de pau.

— Não, você é muito mais cara de pau do que eu.

Ele começa a rir. E me sinto relaxar em seus braços.

— Eu vou estar lá Celina, ao seu lado. Não importa o que aconteça. Se você for uma péssima chefe e foder com tudo, eu estarei lá para ajudá-la a consertar suas merdas, como você conserta as minhas. E se você for a executiva maravilhosa que eu acho que vai ser, então estarei ali orgulhoso, te aplaudindo de pé

Eu o amo, gente! Amo esse homem! Eu o abraço mais forte e respiro seu cheiro, sentindo todo o medo ir embora.

— Você vai se arrepender por me dar tanto poder, bonito.

Ele dá uma gargalhada gostosa.

— Tenho certeza disso. Você já é um perigo como secretária, como diretora será arrasadora.

Concordo com a cabeça e começo a cochilar nos braços dele, quando ele diz:

— Posso te fazer uma pergunta?

Confirmo com a cabeça.

— Se você não estivesse grávida, ainda estaria comigo?

Preciso pensar para responder, faço isso rapidamente, analiso o que nos aconteceu nos últimos dias em questão de segundos. Não há muito o que dizer, sei exatamente o que senti quando vi a Vernee ali, com aquela aliança no dedo.

— Não. Se não estivesse esperando um filho seu, eu teria desistido quando a Vernee me mostrou aquela aliança. Teria me acovardado e escolhido não me arriscar.

Ele me aperta mais em seus braços e sussurra.

— Eu sabia.

— Não pense que não amo você, ou que o amo só por causa do bebê. Não é assim. Mas eu não estava pronta para sentir isso, você sabe disso melhor do que ninguém, eu tinha muito medo, ainda tenho. Você ter escondido a Vernee foi muito doloroso Sebastian, foi como uma traição, mesmo que não tenha feito por mal. E mesmo amando você como amo, eu teria ido embora. Teria dito para viver sua vida e provavelmente estaria sofrendo agora, sentindo sua falta. Precisávamos mesmo ter algo que nos unisse, forte o suficiente para me fazer enfrentar seu passado.

Ele toca levemente minha barriga.

— Acho que amo ainda mais esse bebê então, se é que isso é possível.

Olho para ele, meu amado pervertido. Ele parece assustado. Toco seu rosto e digo:

— Ainda bem que não desisti, porque te amo agora muito mais do que na semana passada.

Ele sorri e me beija, e sinto meu menino cutucar minha bunda.

— Hum, acho que meu Sebs acordou.

Imediatamente ele fecha a cara.

— Seu o quê?

Vou em direção do pau dele e o liberto da cueca.

— Celina, você não vai apelidar meu pau de Sebs, de jeito nenhum!

Ele está bravo, olho para ele com um sorriso e respondo calmamente.

— O menino é meu, eu o chamo como quiser.

E antes que ele possa retrucar o coloco na boca, e Sebastian esquece naquele momento de discutir comigo. Posso garantir que meu menino será Sebs. Sebastian não vai se opor.

Na manhã seguinte resolvo assumir que sou corajosa. Pego o telefone e disco o número, o último que queria estar discando. Mas lembre-se, sou uma mulher corajosa. Sei que essa será uma conversa difícil, se dependesse de mim, mamãe nunca saberia sobre Sebastian. Sei que após essa ligação a paz dele vai acabar, ela vai enlouquecê-lo. Bom, que ele saiba de uma vez que venho em um pacote, e que a louca sem noção da minha mãe faz parte dele.

Ela atende no sexto toque, como sempre.

— Celina! Se não é a filha ingrata lembrando que tem mãe!

— Oi mãe. Como está?

— Se estivesse morta não faria diferença para você.

Viu por que não tenho paciência para drama?

— Se você estivesse morta eu teria ficado sabendo.

— O que deseja, Celina? Você só me liga para dar notícias ruins.

Bufo ao telefone. Minha mãe me estressa quase tanto quanto o Sebastian.

— Não é uma notícia ruim. São algumas notícias que quero dividir. — Antes que ela comece a fazer perguntas, vou soltando — Eu consegui meu emprego de volta. A empresa fechou um negócio internacional, estou grávida, finalmente hoje choveu...

— O quê? — ela grita — Repete o que você falou!

— Consegui meu emprego de volta.

— Você sabe que não é essa parte!

— Finalmente está chovendo.

— Celina!

Ela grita tão alto que preciso afastar o telefone do ouvido.

— Quem é o pai? — pergunta.

— Mãe, o importante é que ele me ama e faz tudo por mim.

— Quem é Celina? Onde o conheceu?

— Então, eu o conheci na rua, pedindo esmola, tive pena, coitado. Mas ele é um homem bom...

De repente ouço um barulho alto do outro lado da linha e a ligação fica muda.

— Mãe! Mãe! Mãe fala comigo, é brincadeira! Mãe!

Merda, ela desmaiou.

Sebastian

3 meses depois...

Calmo, escuro. Tudo está tranquilo. Não, espera, algo encostou-se à minha perna. Que diabo é isso? A coisa está subindo. Subindo direto para...

— Sebs.

O sussurro de Celina me faz abrir os olhos e acender a luz, mas ela já está com meu pau na boca, sugando como uma desesperada, então não tenho mais forças para fazer nada. Deixo-me levar na sensação da sua boca. Quando gozo, ela sorri satisfeita e deita em cima de mim, sua barriga arredondada não a atrapalha, pelo contrário, adoro a sensação de senti-la.

— Oi. — ela diz com um sorriso.

Olho para o relógio de cabeceira e são três e meia da manhã.

— O que foi? Não consegui dormir? — pergunto preocupado.

— Sim, mas acordei.

— Está se sentindo bem?

— Estou, mas me sentiria melhor se você estivesse dentro de mim.

Ela não precisa falar duas vezes, eu a viro de costas na cama e em dois segundos estou dentro dela. Começo bem devagar, mas ela implora que eu acelere. Quando nego, ela crava as unhas nas minhas costas, e acabo cedendo, essa mulher me enlouquece!

Quando gozamos, ela adormece imediatamente nos meus braços.

Luz está entrando no quarto; o sol. Já deve ser de manhã. Há algo roçando minha barriga.

— Mas o que...

Não tenho tempo de terminar a pergunta, pois enquanto abro os olhos, Celina já está montando no meu pau, bem acordado pelo toque dela. Sinto-me deslizar para dentro dela e agarro seu quadril, guiando seus movimentos. Essa mulher me enlouquece!

Quando gozamos ela me deseja um bom dia e vai tomar um banho.

Almoço gostoso, e ao meio da tarde, estou analisando alguns papéis em minha sala quando a porta bate me fazendo jogá-los para o alto.

— Mas que merda está...

Corto a frase ao meio ao ver Celina invadindo minha sala, já abrindo o zíper do vestido.

— Sebastian! — implora.

Não é necessário que ela peça, sei exatamente o que quer. Viro a cadeira na direção dela e abaixo o zíper da calça enquanto ela monta em mim. Mais uma vez tento pegar leve, mas ela não deixa, cavalga em mim rápido, com força e chegamos rapidamente ao clímax.

Ela me procura mais duas vezes, antes de ir embora. Estou adorando essa coisa de hormônios.

Quando chegamos em casa, noto que ela corre para o banheiro. Vou atrás, e mal abro a porta, ela pula em mim, passando as pernas pela minha cintura, quando a seguro pela bunda. Entre beijos, ela diz:

— Isso não é normal. Será que preciso de um médico?

— Para quê? — pergunto sugando um seio dela.

Ela geme e depois parece se esforçar para responder.

— Quero transar com você o tempo todo. É desesperador. Acho que deve haver algum remédio, tratamento ou terapia que diminua essa vontade.

— De jeito nenhum!

Eu a coloco sobre a pia e a penetro.

— Eu adoro esses hormônios, nada de inibir os pobrezinhos.

Então meto com força para que ela não reclame mais.

Nós jantamos e ela estava radiante, sorriu, brincou e conversou numa boa. Até que na hora da sobremesa seu semblante mudou. Ela parecia preocupada, depois percebi que parecia estar sentindo dor. Segurei sua mão por cima da mesa.

— Amor, está tudo bem?

Ela assentiu, mas largou o sorvete pela metade e correu. Peguei as taças e subi atrás dela. Quando abri a porta, ela estava nua, ajoelhada na cama, me olhando.

— Eu sabia que você entenderia. — ela disse.

— Ah sim, entendo perfeitamente.

Eu me aproximo e a empurro na cama, o que arranca uma gargalhada dela. Então começo a beijar seus pés.

— Não Sebastian, preciso de você, agora!

— Nada disso. Já demos um milhão de rapidinhas hoje, agora quero amar você.

— Me fode primeiro, me ame depois.

Dou uma risada e mordo seu pé, o que a faz se contorcer. Adoro a forma como ela está ainda mais sensível.

— Não senhora, vamos fazer isso bem devagar.

— Perverso filho da mãe!

— Não reclama, baby. Porque você sabe que posso te fazer engolir cada palavra.

Antes que ela retruque, meu dedo gelado está no meio das suas pernas, lambuzo tudo com sorvete. Ela geme com a sensação do gelo e geme mais ainda, quando chupo tudo. Cada pedaço coberto de sorvete. O melhor sabor do mundo.

Mal termino e ela goza.

— Isso amor, vamos ver quantas vezes você é capaz de aguentar?

— Não, não faça isso, Sebastian!

Mas já estou passando sorvete em seus seios e minha boca rapidamente cobre cada um deles, sugando tudo. A noite vai ser ótima.

Ela aparece linda como sempre, mesmo com aquela roupa horrorosa do hospital. Sorri para mim ao deitar e descobrir a barriga. Aproximo-me e seguro sua mão.

— Hoje vai dar para ver, amor.

Essa deve ser a quarta ultrassom que fazemos para saber o sexo do bebê, ele sempre está com as perninhas fechadas. Torço para que seja uma menina, pois sei que será bem comportada.

— Enfim papais, o bebê está com as perninhas bem abertas. — diz o doutor.

Bem abertas? Talvez não deva mesmo ser uma menina. Filha minha de jeito nenhum terá as pernas bem abertas.

— O que vocês querem? — ele pergunta fazendo hora.

Celina aperta minha mão e responde ansiosa:

— Saber o sexo?

O doutor sorri, continua olhando para a tela e não diz o que é. Noto que Celina está ficando nervosa conforme vai apertando minha mão.

Olho bem para a tela, consigo ver perfeitamente as perninhas abertas, procuro pelo piu piu da criança, que sendo meu filho deveria estar em evidência, mas não o encontro.

— É uma menina! — digo.

Celina olha para a tela confusa.

— Como você sabe?

— Simples. Não estou vendo o pau dele, que deveria estar bem ali no meio.

Celina faz uma careta e o médico ri.

— Acertou papai, vocês terão uma menina.

Celina finalmente relaxa o aperto em minha mão e seus olhos estão marejados. Os meus também. Eu a beijo e repito o que digo cada vez que toco sua barriga e a bebê chuta:

— Obrigado, amor.

Ela beija minha mão e o médico volta a nos mostrar o rosto da nossa filha.

Como sempre, saímos da consulta direto para o shopping. Agora que sei que é uma menina, já sei que cor comprar as roupinhas. Entro em um corredor repleto de rosa e saio pegando tudo. Imediatamente Celina grita e vai tirando tudo do carrinho.

— Sebastian Vaughn, o que acha que está fazendo? Minha filha não vai andar feito um projeto de Barbie toda vestida de rosa!

— Mas rosa é a cor que as meninas usam. — defendo.

— É mesmo? Você já me viu de rosa?

Busco na memória e é provável que já tenha visto, mas como não consigo me lembrar, ela deve usar bem pouco. Pensando por esse lado, a maioria das roupas que a Celina usa é preta.

— Você vai vestir o bebê todo de preto?

— É claro que não! Minha filha vai usar todas as cores, mas, principalmente essa. — ela diz levantando um macacão vermelho.

Gosto disso. Gosto de imaginar minha filha, linda como a mãe, de vermelho. Celina fica maravilhosa de vermelho.

Saio pegando tudo vermelho que vejo e jogando no carrinho. Celina mais uma vez vai tirando tudo do carrinho e escolhendo o que vamos levar.

— Todas as cores, lembra? E não precisamos de tantas roupas. Bebês crescem rápido e nem vamos conseguir usar todas elas.

— Tudo bem, você está certa.

Ela abre um sorriso enorme, se aproxima de mim e me beija.

— Eu amo quando você diz isso.

Ela se encosta em mim e meu pau imediatamente acorda. Merda. Controle-se amigo, isso aqui é uma loja de bebês.

Uma vendedora se aproxima e nos oferece coisas para o quarto. Deixo que a Celina decida o que quer levar. É aí que ela oferece um quadro de parede personalizado. Celina acha lindo.

— Olha isso Sebastian, é lindo! Eu vou querer um!

A vendedora sorri satisfeita.

— E qual é o nome do bebê?

Antes que eu diga que ainda não escolhemos, pois quero convencer Celina a colocar o nome da minha mãe, ela responde:

— Nathalia.

— Um lindo nome. — diz a vendedora.

— O que você disse? — digo puxando Celina para meus braços — Qual o

nome da nossa filha?

— Nathalia. — ela repete calmamente com um sorriso — Se não tiver problema para você, é claro.

Minha mãe, minha filha. Nem sei descrever a puta sensação que me toma. Processo aquilo antes de apertar a Celina em meus braços. Nem precisei pedir, e mesmo assim ela soube exatamente o que eu queria. Não sei como agradecer a ela, a primeira forma de mostrar o que estou sentindo me toma com força total.

— Onde tem um banheiro? — pergunto a vendedora.

— Como? — ela pergunta.

— Um banheiro, provador, depósito, qualquer lugar onde eu possa ter privacidade.

Depressa! Estou desesperado aqui! A vendedora pisca os olhos confusa e explico:

— Preciso fazer amor com minha noiva agora!

Ela arregala os olhos e em seguida olha para o meio das minhas pernas e fixa o olhar ali.

— Sebastian! Moça, ele está brincando! E não olhe para o meio das pernas dele! — grita Celina.

A vendedora imediatamente se afasta, vermelha como um tomate e diz que vai providenciar o quadro e depois pegar nosso endereço. Assim que ela se afasta, abraço Celina.

— Sebastian, pelo amor de Deus! O que eu faço com você?

Pressiono minha ereção na bunda dela e sussurro.

— Você sabe o que fazer, amor. E não estou brincando. Vamos pagar essas coisas e ir embora logo ou eu abro suas pernas aqui mesmo.

— Isso é uma loja de bebês! Não acredito que pense em sexo estando em um lugar assim.

— E como os bebês são feitos? Do sexo. Sexo puro, não tem outro jeito.

Ela sorri e me beija e assim que pagamos e passamos nosso endereço, eu praticamente a arrasto até o carro. Vamos cometer atentado ao pudor hoje, não dá para esperar chegar em casa. Acho que essa coisa de hormônios que fazem querer transar toda hora também pega nos pais, afinal de contas.

A casa está pronta, as pessoas, escondidas. Não faço ideia de qual será a reação da Celina, e torço para que não esteja de mau humor, e nem chegue em casa tirando a roupa, como tem feito nesses últimos dias. De jeito nenhum quero o Cleber e o Matheus vendo minha noiva nua.

Vou explicar o que está havendo. Mesmo depois de resolver a confusão com a Vernee, e de sabermos que ela foi obrigada pelo pai a se casar com um velho

milionário asqueroso para não perder sua adorada mesada, Celina ainda não quer se casar comigo. Eu sei que ela me ama, sei que já deu um passo enorme vindo morar comigo, mas preciso que ela seja minha legalmente. Quero meu sobrenome no nome dela. Quero que ela seja apresentada sempre como a senhora Vaughn. É tão errado querer isso?

O problema é que ela ainda não superou seu trauma pela palavra casamento. Do jeito que estamos, ela pode dar uma de louca e ir embora a qualquer momento, mas, se estivermos casados, sei que isso vai pesar caso ela pense em tomar uma atitude dessas.

Preciso ter essa certeza. Sim estou parecendo um maricas desesperado e inseguro, mas porra, eu amo essa mulher, mais do que a mim mesmo, e não quero de maneira nenhuma correr qualquer risco de perdê-la. Não posso. Preciso que ela seja minha.

As pessoas escondidas pela casa, a música leve que está soando e a festa que preparei, não fazem parte de um pedido de casamento, mas sim, de um pedido de noivado. Embora esteja com uma aliança no dedo, ela não me disse sim quando a aceitou. Disse que era uma aliança de compromisso. Cleber me aconselhou a dar um passo de cada vez, deu certo para ele, tem que dar para mim também. Então vou fazer isso. Vou pedi-la para ser minha noiva, e quando ela aceitar, pedi-la em casamento. Um maldito passo de cada vez.

Vejo pela janela o farol do carro dela encostar na entrada da casa. Todos fazem silêncio, ela abre a porta e como eu previ, vai abrindo a blusa. Imediatamente acendo a luz, todos gritam surpresa, ela arregala os olhos e fecha a blusa rapidamente, colocando os botões nas casinhas erradas. Aproximo-me dela sorrindo e corrijo os botões. Por que tinha que chamar tanta gente? Seria muito mais fácil convencê-la na cama.

— O que é isso? — ela pergunta olhando as pessoas, desconfiada.

— Nossa festa de noivado.

— Fes- festa de noivado?

Seguro seus ombros e beijo sua testa e cada lado de seu rosto.

— Acalme-se, isso não é um pedido de casamento. É um pedido de noivado.

— Não entendi. O que essa aliança está fazendo no meu dedo?

— Lembra que quando a aceitou só o fez porque não era de noivado? Era de compromisso?

A compreensão brilha em seus olhos e ela assente.

— Agora vou te dar a de noivado.

— Eu...eu...

— Calma. Não precisa dizer nada. Isso não é um pedido de casamento. — garanto.

— Você está me enrolando. Para que as pessoas ficam noivas se não para se casarem?

Todos começam a rir, mas estou calmo, mesmo que ela esteja aparentemente determinada a me dizer não.

— Eu quero me casar com você, nunca escondi isso, mas não estou te pedindo que seja agora. Estou te pedindo a garantia de que será um dia. Você entende?

A expressão dela muda totalmente, de desconfiada, para emocionada e ela assente. Tiro as alianças novas do bolso e estendo a caixinha para ela. Gilcelle se aproxima e tira a bolsa de seu ombro.

— Celina Morelli, hoje convidei todos os nossos amigos e familiares, para serem testemunhas do que quero que você me prometa. Para que assim você não possa escapar. Eu te amo muito, desesperadamente. Você sabe disso, todo mundo sabe disso.

— Está na sua cara de bobo. — diz Cleber e todos riem.

— Eu sei, está mesmo, e merda, estou muito feliz por isso. Celina, você é minha vida. Não basta dizer que a amo, nem que preciso de você, nem que você é quem me faz rir e quem me faz ser melhor. Nem que você me deu o melhor presente do mundo. digo tocando sua barriga enorme — Vou resumir isso tudo nessa frase, você é minha vida. Não posso ficar sem você. Não tem jeito. Não dá. Por favor, aceite meu não pedido de casamento. Aceite ser minha noiva.

Seus olhos agora escorrem lágrimas, ela coloca as mãos no rosto e por um momento fico tenso, acho que terei realmente que carregá-la para a cama e convencê-la do modo a lá Celina, mas ela pula em meu pescoço e sussurra.

— Sim, eu aceito.

Quero beijá-la e fazer amor com ela. Quero arrastá-la agora mesmo para nosso quarto. Mas, antes que possa pensar em como mandar toda essa gente que só serviu de testemunha embora, ela diz:

— Com uma condição.

— Merda.

— Não diga palavrão, Sebastian, não estrague o momento. — ralha Gil.

Olho para ela, a mulher que tem minha vida nas mãos e aguardo o que quer que ela vá impor para aceitar ser minha. Sei que farei qualquer coisa.

— Só vamos nos casar depois que a Nath nascer, e estiver grandinha.

Faço uma careta, mas ela se explica.

— Sebastian não dá tempo de arrumarmos tudo agora, ela vai nascer em dois meses e não vou me casar às pressas com a barriga desse tamanho. Vamos deixar que ela nasça e cresça um pouco para podermos viajar em lua de mel, com ela. Tudo bem para você?

Parece razoável com ela falando assim, mas por que tenho a sensação que é uma maneira de adiar o casamento?

— Celina, isso não é nenhum plano para não se casar comigo, não é?

— Não, juro que não. Eu o amo Sebastian, mais que tudo. Vou me casar com você, só não agora.

Tudo bem, isso vai ter que servir por agora, mas não pretendo de jeito nenhum desistir de tê-la como esposa. E em breve, nada de depois que a bebê nascer. Ou no máximo assim que a bebê nascer.

— Tudo bem.

— Eu aceito. — ela diz em alto e bom tom — Eu te amo, Sebastian Estúpido Vaughn.

— Eu te amo mais ainda Celina Louca Morelli.

Ela sorri e me beija. E logo estamos sendo abraçados e nossos amigos nos parabenizam.

Rodo a festa ouvindo piadas de Cleber e Matheus sobre como virei um capacho. Tenho o prazer de dizer bem alto que transo dez vezes mais que os dois juntos e eles calam a boca. Procuro por minha noiva e a encontro em um canto, aparentemente tensa, perto da mãe. Vou até ela imediatamente, e ouço apenas o final do que está falando.

— Não sei se posso fazer isso. Não quero ser uma mãe como você.

Ela está com medo. Apesar de sempre parecer estar certa sobre tudo, e saber exatamente o que fazer, está perdida. Como eu não vi isso antes? Esse medo? Como ela não vê o quão maravilhosa é? Tudo bem que há uma chance mínima de ela machucar acidentalmente a criança algumas vezes, mas para isso estarei sempre ali, ao lado das mulheres da minha vida.

Envolvo sua cintura com meus braços e beijo sua cabeça. Ela se recosta em mim e sua mãe responde:

— Você não será como eu Celina, será uma mãe maravilhosa. Sempre foi maravilhosa. Sempre cuidou de mim, quando eu é que deveria estar fazendo isso. Não tenha medo, menina, nada nunca derrubou você. Um bebê será fchinha.

Ela sorri, abraça a mãe e sinto como está aliviada. Eu as abraço e porra! Nunca fui tão feliz!

Celina

É estranho como tudo anda tão bem nesses últimos meses. É estranho que depois de tantas tempestades, tenhamos conseguido nos manter protegidos. E em paz. Acredita que faz semanas que não atiro nada em Sebastian? Pois é, e mesmo assim não posso dizer que a vida anda monótona. Não anda mesmo.

Minha barriga está enorme, mal consigo andar, mas incrivelmente consigo transar, muito! Lembra aquela fase de querer sexo a todo momento? Então, ela ainda não passou. Acredito que o fato do meu noivo ser o Sebastian, ajuda muito. Que homem!

O que mais posso dizer sobre nossa vida? Ah sim, Nath. Minha filha está enorme, saudável e acha que está em uma escola de samba. Chuta dia e noite, não sei de quem herdou tanta energia.

Sebastian está cada dia mais turrão, não aceitou bem nos casarmos só depois do nascimento da Nath, acho que não acredita que eu vou me casar com ele, mas, apesar de ainda sentir pânico da palavra casamento, eu pretendo mesmo fazer isso. Não sou burra, de maneira nenhuma vou deixar um homem como Sebastian Vaughn, lindo, rico e bem dotado, escapar. Além do mais, até eu adestrar outro homem, como fiz com ele, daria tanto trabalho! Brincadeira, eu realmente o amo.

No fim das contas, eu aceitei a promoção na V.D.A., e sabe quem é minha assistente? A Mônica. Ela é uma péssima assistente, muito preguiçosa. Só não a demito porque descobri que ela tem uma filha pequena. Somente por isso estou tendo todo o trabalho de adestrá-la. Não, você não leu errado, ela é uma cadela, precisa ser adestrada.

Acredita que ela ainda manda mensagens para o Sebastian? Aproveito-me disso para arremessar nela todas as coisas que não estou arremessando nele. Erro a mira, é claro. Divirto-me apenas por assustá-la.

Ao contrário do que pensei, o meu setor não é uma bagunça total. Tenho ótimos funcionários que me respeitam e até têm medo de mim, não entendo o porquê.

Falando na V.D.A., Cleber está como um bobo apaixonado. Namorando firme, ou tentando pelo menos. Rio da cara dele cada vez que me pede conselhos sobre seu relacionamento. Está muito apaixonado mesmo, quem em sã consciência pediria conselhos amorosos para mim? Se bem que, posso escrever um livro: Como domar um pervertido. Ia ser muito útil a vocês, mulheres.

E o Matheus está viajando com a Gil, e eles não foram juntos como namorados, foram juntos por causa de uma proposta estúpida, que apostei com o

Sebastian que vai acabar bem. Se eles não se matarem antes, é claro!

E você acredita que sou uma excelente dona de casa? Sei dar ordens como ninguém. Descobri que adoro isso. Mas que fique claro que as funcionárias da minha casa se animaram muito mais a me agradar depois que dobrei o salário delas. Sou esperta, fazer o quê?

Quem mais está me dando trabalho é minha mãe. Ela adorou Sebastian, até demais. Queria comprar uma casa para ela na Cochinchina, mas a ingrata não gostou da sugestão. O lado bom é que Sebastian descobriu que ela odeia falar de sexo. Então sempre falamos disso quando ela está por perto, e suas visitas passaram a não demorar muito, e serem menos frequentes também.

— O que está fazendo há tanto tempo na frente desse computador? — pergunta Sebastian beijando minha cabeça.

— Atualizando seu fã clube sobre a nossa vida.

Ele abre seu sorriso safado.

— Você sabe que não são minhas fãs, são fãs do Sebs, seu Sebs.

Abro um sorriso e toco meu menino por cima da calça. Nem estranho ao notar que já está acordado.

— Vem comigo. — ele diz com aquela voz rouca e me estende a mão.

Imediatamente o sigo. Ele me leva ao terraço da casa. Ali, forrado no chão, há um lençol repleto de almofadas, cercado por velas. Uma cesta de frutas está no meio dele. Tão romântico!

Sim, há o risco de alguém nos ver, mas isso me excita ainda mais.

Ele não espera que eu diga nada. Guia-me gentilmente até o lençol, se ajoelha a minha frente e tira minha sandália. Massageia cada um dos meus pés e vai subindo as mãos pela minha perna, até alcançar a coxa, ele arranha minha coxa e sinto meu corpo todo arrepiar.

— Sebastian!

— Já está implorando? — ele diz sorrindo.

Abaixa minha calcinha lentamente, estou meio tonta quando o ajudo a tirá-la. Me apoio no ombro dele enquanto ele deposita um beijo suave no meio das minhas pernas. Agarro o seus cabelos e o obrigo a se levantar. Mal consigo falar, ao pedir:

— Preciso. Dentro. Agora!

Ele me deita nas almofadas, e abre a calça. Vejo que tira os sapatos e as meias, mas não espero que termine de tirá-los, puxo sua calça para baixo, puxando seu quadril de encontro ao meu.

Assim que ele me preenche, sinto uma dor forte e dou um berro. Respiro fundo enquanto a dor passa.

Sebastian tem um sorriso enorme no rosto. Acho que o imbecil está pensando que gritei tão alto por causa do Sebs. Abro a boca para esclarecer que estou sofrendo quando ele me penetra de novo e uma nova dor me atinge. Grito ainda mais alto e mordo o ombro dele com força.

— Uau Celina! Hoje você está selvagem!

— Sebas... — tento falar, mas ele me penetra e sinto a dor novamente.

Belisco Sebastian enquanto grito e ele para de se mover de novo.

— Amor, eu adoro que você grite, mas está parecendo uma atriz pornô.

Imbecil. Imbecil. Imbecil.

Meu Deus, será que o sexo vai doer agora? Falta uma semana para a Nath nascer, não posso ficar sem transar até lá. Abro a boca para dizer a Sebastian para sair de dentro de mim, mas ele faz isso. Afasta-se e começa a tirar a camisa. É quando sinto algo molhar o lençol.

Sebastian deixa a camisa presa entre os braços e a cabeça e arregala os olhos.

— Celina, amor. Você acabou de fazer xixi?

IMBECIL!

Finalmente consigo falar:

— A bolsa estourou seu imbecil, me leva para o hospital!

Vejo o rosto de Sebastian perder a cor e ele parece não estar respirando.

— Sebastian Vaughn! Não ouse desmaiar agora! Preciso que me leve a um hospital.

Ele concorda com a cabeça e tenta vestir a blusa de volta, mas ela fica presa na cabeça dele e ele começa a gritar:

— Anda! Passa logo! Celina, calma amor! Anda!

— Sebastian! — grito mais alto — Venha aqui!

Ele se aproxima e desenrolo a blusa. Ele a veste rapidamente e enfia os sapatos de qualquer jeito nos pés, corre para um lado, para o outro e preciso gritar de novo.

— Hospital, Sebastian!

— Claro, chamar uma ambulância.

— Ambulância, não! Levanta-me e me leva para o carro.

— Ok. — ele diz desesperado.

Corre até mim e me levanta no colo, me leva correndo até um de seus carros.

— A bolsa, amor. — peço.

— Eu vi que estourou.

— Não sua anta, a minha bolsa e a do bebê!

— Ah!

Ele volta correndo para dentro de casa e retorna pouco depois com as bolsas. Entra no carro e sai como um louco. Noto que está suando.

— Isso só era para estar acontecendo na semana que vem. — diz desesperado.

— Relaxa Sebastian, fica calmo. Vai dar tudo certo.

Chegamos à maternidade e ele corre até uma cadeira de rodas, me deposita nela e sai correndo. Tiro a chave do carro do bolso dele e aciono o alarme, coisa que ele não se lembrou de fazer. Ele já entra na maternidade fazendo um escândalo, e sou levada imediatamente a um quarto.

Só quando sou depositada na cama e Sebastian entra correndo atrás é que reparo como ele está. Então tenho uma crise de riso.

Ele e a enfermeira ficam me encarando, como se eu fosse louca, mas não consigo parar de rir. Sebastian está com um pé calçado e o outro não, a blusa de trás para frente e a calça aberta.

— Amor, olha como você está. — digo rindo.

Meu riso dura até que a enfermeira pergunta:

— Senhorita Morelli, por que está sem calcinha?

Meu riso para, meu rosto esquentava e é Sebastian quem está rindo agora.

— Vamos amor, explica para ela por que está sem calcinha. — Ele diz fechando vagarosamente o zíper da calça. Reparo que a enfermeira está com os olhos vidrados no movimento dele.

— Eu, hum...estava apertada?

Ela finalmente me encara, o rosto corado e de repente, começa a rir.

— O médico já virá atendê-la. — diz saindo do quarto.

Sebastian fica uns cinco minutos rindo da minha cara, até o médico entrar. Que. Homem. Lindo. Sei que estou vidrada no médico, mas não consigo desviar o olhar. O homem é alto (muito alto), os braços musculosos cobertos por tatuagens, e com enormes olhos verdes. Lindo!

— Olá senhorita Morelli. — ele diz beijando minha mão.

— É senhora Vaughn. — diz Sebastian. — Quer dizer, quase senhora Vaughn.

O médico lindo cumprimenta Sebastian e volta a atenção para mim. Ele começa a falar sobre o tempo e levanta o lençol que cobre minhas partes de baixo.

Ah meu Deus! Esse homem lindo vai mexer ali? Agora? Na frente do Sebastian?

Olho para Sebastian que está com os olhos arregalados e no segundo seguinte, o médico enfia os dedos em mim, sem o menor cuidado e fica apalpando lá dentro, como se eu fosse uma carne exposta em um açougue.

— Quatro centímetros, aguenta só mais um pouquinho.

Ele pisca os olhos para mim e sai do quarto.

Eu aguento realmente só mais um pouco, pois logo as dores voltam, quase

quebro os dedos do Sebastian, o mordo, puxo seu cabelo, arranho seus braços. E ele fica o tempo todo tentando me acalmar. Grito como uma louca e fico chamando o açougueiro.

Por fim um enfermeiro se cansa do meu escândalo e entra no quarto. Imediatamente Sebastian pede:

— Será que você pode chamar um anestesista? Ela está sentindo muita dor.

— É normal quando as contrações vêm. Ela não pode tomar anestesia, só no caso do parto ser por cesariana.

O quê? Vou ter que ficar sentindo dor? Agarro a mão do enfermeiro e aperto com toda força.

— Está doendo! Chama um anestesista ou a porcaria do açougueiro!

Ele arregala os olhos e tenta tirar a mão, mas aperto ainda mais.

— Vou chamar o médico! Vou chamar o médico! — ele diz com cara de dor.

— Viu como é ruim sentir dor?

Ele assente e solto sua mão, então ele sai correndo.

— Eu sempre disse que você tem a mão pesada. — diz Sebastian rindo.

A dor me atinge novamente e grito:

— Sebastian!

Ele massageia um pouco a mão antes de colocá-la nas minhas. Começo a apertá-la e falar:

— Você me paga por toda essa dor!

— A culpa não é minha!

— É sim, o bebê estava em você antes de estar em mim! Para que você colocou em mim?

— Calma, amor, calma! Já vai passar.

Finalmente o açougueiro aparece, agora nem o acho bonito mais. Ele sem cerimônia enfia a mão em mim e diz:

— Está na hora, vamos tirar seu bebê.

Finalmente!

Não há palavras que possam explicar o que senti quando meu pacotinho foi depositado no meu braço. Esqueci imediatamente toda a dor que passei, todo o medo de não dar conta, quando aquela coisinha pequena encostou a cabeça na minha e parou de chorar. Nunca pensei que pudesse existir um amor assim. Quando Sebastian a pegou, as lágrimas desciam por seu rosto como uma torneira aberta. Ele a beijou mil vezes, e dizia que a amava. Nossa pequena princesinha.

Hoje ela tem dois meses, é tão esperta e risonha! Sebastian ganhou um senhor tapa quando disse todo contente para Matheus e Cleber que Nath não tinha herdado meu mau humor. Retruquei que tomara que não herdasse então a estupidez dele, e os padrinhos babões caíram na risada.

Vou me vangloriar agora, nunca derrubei meu bebê. Nem uma vez, nem dando banho. Sebastian, quase a matou afogada na primeira vez que foi dar banho e só não ri mais da cara dele, porque a pequena chorou muito. Vou retirar um pouco minha glória ao confessar que todos os móveis da casa, contém leite. Sim minha gente, eu tenho tendência a virar a mamadeira. Não sei o que acontece, ela sempre escorrega da minha mão e espirra leite em todo canto. Por isso prefiro dar o peito. E também porque adoro a forma como ela fica me olhando quando está mamando.

Tirando as mamadeiras que não gostam da minha mão, e Sebastian que definitivamente não sabe dar banho em uma criança, estamos nos saindo bem. Bem até demais. Nathalia está grande, fofíssima e sempre risonha.

Hoje a trouxemos a V.D.A., para que os funcionários pudessem conhecê-la. Ela foi a sensação. Vesti nela um macacão vermelho com pequenas joaninhas desenhadas, seu cabelo negro, a pele clara e os olhos verdes do pai combinam perfeitamente com vermelho. Não teve quem não babou por ela. E olha que nem estou dizendo isso por ser uma mãe coruja. Fico impressionada em como uma coisa tão linda e pura pode sair de um pau, mas o brilho da minha princesa foi ofuscado por causa de Sebastian.

Estamos saindo da V.D.A., Nath adormecida no colo de Matheus, que não tem nojo da baba dela, (só para constar), Sebastian à minha frente e eu andando de cabeça baixa. Quando o elevador do nosso andar se abre, três músicos saem de dentro dele, um com um saxofone, um com um violão e o outro com um violino.

— Mas o que...

Antes que eu possa terminar de falar, Sebastian se ajoelha aos meus pés. Isso mesmo meninas, babem, eu disse que ele se ajoelha aos meus pés. Não diz nada, olha nos meus olhos. Não sei o que fazer, sei o que ele pretende, mas Nath ainda não cresceu, não sei se devo correr ou agarrá-lo. Olho para os lados e vejo que todos me olham, mais que isso, todas me olham. Mortas de inveja. Meu Deus! Estou no meu momento “deusa total”. O homem mais lindo, delicioso e perverso do mundo está ajoelhado aos meus pés.

— Eu já esperei demais. — ele sussurra enquanto abre a caixinha com as alianças enormes de ouro.

Ouçõ apenas duas coisas, o burburinho de admiração e meu coração batendo feito um louco.

— Eu te amo, você é minha vida. Isso resume tudo. E mesmo assim, não expressa quase nada do que sinto por você, vai muito além disso; muito além das palavras, dos risos e das vezes que fazemos amor. Vai muito além de sentir sua falta no minuto que você se afasta. Muito além de sonhar com você quase todas

as noites e de saber que sou o homem mais sortudo do mundo, só porque posso acordar ao seu lado todas as manhãs. Eu te amo. É simples assim, é tudo isso.

Não sei o que dizer, não sei como agir. Eu o amo tanto! E ele é a melhor coisa que me aconteceu, graças a ele eu tive o melhor que poderia sonhar em ter. Sei que as lágrimas teimosas correm por meu rosto, e minha voz não sai.

— Celina Morelli, aceita se casar comigo?

Olho para ele, meu amado pervertido, o homem da minha vida. Abro meu melhor sorriso, que o faz arregalar os olhos, e digo em alto e bom tom:

— Não.

Ele sorri. .

— Não?

— Não mesmo. Vai ter que fazer melhor que isso.

Ele sorri novamente, me puxa para seus braços, ali no chão, e me beija. Quando nos afastamos, há algo pesado em minha mão.

— Sebastian Vaughn, por que tem duas alianças enormes no meu dedo?

Ele sorri e responde.

— Porque você é minha. Case-se comigo Celina, não é uma opção.

Olho para ele, toco seu rosto que amo tanto, e digo com toda minha alma.

— Não.

Epílogo

Celina

Nós estamos mesmo aqui. Nesse lugar cheio. Com esse homem a nossa frente, falando sem parar. Não consigo escutá-lo, estou muito nervosa, e ansiosa. Estou mesmo aqui? Estou mesmo fazendo isso?

— Não acredito que estamos fazendo isso. — sussurro.

— Celina, segure a minha mão, cale a boca e sorria. — Sebastian diz baixinho.

— Acho que estamos nos precipitando.

O padre me olha feio e eu abaixo a cabeça.

— Tarde demais para arrependimentos.

— Merda.

— Não diga palavrão na igreja

O padre me encara com horror e sussurro um pedido de desculpas. Sebastian aperta mais forte a minha mão.

— Nós não temos que fazer isso, Sebastian.

— Temos sim, eu gastei uma pequena fortuna nessa festa e agora você vai até o fim e vai dizer sim.

Fico calada, o coração aos pulos, nervosa. Ele acaricia minha mão com o polegar me tranquilizando.

— O que foi Celina? Você não me ama?

— Às vezes.

Respondo e o padre pigarreia para que eu cale a boca enquanto Sebastian sorri alto e pede desculpas por interromper o padre.

— Isso já é o suficiente, Celina. Não tenha medo, eu a farei muito feliz.

— Tenho minhas dúvidas, você tende a ser estúpido.

— Sei que você não me permitirá ser estúpido.

Olho para Nath, quietinha em seu cesto, e meu coração se enche de amor. Respiro fundo e resolvo ser corajosa.

— Eu castro você na primeira estupidez.

Sebastian dá uma gargalhada de novo e o padre quase o fuzila com o olhar.

— Desculpe. — ele diz, assim que o padre volta a falar, ele sussurra — Não tenho dúvidas quanto a isso meu amor. Agora será que pode calar a boca e prestar atenção ao seu casamento?

— A palavra casamento me causa coceiras. — sussurro de volta.

— Mesmo? Em mim causa coisas diferentes.

Ele passa a minha mão levemente pela sua ereção e suspira.

— Ah Celina, me deixe ficar emocionado e não excitado perto de você ao mesmo uma vez.

Eu concordo e me calo e acho que o padre dá um suspiro dramático quando isso acontece. Agora estou excitada. Será que é pecado? Claro que é pecado, estou em uma igreja. Mas Sebastian é meu marido. Quer dizer, está se tornando nesse momento. Meu Deus! Eu estou em uma igreja, só pode ser pecado. De repente quero que o padre pare de falar. Meu sapato está apertado, esse vestido é pesado e está muito calor. Sem falar que Sebastian está rodando o dedo na palma da minha mão, provocando sensações em outros lugares mais ao sul.

Quero sair dessa igreja e mandar todo mundo embora para ter meu marido. Marido. Eu tenho um marido. Não um de pinto pequeno, mas um simplesmente esplêndido. Ele é meu.

Olho para as meninas da empresa emburradas atrás de mim e sorrio. Ele é meu, suas vacas! Então me repreendo, ainda estou em uma igreja.

Olho pelo canto do olho para Sebastian e ele pisca para mim. Eu sorrio e o padre fala mais alto a palavra me chamando atenção. Aperto a mão de Sebastian e sussurro:

— Quero sair daqui logo. Quero fazer amor com meu marido.

Sebastian engasga e o padre para pela milésima vez fuzilando-o com os olhos.

— Não me fale essas coisas no altar, Celina. Por Deus!

— Ok, estou quieta...

Sinto que ele está tenso. Será que o estou confundido?

— Eu te amo. — sussurro.

Ele suspira e aperta minha mão, a leva aos lábios e a beija.

— Eu te amo mais, Celina. Você sabe disso.

Concordo, tem que amar muito para aguentar alguém como eu. Mas eu o amo tanto! Será que existe mesmo amor maior que esse? Então me dou conta que não, é impossível que ele me ame mais do que eu a ele. Eu daria a vida por ele sem pensar duas vezes. Ele me domina como nunca achei que seria possível. Por causa dele eu tenho uma filha, nunca tinha imaginado isso. E estou me casando. Eu jurei que nunca faria isso. Mas não há nada que eu não faria por ele.

— Merda. — murmuramos juntos.

É a gota d'água. O padre ergue a Bíblia, vermelho como um tomate e grita:

— Calem a boca! Calem a boca!

Nós nos assustamos e algumas pessoas na igreja arquejam. Então ele guarda a Bíblia e diz:

— Mandem entrar as alianças, vamos acabar logo com isso.

Sebastian

— Não acredito que você é minha.

Digo me sentindo mais feliz do que pinto no lixo. Minha. Celina Vaughn. Finalmente. Estou ansioso para despi-la. Para tirar cada camada de seu vestido, a festa está rolando animada e por mais que eu queira, sei que não posso impedir que a Celina curta o momento dela. Eu me obrigo a me afastar e ela diz:

— Por que essas pessoas não vão embora? Quero que você me dispa.

Ah, como eu a amo!

Estamos no meu escritório, escondidos, pois mal conseguimos ficar perto um do outro desde que chegamos a festa. Aconteceu uma coisa estranha, as mulheres não se aproximam mais de mim. Fico me perguntando se Celina precisou ameaçá-las, ou se elas temem por suas vidas mesmo. Sei que estar casado com a Celina dá a ela total poder sobre mim, mas também sei dominá-la, por isso damos tão certo.

— Precisamos voltar para a festa. — ela sussurra.

— Eu sei, já vamos.

Colo minha boca na dela de novo, estou prestes a levantar seu vestido e tocá-la, quando Nath resmunga.

— A Nath está com fome. — Celina diz.

Sei que tenho que soltá-la para ir fazer a mamadeira, mas não consigo afastar meus lábios do seu corpo. Ela está maravilhosa nesse vestido de noiva. Nunca a vi tão linda.

Nathalia está com sete meses agora. Sim, a Celina ainda me cozinhou por cinco meses após o pedido de casamento do século, mas foi cuidando dos preparativos do casamento, então aceitei. Ainda tive certo medo de que ela fugisse da igreja, por isso contratei seguranças para ficarem na porta, e a trancarem por fora ao menor sinal da Celina olhar para trás. Mas ela não fugiu. Sei que estava nervosa, e com medo, mas disse sim. Demorou dois minutos para dizer sim quando o padre perguntou e quase tive um infarto, mas depois ela sussurrou que estava prestando atenção no volume das minhas calças e não no padre. Acho que criei uma perversa.

Colo minha boca à dela novamente para me despedir por enquanto, quando algo acerta meu ombro.

Nos afastamos em um pulo e olhamos para Nath, ela agora está sorrindo.

— Celina, o que acabou de acontecer aqui?

— Eu acho, que a Nath arremessou a chupeta em você.

— Não é possível.

Pego a chupeta e a coloco em sua boca. É automático, ela chupa um pouco, percebe que não sai leite, então tira a chupeta com a mãozinha pequena, olha para mim e a arremessa, com uma careta de indignação.

Celina dá uma gargalhada e pega a menina nos braços.

— Isso mesmo. Ela arremessou a chupeta em você. Isso é que dá tentar enganá-la.

Mas não respondo, não posso. Ela arremessou a chupeta em mim. Com sete meses. Meu Deus, ela herdou a loucura da mãe!

BÔNUS: COMO DOMAR SEU PERVERTIDO

POR CELINA VAUGHN

Olá,

Nesse manual darei algumas dicas e ideias infalíveis para você mulher solteira, sozinha ou encalhada, ou você, criatura safada que é comprometida e está apaixonada por outro, conquistar o seu pervertido. Prestem bastante atenção e sigam à risca essas dicas valiosas.

1º DICA: NÃO SE APAIXONE POR UM PERVERTIDO!

Gente! Homens não prestam por natureza, os pervertidos, então, nunca poderão ter 100% da sua confiança, pois o cérebro deles menospreza a palavra FIDELIDADE e tem pavor a palavra COMPROMISSO. Dá para mudar isso, mas dá muito trabalho, então procure um homem bonzinho e decente antes de se dedicar ao seu futuro “ex-pervertido”.

2º DICA: DESCUBRA SE É BOM DE CAMA.

Se não tiver um bonzinho e decente, ou se sua paixão for realmente o pervertido, a primeira coisa que deve confirmar é se todo o seu trabalho vai valer à pena. Meninas, nada de entregar sua dedicação, tempo e seu corpo a um pervertido ruim de cama! Sim, eles existem e são os piores. Tipo o Edmundo, sabe? E depois você fica se perguntando como alguém tão fraco consegue tanta mulher. Não seja uma dessas desesperadas.

2.1: O ideal é reparar como ele a beija, se tem pegada e se há volume na calça dele quando faz isso.

2.2: Caso ainda não tenham intimidade suficiente para dar uns amassos, tente encontrar alguma ex. Um pervertido sempre deixa rastros. De preferência encontre mais de uma, porque alguma vaca pode mentir.

2.3: Último caso: Somente se não tiver outro jeito mesmo, é que você vai testar isso. (NÃO VÁ PARA A CAMA COM ELE AINDA!) Essas coisas a gente consegue perceber com mãos e bocas.

— Até parece que alguma mulher vai conseguir parar na boca e não aproveitar o pau!

- Sebastian! Não dê pitaco no meu manual!
- Só estou dizendo.

3º DICA: CHAME A ATENÇÃO DELE.

Um bom pervertido sempre tem um monte de mulheres aos pés dele. A quem estamos enganando? Até um ruim pervertido tem! Com essa escassez de homem que estamos enfrentando, qualquer homem pode ter seu harém. Cabe a você ter algo a mais que as outras. Mas, tomem cuidados: com certeza esse pervertido está sendo caçado, então nada de coisas óbvias, como mostrar o decote ou as pernas, nada disso. Seja mais criativa. Siga os rastros desse pervertido, procure saber do que ele gosta, lugares que ele frequenta e o mais importante: Não dê bola para ele ainda! Pervertidos tomam como desafio mulheres que fingem que não gostam deles.

- Então era isso o tempo todo? Um plano?
- Sebastian, pare de ler meu manual, você não é uma mulher tentando fisgar um pervertido.
- Sou um ex-pervertido. Tenho o direito de saber se toda a sua indiferença desde o começo foi um plano.
- Não foi, eu realmente detestava você. Satisfeito?
- Sim.
- Agora saia daqui e pare de rir.

4º DICA: APROXIME-SE DELE E NÃO DEMONSTRE CLARAMENTE SEU INTERESSE.

Agora você deve começar a ter contato com seu pervertido. Cuidado, não fale demais, não conte nada sobre sua vida, seus problemas, deixe que ele queria descobrir algo sobre você. Também não pergunte nada sobre a vida dele. Mas deixe escapar frases de duplo sentido e leves insinuações. Confundir um homem é um dos melhores caminhos para se aproximar dele. Acredite, ele vai tentar te desvendar.

4.1: É bom você se tornar amiguinha dele, mas cuidado, amiga colorida, nada de virar a confidente do homem. Você precisa viver as aventuras com ele, não ouvi-las.

4.2: Nada de demonstrar logo de cara que quer dar para o homem, por favor, não façam isso. Não deixe que ele perceba o seu interesse, mas nessa fase, não

negue totalmente se ele insinuar ou perguntar algo. Deixe-o sempre desconfiando, mas sem ter certeza do que você deseja.

5º DICA: PROVOQUE-O.

Isso mesmo minha gente. A essa altura, seu pervertido já sabe que você existe e acha que não está de quatro por ele. Ele vai começar a investir para ver se você reage. Essa é a hora de reagir. Calma! Não vá pular no pescoço do homem ainda. Há gestos que valem muito mais do que palavras, do tipo, uma mãozinha ali enquanto conversam, agora sim, um decotezinho à mostra cai bem, uma saia bem apertada. Um susto qualquer que a faça pular nos braços dele. Inventem, sejam criativas dependendo da situação de cada uma. O importante é que o corpo dele tenha contato com o seu, mas não o suficiente para saciá-lo, e sim para fazê-lo querer mais.

5.1: Ele vai começar a te cantar e jogar indiretas ou diretas mesmo, se faça de desentendida, mas não totalmente de desinteressada, ele não pode achar que você não quer nada, nem saber que você quer. Lembre-se, deixe-o confuso.

6º DICA: OS FINALMENTES.

A essa altura, seu pervertido já está subindo pelas paredes. Está dando em cima de você, te encurralando pelos cantos e fazendo propostas e mais propostas para te usar. O que você faz agora? Transa com ele, é claro! Você não é de ferro, se chegou a esse estágio já merece uma medalha! Vá minha filha, se jogue, aproveite, deite e role e apronte muito mesmo, porque isso será apenas uma noite. Isso mesmo, você não leu errado. Não faça essa cara de choro, faz parte do roteiro. Você precisa ser de alguma maneira inesquecível para ele. O fato de ele ter tido trabalho para tê-la, já será um enorme ponto ao seu favor, então seja uma puta entre quatro paredes (somente entre quatro paredes e somente com o pervertido alvo) e aproveite bastante. Aproveite para confirmar que ele valerá a pena o resto do trabalho.

7º DICA: FINJA QUE NÃO QUER MAIS.

Mas Celina, não acabou? Não! Você já deu o passo mais importante, agora falta fisgar esse partido. Assim que passar a noite maravilhosa de vocês, aja como se nada tivesse acontecido. Cuidado, não vá insultar o homem ou ferir o ego dele, pelo menos não muito. Mas finja que não foi nada demais, que foi

apenas uma noite de sexo e você não tem interesse em repetir a dose. De maneira nenhuma procure por ele, espere que ele a procure. E mesmo que ele demore a fazer isso, nada de cara feia ou vinganças, abra seu melhor sorriso, esteja na sua roupa mais sexy quando encontrá-lo de novo e mostre a diva que há em você. E assim que ele te convidar para sair de novo, diga um lindo e sonoro não. Você não tem mais interesse em transar com ele. Não o corte bruscamente, apenas diga não, sorrindo lindamente. Isso irá deixá-lo louco.

— Isso é muita maldade, Celina. O que planeja? Criar monstros?

— Qual é Sebastian? Vai dizer que vocês homens não fazem isso? Não transam com uma mulher e no dia seguinte fingem que nada aconteceu?

— Sim, mas isso não faz parte de algum plano maligno pra domar suas xoxotas.

— Não importa os motivos, vocês fazem, então nós também fazemos.

— Só acho que isso é muita maldade.

— Sebastian, cala a boca e vá dar banho na Nath! Estou ouvindo ela resmungar.

— Se eu afogá-la de novo, vou pegar você pelos cabelos e afogá-la também. E depois meter em você com força por me mandar calar a boca.

— Ok, ok, agora vá. E segure ela direito!

Então meninas, não é maldade, lembrem-se que eles sempre fazem isso com a gente, também podemos!

8º DICA: ARRUME OUTRO.

Não é pra vocês, divas, arrumarem outro e já irem abrindo as pernas para ele. Vigiem! Foco no seu pervertido. É para arrumar um amigo, de preferência bem gato e cuidar para que seu pervertido saiba desse amigo. Veja bem, ele não pode ter certeza que você ficou com outro, ele tem que ficar na dúvida e desconfiado. Mais uma vez vale a regra: deixe-o confuso. Ele precisa querer investigar se está com outro e isso vai incentivá-lo a garantir que seja só dele antes que outro a possua.

8.1: Cuidado! Nessa hora ele já estará lhe fazendo promessas, não caia como uma boba apaixonada, faça um doce básico, que toda mulher tem o direito de fazer e lembre-se de não cortá-lo totalmente e nem aceitar o que ele propor depressa demais. Cozinhe um pouco, faça promessas, desmarque, o beije de vez em quando, uma mãozinha não faz mal algum, um contato menos completo, pois mais intimidade é excelente nessa fase. Pode até ir para a cama com ele de novo,

apenas uma vez, mas não prometa fidelidade e não cobre de maneira nenhuma um compromisso.

9º DICA: ACEITE A PROPOSTA DELE.

Claro, desde que tenha feito ele compreender que também tem que ser só seu. Não imponha isso de cara, mas deixe claro que estamos em pleno século XXI e você vive por direitos iguais. Se ele comer outra, você vai dar para outro, ele tem que entender que é simples assim, mesmo que na realidade não seja. Então pode dizer sim, se jogar, aproveitar, gozar muito e ser feliz, por um tempo é claro. Calma, você não vai dar o fora no homem nem nada, prestem atenção na décima e última dica:

10ª DICA: AFASTE-SE UM POUCO.

Não, você não leu errado. É isso mesmo. Gente, é para se afastar um pouquinho, nada de sumir, arrumar outro e esquecer o pobre ex-perverso. A essa altura, o homem já está doidinho por você. E provavelmente já é até fiel a você. Mas você precisa fazer com que ele entenda que a ama. E nada melhor pra gente perceber o quanto ama alguma coisa, do que o risco de perdê-la, então é isso. Nada de dar uma crise infantil ou de TPM e assustar o cara. Apenas fique um pouco mais na sua, fria, não esteja sempre disponível, mas continue tratando seu perverso com todo carinho quando se virem. Arrume outros compromissos quando ele chamá-la para sair, deixa ele sentir um pouco sua falta. Ele vai ficar louco, vai se declarar e querer ter certeza que não vai perdê-la e aí sim você pode se jogar de corpo e alma nesse perverso.

DICA DE OURO: AME MAIS A VOCÊ MESMA DO QUE A ELE!

Essa é a dica mais importante, é o essencial em qualquer relacionamento. Não se ame a ponto de se tornar egoísta e só pensar em você, mas se ame o suficiente para saber os limites que pode aceitar por alguém e nunca, jamais, deixar que ninguém ultrapasse esses limites. Sempre pese em uma balança se o que ele quer de você é o que a faz feliz e se não for, bom, joga tudo pro alto e vá à caça de outro perverso, principalmente, lute sempre por você. A essa altura você sabe que ele é o cara certo e é improvável que ele vá ferir seus limites, mas nunca se esqueça disso.

Bom meninas, espero tê-las ajudado com esse manual e que consigam um perverso tão intenso e apaixonado como o meu. Por falar nele, preciso ver

como está. Sumiu no banheiro com a Nath.

É disso que estou falando, ele está deitado dentro do berço com ela, com certeza fez isso para fazê-la dormir, ela o ama. Mas não tem como não amar. Eu os amo, muito! Ultimamente quebro poucas coisas pela casa e quase não brigo com Sebastian. Sei que sempre teremos algum conflito, afinal de contas, a vida seria muito monótona se não tivesse, mas sei que tudo dará certo, pois no final eu estarei sempre certa.

Um beijo enorme para vocês e muitas felicidades com seus homens. Ah! E quero ser a madrinha desses casamentos, hein? Beijão!

ESTÚPIDA
Chantagem

Trilogia V.D.A.
Volume II

Dedicatórias

A trilogia V.D.A. sempre será dedicada a
Amanda Lopes e Bárbara Pinheiro.

Vocês minhas irmãs, minhas amigas, minha equipe, minhas companheiras de sonhos e viagens, cada obra minha, sempre será dedicada a vocês. Pois sempre terá algo de vocês duas nelas. Mandy, obrigada por ficar à minha disposição me dando coragem para não dormir hoje. Bah, obrigada por cada minuto em que ficou acordada cuidando disso, me ensinando e ajudando. Amo vocês duas demais.

Estúpida chantagem é dedicado a Maria Rosa Moraes, a melhor amiga que a Suzana poderia ter. E a amiga que mais traz sorte e coisas boas, a primeira, sempre!

Agradecimentos

Agradeço a Deus, sempre por tudo o que tem me dado, em cada momento, nos momentos certos. A minha família, meus pais pela fé que depositam em mim. Daniele, Aninha e Lukas, por toda paciência, carinho e entrega sempre.

A minhas amigas, minha base sempre: Ellen, Maria Fernanda, Shirley Nonato, Cynthia Lopes, Catarina Braga, Debora Gomes, Olivia, Vick, Naty, Andreia, Regiane Valim, Paloma Sá, Michelle Souza.

A minhas florzinhas Jessica Souza, Edlaine Cardoso, Sara Yasminne, Nathalia Mattos e Mel Olivatti.

A minhas meninas, que estão sempre comigo no Whats, no Face, no Wattpad, obrigada amorecas lindas, a melhor coisa do mundo é poder contar com vocês: Liv, Flavia, Duda, Shirlene, Krisley, Emily, Andrezza, Marta, Catarina, Emanuela, Alexandra, Aysha, Denise, Luana, Kami, Thais, Danny, Thais Martins, Carla, Mika, Keissi, Lari, Nessah, Danila, Jessica Bidoia, Josi, Diana, Rozzy, Mony, Jessica Lorrane, Larissa e Ícaro, Fabi del Col, Fernanda Ramalho, Maria Elisa, Fabiana Nunes, Monica Medeiros, Kamila Santos, Adriana Dutra, Rayssa Gouveia, Larisse Dalila, Estephanie Winckler, Glauce Nunes, Manu Moura, Mia Klein, Rosa Alexandrina, Yanca Marques, Vic Gonçalves, Cris Fermino, Rebeca Xavier, Emilene Choli, Hemmylly, Eliane Crispim, Dany Lobo, Raquel Tavares, Alessandra Fernanda, Graziela Rodrigues, Sabrina Martins, Simone Camargo, Daisy Yukie, Julia de Almeida, Rubanne Damas, Silvana Quitino, Kate Beserra, Bianca Rabis, Ellen Carlyne, Brenda Victoria, Marcela Basilio, Thais Padalecki, Alinne Firmino, Mirelle Vieira, Mikaely Barros, Leda Maria, Claudia Proença, Milena Neress, Nani Castro, Mariazinha Franco, Marcelene Guimarães, Lilian Rodrigues, Maria Evellyn, Cleide Martins, Camila Farias e Gra Giustina.

A pessoas que se tornaram tão especiais, que mesmo distantes, estão comigo sempre: Sueli Pinheiro, Diana Medeiros, Nathalie Graf Guide, Lyssa Camargo, Bianca Patacho, Gracielle Rodrigues, Erika Will, Amanda Pessoa, Jaine Gonçalves, Leila Rios, Su Xavier, Juliana Cardoso, Sue Hecker, Middian Meirelles, Ângela Aguiar, Sheyla Mesquita, Jessica Laine, Jaqueline Borges, Jaqueline Renata, Camila Lima, Sol, Cleidi Natal, Isnathyelly e Uennia.

Ao Recanto das Autoras Brasileiras, Viciados em livro novo e Livros do coração por todo apoio.

A cada leitor do wattpad, cada um que vota, comenta, briga quando demoro a postar, me apoia sempre, indica, me manda mensagens. A cada leitor da Amazon, cada um que avalia e compartilha. Mesmo que não cite o nome de cada um de vocês, quero que saibam que é por vocês que estou aqui. Obrigada.

Capítulo 01

Cleber

O edifício é elegante e discreto. O tipo de prédio em que eu moraria. Tenho que admitir que Pinto Pequeno tem bom gosto. Não titubeio ao avistar o porteiro, preciso subir ao apartamento de Edmundo sem ser anunciado. Não quero que ele fuja como um rato, o que sei que ele é. Nesses casos, postura é tudo. Estou bem vestido, tenho cara de rico, e um corpo invejável, mas isso não vem ao caso, só estou citando para que você saiba. Enfim, não paro na recepção, ajo como se morasse ali, como se entrasse naquele hall todos os dias. Claro que dá certo, o porteiro me olha mais de uma vez, mas apenas me cumprimenta com um sorriso quando o encaro, e não me impede de entrar.

Claro que ele não impediria, sabendo que tenho dinheiro e por causa do meu porte. E nem estou falando da minha beleza, e sim dos meus músculos. São enormes, e muitos, e é muito difícil um ser magro e raquítico como aquele porteiro se meter comigo.

Quando as portas do elevador estão se fechando, avisto uma mulher correndo e gritando em direção ao elevador. Imediatamente o seguro para ela. Ela entra desajeitada com umas dez sacolas a cobrindo. Eu tiro metade das sacolas de sua mão e a vejo.

Ela tem olhos negros, mas grandes. Os óculos elegantes os deixam ainda maiores. Seu cabelo negro está preso em um rabo de cavalo muito bem arrumado, e a franja longa cai pelas laterais de seu rosto. Ela é bonita.

Agradece sem enrubescer, o que é incomum quando uma mulher olha para mim. O andar do idiota do Edmundo é o décimo, mas a mulher para no oitavo e estende a mão para pegar as sacolas. Como o bom moço que sou, levo-a até seu apartamento. Ela parece surpresa pelo meu gesto, mas mais uma vez, não enrubesce. Será que é lésbica? Ou casada? Não, mesmo as casadas enrubescem diante de mim.

Ela parece nervosa enquanto abre a porta do apartamento e me pego sorrindo, finalmente alguma reação, mas a vaca entra correndo e bate a porta na minha cara. Fico ali no corredor, sem entender, com cinco sacolas na mão. Meio fora do ar. Quando de repente ela abre a porta e a fecha rapidamente atrás de si. Pega as outras sacolas da minha mão dizendo:

— Me perdoe, senhor. E muito obrigada pela ajuda.

Seguro a última sacola para que ela não a retire da minha mão. O que faz com que ela olhe para cima.

— Isso não é jeito de tratar alguém que foi gentil com você.

— Eu sei, me desculpe. — Ela ainda não está ruborizando.

— Não. Só a desculpo se me convidar para beber uma cerveja.

Ela pisca os olhos, confusa e depois de um bom tempo, sua amabilidade desaparece, ela parece desconcertada, mas ainda assim não enrubesce. Qual o problema dessa mulher? Será que é assim tão fria?

— Sinto te desapontar, mas não vai encontrar cerveja na minha casa — ela diz, mas sem cordialidade na voz.

— Um suco, então?

— Não tem.

— Café? — Tento mais uma vez.

— Na verdade, você não vai tomar absolutamente nada na minha casa. Pode devolver minha sacola ou terei que acusá-lo de roubo?

Uau! A mulher é brava! Isso me faz rir.

— Você é lésbica?

Ela pisca os olhos e fica vermelha e sei que está se controlando.

— Claro. Pense assim se isso servir para amaciar seu ego. — Ela tenta puxar a sacola da minha mão e eu a afasto.

— Como? — pergunto divertido.

— Senhor, Não Me Interessa Seu Nome, entenda três coisas: Uma, eu não sou lésbica, só não te acho tudo isso. Duas, você não vai, em hipótese alguma entrar em meu apartamento. E três, você definitivamente não faz o meu tipo. Pode me devolver minha sacola agora? — Sim, ela foi incrível e eu fui nocauteado.

— O que você esconde nesse seu apartamento? — digo, olhando sério para ela.

Touché. Ela pisca os olhos assustada e percebo como ficou tensa. Esconde alguma coisa. Por isso não vai me deixar entrar em seu apartamento, não tem nada a ver com não me desejar.

Ela parece irritada, pois tenta puxar a sacola da minha mão, quando não consegue, respira fundo, dá de ombros e diz:

— Tudo bem, se faz tanta questão de ficar com a sacola, pode pegar para você. Faça bom proveito do que está dentro dela.

Assim ela bate de novo a porta na minha cara e desaparece para dentro. Imediatamente abro a tal sacola e quase tenho um infarto quando vejo o que tem dentro. Uma calcinha vibratória. Nem acredito. A mulher é aparentemente culta, se veste elegantemente coberta e usa uma coisa dessas! Em vez de abrir a porta

para um homem como eu, que daria a ela muito mais prazer do que essa minúscula calcinha. Que imagino que nem caiba em toda aquela bunda. Posso imaginar o que ela esconde em seu apartamento.

Com um sorriso no rosto, penduro a calcinha no trinco da porta. Vamos deixar que a safada escondida dentro dela seja descoberta pelos vizinhos.

Volto para o elevador e subo para o andar de Pinto Pequeno. Toco a campainha e fico longe do olho mágico, a porta se abre apenas um pouco, mas a empurro e entro. Uma mulher assustada dá um grito e trato de tranquilizá-la.

— Olá, não se assuste. Só preciso falar com o Edmundo.

Ela se prepara para gritar de novo, mas sou mais rápido. Coloco uma mecha do cabelo dela atrás de sua orelha e digo com a voz arrastada.

— Como se chama? — Funciona. O medo desaparece e ela dá um risinho antes de responder.

— Eliete.

— Seu patrão está, Eliete? — Continuo acariciando seu cabelo.

Ela concorda com um sorrisinho e então vai me conduzindo até o Pinto Pequeno. Ele está sentado em uma poltrona lendo um jornal, eu já chego pegando-o pelo colarinho da blusa.

— Olá, Pinto Pequeno.

Ele se assusta e tenta se afastar. Depois de ele murmurar que posso levar o que eu quiser e de eu perceber que está quase mijando nas calças, eu o solto.

— Não sou um assaltante, para o seu azar. Só vim te dar um aviso. Aproxime-se de Celina Morelli novamente e será um homem morto. Eu fui claro? Um telefonema, uma palavra, um olhar sequer na direção dela e eu venho atrás de você, e salvarei as mulheres que você come de ter que aguentar seu minúsculo pau.

Vejo o vermelho tomar seu rosto e ele murmura:

— Então o Vaughn está mandando o cão de guarda?

— Ah sim, com certeza. E o cão aqui é bem bravo. Estou falando sério, Edmundo, se eu pegar você sequer falando o nome dela outra vez, você não será homem para mulher nenhuma nunca mais. Entendido?

Ele assente com uma careta.

— Eu entendi. Não vou procurar a Celina.

— Você disse o nome dela? — digo dando um passo em sua direção, e ele se afasta amedrontado.

— Não, não conheço nenhum Vaughn e ninguém ligado a ele.

— Melhor assim — digo e antes de sair dou uns tapas em seu rosto, o alertando da minha força.

Saio feliz e com a sensação de dever cumprido. O imbecil do Sebastian me

deve mais essa. Quando o elevador para no oitavo andar, penso em descer, mas afinal, é só mais uma mulher entre muitas, nem vale o esforço.

Porém, quando estou saindo do prédio, vejo o quadro de correio, finjo atender o celular e olho o que há na caixinha do apartamento 802. Há um envelope. Eu o pego disfarçadamente e vejo o nome da safada embutida. Suzana. Um belo nome, para uma bela mulher. Devolvo o envelope e saio do prédio pensando em outras coisas. Mas, durante todo o dia, o nome dela fica aparecendo na minha cabeça. Suzana, lindo nome. Linda mulher.

Suzana

Estaciono o carro pela sexta vez e finalmente ele ocupa somente uma vaga. Não sei quem inventou essa coisa de faixas no estacionamento delimitando onde seu carro deve parar, isso é um saco! A pessoa que fez isso não deve nem ter carro, ou saberia como é difícil estacionar essa coisa enorme em um espaço tão pequeno. Sorrio satisfeita pelo meu belo trabalho, junto todas as minhas sacolas da noite e caminho vagorosamente com meu sapato de salto baixo.

Ok, comecei rápido demais, vamos lá, um breve relato da minha vida: me chamo Suzana, tenho vinte e quatro anos. A idade é tudo que eu tenho. Claro, a idade e a perversão, mas ainda vamos chegar nessa parte. Sou professora em uma escola particular, gosto do que faço, não é a paixão da minha vida, mas amo crianças. Quero ter algumas, mas somente daqui a uns dez anos, e se o pai delas for rico, porque crianças gastam muito. Sei disso só pelo preço exorbitante que os pais pagam pela mensalidade na escola onde trabalho. Mas, não posso negar que criança é um ser encantador. É triste que ao mesmo tempo em que imagino um bebê parecido comigo, começo a me perguntar o que vou fazer com toda minha perversão se tiver uma criança. Então, adeus futuros filhos. Sei que parece confuso, mas sou duas pessoas em uma e tenho vontade de ser uma em duas.

Continuando o relato da minha vida, nesse momento moro em um apartamento excelente, em um bairro excelente e tenho um emprego extra que me rende bem mais do que o de professora. E esse emprego ainda não é a paixão da minha vida, mas é o que chega mais perto. Sou solteira, nunca tive um bom sexo, nem um namorado fixo, e sou perversa.

Isso não quer dizer que saio por aí abrindo as pernas, minha perversão está concentrada totalmente na minha mente. Sim, minha imaginação deveria ganhar prêmios, sou curiosa ao extremo se o assunto for sexo, e acho que isso é tão fascinante para mim, porque nunca experimento as coisas que chamam minha atenção. Eu sei que poderia conseguir um homem para tentar e ver o que acontece, mas gente, não pode ser qualquer homem! E encontrar homens bons de cama hoje em dia é muito difícil. Não aguento mais sexo ruim e não quero sair fazendo testes. É pedir demais que um homem lindo e bom de cama apareça na minha vida?

Volto a mim e percebo que a porta do elevador está se fechando, então corro, carregando minhas sacolas, mas sei que não vai dar tempo. É só mesmo para não dizer que não tentei. Porém, diferentemente de todos os dias em que entro no prédio justo quando o elevador está se fechando, dessa vez uma mão enorme e masculina aparece entre as portas e o elevador se abre de novo. Essa mesma mão

segura a porta para que eu possa entrar. E é aí que o vejo.

Ele é alto, bronzeado, os olhos mais verdes que já vi, tem ombros largos e me avalia como se fosse me devorar. Está estampado em sua testa com letras de neon: Bom de cama. Merda. Fico toda desajeitada com as sacolas e ele puxa a metade delas das minhas mãos, um cavalheiro. Sinto o perfume másculo dele tomar o elevador, conto os segundos para meu andar chegar e faço o possível para não olhá-lo. Muitos e muitos anos de prática com o que amo fazer me ensinaram a controlar o que sinto. Ele não percebe, mesmo que eu esteja tremendo inteira por dentro. Percebo que me avalia e parece, desapontado? Será que é isso mesmo? Não entendo o motivo.

Finalmente o oitavo andar chega, mais do que depressa tento pegar minhas sacolas das mãos dele, mas ele sai do elevador atrás de mim. Droga! Vai para o meu andar, ele fica parado, esperando uma reação minha e só então percebo que vai apenas me ajudar com as sacolas. Que porra! Não quero que me ajude. Ele não pode, de maneira nenhuma, entrar em meu apartamento. A porta do quarto está aberta.

Penso em entrar no elevador de novo e sumir, mas, e se eu for tão azarada ao ponto de as sacolas que estão na mão dele, serem justamente as do sex shop? Não posso correr esse risco. Ando bem devagar até a porta do meu apartamento enquanto decido o que fazer com esse deus do sexo atrás de mim. Não tenho muita saída, deixar que ele entre em meu apartamento está fora de cogitação. Não posso mesmo. Então, abro a porta e rapidamente entro e a bato na cara dele.

Sim, sei que ele não me fez nada, só foi legal comigo. Mas, ele não precisa saber que sou uma pervertida, ainda mais com a porta do meu quarto escancarada, como achei que estaria. Jogo as sacolas na mesa e abro novamente a porta, fechando-a atrás de mim antes que ele veja alguma coisa dentro do meu apartamento. Estou nervosa, mas sei que consigo aparentar toda calma. Espero tê-lo irritado o suficiente para ele jogar as sacolas em mim e ir embora, mas ao olhar para ele, sua expressão é de curiosidade. Ah não!

— Me perdoe, senhor. E muito obrigada pela ajuda — digo já tirando as sacolas de sua mão, mas o maldito segura a última. Ele a prende com os dedos e não consigo puxá-la. Olho para ele esperando que solte a sacola.

— Isso não é jeito de tratar alguém que foi gentil com você — ele diz, com seu jeito convencido.

— Eu sei, me desculpe — respondo imediatamente, sem demonstrar a surpresa.

Ele não está com raiva afinal de contas, está querendo me irritar.

— Não. Só a desculpo se me convidar para beber uma cerveja.

Esforço-me muito para parecer uma parede depois desse comentário. Ele quer

me comer. Posso sentir isso, e merda, todo meu corpo fica em alerta só com a possibilidade de ter um homem como ele. Penso se posso afinal convidá-lo a entrar. Nunca fiz isso antes, nunca transei com um completo desconhecido, mas transar com os conhecidos foram experiências muito ruins. Quem sabe um homem sem nome não seja exatamente o que eu preciso para superar minha perversão maluca?

Não, não posso, a porta ainda está aberta. E se eu fosse comprometida? Não sou obrigada a deixar que um homem entre em meu apartamento só porque ele subiu alguns andares com minhas sacolas. Elas nem são pesadas!

— Sinto te desapontar, mas não vai encontrar cerveja na minha casa — respondo com raiva.

Ele parece irritado, mas dura apenas um segundo antes que seu sorriso apareça.

— Um suco, então?

— Não tem.

Acho que nunca fui tão desagradável com uma pessoa, e mesmo assim ele não quer sair daqui.

— Café? — Ele tenta novamente e estou realmente ficando irritada com tanta insistência.

— Na verdade, você não vai tomar absolutamente nada na minha casa. Pode devolver minha sacola ou terei que acusa-lo de roubo?

Sim, agora estou sendo grossa. Provavelmente vou traumatizar o lado cavalheiro dele e ele nunca mais vai segurar elevadores e nem sacolas para donzelas indefesas, mas que se dane! Esse homem não vai entrar no meu apartamento!

— Você é lésbica?

A pergunta me pega completamente de surpresa. Espera, esse imbecil acha mesmo que eu o deixaria entrar e abriria a pernas para ele só porque ele é bonito, aparentemente rico e tem bons modos? Ele acha que toda mulher é fácil assim?

— Claro. Pense assim se isso servir para amaciar seu ego — respondo e tento puxar a sacola de sua mão, mas ele a segura ainda mais forte.

— Como? — pergunta com um sorriso mal disfarçado no rosto.

Será que vou ter que desenhar que ele pode ser o homem mais gostoso do planeta que mesmo assim eu não vou dar para ele?

— Senhor, Não Me Interessa Seu Nome, entenda três coisas: Uma, eu não sou lésbica, só não te acho tudo isso. Duas, você não vai, em hipótese alguma entrar em meu apartamento. E três, você definitivamente não faz o meu tipo. Pode me devolver minha sacola agora?

Ele me encara com o que identifico como choque. Feri o seu ego, sua

autoestima, sua certeza de que eu seria mais uma a abrir as pernas para ele. Ok, eu sei que sim, eu seria mais uma a abrir as pernas para ele se não fosse a porta do quarto aberta, mas não precisamos lembrar disso, não acabe com minha ilusão de que estou por cima aqui. Mesmo porque ela durou muito pouco, pois um sorriso já se insinua em seu rosto perfeito.

— O que você esconde nesse seu apartamento? — ele pergunta de repente.

De tudo o que esperei que ele fosse dizer, nunca imaginei que fosse isso. Engulo em seco e sei que falho ao tentar fazer minha rotineira *poker face*, tento me recuperar, mas não sei o que dizer, nunca fui questionada, nunca ninguém pensou que eu esconderia alguma coisa. Há um alerta soando em minha cabeça de que esse homem convencido só vai sair daqui depois que entrar em meu apartamento, e isso não vai acontecer. Perco a razão, meu autocontrole e como uma adolescente birrenta tento puxar a sacola da mão dele à força, ela é minha, afinal. Puxo, puxo, puxo e nada. Ele a segura bem firme. Respiro fundo, vejo que não tenho outra saída.

— Tudo bem, se faz tanta questão de ficar com a sacola, pode pegar para você. Faça bom proveito do que está dentro dela — digo com todo desdém que consigo.

Entro em meu apartamento buscando a ilusão de que saí por cima e corro para revirar as sacolas. Merda. Ele ficou justamente com a sacola do sex shop. Eram dez sacolas. Qual a probabilidade do homem que quer me comer ficar com a sacola do sex shop? Mas, ele ficou. Não posso fazer nada agora, ele já deve estar tendo mil e uma ideias comigo, de qualquer forma eu nunca mais irei vê-lo mesmo.

Jogo-me no sofá e começo a rir. Só lamento por ter perdido minha mais nova calcinha vibratória, que eu havia comprado exatamente um número menor para ver se o efeito era mais forte. Mas, nada que uma nova visita ao sex shop não resolva. Vou para o meu quarto e tomo a decisão de que irei trancá-lo cada vez que sair de casa, por via das dúvidas. Só Deus sabe quando vou sofrer algum acidente e morrer e alguém da minha família virá aqui pegar minhas coisas e vai encontrar esse quarto escancarado. Credo! Menos mórbida, Suzana.

Só Deus sabe quando um homem com “bom de cama” brilhando em letras de neon na testa vai tentar me comer de novo. Sejam sinceras, nunca mais terei essa oportunidade.

Pego Huguinho, meu melhor amigo colorido e vou para a banheira. O homem era lindo demais, cheiroso demais, safado demais e tinha olhos verdes, preciso de um consolo!

Na manhã seguinte, acordo com uma leve batida na porta. Enrolo-me no

roupão e vou abrir, é Raimundo, o síndico. Ele é um senhor de cento e poucos anos, não vamos ser malvadas, oitenta e poucos, que usa óculos maiores que seu rosto e usa uma dentadura amarela. Não sei para usar uma dentadura amarela, se é para comprar os dentes, então que comprem perfeitos, certo? Ele é casado, totalmente sistemático e careta. Abro um sorriso mal humorado, que indica que detesto ser acordada, quando percebo Gertrudes, a moradora do sétimo andar parada atrás dele, ela é uma velha carola católica fervorosa, atrás dela está sua filha, Paz, de 16 anos que imagino que não seja muito feliz. Também está presente Carmem, a filha encalhada de Raimundo, e Rogério, o namorado horrível, mas que se acha bad boy, da minha vizinha de cima. Por um momento me pergunto quem morreu para tanta gente se reunir na minha porta às seis da manhã, mas é aí que seu Raimundo levanta a mão e diz com um tom de voz que me deixa vermelha de tanta vergonha.

— Isso estava pendurado na sua porta, senhorita Suzana.

Olho minha calcinha vibratória e arregalo os olhos. Maldito gostosão! Como foi pendurar a calcinha na minha porta? Maldito!

— Não sei o que é isso — minto.

A carola começa a resmungar que estou mentindo, apenas Rogério está se divertindo com a situação.

O Sr. Raimundo me encara com desconfiança, mas como não me movo para pegar a calcinha, ele assente e diz:

— Foi o que pensei! Vamos, Carmem, eu disse que a senhorita Suzana é uma mulher de respeito, não usa essas coisas.

A multidão vai seguindo o Sr. Raimundo, resmungando e apenas Rogério fica ali, me encarando.

— Estou me perguntando como essa calcinha foi parar na sua porta — ele diz. Faço uma careta, mas logo respondo.

— Eu te conto, se você a pegar de volta para mim.

— Fechado — ele diz se afastando atrás do bolo de carolas curiosas.

Cleber

Estou satisfeito. Minhas adoradas indianas adormecem ao meu lado e aos poucos o sono me toma. E aí sonho.

Estou em um elevador, as luzes piscam e há um barulho estranho, mas não sinto medo. Logo, ele para em um andar, noto que é o oitavo andar de onde quer que eu esteja. O corredor à frente está vazio, as portas começam a se fechar e então um vulto aparece. Só vejo de reflexo os longos cabelos negros balançando e imediatamente estendo a mão impedindo que as portas fechem. É aí que ela entra.

É estranho como consigo ver claramente cada curva de seu corpo. As coxas torneadas, a cintura marcada pela seda colada e os seios fartos. Maravilhosa. Sinto imediatamente algo apertar o meio da minha calça. Ainda estou viajando em seu corpo quando sua voz diz:

— Só não te acho tudo isso.

Olho finalmente para seu rosto e reconheço Suzana. A safadinha do prédio do Pinto Pequeno. Linda. Então me lembro de que ela bateu a porta na minha cara. Não sei se dou uma resposta espirituosa ou a agarro logo e a faço abrir a porta de seu apartamento, como deveria ter feito desde o primeiro momento. E, antes que eu decida, ela diz:

— Precizou de duas? Não adianta nada. Você não terá duas mulheres para te satisfazer cada vez que pensar em mim e se sentir rejeitado.

Atrevida! Não sei se beijo essa mulher ou se bato nela. No bom sentido, claro, não bato em mulheres.

— Não precisarei delas, já que não pensarei em você — respondo.

Ela cruza os braços levantando os seios ainda mais.

— Mesmo? Então por que está sonhando comigo enquanto tem duas mulheres nuas na sua cama?

— Não estou sonhando com você porque eu quero! Você é uma bruxa intrometida que invadiu o meu sonho! Eu nem me lembro de você!

Ela começa a rir, a gargalhar como uma verdadeira bruxa.

Eu acordo. Abani resmunga alguma coisa e merda, minhas adoradas indianas juntas não causam no meu pau o mesmo efeito que a safada causou em um sonho.

A noite foi uma merda. Dormi mal depois daquele sonho ridículo e ainda fiz muito exercício essa manhã com as indianas. Estou um caco. Quero que entenda que não me importo com a safada da vizinha do Pinto Pequeno, meu sonho com

ela e a forma como seu rosto tem tomado minha mente o tempo todo, tem a ver exclusivamente com o fato de ela não ter me deixado entrar. Isso nunca, nunca mesmo, me aconteceu. Assim que meu ego aceitar que ela nem é tão bonita assim, isso vai passar e não restará dela nem mesmo uma lembrança ruim.

Chego a V.D.A. com cara de poucos amigos, mas mesmo assim as meninas do primeiro andar se desmancham ao me dar bom dia. Dessa vez não escolho uma delas para um beijo escondido na escada de saída de incêndio, e sei que as desapontei. Gil está em sua mesa, com seu habitual fone de ouvido, mexendo na cadeira e a fazendo ranger. Quando passo, ela atira uma bola de papel em mim e aponta para a porta da minha sala.

— Detetive — diz sem emitir som.

Ótimo, deve ter alguma novidade ou não teria me procurado na empresa. A cadeira da Gil range mais alto e vejo que ela está rebolando enquanto canta sem emitir som, graças a Deus. Ela nota que estou observando-a, tira um dos fones e me encara:

— O que foi?

— Sabe, Gilcelle, ainda espero o dia em que você vai dar esse show tirando a roupa em cima da mesa.

— Vai sonhando, cretino, eu não recebo para tanto.

Recolho o sorriso pensando se devo aumentar o salário dela enquanto entro em minha sala.

Botelho imediatamente se levanta e me cumprimenta com um aperto firme. Ele é um homem peculiar, é bem baixinho, tem o cabelo grisalho e um bigode cinza. Não é grisalho como o cabelo. É cinza mesmo. Pergunto-me se o homem pinta o bigode e se existe tinta na cor cinza.

— Novidades, eu presumo.

Ele assente e senta-se ereto, com a expressão séria de repente.

— Heitor está na cidade.

Quase salto da cadeira em cima do pobre homem.

— Onde ele está?

— Provavelmente hospedado em algum hotel. Já estou procurando, desde os hotéis mais tradicionais às pequenas pensões da cidade.

— Isso vai ser difícil. Há milhões de pensões e hotéis na cidade. Isso sem contar com a grande BH.

— Eu sei, mas acredito que ele esteja por perto, talvez até mesmo em um dos seus hotéis. Com certeza está sabendo sobre o hotel internacional.

Merda.

— Você acha que ele vai tentar dar o bote?

— Que momento melhor para fazer isso do que agora? Quando a empresa está

para receber seu maior investimento? Tenho certeza de que ele planeja fazer isso. Ele pegou um avião para cá há cerca de um mês, usando o nome Sandoval Monteiro.

— Maldito! — Dou um soco na mesa que teria assustado qualquer outra pessoa, menos Botelho. Acredito que já tenha visto coisas demais para se assustar à toa.

— Vamos encontrá-lo, senhor Dantas, não se preocupe.

Concordo com a cabeça, mas não boto muita fé nisso. Não o encontramos nos últimos cinco anos, ele é muito mais esperto do que eu teria imaginado.

Botelho se despede e como sempre, pergunta antes de sair:

— Precisa de mais alguma coisa, senhor Dantas?

— Além das bolas desse maldito em uma bandeja?

Ele assente, já acostumado ao meu linguajar.

— Na verdade, sim. Preciso que descubra se uma pessoa tem algum relacionamento. Uma mulher.

Um sorriso surge por baixo do bigode.

— Imaginei.

— Tenho o nome completo dela, e o endereço.

— Quer apenas essa informação?

— Ah sim, apenas isso. Só preciso saber se o caminho está livre, o resto ela mesma irá me contar.

Ele concorda pegando o papel com os dados da safada da minha mão.

— Esta noite mesmo te dou essa informação, senhor.

Abro um sorriso satisfeito. Esta noite vou saber o motivo de ter sido recusado pela misteriosa Suzana.

Pouco depois que Botelho sai, Matheus aparece em minha sala. Ele fica em pé, como sempre. E parece mal humorado, como sempre.

— Pois não, o que quer Matheus? Não me diga que veio aqui apenas para ver minha secretária.

Imediatamente ele fica tenso e seu rosto ganha uma tonalidade vermelha.

— Na verdade, vim te fazer uma pergunta.

— Sobre a minha secretária? — digo para irritá-lo e ele sorri.

Merda! Ele só ri quando alguém que não é ele está encrencado.

— O que quero saber é, o que o detetive Botelho estava fazendo na sua sala?

Estaco por um momento processando a pergunta. Ninguém deveria tê-lo visto. E de onde Matheus pode conhecer um detetive? Merda! Ele espera uma resposta que não posso dar. Não gosto de manter segredos para meus amigos e sócios. Na verdade, não guardo nenhum segredo deles, exceto esse. Matheus e Sebastian não podem descobrir de maneira nenhuma a burrada que eu fiz cinco anos atrás,

não podem nem sonhar que a V.D.A. tem um quarto sócio. Um maldito!

— Vamos, Cleber, estou esperando. O que o detetive Botelho estava fazendo aqui?

— De onde você, o senhor careta, conhece um detetive da laia do Botelho?

Matheus me encara com uma sobrancelha erguida. Detesto quando ele faz isso, não consigo fazer igual e me sinto inferior.

— Não tente jogar a pergunta para mim, Cleber. Por que você chamou um detetive?

— Para investigar, oras. — Tento enrolar

— Investigar o que?

Fecho os olhos respirando fundo, não posso contar a ele. Como têm acontecido nos últimos dois dias cada vez que fecho os olhos, a imagem da safada batendo a porta na minha cara toma minha mente, e me dá uma ideia.

— Mulher. Eu o contratei para descobrir sobre uma mulher.

Matheus agora ergue as duas sobrancelhas, claramente surpreso. Rezo para que ele não ache estranho contratar um detetive com a fama de Botelho para uma besteira dessas, mas ele me surpreende.

— Você enxergou algum dente na boca dele?

— O quê?

— Um dente, por baixo daquele bigode. Fico me perguntando por que ele mantém aquilo, minha teoria é que ele quer esconder a banguela. Não deve gostar de dentaduras ou implante, sei lá. — O alívio me percorre me fazendo rir.

— Não, nunca reparei se ele tem algum dente.

— Não dá para ver. — Matheus se aproxima da porta para sair.

— E você? Por que chamou o Botelho? — pergunto.

Ele para na porta e acho que olha para Gilcelle antes de responder:

— Mulher.

Então sai sem sequer olhar na direção dela.

Capítulo 02

Cleber

Vasculho a geladeira e não encontro nada. Penso em pedir alguma coisa, mas eu quero comida caseira, não de restaurante. Na verdade, quero o pacote completo: uma mulher bem gostosa, cozinhando seminua na minha cozinha, para que depois de jantarmos eu possa jantá-la.

O toque do meu celular apaga a imagem da mulata seminua no meu fogão e a voz de Sebastian grita na minha orelha.

— Tenho certeza como está vasculhando a geladeira vazia e pensando em comer alguma mulher.

— Oras, vá para o inferno, homem! Eu me divirto fazendo isso.

— Nós dois sabemos que não. Você precisa de uma mulher, cara. Uma mulher de verdade.

Bufo ao telefone o que o faz rir.

— Para com essa ladainha, homem! Eu tenho várias, e nenhuma delas é de mentira!

— Mas, nenhuma está cozinhando seminua na sua cozinha.

— A Celina está fazendo isso?

— Deus me livre! Ela é péssima no fogão. Agora que está grávida então, só come coisas estranhas. Mas, ela está nua, está sempre nua. — Ele começa a rir ao perceber que estou ficando ainda mais irritado.

Fico feliz que meu amigo esteja feliz, mas ele não precisa esfregar essa cafonice chamada amor na minha cara. Não me agrada saber que meu parceiro, que levava quase a mesma maravilhosa vida que eu, se sinta tão mais feliz preso a uma mulher só. Ainda que essa mulher seja o furacão Celina e sua xoxota mágica. Não entendo como uma pode valer mais do que várias.

— Então, você está me ligando para me convidar para jantar na sua casa?

— Você ouviu o que eu acabei de dizer? A Celina está nua!

— Então não sei que merda está fazendo ao telefone comigo se sua xoxota mágica está descoberta te esperando. — Ouço-o bufar e agora eu estou rindo.

— Já falei para não falar da xoxota da minha namorada, cara! E o que quero saber é quem é essa mulher que mexeu tanto com você a ponto de contratar um detetive para descobrir sobre ela. Não conseguiu fazê-la falar, não é?

Maldito Matheus fofoqueiro.

— E o mais importante — ele continua. — Onde a conheceu? Porque se o detetive precisou ser da laia do Botelho, nem posso imaginar.

— De onde conhece o Botelho?

Será possível que nós três tenhamos trabalhado com o mesmo advogado em segredo?

— Não tente jogar a pergunta para mim, Cleber!

Merda! Minha burrada vai me custar ser motivo de chacota entre os dois, o resto do ano. Mas, ainda é um preço pequeno a se pagar. Se eles descobrissem o verdadeiro motivo de eu ter chamado o Botelho, as coisas seriam bem piores.

— A culpa de tudo isso é sua! Eu a conheci no prédio do maldito Pinto Pequeno! E ela é uma bruxa e não quero mais falar disso, vá comer sua mulher e me deixe em paz!

Desligo o telefone na cara dele e decido eu mesmo preparar o jantar. Isso mesmo, pasmem! Além, de gostoso e bem dotado eu sei cozinhar. Claro que a despensa está vazia, maldita hora em que dei férias à Arlete, minha musa do lar. Não tenho saída, terei que fazer uma coisa que não faço há tempos, mas cá entre nós, até gosto, vou ao mercado.

Procuro um mercadinho pequeno mesmo, não quero demorar, e imediatamente vou para a sessão de vinhos. Um bom jantar não é nada sem um bom vinho para acompanhar, mesmo que eu vá comer sozinho, e minha cama vá permanecer vazia depois, minha taça estará cheia. Estou concentrado, com uma garrafa de Casillero del Diablo na mão quando um carrinho de supermercado acerta minha traseira.

— Merda! Mas, o que... — Paro de brigar ao ver quem foi a ruim de direção que me atropelou. Seus enormes olhos negros me encaram com surpresa e tenho certeza, que um meio sorriso surgiu em seus lábios por um segundo apenas, antes da máscara de indiferença tomar sua expressão.

— Olá, boa noite — digo abrindo meu melhor sorriso. Uma mulher que estava escolhendo um champanhe um pouco distante pisca os olhos, cora e abre o primeiro botão da blusa sorrindo para mim. Mas, a vizinha misteriosa do Edmundo nem pisca. Escondo a irritação que ameaça me tomar e mantenho o sorriso, foco meu melhor olhar nela, com uma mensagem muito clara: *quero você*.

Ela revira os olhos impaciente e tenta passar por mim. Entro na frente do carrinho para impedi-la e ela o acerta com tudo nas minhas pernas. Solto um palavrão e ela fica ainda mais impaciente.

— Quer sair da frente?

Cruzo os braços em claro sinal de que não estou com pressa e a observo dos pés à cabeça. Usa um vestido cinza, curto, sem cortes ou qualquer detalhe além dos botões enormes. Um vestido que seria broxante em qualquer outra mulher, mas não nela. Não com esses seios fartos e essa cintura fina. De repente, tudo

que eu quero é ter essa mulher nua. E terei, ela será o prato principal da noite.

— Por que a pressa, princesa? Foi uma ótima coincidência nos encontrarmos de novo!

— Só se for para você, eu não faço a menor questão.

Seguro o sorriso e contorno o carrinho dela, me apoiando nele ao parar à sua frente.

— Então, não nos apresentamos direito. Sou Cleber — digo estendendo a mão, que ela não toca. — Sabe, não entendo por que você não gosta de mim, eu fui tão legal com você!

Ela respira fundo. Espero que me lance aquele olhar irritado, mas quando me olha de novo, está com a mesma indiferença estampada no rosto, como se eu nem estivesse ali. Um muro.

— Você me chamou de lésbica.

— E você me disse que não é, então não precisa me odiar por isso.

— Não te odeio por isso, só não gosto de você porque é arrogante, convencido e chato.

— Uau! Acho que estou me apaixonando.

Novamente um sorriso surge em seu rosto por uma fração de segundos antes de ela voltar à expressão normal.

— O que quer comigo?

— Sair para jantar.

Ela parece surpresa, mas logo volta a ser o muro de sempre.

— Você não vai me comer.

Começo a rir.

— Não estou me referindo a esse tipo de janta. Estou realmente *faminto* — digo a última palavra focando o olhar no volume dos seus seios. — Por comida.

— Vá comer sozinho, então, não estou com fome.

— Você é dessas que só come salada? — Olho para seu carrinho repleto de folhas.

— Sou dessas que não está mesmo a fim de conversar com você.

— Você deve ser uma fera na cama!

Ela abre a boca, pisca os olhos e pela primeira vez, sorri. E porra! Que sorriso mais lindo!

— É uma pena que você nunca vai descobrir isso — ela diz se afastando.

Tomo isso como um desafio.

— Nunca diga nunca — digo e ando mais rápido, entrando novamente em sua frente.

Ela não está indiferente. Não há aquele muro de hostilidade em seu rosto. É a minha chance.

— Fico imaginando por que uma mulher que usa uma calcinha vibratória, usa essas roupas tão recatadas.

Por um momento, espero que o muro volte ao seu lugar de sempre, mas ela mantém a mesma expressão leve. Isso! Agora vai! Consegui romper o muro de indiferença da misteriosa Suzana de vez. Mas, claro que eu já sabia que conseguiria. Espero sorridente que ela em dê uma resposta engraçada, como “você me deve uma calcinha”, mas ela diz calmamente:

— Aquela calcinha não é minha. Eu não uso essas coisas — ela diz isso de uma forma tão firme, que chego a acreditar por um momento.

Mas, logo volto a mim, a mulher é realmente mestre em não ter qualquer tipo de reação. Deve ser uma excelente mentirosa.

— Imagino. Que absurdo um objeto tão infame ter ido parar na sua sacola! Um produto de sex shop? Como será que isso aconteceu?

Ela respira fundo pelo que deve ser a décima vez e o muro aparece. Sério, essa mulher merece um prêmio por autocontrole.

— Eu a comprei para uma amiga. De aniversário. Mas, isso não é da sua conta, já que graças a você não a tenho mais.

— Por quê? Alguma vizinha safada embutida a encontrou na sua porta e a roubou?

— Não, o síndico católico fervoroso a encontrou. — O olhar que ela me lança me dá medo.

Sou pego de surpresa.

— Sinto muito. Não foi minha intenção que seu síndico conservador descobrisse que você é uma safada — digo com a minha melhor cara de desculpa.

Ela abre a boca, mas não diz nada. Então respira fundo, pega o carrinho e o empurra com tudo na minha direção. Saio a tempo e me livro por pouco, mas a pilha de garrafas Chadornnay não escapa. A safadinha acerta com tudo o amontoado de garrafas que se espatifam ao chão com um estrondo, e logo há vinho escorrendo por todo o chão.

Suzana está totalmente parada, acho que nem respira, o olhar fixo nos vidros espalhados e no líquido que mancha seu sapato. Avisto ao longe o gerente se aproximando. É minha chance. Aproximo-me dela por trás e passo os braços nas laterais de seu corpo, apoiando as mãos no carrinho e a mantenho presa ali.

— Ui! São garrafas muito caras, adorável safadinha.

Ela não diz nada. Tenho a impressão de que vai chorar. Solto o carrinho e toco levemente sua cintura. Ela não se mexe, e posso sentir como está tensa.

— Eu posso resolver esse pequeno problema para você. Quem sabe assim você não começa a gostar pelo menos um pouco de mim?

— O que quer em troca? — ela diz, com o corpo tenso.

Sorrio e cheiro seu cabelo, preso naquele rabo de cavalo perfeito. Mas, mesmo assim ela permanece imóvel, como se meu rosto não estivesse praticamente enfiado em seu pescoço.

— O jantar — respondo.

— Boa noite, senhores — diz o gerente se aproximando.

— Em um restaurante — ela diz.

— Sem problemas. — Concordo.

— Ok.

— Parece que algumas garrafas de Chardonnay se perderam — ele diz olhando feio para Suzana.

Eu a puxo para meu corpo e mantenho um braço em volta de sua cintura.

— Foi um acidente, eu perdi o controle do carrinho. É só me dizer quanto vai ficar... — eu digo

Suzana finalmente respira e seu corpo relaxa encostado ao meu, enquanto peço desculpas ao gerente e o ressarço de qualquer dano. Estou mais do que feliz, pois finalmente, a safadinha será minha.

Suzana

Maldita hora em que resolvi ir ao mercado a pé. Ele não é exatamente perto da minha casa, mas também não é longe e eu precisava de uma caminhada. Mas, não teria nem saído de casa se soubesse que o encontraria. Com uma bermuda jeans e uma camisa polo colada aos seus músculos, esse estranho convencido e abusado é o homem mais gostoso que eu já vi na vida. Assim que me olhou e abriu aquele sorriso *molhador de calcinha*, a placa de neon em sua testa se acendeu e eu comecei a hiperventilar. Usei toda minha concentração para parecer indiferente.

E agora, aqui estou eu, no carro dele, indo a algum restaurante e me amaldiçoando por não ter ido ao mercado no meu carro, de forma que poderíamos ir ao restaurante cada um no seu carro e eu poderia passar direto quando ele parasse, e sumir.

Agora, graças a minha mania de sair andando para lugares distantes, vou ter que jantar com esse homem. O pior nem é isso, mas provavelmente eu serei a sobremesa e, Jesus, só de me imaginar sendo saboreada por esse homem igualmente irritante e delicioso, já sinto algo pulsar no meu baixo ventre. Eu sei o que está pensando, por que não dou logo para ele e acabo com isso, certo? Hoje não estamos na minha casa, não há a menor chance de ele entrar em meu quarto, não há desculpas para não aproveitar. E você está certa, não há desculpas, exceto que ele é perigoso. E nem é só por ser lindo de morrer e estupidamente gostoso, mas ele me dá a estranha sensação de que vai me tomar por inteiro, levar tudo, e deixar somente a casca. Como aconteceu da primeira vez. Com outro imbecil e arrogante a quem tive a infeliz ideia de me entregar.

Ainda estou em um completo debate mental entre a Suzana devassa e a Suzana sensata, quando o delicioso Cleber me chama.

— Chegamos.

Olho pela janela o restaurante caro e avisto um homem elegantemente vestido de branco correr até nós, Cleber desce e entrega a ele a chave do carro, então dá a volta e abre a porta para mim, estendo a mão para ele e um sorriso surge involuntariamente.

— Sou sempre um cavalheiro — ele diz se gabando.

— Quase sempre — corrijo. — Aquele lance da calcinha não foi nada legal.

— Que isso, adorável safadinha. — Ele toca minha mão e um calor percorre cada veia do meu corpo. — Aposto como seu síndico está tendo ótimos sonhos com você agora, usando apenas a minúscula calcinha.

Faço uma careta.

— Aquilo não era para mim! Se não acredita é só comparar o tamanho daquela calcinha e o tamanho da minha bunda! — digo com convicção, parando na entrada do restaurante e empinando o bumbum na direção dele.

Espero alguma piadinha, mas ele engole em seco.

— Ah, mas eu já pensei nisso. Pensei muito. E acho que aquela calcinha minúscula foi feita especialmente para sua bunda — ele diz com a voz baixa, carregada de desejo.

A recepcionista pigarreia e desvio o olhar de Cleber, reparo então que os outros casais que entravam atrás de nós também reparavam minha bunda. Seguro o sorriso e sigo Cleber, que também sorri, até uma mesa.

Enquanto passamos entre as mesas, várias cabeças femininas se viram para olhá-lo. Mesmo acompanhadas, elas comem Cleber com o olhar e me sinto, por um momento, superior por ser eu sua acompanhante. Pare já com isso, Suzana! Se sentir assim é atitude de gente fútil, como ele. Quando ele puxa a cadeira para mim e toca de leve meu braço ao fazê-lo, outro choque de calor percorre meu corpo. Merda. Cale-se agora, Suzana sensata, a devassa venceu, eu preciso dar para esse homem. Você não entende, mas espero por ele há anos!

Finjo olhar o cardápio enquanto luto para esconder o desejo que me consome.

— Então, ainda não me disse seu nome — ele diz.

Quando vou responder, Move like Jagger do Maroon 5 toca, e ele estende o dedo me pedindo um momento para atender ao celular.

— O que foi, Matheus? Não posso falar agora.

Ele começa uma discussão de trabalho ao telefone e faço um sinal indicando que vou ao banheiro.

Estou nervosa, me sinto uma adolescente que vai perder a virgindade. Por que fui sair com esse vestido horroroso? Abro o primeiro botão e confiro o sutiã, sexy. Respiro aliviada. Não pense que fiz pouco sexo, só não fiz ainda um sexo realmente bom, e Cleber será um sexo excelente, a placa de neon estava lá, na sua testa e no meio das suas pernas. O motivo do meu nervosismo é que faz muito tempo que minha “casa” não recebe “visitas”, e temo que já esteja coberta por teias de aranha.

De repente a porta do banheiro abre com força e ele aparece, antes que eu possa dizer que é o banheiro feminino ele bate a porta e a tranca. Pronto! Já estou hiperventilando de novo!

Ele anda até mim, vagarosamente, me avaliando como um predador, e me sinto a própria presa, prestes a ser devorada. Recuo até me recostar na pia, e em dois passos rápidos ele me alcança, me pega pela bunda me levantando e me deposita na pia. Sinto o frio do mármore na minha pele e o calor dele quando se

encaixa no meio das minhas pernas e...

— Moça, está passando bem?

Pisco os olhos, confusa, e Cleber some. Mas, ainda sinto o frio do mármore na bunda. Merda.

Desço da pia completamente sem graça e digo que estou bem, então saio quase correndo do banheiro.

Era sobre isso que eu estava falando quando disse que sou duas. A pervertida que há em mim às vezes toma minha mente de tal forma, que saio de mim e me sinto como se estivesse realmente vivendo essas ilusões. Infelizmente a pervertida nunca consegue finalizar uma dessas visões, ou seja, nunca chega ao ponto de eu ver o “visitante”, por isso, esses ataques da pervertida só servem mesmo para me constranger.

Assim que saio do banheiro, no elegante corredor, avisto os ombros perigosamente largos, e braços enormes bem delineados pela camisa branca. Aproximo-me de mansinho e escuto o que ele está falando.

— Umas garrafas de vinho. Só tive que pagar algumas para conseguir levar a safada da vizinha do Pinto Pequeno para cama.

Paro onde estou, não sei o que é Pinto Pequeno, mas tenho a impressão que ele está falando de mim.

— Eu disse que ia tê-la. Você sabe que eu sempre consigo as mulheres que eu quero, cara. Ela é só mais uma. Amanhã de manhã eu sumo e não vou mais me lembrar de que ela existe.

Filho de uma puta! Volto à mesa revoltada e tento me recompor antes que ele apareça.

Entenda meu ódio mortal por esse imbecil. Eu não queria que ele me procurasse de novo e nem que se lembrasse de mim depois de hoje à noite, mas não admito em hipótese alguma ser “só mais uma”. Não sou só mais uma. Sou a mulher que bateu a porta na sua cara, que lhe disse não, diversas vezes. Mereço mais do que ser chamada de só mais uma! Eu o odeio! Daqui a pouco o ódio passa, mas até lá, o senhor convencido vai aprender que quando uma mulher aceita um convite para jantar, definitivamente ela não está aceitando também ser o prato principal.

Capítulo 03

Suzana

Volto à mesa e trato de esconder a raiva que estou sentindo. Ele não demora a voltar, com um sorriso enorme estampado na cara de pau. Senta-se imponente à minha frente e chama o garçom. Pede um vinho qualquer e pisca para mim.

— Essa noite pede um vinho, não acha?

“E o pede escorrendo pela sua cara”, penso em falar, mas apenas forço um sorriso. Ele me encara, com seus olhos verdes bem fixos nos meus, de repente sua expressão brincalhona sumiu.

— Está tudo bem? — pergunta.

Não adianta bancar o preocupado agora, cretino! Vou acabar com você!

— Não poderia estar melhor! — respondo fingindo que quero esconder o sarcasmo e ele arregala os olhos e engole em seco.

— Você ia me dizer seu nome quando fomos interrompidos.

— É verdade, quem era ao telefone?

Ele parece confuso com a pergunta.

— Um amigo, e sócio — responde.

— Hum.

Beberico o vinho e olho para o homem da mesa ao lado. Ele está acompanhando por outro homem, mas devido a sua postura e expressão, estão falando de negócios. Olho fixamente para ele enquanto saboreio o delicioso vinho e ele acaba reparando. Olha-me de volta, mas desvia o olhar. Droga! Eu deveria ter vindo com um vestido melhor! Mas, nada nesta noite incomum foi planejada. Insisto, continuo encarando o vizinho de mesa enquanto Cleber fala. Ele percebe, pois pigarreia, fala mais alto, esbarra em meu pé “sem querer” por debaixo da mesa. Está ficando irritado. Ele me pergunta alguma coisa, mas respondo apenas um murmuro.

— Hum.

Então, abandonando completamente o papel de um cavalheiro, ele puxa minha mão, derramando vinho na toalha de mesa branquinha.

— Quer prestar atenção em mim?

— Olha o que você fez! — respondo apontando para a toalha manchada.

— Eu pago outra toalha! Pago até outra mesa se for preciso, mas preste atenção em mim!

Seus olhos verdes faíscam, está muito irritado e isso diminuiu um pouco meu

ódio, mas não o suficiente para desistir de colocá-lo em seu devido lugar. Se há uma coisa que todo homem convencido odeia, é não ser o centro das atenções. Eu, uma reles mortal, sentada à mesa com um aparente deus do sexo, e olhando para o homem da mesa ao lado, é algo inconcebível para alguém como esse tal Cleber. Seu rosto mudou a tonalidade pelo menos três vezes enquanto tentava chamar minha atenção e sua expressão antes convencida, ou maliciosa, agora se resume a uma carranca de indignação com um toque de confusão e ceticismo. Vai Suzana!

— Poxa! Você é estressado, hein?!

Ele respira fundo, engole em seco e quando volta a falar, sua voz é um poço de calma.

— Você ia me dizer seu nome.

Eu o encaro e ele serve mais vinho na minha taça.

— Acho que não — respondo e olho novamente para a mesa ao lado.

O nosso vizinho de mesa é um homem alto, com a barba por fazer, elegantemente vestido e boa pinta. Olha-me de novo. E de novo. Isso! Minha mãe dizia que para uma mulher chamar a atenção de um homem, ela precisa fazê-lo desejá-la. Eu sempre pensei que o que chama a atenção de um homem não é a quantidade de pele exposta, e sim a atitude da mulher. Estou com um vestido horroroso, sem maquiagem e com o cabelo bagunçado, mas minha demonstração clara de interesse chamou a atenção do vizinho de mesa. Isso, mãe, você estava errada!

Cleber olha para a mesa ao lado e o vizinho imediatamente desvia o olhar. Bundão.

— Você quer ir se sentar naquela mesa? — pergunta irritado.

— Adoraria. Mas, acho que estão falando de trabalho. Então ficarei por aqui mesmo.

Ele parece perplexo. Quero rir da sua cara de tacho, mas ele demonstra por pouquíssimo tempo. Logo seu sorriso sedutor aparece e ele segura minha mão. Começa a desenhar pequenos círculos com seus dedos nos meus, pressionando e afastando os dedos. Dedos habilidosos. Tiro minha mão da sua com um puxão que o faz rir. Você venceu essa, imbecil. O placar ainda é 2x1 para mim.

— Já que não quer me dizer seu nome, vou chamá-la de adorável safadinha.

Faço uma careta, minha vontade é dar um apelido à altura, mas isso seria demonstrar que me importo com o que ele faz, e eu não me importo! Dou de ombros e a decepção passa por seu rosto. Ele faz o pedido por mim, sem me consultar antes, então me encara, avaliando minha reação e percebo o que ele quer. Me irritar. Quer que eu me importe o suficiente para reagir. Ah! Querido estúpido, você não terá reação alguma de mim. Eu o encaro de volta e ele bufa.

— Tudo bem o pedido que fiz?

— Perfeito.

Ele se recosta na cadeira e me lança seu melhor olhar, finge se espreguiçar e sua blusa sobe, revelando um pedaço da sua barriga e alguns pelos. Meu olhar se prende ali, naquele caminho que desce, e quando digo se prende, quero dizer que não olho para outra coisa que não seja aquele caminho de pelos mais escuros descendo por aquela barriga definida até o cós de sua bermuda, até que ele pigarreja e pergunta com a voz baixa:

— Quer ver o resto agora, safadinha?

— O quê? — Pisco os olhos desnorteada voltando a mim.

Ok, estúpido, ainda está 4x2 para mim. Rapidamente ele se levanta e senta-se ao meu lado, passeia o dedo por meu braço, bem de leve, e sinto meu corpo todo arrepiar. Tento manter os pensamentos em ordem, mas é difícil fazer o mesmo com as reações do meu corpo. Ele encosta a boca em meu ouvido.

— Vamos só comer primeiro. Depois, farei de você a mais deliciosa sobremesa — sussurra.

Abro os olhos e controlo a respiração. Sobremesa? Não serei sua sobremesa, querido. 4x3 agora, mas não permitirei que vire o jogo. Por um minuto, não sei o que fazer. Se eu me afastar rápido demais ele vai saber o quanto me afetou e que estou fugindo. Então, exigindo tudo de meu autocontrole, deixo que ele permaneça perto demais de mim.

— Vamos apenas comer, querido — digo calmamente, bebericando novamente o vinho.

Ele se afasta um pouco, com o sorriso convencido de quem acha que não resistirei a ele.

— Não precisa se fazer de difícil, safadinha. Nós dois sabemos que sou muito melhor do que minúsculas calcinhas vibratórias — diz.

Beberico novamente o vinho.

— Não estou certa disso. E nem quero descobrir, na verdade — respondo com a voz mais calma. Então olho diretamente para ele e solto minha melhor mentira verdadeira. — Não estou me fazendo de difícil, mas você não precisa se fazer de burro. Eu já disse que você não faz meu tipo. Imagino que deve ter um monte de garotas por aí aos seus pés, portanto, procure uma delas. Fica até chato ficar insistindo assim.

Ele me olha em choque, abre a boca e se afasta em um pulo. No movimento, esbarra a mão na minha, virando o vinho no meu vestido. Minha vontade é soltar um palavrão e virar o resto da garrafa nele, mas é a garota sensata quem está aqui. Limpo a mancha com o guardanapo e ele faz o mesmo, me pedindo desculpas desesperadamente. Finalmente o garçom chega com a comida, Cleber

me encara com aquela cara de cachorrinho que caiu da mudança e pergunta se eu ainda quero comer. Posso ver a culpa refletida em seu olhar e me seguro para não rir. Faço toda uma cena, esperando, como se estivesse pensando, e quando olho para a porta, ele diz:

— Por favor, aceite o jantar. Não posso permitir que saia sem comer depois de tudo isso. Sei que fui um idiota, mas ao menos prove a comida do restaurante.

Ele me olha fixamente, parece arrependido. Quando assinto, um meio sorriso surge. Esperto! Ele está jogando. Viu que ser mais atirado e convencido não funciona e vai bancar o bom moço. Claro que eu não pretendia sair sem comer, ainda mais depois de ser manchada por esse estúpido. Ele deveria bancar meus jantares o resto da vida.

Depois disso, comemos no mais absoluto silêncio, o senhor Convencido me olha o tempo todo, mas finjo que não estou vendo e me concentro no risoto de camarão à minha frente. Mas, a maneira como ele olha, fixamente por um tempo em cada detalhe do meu rosto, me desconcerta. Às vezes, um sorriso surge em seu rosto, desaparece quando seu olhar fixa em meus lábios. Fico totalmente presa àquele olhar, a forma como me olha, a clara mensagem que está me mandando, me sinto derreter na mesa, mas volto a mim a tempo. Homem convencido e idiota, Suzana, alerta! Consigo me livrar do magnetismo do olhar dele e tento comer mais rápido, para ir embora logo.

— Como conseguiu essa cicatriz? — ele pergunta de repente.

Eu o encaro, confusa, e ele aponta o dedo na direção dos meus seios.

— Essa, acima dos seios.

Automaticamente toco a cicatriz, me perguntando como ele conseguiu enxergá-la da distância em que está. É uma marca bem pequena, e quase apagada. Eu a consegui fazendo algo que o senhor Convencido nem pode imaginar que faço.

— Caí de uma árvore quando era mais nova.

Ele me observa atentamente.

— Você está mentindo. Percebi que seu rosto cora levemente quando você mente, e você também abaixa os olhos.

Não consigo pensar em nada rápido o bastante e ele sorri enquanto volta a comer. Faço exatamente isso quando minto e ele ter percebido me irrita, ninguém nunca reparou.

— E como é que você poderia saber isso?

— Você faz isso cada vez que diz que eu não faço seu tipo.

— Você não faz mesmo meu tipo! — digo com convicção sem olhar para baixo e ele larga de novo a colher.

— Ok, vamos ser realmente sinceros aqui, senhorita misteriosa. Se não faço o

seu tipo, devo presumir que só aceitou esse jantar para não ter que pagar pelos vinhos?

Dou de ombros e termino rápido minha refeição.

— Não, eu não pretendia pagar mesmo. Ia jogar a culpa em você. Mas, aceitei o jantar porque achei que você estava muito carente e quis fazer uma boa ação.

— Boa ação? — Ele está quase gritando.

Assinto com a cabeça enquanto limpo a boca.

— Então sair comigo foi uma boa ação?

Assinto novamente e seguro o sorriso. Quando acho que ele vai explodir, o garçom se aproxima e me entrega um papel. Olho para o lado e o vizinho de mesa pisca para mim se despedindo. No papel, há o número do telefone dele. Uau! Autoconfiança é tudo!

É o bastante para Cleber, ele pede a conta de uma maneira quase rude, agarra meu braço e me arrasta para fora do restaurante, no melhor estilo homem das cavernas. Somos a atração, eu a mulher bagunçada com uma mancha roxa no vestido cinza e ele quase um vulcão em erupção. Ele praticamente me joga no carro e durante o caminho até meu prédio, fica repetindo as palavras “boa ação”. Ops, acho que danifiquei seriamente o ego dele. Bem feito! Para aprender a não me chamar de só mais uma.

Ele para em frente ao meu edifício e saio mais do que feliz. Nem termino de fechar a porta, ele arranca com o carro. Fico ali parada, me decidindo entre ter um ataque de riso ou me sentir triste porque não terei mais um sexo excelente, mas logo um barulho chama minha atenção e percebo que ele está dando a ré. Ele para na minha frente, desce do carro e vem até mim, ainda nervoso.

— Que tipo de homem faz o seu tipo?

Pisco os olhos, aturdida, e não consigo mais conter o sorriso.

— O homem que não chama a mulher que levou para jantar de apenas mais uma.

A compreensão toma seu rosto e ele pisca os olhos, parece sem graça, mas logo um sorriso surge.

— Então, toda essa apatia foi por isso? Você ouviu minha conversa e ficou chateada?

— Você é um idiota — digo calmamente.

— Sim, sou mesmo. Mas, a maioria dos homens é. Pelo menos sou um idiota que pode te dar muito prazer. Será que essa parte não compensa? Você será só mais uma, mas será mais uma muito bem comida.

— Não, obrigada. Dispensio ser sobremesa de homens convencidos e fúteis.

— Ah, minha adorável safadinha. Devo confessar que foi até divertido. Mas, desisto. Você já me deu muito trabalho, e não vale tanto esforço.

O maldito dá um beijo na minha testa, entra no carro assoviando e vai embora. E apesar de o placar final ter sido favorável a mim, me sinto como se tivesse perdido a batalha. Sem problemas, de qualquer forma, não o verei mais.

Cleber

Chego em casa ainda meio fora do ar com essa noite surreal. Você se lembra, eu só queria ir ao mercado, comprar algo e preparar eu mesmo o meu jantar. Estava conformado em passar esta noite sozinho e tranquilo na minha casa, mas a maldita misteriosa tinha que aparecer! No momento em que a vi, e que ela sorriu para mim, voltar para casa sozinho deixou de ser uma opção. Mas, mais uma vez ela me nocauteou. Entendo que ela tenha ouvido minha conversa e ficado irritada, mas porra, eu fiz de tudo! Eu massageei seus dedos, lancei meus melhores olhares e sorrisos, falei ao pé do ouvido, levei-a a um restaurante caro, toquei seus braços levemente com a ponta dos dedos, eu fiz de tudo! E por mais que ela estivesse irritada e disposta a me dar o fora, ela não sentiu nada! A mulher é como uma pedra de gelo. Enquanto eu estava pegando fogo na cadeira da frente, só esperando um sinal para avançar, ela nem se importava com o que eu estava fazendo. Não pode ter sido por autocontrole. A mulher é fria mesmo. E que saco! Não existe mulher fria diante de mim! Sou mestre em derreter gelos. Quem ela pensa que é para andar por aí com essas roupas cobertas demais, essa cara de comportada e agir como se fosse a mulher mais gostosa do mundo que tem o direito de fazer uma boa ação jantando comigo? Boa ação?

Nem vou comentar aquela merda de paquerar o cara da mesa ao lado, e o filho da mãe ainda dar o telefone para ela! A noite foi uma verdadeira merda!

Mas, agora acabou, Suzana sairá da minha cabeça neste momento. Eu levei um fora, beleza, tenho que aceitar e me recompor, ela nem é tudo isso. Eu pego mulheres muito mais bonitas que ela diariamente, não quero mais vê-la, não quero mais nenhum tipo de contato com ela!

Tomo um banho gelado e me jogo na cama emburrado. Viro uma dose de uísque para relaxar e apagar. Mas, meu celular toca. Atendo sem nem ver quem é e a voz de Botelho me lembra novamente a maldita Suzana.

— Senhor Dantas, me desculpe por ligar a essa hora. Tentei ligar para seu celular a noite toda. Tenho a informação que me pediu.

— Não tem problema, Botelho.

— Na verdade, descobri umas coisas bem interessantes sobre essa mulher. Ela é, podemos dizer, incomum.

— Ah, isso eu já percebi.

— O senhor quer saber tudo o que descobri? Porque precisaria te mandar os arquivos, é muita coisa mesmo!

Saber sobre ela? Não quero mais ouvir falar dessa mulher! Só quero ter

certeza que a peste é casada. É isso. E me fez de bobo fingindo não se interessar quando na verdade o problema dela é desejar apenas outro homem. Sebastian virou um bundão depois de se apaixonar, aposto como o pau dele nem sobe mais para outra mulher que não seja a Celina, com as mulheres isso deve ser bem pior. Elas devem amar mesmo, tipo nem olhar para outros homens e menos ainda desejá-los. Normalmente, eu conquisto até as mulheres comprometidas, mas talvez, a misteriosa Suzana seja uma dessas que se apaixona pra valer e ame apenas o marido azarado dela.

— Não quero saber sobre a vida dela. Apenas a informação que te pedi. Ela é casada, não é?

— Não, senhor. Suzana Leal é solteira. E mais, ela nunca teve nenhum namorado.

— Então ela é lésbica, não é? — Tem que ser, não há outra explicação.

— Ah, isso não é mesmo, na verdade, essa mulher tem uma história...

— Pode parar por aí, Botelho, não quero saber mais nada sobre ela. Obrigado pelo trabalho.

— Tudo bem senhor, boa noite — ele diz e posso notar a decepção em sua voz.

Atiro o telefone e enfio a cabeça debaixo do travesseiro. Merda! Nunca teve um namorado, mas também não é lésbica. Será que é assexuada? Tem vocação para freira? Qual o problema dessa mulher?

Acabo dormindo pensando na maldita e claro que sonho com ela. Estamos em um restaurante, mas ele parece estar vazio. Porém, de alguma forma eu sei que ela é minha companhia da noite, mas não sei onde ela está. Chamo seu nome e ela me pede silêncio. A excitação me toma com o som de sua voz, ouço o barulho de saltos pelo piso, se aproximando. A luz no restaurante está baixa e então a vejo. Usa um vestido curto, com uma fenda enorme na frente que revela suas belas coxas. Arrasto a cadeira para trás e me preparo para puxá-la para meu colo. Meu pau já está acordado e totalmente alerta pela presença dela. Ela sorri para mim, aquele sorriso lindo e tenho que me conter para não ir até ela e agarrá-la. Ela dá mais um passo na minha direção e diz:

— Hoje não farei uma boa ação.

— O quê?

Então a maldita dá dois passos na direção oposta a minha e monta no colo dele. O homem com quem ela paquerou descaradamente durante nosso jantar. Ele a beija, apertando sua bunda com as mãos enormes e peludas. Levanto-me indignado para puxá-la dali, dizer que ela é minha, mas quando me aproximo, um barulho enorme nos faz olhar na mesma direção. Há uma luz e aí eu acordo.

— Caralho! — A luz do sol quase me cega, esqueci-me de fechar as cortinas à

noite.

Levanto-me e corro para tomar banho. Bruxa, essa mulher é uma bruxa, igual essas malvadas de contos de crianças, é isso. Não gosta de ninguém, não é capaz de sentir atração. E ela me enfeitiçou. Meu dinheiro, vai me enlouquecer até me tirar tudo, mas nunca me deixará tocá-la. É isso. Começo a bolar uma história na minha cabeça que preenche direitinho os buracos deixados por essa bruxa e me sinto acalmar enquanto corro até a V.D.A., preciso chegar mais cedo, e conversar com Sebastian. E merda, ele vai acabar comigo depois de ouvir o que vou dizer.

Paro para dar bom dia às meninas do 1°. Não tenho sido educado ultimamente e elas não têm culpa do meu mal humor. Ao invés de ir para a minha sala, vou direto para a sala do Sebastian. Ele ainda não chegou, mas fico esperando, não consigo ficar quieto, me levanto e olho seus quadros, então começo a mexer nos enfeites da mesa, há uma foto da Celina sobre a mesa, linda. Eu a ajeito no lugar, sento em sua cadeira e abro a gaveta. Fecho a gaveta. Abro a segunda gaveta. Fecho a segunda gaveta. Abro a terceira gaveta e, uau! Tiro as fotos com um sorriso enorme no rosto. Celina de enfermeira. A famosa de dominatrix. Vestida de coelhinha da playboy. A porta abre e ao ver minha cara e o que está em minhas mãos, Sebastian joga a pasta no chão e corre até mim, tirando as fotos com um puxão.

— Mas, que merda está fazendo aqui Cleber? Essa não é sua sala! Essa não é sua mulher!

Levanto-me ainda rindo e volto para meu lugarzinho em frente sua mesa.

— Acalme-se homem! Estava te esperando e por acaso achei essas fotos.

— Por acaso? Elas estavam na terceira gaveta, seu safado. Não tem como ter achado as fotos por acaso.

Ele dá uma olhada nelas e seu sorriso aparece.

— Mas, pode falar, minha noiva é a mulher mais gostosa que você já viu.

Até poderia concordar se a imagem da Suzana bruxa, como a vi no sonho, com aquele vestido curtíssimo não escolhesse esse momento para aparecer.

— Posso já ter visto melhores, nos meus sonhos.

Sebastian me olha imediatamente.

— Espero que a Celina não faça parte dos seus sonhos.

Meu sorriso some e me levanto. Fico dando voltas para tentar explicar. Tento falar um monte de vezes, mas há algo na minha garganta me impedindo, não sei o que é, mas as palavras não saem. A risada de Sebastian me faz olhá-lo e ele está sentado em sua cadeira, com os braços apoiados nos cotovelos, olhando para mim e rindo.

— Patético. O Matheus me disse que saiu com a bruxa ontem. O que houve?

— Tenho um problema — digo sério e seu sorriso zombeteiro desaparece.

— Ela está grávida. Merda, Cleber, a Celina vai matar você por impedir que nosso bebê seja o único. E está ferrado! Está vendo minha cara de sono? Não dormi nada! A Celina teve desejo de comer melancia de madrugada. Agora já deixei um estoque na geladeira.

Ele continua falando sobre as coisas que a Celina anda fazendo, mas se cala quando percebe que estou em outro lugar.

— Vamos cara, bote para fora, qual o seu problema?

— Ando tendo pesadelos.

Sebastian me olha concentrado, aguardando que eu explique melhor.

— Com uma mulher — concluo.

Então ele cai na gargalhada.

— Ah, Cleber, meu amigo, só mesmo você para acabar com meu mau humor por ficar sem sexo. Pesadelos com uma mulher? Primeiro você fica obcecado por uma, depois tem pesadelos com outra, onde será que vai parar?

— Não são duas mulheres, é a bruxa! Os pesadelos são com ela.

O sorriso some do rosto dele e me encara sério.

— Tá legal, Cleber, você está me preocupando, porra! Que tipo de mulher é essa que precisa ser investigada por advogados como o Botelho e te dá pesadelos?

— Uma bruxa! — respondo. — Que me deu o primeiro fora da minha vida e não sai da minha cabeça.

Começo a puxar os cabelos, tentando tirá-la dali.

— Saia da minha cabeça, Suzana maldita. Saia agora!

A risada de Sebastian é tão alta, que Maura entra na sala perguntando se está tudo bem. Após ela sair, ele ainda com dificuldades em falar, diz de uma maneira arrastada e tentando abafar o riso.

— Caramba, Cleber! Quando disse que ia rir da tua cara de bobo apaixonado, não pensei que fosse acontecer tão rápido.

— Eu não estou apaixonado, seu imbecil! — digo dando um soco na mesa. — Eu disse que tive pesadelos e não que sonhei com a mulher.

— Ela te deu um fora? Acho que nunca vi isso acontecer.

— Porque isso nunca aconteceu.

Agora mais calmo, Sebastian parece ter entendido onde quero chegar.

— Então a sua obsessão com a bruxa é por que ela te deu um fora? Seu primeiro fora?

— Exatamente!

— A Celina me deu vários, e veja onde isso me levou. Se quer um conselho meu amigo, fuja enquanto é tempo. Ela vai se tornar uma obsessão, então vai ser

a melhor coisa na sua vida. E aí quando uma ex qualquer das muitas que você pegou resolver aparecer, ela vai te tratar aos gritos e fazer greve de sexo. É uma merda.

Então eu começo a rir.

— A Celina está de greve? Homem, você é patético!

Ele me encara com uma careta:

— Não sou eu que ando tendo pesadelos com uma mulher que me deu um fora. Isso sim é patético.

Volto a me sentar e cruzo as pernas.

— Somos dois patéticos.

— Vá falar com a Celina — ele diz.

— Eu não. Ela já me assusta com o humor normal, com a Vernee na sua casa e uma greve de sexo quero distância dela.

— Não seja um bundão. Vá falar com ela, pedir um conselho.

— Sobre o quê?

— Sobre você e essa tal bruxa. Fale com ela, explique as coisas, ela saberá o que fazer.

— Ela vai rir da minha cara.

— Isso ela vai fazer de qualquer jeito, meu caro. Porque eu faço questão de rir com ela mais tarde. Talvez seu primeiro fora seja o motivo perfeito para me reaproximar dela.

Eu me levanto e nem acredito que estou mesmo indo pedir conselhos à maluca da Celina, mas, que seja. Ela domou o Sebastian, deve saber o que faço para reverter o feitiço da bruxa.

— Vai falar com ela? — Sebastian pergunta.

— Sim, você tem razão, ela deve saber o que fazer. Nada melhor que uma bruxa para entender a cabeça de outa.

Sebastian abre aquele sorriso maricas e diz:

— Diga a ela que a amo.

— Eca! Nem fodendo! Não digo essas palavras amaldiçoadas começadas com A.

— Melhor começar a dizer se quiser ter sua Bruxinha na cama.

Solto um palavrão e saio resmungando e Sebastian ainda está rindo quando viro o corredor.

Ali está, sentada em sua mesa, concentrada em alguns papéis, de longe até parece inofensiva, mas eu sei que de inofensiva, Celina Morelli não tem nada. Penso se estou fazendo a coisa certa ou se devo correr como um covarde, quando sem desviar o olhar dos papéis, ela diz:

— O que quer, Cleber? O Matheus ainda não chegou.

Sou pego no pulo pensando em fugir. Ajeito a gravata e me aproximo dela.

— Não queria falar com ele.

— Então por que está parado aí me olhando como se eu fosse apavorante?

— Porque você é apavorante.

Ela finalmente olha para mim e sorri.

— O que você quer? Não veio a mando do Sebastian, não é?

— Jamais arriscaria minha vida assim.

Ela cruza os braços e me encara.

— Então.

Puxo uma cadeira e me sento de frente para ela. Tento parecer calmo e explicar as coisas da maneira menos ridícula possível.

— Tenho um problema. — É a única coisa que consigo dizer.

Ela me olha por um tempo, depois dá de ombros.

— Bem-vindo ao mundo real, todo mundo tem.

— Você não entendeu. Meu problema tem pernas longas, se veste como uma mulher respeitável e culta, mas quando abre a boca é totalmente malvada. E ela é uma bruxa.

— Uma bruxa?

Acho que ela está tentando esconder um sorriso, mas não tenho certeza.

— Sim, e me deu um fora.

Celina me avalia por um bom tempo, parece estar em outro mundo. Começo a achar que está pensando nos foras que deu no Sebastian, ou em alguma coisa relacionada a ele quando ela diz:

— Se ela não tivesse te dado um fora, ainda assim seria um problema?

Penso no que aconteceria naquele primeiro dia, no prédio dela, se ela tivesse agido como uma mulher normal e aberto a porta. Nós teríamos transado, muitas vezes, provavelmente, então eu sairia de lá e nunca mais sequer pensaria nela.

— Não, não seria problema algum.

Celina me encara de novo, com uma careta.

— Oras, vê se cresce Cleber! Aja como um homem e aceite que você levou um fora! Você foi rejeitado! Pronto! A mulher não te quis, mas não deve ser perseguida por isso, deixe a pobrezinha em paz!

— Você não precisa ser tão maldava!

— Nem você tão cretino! Então a mulher não tem direito de te dizer não?

— Você não entendeu. Não estou chateado porque ela disse não, estou obcecado. Sabe o que é obsessão? Agora eu sei! Eu chego a sonhar com a maldita mulher e não me senti saciado com minhas adoráveis indianas! É um feitiço, Celina! A mulher é uma bruxa!

Espero que ela vá rir, sei que estou ridículo, mas ela parece estar com pena.

Merda, isso é pior ainda.

— Em primeiro lugar, eu odeio essas indianas. Em segundo, foi somente um fora, e ela não é bruxa coisa nenhuma. O feitiço está todo no seu ego avantajado que não aceita ser rejeitado.

— Você é uma bruxa tanto quanto ela — rebato.

— Cleber eu não vou dizer o que você quer ouvir. Não acho que ela seja má ou tenha agido errado em bater a porta na sua cara, na verdade, ainda bem que ela fez isso. Você e o Sebastian são dois idiotas, perversos e convencidos e merecem mesmo ouvir a palavra não repetidas vezes.

— Não dá para falar com uma mulher em greve de sexo — digo e me levanto, mas Celina de repente se levanta e grita:

— Sente-se aí agora mesmo, Cleber Dantas!

Eu me sento imediatamente. Ela se senta em seguida e me olha, como se nada tivesse acontecido e ela estivesse com o melhor dos humores.

— Eu sei como tirar essa mulher da sua cabeça. Melhor, posso te ajudar a conquistá-la. Mas, o que quero saber antes, é se você pretende mesmo ficar com ela.

— O que?

— Você vai ficar com ela? Ou quer apenas fazer com que ela mude de ideia para ressuscitar seu ego assassinado?

— Cruel.

— Responda!

— Não vou ficar com ela. Não estou apaixonado pela mulher, Celina, só não consigo tirá-la da cabeça.

— É quase a mesma coisa.

— Não, não é.

— Nesse caso, Cleber, eu espero que você tenha ao menos a decência de entender que não pode invadir a vida de uma pessoa e conquistá-la apenas para não se sentir rejeitado. Se não tem mais nada do que um pau para oferecer a ela, deixe-a em paz.

— É um super pau. O melhor que ela vai ter na vida.

— Pau nenhum no mundo compensa um coração partido.

— Não gosto de conversar com você. Não sei onde estava com a cabeça para vir aqui te pedir conselhos.

— Não gosta porque sabe que estou certa. E também não entendo o que deu em você. Quem em sã consciência pediria conselhos amorosos a mim?

Dou de ombros enquanto me levanto.

— O gay do seu noivo mandou dizer que a ama.

— Diga a ele que vá a merda!

Um sorriso involuntário surge em meu rosto.

— Celina, eu também te amo.

— Cleber, não vou mandá-lo à merda porque você já está nela.

Saio dali antes de começarmos outra discussão onde serei nocauteado pela segunda mulher na minha vida. Mas, sendo ela a Celina, isso nem me constrangeria. É a Celina, todo mundo sabe que ela é louca, e claro, a pessoa mais esperta e inteligente que conhecemos.

E ao chegar à minha casa à noite e olhar minha cama vazia, pela segunda noite consecutiva, aceito que a maluca da Celina está certa. Não vou atrás dela. Não vou fazer nada para conquistá-la só para dizer que posso ter tudo o que quero. Não posso. Vou aceitar isso e partir para outras. E a misteriosa Suzana Leal, não quero mais vê-la. Que seja feliz com seus apetrechos de sex shop e sem um pau de verdade. Só para que fique bem claro, eu a conquistaria se quisesse, mas não quero. Vou ser um bom homem e deixar a Bruxinha em paz. Chega de Suzana, chega de feitiços, chega dessa obsessão estranha.

Nessa noite, durmo como uma pedra, e a maldita não aparece em meus sonhos. Capítulo encerrado, nunca mais sequer irei vê-la.

Suzana

Depois de um banho gelado, não tenho ânimo para brincar, nem com Huguinho, meu melhor amigo. Acho que não falei sobre o Huguinho não é? É um vibrador, claro. O melhor amigo de uma mulher sempre é um vibrador. Não, não pode ser um pau, pois paus infelizmente possuem corpos masculinos para sustentá-los, e esses corpos masculinos geralmente são imbecis completos que não valem a pena ter por perto, nem que o pau seja realmente esplêndido. Então amigas, arrumem um vibrador, ele te dá prazer, te escuta sem reclamar, não te pede nem cobra nada e nunca falha. Voltando ao Huguinho, ele é roxo. Acende no escuro, claro, só falta tocar um musiquinha sexy, do Justin Timberlake, por exemplo, para ser completamente perfeito.

De banho tomado, sem vontade de brincar e sem paciência para ver televisão, só me resta a internet. Abro o Google, passeio entre coisas que na verdade não me interessam, até que canso de bancar a difícil para mim mesma e vou ao que interessa, o tal Cleber. Pela forma como muitas mulheres o olharam essa noite, imagino que seja conhecido. Digito Cleber, e aparecem um monte de Cleber, nenhum é ele. Digito Cleber rico e gostoso, mas nada. O que será que ele faz? Tento puxar pela memória se ele me disse o sobrenome ou qualquer dica do emprego, mas não encontro nada.

A não ser, quando disse que estava falando com um sócio. Ele o chamou por um nome, qual foi o nome? Vasculho a mente e tento encontrar o nome, eu o perguntei quem era, mas ele disse apenas um amigo, e sócio, não disse o nome. Mas disse quando atendeu ao telefone, qual o nome que ele disse? De repente a cena me vem à mente, posso me visualizar ali, de frente para ele, ansiosa e excitada, pensando em ser a sobremesa, quando o telefone dele toca, bem na hora que eu ia cometer a burrice de dizer meu nome, e ele atende ao telefone dizendo... ah sim! Matheus, acho que foi isso.

Corro para o notebook e digito Cleber e Matheus, mas nada demais aparece. Então digito Cleber e Matheus sócios... e a busca se completa sozinha... **Cleber e Matheus, sócios da V.D.A. rede hoteleira.** Aperto o enter e várias imagens dos três donos da famosa rede de hotéis enche a tela. E um deles é o maldito senhor Convencido. Cleber Dantas. É podre de rico. Estou passada, ele estava fazendo compras em um mercadinho de bairro, mas me levou a um restaurante caro. A V.D.A. está na mídia esses últimos dias por conta do lançamento de um hotel internacional. É uma das primeiras redes de hotelaria brasileiras a se destacar no exterior, e os três sócios vivem na mídia. Abro uma página com uma foto no

mínimo indecente do senhor Convencido e vejo a notícia:

Depois que Sebastian Vaughn assumiu um compromisso com a ex-secretária, Celina Morelli, o sócio mais cobiçado da V.D.A. é Cleber Couttier Dantas. O empresário além de rico, é lindo, bem humorado e está solteiro!

Fico ali de queixo caído por uns bons quinze minutos ou mais, ele é Cleber Dantas, sócio da V.D.A.. Um dos deliciosos sócios da V.D.A., diga-se de passagem. Ouvi falar muito deles, os três solteiros mais cobiçados do país. Por um momento me sinto uma deusa, convenhamos, o homem é lindo, podre de rico, cobiçado e se interessou por mim. Mas o sentimento de “sou mais eu” passa para dar lugar ao fato de que eu o rejeitei e não terei mais nada dele. Não importa. Dinheiro demais, pode descobrir coisas demais sobre mim, pode acabar comigo se quiser em um estalar de dedos. Melhor mesmo que ele nem se lembre de que eu existo. De qualquer forma, não irei mais vê-lo mesmo. Cleber Dantas que seja muito feliz com seu dinheiro, seu ego e sua falta de noção. Eu só tenho que pagar minhas contas, conquistar um certo vizinho que nem me nota e fazer o que amo toda noite.

Capítulo 04

Cleber

Já se passaram alguns dias e nesses dias eu sequer pensei nela. Não falei pra você que isso não seria problema? Ela não aparece mais em meus sonhos, não vejo mais seu rosto quando fecho os olhos e nem me lembro dela. Página encerrada. Satisfiz-me com minhas indianas, peguei algumas brasileiras (minhas preferidas) e até arrumei uma japonesa, e agora estaria feliz e saciado se não fosse um **PEQUENO** problema: Edmundo.

Edmundo Pinto Pequeno não foi legal comigo. Eu dei um aviso claro que ele fez questão de ignorar. Claro que terei que tomar uma providência sobre isso. Ninguém me ignora assim. Se tem uma coisa que eu odeio, é ser ignorado! Por falar em ignorar, estou no maldito oitavo andar de novo. Eu sei o que está pensando, esse não é o andar do Edmundo, e eu vim aqui atrás dele. Mas que fique claro que não estou esperando encontrar a misteriosa, não é isso. Estou apenas conhecendo o edifício.

De repente uma porta abre e quem eu vejo? Não é ela, esquece-a. É Salvador Gomes, um velho amigo corretor.

— Salvador!

— Dantas, o que faz por aqui?

— Visitando uma amiga, e você?

— Visitando um imóvel. Tenho um excelente apartamento à venda aqui. Quer dar uma olhada?

Um apartamento, no mesmo andar da misteriosa? Não, obrigado.

— Claro! Enquanto minha amiga não chega.

Não estou olhando o apartamento por causa dela. Nada disso. É só para não ser mal educado com meu amigo. Ele vai andando em direção ao apartamento dela, e por um minuto, sinto algo, uma leve tensão. Será que ela mudou? Está vendendo o apartamento? Mas ele para na porta ao lado, 801. E quando digo ao lado, é bem ao lado mesmo. Interessante.

O apartamento é excelente! Enorme, bem acabado, a minha cara. Se não gostasse do lugar onde moro, compraria agora mesmo. Quando estamos saindo, adivinha quem está chegando? Agora sim, é ela. Estaca em frente sua porta ao me ver.

— Olá — digo rindo da cara que ela está fazendo.

— Por favor, me diz que não está comprando esse apartamento — ela

responde.

— Na verdade, estou.

Não vou comprar, mas gosto de irritá-la. Despeço-me de Salvador e antes que a misteriosa Suzana consiga fechar sua porta, enfio meu pé impedindo que ela consiga, empurro a porta e praticamente invado o apartamento dela.

— Não te convidei para entrar! — ela diz nervosa.

— Não se preocupe, eu perdoo sua falta de educação.

Olho em volta à procura do que ela pode estar escondendo. Mas, aparentemente é uma residência normal. Grande como o que olhei, arrumado e delicado. O que será que ela estava escondendo?

Ela deposita suas bolsas em uma mesa e corre até uma porta, a fecha, passa a chave e a enfia no sutiã. Então volta para a sala e me encara ainda irritada.

— Então, satisfeito? Você conseguiu entrar em meu apartamento.

— Ah sim, eu sempre consigo o que quero.

— Agora que já viu, pode ir embora.

— Poxa! Você é mesmo mal educada, hein!

Ela bufa.

— O que mais você quer?

Abro meu sorriso, o melhor deles, que sei que faz qualquer mulher hiperventilar, e digo:

— Saber o que esconde em seu quarto.

A maldita mulher nem pisca. Não se sente nada afetada pelo meu olhar. O que há de errado com ela?

— Você não vai saber isso, não é da sua conta! Saia do meu apartamento ou o acuso de invasão.

Nunca fui expulso por uma mulher antes. Normalmente elas me imploram para ficar. Isso é um desafio.

— Acho que começamos da maneira errada, Suzana. — Me aproximo dela e estendo a mão. — Sou Cleber Dantas. — Enfatizo o Dantas porque a V.D.A. está saindo em todos os jornais por conta do novo hotel internacional, e claro, meu nome está estampado em cada notícia sobre a V.D.A..

Ela olha minha mão estendida com desdém e não a toca.

— Eu sei quem você é.

Quer dizer que pesquisou.

— Como sabe meu nome? — Ela praticamente grita.

É impressão minha ou ela parece alarmada por eu saber o nome dela?

— Tenho meus métodos para descobrir coisas sobre as mulheres que me interessam.

Ela parece surpresa, mas rapidamente se recompõe.

— É mesmo? E o que mais você investiga sobre as mulheres que te interessam?

Ela parece com medo. Eu sabia! Esconde alguma coisa.

— Mais nada, na verdade. Prefiro que elas me contem o que interessa por vontade própria.

Ela arqueia a sobancelha e cruza os braços. Faço o mesmo, ela entende que estou esperando que conte alguma coisa.

— Não estou com vontade de compartilhar minha vida com você.

— Tudo bem, eu entendo. Sempre posso investigar, de qualquer forma — digo e vou andando em direção à porta.

Ela rapidamente entra na minha frente me impedindo de abri-la. Parece assustada, e uns fios escapam de seu rabo de cavalo perfeito.

— Tá legal, o que quer saber?

Coloco os fios rebeldes atrás da orelha dela e espero que ela enrubesça, mas ela não tem nenhuma reação. Isso está começando a me irritar de novo.

— O que você faz para viver?

Ela arregala os olhos e parece assustada.

— Sou professora.

— Hum, e como consegue morar em um lugar como esse com o salário de professora?

Ela pisca os olhos e responde:

— Eu ganho bem.

— É mesmo? Dever ser a única do país.

— Então podemos dizer que tenho sorte.

Está escondendo alguma coisa, e tem a ver com a profissão dela. Estou quase a pensando na porta, posso sentir perfeitamente os contornos de seus seios pressionados em meu peito. E mesmo assim ela não demonstra nenhuma reação. Qual é o problema dela?

— Você é comprometida?

— Depois de quase me atacar contra a porta é que pergunta?

Então ela percebeu. Ela me empurra e se afasta.

— Por acaso, não sou. Mas isso não te dá o direito de invadir meu apartamento, investigar minha vida e me prender contra a porta! Sinto muito se chamei sua atenção, mas acho que nós dois percebemos que não estou interessada em você.

Porra! Nunca tomei tantos foras da mesma mulher na minha vida! Antes dela, nunca nem tinha tomado um fora! Estou chocado! Não sei como agir. Sei que não há nada de errado comigo, é com ela! O problema é ela!

— Você já teve um bom sexo na vida, Suzana?

Não espero que ela vá responder, mas ela responde de imediato.

— Mais do que você imagina. Acabou a entrevista?

Ok, preciso admitir que fui derrotado. Não preciso esperar que ela me expulse também, vou sair com o que resta da minha dignidade. Ela me acompanha até o corredor, acho que para ter certeza que estou indo embora. E chego à conclusão que ela é um ser assexuado, só pode ser isso, não há outra explicação.

É aí que um homem se aproxima. Usa um terno bem passado, o cabelo ralo e tem cara de gay. Ele abre um sorriso para Suzana, e ela imediatamente enrubesce. Isso mesmo! A maldita cora com o sorriso sem graça desse idiota.

— O elevador quebrou de novo — ele diz para ela me ignorando totalmente.

— É sempre bom um pouco de exercício — ela responde com uma voz melosa.

Maldita! Minha vontade é empurrá-la na maldita parede e calar a boca dela com um beijo devastador. Pigarreio para chamar sua atenção, mas ela nem se importa. Continua conversando toda melosa com aquele magrelo. Não entendo como ela pode preferir aquela coisa seca ao invés dos meus músculos.

Pego o telefone e ligo rapidamente para Salvador.

— Salvador? É o Dantas. Vou ficar com o apartamento.

Suzana

Sorrio para Samuel e Cleber perde a paciência. Empurra Samuel, me pega pelo braço e me arrasta para dentro do meu apartamento.

— Mas o que... — começo a perguntar, mas ele me cala com um beijo.

— Cala a boca e abre as pernas.

Ai meu Deus! Amo homens dominadores. Imediatamente obedeco. Ele puxa minhas pernas sem nenhuma delicadeza e as posiciona em sua cintura.

— Como vai querer? Aqui na porta mesmo?

Só consigo gemer ao sentir a ereção dele pressionando o meio das minhas pernas. Lagartixa! Finalmente vou conhecer o sexo lagartixa!

— Em qualquer lugar desde que seja logo — respondo.

— Como? Suzana! O que disse?

Abro os olhos, confusa e avisto um homem totalmente diferente diante de mim. Eu e essa minha imaginação corrompida. Moles, minhas pernas parecem gelatina. Aos poucos me esforço para me concentrar no homem que está parado a minha frente, o homem por quem sou apaixonada, e a visão, o cheiro e a voz de Cleber vão sumindo da minha mente. Preciso ter foco, não posso me derreter toda por um homem bonito. Por mais que ele seja estupidamente lindo. Meu Deus! Só pensar no homem e sinto calor de novo.

Acho que mereço um prêmio por minha atuação hoje, poxa, o cara me prendeu contra a porta! Eu senti a ereção dele cutucando minha barriga, e mesmo assim não fiz nada. Sei que feri o ego dele, de novo, mas foi necessário. Cleber é lindo, com certeza um sexo excelente, mas não preciso de nenhum riquinho me perseguindo e descobrindo minha real paixão. Não mesmo. Mesmo porque o único homem que vai entrar no meio das minhas pernas, é esse que está na minha frente. Samuel Alencar. O filho do governador do estado, não é isso. E sim pela pessoa que ele é. Apesar do dinheiro que tem, ele é simples, não vive rodeado de seguranças, faz suas próprias coisas, é uma pessoa como eu. Não, como eu não, ele é uma pessoa normal, eu não. Sou uma pervertida. Sei disso. Acho que se Samuel entrasse em meu quarto por um minuto apenas, nunca mais olharia para minha cara.

Mas aí é que está a graça do doce sonho de me casar com ele. Com ele eu não precisaria trabalhar, não precisaria pagar pelo apartamento onde moro, nunca sofreria o risco de ser despejada de novo. Com ele eu poderia largar minha vida

noturna e me dedicar ao que realmente amo fazer. Dançar. E sabem o que o Samuel, o filho do governador faz? É dono de uma academia conceituada de dança. Não é perfeito? Ele não é minha alma gêmea? Antes ele sequer reparava em mim, mas hoje ele parou para conversar comigo. Isso nunca tinha acontecido. E não posso esconder o sorriso bobo que me toma. Mesmo que ele não faça minhas pernas virarem gelatina, é ele quem faz meu coração acelerar desse jeito. Ele é meu sonho de ser alguém normal, de ter uma família normal, uma casa bonita, filhos e claro, poder dançar para pessoas cultas. E não para as pessoas para quem danço atualmente.

Mais rápido do que queria, ele se afasta, diz que precisa ir e fico como uma boba esperando que ele vá. Quando volto para casa, a primeira coisa que me vem à mente é ele, Cleber. E a forma como ele preencheu meu apartamento com seu tamanho e porte. Que homem! Não entendo porque ele cismou desse jeito comigo. Será que se eu tivesse dado um risinho para ele aquela primeira vez, no elevador, seria apenas mais uma das muitas que babam por ele? Eu deveria ter feito isso. Claro que deveria. Mas tive medo do Samuel pegar o elevador e me ver derretida por outro homem. E depois, bem, depois ele se mostrou um completo idiota.

Samuel não pode de maneira nenhuma saber o que faço para viver. Porque é obvio que não pago o aluguel desse apartamento caro com meu salário de professora.

Tiro minha roupa comportada demais, solto meu cabelo desse rabo de cavalo perfeito e finalmente sou eu mesma. Avalio a lingerie que estou usando no espelho, tomo um conhaque para relaxar e vou ensaiar. Pouco depois a campainha toca e meus gatos aparecem. Téó e Léo, os gêmeos mais gostosos que existem na terra. Eles são lindos, musculosos, dançam muito bem e são gays, é claro. Ambos me abraçam e me rodopiam e vamos ao meu quarto.

Ok, não pense besteira. Deixa eu me explicar melhor. Existe um clube nessa cidade, clandestino. Sim, existem vários clubes clandestinos espalhados pelo país, mas esse clube é diferente, pois eu trabalho nele. Não faça essa cara, não sou prostituta, garota de programa, nem stripper, nada disso. Sou dançarina. Profissional. Recebo muito dinheiro de homens safados para dançar e enfeitiçá-los com meus movimentos. Eu disse que não sou stripper, não tiro minha roupa. Geralmente danço com uma roupa mais curta, às vezes, até de lingerie, mas também não sou a atração principal do meu número. A atração principal, são os gêmeos. Eles sim tiram a roupa. Ficam nus em pelo. E aí você se pergunta, mas os homens pervertidos querem ver isso? E é aí que explico porque esse clube é diferente, ele é misto.

Quem disse que apenas os homens têm direito a um pouco de sacanagem?

Não senhoras! As mulheres também têm. Elas crescem cada vez mais no Red e são elas que movimentam a maior parte da renda do clube. Tudo por causa dos gostosões gêmeos que tiram a roupa lá todas as noites. Sim homens, vocês estão pão duros.

Acho que não expliquei que sou eu que tiro a roupa deles. Ah sim, eu faço isso, com movimentos de dança, os deixo nus. Sei que cada mulher daquele clube adoraria estar no meu lugar, eu os toco, cada parte deles, sou o que todas elas queriam ser. Adoro essa sensação, de estar no controle.

Mas a vida real, a Suzana Leal, real. Essa é quase patética. É a professora comportada, fria e séria, que nunca tem namorado, que vive para pagar o apartamento caro onde mora. Essa Suzana nunca teve um bom sexo, mas tem seus orgasmos diários, com brinquedos, nada de homens bons.

Sabe o que eu mais queria? Ser as duas, a Suzana dançarina e a Suzana professora, queria andar na rua de cabeça erguida, uma pessoa respeitada. Mas, chegar em casa e trepar como uma puta, mas com meu marido. Isso é loucura demais? Será que sou louca? Entende o que quero dizer com ser duas em uma só e ter vontade de ser uma em duas?

Essa é mais uma terça-feira normal na minha vida. Chego correndo da escola, pego minha mala vermelha e saio correndo. Torço para não avistar Samuel, e Deus me ouve, ele não aparece. Corro até meu carro, já estou atrasada. Há um detalhe sobre mim, as pessoas me odeiam no trânsito. Não sei o que acontece, mas é só eu ligar o carro e começam a buzinar, me mostrar o dedo do meio e gritar palavrões. Juro que não dirijo mal, o problema não sou eu, definitivamente as pessoas são loucas.

Chego ao Red correndo, nem tenho tempo de ver a fila de entrada. Mas, como é terça-feira, quase não vem ninguém. Hoje meus gêmeos nem dançam comigo. É o dia que mais gosto, de dançar sozinha. Visto minha roupa preferida, a fantasia que mais amo e vou para o palco. As luzes acesas me cegam e a música começa. Começo meus movimentos, e quando a luz diminui, o vejo. Ele está aqui. Descobriu sobre mim, descobriu minha profissão. O que vou fazer? Estou usando uma máscara, e peruca, será que ele sabe que sou eu? Não acredito, olho de novo, é ele mesmo, e está vidrado em mim! Vidrado mesmo, com os olhos quase saltando para fora, de tanto que me olha. Vou para o lado oposto ao que ele está, mas ele me segue, conforme vou andando pelo palco, ele anda também, está sempre a minha frente. Enfrenta os outros homens do bar e não tira nem por um segundo os olhos de mim. Não aguento mais essa tensão, quando a música finalmente acaba, praticamente saio correndo. Corro para meu camarim e me jogo na cadeira, respirando com dificuldade. Nem quinze minutos passam

quando a porta do meu camarim abre, e ele está ali. Merda!

Ele me estende a mão, seus olhos verdes focados em meu decote e diz:

— Prazer, sou Cleber. Quero saber quanto quer para passar a noite comigo.

Cleber

Hoje foi um dia cheio. Os hotéis internacionais já estão em construção, então temos trabalhado como loucos. Precisava de algo para me distrair. Algo diferente. Nada das indianas, hoje quero uma brasileira. Devo admitir que Sebastian faz falta, às vezes, como hoje, por exemplo. Hoje seria um dia que ele iria ao Red comigo. Costumávamos disputar a mesma mulher só para ver quem ganhava. Mas sei que meu amigo está muito mais feliz agora, com a xoxota mágica da Celina. Isso me faz pedir a Deus todos os dias para nunca encontrar uma xoxota dessas.

Gosto de vir ao clube aos finais de semana, mas resolvi vir hoje, meio de semana, por estar mais vazio e as garotas terem mais tempo livre. Era o que eu planejava fazer hoje, beber um pouco, escolher uma garota e me divertir depois. Nada de compromisso, nada de xoxota mágica. Conheço algumas das garotas que dançam aqui, já saí com algumas delas. Geralmente venho mais tarde, mas hoje estava com pressa para me divertir. O plano era simples, entrar, beber, escolher uma garota e ir embora com ela. Era tudo simples assim, até que a vi. A odalisca.

Seu rosto coberto por uma renda vermelha transparente. O cabelo ruivo caindo em ondas volumosas. O top mal contendo seus seios fartos e as pernas, meu Deus, que pernas! A renda vermelha transparente de sua saia roçava em cada perna conforme ela se mexia e meu pau acordou no mesmo momento. É ela. Tinha que tê-la esta noite. Eu a segui como uma sombra para cada lado do palco em que ela ia. Não deixei que nenhum outro homem colocasse uma nota sequer no seu top. Mas a recompensarei por isso.

Ela mal saiu do palco, já corri atrás dela. Tive que subornar outra dançarina e um segurança para chegar ao seu camarim. Na porta, seu nome escrito à canetinha: **MISS SUE**. Até o nome da criatura é erótico. Invadi seu camarim movido pelo desespero em tê-la. E agora ela está aqui, na minha frente, olhando minha mão estendida com nojo, sem a menor intenção de tocá-la. Merda! Preciso tocá-la.

— Você tem noção do quanto está sendo idiota? — ela diz calmamente.

Sua voz é tão gostosa que tenho a sensação de já a ter ouvido. Recolho minha mão e sorrio para ela.

— Desculpe invadir seu camarim.

— Não por isso — ela responde.

Está realmente brava. Seu rosto ainda está coberto pela máscara com a renda,

mas sinto a tensão emanando dela.

— Não gostou da minha proposta? — pergunto preocupado.

— O que está chamando de “proposta” eu chamo de insulto, falta de noção e cúmulo da babaquice.

É, acho que ela não faz programa. Não me olhe assim, a maioria das meninas aqui faz. Se bem que, normalmente são as strippers que fazem. Minha desejável Miss Sue não tirou a roupa. Ao invés de me sentir desanimado com essa descoberta, me sinto ainda mais disposto a tê-la. Pense só, ela será só minha. Nada de dividi-la com outros. Isso torna tudo muito melhor, exceto pela enorme merda que acabei de falar. Tento consertar a cagada.

— Me desculpe, é que a maioria das meninas aqui aceita um agrado em troca de diversão.

— Sim, e a maioria dos homens que vem aqui são ruins de cama e sexualmente frustrados. Por que eu sairia com alguém assim?

Espirituosa e linda. Preciso ter essa mulher. Mas isso provavelmente não vai acontecer hoje. É um exercício que exige paciência. Preciso conquistá-la aos poucos.

— Desculpa, acho que começamos da maneira errada, Miss Sue. — Estendo novamente minha mão. — Sou Cleber Dantas, é um prazer conhecê-la.

Minha mão continua estendida, no vácuo enquanto ela tem uma crise de riso. Por que está rindo? O que fiz de tão engraçado? Ela dá gargalhadas, uma risada gostosa que fere meu ego. Então percebo. De mim, ela está rindo de mim. Pigarreio.

— Por que não vamos jantar? Assim poderemos nos conhecer melhor — digo com todo meu autocontrole, como se ela não estivesse quase rolando de rir da minha.

Ela faz um movimento negativo com o dedo.

— Melhor não, bonequinho. Acho melhor você ir agora.

Ela está me dispensando? É isso mesmo? O que há de errado comigo? É a segunda mulher essa semana que me dá um fora! Isso não vai ficar assim! Preciso ressuscitar meu ego. A maldita da Suzana e a deliciosa Miss Sue não perdem por esperar!

Capítulo 05

Suzana

— Foi um tremendo susto.

— Relaxa gata, ele não a reconheceu, hoje é outro dia, você sequer ouvirá falar dele, só relaxe e dê o seu melhor como sempre. — Téó dá um beijo em minha testa e começa a tirar a roupa.

Ok, não pense besteira, mente suja. Estamos no camarim, no Red, nos preparando para a noite de sexta, a casa está cheia, posso ouvir os gritos e a confusão do camarim. Dei uma espiada básica e sim, metade do público aqui é feminino. No começo, quando elas começaram a frequentar, vinham praticamente escondidas em roupas enormes, usavam perucas e apetrechos para não serem reconhecidas. Seria um escândalo, não seria? Uma mulher frequentando um clube desses. Percebendo isso, Big Cid, o dono do lugar, começou a realizar festas a fantasia, e aí o clube lotava de mulheres disfarçadas que podiam finalmente mostrar seus lados devassas. Com o tempo, elas começaram a frequentar o clube mesmo quando não havia festas a fantasia, sem as roupas muito fechadas, sem as perucas, com a cara, a libido e a coragem que toda mulher tem. E sim, elas passam as mãos nos meninos, enfiam dinheiro nas cuecas deles, muitas delas dormem com eles. Foi um grande passo, os homens não aceitaram no começo, exigiam que as mulheres deixassem o clube, mas Big Cid foi convicto ao afirmar que todos tinham direito à diversão, não só os machistas pão duros que vinham aqui. E assim, o público feminino passou a movimentar a maior renda do clube.

Respiro fundo e olho a multidão mais uma vez, embora uma boa parte esteja do outro lado, na pista de dança, os que cercam o palco aguardando o nosso show já se posicionaram, e entre eles, não está Cleber. Respiro aliviada. Não sei se aquela cena ridícula na semana passada foi um truque. Sei lá, alguma coisa para me enganar. Fico me perguntando se ele me reconheceu e está se fazendo de bobo, ou se é bobo mesmo e não faz a menor ideia de quem eu sou. De qualquer forma, estou duplamente encrencada, pois tanto a professora fria, quanto a dançarina, deram um fora nele. E se a reação dele a mim foi por causa do fora, a reação a Sue será a mesma e ele virá atrás de mim.

Uma mão pousa em minha cintura e me puxa para trás.

— Pare de olhar e controle-se! — ralha Léo.

— Desculpa. Estou nervosa.

— Eu já dei uma volta pelo clube, ele não veio, Sue. Você feriu o ego do cara duas vezes, ele é gostoso e rico, pode ter qualquer outra mulher. Acredite, ele vai fingir que isso nunca aconteceu e vai deixá-la em paz — garante, acariciando meu cabelo.

— Ok, você está certo. Ele não é um qualquer desesperado por sexo, não é?

— Com certeza não.

Respiro mais aliviada, e Léo me ajuda a colocar a peruca vermelha e a máscara de renda. A máscara de hoje é roxa, para combinar com a fantasia da noite, de melindrosa. Eu sei o que vai dizer, estou me escondendo em fantasias como o público feminino fazia antes, e isso é totalmente covarde da minha parte, mas admito, sou covarde mesmo. Sou professora em uma escola infantil. Sei que muitos pais ricos dos meus alunos frequentam esse lugar e não posso perder meu emprego, nem quero um pai de aluno achando que pode ter liberdades comigo porque danço aqui. A covardia no meu caso, é necessária.

Após amarrar a máscara e subir no salto, a música começa. Eu entro primeiro, com um sobretudo preto me cobrindo até os pés. Ouço os gritos da plateia masculina, mas a feminina também aplaude. Penso em olhar em volta a procura daqueles olhos verdes, mas deixo isso para lá, ele não veio, não tenho nada que ficar procurando. Tiro o sobretudo ao som da batida, bem devagar, revelando a fantasia da noite, e as notas já começam a voar em minha direção, ajoelho no chão, passeio as mãos pelo meu corpo, não estou perto o bastante do palco para que homem algum consiga fazer o mesmo, mas mesmo assim vejo várias mãos estendidas tentando me alcançar. Sei que meus meninos entraram no momento em que a gritaria feminina fica frenética e mais dinheiro voa para o palco. Eles se prostram cada um de um lado e ambos passeiam as mãos pelo meu corpo.

Levanto-me bem devagar, apoiada neles, que ficam de joelhos aos meus pés. Eu me sinto uma deusa. Amo essa sensação. Amo ouvir os gritos, ter as luzes e a fumaça sobre mim, amo que estejam me olhando nessa roupa curta e me desejando. Amo que as mulheres estejam gritando alucinadamente porque queriam estar no meu lugar. Pego Léo pelo cabelo e o faço cair de costas no palco, as mulheres gritam e passeio o salto pelo corpo dele, então faço o mesmo com Téó, o agarro pela camisa e o empurro, mas monto em cima dele, nós fazemos movimentos que levam a plateia à loucura enquanto tiro sua camisa. Suas mãos passeiam por meu corpo, mas não tocam em nenhum lugar onde não deve, eles estão bem avisados sobre isso. Continuamos nossa dança até que me levanto, vou para perto do palco e puxo uma mão feminina. Imediatamente um segurança aparece e ajuda a escolhida da noite a subir no palco, eu a levo até Téó, ela está vermelha, descabelada e parece incrédula em cima daquele palco. Olha para os lados, parece com vergonha. Eu coloco a mão dela sobre o cabelo

de Téo, obrigando-a a abaixar e a encarar, desafiando que ela o toque. Ela me olha de volta e dou um sorriso encorajador, então a vergonha desaparece e ela o toca, passeia a mão pela barriga descoberta dele, logo está passeando as duas mãos. A plateia grita, algumas mulheres tentam invadir o palco, mas os seguranças impedem. Volto para Léo, ajoelho atrás dele e abro bem devagar sua camisa, quando a tiro, ele deita de costas, entre minhas pernas e me levanta pelo quadril, me fazendo girar sobre ele. Ele volta a se sentar e eu me levanto, dançando com ele ali, no chão. Olho para trás e a escolhida da noite já tirou a calça de Téo, e ele a está levando de volta para a plateia. Em uma dança, eu me ajoelho e Léo levanta, então tiro sua calça, dou um passo para trás enquanto os dois dançam enlouquecendo as mulheres e deixo que eles mesmos tirem suas cuecas. Vou até um canto do palco beber um pouco de água, e quando estou prestes a voltar para o palco, uma mão forte agarra meu braço. Os homens fazem isso às vezes, me preparo para sorrir e chamar o segurança, quando um braço rodeia minha cintura e me puxa do palco me depositando no chão.

— Mas, o que...

Estaco ao ver Cleber diante de mim, usa uma camisa social branca, colada de suor ao seu corpo. A noite está quente. Mas meus olhos não se demoram nos gomos de sua barriga porque são atraídos para seus olhos. Seus olhos verdes exalam raiva. Ele está vermelho e parece muito irritado.

Tento voltar para o palco, mas ele me segura de novo pela cintura e me arrasta. O segurança que está perto finge não nos ver e me pergunto se Cleber subornou o homem. Ele me arrasta até um corredor da saída dos fundos, que está vazio, e me solta.

— O que mais iam fazer naquele palco? Trepas?

Estou tão em choque que nem respondo. O que está havendo aqui? De onde ele saiu? Por que acha que tem o direito de cobrar algo de mim? Por que parece tão irritado? Ele me encara com os braços cruzados, me julgando com os olhos verdes irritados e isso me enfurece. Quem ele pensa que é?

— O que acha que está fazendo? — grito para que ele me ouça sobre a música.

— Salvando você de transar com dois caras na frente de um monte de gente!
— ele grita de volta.

— E quem te deu o direito de fazer isso? Eu sou paga para dar pra eles, sabia? Eu adoro ser comida pelos dois!

Ele me encara em choque, dá um passo na minha direção, mas dou um para trás. A música para, as pessoas gritam, ouço chamarem meu nome. Mas, não quero voltar para lá, quero que esse imbecil me explique o que acha que está fazendo. Sem a música alta, tenho que disfarçar minha voz para falar com ele.

— O que você fez pode ser considerado sequestro, você sabia?

— Eu não a tirei daqui de dentro, apenas do palco.

— Contra a minha vontade.

Ele abaixa a cabeça e passa as mãos pelos cabelos, então me encara de volta e diz:

— Como termina seu show? Eu não sabia que você dançava com eles, e muito menos que tirava a roupa deles.

— Mas, eu tiro. É para isso que estou aqui.

— E depois o que?

— Se quisesse mesmo saber não teria me arrancado do palco.

Ele parece envergonhado e acho que está mais calmo.

— Desculpe, foi uma reação exagerada.

— Exagerada e assustadora. Eu não o conheço, não entendo porque veio aqui e me tirou do palco daquele jeito.

— Porque eles estavam com as mãos em você, e me senti irritado.

— Por quê?

— Porque as minhas mãos estão muito longe de você. Se não posso tocá-la, ninguém mais pode.

Pisco os olhos, confusa e espero que seu sorriso convencido apareça, mas ao invés, ele diz, tomado por toda sinceridade que já vi em seus olhos.

— Miss Sue, me perdoe. Sei que não tinha o direito de tirá-la dali como se fosse uma propriedade minha, mas não pude me controlar. Sei que vai parecer loucura, mas eu estou meio que obcecado por você. Não se assuste, não é obsessão do tipo querer matar você ou algo do tipo.

— Então é que tipo de obsessão?

Ele abaixa a cabeça, pensa um pouco, e finalmente seu sorriso safado aparece antes de responder:

— Do tipo que quero comer você de todas as maneiras até você gritar meu nome em quatro línguas diferentes.

Tento não rir de tamanha cara de pau, mas falho miseravelmente e meu sorriso o encoraja a se aproximar. Ele toca a renda da máscara, e meu coração acelera, se ele a puxar, serei descoberta. Dou um passo para trás novamente e digo:

— O que quer de mim?

— Tudo. Quero dizer, quero você. Simplesmente você.

— Não posso ser sua — digo.

— Entendo. Apenas uma noite. Eu só preciso tê-la, nem que seja por uma noite.

Cruzo os braços e abro um sorriso bem convencido que aprendi com ele.

— Entendo, precisa me ter para tentar salvar seu ego, não é mesmo?

Ele assente sem nenhum pudor.

— Nunca levei um fora antes — mente.

Por pouco, não o acuso de mentiroso, mas me controlo a tempo e continuo sorrindo.

— Imagino que mulher nenhuma seria louca de rejeitar um homem como você.

Ele sorri e concorda.

— É uma pena que eu seja louca. Não posso ser sua, querido. É melhor que encontre outra mulher por aí e desconte sua frustração nela.

Dou um passo para me afastar, mas ele me segura.

— Não, Sue, por favor, você não entende. Quanto mais você me rejeitar, mais serei obcecado por você. É um problema, sabe. Que eu não sabia que tinha até ser rejeitado, mas irei atrás de você todas as noites e terei esses surtos de descontrole se outro homem sequer olhar para você. É melhor para nós dois que se entregue logo, sem joguinhos e ajude a preservar seu prazer e minha sanidade mental.

Mantenho meu sorriso e acaricio sua mão ao responder:

— Estou pouco me lixando para sua sanidade mental.

Seu sorriso aumenta e ele me puxa para mais perto. Sua ereção está ali, no meio de sua calça social, e ele faz questão de pressioná-la em minha barriga bem forte.

— Quero aprender alguns movimentos com você.

— Contrate uma professora.

— Ah não, eu gosto das dançarinas devassas. Fico enlouquecido com elas. — Ele morde o lóbulo da minha orelha e desce arranhando meu pescoço com os dentes.

Meu corpo todo arrepia e gemo, perco o controle por um segundo, mas ele quebra todo encanto ao dizer.

— Você pode me poupar o trabalho da perseguição e obsessão quando nós dois sabemos que acabaremos essa noite na minha cama, ou na sua. Mas acabaremos comigo dentro de você.

— Ou? — desafio.

— Não tem ou. Você será minha de qualquer jeito. E sabemos que na verdade nunca quis dizer não.

É o suficiente, o cara é um babaca. Será que consegue mesmo pegar mulheres com esse papo convencido e machista? Como assim? Toda mulher é obrigada a ficar com ele se ele assim desejar? Ok, eu sei que ele com certeza não obriga ninguém a ficar com ele, não é nenhum sacrifício ter um sexo excelente com um homem lindo desses, mas adivinha? Essa batalha também passou a ser ego x

orgulho, e meu orgulho pode ser maior do que o ego dele.

Eu me encosto mais ainda em seu corpo firme, praticamente o jogo contra a parede e ele ri com a boca no meu ombro, vai subindo as mordidas pelo meu pescoço e quando alcança minha boca, eu mordo o lábio inferior dele, o prendo por um tempo entre meus dentes, ele fecha os olhos e geme, me solta um instante para passar as mãos no meu corpo, e nesse instante eu acerto o joelho nas bolas dele e me afasto.

— Uma mulher sempre tem o direito de dizer não. Você não é essa Coca-Cola toda. Lembre-se disso.

Então saio enquanto ele pragueja e sei que ele não tem forças nesse momento para me seguir.

Cleber

— Minha odalisca se movia sensualmente enquanto tirava o top de sua fantasia. Ela se virou de costas e fiquei ansioso para ver seus seios fartos, seu quadril balançava para lá e para cá, não aguentei mais e fui até ela, a puxei para junto de mim e a girei para frente. Beije sua boca por cima da renda e a desamarrei, mas quando puxei a maldita renda, acordei.

Sebastian me encara como se eu fosse louco, mas se mantém sério.

— E foi isso? Quando a porra ficou boa você acordou?

— Pois é — digo soltando um suspiro, o que o faz arregalar ainda mais os olhos.

— Cleber, que merda! Você está me assustando cara! Vai ficar obcecado e sonhando com toda mulher que conhecer agora?

— Pois é — digo suspirando de novo.

Ele se levanta e fica dando voltas.

— Eu entendo que esteja impressionado. Dois foras em poucos dias, em uma semana basicamente. E agora foi de uma dançarina, quer dizer, imagina-se que uma mulher que tira a roupa de dois homens em um palco goste de sexo, e mesmo assim ela te deu um fora.

— Você não precisa jogar isso na minha cara.

— Será que vai ficar obcecado cada vez que levar um fora?

— Pelo amor de Deus, Sebastian! Eu não vou mais levar fora algum!

Levanto-me decidido e aliso meu terno me dirigindo a porta.

— Aonde você vai?

— Falar com o Matheus. Imagino que ele leve muitos foras, deve saber o que fazer para me ajudar.

— Você que pensa. — Ouço Sebastian gritar enquanto bato a porta ao sair.

Caminho decidido até a sala de Matheus e Celina me encara, ela me avalia com um sorriso zombeteiro.

— Algum problema? — pergunto.

— Comigo? Não senhor.

— Então...

Ela se senta ereta e cruza os braços.

— Ainda não resolveu aquele assunto, Cleber?

— Sim, o feitiço da bruxa já acabou. Agora é outra coisa.

— Outra bruxa?

— Não, nada de bruxas. A de agora é uma fada — digo e um suspiro escapa,

fazendo Celina arregalar os olhos e em seguida cair na gargalhada.

— Meu Deus, Cleber, você é patético.

— Ah, não vou respondê-la como merece porque é uma mulher. E apavorante. Vou entrar — digo me dirigindo à sala de Matheus.

— Ok, mas ele está ouvindo “aquela música”, então sabemos que você vai acabar esta manhã, sentadinho aqui de frente para mim me ouvindo falar umas verdades que vão ferir seu ego e salvar sua mente.

— Celina, eu te amo. Mas, hoje quero distância de você.

Entro na sala de Matheus e entendo do que Celina estava falando. Ele está ouvindo “aquela música”. A música proibida. Pigarreio e ele pula na cadeira. Ajeita o cabelo e imediatamente a voz de Toni Braxton some.

— Homem, você sabe que ouvir essa música é coisa de gay.

Ele dá de ombros.

— Não me ofende vindo de você. O que quer?

— Você está bem?

Ele me encara por um tempo.

— Você anda sonhando com mulheres que te dão o fora e eu que pareço estar mal? — diz com seu jeito sério.

— Que merda! Você e o Sebastian são duas fofoqueiras.

— Nós estamos preocupados. Mas, o que quer aqui? Se precisa de conselhos amorosos deveria ter parado na mesa que se encontra do lado de fora.

Eu me sento e ajeito minha gravata.

— Não sei por que vocês acham que a Celina é uma boa conselheira.

— Porque ela não é do tipo que massageia seu ego dizendo o que quer ouvir.

— Ela já te aconselhou?

— Não sei se posso chamar o que ela me disse de conselho, mas sim, ela meio que já acabou comigo também.

Abro um sorriso e estendo a mão para ele.

— Ainda bem que não somos o Sebastian.

Ele toca minha mão sorrindo.

— Ainda bem. Agora me diz o que você quer.

— Você está com pressa para se livrar de mim e voltar a ouvir essa música de mulherzinha sobre corações partidos. Vou ficar aqui a tarde toda e privar sua masculinidade de ser assassinada um pouco mais a cada dia.

Ele sorri. Merda, odeio quando ele sorri antes de dar uma resposta.

— Minha masculinidade sofre menos danos com uma música antiga do que a sua com dois foras em uma semana.

Mostro o dedo do meio para ele que gargalha. Então me ajeito e começo a falar.

— Estive pensando. Talvez você pudesse me dizer o que fazer quando se leva um fora. Como superar isso.

Ele me avalia ainda sorrindo.

— E eu que sou o gay.

— Oras, sem piadas! Como você faz quando leva um fora?

— Eu não levo foras.

— Ah, qual é. Você não deve pegar muitas mulheres com essa cara assustadora e essa mania de seguir regras.

— Há regras para tudo meu amigo, nem sempre elas são ruins.

— Regras sempre são ruins e você é um gay que não pega mulheres. Não custa nada me dizer como faz para superar um fora.

— Dantas, meu amigo, vou ser muito sincero. Primeiro, eu nunca levei um fora. Segundo, se, por acaso eu levasse, sobreviveria tranquilamente com isso e não agiria como um idiota como está fazendo e terceiro, se quer superar um fora, só tem que virar homem.

— Vai à merda, Matheus. Nunca vi você com mulher nenhuma!

— A discrição é uma de minhas qualidades.

Ele percebe que não estou acreditando, pois pega seu Black Berry e calmamente o vira para mim.

— Nunca conte a ninguém que te mostrei isso. Gosto de respeitar a privacidade das minhas parceiras.

E ali, no celular do Matheus, há várias fotos de várias mulheres nuas, de diferentes ângulos, na cama dele, no quarto dele, da casa onde ele mora. Corpos maravilhosos, alguns nem tanto assim, mas muitos. Nas poucas em que os rostos delas aparecem, estão sorrindo, com aquele olhar vago de satisfação.

— Porra! Há um putinho escondido em você, quem diria.

Ele dá de ombros e guarda o celular de volta no bolso.

— Você nunca levou um fora, não é? — É mais uma constatação do que uma pergunta.

— Não. Mas se quer um conselho. Arrume uma namorada e não correrá mais esse risco.

Faço uma careta e me levanto imediatamente.

— Não mesmo, prefiro tomar outro fora.

Saio de sua sala e ali está ela, a bruxa mor, Celina, com os braços cruzados me encarando. Ando decidido e me sento na cadeira a sua frente.

— Você venceu bruxa má, agora me diga como superar a porra do segundo fora. Vamos, acabe comigo. Estou pronto.

O som de Unbreak my heart começa a tocar de novo e ela olha com tristeza para a porta de Matheus.

— Calma Celina, um estúpido por vez. Vamos a você. Quem é a fada que te deu o fora da vez?

— Uma dançarina do Red.

Ela arqueia as sobrancelhas e ri.

— Meu Deus, Cleber, você está decaindo mesmo.

— Não me julgue, você não viu a mulher.

Faço com as mãos um sinal de que ela tem lindos seios e então faço no ar um desenho das curvas dela e Celina me encara.

— Você já pegou muitas dessas. Aliás, estava com duas na semana passada, por que essa?

— Porque ela é mais gostosa, mais sexy, segura de si e linda do que qualquer outra que eu tenha pegado.

— Meu Deus, se eu soubesse que era tão fácil conquistar um pervertido teria dito não antes.

— Você vai me ajudar ou fazer piadas?

— Não é nada demais, Cleber, outro fora. Você superou o primeiro, vai superar esse.

— Eu custei superar o primeiro e ainda estou meio ferido por conta dele, mas um segundo? Isso não mesmo. Dê um jeito e me dê um conselho que valha a pena já que estou bancando o ridículo aqui.

— É assim que conversou com ela?

— O que?

— O que você disse? Que queria comer ela e pronto? Você disse algo do tipo “vou te dar muito prazer” ou algo do tipo “ninguém vai te dar prazer como eu”?

Olho para ela confuso, mas ela está séria, está falando sério. Tento me lembrar do que conversamos e a verdade é que não disse nada disso para ela, mas comparando com o sentido das frases, seria mais algo como eu sou o melhor que ela vai ter. Digo isso a Celina e ela cruza os braços de novo. Merda.

— Você disse a ela que estava obcecado porque ela te disse não?

Concordo com a cabeça.

— Isso deveria ter funcionado. É uma excelente forma de reverter um fora, na verdade.

— E olha que eu nem disse nessa intenção. Disse porque era a verdade mesmo.

Ela apoia o queixo em um dedo e pensa.

— Você pediu que ela saísse com você ou exigiu? — pergunta.

— O quê?

— Cleber, eu não vou ficar repetindo tudo. Quem falou com a fada foi você ou seu ego?

— Os dois.

— Está explicado. Nenhuma mulher que se preze vai abaixar o orgulho para o seu ego.

— Sempre abaixaram.

— As que você costumava pegar, sim, uma de verdade, vai te dar um fora.

— Você e o Sebastian com esse papo de mulher de verdade, elas não são de mentira! E que se dane! Vou voltar ao Red toda noite se for preciso, mas vou conquistar essa odalisca de qualquer jeito!

Levanto-me irritado e digo antes de sair:

— Estou indo embora, tenho uma mudança para fazer hoje.

— Vai se mudar? Para onde?

— Para o prédio do Pinto Pequeno.

— A bruxa de novo? Ah, meu caro Cleber, você está mais perdido do que eu imaginava. Já vi que terei muito trabalho com você. Só espero que nenhuma das duas mande prendê-lo por perseguição.

Abro meu melhor sorriso para ela.

— Não se preocupe minha querida Celina. Em pouco tempo as duas estarão implorando que eu as coma.

Ela sorri de volta.

— É por frases como essa que você levou dois foras.

— Desisto. Acabe logo com essa greve de sexo — digo e saio daquele prédio, daquele bairro e me preparo para me mudar.

Suzana

No meu rosto há duas bolas negras rodeando meus olhos. A culpa disso é do maldito Cleber. Não dormi nada, como poderia depois de sentir a ereção dele pressionando minha barriga, os dentes dele passeando em meu pescoço e o lábio carnudo dele entre meus dentes? Fui transportada para tantas visões da devassa nessas últimas horas que nem precisei de nenhum brinquedinho para ter dois orgasmos maravilhosos durante a noite. Em qualquer outra situação eu teria saído do Red com esse homem e transado com ele com prazer, mas ele mostra ter um ego ainda maior que o pau. E homens assim só se preocupam com eles mesmos. Ele se acha tanto, que deve gozar em cinco minutos e deixar a mulher literalmente na mão. Ok, eu sei que provavelmente não é o caso, visto que ele mordeu minha orelha e beijou meu pescoço ao invés de levar minha mão direto até seu pau, mas me deixe pensar que ele é um egoísta para que não me sinta assim tão frustrada. A verdade é que odeio, odeio mesmo homens convencidos.

Você deve estar se perguntando se há uma história de amor trágica na minha vida para eu ter essa aversão a homens do tipo do tal Cleber e a resposta é sim, há uma história triste de uma vez em que me apaixonei e me ferrei bem feio. Mas quem não tem uma história dessas? Não deixo que isso defina meus relacionamentos, quer dizer, eles basicamente não existem mais, mas não tem a ver com a barra que passei e sim com a pessoa que sou. A enorme confusão em que me tornei. Sou duas, em uma só, e a que aparenta ser mais certa, é a mais devassa, já a aparentemente devassa, bem, essa só quer sonhar. Parece confuso, eu sei, mas você vai me entender.

O estrondo do meu celular me desperta por completo e saio da frente do espelho dançando ao som de Naughty Girl até identificar o número de Big Cid na tela. Já atendo o telefone com o coração aos pulos, ele nunca me liga.

— Bom, dia Sue, espero que tenha tido uma boa noite de sono.

—Hum — murmuro e ele vai direto ao ponto, como sabia que faria.

— Um homem veio perguntar por você ontem. Na verdade, ele me ofereceu uma boa grana por qualquer informação sua, Suzana. Imagino que saiba o motivo de Cleber Dantas estar como um louco atrás de você.

— Você não disse nada, não é?

O silêncio do outro lado da linha me deixa em pânico por um minuto até a risada de Big Cid encher meus ouvidos de alegria e minha alma de paz.

— Claro que não! Mas você me deve uma por isso. Ele me ofereceu muito dinheiro mesmo!

— Valeu, Cidão!

— Sue, só vou te dar um conselho, se não quiser ser descoberta terá que tomar cuidado. Um homem com o dinheiro dele pode facilmente contratar um detetive para descobrir sobre você.

— Ele não teria tanto trabalho. — Tento me convencer.

— Eu acho que sim. Ele está realmente muito interessado em você.

Começo a bater a cabeça na porta enquanto tento chegar a uma solução.

— Sue, a melhor maneira de resolver isso é dando logo o que ele quer.

— Como?

— Você me ouviu, não banque a constrangida. Se ele está atrás de você é porque te deseja e você deve ter negado. Ele vai ficar atrás de você até que consiga o que quer.

— Oras, não sou obrigada a dar o que ele quer para ter minha paz de volta!

— Foi só um conselho. Você foi avisada que havia muitas chances de ter algum ricaço obcecado atrás de você quando começou a dançar aqui. É o que suas vestimentas e movimentas provocam.

— Eu sei, Cidão, mas não vou sair abrindo as pernas para cada homem que ficar obcecado pela Miss Sue. Não se preocupe, vou dar um jeito nisso, só não diga nada sobre mim, por favor.

Pego minhas roupas e me dirijo à lavanderia ainda com a cabeça a mil. Preciso dar um jeito nesse Senhor Convencido o quanto antes. Quando estou passando pela sessão de achados e perdidos, me lembro de algo que por culpa dele nunca recuperei. Minha calcinha vibratória. O imbecil do Rogerio não a conseguiu de volta para mim. Dou uma espiada como quem não quer nada para ter certeza que não estou sendo vista. Você sabe, não posso simplesmente aparecer lá e pegar a calcinha de volta depois de ter negado que era minha. Mesmo porque é Carmem, a filha carocha do síndico quem cuida do achados e perdidos. E ali está ela, com sua cara amarrada de todo dia, feito um cão de guarda entre mim e minha estimada calcinha.

Dou a volta e vou até a lavanderia, mas preciso recuperar a calcinha. Ainda sem um plano brilhante subo de novo até o Achados e Perdidos. Senhor, é pedir demais que essa mulher saia por meio minuto para que eu pegue a minha calcinha?

Aproximo-me da porta e percebo que Carmem está concentrada lendo um livro. Ela sequer repara que estou ali. Minha calcinha está dentro de uma sacola, como se fosse um objeto contaminado, pendurada no pequeno varal, onde mais peças de roupas perdidas se encontram. O problema é que esse varal está localizado no fundo da pequena sala, atrás das prateleiras, de forma que teria que

passar por Carmem para pegá-la. Fico ali parada, me amaldiçoando por não ser uma Jedi e não ter o poder da mente para fazer a calcinha levitar até mim, até que Carmem se levanta e entra por uma pequena porta.

Nem posso acreditar! É a segunda vez que minhas preces são atendidas. Deixo o cesto de roupa suja no chão, entro correndo na ponta dos pés e vou até minha calcinha. Escuto um resmungo de dentro da portinha enquanto a puxo do varal, isso faz com que quase todas as peças caiam, começo a recolhê-las quando escuto um barulho de descarga, então me apresso para fora dali, com a sacola pendurada na boca, correndo na ponta dos pés, o coração aos pulos como se eu estivesse roubando, o que é ridículo, a porcaria da calcinha é minha!

Assim que saio da salinha correndo, esbarro com tudo em alguém que deixa algumas caixas despencarem no chão. Me abaixo envergonhada, ainda com a sacola na boca e começo a juntar as coisas da pessoa, quando vejo que entre elas está uma caixa de camisinhas. Olho para cima imediatamente e Cleber está parado, com os braços cruzados rindo da minha cara. Levanto-me rapidamente, de jeito nenhum esse homem vai me olhar de cima e me ter ajoelhada aos seus pés. Então reparo que ele não está olhando para mim, e sim para algo pendurando na minha boca. Tiro a sacola e a escondo rapidamente atrás do meu corpo.

— Sabe, Suzana, se isso não é para você, não deveria andar com ela pendurada assim na sua boca. Faz as pessoas imaginarem que é sim, para seu prazer.

— Eu não estava... isso foi um acidente.

— Imagino.

Ele se abaixa elegantemente e junta suas coisas de volta nas caixas.

— O que está fazendo aqui? — pergunto temendo a resposta.

— Me mudando. Eu disse que compraria o apartamento ao lado do seu, não disse?

Por alguns minutos eu o encaro totalmente séria. Isso só pode ser brincadeira. É mentira, não é? Ele toca meu rosto com a ponta do dedo e faz um beicinho.

— Parece que você não ficou muito feliz. Não se preocupe vizinha. Vamos ser bons amigos.

— Acho que não. Você não está falando sério, não é? Veio ver algum amigo de novo e isso são apenas presentes para ele.

Ele tira a caixa de camisinhas da caixa e a estende.

— Por que eu daria isso a um amigo?

— Para impedir que ele acabe superpovoando o mundo?

Ele abre seu sorriso safado e joga as camisinhas de volta na caixa.

— Você até que é divertida minha cara Suzana, e inocente. Ou se faz muito

bem de inocente. Mas, a verdade é que estou me mudando para o 801, o apartamento ao lado do seu. Não precisa fazer essa cara de desesperada. Prometo que teremos a melhor relação possível.

— Prefiro que não tenhamos nenhum tipo de relação — digo e vou andando, mas ele puxa a sacola com a calcinha da minha mão.

— Ah, mas o que é isso, Suzana? Para que tanta hostilidade?

— Acho que você gostou mesmo dessa calcinha — digo cruzando os braços.

Ele sorri e me estende a sacola. Penso que é algum truque e a puxo de uma vez, mas ele a solta sem pegadinhas.

— Estou te dando uma prova de que seremos apenas amigos — ele diz. — O Cleber normal teria respondido que imaginou mil vezes essa calcinha em você e por isso a adora.

Eu o encaro sem entender aonde ele quer chegar.

— Mas, esse Cleber que vai ser seu vizinho e amigo, não vai dizer isso. Você entende onde quero chegar? Não vou mais dar em cima de você.

Cruzo os braços, o que faz com que meus seios levantem e apareçam pela abertura da blusa social que uso. Seus olhos imediatamente caem sobre meu decote, mas não há aquele desejo que sempre esteve ali quando ele olhava para mim. Espero por alguma piada, ou cantada, mas ele não diz nada.

— Por que não? — pergunto e me repreendo na hora. Que merda estou fazendo? Melhor mesmo que ele não dê mais em cima de mim.

— Porque agora tenho uma musa. Uma fada. E é somente ela que desejo.

Pisco os olhos, confusa e ele continua sua explicação com os olhos brilhando.

— Ela é uma dançarina, muito diferente de você. É sexy, sensual, poderosa, e não tenta esconder isso. Ela com certeza não é o tipo de mulher que usa uma calcinha vibratória, ela tem o homem que quiser a hora que quiser. — Ele faz uma cara de pena. — Não a estou ofendendo de maneira nenhuma, vizinha. Estou apenas explicando que encontrei um desafio melhor, que vai valer meu esforço e vou me dedicar totalmente a ele. Agora seja uma boa vizinha e me ajude com essas caixas — diz de maneira amável.

Ainda estou em choque. Ele pega as caixas e deixa uma para trás para que eu pegue enquanto chama o elevador. Pego a caixa de má vontade e vou atrás dele.

Quando entramos no elevador pergunto, com um fiapo de voz:

— Qual o nome da sua dançarina misteriosa?

— Minha fada se chama Miss Sue.

Controlo o nervosismo.

— E aposto como ela te deu um fora — digo com deboche

Ele me olha com um sorriso no rosto.

— Ah, minha querida vizinha, acho que vamos ser bons amigos. Sim, ela me

deu um fora, mas nós dois sabemos que isso na verdade é como apertar um gatilho. Agora que vou mesmo fazer de tudo para tê-la.

Merda. Ele não pode estar falando sério. Não pode estar se mudando para a casa ao lado e estar obcecado pela minha vida noturna. Merda! Recebo um aviso bem grande e claro dentro de mim: *Suzana querida, você está ferrada!*

Capítulo 06

Suzana

Entro em seu apartamento que é somente caixas espalhadas por todo chão. Coloco a caixa que carrego no chão e me belisco para ter certeza que isso não é um pesadelo horrendo. Cleber ri do meu gesto enquanto coloca as caixas que carregava no chão também.

— Parece que você está bem ocupado com todas essas caixas. Estou indo — digo e me dirijo à porta, mas ele me segura pelo braço.

— Calma vizinha. Fique mais um pouco. Por que não toma algo comigo?

Eu cruzo os braços e o encaro.

— A última vez que tomamos algo juntos, minha vontade foi pegar a garrafa e virá-la na sua cara.

Ele dá uma gargalhada e se senta em cima de uma das caixas.

— Isso, nunca aconteceu. Aquele jantar, o supermercado, o dia em que eu invadi seu apartamento. Esses dias não existiram, adorável *vizinha*.

Ele dá uma ênfase maior à palavra vizinha, deixando claro que substituiu o apelido anterior.

— Faz de conta que nos conhecemos hoje. Sou seu novo vizinho, lindo e gostoso que você nunca viu antes.

Não entendo qual é o jogo dele, e nem quero descobrir, na verdade.

— Bom, nesse caso, vou indo. Não entro na casa de vizinhos desconhecidos.

Ando até a porta, mas ele corre e me impede de sair, entrando em minha frente.

— Não suporto essa sua mania de ficar entrando na minha frente e empacando meu caminho! — reclamo.

— Eu não precisaria fazer isso se você não fosse tão fujona.

— Não sou fujona. Você que me persegue. Eu sei que você tem dinheiro, mas comprar o apartamento ao lado? Eu poderia acusá-lo de perseguição!

— Não comprei esse apartamento por sua causa, não seja convencida.

Há um sorriso em seu rosto e só então me dou conta que devo estar vermelha, já que meu rosto está pegando fogo. Ele conseguiu que eu demonstre algum sentimento, mesmo que seja raiva, está considerando isso uma vitória. Ok, senhor convencido, lá vamos nós de novo. Ninguém ganhou aquele dia, hoje já está 3x0 para você, mas não vai ficar assim por muito tempo.

— Ok, então vamos começar de novo, vizinho.

Ele sorri e me estende a mão.

— Sou Cleber Dantas, seu novo e muito bem dotado vizinho.

Pego sua mão e não demonstro como minhas pernas tremem quando ele a aperta.

— Sou Suzana Leal. Sua vizinha fria que não está nem um pouco interessada nos seus dotes.

Ele fecha os olhos e sem soltar minha mão, geme antes de dizer:

— Isso é música para os meus ouvidos.

Puxo minha mão da sua tentando segurar o sorriso.

— Achei que não fosse mais flertar comigo.

Então ele me encara, olha nos meus olhos e olha minha boca por um bom tempo. Não existe mais o sorriso em seu rosto, ele parece confuso. Merda!

— Preciso mesmo ir — digo já abrindo a porta e saindo, mas ele é claro, segura minha mão.

— Não vá, desculpe, eu viajei. Sua boca parece... deixa para lá. Não vou flertar com você Suzana, estava apenas brincando. Também não comprei esse apartamento por sua causa, de verdade. Quis ajudar meu amigo corretor e gostei bastante daqui, é um ótimo lugar. Não estou mais interessado em você. Nunca estive, só a tomei como um desafio porque me disse não.

— Ainda continuo dizendo não.

Ele pisca os olhos e só então me dou conta da asneira que acabei de falar. Minha nossa senhora das mulheres difíceis, estou flertando com ele? Puxo minha mão enquanto ele diz:

— Não tenho interesse por você. Na verdade, tenho interesse por qualquer mulher que use saia e tenha seios fartos, mas não passa disso. Você é bonita Suzana. Muito bonita. Um homem teria que ser louco para não desejá-la.

O filho de uma puta está me dando um fora? É isso mesmo? Está se vingando de mim? Mas eu nem pedi nada dele. Sinto-me derreter, estou sendo derrotada e humilhada no corredor do meu prédio. Está de quanto esse placar? 10x0 para ele? Fecho os olhos e espero que ele finalize com um você não faz meu tipo ou algo assim, mas aí o milagre acontece. Uma mão toca meu ombro e a voz que mais adoro no mundo diz meu nome:

— Suzana, está tudo bem?

Abro os olhos depressa e ali está Samuel. Seu cabelo loiro claro está ajeitado como sempre, seu corpo magro coberto por uma camisa vermelha. Amo quando ele usa vermelho, destaca seus olhos cor de mel.

— Você está bem? — ele pergunta olhando para Cleber com uma careta.

— Sim.

— Está ocupada? Estava pensando que poderíamos tomar um sorvete, o que acha?

O que? Tomar um sorvete? Com ele? Ele nunca me chamou para nada. Me seguro para não saltitar pelo corredor, na frente dele e pagar o maior mico e apenas abro um sorriso contido. Quando ele vai pegar minha mão, uma mão maior a puxa primeiro.

— Você não ia me ajudar com a mudança, vizinha? — pergunta Cleber parecendo irritado.

— Eu? Não, nunca tive essa intenção — digo me desvencilhando da mão dele.

— Mas, você disse que ia me ajudar.

Ele está nervoso. Abro um sorriso para ele e ele faz um gesto quase imperceptível com a cabeça de que não devo ir com Samuel.

— Se disse, sinto muito, mas não poderei. Peço desculpas, mas tenho certeza que sua equipe de mudança fará todo o trabalho.

Ele dá de ombros.

— Está certa. Fará mesmo. São os mais competentes do estado. Talvez eu possa até ir tomar um sorvete com vocês — diz.

Meu sorriso some.

— Não se atreva — sussurro.

Mas, ele já se atreveu. Pegou sua carteira e está fechando a porta. Olho para Samuel totalmente sem graça, e ele mais do que imediatamente pega minha mão. Vamos andando na frente até o elevador. Entramos e Cleber ainda está conversando com o responsável pela mudança que acabou de chegar. A porta do elevador fecha e ele não consegue entrar. Quase dou vários pulos em comemoração.

— Parece que iremos sozinhos.

— O seu amigo não vai se importar se não o esperarmos?

— Ah não, ele nem liga — respondo enquanto saímos do elevador.

Assim que colocamos o pé na calçada, ouvimos um grito.

— Suzana!

Olho para trás e lá vem Cleber, quase correndo, atrás de nós. Merda.

— Nem me esperaram, hein! — ele reclama.

Vamos andando os três para a sorveteria que graças a Deus é próxima ao edifício. Samuel ainda não soltou minha mão, o que me faz ter dificuldade de prestar atenção na conversa dele. Ou talvez isso se deva ao fato de ele estar falando sobre as mudanças do tempo. Assim que chegamos à sorveteria, ele me acomoda, pergunta o que quero e vai fazer o pedido. Tão cavalheiro!

— Que papinho péssimo! Ele não deve pegar mulher nenhuma.

Só aí reparo que Cleber está sentado ao meu lado.

— Por que não foi pegar seu sorvete?

— Não gosto de sorvete.

— Então o que está fazendo aqui?
— Protegendo você.
— O que?
— Pode me considerar seu anjo, Bruxa. Esse cara só quer te comer.
— Não preciso de anjo algum, você não é meu amigo e nem todo homem pensa com a cabeça de baixo, como você.

Um sorriso surge em seu rosto.

— Sou seu amigo quer você goste ou não. E olha que não costumo ser amigo de mulheres, se é que me entende. Não curto essas amizades assim, sem benefícios.

— Ótimo, então vá procurar uma amiga que te beneficie gritando seu nome enquanto finge um orgasmo.

Ele me encara em choque e seu sorriso só aumenta.

— O filho do governador parece um cara puritano, Bruxinha. Não acho que ele gostaria de ouvir a palavra orgasmo na sua boca. E o cara te trouxe para uma sorveteria, pelo amor de Deus! Quantos anos vocês têm? Doze?

Não tenho tempo de dar a resposta que ele merece porque Samuel aparece e se senta ao meu lado. Eu pedi um milk-shake de morango, e ele me trouxe sorvete de uva. Finjo que não foi nada e vou tomar quando Cleber o toma da minha mão.

— Tenho certeza que você não pediu isso, Suzana.

— Pedi sim — digo ao mesmo tempo em que Samuel diz que foi o que pedi.

— Não, você pediu um milk shake de morango.

Olho para Samuel e ele assente parecendo desconsertado. Então olha para mim e pega minha mão.

— Verdade, me desculpe lindinha. Agora me lembro de que pediu mesmo de morango. Ando com a cabeça muito ruim.

— Não tem problema — respondo, mas na verdade tem. Detesto sorvete de uva.

Cleber revira os olhos para mim, se levanta e vai fazer o pedido dele. Logo depois, retorna com um milk shake de morango e me entrega, e começa a tomar de má vontade o de uva.

Eu apenas abro um sorriso para ele, não quero agradecer, ele não fez isso para ser gentil, mas para irritar Samuel. O que funcionou. Posso sentir a tensão em Samuel vindo até mim. Os dois começam a conversar amenidades. Cada vez que Cleber fala sobre um lugar novo e interessante, Samuel o corta falando sobre algum acidente ou alguma catástrofe. Ele falou mais de catástrofes em função das mudanças climáticas do que já ouvi falar em jornais e noticiários. E cada vez que ele faz isso, Cleber me olha com uma mensagem bem clara: “chato”, que finjo não entender.

Ok, digamos que Samuel seja meio devagar para conversar, isso não importa muito não é? Importará se ele for do tipo impaciente para escutar. Eu falo muito, preciso de alguém que me escute. Começo a falar da escola para ver se ele vai me dar corda e ouvir o que tenho a dizer ou me cortar. E para meu alívio completo, ele não só escuta tudo o que falo, como pergunta mais coisas e parece realmente interessado no meu dia a dia com meus alunos. Enquanto Cleber está cochilando na cadeira ao lado. Estão vendo como descobrir um bom marido? Não adianta ser bom de cama e péssimo em dividir as coisas. Após falarmos por um bom tempo, percebo que está começando a anoitecer e preciso ir. Tenho que me arrumar para ir para o Red. Digo que preciso corrigir alguns para casas e Cleber é o primeiro a se levantar claramente aliviado.

Samuel pega minha mão de novo assim que saímos da sorveteria, e Cleber se torna uma sombra atrás de nós. Não diz mais nada. Entramos no elevador e Samuel se oferece para me levar a minha porta. Desespero-me. E se ele quiser entrar? Uma que não tenho tempo, preciso ir para o Red e outra que não lembro se tranquei a porta do meu quarto. Tento esconder a tensão e pensar em uma desculpa, mas não é necessário, pois Cleber praticamente me puxa para perto dele e diz:

— Eu a levo. Não tem porque você descer um andar antes do seu. Sou vizinho dela.

Samuel ainda insiste, mas não dou muita corda porque realmente não preciso que ele me leve. Despeço-me dele quando chegamos ao 8º andar, e ele me surpreende ao dar um beijo no meu rosto. Sinto-me uma adolescente de tanta felicidade. Saio do elevador quase flutuando em minha bolha quando ela é estourada pelo ogro do meu vizinho.

— Só falta sair correndo e saltitando pelo corredor — ele diz.

— E se eu quiser fazer isso?

— Pelo amor de Deus, o cara é chato! Feio! E nem presta atenção ao que você pede. Como pode estar apaixonada por um cara assim?

— Você o conheceu hoje, viu apenas os defeitos que quis enxergar. Ele é maravilhoso.

— Você tem um péssimo gosto. Por isso não quis ficar comigo.

Abro um sorriso.

— Touché. Aceite isso. Diga a si mesmo que tenho um péssimo gosto e pronto, você vai superar os foras que eu te dei.

Ao invés de ficar irritado ele abre um sorriso ainda maior que o meu enquanto abre sua porta.

— Sabe de uma coisa? Você não deu um sorriso desses em momento nenhum enquanto estava com ele. Que bom que eu te faço rir, Bruxinha. — Então ele

entra e bate a porra da porta da minha cara.

Não me venha falar do placar agora! Nem quero saber!

Estou usando um vestido justo, florido, e um casaco comprido por cima. Embora o tempo esteja quente, já estou atrasada e precisarei me trocar bem rápido ao chegar ao Red. Puxo minha mala vermelha com as maquiagens, a máscara e a fantasia da noite e abro apenas um pouco a porta do meu apartamento. Nenhum sinal de ninguém no corredor. Eu deveria ter saído há vinte minutos, mas quando abri a porta, havia uma mulher seminua parada na porta do imbecil do meu vizinho. Voltei para dentro e esperei que ela entrasse no apartamento dele. Ele só podia ser louco! Ainda nem tinha móvel nenhum montado e já estava levando mulheres para lá! Ia ter muitos problemas com o síndico. Esperei dez minutos e quando abri a porta, a mesma mulher, com um vestido curto diferente estava batendo na porta. Fiquei confusa. Quando ela trocou de roupa? E onde? Aí tive que esperar mais dez minutos e agora estou aqui, torcendo que não haja uma terceira mulher igual às outras duas que vá bater na porta dele, mas está tudo no mais absoluto silêncio. Saio na ponta dos pés para evitar fazer barulho. Não sei por que faço isso, levando em conta que a rodinha da mala no piso faz barulho e corro até o elevador.

Há uma mulher que não conheço dentro do elevador, ela fica me encarando confusa. Sei que está calor para estar com esse casaco, mas não posso fazer nada. Como sempre, saio pela portaria dos fundos, para que o síndico não me veja e agradeço aos céus quando um táxi passa rapidamente. Começo a me maquiar no carro mesmo, e tenho a leve sensação de estar sendo seguida. Vejo um carro preto atrás do táxi e curiosamente ele para em frente ao Red. Peço ao taxista para dar mais uma volta e quando ele para em frente ao Red de novo, o carro não está mais lá. Respiro aliviada e desço.

Foi um bom show, levei uma bronca por chegar atrasada. E um brutamonte conseguiu arrancar meu sutiã, mas cobri rapidamente o seio com as mãos e isso fez com que mais dinheiro voasse no palco. Também teve o fato de eu ter me apresentado mais relaxada, pois sabia que Cleber estava com no mínimo duas mulheres no apartamento dele, não ia aparecer para me importunar. Após tomar um drink com o pessoal, e já me sentindo esgotada, pois ainda terei que acordar cedo amanhã, me despeço e vou procurar um táxi. É aí que o vejo.

Há um homem me espionando na esquina. Tem os cabelos grisalhos e um bigode cinza, muito cinza mesmo. Além da baixa estatura, ele é, estranho. Eu o encaro de volta. Ele está muito bem vestido. Penso se deve ser algum cliente do Red que está me seguindo, isso já aconteceu antes. Mas ele entra justamente no carro preto. O carro preto que achei que estava me seguindo mais cedo. O táxi

aparece e entro tendo uma pequena crise de pânico. Por que esse homem baixinho está me seguindo?

Quando paramos em frente ao meu prédio, lá está o carro preto. Pago o taxista e saio puxando a mala vermelha para a portaria dos fundos, ele dá a volta no quarteirão com o carro preto, desce do carro, mas não se aproxima de mim. Pego meu celular e tiro uma foto dele. Isso parece assustá-lo, porque ele entra no carro e vai embora.

Assustada, ligo para Cidão assim que entro. Explico o que aconteceu e levo uma segunda bronca dele por não ter dito quando cheguei que achei estar sendo seguida.

— Nós não conhecemos as pessoas que frequentam esse clube, Suzana. Você é uma dançarina, é sensual e não está ao alcance deles. Eu sempre disse que um deles poderia cismar com você.

Envio a foto do baixinho que me seguiu, preparo um leite quente e me sento enquanto espero um retorno de Cidão. Ele conhece muita gente. Tem contato com todo tipo de pessoa, espero que possa me dar alguma pista. É aí que recebo uma mensagem dele no WhatsApp. Há uma foto diferente do mesmo homem, e embaixo ele escreveu:

Cidão: *O homem que seguiu vc é nada mais, nada menos, que Romero Botelho, um perigoso detetive. Mas não posso imaginar quem teria contato com um detetive da laia dele para mandar investiga-la. Ele é perigoso, Suzana. Tome ainda mais cuidado.*

Um detetive? Merda! O maldito do meu vizinho mandou mesmo me investigarem!

Cleber

Estou deitado em um divã esperando que minha analista me diga qual é o meu problema. O barulho de carros lá fora e de dedos digitando no teclado não me deixam relaxar por completo.

— Isso é uma merda. — Escuto a voz de Sebastian vindo lá de trás, onde ele foi confinado a ficar por Celina.

— Cale a boca Sebastian, você não está aqui. Cleber querido — ela diz se fazendo de doce. — Não entendo bem o que você falou. Sonhou com a fada ou a bruxa?

— As duas. Passei a tarde toda com a bruxa ontem. Mas não tirei a fada da cabeça. Celina, estou tão obcecado por ela que enxerguei na peste da minha vizinha, o rosto da minha fada.

— Porra! Que coisa mais gay!

— Sebastian, cale-se ou acertarei esse grampeador nas suas bolas.

O sorriso de Sebastian some e tudo fica no mais absoluto silêncio.

— Sonhei com minha odalisca, ela dançava sensualmente para mim e começou a tirar a roupa. Mas, quando ela se virou de frente, era a bruxa. Então ela começou a gargalhar e saiu de braços dados com aquele gay do cara por quem ela está apaixonada.

O silêncio se prolonga e finalmente olho para Celina. Ela está sentada em cima da mesa e me encara de uma maneira quase triste.

— Ah, Cleber. Achei que fosse apenas seu ego avantajado tendo uma crise de personalidade, mas acho que você está apaixonado. Só temos que descobrir por quem.

— Não estou apaixonado. Preciso tê-las. As duas! Comer cada uma delas de várias maneiras e então venderei a merda daquele apartamento e me mudarei da cidade.

— Você não conseguiu nenhuma delas, não vai conseguir as duas.

— Achei que estava pagando você para me ajudar — reclamo.

— Você não está me pagando, Cleber querido! Agora seja homem e saia dessa cadeira.

Levanto-me contra a minha vontade da cadeira e a encaro.

— E então?

— Escolha uma delas e a leva para a cama. Transe muito, goze mais ainda e depois tudo isso vai passar. Se não estiver apaixonado, é claro.

Estou ponderando o conselho dela quando a voz de Sebastian nos interrompe:

— O difícil vai ser ele escolher uma delas.

A verdade, é que não entendo porque Suzana se interessou por aquele cara idiota e egoísta, mas não estou mesmo interessado nela. Confesso que houve momentos, quando ela me deu respostas engraçadinhas, ou quando aquele sorriso espontâneo surgiu em seu rosto, que meu pau despertou, mas isso é normal. A noite passada foi uma merda. Além dos sonhos/pesadelos com as duas, não me senti satisfeito de novo com minhas indianas. Talvez o problema sejam elas, e não eu. Preciso de mulheres novas.

Reparo que Celina e Sebastian me encaram aguardando uma resposta e dou de ombros.

— A fada, não estou interessado na bruxa.

Celina parece desapontada, mas Sebastian aprova minha escolha.

— Bom, nesse caso, não seja machista e preconceituoso e conseguirá levá-la para a cama.

— Eu não sou preconceituoso!

— É sim. Não é porque a mulher dança em um clube que vai abrir as pernas para você só porque você quer.

— Então o que tenho que fazer?

Celina abre seu sorriso debochado.

— Ah por favor Cleber, eu não te diria como conquistar uma mulher nem que você estivesse me pagando para isso. Não sou do seu time. Mais fácil ensinar a ela como não cair na sua.

— Você quer que eu a conquiste?

— É claro! Como acha que vai levá-la para a cama?

Ela não precisa dizer mais nada. Sei exatamente como conquistar minha Odalisca maravilhosa. Levanto-me de um pulo da cadeira com os ânimos renovados, mas a imagem da bruxa, com a calcinha vibratória pendurada na boca, totalmente vermelha e sem graça me vem à mente. E devo ter algum letreiro na testa indicando que pensei nela, pois Sebastian cai na gargalhada apontando o dedo acusador para mim:

— Porra homem! Você é um merda! Ficava me zoando por causa da xoxota mágica da Celina e agora olha você! Apaixonado por duas mulheres das quais não chegou nem a ver as xoxotas.

Não preciso responder e nem me rastejar humilhado, pois Celina atira o grampeador nele. Não acerta nas bolas, mas passa bem perto, caindo no meio de suas pernas. Demoro um segundo em completo choque para depois cair na gargalhada. Estranhamente, Sebastian não parece tão assustado. Ele encara o grampeador no chão, olha para Celina e diz com um sorriso no rosto.

— Amor, você quase foi presa ontem. Acho que deveria parar de atirar coisas.

Celina dá de ombros e sai da sala me deixando ainda às gargalhadas.

Assim que volto para minha sala, me decido, Suzana será minha vizinha e amiga. Sim, eu sei, você está achando estranho que eu queira ser amigo de uma mulher que não comi e que me rejeitou, mas a verdade é que há algo nela que me atrai. E nem estou falando da bunda enorme e dos seios fartos, mas quero protegê-la. Sem segundas intenções, ou quase sem segundas intenções. Serei seu melhor amigo e cuidarei de não permitir que ela caia no papo ruim daquele riquinho extremamente entediante. Já minha a fada, bem, essa eu quero o quanto antes na minha cama.

Esqueço as mulheres que tem acabado com minhas noites de sono durante a tarde, então o trabalho não me deixa tempo nem de comer direito. Só desvio os olhos dos papéis a minha frente quando Gilcelle entra em minha sala.

— O que houve, Gil?

— O detetive ao telefone.

Eu a encaro.

— Você poderia ter simplesmente passado a ligação.

— Eu sei. Mas vou me sentar aqui e ver a sua reação ao que ele vai falar.

Cruzo os braços e um medo me toma por alguns segundos. O que será que ela sabe?

— Não sei de nada sobre o que ele tanto investiga, Cleber. Mas você fica meio que transtornada cada vez que ele entra em contato. Só quero que saiba que estou aqui.

Eu assinto em agradecimento e pego o telefone.

— Pois não, Botelho. Alguma novidade?

Ele solta um suspiro dramático que não é característico dele antes de responder.

— Heitor foi visto saindo do prédio da V.D.A., senhor Dantas.

— O que? Quando? — estou de pé e a caneta que estava em minha mão foi feita em pedaços.

— Há poucos minutos. Um de meus homens o está seguindo.

— Onde ele está?

— O senhor não pode ir atrás dele.

— Claro que posso. Onde ele foi visto, Botelho?

— Próximo à Praça Raul Soares, senhor.

Não espero ele dizer mais nada, desligo o telefone e me dirijo na porta, mas Gilcelle agarra meu braço.

— Ou, aonde pensa que vai? Não pode sair atrás de só Deus sabe quem sem dizer a ninguém onde está!

Quero brigar com ela, mas sei que está apenas me protegendo. Então tiro sua mão do meu braço e a aperto.

— Não é nada perigoso, acalme-se criatura. Vou ligar para você em vinte minutos, tudo bem?

Ela assente, e nessa hora a porta da minha sala abre e Matheus encara minha mão na de Gilcelle. Merda! Tiro minha mão rapidamente e Gil parece confusa com minha atitude, ela me olha ameaçadoramente, me lembrando de que devo ligar para ela e sai da sala sem olhar para Matheus.

— Não é o que está pensando — digo.

— Não estou pensando nada — ele responde daquele jeito sério dele que não nos permite saber quando está prestes a matar alguém, ou não.

— Só estou com um problema, e ela ficou preocupada.

— Você não precisa me dar explicações.

Por um momento penso em contar a ele. Penso em dizer a grande merda que fiz, e o risco que todos nós corremos agora, mas não consigo. Talvez ele vá me odiar mais ainda se souber o que fiz, que coloquei o trabalho de toda uma vida dele em risco. E covardemente, me calo.

— Do que precisa? — pergunto e ele parece decepcionado.

— De nada na verdade. Não sei o que vim fazer aqui. — Ele olha pelo vidro para Gilcelle sentada em sua mesa de uma maneira nada feminina e sai da sala.

— Ah meu amigo, eu sei bem o que veio fazer aqui, veio vê-la, como sempre — digo para mim mesmo, pois ele já está longe nesse momento.

A adrenalina no meu corpo só não é maior do que a raiva que sinto. E a vontade de encontrar Heitor e deixá-lo sem dentes antes de fazer com que ele se explique. Não há explicação para o que ele fez. Não há explicação para o inferno que tenho vivido nesses últimos cinco anos. Dirijo-me à praça e procuro por sua cabeça ruiva. Sei que já faz anos, mas me lembro de que ele era bem ruivo mesmo. Tinha sardas no rosto, a pele bem branca e o cabelo num tom de alaranjado vivo. Dou algumas voltas pela praça e nada. Sento-me em um banco e observo algumas crianças brincando na fonte. Só então me vem à mente o quão estúpido é achar que um dos homens de Botelho não o tenha alcançado e eu, um simples empresário, com um conhecimento a mais de investigações, vá encontrá-lo bem aqui, sentado na praça esperando ser encontrado. Isso é ridículo. E uma tremenda perda de tempo. Levanto-me para voltar para a V.D.A., quando avisto um cabelo alaranjado ao longe. É um homem. O porte é um pouco diferente do que me lembro de Heitor, mas as vestes são parecidas com as roupas estranhas que ele usava, e o cabelo, é o cabelo dele.

Imediatamente saio atrás do homem, ele está andando bem depressa, mas em

momento nenhum olha para trás. Eu o sigo de longe, fico preso em um sinal fechado e ele atravessa correndo na frente dos carros. Minha vontade é passar por cima dos carros, alcançá-lo e arrancar cada um de seus dentes, mas o sinal de pedestres logo abre e corro até avistar novamente a cabeça vermelha. Vou seguindo-o pelo centro de Belo Horizonte afora, até que cabelos negros esvoaçantes chamam minha atenção do outro lado da rua. Não posso perder o possível Heitor de vista, mas Suzana como sempre, chama minha atenção. Ela está com os cabelos negros soltos, usa uma blusa larguinha e formal e uma saia social bem colada às suas curvas. Mas o que mais me chama a atenção, é que há um homem a seguindo.

É automático, atravesso a rua e sigo o homem, e ela. Ela entra em uma galeria comercial e ele entra logo atrás, mas, consigo alcançá-lo na entrada. Dou uma chave de pescoço nele, que se assustada, ele é bem magro e mais baixo do que eu.

— Por que está seguindo aquela mulher?

— Não estou seguindo ninguém.

— Eu vi você a seguindo. É melhor me dizer que não quiser que eu quebre seu pescoço agora mesmo.

— Ele a esta seguindo às minhas ordens, senhor Dantas, o que está fazendo?

Olho para o homem baixinho de bigode cinza parado ao meu lado e aos poucos liberto o perseguidor.

— Ele é um dos meus homens.

— E por que está seguindo minha vizinha?

— O senhor tinha me pedido algumas informações sobre ela, eu pensei...

— Não pense, Botelho. Não quero nenhum de seus homens atrás dela. Mesmo porque, meu assunto com ela já foi resolvido.

Ele assente e parece sem graça. Eu sei o quanto Botelho odeia ser incompetente, mas não gosto de imaginar ninguém da laia dele nem perto de Suzana. Por isso pedi uma informação tão básica sobre ela. Por isso não peço que ele descubra mais sobre minha Odalisca. Não o quero perto de nenhuma delas.

— Conseguiu ver o Heitor? — ele pergunta.

Merda! Após passar a vergonha de explicar que o deixei escapar para seguir um de seus homens, Botelho e o homem vão imediatamente atrás de Heitor e do prejuízo que eu causei. Praguejo em voz alta e recebo olhares incriminadores de algumas pessoas que estão entrando e saindo da galeria. Viro para o outro lado fingindo que aqueles olhares não são para mim e é aí que a vejo. Suzana está entrando em um sex shop. Claro que não posso perder essa oportunidade.

Eu entro na loja e me escondo atrás de uma prateleira, enquanto finjo olhar

alguns objetos. Não me ajuda muito o fato de quase todas as mulheres da loja estarem olhando para mim com piscadelas e ruborizando. Quase todas, menos Suzana, que parece absorta no objeto que está em suas mãos. Semicerro os olhos para identificar o que é e quase gozo ali mesmo. A maldita da minha vizinha está segurando um grampo de mamilo. No mesmo momento imagino seus seios fartos presos por aquele grampo e me imagino chupando o grampo e seus mamilos enquanto ela geme de dor e prazer.

Não consigo mais me conter, paro atrás dela. Vejo quando a vendedora arregala os olhos e abre um sorriso para mim. Mas, estou totalmente concentrado nessa mulher deliciosa e safada que está à minha frente. Vagarosamente estendo o braço e seguro sua mão, apertando o grampo nela. Suzana dá um pulo e fica tensa, não olha para trás e creio que já saiba eu sou eu ali.

— Acho que deveria levar esses, querida.

Ela não diz nada. Solto sua mão e ela deposita o grampo sobre o balcão e continua totalmente parada.

— Vamos, safada. Diga que isso não é para você agora.

Finalmente ela se vira. Encara-me com indignação no rosto, mas posso ver em seus olhos que está envergonhada por ter sido pega ali.

— Não é para mim. É para a minha amiga.

— E por que você dá tantos presentes eróticos para ela? Será que é mesmo lésbica?

Seu sorriso cínico aparece.

— É para substituir a calcinha, que acabei deixando em seu apartamento. Pensei em comprar alguma outra coisa — responde.

— Erótica?

— Ela tem um lado devassa.

— Tenho certeza que sim. — Eu olho bem para os olhos dela e em seguida para aqueles lábios carnudos e tentadores, e porra! Ela parece um anjo!

Seu cabelo negro cobre seu rosto e seus ombros, parando abaixo dos seios fartos, sua blusa apertada não ajuda em nada a controlar minha imaginação e meu pau já lateja no meio das pernas porque o perfume dela está vindo até mim e posso sentir sua respiração acelerada.

— Você não precisa disso para alegrar seu lado devassa, vizinha. Estou bem aqui ao seu dispor.

Ela pisca os olhos e tenta se afastar, mas a seguro pela cintura. Sei que meu corpo está próximo demais do dela.

— Se eu tivesse um lado devassa, vizinho, ele não se contentaria com tão pouco.

— Quando o seu lado devassa provar o que eu tenho no meio das pernas,

vizinha, essa Suzana chata e fria nunca mais existirá — digo levando a mão dela até minha ereção.

Sei que estamos dando um show, todos devem estar nos olhando a julgar pela cara da vendedora que atendia a safadinha, mas não me importa. Sei que ela foi escolhida para ser a amiga, meu objeto de desejo é a odalisca, mas que se dane! Quando ela abre a boca para soltar alguma resposta engraçadinha, mas seus olhos alcançam os meus com todo aquele desejo transbordando neles, eu a beijo. Enfio a mão em seus cabelos, o braço que está em sua cintura a puxa para junto de mim e minha boca toma a dela. Exploro cada centímetro de sua boca, dou leves mordidas em sua língua, a puxo cada vez mais perto de mim e parece não ser suficiente. Quero deitá-la nesse chão e tomá-la aqui mesmo, quero estar dentro dela e calar sua boca atrevida com meu pau. Quero marcá-la de todas as maneiras para que ela entenda que não tem o direito de me deixar louco ao ponto da obsessão e depois me rejeitar. Quero tudo e muito mais dessa mulher, e quando parece que vou explodir apenas por beijá-la, ela geme. É minha perdição. Preciso soltá-la ou não respeitarei o ambiente em que estamos, as pessoas que estão nos vendo e a comerei aqui mesmo.

Afasto-me devagar, deixando que ela volte a respirar. Seus lábios deliciosos estão inchados, seu rosto totalmente vermelho e seu olhar perdido.

— Então você não é fria afinal de contas, Adorável safadinha.

Ela parece voltar a si, ouço que arqueja, deixo que ela me empurre e então ela sai correndo. Eu fico aqui, ainda sem ar, ainda tentando voltar a mim, meu pau está apertado em minha calça, mas não posso libertá-lo agora. Olho para a vendedora que parece suada. Percebo que abriu os botões da blusa, então olho em volta. Há cerca de seis mulheres me rodeando, me olhando como um cachorro faminto olha para um frango assado, me sinto sendo caçado. Mas digo com firmeza à vendedora.

— Vou ficar com os grampos.

Ela praticamente geme enquanto os embrulha para mim e saio do sex shop com um presentinho novo para minha Adorável safadinha.

Suzana

Entro em meu apartamento com as pernas bambas, o ar ainda falhando e a calcinha encharcada. Maldito Cleber, maldito! Jogo-me no sofá e fecho os olhos e só então suspiro, suspiro muito, grito, abraço uma almofada e fecho os olhos de novo. Que beijo! O melhor que já dei na minha vida. Eu quase gozei só com o beijo dele, nem quero imaginar como seria sentir toda aquela ereção no meio das minhas pernas.

Então, sou arrancada de meus devaneios eróticos pela Suzana racional que não sei como, conseguiu sobreviver a esse beijo. E aí me dou conta de que reagi como a devassa. Ele me viu tremer nos braços dele, eu enfiei minha mão em seu cabelo e o puxei para mais perto de mim, eu pressionei minha barriga em sua ereção e sei que ele percebeu isso. Ele viu meu lado devassa. Como vou freá-lo agora? E convencê-lo que aquela não sou eu?

Estou agora confusa, chateada e encharcada, largada em meu sofá. Não poderei vê-lo mais. Essa é a saída. Ele não poder dar em cima de mim se não me encontrar para isso. Vou passar a maior parte do tempo fora, e vou tirá-lo da cabeça de qualquer jeito. Tento me concentrar em Samuel, meu amor, tento lembrar-me do beijo que ele me deu no rosto. Que me fez querer saltitar. A quem estou querendo enganar? Aquele beijo não chega nem perto do que o Cleber fez comigo. Esse foi O beijo. Sinto meus lábios inchados, meu coração está como um louco, ainda não conseguiu voltar a bater normalmente e ainda me sinto desejada como a última Coca-Cola no deserto. Ele sim é homem com H maiúsculo e algo mais maiúsculo ainda no meio das pernas. Nem tenho forças para procurar Huguinho. Não tenho forças para me levantar do sofá. E assim, passo pateticamente o resto do meu dia jogada no sofá, totalmente fora do ar sentindo a boca devastadora de Cleber na minha. Maldito.

Passo o resto da semana nesse jogo de gato e rato. Não o vejo mais. Na sexta, ele bate na minha porta e chama por mim, mas finjo não estar em casa. Tenho ficado em casa com as luzes apagadas, para que ele ache que não há ninguém. No sábado de manhã recebo flores. Sinto o coração acelerar como um louco de novo, mas são de Samuel. Um sentimento bem mais puro e calmo me toma. É esse sentimento que devo seguir, esse que posso controlar, não o sentimento devastador e incontrolável que Cleber provoca. Essa calma, essa paz, isso sim é amor. O que sinto por Cleber é desejo, ou, no meu caso, desespero.

Penso em subir ao apartamento de Samuel com a desculpa de agradecer as flores, mas decido não fazer isso enquanto estiver sentindo os lábios de Cleber

nos meus. Então me recolho em minha lingerie mais sexy e vou ler experiências na internet. Amo fazer isso, ler as coisas que as pessoas já viveram, suas fantasias sendo realizadas, suas histórias sendo contadas por elas, isso me anima, me excita e aumenta as fantasias que acumulo na gaveta. Estou jogada no meu sofá, no escuro, com o notebook no colo, vidrada em uma história, quando ouço um gemido, que mais parece um grito. Levanto-me e ouço de novo, dessa vez um masculino. Cleber está com visitas. Estou lendo histórias eróticas. Merda! Não quero brincar hoje, melhor ir dormir.

Claro que a noite foi uma merda e para completar, acordo com uma panela caindo no chão. Levanto de um pulo da cama e olho desnorreada ao redor. Deve ser no apartamento de Cleber. A mulher da noite anterior deve estar preparando algo para ele comer. Por um momento essa ideia me irrita, mas logo percebo o quão irracional é me sentir irritada por uma coisa tão boba, e passa. Jogo-me na cama ao verificar que é domingo e não tenho que trabalhar, mas um cheiro delicioso invade meu quarto. Espera, isso não pode estar vindo do apartamento ao lado, não é? Ou então Cleber estava comendo uma chef de cozinha. Levanto-me meio zonza, joga um blusão por cima da lingerie e vou cambaleando até a cozinha e ali está.

Esfrego os olhos, confusa. Estou sonhando, é isso. Estou em um universo paralelo, em uma vida que não é a minha, onde há um deus grego seminu cozinhando na minha cozinha. Tem uma bunda perfeita, vestida e bem desenhada em uma cueca boxer indecente. As costas e ombros largos, os braços fortes e as coxas! Meu Deus, homens não deviam ter as coxas tão grossas e cheias de músculos, é cruel com meras mortais como eu. Estou prestes a sentir a baba escorrer pela minha roupa, quando ele se vira, com a frigideira na mão e um sorriso safado e delicioso no rosto. E no meio do meu sonho erótico, tórrido e maravilhoso, vejo o rosto de Cleber.

Meu sorriso some, olho para a porta que não foi arrombada, parece fechada, como a deixei na noite anterior. E ele ainda está ali com uma frigideira na mão, meu chapéu de chef na cabeça e a barriga deliciosa de fora.

— O que é isso?

Ele abre ainda mais seu sorriso, mas não me concentro nele por muito tempo, pois, logo abaixo, reparo o volume de sua cueca. A cueca boxer está indecentemente colada ao seu corpo e posso ver perfeitamente o contorno de seu pau. Seu enorme e grosso pau. Aquele que senti na minha barriga, que toquei por cima da calça. Aquele pau que tem me causado sonhos a semana toda, que nem a devassa teve ideias suficientes para suprir a curiosidade de senti-lo.

— Ereção matinal — ele diz com toda calma. — Nunca viu?

Pisco os olhos e o encaro.

— Não estou falando disso. Quero saber, o que está fazendo na minha casa?

— O café da manhã. Para você ver como sou um excelente amigo.

— Como entrou aqui? Você sabia que agora posso mesmo acusá-lo de perseguição?

Seu sorriso reaparece quando ele olha para a frigideira e diz como se estivesse contando a melhor notícia de todos os tempos:

— Você não vai acreditar na enorme coincidência que descobri ontem, adorável vizinha. Por acaso, ou destino, não sei, a chave do meu apartamento, também abre a sua porta.

Ele me encara esperando alguma reação, mas não consigo ter nenhuma. Isso não pode ser sério. Não pode mesmo! Esse imbecil, convencido e delicioso não pode ter acesso livre ao meu apartamento. Menos ainda aparecer seminu num domingo de manhã e preparar meu café da manhã.

— Sabe vizinha, acho que isso é coisa do destino — ele diz.

— Então esse maldito destino quer me ver louca! É isso! Que me enlouquecer! Me enlouquecer! — grito enquanto corro de volta para o meu quarto. — Senhor, por que fazer isso comigo? Por quê? Por quê?

Então me lembro das palavras que aquele aviso bem grande e claro me deu e sim, não estou apenas ferrada, estou realmente fodida!

Capítulo 07

Cleber

Termino de preparar o café, como se estivesse em minha própria casa. É estranho como me sinto tão à vontade aqui. Mentira! Normalmente me sinto à vontade em qualquer lugar, mas aqui, é como se fosse a minha casa. Deve ser porque os apartamentos são quase iguais. A ideia da chave foi a melhor que tive na vida. Imagine que depois daquele beijo, que posso chamar de devastador, fiquei de pau duro o dia todo. E acabei em um clube, que não foi o Red, não quis ver minha odalisca quando meu pau ansiava pela safadinha da minha vizinha. O jeito foi dar um fim em minha frustração sexual com três garotas lindas. Veja como é apavorante, precisei de três garotas dessa vez. Nem quero imaginar onde isso vai parar.

Depois de levá-las embora, cheguei cansado e meio tonto e ao invés de ir para a minha porta, fui para a dela. Enfiei a chave e a porta abriu. Claro que abriria. Só quando entrei, reparei que não era o meu apartamento, mas o da Suzana. Voltei para o meu, tomei um banho gelado, fiz um café bem forte e fui dormir, pois precisaria acordar cedo hoje. E aqui estou. Jogo tudo em cima de sua pequena mesa redonda e vou resgatá-la. Há duas portas no corredor e não sei qual delas é a de seu quarto. Não sei nem se devo entrar em seu quarto, lembro que a primeira vez que entrei em seu apartamento, ela fez questão de trancar a porta e esconder a chave nos seios.

Paro no corredor e encaro as duas portas, então decido o que fazer.

— Vizinhaaaa! — chamo estendendo a palavra.

Ouçoo um resmungo e um palavrão vindos da porta no fim do corredor e a abro. Suas longas pernas estão emboladas em um lençol roxo, seu rosto coberto por um travesseiro e seu cabelo negro espalhado no colchão. O movimento repentino do meu pau me faz enviar um recado a ele: *“calma aí parceiro, já ficou acordado tempo demais ontem, não se comporte como um calouro adolescente toda vez que vir essa mulher.”*

— Não seja mal educada, vizinha. Vamos tomar café.

— Não quero — ela responde, sua voz abafada pelo travesseiro.

Penso por um momento em pular em cima dela e repetir aquele beijo devastador, só que dessa vez, em uma cama, eu a penetraria antes que ela tivesse a chance de fugir. Mas, me controlo e apenas puxo o travesseiro, e antes que ela reclame, a jogo em meu ombro e a carrego para a cozinha. A deposito na cadeira

e me sento de frente para ela.

Ela me encara e a encaro de volta.

Mas aí eu a olho.

Olho tudo o que minha vista alcança. O cabelo desgrehado em volta de seu rosto sonolento. O corpo delicioso coberto apenas pela camisa enorme. O sorriso que ela insiste em tentar esconder. Essa mulher, bagunçada, atrevida e sexy em um domingo de manhã, é a coisa mais linda que eu já vi na vida. E constatar isso de repente faz meu coração dar um pulo e uma sensação incômoda surge na boca do estômago. Ela sorri e desvio meu olhar, servindo café em sua xícara.

— Então, eu vou querer saber como você descobriu que sua chave abre a minha porta?

Dou de ombros.

— Nada demais. Cheguei bêbado nessa madrugada e entrei na casa errada. Então, quando percebi que não era a minha casa, constatei que fiz a melhor descoberta dos últimos tempos.

Espero por uma piada, ou algo assim, mas ela praticamente sussurra: “Ontem à noite.” Enquanto olha parecendo em pânico para o corredor.

Pego sua mão por cima da mesa e a acalmo:

— Eu não entrei no seu quarto, Suzana. Nem pensei nisso, eu sei que você não queria que eu fizesse isso. Respeito sua privacidade.

Ela abre o sorriso mais doce que já vi em seu rosto, um sorriso de alívio, e aperta levemente a minha mão antes de soltá-la e dizer:

— Entrar em meu apartamento e invadir minha cozinha não é respeitar minha privacidade. E não espere que eu agradeça por não ter entrado em meu quarto.

Abro um sorriso e cruzo os braços, vejo que ela observa meus músculos.

— Não precisa agradecer com palavras.

Ela sorri e começa a comer. Logo que toma o café, parece surpresa, mas disfarça imediatamente e diz:

— Está doce demais.

— Você que é amarga demais.

Ela dá de ombros.

— O fato de a sua chave abrir a minha porta não é um convite. Você não tem que ficar entrando aqui.

— Você não pode ter mau humor matinal quando estou seminu na sua frente. Esses músculos deixam qualquer mulher de bom humor.

Ainda sorrindo ela responde:

— Não é para você ficar entrando aqui. Esse é *meu* apartamento.

— Nem se eu fizer o café?

Ela nega com a cabeça.

— Nem assim.

— Mas, eu adoro fazer café para minhas amigas. Principalmente quando não tenho nada na despensa e a amiga em questão é gostosa.

— Achei que não curtisse amizade sem benefícios.

— Mas, eu tenho benefícios. Tomo café de graça e ainda admiro suas belas pernas.

Ela cruza as pernas exibindo ainda mais suas coxas grossas.

— Ah, safadinha! Definitivamente de fria você não tem nada!

— Eu ando como quiser na privacidade da minha casa.

— Adoraria se gostasse de andar pelada — digo com um sorriso enorme.

— E eu adoraria não topor com um estranho em meu apartamento quando fizesse isso.

— Não sou um estranho, vizinha. Sou seu amigo.

Ela me encara com uma careta. De repente essa mesa entre nós me parece uma distância grande demais. Levanto-me e sento-me ao seu lado, arrastando a cadeira ainda mais para perto dela. Não sei o que estou fazendo, só sei que preciso que ela reaja a mim. Que tenha alguma razão além de me olhar. Quero que essa mulher perca o controle. Ela se assusta quando me sento, seu olhar desce por meu corpo e foca na minha ereção.

— Isso ainda está assim? — pergunta com uma calma que me irrita. Como se estivesse falando sobre uma gravata, não sobre meu espetacular pau.

— Vai ficar assim até que alguém dê o que ele quer.

Ela não diz nada. Desvia o olhar e volta a tomar café. Como se eu não tivesse acabado de fazer um pedido explícito para que ela toque meu pau. Se ela não vai tomar a iniciativa de boa vontade, farei isso por ela. Pego sua mão e a coloco sobre minha ereção. Aperto bastante para que ela sinta o quanto está duro para ela. Imediatamente ela engasga e derrama café quente na blusa. Solto sua mão enquanto ela se levanta gritando. Mais do que depressa vou ajudá-la. Começo a abrir os botões de sua blusa, mas ela se afasta e me fuzila com o olhar.

— O que está fazendo? — grita enquanto dá um tapa na minha mão.

— Impedindo que se queime.

— Deveria ter feito isso não colocando minha mão no seu pau!

— Não era esse tipo de calor que eu queria provocar.

Ela está muito irritada. Lá se vai toda a amizade que consegui conquistar. O muro reaparece e debocha da minha cara de perdedor quando Suzana friamente diz:

— Realmente não sei o que está fazendo aqui, Cleber.

Cruzo os braços e paro o mais perto possível dela.

— Sendo seu amigo. E tentando te comer.

Ela me encara ainda com a mesma frieza:

— Não dá para forçar uma amizade se você fica tentando me comer.

— Entendi, serei só seu amigo, então.

— Então não apareça na minha casa, seminu. E não coloque nenhuma parte do meu corpo no seu pau.

— Foi divertido. Principalmente quando uma mulherzinha com cara de velha me viu entrando aqui apenas de cueca.

— A Carmem viu você entrando aqui?

Ela parece desesperada, e não entendo o motivo, até entender uma frase do que ela está resmungando:

— ...se o Samuel ficar sabendo...

É demais para mim. Estou louco para entrar nela de todas as maneiras possíveis e a maldita está preocupada com aquele gay.

— Estou indo — digo abrindo a porta.

— Da próxima vez apareça vestido! O que estou dizendo? Não volte aqui!

Abro meu melhor sorriso ao olhá-la a última vez:

— Convite aceito, vizinha!

Passei o dia todo no meu apartamento vendo filmes que na verdade nem me interessavam. Não tenho me reconhecido nesses últimos dias. Sim, sempre gostei de sexo, sempre amei sexo, provavelmente é a única coisa que amo na vida. Mas isso é normal, não é? A melhor coisa que tenho no meu corpo é meu pau. É normal que goste e saiba usá-lo muito bem. Mas ultimamente, é mais do que gostar de sexo. Estou parecendo um adolescente que acabou de perder a virgindade com a garota de programa mais famosa do estado. Não, nem nessa época eu pensava tanto em sexo como penso agora. E nunca pensei tanto em uma única mulher.

Meu dia foi tomado pela maldita vizinha. Aquele lençol roxo, seus cabelos negros, suas pernas... Tudo nessa mulher me atrai. Ainda mais agora que sei como é o gosto da sua boca. Eu a quero, enlouquecidamente. De uma maneira anormal. Mas, eu mesmo escolhi a odalisca, e eu me lembro bem da sensação de estar perto dela. O desejo que sinto pelas duas é quase o mesmo, e é estranho que eu deseje duas mulheres dessa maneira assustadora.

É isso, preciso vê-la. Se tem uma coisa que preciso admitir, é que Celina estava certa. Fui um completo babaca. Tanto com a Suzana, quanto com a Sue. Suzana já está mais calma agora, ficará mais calma se eu conseguir controlar meu pau perto dela, mas ainda falta Sue. Preciso pedir desculpas pelas coisas que fiz. Talvez, ao fazer isso, ela me veja com outros olhos e eu termine essa noite dentro dela. Talvez se eu conseguir uma das duas, tire toda essa obsessão em comê-las da cabeça, e do resto do meu corpo.

Tomo um banho, visto uma roupa rapidamente e saio decidido. É domingo, mas encontro no shopping o que procuro. Então, vou até o Red. Assim que entro a vejo, está dançando com aqueles dois gays com quem ela dança, despindo-os. Irrita-me ver a forma como eles a tocam, a intimidade que parece ter com eles. Não entra na minha cabeça que isso é um número, um show. O que vejo ali são dois homens querendo foder uma mulher que está doida para ser fodida. Não vejo seu show. Mesmo que ela esteja de novo com minha fantasia preferida, a de odalisca. Bebo um pouco, recebo alguns olhares furtivos pelo que carrego na mão, mas não importa. Resisto ao impulso de tirá-la daquele palco como um homem das cavernas e espero seu show acabar, para dar o meu.

Encho o bolso do mesmo segurança da outra vez e ele me deixa entrar em seu camarim. Faço minha melhor cara de cão arrependido, e ouço o som de seus saltos quando ela se aproxima. Abre a porta e me vê ali. Primeiro ela se assusta, depois parece não ter reação alguma, mas vejo que está surpresa, não irritada, o que é um bom, excelente, sinal.

— Oi — digo.

— Olá — ela responde me avaliando.

A música lá fora está alta e por isso precisamos gritar para conversar. Sei que ela não vai aceitar sair daqui comigo, então terei que fazer isso aos gritos mesmo.

— Não se assuste. Sei que invadi seu camarim, mas foi por um bom motivo.

Ela me encara e parece ainda mais surpresa.

— Quero te pedir desculpa. Fui um completo imbecil com você.

Estendo as flores e ela demora um pouco para pegá-las, até perceber que são para ela. Será possível que ela não receba flores sempre? Ela cheira as flores e um sorriso surge em seu rosto. Nessa hora, o vento joga seu cabelo vermelho em seu rosto, cobrindo o sorriso, me aproximo e o afasto, para que possa vê-la sorrir. Seu sorriso é tímido, mas lindo. Tudo nela é lindo! Usa uma maquiagem forte por trás da máscara e tenho vontade de conhecer o que há por trás dessa maquiagem toda, sei que ela é linda, de qualquer jeito.

— Tudo bem — ela diz. — Também tenho que me desculpar. Não foi legal chutar suas bolas.

Sorrio de volta e ela parece presa ao meu sorriso.

— Eu mereci.

Ela coloca as flores em um vaso vazio e o enche de água na pequena pia que há em um canto de seu minúsculo camarim. Quando volta a olhar para mim, estendo minha mão:

— Vamos começar de novo. Sou Cleber.

— Parece que estamos sempre começando de novo — ela murmura.

— Como?

Ela parece assustada por um momento, mas sorri e dá de ombros...

— Não disse nada.

Então estende a mão e toca a minha.

— Sou Sue.

Eu a levo aos lábios e a beijo delicadamente.

— Muito prazer, adorável Miss Sue.

E o olhar de luxúria que ela me dá comprova que estou seguindo no caminho certo.

Suzana

Não sei o que fazer com Cleber. Não sei o que fazer com a maneira como ele me olha, e como sorri para mim. É totalmente diferente quando sou Miss Sue. Esse ambiente é erótico, o que acabei de fazer no palco, foi totalmente erótico. Normalmente saio do Red com a excitação a mil, e encontrar Cleber Dantas em meu camarim com um buquê de flores, e esse sorriso delicioso não ajuda em nada.

— Acho que podemos nos conhecer melhor — ele diz sentando-se no pequeno sofá.

Eu me sento ao lado dele, o lugar é realmente apertado, estou tão perto que sinto seu cheiro amadeirado me tomando. O sorriso enorme não some de seu rosto. E não sei se deveria ficar irritada, pois hoje de manhã ele estava tentando comer a vizinha que diz desejar tanto, e agora está aqui, tentando comer a dançarina. Porque sabemos que é isso que ele está fazendo, certo? Um homem como ele jamais se apaixonaria por uma dançarina de um clube noturno. Ok, vamos parar de drama, não sou uma dançarina qualquer, eu certei as bolas dele.

— O que quer saber? — pergunto.

— Seu verdadeiro nome.

— Sue — minto.

Ah Cleber, começamos de novo da maneira errada.

— Sue de quê?

— Que importância tem isso?

— Eu quero saber, quero saber tudo. — Ele parece tão animado que não o reconheço, é como um garotinho que ganhou um brinquedo e quer descobrir como funciona. — Quantos anos você tem? Onde mora? Como começou a dançar aqui? Por quê?

— Calma! — digo estendendo as mãos para que ele se cale, o que o faz rir. — Uma coisa de cada vez. Eu não gosto de falar de mim, nem posso falar muito. Moro aqui perto, mas não vou dizer onde.

Ele assente.

— Meu nome é Sue, é apenas isso que você precisa saber. Nada de sobrenomes.

Ele assente novamente, mas sua expressão está se fechando.

— Não se pergunta a idade de uma mulher, mas sou maior de idade, se é com isso que está preocupado.

Ele volta a sorrir e nega com a cabeça.

— Comecei a dançar porque é o que amo fazer. Danço desde pequena. Sempre quis ser dançarina, nunca imaginei que seria em um clube como esse, mas não posso negar que amo o que faço, amo que meus movimentos seduzam as pessoas, amo que gostem de me ver fazer o que nasci para fazer. Você consegue entender? — Mas, quando o olho, ele está vidrado nos meus lábios. Claro que nem estava me ouvindo.

Por um momento, sinto um alarme soar dentro de mim dizendo que ele descobriu. Mas de repente ele diz, com a voz rouca:

— Tira a máscara. Deixa-me ver você.

— Não posso. Não aqui.

— Então venha comigo. Prometo que não vou machucá-la, mas venha comigo.

— Não vou transar com você, você é um desconhecido.

— Eu sei. Não vou dizer que não pensei nisso, porque sim, depois do que acabei de ver você fazer no palco, a verdade é que pensei muito nisso. Mas não ia levá-la para esse fim, apenas para dar uma volta, comer algo. Levá-la em casa.

Não sei o que fazer. De repente quero sair com ele, quero passar esse tempo com ele, podendo reagir a tudo o que ele me causa. Sem medo do que ele ou outras pessoas vão pensar de mim. Aqui, com essa fantasia, com essa máscara e peruca, a Miss Sue, posso ser tudo. Posso dizer a ele o quanto o desejo e colocar a boca em seu pau se ele ousar colocar minha mão ali de novo. Posso pedir que ele me pegue de quatro, ou contra a parede como imaginei tantas vezes que ele faria. Mas não posso sair com ele. Se sairmos, terei que vestir uma roupa normal, terei que tirar a máscara, serei a Suzana e não a Miss Sue.

Uma ideia absurda começa a se formar em minha mente. O fato inegável é que eu o desejo. Não consigo imaginar uma mulher que conseguiria não desejá-lo. Mas, a Suzana não pode tê-lo, isso acabaria com tudo, todos os planos. Porém, a Miss Sue pode. Ela é livre, é desimpedida. Não ama ninguém. Ela vive pelo seu próprio prazer. Mordo o lábio e ele praticamente geme quando passeio a língua por ele. Sei que o estou provocando, mas é exatamente o que quero.

Ele levanta a mão vagarosamente, me deixando espaço para dizer não. E toca a peruca. Desce o dedo levemente pelo meu braço, fecho os olhos e sinto os arrepios que me tomam. Ele se aproxima e passeia os dentes pelo meu pescoço, e gemo. Não sei se ele escuta por causa da música alta lá fora, mas morde mais forte e quase me perco ali mesmo. Seu braço rodeia minha cintura, e quando sua boca alcança a parte de cima dos meus seios, ele me puxa para seu colo. Monto nele, sinto sua ereção no meio das pernas. Ele sussurra meu nome e me aproximo para beijá-lo, mas desvio e mordo sua orelha. Meu coração parece que vai sair pela boca. Não posso beijá-lo. Se o beijo que demos naquele sex shop foi

para ele pelo menos metade do que foi para mim, ele se lembra dele. Vai se lembrar se me beijar de novo. Ele segura minha cabeça com as mãos e vira meu rosto, antes que eu consiga impedir, morde meu lábio. Mas me afasto e seguro suas mãos.

— Nada disso mocinho! Se me quiser, serei sua essa noite, mas você não pode me beijar.

Ele parece confuso, e irritado.

— Por que não?

— Você pergunta demais — digo enquanto me afasto apenas o suficiente para abrir sua calça.

Tenho dificuldade por causa do tamanho de seu pau, que está duro e a calça é bem apertada. Passeio a unha pela sua extensão, por cima da calça e o olho nos olhos.

— Então, você vai querer? Aceita minha condição?

Ele fecha os olhos enquanto geme, e diz em um sussurro:

— Eu aceito tudo o que você quiser, do jeito que você quiser. Mas, preciso tê-la essa noite.

Isso foi muito mais do que eu queria ouvir. Assinto e de repente ele me pega pela cintura e se vira desajeitado no sofá pequeno, deitando seu corpo musculoso por cima do meu. Seus beijos continuam de onde pararam, na parte de cima dos meus seios. Posso sentir pulsar o meio das minhas pernas, quero senti-lo em mim o quanto antes. Apago a luz para que ele não veja demais do meu corpo e nesse momento ele abaixa meu top e seus dentes alcançam meu mamilo. O colar enorme que uso faz barulho quando ele chupa meu seio, a máscara parece apertada em meu rosto. Tudo parece tão errado, e tão certo. A sensação de prazer que sinto é maior do que qualquer coisa que eu já tenha sentido. Fecho os olhos e puxo seu cabelo, trazendo sua boca para mais perto do meu seio, mas nesse momento a porta se abre. Ele se levanta em um pulo. Eu também. Cubro-me com o top e acendo a luz.

Téo e Léo nos encaram totalmente sem graças, e Téo parece bastante irritado, me olha como se eu fosse louca. Cleber se levanta desajeitado e fecha a calça. Vejo meus amigos comerem o volume dele com os olhos. Então olha para mim. O que vejo em seus olhos me alarma. Desejo, de uma forma intensa, nunca ninguém me olhou desse jeito. Não, ele me olhou, quando me beijou no sex shop. Ele se aproxima e tenho o impulso de me afastar para que não me beije, mas ele não faz isso. Beija minha testa, toca gentilmente meu rosto e diz sem emitir som:

— Até logo, minha odalisca.

Eu sorrio em resposta e ele se vai.

Téo e Léo me olham por alguns minutos, depois Léo olha o corredor para se certificar que Cleber realmente saiu. Quando ele confirma com a cabeça, tiro a máscara.

— Você ficou louca? Onde estava com a cabeça? Se não quiser ser descoberta precisa manter distância dele, Sue, distância!

Levanto-me enquanto tiro a roupa.

— Eu sei Téo, eu sei.

— Não parece.

— Dá um desconto, Téo. Você viu o homem! Viu o tamanho do...

— Não importa. Sue querida, eu sei que é difícil, mas você precisa decidir se quer manter sua identidade ou se entregar ao melhor sexo da sua vida, porque você não vai conseguir fazer as duas coisas.

— Eu sei. — Isso é tudo o que digo, e realmente sei que ele está certo. Assim como sei que preciso, pelo menos uma vez, sentir Cleber dentro de mim. Não importa que não seja eu que ele deseje ali, de alguma forma sentirei que sim, é a mim que ele deseja. Porque somos uma, não somos? A Sue e a Suzana são a mesma pessoa. Se ele deseja uma, também deseja a outra, e como ele deseja as duas, bem, só posso deixar que nos tenha.

Não preciso dizer que não dormi a noite. Quando cheguei, o apartamento dele estava no mais absoluto silêncio, acho que não estava em casa. Deve ter arrumado alguma outra dançarina para dar um jeito naquela ereção que eu provoquei nele. Mas a verdade é que a noite foi uma merda. Tive sonhos com ele à noite toda, sonhos tórridos, que sempre acabavam na melhor parte. Fui para a escola pensando nele, acho que nunca estive tão distraída na vida. E agora estou aqui, jogada nesse sofá que tem se tornado meu refúgio, sem vontade de fazer nada, imaginando coisas, pesando possibilidades. Sonhando acordada. Não é um ataque da devassa, ainda não, é de alguma forma menos pervertido do que as visões que ela me causa, é sonhar acordada mesmo. Você já passou por isso? De imaginar uma coisa como se já a tivesse visto acontecer? E sorrir como uma boba pedindo que um dia, não muito distante, aconteça?

Estou tão perdida em meus pensamentos, que não ouço quando meu celular toca. Quando resolvo pegá-lo há uma mensagem.

Samuel: *Olá Suzana. Espero que não se importe, mas peguei seu número com o síndico. Será que poderíamos dar uma volta essa tarde? Aguardo sua resposta.*
Samuel Alencar

O quê? De repente a Suzana devassa some e a Suzana real começa a dar pulos

pela sala. Vejo que ele mandou a mensagem há mais de duas horas, preciso respondê-la. Digito um sim imediatamente, mas não consigo enviar. É errado não é? Sair com ele quando estava sonhando com outro há poucos minutos? Não devo aceitar. Mas sempre esperei por esse convite. O que posso fazer? Ouço um barulho no corredor, é Cleber. Está chegando. Abro apenas uma brecha na porta para vê-lo, ele está ao celular e ouço apenas a última coisa que fala...

— Tudo bem Abani apareça aqui hoje com sua irmã. Tem alguém aqui que está louco para vê-las.

Ok, não é errado. Sou só sexo para Cleber, ele é só sexo para mim. Envio a mensagem que havia digitado e confirmo o encontro com Samuel.

Coloco um vestido preto totalmente coberto, mas está calor demais lá fora. Procuro por uma blusa florida, mais leve que tenho, mas ela tem um decote que normalmente não uso. Porém, combinou perfeitamente com a calça que estou usando. Fico cerca de dez minutos em frente ao espelho decidindo se troco ou não a roupa, mas desisto. Estou me sentindo bem assim, que se dane o resto. Não é como se eu estivesse saindo com uma placa de neon na testa: sou dançarina noturna.

Combino de encontrar Samuel na portaria e saio animada, quando encontro Cleber abrindo a porta para duas mulheres iguais. São as mesmas que vi no outro dia e achei que era uma só. São gêmeas. Elas sorriem para mim e devolvo o sorriso, mas quando estou quase chegando ao elevador, ele me alcança.

— Oi, vizinha.

— Oi, Cleber.

Ele avalia minha roupa e um sorriso surge em seu rosto. Toca a alcinha da minha blusa e diz:

— Isso é sexy demais comparado ao que você veste.

Dou de ombros.

— Posso saber aonde você vai vestida assim?

Abro o maior sorriso que consigo e dou uma olhada nas gêmeas paradas em sua porta antes de responder:

— Vou sair com o Samuel.

— O gay? E aonde ele vai te levar?

— Ele não é gay e eu não sei aonde vamos. Mas, não importa, o importante é estar com ele.

— Você acha que está apaixonada por esse homem, Suzana, mas não está. Ninguém pode amar outra pessoa sem saber como ela é na cama.

Faço uma careta e entro no elevador, mas ele segura a porta.

— Escute o que estou te falando, *amiga*. É um conselho. Você não vai ser sexualmente feliz com ele. E uma mulher sexualmente infeliz é uma mulher

totalmente infeliz.

— Dispensando seus conselhos, *amigo*.

Ele solta a porta, não entendo o que passa no rosto dele, mas vejo que sai fazendo um gesto negativo com a cabeça e ainda me olha uma última vez antes de as portas se fecharem.

Samuel abre um sorriso ao me ver, mas murcha quando ele olha com uma careta para minha blusa. Ele não gostou. Me dá um abraço e um beijo no rosto e diz:

— Não quer subir e pegar um casaco? Eu espero.

— Oi, Samuel, tudo bem? Não, está calor.

Ele dá um tapa na testa que acho meio exagerado e diz:

— Que indelicadeza a minha, desculpe Suzana. — Então beija minha mão. — Como você está?

— Bem. E com calor — ênfase.

— Entendi — ele responde de má vontade.

Vamos em seu carro até uma sorveteria diferente. Essa é mais sofisticada, e tem sorvetes lights apenas, fico me perguntando se ele acha que estou gorda, mas até que o sabor é bom. Mais uma vez ele fala sobre o tempo, o calor, e nesse assunto calor, diz:

— O tempo está realmente quente, mas não é motivo para que essas mulheres usem roupas curtas e decotadas como desculpa.

Demoro um tempo olhando para seu rosto antes de responder:

— Não é desculpa mesmo, é motivo.

Ele parece em choque, e muda de assunto. Mas me sinto incomodada. Não é possível que seja tão puritano e sistemático sobre roupas. São só roupas. Como disse, não é um letreiro de neon dizendo que estou disponível para ser comida só porque uso um decote ou as pernas de fora. Acho ridículos e machistas homens que pensam o contrário. Nosso assunto meio que morre depois disso. Vez ou outra ele olha para meu decote com uma careta e estou prestes a pedir para ir embora, quando ele faz isso.

No carro o clima continua tenso, mas ao invés de irmos para nosso prédio, ele me leva a outro lugar. Ao lugar mais lindo do mundo, meu preferido, meu sonho. Ele estaciona em frente à Academia Mineira de Dança.

Nem espero que ele abra a porta, desço do carro e não consigo conter minha fascinação ao ver onde estamos. Ele dá a volta no carro sorrindo e pega minha mão, me conduzindo para dentro. Não há aula de teatro no mundo capaz de me fazer esconder a fascinação que sinto quando entro na Academia.

— Você gosta de dança?

— Amo.

— Mas, você dança?

— Infelizmente não.

— Eu danço desde os meus oito anos.

— Eu sei, já o vi dançar.

Um sorriso surge em seu rosto.

— Viu, é? Onde?

— Aqui. Venho aqui sempre, ver as apresentações.

Seu sorriso aumenta e ele passa o braço pela minha cintura, me mantendo ainda mais perto dele.

— Gostaria de ver um pouco das aulas?

— Adoraria.

Assim, passo uma das melhores tardes da minha vida e chego em casa descansada, feliz e saltitando. Não vejo Cleber quando passo por sua porta, mas posso ouvir o barulho de um som alto lá de dentro. Fico me perguntando se o síndico não vai encrencar com ele também por conta do som. Se fosse ao meu apartamento já teria sido expulsa.

Estou em frente ao grande espelho da minha sala, tirando minha blusa, quando a porta abre. Dou um grito e escondo o sutiã com a blusa, enquanto Cleber entra e fecha a porta, com um sorriso no rosto.

— Continue, faz de conta que não estou aqui.

— Você não deveria estar aqui. Não está com visitas?

— Elas já são de casa. Sobrevivem sem mim.

Vou ao quarto e visto uma de minhas blusonas, e Cleber não me segue. Quando volto, vejo que está usando apenas uma bermuda, e aquele peito delicioso, com uma leve penugem, está descoberto. Ele cheira a sabonete e algum perfume amadeirado. Seu cabelo molhado está desgrehado. Não precisaria ser um gênio para saber que ele acabou de transar. Não deixo que isso me incomode, acabei de ter uma das melhores tardes da minha vida.

— Como foi seu encontro? — ele pergunta me avaliando.

Suspiro antes de responder e ele estende a mão.

— Não precisa dizer, está suspirando.

— E feliz. Ao contrário de você que transou com duas mulheres e está com essa cara de quem comeu e não gostou.

— Não é verdade, gostei muito. Sempre gosto de sexo, sexo é vida.

Aproximo-me rindo e o empurro porta afora.

— Então vá fazer sexo com suas visitas e me deixe em minha bolha de felicidade.

— Não é legal você dizer isso. Estava tentando te comer ontem de manhã,

você me mandar comer outra meio que fere meu ego.

— Se seu ego não morreu até hoje, meu querido, não é uma ferida que vai matá-lo.

Ele abre um enorme sorriso e toca o blusão que estou usando.

— Ele não gostou, não é? Da blusa. Achou decotada demais.

— Não importa, compensou esse erro depois.

— É mesmo? O que vocês fizeram?

— Não é da sua conta. Eu não fico aqui perguntado o que você fez com suas visitas.

— Não me importo de te contar. A Abani ficou de quatro, e a Aditi em cima dela enquanto eu metia...

— Tchau! — grito batendo a porta em sua cara.

Mas, fico o resto da noite imaginando a cena que ele começou a descrever. E mais uma vez, minha bolha é abalada pelo pervertido do meu vizinho.

À noite, recebo uma mensagem de Cidão:

Cidão: *Sue, tudo certo. O detetive irá encontrá-la quando e onde vc pediu.*

Suzana: *Valeu. Te devo essa.*

Cidão: *Deve mesmo.*

É isso aí. Espero garantir que esse baixinho estranho mantenha segredo sobre minha dupla identidade.

Cleber

Aconteceu de novo. Agora está acontecendo com mais frequência que antes, mas imaginei que seria assim. Heitor, sacou uma quantia alta demais da conta da empresa. Mais uma vez precisei tirar do meu bolso para cobrir. Se continuarmos nesse ritmo, em breve estarei falido. O pior disso tudo foi esconder isso do Sebastian quando ele me perguntou por que estava tão tenso, pensou que fosse por causa da odalisca, mas sei que Celina sabia que não era isso, ficou me olhando de um jeito estranho, avaliador. Mais do que o normal dela. Preciso tomar cuidado com ela.

Antes de ir para casa, passei em um bar, bebi um pouco, e fui embora. Tomei um banho rápido e me joguei na cama. Mas não consegui dormir. Talvez eu devesse ter vindo com alguma mulher para me distrair. Não gosto de fazer isso. Gosto de sexo quando estou 100% focado em dar e receber prazer, mas às vezes serve como uma válvula de escape. Às vezes, serve apenas para isso. Mas é a melhor válvula de escape que existe. Melhor do que bebida, brigas ou qualquer outro vício.

Parece que demorou horas até eu conseguir cochilar, mas algo me acordou. Um grito? Presto atenção e escuto de novo. Um grito, vindo do apartamento da Suzana. Saio correndo, sem pensar e puxo minha chave. Abro sua porta quase desesperado, tudo está no mais absoluto silêncio. Espero um pouco e ouço de novo. Vem do quarto dela. Corro até lá e abro a porta.

Suzana está sozinha. Deitada. Descoberta. Usa apenas a lingerie, mas não é isso que chama minha atenção. Ela está se tocando. De olhos fechados. Não parece perceber que estou aqui. Murmura palavras ininteligíveis. Aproximo-me devagar e a observo fascinado. Não consigo ver sua xoxota de onde estou, ela está com os dedos dentro da calcinha, mas os sons que faz e a forma como se mexe me deixam louco. Eu não precisava de mais essa visão para desejá-la ainda mais, mas não consigo parar de olhá-la.

De repente ela grita, mas não de prazer. Começa a repetir algo como “está errado”. Não entendo, parece que está sonhando, em momento nenhum abre os olhos. Não sei se devo acordá-la, resolvo esperar um pouco, mas me aproximo mais. Posso sentir seu cheiro agora, tento focar meus pensamentos no fato de que ela não está acordada e me controlo para não agarrá-la nesse momento. Ela parece chorar. E diz em alto e bom som que é errado. Não sei o que ela acha tão errado, mas não suporto vê-la se lamuriar assim. Aproximo-me da cama, me ajoelho ao seu lado e a toco. Pego sua mão e a chamo baixinho.

— Suzana.

Ela abre os olhos de repente. Olha em volta e eu acendo o abajur para que veja que sou eu. Ela se afasta e se cobre assim que me identifica.

— O que está fazendo aqui? — pergunta secando as lágrimas.

Sento na cama ao seu lado. Quero puxá-la para meu colo e acabar com minha ereção dentro dela, mas apenas respondo:

— Você estava gritando.

Ela fica vermelha, como nunca a vi ficar antes. E parece desesperada.

— Eu não... não é o que está pensando. Não faço isso sempre...

— Ei... — Seguro seus ombros para que se acalme. — Você não tem que se explicar, não estava fazendo nada errado.

Ela assente, ainda parece meio perdida, e se afasta, recostando—se no travesseiro.

— Sei que não é o momento para dizer isso, mas porra! Você é gostosa pra caralho!

Ela me encara em choque.

— Não me olhe assim. Não vou fingir que não acabei de ver você se tocando. Você tem esses sonhos sempre?

— Não era um sonho.

— Você não estava acordada.

— Estava. Só não estava aqui.

Não entendo o que ela quer dizer. Ela dá um nó no longo cabelo e diz, como se fosse contar que tem uma doença em fase terminal.

— Tenho um problema, digamos, peculiar.

— Que seria?

Ela me olha por um bom tempo antes de falar.

— Não se apaixone, mas eu tenho um lado devassa.

Eu a encaro esperando que diga que está brincando, mas ela está séria, envergonhada.

— Não vou pedir desculpas pelo que viu, porque não teria visto se não tivesse invadido de novo meu apartamento.

Abro um sorriso.

— Graças a Deus invadi. Não espero desculpas. Mas, se quiser continuar sinta-se à vontade.

— Você não entendeu não é? Não é tão divertido. É uma doença. Tenho um lado devassa, que não controlo.

Arregalo os olhos ainda sem entender e ela parece impaciente.

— Eu tenho visões, Cleber. Eróticas. E quando isso acontece, saio de mim. Não importa onde eu esteja, quem esteja perto, são como sonhos, mas muito

reais, eu sinto as mesmas sensações do que faço nessas visões.

— Uau! — Não sei o que falar. — Acho que estou mesmo apaixonado.

Ela me bate com o travesseiro e parece triste.

— Você já procurou um psicólogo?

Sua expressão deixa claro que sim, e que não resolveu nada.

— Tem algum motivo para você ter isso, não tem?

Ela olha para o outro lado.

— Ok, não precisa me falar. Você tem essas visões com frequência? Porque se tiver vou passar a frequentar mais sua casa.

— Você é um idiota.

— E você uma pervertida, gostosa, sexy e que está me deixando louco.

Aproximo-me mais dela, que foca o olhar em meu peito, é a primeira vez, depois do beijo, que a vejo me olhar assim, com todo esse desejo. Ela estende a mão e me toca com a unha, no meu peito, descendo por minha barriga. Seu toque sutil quase me desarma. Mas de repente seus olhos parecem vidrados, como se ela não estivesse acordada. Antes que eu possa chamar por ela, ela joga o lençol para o lado e pula em cima de mim. Monta em mim e morde meu pescoço. Minha vontade é virá-la nessa cama, e concretizar o que ela está me pedindo aos sussurros que faça. Mas sei que não é ela aqui. É a devassa.

Duas! Eu poderia realmente me apaixonar por isso, uma mulher com um lado devassa. Foi feita para mim. Jogo seu corpo na cama e prendo suas mãos acima da cabeça. Mordo seus lábios e a chamo:

— Suzana, volte. Realmente não quero que faça isso, mas não vou ser um babaca. Vamos safada, acorde.

Dou uma leve sacudida nela que volta. Solto suas mãos, mas mantenho meu corpo em cima do dela.

— De novo? — ela sussurra e confirmo com a cabeça. — Nunca aconteceu antes, uma atrás da outra.

— Quando elas acontecem?

— Quando algo me excita muito e não... você sabe.

— E você não alivia?

Ela assente sem graça.

— Bom, estou aqui. E fico feliz que te deixe tão excitada.

Ela faz uma careta de indignação e começa a resmungar.

— Não precisa ser convencido, você não me excita tanto assim...

Eu a calo com um beijo. Um beijo daqueles, sugo sua língua, ouço seus gemidos, movimento meu quadril no dela, está me enlouquecendo. Mas não quero que ela entre em transe de novo e eu tenha que parar na melhor parte. Então, me esforço muito para me afastar.

— Vá tomar um banho sua safada. E me chame se quiser se aliviar.

Ela pisca os olhos quando saio da sua cama.

— Por isso você compra brinquedos, não é?

Ela não responde, mas não espero a resposta. Saio de seu quarto e tenho a impressão que ela disse obrigada.

Capítulo 08

Suzana

Tudo está estranho. Está estranho com Samuel, e aquele papo idiota de mulheres seminuas. Eu o amo, mas não há amor no mundo que vai me dizer o que tenho que vestir. A sociedade, o moralismo e a ética já fazem isso. Ficam tão enraizados em minha mente, que mesmo que eu queira usar algo mais ousado, sinto vergonha que me vejam assim. Sinto receio pelo que vão falar de mim. É como não me sentir bem, com o que me faz bem, porque as pessoas não querem que eu me sinta bem usando as roupas que gostaria de usar, ou tendo as atitudes de gostaria de ter, e acabo não me sentindo. E bem, nos vimos poucas vezes, talvez Samuel ainda possa ser podado, ainda possa entender que não vai me dar ordens, a menos que sejam na cama. Espero e torço em silêncio que seja assim, que ele me aceite exatamente do jeito que sou. Claro que com ele a devassa não poderá existir, mas acredito que ela será controlada, quando eu estiver fazendo amor todos os dias com um único homem.

E tudo está mais estranho ainda com Cleber. Como meu vizinho pervertido, justo ele, foi presenciar um ataque da devassa? Como fui atacá-lo? Isso nunca havia acontecido antes, nem dois ataques consecutivos, nem atacar alguém. A culpa disso é toda dele. Está me levando ao meu limite, ao máximo que posso suportar de excitação. Cleber Dantas é um perigo!

Desde aquela noite tenho evitado vê-lo. Sempre saio em horários em que sei que ele já saiu, e tomo cuidado de verificar antes de sair se ele está no corredor, ou se há algum movimento no apartamento ao lado. Ele deu algumas festas no decorrer da semana, cheia de mulheres, música alta, com certeza bebida e muito sexo. Aliás, ele transou todas as noites. E não invadiu mais meu apartamento. Não posso dizer que senti falta disso, não senti. Por causa dessa brincadeira de ele ter a chave da minha porta, tenho que deixar sempre meu quarto trancado. Eu sei o que está pensando, o que ele poderia encontrar lá não o chocaria após presenciar um ataque da devassa, mas sim, me entregaria, entregaria meu segredo. E Sue está prestes a fazer com ele o que eu não posso fazer.

Ele apareceu em três apresentações essa semana. Aplaudiu-me, sorriu e foi embora. Conheço esse jogo, de não se aproximar, fazer com que eu deseje que ele se aproxime, e não vou cair nele. Sou forte. Ele não. Vamos ver quantas mulheres mais ele precisará comer até perceber que sou eu a única que vai realmente saciá-lo. Espero que não seja tão tapado e perceba antes que Samuel

me peça algo mais sério, e aí nem a Sue poderá ter o que tanto quero do meu vizinho.

Acordo sábado de manhã com uma mensagem no celular:

Samuel: *Bom dia, linda. Que tal um passeio essa tarde? Posso te pegar em uma hora?*

Não sei não. Recusei três convites de Samuel durante a semana, para que ele entendesse que não aceitarei que ofenda minha vestimenta novamente, e pareceu funcionar. Está ligando todos os dias, embora nossas conversas sejam meio monótonas, não posso dizer que não gosto que ligue. Na verdade, sinto falta quando não liga. Tenho amigos na escola, no Red, mas ninguém com quem possa sair, conversar livremente, ninguém que me pergunte como foi meu dia, como ele faz. Sei que homens tão atenciosos hoje em dia é raridade, por isso vou tentar relevar seus defeitos. Respondo um sim com uma carinha alegre e vou tomar banho.

Estou me sentindo tão relaxada, e contente, com um pressentimento de que algo muito bom vai acontecer em breve. Saio do banheiro com um nó no cabelo molhado, cantarolando desafinada e a toalha vermelha enrolada no corpo, quando noto que a tevê está ligada. Mas, não me lembro de tê-la ligado. Mas, mais do que isso, ela também está mudando de canal sozinha.

Ok, há uma coisa sobre mim que você ainda não sabe. Sou cagona. Muito cagona mesmo. Morro de medo de espíritos, fantasmas, coisas do tipo. Medo no nível dormir no corredor por algum barulho estranho no meu quarto. Estaco onde estou, fecho os olhos e penso que estou ficando louca. Os canais não estão trocando sozinhos. Mas quando abro os olhos, eles mudam de novo, como se alguém estivesse com o controle na mão, não assistindo nada e mudando de canal o tempo todo. Estou prestes a sair correndo de toalha pelo corredor, quando me dou conta que alguém mais poderia fazer isso.

Dou três passos vacilantes para perto do sofá, e avisto a cabeleira negra de Cleber.

— Mas, que merda! Você quer me matar do coração? Não pode anunciar que está entrando? Não se entra na calada na casa dos outros! Aliás, você nem deveria entrar na minha casa!

Sem olhar para mim ele dá de ombros e continua zapeando os canais, enquanto responde:

— Mau humor matinal de novo, vizinha? Você é sempre assim? Vou ter que me mudar para sua cama, para que acorde todo dia admirando meus músculos e minhas ereções matinais, assim ficará sempre de bom humor.

— Imbecil — ralho e me viro para sair.

— Por que está acordada a essa hora em um sábado? — ele pergunta.

— Tenho um encontro.

— Com o gay?

— Com o Samuel. Não seja implicante, eu não fico ofendendo as centenas de mulheres que você traz para sua casa.

Ele dá de ombros de novo.

— Poderia ofender, não me importaria. Na verdade, adoraria vê-la com ciúme.

— Com ciúme de você? Vai sonhando, estúpido.

Ele começa a se virar, enquanto fala:

— Não seja cruel, nós dois sabemos que você...

Então cala a boca e engole em seco enquanto avalia meu corpo. É um predador ali, me secando como se eu fosse uma carne succulenta. Meu primeiro impulso é dar um passo para perto dele e ver se consigo tirá-lo do controle, mas é Cleber, é preciso muito pouco para tirá-lo do controle. Assim como preciso de muito pouco para que eu entre em transe e o ataque, portanto, melhor sair logo antes que comece com esse joguinho.

Viro de costas e dou um passo, quando sua mão me alcança e ele me puxa pelo braço para junto dele, me empurrando até a parede e prendendo seu corpo no meu.

— Odeio essa sua mania de prender as pessoas contra as coisas — reclamo entredentes.

— Só faça isso com você, safadinha. E adoro, veja você mesma.

Ele passa a ereção pela minha barriga, e mesmo estando ele de bermuda e eu de toalha, posso sentir sua rigidez e minhas pernas vacilam. Esforço-me para manter a indiferença no rosto, mas falho miseravelmente e o maldito sorri vitorioso.

Placar de hoje, 2x1 pra ele, contando com o susto que levei. O meu pontinho é por tê-lo feito sair do sofá e me atacar, mesmo que não tenha me esforçado para isso.

— Então você vai sair com ele?

— Eu já disse que sim.

Estou com dificuldade em respirar, minhas pernas parecem gelatina e nesse momento estou pensando naquele sexo lagartixa que ainda não experimentei e tentando controlar meus pensamentos, para que a devassa não assuma o controle e eu acabe gozando no pau dele, presa a essa parede. Ah meu Deus! Para que fui pensar nisso? Ele passeia seus dedos por minha perna, onde a toalha não cobre, sinto meu corpo todo arrepiar, mas finjo que não está acontecendo nada. Ele continua sorrindo, me olha com tanta intensidade, que quase me afogo no verde

luxuriante de seus olhos. Tento desviar o olhar, mas ao olhar para baixo, me deparo com seu peitoral definido, aquela penugem que faz minha mão coçar para tocá-la, aqueles gominhos todos. Por que alguém tem que ter tantos gominhos? E por que a pessoa que tem, tem que ter a mania de exibi-los em meu apartamento? É tentação demais para uma pessoa tão recatada como eu, você não acha? Está vendo como é difícil ser uma mulher decente hoje em dia? Desejo que tenham um vizinho como Cleber um dia, para que entendam pelo que estou passando.

— Levando em conta o histórico de vocês, aonde ele vai te levar a essa hora da tarde de um sábado? Ao parque de diversões?

— Vai à merda. O que importa é que ele quer me ver, de novo.

— As coisas entre vocês estão ficando sérias — ele diz e mordisca minha orelha.

— Filho de uma puta — resmungo.

— O que foi vizinha? Onde está seu muro agora? Você o ama, não ama? Tenho certeza que posso esfregar meu pau na sua barriga e você não vai sucumbir ao desejo, porque o ama, estou certo?

Esforço-me para conseguir responder. De repente minha voz sumiu, os pensamentos sumiram, as palavras “esfregar meu pau” estão ecoando em minha mente. Mas consigo responder:

— Não sei de onde tirou que o amor deixa as mulheres insensíveis ao toque de um pau.

Ele começa a rir e morde meu pescoço, com força, me fazendo gritar.

— Ah Suzana! Isso, grita assim de novo e vou penetrá-la contra essa parede.

Sim! Não! O que estou fazendo?

Ele segura meu rosto entre as mãos e me olha.

— Por favor, vou sair com ele. Por favor Cleber, não faça isso — suplico.

Acho que um lampejo de mágoa passa por seu rosto. Ele me encara em choque, meio confuso, mas não se afasta. Quando volta a falar, sei que está chateado.

— É o que você quer? Perder o melhor sexo contra a parede da sua vida e ir para uma sorveteria com aquele gay?

Apenas assinto com a cabeça.

Ele sabe que se me beijar, não irei impedir. Mais do que isso, sabe que eu desejo que me beije, mas também sabe que não quero. Que vou fugir e culpa-lo depois. Ele afrouxa as mãos no meu rosto, acho que vai se afastar, mas de repente ele aperta mais forte, levantando minha cabeça até minha boca ficar na direção da dele e me beija. Sua língua domina a minha sem a menor chance de defesa. Seu corpo prende o meu contra a parede, os movimentos que ele faz me enlouquecem. Gemo em sua boca e ele faz o mesmo, aprofundando o beijo,

quando achava que isso não era possível. Sua língua me domina, ele faz coisas com ela que não achei que fossem possíveis, não consigo controlar meus gemidos, estou encharcada, excitada, louca para senti-lo em mim. Em momento algum ele tira as mãos de meu rosto, que continua segurando com força. Mas a dor não me incomoda, pelo contrário, me faz sentir presa a ele, dominada, me deixa ainda mais excitada. Quando estou prestes a implorar que ele termine aquilo logo, ele diminui o ritmo do beijo e finaliza mordendo meu lábio, com força.

Quando consigo abrir os olhos, ele ainda segura meu rosto, e diz:

— Pronto! Agora vá, saia com ele. Peça a ele que te beije desse jeito. Mas tem que ser exatamente assim Suzana, tem que calar sua boca, dominar seus sentidos e te deixar mole, implorando por mais. Porque se você não sentir exatamente isso, está fazendo a escolha errada.

Ele sai nervoso bate a porta, e eu me desmancho no chão da sala.

Ah Cleber, maldito! Eu nunca pensei que você fosse uma opção.

De alguma forma que desconheço, consegui me levantar, tomar outro banho e vestir uma roupa para encontrar Samuel. Pensei em cancelar, mas não posso fazer isso toda vez que meu vizinho deliciosamente tarado me agarrar. Estou em um começo com Samuel, não posso pôr tudo a perder. Para não me lembrar tanto do quase sexo lagartixa que tive há meia hora atrás, vamos falar sobre minha roupa. Estou de vestido. Mas, não é um daqueles longos, cobertos e sem graça que uso. É de alcinhas, com uma saia rodada e curta, e bem colado às minhas curvas. Eu sei, não uso essas roupas normalmente, mas quero ver se Samuel entendeu o recado, ou vai ter um ataque por causa da minha roupa.

Assim que me vê ele sorri, mas logo um imbecil que está saindo do nosso prédio assovia me olhando dos pés à cabeça e Samuel fecha a cara. Ele me abraça, me dá um beijo no rosto e diz:

— É por isso que não gosto dessas roupas. Quero seu corpo para mim, Suzana, não quero que nenhum outro homem veja o que é meu.

Ele pega minha mão e me guia até o carro, mas ainda estou viajando no que ele disse. Estou fantasiando ou ele está com ciúmes? É tipo, controlador e possessivo? Quer meu corpo só para ele? Foi a primeira insinuação a sexo que ele fez comigo. Não é um monge, isso me deixa totalmente de bom humor.

Mas meu bom humor morre cruelmente assassinado assim que chegamos ao nosso destino. O Parque Municipal. Estaco na entrada tentando entender. Ok, o parque é lindo, maravilhoso, mas é um parque! O que vamos fazer em um parque? As crianças correm para todos os lados, porque esse é o lugar delas! De crianças! De repente me lembro de Cleber insinuando que iríamos a um parque!

Maldito filho da mãe! Isso é praga dele! Maldito!

Encaro Samuel com toda minha decepção espelhada e ele sorri.

— Um parque? — pergunto com um fiapo de voz.

Depois de uma sorveteria, um parque. Onde será o próximo encontro? Numa matinê?

— Pensei que poderíamos andar um pouco, ver a natureza, deitar na grama. Andar na roda gigante, só nos dois.

— Mas, estou de vestido.

— Por isso não gosto dessas coisas curtas. Elas te limitam demais, não vê?

Ok, talvez eu seja tão perversa, que ache o parque um programa de índio, então tento me concentrar no lado romântico e inocente das coisas. Tem que haver um lado inocente ainda vivo em mim. Vamos lá, deitar na grama parece bom. E nesses filmes adolescentes românticos sempre tem o casal em uma roda gigante vendo o mundo todo lá de cima, e aí rola aquele beijo, certo? Mas estamos no Parque Municipal. A roda gigante aqui não chega a ser grande. Se queria ver o topo do mundo comigo, por que não me levou a Londres? Ou ao Guanabara pelo menos, a roda gigante de lá dá de dez nessa. Sim, estou sendo mal humorada. Não sou uma pessoa mal humorada. Não permitirei que o fato de Cleber na gozação tenha acertado nosso passeio da tarde estrague meu passeio. Ele não reclamou da roupa, não diretamente pelo menos, é um começo, certo?

Começamos a caminhar e agradeço a Deus o fato de ter colocado uma rasteirinha ao invés de um salto. Mesmo que usasse saltos baixos, andar no parque seria doloroso e lento. Logo nos primeiros minutos de caminhada, o ar puro, o lago, os pássaros, isso me acalma. Estava precisando de uma caminhada, para aliviar a tensão, o estresse, o tédio acumulado. Não sei por que não caminho no parque mais vezes. Olho para Samuel ao meu lado. Tão relaxado, sem toda aquela tensão sexual, sem a pressão de ter que fugir, percebo o quanto o admiro. O quanto ele representa algo que eu nunca tive, a normalidade.

Mas minha bolha romântica é estourada pelo próprio Samuel, pois não andamos nem dez minutos quando ele diz que está cansado e me conduz para a grama. Samuel estende um lençol sobre a grama e me observa. Tenho certeza que está esperando que eu mostre demais ao me sentar com esse vestido curto. E por estar em avaliação, me sento como uma diva, não mostrando nada que não deve ser mostrado. Ele franze o cenho, mas não tem do que reclamar. Quando me ajeito, ele segura minha mão e diz:

— Então, Suzana, preciso ser sincero com você.

É a hora. Ele vai me contar que é casado, mas está se separando da esposa, aquele bom e velho papo furado. Só isso explicaria o fato de um partidão como ele ainda estar disponível. Ou talvez vá falar sobre o tempo, ele é quase um

especialista nisso. E aí poderei me deitar nesse lençol e dormir. Mas ele me surpreende ao dizer:

— Quero um relacionamento sério, Suzana. — Então me olha de uma maneira que acelera meu coração por três segundos, antes de fazê-lo parar ao dizer. — Com uma mulher submissa.

Ai. Meu. Deus. Ele é um dominador. Um do-mi-na-dor! Quero sair pulando de alegria, quero arrastá-lo até o quarto imediatamente para ser dominada. Quero me casar com esse homem agora mesmo!

— Eu acho que você poderia ser essa pessoa, Suzana.

— Com certeza! — respondo de prontidão fazendo-o rir.

Vocês do team Cleber, falem agora que esse homem não é a escolha certa? Lindo, educado, atencioso e dominador. Estou no céu nesse momento. É pedir demais que uma chuva caia agora para que ele tenha que me levar para um lugar coberto, solitário e com uma cama enorme?

— Você entendeu bem que preciso que seja submissa?

— Entendi perfeitamente — garanto com um sorriso enorme que não quer sumir de mim.

—Você não parece ser o tipo que obedece.

—Ah sim, sou muito obediente.

Ele sorri e toca levemente meu rosto. Vai me beijar. Seu toque é leve, não me prende com aquela fúria de Cleber mais cedo. E não sei por que estou comparando. Fecho os olhos e me aproximo mais dele, e aí algo cai em cima de mim nos separando. É um garotinho, deve ter uns três anos. A mãe vem correndo afobada e pedindo desculpas, mas não me incomoda. Assim que eles se afastam, Samuel se levanta e me ajuda a levantar.

— Aqui não é o lugar certo para isso — diz.

Ele vai me levar para o quarto dele! Concordo e o sigo quase flutuando até seu carro. Para aumentar minha ansiedade, ele me leva a um restaurante, almoçamos enquanto ele fala do tempo. Eu não fazia ideia de que dava para ter tantas conversas diferentes sobre o mesmo assunto. Mas, começo a falar sobre dança, e imediatamente ele me conta a história da Academia e de como se descobriu um bailarino.

Eu sei o que está pensando. Ele dança balé, eu omiti essa informação. Mas não disse antes exatamente porque sabia que você faria essa cara. Ele não é gay. Um homem dançar balé não quer dizer nada. É a mesma coisa das mulheres que arrasam no hip hop. Não quer dizer nada.

A conversa melhora 100% quando o assunto passa a ser dança e saímos do restaurante diretamente para sua Academia. Torço que ele me peça para dançar para ele, mas ele não faz isso. É pedir demais que meu muso dominador possa

ler meus pensamentos?

Quando paramos na porta do prédio estou em êxtase. Descobrir que o amor da sua vida, que era aparentemente um puritano é na verdade um Dom, deixa qualquer mulher com o melhor dos humores. Quando entramos no elevador, espero que ele me agarre, que me beije e mostre seu lado Dom, mas ele é muito reservado. Tento provocá-lo, digo que estou com calor e mostro um pouco mais o decote, me recosto no enorme espelho e levanto uma perna enquanto ele apenas me observa. Não sei mais o que fazer e começo a desanimar quando ele finalmente se aproxima. Me dá um beijo casto na testa e diz:

— Prove que é uma boa menina e não use mais esse tipo de roupa.

Então me conduz pelo ombro para fora do elevador e permanece dentro dele. Enquanto as portas se fecham, me dou conta que estou no meu andar. E que precisarei me esforçar muito mais para fazer Samuel Alencar assumir seu lado dominador. E toda aquela euforia por ele ser um Dom desapareceu. Entro em casa desanimada, e a primeira coisa que ouço é o barulho do chuveiro.

— Mas, o que...

Em um segundo o barulho de água cessa, a porta do banheiro abre, e o maldito do meu delicioso vizinho aparece completamente molhado, usando apenas uma toalha da cintura para baixo. Aqueles gominhos todos e seu peitoral definido estão cobertos por pequenas gotículas de água. E tenho vontade de lamber cada uma delas.

— Já chegou vizinha? Onde foram afinal de contas?

— O que está fazendo aqui?

Ele aponta desnecessariamente para seu delicioso corpo molhado, eu não consigo olhar para outro lugar mesmo.

— Tomando banho.

— Tenho certeza que há um banheiro no seu apartamento.

Seu sorriso enorme aparece enquanto ele cruza os braços, claramente disposto a me irritar.

— Imagine você que meu chuveiro queimou.

Cruzo os braços também e o encaro:

— E o que eu tenho a ver com isso?

— Não tomo banho frio.

— Continuo perguntando o que eu tenho a ver com isso!

— Por que está de mau humor? Seu encontro foi ruim?

Dessa vez eu abro um sorriso.

— Não vou te falar sobre meu encontro, curioso. E não dou à mínima se é um fresco e não toma banho frio. Não entre em meu apartamento se eu não estiver aqui.

— Sinto muito Safadinha, mas meu chuveiro morreu. Você é minha única amiga nesse prédio, portanto terei que entrar aqui algumas vezes. Imagine você que tenho mania de tomar banho de madrugada. Vários. Talvez seja melhor eu dormir aqui de uma vez.

Ele é tão espaçoso que não duvido que queira mesmo dormir aqui. Para cortar essa ideia absurda, caminho a passos largos até seu apartamento. Enfio minha chave e a porta abre. Vou diretamente até seu banheiro e ligo o chuveiro. Um mundo de água quente jorra de três buracos diferentes de sua ducha, me ensopando. Resmungo um palavrão e ouço sua risada atrás de mim.

— Se queria tomar banho comigo era só falar, vizinha.

Estou furiosa. Quero matá-lo, estrangulá-lo, mas controlo a ira e pergunto com toda calma:

— Por que foi tomar banho no meu banheiro?

Ainda com aquele sorriso cafajeste de quem não vai falar sério, ele responde:

— Porque queria cheirar suas calcinhas que estão penduradas no box.

Arregalo os olhos e ele começa a gargalhar.

— Cleber, querido. Você não precisa disso. Você consegue uma boceta para cheirar com muito menos trabalho.

— Ah, Suzana, eu quero a sua.

Abro meu maior sorriso e digo:

— Querer não é poder, vizinho.

Então saio andando, mas ele me segue. Segura meu braço no corredor e me enlaça.

— Me solta!

— Não teve nenhum ataque? Não está excitada?

— Eu já disse que você não é essa Coca-Cola toda!

— Mentirosa! Eu sei que sou eu o responsável pelos seus ataques. É por mim que você queima, Suzana, não por ele!

— Cleber, não!

Ele aproxima sua boca da minha e uma voz nos faz afastar em um pulo.

— Suzana, o que está havendo aqui?

Samuel está parado no corredor, com minha nécessaire na mão. Devo ter esquecido no carro dele.

— Meu chuveiro queimou — diz Cleber de uma maneira quase ameaçadora.

Samuel tem uma careta horrível no rosto, quando me pega pelo braço e me arrasta até o elevador. Isso! O lado Dom! Estava aguardando por ele!

— Não quero você perto dele. Esse homem quer se aproveitar de você.

Pisco os olhos, confusa enquanto ele anda de um lado para o outro irritado. Ah Samuel, bem que eu queria ser aproveitada por Cleber. O que estou dizendo?

Foco Suzana, Samuel, amor, futuro marido, dominador. Encaro seus lábios e ele encara os meus de volta, espero que me beije, mas o elevador para no térreo, as portas abrem e ele sai andando. Sai andando e vai embora. Merda. Esse é o dominador mais controlado de quem já ouvi falar.

Foi uma noite estranha, acabo de chegar do Red, onde Cleber mais uma vez não apareceu. E a verdade é que depois desse papo de coisa mais séria e submissa com Samuel, talvez não queira que Cleber apareça novamente. Demorou demais, agora nem a Sue poderá ter o que quer com ele. Deixo a mala na sala e troco de roupa, quando a campainha toca. Meu coração dá um pulo, é provável que Cleber já tenha visto essa mala no camarim da Sue. Mas ele não bateria na porta, entraria sem avisar e me pegaria no pulo. Abro apenas uma brecha e Samuel está ali, então termino de abrir a porta. Ele me encara de uma maneira quase selvagem, e sem dizer nada, me puxa e me beija. Seus lábios são leves, seu beijo é lento, suave. Ele mantém a língua dentro de sua boca, deixando que apenas nossos lábios se toquem. É suave. Eu sei que já disse isso, mas apenas essa palavra fica passando por minha cabeça enquanto ele me beija. Suave, suave demais! Ele se afasta de repente e me encara. E não sei o que fazer. Não sei se gosto desse beijo, respeitoso demais, leve demais, como um adolescente daria o primeiro beijo, eu acho. Não, nem no meu primeiro beijo fui tão... fria. Eu o encaro e escondo a decepção que estou sentindo, mas acho que ele percebe, pois se vira e sai andando. Penso por um minuto em permanecer de pé na porta como um enfeite, mas corro atrás dele, o alcanço quando ele entra no elevador, as portas se fecham e antes que eu diga qualquer coisa, ele me puxa e me beija de novo. Dessa vez sua língua entra em minha boca, toca a minha e se retira timidamente. O toque de nossas línguas foi... suave. Inferno! Ele é um dom, não pode beijar tão fraco assim!

Talvez esteja apenas me testando, dando migalhas para depois pegar com força. Espero que seja isso, tem que ser isso. Afastamo-nos ainda nesse clima estranho. Ele abaixa a cabeça, parece se controlar, então me olha. Alguém acionou o elevador no térreo e ele desce, ficamos nos olhando, quando de repente, ele me beija de novo. Dessa vez enfia a mão em meus cabelos, mas faz apenas isso. Não usa esse apoio para me puxar mais para ele. Se fosse o Cleber...

Pensar nele me faz dar um passo atrás me afastando de Samuel, no exato momento em que a porta do elevador abre e alguém diz num tom raivoso.

— Boa noite, senhores.

Cleber

Estou em um bar, Sebastian está ao meu lado, e Matheus do outro. De nós três, o imbecil do Sebastian é o único que sorri de orelha a orelha, com aquela cara de idiota apaixonado. Matheus está como sempre suspirando, mas sua expressão não demonstra nada. E eu...

— Você está com uma cara ferrada de apaixonado — diz Matheus.

— E suspirando feito um maricas — completa Sebastian.

Essa é minha situação. Viro o copo de cerveja e não respondo. Levanto o dedo para o garçom.

— Desce outro balde.

Sebastian e Matheus riem da minha cara.

— Que bom que eu divirto vocês, palhaços.

— Nós podíamos apostar Matheus. Por quem o Cleber está apaixonado. Eu voto na dançarina.

— Não, ele a vê muito pouco, já a vizinha gostosa, está sempre ali, gemendo no quarto ao lado.

Solto um palavrão e fecho os olhos enquanto os dois estúpidos falam uma asneira atrás da outra. Mas fechar os olhos me faz lembrar dela, de seus olhos suplicantes para que eu a beijasse, quando dizia o contrário. De sua pele macia, o cheiro dela, o melhor do mundo. Estou mesmo ferrado, e com força. Eu a desejo. Mais do que isso, é uma necessidade. Só preciso entrar nela, uma vez que seja, e isso vai passar, mas preciso entrar nela. Nem que para isso tenha que mandar sumir com o gay bajulador. Nem que tenha que provocar ataques de seu lado devassa. Preciso tê-la, a Suzana, preciso que pelo menos uma noite, ela seja minha. Meus amigos babacas ainda estão tirando uma com a minha cara, então me canso de ser o palhaço da noite e decido ir embora. Noite de merda.

Assim que chego ao prédio e o elevador abre, quem eu vejo? Minha deliciosa vizinha. Mas não está sozinha. Seu rosto está vermelho, sua respiração acelerada e o gay está com a camisa desalinhada e o cabelo bagunçado. Estavam se beijando. Esse gay idiota tocou Suzana. Será que o beijo dele a agradou mais do que o meu?

— Boa noite, senhores — digo tentando controlar a ira que de repente me toma.

Quero ser um homem das cavernas. Quero bater a cabeça dele contra o espelho, pegar essa maldita pelos cabelos, arrastá-la até meu quarto, rasgar sua roupa e então meter nela com força, bem fundo, para que ela se lembre de que é

minha.

Mas que merda é essa? Ela não é minha. Estou enlouquecendo. Fecho a porta e os encaro, principalmente a ela, que abaixa a cabeça e finge que não estou ali. Quando chegamos ao nosso andar, dou boa noite ao gay e arrasto Suzana pelo baço. Espero que ela brigue, mas ela me deseja boa noite e bate a porta na minha cara. Sim, eu poderia usar essa chave e entrar, mas não farei isso. Coisas demais para minha cabeça em uma noite. Doses demais de Suzana para um dia. Ela é um veneno que vicia, mas como todo bom veneno, mata.

Levanto-me cedo no domingo, isso está se tornando um hábito, e sou adepto a dormir muito e acordar tarde. Mas, estou viciado, envenenado, chame da breiguice que quiser. Vou ao seu apartamento e me dirijo ao seu quarto, ela está dormindo, espalhada na cama, os lençóis agora são azuis, um tom escuro, e seu cabelo negro espalhado por esses lençóis provoca a minha ereção matinal.

— Bom dia, parceiro. Bom dia, safadinha.

Saio de seu quarto e vou preparar o café. Por um momento, penso em entrar naquela porta proibida. Toco o trinco, mas está trancada. Não vou mandar fazer uma chave dessa porta também, vou dar a ela o benefício de ter um segredo, por enquanto. Preparo o café distraído, e quando ouço a porta do quarto ser aberta, tiro rapidamente a blusa. Ficando apenas com a boxer preta. Ela vem andando esfregando os olhos, meio cambaleante, mas estaca quando me vê. E eu estaco ao vê-la.

A maldita gostosa está usando uma camisola transparente. Totalmente transparente. A renda reflete cada curva de seu corpo, e os bicos de seus seios estão apontados para mim, pedindo para serem chupados com força, mas não faço isso. Não faço nada. Fico ali parado olhando a perfeição de vê-la quase nua, enquanto ela parece não ter reação ao constatar que a estou vendo. Ou será que está satisfeita por me deixar totalmente petrificado por ela?

De repente ela dá meia volta e entra no banheiro, e eu jogo uma mão de água fria no rosto. Merda. Essa visão vai piorar muito as coisas. Quando reaparece, está usando um blusão. Imagino-a usando meu blusão do Homer Simpson, mas logo essa ideia some. Ela com meu blusão, que merda é essa?

— Bom dia, vizinha.

— Essa não é a sua casa. Você precisa parar de achar que é.

— Mau humor de novo? Você muda de humor mais do que de calcinha, adorável safadinha.

Ela bufa e se senta à pequena mesa.

— O que tem hoje?

— Não importa, você vai comer o que eu fizer. E vai amar. Aliás, você vai amar *qualquer* coisa que eu faça — enfatizo a palavra qualquer dando uma

conotação sexual.

Ela fica em silêncio uns segundos, depois diz, com a voz séria.

— Você está meio obcecado por mim.

Dou uma gargalhada e não digo nada.

— Essa coisa de ficar me rondando, entrando em meu apartamento e tentando me agarrar está ficando chata. Talvez você devesse procurar um psicólogo. Ou uma garota de programa, ao invés de ficar entrando escondido aqui para me pegar desprevenida.

— É domingo de manhã, querida vizinha. Você sabia que eu estaria aqui fazendo o café, portanto, se apareceu com aquela camisola malditamente sexy, é porque queria que eu visse seus seios.

— Se eu quisesse que você visse meus seios, simplesmente os mostraria a você. Não precisaria fazer mais do que isso para você ficar duro, mesmo.

Eu a encaro em choque.

— Olha só quem está atrevida essa manhã!

Ela dá uma risada deliciosa que reverbera por todo meu corpo, indo parar no meu pau. Faço menção de ajeitá-lo na boxer, mas ela grita.

— Nem pense em tocar no pau enquanto prepara meu café. Não me diga que tem o costume de fazer isso.

— Ingrediente secreto.

— Que nojo!

Ela abaixa a cabeça na mesa enquanto sirvo o café. É estranha a forma como a desejo, de uma maneira que tira meu sono, mas quando estou com ela assim, tão perto, sinto uma calma quase alarmante. Acho que fico bem perto de mulheres gostosas. Só pode ser isso.

— Vai me falar sobre o encontro, agora? — pergunto depois que ela termina de comer as torradas.

— Nem agora, nem nunca. Não seja fuxiqueiro.

— Se não quer contar, é porque foi ruim. Foram ao parque?

A careta que ela faz me deixa uma dúvida de que o imbecil a levou mesmo ao parque, mas ela logo desconversa e um sorriso surge em seu rosto. Esse maldito sorriso aparece toda vez que ela vai dizer algo que vai acabar com meu ego. Agarro a xicara de café e espero a punhalada.

— Já que você não tem uma amiga para fazer mexericos com você, vou te contar apenas uma coisa das muitas que aconteceram ontem.

— Meus ouvidos estão à sua disposição. Assim como o resto do meu corpo.

— Dispenso. Então, você não vai acreditar no que o Samuel me disse.

— Que o calor que estamos vivendo, foi provocado pelo buraco...

— Não! — ela grita rindo. — Ele me disse que é um dominador.

Engasgo com o café e a encaro.

— Só pode ser brincadeira.

— Mas, não é. Também disse que quer um relacionamento sério, mas essa parte foi menos importante.

— Aquele gay, amante de sorveteria de jeito nenhum é um Dom.

— Não seja invejoso.

— Não seja iludida. Você já conheceu um Dom? Em primeiro lugar, um Dom não diz assim que é dominador, ele não é. Está mentindo para te levar para a cama.

— Ele não tem que inventar histórias para me levar para a cama, estou quase implorando a ele que faça isso. E sim, ele é, deixou bem claro que precisa de uma mulher submissa.

Eu a encaro por um segundo, dois, e no terceiro, não me aguento de tanto rir. É hilário, divertido e a melhor notícia que eu poderia receber num domingo de manhã. O cara é um idiota, e Suzana, bem, ela é um furacão. Que não pode ser controlado. Um merdinha como ele nunca vai tornar Suzana uma submissa.

— Não entendo qual é a graça — ela diz irritada.

— Ah safadinha, adoro essa sua mente pervertida e sonhadora, mas terei que estourar sua bolha erótica. Ele não quis dizer que é Dom, apenas que você deve ser submissa.

— Não existe submissa sem um Dom.

— Ele não estava falando no sentido sexual.

Ela parece confusa, e tento explicar melhor.

— Infelizmente para você, felizmente para mim, ele não a quer submissa na cama, Suzana, aquele merdinha nem deve pronunciar a palavra sexo. Ele quer que você o obedeça. É desse tipo de submissão que ele está falando.

— Não pode ser.

— Mas é. Ele quer dar ordens. Tipo, escolher com quem você vai andar, aonde vai, como vai vestida, essas coisas. E a deixou avisada que você terá que obedecê-lo.

Seus olhos parecem perder o foco. Penso se devo me aproveitar e beijá-la, mas ela parece realmente decepcionada.

— Não é verdade! Ele é um Dom, vai me amarrar, me vendar e me foder bem forte.

Porra! Meu pau já está aqui alerta ao que ela acaba de dizer.

— Suzana — digo muito sério e ela me encara. — Eu sou um Dom. Dominador sexual. Adoraria fazer tudo o que acabou de dizer. E ainda te dar umas chicotadas por ter me feito esperar tanto.

Ela me encara parecendo não estar ali, depois volta a si e se levanta.

— Saia do meu apartamento e não ouse aparecer aqui. — Então sai andando em direção ao quarto.

— O que vai fazer? — pergunto.

— Me afogar em vodca e em chocolate, usando minha lingerie furada, agora saia daqui.

— É amigo, escolhemos a submissa errada. Essa aí de submissa não tem nada — digo ao meu pau e nos retiramos tristes da casa da vizinha.

Não ouvi barulho algum do apartamento ao lado, seria alarmante se a luz não estivesse acesa. Fico o tempo todo alerta, esperando ouvir alguma coisa, um choro, um gemido, para correr até ela, mas não escuto nada. Apenas o telefone dela tocar. Ele toca, toca e ela não atende. Deve ser o gay. Ela não quer atendê-lo, consegui deixar o caminho livre para meu pau. De bom humor, resolvo sair, se ficar aqui, acabarei no quarto dela em poucos minutos, atormentando-a. E talvez ela precise mesmo desse momento depressivo dela.

Tomo um banho cantarolando, me visto e saio. Caminho pelas ruas de Belo Horizonte, quando canso de andar, pego um táxi, peço apenas para darmos voltas pela cidade. Mas, o trânsito está parado justamente em frente ao Red. Não é comum trânsito em noite de domingo, então só pode ser um sinal. O show de Sue está no fim, e ela não me vê enquanto deixa o palco. Vou para a parte de trás, estendo a nota para o segurança e entro em seu camarim. Ela amarra a máscara de volta no rosto imediatamente e me olha espantada.

— Sou eu — digo para acalmá-la, e ela sorri.

Hoje ela é uma dançarina de dança do ventre. Sua roupa dourada, destaca sua pele morena, e se encaixa perfeitamente em suas curvas. Sua máscara dourada esconde quase todo seu rosto, inclusive os lábios. Mas estou proibido de chegar perto deles, mesmo. Pelo menos por enquanto.

— Pode dar uma volta? — grito.

Seu sorriso some dando lugar a tensão.

— Qual o problema? Achei que sentiria minha falta.

— Achou certo. Eu senti. Mas não é o momento de sair com você.

— Não podemos ficar aqui. Vai acontecer como da última vez.

— Eu sei.

— Então venha comigo.

Ela ainda parece indecisa. Mas, de repente assente e anda até o corredor. Então me encara ao me ver estacado ali, dentro do camarim, olhando-a como se ela fosse louca.

— Qual o problema, Cleber Dantas? Acaso sentirá vergonha se eu for vestida assim?

Olho para seu corpo descoberto. Se sairmos na rua com ela vestida assim, todo mundo irá olhá-la, todos os homens irão desejá-la, mas ela estará comigo.

— Está brincando? Serei o homem mais invejado da cidade.

Pego sua mão e acho que ela parece aliviada. Nós andamos pela Praça da Liberdade, alguns quarteirões depois do Red. Como eu previ, todos a olham. A maioria dos olhares, infelizmente, é de desaprovação. Mas ela não está nem aí. Quando chegamos à praça, não há mais o barulho de carros e sons, poderei finalmente conversar com ela em paz. Sentamo-nos em um banco, e puxo suas pernas, mantendo-as em cima das minhas. Ela apenas sorri, vejo o reflexo de seus dentes através da renda da máscara.

— O que faz quando não está no Red?

Ela parece tensa, olha para baixo, de repente olha para cima e desvia o olhar.

— Você não gosta de liberar informações, tudo bem, entendi. Vou mudar a pergunta. O que quer fazer agora?

Espero ouvir sua voz, mas ela sorri. Tira as pernas do meu colo e se vira no banco, deitando a cabeça no lugar onde as pernas estavam. Então olha para cima. Sorri ao ver minha cara confusa e aponta para cima. Está olhando as estrelas. Não era bem assim que eu esperava fazê-la ver estrelas, mas realmente é um espetáculo a parte. Pouco depois, ela se senta, aproxima-se devagar e morde meu pescoço através da renda. Quero tirar essa máscara dela, mas sei que ela fugiria. Esconde alguma coisa, e esse mistério me deixa ainda mais intrigado para desvendá-la. Não aguento e beijo sua boca, por cima da renda. Ela se assusta, mas a seguro e a mantenho ali. Nossas línguas não podem se tocar, mas sinto o calor de seus lábios. Desço minha mão livre por seu braço e toco a curva de seus seios. Ela usa um colar enorme que praticamente cobre seu colo, mas a curva dos seios está à mostra. Ela geme na minha boca e é o bastante.

Levanto-me e a puxo, guiando—a até um motel mais próximo. Ela vem atrás de mim rindo, e quando paramos perto de um bar com música ao vivo, para e me puxa.

— Onde acha que está me levando? — grita.

— Preciso estar em você em dez minutos ou juro que vou enlouquecer.

Ela sorri e nega com a cabeça. Pega minha mão e me guia para o lado contrário. Caminhamos cerca de cinco quarteirões, sempre que pergunto onde estamos indo, ela sorri. Quando chegamos perto de um condomínio, entendo que ela está me levando ao seu apartamento.

Como previ, ela sorri para o porteiro que nos deixa passar, pegando apenas meus dados. Então, me dá um beijo rápido e sussurra que eu espere ali embaixo. Imagino que vá trocar de roupa, ou algo assim, mas meu celular apita, e quando vejo, é uma mensagem dela:

Miss Sue: *Sou uma dançarina, apenas isso. Não pense que vou transar com vc no primeiro encontro.*

Não pode ser sério. Sento-me na escadaria de entrada e digito uma resposta.

Cleber: *Vc é uma mulher, acima da dançarina. Precisa disso tanto quanto eu.*

Miss Sue: *Sou uma mulher controlada, que pode perfeitamente tomar um banho frio. Vá para casa. Nos vemos na sexta?*

Cleber: *Por que não amanhã?*

Miss Sue: *Não trabalho amanhã.*

Cleber: *Talvez vc pudesse me deixar entrar, só para conhecer seu apartamento.*

Miss Sue: *E vc acabaria no meu quarto.*

Cleber: *Se Deus quiser.*

Miss Sue: *Até sexta.*

Cleber: *Malvada.*

Miss Sue: *Vc já sabe onde moro, sr. Convencido. Isso basta para um primeiro encontro.*

Cleber: *Isso não foi um encontro, Fada. Vc vai saber quando for o primeiro. E ele vai acabar no meu quarto.*

Miss Sue: *Estava demorando para o ego aparecer. Boa noite. Obrigada pela carona.*

Cleber: *Disponha. Sonhe comigo.*

Miss Sue: *Sempre.*

Saio dali ao mesmo tempo frustrado e meio encantado, ela é uma fada, e está me prendendo em seus encantos.

O dia está péssimo, Sebastian está de mau humor, e Celina atirando coisas pela empresa. Matheus nem se deu ao trabalho de sair de sua sala, até mesmo Gil, o bom humor em pessoa, está cabisbaixa foleando revistas de homens pelados em sua mesa. Corro o risco de ser atingido por um sapato voador, mas me aproximo de Celina. Ela não me diz bom dia, não me diz nada. Simplesmente me segue até minha sala e se joga numa cadeira.

— Qual das duas?

Jogo-me na cadeira da frente.

— As duas.

— Merda.

— Dupla.

Ela me avalia.

— Você está apaixonado — diz sem rodeios.

Quero negar, dizer que só quero comer, mas o que é esse desejo louco senão paixão? daquelas avassaladoras, de tirar o fôlego, o sossego e o sono?

— Sim, estou apaixonado. Mas, é dessas paixões obsessivas que acabam assim que são consumadas.

— É o que todos dizemos quando percebemos que nos apaixonamos. Se quer a verdade, não caia nessa. Assim que for consumada ela vai aumentar. Então vai aumentar de novo e na primeira briga de vocês, vai virar amor. E aí, já era. — Ela faz um gesto de um pescoço sendo cortado e por um momento penso em sair correndo do país. — Fada ou bruxa?

— Merda dupla.

Ela me encara com um sorriso enorme.

— Uau! Quando desejei que se apaixonasse não quis dizer que fosse por duas mulheres, acredite, uma só já bastaria para acabar com você.

— Preciso de frases encorajadoras, não coisas que eu já tenha percebido. E você não me disse para me apaixonar, você rogou uma praga. Coisa de bruxa, o que você é.

Ela continua sorrindo.

— Qual delas você quer mais?

— Isso é como perguntar qual das gêmeas indianas é mais bonita. As duas.

— E se as duas estiverem nuas, cada uma em uma cama, ambas chamando por você, para qual cama você iria?

— Eu pegaria a fada e a levaria para a cama da bruxa, então seria o homem mais feliz do planeta.

— Não há essa opção.

— Se eu soubesse responder isso não estaria pagando sua hora.

— Você não paga minha hora, e não haveria dinheiro no mundo que valesse a pena, caso quisesse pagar. Então vá, coma as duas e seja feliz.

— E se... — Quero perguntar, mas as palavras não saem, tenho dificuldade de falar essa palavra, sempre tive, acho que tenho alergia a ela.

— E se... — Celina me encoraja a continuar.

— Eu estou apaixonado pelas duas. Aí vou consumir essa paixão com as duas. E se você estiver certa e isso não basta?

— Eu sempre estou certa. Qual o seu medo?

— Se não basta com as duas.

Ela sorri de uma maneira doce, o que quer dizer que vai me dar uma sentença de morte.

— Você não vai amar as duas, Cleber. Amor é mais do que isso. Se você tiver as duas, e não basta, seu coração irá escolher apenas uma delas.

— Essa maldita Suzana me paga! — esbravejo.

A tarde depois disso foi um borrão. Muitas coisas para fazer, viagens para agendar, e meus amigos marmotas me enchendo o saco. Teremos uma reunião essa tarde, se não fosse isso, já teria ido embora. Entro em minha sala após o almoço e me deparo com um envelope em minha mesa. Gil ainda não voltou de seu horário de almoço, ela normalmente faz três horas de almoço, nem posso imaginar o que faz com tanto tempo, então não foi ela quem o deixou aqui. Assim que abro o maldito envelope, vejo uma letra que não via há exatos cinco anos. Desabo na cadeira atrás de mim e minhas mãos querem tremer, engulo em seco e volto a ler as palavras escritas ali.

Reunião hoje? Tenho o direito de participar.

H.M.

Heitor. Vai participar da reunião.

Estamos em volta da mesa enquanto Celina explica algumas coisas ao lado de Sebastian, mas não presto atenção, estou com o olhar focado na porta. De repente vejo um vulto de cabelo vermelho se aproximando, mas é Gilcelle. Respiro aliviado e todos me olham. Estou suando frio, entrando em pânico, pensando em me jogar pela enorme janela de vidro atrás de mim. Estou inquieto. Vejo Gil me encarando, Sebastian me encarando, Matheus me encarando. Não sei quanto tempo falta para isso acabar. Pergunto a Gilcelle por SMS e ela responde que faltam trinta minutos, me pergunta se estou bem, e repondo que não. Não estou bem, estou desesperado. Heitor vai fazer sua entrada triunfal.

Tipo final de novela mexicana, sabe? Vai entrar aqui no minuto final, quando eu começar a respirar aliviado e jogar tudo no ventilador. Vai tirar meu cargo, assumir minha empresa e meus amigos. Acho que olho tanto para a maldita porta, contando segundos, que esqueço de soltar o ar, e minha cabeça fica zonzinha. Matheus imediatamente corre até mim, a reunião é dada como encerrada e ele e Gilcelle me arrastam até minha sala. Na verdade, Matheus praticamente me carrega até minha sala, com Gilcelle a tiracolo.

— O que está acontecendo, Cleber?

— Acho que tive uma queda de pressão — digo, o que não é de todo mentira.

Ele e Gil me olham como se eu fosse um criminoso, e me sinto exatamente assim. O maldito está me cercando, me assustando. Detesto que ele tenha o poder de me deixar em pânico desse jeito, e detesto mais ainda que ele saiba que tem esse poder. Está jogando comigo.

Olho para meu amigo, preocupado comigo, sei que atrapalhei a reunião. Às vezes penso em deixar a V.D.A., mas sei que se fizer isso, Heitor assumirá meu lugar. E se ele fizer isso, eu o matarei. E nenhum de nós dois ficará com a V.D.A.. Talvez isso seja o melhor para Sebastian e Matheus afinal de contas.

— Cleber, eu sei que está com algum problema. Por que não nos diz o que está acontecendo? Divida e será mais fácil — diz Gil de um jeito amável que não combina em nada com ela.

Penso em contar, mas sei que vai ser pior. O céu lá fora já está escuro, de repente me sinto muito cansado, eu só preciso ir para a casa.

— Não está havendo nada, de verdade. Só estou cansado.

— Você precisa manejar as noitadas, cara — diz Matheus.

— Eu sei.

Então noto que os dois estão ali.

Matheus e Gilcelle não ficam perto sem brigar há muito tempo.

— Gil, pode pegar uma pasta para mim no arquivo?

Ela parece confusa, mas concorda.

— Qual?

— Qual o que?

— Pasta — ela diz revirando os olhos.

— Uma verde, na gaveta de baixo, à esquerda.

Ela vai para a sala do arquivo procurar a pasta inexistente.

— Matheus, pode pegar o Jack?

Ele assente e vai até a adega, e então me levanto e saio sem fazer barulho. Mas, me certifico de trancar a porta e mantê-los lá. O olhar que recebo de Matheus quando percebe o que fiz, não me assusta.

— Boa noite, e boa sorte — digo pausadamente para que ele leia meus lábios.

A última coisa que vejo depois que ele pragueja, é ele virando a garrafa de Jack Daniels goela abaixo.

Após um banho demorado, e meia hora rolando na cama, aquela sensação de que tudo vai dar errado permanece. Não sei mais o que fazer com Heitor. E nem quero descobrir essa noite, quero apenas descansar. Penso em tomar uma boa dose de Uísque, mas costumo ficar ligado quando bebo, então só me resta contar carneiros.

— Maldito carneiro um, maldito carneiro dois, maldito Heitor trapaceiro, filho de uma puta!

Cubro a cabeça com o travesseiro. Preciso de algo que me relaxe. Toco meu melhor amigo, mas está apagado. Nem mesmo meu pau colabora essa noite.

Entenda que não queria procurá-la, vou apenas ver se está tendo algum ataque, e torcer que tenha um. O apartamento escuro está no mais absoluto silêncio. Ando na ponta dos pés até sua porta, a abro devagar e caminho assim, sem fazer barulho, até sua cama. Acendo o abajur na cabeceira e ouço um palavrão:

— Não basta entrar no meu quarto como um ladrão na madrugada, ainda tem que acender a luz na minha cara?

— Boa noite, vizinha. — Involuntariamente já estou sorrindo.

Ela se vira para mim, e meu pau acorda. O decote da camisola que usa deixa pouco para a imaginação.

— Olá, amigo traidor — digo olhando a ereção que aponta em meu short.

Ela segue meu olhar e arregala os olhos, então os desvia para o teto.

— O que quer aqui?

— Dormir.

Ela me encara novamente.

— Tenho certeza que há uma cama no seu apartamento.

— Na minha cama não há uma mulher extremamente atrevida e devassa.

— Nessa também não! — diz se fazendo de indignada.

Jogo-me em sua cama e me enfio debaixo de seu lençol. Ela arregala ainda mais os olhos e se senta.

— O que acha que está fazendo? Saia da minha cama agora mesmo!

— Não grite, safada. Vai acordar os vizinhos!

— Cleber, saia da minha cama!

Ela tenta se levantar, mas eu a puxo para meu corpo. Ela cai com tudo em cima de mim e a prendo em meus braços, minha ereção ficando deliciosamente aninhada no meio de suas pernas, apenas nossas roupas íntimas entre elas.

— Me solta!

— Acalme-se mulher! Somos amigos, lembra? Amigos dormem abraçados.

— Só no seu mundo — ela responde, mas fica quieta, quentinha em meus braços.

— Sabia que tenho prestado atenção em cada som que sai de seu quarto à noite?

— Não consigo encontrar um motivo para isso.

— Espero ansiosamente um ataque da devassa.

Estou relaxado com ela em meus braços, tão relaxado que quando falo desses ataques, ela sai de perto de mim e deita—se ao meu lado, seu corpo totalmente tenso.

— Precisamos falar sobre isso — digo.

— Não quero falar.

— Desde quando tem esses ataques?

Ela bufa antes de responder baixinho:

— Não quero falar sobre isso.

— Você precisa falar com alguém.

— Que não vai ser meu vizinho pervertido.

— Suzana, querida, você pulou nos meus braços seminua e me pediu para te comer de quatro. E eu fui um bom moço, muito bom moço ao recusar. Acho que mereço um crédito.

Ela me encara finalmente.

— Não tive um bom dia. Na verdade tudo foi uma merda. Eu só quero dormir, com você. E quero saber o que aconteceu — insisto.

— Meu dia também não foi bom — ela diz soltando um suspiro de lamentação.

— Então vamos falar um pouco. De onde veio isso? Você... — Imaginar que o motivo de seu lado devassa seja o que estou pensando me faz sentir uma ira fora do comum. — Sofreu algum tipo de abuso?

Ela me encara, como se estivesse me avaliando, mas sinto que é sincera ao responder.

— Não. Nunca sofri nenhum abuso. Não foi isso.

— Então o que foi? Alguma coisa aconteceu, Suzana, o que foi? Fale comigo.

— Foi a criação que eu tive, Cleber. Foi assim. Por favor, não faça mais perguntas.

Sua voz falha no final da frase, e sei que está sendo forte ao não chorar, sei que esconde alguma coisa realmente triste que não quer dividir. E tenho vontade de saber, quero saber o que a aflige tanto, quero que ela confie em mim, que saiba que estou aqui, que ela não precisa guardar isso só para si, pode me contar, eu vou entender, e vou cuidar dela. É isso que quero, quero cuidar dela, apenas isso. Rodeio seu corpo com meu braço e ela se aconchega a mim, como uma

gatinha, passa o rosto pelo meu, depois por meu peito, a abraço mais forte, ela passa as pernas por cima das minhas, sinto que está mais calma. Estranhamente também estou mais calmo, bem mais calmo. Como se não tivesse um mundo desabando em minha cabeça lá fora.

Fecho os olhos, respiro seu perfume, e durmo.

Suzana

Alguém me sacode, mas meus olhos insistem em não abrir.

— Suzana. Acorde, você precisa ir trabalhar.

— Vai você — consigo dizer apesar da preguiça.

Estava em um sono tão bom, tão gostoso, tão aconchegante, por que alguém tem que me acordar?

— Vamos safadinha linda, acorde.

— Cleber que merda! Vai pra porra da sua casa e me deixe matar aula.

Sua gargalhada faz meu corpo todo arrepiar, mas controlo essas reações e quase adormeço de novo, quando me sinto ser carregada.

— Que merda — murmuro.

— Estou apenas cuidando de você, adorável safadinha.

Faço um esforço enorme para abrir um olho e vejo que Cleber está me carregando.

— O que está fazendo?

— Te acordando. Sou muito bom em despertar mulheres. Tanto no modo fácil quanto no difícil.

— E em qual modo está me despertando? — pergunto já de olhos fechados de novo.

— Veja você mesma — ele diz antes de me jogar no chão, e em seguida uma ducha fria me cobrir, fazendo-me berrar por causa do gelo da água.

Agora estou com os olhos totalmente abertos, enquanto Cleber me avalia com um sorriso enorme.

— Filho de uma mãe! Isso não foi legal!

— Foi a maneira difícil. Ela é a mais eficaz. Você, minha cara, é muito preguiçosa, e manhosa também.

Respiro fundo e finjo que vou controlar a raiva, mas não pretendo fazer isso. Em um segundo agarro a perna de Cleber, e no segundo seguinte ele cai por cima de mim embaixo da ducha fria.

— Bom dia, senhor convencido.

Ele está rindo, muito, se ajoelha saindo de cima de mim e resmungo:

— Pelo menos pode deixar a água quente? Água fria em uma terça de manhã é como pagar pelos pecados do fim de semana, e não pequei esse fim de semana.

— Posso me lembrar de alguns pecados seus, safadinha — ele diz mas muda a água para quente.

Então, senta-se no chão e me puxa para o colo dele.

— Você está mesmo precisando de uma namorada — digo me aconchegando a ele.

Não quero fazer isso, mas ele é forte demais, durinho demais, gostoso demais, e aperta tão forte!

— Por que diz isso? — sussurra na minha orelha.

— É carinhoso demais para um perverso. Achei que fosse mais bruto

— Ah, mas eu sou bruto. Bruto mesmo. Posso te provar, se quiser.

— Hoje não, senhor convencido. Agora me solte ou vou me atrasar.

— Você nem pretendia ir.

— Para dormir. Já que me acordou do jeito difícil, vou terminar o dia do jeito difícil.

— Não é tão difícil ficar no meu colo no chão do banheiro.

— Ah, é sim. Isso é extremamente difícil.

Ele volta a gargalhar enquanto me levanto.

Estou nervosa. Muito, por sinal, mas Cidão está aqui. Andando ao meu lado, com uma mão depositada em minhas costas de maneira protetora.

— Vai dar tudo certo — diz baixinho quando avistamos a figura pequena sentada em um banco.

O lugar é bem iluminado, estou vestida de Miss Sue, mas não chamo tanta atenção quanto chamaria se estivéssemos no centro da cidade. Estamos na orla da Lagoa da Pampulha, um ponto turístico de Belo horizonte. Muitas pessoas passam por nós se exercitando. A nossa frente, a lua reflete na lagoa, dando um brilho prateado às construções que a rodeiam. É um lugar lindo.

O detetive se levanta quando nos aproximamos. Cidão toma a frente e toca sua mão.

— Botelho.

— Big Cid.

— Essa é Miss Sue.

— Sei quem ela é. — Ele aperta minha mão. — Como vai senhorita Suzana?

Tento esconder o choque que me toma, dou um sorriso frio e o cumprimento

— O que precisa de mim, Big Cid?

— Na verdade, Sue precisa. Você a tem seguido. Queremos saber por quê.

Ele me avalia com uma expressão neutra, não consigo decifrar se está me ameaçando, ou apenas avaliando o que quer falar.

— Fui contratado para descobrir uma informação sobre ela.

— Cleber te contratou para saber sobre Suzana, ou Sue? — pergunto.

Ele sorri antes de responder.

— Suzana, sua vizinha.

— Então por que me seguiu até o Red?

— Porque fiquei curioso. Acredito que em breve ele me pedirá mais informações.

Encaro Cidão que passa um braço em volta da minha cintura e diz, com um tom ameaçador:

— Suzana está sob minha proteção, Botelho. Nada sobre ela deve ser dito a ninguém.

Botelho apenas assente.

Cidão é um negro alto, coberto por tatuagens e de fala grossa. Mais do que isso, é muito respeitado no estado, é conhecido e temido. Não sei seus podres, o que apronta, nem quero saber. Sempre foi bom para mim, e para os funcionários do Red. Imagino que não impôs esse respeito falando grosso ou lançando olhares ameaçadores, mas não me interessa saber o que já pode ter aprontado.

— O que já disse a ele? — pergunto.

Ele me encara e não pretende responder, mas Cidão pergunta:

— O que disse? Responda a pergunta dela.

— Nada demais, só me perguntou se era comprometida.

— Então por que seguir Miss Sue? Como chegou a ela?

— Sei que ele também está interessado na personagem. E sei que não sabe que vocês duas são a mesma pessoa. Mas não vou contar isso a ele. Contando que não conte que a segui.

Cidão aperta minha cintura e faz um leve movimento com a cabeça que com certeza Botelho percebe.

— Não vou dizer nada. Se não for preciso — digo.

— E não direi nada sobre você.

— Nem mesmo se ele pedir?

Ele parece discordar, mas algo no rosto de Cidão o faz assentir.

— Nem assim. De minha boca Cleber Dantas não saberá que você é a vizinha por quem ele está interessado.

Cidão pede que eu vá dar uma volta, enquanto fala com o detetive, e depois do que me parecem horas está ao meu lado.

— Então?

— Ele não vai dizer nada, Suzana. Que história é essa de que você é vizinha de Cleber Dantas?

— Ele me conheceu como Suzana, a professora. Nós tivemos alguns desentendimentos. E depois, ele me conheceu como Sue.

Ele para de andar e parece genuinamente surpreso.

— Está me dizendo que o homem se interessou por você duas vezes? Pelas suas duas faces?

Concordo com a cabeça e ele começa a gargalhar, enquanto puxa meu braço e apressamos o passo.

— Ah Suzana, a vida ficou muito mais divertida depois que a contratei.

— Que bom que sirvo para diverti-lo.

— Vai dar tudo certo, garota. Não tem com o que se preocupar.

— Não sei, algo me diz que esse detetive não é do tipo que deixa de receber um trabalho só porque foi ameaçado por algum cafetão.

Ele ri mais ainda.

— Não, ele não é. Se Cleber perguntar, ele vai falar. Pelo menos, não vai investigar mais nada sobre você, e nem falar se não for perguntado.

— E o que vou fazer?

— Torcer para que Cleber não pergunte.

Capítulo 09

Suzana

Estou cantarolando no banho. Mais do que isso, estou dançando também. Rebolo, bato palmas, faço os passos da coreografia nova que peguei na internet. Estou me sentindo a dançarina de banheiro profissional. Preciso cantar, gritar e parecer louca, para ficar melhor. A verdade é que tudo está uma bagunça. Vou explicar melhor, tudo o que era certo na minha vida está uma bagunça, e o que era uma bagunça, está certo. Entendeu? Hoje você está lenta, hein!

Samuel e eu não nos falamos nos últimos dois dias. Sei lá, parece que não há o que ser dito. O maldito quer que eu ande de burca e seja sua escrava, e não escrava de uma forma boa, mas um bibelô que ele pode controlar. Ok, o cara pode ser bonito, educado, fino, rico e dono do que considero o melhor lugar do mundo, mas ele nem beija bem! Não pode realmente pensar que tem o direito de controlar a vida de alguém assim.

Já com Cleber, bem, está tudo na mais absoluta paz. Lembra quando ele se mudou e disse que seríamos amigos? Não é que somos mesmo? É fácil estar perto dele, apesar da tensão sexual que ele sempre provoca em mim, é divertido. Ele é divertido. É leve, brincalhão e muito safado. Ah, e mentiroso! Lembra que ele disse também que não flertaria mais comigo? Ele flerta, o tempo todo. Faz isso tão naturalmente e com tanta frequência, que quando vejo já estou flertando com ele também. É automático, qualquer mulher no meu lugar responderia da mesma forma. Ou o agarraria mesmo.

Agora estou aqui, cantando pela minha vida bagunçada, pelos sonhos misturados, e por toda excitação acumulada, já que há dias não consigo ter um momento bom com meu Huguinho.

De repente, paro de cantar e aperto a bucha na minha mão. Sabe quando você tem aquela sensação de estar sendo vigiada? Seguida? Observada? Estou com essa sensação. Eu odeio essa sensação, porque sei que estou sozinha em casa, e se alguém está me observando, é do além. Sim, pode rir, sou cagona mesmo, mas duvido que alguma de vocês, quando está sozinha em casa e sente aquele ventinho no cangote, não reza dez Ave Marias e se arrepende de todos os pecados para que Deus tenha misericórdia da sua pobre alma. Estou assim nesse momento. Fecho os olhos, respiro fundo, e duas mãos aparecem no box do lado de fora.

— Que merda! Vou ter que trancar a porta do banheiro também?

Cleber dá uma gargalhada e duas batidas no box. O vidro do box é bem escuro, mas posso ver o contorno de seu corpo perfeitamente, então ele também pode ver o meu. Eu deveria me cobrir, mas a toalha está do lado de fora, e não o convidei a entrar, ele entrou, que assista o que veio assistir. Passo a bucha vagarosamente pelos meus braços, pela barriga. Cleber encosta a cabeça no box, posso ver seu nariz amassado e continuo meu jogo. Subo a bucha para meus seios.

— Caralho — ele pragueja.

Então a desço. Passo pelas minhas pernas, volto a cantarolar e a subo pelas minhas coxas. Não a toco no meio das minhas pernas, pois saber que ele está ali, do outro lado, e eu aqui, nua, já me deixa excitada o bastante. Não preciso tocar essa parte que pulsa para ter um orgasmo na frente dele. Não mesmo. Desligo o chuveiro e escuto apenas o silêncio.

— Pode me passar a toalha?

— Você... vai abrir o box?

Ele está gaguejando? Me seguro para não rir.

— Só o bastante para pegar a toalha.

— Eu poderia abrir esse vidro e te agarrar agora mesmo.

— Poderia, mas não vai fazer isso, você quer que eu implore, para alimentar seu ego.

Sua gargalhada está rouca e carregada, muito diferente da escandalosa habitual.

— Ah minha safadinha preferida, na verdade, estou pouco me lixando para meu ego nesse momento, estou preocupado com meu pau. E ele, só quer que eu abra esse vidro e a tome agora mesmo.

Antes que eu responda ele abre o vidro, sinto meu coração parar por um segundo antes de ele estender a toalha. Abriu apenas o suficiente para eu pegá-la.

Puxo a toalha de sua mão e me recupero antes de dizer:

— Pode me dar licença? Havia um tempo em que eu tinha privacidade.

— Vou fazer o café.

— Ótimo.

Ele sai e eu fico ali uns bons vinte minutos para que minhas pernas voltem a ficar sólidas.

Tomamos café enquanto ele me avalia. Minunciosamente. Ainda estou enrolada na toalha, pois queria privacidade para trocar de roupa e ele se recusou a sair do quarto. Alegou que já havia saído de um lugar contra a vontade no dia, não sairia de outro. Então, aqui estou eu, atrasada, de toalha, com frio e sendo secada pelo meu vizinho delicioso.

— Adoro essa cicatriz. Parece um coração. Gostaria de saber de verdade como a conseguiu — ele diz olhando para meus seios.

Puxo a toalha mais para cima, para cobrir a cicatriz.

— Eu já te disse que caí. Se não acredita não é problema meu.

Ele me encara claramente não acreditando na minha palavra e só posso sorrir de volta.

— Como vão as coisas com o gay? — pergunta.

— Parabéns, você sabe como estragar um café da manhã.

— Tão ruim assim? Uau! Esse dia não podia começar melhor.

Faço uma careta e ando até a porta, escancarando— para que ele suma. Ele se levanta rindo e ainda beija minha testa antes de sair.

— Até a noite, safadinha.

— Até nunca, idiota.

Esses cafés se repetiram nos últimos dois dias. Ele vem aqui de manhã, às vezes me acorda, e me arrasta para o banheiro, tomamos café e cada um vai para seu lado cuidar de suas responsabilidades. Não sei como me sinto com isso, é estranho ter essa intimidade com ele, ao mesmo tempo, é confortável, saber que ele está ali. Pelo menos ele está. Recebo mais uma mensagem de Samuel e decido não ignorar mais, respondo que sim, poderemos almoçar juntos. Vamos fazer uma aposta de onde ele vai me levar? Sorveteia ou parque? Ou quem sabe me leve para o zoológico dessa vez.

Chego ao estacionamento e destravo meu carro. Não há nenhum carro perto dele. Tenho uma sorte danada nisso, sempre estaciono bem perto da saída, mas os imbecis que moram nesse prédio sempre estacionam lá no fundo, bem longe. Adoram gastar gasolina e tempo. Espero que o motor esquente, enquanto retoco meu batom, mas acho um fio solto em meu rabo de cavalo, preciso soltar e refazer tudo correndo, dentro do carro mesmo. E quando olho a hora, já estou atrasadíssima. Dou a ré no carro de uma vez, e acerto outro carro que estava passando.

— Ah merda.

Alguém bate no vidro e Cleber está me encarando com uma cara nada amigável.

— Oi, amigo — digo abaixando o vidro.

— Suzana! Porra! Meu Audi!

Enfio a cabeça para fora da janela e vejo um pequeno arranhão.

— Foi bem pequeno, não seja fresco.

Ele respira fundo, cerra os punhos e parece se acalmar.

— Merda, mulher! Você é uma roda dura! Não devia sair por aí dirigindo.

— Ah, você que não olha para frente! Com licença que estou atrasada — digo

já saindo do estacionamento.

Roda dura eu? Passei no exame de habilitação na primeira tentativa. E não teve nada a ver com o decote que eu usei, nem com o fato do instrutor ter ficado olhando meus seios ao invés de minhas manobras. Sou uma excelente motorista. Nunca sofri nenhum acidente! E os pontos que perdi na carteira foram totalmente injustos.

A manhã se arrasta até que a hora do almoço chega, e adivinha onde Samuel me leva para almoçar? Onde?

— Parque das Mangabeiras — digo já escondendo a careta que quero fazer.

Sério, quero fazer uma careta. Quero pular na frente dele, arreganhar minha boca com os dedos, colocar a língua pra fora e balançar bastante ela, enquanto o ensopo de saliva. Depois quero puxar os cabelos em uma Maria Chiquinha e cantar *Let It go*. Você quer ser criança? Vamos ser crianças!

Nada contra o Parque das Mangabeiras, é um lugar lindo. Para se fazer uma caminhada, quando está naquela fase do namoro que precisa de um lugar deserto com bastante mato, sabe? Ele não veio fazer isso comigo, não somos adolescentes. Ou quando vocês já estão naquele nível família, rotina e vamos levar os sobrinhos pirralhos para passear enquanto damos uns pegadas escondidos. Também não estamos nessa fase. Então, o que estamos fazendo aqui? Homens, entendam, levar sua mulher em um parque é legal. Não quando vocês mal se beijaram. Não quando vocês nem transaram. Definitivamente não quando é uma quinta-feira, horário de almoço corrido e ela já está com vontade mandá-lo à merda.

Parabéns quem disse parque, você que votou na sorveteria, mande um chocolate para quem disse parque, ok? Estou falida.

Ele forra aquele lençol quadriculado vermelho na grama e se senta sorridente. Por que um homem anda com um lençol quadriculado vermelho na mochila? Pelo amor de Deus! Eu me jogo, toda desengonçada e ele me avalia com aquele sorriso ainda no rosto. Não estou reclamando, nem comparando, mas não é como o sorriso de Cleber. Minha calcinha não fica molhada quando ele sorri, sabe?

— Você tem andado distante — ele diz.

— Impressão sua. — respondo pegando a torrada que ele trouxe e passando geleia, bastante geleia. Preciso adoçar minha vida.

— Parece irritada — ele diz.

Olha quem presta atenção em mim, agora?

— Impressão sua.

— Acho que não gostou do lugar em que estamos.

Olho em volta, as crianças brincando. Já sei que não vamos nos beijar, pois alguma delas vai cair em cima de mim. Mas, nem queria beijá-lo mesmo.

— Impressão sua.

Ele segura minha mão e me faz olhar em seus olhos.

— O que foi, Suzana? Você não queria estar aqui, estou vendo isso. Não entendo.

Abandono a torrada meio comida em seu precioso lençol e resolvo ser sincera.

— Quando você disse que precisa de uma mulher submissa, o que quis dizer?

— Eu sabia que não havia entendido. Aceitou fácil demais. — Ele segura minha mão, de uma forma acolhedora e diz com toda calma. — Quer dizer que a quero para mim. Inteiramente. Não quero apenas colocar um anel em seu dedo. Quero que você me pertença.

Um anel em meu dedo? Ele disse isso mesmo? Ai. Meu. Deus!

Espera, calma Suzana. Ele enrolou, enrolou, falou a palavra anel e não explicou nada.

— Tirando a parte do anel em meu dedo, não entendi nada.

Ele sorri e acaricia meu rosto. Opa! Ele nunca havia acariciado meu rosto antes. A sensação é gostosa.

— Eu serei seu dono, Suzana. Vou tratar de deixá-la bem, sempre. Vou cuidar de dar tudo o que você quiser, garantir que esteja segura e feliz. Farei tudo o que for possível.

Sim, eu sei. Ouvir essas palavras da boca de um homem lindo é o sonho de toda mulher, é meu sonho também. Estou meio flutuando com isso, mas algo ainda me diz que ele está me enrolando.

— Em troca de que? — pergunto.

E a expressão que toma seu rosto me diz que fiz a pergunta certa, ou a errada, caso queira manter minha bolha de romance.

— De você. Apenas isso. Faço tudo isso para que você seja minha em cada momento, em cada dia.

— Quando você diz que eu serei sua, não está se referindo ao quarto, não é?

Ele arregala os olhos e parece em choque.

— Não! De onde tirou isso? Você achou... achou que era assim que a queria submissa? Na cama?

Meu rosto queima, ele parece horrorizado. E tudo é culpa de Cleber, que vive despertando meu lado devassa. Estou meio em pânico, rosa como um morango podre, tentando escolher as palavras certas que não acabem com minha imagem, quando ele começa a rir. E ri por muito tempo, coloca a mão na barriga e cai para trás no lençol. No começo respiro aliviada, mas depois me irrita. Que espécie de homem ri de uma mulher que quer ser dominada na cama?

Quando se acalma, volta a se sentar e nota minha expressão fechada.

— Não se preocupe, lindinha. Sou um homem sério. Não curto essas coisas.

Quando fizermos amor, será romântico e especial. Nada bruto...

Aí meu lado devassa, levou um tapa.

— Nada forte...

Outro tapa.

— Nada diferente demais...

Posso morrer agora?

Eu o encaro. Eu o amo, certo? Há cerca de dez meses que sou obcecada por esse homem. Eu sei cada um de seus passos, suas comidas preferidas, o perfume que ele usa e até os livros que carrega na bolsa. Então por que estou com essa sensação de que ele é um estranho?

Abro a boca para pedir que comecemos do começo, quando uma sombra cobre o rosto de Samuel. Olhamos para cima ao mesmo tempo e Cleber está li. Há raiva em sua expressão, está com os punhos cerrados, a mandíbula travada, e encara Samuel como se ele fosse o inimigo.

— Cleber, o que está fazendo aqui?

— Vim buscá-la, Suzana. Será que ainda não entendeu que ele é a escolha errada?

Pisco os olhos em choque, mas Samuel se levanta indignado.

— Eu sabia que você não era a boa mulher que diz ser. Você me enganou, Suzana!

— Eu? Mas, eu nunca disse que era boa.

Mas, Samuel sai andando batendo os pés. Levanto-me para ir atrás dele, quando Cleber me segura.

— Aonde pensa que vai? Há um lençol aqui, e ninguém por perto.

Olho em volta e as crianças sumiram. Não há ninguém, apenas o mato e a cachoeira. Antes que possa pensar no que faremos ao ar livre correndo o risco de sermos pegos, Cleber me puxa, e sua boca já está na minha. Aquela língua mágica dominando a minha, seu joelho no meio das minhas pernas. Nos abaixamos no lençol vagarosamente e ele se afasta para tirar a roupa.

Quando vejo seu dorso nu, aquela penugem que tanto me tenta, os gominhos deliciosos dourados pelo sol, não resisto, toco seu peito enquanto digo.

— Sonhei tanto com esse momento.

— Como? Com que momento? O que está fazendo?

Pisco os olhos e volto a mim. Estou em cima do prato de torradas de Samuel. Com a mão plantada no peito dele. Corrigindo, no peito *magro* dele. E ele parece realmente em pânico.

Ah merda.

Afasto-me em um pulo e me recomponho. Ele continua me encarando como se eu fosse uma aberração. Exatamente como Tomas reagiu quando tive meus

primeiros ataques da devassa. Como minha mãe reagiu. Está me julgando louca.

— Isso não vai dar certo — digo.

— O quê?

— Samuel, você é um cara legal. De verdade. E eu fui meio que apaixonada por você por meses.

— Eu sei.

— Sabe?

— Você não fazia questão de esconder de mim, Suzana.

— Acho que não fazia mesmo. Mas, o fato é que você é diferente do que eu havia imaginado.

— Como sou diferente?

— Não quero ser dominada, Samuel. Não quero um homem me dizendo o que fazer, nem o que vestir. Pode não parecer às vezes, mas tenho total controle de meus pensamentos. Apenas eu, não vou transferi-lo para mais ninguém.

Ele assente cabisbaixo enquanto me levanto.

— Você achou que eu fosse um dominador sexual, não achou?

— Sim, achei.

— E aceitou quando pensou isso. Mas, não aceita se tiver que me obedecer no dia a dia?

— Exatamente.

Espero que me condene e me jogue, mas ele sorri.

— Até logo, Suzana.

Dou dois passos e ele diz:

— Sabe, eu realmente gosto de você. Muito mesmo.

Não respondo, nem olho para trás. Pego um táxi e vou terminar meu dia me afundando em ioga. Se comer mais chocolate essa semana não caberei na minha roupa de odalisca.

Minha cabeça não está boa. Meu dia não foi dos melhores. Algo dentro de mim parece preso, e está crescendo, crescendo, e me sufocando. Vai ficar assim até que eu o liberte. Mas não sei como libertar o que está aqui. Noto que já estou no meu prédio e quase perco o portão de entrada da garagem. Dou a ré e pego a entrada, mas de repente, ouço um barulho. Abro os olhos e vejo Cleber estendido no chão. Meu coração dá dois pulos antes que eu abra a porta e saia para ver se ele se machucou.

— Caralho! Porra! Você não enxerga... — Ele para de gritar e me encara com uma careta. — Tinha que ser você! Para que serve esses óculos enormes na sua cara se você não enxerga?

Toco meu rosto e noto que ainda estou com os óculos que uso para leitura.

— A culpa não é minha se entrou na frente do meu carro.

Ele me olha, olha para o carro.

— É meio difícil não entrar na frente do seu carro se ele sobe na calçada — diz em tom de deboche.

Idiota! Vou retrucar que ele está louquinho da cabeça, mas estranhamente o carro está mesmo na calçada. Como ele foi parar ali? De qualquer forma, não posso dar o braço a torcer. Faço minha melhor cada de desentendida e dou de ombros.

— Azar o seu por ter entrado na frente.

Ele bufa, se levanta e dá um passo na minha direção.

— Eu não entrei na frente! Você é uma roda dura que invadiu a calçada.

É a segunda vez que ele me chama de roda dura hoje. Está vendo? Acabou! Nossa paz, a nossa trégua acabou. Cleber Dantas é intragável! Dane-se essa coisa de amizade, quero que ele se exploda.

— E faça o favor de tirar seu carro velho do meio do caminho! Está atrapalhando a passagem! — continua esbravejando.

— Que fique bem claro que não vou fazer isso porque você está mandando, e sim porque não quero ninguém se encostando ao meu carrinho.

Saio desfilando e entro no carro com toda classe. Ele começa a me dar instruções para manobrar o carro. Faço uma careta e claro, sem querer, vou com o carro para cima dele. Não chego a encostar-se a ele, mas o pulo que ele dá para se salvar o faz tropeçar e cair de bunda no chão.

— Isso é que dá ouvir suas instruções — digo.

— Sua maldita!

Ele se levanta mas entro rapidamente com o carro na garagem e o vejo descer a garagem a pé.

— O que aconteceu com seu carro? — pergunto.

— Está no conserto. Uma vaca, roda dura o arranhou essa manhã.

Paro de andar e o encaro.

— Você é um idiota às vezes! Vaca é a senhora sua mãe! E foi um arranhãozinho de nada! Seu fresco!

Ele sorri daquele jeito cafajeste.

— Não estou nos meus melhores dias. E você me atropelou, irei direto para seu apartamento e terá que fazer uma massagem na minha bunda para aliviar a dor.

Começo a rir e entramos no elevador.

— Eca! Deus me livre ver sua bunda.

— Querida, as mulheres imploram para ver minha bunda. Só não imploram mais quando mostro o pau, aí elas se calam imediatamente.

— Por que, ficam muito admiradas?

Ele abre um sorriso maroto antes de responder.

— Não, suas bocas ficam ocupadas.

— Nojento!

Ele fica gargalhando até chegarmos ao nosso andar.

Na sexta de manhã, Cleber não aparece para fazer o café. Fico esperando que ele apareça e por culpa dele saio sem comer. Vou matá-lo. Estou com a cabeça nas nuvens e decido não ir de carro, quando passo pela portaria, o porteiro me entrega um envelope. Entro no táxi e me acomodo antes de abri-lo. E ali, há uma foto de Cleber nu, de costas. Suas costas largas e sua bunda durinha bem visíveis.

Fico em choque por um momento, viro a foto e está escrito:

— Ainda esperando sua massagem, safadinha.

Então tenho um ataque de riso. Só mesmo Cleber para me fazer rir quando estou sem comer.

Cleber

Não vou à casa da minha vizinha essa manhã. Não que não queira vê-la, ou irritá-la, mas porque estou me acostumando demais a passar as manhãs com ela. Nas manhãs em que não posso ir, parece que o dia todo fica incompleto. É muito estranho isso. Parece que tudo relacionado a ela é elevado a mil e se torna um vício. Hoje, vou praticar a arte do desapego.

Mesmo porque hoje é meu encontro com a minha adorada Sue. Hoje, finalmente ela vai ser minha. Para mostrar a ela que não sou o babaca que ela acha que sou, passo em uma floricultura antes de ir para a V.D.A.. Não, não mandei entregar flores para ela, seria isso o que um homem que quer convencê-la a ir para a cama com ele faria, certo? Sou melhor do que esse homem. Levo pessoalmente as flores para ela.

Ao chegar ao edifício em que a deixei naquela noite, me dou conta de que não sei nem mesmo em qual andar ela mora, mas não é difícil descobrir. Eu poderia entrar no prédio como quem não quer nada e vasculhar a caixa de correspondências, mas dependeria de ter algo em nome dela. E na verdade, nem sei o verdadeiro nome dela. Por isso, pergunto ao porteiro, mas ele me diz que não conhece nenhuma Sue, nenhuma mulher de cabelos vermelhos e muito menos uma dançarina do Red. Só me resta fazer papel de ridículo, e que possa contar isso para ela depois e ganhar pontos, pois estou realmente ridículo, apertando cada botão de cada apartamento de cada andar e procurando por ela.

O porteiro me olha como se eu fosse louco, sei que estou sendo patético, imagino o que a Celina faria se me visse nessa situação. Ela sambaria na minha cara de bobo com aqueles saltos que ela usa e depois ainda acertaria as minhas bolas com eles. Para finalizar, daria uma típica gargalhada de bruxa. Aperto o 602 e ninguém responde. Então aperto de novo e de novo, até que uma voz masculina sonolenta diz de mau humor:

— O que foi?

— Bom dia. Estou procurando Miss Sue.

O silêncio do outro lado da linha me diz que achei o apartamento dela.

— Ela não está.

— Sabe me dizer onde pode estar?

— Na escola — a voz irritada responde e desliga.

Escola? Será que ela estuda? Volto a apertar a campainha, mas não sou mais atendido. De qualquer forma, ela não está e um homem atendeu o interfone. Será que é casada? Foi por isso que não me deixou subir? Se fosse casada não me

levaria até seu edifício e não marcaria de sair comigo, não é mesmo? O que estou dizendo? Se fosse casada não dançaria seminua em um clube noturno. Que marido aceitaria isso? Eu com certeza não aceitaria. Envio umas dez mensagens de texto, mas ela não responde, sequer visualiza. Tento ligar para o número do qual ela me mandou mensagens, mas só cai na caixa postal. Miss Sue continua sendo um mistério, um delicioso mistério que irei desvendar hoje à noite.

Já desço da Rover mal humorado. Era por isso que eu não queria me apaixonar, o que acontece quando você percebe que uma mulher é muito mais importante do que deveria ser para você? Ela te enlouquece. É o que acontece. Veja, a maldita da Suzana sequer me ligou para saber por que não fui fazer seu café. Estamos passando o café da manhã juntos há dias, e no dia que falto, ela nem sente falta. Não que ela seja amorosa ou preocupada, mas ela recebeu uma foto minha espetacular, deveria ao menos querer ouvir minha voz. E Sue, bem, ela é Sue. Nunca faz o que espero que vá fazer, e é por isso que estou tão obcecado por ela. Quando achei que havia dado um passo, sabendo seu endereço, ela me inventa de sumir numa sexta de manhã e acaba com meu gesto puro de romantismo. Não me censure. Não importa se as flores eram apenas para amaciá-la e levá-la para minha cama, eram flores. Vocês amam flores, certo? Tive que deixá-las com o porteiro e torcer para que ela ache incrível mesmo assim. Se ela tivesse atendido a maldita porta e me visto, com essa barba por fazer, meu sorriso matinal e meu bom humor, com certeza estaria na minha cama esta noite, isso se não decidisse se entregar de manhã mesmo, eu não me oporia.

Entro pelo elevador de serviço, não estou com ânimo para dar bom dia às minhas meninas hoje. Está vendo como não vê-las altera meus atos? De jeito nenhum posso permitir que uma mulher me mude tanto assim, menos ainda duas! Passo para dar bom dia para Celina e ver como vai o bebê. Ela está fazendo um excelente trabalho como diretora geral, não tínhamos esse cargo antes, e era mais uma de minhas responsabilidades. Confesso que com ela no comando, as coisas fluem muito mais de uma maneira bem mais eficaz. Mas é a Celina, não esperava menos dela. Gilcelle não me dá bom dia quando a cumprimento, sei que deve estar uma fera pelo que fiz na outra noite. Mas ela e Matheus precisam mesmo resolver esse assunto inacabado entre eles. Pela expressão de ódio no rosto dela, acho que não resolveram.

Entro em minha sala tranquilamente, jogo minha mala na mesa, abro as cortinas para ver o centro da cidade, a vista daqui de cima é simplesmente esplêndida. Ouço o som de saltos atrás de mim, e quando me viro, só tenho tempo de ter um pequeno vislumbre de Gilcelle antes de ela enfiar as mãos nas minhas bolas e apertar.

— Nunca mais tente bancar o cupido para cima de mim, seu estúpido! Você

não dá conta nem do próprio pau!

Grito. Não tenho vergonha de admitir que grito feito um maricas, mas porra! Ela aperta forte. Dói para caralho. Dou um passo para trás, mas ela não solta, e isso faz doer mais ainda. Devo ter ficado roxo, porque ela solta, relaxa visivelmente, abre um sorriso e diz como se nada tivesse acontecido:

— Tem gelo na adega.

Então sai.

Quero gritar que ela é louca, e que pare de andar com a Celina, pois está ficando agressiva, mas minha voz não sai. Também não vou à adega, não tenho forças, caio no chão e acho que adormeço ali rezando para que meu pau não tenha sido assassinado.

Depois dessa manhã conturbada, saio para almoçar. Certifico-me de passar longe da mesa de Gil, e ainda estou andando meio estranho. Isso é dia de ela resolver apertar minhas bolas? Espero que tudo esteja em ordem para essa noite. Por falar nessa noite, tento ligar para Sue de novo, mas continua na caixa postal. Onde será que ela está?

Almoço sozinho, pois Sebastian está com Celina em sua sala e Matheus sumiu. Prefiro assim, se Gilcelle se irritou ao ponto de apertar minhas bolas, nem quero imaginar o que o cretino vai fazer para se vingar.

Mas não é necessário que eu tente imaginar, pois o cretino, envia sua vingança pouco depois do almoço. Vou ao banheiro após o almoço e estou concentrado avaliando o estrago no meu pau, quando a porta do banheiro abre e ele/ela entra. Não sei o que é.

Parece ter dois metros de altura, um cílio postiço maior que sua testa, muita maquiagem, batom berrante, seios enormes e um gogó maior que meu dedo mindinho.

— Olá, Cleber — aquela voz grossa diz fazendo meu pau morrer imediatamente.

— Porra!

Corro para a porta, mas está trancada, e o grandalhão me pega pelo ombro e quase me joga na pia. Penso em acertá-lo, mas ele é ainda maior do que eu, e incrivelmente é mais forte. Poderia acabar comigo.

— O que quer aqui? — pergunto.

— Você.

Gaguejo e dou um sorriso sem graça.

— Cara, eu tenho namorada. Preciso ir agora, pode me dar licença?

— Ah não, querido! Não mesmo! Seu amigo me disse que está livre e desempecido, e que adora bundas masculinas.

Quase engasgo com a ira que me toma.

— Não gosto de bundas masculinas, gosto de femininas! Acredite, eu adoro mulheres! Muito mesmo! A única bunda masculina que admiro é a minha, mas isso porque admiro todas as partes do meu corpo. Saia da frente dessa porta ou chamarei a polícia.

— Pode chamar, bofe, tenho fetiche por policiais. E por homens engravatados, para sua sorte.

— Porra! Que sorte!

Corro para uma cabine, me tranco ali e ligo para Matheus, e o filho de uma puta me atende.

— Olá Cleber, como vai? Feliz com o trato da Samarão?

— Mas, que merda é essa? Você enlouqueceu, homem!

— Não meu amigo. Só quero que veja como é legal ficar trancado com alguém que você não suporta.

— Porra! Nunca mais tento ajudá-lo. Ficaré o resto da vida ouvindo música de gay e suspirando pelos cantos. Porra Matheus! Eu te tranquei com a Gilcelle, Gilcelle! Ruiva, linda, gostosa. E você me arruma isso?

Espio pelo buraco da fechadura e Samarão está em frente ao espelho, ajeitando o decote.

— Aquilo são mesmo seios?

— Sim, e são dela. Ela pagou por eles, com o suor do próprio trabalho.

— Imagino como conseguiu esse suor.

—Não seja antiquado. Vocês vivem me acusando de ser quadrado, e olha só você, chorando como uma menina por medo de uma dama.

— Aquilo ali não é uma dama nem aqui, nem na cidade da luz vermelha. Agora mande essa coisa embora ou meu próximo passo será pular pela janela. E estou no décimo primeiro andar!

Matheus está gargalhando, estranhamente parece bem mais feliz do que Gilcelle.

— Vou pensar no seu caso, amigo — diz e desliga o telefone.

Ligo de novo, mas ele não atende. Tento ligar para Gilcelle, mas ela também não atende. Será que estão combinados de me fazer passar por isso? Para quem posso ligar? Para a segurança? Não, eu seria motivo de piada na empresa pelo resto da vida.

Estou decidindo o que posso fazer, quando alguém bate na porta, me fazendo dar um pulo.

— Querido, estou cansada de esperar.

— Ótimo, vá embora.

— Não seja bobinho, é apenas um beijinho. Vamos amor, eu sei que você quer.

— Merda!

Ligo para Sebastian, mas Maura diz que ele acabou de sair com Matheus.

— Matheus saiu? — praticamente grito.

Samarão esmurra a porta e só me resta uma alternativa: ligar para Celina. Isso vai ser constrangedor e o pior mico do século, mas bem, é a Celina. Ninguém entende de micos melhor do que ela.

— O que foi Cleber? — diz sua voz sonolenta. Provavelmente estava cochilando após o almoço, como tem feito por conta da gravidez.

— Estou com um problema.

— Bruxa ou fada?

— Dragão.

— O que? Não entendi. Estamos falando sobre Suzana ou Sue? Ou sobre as duas? Ou você arrumou uma terceira? Pelo amor de Deus, Cleber! Três, homem nenhum dá conta!

— Nenhuma das duas. Menos ainda uma terceira. Estamos falando sobre Samarão.

Ela fica muda por uns minutos, depois cai na gargalhada.

— Samarão Salto Alto?

— Não sei! Não sei que merda é essa coisa aqui me cercando, Matheus a mandou e ela não quer sair daqui sem me beijar.

— Não vejo qual é o problema.

— Não seja uma bruxa, Celina. Eu sei que no fundo, bem no fundo há uma boa menina dentro de você. Mesmo que bem escondida. Encontre-a e venha até aqui tirar essa coisa do banheiro.

Ela consegue controlar o riso apenas o suficiente para responder:

— Vira homem! Não vive exaltando seus músculos? Use-os. Ou então, use outra coisa que vive exaltando.

— Celina...

Mas, ela já desligou. Só me resta ser sincero. Isso normalmente tende a dar errado e me meter em merda, mas não posso imaginar uma merda pior do que a que me encontro.

— Cara, é o seguinte, não curto essas coisas. De verdade. Se eu curtisse, até pegaria você. Você é... jeitosinho. Mas não curto. Não curto mesmo — digo sem abrir a porta e recebo apenas o silêncio como resposta.

Na verdade, está silencioso demais. Será que ele/ela foi embora? Abro uma pequena fresta na porta e ela é empurrada por um pé. Ali estão Matheus, Sebastian e Celina recostados na enorme pia, rindo da minha cara.

— Então, Samarão é jeitosinho? Se não tivéssemos aparecido você acabaria nu com ela, confesse — zomba Sebastian.

— Que merda vocês estão fazendo?
— Obrigada pelo elogio, gato. — diz o traveco.
— Tira esse troço daqui! — esbravejo.

Matheus estende um bolo de notas para Samarão que sai fina no salto me deixando ali com os três que mal conseguem ficar em pé de tanto que riem.

— Isso não teve a menor graça.

— Teve sim, estou quase mijando nas calças — diz Sebastian me empurrando e correndo para o banheiro.

Encaro Matheus, pretendo matá-lo, mas ele estende a mão.

— Nem me olhe assim, foi apenas uma brincadeira. Como a que você fez ontem.

— Eu apenas te ajudei.

— Você acabou com minha noite — diz de forma fria.

— Não tenho culpa se é um incompetente!

Celina pousa a mão no meu ombro e controla o riso o suficiente para dizer:

— Acalme-se Cleber. Não foi nada demais. Você está tendo seu dia de Celina.

Eu a encaro. Ela é a rainha dos micos e está aqui, divando como chefe, noiva de um dos sócios e mais linda do que nunca.

— Acho que vou sobreviver — digo e vou saindo quando me lembro de uma coisa. — Se alguém citar esse episódio em qualquer festa da empresa eu juro que vai acabar com as bolas penduradas no lustre. — Então encaro Celina. — Isso vale para você também! Penduro seu adorado Sebs no lustre!

Ela dá de ombros.

— Longe de mim, arriscar a vida do que mais amo até o momento — ela diz.

E saio do banheiro enquanto os três continuam rindo da minha cara.

Preciso dizer que o dia foi uma merda? Quando voltei para minha sala, Gilcelle estava da cor de seu cabelo, de tanto rir. Traidora! Não conversei com ela o resto da tarde, apenas o extremamente necessário para o trabalho. E passei a tarde contando os minutos para ir embora.

Chego em casa cansado, acabado e muito irritado. A irritação ficou comigo o dia todo, nem mesmo Gimlet foi suficiente para acalmá-la. Entro em meu apartamento e jogo a mala no chão, então vou resolver essa irritação toda. Entro na casa de Suzana. Sinto o cheiro de alho, ela está cozinhando.

— Querida, cheguei! — grito.

Mas, ao invés da minha deliciosa vizinha aparecer seminua, quem aparece é um homem seminu. Eu já o vi em algum lugar, mas não consigo me lembrar de onde.

— Quem é você? — pergunto já querendo partir a cara dele.

Mas, antes que ele responda, Suzana aparece, enrolada em uma toalha e com

os cabelos molhados.

— Olá, Cleber. Não sabia que vinha para o jantar.

Eu os encaro. O imbecil sem camisa e com o cabelo desgrenhado. A *minha* vizinha, apenas de toalha e com os cabelos molhados. Eles estavam transando. A ira que me acompanhou o dia todo é fichinha perto de toda ira que estou sentindo agora. Eles estavam transando! Quero pegar o cabelo de pasta desse idiota e esfregar a cara dele na parede. Quero pendurar Suzana nos ombros e levá-la para meu quarto, arrancar essa toalha vermelha provocante e chupá-la até que ela perca os sentidos, quero controlar meu instinto animal cada vez que algum homem se aproxima dela.

Então, me viro e saio. Não falo nada, não faço nada. Mas estou realmente irado! Com ela! Com esse idiota! Quantos anos ele tem? Dezenove? Suzana agora é uma papa anjo? Inferno! Estou a semana toda tentando tirar a roupa dela e aquele imbecil com carinha de bebê chega e faz isso? De onde ela o conhece?

Não me olhe assim, estou mesmo irritado. Acho que nunca senti tanta raiva na vida. Soco a parede, alguns quadros e algumas almofadas. Mas a raiva não quer passar. Eu achando que tínhamos uma coisa especial, Suzana e eu. E além do gay magrelo ela está tendo um caso com um carinha de bebê! Do Red! É de lá que o conheço! Ele é um dos dançarinos do Red! Como ela pôde se rebaixar tanto? Um dançarino de uma casa noturna? Para de me olhar desse jeito! Sue é diferente! Ela não faz programas, mas esses dançarinos pervertidos fazem. E está com Suzana! Será que ela pagou o programa dessa noite? Dou outro soco na parede e saio de casa antes que acabe voltando ao apartamento dela para executar tudo o que se passa na minha mente nesse momento.

Rodo com o carro por várias ruas, tentando me acalmar, penso em ir para meu outro apartamento, e até dou uma passada lá, mas está vazio demais. Ando um pouco pelo centro, mas ainda me sinto irritado. Decido procurar uma diversão cara, mas acabo na frente do Red. Por que fui procurar Suzana, afinal de contas, se tinha um encontro com Sue? Deveria ter vindo direto para cá.

Desço ainda irritado. Talvez não seja bom vê-la assim, irei apenas assustá-la. É melhor marcar para outro dia, me certificar de que ela recebeu as flores e beber. Beber muito. Beber até poder voltar para casa sem ter que matar alguém. Mas, assim que a vejo, sinto algo estranho na boca do estômago. De novo. Isso aconteceu antes e foi igualmente assustador. Ela está se arrumando para subir ao palco. Sei que não é minha, não tem nada a ver com meus problemas, e não tenho o direito de pedir o que vou pedir, mas foda-se, pedirei assim mesmo.

— Olá — ela diz com um sorriso escondido pela máscara vermelha da vez.

— Sue. Eu preciso te pedir...

Não preciso dizer mais nada. Ela larga a bolsinha que segurava e se aproxima

de mim.

— O que houve?

Também não espera resposta. Passa os braços pelo meu pescoço e afundo o rosto em seu pescoço. Seu cheiro é forte, mas doce, e me acalma imediatamente. Eu a puxo para mais perto e ela fica ali. Posso sentir o contorno de seus seios encostados no meu peito, suas pernas encostadas nas minhas, ela se encaixa perfeitamente em mim.

— Sue — volto a chamar seu nome e ela entende.

Afasta-se apenas um pouco e pega minha mão.

— Vem comigo, vamos conversar.

Ela me arrasta pelo corredor movimentado até uma porta preta, saímos em outro corredor e andamos até o final dele, onde ela empurra uma porta branca. E a tranca. É um quarto.

— É o dormitório de alguns dançarinos. Às vezes não dá tempo de ir embora.

Concordo com a cabeça, mas agora meu cérebro e meu pau estão concentrados no fato de que ela está ali, vestida de chapeuzinho vermelho, ou não vestida praticamente, e há uma cama atrás dela, a porta está trancada e estamos sozinhos.

— O que queria me pedir?

— Que não se apresentasse hoje e ficasse comigo.

— Você precisa disso? Ou apenas quer?

Nem preciso pensar para responder.

— Preciso.

— Então, tudo bem. Quer ficar aqui ou dar uma volta?

Também não é necessário pensar.

— Aqui. Com certeza aqui — digo e aponto para a cama.

O som da música que rola no clube chega até nós, mas as paredes não tremem como acontece no quarto dela. Não preciso gritar tanto para que ela me escute. Está sorrindo para mim, e vejo malícia em seu olhar.

— Não viemos aqui para isso, pervertido. Viemos para que me diga o que está havendo. Por que parece tão transtornado?

— Provavelmente porque estou — digo e me aproximo dela.

Rodeio sua cintura com o braço e mordo seu pescoço. Seu corpo automaticamente se recosta no meu, eu a tenho totalmente entregue em meus braços.

— E o que o deixou assim?

— Problemas no trabalho. Uma merda enorme que fiz há algum tempo e que está cobrando seu preço agora. Minha vizinha.

Sinto seu corpo ficar tenso por uma fração de segundos antes que ela volte a

relaxar.

— Sua vizinha?

— Ah sim. — Não devo falar sobre minha obsessão por outra mulher com ela, onde estou com a cabeça? Mulher nenhuma gosta de ouvir esse tipo de coisa. — Mas, não vamos falar dela.

Ela me empurra de repente contra a cama e caio estirado. Então ela monta em cima de mim.

— Vamos fazer assim, pervertido. Você me fala sobre sua vizinha enquanto te dou prazer com a minha boca.

Não sei o que ela pretende sabendo sobre minha vizinha, mas não me importo. Quero a boca dela em mim.

— É uma safada.

— É mesmo? — ela diz enquanto morde meu pescoço e vai descendo os dentes por meus ombros e peito.

— Sim. Mas, esconde. Não entendo por quê. Ela é linda. É linda sendo uma mulher séria e respeitável. E mais linda ainda com a pele ruborizada, e os olhos turvos de desejo. Ahh! — gemo quando sua mão aperta com força o volume nas calças. Sinto uma pontada de dor e muitas de desejo.

— Te incomoda que ela se esconda?

— Sim. — Mal consigo pensar nesse momento. — Ela é mulher demais para ele.

—Ele quem? — ela pergunta enquanto abre minha calça.

Demoro a responder, esperando por seu toque, por sua boca, mas ela para. E entendo que só vai continuar se eu continuar falando.

— O cara por quem ela é apaixonada. É um imbecil. Só ela não percebe que ele não serve para ela. Não a fará feliz.

— Como pode ter tanta certeza?

E não sei o que acontece. Ela está ali, de quatro em cima de mim, com a mão na minha cueca, e ao invés de jogá-la nessa cama e penetrá-la com força, como quero fazer há dias, estou pensando na maldita vizinha. Aquele sorriso delicioso, seu mau humor matinal, suas tiradas ácidas, sua forma terrível de dirigir. Cada defeito dela me faz desejá-la ainda mais. Estou ferrado! Completamente ferrado!

— Eu a faria feliz. Nenhum outro homem a faria tão feliz quanto eu. Ele vai matar seu lado devassa e transformá-la em uma mulher comum. E ela não é comum. É extraordinária, é forte, é inteligente. É linda, linda demais. Principalmente quando está irritada, e quando acorda. Ela é linda quando acorda. Com o cabelo bagunçado, de mau humor e aquelas roupas velhas. Ela é a coisa mais linda que já vi na vida.

Só me dou conta do que acabei de dizer quando as palavras já saíram. Merda!

De jeito nenhum minha odalisca vai abrir as pernas para mim agora. Ela me encara, acho que está meio em choque. Deve estar chateada, provavelmente vai descer a mão na minha cara e me expulsar aos gritos. E não posso culpá-la. Talvez possa dizer como me sinto em relação a ela. Será que ela vai acreditar se eu disser que sonho com ela dançando para mim toda noite?

Mas nem tenho tempo de iniciar essa conversa, pois de repente ela pula em cima de mim e me beija. Sim, ela me beija, sem a renda entre nós. Ela a afasta e seus lábios estão nos meus, invadindo tudo, dominado tudo. Dominando cada pensamento, cada reação do meu corpo. Porra! Nunca desejei tanto alguma coisa na vida como a desejo nesse momento. Eu a prendo em meus braços e rolo na cama, deixando-a embaixo de mim. Minha boca não larga a dela por um segundo sequer, não quero perder esse contato. Seu beijo é indescritível. Apesar do gosto do batom e de alguma bebida, sua língua é atrevida e a forma como suga meus lábios, como se agarra a mim e geme, sem nenhum pudor, sem nenhum medo, isso me enlouquece. É como se já a tivesse beijado a vida toda, como se meus lábios fossem acostumados aos seus. Nunca senti nada parecido. Devo estar parecendo um gay agora, tentando descrever isso, mas porra! Não quero parar de beijá-la nunca.

Puxo seu top para baixo e seus seios fartos encostam em minha blusa. Não resisto, deixo sua boca, e passeio a língua por seu mamilo. Ela geme e se contorce. Toco seus seios, belisco seu mamilo e então reparo. Uma marca, acima dos seios, parece um coração. Estaco totalmente. Essa marca. Não me é estranha. Ela fica tensa e segura meu rosto, me fazendo olhar para ela.

— O que foi?

— Essa marca — digo tentando entender o que está havendo.

— Que marca? — Ela olha para baixo, mas não há reconhecimento em seu olhar, é como se não houvesse nada ali.

Será que estou ficando louco? Vendo coisas de Suzana em outras mulheres? Será que a desejo tanto assim? Mais do que a Sue? Isso não pode ser possível! Mas Sue acaba com meu duelo mental, pois morde meu lábio e me puxa de volta para sua boca, e fico ali, me perco do mundo nos lábios dela. Nunca me senti tão bem, tão leve, tão duro, como agora. Guio meus dedos entre nossos corpos até a saia vermelha que está usando, mas ela me impede. Empurra-me na cama e diz, enquanto volta a montar em mim.

— Isso não, pervertido.

— Por que não?

— Não estamos no lugar certo. Nem no momento certo.

— Não há momento melhor, a desejo como nada mais nessa vida.

— Eu sei — ela diz mordendo meu lábio. — Estou sentindo isso. Mas, você

está apaixonado pela sua vizinha, não vai transar comigo pensando nela.

Quero dizer que não estou pensando nela, mas estou. Muito. Isso não mata meu desejo por Sue, me faz estranhamente desejar as duas de uma maneira doente. É estranho. Estou mesmo louco. Ela volta a me beijar e me contento, seus beijos são mais do que já tive dela até agora. E são melhores do que qualquer sexo que já tenha feito. Ah Sue, será que você acreditaria que também estou apaixonado por você?

Suzana

Chego em casa frustrada, excitada e meio fora do ar. Não me apresentei hoje. Também não levei nenhuma bronca, pois Cidão achou que eu estava em outro mundo. E estava mesmo. Em um mundo delicioso chamado Cleber. Como um homem pode ser assim? Tão lindo, tão forte, tão intenso, tão delicioso. O que foram aqueles beijos? Ele já havia me beijado com desejo antes, mas nunca como esses beijos. A forma como ele me deseja, não é nada comparada a forma como ele deseja Sue. Não sei se devo ficar feliz ou irritada ao constatar isso.

De uma maneira estranha, me sinto feliz. Ele estava claramente transtornado quando apareceu no Red, e quando saiu, parecia outro. Tão leve e calmo. Mesmo que não tenhamos transado. Foi como se meus beijos fossem mais prazerosos do que aquelas gêmeas estranhas dele. Ele não sorri para elas como sorriu para mim, com aquela adoração no olhar, com aquele desejo avassalador.

Jogo-me no sofá e toco os lábios, ainda sinto os dele. Sei que estão inchados, não pegamos leve. Mas é que nunca senti tanto prazer na vida, e isso porque foram apenas beijos. Nem quero imaginar como seria se tivéssemos feito algo mais. Como seria ter seu pau bombeando no meio das minhas pernas. Como seria apertar aquela bunda deliciosa para que ele metesse mais fundo. Toco minha calcinha que está encharcada. Sinto o cheiro da minha excitação.

— Huguinho! — grito. Preciso de Cleber, não posso tê-lo, então que seja meu melhor amigo.

Tiro a roupa. Tomei um banho antes de sair do Red, e tirei toda a maquiagem e o perfume que Sue gosta de usar. E me jogo no sofá. Abro bem as pernas e cumprimento meu amigo.

— Olá, querido. Quanto tempo.

O barulhinho conhecido me deixa em estado de alerta máximo enquanto passeio com ele por meu clitóris. Quase gozo só de encostá-lo ali.

— Ah, Cleber! Olha o que você faz comigo.

Começo a introduzi-lo ali, quando a porta abre. Fico sem reação por um momento, mas Cleber reage primeiro que eu. Ele anda decidido até mim, e tira Huguinho da minha mão.

Quero gritar com ele por entrar em minha casa a essa hora, quero pedir desculpas por estar me masturbando no sofá da sala. O mesmo que ele deita para assistir tevê quase todas as manhãs. Mas não preciso dizer nada. Ele se ajoelha na minha frente e encara minha boceta encharcada.

— Ah, Suzana. Definitivamente você é uma devassa!

Não digo nada, não tenho voz. A maneira como ele me olha quase me faz gozar. O desejo que há ali é o mesmo que havia em seu olhar quando nos vimos há uma hora. Ele passeia Huguinho pela parte interna da minha coxa. Gemo e me contorço, e ele me olha maravilhado.

— Em quem você pensa quando se toca? Hein, Suzana? Que nome você grita?

Não respondo, e ele encosta de uma vez Huguinho no meu clitóris, bem forte, grito alto e ele retira o vibrador imediatamente.

— Responda, safada. Que nome você grita quando goza?

— Merda.

— Não é esse nome. Quem te deixa assim? Quem acende esse fogo, Suzana? Diga a verdade. É aquele dançarino de quinta que te deixa molhada desse jeito?

Ele toca levemente meu clitóris com dois dedos e me contorço.

— Não — gaguejo.

— Eu sabia. — Ele enfia os dedos na boca e chupa. — Deliciosa. Que nome você grita?

Demoro a responder e ele volta a pressionar Huguinho em meu clitóris, com força. Contorço-me e grito, e quando estou prestes a gozar, ele o afasta.

— Cleber — consigo dizer. — Grito o seu nome.

Um sorriso enorme está estampado em seu rosto. Ele aproxima Huguinho da minha entrada e encosta bem pouquinho, apenas o suficiente para que eu o sinta vibrar ali.

— Safada. Você é deliciosa Suzana! Realmente deliciosa. E linda. Mas e quando você enfia isso dentro de você? Você já o chamou com meu nome?

Ele pressiona um pouco mais Huguinho na minha entrada e grito de novo. Não aguento mais essa tortura. Parece que vou explodir a qualquer momento.

— Não! — grito — Ele tem nome.

Ele me encara surpreso e sorri.

— É mesmo? E qual o nome dele?

Sinto-me ridícula ao responder.

— Huguinho.

Ele sorri mais ainda. Encara o vibrador molhado e o aproxima da boca. Quase gozo de novo, quando ele lambe meu suco que escorre pelo vibrador.

— Parece que Huguinho e eu vamos fazer você gozar bem gostoso agora, safadinha linda.

Então ele enfia Huguinho em mim, bem devagar. Contorço-me, enquanto ele se levanta, sobe em cima do sofá e se ajoelha entre minhas pernas, então começa a tirar e colocar Huguinho dentro de mim. Bem devagar.

— Mais depressa. Mais forte.

— Calma minha safada deliciosa. Não tenho pressa. Quero ver cada reação

sua.

Começo a gritar mais alto e ele acerta um tapa na minha bunda. Fazendo-me arregalar os olhos e encará-lo em choque.

— Não goze ainda, safada. Somente quando eu permitir.

— Mas...

— Mas, nada. Se gozar agora irei embora. Você quer que eu vá embora?

Nego desesperadamente com a cabeça e ele sorri.

— Boa menina.

Ele deita sobre mim e mordisca meu mamilo. Encara por um tempo a cicatriz, mas não consigo ficar tensa, estou excitada demais. Ele lambe a cicatriz e desce lambendo minha barriga, até alcançar o meio das minhas pernas, onde Huguinho está enfiado, vibrando. Ele enfia um dedo em mim, sem tirar Huguinho e geme.

— Apertada. Tão apertada! Você não suportaria meu pau, safadinha.

Só consigo fechar os olhos e gemer. Mas, os abro rapidamente, para ver o que ele está fazendo. Ele deposita beijos nas minhas coxas e mexe em Huguinho. Estava parado há tanto tempo, que me contorço e quase gozo.

— Merda, Cleber, enfia isso logo, preciso gozar.

— Não seja mandona, safadinha. Tudo ao seu tempo.

Então ele gira Huguinho e quase enlouqueço.

— Adoro ver como se contorce. Adoro saber que tenho o poder de te desmanchar nas mãos. Quero que me venere como está fazendo agora, com esse olhar perdido, quero que grite meu nome quando gozar. Entendeu?

— Sim.

— Então grite meu nome, safada.

Ele enfia Huguinho com força e rápido. Tira e coloca, tira e coloca. Grito cada vez mais alto. Sei que os vizinhos estão ouvindo, mas não consigo me controlar.

— Ah, Cleber!

— Isso, meu nome. Seu prazer é meu. Somente meu.

Ele toca com o polegar meu clitóris e aperta, e não aguento mais, o prazer puro me domina de uma maneira assustadora, não sou nada ali. Derreto-me gritando o nome dele e me contorcendo. Ele me puxa para seus braços, Huguinho ainda vibra dentro de mim, parece que vou morrer de tanto prazer, não tenho forças. Cleber me aperta, me envolve em seus braços e captura minha boca. Beija-me com força, enquanto ainda me desmancho ali, gritando e me contorcendo. Até que lágrimas escorrem por meus olhos. Não aguento mais essa onda de prazer, nunca imaginei que algo pudesse ser tão forte. Ele me levanta o suficiente para tirar Huguinho de dentro de mim e volta a me abraçar. Ainda estou chorando, gritando, mole. Jogo-me nele, que beija meus ombros suados, meu pescoço, mordisca meu rosto, meu nariz, beija meus olhos. Sua mão

acaricia minhas costas e vou me acalmando.

Quando volto a mim, parece que meu coração vai sair do peito. Chega a doer de tão rápido que está batendo. Cleber se levanta e passo as pernas por sua cintura, não tenho forças para ficar de pé. Ele me leva até a cama e me olha nos olhos antes de me depositar.

— Você é linda. Linda demais, Suzana. É fantástica.

Pisco os olhos e foco meu olhar em seus lábios.

— Dorme agora, safadinha linda. Você precisa descansar.

Ele me deposita na cama e seguro seu braço quando se afasta.

— Você não vai ficar?

— Sim, só vou apagar a luz.

Ele sai apagando luzes pela casa e se deita comigo. Sinto o cheiro de Sue em sua roupa, e sinto ciúmes. Ciúmes de mim mesma. Mas, ele não pode gostar mais de Sue do que de mim, não é?

Ele me abraça forte e antes que possa sondar se ele reconheceu a cicatriz, adormeço.

Capítulo 10

Cleber

Ela está adormecida aninhada a mim. Enroscada como uma gatinha. Acho que gosto disso. Da maneira como ela procura por mim à noite, como se enrosca ao meu corpo e relaxa assim que passo os braços ao redor de seu corpo. Não dormi nada. Vê-la tendo um orgasmo enquanto gritava meu nome, foi a coisa mais erótica, bonita e deliciosa que já vi na vida. Suzana é a coisa mais sensual, linda e deliciosa do mundo. É maravilhosa. Passei a madrugada toda observando-a. O rosto corado, a cara de satisfação, os cabelos negros emaranhados em meu braço. Percebi enquanto a olhava, que poderia ficar assim para sempre, com ela em meus braços, dando prazer a ela, a fazendo minha. E por nada no mundo terei apenas uma mulher para o resto da vida. Não mesmo, nada de xoxota mágica para mim.

Sei que estou enrascado. Os momentos que passei com Sue também voltam à minha mente o tempo todo. A maneira como ela consegue ser doce e sexy, tão frágil e segura de si, me fascinam. Sim, estou muito apaixonado por ela. E pela Suzana. E só posso estar mesmo louco, pois as duas não têm nada em comum, e consigo encontrar tantas semelhanças entre elas! Os seios, por exemplo, estou mesmo maluco, mas quase tenho certeza que os seios das duas são iguais. Acho que essa coisa de desejar tanto duas mulheres está mesmo me enlouquecendo.

Após a madrugada toda pensando, cheguei à conclusão de que não posso continuar assim. Não posso continuar apaixonado pelas duas dessa maneira doente. Preciso escolher uma delas, levá-la para a cama e partir para outras. Foi muito difícil escolher.

Consegui perceber que apesar de estar apaixonado pelas duas, são paixões diferentes. Sue é aquela paixão avassaladora, que chega a me deixar bambo, que vai ser a melhor coisa do mundo e depois passar. Ela é a paixão passageira.

Já Suzana é mais perigosa. Ela é aquele tipo de paixão que vai me consumir, cada dia mais, até que não serei mais eu, apenas uma sombra apaixonada aos pés dela. E isso vai acabar com meu sobrenome no nome dela. E o nome dela gravado em um anel no meu dedo.

Claro que escolho Sue.

Estou terminando de passar o café quando ela aparece. Com um blusão enorme com a cara da Minnie estampada. O cabelo desgrenhado e os olhos mal conseguindo ficar abertos. Linda. Minha vontade é agarrá-la agora mesmo e

despertá-la com um beijo avassalador, como quero fazer todas as manhãs. Mas ela não é a minha escolha.

Ela para e me encara, ainda sonolenta, e sorri. Merda!

Que se dane! Nunca fui um homem que contém seus impulsos.

Deixo a cafeteira na mesa, ando a passos largos até ela, seguro seu rosto e a puxo para mim. Assim que nossos lábios se tocam, ela geme. Perco o controle, levanto-a e a deponho na mesa, me encaixo entre suas pernas e aprofundo o beijo. Ela passa os braços pelo meu pescoço e me puxa ainda mais. Meu pau lateja aninhado no calor dela, nos afastamos para respirar e digo:

— Sempre quis beijá-la assim. Cada vez que você apareceu com essa cara de sono.

— Então cale a boca e me beija de novo.

Não precisa pedir duas vezes. Aliás, nem precisava pedir. A aperto em meus braços, toco suas pernas, puxo seu cabelo. Adoro o som de seu gemido na minha boca. E quando se torna insuportável para o meu pau não estar dentro dela, me afasto. A deixo em cima da mesa, ruborizada e meio desnorteada.

— Adoraria que você fosse o café da manhã, safadinha. Mas desça daí antes que o café de verdade esfrie.

Ela parece confusa, mas desce da mesa e se senta na cadeira, enchendo mais do que o normal a xícara de café. Então me observa. Finjo olhar para outras coisas, mas estou plenamente ciente de seus olhos negros cravados em mim, me avaliando. Esperando que eu diga alguma coisa.

Bom, minha safadinha, se você quer que eu diga alguma coisa, só posso atender sua vontade.

— Sua xoxota é linda — digo.

Ela engasga com o café e queima a língua.

— Voxê é maluco! — reclama enquanto segura a língua para fora.

Dou de ombros rindo da cena que ela está fazendo.

— Você estava esperando que eu dissesse alguma coisa.

— Eu estava torcendo que fingisse que nada aconteceu e não dixesse nada.

— Ah minha adorável safadinha! Você gozou na minha frente. Eu vi sua xoxotinha linda toda molhada e pulsando em meus dedos. Essa é uma visão que nunca vou esquecer.

Ela abandona a língua e me encara.

— Você não ficou excitado?

Olho em seus olhos e sinto meu pau latejar pela maneira intensa como ela me olha.

— Você sempre me excita. Não importa se é com esse blusão e essa cara de sono, ou se é nua, aberta no sofá se masturbando para mim. Você me leva ao

limite.

Ela larga a xícara e me sento na cadeira ao lado da sua. Acaricio seu cabelo emaranhado, e foco meu olhar naqueles lábios lindos.

— Sim, Suzana. Nunca fiquei tão excitado na vida.

— Então, por que você não... — Ela corta a frase e se afasta, mas a puxo pelo cabelo e mordo seu lábio.

— Porque não meti em você com força até saciar esse desejo? — pergunto em seus lábios.

Ela assente e fecha os olhos. Toco sua coxa com a ponta dos dedos e subo até alcançar seu centro, úmido e descoberto. Quando a toco, bem de leve, ela geme e se segura em meu ombro. Quase me faz perder o controle. Acaricio levemente seu clitóris e ela se contorce em meus dedos.

— Não meti em você, minha safadinha deliciosa, porque quero apenas isso. Quero apenas comer você.

Abandono seu clitóris e enfio dois dedos nela.

— Depois que eu comesse você e a fizesse gozar muito, eu a deixaria em paz.

Ela tenta se afastar, mas a puxo para meu colo com o braço livre e começo a meter os dedos nela bem depressa, bem forte, como queria estar fazendo com meu pau.

— Não tenho nada mais do que isso para te oferecer, Suzana. Nada mais do que prazer. Nem atenção, nem explicações, menos ainda meus sentimentos. Apenas prazer.

Ela goza gritando alto e desabando sobre mim. Abraço-a e espero que se recupere. Quando vejo que se acalmou, digo:

— É o que você mais precisa, safadinha. Precisa mais de prazer do que de qualquer outra coisa. Posso dar isso a você, o que me diz?

Ela se afasta de repente, se levanta e começa a guardar as coisas do café da manhã. Fico apenas observando-a. Meus dedos ainda estão molhados de seu orgasmo, os enfio na boca e saboreio seu gosto doce. Começo a ficar ansioso, esperando que ela largue esses talheres e pule no meu colo. Eu sei que disse que ela não era minha escolha, mas não me importo de transar com ela o fim de semana todo.

Quando termina, ela dá um nó no cabelo e não olha para mim ao dizer:

— Vá embora, Cleber. E não volte aqui. Você não é mais bem-vindo.

Demoro um minuto para reagir enquanto ela entra no banheiro e tranca a porta.

— Ah, minha adorável safadinha. Vou sentir muito a sua falta.

O sábado demora a passar e não tenho vontade de fazer nada. Não escuto som

algun do apartamento ao lado e me sinto meio melancólico. Isso é gay pra caralho.

Sebastian aparece no final da tarde com uma caixa de Heineken e dois sacos de batatas fritas.

— Como crianças — digo.

— Exatamente, meu velho. A Celina foi dar uma volta com a Gil. Precisava ir a algum lugar passar o tempo.

— Seu gay. Nem consegue ficar na sua casa sem a mulher lá — digo enquanto nos instalamos em frente à tevê da sala. — Queria que o Matheus participasse das nossas sessões da batata com cerveja, para aliviar um pouco seu coração partido.

— Ele não comeria as batatas direto dos dedos. Nem em palitos de dente. Nosso amigo não tem solução.

Tento me concentrar no filme ruim que arranca gargalhadas dele, mas minha mente está totalmente concentrada nos sons do apartamento ao lado. Nenhum barulho. É como se ela não estivesse ali. Mas onde pode estar? Algo duro atinge meu nariz e a dor me traz de volta para encontrar Sebastian me encarando irritado.

— Que merda, homem! Você ouviu alguma coisa do que eu disse?

— Não. Mas, não precisava quebrar meu nariz com o controle remoto!

— Estou com essa mania de atirar as coisas. Muito tempo com a Celina.

— Pare já com isso! Não precisamos de duas pessoas atirando as coisas naquela empresa. Uma só já basta para derrubar todos nós — reclamo e vou colocar gelo no nariz.

Sebastian me segue até a cozinha e é aí que escuto. A porta dela batendo. Está saindo.

Se eu estivesse sozinho, sairia correndo para afrontá-la, mas Sebastian está prestando atenção em cada reação minha, com um sorrisinho idiota no rosto.

— É a sua vizinha?

Dou de ombros fingindo desinteresse.

— Provavelmente.

Ele me encara e pego qualquer coisa na geladeira e viro na boca. É leite.

— Desde quando você toma leite, Cleber?

Dou de ombros sentindo o líquido gelado descendo por minha garganta. Odeio leite.

— Você não está se aguentando de vontade de sair correndo atrás da sua vizinha.

— Claro que não! Não sou homem de correr atrás de mulheres. Eu as tenho aos montes.

Ele cruza os braços e me avalia.

— Pode ir, vai. Vou fingir que não vi nada. Corra atrás da sua vizinha.

Começo a negar, mas não me aguento e corro até a porta. Sebastian corre atrás de mim. Mas, quando saio no corredor, vejo apenas as portas do elevador se fechando.

— Que pena! Eu queria muito ter visto sua vizinha.

Fecho a porta e encaro Sebastian. Nem acredito que vou dizer isso, mas as palavras me escapam:

— Acho que ferrei tudo com ela essa manhã.

Sebastian dá dois tapas em meu ombro e diz:

— Vamos amigo. Deite-se ali no seu divã e conte-me seus problemas.

E embora Sebastian seja um completo imbecil, é o que faço. Jogo-me na poltrona, abro a boca e falo todas as merdas que aconteceram nas últimas vinte e quatro horas. Quando termino, ele está em choque, com a boca aberta, os olhos arregalados e me encarando. Engole em seco e vira o copo de Heineken de uma vez.

— Porra homem! Sua vida é muito interessante. Não vou ligar de servir de diário mais vezes.

— Não me venha com piadas. O que você acha da minha situação?

— Está fodida, com certeza.

— Valeu.

— Sou seu amigo, é meu dever ser sincero. Bem, a vizinha você já perdeu, agora pegue a odalisca antes que seja tarde.

Bufo frustrado, me levanto, e voltamos a beber.

Quando Celina liga avisando que chegou, Sebastian se despede um menos de um minuto.

— Que coisa mais patética — digo.

— Não é patético sair correndo para encontrar a mulher da sua vida que carrega um filho seu no ventre. Patético é ficar o fim de semana trancado em casa porque não conseguiu pegar nenhuma das duas mulheres por quem está apaixonado.

— Vai à merda.

— Sinceridade sempre, meu velho.

Assim que abrimos a porta, quem está chegando? Ela. Sei disso porque Sebastian arregala os olhos e fixa o olhar em alguém, ouço o barulho de saltos, estou de costas, mas Sebastian sussurra.

— Porra! Tem que ser ela.

Viro-me imediatamente e sim, minha adorável vizinha está chegando, seu cabelo solto está bem penteado em ondas negras, usa um vestido colado ao

corpo, preto, que ressalta cada uma de suas deliciosas curvas e um salto. Nunca a vi assim. É de dar água na boca. Enfio a mão nos olhos de Sebastian cobrindo-os.

— Você não pode olhar assim para ela!

— Ela é a vizinha?

— Sim, tire os olhos dela!

Ele empurra minha mão e prendo o braço dele, então ele me chuta, mas dou uma rasteira que quase o derruba, ele revida se abaixando e segurando minha perna. Tento me equilibrar, mas perco o controle e caio para trás, derrubando Suzana em cima de mim.

— Mas, que merda! Vocês dois são loucos? — ela grita.

— Olá, Suzana — diz Sebastian todo meloso a ajudando a se levantar.

— Olá— ela responde e posso ver o rubor tomar seu rosto ao reparar bem em Sebastian.

Vaca. Ruborizou para ele. E eu preciso enfiar algo no meio de suas pernas para ela ruborizar para mim.

Levanto-me e tiro a mão de Sebastian dela, com um puxão.

— Isso não acaba aqui, Dantas — ele diz se despedindo.

— Com certeza não, Vaughn.

Ele dá dois passos, olha para trás e diz:

— Mudei de ideia. A odalisca não pode ser mais gostosa do que ela.

Olho para Suzana, mas ela está fechando a porta, não ouviu o que ele disse.

Sebastian some pelo elevador e mais do que depressa fecho minha porta e invado a dela.

— Você se machucou?

Aproximo-me e pego suas mãos, verificando seus braços. Ela puxa os braços e se afasta, nada afetada por meu toque.

— Estou bem, obrigada. Você pode ir agora.

— Por que está com raiva?

— Não estou com raiva. Eu teria que sentir alguma coisa, para estar com raiva.

Seguro-a pelo braço e a viro para mim, não está com raiva. Há o muro de indiferença no rosto dela. Aquele maldito muro. De repente a fúria me toma. Quem ela pensa que é para me tratar assim? Para me esquecer com essa facilidade? Hoje de manhã ela gozou nos meus dedos e agora me olha com essa indiferença? Seguro seu rosto entre minhas mãos:

— Diga — ordeno.

— Me solta.

— Diga ou vou beijá-la.

Ela crava as unhas nas minhas mãos e a solto, então ela começa a gritar:

— Por que eu deveria sentir raiva? Você veio aqui, me tratou como uma puta e saiu por essa porta! Por que eu deveria sentir qualquer coisa por você?

Estou parado, sem ação. Eu nunca, nunca a tratei assim.

— Eu não tratei você como puta, está ficando louca?

— Você entrou na minha casa ontem à noite, me fez gozar com um vibrador, dormiu comigo nua em seus braços e me fez gozar em seus dedos hoje de manhã. Para depois me dizer que não tem nada a me oferecer e que eu preciso de sexo. Como se eu fosse uma qualquer e você um herói que vai me dar o prazer que necessito.

— Você precisa mesmo de sexo!

— Não com você! Você não é o único homem do mundo!

— E vai fazer o quê? Tentar seduzir aquele gay? Abra os olhos Suzana, ele é gay. Da fruta que você gosta ele chupa até o caroço.

Ela me encara, e de repente começa a rir. Então se afasta e diz mais calma:

— Que comparação ridícula! Vá embora, Cleber. Preciso sair e não quero conversar agora.

— Aonde você vai a essa hora?

Ela se vira e me mostra o dedo do meio e entendo que não é da minha conta.

— Suzana, sobre o que eu disse mais cedo, não quero que fique esse clima estranho entre a gente. Não falei aquilo para te diminuir de forma alguma. Você é linda, e quando está excitada é mais linda ainda. E merece todos os orgasmos do mundo. Eu realmente queria muito te comer, mas estou apaixonado por outra pessoa.

Ela se vira para mim de uma vez. Espero ver alguma reação que demonstre surpresa ou ciúmes, mas não há nada. Desconfio que ela seja muito boa em esconder o que sente, caso contrário, é fria demais para sentir qualquer coisa.

Ando até o sofá e me sento. Ela se senta à minha frente e abro o coração. Falei sobre ela com Sue, por que não falaria sobre Sue com ela?

— Ela é linda, sexy, confiante. Não se esconde como você. Não tem medo de ser quem é.

— Por que está me comparando?

— Estou apenas dizendo. Se chama Sue, não deve ser seu nome verdadeiro.

— Você sequer sabe o nome dela?

— Não, mas não preciso saber. Ela é uma fada. É mágica em cima do palco, dança como um anjo, e é divertida, é forte, é doce. Não sei como ela consegue reunir tudo isso em uma única pessoa, mas ela possui todas essas qualidades.

— Em um palco?

— Ela é dançarina. Dança em um clube noturno.

— Uma dançarina de clube noturno?

Ela se levanta e me levanto também.

— Você é linda. Sim, é mais bonita do que ela, eu assumo. E provoca em mim o mesmo desejo que ela provoca.

— Então, por que ela? Não que eu esteja interessada em ser o centro de sua paixão, mas quero saber.

— Porque ela é verdadeira. Não tem medo do que vão dizer ou pensar sobre ela. Ela tem o que deseja, Suzana, não fica se escondendo atrás da fachada de uma mulher séria. Olhe para você, bancando a fria, a indiferente. E depois, quando a toco, é a mulher mais deliciosamente quente que eu já vi. Não consigo entender. Por que faz isso? Por que finge ser alguém que não é?

— Eu não finjo. — Ela parece assustada. — Você não entende — diz baixinho.

— Não entendo mesmo. Você tem tudo para ser a mulher mais sexy do mundo e prefere ser uma mulher como todas as outras. Isso eu realmente não entendo, Suzana. E é por isso que prefiro ela. Porque não sei quem você é.

— Não é porque tenho necessidade de sexo que tenho que sair por aí com um decote enorme abrindo as pernas para quem encontrar. Há coisas que são feitas apenas entre quatro paredes, Cleber.

Dou de ombros. Não dá para discutir com ela. E não suporto mais que ela me olhe assim, sem qualquer sentimento.

— Continue aí bancando a fria, Suzana. Pode me dizer que não quer ser o centro da minha paixão, mas a verdade é que não será o centro da paixão de ninguém. Guarde bem na memória os orgasmos que teve, porque provavelmente não terá outros tão cedo.

Saio de sua casa e bato a porta. Ciclo encerrado. Eu sei, estou dizendo isso sobre ela desde o começo do livro, mas dessa vez é sério. Minha obsessão por Suzana Leal, acaba aqui.

Suzana

Passei a noite no tapete da sala, jogada, largada e desanimada. Sim, hoje tenho o direito de ser dramática. Estou sofrendo, com licença? A verdade é que as palavras de Cleber não saem da minha cabeça. Sue é ela mesma, Sue não tem medo do que pensam, Sue possui um misto de qualidades que eu nunca vou possuir. Minha primeira vontade foi gritar na cara dele que sua adorada Miss Sue sequer existe. Que ela consegue ser uma farsa ainda maior do que eu. Mas ele estava certo. Em quase tudo. Não acredito nessa praga de que não terei outro orgasmo, eu terei. Assim que fizer as pazes com Huguinho.

Acho que não contei a você, não é? Estou de mal com ele, Huguinho. Por culpa de Cleber. Cada vez que olho para ele me lembro de Cleber com ele nas mãos, lambendo meu suco. Merda, Cleber estragou o prazer para mim. E agora não tenho coragem de ser Sue. Ele está apaixonado por ela. Quando ele falou de mim para Sue, parecia que estava apaixonado, mas ele me admirava muito, até perceber que sou medrosa demais para ser quem sou.

Sim, estou te confundindo, mas também estou confusa, então bem-vinda ao meu mundo. Cleber não entende que essa sou eu. Tanto a devassa que goza com vontade em seus dedos em um café da manhã, quanto a mulher séria e respeitada que ele vê no dia a dia. As duas fazem parte de mim. Ele abre a boca para falar de Samuel, mas ele também não aceita meus dois lados. Com ele, teria que ser sempre a devassa, e vai ter horas em que vou querer mais do que um bom sexo.

Eu sei, não existe homem perfeito. Não existe ninguém perfeito.

Agora chega! Cansei de ser dramática. Levanto-me e tomo um banho, pego minha mala vermelha e... não tenho coragem. Não quero ser Sue hoje, fui trocada por ela. Mando uma mensagem a Cidão dizendo que não vou e desligo o celular. Não trabalho no clube na segunda, Cleber não vem fazer o café, mas não esperava que viesse. Pelo menos agora não terei mais crises de susto e terei minha privacidade de volta.

Hoje é quarta-feira. Ainda não fui ao Red, sim estou sendo uma bundona, mas não ligo para o que você pensa. Viu? Aprendi alguma coisa com a Sue. Estou em minha casa, após um dia de faxina com uma camiseta sem manga, roxa e enorme, e de calcinha apenas. Estou de óculos, com um fone enorme na orelha, meu mp3 pendurado na calcinha e em cima do sofá dançando alucinadamente. Sim, é meu jeito de extravasar. Chorar é para os fracos, quando estiver se sentindo uma bosta boiando, dance, grite, cante bem alto. Torture seus vizinhos e

parentes. Isso faz a gente se sentir tão melhor! Percebo quando Cleber abre a porta do meu apartamento, mas finjo que não percebo, finjo que ele não está ali, continuo dançando e pulando e cantando cada vez mais alto. Ele fica uns bons dez minutos apenas me observando, com um sorriso idiota no rosto, depois fecha a porta e se vai. E eu continuo pulando e dançando para não ir atrás dele.

Após um show quase particular para Cleber e o além, sou outra mulher. Calço um salto, passo um batom bem vermelho e vou ao mercado. Vou para o corredor de chocolate, mas não posso. Já não estou dançando o suficiente essa semana, não preciso virar uma bola também. Está bem, talvez unzinho não faça mal. Pego somente três barrinhas, uma garrafa de Ventisquero e volto para casa.

O apartamento daquele meu vizinho está no mais absoluto silêncio, mas não que eu me importe. Entro no meu, tiro o salto, e me jogo no tapete. Sim, estou subindo no sofá apenas para pular, pois quando me deito nele, me lembro de uma cena onde eu estava ali, toda arreganhada e um certo vizinho me torturava de uma maneira deliciosa com meu vibrador. Então já que briguei com o vibrador, briguei também com o sofá. Mas descobri que valeu a pena gastar uma fortuna com o tapete, ele é muito fofo. O apelidei de Felpudo. Então me jogo em Felpudo e como as três barrinhas. E aí choro. Por dois minutos apenas. O chocolate faz isso com você também? Te faz querer chorar? Pego um livro e volto para Felpudo. Até que gosto dessa vida de ser uma mulher caseira, jogada no tapete da sala com seus hobbies.

Mentira! Não gosto nada! Sinto falta da adrenalina de subir no palco, dos homens safados tentando arrancar meu top, das notinhas azuis voando pelo palco, dos gritos, de saber que algum daqueles homens na plateia vai sonhar comigo à noite, acordar de pau duro e comer sua mulher, sou assim.

A campainha toca me tirando de meus devaneios devassos, e Téó e Léo fazem uma careta o me ver.

— Porra, gata, você está acabada

— Rua! — digo abrindo a porta novamente.

Os dois riem e se jogam no meu sofá, fazem outra careta quando me jogo no tapete.

— O que é isso? — pergunta Léo.

— Não gosto mais do sofá.

— Desde quando?

— Desde sábado. O que tem nessa sacola?

Ele me estende uma caixa de Ferrero Rocher e uma garrafa de vinho.

— A solução mágica de todos os problemas.

— Eu amo vocês.

Como só mais três bombons e tomo sozinha metade da garrafa de vinho. Estou

tão relaxada que Léo me carrega até o sofá e liga o som bem alto, para fazer um strip para mim. Ele começa a rebolar e tira a camisa e a calça, eu grito e aplaudo e Téó se levanta e também dá seu show, estou rindo como não fazia há dias, me divertindo e relaxada. Então me levanto e tiro minha blusa, mas quando vou tirar o short, tropeço nele, Léo corre e me segura e caio por cima dele. Começamos a rir e Téó pula em cima da gente. Sim, é coisa de três bêbados idiotas, mas estamos rindo, que mal há?

De repente a porta abre, o som some e consigo mexer minha cabeça o suficiente para ver meu vizinho parado com uma cara horrenda.

— Olá — digo. — Você não tem mais permissão para entrar na minha casa sem bater na porta.

— Nunca tive — ele diz e se aproxima de mim, me puxando pelas pernas.

— Ei! O que está fazendo?

Mas, ele já me tirou do meio dos meninos, como se eu fosse uma salsicha escorregando entre as partes de um pão. Ele segura meu rosto e diz:

— Suzana, quando eu disse que você não teria outro orgasmo, não era para você sair por aí abrindo as pernas para dois caras.

Eu o encaro e começo a rir.

— Você está achando... — Mas Téó se levanta em um pulo e me tira das mãos dele.

— Não se preocupe com ela. É bem grandinha e sabe o que está fazendo.

Os dois se encaram. Não entendo qual é o problema de Téó, mas Cleber está quase soltando fogo pelos olhos, e acho que gosto de vê-lo assim.

— Isso não é da conta de vocês! — Cleber responde e me arrasta até a casa dele, seminua, meio bêbada...

Quero gritar e fazer um escândalo, mas espero chegarmos. Ele fecha a porta e antes que eu possa fazer qualquer coisa ele segura meus ombros.

— Você me faz parecer a merda de um homem das cavernas. Você transou com eles?

Olho para aquele homem irritado, agindo como se fosse meu dono, sendo que acabou comigo há poucos dias dizendo que estava apaixonado por outra. Mas estou tão relaxada que não vou brigar, olho bem para a cara dele e começo a rir. Rio muito, e ele me solta, está impaciente, espera que eu volte a mim. E quando consigo me recuperar, toco seu rosto, a barba por fazer arranha meus dedos e já estou molhada. Merda!

— Vá ser a merda de um homem das cavernas com a sua dançarina de boate, vizinho. A minha vida sexual não te interessa. Para mim, você é apenas a merda de um vizinho estúpido. Foi merda o suficiente?

Ele tira meus dedos de seu rosto e responde desapontado.

— Mais do que suficiente. Eu diria que foi merda pra caralho.

Contenho-me para não rir, não quero uma trégua com ele agora. Apenas me viro e saio andando desajeitada, porque minha cabeça está bastante leve.

Assim que entro em meu apartamento, os meninos me olham desapontados.

— Poxa! Ele nem brigou por você — diz Léo.

— Não brigaria. Ele ama a Miss Sue.

Os dois me encaram em choque e choro, contando a eles o que aconteceu. Eles acabam dormindo na minha casa, nós três amontoados na cama e decido que amanhã de manhã, posso voltar a ser Miss Sue. Chega de chororô, está na hora de colocar Cleber Dantas em seu devido lugar. Ele não acha a Miss Sue tão melhor do que eu? Pois também vai ficar sem ela.

No meu celular há três chamadas perdidas de Samuel, mas não quero atendê-lo. É sexta, dia de movimento no Red, então hoje só tenho que colocar meu melhor sorriso no rosto, e ser Miss Sue. Cidão me disse que os clientes reclamaram bastante por eu não estar me apresentando esses dias, e saber que faço falta em um clube onde há tantas outras dançarinas me faz querer que Sue seja ainda melhor. Preparo a melhor fantasia, arrasto minha mala e abro a porta. Observo o corredor, não há movimento algum, então saio correndo arrastando minha mala. O elevador não demora a chegar, e assim que entro, avisto Cleber saindo de seu apartamento. Ele me olha, mas as portas do elevador se fecham e aquela tensão que estava sentindo ao vê-lo se esvai.

Saio pela portaria dos fundos e assim que o vento da noite bagunça meu cabelo, esbarro com tudo em alguém. O homem alto e magro me segura, me equilibrando.

— Me desculpe — diz me olhando de uma maneira estranha.

— Tudo bem.

Pego minha mala e vou esperar o táxi, mas fico com a sensação de estar sendo observada. Olho para trás e o homem que esbarrou em mim, com o corpo magro e o cabelo alaranjado, está me olhando. Eu o encaro de volta, e ele continua me observando da mesma maneira esquisita. O táxi que me leva todo dia encosta, e essa sensação estranha me persegue até o Red.

Ele aparece durante minha apresentação. Eu o vejo no exato momento em que ele se aproxima do palco. Então começo a dançar para ele. Passo para o balcão de bebidas, a plateia grita e me segue aonde vou. Em pouco tempo, Cleber está na frente, perto do balcão, perto de mim. Eu me abaixo em sua frente, puxo sua gravata e limpo o suor entre meus seios com ela, fazendo com que seu rosto fique quase pressionado no top. Ele tenta me tocar, mas me afasto. Volto a dançar no balcão e por uns minutos ignoro sua presença ali. Ele mantém os olhos

cravados em mim e os punhos cerrados em cima do balcão. Distancio-me dele, mas a música está acabando, tenho pouco tempo. Deito no balcão e passo as pernas por seu pescoço. Vejo que ele engole em seco e está suando. Isso querido, me deseje bastante, hoje vou te devolver o que passei nesses últimos dias.

Quando a apresentação acaba, peço ao segurança que ele sempre suborna, que o mande direto para a porta branca. Corro até lá, apago a luz e tiro a roupa.

Pouco depois, ele aparece.

— Não acenda a luz — ordeno.

Vejo pela luz da lua que está sorrindo.

Tomando o cuidado de permanecer no escuro, me aproximo dele. Passeio a unha por seu braço até alcançar a nuca. Então puxo sua cabeça para baixo e o beijo. Confesso que beijá-lo de novo após tantos dias provocou diversas reações, não só no meu corpo. Estava com saudade do beijo dele. Ele parece sentir o mesmo, pois me puxa para seu corpo e me aperta bem forte.

— Ah, Suzana! — ele sussurra em meu ouvido enquanto suas mãos passeiam por meu corpo.

E nesse momento, não sei dizer se estou feliz ou chateada. Mas escolho mostrar a ele, que também está fazendo a escolha errada. O empurro na cama enquanto nos beijamos. Suas mãos ávidas não deixam meu corpo e seu beijo se torna cada vez mais voraz. Interrompo o contato de nossos lábios para tirar sua roupa. Ele sussurra coisas como “gostosa”, “deliciosa”, “estou louco por você”, mas nada do que ele disser me fará desistir. Abro sua calça e ele levanta o quadril para me ajudar a tirá-la. Não posso vê-lo nessa escuridão, mas posso tocá-lo. Passeio minha mão por cada parte de seu corpo, a penugem que sempre quis tocar, cada gominho de sua barriga. Desço a mão por suas coxas, até alcançar sua ereção. Quando a toco, ele geme, e aperta meus braços, me puxando de encontro a ele.

— Quero tocá-la. — sussurra na minha boca.

— Ainda não — respondo.

Consigo me afastar e volto ao seu pau. É enorme, duro e pulsa em minha mão. Passo a língua vagarosamente por sua extensão, é delicioso. Fecho a boca em volta dele e chupo com força. Cleber se mexe e geme, tenta puxar meu cabelo, mas não deixo. Deixo que minha língua dance ali, sinto seu gosto, sou dona de seus gemidos.

— Eu vou gozar — ele diz.

Chupo ainda mais forte e então, me afasto. Levanto-me da cama e pego o roupão pendurado no cabide, onde o havia deixado.

— O que está fazendo? — ele pergunta com a voz rouca, sem enxergar que estou indo embora.

Até o momento em que abro a porta.

— Meu nome não é Suzana — digo e bato a porta ao sair.

Ontem à noite, quando saí do Red, tive a impressão de estar sendo observada. Acho que estou ficando paranoica. Também fiquei agitada a noite toda, e não consegui aliviar a tensão com Huguinho, de novo. Acho que Cleber matou Huguinho para mim. Terei que comprar um vibrador novo. Vou querer um que vem com testículos, dizem que a sensação é ainda mais real.

É sábado à tarde, estou indo ao mercado no final da tarde, quando uma mulher elegante pede que eu segure o elevador. Seguro a porta até ela chegar, mas não está sozinha, Cleber está com ela. Ele me cumprimenta com um sorriso sem graça, como se eu fosse apenas uma vizinha e foca toda sua atenção nela. A cadela usa um vestido pérola, quase da cor de sua pele. O cabelo loiro em corte Chanel está claramente sujo. E seu corpo não tem curva alguma. Sim, você pode achar que isso é recalque, MAS NÃO É! A mulherzinha é sem graça mesmo. As gêmeas estranhas eram mais bonitas. Pior do que ela ser tão sem graça, é a forma como Cleber a olha, como se ela fosse a mulher mais linda do mundo. E ela não é!

Meu estômago está embrulhado e quero vomitar. Em nenhum momento ele volta a olhar para mim. Tudo o que recebo é indiferença. Odeio provar do meu próprio veneno! Conto os segundos para chegarmos ao térreo, e assim que as portas do elevador abrem, avisto Samuel. Ele sorri ao me ver, há dias que não nos falamos e não acredito que vou fazer isso, mas você me entende, não é? Preciso fazer isso.

Abro o maior sorriso do mundo para ele e o abraço.

— Olá, querido.

Não consigo definir a expressão que toma seu rosto, entre alegria e confusão. Torço para que ele não grite, nem me chame de louca, mas o beijo. Apenas para irritar Cleber. Apenas para não ficar por baixo. E surpreendentemente, ele me agarra e seu beijo é bom. Ainda não domina minha língua com a sua, sequer usa a língua, mas a maneira como me embala, tona o beijo muito gostoso.

Não vamos comparar com o do Cleber, por favor. Não acabe com meu pequeno momento de sair por cima.

Quando nos afastamos, avisto Cleber parado, apertando a mão da loira e me encarando. Está irritado. Nossos olhares se encontram e ele sai puxando a mulherzinha porta afora.

— Nós podemos jantar? — pergunta Samuel me lembrando de que está ali. — Na semana que vem, que tal? Preciso conversar com você.

— Claro, podemos sim.

Assim, desisto de ir ao mercado e termino a noite frustrada e com um encontro marcado.

Já passa das dez e Cleber ainda não apareceu. Por que estão demorando tanto? Divida comigo minha angustia: ele sempre leva mulheres para seu apartamento, sempre leva mais de uma, inclusive. Mas ele nunca, nunquinha mesmo levou alguma delas para jantar. Por que é isso que eles foram fazer considerando o vestido elegante dela e a forma como Cleber estava vestido. Sei que não é da minha conta, mas ele disse que está apaixonado pela Sue, uma parte de mim, então não posso permitir que namore outra, certo?

Eu sei que não está certo, mas não discorde de mim agora.

Juro que tento dormir primeiro. Rolo de um lado para o outro na cama, mas nesses últimos dias ela está me parecendo grande demais. E não consigo pregar os olhos. Então, pego minha chave e vou dar uma volta. Entro na ponta dos pés para o caso de eles já terem voltado, mas está tudo em silêncio. Acendo todas as luzes e começo a vasculhar. A sala elegante tem um sofá de canto mais macio que minha cama. Isso é injusto! Eu poderia morar nesse sofá. O banheiro tem uma banheira maior que minha cozinha. Brincadeira, mas ela é enorme. Ele deve usar quando leva as gêmeas estranhas para casa. Vou de quarto em quarto até achar o dele. Sei que é o dele não só pela cama escandalosamente grande, mas pelo cheiro dele. Aquele toque amadeirado e forte. Na suíte sinto o cheiro de seu shampoo. Abro seu armário do banheiro, vejo apenas uma escova e me sinto feliz porque a mulherzinha não tem uma escova no banheiro dele. Pelo menos não ainda. Penso que Sue poderia ter, mas dispenso. Cleber não terá Sue.

Volto para a sala e vou até a cozinha. Abro a geladeira e encontro cervejas. A adega que vi na sala de jantar também estava bem abastecida. Decido que não preciso mais comprar meus vinhos baratos. Já que ele comeu toda a minha despesa esse mês, tomarei todos os seus vinhos caros. Escolho uma garrafa de Montrachet e sorrio satisfeita. É quando escuto a porta abrindo e a risada falsa da mulherzinha.

Cleber e ela estacam quando me veem, mas há um sorriso no rosto dele.

Entenda melhor. Lembra aquela minha blusa roxa, sem manga? Pois é, estou com ela. E de calcinha, apenas. E ela não esconde muito bem o bico dos meus seios.

— Olá, vizinho. Adoro essa safra. Estou levando. Espero que não se importe.

— Olá, Suzana. — A forma como ele pronuncia meu nome me faz perder o equilíbrio por um momento. — Não tem problema, você pode entrar aqui quando quiser.

A mulherzinha está quase pulando no meu pescoço e é engraçado que quando uma mulher percebe que sua rival está ficando irritada, é que ela tem mais vontade de irritá-la, certo? Ando até ele, dou um sorriso para ela e dou um beijo bem no canto de sua boca.

— Boa noite, vizinho. Até mais.

— Até mais, safadinha.

Então saio enquanto a mulherzinha começa a gritar com ele. Não me importa! Tomara que esse maldito broche! Vou rir dele o resto da minha vida!

Cleber

Após acalmar Aline com um bom beijo e um carinho nos seios, a levo finalmente para a cama. Não minha cama. Não levo mulher nenhuma para lá. A cama do meu segundo quarto, um de hóspedes que é reservado exatamente para esse tipo de situação. Mas quando ela começa a se despir, penso em Suzana. O que aquela maldita estava fazendo aqui? Ficou com ciúmes, só pode ser isso. De repente me pego sorrindo, estava tão linda com aquela blusa roxa berrante horrorosa, e as pernas torneadas de fora. Tão sexy agindo como se não fosse nada demais entrar em minha casa e pegar meu Montrachet, como se ela fizesse isso todos os dias. Ela só queria irritar Aline. Conseguiu, mas também conseguiu me deixar mais uma vez fascinado.

Aline resmunga e só então me dou conta de que já está nua. Estranhamente não sinto aquele tesão avassalador que costumo sentir ao ver uma mulher nua perto de uma cama. Apago a imagem da Suzana da cabeça e a beijo. E aí comparo o beijo dela ao de Sue. Pois o beijo dela não tem graça nenhuma comparado ao beijo de Sue, a forma como ela se entrega, como mordisca meus lábios e me deixa de pau duro. Opa! Meu pau não está duro. Mas que merda é essa?

Tiro minha roupa rapidamente, e vejo o olhar de desapontamento de Aline ao ver que meu pau não acordou. Ela resmunga bastante.

— Calma que ele vai acordar e estará prontinho em poucos segundos.

Ela me lança um sorriso de quem não acha que isso vai acontecer, e a jogo na cama, me jogo em cima dela, sugo seus seios, ouço seus gemidos falsos, beijo sua boca e nada. Ele não quer acordar. Ela coloca a mão nele e o acaricia, mima um pouco, depois se ajoelha e o coloca na boca, e não adianta, nada do que ela faz adianta. A gata fica me olhando espantada e eu quero enfiar a cabeça no travesseiro. Isso NUNCA me aconteceu antes, e não é conversa, NUNCA aconteceu mesmo! Nem vou tentar explicar a ela isso. Para não deixá-la na mão, a deito de volta na cama e faço com a boca e os dedos o que o meu pau traidor deveria estar fazendo. Nem vinte minutos depois a mulher vai embora. Maldita odalisca. Maldita vizinha. Saio de casa, estressado e entro na casa da Suzana. Ela está na mesa de trabalho com um notebook, um coque sexy, a blusa roxa horrorosa e seus óculos elegantes. Não digo nada, vou até a geladeira e pego a garrafa de Montrachet. Sento-me de frente para ela que está com um sorriso enorme no rosto.

— O que foi? — pergunto mal humorado.

— Nada — ela diz, mas não se aguenta e começa a rir. — Acho que alguém não acordou hoje.

Olho para ela que está olhando na direção do meu pau. Fecho mais ainda a cara.

— Qual o seu problema? — pergunto.

— Eu deveria perguntar qual é o seu. Você vive se gabando, é o bambambã do sexo, mas pelo que eu ouvi, a garota não saiu satisfeita, não é mesmo?

Maldita! Mulheres malditas. Quero gritar que a culpa é dela, dela e da maldita Miss Sue, de seu cheiro delicioso e suas curvas macias. Daquela língua atrevida e aquela roupa de odalisca. Merda! Quero gritar com a Suzana, mas seu sorriso lindo e seus grandes olhos fixos em mim tiram minha atenção. E meu pau sobe. Porra! Sobe para a maldita da Suzana com essa roupa horrorosa e não subiu com a gata nua na minha cama. Levanto-me em um pulo, o que a assusta, e grito:

— Merda! Vocês vão me enlouquecer! Você e essa odalisca misteriosa estão me enlouquecendo!

Então saio de sua casa e bato a porta. Preciso de distância. Dela, de Sue, de mulheres, de qualquer coisa que me lembre o perfume da odalisca e o sorriso da minha vizinha.

Na terça estou com um humor do cão, Sebastian chega a dizer que está pior que o de Celina quando sentia cólicas. Não posso imaginar isso, mas nem tenho vontade de discutir. Fico na minha sala, enfurnado, sem ver ninguém, concentrado em números. Até que percebo uma movimentação estranha na conta da empresa. Uma solicitação de saque. De dois dias atrás. Um saque no valor de seis milhões.

— Puta que pariu!

Foi Heitor. Só pode ter sido ele. Chamo Gilcelle e pergunto se ela sabe alguma coisa sobre Sebastian ou Matheus tirarem algum dinheiro da conta, ela parece confusa, mas após dois telefonemas me garante que eles não mexeram na conta da empresa. Eles nunca mexem, normalmente sou eu que faço isso, e o contador. Mas Murilo está acima de qualquer suspeita. Merda! Não é a primeira vez que Heitor faz um saque da conta da empresa, mas como sou eu que monitoro, sempre tiro de minha conta particular e cubro os saques antes que alguém perceba. Murilo já desconfiou algumas vezes, mas consegui dobrá-lo. Mas isso, seis milhões, é dinheiro demais! Como vou suprir isso? Tenho como cobrir esse arrombo, mas ele não vai parar por aí e ficarei falido.

Mais do que depressa ligo para o banco e peço que não autorizem o saque. É uma confusão. Começo a explicar que não fizemos a solicitação e querem chamar a polícia e investigar, me dá uma tremenda dor de cabeça, tenho que ir

ao banco, e após uma conversa franca com o gerente que nem conheço, mas estava desesperado, ele promete tentar cancelar a solicitação. Passo para Botelho os dados passados e a localização onde Heitor solicitou esse saque. Ele fez isso no final de semana para que eu não percebesse. E depois de sair do banco, só quero beber. Bebo muito, a noite toda, até o barman não querer mais me servir. Tenho que ir para a casa de táxi e claro que vou para o apartamento dela. Talvez ela possa me fazer melhorar, como fez no outro dia. Entro meio cambaleando, e dou de cara com Sue.

— Oi, minha odalisca.

Espera, essa não é a casa de Suzana? Olho em volta, estou bêbado demais ou ficando louco? Que se dane! É Sue aqui! Não, não é. Chego mais perto, tropeço e ela me ampara. É Suzana. Mas é o cheiro de Sue. Mas o cabelo é de Suzana. Mas está usando as roupas de Sue, a minha fantasia preferida de odalisca. Que merda está acontecendo?

Esfrego os olhos e a encaro bem, sim, é Suzana, o cabelo dela, o rosto lindo dela, no corpo de Sue. O cheiro e roupas de Sue.

— Quem é você? — pergunto.

— Suzana. Sua vizinha. Está tão bêbado assim?

— Por que está vestida assim? — Meus olhos fecham e não querem abrir, mas preciso olhá-la.

— Estou vestida com meu pijama. Qual o seu problema?

Fecho os olhos e não respondo e ela me arrasta até meu apartamento. Leva-me para o banheiro e caio no chão. Ela liga o chuveiro e tira minha roupa. Está ficando encharcada e deliciosa. Puxo seu top para baixo e vejo seu seio. Mas, os seios das duas eram iguais, não eram? Ou não me lembro do seio de Suzana? Ou do de Sue?

— Nada disso, pervertido. Primeiro um banho— ela diz colocando o top no lugar.

É Sue, se fosse Suzana estaria gritando uma hora dessas, não cuidando de mim. Canso de tentar entender quem é, e deixo que ela me dê um banho. Ela também me faz tomar um café horrível, algum comprimido e ando até minha cama.

— Durma comigo, meu amor — peço.

— Com quem você está falando? — ela pergunta.

— Com você, Suzana. Com quem mais seria?

Ela deita comigo, seu cabelo molhado nos meus braços refresca o calor que sinto. Estou com muito sono, a puxo para mais perto e respiro fundo.

— Boa noite, minha linda odalisca.

Ela não responde, ou eu adormeço.

Acordo com uma puta dor de cabeça e meio confuso. Que sonho estranho foi esse? Minha cama está vazia, nada demais, ninguém aqui. Meu celular apitando, me mostra que foi o barulho do despertador que me acordou. Mas que horas eu o liguei? Cheguei tão bêbado que não me lembro de nada. Só do sonho estranho que tive. Sonhei que Sue e Suzana eram a mesma pessoa. Ridículo!

Tomo um banho gelado e quando volto ao quarto, percebo que há uma mancha na fronha. Ainda está fria. Água, alguém deitou aqui com o cabelo molhado. Cheiro a fronha e sinto o cheiro de Sue.

— Meu Deus! Estou mesmo ficando louco. De vez! Vou ter que me internar se continuar assim.

Minha cabeça incomoda o dia todo e passo à base de analgésicos e mais bebida. E no fim da tarde recebo a ligação que tanto esperava. O gerente do banco me avisando que o saque não foi feito. Saio correndo pela empresa, beijo umas três garotas na boca, danço com Gilcelle em cima da mesa dela. Fui salvo, dessa vez. Botelho ainda não descobriu nada sobre o paradeiro dele, nem com o endereço da agência onde ele solicitou o saque. Mas estou tão aliviado que meu humor se transforma. Quando saio da V.D.A., decido fazer um jantar para minha vizinha. Não me julgue. Estou apenas com saudade dela. Talvez se passarmos um tempo flertando e nos provocando como antes, eu pare de sonhar com ela.

Quando estou chegando ao nosso prédio, avisto Suzana saindo. Ela sai pela portaria dos fundos, carrega uma mala vermelha que vi com ela outro dia e um táxi encosta na calçada para pegá-la. Linda. Lá se vão meus planos de um jantar. Onde será que ela está indo? Penso em segui-la, mas mudo de ideia. Viu como não estou mais obcecado por ela? Porém, assim que o portão da garagem termina de abrir, vejo algo que me deixa em pânico. Heitor. Tenho certeza que é ele. Ele olha fixamente para Suzana. Até que o carro em que ela está some, então ele entra em outro carro. Imediatamente o sigo.

Ligo para Botelho e aviso que o estou vendo e onde estamos. Ele percebe que está sendo seguido, pois deixa de seguir Suzana, dá voltas e mais voltas e acabamos em alguma favela, numa rua apertada e sem saída. Entro nessa rua e não o vejo, mas ela não tem saída e tenho certeza de que ele entrou aqui.

De repente a porta do meu carro é aberta e dois homens me puxam para fora. Heitor se aproxima com um sorriso.

— Oi de novo, Cleber. É bom ver você.

— Seu filho de uma puta!

Não tenho tempo de dizer mais nada, pois um dos homens que está me segurando, me acerta um soco, ele precisou soltar meu braço para fazer isso, e aproveito para acertá-lo na barriga. Com o pé consigo acertar o outro. Mas mais

um cara surge para cima de mim e acerta um chute nas minhas costas, que me derruba.

— Tenho que ir agora, Cleber. Vou ver sua garota. Linda ela. Sabia que a tenho observado? Fui espionar você e a achei, no seu prédio. Um tesouro daquele! Talvez eu possa me divertir primeiro. Claro, talvez eu deva assistir ao show dela primeiro.

Não sei se está falando de Sue ou Suzana. Vejo quando ele entra no meu carro e dá partida, está fugindo. Preciso ligar para Botelho, mas meu celular ficou no carro. Consigo acertar o cara que me derrubou e em seguida o outro que estava me cercando. O terceiro deles já nem tenta me bater e sai correndo. Os dois também desistem do nada e correm. Devem ter ordens de não me matar nem machucar demais, para não chamar atenção.

Saio correndo e entro na frente de um Celta verde. Peço ajuda ao motorista, digo que fui assaltado e ele me leva até o centro da cidade. Ligo para Botelho de um orelhão e conto o que aconteceu. Ordeno que ele rastreie meu carro e chame a polícia. Então ligo para o síndico do prédio. Como não tenho o celular de Suzana? Ele me passa um número e ligo a cobrar. Ela recusa duas vezes, mas me atende na terceira.

— Oi.

— Suzana, sou eu, você precisa se esconder.

— O quê?

— Depois eu explico. Fique em casa, tranque a porta, e cuidado. Onde você está? — pergunto ao notar o barulho do lugar onde ela está.

— No mercado.

— Ligue para Samuel. Ligue para aquele gay e peça que ele vá buscá-la. Você entendeu? Não vá embora sozinha.

— Cleber, o que está acontecendo?

— Eu vou explicar, assim que eu chegar eu te explico. Só me prometa que não irá embora sozinha.

Ela fica um tempo em silêncio e quase tenho uma parada cardíaca achando que algo aconteceu, mas então ela responde:

— Ok, eu prometo.

— Obrigado. Obrigado, Suzana. Pelo amor de Deus, safadinha, cuidado. Se cuide, ok?

— Você bebeu de novo?

— Quem dera que fosse só isso.

— Então o que é?

— A gente se fala. Só se cuide.

Desligo o telefone já dentro do táxi. Preciso salvá-la, Sue.

Chego ao Red lotado, os meninos estão dançando sozinhos no palco, então sei que ela já se apresentou. Corro para o camarim, o segurança já nem me barra. Sue está tirando a roupa quando entro. Ela grita ao me ver, mas volta a vestir o top e se aproxima.

— Ai meu Deus, Cleber! O que aconteceu? Você está sangrando!

— Eu vou te explicar. Eu sei que vai parecer loucura, mas você precisa vir comigo.

— Ir com você? Para onde?

— Brumadinho. Tenho uma casa de campo em Brumadinho. Venha comigo para lá. Só por uns dias. Eu te explico tudo no caminho.

Ela pisca os olhos, confusa e tenta me fazer sentar.

— Não temos tempo, Sue. Não temos tempo. — Tento me acalmar para não assustá-la, mas estou muito nervoso e apavorado — Eu fiz uma merda enorme há algum tempo e agora você está correndo risco.

Ela arregala os olhos.

— Me desculpe, desculpe, Sue. Não queria envolvê-la nisso, mas de alguma forma descobriram que você é importante para mim. Você precisa vir comigo.

— Fique calmo. Eu estou bem, está vendo? Nada vai me acontecer. Se acalme e chame a polícia.

— Não posso, é mais complicado do que isso. Por favor, venha comigo. Vamos para longe e de lá eu chamo a polícia. Não posso estar aqui quando isso acontecer. Sue, eu juro que vou protegê-la, vou te dar tudo. Vou compensar o dinheiro que você vai perder por não se apresentar, mas pelo amor de Deus, eu preciso que venha comigo.

Ela parece ainda mais confusa e a puxo para meus braços.

— Por favor, eu não suportaria se algo te acontecesse, venha comigo.

De repente ela se afasta e me olha, parece estar magoada. Muito magoada e não entendo.

— Ela também está sendo ameaçada? — pergunta.

— Quem?

— Sua vizinha.

— Sim — respondo com medo de que assumir que Suzana também é importante possa fazê-la não ir comigo. Ainda mais depois da mancada de chamá-la de Suzana quando íamos finalmente transar.

— E por que não vai levá-la conosco?

Fico ainda mais confuso com sua pergunta.

— Ela tem quem a proteja. Agora eu só preciso tirar você daqui.

— E se eles forem atrás dela?

Meu estômago revira, quando ela diz isso, não posso nem imaginar Suzana

machucada, por minha causa.

— Só posso rezar para que não mexam com ela. Eu já a alertei, ela está segura.

— Você tem certeza? Você a viu? Certificou-se de que está segura?

Não quero falar de Suzana agora. Não quero pensar em Suzana agora. Por dentro, estou rezando o tempo todo para que ela esteja bem, ela estava em um mercado, ele não vai achá-la lá, não é? Não pode achar. Mas agora, preciso tirar Sue daqui de qualquer jeito. Se for preciso, irei sequestrá-la.

— Sue, por favor venha comigo.

— Ela tem quem a proteja? Quem? Ela não mora sozinha? Quem vai protegê-la?

Percebo que seu grito não é mais por causa do som lá fora e sim por mágoa. Seus olhos estão cheios, estou cada vez mais confuso.

— Sue, não posso me preocupar com ela agora, preciso proteger você.

A maneira como ela me olha faz minha respiração falhar por um momento. É como se não houvesse vida ali, como se ela se perdesse de repente. Quando volta a falar, sua voz é quase um sussurro. Consigo entender lendo seus lábios, mas mal a escuto.

— Eu não vou com você, Cleber. Não vou a lugar algum com você.

Antes que eu possa retrucar, ela coloca a mão na cabeça e seu cabelo vermelho vai saindo, dando lugar a um cabelo negro. Fico em choque por um momento, mas é normal que ela use uma peruca não é? Em sua profissão? Faz parte das fantasias, eu imagino. Mas, então ela tira a máscara, e quando olho para seu rosto livre, com aquele cabelo negro, vejo meu sonho, vejo...

— Você está enganado — ela diz com lágrimas escorrendo por seus olhos. — Eu não tenho quem me proteja.

— Mais que merda!

Aqui na minha frente, vestida com uma fantasia de Sue, no camarim de Sue, está Suzana. Suzana é Sue.

— Merda!

Capítulo 14

Suzana

Ele me encara em choque e não diz nada. Dá voltas pelo camarim, passa as mãos pelos cabelos, está ainda mais nervoso, e sangrando. Também não digo nada. Abro a porta e procuro por Henriqueta, ela é uma enfermeira aposentada contratada por Cidão para caso de acidentes. Às vezes, acontece de alguém cair do palco, brigas, coisas assim. Peço a ela que faça um curativo nos machucados dele e vou embora. Como estou vestida. Não me importa se as pessoas me verão assim, com esse top minúsculo, essa saia minúscula e essa maquiagem forte. Mas, assim que piso na rua, e a chuva fina começa a refrescar meu corpo, Cleber me segura. Percebo que seus machucados estão limpos, mas logo voltarão a sangrar.

— Onde pensa que está indo? — ele pergunta, colocando sobre mim seu terno.

Tento me soltar, mas ele me puxa até um canto, onde posso ouvi-lo. Mesmo assim ele grita:

— Como você pôde me enganar assim? Suzana! Não acredito que você... — Ele abaixa a cabeça, parece desorientado. Acho que está tão perdido quanto eu.

— Não te devo nenhum tipo de satisfação — digo em voz baixa. — Você a escolheu e perdeu, Cleber. Miss Sue não existe. Sua odalisca misteriosa, não existe. Você quis protegê-la, não quis? Mas, ela não precisava de proteção!

Ele não diz nada. Fica me encarando. Hora parece arrependido e triste, hora parece com raiva. Não quero descobrir o que está sentindo. Entro no primeiro taxi que estava encostado ali e peço apenas que ele ande.

Chego de madrugada. Fiz bastante hora na rua para evitar que alguém no prédio me veja vestida assim. O terno de Cleber não esconde quase nada. Entro em meu apartamento cansada, querendo apenas dormir e dormir e dormir, por dias se for possível. Já disse que detesto me sentir triste? Mas é assim que me sinto. Sei que fiz um jogo com ele, sei que percebi que ele estava apaixonado por nós duas e mesmo assim continuei o jogo. Mas, ele sempre a escolheu. Sempre foi Sue. Ele não pensou duas vezes antes de correr e protegê-la, afinal de contas, eu sou a farsa. E percebo que sou mesmo, ele não tem como saber quem sou, porque nem eu mesma sei.

Escuto um barulho estranho vindo do corredor e resmungo um palavrão.

— Ah não, além, hoje não! Hoje eu preciso dormir.

O barulho se repete, e acho que escuto um rugido. Mais do que depressa corro

até o corredor e presto atenção. O rugido se repete, dessa vez parece um grito, de desespero, e vem do quarto da Sue. Aquele que ninguém podia ver.

Abro a porta vagorosamente e tudo está um caos. Todas as fantasias estão rasgadas, espalhadas pelo chão. Os brinquedos jogados, quebrados, óleos derramados, revistas rasgadas. Os perfumes dela estão quebrados, os cheiros se misturaram no quarto, não sendo possível identificar um só. E no centro de toda bagunça, está Cleber. Sentado no chão, com a cabeça entre os braços. Não sei dizer se está chorando, nem quero saber nesse momento. Quero apenas que esse maldito pague tudo o que quebrou.

— Você vai pagar por tudo isso!

Ele ergue a cabeça. Seus olhos estão vermelhos, e ele se levanta de repente, se aproxima de mim exalando raiva. Vejo que tomou banho, pois seus machucados estão realmente limpos e sua roupa também. Nada de sangue.

— Você sabia que eu estava apaixonado! Você ferrou com minha cabeça, ferrou com meus dias! E nem se importou. Quantas faces mais eu vou descobrir em você, Suzana?

— Nenhuma! Porque assim que eu pegar a merda do seu cartão de crédito e repor tudo o que você destruiu, eu nunca mais vou olhar para você! — grito.

— Ah não! E você acha que eu vou querer te olhar? Você não tem coração? Eu sei que sou um merda nisso, não sei gostar de ninguém. Não fui sincero com você em nenhuma de suas faces, mas eu não menti! Eu me protegi, apenas.

— Ah isso com certeza! Você protegeu a todos! A si mesmo, a Sue, menos a mim!

— Você não tem o direito de me cobrar nada! Está assim porque a escolhi, mas como escolheria você se está tão perdida em tantas faces? Quem eu teria em minha cama se a escolhesse, Suzana? A professora, a devassa ou a dançarina de um clube noturno?

Abaixo a cabeça, não quero chorar na frente dele. Mas consigo responder sem fraquejar o tom de voz.

— Você nunca teria em sua cama nenhuma delas. Porque você não é homem para nenhuma. Posso ser mil pessoas em uma só, Cleber, posso não saber quem sou às vezes. Mas você, não é digno de nenhuma parte de mim. Eu quero que você saia da minha casa e não me dirija a palavra nunca mais. A mulher que você escolheu, não existe! Então não temos mais nada a ver um com o outro.

Ele fica parado, me encarando. Posso sentir a tensão de seu corpo, posso sentir a mágoa. Também estou magoada, seu estúpido! Ele apenas me encara. Não diz nada, só me observa.

— Tão parecidas! Como eu pude ser tão burro?

— Você é homem. É isso que você foi. Uma dançarina, não é? Sensual. Sexy.

Não foi isso que você disse? Por que você se importaria em descobrir mais sobre ela como pessoa, se tudo o que precisava era de um corpo que lhe agradasse? Por que perceberia qualquer semelhança entre nós duas? Você só estava concentrado no seu próprio pau!

— Você não tem o direito de gritar comigo, não tem o direito...

— Eu tenho! — grito ainda mais alto — Tenho todo direito, porque você me colocou em perigo e foi correndo proteger a ela! Ela! Você sempre a escolhe, eu nunca sou mais do que a vizinha com quem você gosta de flertar. Ela é a escolhida! Será que não se dá conta da sua burrice? Sue estava em um clube noturno, sob a proteção de Big Cid, ninguém tocava em um fio de cabelo dela!

— Eu liguei para você primeiro.

— Ligou? Você ligou, nossa merece um prêmio por seu heroísmo! O que você disse mesmo? Para eu ligar para Samuel. Samuel! Não sei por que achou que ele me protegeria das suas merdas!

— Porque ele é o filho do governador, oras! Eu não liguei só para você, liguei primeiro para meu advogado, eu mandei seguranças a sua casa imediatamente e mandei que Samuel fosse alertado de que você estava em perigo.

Não digo nada. Samuel me ligou mais de vinte vezes, mas não pude atender porque estava no Red.

— Ele é a porra do filho do governador! Quem melhor do que ele para protegê-la? Você não entende? Sue não estaria protegida comigo, nós íamos fugir! Você estaria protegida perto dele. Você não entende?

— Não! O que eu entendo é que você me descartou como se eu fosse uma coisa qualquer.

Ele passa novamente as mãos pelo cabelo e diz, em um tom resignado.

— Entenda como quiser, Suzana. Posso ter sido um grande imbecil ao procurar por ela e não por você. E você é uma grande mentirosa que acabou comigo. Parabéns! Você me dobrou direitinho. Me fez de bobo duas vezes. Deve ter rido muito da minha cara, não é?

— Não, na verdade não. Mas vou rir agora, vou rir muito, Seu idiota! — Aproximo-me dele e tento socá-lo, estou com raiva, magoada, me sentindo ferida de uma maneira que suga minhas forças. Quero apenas que ele vá embora para que eu possa dormir. Quero que esse dia acabe e que o próximo não nasça tão cedo.

— Eu me apaixonei de verdade, Suzana. Eu me apaixonei pra valer. Você sabe disso. Sabe melhor do que ninguém.

— Se apaixonou por ela.

— E por você! Você é ela! Pare de tentar me confundir! Pare de tratá-la como se ela fosse uma terceira pessoa. Ela é você! Eu não me apaixonei por outra

mulher, Suzana. Apaixonei-me por você duas vezes! — Ele me olha nos olhos, mas não há nem o brilho do fogo de sempre ali. — Deve ser por isso que a decepção é tão maior.

Me solto de suas mãos que me seguraram para impedir que eu o acertasse e ando até a porta do quarto.

— Vá embora. Vá agora! Não quero vê-lo nunca mais!

— Você mentiu para mim. Que merda! Eu era seu amigo, eu vinha aqui todos os dias, quantas oportunidades você teve de me contar tudo, por que você não falou?

— Porque eu não tinha obrigação de te dizer nada! Você nunca foi meu amigo, era apenas um vizinho safado que queria me comer. Você deixou isso claro em todas as oportunidades que teve, Cleber. Por que eu te contaria alguma coisa? Para tornar seu joguinho de salvar seu ego ainda mais intrigante?

— Eu merecia saber, Suzana. Você sabe disso.

— Não teria mudado nada. Você não está apaixonado. Olhe para você, você nem sabe o que é estar apaixonado.

— Não tente medir meus sentimentos, Suzana, porque você não sabe o inferno em que transformou minha cabeça nesses últimos meses! Você não faz ideia do inferno que estou vivendo agora! Do quanto quero odiá-la quando tudo o que consigo é me perguntar por que você mentiu!

— Eu não menti! Nunca disse que não era a mesma pessoa! Era meu segredo. Não criei a Sue para você, criei para mim! Era a minha vida dupla e ela já existia antes de você aparecer para foder com tudo! E não me olhe com esse ar de superioridade, como se você tivesse sido perfeito.

— Você não vale o chão que pisa, Suzana.

Isso doeu. Eu já ouvi isso antes. Sinto que minhas barreiras vão se romper e não quero de jeito nenhum chorar na frente dele de novo. Quero apenas que ele saia, por que ele não entende? Ele segura meus ombros e olha em meus olhos, está magoado, posso ver isso. Mas, não sei por que acha que tem o direito de se sentir assim.

— Por que você fez isso? Você podia ter me afastado, tanto como Sue quanto como Suzana. Mas, você me envolveu nas duas vidas. Por que Suzana? Por que não me contou?

Respiro fundo e olho em seus olhos. Já não tenho mais forças para continuar essa discussão.

— Você nunca precisou guardar um segredo, Cleber? Um segredo que não pudesse contar? Nem mesmo para quem merecia saber?

Ele se afasta como se tivesse recebido um soco. Abre a boca, mas não emite som algum. Faz gestos negativos com a cabeça e parece desnortado. Passa por

mim sem olhar para trás e abre a porta da frente. Estou apenas esperando que ele saia porta afora para gritar como uma louca. Talvez eu devesse fazer isso na casa dele. Talvez eu deva ir até lá e quebrar tudo, fazer o que ele fez no meu quarto. Ou talvez eu deva apenas aceitar de uma vez por todas que não devo fazer nada em relação a ele. Apenas deixar passar. É isso. Acaba aqui. Não quero pensar que tudo seria diferente se eu tivesse contado antes, não seria. Ele nunca demonstrou nenhum tipo de sentimento por nenhuma de nós duas. Nada além do desejo. Um desejo desenfreado, maluco até, mas um desejo. E eu não ariscaria meu maior segredo para saciar desejo algum. Esperava bem mais do que isso.

Me forço a ir tomar um banho, e a gritar uma ópera no banheiro para afastar essa tristeza. Não faça essa cara, músicas alegres em momentos tristes, só servem para te lembrar que você está triste e aquela música não está no mesmo clima da sua alma. Então a ópera, te faz pensar em coisas positivas. Todo mundo tem pelo menos uma coisa boa em que pensar, quando as coisas ruins querem tomar conta, não é mesmo? Espero que minha coisa boa seja boa o bastante. Pois parece que perdi uma grande parte de mim. E não é como se não fosse ser Miss Sue amanhã de novo. Não é como se a devassa morresse de uma hora para outra e eu ficasse sem essa parte. Está faltando uma parte minha que desconheço, mas posso sentir como dói perdê-la.

Quantas faces mais você descobriria em mim, Cleber? Nem quero pensar nisso.

Jogo um blusão velho por cima do corpo ainda molhado. Estou sem paciência, para vestir uma lingerie, para procurar uma camisola, só quero cair na cama. Antes, procuro a Montrachet de Cleber que ainda está na geladeira, então tomo uma taça, sentada a mesa, tentando me lembrar de uma coisa boa.

É quando a porta abre e Cleber aparece. Está ainda mais abatido do que quando saiu daqui, há meia hora. Ele pega uma taça e se senta à minha frente. Não diz nada, pega a Montrachet e enche a taça, então toma tudo e acaba com o resto. Dessa vez ele não vira o copo, fica rodando o vinho na taça e cheirando, olhando para as próprias mãos.

Dormir. É uma coisa boa! Concentro-me nisso e penso em ir fazer exatamente essa coisa boa. Mas Cleber começa a falar.

— Entendi porque você está emputecida.

— Não use uma palavra tão chula para se referir a mim.

O ensaio de um sorriso surge em seu rosto, e ele volta a falar, sem olhar para mim.

— Você acha que assim que soube que vocês estavam em risco, corri até ela. Acha que não pensei em você, que quis proteger apenas Miss Sue. Mas, não foi assim meu raciocínio. Eu tinha acabado de levar uma surra de três caras, de ver

um inimigo que tenho procurado por anos, de saber que vocês duas estavam em perigo. Você não pode me cobrar muita lógica em um momento assim.

— Você está me pedindo desculpa?

Ele me olha por um segundo, mas desvia o olhar. É como se não suportasse olhar para mim. E isso machuca como um espinho no peito.

— Estou dizendo que sou um estúpido. E sou egoísta. E não sei lidar com essa palavra começada com A. Estou dizendo que a primeira pessoa que veio à minha mente foi você, então dei um jeito de conseguir seu telefone e avisá-la. Não sabia o que fazer, porque não suportaria olhar para você, e ter que te falar que eu a coloquei em risco. Não pense que foi fácil te dizer para pedir proteção a Samuel. Foi horrível. Mas você estava com ele na outra noite, vocês se beijaram, eu achei... achei que era ele quem você queria apara acalmá-la.

— Foi uma desculpa fofa, Cleber, mas não me convenceu.

— Não estou tentando te convencer de nada, Suzana. Você é mais teimosa que uma mula. Estou apenas dizendo, porque sei que vai ficar remoendo isso e em algum momento pode achar alguma lógica.

— Esse momento não vai ser agora. Nem amanhã, nem na semana que vem.

Ele assente e prova o vinho. Fecha os olhos e volta a falar:

— Eu imaginei a cena, um homem elegante como esse inimigo, entrando em um clube noturno, entrando em seu camarim. Não adiantaria você gritar, ninguém a ouviria com aquele som. Ele poderia arrastá-la facilmente, pois ninguém se oporia para defender uma dançarina que provavelmente está indo fazer um programa. Nem mesmo o segurança que fica perto da sua porta a defenderia, ele cansou de nos ver discutindo e sempre me deixou entrar.

As palavras dele me ferem, porque vão contra algo que enfiei na cabeça e não quero que saia. Cleber não pensou em mim, pensou em Sue. Não importa os argumentos que sua mente confusa possa ter, ele a escolheu.

— Achei que de vocês duas, ela estava menos segura. — Ele abre os olhos e me olha fixamente. — Quando me joguei na minha cama meia hora atrás e pensei que a odeio com todas as minhas forças, me dei conta de que eu nunca me apaixonaria por duas mulheres. Era uma o tempo todo. E aí tive que terminar de enfiar a faca em meu ego e assumir que você me tem completamente nas mãos — a maneira como ele me olha ao dizer isso quase me desarma.

Levanto-me e vou para o quarto, não quero mais ouvi-lo. Não quero ouvir mais nada. Quero dormir! Estou falando isso há tanto tempo, por que ainda estou acordada? Mas ele me segue, claro que segue. Começo a arrumar minha cama e ele fica parado, perto demais, me avaliando. Como se eu não estivesse tentando fugir. Como se eu não estivesse fingindo que ele não está ali. Ele volta a falar, sem tirar os olhos de mim:

— Você me rejeita de duas maneiras diferentes, e só consegue com que eu a queira mais. Você me fere da pior maneira possível, e a pior dor disso, é saber que nunca a terei de verdade. Você tem alguma ideia do que me faz sentir? Sim, Suzana. Você me apavora! Não há duas mulheres. Eu apenas me apaixonei por cada uma de suas faces.

Não sei o que ele quer aqui me dizendo essas coisas, não sei o que eu quero sentir ao ouvir essas coisas, mas sei que não gosto nada da maneira como meu coração está acelerado, e minhas pernas virando gelatina. Então percebo que estar perto dessa cama com ele não é uma boa ideia. Já que terei que expulsá-lo de novo, melhor fazer isso longe de um quarto.

Eu o encaro e dou um passo em sua direção apontando a porta. Mas ele segura meu dedo e me puxa, rodeando meu corpo com seus braços.

— A culpa disso é sua! Você me leva ao limite! Ao limite da confusão, do desespero! — Ele me empurra contra a parede e prende meu corpo com o dele — Do desejo.

Então ele segura meu rosto entre as mãos e não há mais mágoa em seus olhos. Há aquele brilho safado de sempre.

— Você me deve um orgasmo — diz de repente.

— O quê?

Ele sorri, beija meu pescoço e quero me afastar, mas seus braços fortes estão me apertando, e seu cheiro está me confundido.

— Você me deve vários orgasmos. Suzana, quantas vezes quase transamos? Seja aqui ou no Red. Quantas vezes você me deixou na mão como Suzana e como Miss Sue?

— Não sei do que está falando.

— Sabe sim, minha safadinha. Sua dívida é enorme. É melhor começar a pagá-la agora mesmo!

Consigo me afastar e estendo as mãos para que ele não se aproxime. Isso nunca funciona com ele, mas dessa vez, ele não se aproxima.

— Você estava magoado há meia hora. Estava gritando feito um louco e quebrando minhas coisas.

— Ainda estou magoado. Ainda não entendo. Quero que você me conte. Mas mais do que isso, quero você. Você me deve isso. Eu nunca desejei e nem desejarei nada da maneira como a desejo. E trouxe um cartão de crédito. — Ele dá um passo na minha direção e continua falando. — Não quero agir como se nada tivesse acontecido. Sei que está magoada, mas estou também. As dores que você causou ao meu ego até agora, não foram nada comparadas ao que estou sentindo. — Ele segura minha cabeça entre suas mãos e olha em meus olhos. Quando volta a falar, a intensidade em sua voz me assusta. — Mas, não quero

me afastar agora. Não posso e não vou fazer isso.

Nem tenho tempo de responder, ele puxa minha cabeça para ele e sua boca toma a minha. Seu beijo é forte, possessivo, carregado de raiva, desespero e paixão. Nem passa pela minha cabeça não corresponder, não tenho essa opção. Sua língua prende a minha e a suga. Solta minha cabeça e seus braços rodeiam minha cintura, me apertando, quase me sufocando. Prendendo-me a ele como se sua vida dependesse disso. Suas mãos descem por minha bunda e ele me levanta. Passo as pernas por sua cintura e ele me segura. Leva-me até a cama e me joga nela. Em seu rosto identifico a raiva, mas seus olhos estão tomados pelo desejo. Sempre quis que um homem me olhasse assim, com esse desespero.

Ele puxa minha blusa rasgando-a. Seus olhos passeiam por meu corpo, se prendendo a cada detalhe. Toca minha barriga com o dedo e sobe, contornando meus seios e parando na pequena cicatriz. Então ele abaixa a cabeça e a beija. Segue com a língua para meu seio e rodeia meu mamilo. Sua barba por fazer me arranha, ele chupa com força, me fazendo gemer. Então desce os beijos por minha barriga. Sinto sua barba deixando uma trilha por meu corpo. Sinto que posso gozar ao menor contato dele no lugar certo. Seus lábios e língua descem ainda mais, ele mordisca a parte interna da minha coxa, não consigo conter os gritos que me escapam. Enfio o dedo em seus cabelos para guiá-lo ao lugar certo, mas ele sorri e segura minhas mãos, prende cada uma na cama ao lado do meu corpo e finalmente sua língua encontra meu clitóris.

Grito seu nome, ele me chupa com o mesmo desespero com que me beijava, com tanta força, que tenho o impulso de afastá-lo, mas minhas mãos estão presas sob as suas. Tento afastar meu corpo, o prazer que me atinge é quase forte demais para suportar. Cleber é implacável. Grito seu nome quando um orgasmo violento me atinge, e mesmo assim ele não para. Contorço-me embaixo dele, meu corpo todo vibra, ele diminui a pressão no meu clitóris e solta minhas mãos. As levo imediatamente para seu cabelo, mas nem tenho tempo de afastá-lo, ele enfia o polegar em mim e o som que sai de minha boca o faz rir.

— Tao deliciosa! — diz e volta a me chupar.

Dessa vez não o faz com tanta força, faz bem devagar, sua língua pincelando meu clitóris, alternando as lambidas com o movimento de seu dedo em mim. O prazer começa a se acumular de novo, me fazendo perder os sentidos. De repente, ele chupa forte, gira o dedo dentro de mim e gozo de novo, puxando seu cabelo.

Ele mal espera que eu me recupere, se levanta e deita seu corpo sobre o meu. O brilho que vejo em seus olhos é novo. O sorriso que exhibe não tem nada de pretencioso, ou debochado. Ele parece maravilhado. Passeia o dedo por meu rosto, e toco seu corpo por baixo da blusa. Ele fecha os olhos e deixa que eu o

toque. Passeio a unha por seus gominhos, pelo seu peito, desço a mão novamente e seguro a barra de sua blusa. Começo a subi-la, e ele a tira pela cabeça. É lindo!

— Eu vou comer você agora, minha safadinha linda. Vou te comer com força, vou descontar cada noite que passei acordado desejando tê-la. Mas não quero mágoas entre nós nessa cama. Não essa noite. Acha que pode fazer isso?

— Só se o sexo valer a pena.

Ele sorri.

— Nesse momento, não consigo me lembrar de nada além do seu corpo, seu pau e dois orgasmos maravilhosos — digo.

— Então, prepare-se para o terceiro — ele diz e sai da cama.

Tira a roupa bem devagar e admiro seu pau. Lembro-me bem da sensação de tê-lo na mão, e na boca. Ele sobe na cama com toda calma, mas não aguento esperar, me levanto e toco seu membro rijo. Ele geme, então de repente me joga de volta na cama.

— Não posso esperar mais! — suplica, e assinto com a cabeça.

Ele passa minha perna por seu ombro e me penetra. Sinto cada centímetro de seu pau me preenchendo. Espero que ele se mova, mas ele fica parado. Abro os olhos e está me olhando.

— Você estava errada. Se apaixonar é não querer parar de pensar em uma pessoa. — Ele sai lentamente e entra de novo. — Mesmo que isso acabe com toda sua concentração e suas noites de sono. — Volta a sair e entrar vagorosamente. — É ser capaz de qualquer coisa por alguém, mesmo que vá contra tudo o que você acredita. — Ele mete mais forte e grito.

Então ele segura minhas mãos ao lado do meu rosto, entrelaça os dedos nos meus e diz:

— Se apaixonar, Suzana, é entregar todo seu mundo, sua alma, seu corpo, nas mãos de uma única pessoa e ficar feliz por isso. Se isso não é paixão, minha adorável safadinha, não sei mais o que é.

Então ele começa a meter forte, como prometeu que faria, em um ritmo frenético. Seus dedos apertam os meus e sua boca alcança a minha. E então o prazer vai se acumulando de novo. Ele deixa meus lábios e diz:

— Goze, safadinha. E grite meu nome.

Grito seu nome quando o terceiro orgasmo me atinge, ouço que ele grita comigo. Sinto ou ouço alguma agitação à minha volta, mas não consigo me concentrar em nada que não seja sua respiração acelerada em meus seios. O abraço forte, e ele sorri. E permanece ali, dentro de mim, com a cabeça entre meus seios, e os braços à minha volta.

— Achei que você fosse me odiar quando descobrisse — digo.

— Eu te odeio. Odeio o que você fez. O que eu fiz. Mas não posso ficar sem

você. Ainda não.

Ele se vira na cama e me puxa para seus braços. Deito a cabeça em seu peito e ele me abraça bem apertado. Sua respiração vai ficando mais leve, e adormece.

Ah Cleber, o que você descreveu é mais do que paixão. É amor. Você me ama, e exatamente por isso vai se afastar de mim. E não estou disposta a correr esse risco. Não mesmo.

Adormeço perdida em pensamentos, e parece que acabei de fechar os olhos quando alguém grita e Cleber me puxa para seu corpo, me cobrindo com o lençol. Abro os olhos, confusa e há dois homens no quarto. Vestidos de bombeiros.

— Mas, o que...

— Vocês não ouviram? — O homem está falando com Cleber. — Houve uma explosão na fiação do terceiro andar. O prédio está sendo evacuado. Estamos pedindo há mais de duas horas que as pessoas saiam. Onde vocês estavam?

Enfio minha cabeça embaixo do lençol. Que vergonha! Cleber cobre minhas pernas.

— Estávamos ocupados, camarada. Não ouvimos.

— Desçam imediatamente.

— Já vamos descer. Mas preciso que saiam para que ela possa se vestir.

Afundo mais ainda embaixo do lençol. Meu Deus! Todo mundo nesse prédio vai ficar sabendo disso. E como foi que não ouvimos os bombeiros chamando? Meu Deus! Não posso nem transar sem que todo mundo fique sabendo.

Os bombeiros batem a porta ao sair, claramente irritados e então Cleber e eu temos uma crise de riso.

— Parece que colocamos fogo no prédio, safadinha.

Nem consigo responder, deixo as gargalhadas aliviarem a tensão desse dia.

Cleber

Agarro a mão de Suzana enquanto descemos as escadas. Ela está tremendo levemente, e aperto sua mão para que veja que estou aqui com ela. Sei que está havendo um incêndio no prédio, mas inda estou meio fora do ar. Ainda tenho o gosto dela na boca, seus gemidos no ouvido, ainda sinto o corpo dela sob o meu. Incrível! Agora entendo o que Matheus quis dizer com sexo incrível. Nunca senti nada parecido.

As pessoas estão usando seus pijamas, amontoadas do lado de fora, observando o trabalho dos bombeiros. Há muita fumaça saindo do prédio e me pergunto como nem sentimos esse cheiro. Cai uma chuva fina e algumas pessoas se cobrem enroladas em cobertores. Suzana está quieta demais, assustada e constrangida. Pego um cobertor com um bombeiro e a cubro. A abraço por trás e aos poucos, ela se acalma.

Um senhor de idade se aproxima e nos conta como a fiação do terceiro andar estava irregular há dias. E ele havia alertado o síndico. E que de repente houve um curto, uma explosão, e o andar todo pegou fogo. Ninguém se feriu gravemente, mas todos estão assustados. Procuro um lugar para nos sentarmos, coloco-a no meu colo e ligo para Arlete. Ela ainda mora em meu outro apartamento. Peço a ela que arrume meu quarto, e peço mil desculpas por acordá-la, mas como sempre, ela é amável e prestativa.

— O prédio pegou fogo e nós não percebemos — comento no ouvido de Suzana, rindo.

— Também estávamos pegando fogo — ela diz, mas de uma maneira fria, comparada a forma como gritava meu nome poucas horas atrás. — Por que mandou alguém arrumar um quarto?

Deve estar com ciúmes, e por isso está tensa.

— No meu outro apartamento, acho que isso vai demorar. Vamos passar o resto do final de semana lá.

Suzana se levanta e olha para os lados, fala tão baixo, que só consigo ouvi-la porque estou totalmente concentrado nela.

— Não vou com você.

Braços a rodeiam e vejo o cabelo ralo daquele gay. Mas ele parece realmente preocupado. Suzana permite que ele a abrace, e aquilo me incomoda, muito. Mas tento não ser um homem das cavernas, afinal de contas, ela tem a mim. Depois do sexo maravilhoso que fizemos, não tem a menor chance de ela querer ficar com ele. Mas por que está permitindo que esse abraço dure tanto?

O síndico se aproxima e nos avisa para procurarmos um hotel, pois toda a fiação passará por uma avaliação minuciosa no fim de semana. Ouço o gay chamá-la para ficar na casa dele, e mais do que depressa a puxo para perto de mim.

— Não será necessário, Samuel. Ela ficará comigo em minha casa, mas agradeço sua preocupação.

Suzana dá um passo para perto dele e fala com ele, sem olhar para mim:

— Na verdade, prefiro ficar com você, se não se importar.

O quê? Ela prefere ficar com ele? O infeliz sorri vitorioso e a alma penada do meu ego assassinado, sofre seu primeiro tiro dado por ela. Puxo-a pelo braço e seguro seu rosto obrigando-a a me olhar.

— O que está fazendo? Você virá comigo!

Ela tenta se afastar, mas não permito.

— Acho melhor não, Cleber.

— Melhor não? Que passo ruim é esse? O melhor é não nos separarmos agora.

Quando ela volta a olhar para mim, me sinto congelar de repente. É uma sensação estranha, como um pressentimento ruim.

— Não vou com você, Cleber. Não estamos mais na cama, já consigo me lembrar de tudo. De todas as mágoas.

Isso é bem mais do que uma coisa ruim. É ruim pra caralho.

— Não faça isso! Vamos conversar mais, vamos resolver tudo. Você precisa vir comigo.

— Não há o que resolver, é como estarmos no ponto zero de novo. O que você tem a me oferecer, não me interessa.

— Talvez eu tenha outras coisas para te oferecer, agora.

— Talvez eu não queira mais essas coisas.

— Suzana! Seja razoável. Nós acabamos de fazer o melhor sexo das nossas vidas. Não finja que nada aconteceu.

— Não estou fingindo. Sim, foi um sexo fantástico. Como você tão bem enfatizou, eu precisava disso. E como você tão bem enfatizou, foi só isso.

Merda. Sabe aquele momento em que você é um idiota completo? Não seja! Ele vai voltar contra você da pior maneira possível.

— Suzana... — insisto me recusando a soltá-la.

— Não precisamos passar por tudo de novo, Cleber. Estou dizendo que não tenho interesse em você, não insista, fica chato.

Não tenho forças para segurá-la quando ela se solta e sai com Samuel. Foda-se. Já a tive mesmo! Posso conseguir outra mulher para o final de semana. Posso conseguir várias mulheres se eu quiser. Suzana é uma mentirosa, mesmo. Não preciso dela. Vou sozinho para meu outro apartamento. Preciso dormir. E

percebo que não posso ficar sem ela assim que encosto a cabeça no travesseiro. A cama fica fria demais, o quarto silencioso demais e nenhuma posição é boa o bastante. E então há as imagens. Seios, bunda, xoxota, sorriso, mãos, barriga, lábios, cabelo emaranhado. Imagens dela na cama, nos meus braços, tomam minha mente a noite toda e não durmo nada. Não me julgue, sei que fui idiota, todas as vezes em que estive com ela. Mas ela não foi exatamente uma flor comigo. E isso é o que tenho para me agarrar e me convencer a não desejá-la mais.

Caralho! Preciso encontrar um jeito de tê-la. A mulher é mais escorregadia que quiabo e mais difícil do que ganhar na mega da virada. Mas, você me conhece, adoro um desafio.

Sábado passa como um dia cinzento e odeio dias assim. Então, de noite, ligo para Matheus. Ele é mais sério, sério até demais. E não vou aguentar as piadinhas de Sebastian agora. Encontramo-nos em um bar da Savassi, foi difícil convencê-lo, mas no fim, achou que eu estava desesperado. Ele limpa bem a cadeira antes de se sentar e leva uma caneca própria para tomar a cerveja, como sempre. Arregala os olhos enquanto conto tudo o que aconteceu. Quando termino o relato, há algum cisco nos meus dois olhos e Matheus está boquiaberto.

Espero que diga alguma coisa, e depois de um bom tempo, ele fala:

— O prédio pegou fogo e vocês não perceberam? Uau!

— Você ouviu tudo que eu disse? Porque eu te contei merda pra caralho.

— Sim, eu ouvi. O que quer que eu diga? Você encontrou sua xoxota mágica.

— Idiota!

Estou bebendo de tudo um pouco, enquanto Matheus está ainda na 1º garrafa.

— Ela é muito inteligente. Nunca imaginaria você com uma mulher inteligente.

— Você está de sacanagem, não é? Porque se eu quisesse piadinhas ruins teria chamado o Sebastian! Chamei você porque é o sério da turma.

— Não sei de onde vocês tiraram que sou apenas sério. Mas relaxe meu amigo, quero apenas rir um pouco da sua cara. Cleber Dantas apaixonado não é uma coisa comum de se ver.

— Não tem a menor graça.

— Se faz questão, serei sério. Você é um babaca. E sua amada vizinha nunca vai ficar com você.

Eu o encaro, porque é essa a sensação que tenho também.

— Ela mentiu para mim e me enganou — defendendo-me.

— E você fez o mesmo e ainda a deixou em segundo plano.

— Eu não menti para ela! Sue sabia que eu também era apaixonado por Suzana e Suzana sabia sobre Sue.

— Aí está. Você mentiu quando disse que estava apaixonado. Lembra quando me apaixonei pela primeira vez, há anos atrás?

— Gilcelle. Lembro.

Ele faz uma careta quando digo o nome dela.

— Eu não tinha vontade de ficar com mais ninguém. Eu não conseguia. E você nem sabia que elas eram a mesma pessoa.

Entendo o que ele quer dizer. Para Suzana sou um safado que dizia estar apaixonado pelas duas apenas para levá-las para a cama. E sim, no começo achei que era apenas isso. Deve ter se sentido enganada todo esse tempo. Meu Deus! Eu levava várias mulheres para casa, dava várias festas. E ela ouvia tudo. Preciso consertar isso, preciso fazê-la entender que quando fazia essas coisas eram tentativas frustradas de esquecê-la. Preciso que entenda que não fingia estar apaixonado, eu estava, estou. Fodidamente apaixonado. Apaixonei-me por ela duas vezes. Isso deveria contar a meu favor, não? Ela deveria entender que eu me apaixonaria por ela mil vezes, se conhecesse mil faces dela. Mesmo que não soubesse que era ela. Preciso que ela saiba que desde o instante em que a penetrei, a palavra assustadora começada com A fica rondando a minha mente.

— Patético, mas eu te entendo. É uma droga se sentir assim — diz Matheus.

Merda, falei tudo em voz alta. Não tenho saída, começo a virar um copo atrás do outro. Só quero beber.

Matheus

00:00

Cleber desabafou tudo o que queria. Falou por horas mesmo. E depois bebeu como um louco. Virou um copo atrás do outro. Chegou um momento em que o garçom desistiu de ir e voltar, trouxe várias garrafas e ficou parado ao lado da nossa mesa.

Agora, Cleber está chorando. Ridículo. Deprimente. E engraçado.

— Diz que ela vai ficar comigo — pede choramingando.

— Ela não vai. Sinto muito, mas nunca vai confiar em você!

— Merda, Matheus, você é mau! — E então volta a chorar.

Ele deita a cabeça na mesa. Uma mesa de rua, de bar, onde muitos bêbados passam todos os dias, e meu amigo porco está deitado ali, praticamente lambendo a mesa. Observo seu estado decadente e tento não pensar em como devo ser parecido com ele quando a saudade e o arrependimento apertam demais.

02:00

Entramos no bar, onde há um DJ nessa noite “animando” os bebedores. Cleber agora está dançando. Na pista. Agarra várias mulheres, mas não beija nenhuma. Quando elas tentam, ele começa a falar alguma coisa e elas se afastam. Deve estar falando de Suzana. Estou cansado, é tarde e sábado. Mas meu amigo está muito ferrado, então ficarei para gravar cada besteira que ele vai fazer hoje. É aí que Cleber resolve aparecer. Estou usando essa palavra porque o imbecil sobe em cima da cabine onde o DJ está. E começa a tirar a roupa. Não posso permitir que meu amigo passe por um ridículo desses sem ficar registrado. Ligo meu Diamond Crypt e filmo. Ele tira a camisa, as mulheres aqui em baixo gritam muito. Então tira a calça. E aí um segurança brutamonte aparece para tirá-lo, ele começa a gritar o nome de Suzana e cai da cabine. Merda. Guardo o Diamond Crypt e corro até ele. Seu nariz está sangrando, não sei se quebrou. Tento convencê-lo a procurarmos um médico, mas ele se recusa a sair do bar. Essa noite vai ser longa.

04:00

Cleber está sentado no chão, na pista de dança, cantando uma música muito chata que diz que homens não choram, e chorando. Tenho que filmar de novo.

Essas coisas na festa da empresa no fim de ano serão nossa diversão. Ligo para Sebastian.

— Quem morreu para você ligar a essa hora, Matheus, seu estúpido? — atende Celina.

— Veja você mesma.

Ativo a câmera e deixo que eles vejam o estado de Cleber. Ouço Sebastian gargalhar enquanto Celina pragueja.

— O que esse estúpido fez com elas?

— Ah Celina, é melhor que ele mesmo te conte, porque como ele mesmo disse, foi merda pra caralho.

— Precisa de ajuda para rebocá-lo daí? — pergunta Sebastian.

— Não, vou filmar isso mais um pouco e arrastá-lo para casa.

— Matheus — chama Celina quando estou prestes a desligar. — O celular do Cleber está com você?

— Sim, está aqui na mesa, por quê?

— Mande esse vídeo para Suzana.

Fico em silêncio um segundo antes de perceber a genialidade dessa megera chamada Celina.

— Celina, você é incrivelmente perversa, cruel e inteligente.

— Obrigada. Boa sorte.

Procuro no celular dele, é um aparelho novo. Diferente do que ele usa habitualmente, mas encontro o telefone de Sue. Só pode ser esse. Envio uma mensagem escrita apenas:

Cleber: *O homem é um babaca. E te ama.*

E então envio o vídeo, dele ali na pista, chorando e cantando essa música chata. Espero a confirmação de que ela visualizou a mensagem e resolvo encerrar a noite. Vou até a pista de dança, desvio das mulheres que me cercam e o alcanço.

— Vamos embora homem! Isso já está ridículo.

Tento levantá-lo, mas Cleber é bem forte.

— Cleber, vamos, levante-se.

— Não vou sair daqui. Se voltar para casa vou lembrar-me dela.

— Como se você não tivesse lembrando-se dela em cada segundo desde que chegamos aqui. Vamos, levante-se.

— Não.

Bufo. Não tenho paciência com bêbados, um estúpido bêbado é pior ainda.

— Vamos ao Red. Liguei para lá agora e Sue está se apresentando.

— O quê? — Ele tenta se levantar e o ajudo.
— Porra! Você está apaixonado mesmo.
O empurro no meu carro e o levo para seu apartamento.

05:30

— Isso aqui não é o Red.
— Isso é a merda da sua casa. Entre aí agora mesmo.

Cleber encosta a cabeça na parede, em frente a porta de seu apartamento e se recusa a entrar. Toco a campainha. Sei que isso é idiota, Arlete deve estar dormindo, mas não tenho outra saída. Pouco depois, ela aparece. Embrulhada em um roupão e com cara de sono. É uma mulher baixinha, mais velha e muito bondosa.

— Desculpe acordá-la a essa hora, Arlete, mas ele se recusa a entrar.
— Ah meu menino. Venha aqui, vou te fazer um chocolate quente.

Cleber vai choramingando para os braços minúsculos da mulher. É uma cena estranha, ele é enorme e ela bem menor do que ele.

— Obrigada, senhor Amorim. Tenha um bom dia.
— Para você também. Diga ao Cleber que passo aqui mais tarde.
— Tudo bem.

Assim, deixo meu amigo ali e me dirijo até minha casa, finalmente. Mas não paro de pensar em quão perigosa é essa coisa chamada amor. Como isso pode destruir uma pessoa, desse jeito. Cleber está irreconhecível. E como pode construir uma pessoa, como Sebastian. Acho que nunca vi alguém tão feliz como ele, desde que se acertou com a Celina. Chego a conclusão que o amor é mesmo a arma mais perigosa do ser humano.

Cleber

O mundo caiu essa tarde. E agora está entrando nos eixos de novo. Não leio mais as mensagens de Sebastian e Matheus. Nem vejo mais aqueles vídeos ridículos que Matheus fez de mim. Não voltarei a falar com eles nunca mais. Precisava de amigos, não de inimigos. Mentira, eu teria feito a mesma coisa. Os vídeos são patéticos pra caralho.

Depois de comer e tomar remédios, estou entediado. E há alguma coisa errada no meu peito. Acho que terei que marcar uma consulta com meu cardiologista. É como um vento lá dentro. Deu para entender? Um vazio estranho, que deixa uma sensação bem ruim.

Depois de ser acionado por Botelho, pois encontraram meu carro, fui até o local onde ele foi deixado. Um lote vago. Estava trancado, com o alarme acionado e sem as chaves. E nada foi roubado. Foi apenas um veículo de fuga. Acabei descontando toda minha frustração em Botelho. Deixei claro que Heitor chegou perto demais de Suzana e não permitirei que isso aconteça de novo. E se tivéssemos conseguido pegar Heitor antes, nada disso teria acontecido. Eu ainda estaria com minha odalisca, e minha vizinha gostosa. E em algum momento perceberia que elas eram a mesma pessoa, e então, eu trancaria aquela maldita em um quarto durante uma semana. Deveria ter descoberto as coisas de outro jeito. E claro, quase acertei as bolas dele por não ter dito que Suzana e Sue eram a mesma pessoa.

— Eu percebi isso no primeiro dia que a investiguei, senhor. Achei que a essa altura o senhor já teria descoberto — defendeu-se Botelho.

Tapa merecido por ter sido tão idiota. E cego. E burro. E tudo isso que vocês estão me chamando agora. Podem chamar, eu mereço.

Agora estou aqui, parado na porta dela, sem coragem para entrar. Que se dane! Não espero mesmo que ela esteja aqui. O prédio ainda não está liberado, mas disse que precisava pegar alguns pertences pessoais e entrei. Seu apartamento está vazio, em silêncio, mas há seu cheiro no ar. E o meu. Sua cama está desarrumada e os lençóis embolados. Não vou pegar seu travesseiro para sentir seu cheiro, não mesmo. Mas nem é necessário, seu cheiro está em todo lugar. E claramente ela não pisou aqui depois que foi com o gay.

Um impulso me toma. Sei que Samuel Alencar tem outro apartamento perto daqui. Vou até esse apartamento, preciso apenas saber se ela está bem. Entro como se morasse ali e no elevador, início uma conversa com uma senhora, e consigo descobrir que o apartamento dele fica no 13º andar. Procuro a porta mais

feminina do andar e bato. Uma mulher me atende, e peço para falar com ele.

Pouco depois, ela retorna e me manda entrar. Sabia que essa porta cheia de adornos femininos era a dele.

— Cleber, não o esperava aqui — ele diz com a apatia que sempre reserva a mim.

— Não quero ver você, quero saber como está Suzana.

— Está bem.

— Quero vê-la.

— Não será possível.

— Chame-a agora mesmo ou vou quebrar isso tudo, e entrar aí. Mas eu vou vê-la!

— Não precisa gritar. Suzana não está aqui. Não veio para minha casa. — Ele faz uma cara de bosta ao dizer.

— Então, onde ela está?

— Na casa de uns amigos. Mas se quer um conselho, não vá procura-la.

— Dispenso seus conselhos.

— Não sei o que fez a ela, mas não se aproxime dela de novo. Ela merece alguém bem melhor do que você.

Eu o encaro. Minha vontade é apertar esse pescoço magro e vê-lo arregalar os olhos.

— E você seria melhor para ela? Eu vou te dizer uma coisa, seu gay. Você não me engana. Se machucá-la, seja com palavras, atitudes ou sentimentos, vou matá-lo. Não a conquiste quando sabe que nunca vai desejar-la como ela merece.

Ele arregala os olhos e parece sem jeito.

— Não vou machucá-la, gosto muito dela.

— Ótimo. Mas, gostar para ela não é o suficiente. Ou você a ama de todas as formas possíveis, ou não se aproxime dela. Irei vigiá-lo.

— Não tenho medo das suas ameaças, Cleber. Terei cuidado com ela, não porque está pedindo, mas porque realmente gosto dela.

— Ela precisa de mais do que cuidado — digo e saio dali.

Suzana deve estar no prédio que achei que Sue morava. Deve ter amigos ali. Volto para casa ainda com a cabeça zunindo e finalmente pego o que adiei o dia todo para ler, mas não dá para adiar mais.

Os arquivos de Botelho sobre Suzana.

Suzana

O apartamento está vazio.

Hoje o prédio foi liberado e pude voltar para casa. Ficou aquela sensação ruim de entrar ali de novo depois da última noite, mas ergui a cabeça e entrei. E senti o cheiro dele. Larguei minha mala no chão, com as roupas que eu já deixava na casa de Téó e Léo e vim até o apartamento de Cleber. Mas está vazio. Ele passou por aqui, algumas roupas estão espalhadas na cama. Deve ter vindo buscar alguns pertences. Nem deve voltar mais. Melhor assim. Não preciso mesmo ter nenhum tipo de contato com ele.

Espero que você me entenda, porque provavelmente o livro acabará nesse capítulo. Não haverá mais Suzana e Cleber, nem Sue e Cleber, nada de nós dois. Eu desisto. Sim, eu sei o que vai dizer. Ele é um idiota, e me ama. Mas nunca vai assumir isso. Nunca vai se entregar de verdade a esse sentimento que sequer consegue dizer o nome. Melhor guardar meu coração antes que fique irremediavelmente danificado. Ainda não foi dessa vez.

Pego o celular e vejo pela milésima vez o vídeo que alguém me mandou do celular dele. Cleber sentado em alguma boate, no chão, chorando e sendo mais ridículo do que o normal. Há um momento em que ele sussurra meu nome. O meu, não o de Sue. Jogo o celular de volta no bolso e me viro para sair, mas a porta abre e sou flagrada ali dentro por ele. Merda!

— Um ladrão na minha casa. Terei que puni-la se não quiser ser presa — ele brinca, mas seu rosto não está leve. Sua expressão é carregada e tem olheiras enormes. E um curativo no nariz.

— Chame a polícia. Se formos contar quantas vezes você invadiu meu apartamento sua pena seria bem maior do que a minha.

— Eu nunca roubei nada. Mas, você roubou algo de mim.

Faço uma careta diante de tanta breguice.

— Se disser que roubei seu coração, eu juro que o enfio de novo pela garganta.

Ele sorri finalmente.

— Ia dizer que roubou meu sono. Meu sossego. Minha paz. Até meu pau.

Faço uma careta maior ainda e saio de seu apartamento, mas ele me segura e puxa para dentro de novo.

— O que está havendo? Quem são essas pessoas? — pergunto, porque vislumbrei alguns homens uniformizados no corredor.

— Não sei, devem ser para o outro apartamento. Suzana, precisamos

conversar.

— Hoje não.

— Hoje sim. Eu preciso falar com você. Não é para ser chato. Não quero insistir em nada. Entendo que não queira mais nada comigo.

Eu o encaro e ele não está mentindo. Está resignado. Sabe que não tem mais chance. Que merda! Eu odeio esse homem. Mas então ele me olha de um jeito diferente. Como se estivesse olhando dentro de mim, como se soubesse quem sou. Ele nunca me olhou assim, e nunca pensei que alguém fosse olhar. É algo novo, surpreendente e bom.

— Você precisa falar, safadinha. Precisa colocar para fora.

— Não sei do que está falando.

— De você. De Sue. Da devassa. Você precisa pôr para fora tudo o que está guardando. Quero saber por que criou Miss Sue, quando começaram esses ataques da devassa. Por que se esconde tanto na Suzana?

Pisco os olhos, meio aturdida e surpresa.

— Não preciso de um psicólogo, obrigada.

— Você precisa de um amigo. Estou aqui.

— Não quero um amigo, menos ainda você. As coisas não acabaram bem da primeira vez em que tentamos ser amigos, Cleber.

— Eu sei. Mas não vou tentar te comer agora. Só se você pedir muito. Mas eu quero te ouvir. Preciso entender.

— Não há nada para ser entendido. Não tenho nada a dizer. Minhas escolhas são apenas minhas. Não preciso explicá-las.

— Você precisa entendê-las.

— Não quero falar mais — digo e saio de seu apartamento, e quando entro no meu, quase caio para trás.

Flores.

Em todas as partes.

Em todos os lugares.

Rosas vermelhas, amarelas, rosas. Margaridas. Hibiscos. Várias flores, de todas as cores. Não há onde pisar. O chão todo está coberto. Não estavam aqui há meia hora atrás. Era isso que os homens uniformizados estavam fazendo. Duas mãos seguram meus ombros e a voz de Cleber sussurra:

— Bem-vinda de volta, adorável safadinha.

Viro-me, mas ele está voltando para seu apartamento, mesmo assim grito:

— Nem pensar! Não vamos começar esse jogo de novo! Não quero ser sua amiga. Você não vai mais entrar aqui! Ouviu?

Mas ele fechou a porta e me desespero. Não posso, não vou. De jeito nenhum.

A noite no Red está fraca e por isso visto uma fantasia mais coberta. Hoje é minha noite de dançar sozinha, então deveria estar mais animada do que estou. Mas é a primeira vez que serei Miss Sue depois de tudo. Subo no palco meio receosa, mas logo a adrenalina, as luzes, os gritos, me animam, e consigo esquecer da vida fora desse clube nessa hora. Por isso preciso ser Miss Sue. Foi por isso que a criei. Aqui posso fazer o que amo fazer e ligar o foda-se para o que estão pensando. Nada é mais libertador do que isso.

De repente a atmosfera antes leve, parece mudar, se tornando carregada, densa, e quente. Sei que ele está aqui, não preciso procurá-lo para saber. Eu sinto. Mesmo assim olho para a plateia e o vejo, encostado em uma mesa, de braços cruzados, me olhando fixamente. Não sei o que acontece, mas travo. Não consigo me mexer. A plateia grita, a música para e só consigo olhar para ele. Quero que vá embora. Quero que suba aqui e me beije, e mostre que não se importa de assumir uma dançarina de um clube noturno. Quero que me abrace e diga que me ama, que grite isso, que não tem mais medo e prometa que vai me aceitar assim, com todas as faces, exatamente como sou. Mas, ele parece decepcionado pela minha atitude, ou falta de atitude, dá um sorriso sem graça, se vira e vai embora.

E então meu coração volta a bater.

Ah Cleber, talvez eu deva ensiná-lo como um homem deve amar uma mulher.

Capítulo 12

Cleber

Putaquepariu! Literalmente.

Olhando esses arquivos, esse monte de páginas, com pequenas letras pretas amontoadas, sinto o peso que Suzana carrega. Sinto que não deveria ter lido isso, mas não poderia ajudá-la se não soubesse. Se não soubesse de tudo. Fui um perfeito idiota com ela. Por isso ela foge tanto. Ah Suzana, queria que não tivesse passado por tudo isso. A frase que ela me disse uma vez, que tinha esse lado devassa porque foi a criação que teve, faz todo sentido agora. Suzana não tem ideia do quanto é forte. Agora, mais do que nunca, a admiro, pela mulher maravilhosa que é, mesmo que tenha tantas faces, é um efeito colateral pequeno, tendo em vista a vida que ela deveria ter. E de repente entendo porque ela se esconde tanto. Porque tem tanto medo do que as pessoas vão pensar. Começo a ter uma pequena noção do quanto sua cabeça deve estar fodida depois de tudo. Lembro-me de cada coisa que disse a ela. Frases tão erradas, que com certeza a feriram muito.

Merda. Talvez seja melhor para ela que eu me afaste, que a deixe em paz. Mas isso não seria o melhor para mim. E então não sei o que fazer com ela. Não sei o que posso fazer por ela. Mas sei que preciso fazer alguma coisa. Passo mais uma noite em claro. Amanhã voltarei para o apartamento ao lado dela. Sei que vamos enfrentar nossas mágoas, mas ela vai ter que aprender a enfrentá-las, não permitirei que continue fugindo.

A manhã está estranha e fria. Todos riem quando passo e experimento a sensação de ser o centro das atenções pelo motivo errado. Como será que a Celina aguentava isso? Não preciso perguntar aos meus estúpidos amigos porque as pessoas me olham. Os imbecis devem ter colocado a merda do vídeo no Youtube.

Confirmo isso assim que entro em minha sala e há uma faixa de parabéns pelas 500 mil visualizações em uma noite.

— Caralho — digo ao ver a faixa e um Matheus sorridente sentado embaixo dela, girando na minha cadeira.

— Sabe, Cleber, se a Suzana não te perdoar depois disso, pode desistir, meu amigo.

— Ah, mas ela vai me perdoar. Não tem a menor condição de não estar

morrendo de pena de mim agora. Colocar o vídeo no Youtube, Matheus? Precisava disso?

— Por incrível que pareça, não colocamos. Foi a Celina. Tentando mandar o vídeo para sua secretária. Acontece que quando percebemos já tinha visualizações demais para retirarmos. Fique feliz estúpido, você está alegrando as vidas chatas de muitas pessoas agora.

— Imbecil.

— Vá falar com a Celina. Já ligou aqui três vezes para saber sobre você. Precisa contar a ela.

— Eu não. Ela via rir da minha cara o resto da vida.

— Todos nós vamos. Sabe o que é mais engraçado, Cleber? Você sempre foi o mais sacana, o mais idiota e o que mais nos encheu o saco por estarmos apaixonados. E veja só você. Nenhum de nós pagou tanto mico por causa de uma paixão.

— Pode ir rindo, imbecil, não quer que eu te lembre da festa da empresa, não é? Vamos ver o que você vai fazer quando a minha secretária beber de novo esse ano.

— Não permitirei que ela toque em uma gota de álcool esse ano. Pelo bem da minha sanidade mental.

— Boa sorte com isso. Você pode rir de mim agora. A Suzana é brava, mas é um anjo se comparada a Gilcelle. Você, meu querido amigo, será o mais ferrado de nós três.

Ele faz uma careta e depois dá de ombros.

— Eu sei.

Então saio de minha sala e preparo minha cara de cão sofrido para que Celina não pegue pesado demais. Nem queria fazer isso. Mas eles me acompanharam nessa confusão toda e devo isso a eles. Entro na sala de Celina e logo ela me encara preocupada. Sei que estou um caco. Ela tira a bolsa de cima da “minha” poltrona e me joga ali. Sebastian aparece nem dois minutos depois, eu sabia que apareceria assim que soubesse que entrei na sala de Celina.

— Então, Dantas? Ela te deu um pé na bunda, não foi? Eu falei para você que foi mancada demais, cara.

Ele ainda está se referindo ao fato de eu ter dito a ela que só tinha sexo a oferecer, não sabe o quanto já dei mancada depois disso.

— A situação é um pouco pior do que isso, Vaughn.

— Pior? Não me diga que ela é um traveco? Porra! Uma mulher tão gostosa e tem um pau no meio das pernas?

— Ela não é um traveco! Tem uma xoxota no meio das pernas. Linda, por sinal!

Sebastian não tem tempo de retrucar, pois é atingido pelo estojo de óculos de Celina.

—Você disse que ela é o quê? — pergunta em tom ameaçador, fazendo-o se encolher.

— Jeitosa. Como o traveco do Cleber, Samarão, lembra?

Celina resmunga um palavrão, mas está sorrindo.

— Não tenho um traveco — protesto.

— Conte-nos o que houve, Cleber. Porque merda, você estava cantando Pablo em uma pista de dança, largado no chão e chorando. Isso é meio que o fim do mundo — ela diz.

— E a culpa de todos saberem disso é sua.

— Foi sem querer. Mas não vou pedir desculpas, porque se não quiser ser ridicularizado pelos outros, não seja ridículo.

Olho para Sebastian com um sorriso.

— Como é que você pode com isso?

— Meu amigo, eu simplesmente não posso.

Celina se senta ao meu lado, com aquela barriga enorme e me encara.

— Vamos, comece a explicar essa depressão toda, porque estou achando que um psiquiatra não será suficiente depois da sofrência.

Sabia que essa bruxa ia acabar comigo por causa daquele maldito vídeo.

— Celina, você ainda não faz ideia do que é sofrência. — Respiro fundo e começo. — Não estou apaixonado por duas mulheres. Não existem duas mulheres, apenas uma.

— Não entendi. Está dizendo que conseguiu finalmente escolher uma delas?

— Que seja a vizinha — completa Sebastian ganhando um olhar fatal de Celina, que faz até eu me escolher na cadeira.

— Não. Estou dizendo que não há o que escolher. Ela é uma só.

Celina e Sebastian parecem confusos.

— A bruxa e a fada são uma só — explico melhor, mas ainda me olham, agora além da confusão, com pena. — Suzana e Sue são uma só! A mesma pessoa! — grito me levantando. — Suzana é Miss Sue!

Os dois arregalam os olhos e abrem a boca.

— Não é possível! Você quase comeu as duas! Como pôde não ter percebido? — diz Sebastian.

— Ela usava uma máscara, e peruca! E sempre que estava com Sue era em algum lugar barulhento. E a única vez em que ela tirou a máscara, estava no escuro.

— Porra! Você é um burro, homem!

— Ele não é burro. Ela é que é um gênio! — diz Celina a gargalhadas. —

Preciso conhecê-la.

— Isso não tem graça nenhuma, Celina.

— Tem sim. Na verdade, é genial! E você está sofrendo assim porque ela o enganou?

— Não. Estou assim porque está sendo má comigo.

Ela me encara com aquele seu deboche típico de quando vai acabar com alguém.

— O que você queria? Você levou quinhentas mulheres para o apartamento ao lado enquanto dizia estar apaixonado por ela. O Sebastian fez isso comigo uma vez, mas estava totalmente bêbado e não tínhamos nada. E mesmo assim custei a confiar nele por causa disso. Por que espera que ela seja boazinha com você agora?

— Porque eu sou lindo.

— Ainda bem que ela é mais esperta do que isso.

— Você é uma bruxa!

— Cleber, pensa! Ela enganou você tão bem que o fez se apaixonar por ela duas vezes! Quais eram as chances de você se apaixonar um dia? E duas vezes, pela mesma mulher?

Ela parece achar isso maravilhoso e não entendo onde está a graça.

— Se você me perguntasse isso há dois meses, eu diria totalmente nula.

— Isso só pode ser um sinal.

— Do quanto sou estúpido.

— Sim, você é mesmo. Mas ela, meu querido estúpido, é sua. Não há outra explicação. Ela tem que ser sua!

Sebastian está vermelho de tanto rir. Quando se acalma o suficiente para falar, diz:

— Espero que não tenha ferrado com tudo ao descobrir, homem.

— Não ferrei — digo, mas não tenho certeza disso, afinal, após o melhor sexo de nossas vidas, ela escolheu o gay. — Não importa. Você está certa, Celina. Ela tem que ser minha.

— Eu sempre estou certa.

Tem que ser minha, não é? Eu me apaixonei por ela duas vezes, isso quer dizer alguma coisa, certo? Merda! Estou meio desnorteado ainda, mas as evidências estavam ali e fui um idiota ao não reparar. E esses dias em que não a tenho visto têm sido um inferno. Sinto falta dela. De Suzana e de Sue.

— Pela cara que está fazendo, aposto como estragou tudo, não foi? — diz Sebastian me acusando.

— Já disse que não.

— Qual será o próximo passo, Cleber? — pergunta Celina.

— Como assim?

— O que pretende fazer agora que sabe que está apaixonado por uma mulher apenas? Vai desistir de vez dela ou tentar conquistá-la?

— Celina, meu amor. Dê um tempo a ele. Ainda não é o momento de pensar nisso.

— Nada disso, não haverá outro momento mais perfeito do que esse. Cleber, você me disse que Suzana é sozinha, deve estar fragilizada.

Ela não faz ideia do quanto a Suzana deve estar mal nesse momento e do quanto deve estar precisando de alguém em quem possa confiar.

— Vocês transaram?

A pergunta de Celina me faz voltar a mim. Arregalo os olhos e Sebastian começa a rir.

— Vamos Cleber, responda! Você já falou sobre a xoxota dela na minha presença, não finja ser pudico!

— Sim transamos. E ela gozou várias vezes.

— Também não precisa ser escrachado — ralha Celina.

— Ele não está sendo escrachado, está sendo convencido — explica Sebastian.

— Se ela se entregou a você depois de toda essa confusão, deve sentir algo. É o momento certo de se aproximar dela.

Aproximo-me de Celina e seguro seu rosto, dando um beijo em sua testa.

— Celina, minha diva. Mais uma vez, você está certa.

— Já disse que estou sempre certa. Mas, Cleber, você a ama? Porque se não a amar, nem tente conquistá-la.

Fico em silêncio. E meu silêncio dura tanto, que Celina faz uma careta enorme e chega à conclusão de que não a amo. Mas é mais do que isso, você não entenderia. Eu deveria estar puto por ela ter me engando, mas como ela bem jogou na minha cara, quem sou eu para julgar o segredo dela? E como Matheus bem jogou na minha cara, nunca dei a confiança que ela precisava para me dizer a verdade. E como você bem deve estar jogando na minha cara agora, fui um cretino ao dizer a ela que só tinha sexo a oferecer. Agora tenho um mundo para oferecer a ela, mas ele ainda não inclui essa palavrinha assustadora começada com A. Acho que ainda não.

— Está fazendo essa cara porque deve ter feito uma merda tão grande, que Suzana não quer mais vê-lo, não é mesmo? — pergunta Celina.

— Eu disse que nós transamos. Foi depois dessa confusão. Não fiz merda alguma — minto.

—Então quer dizer que vai deixá-la em paz, ou assumir um relacionamento sério com ela?

— Vou assumir um relacionamento sério com ela, é claro.
— Eu duvido.
— Celina Morelli, sua atrevida. Você está me desafiando?
— Mais do que isso, Cleber Dantas, seu otário. Quero fazer uma aposta com você.
— Uma aposta? Para eu namorar Suzana?
— Isso. Se você conseguir convencê-la a namorar você, o que duvido muito que vá conseguir fazer, ganha a aposta. Se não conseguir, eu ganho.
— E o que ganhamos e perdemos com isso?
— Ora, se você ganhar já terá a Suzana. Precisarás de mais alguma coisa?
— E se eu perder?
— Aí, meu querido Estúpido Dantas, mostrarei seu vídeo em todas as festas da empresa pelo resto de nossas vidas.

Merda. Não posso arregar em uma aposta com uma mulher. Terei que conquistar Suzana de qualquer jeito. Mas não é como se eu já não pretendesse fazer isso, ou como se não fosse conseguir. Claro que vou. Cuspo na mão e estendo para Celina, torcendo para que ela desista. Mas, ela cospe em minha mão também e diz:

— Selo nossa aposta com isso.
— Trapaceira — reclamo vendo seu cuspe na palma da minha mão e correndo para lavá-la.

Tenho andado distraído. E enfurecido. A porcaria do vídeo que os imbecis colocaram no Youtube tem cada vez mais visualizações. E nem assim Suzana deu qualquer sinal de fumaça. Sei que ela o viu, tem que ter visto. É patético que um homem com meu porte, meus músculos e meu pau, tenha que passar por um ridículo desses para conseguir a pena de uma mulher, mas, não consigo ter paz longe dessa bruxa. E se essa é uma maneira de tê-la na minha cama uma noite dessas, que seja. Pago qualquer mico. Não me importo. Não a vi mais desde o dia em que a peguei em meu apartamento e depois fui vê-la no Red. Tive que sair de lá porque minha vontade era de arrancá-la daquele palco para que nenhum daqueles babacas excitados tocasse nela.

Assim que entro no hall do prédio, vejo seu cabelo negro balançando. Fico algum tempo parado, observando-a conversar com uma senhora de idade na calçada. Será que Suzana percebe o quanto mudou desde que a conheci? Antes andava apenas com roupas largas e elegantes, o cabelo sempre naquele rabo de cavalo perfeito, a expressão sempre séria e sem vida. Agora, está com um vestido leve e curto, seus lindos cabelos soltos dançam com o vento, e sorri. Dá gargalhadas e faz a senhora rir também. Será que se dá conta do quanto seu lado

devassa está assumindo o controle? Do quanto está sendo cada vez mais ela mesma? Não a Suzana séria que ela quer ser, mas a verdadeira Suzana. Minha safadinha. Minha bruxinha. A mulher mais incrivelmente sexy que já vi na vida. Suzana é tão linda que me deixa desnortado. É linda de qualquer jeito. Seja com aquelas roupas respeitáveis, vestida de odalisca ou com a blusa enorme da Minnie que usa de manhã. Ela é linda. Deve ser muito bom acordar sempre do lado dela.

Opa! Pensamento errado! Sim, eu estou perdidamente apaixonado por essa mulher. Sim, a palavrinha assustadora começada com A passa pela minha cabeça às vezes, quando penso nela, mas ainda não é isso. Ainda tenho controle dos meus atos, então ainda tenho salvação. Temos que dar um passo de cada vez. Suzana não pode ser abandonada de novo e não direi essa palavra ridícula começada com A até que tenha certeza que não há outra saída a não ser assumi-la.

Me viro para segurar o elevador, quando alguém esbarra nela. Sinto-me congelar imediatamente. Eu o reconheço. É um dos homens com quem briguei no dia em que reencontrei Heitor. Um dos seguranças dele. Perto de Suzana.

Não sinto o chão sob os meus pés por um momento, não sinto o ar nos meus pulmões. Ele está com as mãos nela. Disse alguma coisa que a incomodou pela sua expressão fechada. E já estou atravessando a porta. Assim que me vê ele corre, quero ir atrás dele, mas Suzana está tremendo, então sou obrigado a verificar se está ferida.

— Você está bem? O que ele fez? Está ferida?

Ela nega com a cabeça.

— Estou bem.

— Suzana... — não sei o que dizer.

Estou desesperado, e mais uma vez decepcionado comigo mesmo. Quantas vezes mais ela ficará em perigo por minha causa? Que merda! Não sei como agir com a raiva e o medo que sinto. Nada pode acontecer a ela. Ela precisa ficar bem. Pego seu braço de forma rude, sei que a estou assustando, mas não consigo me acalmar. A arrasto até o elevador e assim que as portas se fecham, a solto. Dou um murro no vidro do elevador que trinca e Suzana grita. Merda. A estou assustando mais ainda.

— Suzana — quero acalmá-la, mas não consigo.

— Eu estou bem — ela diz com a voz firme.

— Eu não queria... ele não devia... ele não vai mais se aproximar de você. Nem ele, nem ninguém. Não vou permitir que se machuque.

— Eu sei.

Ela está assustada, posso sentir. E ela é tão forte! Sei que a estou assustando

ainda mais. Preciso me acalmar, mas não consigo. O maldito estava com as mãos nela!

— Cleber, acalme-se. Estou bem, está vendo? Nada aconteceu — ela diz estendendo os braços e dando uma voltinha.

Quero pedir desculpas. Quero garantir que a protegerei. Merda, quero tirá-la daqui, desse prédio, dessa cidade, desse país se possível e levá-la para um lugar onde ela fique protegida. De Heitor, de mim, de todas as minhas merdas. Quero socar de novo esse espelho, mas já há sangue nos meus dedos. Suzana pega minha mão e avalia o corte. Ainda está tremendo levemente. Não sei o que fazer para acalmá-la, não consigo acalmar a mim mesmo agora. Mas, ela como sempre me surpreende.

— Eu estou bem, Cleber. Você o fez correr. Ele não vai mais se aproximar de mim.

Não tenho certeza disso, mas não digo isso a ela. Ela se aproxima mais e passa os braços pelo meu pescoço, colando seu corpo ao meu.

—Estou bem. Estou aqui com você. Acalme-se.

E quando seus lábios tocam levemente os meus, me esqueço de tudo. A puxo para meus braços e a beijo. Ela nunca fez isso. Nunca me beijou ela mesma, a Suzana, dentro do elevador onde qualquer um pode ver. E provavelmente não fará de novo. Por isso a aperto ainda mais. Aprofundo o beijo e tomo sua língua na minha. A desejo muito mais do que desejava ontem. Muito mais do que a desejo nos meus sonhos. Sou louco por essa mulher, essa bruxa, essa safada. Minha safadinha.

— Suzana — sussurro seu nome. Ela sorri e volta a me beijar.

E estou calmo. Tao calmo, tão completo, uma sensação tão louca e tão certa. Enfio a mão por baixo de seu vestido apenas para sentir sua pele. Não quero isso entre nós. Ela parece sentir o mesmo, pois abre minha camisa. Passeia a mão pelo meu peito. Sabe que estou queimando por ela. Sabe o quanto me enlouquece. Eu a empurro contra o vidro e passo as pernas dela pela minha cintura. E nesse momento, a porta do elevador abre e o síndico e aquela mulher estranha entram.

Suzana pula dos meus braços imediatamente e ajeita o vestido. Mas não faço questão de fechar a blusa. Recosto-me no espelho e a observo. Está vermelha como um tomate e muito sem graça. Não consigo conter o sorriso. Ela me olha como se fosse me matar e rio mais ainda. O velho vira os olhos de mim para ela, e para mim de volta, e para o vidro do elevador quebrado.

— Cobre isso do meu condomínio — digo.

Ele assente e imagino que deve estar se perguntando como conseguimos quebrar o vidro. Suzana pensou a mesma coisa, pois abaixou a cabeça e falou um

palavrão baixinho. De repente ela levanta o olhar e o fixa em alguma coisa. Olho na direção e vejo que Carmem, a beata, está abanando a saia e encarando meus músculos. E então Suzana também está rindo. Tentando disfarçar com a mão, tentando conter, mas quer rir da beata. O oitavo andar finalmente chega e ela sai em disparada, mas sou mais rápido e entro em seu apartamento.

— Não sei como me desculpar pelo que aconteceu lá embaixo, Suzana.

— Não precisa se desculpar por isso. Você não controla as atitudes dos outros.

— Chegaram a você graças a mim.

Ela me olha e sorri. Um sorriso tão doce, tão incomum nela, que faz algo no meu peito dar um salto. De novo isso? Devo ir a um cardiologista imediatamente.

— Você vai me proteger, não vai? Dessa vez não há outra mulher para você colocar em primeiro lugar.

Uau! Tapa número um do dia. Vamos jogar, minha adorável safadinha.

— Nervosinha? — Me aproximo dela por trás e toco seus ombros. — Mesmo que houvesse um monte de mulheres na minha lista, você ainda seria a primeira.

— Idiota!

Aperto seu ombro e ela geme.

— Está tensa, safadinha. Acho que precisa de um bom sexo.

Ela se afasta com um sorriso no rosto.

— E eu achando que você ia me oferecer uma massagem. Por que ainda me surpreendo com você?

— Porque sou surpreendente. De uma forma deliciosamente boa. Agora venha aqui.

Ela dá um passo para trás ainda sorrindo. Adoro vê-la sorrir. Fica ainda mais linda assim.

— Você disse que não ia mais tentar me comer.

— Não vou tentar, vou comer.

Não dou tempo para que ela pense. A puxo para meus braços e a beijo, jogando-a na parede. Tenho pressa, quero estar dentro dela agora mesmo. Ela termina de tirar minha blusa e arranha meus braços e costas com as unhas grandes. A sensação é divina. Meu pau já está acordado e latejando por ela. Enfio as mãos na sua bunda e a puxo de uma vez. Ela grita e passa as pernas por minha cintura.

— Para a cama — ordena.

Desencosto-a da parede e a levo para o quarto, sem parar de beijá-la. Batemos em algumas paredes no caminho, mas ela está sorrindo. Na minha boca. O som mais delicioso do mundo. Jogo-me na cama em cima dela. Ela grita de novo e ri mais ainda.

— Você está rindo? Então devo estar fazendo alguma coisa errada. Não a quero rindo nessa cama. Quero-a gritando.

— Então me faça gritar, gostosão.

Termino de tirar minha roupa e vejo que ela olha bastante para meu pau.

— Pode olhar safadinha linda, ele é todo seu.

— Você nunca deve dizer isso a uma mulher. Você não sabe até onde vai a imaginação de uma mulher ao ouvir uma frase dessas.

Meu Deus! Preciso dessa mulher. Preciso estar nessa bruxa agora. Subo na cama e ela diz:

— Principalmente quando isso é tudo o que você tem a oferecer.

Estaco na cama e a observo. Não está nervosa, nem tensa. Mas também não sorri mais.

— Está jogando na minha cara a idiotice que eu falei?

Ela assente e depois nega com a cabeça.

— Não. Estou apenas te dando uma lição. Nunca diga a uma mulher que é só isso que tem a oferecer. Porque isso, meu adorado pervertido, todo homem oferece.

— É mesmo? E o que eu devo oferecer a uma mulher, então? — digo já me jogando sobre ela e beijando seu pescoço enquanto tiro sua roupa. Minhas mãos sobem por suas coxas para tirar seu vestido.

— Diga que ela pode confiar em você.

Paro imediatamente de me mexer. Essa maldita, bruxa, sabe exatamente como enfiar o dedo onde mais me dói.

— Mas, diga isso apenas se for verdade. Porque se não puder oferecer confiança a uma mulher, Cleber, você é um homem como qualquer outro.

Seguro seu rosto nas mãos e olho em seus olhos. Não está nervosa, mas magoada. Não está brigando, apenas me dizendo como se sente. Como eu pedi por tantas vezes que ela fizesse. Meu pau ainda está em alerta e tudo o que quero é entrar nela e fazê-la esquecer de tantas filosofias. Mas a verdade é que não posso. Não posso começar isso mentindo para ela. Preciso que ela confie em mim. Vai me odiar agora, mas sou insistente. Ela vai saber que sou um estúpido, mas confiável.

Aperto mais seu rosto entre minhas mãos e digo:

— Você precisa confiar em alguém, Suzana. Precisa falar.

— Estou falando agora.

— Não sobre isso.

Ela parece confusa. E merda, sei que vou perder esse contato delicioso de seu corpo seminu, embaixo do meu. Mas, preciso ser o homem que ela precisa. O homem em quem ela pode confiar.

— Me fale sobre seus medos. Sua infância. Essas coisas.

— Achei que íamos transar.

— E vamos. Mas você está certa. Eu quero que confie em mim. — Prendo suas mãos acima de sua cabeça e ela ri.

— Querido estúpido, isso nunca vai acontecer. Você não é confiável.

— Vou me tornar. Apenas para você. Você deveria chupar meu pau depois de uma transformação dessas!

Ela dá uma gargalhada deliciosa.

— E como pretende fazer isso? — me desafia.

— Fazendo você falar. Vamos safadinha linda, quero te comer agora. Mas antes, preciso que fale, ao menos uma coisa.

Ela parece tensa, mas ainda me olha com puro desejo nos olhos.

— Não sei o que quer que eu diga. Mas, acho que deveria atender seu pau agora.

Beijo sua boca e mordo seu lábio. Isso vai ser difícil pra caralho. As palavras engasgam em minha boca. Aperto mais forte suas mãos e digo de uma vez:

— Não me odeie, Suzana. Eu sei de tudo. Sei sobre a rua Oito, a casa vermelha. Sei sobre Suzie e a Academia de Balé.

Seus olhos estão arregalados. Ela tentou se afastar assim que comecei a falar, mas não permiti.

— Sei sobre Tomas.

Ela começa a se debater embaixo de mim e não tenho outra saída para não machucá-la, eu a solto. Ela se levanta furiosa. Fica dando voltas. Não digo nada, deixo que se acalme, mas isso não parece que vai acontecer. Ela não diz nada, e quando olha para mim, está calma. Escondeu a tempestade que sei que está havendo dentro dela e fala em voz baixa:

— Com pode saber isso?

— Tenho um detetive.

— Ah merda! Você mandou investigar a minha vida.

— Não exatamente. Mas, sua vida estava ali, e eu a li. Você sempre foi tão misteriosa, eu queria apenas...

— Não me importa. Nada do que você disser vai justificar isso. Você mandou investigar a minha vida! — ela grita.

— Não mandei! Só mandei investigar se era comprometida. As outras informações ele conseguiu por ele mesmo. Eu não as pedi.

— Mas, você as leu!

— Porque eu me importo com você.

— Porque você é egoísta! Foi por isso que você as leu! Você não se importa comigo, não use isso como desculpa.

Levanto-me e tento me aproximar dela, mas ela se afasta.

— Não me toque. Que merda, Cleber! Parece que nunca vou poder confiar em você! Você não muda!

— Eu fiz isso por você! Você não se abre comigo, precisei disso para ajudá-la.

— Não vai me ajudar em nada o fato de você saber o que eu passei! Isso é passado!

— Não é! Isso está mais presente do que você percebe, Suzana. Isso te faz se esconder e criar tantas faces. Você precisa falar, precisa superar isso.

Ela começa a rir, mas é uma risada amarga.

— Preciso falar? Sobre o quê se você já fez o favor de descobrir tudo? Será que não se dá conta do que você fez? Se eu não queria falar, você não tinha o direito de invadir minha privacidade assim. Você não ia gostar de alguém aparentemente preocupado com você descobrindo cada podre da sua vida para ajudá-lo.

Merda, ela está certa. Eu soube que estava fazendo a coisa errada assim que peguei aqueles arquivos, mas foi mais forte do que eu.

— Você não fez isso por mim, Cleber. Fez por você. Para saciar sua curiosidade.

— Não é verdade. Eu fiz isso porque... eu... o que eu sinto por você me obrigou a fazer.

Ela cruza os braços e me encara, sei que está se segurando para não chorar e me sinto um merda por fazê-la ter essa expressão no rosto de novo.

— O que você sente? O que pode justificar essa atitude ridícula? O quê? — ela grita no final.

Só preciso dizer, só preciso falar, ela vai entender. Afinal de contas, isso toma conta de mim cada dia mais. Mas não consigo. Não quando ela está tão magoada e furiosa. Não quando tudo o que faço é machucá-la de alguma maneira. Não posso usar isso, essa palavra assustadora agora. Como uma arma para apaziguar uma situação que não deve ser apaziguada. Ela deve me odiar, me xingar bastante, gritar, me expulsar, para isso passar. E amanhã de manhã estarei aqui fazendo seu café e enfrentando seu mau humor matinal. E farei isso todas as manhãs até que a raiva passe. E ela vai saber que eu sei, e vai saber que pode contar comigo. E então ela vai se abrir.

— Eu me importo com você — digo e vejo seu rosto murchar ainda mais.

— Vá se importar com a puta que te pariu, seu filho de uma mãe!

— Também me importo com ela.

— Ótimo! Você já sabe tudo. Que se dane! Não te devo explicações.

— Não estou te cobrando isso.

— Ainda não.

— Não vou te cobrar isso. Quero apenas que confie em mim. Eu poderia ter transado com você e fingido que não sei de nada, mas eu realmente quero que você confie em mim.

— O fato de você revelar suas merdas como se fosse um ato de heroísmo fazer isso, só prova o quanto você é idiota! Saia da minha casa.

Ela não grita ao pedir isso. Mas, a mágoa que ouço em sua voz é demais para suportar. Pelo menos por um minuto, pelo menos essa noite, ela precisa ficar sozinha.

Saio de sua casa, nu.

— Vista a merda da roupa primeiro.

— Não, você me mandou sair agora.

Abro a porta e vou para meu apartamento. Mas não fico quase nada ali. Tomo um banho. Espero algumas horas e não ouço nenhum barulho vindo de seu apartamento. Espero mais algumas horas e não aguento mais. Me enrolo em uma toalha e vou para lá de novo. Corro até sua porta e entro sem fazer barulho. Está tudo apagado. Será que está no Red? Penso em ir embora, mas quando me aproximo do corredor, ouço seu choro. Entro imediatamente no quarto, ela se move suavemente sob o lençol, e quando acendo a luz, não a ouço mais chorar. Apago a luz e acendo a do abajur, jogo a toalha no chão e entro debaixo do lençol com ela. Ela apenas me olha. Seus olhos estão vermelhos, mas sei que não vai continuar chorando na minha frente. E não quero que ela chore.

— Eu sinto muito — digo.

Queria dizer que sinto por tê-la feito se lembrar. Por ter invadido sua privacidade. Sinto muito ter me apaixonado assim por ela, mas agora não tenho saída. Preciso ficar aqui. Preciso ficar com ela. E mesmo que me odeie antes de corresponder ao que sinto, ela vai ficar comigo. Tem que ficar. Só quero que ela venha para meus braços para que eu possa confortá-la e me confortar. Pois só assim saberei que ela ainda vai me desculpar por isso. Estou prestes a pedir isso, quando ela se aproxima e deita a cabeça em meu peito. Passo os braços por seu corpo e a aperto, bem forte. Ela se aconchega a mim, como uma gatinha e relaxa.

— Estou aqui Suzana. Estou com você. Estarei sempre aqui.

— Sempre fazendo merda.

— Sempre. Mas você vai me perdoar assim mesmo. E prometo que vou compensá-la.

Ela assente e enfia a cabeça no meu pescoço antes de adormecer.

Quando acordo na manhã seguinte, ela já saiu. Há apenas um bilhete com sua letra perfeita.

Vá para sua casa. E por favor, permaneça lá.

Tenho que obedecê-la. Então respondo no verso do bilhete:

Tudo bem, eu entendo. Estou indo embora. Até a noite, adorável safadinha.

Suzana

Quando estou para entrar no Red, recebo uma mensagem de Cleber:

Cleber: *Não conseguimos ficar longe um do outro. Talvez possamos superar as mágoas. Tenho + a te oferecer.*

Respondo:

Suzana: *Se vc promete seu coração a uma pessoa, nao pode oferecer seu corpo a outra.*

Como imaginei, ele não responde mais.

Passei o dia todo distraída, tomada por lembranças. Daquele tempo que já passou. Não sou adepta a ficar remoendo o passado, o que passou, passou. Aprendi o que deveria ter aprendido e pronto. Bola pra frente. Acho que temos que nos concentrar no presente. Nos preocupar com o futuro, sim. Mas nos concentrarmos mesmo no presente. E Cleber acha que meu passado está afetando meu presente. E após um dia todo pensando, acho que ele tem razão. E fico irritada que ele saiba me decifrar melhor do que eu mesma.

Passei o dia e a noite com a cabeça tão ruim, que tenho a sensação de ter esquecido alguma coisa. E descubro o que é no meio de um morro, de madrugada, em plena Afonso Pena, quando o carro ronca, e para. E então começa a descer o morro de ré.

— Ahhhhhh! — berro enquanto puxo o freio de mão.

Esqueci completamente da porcaria da bateria. Ele dormiu ligado noite passada, tenho certeza que desliguei, mas parece que algum engraçadinho ligou de noite. Os faróis, a luz interna e o rádio. Tudo ficou ligado. Era pra eu ter dado uma carga antes de ir para O Red. Saio do carro, o deixo ali no meio do morro e vou procurar um ponto de ônibus. Mas, como se tivesse saído do nada, aquele mesmo cara aparece. O ruivo.

— Olá, de novo — diz.

— Olá.

— Precisa de uma chupeta?

— Não. Preciso de uma carona até o ponto mais próximo.

— Eu a levo.

Antes de entrar no carro com esse quase desconhecido, aviso:

— O rastreador do meu celular está ativado. Só para você saber.

Ele me encara com um sorriso divertido.

— Vou me lembrar disso.

Entro no carro, abro o vidro e fico com o celular na mão. Como imaginei, ele passa direto pelo ponto de ônibus, se dirigindo ao meu habitual caminho para casa.

— Você mora no meu prédio? — pergunto.

— No prédio ao lado.

Olho para ele, espantada.

— No hotel?

Ele assente. Deve ter muito dinheiro, os hotéis da rede V.D.A. são luxuosos e caríssimos. Mas, esse carro é simples! Um New Civic. É caro, mas uma pessoa desprovida de fortuna, como eu, conseguiria comprar um, se economizasse muito e vendesse um rim. Isso quer dizer que ele é simples. Relaxo um pouco ao constatar isso.

— Como você se chama? — ele pergunta.

— Suzana. E você?

Ele demora um pouco para responder. Passa direto pelo meu prédio e me sinto tensa por dois minutos, até que ele dá a volta no quarteirão e para em frente ao prédio. Abro a porta e tiro o cinto de segurança antes de reclamar:

— Essa última volta foi totalmente desnecessária.

Ele abre um sorrisinho forçado antes de responder:

— Não ande à noite com estranhos, Suzana.

Faço uma careta.

— Eu sei me defender. Obrigada pela carona. Ah! Você não me disse seu nome.

— Meu nome é Heitor.

— Boa noite, Heitor.

Ele assente e arranca com o carro, e fico com uma sensação estranha.

Chego cansada, faminta, e agora tenho poucas horas para dormir, então não terei ânimo de preparar nada para comer. Abro a porta e um vulto se levanta de repente do meu sofá, nem tento descobrir o que é, volto imediatamente pela porta e saio correndo e gritando pelo corredor.

— Ahhhhhh! — Aperto desesperada o botão do elevador, quando uma mão grande cobre minha boca e braços fortes me apertam.

— Acalme-se, sou eu. Pare de gritar.

Sinto meu corpo todo relaxar quando reconheço a voz de Cleber. Minhas pernas estão moles e preciso me apoiar nele. Ele me pega no colo e me leva de volta para o apartamento. Acende a luz e me deposita no sofá. O maldito está

rindo.

— Mas, que merda você estava fazendo no escuro?

— Vim fazer um jantar para você. Você estava demorando demais a chegar e aquele gay batia na sua porta a cada dez minutos. Então apaguei a luz para ele não me incomodar mais. Esqueci que você tem medo de fantasmas.

O sorriso debochado em seu rosto me irrita ainda mais.

— Eu quase fiz xixi na calça e você fica aí rindo como se isso fosse a coisa mais legal do mundo! Aliás, ainda não o perdoei por ter investigado a minha vida. Você não deveria estar aqui!

— Eu sei. Estou trabalhando nisso. Você vai mudar de ideia sobre eu ter entrado aqui assim quem souber o que fiz para você jantar. Por que chegou tão tarde?

— Porque meu carro morreu. Tive que deixá-lo em plena Afonso Pena. — Jogo os sapatos para o alto e deito no sofá.

Cleber se senta na ponta dele e massageia meus pés doloridos. É tão boa essa sensação!

— Você está praticamente ronronando. Como pode ser tão manhosa?

— Shhhh! Cale a boca e faça isso direito. Precisa fazer mais forte.

Ele sorri e de repente sinto um arrepio no corpo.

— Você gosta bem forte, safadinha?

Fecho os olhos e finjo que não ouvi, mas não consigo conter o sorriso bobo de satisfação por tê-lo aqui, tocando meu pé, fazendo minha janta, como se se importasse.

Vou fazer uma confissão absurda, ridícula mesmo, mas vamos lá: estou completamente apaixonada por esse homem. Sei que ele é um estúpido, insuportável e safado. Que só faz meter os pés pelas mãos, mas não consigo deixar de me sentir assim. Você precisaria tê-lo no meio das pernas para entender.

— Onde você deixou seu carro?

— Na entrada da Contorno.

— Vou mandar buscá-lo. — Ele pega o celular e liga para alguém.

Ok, estou me sentindo completamente mimada agora, mas chega. Cleber não pode invadir minha privacidade como ele fez, trazer à tona coisas que me esforço tanto para esquecer, e achar que uma massagem, um jantar e um favor, serão suficientes para apagar isso, porque não serão. E se eu não fosse tão apaixonada por ele, jamais o perdoaria. Ambos temos muito o que aprender antes de ficarmos realmente em paz, mas agora quero que ele entenda que errou. E me peça desculpa. Nada acalma mais uma mulher ferida do que um homem aceitando que está errado e implorando pelo seu perdão. Tiro meus pés de suas

mãos e me levanto.

— Vamos comer logo. Preciso dormir pelo menos um pouco.

— Tudo bem, mas que fique claro que fiquei com fome até essa hora apenas para jantar com você. São quase quatro da manhã e tenho que acordar às sete.

— Percebi isso sozinha. Não precisa ficar exaltando cada pequeno gesto seu.

— Não foi um gesto pequeno, foi quase um sacrifício. E estou apenas me certificando que você percebeu.

Homens!

A comida da noite foi Yakimono, que com certeza ele não fez, comprou. Mas não vou acabar com a felicidade dele de ficar se gabando.

— E como foi que veio embora? — pergunta depois que terminamos de comer, tomando um chá gelado.

— Peguei carona.

Ele para a xicara no ar e me olha preocupado.

— Com um estranho?

— Não exatamente. Um homem que já vi aqui uma vez. Ele esbarrou em mim na ocasião. O achei meio esquisito, mas precisava de uma carona — dou de ombros indicando que não foi nada demais.

— Você deveria ter me ligado. Sempre pode me ligar em uma situação dessas.

— Achei que estivesse dormindo. E não estou falando com você.

— Você pode me ligar a qualquer hora, Suzana. É melhor do que pegar carona com um estranho. E por acaso ele não te deu nenhuma cantada? — pergunta encarando minhas pernas expostas.

— Me deu um pequeno susto quando chegamos, mas no fim das contas, acho que Heitor é um cara legal.

O barulho de algo quebrando só não me assusta mais do que Cleber pulando em cima de mim.

— Você disse Heitor? Como ele era? Suzana, como ele é?

A xícara que há pouco estava em suas mãos está espatifada no chão. Ele parece em pânico. Seguro sua mão tentando acalmá-lo.

— Calma. Ele é magro, alto e parece inofensivo. Ah, e tem o cabelo alaranjado.

Cleber me puxa para seus braços e me aperta. Fica murmurando palavrões e me apertando cada vez mais forte. Nem percebi quando ele tirou o celular do bolso, mas está ligando para alguém.

Botelho, o detetive.

— O que está havendo? — pergunto assim que ele desliga o telefone.

— Não é nada demais.

— Esse homem é perigoso?

Estou sentada em seu colo e ele volta a me apertar antes de responder:

— Não. Ele não é ninguém. Só fiquei preocupado com você. Preciso te pedir uma coisa.

— A resposta é não.

Ele sorri finalmente e afrouxa um pouco o aperto.

— Quero levá-la para o trabalho todas as manhãs.

— Não há necessidade disso. Eu tenho carro.

— E dirige feito uma louca.

— Estou viva até hoje, nunca bati o carro e dirijo muito bem.

— Você tem uma coleção de multas maior do que a minha coleção de mulheres.

— Não seja exagerado.

— Estou tentando protegê-la de si mesma. Você é um perigo ao volante.

Levanto-me de seu colo e vou tomar um banho. Quando saio do banheiro, ele ainda está ali. Sentado no sofá. Tenho a impressão de que estava tenso, mas disfarça quando me vê.

— Ainda está aqui? Boa noite, Cleber — digo e vou para o quarto.

— Vou dormir com você — ele diz vindo atrás de mim.

— Não vai, não!

— Não estou pedindo. — Ele se enfia embaixo do meu lençol e preciso segurar o riso quando me deito.

— Me deixe levá-la. Saímos no mesmo horário todos os dias. Podemos ir cada dia em um carro diferente. Tenho vários.

— Não me interessa por seus carros.

— Talvez eu dirija apenas com uma mão no volante e a outra no meio das suas pernas.

— Tentador, mas não, obrigada.

— Talvez eu consiga dirigir com você montada no meu pau. Você não pode dispensar meu pau, vai ferir o ego dele para sempre.

Começo a rir, não consigo me segurar.

— Tenho certeza de que nem você seria capaz disso. Por que quer tanto me levar?

— Advinha só safadinha, tenho um segredo — ele diz, mas o sorriso some rapidamente e volta a falar sério. — Isso é muito importante para mim. De verdade.

Ele me olha com preocupação. Não entendo o que está acontecendo, mas não gosto de vê-lo assim.

— Cleber, eu saio da escola meio-dia. Como iria embora sem o meu carro?

— Eu vou buscá-la e a trago para casa. No horário em que você vai para o

Red, eu já cheguei, então posso levá-la.

— Qual o sentido de você sair da sua empresa na hora do almoço e ir me buscar?

— Terei paz fazendo isso.

Meus olhos estão fechando e não quero mais discutir.

— Suzana eu sei que não confia em mim. Não te dou mesmo motivos para isso. Mas ao menos dessa vez, seja uma boa garota.

— Tudo bem, Cleber.

Ouço que ele respira aliviado. Puxa-me para seus braços e adormeço antes mesmo de senti-los me rodear, como ele sempre faz.

Cleber passou a semana toda servindo de meu motorista. Sei que está me escondendo alguma coisa, e embora brinque e me cante daquela maneira ridícula, alguma coisa está errada. Gostaria que ele dividisse o que quer que seja comigo. Ele também está indo me buscar no Red todas as madrugadas. Na noite passada, chegou mais cedo e viu um cliente mais ousado que me pegou desprevenida com um beijo no pescoço. Cleber bateu nele. E Cidão o proibiu de entrar no Red por um tempo.

Tenho um jantar com Samuel hoje, não me olhe assim, não é um encontro romântico. Ele disse que tem uma proposta irrecusável para me fazer, fiquei curiosa.

Saio do banho cantarolando e Cleber está parado na porta.

— Que merda! Avise quando entrar aqui!

— Gosto de vê-la assustada.

— Sabe, esse negócio de você ficar entrando aqui já está enchendo.

— Você gosta. Se não gostasse, já teria trocado a fechadura.

O encaro com uma careta e sorrio. Fecho a porta do quarto e tranco. Imediatamente, Cleber começa a bater. Bate tanto que perco a paciência e a abro quando estou vestida com a lingerie. Ele encara meu sutiã e calcinha e assovia, se recostando no batente da porta.

— Uau! Se isso é para que a tranque nesse quarto, vou fazer isso agora mesmo.

— Não vai não. Preciso que me ajude com o vestido.

Pego o vestido preto e estendo para ele. É um vestido justo e decotado, mas nada vulgar. Bom, provavelmente Samuel vai achar vulgar. E ele tem um zíper enorme que vai quase até a bunda, é muito difícil fechá-lo. Já que meu vizinho atrevido vive entrando aqui, que sirva para alguma coisa.

— Aonde você vai hoje?

— Jantar.

Ele passa o vestido bem devagar por meu ombro e ele desliza caindo no chão. O pego com uma careta e enfio os braços. Noto de relance Cleber olhando minha bunda. Ele se aproxima para fechar o zíper e toca minhas costas com a ponta do dedo. Puxa o zíper bem devagar e sussurra em meu ouvido:

— Eu sabia que essa calcinha ficaria minúscula em você.

Sorrio. Estou usando a calcinha vibratória, mas antes que pense besteira, não estou levando o controle. Ela é a menor que tenho e a melhor para se usar com esse vestido que marca. Cleber está demorando com o zíper e resmungo.

— Você devia agradecer por ter um homem como eu fechando seu vestido. As mulheres agradecem quando eu os tiro.

— Meu Deus! É sério que você pega mulheres com esse papinho idiota?

— Claro que não! Pego-as por causa dos meus músculos. E as mantenho aos meus pés por causa do meu pau.

— Que bom que é tão bem dotado, já que mulher nenhuma cairia nesse seu papo furado.

Ele me vira e me avalia. Há um brilho em seus olhos e tenho a impressão de que quer arrancar meu vestido agora mesmo.

— Mesmo que eu quisesse te dar uma cantada, não haveria palavras que eu pudesse usar para descrever como você está linda nesse vestido. Está maravilhosa, Suzana. Daria qualquer coisa para ser o cara que vai acompanhá-la hoje. E ficar contando os minutos para tirá-lo de você.

Não consigo responder. Ele segura minhas mãos e sobe as dele por meus braços, rodeando minha cintura e me puxando para ele.

— Sim, safadinha linda. As mulheres caem no meu papo. — Então morde meu lábio antes de se afastar.

Maldito! Filho da mãe!

— O papo ruim na verdade, é reservado especialmente para você. Com quem vai sair hoje vestida assim? Algum jantar no Red?

Arregalo os olhos.

— Por quê? Está tão vulgar assim?

— Não está vulgar. Está sexy pra caralho. E linda. Pra caralho. E gostosa. Pra caralho.

— Tem caralho demais na sua boca esta noite.

— E de menos no meio das suas pernas. Com quem vai sair?

— Vou apenas jantar com Samuel.

Ele arregala os olhos e parece irritado.

— Não pode sair com ele. Terei que levá-la e buscá-la.

Nego com o dedo indicador bem na cara dele.

— Como você mesmo disse, quem melhor do que o filho do governador para

me proteger?

— Detesto que você jogue as merdas que eu falo na minha cara.

— Se não gosta, não fale tantas merdas. Você adora me dar munição.

Ele me avalia de novo dos pés à cabeça.

— Vai sair vestida assim com aquele gay que se faz de moralista?

— Vou sair vestida assim com o filho do governador.

— Boa sorte então.

— Não preciso de sorte, seu imbecil.

— Veremos — ele diz antes de se afastar e tenho a sensação de que vai aprontar algo.

O restaurante é elegante e muito bonito. Os seguranças de Samuel estão na porta, olhando para todos os lados. Isso me incomoda um pouco, mas é apenas um jantar. E é apenas hoje. Já viro logo a taça de espumante para aguentar o costumeiro papo sobre o tempo, mas ele me surpreende ao dizer:

— Não se preocupe, Suzana. Nada de assuntos repetidos hoje. Prometo que não vou tentar conquistá-la.

Quase cuspo o espumante, e decido ser sincera.

— Então não consigo imaginar que tipo de proposta pode ser essa que quer me fazer.

Ele dá uma gargalhada alta, que chama atenção das pessoas à nossa volta. Nunca o tinha visto rir assim.

— Você esperava uma proposta sexual?

— Algo assim.

— Ah Suzana. Na verdade a proposta que tenho para fazer é o oposto do que você espera — ele diz segurando o sorriso.

— Tipo o quê? Um voto de castidade ou algo assim?

Ele ri ainda mais. Aproxima a boca do meu ouvido para falar e instintivamente me debruço sobre a mesa para ouvir. É aí que sinto. Algo vibrar no meio das minhas pernas. Consigo conter o grito de susto, mas me sento de volta de uma vez.

Samuel franze o cenho e me olha como se eu fosse louca.

— Está tudo bem?

— Sim. Tudo bem. O que ia dizer mesmo?

O garçom chega com nossos pratos e ele se senta ereto, ainda me avaliando. Mas começa a comer e faço o mesmo. O assunto ficou para depois. Espero sentir novamente a vibração, mas não sinto, deve ter sido coisa da minha cabeça. Ou será que é um ataque da devassa? Não tenho um ataque desde que Cleber e eu transamos. Dessa vez viro a taça de vinho de uma vez e tenho a impressão que

Samuel está avaliando minhas atitudes. Jantamos em silêncio. É chato, mas melhor do que ouvi—lo falando por horas sobre o tempo. É aí que sinto de novo, a vibração. Dou um pulo na cadeira e Samuel para o garfo no ar.

— Tem certeza que está tudo bem?

— Tenho. E como vão as coisas na Academia?

Ele abre um largo sorriso.

— Assunto certo, Suzana. — Então começa a falar sobre as coisas na Academia.

E sinto outra leve vibração no meio das pernas. Nunca um ataque da devassa veio aos poucos, enquanto permaneço perfeitamente consciente. Pego novamente a taça de vinho e a vibração vem mais forte, me fazendo derramar o vinho. Samuel não percebe, está falando algo sobre ter perdido alguma coordenadora, e a vibração no meio das minhas pernas está muito intensa, e não para. Mexo-me desconfortável, cruzo e descruzo as pernas. Estou ficando encharcada. Mordo o lábio para não fazer nenhum barulho e finalmente aquilo para.

Meu coração bate alto retumbando em meus ouvidos, estou suando e minhas pernas se transformaram em gelatina. Nem consigo mais comer.

—... mas acredito que esse ano nossos alunos ganharão o prêmio nacional...

Capto apenas um pouco do que Samuel está falando, antes de aquela vibração voltar, bem mais forte. Muito mais intensa no meu clitóris já sensível.

—Ahhh! — Não consigo conter o gemido e Samuel me encara espantado. — Que ótima notícia! Parabéns por seus alunos! — tento corrigir.

Ele parece confuso, mas volta a falar e é aí que me dou conta. Não é um ataque diferente da devassa, é a calcinha! Olho para os lados imediatamente, mas não o avisto em lugar nenhum. Ele está aqui, sei que está. Filho de uma mãe! Levanto-me de repente e a vibração para. Um líquido escorre por minha barriga e imagino que seja o vinho que derramei nos seios. Samuel está me olhando como se eu fosse louca de novo.

— Derramei um pouco de vinho. Preciso me limpar, com licença.

Ele se levanta da mesa e assente e me dirijo com o que resta de força nas pernas até o banheiro.

Há apenas uma mulher lá dentro. Recosto-me na enorme pia e espero. Mas a vibração recomeça, naquele nível mais forte. A calcinha pequena aperta demais meu clitóris, mas para tirá-la, terei que tirar o vestido, que é colado demais, e depois demorarei horas para conseguir fechá-lo sem ajuda. Uso a pia como apoio e me contorço. A mulher me olha como se eu fosse louca, mas está forte demais. Quando o primeiro gemido me escapa, a mulher sai do banheiro com o batom que passava, apenas na metade do lábio. Quero avisá-la, mas quando abro a

boca, sai apenas outro gemido.

Então o mestre dos imbecis, safados e filhos de putas, entra. Tranca a porta e me mostra o maldito controle da calcinha. Quero matá-lo, mas antes, preciso gozar. Dou um passo em sua direção, mas ele aperta o controle e a vibração se torna insuportavelmente forte. Gemo alto e Cleber se aproxima. Ainda quero matá-lo, mas preciso dele para conseguir me manter em pé. Ele beija minha cabeça e diz:

— Você achou mesmo que eu a deixaria sozinha com esse gay? De jeito nenhum, Suzana. Nenhum outro homem terá toda sua atenção. Não permitirei.

— Eu te odeio — consigo falar.

Embora conheça um milhão de palavrões e xingamentos que descreveriam melhor o que sinto por ele, nesse momento não consigo me lembrar de nenhum.

— Pode odiar. Mas vai gozar agora gritando o meu nome. — Ele me pega de repente e me deposita na pia. — Na minha boca.

Sua boca cobre a minha com voracidade e o desespero que só ele consegue colocar em um beijo. Agarro o colarinho de sua camisa e só faço gemer enquanto a vibração no meio das minhas pernas toma todos os meus sentidos. A barba por fazer de Cleber arranha meu rosto, dando uma sensação de fogo. Ele enfia a mão em meus cabelos, apertando ainda mais sua boca na minha. Depois de um tempo se afasta para respirarmos e sussurra:

— Você é minha.

Então sua boca faminta está em meu pescoço e desce lambendo o vinho até onde o decote permite.

— Minha — repete antes de tomar minha boca novamente e um orgasmo avassalador me atinge.

Enfio as unhas em seu pescoço, puxo seu cabelo e grito em sua boca. Ele me aperta em seus braços e vai me acalmando com beijos suaves.

Quando volto a mim, o empurro e desço da pia. Posso me imaginar estrangulando, esfaqueando ou até mesmo asfixiando esse imbecil nesse momento. Talvez eu deva apenas acertar suas bolas com o salto do meu sapato, mas sinto que isso prejudicará a mim tanto quanto a ele. Então limpo meus seios com papel e arrumo meu cabelo. Praguejo por não ter levado a bolsa para o banheiro. Que espécie de mulher vai ao banheiro sem a bolsa? Agora terei que voltar para Samuel com a boca borrada e essa cara de quem acabou de gozar. Continuo ignorando Cleber e arrumo o vestido, e é aí que noto. Minha bunda está molhada. Vejo pelo reflexo no espelho um círculo enorme destacando perfeitamente minhas nádegas.

— Que merda! O vestido é preto, não vai dar para ver — digo a mim mesma.

— Sua bunda é enorme, esse vestido é fosco e é tão colado, que parece ter

uma bola de brilho na sua bunda.

Ele está certo.

— Isso é culpa sua!

— Sim, assumo a culpa. — Está observando sua arte e sorrindo como se fosse ele quem tivesse acabado de ter um orgasmo.

— Talvez eu possa correr até a mesa e ninguém vai reparar.

— Todo mundo vai ver. Você é muito bonita, chama atenção. Sem falar que vai molhar o estofado da cadeira.

— O que eu faço? Já estou há tempo demais nesse banheiro!

— Venha para casa comigo. Ligue para o gay, diga que teve uma diarreia e vamos embora.

— Que nojo! Não vou fazer isso. Vim com Samuel e vou embora com ele — é aí que me dou conta. — Maldito! Você fez isso de propósito! Molhou minha bunda para eu ter que ir embora!

— Por mais incrível que possa parecer, não fiz. Molhei sua calcinha de propósito, sua bunda não.

— Saia desse banheiro agora mesmo! — grito irritada.

— Eu até queria, mas acho que vai precisar de mim.

— Não posso imaginar para o quê! — retruco cruzando os braços como uma menina birrenta.

— Secar sua bunda — ele diz apontando para o secador de mão. — É sua única saída. Ou ir para casa comigo. Você sabe, ir para casa comigo é bem melhor do que ficar de quatro nessa pia embaixo do secador.

— Não pretendo fazer nem uma coisa, nem outra — digo abrindo o zíper do vestido.

Cleber resmunga um palavrão e me ajuda. Fica ali segurando o vestido embaixo do secador de mão enquanto seco o meio das minhas pernas. Está demorando demais e o “brilho” como ele disse, já secou. Ele me ajuda a vestir o vestido de volta.

— É a segunda vez que te visto hoje quando queria estar te despindo.

—Continue agindo como um homem das cavernas imbecil e nunca irá me despir — digo e saio do banheiro.

Há uma fila enorme de mulheres esperando para entrar e todas olham de mim para Cleber com a boca aberta, e focam o olhar nele por mais tempo. Meu Deus, é pedir demais ter um orgasmo sem que o mundo todo fique sabendo? Ignoro o que Cleber está falando e me dirijo para a mesa quando ele grita:

— Boa sorte no resto do jantar, safadinha.

— Eu não preciso de... — Estaco ao ver o maldito controle da calcinha em sua mão.

Por que eu não peguei isso? Por que fui tão burra? Penso em correr atrás dele, como uma louca pelo restaurante, mas Samuel me acha e resolvo voltar com ele à mesa e ser torturada pelo resto da noite, pois assim que me sento, a porcaria da calcinha volta a vibrar. Por que não tirei essa calcinha? Por quê? Cleber me tortura o resto do jantar, me levando ao abismo e não me deixando cair nele. E o medo de ter um orgasmo na mesa só desaparece quando escuto a proposta de Samuel.

— Preciso de uma mulher séria, comportada e responsável. E que entenda de dança e administração para ser a nova coordenadora da Academia. E não há uma mulher mais perfeita para esse cargo do que você.

Não posso acreditar! Ai meu Deus! Devo estar sonhando!

É a realização de todos os meus sonhos. A Academia. Não consigo ter nenhuma reação, a não ser me envergonhar pelo vestido ousado que estou usando. E então, quando a ficha do que ele está me oferecendo cai, começo a chorar e praticamente pulo em cima dele. Com a bunda meio molhada e tudo. Todos estão nos olhando, mas Samuel sorri e me abraça. Meu olhar cruza com o de Cleber, e ele parece triste. Não posso ir até ele agora, e comemoro com Samuel até o restaurante fechar.

— Esse foi o melhor jantar da minha vida! — digo a Samuel quando ele me deixa na porta do meu apartamento.

— Fico feliz por tê-la deixado tão feliz. — Então ele tenta me beijar, mas me afasto.

Ele dá apenas um beijo estalado no meu rosto, e vai embora. Minha cabeça está a mil, sei que terei que deixar a escola, mas é meu sonho. Também poderia “abandonar” Miss Sue, por conta do salário obscuro que Samuel ofereceu, mas não pretendo fazer isso.

Cleber está sentado no sofá, no escuro. Nem me importo com o susto que levo, nem me importo com sua cara fechada. Estou feliz como não me sentia há muito tempo.

— Você não vai acreditar! — digo a ele. — Samuel me ofereceu o cargo de coordenadora da Academia de dança! É a realização do meu maior sonho!

— Que bom — ele responde de uma maneira fria. — Isso quer dizer que vai passar ainda mais tempo com ele?

Estranho a pergunta, mas respondo:

— Provavelmente.

Ele se levanta e fica andando pela casa, parece irritado. Mas quando me olha percebo que é mais do que isso. Está ferido.

— Vou contar para ele sobre Miss Sue.

O encaro esperando ver seu sorriso debochado ou qualquer coisa que indique que está brincando. Mas ainda há a expressão de alguém ferido em seu rosto.

— Eu tenho fotos, Suzana. Vou contar a ele.

Não consigo responder. Não consigo entender aonde ele quer chegar. Se Samuel sonhar que alguma vez dancei em um clube noturno, não me deixará sequer entrar em sua Academia outra vez. Só percebo o que Cleber pretende quando ele diz:

— A menos que você fique comigo. Todos os dias. Sempre que eu quiser tê-la. Não me importa as condições que vai me impor, nem se vai me odiar, nada disso importa. Você não tem saída. Ou você se torna minha, ou conto para Samuel sobre Miss Sue.

Cleber

— Esse foi o melhor jantar da minha vida! — ela diz a ele com uma alegria que nunca ouvi em sua voz.

Nem sei começar a explicar o que estou sentindo. Desde o instante em que ela saiu com ele. Isso só ficou mais fácil enquanto ela estava gozando e gritando em minha boca. Ali, ela era minha. Só queria que ela tivesse vindo comigo. Estaríamos fazendo amor, estaria dentro dela agora, e essa sensação horrível de que estou sendo sufocado por dentro, não existiria. A coisa piorou quando de repente ela pulou nos braços dele, sorrindo como uma criança, como eu nunca a fiz sorrir. Para um homem decente, esse seria o momento de admitir que ele é melhor para ela do que eu, e se afastar. Mas não sou um homem decente. É uma pena que eu não seja o melhor para ela, porque sou TUDO o que ela vai ter. Preciso de alguma coisa que a faça ficar comigo. Seja por bem ou por mal. Suzana tem que ser minha.

Ela se assusta ao me ver sentado ali, no escuro, mas ao invés de gritar e brigar como sempre, ela sorri. Aquele sorriso que nunca esteve ali. Nunca a vi tão leve. E isso estranhamente faz meu peso por dentro aumentar. Esse sorriso deveria estar ali todos os dias, e deveria ser causado por mim, não por ele.

— Você não vai acreditar! Samuel me ofereceu o cargo de coordenadora da Academia de dança! É a realização do meu maior sonho!

Está empolgada e quase saltitando. E esse idiota foi muito esperto.

— Que bom. Isso quer dizer que vai passar ainda mais tempo com ele?

— Provavelmente.

Merda! Não me importo que ela tenha conseguido um cargo que almejava, como está dizendo, mas me incomoda demais que esse emprego dos sonhos seja ao lado dele. Ele, como seu patrão, terá acesso irrestrito a ela. Ela passará muito mais tempo com ele do que comigo. Sei que é idiota e imaturo o que vou fazer, mas espero que entenda que não tenho outra saída. Você faria o mesmo para não perder alguém que não pode viver sem. Ela poderia trabalhar com ele se fosse minha, se eu tivesse certeza que não me deixaria. Se eu tivesse como garantir que mesmo que ela ache que o ama, ainda assim ficará comigo, então não me machucaria tanto eles passarem tanto tempo juntos. E só há um jeito de conseguir isso: sendo um estúpido muito pior do que já fui até hoje.

— Vou contar sobre Miss Sue — digo.

Seu sorriso some e ela me encara em expectativa. Acho que espera que eu diga que estou brincando. Reafirmo para que entenda que estou falando sério.

— Eu tenho fotos, Suzana. Vou contar a ele.

Ela fica em silêncio. Aquela alegria não existe mais e me odeio por tirar isso dela.

— A menos, que você fique comigo. Todos os dias. Sempre que eu quiser tê-la. Não me importa as condições que vai me impor, nem se vai me odiar, nada disso importa. Você não tem saída. Ou você se torna minha, ou conto para Samuel sobre Miss Sue.

Ela abre a boca e juro que nunca a vi tão sem reação. Achei que fosse gritar, me bater, mas ela não faz nada disso. Abaixa a cabeça e diz.

— Não é assim que vai me fazer confiar em você.

— Eu sei, mas não tenho saída. Não posso permitir que passe tanto tempo com ele, e não queira passar tempo algum comigo. — Sinto-me fraco admitindo isso a ela, mas que se foda!

— Estou perdoando suas merdas desde sempre. Você sabe que há outras maneiras. Não me obrigue.

— Você é mais difícil do que eu teria imaginado. Não consigo chegar até você. Você nunca dá brecha e sou um idiota nessas coisas! Eu vivo errando Suzana e você vive fugindo. Ele não vai errar com você e antes que eu perceba vocês dois estarão casados!

— Vou trabalhar para ele, não abrir as pernas! Qual é o seu problema? — ela grita.

— Você! Você é a merda do meu problema. A coisa é simples. Não estou te pedindo em namoro, estou apenas dizendo que você vai transar comigo, todos os dias.

Ela se afasta, vejo algo parecido com compreensão passar por seu rosto e ela assente.

— Vou fazer da sua vida um inferno — ameaça.

— Não pode ser um inferno pior do que o que estou vivendo sem você.

Ela pisca os olhos e não responde. Dá voltas pela sala. Estou dividido entre o arrependimento e o medo. Quero dizer a ela que deixe isso para lá, mas não posso. Algo aqui dentro me impede. E juro que não é meu pau. Não é só por isso.

— Você está me chantageando.

— Sim.

— Você não precisa disso para ter uma mulher, Cleber.

— Parece que preciso para ter você.

Então ela começa a rir.

— Você só pode ser louco. Então eu só posso transar com você? A hora que você quiser, o dia que você quiser?

— Sim.

— E você?

— Suzana, eu mal consigo pensar em outra coisa na vida que não seja em você, não terei outra mulher.

— Está me oferecendo seu coração, Cleber?

Lembro-me da mensagem que ela mandou. Aquela que não tive capacidade de responder. Adivinha só Suzana, agora eu tenho.

— Estou te oferecendo tudo. Estou me dando por inteiro. A única coisa que não estou te oferecendo é a possibilidade de recusar.

— Uma chantagem? Vai se sentir feliz contando aos seus filhos um dia que conseguiu uma mulher assim?

— Sim. E eles vão rir muito, porque essa mulher será a mãe deles e ninguém mais no mundo terá uma história como a nossa.

Ela faz uma careta e parece menos irritada. Essas coisas sempre funcionam com ela.

— Não tente me comprar com frases bregas.

— Não preciso tentar nada. Você é minha a partir de agora.

— Até quando?

— Até quando eu decidir que não a quero mais.

— E isso pode acontecer amanhã, depois que transarmos essa noite toda — ela diz para me irritar.

— Ou pode nunca acontecer. E você será minha para sempre.

— Você é ridículo!

— Não me importa. Venha aqui.

Não posso dar tempo para ela pensar demais. Sei que amanhã de manhã ela vai analisar e perceber que a chantageei e vai me odiar e vai mesmo fazer da minha vida a porra de um inferno, mas essa noite ela vai dormir em meus braços e vou tratar de fazê-la esquecer daquele gay, da Academia, de tudo. A puxo para meus braços pelos cabelos, minha boca toma a sua com raiva, não é dela que estou com raiva, é de mim mesmo, mas ela vai pagar por isso. Minhas mãos apertam seu corpo, nunca a desejei com tanto desespero. Esperava que ela não me correspondesse, mas ela passa os braços por meu pescoço. Adoro quando ela faz isso. Adoro ficar assim, tão perto dela. Arrasto-a até a parede e a levanto.

— É uma pena ter que rasgar esse vestido.

— Não! Me deixe tirá-lo.

— Eu compro outros mil para você.

— Vou querer dois mil.

— Te dou tudo, Suzana — digo enquanto rasgo o vestido.

Minha boca alcança seu seio farto e chupo com força, ela grita, sei que sentiu

dor, mas seu gemido me mostra que sentiu mais prazer do que dor. Quero estar dentro dela, preciso disso desesperadamente. Termino de rasgar o vestido e ela tira minha blusa. A mantenho na parede com o joelho enquanto desabotoo a calça e a deixo cair. Seguro sua bunda e a levanto para me livrar da roupa, estou nu. Ela usa apenas a minúscula calcinha vibratória. Essa eu não consigo rasgar.

A solução é arredar a calcinha com todo cuidado, pois é muito apertada, deixando sua entrada livre para meu pau. Queria dizer algo a ela, algo que aplacasse a forma selvagem como vou comê-la agora, mas não consigo. Entro nela de uma vez. Ela grita e puxa meu cabelo e a sinto se apertar para acomodar meu pau. Novamente devo estar machucando-a, e não consigo me conter. Olho em seus olhos e quando ela assente, eu me movo. Rápido. Forte. Quero que ela grite, quero que goze no meu pau. Quero que seja minha por inteiro. Mordo seus lábios, brinco com seus seios, beliscando, porque estou desesperado demais para fazer qualquer coisa devagar. As estocadas aumentam de intensidade e ritmo e logo ela goza, apertando meu pescoço entre os braços e gritando meu nome. A desencosto da parede e chego mais fundo e então o orgasmo me atinge em cheio. Mordo seu ombro e me derramo dentro dela. Sem parar de movê-la sobre meu pau, prolongando a sensação.

Quando me acalmo, a levo até o sofá e me jogo em cima dela.

— Está mais calmo agora? — ela pergunta acariciando meu cabelo.

— Sim. Em uma escala de 0 a 10, qual a chance de você já ter me perdoado?

— Por essa chantagem idiota?

— Sim.

— Menor do que 0, você pode ser o homem que mais desejo e o que me dá os melhores orgasmos. Mas, nunca será o homem que eu amo, enquanto continuar agindo assim.

Olho em seus olhos e ela está séria. Esse seria o momento de dizer que ela está livre dessa chantagem, mas não posso. Preciso de mais disso que acabamos de ter. De muito mais.

— É uma pena. Vai ficar comigo sem me amar mesmo. Mas se amar pelo menos o meu pau, já seremos imensamente felizes.

— Idiota.

Beijo sua boca e a calo e então a levo para o banheiro, preciso tê-la de novo.

Capítulo 13

Suzana

Sexo lagartixa. Corrigindo. Sensacional sexo lagartixa.

Tive dificuldades em assimilar a realidade essa manhã, primeiro porque Cleber estava nu agarrado a mim quando acordei, segundo, porque nunca fiz tanto sexo na vida. Sim, a placa de neon estava correta, ele é mesmo um ótimo sexo. Ainda mais no lagartixa. Fiquei mais do que feliz quando ele me pegou contra a porta do banheiro, a parede do corredor e meu guarda-roupa. E foi só por isso que não o asfixiei com o travesseiro durante a noite por essa história maluca de chantagem.

Fiz o possível para ignorá-lo essa manhã. Veja bem, jamais aceitaria ser chantageada por um homem, e só estou tentando assimilar a merda da vez dele, porque o amo. E porque sei que ele tende a ser um idiota. Mas sinto que Cleber precisa de uma lição. Por isso o gelo, e também porque estou pensando. E não gosto de conversar quando estou remoendo as merdas da vida.

Ele me leva a escola, também não diz nada o caminho todo. Quando vou descer, ele trava a porta.

— Eu sinto muito — diz sem olhar para mim, mas com a voz carregada de culpa.

— Então, está me liberando dessa chantagem?

— Não. Definitivamente não. Só estou dizendo que sinto muito ter tido que fazê-la.

O encaro, mas ele ainda não me olha.

— É, Cleber, também sinto muito que você a tenha feito.

Desço do carro, irritada, mas preciso colocar um sorriso no rosto. Há alguns pais dos meus alunos ali. E é meu último dia. De repente ouço a porta do carro bater e em questão de segundos Cleber pega meu braço e me vira, alcançando minha boca com a sua, em um beijo suave. Não voraz como sempre, mas bem mais apaixonado.

— Cleber, você está acabando com minha reputação — sussurro em seus lábios.

— Ela é falsa mesmo, não vai fazer falta — retruca e me dá um beijo leve.

Quando se afasta, acaricia meu rosto e diz:

— Tenha um bom dia, minha linda.

Linda. Nada de safadinha ou bruxinha. Estamos melhorando, estúpido, mas

ainda não é por esse apelido brega que quero que me chame.

O dia na escola foi calmo, porém teve um peso em mim. Meu último dia. Foi triste me despedir dos meus pequenos, sentirei muita falta de cada um deles. Agora estou tentando preparar o almoço, e pensando, pensando e pensando.

A campainha me traz de volta ao mundo real. Espio pelo olho mágico e avisto uma mulher elegante, muito bonita e com uma barriga enorme. Não a conheço, mas tenho a impressão de já tê-la visto em algum lugar. Abro a porta e ela sorri.

— Olá Suzana — diz e entra sem eu tê-la convidado. — Sei que não me conhece, mas somos quase amigas íntimas.

Ela se joga no sofá e coloca os pés para cima, tentando desamarrar a sandália.

— Não se importa por eu colocar o pé aqui, não é? Não consigo abaixar por causa da barriga e essa sandália está me matando.

— Não, fique à vontade.

Ela tira as sandálias e se recosta, alisando a barriga.

— Me desculpe a falta de modos. Essa menina aqui pesa demais e está difícil me locomover. Mas precisava vir aqui para falar sobre o Cleber.

— Ah meu Deus! Esse bebê é dele, não é? Eu juro que não sabia! Aquele cretino, vagabundo, estúpido...

Ela começa a rir e estende a mão.

— Não! Minha filha não é dele, graças a Deus! É do Sebastian.

Sebastian Vaughn, o sócio de Cleber. O que estava com ele esses dias atrás. Então a reconheço.

— Você é Celina Morelli, a namorada do Sebastian, vi fotos suas no jornal.

Ela abre um enorme sorriso e assente.

— Veio falar sobre o Cleber? — pergunto confusa.

— Sim, sou a conselheira amorosa dele.

Faço uma careta e me sento a sua frente.

— Então não está fazendo um bom trabalho.

— Acredite, eu tento. Mas Cleber é o mais estúpido dos três. Por isso quero falar com você. Vai me achar meio invasiva, mas ele é meu amigo, é estúpido, e quero saber exatamente o que sente por ele.

Arregalo os olhos e ela ri. Não é meio invasiva, é totalmente invasiva.

— Não se assuste. Quando conheci Sebastian, ele era um cretino, que vivia rodeado de mulheres e adorava me irritar. Foi muito trabalhoso domá-lo, mas valeu a pena. Ele é o melhor homem do mundo. É um mal de todo pervertido, Suzana, eles não são acostumados ao amor. Nunca reagem bem a ele.

— Mas, é uma coisa tão simples!

— Não para eles. Você o ama?

— Celina, se eu não o amasse, ele estaria morto uma hora dessas. Juro que nunca vi um homem mais idiota, egoísta e cafajeste do que ele. Ele me irrita ao ponto de eu querer matá-lo, vive me magoando, não faz nada certo e não entendo como pode parecer tão perfeito para mim! Juro que não sou tão idiota quanto ele, ele não deveria ser minha alma gêmea.

— Uau! Você o ama. Vou ajuda-la com isso. Mas preciso que me atualize. Conte—me tudo.

Tenho a impressão de que essa maluquinha realmente pode ajudar. Mas também tenho certeza que não conseguirei contar tudo a ela.

— Não posso te contar exatamente tudo — digo.

— Não tem problema, conte-me o que se sentir confortável para contar.

— Ok, então vamos para a cozinha, vou preparar o almoço enquanto conversamos.

— Ah que bom! Estou faminta!

Vou contando a ela as cagadas de Cleber, uma atrás da outra. Desde altas festas regadas a sexo, as gêmeas estranhas, a tentar conquistar com uma tremenda conversa fiada tanto eu quanto Sue, e quando falo disso, ela bate palmas. Estou picando cebola na mesa e ela a toma da minha mão e a leva a boca, mastigando como se fosse uma maçã.

— Você foi genial com essa coisa de dupla personalidade. Quando eu soube que você e Miss Sue eram a mesma pessoa, soube que você deveria ser do Cleber.

— Olha, acho que esse negócio de mastigar cebola não deve fazer muito bem ao gênio do bebê.

Ela dá de ombros.

— Era pior no começo. Eu comia as cebolas com mel. Agora pelo menos as como cruas. Minha filha não terá um gênio fácil, mas o Sebastian já imagina isso. Eu conseguirei domá-la o resto é problema dele.

Sorrio. Como ela é divertida. Deve ter enlouquecido Sebastian até conquistá-lo. Continuo meu relato.

— Bom, depois que ele descobriu sobre Miss Sue, achei que era nosso fim, que ele fosse me odiar. Mas não, ele perdoou fácil até demais, o que me surpreendeu, e quando achei que íamos ficar bem, ele mandou investigar a minha vida.

— Merda — diz ela deixando a cebola na mesa e pegando um limão na fruteira. — Sei que é difícil acreditar, mas ele te ama. De verdade. Precisa ver como fala de você. E ele fala muito de você.

Abaixo a cabeça e desisto das cebolas. Meus olhos já ardem e Celina já está comendo todos os meus temperos mesmo.

— Eu sei que ele me ama. Eu vejo isso, mas ele não. Ele sequer consegue falar essa palavra. E seria tão mais fácil falar isso do que me chantagear.

Ela engasga e cospe o limão na minha cara.

— Ele chantageou você?

— Sim. Consegui um cargo importante em uma conceituada Academia de dança e Cleber ameaçou revelar sobre Miss Sue para o dono conservador dessa academia se eu não transar com ele sempre que ele estiver a fim.

— Meu Deus! Está desesperado.

— Eu sei. Essa chantagem estúpida resultou de uma crise de ciúmes. Mas por que não me dizer simplesmente que me ama? Por que agir como um idiota?

— Porque ele é idiota. Todos eles são. Dos três, o Matheus é o único estúpido que veio com defeito, veio domado de fábrica. Mas o Cleber, esse é o mais difícil. Sempre foi o mais avesso ao amor. Não desista dele.

— Estou tentando. Mas ele torna tudo difícil demais.

De repente ela se levanta.

— Espera. Ele investigou sua vida, te torturou com um vibrador, te chantageou e você o trata como?

Não entendo sua pergunta e ela esclarece.

— Como você age com ele?

— Normalmente, eu acho. Estou aceitando essa chantagem ridícula e esperando que um dia ele acerte.

— Não, isso não acontece assim. Você está sendo boazinha demais, enquanto for tão boazinha, ele não vai aprender. Por que aprenderia se sabe que você vai perdôá-lo?

— Então o que eu faço?

— Suzana, você precisa ser má com ele. Má de verdade.

— Eu já não sou muito fácil, sabe.

— Então precisa piorar. Vai por mim, eles só aprendem no desespero. Na verdade, eu tenho um plano.

Ela volta a se sentar animada e enquanto chupa o limão, entre uma careta e outra, me conta um plano brilhante para domar meu perverso. E me avisa umas três vezes:

— Seja forte, assim que ele perceber que pode perdê-la, vai tratá-la como uma deusa, vai fazer tudo por você, não caia na dele. Não desista até que ele diga com todas as letras que a ama.

— Ok. Não vou cair.

Após uma tarde divertidíssima, estou fazendo suas unhas das mãos quando Cleber aparece. Ele olha espantado para Celina, e para mim e volta pelo corredor fechando a porta. Poucos segundos depois a abre, sua expressão desconfiada e

confusa. Não, espera, há algo mais. Ele está com medo?

— Suzana — ele diz se aproximando de mim e me dando um beijo na testa.

— Celina — diz beijando a testa dela. — Nath — beija a barriga dela. — Celina, o que está fazendo aqui?

— Oi, para você também, Cleber. Eu poderia dizer que vim visitá-lo e como você não estava bati na porta da sua vizinha, mas não é verdade, vim conhecê-la, ela enganou você direitinho, sabe que a admiro.

Ele faz uma careta e olha sério para mim.

— Nada do que ela disse é verdade.

— Cale a boca, Cleber, não estrague o pouco que consegui consertar da sua situação. Estou indo agora, só vim mesmo mostrar a Suzana que seu vídeo cantando Pablo e chamando pelo nome dela alcançou um milhão de visualizações.

— Mas, o que... Celina, por que veio mostrar isso?

— Já que assumiu a sofrência, querido, sofra direito. Ela agora ama você, se não ama, ao menos sente pena, então já é um passo dado.

Ele abaixa a cabeça e não responde. Celina Morelli acaba com esses estúpidos. Não doma apenas Sebastian, doma todos eles. Ela é brilhante.

— Eu entro em contato com você em breve, por ora, você sabe o que fazer — ela me diz com uma piscadela.

Confirmo com a cabeça e ela se despede de Cleber, que a leva até o carro. Quando volta, começa a puxar assunto, avaliando minha reação.

— Ainda bem que ela não é roda dura como você, ou o Sebastian jamais poderia deixá-la dirigir com essa barriga.

Faço uma careta e vou tomar meu banho. Faço questão de trancar a porta e não a abro quando ele bate. Mas, quando saio do banheiro, Cleber está seminu na sala, mexendo no notebook.

— Estou acabando aqui e vamos para a cama, linda.

Ok, Celina disse que devo ser forte. F-O-R-T-E.

— Acho melhor você dormir na sua cama essa noite, lindo.

Ele me olha imediatamente e fecha o notebook.

— Isso não está em discussão. Vou dormir com você.

Finjo estar irritada.

— Transamos muito ontem, gostaria de dormir hoje.

— Você vai dormir, ainda é cedo. Mas, só vou permitir que durma quando estiver exausta de tanto gozar, não antes disso, adorável safadinha.

Merda. Esse apelido me desarma. Tento argumentar, mas sua boca está na minha e me esqueço do mundo. Mas que fique registrado que depois de transarmos bastante, antes de dormir, Cleber disse que não gostou da minha

recusa. Placar da noite, 1x1.

Estou usando meu melhor vestido, ele é bem comportado, porém, leve. Não tem aquele ar sério que meus vestidos comportados têm. Passo uma maquiagem leve e deixo os cabelos soltos. Não me lembro de já ter me sentido tão bem. Exceto, quando um certo estúpido me puxa para seus braços para dormirmos juntos. Cleber está na sala, zapeando os canais, já usando sua roupa de trabalho. É impressionante como fica lindo de terno e gravata, a camisa social cola em cada músculo de seus braços e em seu peito largo, tornando-o ainda mais irresistível. Minha vontade é pular no colo dele e amassar essa roupa, mas vamos ao plano da Celina. Preciso ser má. Pelo menos um pouco. Preciso que ele queira dizer o que sente ao invés de mostrar com gestos errados de desespero.

— Uau! Você está linda! — ele diz me olhando admirado. Puxa-me pela mão e me conduz de volta ao quarto.

— O que está fazendo, Cleber? Não tenho tempo para isso!

— Embora eu queira muito tirar o seu vestido, não é isso que vou fazer agora, vou apenas mostrá-la. — Ele me posiciona em frente ao grande espelho e fica atrás de mim. — Essa é você, Suzana. Exatamente você. Não tão séria, com roupas que escondem sua sensualidade. Não tão ousada que precise se preocupar com o que os outros vão pensar. Perfeita assim. Fico feliz que esteja se encontrando entre tantas faces.

Não consigo reagir. Tudo o que quero é dizer que isso é graças a ele. Quero pular em seus braços e dizer que o amo. É tão difícil ser má quando ele é tão intenso. Mas, Celina disse que ele faria isso. Então apenas sorrio e o abraço.

— Obrigada — digo em seu ouvido e ele me beija.

Tenho que me afastar mais cedo do que queria, e pego minha bolsa.

— Tenha um bom dia — digo e ele franze o cenho.

— Vou levá-la.

— Não é necessário. O Samuel vai me levar e me trazer todos os dias.

— De jeito nenhum! Não vou permitir isso. Eu a levarei e a buscarei, você não vai ficar rodando para cima e para baixo no carro dele.

— Isso não está em discussão. Ele mora aqui e vai para o mesmo lugar que eu todos os dias. Eu vou com ele. — Dou um passo em direção à porta, mas ele entra na minha frente.

— Achei que tínhamos combinado que eu a levaria e a buscaria sempre, ou já se esqueceu?

— Cleber — digo tentando conter o sorriso. — Não me importo de ter você como motorista particular, de verdade. Mas para a Academia eu prefiro ir com o Samuel. Ele é um ponto de segurança, lembra?

Ele abaixa a cabeça e acho que desistiu, mas quando vou passar por ele, me segura.

— Então eu vou buscá-la.

— Não vai, eu virei com ele.

— A que horas vocês dois vão sair da Academia?

Dou de ombros.

— Sei lá, não estou preocupada com isso. E você também não deveria se importar.

Cleber se transforma em um leão diante de mim.

— É claro que tenho que me preocupar! Você é minha!

— Na cama! Você não me pediu em namoro, lembra? Você disse que isso é apenas sexo diário. Não tenho que ficar te dando satisfações. Se quiser me cobrar alguma coisa, seja homem para assumir o que sente.

Isso saiu sem querer, e foi como um tapa na cara de pau dele. Pela forma como recuou, sei que o atingi onde deveria. Ele sequer consegue responder.

— Estou indo — digo passando por ele.

Apesar de pensar em Cleber o dia todo, foi um dia maravilhoso. Samuel me mostrou como funciona cada departamento na Academia. Fui muito bem recebida por todos e tenho minha própria sala! Almocei com Samuel e adivinhem? Não falou nada sobre o tempo, apenas sobre a Academia. Parece que quando ele fixa em um assunto, só fala sobre essa coisa. Mas nesse caso esta obsessão é bem-vinda, pois quero saber tudo sobre este lugar. No fim da tarde, ele confirma se vou embora com ele, e então, o papo ruim começa:

— Poderíamos jantar hoje, para comemorar seu emprego novo.

Minha primeira resposta é não, mas então penso melhor. Cleber provavelmente vai ficar louco. E não poderia me cobrar nada porque não é nada meu. Quem sabe assim não abandona essa chantagem e assume um relacionamento comigo?

Quando a Academia fecha, e quase todos já foram embora, avisto apenas Samuel parado na porta, esperando por mim. Ele sorri e vem em minha direção. E então o vejo. Seu rosto praticamente encoberto por um enorme buquê de rosas. Cleber. Estaco onde estou e ele se aproxima.

— Oi, bruxinha. Parabéns pelo seu primeiro dia.

— Ele está mesmo marcando território — comenta Samuel irritado.

Eu sei que está, mas não me importo. Ele se aproxima e me estende as flores.

— Obrigada.

— Talvez você possa me mostrar a Academia — sugere.

— Já fechamos — respondo.

— Então você poderia me mostrar sua sala — insiste.

O sorriso em seu rosto deixa muito claro o que ele pretende e tento alertá-lo com o olhar de que não vamos fazer isso aqui de jeito nenhum. Mas quanto mais eu faço careta e fecho a cara para ele, mais seu sorriso safado aumenta.

— Acho que nosso jantar vai ficar para outro dia, Suzana — diz Samuel.

Vejo uma leve alteração no sorriso convencido de Cleber, e me obrigo a desviar os olhos dos dele e responder Samuel.

— Podemos jantar amanhã? — pergunto.

Cleber solta um palavrão e Samuel concorda.

— Então presumo que vai embora com seu *vizinho* — diz Samuel colocando todo desdém na última palavra.

— Sim, ela vai comigo. Algum problema? — pergunta Cleber irritado.

— Ela deveria andar melhor acompanhada.

Ambos dão um passo à frente, mas quando se encostam, Samuel recua. Cleber é muito maior e mais forte.

— Más companhias às vezes são as melhores — responde Cleber.

— Parem vocês dois! — grito e me viro para Samuel — A gente se vê amanhã, ok? — então pego Cleber pela gravata e o arrasto — Você vem comigo.

Entro com ele na primeira sala, a de balé.

— Por que você tem que ser tão encrqueiro?

— Porque ele quer você. E eu quero você. Temos que ser hostis um com o outro, é a regra.

— Cleber, às vezes você é um grande idiota!

Ele me puxa pela cintura e mordia minha orelha antes de dizer:

— Na maior parte do tempo. Mas às vezes sou extremamente romântico, dedicado e gostoso. — Ele morde meu pescoço e gemo.

— E convencido — afirmo.

— Isso sempre.

Então de repente ele se afasta.

— Dance para mim, Suzana. Sem peruca, sem máscaras. Quero ver você dançar.

Demoro um minuto para entender o que ele está pedindo. Ele pega o celular e coloca Naughty Girl para tocar.

— É meio gay você ter essa música no celular — digo engolindo em seco pela forma como está me olhando.

— Ela me lembra você. E você sabe que não sou gay. Agora comece a dançar, safadinha — ele diz se jogando em uma cadeira.

O ritmo sensual da música, a maneira como ele me olha, os espelhos. Amo dançar, amo essa música e o amo. Começo a me mover ao som da música, não

consigo desviar os olhos dele. Quero seduzi-lo, quero que ele se mova comigo. A devassa é quem assume quando danço assim, é esse lado meu que pulsa junto com a música. A cada mexida de meus quadris, Cleber engole em seco. Mal pisca. Posso sentir que me deseja, parece fascinado. Desço a mão por meu corpo e jogo o cabelo e ele se levanta. Não paro de dançar, e ele me rodeia, os olhos fixos em meus movimentos. Quase sem encostar em mim, abre meu vestido, estendo os braços e deixo que ele caia por meu corpo. Demora um pouco até que as mãos de Cleber deslizem por minha cintura. Vejo pelo espelho que ele tirou a roupa, ficando apenas com a boxer.

— Você é tão linda, Suzana. Tao sexy. Não faz ideia do quanto a desejo. Desesperadamente.

Suas mãos sobem levemente pela minha barriga e apertam meus seios. Ele está vendo minhas reações pelo espelho. Abre o sutiã na parte da frente e liberta meus seios. O vento frio em meus mamilos me faz gemer, mas os dedos de Cleber logo tomam seu lugar, enquanto ele brinca com meus mamilos, sussurra em meu ouvido:

— É ainda mais linda quando é você mesma, minha safadinha. É a coisa mais linda do mundo.

Ele me arrasta até uma barra, usada pelas crianças, vejo pelo espelho meu rosto rosado e suado, e os olhos de Cleber brilhando. Estendo a perna por cima da barra e ouço o arquejo de Cleber.

— Por que nunca peguei uma dançarina antes? Vou querer uma dançarina pelo resto da vida.

E nem vai pegar outra, meu estúpido. Serei a única dançarina que você terá pelo resto da vida. Cleber se afasta o suficiente para tirar a boxer e beija toda extensão das minhas costas antes de seus braços me rodearem e ele me puxar de encontro a seu corpo. Sua boca alcança meu pescoço no exato momento em que ele me penetra.

— Esperei o dia todo por esse momento — diz.

— De me comer em uma barra de balé?

— De estar dentro de você. Until the end of time — sussurra uma parte da música que está tocando. — Não estou te comendo, safadinha, estamos fazendo outra coisa.

Preparo-me para finalmente ouvir a palavra amor em sua boca, mas ele não diz mais nada, começa a meter rápido e com força e perco a linha de raciocínio, só consigo senti-lo. Entrando e saindo, me preenchendo por completo. Cleber passa o braço por baixo da minha perna e alcança meu clitóris, e o toque leve de seus dedos, combinado a tê-lo dentro de mim, me leva ao ápice, e grito seu nome, enquanto minhas pernas parecem ficar moles. Ele grita em seguida e

desaba, me levando com ele ao chão. Deita a cabeça em meus seios e beija de leve o meio deles.

— Vamos ser sinceros agora, safadinha. Como conseguiu essa cicatriz? — ele diz beijando a pequena cicatriz.

— Caí do bastão quando estava aprendendo Pole Dance.

— Você dança Pole dance? Meu Deus, case-se comigo.

— Vou concluir que está pedindo Deus em casamento — brinco.

Ele fica um bom tempo em silêncio e depois se afasta. Segura meu rosto entre as mãos e olha em meus olhos. Olha-me por tempo o bastante para decidir dizer ou não. Então, aquele desespero em seu olhar some e tudo o que ele diz é:

— Vamos, safadinha. Precisamos ir antes que alguém nos pegue aqui.

Outra chance desperdiçada, estúpido. Acho que terei que pegar mais pesado para te fazer falar.

Estou quase adormecendo em seu carro, quando me lembro de uma coisa. Uma das muitas salas que Samuel me mostrou, a sala de vigilância.

— Ahhh! Merda! Merda! — grito de repente e Cleber quase bate o carro, virando o volante com o susto.

— O que foi? Suzana, o que foi? — Ele volta com o carro para a pista, mas diminui a velocidade e olha de mim para a pista.

— Há uma câmera na sala de balé. Tudo o que fizemos hoje, foi filmado.

O carro sobe na calçada de novo enquanto Cleber solta uns vinte palavrões que nunca ouvi falar.

Cleber

— Eu te aaaa. — Respiro fundo e tento de novo. — Suzana, eu te aaa... — Preciso ser mais homem do que isso. — Suzana, eu aaaam, eu aaaam... — Merda! Não consigo!

Ela está dormindo embolada no lençol após me dispensar. Após fazermos algo totalmente diferente de sexo, a bruxa simplesmente me dispensou quando chegamos em seu apartamento. E disse que já tinha tido o que queria hoje. Estava nervosa por causa da maldita câmera na sala de balé, não sei se acha que fiz de propósito, que quis prejudicá-la, mas não fiz. Vou recuperar essas imagens antes que Samuel as veja, ou ele vai se apaixonar pelo meu pau. E não preciso que ele a veja como uma rival.

Estou com esse hábito incomum de observá-la enquanto dorme. Normalmente quando ela me dispensa, volto para o meu apartamento após algumas horas observando-a, mas essa noite, acabo adormecendo ali. Ela não briga ao acordar em meus braços, não diz nada, na verdade. Toma café em silêncio e mal responde o que pergunto. Não sei se ainda está brava com essa história da câmera, ultimamente, ela tem andado estranha. Quando está em meus braços, é a minha adorável safadinha. Deliciosa, quente, minha. Mas, parece que basta perder o contato com meu pau para que ela se transforme. E então ela me trata meramente como um homem com quem faz sexo casual. Silêncio! Não venha jogar na minha cara que sou apenas isso, que eu mesmo impus isso a ela. Não importa. Sei que não a terei de verdade enquanto não for o homem que ela precisa. E ela precisa de um homem que não gagueja ao dizer o que sente. Preciso ser esse homem.

Ela vai para a Academia com o gay. Tentei argumentar, mas ela me lançou um olhar que dizia: *não quero você nem perto da Academia*. Então tive que aceitar. Mas os segui, para me certificar de que ele não desviaria o caminho e não colocaria aquelas mãos delicadas nela. E assim que ela entrou na Academia me enviou uma mensagem de texto contendo apenas um dedo médio feito de vários caracteres.

Ela me viu, então. As coisas estão ruins pra caralho. Estávamos melhor antes de eu fazer essa chantagem estúpida. Fiz por desespero. E quando pensei em livrá-la disso, me dei conta de que era a melhor maneira de conquistá-la. Conviver com ela, tê-la todas as noites. Mostrar essa coisa que não consigo dizer. Mas, ela está mais fria há alguns dias, desde que a Celina a visitou.

Merda! Celina!

Entro em sua sala e ela acorda, estava cochilando sobre a mesa.

— É melhor ter um excelente motivo para me tirar de meu cochilo, Cleber.

— Você não é paga para ficar aí dormindo.

Um grampeador passa a poucos centímetros da minha orelha.

— Merda, mulher! Você é louca?

— Essa pergunta é redundante. Não estou no melhor dos humores, o que você quer?

— Suzana está diferente comigo.

— Normal, você é um idiota. Eu no lugar dela nem olharia na sua cara.

— Você no lugar dela criaria um plano diabólico para me enlouquecer até eu deixar de ser idiota.

Olho bem em seus olhos esperando que negue, mas ela começa a rir.

— O que você disse para ela, Celina?

— Não disse nada. Apenas contei minha história com Sebastian para que ela saiba que por mais estúpido que você seja, ainda tem salvação.

— Sua bruxa. Suzana já não era exatamente fácil de lidar, agora está impossível! Você a envenenou contra mim.

— Não fiz isso. Você fez. Você a chantageou, Cleber. Não é mais fácil dizer que a ama?

— Não. Acredite, não é.

— Mas você a ama, não ama?

— Sinto muitas coisas por ela.

Ela solta um suspiro triste e diz:

— Você vai perdê-la. Será uma pena porque gostei dela. E depois você vai ficar um lixo. Como um absorvente usado, um biscoito mastigado ou um copo de cerveja quente. Será como a casca de si mesmo.

— Tudo bem, já entendi.

— Acho que não entendeu. Não há nada mais triste do que descobrir o amor e perdê-lo por medo. Você é mais do que isso, Cleber, não aja como metade de si mesmo. Só você não percebe que a ama.

— Está enganada, eu percebo sim. Tenho essa certeza cada vez que aquela bruxa bate a porta na minha cara e age como se não precisasse de nada de mim, além do meu pau. Sinto mais ainda quando parece que ela não precisa nem do meu pau.

Celina tem uma expressão ainda mais triste quando diz:

— Está dispensando seu pau? Ah Cleber!

Ela diz esse “Ah Cleber” com tanto pesar, que me apavoro.

— Ah, Cleber o quê? O que “Ah, Cleber” quer dizer?

— Ela está perdendo o interesse por você. Até o sexual. Depois, não restará

nada por você nela. Sinto muito.

— Não é bem assim, eu ainda a faço gozar.

— Um vibrador também faz.

De repente, isso faz sentido, essa mudança dela. Está desistindo de mim. Sou um caso perdido. Não posso permitir isso.

— Ela ainda precisa de mim, Celina, tem que precisar!

— Sinto muito. — É tudo o que ela diz e se dirige ao banheiro de sua sala.

Sinto que algo está esmagando meu peito, não sou de fazer isso, mas vou seguir a mulher do meu amigo ao banheiro. Abro a porta bem devagar e fecho os olhos, só quero ouvi-la.

— Suzana, sou eu, tudo certo. Acho que o deixei desesperado. Não se preocupe, em pouco tempo esse estúpido estará gritando que a ama.

Então era um plano. Ah Suzana e Celina vocês não perdem por esperar.

Não busco Suzana e nem ligo para saber se já chegou, mas ouço o barulho de seu salto quando chega. Está rindo, com Samuel. Controlo o homem das cavernas em mim, vamos ver, minha adorável safadinha, quem vai dizer que ama primeiro. Porém, meus planos de me vingar dessa bruxinha vão por água abaixo quando o gay grita:

— Passo aqui em uma hora.

— Tudo bem — ela responde.

A merda do jantar que ela adiou porque íamos transar na academia. Mas não vai acontecer mesmo. Espio por uma fresta na porta até o elevador fechar e então corro ao seu apartamento. Ela está andando de um lado para o outro.

— Você não vai sair com ele.

— Não estou com paciência para suas crises hoje, Cleber.

— Então fique em casa. Não vai sair com seu chefe de mau humor.

Ela me encara, mas não sorri.

— Disse que não estou com paciência para *suas* merdas. Para Samuel, tenho toda paciência.

Respiro fundo, tento me lembrar de que isso é um plano dela e de Celina, não devo me importar com essa frieza.

— É mesmo? E o que ele tem que eu não tenho para que você o prefira?

— Vejamos, ele é doce, atencioso, não tem medo de dizer o que sente e controla o próprio pau. Já está bom ou quer mais?

Algo em seu tom de voz me alarma. Isso não pode ser fingimento. Pego-a pelos ombros e olho em seus olhos. Não há nada ali. Apenas o muro. Maldito muro.

— Estou nervosa, não consegui recuperar o vídeo.

— Depois damos um jeito — afirmo.

Ela me empurra e se afasta.

— Você não entende, não é? Por que é tão egoísta? Se esse vídeo chegar até Samuel vou perder meu emprego.

Ela parece desesperada e não sei o que fazer.

— Ele não vai demiti-la por causa disso, Suzana.

— Você não entende mesmo! Esses vídeos são analisados por vigias antes de irem para Samuel. Não quero que ninguém me veja transando. Estou me sentindo em um reality show pornô. Vou chegar ao trabalho amanhã e todos estarão comentando o tamanho dos meus seios e a cor dos meus mamilos. Ou a forma como grito seu nome quando gozo. Você quer isso?

Tudo bem, admito que ela está certa e eu não estou dando a importância que de fato este vídeo tem. Principalmente para ela.

— Vamos dar um jeito.

Tento abraçá-la, mas ela se afasta.

— Hoje não.

— Não tem essa de hoje não. Quero você agora.

— Preciso me arrumar para um jantar.

— Você não vai.

— Você não manda em mim, não é meu namorado, então não vamos começar com isso.

— Você não vai sair com outro homem que não seja eu, faz parte da chantagem então não comece com isso você.

Ela me encara com um sorriso assustador.

— Você impôs que eu não poderia transar com outro homem. Não disse nada sobre entregar meu coração. Não vou dar para ele se esse é seu medo. Apenas conhecê-lo melhor.

Não consigo responder, ainda estou preso na parte em que ela disse que vai dar a merda do coração para ele.

— Você quer que eu a peça em namoro, Suzana? É isso que falta para desistir de sair com esse gay e ir para a cama comigo?

Ela parece irritada antes do muro se erguer de novo em seu rosto.

— Não Cleber. Jamais te pediria para fazer algo assim. Na verdade, pensando bem, não quero absolutamente nada de você — ela diz olhando com desdém para o meio das minhas pernas.

— Eu posso fazer isso — digo indo contra tudo o que planejei. — Posso te pedir em namoro, se faz questão.

— Não faço.

— Não precisa ser pirracenta.

— Vou te dar uma lição, para que no dia em que você amar alguém de

verdade, não a perca por ser tão idiota. Você não pede uma mulher em namoro porque ela quer. Não assuma um compromisso apenas para comer alguém. Seja mais homem do que isso. Só peça uma mulher para ser sua, se for capaz de ser o dono dela. Você, querido estúpido, não é capaz de ser meu dono, então eu não quero ser sua.

Ela se vira para sair, mas puxo seu braço e a seguro pelos ombros.

— O que você quer? Do que precisa para ser minha? Quer a merda de um anel? É isso que quer? Quer que eu pendure uma faixa no terraço deste prédio dizendo que estou com você? Suzana, do que você precisa?

— Não preciso de anel nenhum! — ela grita se afastando. — A única coisa que eu esperava de você era coragem! Apenas isso. Mas você, Cleber Dantas é um covarde!

Não consigo responder e odeio quando essa megera me cala. Ela sempre faz isso. E sempre está certa quando faz.

— Estou machucando você? — consigo perguntar, enfim.

— Se eu disser que sim vai me livrar dessa chantagem?

— Não. Não posso fazer isso. Se eu fizer isso, você nunca mais falará comigo, e eu não sobreviveria sem você.

— Você não percebe que não me tem? Posso estar em sua cama, mas você não me tem!

— Tenho seu corpo! Tenho seu prazer, seus gemidos! Tenho seus sonhos, Suzana. Por ora isso vai ter que servir. Mas não vou perder isso.

— Cleber, eu te dou tantas chances de ter mais. Por que você não as pega?

Só preciso dizer o que sinto. Mas sinto que se disser, ela será minha dona. Mais do que isso, será minha vida. Mais do que isso, não serei mais nada. Merda, estou parecendo a porra do Matheus exagerado e dramático. Merda. Preciso dessa mulher, isso não basta? Ela entra no banheiro e tranca a maldita porta e não tenho saída. Não posso permitir que saia com aquele gay. Ele vai magoá-la. Não é homem para ela, e não falo isso apenas porque eu sou o homem para ela, mas porque sei que ele vai apenas usá-la. Ando até seu quarto, vejo a roupa que ela preparou para sair, e então sei o que fazer. Tranco a porta do quarto e me jogo em sua cama. Pouco depois, ela bate na porta.

— Cleber, abra a merda dessa porta.

Não respondo e ela percebe meu plano.

— Cleber! Isso não vai funcionar! Se não abrir sairei com ele de toalha. Cleber!

Suzana bate cerca de quinze minutos e grita meu nome. Por fim, grita que me odeia. A última coisa que ouço dela é:

— Você só tinha que dizer, seu imbecil. Agora sou eu que não quero mais

ouvir. Que se dane sua chantagem idiota. Não quero mais nada com você!

E então tudo fica em silêncio. Fico me perguntando o que está fazendo. Fico me punindo por sempre machuca-la. Não faço nada direito. Será que é tão difícil que ela entenda que não sei lidar com isso? Que ela precisa ter paciência, mas que no fim vou fazê-la feliz?

— Vou fazer tudo isso valer a pena! — grito para ela, mas ninguém responde.

Depois de algum tempo, não ouço mais nenhum barulho. Abro a porta devagar e parece que a casa está vazia.

— Suzana! — chamo.

Espero que ela esteja escondida em algum lugar só esperando para me dar o bote, então saio na ponta dos pés. Olho em todos os cômodos de seu apartamento, mas ela não está. Então vou para o meu. Será que ela se atreveu a sair apenas de toalha? Só pensar nisso já me deixa extremamente irritado. Mas, quando abro a porta do quarto, ela está ali. Na minha cama, embolada na toalha molhada e tremendo de frio. Dormindo.

— Ah, minha linda.

Aproximo-me dela e tiro a toalha com cuidado, tentando não acordá-la. Ela resmunga e se mexe.

— Shhhh! Dorme, meu amor. Pode dormir.

Ela parece relaxar e murmura meu nome, e em seguida, a palavra imbecil.

— Cale a boca e vá dormir, mulher.

Jogo o cobertor sobre ela e apago a luz. Enfio-me embaixo dele e nem preciso puxá-la para meus braços, ela se arrasta pela cama até me achar e me abraça. A jeito em meu peito e a aperto.

— Dorme, meu amor. Minha linda. Eu te amo. Te amo sua bruxinha malvada. Eu te amo — sussurro enquanto acaricio seu cabelo e me sinto livre ao conseguir dizer e assumir isso.

Mas estamos em uma guerra, e Suzana também precisa dizer que me ama. Não direi a ela até que me diga, para ela aprender a cair nos planos de Celina. Minha safadinha linda, vou fazer você gritar que me ama, de várias maneiras.

Quando acordo ela já saiu, e preciso me agarrar ao fato de que ela foi procurar minha cama na noite passada. Poderia ter ido para a casa dos gêmeos amiguinhos dela, mesmo de toalha, poderia ter ido de carro. Mas não, foi para meu quarto. Então, ainda é minha, mesmo que não queira ser.

Preciso resolver uma coisa, que já deveria ter resolvido. Verifico que Samuel e Suzana não estão antes de entrar na Academia. Os dois foram almoçar juntos, e cedo demais. Suzana normalmente não almoça tão cedo. Digo na portaria que sou amigo do vigia, um tal de Alberto, e procuro a sala de vigiância. O tal

Alberto me olha desinteressado, mas então me reconhece e praticamente pula na cadeira.

— Você é o pau magia.

Merda. Nosso vídeo já foi analisado. O que quer dizer que o emprego dos sonhos de Suzana está em minhas mãos. Tinha esperança que o Albertinho aqui ainda não tivesse visto o vídeo, mas pelo visto as coisas serão do jeito difícil.

Hoje de manhã mandei que Botelho investigasse os vigias da Academia. Sendo o Botelho, ele me deu um relatório completo até mesmo da rotina desses homens. Ia pedir que ele mesmo recuperasse esse DVD, mas aí me dei conta de uma das informações sobre o vigia que analisa os vídeos. Ele é gay. E Botelho, e os homens dele são feios pra caralho. Decidi eu mesmo resolver isso. Sim, estou aqui para pedir amigavelmente que ele me entregue o DVD em troca de um bom dinheiro. Rezando para que apenas meu charme baste para convencê-lo. Vê as coisas que faço por essa mulher? Será que depois de uma demonstração dessas ainda é necessário que eu diga com palavras que a amo?

Imagino que ainda seja necessário. Vocês, mulheres, e a fixação com essa palavra. Não entendem que para um homem (principalmente um covarde como eu) ela é assustadora! Dizê-la em voz alta é ter que assumi-la. E isso é como uma sentença de morte. Sua vida já não é mais sua, é dessa maldita bruxa que te pegou de jeito.

— Bom dia, Alberto. Acho que já imagina porque estou aqui — digo assim que entro.

Mas o homem está me secando dos pés à cabeça e me sinto incomodado. Sei que faço isso com as mulheres, mas é horrível se sentir uma fonte de chocolate sendo cobiçada por uma mulher deprimida.

— Pare com isso! — digo e tiro a carteira do bolso. — Preciso desse DVD. Quanto quer por ele?

O homem fica calado um instante, e quando um sorriso idiota surge em seu rosto, sei que estou encrencado.

— Dinheiro não, pau magia. Quero ver seu pau.

Tento me manter calmo, tiro três notas de 100 da carteira e as estendo.

— O que viu na gravação é o máximo que vai ver do meu pau. Pegue esse dinheiro e me dê o DVD.

Ele encara confuso o dinheiro, quando uma voz atrás de mim, diz:

— Se o patrão ficar sabendo que está faltando uma gravação, vai demiti-lo. E o salário dele é muito maior do que essas notinhas.

É Saulo, o outro vigia. Reviro os olhos e tiro mais algumas notas da carteira. Os dois se entreolham e não parecem satisfeitos. O segredo é mostrar que não me importo tanto assim com esse DVD.

— Decidam-se logo! Não tenho o dia todo!

Saulo parece disposto a aceitar, mas Alberto ainda faz uma última tentativa:

— Abaixe as calças por dois minutos e esqueço que vi esse vídeo.

Por Deus, o cara é mais insistente que mulher contrariada.

— De maneira nenhuma. Já que não querem o dinheiro, vou embora.

Viro-me para a porta e Saulo fala:

— A moça vai perder o emprego se o patrão vir isso. E vou mostrá-lo pessoalmente.

Eu o encaro. Ele está tentando me chantagear? Mal sabe ele que em chantagem eu sou especialista.

— Entendo. E imagino que aquilo ali em cima seja uma câmera. — Os dois olham imediatamente para a pequena câmera acima da porta. — E imagino que ela tenha gravado nossa conversa. Então, eu posso apenas cruzar os braços e esperar aqui mesmo que seu patrão volte. E três pessoas serão demitidas hoje.

Eles arregalam os olhos e trocam um último olhar, é Saulo quem fala:

— Isso é todo dinheiro que pode oferecer?

Vasculho a carteira em busca de algo mais.

— Tenho essas cortesias para o Sunset.

Os dois aceitam o dinheiro e as cortesias do motel. E me entregam um DVD.

— Meu detetive vai se assegurar de ficar de olho em vocês, e se sequer falarem sobre esse vídeo de novo, os homens dele irão quebrar todos os ossos de seus corpos. Deu para entender?

Os dois assentem e saio dali com o DVD nas mãos.

Tudo o que quero quando chego ao meu apartamento é procurá-la. Mas, depois da nossa última briga, e da forma como ela foi fria, é melhor deixá-la em paz por essa noite. Claro que não posso ficar aqui, imaginando-a do outro lado da parede, ou invadirei seu apartamento em menos de 5 minutos. Só me resta ligar para meus amigos.

Encontro Matheus e Sebastian no bar de sempre, na Savassi. Recebo alguns olhares zombeteiros quando chego, mas só quando o garçom me serve uma caipirinha “por conta da casa para evitar a sofrência” que entendo porque estão rindo.

— Que merda! Será que ninguém fez uma merda maior do que a minha e foi filmado por amigos idiotas que postaram no Youtube nesses últimos dias? Algum idiota precisa tomar meu lugar!

— Cleber, você é o rei do Youtube. Merda nenhuma será maior do que a sua, cara! — zomba Sebastian.

— Inferno!

— Não querendo piorar o seu humor, mas a Celina adorou a Suzana. É melhor tomar cuidado.

— Eu sei. A bruxa da sua mulher e a bruxa da minha bolaram um plano idiota para me fazer dizer à Suzana a palavra brega começada com A.

Ninguém vai me ouvir dizer que a amo em voz alta antes dela.

Sebastian começa a rir.

— Se quer um conselho, diga logo. Celina é terrível! E Suzana não é exatamente fácil. Vão enlouquecê-lo. É mais fácil dizer que a ama e se livrar de qualquer plano em que a Celina esteja envolvida.

Viro o copo de uísque de uma vez.

— Não vou dizer. Faço tudo por essa mulher e ela me despreza.

— Porra! Não vá começar as lamentações como um corno! — ralha Sebastian.

— Cale a boca e me ouça. Vocês são meus amigos. É para isso que estão aqui. Matheus e Sebastian se olham, Matheus fala pela primeira vez na noite.

— O homem está mesmo ferrado.

— Totalmente — concorda Sebastian.

— Ora Sebastian! Você apanhou de cassetete na frente de policiais e teve seu pau apelidado de Sebs. Quem é o ferrado? — então me viro para Matheus. — Você comeu a Gil apenas uma vez e foi tão ruim que ela nunca mais olhou na sua cara. E desconfio que ela ache que você é gay. Quem é a merda do ferrado?

Os dois se olham e Sebastian diz, pouco antes de virar o copo de cerveja:

— Você se sentiu ofendido, Matheus?

— Nem um pouco. Aliás, minha família acha que Gilcelle e eu estamos noivos. Para vocês terem uma noção do que é estar ferrado.

Sebastian e eu cuspiamos nossas bebidas no mesmo instante.

— Por que sua família acha isso? — pergunto.

— Talvez porque eu tinha dito isso a ela.

— E por que você fez isso? — pergunta Sebastian.

— Porque eles achavam que eu sou gay.

Nós nos encaramos e Sebastian fala primeiro.

— Não é mais fácil assumir?

— Engraçadinho. Não tem problema, apenas adiantei os fatos. Antes que qualquer um deles venha me visitar, farei de Gilcelle minha noiva.

— Boa sorte! — dizemos Sebastian e eu em uníssono.

Quando viro o segundo copo de uísque, Matheus tira a garrafa de perto de mim.

— Você precisa parar de beber cada vez que briga com essa mulher, pare de se lamentar e tome uma atitude!

— O que você quer que eu faça? Suzana tem mais experiência em me

dispensar, do que eu tenho em chupar xoxotas.

Ele faz uma careta e balança sua caneca caseira com a bebida quente.

— Sei lá! Vá para perto dela e se ela não quiser vê-lo, insista. Não dê a ela a opção de dizer não.

Isso nunca funciona com Suzana. E Matheus tem uma bosta de um teto de vidro.

— E por que você não faz isso? — provoco.

Ele olha para o nada por um minuto antes de falar:

— Vou fazer, Cleber. Vou fazer exatamente isso.

Então o barulho do meu celular o cala. É Suzana. Ignoro o sorriso que surge em meu rosto e a atendo:

— O que foi, Suzana?

— Cleber — sua voz parece assustada. — Aquele dia em que peguei carona com o Heitor, você disse que ele não era perigoso.

Minha respiração para e deixo o copo cair.

— Você mentiu? — ela pergunta com um fiapo de voz.

Merda! Se ele tiver tocado em um fio de cabelo que seja dela, vou matá-lo.

— Sim, Suzana. Eu menti. Onde você está?

— Ah que bom! — ela parece aliviada — Porque eu meio que acabei de atropelá-lo.

— Como? Onde você está? Onde ele está?

— No estacionamento daquele mercado. Heitor também está aqui, eu acho que o matei — ela diz assustada.

Mulher! Eu te amo! Definitivamente, eu te amo.

— Estou indo amor, fique calma e não saia daí.

Suzana é a melhor coisa que aconteceu na minha vida.

Suzana

O homem está caído aos meus pés. As luzes da ambulância cegam meus olhos e tudo parece confuso. O dia hoje foi necessariamente uma grande bosta! Começo a cantar, mas o paramédico me pede silêncio. Heitor me encara como se eu fosse louca, e apesar da cara de dor, parece bem. Sabe quando você acorda em um dia ruim e sente que não deveria sair da cama? Mas tem um milhão de obrigações e contrariando o aviso do seu anjo da guarda, se levanta assim mesmo? E tudo dá errado o dia todo? Vou contar a você o que aconteceu durante o meu dia para que entenda o que é um dia de grande bosta!

Primeiro veio a câmera. Soube que as câmeras gravam por 48 horas e então essas imagens são passadas para um DVD. São analisadas e mandadas para o arquivo. Então eu tinha que pegar esse DVD hoje, de qualquer jeito. Antes que as imagens fossem analisadas. Fui almoçar mais cedo e esperei o horário de almoço deles, mas um vigia permaneceu enfiado naquela salinha, comendo suas rosquinhas tranquilamente, como se tudo estivesse bem, sem se dar conta de que meu mundo estava prestes a ruir por causa dele, que não saía daquela sala. Léo sugeriu que eu seduzisse o vigia, mas não posso fazer isso na academia, se conseguisse recuperar o DVD o que faria com o vigia depois? Mas não havia outro jeito de entrar naquela sala e recuperar o DVD sem levantar suspeitas. A não ser que eu o roubasse.

Nunca roubei nada na vida, mas isso não seria exatamente um roubo, e sim recuperar algo que pertence a mim, afinal de contas, sou eu seminua com as pernas abertas sendo comida em uma barra de balé ali. Esse DVD é meu! Voltei a minha sala e liguei para a vigilância, alegando que precisava que Saulo, o vigia da vez, fosse resolver um problema com a escala. Ele ainda argumentou que só poderia ir quando o outro vigia voltasse, pois a sala não poderia ficar sozinha, mas insisti e fui enérgica, até demais, que o emprego dele dependia disso. Como se eu tivesse poder para demiti-lo por causa de uma escala. Então, assim que desliguei o telefone, corri até a sala de vigilância. Esperei um Saulo sair atrapalhado e apressado em direção a minha sala e entrei. Os DVDS estavam amontoados em um canto da mesa, provavelmente para serem analisados, e não estavam etiquetados.

Merda. Como eu saberia qual deles era da sala de balé? Teria que roubar todos. Tirei um casaco e embrulhei os DVDS nele, então saí dali correndo. Saulo estava em minha sala, eu tinha que esperar que ele saísse e me senti uma espiã amadora prestes a ser pega roubando a Academia. Pareceu que ele demorou

horas para sair, e quando finalmente o fez, corri e fui procurar o DVD correto. Ainda teria que dar um jeito de devolvê-los à sala de vigilância e estava rezando que não resolvessem analisá-los antes que eu os devolvesse. Sabia dos riscos, chamarem a polícia, dispararem um alarme, pagarem todos os DVDS na minha sala e eu acabar na cadeia, mas era um vídeo íntimo e precisava recuperá-lo.

Passei cerca de meia hora colocando e tirando DVDS do notebook e nem sinal da câmera da sala de balé. Já estava ficando desesperada quando restou apenas um DVD. Tinha que ser ele. O coloquei já fazendo promessas, mas não era. Alguma coisa estava errada. Então me dei conta de que o DVD já deveria ter sido enviado para Samuel. A essa altura todos já deveriam tê-lo visto. Juntei todos os DVDS de volta na blusa e fui devolvê-los. Fiz o mesmo esquema, liguei para a sala de vigilância e convoquei os dois vigias para a minha sala. Saí imediatamente até a sala deles e esperei que saíssem. Então entrei e deposei os DVDS sobre a mesa. Foi aí que senti, aquela sensação de não estar sozinha no lugar. Virei-me para trás e ali estavam, os dois vigias me olhando como se eu tivesse sido pega roubando.

Não estava, estava devolvendo.

— Eu disse que ela havia pegado os DVDS — comentou Saulo.

— Ainda bem que não chamamos a polícia — respondeu o outro. — Não se preocupe, senhorita Suzana. O pau magia veio aqui mais cedo e levou o DVD.

— Pau magia?

— Sim, o homem delicioso com quem a senhorita fez sexo na sala de balé.

Devo ter perdido a cor, pois Saulo imediatamente me amparou.

— Não vamos contar nada, senhorita Suzana — garantiu ele me olhando de uma maneira estranha, maliciosa.

— Não a olhe desse jeito, Saulo. Ela tem o pau magia, não vai querer nada com você. — então se virou para mim com um brilho nos olhos que não entendi até ouvir sua pergunta — Senhorita Suzana, qual a sensação de tê-lo no meio das pernas?

Demorei um minuto para entender a pergunta antes de respondê-la.

— Ahn... plena?

— Tenho certeza que sim! — Ele concordou acenando freneticamente com a cabeça.

Assim, criei amizade com os vigias que me viram gozando no pau de Cleber. Não posso mesmo ter um orgasmo sem que o mundo todo fique sabendo. Merda total.

Cleber não estava em seu apartamento quando cheguei. Não que eu quisesse vê-lo, depois de ontem à noite. Mas quero o DVD para mim. De jeito nenhum deixarei uma arma dessas nas mãos de um chantagista. Somente por isso entrei

em seu apartamento. Sem nada para fazer, e precisando acabar com esse dia de grande bosta, resolvi ir ao mercado. Foi bom para matar a saudade do meu carrinho velho. Comprei algumas coisas, minha adorada garrafa de vinho, e quando ia pagar, esbarrei nele. Heitor.

Confesso que a maneira como ele me olhou me deu medo. Avaliou cada parte do meu corpo sem nenhum pudor. Até a forma como falou comigo, me deu arrepios.

— Boa noite, bela Suzana.

— Olá, Heitor.

— Precisa de uma carona?

— Não, obrigada, estou de carro.

— Talvez ele esteja sem gasolina.

Senti um tom de ameaça em sua voz, mas achei que era coisa da minha cabeça. Cleber disse que ele não era perigoso, afinal de contas. Mas Cleber tende a ser mentiroso.

— Vamos torcer para que não esteja — respondi dirigindo-me ao caixa, afastando-me dele.

Acontece que quando fui ligar meu carro, ele estava sem gasolina. Não sei se foi macumba ou se o maldito esvaziou meu tanque, mas não teria como ir embora, se não fosse o fato de ter um galão com um pouco de gasolina. Cleber o deixou ali desde o incidente na Afonso Pena. Coloquei a gasolina no tanque e então avistei Heitor andando até um SW4 que estava estacionado ao lado do meu carro, ele abriu a porta, mas não entrou nele. Tirou de lá uma corda e foi mexer no porta-malas do carro.

Uma corda. Um estacionamento vazio. Um homem estranho. Combinação nada boa.

Olhei para os lados para tentar localizar o que ele poderia querer amarrar, e ao não achar nada, acelerei o carro, e de repente só ouvi o barulho, um grito e senti algo embaixo dos pneus.

— Ah, merda!

Desci do carro com medo de encontrar alguém ensanguentado, morrendo, dando seu último suspiro. E ele me olharia com culpa, como se gritasse que fui eu quem tirou sua vida. Olhei para trás em busca de auxílio, mas nem sinal de Heitor. Apenas seu carro estava ali, com a porta aberta.

— Ah, merda! Atropelei Heitor.

Corri até ele que estava caído, sangrando e desacordado. O cutuquei com o pé e chamei por ele, mas nem se mexeu, então liguei para Cleber.

— O que foi Suzana? — Ele atendeu irritado.

— Cleber. Aquele dia em que peguei carona com o Heitor, você disse que ele

não era perigoso. Você mentiu? — perguntei rezando para que ele fosse perigoso e não um inocente que por uma neurose da minha cabeça acabou estirado sem vida nesse estacionamento.

— Sim, Suzana. Eu menti. Onde você está?

O alívio me tomou e chutei Heitor mais forte, para ver se ele se mexia, mas nada. Seu braço não estava em uma posição normal de um braço.

— Ah, que bom! Porque eu meio que acabei de atropelá-lo.

Esperei que ele gritasse ou me desse uma bronca por ser roda dura, como ele costuma me chamar, mas ele pareceu realmente preocupado.

— Como? Onde você está? Onde ele está?

— No estacionamento daquele mercado. Heitor também está aqui, eu acho que o matei. — Constatar isso, de repente, fez meu coração acelerar.

— Estou indo amor, fique calma e não saia daí.

Cleber me chamou de amor. E eu matei um homem. Dá para esse dia ser uma bosta maior?

Assim que desliguei, liguei para o Samu e para a polícia.

Ah sim, dá para ficar pior, pois o policial está me olhando agora, esperando que eu explique como aconteceu o atropelamento. E aí terei que dizer que o atrolei, mesmo que por acidente, pois não tenho como argumentar que tive a sensação de que esse cara ia me sequestrar. É, acho que irei para a cadeia. Que seja do jeito dramático.

— Foi sem querer. Eu o vi com uma corda na mão e acelerei o carro, não sei como ele foi parar embaixo dele.

— Você me atropelou sua maluca! — responde ele com uma careta de dor enquanto um paramédico mexe em seu braço aparentemente quebrado.

— Já disse que não o vi na frente do carro, foi um acidente. E a culpa foi sua por estar com uma corda e agindo todo estranho.

— A senhorita achou que ele ia amarrá-la? — pergunta o policial.

— Por um momento, achei que ia me sequestrar.

— Eu só queria ajudá-la — argumenta Heitor.

— Com uma corda? — pergunto espantada.

— Aquilo não tinha nada a ver com você.

— Nunca se sabe — digo dando de ombros.

Quero justificar meu medo explicando que por algum motivo meu vizinho teme esse homem, mas me lembro do dia em que Cleber foi desesperado salvar Sue e disse que ela estava em perigo e que não podia chamar a polícia ainda. E depois que falei o nome de Heitor foi que ele começou a querer me levar e buscar a todos os lugares e não me deixar andar sozinha. Heitor é uma ameaça a

Cleber de alguma maneira, e a polícia não pode saber disso. Ainda respondo mais algumas perguntas do policial, quando a ambulância encaminha Heitor ao hospital, acabo indo com ele. Mando uma mensagem a Cleber dizendo que estamos indo para o hospital, pois se Cleber pretende fazer alguma coisa com ele, é melhor que saiba onde ele está. De qualquer forma, não estamos sozinhos e ele está com o braço quebrado, não vai fazer nada contra mim.

Pouco depois, Cleber me liga:

— Suzana, assim que chegarem ao hospital, desça da ambulância e corra. Haverá um policial esperando por você.

— Por quê? O que está havendo?

— Você não deveria ter ido nessa ambulância, querida. — Ele tenta manter a calma, mas sinto que está à beira de um colapso. — Estou no estacionamento. Havia armas, remédios e mordidas no carro de Heitor. E um bilhete. Para mim. Heitor planejava te sequestrar.

E eu estou presa a uma ambulância com ele nesse momento.

— Maldito dia de bosta. — É tudo o que consigo dizer.

Capítulo 14

Cleber

AVISO:

ESTE CAPÍTULO CONTÉM DRAMA!

Ex: Lágrimas, confissões e tendências suicidas.

Andrés, um dos homens de Botelho, não dirige rápido o bastante. Preciso chegar àquele hospital e me certificar de que Suzana está bem. Só de imaginar o que poderia ter acontecido com ela, me sinto sem ar. Graças a Deus é tão barbeira. Me amaldiçoo por ter bebido tanto, de forma que tive que ir até o mercado de táxi e agora esteja dependendo dessa lesma como motorista.

— Mais rápido, homem!

— Acalme-se senhor Dantas, não dá para ir mais rápido. Só se passarmos por cima dos outros carros.

— Então passe! Amasse todos, mas vá mais rápido.

A lesma diz que acelerou, mas está lento demais. Algo acontece no meu peito, meu coração dói ao bater, minha respiração parece pesada, e meu estômago está embrulhado, como se uma mão o estivesse apertando. E estou suando. Acho que é um ataque de pânico. Ou ataque de desespero, ou ataque de culpa. Só faço merda com ela. Parece que nada, absolutamente nada, ajuda para que fiquemos bem. A começar por mim. A lesma me avisa que chegamos, e sou recarregado de forças para vê-la. Sei que Botelho já está aqui porque vejo outro de seus homens cercando a portaria. Viu como o “meu” motorista é uma lesma? Assim que me vê, o outro homem de Botelho me leva até Suzana. Ela está sentada em uma cadeira, com as pernas para cima, apoiando a cabeça nos joelhos. Não parece machucada, pelo menos não por fora.

— Suzana — chamo e ela me olha, mas não se move. — Oi meu amor. — Abaixo-me à sua frente e de repente, ela pula em meus braços me desequilibrando. Sento-me no chão e a aninho.

— Ele não está morto — ela diz.

— Eu sei. Eu não teria tanta sorte.

— Esse dia foi uma merda.

— Foi mesmo, até agora.

Beijo seu cabelo e ela fica quietinha em meus braços. Passeio a mão de leve por seu corpo, para me certificar de que não está machucada. Acho que nunca

me senti tão aliviado na vida.

— Não pense que por me chamar de amor, vou esquecer o fato de você ter mentido e me colocado em perigo. Devia ter me dito que ele era perigoso. Devia ter dito, já que ele estava atrás de mim. Fiquei sem saber o que poderia dizer a polícia, e vim nessa ambulância para não perdê-lo de vista.

Institivamente a aperto mais. Sinto que vai se afastar e não posso permitir isso agora.

— Não precisava se arriscar por mim, amor — repito essa palavra na esperança que a acalme pelo menos um pouco. — E você está certa, mais uma vez fui um completo idiota. Parece eu não vou acertar nunca.

— Estou começando a perceber isso — ela diz tão resignada, que mais uma vez minha respiração falha.

Vou acabar com problemas cardíacos se continuarmos assim. Mas nem tenho tempo de retrucar e insistir, pois Botelho aparece alarmado.

— O que houve, Botelho?

— Ele sumiu. Heitor fugiu do hospital.

Deposito Suzana de volta na cadeira e corro atrás de Botelho. Um médico e duas enfermeiras estão próximos a uma cama ensanguentada e vazia. Dois policiais vasculham o lugar e um terceiro está pedindo reforço.

— Alguém o tirou daqui! Ele está ferido, como pode ter passado pela segurança? — grito.

Tudo está um caos e lá se foi minha chance de pegá-lo. De novo. Não é que eu não tenha sorte, é que estou com um puta azar. Botelho vai verificar o endereço dele, através da placa do carro e eu volto para Suzana.

— Eu sinto muito que ele tenha escapado — ela diz.

— O importante é que você está bem.

A puxo para perto de mim, a prendo em meus braços e tento me acalmar. Mas cedo demais ela se afasta.

— Vou embora, estou cansada. Preciso encerrar esse dia.

— Eu a levo — digo, pois tudo o que quero agora é dormir com ela.

— Não é necessário. Você está cheirando a cerveja. Posso pegar um táxi.

— Nada disso. Eu vou com você. Vou levá-la de táxi, mas vou.

— Acho melhor você ficar e...

Seguro-a pelos ombros e olho em seus olhos para que entenda que não tem escolha, mais uma vez.

— Eu vou levá-la. Você não vai entrar em um carro sozinha enquanto Heitor estiver foragido. Preciso. Fazer. Isso.

Ela apenas assente e se afasta. Não diz nada o caminho todo, e sei que deve estar querendo saber quem é Heitor e porque ela foi envolvida nisso, mas não

pergunta nada e temo que tenha realmente desistido. Quando chegamos, ela desce sem esperar por mim. Detesto essa distância entre nós e a abraço no elevador. Seguro seu rosto entre as mãos e a beijo. De leve, esperando que ela se afaste, mas ela corresponde e me sinto aliviado. Porém, quando abre a porta de seu apartamento, me pede em um sussurro:

— Eu gostaria de dormir agora.

— Não pretendia fazer nada além de abraçá-la.

— Sozinha — ela completa.

— Não. Vou dormir com você — digo, pois preciso mesmo ficar perto dela agora.

— Não vai. Eu preciso ficar sozinha, Cleber.

Estou começando a ficar desesperado. E odeio me sentir assim.

— Me deixe apenas dormir com você. Por favor, Suzana.

— Hoje não. Amanhã serei sua de novo, mas hoje eu quero ficar sozinha.

Sei que ela tem esse direito, que merda. Ela nem deve mesmo estar querendo olhar na minha cara, mas tenho essa sensação que é quase como um aviso de que se eu a deixar livre essa noite, será para sempre.

— Não, Suzana. Não vou sair de perto de você.

Então ela me olha e não há nada ali.

— Teremos que transar hoje? — pergunta como se fosse um trabalho que estivesse com preguiça de fazer.

— Claro que não!

— Então não temos porque dormir juntos. Ao menos uma vez pense em mim antes de pensar em você e entenda que não quero você perto de mim hoje.

Ela entra e fecha a porta.

— Tudo o que faço é pensar em você — digo para a porta.

Não dormi nada a noite e me sinto um nada essa manhã. É a primeira vez em anos que vou faltar de serviço, mas preciso fazer isso. Decido ir até o apartamento de Suzana preparar o café, mas a encontro no corredor, usando apenas a blusa velha da Minnie.

— O que houve? — pergunto já preocupado.

— Eu me lembrei. Na vez em que me deu carona, Heitor me disse que morava no prédio ao lado, no prédio da V.D.A..

Não pode ser.

— Por que nunca me disse isso? — pergunto já correndo até o telefone.

— Porque você disse que ele não era ninguém. Se tivesse me dito a verdade eu teria contado.

Seu mau humor matinal e o fato de estar irritada comigo, de novo, me fazem

querer beijá-la enquanto Botelho não atende, mas ela parece perceber, pois dá um passo para longe de mim quando tento me aproximar. É como um soco. Suzana não sente mais nada por mim.

— Ah Suzana, parece que você gosta de me fazer sofrer.

— Parece que você precisa sofrer mais.

Estou tão ocupado morrendo um pouco que não percebo quando Botelho atende. Só noto quando escuto sua voz:

— Senhor Dantas, já ia contatá-lo.

— É mesmo? Descobriu alguma coisa?

— Sim, através da placa do carro descobrimos um endereço no Belvedere. Fomos até lá, mas não havia nada. Nenhum documento, arquivo, sequer objetos pessoais.

— Entendo.

Do nada, decido não contar a ele a informação de Suzana. Também, nem deve dar em nada, afinal de contas, qual a possibilidade de a minha vizinha ter descoberto algo em uma noite, quando um detetive profissional não conseguiu em anos? Encerro a ligação sem mencionar o fato, eu mesmo irei investigar isso, se encontrar alguma coisa, aviso Botelho.

— Você ligou para o detetive? Por que não disse a ele a informação que te passei?

— Vou eu mesmo averiguar.

Ela arregala os olhos e parece apavorada.

— Não pode fazer isso sozinho! Você disse que ele tinha armas! Não pode ir lá sozinho!

Alcanço-a em um passo e a puxo para meus braços, cubro sua boca com a minha antes que ela tenha tempo de se afastar. Mas ela passa os braços por meu pescoço e corresponde. Quando afastamos nossas bocas para respirarmos, ela se fastia.

— Tome cuidado.

— Vou tomar, meu amor. Não se preocupe, você não vai se livrar de mim tão fácil.

Ela sorri antes de falar:

— Eu não teria tanta sorte.

Pareço tranquilo e relaxado quando entro no V.D.A. Golden, e chamo Bento, o gerente até a sala dele para conversarmos. Não explico a situação, apenas que um bandido pode estar hospedado em um dos nossos flats. Imediatamente ele traz a lista de hóspedes, e claro que o nome Heitor não aparece nela, não seria tão fácil assim. Então começo as perguntas: se ouviu ou viu algo estranho, se teve alguma reclamação. Se viu um SW4 no estacionamento. E, após

verificarmos até os carros dos hóspedes, não encontramos nada. É frustrante! Parece que nunca vou pegá-lo.

— Não entendo. Há uma testemunha que afirma que ele estava aqui. E não é difícil notá-lo, é magro, alto, ruivo — digo desesperançado.

— Ruivo? O senhor disse que ele é ruivo?

— Sim. Por que, você o viu?

De repente minhas esperanças são renovadas.

— Sim, um homem estranho. Alugou um flat há dois meses, mas raramente vem aqui. Quando aparece é de madrugada. Ele apenas dorme e vai embora na manhã seguinte.

— Bento, quando perguntei se reparou em algo estranho, era disso que eu estava falando.

— Sinto muito, senhor. Não me lembrei antes.

— Tudo bem, pegue a chave do flat dele.

Um caos. Roupas espalhadas, coisas jogadas, vários papéis. Passei o dia olhando cada um desses papéis, a maioria contas, coisas de várias empresas, ações em nome de Heitor. Mas, nada sobre a V.D.A.. Nada sobre algum parente ou amigo. Nada sobre o paradeiro dele. Quando estou prestes a gritar de frustração, encontro. Uma identidade.

— Mas, que merda é essa?

Penso em ligar imediatamente para Botelho, mas algo me impede. Sei que não há a menor chance de ser ele, ou de ele estar envolvido, ele é meu detetive oras! Mas resolvo seguir esse estranho instinto que me diz que foi ele quem me deu a pista errada, sendo ou não de propósito.

Volto para meu apartamento cabisbaixo, chateado, sem saber o próximo passo. Obviamente não posso contar a Botelho. Obviamente não posso contatar meus amigos. Nem mesmo Suzana quer me ver. Quero muito ligar para Sebastian e Matheus, ou para a Celina, ela é bem inteligente, mas não posso. Estou sozinho nessa, sozinho pela primeira vez em anos. Preciso ir para casa, me esconder e pensar. Calcular bem o próximo passo. Assim que entro no prédio, a porta do elevador está se fechando. Nem corro atrás, mas uma mão feminina aparece impedindo que ela se feche. Acelero o passo e me surpreendo ao encontrar Suzana. Ela está com o cabelo negro solto em ondas, uma blusa de seda que deixa à mostra o contorno dos seus seios e uma saia social muito colada às suas curvas deliciosas. Dou um sorriso em agradecimento e ela arregala os olhos, provavelmente ao ver minha cara de enterro. Fico na minha, os pensamentos misturados entre o RG no meu bolso e as curvas da mulher ao meu lado. Vejo que ela me olha, muito, repara bem meu rosto, sua expressão é de curiosidade, mas logo ela vinca a testa e aquelas marquinhas adoráveis aparecem.

Instintivamente as toco com o dedo, e quando estou abaixando a mão, ela a segura.

— Está tudo bem? — pergunta.

Assinto e deixo minha mão na dela. Ela a segura com suas duas mãos, aperta, massageia, mas não a solta. Nem quando saímos do elevador. Só me solta quando paramos em frente o seu apartamento. Ela me dá um sorriso e entra. E eu vou para meu apartamento, me afundar em bebida, pelo menos essa noite. Não tenho cabeça para nada. Não quero pensar agora.

Ali está, no RG em minha mão, Heitor O. Martinez, mas a foto que está no RG não é a do Heitor que me deu o golpe. Não há somente um Heitor. Tudo parece estar desandando, as coisas nunca estiveram tão fodidas quanto agora. Não terei como esconder isso de Sebastian e Matheus e no mínimo, eles vão me tirar da V.D.A., com todo direto. Também vou perder meus amigos. E minha conselheira amorosa. E há Suzana. Minha odalisca linda. Não sou homem para ela ainda, mas posso ser. E não sei se é a tristeza do momento, ou o desespero de estar encurralado em meus próprios erros, mas decido não procurá-la, não forçá-la a aceitar minha presença. Ela sempre me acalma, ela seria tudo o que eu precisaria em uma noite como essa. Mas não vou fazer isso com ela. Não quero que me veja assim, derrotado. É assim que me sinto agora. Depois que eu beber toda minha adega e desmaiar na cama, ou no sofá da sala, acordarei com uma puta dor de cabeça, e então virarei o jogo. Posso não recuperar a V.D.A., meus amigos, mas Suzana, essa é minha. Amanhã serei de novo seu vizinho safado e divertido, amanhã a provocarei com cantadas e beijos. Amanhã tentarei convencê-la a se entregar a mim de novo. E a libertarei dessa chantagem. Isso não quer dizer que vou desistir dela, adoraria poder fazer isso, mas você já percebeu o quanto sou covarde, e ficar sem ela não é uma opção. Então preciso me reerguer e ser forte, para que possa cuidar dela, como ninguém nunca fez.

Amanhã. Hoje, quero ser a merda de um bêbado fodido e sem saída. E quero deixar que essas lágrimas que ardem em meus olhos, caiam.

Estou jogado no sofá sem coragem de ir à adega quando a porta se abre e um cheiro delicioso faz meu estômago roncar. Suzana aparece carregando uma enorme panela fumegante. Está com o cabelo preso em um coque mal feito e uma caneta serve de suporte. Usa um blusão de lã fino e nada cobrindo suas pernas torneadas. Ela coloca a panela na minha mesa, enquanto eu a observo. Assopra as mãos vermelhas e me olha com a cara irritada.

— Trouxe comida para você. Imaginei que estivesse com fome.

É estranho. Até hoje de manhã ela meio que queria me matar, e agora veio me alimentar. Será que está tramando alguma coisa? Aproximo-me cauteloso.

— Suzana, o que há de errado? Você está com algum problema?

Ela me encara sem entender, e responde:

— Eu não, mas você obviamente está, e quero que me conte.

Nego com a cabeça.

— Eu estou bem.

— Não está, não. Mas vamos comer primeiro. Não quero seu relato interrompido pelo barulho do seu estômago. Ou do meu.

Ela vai até meu armário como se fosse a casa dela e fico apenas observando-a servir em tigelas a sopa quentíssima que trouxe. Nada melhor nessa noite tão fria. Sento-me a mesa e observo essa mulher linda, deliciosa, servindo minha sopa em uma tigela e me entregando, e então sentando-se a minha frente para comer comigo. Poderia me acostumar a isso, a tê-la todos os dias na minha cozinha, a partilhar cada refeição do dia com ela. Talvez eu possa fugir com ela para bem longe depois que a merda for jogada no ventilador. Sei lá, olhando-a assim, parece que se ela estiver comigo, que se dane o resto, vou sobreviver. Mas mais uma vez estou sendo egoísta. Ela acabou de conseguir o emprego dos sonhos, e por nada no mundo vou tirar isso dela.

— Quer parar de me olhar com essa cara de bobo e comer? A sopa é sua janta, não estou no cardápio.

— Você nunca está no cardápio, Suzana, e mesmo assim é minha refeição preferida.

Ela me olha por um tempo, depois dá de ombros.

— Não tente fazer piadas se não há humor nenhum na sua alma fria essa noite. Obviamente você tem um problema. Então tente agir como um adulto.

— O que um adulto faria no meu lugar ao ver você tão deliciosa e estando com um humor do cão?

— Pensaria, “a Suzana é muito inteligente, talvez eu possa desabafar com ela e ela possa me dar um conselho que vai salvar a minha vida” ao invés de pensar “a Suzana é minha refeição preferida”.

Sorrio. Parece que dói até mesmo rir, é um riso amargo, mas ela sempre me faz rir. Quase sempre, não faz quando bate a porta na minha cara.

— Suzana, você é extremamente inteligente, quase tanto quanto é sexy.

— Sou mais inteligente do que sexy. E não me irrite esta noite, estou tentado ser boazinha aqui.

— Desculpe. Vou voltar a agir como o homem depressivo para que você possa me salvar.

— Obrigada. E pelo menos exercendo o papel de homem depressivo, tente não ser tão idiota.

— Estou tentando não ser idiota em papel nenhum com você, Suzana.

Ela me encara por tempo demais, depois desvia o olhar e murmura enquanto

come um pão:

— Não me chamou por nenhum apelido. Está pior do que eu pensava.

É, minha linda, não tenho ânimo para te provocar mais hoje.

Quando acabamos de comer, ela me encara, sei que espera uma resposta, mas apenas sorrio e finjo não entender seu olhar insistente.

— O que houve? — ela pergunta docemente e me perco um segundo nesse lado "bom" dela que eu não conhecia.

— Você está estranha.

— Não me venha com ofensas agora.

— Não é uma ofensa. É um elogio.

Ela sorri.

— Estranha é elogio só no seu mundo, Cleber.

— É estranha no sentido bom. Acho que nunca a vi assim, tão transparente, tão natural. Sem tentar esconder o que sente.

Ela se assusta e levanta-se, acho que vai sair correndo e começo a me arrepender, quando ela volta a sentar-se.

— Não se acostume. É somente hoje, quando o sol nascer voltarei a odiá-lo.

— Então pega minha mão por cima da mesa. — O que está havendo?

— Não se preocupe comigo, Suzana. Estou bem. São coisas que infelizmente você não pode me ajudar, mas vou dar um jeito.

— Não pode pedir ajuda aos outros estúpidos?

Sorrio.

— Dessa vez não.

Ela aperta mais minha mão e abaixa a cabeça, depois diz:

— Sabe, mesmo que eu não possa ajudá-lo, acho que deveria me contar. Mesmo que for para desabafar, para não estar sozinho nisso. Cleber, você entra na minha casa como se fosse sua, me come às vezes, podemos dizer que somos amigos de novo, não podemos?

Amigos? Merda, por que ouvir essa palavra da boca dela agora me afeta tanto? Não quero ser seu amigo, Suzana, quero ser seu dono. Quero que seja minha, de corpo e alma, não um pedaço pequeno no seu coração reservado a amigos.

— Eu não te como às vezes, nós temos um excelente sexo, todas as noites. É diário, Suzana, você é minha, não trate isso como se fosse menos do que realmente é.

Ela se assusta com minha reação, eu também me assusto. E sinto uma vontade enorme de contar tudo a ela. A puxo para meu colo, enfio minha cabeça em seu pescoço e a beijo.

— Conte-me — ela pede.

— Eu fiz uma burrada enorme.

— Isso não é uma novidade.

— Mas essa foi a pior de todas, acho que não tem conserto. O que eu fiz, cara Sue, pode acabar com a minha amizade com os estúpidos.

Ela arregala os olhos e segura meu rosto entre as mãos, como costume fazer com ela.

— O que foi que você fez?

A carrego para o sofá e me sento com ela em meu colo. Chegou a hora de falar, já segurei isso por tempo demais. Preciso que mais alguém saiba.

— É sobre Heitor. Sobre quem é Heitor.

— Vou ouvir você, Cleber.

Então me ouça amor, e, por favor, não me despreze.

— Aconteceu quando eu estava me formando na faculdade. Ele estudou comigo, Matheus e Sebastian. Falávamos pouco. Uma vez, ele me convidou para participar de um investimento. Era um valor simbólico e prometeu um retorno seis vezes maior. Resolvi investir, eu tinha pais que cobririam este pequeno saque caso desse tudo errado. O retorno foi ainda maior do que ele havia prometido. Então eu investi de novo e de novo. Estávamos no último ano, e graças a esses investimentos misteriosos levantei capital o suficiente para abrimos a V.D.A., sem precisar da ajuda de meus pais. — Abaixo a cabeça e paro de falar, e Suzana beija o canto da minha boca, me encorajando.

— Continue, Cleber. Conte-me o que aconteceu depois.

— Ele sumiu. Não o vi na formatura. Não tive notícias dele. Estávamos com tudo pronto para a inauguração do primeiro hotel da V.D.A. quando voltei a ter notícias dele. Apareceu do nada e me encontrou, e me propôs um último investimento. Um bem maior. Teria que investir seis milhões e o retorno disso era uma quantia obscena. Era a chance de já inauguramos a V.D.A. com vários hotéis. Eu não tinha esse dinheiro disponível. Mas a V.D.A. tinha, e era eu o responsável pela conta da empresa.

Suzana se afasta e olha-me espantada. Espero o olhar de julgamento em seu rosto, mas tudo o que vejo é curiosidade. Então continuo.

— Você sabe que sou um imbecil, faço tudo errado.

Ela assente e aperta minha mão.

— Tirei uma parte do dinheiro da minha conta pessoal, e a maior parte, da conta da empresa. Heitor me deu os papéis para assinar, os mesmos que eu sempre assinava quando investia. Nem me dei ao trabalho de ler. Poucas semanas depois, o valor obsceno prometido por Heitor estava na conta da empresa, achei que tudo tivesse dado certo de novo, foi aí que o advogado da empresa me contatou. O dinheiro de Heitor não era rendimento de um investimento, era um investimento em si. Muito alto. E esse investimento, com

os papéis que eu havia assinado, tornaram Heitor o quarto sócio da V.D.A..

Suzana solta minha mão e arregala os olhos.

— Meu Deus! E os outros estúpidos não sabem disso?

— Nem imaginam.

— Você precisa contar para eles.

— Eu sei. Acha que não penso nisso toda noite quando deito a cabeça no maldito travesseiro? São meus melhores amigos, meus irmãos, e eu os estou enganando.

— Mas como você conseguiu? Como eles não perceberam um quarto sócio?

— Eu tomo cuidado. O nome dele nunca aparece em nada. Ele nunca fez questão de participar de nada. Mas tem acesso a conta da empresa. Durante todos esses anos, ele fazia saques, e eu os cobria. E contratei o detetive para localizá-lo, mas nunca chegamos a nada. Porém, nesses últimos meses, ele tem feito saques altos demais. Muitos. A última tentativa dele, eu tive que impedir. Era um valor que não passaria despercebido por Sebastian e Matheus. E desde então ele tem me ameaçado.

— Meu Deus, Cleber. Por que nunca me disse? Por que não disse para alguém? Qualquer pessoa?

— Porque pensei que poderia resolver. Que o encontraria, o colocaria atrás das grades e então contaria a Matheus e Sebastian quando tudo estivesse bem. Suzana, como você acha que eles vão reagir ao saber que temos um quarto sócio? Alguém que eles mal conhecem? Na empresa que é a vida deles? Eles deram o sangue pela V.D.A.. Dão todos os dias. Penso na Celina, na Nath, é o patrimônio delas também e estamos dividindo com um bandido. Por minha causa.

Ela me abraça forte. Não esperava essa reação dela, mas percebo que fez isso porque lágrimas malditas escorrem por meu rosto. Não quero que ela me veja chorando. Não quero que pense que sou fraco. Até mesmo o mais forte dos homens precisa de força em algum momento. Não preciso que Suzana ache que não sei lidar com meus problemas e fuja ainda mais. Levanto-me e tanto afastá-la, mas ela gruda em mim. Passa as pernas por minha cintura e não me solta.

— Preciso dormir, Suzana.

— Vou com você.

— Não vai, volte para sua casa, vá dormir. É seu último dia de folga. Amanhã você será minha de novo.

— Quero passar minha folga com você.

Eu a abraço e tento depositá-la no chão, mas ela aperta as pernas em volta da minha cintura, acabo rindo. O quão hilária é essa situação? Quando nota que estou rindo ela desengancha as pernas e desce, mas não tira os braços do meu

pescoço.

— Cleber, você não é fraco. Só é estúpido. Você errou, todo mundo erra, mas está tentando consertar. Sinto muito que tenha carregado isso sozinho por todos esses anos.

Não há acusações quando ela me olha, não há pena, há amor. Suzana me ama, posso ver isso claramente. Está me aceitando assim, sendo um fraco, um maricas e um estúpido. Meus erros não a assustam, a irritam muito, mas não fazem com que ela desista. A aceitação dela me faz ter vontade de não errar. Encosto minha testa na dela.

— Você precisa ter paciência comigo, Suzana.

— Se eu tiver mais paciência com você do que já tenho, você vai passar por cima de mim sem pensar duas vezes. Ou acabarei em um hospício.

— Infelizmente vai ter que trabalhar isso, porque não pretendo deixá-la nunca.

— Não faça promessas quando está prestes a tentar se matar.

— Não tiraria minha vida enquanto você estivesse nela.

Ela afasta-se e me olha, mas há um sorriso em seu lindo rosto.

— Você era o depressivo agorinha mesmo, Cleber. Não se transforme no homem de palavras bonitas e atitudes contrárias.

— Vou agir com você mais do que falar a partir de agora.

— Tenho medo de você conseguir fazer isso, quando você age dificilmente é uma coisa boa.

Sorrio e a aperto em meus braços.

— Você é minha coisa boa, Suzana. A melhor coisa. A única coisa boa.

— Ainda bem que não sou idiota como você então — ela diz, mas retribui meu abraço.

— Ainda bem, minha safadinha. Porque se você fosse, iríamos os dois para o hospício juntos.

— E isso seria bem a nossa cara.

Seguro seu rosto entre as mãos e digo:

— Vá para casa, amor. Vá dormir e descansar.

Ela assente. Mas não quero ficar sem ela.

— Que merda, que se dane, não vá. Fique comigo — peço.

Seu sorriso me faz sentir calmo e relaxado, como se o mundo como o conheço não estivesse em seu fim iminente.

— Sabia que seu lado egoísta falaria mais alto.

— Não vou ser egoísta. Vou deixar que você durma. Aninhada no meu peito. Quero sentir seu cheiro durante a noite.

— Vou servir de seu perfume. Vamos dormir Cleber, precisamos encerrar esse segundo dia de bosta.

— Espero que amanhã consigamos dar a descarga.

Ela dá uma gargalhada e insinua que se fizéssemos isso, eu iria pelo cano.

Pelo menos descobri que Suzana não aguenta me ver chorando. Calma! Não vou usar isso contra ela, vou apenas usar a meu favor.

Acordo na manhã seguinte sozinho na cama. Sabia que seria assim. Ainda vai chegar o dia em que ela vai me acordar com beijos, ou com a boca no meu pau. Ah sim, isso é bem a cara dela e eu seria bem feliz se ela fizesse isso. De repente toda a merda do dia anterior volta, e parece que minha força vacila. Preciso falar, para Sebastian e Matheus, que não apenas dividi nossa empresa com um bandido, mas com vários. Porque é claro para mim agora, Heitor O. Martinez não é uma pessoa, é uma quadrilha.

Suzana

Saí antes de Cleber acordar, ou chegaria atrasada. Fiquei feliz que tenha me contado finalmente esse segredo que o atormentava tanto, pareceu outra pessoa depois de me contar tudo. Talvez dividir algo que nos aflige não seja exatamente uma má ideia. Não que eu queira dividir a única coisa que luto para esconder, mas segredos futuros serão compartilhados. E então há o fato de ele ficar me chamando de amor, e de ter me olhado como se eu fosse tão importante para ele, que não pudesse mais ficar sem mim. Há o fato de ele quase ter dito isso. Por que esse estúpido não assume que me ama, não me promete um compromisso sério e não acaba com essa coisa de eu precisar ser má com ele? Independente do plano de Celina, eu preciso me resguardar mais em relação a ele. Ele me afeta demais, me faz ficar sempre aqui, disponível para ele, e precisa entender que não estou na verdade disponível para ele, que posso sofrer ao me afastar, mas prefiro isso a permitir que ele me faça sofrer. Só preciso que ele seja um pouco mais corajoso, demos um passo ontem, sinto que falta pouco.

Meu celular toca e não podia ser outra pessoa, Celina.

— Bom dia, Suzana, não me diga que o Cleber não veio de novo porque vocês finalmente se acertaram e vão passar o resto do ano na cama?

Solto uma gargalhada que chama a atenção de Samuel, então me controlo e respondo:

— Longe disso.

— Então, por que ele não está vindo?

— Está com uns problemas, mas acho que ele mesmo vai contar para vocês. Escuta, o que são esses homens de preto me seguindo? Tem alguma ideia?

— Seguranças. Nossos estúpidos são exagerados com essa coisa de segurança. Também já tive um Montanha me perseguindo, mas não acabou bem para ele, então Sebastian desistiu.

Nem posso imaginar o que ela pode ter feito para que as coisas não tenham acabado bem para o segurança.

— É o aniversário dele hoje. Achei que fosse querer saber.

O aniversário dele? E eu o deixei sozinho na cama? Poderia ter preparado um café, tê-lo acordado de um jeito especial, qualquer coisa. Tudo bem, ele merece acordar sozinho. Mas sinto muito que ele tenha que passar uma data tão importante com tantos problemas na cabeça. Espero que me contar tenha sido o primeiro passo de um novo Cleber menos estúpido.

Assim que entro na Academia, Saulo me cumprimenta. Ainda me olha

daquele jeito estranho, como se estivesse se lembrando do meu corpo seminu, o que desconfio, seja exatamente o que está fazendo. Acho que o mundo precisa ver meus orgasmos. Não há outra explicação. Na hora do almoço, Samuel e eu não vamos a um restaurante, como de costume, ele pede comida e almoçamos no terraço da Academia, por conta do mundo de seguranças que precisaríamos levar. Os de Samuel e agora, os meus. Celina não estava brincando quando disse que eles são exagerados com isso, Cleber colocou três guarda-roupas atrás de mim. Achei um exagero, mas estou louca para ver a reação deles ao me acompanharem ao Red à noite. Meus guarda-roupas vão se divertir.

Samuel estende seu lençol quadriculado e nos sentamos ali. O sol morno me aquece e o barulho dos carros lá fora é bem baixinho daqui de cima. Nem três minutos depois de começarmos a comer, um dos guarda-roupas aparece.

— Não há necessidade de ficar aqui Elias, estou segura.

— Sinto muito senhorita Suzana, mas o senhor Dantas instruiu que não a deixasse sozinha.

— Deixa Suzana, está apenas fazendo seu trabalho — diz Samuel.

Levo um sanduiche e um copo de suco para Elias e mal me sento antes de Samuel perguntar:

— Por que está andando com três seguranças?

— Porque Cleber é exagerado. Um seria suficiente.

Ele me encara por um momento, esperando que eu diga alguma coisa, mas esse segredo não é meu.

— Algo está acontecendo, Suzana. Umas semanas atrás, ele me ligou desesperado dizendo que você estava em perigo. Depois, começou a carregá-la para todos os lados. Agora você tem três seguranças. É algo relacionado a ele, não é? Ele a está colocando em perigo?

— Não exatamente. Não é nada demais, Cleber é realmente exagerado, preocupado demais.

— Que bom que ao menos está cuidando bem de você. Ele não é homem para você, Suzana. É desesperado demais. E possessivo. Não entendo como permite que você dance no Red.

— Ele não tem que permitir. Eu já dançava desde antes de... — me calo ao dar-me conta do assunto.

Arregalo os olhos e o sanduíche fica entalado na minha garganta.

— Eu sei há muito tempo, Suzana. Sempre investigo as pessoas com quem me envolvo.

As palavras demoram a sair, e um coração quase sai junto com elas pela minha boca.

— Mas, então por quê?

— Por que a contratei mesmo assim?

Concordo com a cabeça.

— Como eu disse, você era a pessoa mais perfeita para o cargo. E sabe separar as coisas. A Suzana, minha vizinha, é uma mulher respeitável e competente, a Miss Sue, dançarina, obviamente tem talento.

Desisto do sanduiche, minha cabeça parece girar e nada faz sentido.

— Mas, você sempre deixou claro o quão conservador é. Principalmente se tratando da Academia.

— Sim, e por isso fiz questão de tentar corrigi-la, de deixar claro esse lado conservador. Para que você não se descuidasse e não deixasse que Miss Sue, esse seu deslize, fosse descoberta.

É meu emprego dos sonhos. E sinto que ele está prestes a me mandar escolher. Não sei se conseguiria dizer adeus a Miss Sue agora.

— Não vou pedir que abandone sua personagem, Suzana. Se tivesse essa pretensão, o teria feito antes. Você é uma excelente coordenadora. Vou pedir apenas que tome cuidado.

— Sempre tomo. Mas quero deixar claro que não gostei de você ter mandado investigar minha vida. Não sei o que acontece com vocês ricos que não conhecem o significado da palavra privacidade.

— Sinto muito por isso, mas precisava saber tudo sobre você antes de me envolver como pretendia.

— Você sempre investiga assim todos os seus funcionários?

Um meio sorriso se insinua em seu rosto antes de ele falar, sem olhar para mim:

— Não pesquisei você porque queria contratá-la. Não sabia que ia perder a antiga coordenadora quando nos aproximamos. Investiguei você porque queria algo mais.

Se estivesse comendo o sanduíche, teria engasgado nesse momento. Não consigo dizer nada, e resolvo voltar a comer o sanduiche, apenas para manter minha boca ocupada.

— Suzana, o que há entre você e Cleber Dantas?

O que posso responder? Muito tesão e uma chantagem?

— Nada demais — digo e me irrita o fato de não sermos mais do que isso porque Cleber é um covarde.

— Será que poderíamos marcar aquele jantar? Preciso falar com você. Sobre assuntos que não condizem com nosso local de trabalho.

— Claro, podemos marcar. Prometo que não vou furar desta vez.

— Ótimo.

Assim terminamos nosso almoço em um clima estranho e não digo mais nada.

Passei o resto da tarde pensando. Samuel já sabe sobre Miss Sue, logo, não tenho mais porque aceitar a chantagem de Cleber. Não temos mais nada. Penso se devo permitir que a chantagem continue, afinal, ele já melhorou tanto! Falta pouco para que seus sentimentos vençam sua covardia. É isso, não posso me afastar dele agora que começamos a caminhar para o lado certo. Mas, quando me despeço de Samuel no meu andar, assim que as portas do elevador se abrem eu vejo, Cleber parado na porta de seu apartamento, sem camisa, rindo. Claramente flertando com as gêmeas estranhas. Estaco onde estou, depois da noite passada achei que tivéssemos dado um passo, mas pelo visto o único passo aqui será o meu na cara dele.

Assim que me vê, sua postura muda. Ele se empertiga todo e vem a passos largos na minha direção.

— Oi, amor — diz beijando minha boca, e então passa o braço pela minha cintura e me arrasta até as gêmeas.

— Amor, essas são Abani e Aditi. Meninas, essa é a Suzana.

Ele diz meu nome com ênfase e as gêmeas arregalam os olhos, como se soubessem algo sobre mim. Ele continua com os braços a minha volta e a conversa não dura muito. Em nenhum momento ele diz que sou sua namorada, nem que temos algo. Diz apenas “essa é a Suzana” e não sei o que isso quer dizer. Pouco depois ele dispensa as gêmeas sem deixar que elas entrem, o que é um ponto a favor dele. Mas então, transforma esse ponto em algo negativo quando diz:

— Os seguranças irão levá-la ao Red hoje. Preciso resolver uma coisa com Sebastian.

Concordo e vou para meu apartamento, mas me machuca que ele tenha agido como se nada houvesse mudado entre nós. Provavelmente agiu assim porque realmente nada mudou. Isso foi apenas eu me iludindo outra vez. Ah Cleber, acho melhor acabarmos logo com essa chantagem.

Quando chego do Red, assim que saio do elevador conversando com Elias, o som alto e as risadas me fazem parar. Elas vêm do apartamento de Cleber. Ando a passos rápidos e abro sua porta, e sim, está rolando uma festa. Há muitas mulheres seminuas espalhadas pela sala e poucos homens. Não acredito que ele fez isso. Mesmo que seja aniversário dele, que não tenhamos nada, ainda fico tentada a entrar lá e acabar com tudo.

Tomo um banho, ligo o rádio para abafar o som do apartamento de Cleber, mas não consigo deixar de pensar no que ele deve estar fazendo lá dentro. Em quantas mulheres havia ali, seminuas, se insinuando, loucas para acabar a noite na cama dele. Aquela mesma em que dormimos ontem. Merda! Esse aperto no

peito é tudo o que jurei que não sentiria. Jurei que não sofreria por um homem nunca mais, e aqui estou eu, sentada no parapeito da janela, olhando os prédios e os carros, e torcendo para que ele broxe de novo. Não é verdade. O que quero é que ele me queira, apenas a mim. Não precisa de tantas mulheres se posso dar a ele tudo o que precisa, por que ele não enxerga isso? Seria um bom momento para ter um ataque da devassa, imaginá-lo entrando por essa porta, batendo-a depois, como sempre faz e me tomando nos braços com desejo e fúria. E aí ele me diria que não precisa de todas aquelas mulheres, que já as mandou embora. Mas, quando abro os olhos, a música ainda está lá, o barulho, as conversas femininas, e não há ninguém na minha sala.

Apago a luz, mudo o rádio para uma música triste, para combinar com meu humor, e volto para o parapeito da janela. Fico ali com uma taça de vinho tentando contar os carros que passam na rua. Pensando porque sempre me apaixono pelo cara errado. Aceitando que Cleber não é o cara errado, só não é o certo, ainda. Eu só queria que ele passasse essa noite comigo. Que quisesse fazer amor à noite, e dormir na minha cama, e que eu fosse tudo o que ele precisasse no aniversário dele. Isso é pedir demais?

É aí que duas mãos tocam meus ombros. Tomo um susto e tento me levantar, mas Cleber me puxa para seus braços, me acalmando.

— Por que está no escuro minha linda? Está tudo bem?

Toco seu rosto para me certificar de que é ele ali e não um ataque da devassa.

— Você está mesmo aqui? Ou isso é um ataque?

Ele morde meu lábio com força, grito e ele se afasta rindo.

— Estou aqui, meu amor.

— E seus convidados?

— Eles sabem se virar sem mim. Não tive nada a ver com essa festa. Foi obra do Sebastian. Não convidei ninguém.

Cruzo os braços e faço bico antes de falar:

— E você não gostou nem um pouco, não é?

— Não. Tinha planejado levá-la para jantar. Depois fazermos amor, talvez eu a fizesse de submissa. Seria o melhor presente de aniversário do mundo.

— Sei muito bem onde esses presentes de aniversário vão parar. Celina me contou sobre como ela conseguiu a Nath. No aniversário do Sebastian.

Ele dá uma gargalhada deliciosa, sem tirar os olhos de mim.

— E agora entendo o que Sebastian quis dizer com melhor presente de aniversário. Você é meu melhor presente, minha safadinha linda. E sei que você toma aqueles comprimidos que estão no armário do seu banheiro, a consequência para meu presente não será um bebê. Meu presente será seu corpo, e mais ainda, seu coração.

Sim, talvez ele já seja o cara certo. Pulo em seus braços e ele me beija. Mas não com a fúria de sempre, e sim com calma, com carinho, passando a língua em cada pedaço de meus lábios, brincando com a minha, me puxando de encontro ao seu corpo. Murmura meu nome entre um beijo e outro, e não tira as mãos de mim. Suas mãos percorrem todo meu corpo, até que não aguento mais e puxo sua blusa, começo a abri-la desajeitada, pois não enxergo os botões, o que o faz rir e se afastar. Em dois minutos está nu diante de mim. Ele me pega pela nuca e me puxa para ele, mordendo meu pescoço de leve, diz:

— Achei que nunca mais a teria nua em meus braços. Vou amar você direito, Suzana. Bem devagar. Vou amá-la como sempre quis. Quero ter certeza de que essa não é a última vez.

Não consigo responder, mas não é necessário, ele tira minha roupa com uma calma que me aflige, quero ficar nua com ele, quero que ele entre em mim. Depois de senti-lo dentro de mim, ele pode ir com a calma que quiser.

— Cleber, por favor — choramingo.

— Calma, meu amor.

Ele se afasta e me olha. Seus olhos brilham através da luz da lua. Ele me posicionou bem abaixo da luz, de forma que me vê perfeitamente, enquanto vejo apenas seu sorriso, e seus olhos. Ele dá um passo na minha direção e pega a barra da blusa, e olha em meus olhos enquanto a tira, bem devagar. Abre meu sutiã com a mesma calma, roçando os dados em meu corpo, e na lateral dos meus seios. Meus mamilos já apontam desejosos, e ele deposita um beijo leve em cada um. Então engancha os dedos nas laterais da minha calcinha. A desce bem devagar, se abaixando com ela. Termina ajoelhado aos meus pés. Sua língua toca de leve minha coxa, e um tremor me percorre, quase me tirando as forças. Sem me tocar, ele consegue me prender a ele, me mover em sua direção. Sua língua sobe por minha coxa e instintivamente afasto mais as pernas, e ela segue para a parte interna da minha coxa. Ali, ele começa a dar mordidas, leves, quase um roçar de dentes, mas que fazem arrepios percorrerem todo meu corpo. Chamo seu nome e imploro, mas o que ele faz é morder um pouco mais forte, e quase desabo sobre ele. Quando sua língua se aproxima do meu centro, me afasto. É o dia dele, não meu.

Ajoelho-me à sua frente, ele me encara sem entender, mas aquele brilho de desejo ainda está ali.

— Hoje é seu dia, não meu.

— Provar seu sabor é um presente para mim, Suzana, mais do que para você.

— Mas hoje, eu quero prová-lo.

Ele não diz nada, então abaixo-me e toco seu pau. Ele fecha os olhos e emite um grunhido baixo. Isso me encoraja e subo a língua por sua extensão antes de

lamber a cabeça, então ele geme. Quando meus lábios o rodeiam e o levo o máximo que consigo na boca, Cleber agarra meu cabelo e guia meus movimentos. Bem devagar no começo, mas acelero e ele permite por um tempo. Logo, me afasta gentilmente, mal consegue falar, e a sensação que tenho ao saber que eu o deixei assim é de plenitude. Ele se levanta e me levanta, me pega no colo e me leva até o quarto, até minha cama. Não me joga nela como costuma fazer, está mesmo disposto a fazer amor. Deposita-me gentilmente e me avalia, por um bom tempo.

— Você é tão linda, Suzana. Tão linda. Parece que nunca vou deixar de me surpreender ao vê-la nua.

Tomara que não, meu amor.

Então seu corpo está sobre o meu, sua boca toma a minha. Suas mãos passeiam pelo meu corpo, tento puxá-lo mais para perto de mim e ele se encaixa em meu corpo bem de leve. Quero senti-lo, empurro o quadril em sua direção, ele geme, mas apenas me toca, me contorço com seu toque, mas até ele é lento, torturando meu clitóris, sem me deixar chegar ao prazer que me ronda. Ele enfia um dedo em mim, e quando enfia o segundo, seu polegar passeia por meu clitóris e ele dá uma mordida forte no meu seio. Quase gozo ali mesmo, mas ele afasta os dedos e a boca, rindo.

— Ainda não amor. Você vai gozar quando eu estiver dentro de você.

— Então venha logo, não tenho muito tempo.

Ele sorri e me beija.

— Estamos fazendo amor, safadinha. Essa noite, vamos ser românticos.

Ele posiciona seu pau na minha entrada, mas não penetra, o que me faz resmungar. Acaricia meu rosto, olha em meus olhos e diz:

— Estar em você Suzana, é como alcançar o paraíso. Não há nada nesse mundo melhor do que isso, quero isso todas as noites, sem precisar forçá-la ou irritá-la, quero apenas que você também queira.

Não consigo dizer nada, apenas concordar com a cabeça. Sim meu amor, quero tê-lo aqui todas as noites, quero tê-lo em mim o resto da minha vida.

— Agora é sua vez amor, me fale algo doce.

O que? Não consigo pensar em nada, só preciso senti—lo. Preciso.

— Me coma — é tudo o que consigo dizer e ele sorri.

— Ah Suzana — diz abaixando seu corpo sobre o meu e encostando a boca na minha. — Você é a mulher mais doce que conheço — então ele me penetra.

Não se move com cuidado, não há mais a lentidão de antes, estamos fazendo amor, mas Cleber faz amor com força, do jeito que eu gosto. Sua boca não me deixa, passeia por todo meu rosto, pescoço e seios, e volta a minha boca. Seu pau não para de se mover em mim, e cada vez que ele sai e torna a entrar, grito

seu nome mais alto. Não me importo se a casa dele está cheia agora, se todos vão nos ouvir, quero que ele saiba o que faz comigo, que saiba que sou completamente dele. Logo, chegamos ao orgasmo, ele grita meu nome e se move até não aguentar mais. Então deita a cabeça em meu ombro. Quero acariciá-lo, mas não tenho forças para mover os braços. Ele deposita beijos leves no meu ombro e se move, saindo de dentro de mim. Deita-se ao meu lado, e me viro para olhá-lo. Ele acaricia meu cabelo, quando fala, sua voz é tão doce que sei que se me pedir qualquer coisa, farei.

— Você me deu seu corpo e seu coração aqui. Agora quero sua alma. Seus segredos. Eu estou aqui por você, amor. Não quero nada entre a gente.

Não quero falar, mas não quero que isso que surgiu entre nós, essa coisa que é tão linda e tão frágil, se parta. Quero que ele continue aqui, na minha cama, com as mãos em mim, me olhando como se eu fosse seu mundo. Quero que ele me conheça mais do que uma investigação pode permitir. Que saiba o que sinto no peito. Pego sua mão e a levo até meu seio, para que sinta meu coração. Ele fecha a mão em uma concha sobre ele e espera. Espera por um tempo, apenas fitando-me, esperando que eu diga. Sei que preciso dizer. É minha vez de deixar de ser covarde.

— Minha mãe se chama Rosália, e ela é uma prostituta. Ela trabalha com o nome de Madame Suzie, sim ela me deu esse nome em homenagem à vida dela, não o contrário. Não conheci meu pai, e provavelmente ele era um dos homens casados que pagavam por sexo. Mas não é só isso, não é só ela que vive essa vida. Minha casa, foi sempre errada. A criação que tive foi... — Engulo em seco e Cleber me abraça.

Afundo a cabeça em seu ombro.

— Só fale o que quiser falar, amor. Estarei aqui todas as noites, você pode falar mais amanhã.

Nego com a cabeça e me afasto, quero ver a expressão dele quando eu disser, quero saber se ele vai sentir repulsa, nojo ou qualquer coisa do tipo.

— Além de minha mãe, havia minha avó. Ela praticamente me criou, e ela era a dona do bordel. O bordel que era a minha casa. Havia a tia Violeta também, ela também era prostituta, claro. Minha avó foi por um bom tempo também, pelo que eu me lembro, depois deixou de ser por estar velha demais. E ela me ensinou, me criou para ser como elas. Eu era grande demais, desenvolvida demais, os homens que entravam lá sempre me olhavam de uma forma que me dava nojo. E eu sempre via, os atos. Sempre as vi transando. Era algo comum para mim. Todas as aulas de dança, o balé, tudo o que pagaram, foi para que eu fosse a menina de ouro delas, para que eu tivesse o melhor corpo, a melhor flexibilidade, os melhores gestos. Quando eu quis aprender pole dance aos doze

anos, elas acharam o máximo. Nada me era proibido. Elas nunca tentaram me forçar a ser como elas, apenas falavam. E eu sentia, Cleber, sentia desejo pelos meus colegas de escola. Eu queria mais quando um deles me beijava. Aí me repreendia porque estava sendo igual a elas. Eu não tinha amigos, era a filha da puta, não vou dizer que sofri bullying ou algo do tipo, eles não falavam disso, apenas não falavam comigo.

— Eu sinto muito, meu amor — ele diz enquanto seca uma lágrima do meu rosto. E vejo que seus olhos também estão molhados.

— Está tudo bem. Como eu disse, nunca me forçaram a nada. Quando eu tinha dezesseis anos arrumei um namorado, Tomas. Ele era diferente de tudo. Dos caras que iam lá, olhava para mim de uma maneira diferente. Ele não elogiava meu corpo, nem a forma como eu me movia, como os outros, me achava inteligente e divertida. Sempre dizia isso. Perdi a virgindade com ele, não me pareceu errado se éramos namorados. Eu sabia, que ele era um desses caras mais velhos, que tem o mundo aos seus pés, filhinho de papai, e que tinha muitas mulheres. Mas fui tola o bastante para achar que mudaria por mim. Que se eu entregasse minha virgindade a ele, levaria isso em conta. Coisa de uma adolescente boba.

Cleber começa a descer e subir a mão pelas minhas costas, bem devagar, e isso me acalma.

— Depois que transamos, ele passou a frequentar muito minha casa. Antes, brigávamos muito porque ele tinha ciúmes dos homens que entravam lá, mas de repente ele não reclamava disso mais. Eu queria que ele me levasse dali, que se casasse comigo ou simplesmente me levasse embora. Ficamos juntos por dois anos, e quando fiz dezoito, mas com corpo e rosto de uma mulher, desconfiei que havia algo mais na nossa relação. Eu o vi falando com minha mãe, ela nunca deu em cima dele, mas a forma como falavam era estranha. Não era íntima, ambos estavam vestidos e não havia gesto de carinho entre eles. Era mais algo como cumplicidade. Tomas começou a querer sexo o tempo todo, mas não era bom, era como minha mãe e tia faziam. Faltava algo, não era diferente como eu queria que fosse. Fui me cansando. Uma noite ele falou sobre casamento. Que seus pais não aprovariam por eu ser filha da madame Suzie, mas que ele os deixaria e ficaria comigo, porém, precisávamos de dinheiro para comprar nossas coisas, já que eu não queria ficar na casa da minha avó. Ele disse que eu era muito boa com sexo, que devia ser uma coisa de família. Que meu sonho de ser bailarina não me levaria a nada. E eu devia aproveitar o dom que herdei e ganhar dinheiro.

Cleber arregala os olhos e vejo a raiva passar por seu rosto.

— Fiquei uma fera, e quando viu que eu não aceitaria, ele fingiu estar bravo,

disse que eu estava enganada, que ele nunca me dividiria, que não estava me propondo isso. Foi a primeira vez que ergui o que você chama de muro. Fingi que estava tudo bem, que eu acreditava nele e quando fomos dormir, eu disse que o amava. Era isso. Um plano dele com minha mãe. Eu seria a mulher perfeita, a puta, que o encheria de prazer e dinheiro enquanto ele continuaria com outras mulheres, com outra vida.

— Sua mãe confirmou que eles estavam planejando fazer isso?

— Não. Nenhum dos dois nunca confirmou.

— Então como você sabe que era um plano? Como tem certeza de que ele queria mesmo usá-la?

— Simples, ele nunca disse que me amava. Elas me ajudaram quando eu fugi para cá. Mas deixaram claro que se tudo desse errado e eu precisasse voltar, seria nos termos delas. Não foi fácil. Eu sentia desejo, ansiava por prazer. Um psicólogo me disse que sentia essas coisas porque me privei demais disso, me preocupei demais. Então começaram os ataques da devassa, as coisas que eu imaginava e sentia vergonha de imaginar. E isso só foi piorando. Era como se eu tivesse tanta vergonha por imaginar essas coisas, que outra pessoa precisasse assumir minha mente e assumir essa devassidão. Nem mesmo Miss Sue ajudou, com ela eu pude mostrar o que aprendi fazer, seduzir. Mas não era o bastante.

Olho para ele, que está atento a cada palavra minha, ainda me acariciando, ainda com o mesmo amor nos olhos.

— Deixou de ser assim depois que você apareceu. Não me sinto errada quando meus desejos são direcionados a você. Foi como uma cura — digo e deito a cabeça de volta em seu peito.

— Nós curamos um ao outro, meu amor. E é uma merda que não a tenha encontrado antes, que não a tenha protegido de tudo isso. — Ele me aperta em seus braços, o sono já começa a me tomar. Não vi em seu rosto nojo ou repulsa em nenhum momento, apenas raiva, mas não direcionada a mim.

— Nunca me prostitui, Cleber.

— Eu sei que não, jamais pensaria isso.

— Elas nunca me forçaram, nunca nem me pediram, apenas insinuavam que era o caminho lógico que eu deveria seguir.

— E era mesmo. Qualquer pessoa no seu lugar teria seguido esse caminho.

— Talvez — digo, os olhos já fechando. — Por isso tenho medo do que as pessoas vão pensar, por isso tenho medo de assumir que sinto tanto desejo. Não quero ser assim, quero ser uma boa pessoa. Eu achava que se fosse movida a desejos, não seria.

— Você é maravilhosa Suzana, a mulher mais incrivelmente maravilhosa que já vi. Você é tão forte, e inteligente. E engraçada. E bem teimosa e espirituosa

também. E linda. Dança como um anjo. E na cama você é a mulher mais quente, amorosa e deliciosa do mundo. O que você me entrega Suzana, seu prazer, não é errado. Isso não me faz sentir nada negativo por você, pelo contrário, você sabe disso. Na cama, meu amor, você é você. Sem faces, sem muro, sem medos. O melhor lugar do mundo é em uma cama com você.

Sorrio e o beijo.

— Ah Cleber, eu amo esses momentos em que você não é um estúpido.

— Se eu tentar não ser tão idiota com você, você me daria uma chance?

— De quê? — pergunto deitando em seu peito de novo, para dormir.

— De ser minha. De eu ser seu dono.

— E o que isso quer dizer? — Vamos Cleber, você só precisa dizer.

— Que você será só minha, mas que vou dar o mundo todo a você. Você me diria? Me diria sim?

Não era isso, meu amado estúpido. Precisa ser mais claro.

— Não.

— Não? — Sinto seu corpo todo enrijecer.

Mas estou sorrindo em seu peito, e ao perceber, ele sorri também.

— Então terei que forçá-la a me dar uma chance? — pergunta.

— Ah não. Você está tentando me provar que pode não ser um idiota, lembra?

— Então eu terei que convencê-la a me dar uma chance?

— Exatamente.

— Ou me diz sim ou nunca mais terá meu pau.

— Ei, isso é uma maneira idiota de me convencer.

— É uma maneira justa. Não tenho seu coração, você não tem meu pau.

Começo a rir, a tensão que estava sentindo, as lágrimas, tudo isso se foi.

— Com uma chantagem? Estúpida dessa?

— Minha safadinha, chantagens estúpidas são o meu forte. Estúpidas chantagens são as melhores.

Fecho os olhos ainda sorrindo e fico bem quietinha, deixando que seus braços à minha volta me aqueçam, que as batidas do seu coração me façam dormir. Fico tanto tempo quieta, que acho que Cleber pensa que estou dormindo. Ele me cobre bem devagar, se mexendo o mínimo possível. Beija meu cabelo e diz:

— Eu te amo.

Mas então o sono me toma e não ouço mais nada.

Cleber

Suzana está ao meu lado quando acordo. Enroscada em mim. E algo estranho me faz começar o dia me sentindo bem melhor. Ouvir da boca dela o que passou, mesmo que ela tenha tentado aliviar, e não fazer drama, só me fez confirmar o quanto admiro essa mulher. O quanto a amo. Não importa quantos jogos mais tenhamos que fazer até nos acertarmos, até mesmo essa fase de nunca saber o que vai acontecer é gostosa, desde que ela esteja assim, enroscada em mim na manhã seguinte.

Preparo seu café e pouco depois ela se levanta. Sonolenta, descabelada e usando minha camisa para cobri-la.

— Definitivamente essa camisa fica bem melhor em você do que em mim.

Ela sorri e se joga na cadeira.

— Não comprei um presente para você — diz desanimada.

— Não preciso de um presente. Mas talvez precise de uma submissa.

Seu sorriso aumenta ainda mais antes de ela responder:

— Um verdadeiro dom não pede a uma mulher que se submeta a ele. Ele a domina.

Quase queimo a mão com água fervida e a encaro. Ainda está sorrindo.

— Você e essas suas lições.

— Tente aprender alguma coisa, estúpido.

— Você não perde por esperar, safadinha.

Era isso que eu precisava, estar em paz com Suzana. Isso muda totalmente meu humor. Tomamos café com nossas costumeiras provocações, percebo que ela me olha às vezes de uma maneira diferente, parece ansiosa. Espera alguma coisa. Não entendo o que é. Quando a deixo na Academia, ela me olha por um bom tempo, antes de o muro aparecer e ela descer do carro. Dá a volta e se abaixa na minha janela, depositando um beijo nos meus lábios. Sai resmungando:

— Só mais um pouco de paciência.

O que essa mulher está esperando? Acho que preciso falar com a Celina.

Celina. Quase sinto minha alma sair do corpo quando a vejo, e o vejo perto dela. Heitor. Ligo para Gil enquanto corro até eles.

— Chame a polícia imediatamente.

— Por quê? — ela pergunta com aquela voz desinteressada.

— Heitor está aqui.

Ela não diz nada e desliga.

Aproximo-me deles com cautela, não quero que Heitor me veja, podem estar armados. Embora esteja com um braço imobilizado, a mão boa está apertando o braço de Celina. Então tudo acontece rápido demais. Heitor puxa o braço de Celina, Sebastian aparece gritando do outro lado, ele a solta e tenta correr, mas Celina acerta as bolas dele com o bico do sapato. Com força. Quase posso sentir a dor dele, que cai no chão com a mão boa no pau assassinado. Gritando.

Sebastian chaga até Celina e pulo com tudo em cima de Heitor.

— O que está havendo? — pergunta Celina com aparente calma.

— Depois eu te explico, amor. — responde Sebastian beijando-a em todos os cantos.

A polícia chega pouco depois, e reclamo da demora, pois tive que ficar em cima de Heitor até que aparecessem. Após uma manhã tumultuada na delegacia e um Sebastian praticamente mudo ao meu lado, tenho a satisfação de finalmente ver Heitor atrás das grades.

— Seu jogo acaba aqui — digo a ele me vangloriando.

— Você que pensa — ele responde.

Foi detido em flagrante por ameaça. Também será julgado pela quase tentativa de sequestro a Suzana. Mas preciso de provas para que sua quadrilha seja desarmada.

Quando voltamos a V.D.A. falo antes que Sebastian diga qualquer coisa:

— Preciso falar com você e Matheus.

— Com toda certeza. Vou apenas dar uma olhada na Celina.

— Chame-a também.

— Melhor não. Não quero que ela fique nervosa. Sou eu que pago quando ela fica nervosa.

— Como preferir.

Estou sentado na sala de reuniões, Gil sentada a minha frente, olhando para todos os lados, menos para mim. Ela nem deveria estar aqui, mas não consegui fazer com que saísse. Sebastian e Matheus entram juntos e calados. Sinto-me em um julgamento, onde acabarei decapitado. Motivo da sentença de morte: excesso de babaquice. Os dois se sentam e me encaram. Procuro uma maneira fácil de dizer isso, mas não há uma maneira fácil. A vida às vezes é simplesmente uma merda.

— Sou um tremendo imbecil.

— Não precisávamos de uma reunião supersecreta para saber isso — diz Gil.

— Cale a boca Gilcelle, você nem deveria estar aqui — ralho.

— Ótimo, vou me lembrar disso na hora que precisar que eu o defenda.

Fecho os olhos, respiro fundo e digo:

— A V.D.A. tem um quarto sócio.

Permaneço de olhos fechados, mas não escuto som algum. Abro os olhos e Sebastian está com a cabeça apoiada no dedo, Matheus com uma sobrelance arqueada e Gil lixando a unha. Todos me encaram.

— Prossiga — diz Matheus.

— A essa altura, imagino que se lembrem do Heitor, da faculdade. De como consegui um bom dinheiro em apostas. Pois bem, eu não estava apostando...

Conto aos meus amigos, que nesse momento me parecem assustadores e não estúpidos, a merda toda. Tudo. De como tirei dinheiro da conta da empresa até o momento em que ele fugiu do hospital após planejar sequestrar Suzana. Quando termino o relato, eles continuam me olhando. Me olham, me olham e não dizem nada.

— Que merda! Digam alguma coisa!

É aí que acontece, algo voa na minha direção e não tenho tempo de desviar. Acerta com tudo minha testa, e caio para trás da cadeira com um estrondo. Fico um tempo ali, até conseguir levantar o braço e tirar da minha cara um sapato vermelho de bico. O mesmo que vi no pau de Heitor mais cedo.

É, acho que Celina estava ouvindo atrás da porta. Tiro o sapato da cara e permaneço imóvel. Não mexo um músculo, mal respiro.

— Cleber Imbecil Dantas! Eu sei que está vivo, levante-se! — ela ordena.

— Vamos cara, enfrente seus demônios — diz Matheus me levantando pelo braço.

Levanto-me, levanto a cadeira, me sento e a olho.

— Vamos, me mate.

Ela encara por um tempo algo no meio da minha testa, provavelmente um buraco causado pelo sapato. Espero que o sangue escorra por meu rosto, mas não acontece.

— Em primeiro lugar, por que diabos eu fui excluída dessa reunião?

Encaro Sebastian deixando claro que a ideia foi dele.

— Dedo duro! — ele reclama.

— A gente resolve isso em casa, Sebastian Vaughn. — Então ela dirige toda sua fúria a mim — Você, espere ali. — Aponta a pequena copa da sala de reuniões.

Encaro Matheus para me certificar de que ela está falando sério, mas ele me enxota com um gesto de mão. Ali, na copa, vejo pela porta que eles conversam, Celina parece bem nervosa, enquanto os outros parecem calmos demais. É um martírio não saber o que estão dizendo.

De rente Gilcelle se aproxima e diz:

— Espere um pouco. Não saia daí. Celina está mal humorada e louca para matá-lo.

Então todos eles saem. Sento-me no chão e fico ali por cerca de meia hora. Quando estou quase tendo um troço de nervosismo, imaginando o que podem estar fazendo, tipo chamando a polícia para mim, eles voltam. Estão com algumas sacolas nas mãos, não posso imaginar o que seja, mas não pode ser nada bom depois da confissão que fiz. Quando uma Celina de boca cheia tira um donut da sacola, abro a porta e invado a sala.

— Mas, que merda é essa? Estou aqui com o coração quase saindo pela bunda e vocês foram comprar donuts?

— Não reclame. Ideia da Gilcelle, para estarmos todos de melhor humor quando formos matar você — diz Sebastian.

Jogo-me na cadeira ao lado de Celina e encaro todos eles.

— Me perdoem. Mas não consigo entender porque vocês estão tão calmos. Exceto a Celina.

Ela engole o donut e diz:

— Porque eu era a única que não sabia de nada. — Então olha para Sebastian.
— Você me paga por isso.

— Espera, vocês sabiam?

— Claro que sabíamos. Você acha que somos tão tapados a ponto de não percebermos um quarto sócio na nossa empresa? Acha que somos tão tapados a ponto de deixar a conta da empresa apenas em suas mãos? Não somos, Cleber — diz Matheus.

— Até você sabia? — pergunto a Gilcelle.

— Claro, sou sua secretária. Eu sei de tudo. É meu dever, bebê.

— Na verdade, não entendemos porque você nunca nos disse. Você cobria as merdas dos saques, todos eles, por que nunca nos pediu ajuda? — pergunta Sebastian.

— Porque achei que vocês me odiariam e me expulsariam da V.D.A..

— Você está parecendo o Matheus, com tanto drama.

Matheus encara Sebastian sério e acerta um tapa na cabeça dele, bem forte.

— Porra, homem! Só estou falando a verdade! — ele reclama.

— Vocês dois. Meu Deus, às vezes acho que devo aconselhar Suzana a correr enquanto é tempo.

— Coitado do Cleber, Celina, mal consegue convencê-la a entrar nessa, não atrapalhe — diz Gil.

— Gilcelle, por favor, não me defenda.

— Só quero ajudar — ela diz dando de ombros.

— A questão é a seguinte. — Interrompe Celina. — Pelo que entendi, esse Heitor é mais escorregadio que quiabo e ninguém conseguiu pegá-lo nos últimos cinco anos. Então por que ele apareceria aqui, na porta da empresa, em plena luz

do dia para me atacar? Com um braço imobilizado.

— Acha que ele fez isso de propósito? — pergunto espantado.

— Ele queria ser pego. Não há outra explicação — diz Sebastian.

— Faz todo sentido. O homem fugiu de um hospital cheio de seguranças e aí aparece aqui quando nós poderíamos e iríamos vê-lo — constato.

— Talvez ele não tenha fugido do hospital. Talvez ele tenha sido tirado de lá. Já que você desconfia que seja uma quadrilha. Ele pode não ser o chefe — diz Matheus.

— E sinto te informar que seu detetive de bigode cinza está envolvido — diz Gil.

— Botelho? Não! — dizemos todos em uníssono.

Celina encara Sebastian espantada.

— Mas, por que cargas d'água você se envolveu com esse detetive, Sebastian? Ele gagueja, abaixa a cabeça, mas diz:

— Porque eu queria achar o Heitor.

— Para o Cleber?

— Não, porque também investi em uma de suas trapaças. Mas no meu caso, ele me deu o cano. Sumiu com meu dinheiro e nunca mais o vi.

— Bem feito! — diz Celina.

O sorriso que surge em meu rosto é involuntário.

— Uau! Como é bom saber que não o único estúpido aqui.

— Você ainda é o mais estúpido. Sebastian, definitivamente vamos resolver isso em casa.

— Alguém me dá abrigo? — ele diz olhando de mim para Matheus, mas negamos imediatamente. — Eu disse que isso ia sobrar para mim.

— O que faremos agora? — questiono.

— Precisamos descobrir se Botelho está metido nisso — diz Matheus.

— Como vamos conseguir isso? Ele é um dos melhores e mais temidos detetives do submundo.

— Então precisamos de um detetive ainda pior do que ele — diz Sebastian.

— Não conheço ninguém pior do que ele, o cara tem a barba cinza.

Todos à mesa se olham, e é Gilcelle quem fala, surpreendendo a todos.

— Acho que posso ajudar. Conheço um detetive pior do que ele.

Todos a encaramos em choque.

— E você tem contato com ele? — pergunta Sebastian.

— Sim, posso procurá-lo. Farei isso. Tenho certeza que Lagartão ficará mais do que feliz em acabar com Botelho. Se provarmos que ele está envolvido.

Celina faz uma careta ao ouvir o nome do detetive, mas já ouvi falar dele. Sebastian também, pela cara que está fazendo. Mas é Matheus quem dá o grito.

— De onde você pode conhecer um homem como ele?

— Conheço muitos homens — ela responde. — Vou procurá-lo esta semana mesmo. Vamos dar um jeito nas merdas do Cleber.

— Vou com você — diz Matheus.

— De jeito nenhum!

— Eu vou sim, ou você não vai. Que se dane as merdas do Cleber, você não vai procurar esse homem sozinha.

— Ok guarda-costas gay. Você pode vir comigo.

Isso é tudo o que podemos fazer por enquanto. E quando me levanto para ir embora, dou uma de maricas. Volto para trás e abraço meus amigos. Celina me abraça também com sua barriga protuberante e Gil se une a nós com uma careta.

— Obrigado por não me matarem, mas porra. Foi barra segurar isso sozinho, se vocês fossem amigos melhores teriam me dito que já sabiam e me ajudado antes.

— Se fôssemos amigos melhores, já teríamos pendurado suas bolas na praça, seu estúpido — diz Sebastian.

Eu devia realmente ter contado antes. São meus amigos, meus irmãos. Tão estúpidos quanto eu.

Quando estou saindo do prédio, recebo uma ligação de Elias.

— Senhor, a senhorita Suzana provavelmente vai sair hoje. Achei estranho que isso não estivesse na programação dela.

— Sair? Com quem?

— O chefe dela. Ouvi algo sobre um pedido. Algo que ele precisa pedir a ela.

Ah merda. Não. Não mesmo. Samuel Alencar não vai pedir a minha mulher em casamento. Mas, não vai mesmo.

Capítulo 15

Suzana

O dia é estranho. Embora esteja me sentindo feliz de uma maneira estranha. Como se a vida estivesse maravilhosa, o que sabemos, não está. Ainda. E Samuel ficou o dia todo me olhando de uma maneira quase assustadora. Com risinhos e piscadelas, como se compartilhássemos um segredo. Mas ou sou tapada ou ele é maluco, porque não me lembro de nada. É no fim da tarde que ele me prova que sou mesmo tapada.

— Posso te pegar às sete?

O jantar. Que eu jurei que não ia mais furar. Mas estou tão bem com Cleber, não é o momento de sair com Samuel. Cleber finalmente, finalmente, disse que me ama. E eu até entrei no banheiro assim que cheguei à Academia e fiz uma dancinha da vitória. Só falta ele dizer isso como um homem, na minha cara, mas me ama. Bem, há essa questão. Ele disse apenas porque achou que eu estivesse dormindo. O que quer dizer que não pretende dizer se não for nessas condições. Ele também não me disse que as coisas entre nós mudaram. Para ele, estamos ainda na estúpida chantagem fazendo um sexo diário que não devo tratar como menos do que é. Mas o que é? Olho para Samuel ali, todo cheio de dentes para mim e decido. Ele é meu chefe, não poderei fugir de jantares com ele para sempre. E se existe um momento para um jantar amigável, sem segundas intenções com Samuel, esse momento é agora, certo? Para que Cleber se irrite. Sei que se eu for a esse jantar, minha noite vai acabar de duas maneiras: com Cleber sentindo medo de me perder e dizendo que me ama numa altura boa o suficiente para que eu ouça. Ou vai acabar com Cleber tendo um ataque de ciúmes, ficando irritado e fazendo alguma merda, o que é mais provável.

Vamos pagar para ver. Samuel é meu chefe. Um amigo. Não vou deixar de sair com chefes e amigos porque Cleber é um estúpido que não assume o que sente para mulheres acordadas.

— Pode me pegar às sete. Mas, não posso demorar muito.

— Eu sei, por causa da sua apresentação. Tudo bem, não vamos demorar. Quero apenas te propor algo.

— Ok.

Quando estamos descendo, Cleber me liga.

— Posso ir te buscar? — pergunta e parece assustado.

— Aconteceu alguma coisa?

— Não. Quero apenas levá-la em casa. Posso?

Esse não foi nosso acordo. Mas ontem foi aniversário dele, e ele disse que me ama, mesmo que baixinho quando achou que eu não estivesse escutando, ele já admitiu isso para si mesmo. É só uma carona Suzana, relaxe.

— Pode.

— Desça. Estou aqui na porta.

— E se eu dissesse não? — pergunto irritada.

— Você não diria não — ele responde sorrindo.

— Cachorro.

Desço até seu carro e assim que entro, noto algo bem vermelho em sua testa.

— O que aconteceu com sua testa?

— Celina descobrindo sobre Heitor.

— Como foi?

— Melhor do que eu havia imaginado. Exceto que não havia imaginado isso. Bico de um scarpin.

— Ela é boa de pontaria então.

— Você não faz ideia. Celina é quase uma assassina com essas coisas. Sebastian que o diga. Mas foi bom ter falado, eu devia ter falado antes.

Ele me conta como foi e depois vamos brincando e conversando amenidades até em casa.

— Estou com saudade de dirigir — reclamo.

— Suzana, querida, você só vai voltar a tocar em um volante se fizer cerca de cinquenta aulas de direção. Não antes disso.

Eu disse, ele sabe ser um completo babaca. Nossa paz acaba assim que entro em meu apartamento.

— Quer que a leve para o Red?

— Não precisa. Hoje não me apresento, só preciso ajudar os meninos, mas vou mais tarde.

— Então vou ficar aqui com você — ele diz se jogando no sofá.

Vou tomar meu banho e assim que fecho o box ele aparece. Fica do lado de fora do vidro, vejo apenas sua silhueta pelo vidro embaçado.

— Cleber, é estranho pra caralho você ficar aí me olhando como se eu fosse um lanche.

— Você é um jantar completo, minha safadinha.

— Saia do banheiro, por favor.

— Não. Aonde você vai?

— Quem disse que vou sair?

— Você está tomando banho.

— Faço isso todos os dias, se não reparou.

Ele fica me encarando pelo box e depois que desligo o chuveiro, sai. Não o vejo na sala quando saio do banheiro e acho que foi embora, mas quando entro no meu quarto, ali está ele, jogado na minha cama. Fica me olhando vestir a roupa. E me maquiar. Não diz nada. Quando termino, ele se levanta e me vira para ele.

— Você está linda. Posso te pedir uma coisa?

— Claro.

— Não saia com Samuel hoje.

— Como você ficou sabendo disso?

— Eu sei tudo sobre você. Não saia. Fica aqui comigo.

Malditos seguranças fofoqueiros.

— Por que eu ficaria aqui com você?

— Porque posso te dar um excelente sexo e ele é gay.

— Bam! — Faço um barulho com a boca. — Resposta errada.

Calço meu sapato e ele tenta de novo.

— Você não me deu um presente de aniversário.

— Você disse que não se importava.

— Me importo agora. Fique. Quero jantar com você de presente de aniversário.

Olho nos olhos dele e pergunto:

— Por que eu deveria me importar em te dar um presente de aniversário?

— Porque somos vizinhos, é a boa educação.

— Bam! Resposta errada de novo. Estúpido nível dois detectado — digo imitando a voz de um robô.

Sinto que ele está nervoso. Vejo pela forma como passa as mãos pelos cabelos e fica dando voltas.

— Se ele te pedir algo, diga não.

— Sim.

— Não. É para você dizer não.

— Ok, eu entendi.

— Isso é sério.

— Cleber, o que há com você?

— Não quero que saia com ele. Sinto-me inseguro. É isso que há comigo!

— Inseguro por quê?

— Não sei bem. Eu sei que não tenho direito de te cobrar nada. Mas merda, eu tenho. Sei que impedir que esse jantar aconteça seria ridículo da minha parte. Mas não posso arriscar. Minha mente sabe que estou errado, mas a porra do meu coração, coisa que eu nunca ouvi na vida, é quem dita as regras agora.

— O que isso quer dizer?

Ele segura minhas mãos nas suas e olha em meus olhos. Há tanto medo ali, e não entendo o motivo de ele se sentir assim.

— Suzana, por favor, não vá a esse jantar.

— Ele é meu chefe. Estou indo apenas por isso. É um jantar amigável. Não vou transar com ele, Cleber.

— Eu sei, mas não quero que vá. Você já passa o dia todo com ele. Fique à noite comigo.

Ele me deixa tentada a ficar, mas estou sendo boazinha demais e Cleber não age quando sou boazinha.

— Não posso. Prometi que não ia furar dessa vez e sou uma mulher de palavra, alguém aqui tem que ter palavra, não é mesmo?

Ele não responde. Solta minhas mãos e desiste. Simplesmente desiste. Segura a porta um tempo, sai do meu quarto e a bate. Preciso de um minuto para me recompor antes de conferir pela última vez meu visual no espelho. Queria muito ficar aqui com ele, e teria feito isso de bom gado se ele tivesse pedido pelo motivo certo. A roupa que escolhi é comportada, como as que costumava usar. Um macacão muito bem tampado, mas enfeitado, e elegante. Prendo meu cabelo em um rabo de cavalo, que combina mais com a roupa e já que esse jantar é em público, quero parecer o mais respeitável possível, como eu sempre quis. Sei que quando chegar em casa, um Cleber irritado vai me jogar contra a parede e então serei a devassa de novo.

Mas, quando vou abrir a porta, percebo porque Cleber desistiu tão rápido. O filho de uma mãe a trancou.

— Cleber Dantas! Abra a merda dessa porta agora mesmo! Isso não tem graça! Não seja infantil! Abre a porta!

Ele não responde. Grito cerca de dez minutos, mas não ouço nada. Deve ter saído. Maldito. Relâmpagos cobrem o céu e uma chuva forte se anuncia, mas não tenho saída. Vou a esse jantar de qualquer jeito, dei minha palavra, e Cleber não vai mandar em mim de jeito nenhum. Abro a janela, me penduro nela e saio. Ando no parapeito até a escada de incêndio. A chuva começa a cair de repente e grito um milhão de palavrões todos terminados no nome de Cleber. Não vou descer oito andares de escada debaixo de chuva, vou pegar um resfriado e vão achar que sou louca. Volto para o parapeito da janela e vou a passos lentos e cuidadosos até a janela da minha sala. Está fechada e com a cortina a cobrindo, claro. Mas vejo o vulto de Cleber na sala, se sentando no sofá. Arranho a janela, mas nada. Outro raio e as luzes da cidade se apagam.

— Ah merda! Agora a porra ficou séria.

No parapeito da janela, com chuva e raios e sem luz, é morte certa. Praticamente prego na janela e me arrasto até o trinco, ela não está totalmente

fechada, sempre a deixo encostada para que um vento mínimo entre. A empurro e entro. E assim que caio pela cortina da sala, Cleber se levanta do sofá gritando e levantando os braços e as pernas.

— Ahhhh! Mas que porra! Merda! Você quer me matar do coração?

Fico parada ali me decidindo entre ter uma crise de riso de sua reação ou puxá-lo pelo colarinho e jogá-lo da janela, mas ele decide por mim. Anda a passos largos até onde estou e me levanta, me puxando para seus braços e me apertando.

— Você andou no parapeito da janela nessa chuva e no escuro? Meu Deus, parece que nunca paro de colocá-la em perigo. Que merda, Suzana. Isso é difícil pra caralho.

— O que é difícil pra caralho?

— Esse sentimento louco. Não sei lidar com isso. Perdoa-me minha linda, eu já ia abrir a porta do quarto e deixá-la ir. Tenho medo de perdê-la, nunca tive tanto medo de nada assim na vida. Nem mesmo da Celina quando descobriu sobre Heitor. Não consigo lidar com isso. — Ele segura meu rosto entre suas mãos, vejo pouco de sua expressão no escuro, mas o escuto. — Não sou um homem que simplesmente diz o que sente e fica contente com isso. Sou um homem cagão, que morre de medo de falar isso e perdê-la. Suzana, eu não sobreviveria.

Posso sentir o medo nas palavras dele. Posso sentir o amor nelas. Por favor, meu estúpido lindo, não dificulte as coisas. Seguro seu rosto imitando seu gesto e digo:

— Cleber, você pode me falar o que sente, você deve falar. Não vou a lugar nenhum. Não fui até agora, não é?

Ele me olha por um tempo, por tempo demais. E não vai dizer. Posso sentir isso. Que se dane! Não vou ficar aqui a mercê de seus ataques enquanto ele decide se sou digna de ouvir o que ele sente. Ele precisa ser mais homem do que isso. Dou um passo para trás.

— Vou te dar uma lição de novo, Cleber. Um homem não perde por dizer o que sente, mas perde, e muito por não dizer. Guarde seus sentimentos para você até que eles o façam explodir. E isso meu querido, fará você perder, mas não me fará ser sua. Eu fui clara?

— Como clara de ovo.

Dou um passo para longe dele e sua voz me detém.

— Aonde você vai?

— A um jantar.

— Não pode ir. A luz acabou, você está molhada.

Pego o celular e ligo para Samuel.

— Samuel? Será que pode me pegar às oito? Aconteceu um imprevisto, mas às oito horas estarei pronta. Tudo bem. Até mais.

Mal desligo o celular a luz volta, aos poucos, ainda está fraca quando Cleber se aproxima de mim. Parece furioso.

— Você vai mesmo sair com ele? Vestida assim?

— Obviamente vou vestir uma roupa seca.

— Outra roupa fechada como essa? Que esconde a Suzana real? A roupa de uma mulher que você não é? Vale a pena o sacrifício, Suzana?

— O que quer dizer?

— Será que você não nota mesmo o que está fazendo? Você se esconde, usa roupas que não gosta, passa a imagem de alguém que não é. E tudo para quê? Para que aquele cara de gay a note. Meu Deus Suzana, você é linda, a mulher mais linda que já vi! É inteligente, divertida, deliciosa. Você é sexy pra caralho. E fica escondendo isso. Quando vai parar de fugir do que é e ser você mesma?

— Estou tentando. Eu não estou me vestindo... — Mas, é o que estou fazendo não é? Tentando passar a imagem de uma mulher respeitável. Porque o jantar é em público e não podem me ver ao lado de Samuel com roupas atrevidas demais. Sou a coordenadora da Academia, tenho que manter minha imagem. Não tenho? — Não posso ser eu mesma, você não entende, serei como ela — admito.

— Não será. Você nunca será como ela se for você mesma. Mas o que está fazendo, é bem parecido com ela.

Algo parece apertar meu peito e o encaro enfurecida:

— Não fale assim.

— Como quer que eu fale? Quando você finge ser algo que não é para agradar um cara só porque ele é rico!

— Isso não é verdade!

— É a mais pura verdade, Suzana. Você se esconderia assim e faria todo esse sacrifício se o gay não fosse rico?

Demoro um momento para conseguir responder. Ele não está certo. Não estou fazendo isso para conquistar Samuel, não preciso disso. Só quero ser essa mulher respeitável também. Será que isso é tão errado? É errado que eu queira ser diferente da minha mãe?

— Parece horrível com você falando assim, está enganado. Você quer que eu seja a devassa que você conheceu, a que você come. E sim, eu sou essa mulher também, mas não sou só ela. Há uma parte de mim que é tímida, Cleber. Que cora com facilidade, que gosta de ser respeitada. Que quer ter uma família. Essa parte também existe.

Ele apenas me olha, e lágrimas brotam em meus olhos. Detesto chorar.

Principalmente na frente dos outros. Nunca faço isso. Mas ele precisa saber, precisa entender que pode sentir o inferno por mim, não é agindo assim que vai me mostrar que é digno que eu também sinta o inferno por ele.

— Sobre o Samuel, sim, o fato de ele ser rico é um atrativo, não vou mentir, mas não me apaixonei por ele por isso. Eu me apaixonei quando o vi pela primeira vez na Academia de dança, e eu não fazia ideia de quem ele era, ou do que possuía. Eu ia lá todos os dias apenas para vê-lo, e quando o vi aqui, no elevador do prédio, foi um choque. Só então descobri quem ele era, e aí formei toda uma vida na minha cabeça que só poderia ter com ele.

Dirijo-me a porta, mas paro no caminho. As palavras lutam para escapar de minha boca. Ele precisa ouvir. Porque não vou falar isso de novo. Porque talvez nem vá falar mais nada. Ele acha que estou tentando agradar Samuel para ter seu dinheiro, e dormindo com ele por puro desejo. Ele acha que isso não passa de uma chantagem, tesão e paixão.

— Não estou apaixonada por você Cleber, aceite isso e tente não julgar o que não entende.

Não me preocupo em decifrar o que passa por seu rosto. Não me preocupo com o fato de que ele parece ainda mais assustado, como nunca o vi. Nem mesmo no dia em que desabafou suas merdas comigo. Quero sair daqui, preciso disso. Mas, quando abro a porta, ele me segura.

— Não vá, Suzana não faça isso, não desista da gente agora. Perdoa-me. Eu posso te dar tudo, posso te dar a família que deseja, os filhos, uma casa linda e respeitável com um cachorro e tudo. Até um gato se você quiser. E posso te dar uma vida de luxo. Você pode se dedicar ao que ama fazer, não me importo, não a cobrarei mais.

Ele se afasta apenas o suficiente para segurar meu rosto entre as mãos e praticamente suplica:

— Eu te dou uma academia só sua se for preciso, Suzana. Será que não vê que também posso te dar a vida que sonha com ele? E que posso dar o prazer que você precisa? Não vê que posso te dar tudo?

Tiro gentilmente suas mãos de meu rosto e olho em seus olhos.

— Uma vez, você me disse que não é o tipo de homem que se apaixona por uma única mulher. Isso mudou?

— Talvez.

— Você também se enfurece quando eu me apresento no clube. Eu vejo o quanto isso te afeta. E quando sou uma dançarina, tenho que dançar com outros homens, pouco vestida, são possibilidades, como você vai se sentir sobre isso?

— Não quero outro homem com as mãos em você.

Acaricio seu rosto. Acho que não temos solução. Cleber me ama,

desesperadamente, eu posso ver isso tão claramente, mas está certo. Ele não é o homem que vai aceitar isso e ficar contente. Vai fazer de tudo um inferno. Vai ter esses ataques sempre, vai querer me dominar. E não vai me dar o que preciso em troca. Um excelente sexo? Sim, ele pode fazer isso. Outros homens também podem. O coração dele, bem, isso é meu, mas ele claramente não vai me entregar.

— Não se trata do que você pode me dar Cleber, mas do que ele pode me dar e você não. Não quero seu dinheiro, nem o dele. Eu quero amor, quero um homem que me respeite e me ame acima de tudo, e que esse mesmo homem me coma com força quando a noite chegar.

— Ele nunca vai te comer com força Suzana você não percebe que com ele vai ser sempre assim? Você será a Suzana comportada e fria para sempre?

— E com você eu seria a devassa para sempre. Nenhum dos dois pode me dar o que eu preciso, essa é a verdade.

Abro a porta, mas ele a segura de novo.

— O que isso significa? — pergunta.

— Que eu desisto Cleber. De você e dele. Preciso que os dois me deixem em paz. Quero um homem que me dê mais do que vocês dois podem dar.

Bato a porta ao sair e paro no corredor. Não sei o que fazer. Não pretendia me envolver com Samuel, não quando amo tanto Cleber. Mas pelo visto me envolver com Cleber requer uma paciência que não tenho. Estou cansada demais, e com medo também. Não é só ele que tem medo.

As portas do elevador se abrem e revelam um Samuel muito elegante, que arregala os olhos ao me ver.

— Outro imprevisto?

Apenas assinto com a cabeça.

— Você está bem?

Dou de ombros.

— Isso é irrelevante agora. Acho que não podemos sair.

— Então venha comigo.

Ele me leva até o terraço do prédio, e ficamos lá em cima. A chuva fina cai sobre nós e por um bom tempo, ele não diz absolutamente nada. Ficamos olhando os carros parecendo formigas luminosas lá embaixo. Tão distantes. Quando fala, sua pergunta me surpreende.

— Você o ama, não ama?

Não preciso responder, sei que há uma placa de neon na minha testa com os dizeres: *eu amo Cleber Imbecil Dantas*.

— Ele a ama. Não é culpa dele o que quer que tenha feito. Homens como ele não são feitos para o amor, Suzana. Não se engane achando que ele vai mudar só

porque a ama. Ele não vai.

— Eu sei.

— Então case-se comigo.

Não respondo, não estou com ânimo para brincadeiras. Ao perceber que não o levei a sério, ele diz.

— Estou te pedindo em casamento.

Finalmente olho para ele. Está sério. Está falando sério. Começo a entrar em pânico.

— Aqui? No terraço de um prédio debaixo de chuva e todo molhado? Isso não é romântico.

— Na verdade é. O que não a agrada é que sou eu a fazer esse pedido e não ele.

Abaixo a cabeça.

— Vou fazer as coisas direito, sem rodeios. Eu sei seu segredo Suzana. Quero que saiba o meu. Sou homossexual. Meu pai não sabe e não acho que aceitaria isso. Como pôde perceber, minha família é extremamente conservadora. Preciso de uma mulher, mas não apenas isso. Preciso de uma amiga. Com quem possa dividir a cama todas as noites. Dividir a vida. Seria um relacionamento aberto, desde que você seja discreta, como sei que é. Você pode continuar no clube, não me importo, e na verdade, gosto de vê-la dançar. Em troca eu lhe daria uma vida de rainha. Você teria tudo. E não me olhe assim — diz quando estou prestes a empurrá-lo do terraço. — Não estou propondo dinheiro em troca de sexo. Não faremos isso. Estou propondo que tenha seu dinheiro, que realize seus sonhos, que tenha tudo o que você merece e a minha amizade. Em troca de assinar meu sobrenome e estar sempre ao meu lado em público. Apenas isso. Não é difícil.

Gay? Samuel é gay?

— Merda! Cleber estava certo. Você não é afim dele, é?

— Não — ele responde com um sorriso sem graça. — Ele é lindo, realmente. Mas, não faz meu tipo.

— Gay? Isso não é justo. Sabe quanto tempo eu fui apaixonada por você? Você sabe, e nunca me disse. Isso não se faz.

— Você não era apaixonada por mim Suzana, e sim pela minha dança. Você nunca me olhou com metade da devoção que olha para ele. E nunca teve comigo metade da paciência que tem com ele.

— Isso não quer dizer nada. Sou obrigada a ter paciência com Cleber. Senão, ele já estaria morto.

— É sua escolha, lindinha.

— Estou me sentindo usada. Não vou responder isso agora. Porra! Foi mais de um ano sabia? Eu até já sabia os nomes dos nossos filhos.

— Podemos ter filhos. Ainda sou um homem.

— Em meus devaneios, a melhor parte de ter filhos era fazê-los.

Ele solta uma gargalhada e se aproxima de repente.

— Por favor, aceite. Sei que está apaixonada, e te darei o tempo que for necessário para esquecê-lo. Mas amor, Suzana, não leva ninguém a nada. Amar uma pessoa dá a ela poderes demais sobre você. E você não é uma mulher que aceita ser dominada.

— Eu realmente preciso pensar. Quando fantasiava que você me pediria em casamento, uma confissão de homossexualidade não estava incluída. Ainda me sinto enganada. E na verdade, estou até tentada a jogar você desse terraço.

Ele sorri, mas dá um passo para trás.

— Por segurança — diz levantando as mãos. — Pense bem. E me procure quando tiver uma resposta.

Então ele beija minha testa e se vai. E fico ali me perguntando o que eu fiz para merecer ser chamada de interesseira e receber uma proposta para ser praticamente uma acompanhante, sem os benefícios, em uma única noite.

— Maldita noite de bosta.

Volto para meu apartamento horas depois. Ainda molhada, os olhos ardendo. Provavelmente pegando um resfriado e com a cabeça cheia de caraminholas. Vou apagando as luzes dos cômodos por onde passo, pois só preciso deitar na cama e apagar. Dormir. Desmaiar. Morrer por um curto período de tempo. É normal me sentir assim? Você já se sentiu coisada desse jeito? Estou assim agora. Mas, quando abro a porta do meu quarto, ali está ele. Dormindo tranquilamente na minha cama, enquanto eu estava na chuva pensando em uma maneira de não matá-lo. Mas agora não há maneiras de impedir isso. Pulo em cima dele e começo a socá-lo.

— Você está achando que essa é sua cama? Acha que aqui é sua casa? Imbecil. Imbecil! Estúpido! Eu te odeio!

Ele acorda assustado e se senta, segurando meus pulsos.

— Sou mesmo tudo isso.

— Eu sei! — grito tentando soltar-me e matá-lo mais um pouco.

— E te amo pra caralho.

Estaco de repente. Olho para ele, que me avalia com cautela. Está sério, concentrado.

— Você não me ouviu, Suzana? Eu disse que te amo. Muito. Muito mesmo. Pra caralho.

Não consigo responder.

— Porra, mulher! Eu sou um idiota. E sou sim esse homem que vai amá-la acima de qualquer coisa e dar a vida para você. Sou o homem que vai fazer seu

café da manhã todas as manhãs e trancá-la em trinta quartos se for preciso para não correr o risco de perdê-la. Eu sou Suzana, o homem em quem você pode confiar, porque posso gritar para o mundo todo que a amo, mais do que a mim mesmo, mais do que ao meu pau ou meu ego. Eu te amo. E é uma frase tão simples que eu não sei por que não disse antes, mas porra, isso está me enlouquecendo. Eu só quero que você seja minha.

Abro a boca para responder, mas ele cola seus lábios aos meus rapidamente me calando. Então se afasta e continua.

— Vou ser bem claro. Fica comigo. Namora comigo. Noiva comigo. Seja minha de verdade. Sem chantagens, sem joguinhos, assim como eu sou seu.

Ainda não consigo responder, não consigo me mover. Devo estar tendo um ataque da devassa. Não, devo ter uma face nova, romântica e boba que acredita no impossível. Fecho os olhos bem apertados esperando que Cleber suma de debaixo de mim, mas ele beija levemente minhas pálpebras fechadas.

— Eu te amo, safadinha. Amo que seja tão safada na cama, que não tenha medo de se entregar. Amo a forma como geme e grita meu nome. E como reage quando puxo seu cabelo. Eu amo seu lado sensual, quando você sobe naquele palco e faz cada nervo do meu corpo tomar consciência de cada movimento do seu. Eu amo a forma como dança e o que sabe fazer com movimentos tão perfeitos que me enfeitiçam desse jeito. Eu amo seu lado responsável, amo quando coloca aqueles óculos enormes, o rabo de cavalo perfeito e vem com suas frases inteligentes e ácidas. Amo nossas discussões, que seja tão mais esperta do que eu. Amo quando você se rende, e quando me obriga a me render. Eu amo suas lições. Juro que tento aprender cada uma delas, para ser melhor para você. Eu amo o que você faz comigo. Mesmo quando me irrita a ponto de eu querer matá-la, amo até o instinto assassino que você desperta em mim. Eu te amo.

Não precisa dizer mais nada. Colo minha boca a dele, e ele me aperta em seus braços. Agarra-me pela cintura e me vira, deitando sobre mim na cama.

— Só vou tomá-la se você for minha, Suzana. Não farei isso de novo a menos que me diga sim.

— Fará assim que eu tocar qualquer parte do meu corpo no seu pau.

Ele sorri.

— Provavelmente farei mesmo. Mas não estrague meu momento romântico. Diga sim meu amor, seja minha. Juro que vou compensar cada falha. Juro que vou amá-la sempre.

— Eu sei.

— Então me diga sim. Suzana, ninguém mais vai amar você da maneira como eu amo.

— Isso é uma chantagem? Do tipo, fique comigo ou morra seca sem amor?
Ele sorri e me beija.

— Não. Sem chantagens. Isso é uma constatação. Porque o que sinto por você, minha safadinha, não pode existir em nenhum outro coração, em nenhuma outra mente, em nenhum outro lugar. Ninguém mais suportaria algo tão grande, tão assustador, sem enlouquecer.

— Eu vou ter paciência Cleber, desde que você me diga que me ama todos os dias.

— Direi todas as horas para não restar dúvidas.

Olho seus olhos, verdes, brilhantes, que me avaliam com ansiedade. Amo esse homem. Amo demais esse homem. E ele é um estúpido.

— Sim.

Sinto como se ele pesasse de repente vinte quilos a menos, de tanto que relaxa.

— Vou colocar um anel no seu dedo, você sabe disso, não sabe?

— Espero que faça isso.

— Vou ser ainda mais ciumento e possessivo e louco do que antes, você também sabe disso?

— Terei liberdade de castigá-lo por isso.

— Suzana, um homem apaixonado é capaz de qualquer coisa, mas, quando um homem ama uma mulher, como eu te amo, é capaz de tudo. Por favor, não se assuste, não me afaste e não desista.

— Não vou a lugar nenhum. Estou aqui para você, lembra? Como você está para mim. Sou sua cura e você é a minha.

— Eu te amo — ele sussurra uma última vez antes de tirar minha roupa como um louco e me penetrar.

E então fazemos amor, mesmo com pressa, mesmo com força, mas as coisas que ele repete em meu ouvido cada vez que me penetra e a forma como me toca, me reverenciando, não podem ser taxadas como sexo. Nós fazemos amor. O melhor amor do mundo. Sei que não vai ser fácil assim, mas vou domar meu perverso. Nem que seja a última coisa que eu faça.

Desculpe, acho que isso ficou meio assustador.

E não é que minha noite acabou das duas maneiras que imaginei que acabaria?

Cleber

— Quando foi que você decidiu que poderia ser esse homem? Meu homem?
— Suzana pergunta após fazermos amor de manhã. Enroscada em mim, com a cabeça aninhada no meu peito.

— Quando você saiu por aquela porta. Eu quis ir atrás de você, mas sabia que se fosse com o desespero que estava sentindo, ia fazer merda de novo. Mas ficar aqui, enquanto você ia ser pedida em casamento pelo cara por quem é apaixonada, foi uma das coisas mais difíceis que já fiz.

Ela apoia os braços no meu peito e se ergue o suficiente para me olhar.

— Como sabia que eu ia ser pedida em casamento?

Uma raiva me domina e quase a esmago, a apertando em meus braços e deitando sobre ela. O maldito fez mesmo o pedido.

— O que você disse? O que respondeu? Você disse não?

— Sim.

— Você disse sim?

Estou quase tendo um ataque e a maldita está rindo.

— Você acha que eu aceitaria um compromisso com você se estivesse noiva de outro, Cleber?

Merda. Definitivamente ainda vou morrer de um ataque do coração por culpa dessa mulher. Abaixo a cabeça e mordo seu seio, como vingança por ser tão má.

— É bom que lembre-se de que é minha e apenas minha.

— Sim, senhor possessivo.

— E sou seu. Até meu pau é seu, você ganhou na loteria.

Ela sorri e me beija.

— Então vou colocar uma etiqueta nele com os dizeres: *propriedade da Suzana*.

— Pode colocar. Ele não sobe para outra mulher mesmo.

— Eu sabia que havia um motivo escondido por trás dessa declaração de amor. Você só quer sexo.

— Ah sim, safadinha, o que eu amo na verdade é a sua xoxota.

Ela gargalha e a penetro de novo. Nada é melhor do que acordar na cama com essa mulher.

A V.D.A. está uma correria, pessoas andam apressadas de um lado para o outro por conta dos preparativos para a inauguração do hotel em Madri. Procuro o silêncio da minha sala, mas Sebastian está nela, andando de um lado para o

outro, claramente nervoso.

— O que houve? — pergunto já alarmado.

Matheus chega logo atrás de mim e praticamente me empurra da porta.

— Deixe-me ver isso. O homem está tendo um ataque pré-morte.

— Por quê? O que está havendo?

— Vai pedir a Celina em casamento — diz Matheus rindo.

— Isso é sério? Não me diga que a cor roxa do seu rosto é porque está reconsiderando, ou a Celina te mata de qualquer jeito.

— Não estou reconsiderando. Preciso ter essa certeza de que ela é minha para sempre.

Em uma ocasião normal, eu teria zombado e tirado uma com a cara dele, mas agora, entendo perfeitamente o que é querer essa certeza.

— Eu entendo — dizemos Matheus e eu.

— Vou fazer uma surpresa para ela hoje à noite. Vocês estão intimados a comparecer.

— Não precisávamos de uma intimação. Não perderia por nada a chance de ver a Celina acertando suas bolas como fez com Heitor, quando você fizer o pedido — brinco.

— Não tem graça. Já estou uma pilha. Ela tem pavor à palavra casamento.

Ele ainda anda de um lado para o outro, e me parece azul agora, não mais roxo.

— Relaxa Sebastian, ela te ama. Vocês serão pais, ela vai dizer sim — diz Matheus tranquilizando-o.

— Assim espero, porque terei que passar à tarde com a mãe dela e ela é meio assustadora.

— É a mãe da Celina, o que esperava?

Mas o homem parece prestes a ter um colapso. O seguro pelos ombros e espero que se acalme.

— Homem, deixa de ser bundão. Você tem alguma dúvida de que aquela maluca te ama?

— Não. Ela diz isso o tempo todo. Mas Celina é imprevisível e nunca sei... que merda Cleber, o que foi?

Não estou mais ouvindo. Ela não disse. Merda. Ela disse que não estava apaixonada por mim, foi para me irritar, mas não desmentiu depois.

— Bruxa. Ela não disse. Suzana não disse que me ama.

— Mas você também não diz isso a ela — diz Sebastian como se fosse óbvio o motivo de ela não dizer.

— Eu disse. Gritei para ela. E repeti um monte de vezes.

Matheus se aproxima de nós me encarando com a expressão séria.

— Está dizendo que se declarou para ela e ela não respondeu de volta que o ama?

Sinto-me ainda pior com ele falando assim.

— É o que estou dizendo.

Os dois me encaram, depois olham um para o outro e caem na gargalhada. Entre os risos identifico “patético” e “bem feito”.

— Que bom que acabei com sua tensão Sebastian, veremos quem vai rir à noite, quando a Celina gritar um não bem redondo na sua cara.

Ele para de rir imediatamente.

— Idiota!

— Babaca — rebato.

— Função das mulheres: transformar os homens em seres patéticos — diz Matheus.

— Bem-vindo ao Clube dos Patéticos Apaixonados — diz Sebastian.

— Que coisa gay! — reclamo.

Quando sai da minha sala, Sebastian está mais relaxado.

Suzana está entrando no carro do gay quando chego para buscá-la. Acelero e freio quase batendo no carro dele. Ela me olha com uma careta, mas despede-se dele, que me olha irritado, e vem para meu carro.

— Olá, meu amor — digo.

— Oi, Cleber.

— Eu te amo.

Ela me olha com um sorriso.

— Sua promessa foi de me dizer todo dia, não toda hora, Cleber.

Merda. Preciso que ela diga.

— Que horas você precisa ir para o Red? — pergunto enquanto a arrasto para o meu apartamento.

— Às onze. O que estamos fazendo aqui?

— Eu moro aqui — digo com um sorriso. — É bom que se acostume com minha casa, Suzana. Você já tem as chaves.

Ela pisca os olhos e não diz nada.

— Preciso que venha comigo a um jantar. De noivado, da Celina.

— Mas, ela me disse que não pretendia se casar.

— Não pretende. Mas Sebastian está desesperado e quer tentar a sorte.

— Estúpidos desesperados só fazem merda. Mas nesse caso eu o apoio.

— Então vai comigo? Preciso que você vá, quero esfregar na cara da Celina que estamos namorando.

— Por quê?

— Porque fizemos uma aposta.

Seu olhar agora é curioso.

— Uma aposta? De que você iria namorar comigo? E quando foi que fizeram essa aposta?

— Quando descobri sobre Sue.

Ela abre um sorriso enorme.

— Se você já pretendia namorar comigo, por que demorou tanto?

— Não pretendia, a Celina é meio difícil de negar... tudo bem, eu pretendia mesmo. Mas porra, você fez eu me apaixonar duas vezes. Foi minha fada e minha bruxa, não tinha a menor chance de eu ficar sem você.

Ela se aproxima e me beija.

— E o que você ganha?

— Você. Não preciso de mais nada. — A rodeio com os braços e a beijo. — Eu te amo.

Ela abre a boca e espero o momento em que vai me dizer o mesmo.

— Eu sei — ela responde.

— Bruxa!

Estamos todos escondidos esperando que Celina apareça. Sebastian advertiu aos convidados masculinos que fechassem os olhos, pois ela costuma chegar já tirando a roupa. E por isso estou com os olhos arregalados quando escuto seu carro parando na entrada. Está tudo escuro, mas mesmo na penumbra, quando olho para o lado, vejo os olhos de Suzana colados em mim.

— Feche os olhos agora mesmo, seu safado!

Obedeço imediatamente.

Celina abre a porta, Sebastian acende a luz e gritamos surpresa. Toda atrapalhada, ela começa a fechar os botões da blusa que estava tirando, mas não deu para ninguém ver nada. Acho que Sebastian está tremendo.

— Ele está tremendo, coitado — diz Suzana confirmando minhas suspeitas.

— O que é isso? — pergunta Celina.

— Nossa festa de noivado — responde Sebastian.

— Fes-festa de noivado?

— Acalme-se, isso não é um pedido de casamento. É um pedido de noivado.

Aprendendo uma lição com Sebastian, como enrolar uma mulher, isso é sim um pedido de casamento.

— Não entendi. O que essa aliança está fazendo no meu dedo?

— Lembra que quando a aceitou só o fez porque não era de noivado? Era de compromisso? Agora vou te dar a de noivado.

— Eu... eu...

Ela gagueja e olha para os lados. Por um momento quero ir até lá e ficar ao lado dele, para que seja forte quando Celina sair correndo.

— Calma. Não precisa dizer nada. Isso não é um pedido de casamento — ele repete.

— Você está me enrolando. Para que as pessoas ficam noivas se não para se casarem?

Celina, sempre esperta demais, nos fazendo rir.

— Eu quero me casar com você, nunca escondi isso. Mas, não estou te pedindo que seja agora. Estou te pedindo a garantia de que será um dia. Você entende?

Admiro o esforço dele. Mais do que isso, entendo. Olho para a mulher ao meu lado, com os olhos marejados, emocionada, e me pergunto como diabos farei para fazer um pedido melhor do que esse quando formos nos casar?

— Celina Morelli, hoje convidei todos os nossos amigos e familiares, para serem testemunhas do que quero que você me prometa. Para que assim você não possa escapar. Eu te amo, muito, desesperadamente. Você sabe disso, todo mundo sabe disso.

— Está na sua cara de bobo — digo fazendo todos rirem.

— Eu sei, está mesmo, e merda, estou muito feliz por isso. Celina, você é minha vida. Não basta dizer que a amo, nem que preciso de você, nem que você é quem me faz rir e quem me faz ser melhor. Nem que você me deu o melhor presente do mundo. Vou resumir isso tudo nessa frase, você é minha vida. Não posso ficar sem você. Não tem jeito. Não dá. Por favor, aceite meu não pedido de casamento. Aceite ser minha noiva.

Suzana está chorando, Gil também e Celina também. Até eu me emociono ao ver que Sebastian conseguiu. Ele domou a fera. E visível pela maneira como ela o olha que não tem a menor chance de dizer não. Ela pula em seu pescoço, desajeitada com aquela barriga enorme e diz:

— Sim, eu aceito.

E todos batemos palmas, olhando uns para a cara dos outros, todos emocionados, as mulheres com lágrimas nos olhos. É aí que sinto, um vento no cangote e alguém fungando atrás de mim. Uma presença estranha, incômoda. Olho para trás e ali está, dois metros de altura, um gogó maior do que meu dedo.

— Olá, bonitão — diz Samarão emocionado(a).

— O que está fazendo aqui? — pergunto afastando-me.

— Fui convidada. E vim para ver você de novo.

De repente, Samarão se aproxima e me dá um beijo no rosto. Quase tenho um troço, e é a mão de Suzana que me acalma.

— O que está havendo aqui?

— Suzana, amor, essa, esse é Samarão.

Samarão estende a mão para Suzana, que a cumprimenta.

— É impressão minha ou você está de olho no meu namorado? — pergunta Suzana.

Ótimo, ela vai me defender sem que eu precise ser grosso.

— Não é impressão, seu bofe é lindo.

Mas, para meu desespero, Suzana sorri.

— É mesmo. E muito bom de cama.

— Suzana! Não fale dos meus dotes na frente dele.

— Dela — corrige Samarão.

— Por que não? Você sempre gostou de exaltar seus dotes. Samarão, ele é muito bom na cama, consegue fazer três vezes seguidas.

Samarão arregala os olhos, quando uma música lenta começa a tocar. Minha salvação.

— Vem amor, vamos dançar — digo puxando Suzana.

— Ah não, vou falar com a Celina. Por que não faz as honras para a Samarão?

— O quê?

Antes que eu possa reagir, Samarão me pega pelo cotovelo e seu braço peludo rodeia meu braço. Afasto-me em um pulo.

— Não tem graça, que merda. Venha comigo agora, Suzana.

A arrasto pelo antebraço até a sala de televisão e ela está rindo tanto, que tem dificuldades de andar, então a pego e a jogo em meu ombro.

— O que está fazendo?

— Me vingando.

— Você disse que iria me provar que podia não ser um idiota.

— Essa regra não vale quando você é idiota.

Acho que ela quer retrucar, mas sorri mais ainda. A jogo no sofá de canto e me jogo em cima dela. Que ainda está rindo.

— Vou calar essa sua risada de bruxa em dois segundos, adorável safadinha.

Sua risada some e ela arregala os olhos ao ouvir o apelido.

— Cleber, você não está pensando...

Mas não estou pensando, estou fazendo. Aperto suas coxas enquanto subo as mãos por elas e junto seu vestido, deixando descoberto da barriga para baixo. A calcinha vermelha minúscula destaca sua pele bronzeada. Como é linda! Roço a barba em sua barriga e ela treme, e então chupo no meio de suas pernas, por cima da calcinha. Ela geme e agarra meu cabelo.

— Não podemos, todo mundo vai saber.

— Vai mesmo — respondo tirando com cuidado a calcinha.

Sabia que ela não criaria resistência, essa é minha Suzana. Não se importa

com o que os outros pensam. Beijo toda a extensão de suas pernas e coxas e então minha boca a alcança, ela solta um grito, mas logo cobre a boca com a mão para não fazer tanto barulho e a fodo com a língua. Com força. Entro e saio, sugando seu suco enquanto pressiono seu clitóris com o polegar, sinto como ela se desmancha embaixo de mim e adoro isso.

— Eu te amo — sussurro em sua xoxota.

— Está se declarando para ela? — ela pergunta entre gemidos.

— Sim, quem sabe ela não me responda — digo enquanto enfio dois dedos nela e giro, e então ela estremece e se desfaz em meus dedos, gritando meu nome ao gozar.

Quando abre os olhos, eles estão desfocados, ela respira com dificuldade e está muito corada. Abro minha calça e me ajoelho novamente no meio de sua perna.

— Vem aqui amor, vou fazer você gritar que me ama.

Ela sorri, um sorriso de compreensão, e para meu martírio, um sorriso de bruxa.

— Boa sorte com isso, bonitão.

Então a penetro, bem devagar no começo, mas logo me perco em sua maciez, em seu cheiro, nos gemidos que escapam de sua boca, na forma como ela arranha meu pescoço e lambe os lábios. Começo a meter com força, entrando e saindo, e assim que ela passa o salto da sandália na parte de trás da minha coxa, eu gozo, e ela goza comigo. Desmancho-me em cima dela. E ela me abraça, tentando recuperar o fôlego.

— Vamos sair daqui com cara de quem acabou de gozar — reclama.

— Sim, e vamos matar os outros convidados de inveja.

Ela sorri e se move, pegando meu braço e olhando as horas.

— Vamos, preciso falar com a Celina e tenho que ir para o Red.

Não gosto disso. Mas me levanto e a ajudo a se recompor. Enquanto ela se avalia em um espelho, tiro a chave da porta, e sem olhar para trás, ela diz:

— Cleber Dantas, não se atreva a trancar essa porta, ou juro que não haverá desculpas no mundo que me façam perdô-lo.

Merda.

— Bruxa — digo fazendo-a rir.

Não faço questão de me recompor, e os olhares que recebemos quando saímos da sala a fazem cair na risada. Essa é minha Suzana. Corajosa. Segura. Ela encontra Celina que a recebe com um abraço. E as duas papeiam como se fossem amigas de longa data.

Ah merda!

— Sebastian, não quero que Celina e Suzana sejam amigas.

— Isso é inevitável, elas se gostam.

— Você é louco? Se uma começar a influenciar a outra seremos dois homens mortos.

Sebastian arregala os olhos.

— Porra, não tinha pensado nisso. — Mas, Celina dá uma gargalhada que o deixa com aquela cara de bobo de novo — Deixa, que corramos o risco. Celina gosta dela e está feliz. Não vou estragar isso.

— Capacho.

— Transo dez vezes mais do que você, grande homem.

— Vou corrigir isso, capacho.

— Boa sorte, estúpido.

É difícil destravar a porta do carro quando paramos em frente ao Red. Ainda não tenho autorização para entrar, nada que um bom dinheiro nas mãos de Big Cid não resolva, mas não quero vê—la dançar. Não quero mesmo ver outros homens a vendo dançar. Meu lado apaixonado descontrolado não pode com isso.

Ela me encara esperando que eu destrave a porta, mas não pretendo fazer isso.

— Você poderia abrir a porta e então eu desceria depressa e você voltaria para seus amigos.

— Aquilo lá não vai ter a menor graça sem você.

Ela se vira de lado no assento e segura minha mão.

— O que foi, Cleber?

— Não gosto de saber que você está dançando aqui, e não estou pedindo de maneira nenhuma que pare, mas não gosto. Incomoda-me demais, me irrita, me enfurece. Não consigo lidar com isso.

Ela solta minha mão e fica tempo demais calada.

— Você não se importava quando queria comer Miss Sue.

— Está certa, você disse tudo, não tinha importância quando eu queria comê—la, não quero apenas comer você Suzana, quero amar você e agora tem importância.

Ela acaricia meu rosto, tentando me acalmar.

— Nunca pensei mesmo que se encontrasse alguém essa pessoa aceitaria esse lado. Mas, não vou deixá—lo, Cleber. Você me conheceu assim. Conhece esses dois lados melhor do que qualquer outro. Sou assim, você disse que aceitaria todas as minhas faces.

— Se você estivesse com Samuel, teria desistido da Miss Sue, não teria?

Ela parece em choque.

— Não Cleber, não faria isso por ninguém além de mim, deixarei de ser Miss Sue apenas quando não sentir vontade de ser mais. O que precisa saber é que não

me importa quantos e nem quem são os homens daquela plateia. É para você que eu danço, desde o primeiro dia em que você apareceu tão idiota me perguntando quanto eu cobrava, é por você que meu corpo mexe.

A puxo para meus braços e a beijo. Devoro sua boca.

— Eu te amo — digo a ela. — Diga que me ama.

Ela sorri na minha boca.

— Me convença, estúpido.

Então passa por cima de mim e destrava as portas, desce e a fecha. Pega sua mala vermelha no banco de trás e bate no vidro. Eu o abaixo de má vontade e ela diz:

— Vou provar para você que não tem porque ter medo.

— E como pretende fazer isso?

— Te dando outro lado meu. Algo que você nunca teve. — Então ela se vira e vai embora e quase corro atrás dela nesse mesmo momento.

Pois, eu nunca tive Miss Sue.

Suzana

Fechar o Red por uma noite é possível, mas fora do meu alcance financeiro, pois claro, é caro demais. Só vou fazer isso por uma boa causa. Desde quando Cleber destruiu o quarto de Sue, há algo dele comigo, seu Amex. Cidão não aceitou reservar o Red no sábado, como eu queria, por causa do movimento de fim de semana. Fiquei na dúvida entre terça e quarta-feira, mas acabei optando por terça, que estaríamos menos cansados. Mando uma mensagem para Cleber assim que chego ao Red.

Suzana: *Te espero no endereço abaixo.*

Em seguida envio o endereço do Red.

Cleber: *O que houve? Vc está bem?*

Suzana: *Ótima, mas vou ficar melhor quando vc chegar.*

Cleber: *Achei que eu não pudesse ir aí.*

Suzana: *Hoje vc pode.*

Então envio a última frase em letras maiúsculas para que ele entenda:

Suzana: *Hoje apenas vc pode.*

Cleber: *Chego aí em meia hora. 8==O*

Está tudo pronto quando a porta do Red abre. Vejo a silhueta de Cleber pela pouca luz no local. Ele para na porta e olha para todos os lados procurando por mim. É hora do show, quero que Cleber saiba que Miss Sue também pertence a ele.

Uma luz se acende em apenas um ponto do palco: a barra de pole dance. *Dance for you* da Beyoncé começa a tocar e ele tira a gravata e a joga em uma mesa, continua andando em direção ao palco sem desviar o olhar da barra de pole dance. Um misto de adrenalina e excitação me consomem. Mesmo à distância, a maneira como ele me olha faz minhas pernas perderem a força, e

meus pensamentos ficarem sem rumo. É incrível a força com que o desejo.

Dou um passo e fico visível embaixo da luz, e ele para onde está, fixando os olhos em mim. Estou usando a roupa de odalisca, a máscara e a peruca de Miss Sue. Mas é **Suzana** que ele chama pausadamente quando me vê. Começo a me mover ao ritmo lento e sensual da música. Cleber volta a andar e para encostado ao palco, os olhos não desviam dos meus movimentos em nenhum momento. Amo a maneira como ele me olha, amo o que vejo em seus olhos para mim. Rodeio a barra e sinto a expectativa em seu rosto. Então, subo na barra. Não vejo sua expressão enquanto giro, mas, quando deslizo por ela de ponta cabeça, vejo que está boquiaberto. Ele se apoia no palco e sobe nele, ainda estou de cabeça para baixo quando ele se aproxima, e desce lentamente a mão por meu corpo.

Me ergo de novo e solto a barra, caindo de costas com os ombros em seus braços.

— Eu sempre quis tirar essa fantasia — ele diz em meu ouvido.

Desenrosco as pernas da barra e volto os pés para o chão, imediatamente Cleber me puxa para seus braços e sua boca toma a minha. Com fúria. Sinto sua ereção através da calça e abro seu zíper, enquanto nos beijamos. Quando acaricio seu pau duro e latejante, um grunhido escapa de seus lábios. Ele me guia gentilmente até o chão. Passeia lentamente as mãos por meu corpo, e seu olhar é tão intenso, que me sinto tremer de tesão. Ele abre o top da fantasia e o vento frio endurece o bico dos meus seios, mas logo Cleber os aquece com a boca. Ele deixa a boca sobre meu mamilo esquerdo e seus dentes arranham em volta, enquanto sua língua me leva à loucura.

— Tao linda, tão minha.

— Sou sua. Cada face, cada fantasia. Tudo pertence a você.

A compreensão brilha em seus olhos quando ele ergue a cabeça para me olhar.

— É por isso que está fazendo isso?

— Sim, para que entenda que mesmo Miss Sue, pertence a você. Cada movimento, cada sorriso. Tudo em mim é seu Cleber, não há o que temer.

Sua boca cobre a minha com urgência e um amor que me deixam tonta. Imediatamente começo a tirar sua roupa, ele afasta-se apenas para ajudar-me. Quando está nu, tira vagorosamente a parte de baixo da minha fantasia, mas me deixa com a máscara. Posiciona-se no meio das minhas pernas e prende minhas mãos no chão, acima da minha cabeça, erguendo meus seios de encontro a sua boca, quando me penetra. Grito seu nome, e sua língua acaricia meu mamilo, alternando ente um e outro, e às vezes meu pescoço. As investidas são lentas no começo, mas logo ele arremete com força, passo as pernas em volta de sua cintura e ele alcança mais fundo, se perdendo comigo, me levando com ele. Quando estou prestes a gozar, ele para subitamente.

— A peruca. Tire a peruca Suzana, quero gozar em você.

Levanto a cabeça meio tonta e ele me ajuda a tirar a peruca, de forma que agora estou apenas com a máscara de renda vermelha.

— Eu te amo, minha fada.

Então volta a bombear com força e logo nós dois gritamos juntos ao chegarmos ao ápice. Mal nos acalmamos, enroscados um no outro no chão do palco, as luzes acendem e um grupo de seis pessoas nos encara em choque.

— Mas o que... — Cleber começa a perguntar e se move para me cobrir.

— Suzana? O que está fazendo? — pergunta Cidão assustado.

— Por favor deem licença para nos vestirmos. Depois falamos — diz Cleber com uma voz divertida.

Assim que eles saem, alguns rindo, outros tentando nos espiar mais. Cleber começa a rir. Se vira para mim e me aperta em seus braços, mas estou muito nervosa.

— Que merda! Juro que reservei o dia de hoje.

— Acredito em você amor, só acho que o destino gosta que você seja vista após gozar, ou enquanto goza.

Cubro o rosto com a mão e tenho vontade de chorar, mas acabo rindo, o mundo precisa mesmo assistir meus orgasmos.

Depois de vestidos e de eu me esconder no camarim de Sue, Cidão se aproxima sem graça para explicar que foi ele quem se confundiu e achou que eu tivesse reservado a quarta-feira. Acho que está com medo de que Cleber o processe, mas Cleber está levando tudo na brincadeira. Eu, por outro lado, vou embora pela porta dos fundos envergonhada. E ganho folga o resto da semana para superar isso. Como se tivesse como superar isso.

— Relaxa amor, as pessoas que te viram eram em sua maioria, garotas de programa.

— Havia um barman, e o Cidão, não se esqueça.

— Mesmo assim valeu a pena.

— Que bom que pensa assim, porque usei seu cartão de crédito.

Ele ri mais ainda.

— O que é meu é seu, bruxinha, use tudo o que quiser de mim à vontade. E sim, entendo o que você quis passar, não vai correr o risco de ser pega transando com outro homem que não seja eu. Você e Miss Sue me pertencem.

Acabo rindo também.

— Que bom que pelo menos entendeu.

Sinto que aos poucos vamos acertar as coisas.

Capítulo 16

Cleber

Suzana resmunga, esfrega o rosto em meu pescoço e sobe mais ainda em cima de mim. Acordar com essa gatinha manhosa ao meu lado, é acordar com um tremendo bom humor, rindo como um bobo e com o pau latejando. Porra, eu amo essa mulher!

Com todo cuidado me desvencilho dela e passo para o outro lado da cama, mas Suzana resmunga dormindo e vira, deitando-se de costas e acabando com meus planos. Merda. Toco seu ombro e seu quadril e calculando a força necessária para virá-la sem que ela acorde, a viro vagarosamente, deixando-a de lado, como preciso que esteja. A descubro também com todo cuidado. Meu pau quase não pode mais esperar para estar dentro dela. Posiciono-me bem atrás dela, passo sua perna por cima da minha e quando ajusto meu pau em sua entrada, ela resmunga e se vira novamente, deitando agora de barriga para baixo.

— Porra!

O que fazer? Se eu virá-la de novo ela vai acordar, e eu quero que ela acorde com meu pau dentro dela. Quero pegá-la desprevenida para que diga que me ama. Posiciono-me em cima dela, sem tocá-la, e fico tentando encontrar um jeito de virá-la de novo. Mas é aí que percebo, seu ombro parece estar tremendo. E algum som parecido com um ronco escapa de sua garganta. Tiro o cabelo de seu rosto e a maldita está rindo.

— Sua bruxa, pequena megera, rindo da minha cara!

Puxo seus braços sem nenhum cuidado e ela não para de rir enquanto a viro de barriga para cima bruscamente.

— Então, você se divertiu me fazendo de bobo?

Ela assente com a cabeça, ainda rindo.

— Que bom minha safadinha, porque vou acabar com toda sua diversão agora.

Jogo suas pernas em meu ombro e a penetro em uma estocada forte e seca. Seu sorriso some, ela geme e me olha, me pedindo por mais. Mas não pretendo dar mais. Permaneço parado, dentro dela e apenas retribuo seu olhar.

— Cleber — ela sussurra. — Por favor.

— Eu te amo safadinha, mesmo você sendo uma bruxa malvada.

Um sorriso leve surge em seu rosto, mas seu olhar em mim ainda é intenso, ainda é desejoso.

— Por favor — ela pede de novo.

Abaixo sobre ela até quase encostar nossos lábios.

— Você ouviu o que eu disse? — pergunto.

— Que sou uma bruxa malvada.

— Não, minha safadinha linda. Antes disso, eu disse que a amo.

— Então me mostra isso com seu pau.

Afasto nossos rostos e prendo suas duas mãos com uma minha.

— Não até que me diga o que tem para me dizer.

Ela arregala os olhos compreendendo onde quero chegar e aquele sorriso malvado brota em seus lábios deliciosos.

— Entendo. É uma pena que eu não tenha nada para dizer, o que faremos então?

Ela aperta meu pau com um movimento leve e chega a ser doloroso como quero meter bem forte e bem fundo, urgentemente.

— Ah, minha menina devassa, se não tem nada para me dizer, não faremos.

Ela pisca os olhos e tenta se mexer, mas estou prendendo seu corpo sobre o meu, com todo meu peso, por mais que ela tente, não se move o bastante.

— Por que não tenta pensar em algo para me dizer? — digo me movendo apenas um pouco dentro dela e ela treme debaixo de mim.

— Acabei de pensar em mil coisas para te dizer — ela diz com a voz rouca.

— É mesmo? Comece.

— Me coma. Agora mesmo. Com força. Eu quero gozar no seu pau delicioso enquanto arranho suas costas e grito seu nome. Quero sua boca em meu mamilo e quero lamber cada marca do seu corpo, cada gomo, até chegar ao seu pau, e então vou fazê-lo ficar duro de novo dentro da minha boca enquanto o levo até minha garganta.

Porra! Quase gozo apenas por ouvi-la falar essas coisas com essa voz baixa.

— Ah, deliciosa safadinha, você me deixa louco, mas ainda não é o que preciso ouvir.

— Isso é o que todo homem quer ouvir.

— Sim, o que todo homem quer, mas não é o que eu preciso. — Minha voz mal sai.

Estou usando cada gota de meu autocontrole para não meter nessa mulher e lhe dar umas palmadas por ser tão má.

— Cleber! — ela implora de novo.

— Vamos safadinha, só precisa dizer.

Então seu corpo todo fica tenso, e ela para de se mexer, seus olhos estão vidrados, como se ela não estivesse ali, como quando ficaram quando ela teve o último ataque. Eu a levei ao limite.

— Suzana! Amor, Suzana! — Solto suas mãos e saio de dentro e de cima dela,

ficando ao seu lado, mas ela permanece imóvel, sequer pisca.

Então, de repente pula em cima de mim me derrubando de costas na cama, e logo meu pau está dentro dela e ela cavalga, de olhos fechados. Seguro seu quadril a ajudando a se mover e deixo que ela guie em seu ritmo desesperado. Quando abre os olhos, estão normais. O mesmo castanho aceso pelo desejo. Estou confuso, ela ainda está tendo um ataque? Então ela sorri ao ver minha expressão e rebola em meu pau, com movimentos que quase me fazem explodir.

— Você é um estúpido, mas é um estúpido delicioso.

A maldita fingiu o ataque, mas não me importo com isso. Aperto meus braços a sua volta e arremeto dentro dela, e logo nós dois gritamos ao chegarmos ao ápice. Quando ela aparece vestida, já estou pronto há muito tempo aguardando para levá-la. Ela encara a mesa vazia com uma careta.

— Cadê o café?

— Você pode tomar na cafeteria próxima a Academia, vou levá-la lá.

— Hum. E por que você não fez?

Encaro-a com meu melhor sorriso debochado antes de responder:

— Porque decidi que a partir de agora, só farei café para mulheres que me amam. E que dizem isso bem alto na minha cara.

Ela me encara em choque e então começa a rir.

— Ok, senhor Estúpido, vamos à cafeteria.

Ela fica rindo no elevador e fico irritado. Quando chegamos a garagem, minha irritação está no seu limite.

— Quer saber de uma coisa? Vá a pé para a cafeteria. Acabei de decidir que só dou carona para mulheres que me amam e que gritam isso na minha cara.

Ela cruza os braços e me avalia. Depois olha algo por sobre meu ombro e responde:

— Ainda bem que seu pau não é tão estúpido quanto você, ou teríamos sérios problemas. Pode ficar com seu carro, eu vou com meu *chefe*.

Ela arrasta a língua para falar chefe e quando olho na direção que está indo, lá está Samuel, com um sorriso idiota esperando por ela.

— Volte aqui agora mesmo, sua peste! — digo e a alcanço, jogando-a em meus ombros. — Você — digo apontando para Samuel. — Precisamos ter uma conversa.

— Eu te procuro, Dantas — ele responde.

Jogo Suzana no carro, prendo seu cinto e bato sua porta. Essa mulher me deixa louco.

— Nada do que eu faço faz essa mulher falar. Porra! Ela fechou o clube apenas para dançar pra mim e não pode dizer *eu te amo*? Achei que mulheres

gostassem de dizer essas coisas. Que adorassem ficar repetindo.

— Gostam mais de ouvir do que de falar — responde Matheus concentrado na tela de seu computador.

— Até mesmo a Celina, rainha das bruxas e louca, diz isso ao Sebastian.

— Ela o transformou em um capacho, é o mínimo que pode fazer.

— Que merda homem! Desligue essa tela e converse comigo!

Quando ele me encara, percebo que algo está errado. Matheus parece abatido.

— Você precisa parar de tentar fazer com que ela fale, quanto mais ela souber que você quer isso, mais hora vai fazer. Finja que não se importa se ela diz ou não e ela vai se declarar tanto, que você vai enjoar da palavra amor de novo.

Estou prestes a dizer que ele é um gênio, e perguntar o que está havendo, quando Gilcelle entra na sala dele animada.

— Cleber, Lagartão está aqui, ele tem novidades.

— Prepare a sala de reuniões e chame Celina e Sebastian.

Ela cruza os braços com uma careta.

— Eu não! Já corri para avisá-lo, vou fazer sala para ele e você se vira.

Então ela olha para Matheus. Realmente olha para ele, nos olhos dele. E ele a olha de volta. Desde que começou a trabalhar aqui, Gil sempre evitou Matheus, nunca o olhou como está fazendo agora. Alguma coisa aconteceu. Trancá-los em minha sala resultou em alguma mudança nesses dois. Tenho Certeza disso.

Lagartão é bem mais aprumado do que eu teria imaginado para um detetive com sua fama. Nada de excentricidades, nem ar de assassino, nem tatuagens estranhas no rosto. Ele é normal.

— O que foi? Está achando o detetive jeitosinho? — zomba Sebastian.

— Vá a merda, capacho.

— Pelo menos minha mulher diz que me ama.

— Calem a boca vocês dois ou vou grampear suas bolas umas nas outras! — grita Celina fazendo com que até Lagartão se encolha e arregale os olhos. — Prossiga! — ela diz e ele imediatamente começa a falar.

— Fui visitar Heitor Martinez na cadeia, e ele me contou de “boa vontade” que foi ele quem fundou a quadrilha. Ele se aproximava de riquinhos idiotas... — ele se cala e encara a nós três, homens da empresa — Sem ofensas.

— Eles não se ofendem, prossiga — diz Celina acabando com nosso orgulho.

— Então, ele os convencia a colocar dinheiro na sua mão, dizendo ser investimentos, mas era uma rede de empréstimos. Ele pegava dinheiro de uns para pagar outros, dizendo ser lucro. E cada vez os riquinhos idiotas, sem ofensas, lhe davam mais dinheiro. Até que veio um rico mais idiota do que todos os outros e deu a ele tanto dinheiro, que seus golpes tomaram outras proporções,

e passaram a ser em grandes empresas.

Abaixo a cabeça envergonhado, mas ele diz:

— Não estou falando de você, Dantas. Foi alguém ainda mais idiota.

Não sei se respiro aliviado ou quebro a cara desse homem.

— Heitor quis ser preso porque deu um golpe em uma empresa fantasma. Uma fachada usada por Romero Botelho.

Todos na sala arquejamos e Lagartão parece curtir o momento, pois faz todo um drama, olhando para cada um de nós antes de continuar.

— Botelho o estava ameaçando, e por isso ele quis se proteger na cadeia.

Então, tudo começa a se juntar na minha mente.

— Filho da puta! Botelho tirou Heitor do hospital quando Suzana o atropelou! E sempre soube onde ele esteve!

— Mais do que isso! — diz Sebastian — Ele enganou a nós três, tirando nosso dinheiro para descobrir sobre Heitor todo esse empo!

— Na verdade, o buraco é ainda mais fundo — diz Matheus. — Ele não só sabia sobre Heitor, ele o escondia. Nos passava pistas erradas. O que quer dizer que o estava ameaçando esse tempo todo. E isso quer dizer que era ele quem ordenava os saques que Heitor fazia na conta da empresa.

— Filho da puta! — esbravejo.

— Ele está certo — diz Lagartão. — Botelho teria se tornado o chefe de todo o esquema, se Heitor não tivesse dado aquele primeiro golpe, no grande idiota. Pois esse mesmo imbecil que deu o primeiro grande capital a sua quadrilha, descobriu algo sobre Botelho que fez com que a quadrilha devolvesse todo o dinheiro a essa empresa e o deixasse em paz.

— O que ele descobriu? — pergunta Sebastian.

— Se eu soubesse, estaria eu mesmo comandando essa quadrilha agora. O máximo que cheguei até o momento, é o nome dessa tal empresa. É a O.C.A. Engenharia.

Esse nome me é familiar. Onde posso tê-lo ouvido? É aí que noto que Celina está branca, e Sebastian, completamente roxo.

— O que foi Celina? Está se sentindo mal? — pergunto preocupado.

Ela nega com a cabeça e olha fixamente para Sebastian Roxo antes de dizer:

— A O.C.A. Engenharia foi a primeira empresa em que trabalhei. Ela é a empresa do Edmundo.

— Puta que pariu! — dizemos Matheus e eu.

Lagartão foi embora há meia hora, após quase beijar Gil na boca (o que fez Matheus quase ter um treco) e ainda estamos aqui, olhando uns para as caras dos outros, sem saber o que fazer.

— Então, estamos nas mãos de Pinto Pequeno. A pergunta é, quem de nós vai falar com ele?

Todos se olham, mas ninguém se oferece.

— Não posso pedir favores a ele — declaro.

A pessoa mais provável de conseguir essa informação seria a Celina, se ela não tivesse vomitado nos pés de PP e Sebastian não tivesse contratado Montanha para afastá-lo dela.

— Sei que estão pensando que eu deveria ir, e iria, mas não acho que ele me diria qualquer coisa de bom grado olhando minha barriga enorme de um filho do Sebastian — diz ela.

— Nunca permitiria que você se aproximasse dele de novo — esbraveja Sebastian. — Eu, obviamente não posso ir, ele nunca me diria nada.

— Merda, também não posso ir, eu o ameacei nas últimas vezes, se ele souber que preciso de algo, vai fazer o possível para que eu não consiga — constato.

— Bando de maricas! Infelizmente tenho que fazer parte do time do “eu não vou”, se alguém pode tirar essa informação dele, é uma mulher, mas ele me conhece há anos e na verdade acho que tem medo de mim — diz Gil.

Todos olhamos para Matheus, que acaba de entrar na sala após ter seguido Lagartão.

— Posso arrumar uma mulher e arrancar as informações dele. Farei isso hoje mesmo.

Todos concordamos, menos Gil, que fica estranhamente calada. E assim, fica nas mãos de Matheus arrancar a valiosa informação de PP. E me sinto um bosta por esse imbecil ter conseguido uma informação que não fui capaz de conseguir em anos.

— Também me sinto assim — diz Sebastian entendendo meu olhar.

— Um bosta? — pergunto.

— Quase isso.

— Não fiquem assim, todo mundo erra. Além do mais, vocês são meus bostas preferidos — diz Celina nos acalmando.

Suzana

Não faço ideia de como Matheus Amorim, sócio do Cleber, o estúpido com defeito (como diz a Celina), conseguiu meu número. Nos vimos apenas uma vez, no noivado da Celina, e ele tocou minha mão com um lenço, mas, tirando isso, foi totalmente educado comigo. Eu o achei meio assustador, pela maneira como me olhou, tão intensamente, mas também é muito bonito. Celina disse que seus olhos tristes são resultado de um amor mal resolvido. Fiquei com pena dele. Agora ele está aqui, na Academia esperando por mim, após uma ligação no mínimo estranha, onde me pediu que não dissesse nada sobre essa conversa a Cleber. E que o que vamos fazer vai ajudá-lo a se livrar de vez da quadrilha de Heitor.

— Um homem tão lindo esperando por mim, estou com sorte! — digo ao avistá-lo.

Ele abre um sorriso contido.

— Olá, Suzana.

— O que quer que eu faça, Matheus?

— Você? Apenas que saia do serviço mais cedo. Mas quem vai realmente me ajudar é Miss Sue.

Arregalo os olhos surpresa. Não posso imaginar como Sue poderia ajudar Cleber, mas Matheus tem cara de inteligente, então deve saber o que está fazendo.

— Tudo bem, um minuto que vou pegar minhas coisas.

Explico a Samuel que preciso sair mais cedo e vou com Matheus, ouvindo atentamente o plano maluco dele.

— Ele não vai tocar em mim! — digo de novo.

Matheus e eu estamos no elevador, ou melhor, Matheus e Sue estão no elevador, subindo para o décimo andar, a procura do tal Edmundo, que Matheus estranhamente chama de PP.

— Não vai mesmo, ou Cleber me mataria. Desculpe envolvê-la nisso, Sue. Mas o fraco desse homem é mulher.

— Não me importo, quero ajudar Cleber. Só não quero fazer nada que o chateie.

— Não vamos fazer. Cleber nem precisa ficar sabendo o que vamos fazer, se não quiser.

— Ok. Mas não acredito que ele vá simplesmente dizer o que você precisa, só

por ver uma mulher seminua em sua sala.

Ele me olha dos pés à cabeça me deixando envergonhada.

— Ele vai.

Quando paramos em frente a porta do tal PP, sei de quem ele está falando.

— Jura! Esse homem me dava cantadas de pedreiro mesmo quando eu estava em meus piores dias. É um tarado. Isso vai ser mais fácil do que eu pensei.

— E o tarado em questão, é o ex noivo da Celina.

— O comedor de secretárias?

Ele sorri.

— O próprio.

— Uau! Ele se mudou para cá há poucos meses, quando conheci o Cleber, ele tinha acabado de se mudar.

— Sim, foi graças a ele que você conheceu o Cleber. — Ele toca a campainha e me afasto da porta.

Ouçõ a voz de uma mulher e a forma como Matheus, com a voz mais grave que o normal a convence a deixá-lo entrar. Ele pega minha mão (enluvada, só para você saber) e me conduz para dentro. A mulher me olha com uma careta enorme, e parece arrependida por ter nos deixado entrar, mas Matheus, como se tivesse intimidade com o apartamento, vai adentrando os cômodos sem dar a ela a chance de nos expulsar. Derrotada, a pobrezinha corre na frente para avisar PP que ele tem visitas. Matheus, não espera ser convidado a entrar no cômodo em que ele está, ele faz isso praticamente junto com a mulher, e fico do lado de fora da porta, esperando que ele me chame. Mas posso ouvir o que eles dizem.

— Olá, Edmundo. Como tem passado?

— Matheus Amorim? O que quer aqui? Não me diga que o cão de guarda do Sebastian também veio com você! Juro que não me aproximei da Celina de novo!

— Não estou aqui por isso. Vim te fazer uma proposta.

Há um silêncio no lugar e fico curiosa em dar uma espiada, mas não devo ser vista antes da hora certa. É Matheus que volta a falar:

— Você tem uma informação que eu preciso. Sobre Heitor Martinez.

Há novamente o silêncio e depois PP fala:

— Não sei do que está falando.

— Não? Engraçado, porque Heitor disse que você sabia. Ele está na cadeia, mas imagino que já saiba disso.

— Ele deu um golpe na V.D.A., não foi? — pergunta PP a gargalhadas.

— Sim. Graças a um grande imbecil que colocou dinheiro demais nas mãos dele.

Pp para de rir e parece irritado quando fala de novo:

— Não tenho nada a dizer, o golpe que ele deu na O.C.A. foi revertido. Você e seus amigos idiotas deviam se preocupar em recuperar o dinheiro que perderam e me deixar em paz.

— Estamos fazendo exatamente isso. Você descobriu alguma coisa para recuperar seu dinheiro. Quero saber o que descobriu.

Novamente há um longo silêncio, imagino que estejam em um duelo de olhares e me sinto como em um livro de bang-bang, onde posso apenas imaginar suas expressões e gestos. Claro que nesse caso eu seria a dançarina de cabaré.

— Não tenho nada a dizer. Você não teria nada que valesse a pena em troca dessa informação.

Volto a mim quando eles voltam a falar.

— Tenho algo que sei que deseja. E que nunca conseguirá ter, se não for por mim. É algo que todos querem Edmundo, e você só vai ter essa chance.

Estou ansiosa aguardando que Matheus diga o que pode ser tão exclusivo, quando ele diz:

— Te ofereço em troca da informação, sua adorada Miss Sue.

Eu? Ele acabou de me oferecer? Isso não estava no nosso acordo. Eu deveria apenas aparecer seminua, para incentivá-lo a falar. Não ser uma moeda de troca. Escondo minha irritação e entro no aposento. É uma sala enorme, maior do que a do meu apartamento, mas a decoração é estranha, como se eu estivesse entrando em um museu. PP está sentado em uma poltrona, há um copo de gim em sua mão, e assim que me vê, arregala os olhos e levanta-se. Não é mais um homem feio ali, é um cão devorando com os olhos um pintinho indefeso. Ele dá um passo em minha direção, mas Matheus entra na minha frente, não permitindo que ele se aproxime.

— Primeiro, a informação.

PP me avalia e avalia Matheus e parece em dúvida. Faço uma cara de impaciente, mas sorrio para ele e lambo os lábios. Ele engole em seco e começa a falar:

— Caí em um golpe de Heitor, assim como vocês. Se não recuperasse meu dinheiro, estaria falido. Então não tive escolha.

— Você contratou Botelho como detetive?

— Não. Eu não tinha dinheiro para isso. Mas eu tinha contatos. Descobri que Heitor também havia dado um golpe em uma empresa fantasma em nome de uma tal Helena Ramalho. Descobri sobre essa mulher. Ela era um tribufu.

Toda a tensão que estava sentindo, esperando que ele contasse algo importante, foi dissipada por essa observação desnecessária.

— Então, você dormiu com essa tal Helena. Fico admirado que tenha conseguido alguma informação usando seu pau. Mas quem era ela além de um

tribufu? — pergunta Matheus impaciente.

— Ela era a irmã de Romero Botelho. Foi a informação mais difícil que já descobri. Você sabe como é Botelho, a irmã não é melhor do que ele. A mulher é realmente horrorosa, chega a ser medonha.

— Então a empresa fantasma era de Botelho. Foi isso o que descobriu? Porque isso nós já sabíamos.

Ele fica um tempo me encarando, mas parece voltar a si.

— Sim. Foi isso que descobri.

Ele está mentindo. E Matheus também percebe, porque pergunta:

— E você chantageou Botelho com a revelação de uma empresa fantasma falida?

— Não, não sou tão burro. Eu apenas deixei que ele soubesse que eu sabia coisas sobre ele, ele me devolveu o dinheiro de bom grado.

Está escondendo algo. E é justamente a informação que Matheus precisa.

— Bom, você não ajudou muito. De qualquer forma, obrigado. — diz Matheus virando-se para sair e eu imediatamente o sigo.

— Ei, você fica, beleza. Eu dei a informação. — PP segura meu braço e me puxa de encontro a ele, sentando-se em uma poltrona e me acomodando em seu colo.

Duas coisas estranhas quando ele faz isso:

1º - Sinto uma repulsa incomum por esse homem (isso raramente acontece).

2º - Não sinto nada. Embora ele esteja com a respiração acelerada, e os olhos brilhando, não há volume algum me cutucando por baixo.

— Você não deu a informação que precisamos, portanto, Sue vem comigo — diz Matheus me puxando, mas PP não me solta e fico sendo esticada como uma boneca de pano.

— Fica beleza, prometo fazer valer a pena.

— Sinto muito querido, sem informação, sem Miss Sue — respondo puxando minha mão das suas.

Matheus rodeia minha cintura e me guia porta fora enquanto PP vem atrás de nós reclamando.

— Eu dei a garota a você, fiz minha parte. Se ela não quer ficar, a culpa não é minha — justifica Matheus.

Ele ainda resmunga um bocado até sairmos no corredor.

— Espera, você vai contar isso para a Celina, não vai? Diga a ela que nesse caso, a traição foi válida.

— Celina nem sabe mais quem você é — responde Matheus e me arrasta até o elevador.

Assim que PP some, começo a reclamar:

— Não deu certo. Ele nem ficou excitado comigo.

— Acredite, ele ficou. Mas há um motivo para ser chamado de PP.

Começo a rir ao perceber o que PP quer dizer, Pinto Pequeno.

— Ele está envolvido nessa quadrilha, não está?

— Com toda certeza, Botelho jamais devolveria o dinheiro por ser ameaçado. Devolveu porque PP se juntou a ele.

— Uau! Daqui a pouco vou descobrir que meu chefe também está envolvido nessa quadrilha, parece que todo mundo está.

Entramos no elevador e ele parece tenso.

— Obrigado por te vindo, Sue. Se não quiser contar para o Cleber, não precisamos dizer nada.

— Acho que ele não vai gostar nem um pouco disso, mas já tivemos segredos demais entre nós. É melhor que eu conte e enfrente as consequências.

— Tenha paciência, Sue. Ele a ama demais e isso é novo para ele. Provavelmente vai agir como um estúpido.

— Ele sempre age.

— Somos todos estúpidos quando se trata de amor.

— Você não parece ser.

— Eu sou. E um estúpido covarde, o que é ainda pior. Não tenho coragem de dizer a ela que a amo. E quando penso em tentar, ela se esconde. Sempre me afasta.

Passamos por meu andar e vamos para o térreo. Então ele aperta o 8º andar e subimos de novo.

— Bom, se realmente quer ficar com ela, tem que fazê-la ficar com você. Você a vê sempre?

— Trabalho com ela.

Passamos direto por meu andar de novo e continuamos subindo.

— Não é a Celina, não é?

Ele começa ir.

— Não! Jamais me apaixonaria pela mulher do meu amigo.

— Por que não a tira daqui? Passe um tempo com ela, tire-a de perto de qualquer coisa onde ela possa se esconder.

— Estou tentando fazer isso, mas ela não vai querer ir comigo. — Ele baixa a cabeça e é tão notável o quanto ama essa tal mulher! Queria poder ajudá-lo.

De repente ele segura minha mão com força.

— Gênio! Suzana você é um gênio! — Me puxa e me abraça, comemorando alguma ideia genial que dei a ele.

Nessa hora, o elevador para no 8º andar, porque alguém o chamou. As portas se abrem e Cleber está ali. Nos afastamos em um pulo, mas Cleber parece

prestes a ter um troço.

— Matheus? Sue? Por que caralho vocês estão se agarrando no elevador?

Ele nem nos espera dar qualquer explicação, entra no elevador e me pega pelas pernas, me jogando em seu ombro, e vai me carregando até seu apartamento. Matheus vem atrás e explica o que fizemos, e o que descobrimos. O tempo todo, Cleber o olha de rabo de olho, com uma expressão fechada e um bico enorme. Ele também não tem a educação de oferecer algo para Matheus beber. E faço isso. Mas ele me faz pegar o que seria a caneca “dele” que estava guardada em uma parte fechada da adega e totalmente embrulhada.

Sento-me do lado de Cleber, mas ele se afasta e nem me olha, e tenho vontade de rir de sua pirraça. Quando Matheus conta o que descobrimos, Cleber finalmente olha para ele de frente.

— Merda! Parece que eu era o único a ser chantageado ao invés de participar da coisa.

— E embora esteja com essa cara de bosta, conseguimos uma informação importante. PP vai cair com todos eles.

Cleber olha para mim vestida de Miss Sue, e olha novamente para Matheus, então fica estranhamente parado. Sei o que ele vai fazer, mas não tenho tempo de avisar Matheus, Cleber pula em Matheus e o pega pelo pescoço, caindo no chão com ele.

— Nunca mais encoste em Suzana, nunca fique sozinho com ela de novo! Foda-se se você estava tentando me ajudar, não use minha mulher de novo como arma de sedução!

Matheus começa a ficar vermelho, mas está rindo.

— Cleber! Pare com isso! Solte-o!

— Você está rindo? — Então Cleber empurra o rosto de Matheus em direção ao chão.

O riso some de seu rosto e ele começa a tentar se soltar.

— Você é louco, homem! Solte-me!

— Você vai lambar o chão, para aprender a mexer com minha mulher!

Por um momento, penso se Cleber será mau a ponto de realmente fazer isso. Até eu já percebi o quanto Matheus é fresco. Mas, ele para o rosto de Matheus a alguns centímetros do chão, e depois, o solta. Matheus se levanta imediatamente.

— Maluco! Nunca tocaria na sua mulher, embora você viva trancado em sua sala com a minha — diz Matheus e pisca para mim.

Faço uma careta e Cleber se explica.

— Ela é minha secretária.

— Eu não fico trancado com a minha secretária, então essa desculpa não cola — retruca Matheus.

Encaro Cleber e cruzo os braços.

— Eu não fico trancado com ela. Não tenho culpa se você é um covarde que não diz o que sente e fica aí morrendo de medo de outro fazer isso.

A careta de Matheus só não é pior do que a careta de Cleber. E toda essa discussão infantil e esse excesso e ciúmes me irrita. Quando Matheus vai retrucar, eu berro:

— Não responda! Chega! Não sei como a Celina aguenta vocês!

Os dois me encaram sorrindo e voltam a se sentar.

— Qual o nosso próximo passo? — pergunta Cleber, mas nem é necessário que Matheus responda, pois Cleber deduz sozinho — Merda. Alguém vai ter que seduzir o tribufu.

Desde o momento em que Matheus foi embora, Cleber não me dirigiu a palavra. Nem mesmo quando eu disse que ia dormir na minha cama. Homens com ataques de ciúmes são tão chatos quanto mulheres de TPM. É um combate pau a pau.

Estou preparando o jantar quando ele aparece na minha cozinha. Estou usando apenas uma camisa social enorme dele. Ele para e fica me observando. Se ele não vai dizer nada, eu também não vou. Ele se senta em um banquinho e cruza os braços, sem tirar os olhos de mim. Quando estou enlouquecendo com esse olhar cravado em mim e esse silêncio, ele fala:

— Ele tocou em você? Pinto Pequeno?

Deposito a panela sobre a pia e me aproximo dele.

— Agora está falando comigo?

— Absolutamente. Estou apenas fazendo uma investigação, ou é só você que pode?

Sorrio. Seu maxilar travado e essa cara ameaçadora me deixam excitada.

— Sim, ele tocou — digo, e monto em seu colo. — Bem desse jeito.

— É mesmo? Ele também fez isso? — Ele enfia as mãos por baixo da blusa, subindo pela minha coxa e tocando minha bunda. Sua língua passeia por meu pescoço e me contorço.

— Ah não. Ninguém mais me toca desse jeito.

— Não? — Ele aproxima sua boca da minha e morde meu lábio. — Que pena! Então de repente se levanta e me deposita no chão.

— Já que vai dormir aqui, boa noite, Suzana.

Seguro sua mão antes que ele saia.

— Isso é sério? Quer deixar de ser criança e terminar o que você começou aqui?

— Melhor não. Vou dormir.

Por que acho que esse maldito não está com raiva coisa nenhuma e quer apenas me irritar?

— Sabe Cleber, não é assim que você vai me convencer a dizer o que quer ouvir.

Ele me encara, me lançando um olhar divertido.

— Não diga. Decidi que não tem muita importância você me dizer. Guarde seu amor por mim só para você, vai te fazer bem.

Então ele sai andando todo gostoso e cachorro e me deixa na mão.

Não consigo dormir. A cama é grande demais, fria demais, idiota demais, estúpido! Levanto-me no meio da madrugada e vou para a cama onde quero dormir. Cleber está sentando no escuro, também não consegue dormir, acende a luz do abajur quando entro.

— Vizinha, você no meu quarto? — diz com aquele sorriso irritante.

— Você sempre entra no meu, por que não posso entrar no seu?

— Você pode vizinha, sinta-se em casa.

Enfio-me debaixo da coberta e fico de costas para ele. Ele apaga a luz e ouço seu sorriso quando me abraça por trás, a ereção cutucando minha bunda.

— Não conseguiu dormir sem mim, safadinha? — ele pergunta beijando meu pescoço.

— Nem você sem mim.

— Consigo sim, não sou eu que vou comer você agora, é meu pau. Ele estava sentindo sua falta.

Ele me vira e me beija, e estava com tanta saudade de beijá-lo, que agarro seu cabelo puxando-o para mim e aprofundo o beijo. Ele tira minha blusa e sussurro:

— Já que é o seu pau que fez as pazes comigo, vou dizer a ele que o amo.

Ele para completamente de se mexer e me encara.

— Ama?

— Sim, o seu pau.

Um sorriso enorme surge em seu rosto.

— Então venha aqui dizer ao meu pau que o ama. Ele está ansioso por uma declaração sua.

Eu o empurro e pego seu pau, enorme e deliciosamente duro.

— Eu te amo, pau do Cleber — ele solta uma gargalhada e continuo a declaração. — Te amo mesmo quando você é um idiota completo, imbecil e egoísta. Te amo quando tenta me proteger de tudo e quando mostra o quanto me conhece, te amo com suas pirraças e chantagens. Te amo até com sua necessidade de me ouvir dizer algo que está tão estampado na minha cara, eu te amo.

Cleber me puxa pelo ombro e sua boca cobre a minha.

— Ah Suzana, minha Suzana, eu te amo demais mulher!

— Isso não foi para você, foi para o seu pau.

— O meu pau adorou cada palavra que você disse muito mais do que você pode imaginar. Agora ele vai te agradecer por essa declaração pelo resto da madrugada.

Amo esse homem, com todas as minhas forças.

Cleber

Samuel aparece na V.D.A. na segunda à tarde, sem avisar. Faço com que ele aguarde cerca de quinze minutos, pois me sinto poderoso deixando o filho do governador aguardando por mim. Por fim, decido atendê-lo. Ele mal se senta na cadeira, Gilcelle aparece com água para ele. É estanho, ela nunca serve ninguém sem que seja preciso eu ligar para ela pelo menos três vezes ordenando que sirva. Mais estranho ainda é que ela derrama água gelada nele. Esse tipo de coisa quem faz é a Celina, nunca a Gilcelle.

Samuel se levanta e não grita com ela, (e por isso não é necessário que eu bata nele) e Gil o ajuda a se secar pedindo perdão. Assim que ela se retira, explico:

— Juro que não mandei que ela fizesse isso.

Ele parece desconfiado, mas assente.

— O que quer comigo, Dantas?

— Quero que fique longe de Suzana.

Um sorriso surge em seu rosto antes de ele falar:

— Cuidado com o que deseja. Suzana não vai ficar contente se souber que está ameaçando o chefe dela, querendo que ele a demita de seu melhor emprego.

Agora sou eu que abro um sorriso para ele.

— Eu não disse isso. Nunca pediria que a demitisse. Quero que me venda a Academia. — Seu olhar mostra espanto e continuo falando antes que ele responda. — Não me importa o valor. Pago o quanto você quiser.

— Você quer se tornar o chefe dela?

— Não. Quero dar a Academia para ela.

Ele parece ainda mais surpreso e tenho a impressão de que parece bem alarmado.

— Não acredito que queira comprar a Academia apenas para presenteá-la, vamos ser honestos um com o outro aqui, nada de joguinhos.

— Ser honestos? Claro! Vai me dizer que é gay? Porque eu já sabia.

Ele fica vermelho e percebo que cerra os punhos pousados nos braços da cadeira.

— Quero a Suzana — ele diz. — Preciso que ela case-se comigo. Nós dois sabemos que você pode ter a mulher que quiser, para mim, só serve ela.

Demoro a responder porque estou ocupado me contendo para não socar a cara desse imbecil.

— Você só pode estar louco se acha que ela ficaria com você. Você sequer a ama, nunca a desejaria, jamais a faria feliz.

Ele estufa o peito, como se eu o tivesse ofendido por lembrá-lo que ele nunca daria prazer a ela.

— Sei das necessidades dela! Sei que ela é uma mulher puramente sexual, não sou tolo! Cuidarei para que ela tenha cada uma de suas necessidades atendidas.

Levanto-me furioso:

— E a necessidade de ser amada? O que vai fazer para suprir isso?

— Suzana é uma mulher inteligente e racional. Vai aceitar que o que tenho a oferecer a ela é muito mais seguro do que amor.

— Ela precisa de amor, nada pode suprir isso! Você não a conhece, não sabe do que está falando!

Ele se levanta também.

— Eu sei sobre o passado dela, e estou disposto a passar por cima disso, ela não vai encontrar um homem que a respeite e dê esse amor todo, sabendo seu passado e sabendo o que ela faz!

Sim, devo socá-lo agora mesmo!

— Ela já encontrou. E esse homem nunca vai permitir que você a use como um bibelô. Esqueça a Suzana!

— Você não é homem para amar uma mulher pra vida toda, vai machucá-la mais cedo ou mais tarde, vive fazendo isso!

— Não pode falar sobre o que não entende. Suzana sabe que a amo, e me ama de volta, mesmo a machucando o tempo todo.

Ela me disse isso, disse ao meu pau, mas ele faz parte de mim. Ela me disse. Minha safadinha linda me ama. Travo meu olhar no dele. Estamos em um combate de olhares quando Gilcelle entra na sala. Ela traz outra jarra de água e se aproxima de Samuel.

— Não quero água! — ele diz sem desviar o olhar do meu.

Meus olhos ardem para que eu pisque, mas não vou perder essa batalha de jeito nenhum!

— Está gelada, é só um pouco — insiste Gil estranhamente.

E como estou nessa batalha de olhares com Samuel, não vejo como ela consegue, mas derrama água gelada na calça dele. Ele desvia o olhar do meu para verificar o estrago da vez e internamente comemoro, sou o vencedor dessa tensa batalha.

Gil começa a apalpar Samuel em todos os lugares e ele se afasta irritado.

— Suzana é exatamente a mulher que preciso, e não medirei esforços para tê-la.

— Encoste um dedo nela e não importa quem é a merda do seu pai, vou matá-lo!

— Isso não será preciso, estarei sempre ali por ela. No seu primeiro deslize,

vou convencê-la de que você não serve. Posso não dar a ela o prazer que você dá, mas posso convencê-la de outras maneiras. Não importa como. Você não sabe com quem está mexendo, Cleber Dantas. Suzana será minha por bem ou por mal.

— Você não vai viver para fazer qualquer mal a ela.

— Veremos.

Ele sai da sala e sou tirado do meu estado de ódio pela voz de Gilcelle.

— Uau! Pareceu uma cena de filme. Faltaram as pistolas e os chapéus, mas cena de filme — ela diz de olhos arregalados e bebendo um copo de água atrás do outro.

Caio como um chumbo na cadeira atrás de mim. Não sei se devo contar isso a Suzana, nem sei se ela acreditaria em mim. E se acreditasse, estaria acabando com o emprego dos sonhos dela, mas preciso defendê-la dele. Não sei o que fazer.

Gilcelle ainda está ali em pé, tomando água como um camelo.

— Que diabos estava fazendo jogando água no homem o tempo todo?

— Ah! Estava tentando devolver isso — ela diz e tira um celular do bolso.

— Devolver? De quem é isso?

— Do Samuel. Tirar foi fácil, mas não consegui devolvê-lo. Vai ter que se virar com isso — ela diz jogando o aparelho em cima da minha mesa.

— Você roubou o celular do homem?

— Não roubei! — responde irritada — Tentei devolver, não foi culpa minha não ter conseguido.

— Você tem noção que ele é o filho do governador, não tem? — digo para assustá-la.

— Não era eu que estava gritando e ameaçando tirar a vida dele. Além do mais — ela diz sentando-se à minha frente. — Graças a essa pequena travessura, agora sei exatamente como você pode derrubar esse homem e salvar sua donzela.

— Se você souber isso Gilcelle, eu triplico seu salário.

— Vou te cobrar isso, Cleber, pode ter certeza.

— Desembuche.

— Samuel Alencar tem menos de um ano para se casar.

Não entendo a informação, e menos ainda como ela pode me ajudar. Pelo contrário, isso quer dizer que ele vai mesmo fazer de tudo para ter Suzana.

— Ele está morrendo? — pergunto esperançoso.

Ela dá uma gargalhada e diz que não vou para o céu, mas quando vê que estou sério e meio que desesperado, se empertiga na cadeira e fala sério.

— A família dele está desconfiada que ele é gay, se não se casar com uma

mulher, em menos de um ano, o pai dele irá deserdá-lo.

Quase salto da cadeira. Tudo começa a se formar em minha mente em questão de segundos.

— Está dizendo que tenho apenas que fazer com que o governador descubra que Samuel é gay, e ele será uma carta fora do baralho?

— Isso. E de quebra é provável que consiga ficar com a Academia nesse meio. Levanto-me emocionado e seguro o rosto de Gil.

— Gilcelle. Eu te amo! Você é linda! Divina! Maravilhosa!

Percebo o momento em que Matheus e Sebastian aparecem na sala, então aperto mais a cabeça de Gilcelle e sussurro em seu ouvido:

— Você soube que a mulher que o Matheus levou para seduzir PP foi a Suzana?

Ela arregala os olhos e enfia as mãos em meu cabelo.

— Sério? Como ele ainda está vivo?

— Estou sendo muito bonzinho com ele, exceto, agora.

Não dá tempo de Gil responder, Matheus bate o pé e me puxa de perto dela.

— Que merda é essa? — pergunta olhando de mim para ela como um leão.

— Uma amostra grátis do que senti ontem quando vi você e Sue agarrados no elevador.

Gilcelle o encara de olhos arregalados e ele fica vermelho, mas ela sai da sala batendo os pés.

— Valeu, filho da puta — ele reclama.

— E isso foi uma amostra do que senti quando você disse que eu ficava trancado na sala com minha secretária.

— Já entendi — ele diz. — Você fez aulas de vingança com a Celina.

— Celina é um exemplo que deve ser seguido.

Eles se olham com caretas que me fazem rir. Conto a eles sobre o que Gilcelle descobriu de Samuel e espero que algum deles me dê uma boa ideia de como fazer Samugay sair do armário, mas quando termino meu relato, tentando passar a eles toda a emoção da nossa discussão, e até imitando as caras que fiz em nossa batalha de olhares, os dois se olham e caem na gargalhada.

— Qual é a graça? — pergunto irritado.

— Gay! Quer dizer que no começo, quando a Suzana te deu enésimos foras, estava te trocando por um gay? — zomba Sebastian e eles continuam rindo.

— Vão rindo seus panacas. Pelo menos eu venci essa.

— Se não vencesse a luta por uma mulher contra um gay Cleber, poderia mandar arrancar seu pau e pendurá-lo na praça como motivo de vergonha — diz Matheus.

Eu já disse que queria ter amigos de verdade e não dois ratos?

No fim da tarde, perto da hora de ir embora, meu celular toca.

— Dantas.

— Então você anda me investigando?

— Ora, olá Botelho. Achei que não fosse aparecer para receber seus honorários.

— Pare de me investigar, Cleber. Não mexa mais nisso. Nenhum centavo a mais será retirado da sua empresa ou de nenhum de seus amigos.

— É uma pena, mas agora tomei gosto por essa coisa de investigar. Quero você, PP e todo seu bando atrás das grades seu safado, ladrão de merda!

Ele fica em silêncio, mas tenho a impressão que está rindo.

— A escolha é sua. Eu preferia não machucá-la.

— Não machucar quem?

— O que você mais ama na vida.

Então o filho da puta desliga e nem vejo que horas largo o celular. Suzana, preciso salvar minha mulher. Saio como um louco e percebo Sebastian e Matheus correndo atrás de mim, entramos todos no elevador.

— O que houve homem? Onde é o incêndio? — pergunta Sebastian.

— Botelho telefonou. Disse que gostaria de não machucar o que mais amo na vida.

Os dois arregalam os olhos.

— Preciso salvar Suzana.

— Para onde está indo? — Sebastian parece disposto a ir também.

— Primeiro, para a casa dela. Deixei Gilcelle ligando para o celular dele, mas não atende, pode ter deixado alguma pista lá.

— Você ligou para Suzana?

— Sim, mas ela também não atende.

— Merda! Vou com você — ele diz confirmando o que eu já sabia.

Assinto e agradeço internamente por ter Sebastian ao meu lado, estou nervoso demais e vai ser bom ter alguém pensando com mais clareza. Assim que saímos do elevador, corremos para meu carro. Já destravo as portas assim que entramos no estacionamento e corremos. Mas, paramos ao ver Matheus correndo atrás de nós.

— Aonde está indo? — pergunto.

— Salvar Suzana! — Ao ver que o encaramos, ele continua. — Eu vou junto, oras! Também quero ser herói.

Entramos no carro e Sebastian arranca como um louco, estou tão nervoso, que mal enxergo e acho que ele também, pois barbeira um bocado enquanto dirige. De repente, Sebastian olha para mim e para Matheus e um sorriso surge em seu

rosto, é aí que o imbecil diz:

— Seremos como os três mosqueteiros!

— Ah! Cale a porra da boca e dirija homem! — ralho.

Mas ele continua rindo e Matheus também, só eu não consigo sorrir.

Não espero que ele pare o carro quando chegamos próximo ao edifício. Subo correndo, sei que Gil já chamou a polícia, e tudo está encaminhado. Por dentro, rezo que Botelho não tenha conseguido pegar Suzana ainda, que ela o tenha atropelado, quebrado seus ossos ou passado com o carro por cima dele. Então me lembro que fui eu mesmo que a proibi de dirigir. Merda! Por que tirei sua arma de proteção? Vou comprar um carro novo para ela amanhã mesmo! De alguma forma, Sebastian e Matheus conseguem me alcançar e entram no elevador comigo.

— Ela está bem, vai dar tudo certo, relaxe homem — Matheus tenta me tranquilizar.

Mas não consigo relaxar. Minha Suzana. Minha vida. Nada pode acontecer a ela.

Vasculhamos o apartamento de Suzana, mas não a encontramos. Não está em lugar nenhum. Estou prestes a chorar como um menino quando Sebastian encontra seu celular. Há apenas minhas ligações e as de Gil, mais nada.

— Vamos chamar a polícia — digo me dirigindo ao meu apartamento.

— Gilcelle já está fazendo isso — diz Sebastian, mas me segue.

Então, quando abro a porta do meu apartamento, vejo. Deitada no sofá, vestida de Sue, mas com seu cabelo negro espalhado pela almofada. Ali está Suzana. Ela arregala os olhos e tenta se cobrir, mas a pego no colo e a aperto, e aperto e beijo e quase choro de tanto alívio.

— Estou nua! — ela consegue gritar quando deixo sua boca, e só então me dou conta de que Matheus e Sebastian estão bem ali, com um sorriso idiota olhando para ela.

— Fechem os olhos, seus maricas.

Carrego Suzana para o quarto e a cubro com uma blusa minha. Ela fica envergonhada de voltar para perto dos meninos, mas a arrasto. Não tem a menor chance de me afastar dela, nem por um segundo hoje.

— Eles acabaram de me ver quase nua — protesta.

— E nunca vão esquecer essa visão, vamos, você não fez nada de errado.

— Eu só queria fazer uma surpresa para você — ela diz envergonhada.

— Meu amor, eu amei a surpresa, você não faz ideia do quanto.

— Não está tendo um ataque porque seus amigos me viram seminua?

— Não, no momento estou feliz demais por vê-la. Venha aqui que vou explicar.

Quando voltamos a sala, os dois estão bebendo algo de minha adega, e estendem para mim e Suzana duas taças.

— Bebam, foi um susto, está tudo bem — diz Sebastian.

— O que está havendo? — pergunta Suzana.

— Achamos que Botelho estivesse com você — explico.

— Por quê?

— Ele ligou. Disse que não queria machucar o que mais amo na vida. Fiquei desesperado, não consegui falar com você.

Ela não diz nada, está parada olhando para mim.

— Com certeza porque estava ocupada tirando a roupa para você — diz Sebastian.

— E você quase que nem ia poder ver, pelo jeito como Sebastian veio dirigindo — zomba Matheus.

Matheus e Sebastian começam a discutir a aventura que foi Sebastian dirigindo com medo enquanto ele rebate que não estava com medo porra nenhuma e de repente Suzana pula em mim, prendendo os braços em meu pescoço.

— Eu sou o que você mais ama na vida?

Seguro seu rosto entre as mãos e a olho nos olhos.

— Definitivamente. Eu morreria e mataria por você, minha safadinha.

Ela me beija emocionada, e Sebastian nada sutilmente acerta minha cabeça com a mão.

— Sinto interromper o momento romântico dos pombinhos, mas deixamos escapar alguma coisa, Cleber.

— Do que está falando?

É Matheus quem responde.

— Se Botelho não está com Suzana, quem ele acha que é o que você mais ama na vida? Quem foi que ele pegou?

Porra! Como é que eu vou saber disso?

Fogo. Desço do carro quase desesperado e vejo de imediato. Carros do Corpo de Bombeiros, muitos deles, carros de polícia, e uma pequena multidão em volta de todo fogo. A V.D.A. está pegando fogo.

Por um momento não me movo, é dia, tem pessoas dentro do prédio. Nem quero começar a imaginar quem está lá dentro. Alguém grita meu nome e volto a mim quando um Matheus todo sujo e desesperado me sacode.

— Gilcelle está lá dentro! Ela, a Celina e o Sebastian estão lá dentro! Todos eles! — Ele faz um gesto negativo com a cabeça e me desespero.

— Não estão mortos! Não matei todos eles! Não matei!

Caio de joelhos sem forças, a dor que me consome nem pode ser explicada, menos ainda medida. A culpa foi minha, por uma burrada minha meus amigos estão mortos. E minha afillhada. O que mais amo na vida. Botelho achou que fosse a V.D.A., ele tirou de mim não só minha empresa, mas meus amigos. Penso em quantos funcionários estão lá dentro, quantas pessoas estão morrendo porque eu fiz a cagada de confiar em Heitor, e tudo resultou nisso.

Uma dor vem enchendo meu peito e me sufocando até que não aguento mais e grito. Grito alto, tentando apagar isso.

— Ahhhhhhhh! O que foi? O que foi? Ahhhhhh!

Um grito feminino invade minha mente e acordo, gritando também.

— Ahhhhh.

— Ahhhhhh! — O grito feminino histérico responde.

Abro os olhos e Suzana está encolhida em um canto no chão, com a cabeça entre as mãos, berrando. Acendo a luz e me sento na cama.

— Ei, Suzana, não grite. Está tudo bem.

Ela tira a cabeça dos braços aos poucos e com um olho só, olha ao redor do quarto. Quando seu olho se fixa em mim, ela abre os olhos e respira.

— O que aconteceu? Você teve um pesadelo?

Concordo com a cabeça e conto a ela o sonho horrível. Ela vem até mim e me abraça, ainda está tremendo.

— Por que você foi para o chão? — pergunto.

— Achei que tivesse visto algo. Sei lá — ela explica dando de ombros.

— E você achou que se encolher no chão fosse te proteger?

— Não, mas pelo menos eu não veria sua morte.

Aperto-a mais forte e sorrio. De um jeito ou de outro ela sempre me acalma.

Aqui estamos nós, de pijama, em pleno centro da cidade, olhando a V.D.A.. E ela está intacta.

— Viu? Está tudo bem! — diz Suzana me acalmando.

— Não entendo. Se não foi você, se não é a V.D.A., o que Botelho pegou? Já liguei para toda minha família, cada amigo, cada conhecido, todo mudo está bem.

— Talvez ele não tenha pegado ninguém, talvez tenha apenas tentado assustá-lo.

— Não, já ouvi algumas coisas sobre Botelho e seus homens, ele não é o tipo de homem que ameaça, ele age. Alguma coisa aprontou.

De repente um soco na janela do carro me faz dar um pulo no assento.

— Ahhhhhh! Merda! Caralho! — Abaixo o vidro irritado e um Matheus de pijama está do lado de fora com uma carranca — Que caralho está fazendo de

pijama na rua homem?

— Vim te perguntar a mesma coisa. Qual é o problema de vocês? O porteiro me ligou e disse que tinha um carro estranho observando a empresa, vim verificar.

— Cleber teve um pesadelo — explica Suzana

— E grita feito uma mulher, depois eu que sou o gay. — Ele abre a porta do carro e entra. — Conte-me o que você sonhou.

Conto a ele e meu amigo me lança aquele olhar de pena, seguido pelo de zombaria e aí já ordeno:

— Sai do carro, seu imbecil!

— Eu nem disse nada. Relaxe, homem. A V.D.A. não está pegando fogo, ninguém está pegando fogo. Esse seu sonho foi tão sem sentido, que eu nunca te diria que a Gilcelle morreu queimada por sua causa e te deixaria vivo no minuto seguinte. Acalme-se e vá dormir. O mais provável é que ele realmente não tenha pegado ninguém.

Meu celular toca e um Sebastian com voz de sono e irritado já começa a gritar:

— Por que vocês malucos estão todos de pijama na rua a essa hora?

Olho em volta e vejo seu carro em frente a empresa, do outro lado da rua.

— Você veio pelado?

— Não durmo de roupa.

— Por que você está aqui pelado?

— Eu disse que não durmo de roupa. O porteiro me ligou e disse que tinha um carro estranho observando a empresa, achei que fosse o Botelho.

— E você ia afrontá-lo pelado?

— Esqueça minha nudez, homem! Sei que está louco pra ver meu pau, mas essa parte não está descoberta. O que houve?

— Amigo, quero distância do Sebs.

Ele grita um palavrão e arranca com o carro, parando-o ao lado do meu.

— Feche os olhos Suzana. Quer sair daqui com esse corpo ridículo à mostra? Minha namorada não precisa ver isso.

— O que aconteceu? Alguma festa do pijama que eu não esteja sabendo? Estou noivo, mas não morto, me convidem para essas coisas — reclama ele.

— Cleber anda tendo pesadelos e gritando feito uma mulher — diz Matheus do banco de trás.

— Merda. Não tenho privacidade nem para ter um pesadelo, maldita hora em que arrumei amigos. Vamos, saia do meu carro Matheus e você Sebastian, volte para sua mulher.

Os dois se foram reclamando e quando chegamos ao meu apartamento, havia

um envelope jogado no chão, mas Suzana o pegou antes de mim e a careta que fez ao ler, deixou claro que era de Botelho.

Tomo o envelope de sua mão e ali está, um bilhete:

Estou com sua amada Miss Sue, peça ao seu detetive que me deixe em paz, ou ela dançará para mim pelo resto da noite.

Junto ao bilhete, há uma foto de uma mulher, vestida como Miss Sue, amarrada e amordaçada. Olho para Suzana, que dá de ombros. Ela está aqui comigo, então quem é a Miss Sue que está com Botelho?

Capítulo 17

Suzana

Assim que entro na famosa V.D.A., sou alvo de cochichos, todos de mulheres, provavelmente mulheres que Cleber pegava. Os homens ao meu lado também contribuem para que eu seja uma espécie de atração aqui. A minha esquerda está Elias, o guarda-roupa fofoqueiro. Achei completamente desnecessário que ele me acompanhasse até aqui dentro, mas Cleber anda meio neurótico. Do outro lado está Cidão, com seus dois metros de altura e sua cara de mau. As pessoas devem estar se perguntando porque ando tão estranhamente acompanhada. Somos conduzidos até uma sala, onde Cleber, os outros dois estúpidos, Celina e uma mulher ruiva nos aguardam.

— Por que ele veio com você? — pergunta Cleber me rodeando com o braço assim que entramos.

— Porque ele pode explicar quem é a Miss Sue que está com Botelho.

— Não está mais — Cidão diz.

Sentamo-nos todos à enorme mesa, Cleber ao meu lado não solta minha mão, e a aperta ainda mais quando Matheus, de frente para mim, me dá uma piscadela.

— Você quer morrer, homem? — ameaça Cleber.

— Sem estresse, só estou cumprimentando minha parceira.

Cleber resmunga palavrões, mas é atingido por uma caneta arremessada por Celina.

— Podem parar agora mesmo! O assunto aqui é sério e vocês não vão querer me irritar logo cedo! — ralha ela.

O silêncio reina de repente no ambiente. Isso é o que eu chamo de impor respeito.

— Uau! Parabéns pela moral, e pela pontaria! — digo.

— Minha pontaria é a responsável pela minha moral — ela diz estufando o peito.

— Amor, você seria assustadora mesmo sem a pontaria — brinca Sebastian.

— Obrigada, amor. Agora vamos a reunião. Quem Botelho pegou?

Celina lança um olhar tão assustador a Cidão, que ele começa a falar imediatamente.

— Suzana não tem ido muito ao Red desde que se envolveu com Cleber Dantas. Não estou criticando, imagino que ele não goste de vê-la dançar lá. A questão é que Miss Sue é uma das principais atrações do clube, e o público

estava reclamado muito.

Ele me olha de um jeito, como se pedindo clemência e sei que meu chefe noturno está prestes a me irritar.

— Então a solução foi encontrar uma Miss Sue substituta.

Como? Substituta? Uma qualquer? Usando meu nome e meu figurino? Dançando com meus meninos? Usando meu nome? O quê?

— O quê? Você me substituiu? Quem foi que você colocou no meu lugar?

— A Lana. Ela tem quase o seu corpo, achei que ninguém perceberia.

— Lana? Não acredito! Meus seios são maiores que os dela! — protesto.

— Então, você mandou que essa Lana se apresentasse como Miss Sue, e Botelho a levou pensando ser Suzana? — pergunta Cleber.

— Isso mesmo. Ela estava caracterizada como Miss Sue, são muito parecidas. Qualquer um as confundiria — explica Cidão.

— Eu tenho ao menos dois centímetros a mais do que ela! — protesto de novo.

— Até mesmo você as confundiria, Cleber — insiste Cidão.

— Eu não. Sei o tamanho exato dos seios da minha namorada.

Três pares de olhos masculinos focam em meus seios e dou uma cotovelada em Cleber, que está rindo.

— São mesmo maiores — comenta Cidão distraído.

— E o que aconteceu com essa Lana? — pergunta Celina me livrando do constrangimento de ter os seios analisados pelos homens da V.D.A. e meu chefe noturno.

— Foi devolvida na porta do Red poucas horas depois. Estou cuidando de Botelho. Ele já estava avisado. Ninguém mexe com minhas meninas.

De repente Cleber puxa meu rosto em direção ao dele e diz com um sorriso:

— Bendita hora em que você resolveu me esperar seminua no sofá. Se você não fosse tão safadinha, ele poderia tê-la levado.

Posso sentir cinco pares de olhos colados em mim e quero me esconder dentro de mim mesma, de tanta vergonha por lembrar que Matheus e Sebastian me viram assim.

— Você está me constrangendo de propósito? — reclamo.

— Não, estou apenas deixando que os caras saibam como sou sortudo.

Reviro os olhos e me volto para Cidão.

— Para onde ela foi levada? Ela viu Botelho? — pergunto.

— Não, ela não o viu, apenas alguns homens mascarados. Mas ela disse que um deles, era bem baixinho e viu alguns fios grisalhos por baixo da máscara. Também não sabe onde estava, disse que era uma espécie de galpão.

— Sinto muito que ele a tenha assustado — diz Matheus.

— Ela não se assustou. Achou tudo excitante, na verdade — diz Cidão.

Por três tensos minutos, cada um na sala olha para o outro, esperando que uma luz se acenda na cabeça de alguém. Mas isso não acontece. É Cleber quem fala ao perceber que esse silêncio especulativo não está nos levando a lugar nenhum.

— Então, nossa única chance, é o tribufu. Descobri os lugares que ela frequenta, só nos resta escolher qual de nós vai arrancar informações dela.

Sebastian praticamente se esconde atrás da Celina. Matheus olha para todos os lados, menos para qualquer pessoa sentada a mesa. E Cleber olha fixamente para Cidão, que percebendo seu olhar insistente, já vai levantando as mãos.

— Nem pensar! Se a palavra tribufu está envolvida estou fora! Aliás, tenho que ir — ele diz levantando-se. — Vou tratar de fazer Botelho pagar por ter mexido com uma das minhas meninas. E vocês, boa sorte para arrancar essas informações.

Mal Cidão fecha a porta, Cleber encara Sebastian.

— Não importa se é um tribufu, Sebastian não vai seduzir mulher nenhuma! — decreta Celina.

Cleber nem discute, rapidamente encara Matheus.

— Sinto muito. Adoraria seduzir um tribufu, mas estou de partida, viajo amanhã. Vai ter que se virar sozinho, homem — diz ele tirando o seu da reta.

— Mas, que merda de amigos são vocês? Cadê aquele papo de três mosqueteiros? Na pior hora me deixam na mão! — Então olha para mim como um cachorrinho sem dono. — Suzana não se sentiria bem se eu fizesse isso, não é amor?

— Ah não, pode ficar à vontade, eu não me importo.

Ele arregala os olhos e parece querer me estrangular.

— Tenho certeza que você ficará enciumada, meu amor.

— Não ficarei. Eu me garanto. Além do mais, nem gosto tanto assim de você.

Todos estão rindo quando pisco para ele, que aperta minha coxa por baixo da mesa e diz:

— Você me paga por isso em casa, sua bruxinha.

Após a catastrófica reunião, Gil me leva a um passeio pela empresa, é maluquinha como a Celina, e gosto muito dela. Nosso passeio acaba na sala de Celina.

— Você realmente não se importa de saber que o seu namorado está dando em cima de uma mulher para conseguir uma informação? — pergunta Celina.

— Ah sim, Cleber não vai sequer tocar nessa mulher.

— E o que pretende fazer para impedir isso? Você sabe que ele realmente precisa da informação.

— Adoraria ajudar, mas vou viajar amanhã — diz Gil com uma careta.

— Na verdade, eu meio que já pensei em algo. Mas vou precisar de você, Celina. E da Nath.

As duas arregalam os olhos e o sorriso de Celina me acalma.

— Pode contar com a gente, vamos te ajudar a segurar seu estúpido.

Cleber não veio me buscar hoje. Por um momento, temo que já tenha ido “arrancar” as informações da tal tribufu, e pela primeira vez na vida, vou dar uma de mulher ciumenta, e ligo para ele.

— Olá, bruxinha.

— Onde você está?

— Ora, boa noite safadinha, será que alguém está de TPM?

— Não seja ridículo. Só quero saber onde está. Ou será que não pode me dizer?

A gargalhada dele me deixa em estado de alerta.

— Sinto muito minha adorável safadinha, mas não posso te dizer.

Demoro um minuto para me situar que meu namorado pervertido e safado, não quer me dizer onde está.

— O que isso quer dizer?

— Quer dizer amor, que nos vemos à noite, em casa. Agora deixa de ser ciumenta, já que você nem gosta tanto assim de mim.

— Isso é mais uma das suas chantagens ridículas?

— Pode ser. Preciso ir amor, até mais.

E o filho de uma mãe desliga na minha cara. Sabe o que deixa uma mulher com o humor pior do que um namorado chantagista? Um chefe que pede que ela faça hora extra no dia em que ela planejou chegar em casa mais cedo e matar esse namorado. E Samuel fez isso. Me pediu para ficar até mais tarde. Justo hoje. Ele ficou estranho durante todo o dia. Algumas vezes o peguei me observando, atentamente, como se eu fosse a solução mágica de algum problema. O que ele acha mesmo que sou. Estamos apenas nós dois na Academia (e os seguranças) e fico satisfeita ao imaginar a cara que Cleber fará quando souber que fiz hora extra apenas com ele. Quando me dá carona, duas horas depois do nosso horário normal, Samuel finalmente começa a soltar o que queria falar.

— Suzana, você sabe que eu nunca faria nada para prejudicá-la, não sabe?

Acho esse assunto repentino totalmente estranho, mas enfim, o que não é estranho hoje em dia?

— Sim, eu acho.

Ele sorri e pega minha mão quando para o carro em um sinal.

— Nunca faria nada para machucá-la, mas às vezes, as pessoas não entendem que o que fazemos é para o bem delas.

— Não estou entendendo. — Na verdade, estou ficando com medo.

— Não é nada demais, quero apenas que lembre-se que eu nunca faria nada para prejudicá-la, independente do que aconteça.

— Está bem.

O celular dele, que está no porta chaves, logo abaixo de onde sua mão segura a minha, toca. Ele se apressa em recusar a chamada e coloca o aparelho do outro lado, mas posso jurar que a foto que apareceu na tela era de Léo.

O apartamento de Cleber está na mais completa escuridão. O maldito sequer está em casa. Onde será que ele se meteu? Volto para meu apartamento e tomo um banho, quando estou saindo do banheiro, alguém me pega por trás, e cobre minha boca, impedindo que eu berre como uma louca.

— Shhhhh, quietinha. — O cheiro e a voz de Cleber me acalmam imediatamente. — Você virá comigo agora, safadinha, mas não pode dar um pio, entendido? — Ele segura meus braços para trás com uma mão e cobre minha boca com a outra.

Concordo com a cabeça e a mão que estava em minha boca se afasta.

— O que está fazendo? — pergunto.

Ele volta a cobrir minha boca e sorri em meu ouvido ao sussurrar:

— Shhhh! Sem um pio. Você não pode falar, a menos que eu ordene.

Pronto. Ele disse a palavra: **ordene**. Minhas pernas ficam moles e o meio delas começa a pulsar. Cleber me arrasta em direção a porta, sinto seu corpo roçar no meu por trás, e noto que ele está vestido, e eu estou apenas de toalha. Firmo os pés para que ele não me arraste pelo corredor, e ele deixa minha boca livre para eu reclamar.

— Está louco? Não podemos sair assim no corredor! E se alguém nos vir?

— Você não confia em mim? — ele indaga com a voz rouca.

— Sim, eu confio em você, mas não que tenha a capacidade de manter cada vizinho abelhudo desse prédio em seus devidos apartamentos enquanto você desfila comigo seminua pelo corredor.

— Não vou permitir que se vista e o que vamos fazer só pode ser feito em meu apartamento. Então é sim ou não. Você vem ou não?

Ah merda, eu vou? É claro que eu vou, no momento em que ele disse a palavra *ordene*, me convenceu automaticamente a fazer qualquer coisa. Dou um passo à frente e ele me guia porta afora. Rezo para que ninguém apareça, mas Cleber não parece realmente preocupado com isso. Não se apressa para entrar em seu apartamento, demora o dobro do tempo que demoramos normalmente, levando-se em conta que nossas portas são bem próximas. Quando por fim entramos em seu apartamento, ele me liberta, mas ordena:

— Não se mexa.

Então fecha a porta e some pelo corredor. Não posso chamar por ele, mas estou tão curiosa, que vou seguindo-o na ponta dos pés apenas para espiar o que está tramando, mas ele aparece do nada de uma porta atrás de mim.

— Que coisa feia! Desobedecendo minhas ordens.

Não há um sorriso sequer em seu rosto que indique que está brincando, ele parece realmente irritado.

— Eu só queria ver.

— Não dei permissão para que visse nada, safadinha. Agora, você vai ser punida por ser tão desobediente.

Pisco os olhos, confusa. Ele vai me bater? Não sei como me sinto em relação a isso. Mas, antes que eu possa falar qualquer coisa, ele me joga no ombro e me carrega para dentro desse quarto que eu ainda não tinha visitado. E quando ele me deposita no chão, meu Deus! Não tenho consigo reagir.

— A sua punição, minha adorável safadinha — ele diz e aponta para a cama.

Mas não é só uma cama. É uma cama com uma cabeceira de grades negras. E nessas grades, há uma enorme fita de cetim enrolada. Essa fita vermelha rodeia as grades da cabeceira e se estendem pela cama, e não é necessário que Cleber diga para que servem.

— Não vou machucá-la, Suzana, apenas te dar prazer. Agora deite-se nessa cama, de barriga para cima e abra bem as pernas e os braços. — Ao ver que ainda não consigo me mover, ele completa: — Não é um pedido. Faça agora.

Imediatamente minhas pernas respondem e subo na cama, encarando a fita de cetim vermelha, ansiando tê-la em meus pulsos. Tiro a toalha e a jogo no chão, e me deito como ele pediu, e em seguida, suas mãos amarram um pedaço da fita em meu pulso esquerdo, prendendo-o a grade da cabeceira. Depois, faz o mesmo com o direito. Sinto que ele passa essa fita por meu corpo, entre meus seios, descendo mais, pelo meio das minhas pernas. Quando ele se mexe na cama, a fita também mexe, e seu leve roçar em meu corpo me deixa ainda mais excitada. Ele prende um pedaço da fita em meu tornozelo esquerdo, e o prende a lateral da cama, e depois faz o mesmo com o direito. A sensação de estar ali, totalmente aberta para ele e incapaz de me mover, enquanto ele me avalia como se eu fosse a coisa mais desejável que já viu na vida, é indescritível. Só mesmo estando aberta para Cleber Dantas para entender. Ele passa seu corpo por cima do meu novamente, beija minha boca devagar e desce preguiçosamente o dedo por meu corpo, me causando arrepios. Então sobe o dedo pressionando um pouco mais forte, contorna meu seio, sobe para meus lábios e sobe mais, pegando outro pedaço da fita de cetim, e a colocando sobre meus olhos.

— Você não deve ver o que vou fazer, meu amor.

A escuridão me assusta, mas estou tão excitada, tão ansiosa, que fico quietinha, esperando ouvir alguma coisa. Ouço sua respiração em meu ouvido, sinto seu corpo sobre o meu, mas ele não se move. Não se move por uns cinco minutos.

— Cleber! — chamo.

Ele belisca um mamilo e arqueio o quadril buscando por ele.

— Silêncio, deixe-me admirá-la um pouco mais.

— Você faz isso todas as noites, fica boa parte das suas madrugadas me olhando.

— Porque você é linda. Não notei que havia percebido.

— Percebi. Então deixe para me olhar depois, me toque, me coma, eu quero seu pau em mim agora, não seus olhos.

Ele dá uma gargalhada e seu dedo volta a passear preguiçosamente por meu corpo.

— Ah Suzana, definitivamente você não nasceu para ser submissa.

Ele me tortura desta maneira, seu dedo passando hora levemente, hora com mais pressão por todo meu corpo, menos no lugar onde mais preciso dele. E por mais que eu implore, e choramingue, ele não diz mais nada, e não muda o ritmo. Sinto-me frustrada. Quero tocá-lo, quero pular em cima dele e tocar seu pau. E ele sabe disso, pois ouço seu sorriso, quando nota que estou quase enlouquecendo de impaciência.

— Vou dar o que você quer, meu amor, acalme-se.

Então ele sai da cama. Não me movo novamente, em expectativa, esperando ansiosamente o próximo som. E é o som que queria ouvir, está tirando a roupa. Quando ouço o zíper da calça sendo aberto, bato palmas mentalmente, já que minhas mãos estão presas. Quero que ele me toque, preciso disso. Que se dane esse negócio de submissa, estar amarrada assim para ele é diferente, e bom, mas agora só quero meu amor no meio das minhas pernas e sua boca na minha. Como que adivinhando meus pensamentos, sua boca toca a minha, levemente, me deixando ainda mais frustrada.

— Você é tão linda — ele diz com a voz rouca.

— Então me coma.

— Tão safada! Você exala sexo, minha safadinha. Por isso me apaixonei por você.

Sou obrigada a rir.

— Não seja mentiroso, você se apaixonou pela minha inteligência.

— Apaixonei—me por um pacote, que começou com sua sexualidade explícita mostrada nos seus olhos. Olhar você nua, aberta para mim, é como olhar o prazer, e saber que esse prazer é todo meu, faz de mim o mais satisfeito

dos homens.

— Então deixe seu prazer satisfeito também — peço.

— Ah, você vai ficar. Vou dar exatamente o que você quer safadinha, assim que me der o que quero.

Paro de me mover e viro uma estátua dura de incredulidade.

— Isso não é sério. Você não vai me chantagear agora.

— Vou sempre chantageá-la Suzana, você só funciona assim. Sabe o seu joguinho de me ignorar para me domar? Com você funciona na base da chantagem.

— Estou disposta a cooperar. Do que você precisa? Faço qualquer coisa, mas quero você dentro de mim agora.

Ele sobe na cama e deita-se ao meu lado. Sinto sua ereção tocando a lateral da minha coxa e quase enlouqueço. Seu braço forte rodeia minha cintura, sua mão passeia por meu corpo e desce até meu centro. E quando ele toca meu clitóris, quase gozo.

— Diga, Suzana. Diga e meu pau será todo seu.

— Não posso acreditar! Eu já disse!

— Não para mim.

— Porque eu odeio você! Estou quase implorando pra você me foder logo e você quer sentimentalismo.

— Quero os dois. Quero foder amor com você.

— Não vou dizer — respondo segurando o sorriso.

Quer brincar meu amor? Vamos brincar.

— Que pena! — ele diz e sai da cama.

O que? Aonde ele vai? Não é para desistir. Mas, é um estúpido mesmo!

Só que ele não desistiu. Logo, seu peso afunda a cama novamente, próximo aos meus pés, seus dedos sobem preguiçosamente por minha perna, enviando arrepios por todo meu corpo, e para pouco antes de tocar meu clitóris. Estou prestes a choramingar, quando algo o toca. Algo duro, como a cabeça de um pênis.

— Saudade do seu amiguinho, meu amor?

Huguinho, ele pegou Huguinho.

Cleber me tortura com ele. Liga o vibrador e o encosta com força no meu clitóris, gozo no primeiro minuto. Meu corpo todo já estava em alerta esperando o mínimo toque para reagir. Mas, quando me desmancho, ele não se afasta. Continua ali, com Huguinho pressionado no meu clitóris até que um segundo orgasmo me preenche. Quero que ele afaste Huguinho dali, não aguento um terceiro orgasmo. Não aguento mais ser tocada, o prazer é tão forte, que quase dói.

- Cleber! — choramingo.
- Você sabe a palavra mágica, amor.
- Não vou dizer.

Tento me mover para afastar-me, mas ele dá o golpe de misericórdia, encosta a cabeça do vibrador na minha entrada, ligado na velocidade máxima e o terceiro orgasmo me atinge com força, fazendo-me gritar e ficar mole. Mal ouço o que Cleber está fazendo, meus braços parecem pesar como chumbo, e meus pulsos estão doendo por ficarem amarrados. Cleber volta a subir na cama e tira o cetim de meus olhos. Ele está embaçado, e lindo.

- Olá, meu amor.
- Oi — consigo responder.
- Como está se sentindo?
- Presa.

Ele ri.

- Que bom.

Ele se ajoelha na cama e pega o membro grosso. Eu observo atentamente quando ele vem em direção ao meu rosto e deixa o pau ali, tão perto da minha boca. Vou com tudo para abocanhá-lo, mas meus braços presos me barram e volto para trás. Olho para ele com súplica, e ele parece entender, pois volta para baixo na cama e se posiciona no meio das minhas pernas. A maneira como me olha, como avalia minha expressão quando lentamente me penetra, me faz amá-lo ainda mais. E quando vou dizer isso a ele, ele se retira de dentro de mim. Não precisa pedir, ele para a cabeça do pau na minha entrada, e meu corpo clama tanto por ele, que apenas sorrio.

- Eu te amo — digo.

Ele fica parado, completamente parado me olhando.

— Eu te amo, Cleber. Muito. Mais do que qualquer outra coisa nesse mundo. Eu te amo.

Ele cai em cima de mim e me beija, e seu pau está dentro de mim, bombeando devagar, mas não lento demais, no ritmo certo. Sua boca me toma com voracidade, sua língua doma a minha como amo que ele faça. Então, cedo demais ele se afasta. Abandona minha boca, se retira de dentro de mim e solta meus pés. Imediatamente passo as pernas pelo seu quadril, e ele me penetra.

- Bem mais fundo — diz com a voz baixa e rouca.

Deita-se sobre mim e desamarra meus pulsos, e minhas mãos percorrem todo seu corpo, arranho-o e puxando-o para perto de mim. Sua boca reencontra a minha e seus movimentos agora são rápidos, e fortes. E logo, outro orgasmo me atinge e ele grita comigo, me apertando ainda mais quando goza em mim. Eu amo esse homem. Com todas as forças, e vou cuidar de dizer isso a ele todos os

dias, em todos os momentos.

Quando estamos tomando o café, estou toda dolorida, e Cleber ri pela forma estranha como estou andando.

— Era seu sonho esse tipo de dor, então não reclame — ele brinca.

— Vou ser sincera, danço muito a vida toda, sou acostumada a atividades físicas. Para você conseguir me quebrar como fez noite passada, Cleber, você pegou muito pesado.

— Você adorou.

— Adorei mesmo.

Sento-me a sua frente e meu braço parece pesar cinco quilos quando tento pegar a xícara. Cleber senta-se ao meu lado e a coloca gentilmente em minha boca. Pega meus pulsos vermelhos pelo cetim e acaricia.

— Está doendo?

— Essa deve ser a única parte do meu corpo que não está doendo.

Ele sorri.

— Ia comentar com você, mas acabei esquecendo. Ontem, aconteceu uma coisa estranha. Quando Samuel estava me trazendo para casa, o celular dele tocou...

Cleber solta minha mão e pega minha cabeça pelo cabelo, puxando levemente na direção dele.

— Por que não veio com Elias?

— Porque ele é meio assustador. Você já viu a cicatriz abaixo do olho dele? Como ele conseguiu aquilo?

— Não importa. Não pago o salário dele para que você fique andando de carro com seu chefe gay.

— Não seja um chato possessivo e ciumento.

— Sou exatamente assim, e avisei que seria. Você concordou, não reclame.

— Deixe-me comentar! Acho que o Léo ligou para ele. — Ao ver a expressão confusa em seu rosto, explico: — O Léo, irmão do Téó, dançarino. Ele ligou para Samuel.

— Você acha que estão tendo um caso?

— O que mais seria?

O sorriso que Cleber abre quase me assusta.

Quando me deixa na porta da Academia, digo antes de descer do carro:

— Tenha um bom dia, estúpido. Eu te amo.

— Tenha um bom dia também devassa, lembre-se disso quando for preciso.

— Lembrar o que?

— Que você me ama.

— Por que será preciso eu lembrar disso em um momento em particular?

Ele dá de ombros.

— Nunca se sabe. Apenas lembre-se.

Então arranca com o carro e tenho a sensação de que esse estúpido vai aprontar alguma coisa.

Cleber

Já tenho tudo o que preciso para ir atrás da tal Helena, menos coragem. Uma foto da criatura está na tela do meu computador, e juro por Deus que essa mulher tem bigode! E barba! Pelo menos não é cinza. Pretendo agir na hora do almoço. Talvez ela não goste de homens malhados e fortes como eu, talvez prefira os tipo modelo, como Matheus e sua cara delicada. É isso, ele devia ir comigo. Se bem que, ela perderia a paciência com as frescuras dele e não nos diria nada.

Como se tivesse sido invocado, Matheus aparece em minha sala. Está puxando uma mala enorme.

— Homem, vim me despedir e desejar boa sorte.

Aponto para a imagem na tela do PC e ele faz uma careta.

— Por que está olhando para essa foto? Isso é tortura antes da hora. Esqueça essa imagem e seja macho.

— Não dá para esquecer essa imagem, a mulher tem barba. Você vai mesmo viajar?

— Sim. E estou levando sua secretária.

— O quê? Que merda! Quando pretendia me contar isso? Não posso ficar sem uma secretária!

Ele arqueia apenas uma sobrancelha e tento imitá-lo, mas como sempre, falho miseravelmente.

— Vou emprestar minha secretária a você, mas cuide muito bem dela.

— Ela não será tão competente quanto a *minha* — ênfase a palavra minha apenas para irritá-lo.

Funciona, pois ele faz uma enorme careta.

— Nós dois sabemos que a Gil não é competente. É atrevida, respondona e preguiçosa. E é bom que acostume-se com a minha secretária, porque se tudo der certo, Gil não voltará para essa empresa. Pelo menos não para perto de você.

Cruzo os braços e o encaro com um sorriso divertido.

— Posso saber para onde vai com a *minha* secretária?

Ele revira os olhos e tenta não demonstrar nenhum nervosismo ao dizer o local.

— Baependi.

— Para a casa da sua mãe?

Ele confirma com a cabeça, não conseguindo mais esconder muito bem o nervosismo.

— Mas, ela não acha que você e Gilcelle estão noivos? — provoco.

— Sim. Vamos até lá mostrar como somos um casal de noivos feliz e apaixonado.

Não estou entendendo mais nada. Ele só por estar brincando.

— Vocês estão mesmo noivos?

Será que estou tão preso em meu mundo com Suzana e resolvendo os problemas com Botelho que nem percebi que meu amigo e minha secretária estão de caso de novo? Da primeira vez não percebi nada até encontrar Matheus chorando no dormitório da faculdade com uma foto dela e ouvindo Toni Braxton. Foi a primeira vez que ele ouviu essa música e nunca mais parou. Eu devia ter percebido antes.

— Ainda não.

Ele está confiante e calmo demais para quem vai viajar com uma maluca, para a casa da mãe maluca dele, para confirmar uma mentira.

— A Gilcelle concordou com isso? — Não é mais para provocá-lo, estou realmente curioso.

— De muito bom grado.

— Duvido muito.

Finalmente, a máscara dele cai, e um Matheus em pânico começa a falar:

— Não tenho outra saída, não sabia mais o que fazer. Estou cansado de ameaçar cada namorado que ela arruma e vigiar cada passo dela de longe. Preciso que ela não possa sair do meu lado, que não tenha escolha a não ser ficar comigo. Você entende o que estou falando?

— Perfeitamente, meu amigo. Você a chantageou para que ela vá com você?

Todo o medo desaparece e ele volta a sorrir.

— Claro que não! Não sou tão estúpido quanto você! Eu fiz uma proposta. Ela podia ter negado. Só cuidei para que não quisesse negar.

Nem posso imaginar que espécie de proposta convenceria a Gilcelle a viajar com Matheus, e ainda fingir que é noiva dele. Isso tem tudo para dar errado, mas espero que meu amigo saia vivo, e noivo dessa.

— Você a convenceu com uma proposta? Uma estúpida proposta, eu imagino. Nesse caso, só posso te desejar boa sorte. Toda sorte. Muita sorte mesmo. Você vai precisar.

— Obrigado, mas acho que vou precisar de bem mais do que isso.

— Eu sei. Bem mais mesmo. Muito mais.

— Entendi! — ele diz com uma carranca.

— Só estou frisando, enquanto há tempo de desistir.

Ele me encara com uma enorme careta.

— Bah! — grita de repente.

— Desde quando fala interjeições gaúchas? — pergunto confuso.

A porta abre e uma mulher entra. Ela é baixinha, tem o cabelo negro liso, e é muito elegante.

— Essa é minha secretária, Bah. Bah, esse é Cleber Dantas.

A mulher estende a mão para mim e a aperto.

— Bah? Esse é seu nome?

— Na verdade é Bárbara, mas pode me chamar de Bah.

— Agora que foram apresentados, eu vou indo. Ainda tenho que me despedir do Sebastian e da Celina. Vou deixá-por último, porque provavelmente ela vai me ameaçar.

Ele sai e sua secretária me seca com os olhos. Acho divertida a forma como ela avalia meu físico. Cruzo os braços ressaltando os músculos e seus olhos se demoram neles.

— Você é comprometido? — ela pergunta.

— Sim.

— E sua namorada é louca como a do Sebastian?

— Não.

Imediatamente ela abre os dois primeiros botões da blusa.

— É ainda mais louca — comento e ela imediatamente fecha os botões de novo.

— Vou verificar seus compromissos para hoje, senhor Dantas.

— Obrigado, Bah. Não se preocupe, não sou cheio de frescuras como o Matheus.

— Ainda bem, porque as manias dele meio que me davam nos nervos.

— Imagino.

— Com licença, senhor Dantas.

A atrevida ainda dá uma boa olhada no meu corpo de novo antes de sair e só posso rir.

Na hora de me despedir de Gilcelle, a abraço e aconselho:

— Seja uma boa menina, Gil. Esqueça o passado, pense em sua felicidade e pega leve com ele.

— Isso, de jeito nenhum! Só estou indo a essa viagem para fazê-lo pagar!

— Pelo menos tente devolvê-lo vivo. A V.D.A. precisa dele.

— Verei o que posso fazer — ela diz de má vontade.

Pobre Matheus.

Chego ao restaurante e nem é preciso procurar muito para avistar Helena, vulgo: Tribufu. A mulher tem o cabelo em formato de capacete, e tão alto, que a avisto acima de todas as cabeças do restaurante. Sento-me em uma mesa próxima e a observo por um tempo. Logo, me arrependo de ter feito isso, pois,

enquanto come uma gordurosa asinha de frango com queijo, a mulher cutuca o nariz. Meu estômago revira e quero sair correndo. Botelho não vai mais tirar dinheiro da V.D.A. mesmo, talvez eu possa deixar Heitor, PP e o resto da quadrilha livres.

Não. Não posso. Tenho que enfrentar o tribufu. Penso em Suzana, me lembro de cada detalhe de seu rosto lindo, de seu corpo fabuloso e me aproximo da mesa da morte.

— Boa tarde, linda. Posso me sentar com você?

Tribufu para de chupar os dedos gordurosos e me encara espantada. Nunca cheguei tão mal em uma mulher, minha voz falhou e se fosse uma mulher como a Suzana, por exemplo, teria apenas me mostrado o dedo do meio, e nem se dado ao trabalho de olhar para mim.

Ela assente e me joga na cadeira.

— Desculpe atrapalhar o seu... — Olho os restos de frango triturados em seu prato — almoço.

Ela assente freneticamente com a cabeça. Preciso que ela comece a falar. Vamos Cleber, seja macho! Você é lindo! Gostoso! Você consegue!

— Qual o seu nome? — pergunto lançando meu melhor olhar para ela.

— Helena.

— Sou Cleber. — Não estendo a mão a ela, não depois do que a vi fazer com os dedos, mas sorrio de novo, e ela cora. — Você vem sempre aqui?

Ela assente.

Isso foi péssimo! Pergunta idiota e nada original. Não vou conseguir.

Como um maricas, vou enfiar o rabinho entre as pernas e sair sem nada. Não posso fazer isso. É como se não conseguisse sequer formular uma cantada decente, não é a Suzana aqui, mesmo sendo um tribufu, eu conseguiria por um bem maior, mas porra, não posso. Decido jogar a merda toda na mesa e rezo para que ela não arremesse os frangos chupados em minha cabeça, além de não me dizer nada.

— Helena, é o seguinte...

É aí que duas mulheres aparecem do nada. Uma delas, vestida de forma simplória, apoia a outra, que anda com dificuldade por causa da enorme barriga, e também está vestida de uma maneira bem simples, com um vestido muito florido e um lenço na cabeça. A mais alta puxa uma cadeira da mesa ao lado e a barriguda se senta, e aí as reconheço.

Pisco os olhos diversas vezes tentando entender o que está havendo. É um ataque de pânico. Estou tendo visões que parecem reais, peguei a doença da Suzana. Ou isso, ou Suzana e Celina estão aqui na minha frente, vestidas de forma estranha e fingindo que não me conhecem.

Helena avalia a barriga de Celina e Suzana pisca para mim. Estão tramando alguma coisa, essas duas.

— Você é Helena Ramalho? A mulher de Edmundo? — pergunta Celina com uma voz chorosa.

Helena olha com desconfiança e Suzana começa a abanar Celina, pedindo que ela se acalme. Por fim, Helena confirma com a cabeça. Celina abaixa a cabeça e finge estar chorando, e Suzana começa o teatro.

— Eu sabia, eu disse Célia, disse que esse safado era casado.

Helena ainda as observa em choque. Então, Suzana tira de uma bolsinha pequena e surrada, uma foto, e a estende a Helena. É uma foto do noivado de Celina e PP.

— Esse safado seduziu minha prima e a embuchou. Então a pediu em casamento. O bebê está quase para nascer e ele sumiu.

Helena tira a foto das mãos de Suzana e arregala os olhos. Então volta a olhar para a barriga de Celina, e de volta para a foto.

— Não somos casados, mas temos um relacionamento. — Ela admite, olhando-me com pesar. — Eu não sabia nada sobre filho nenhum, mas se querem o endereço dele...

Celina levanta a cabeça tão de repente e grita um sonoro “não”, que até eu dou um pulo na cadeira.

— Não quero o endereço dele, não quero nada dele. Vou criar meu filho sozinha.

Helena parece concordar com a atitude dela, mas logo, fica confusa.

— Se não quer encontrar Edmundo, por que está aqui?

— Porque quero me vingar. E preciso da sua ajuda.

Helena parece assustada, elas estão indo rápido demais. Preciso ajudar.

— Isso é ótimo. Você também foi enganada Helena, não precisa passar por isso. Pode ter qualquer homem aos seus pés. Ajude-a a se vingar do salafrário.

Helena volta a me avaliar dos pés à cabeça e percebo pelo canto do olho a careta de Suzana, mas parece funcionar.

— Do que vocês precisam? — pergunta receosa.

— Quando estava comigo, Edmundo disse alguma coisa sobre uma empresa, um tal de Botelho e um tal de Heitor. Eu os vi com ele algumas vezes. Sei que era algo importante e secreto. Quero desmascará-lo.

Helena arregala os olhos e se levanta.

— Não posso falar sobre isso.

As coisas acontecem rápido demais, Helena se vira para sair, um garçom passa com uma bandeja, e num movimento fluido e muito bem calculado, Suzana bate discretamente a mão na bandeja do garçom, virando as quatro taças em Helena.

Todo o restaurante a encara, enquanto o garçom se desculpa. Acho que ela não viu o truque de Suzana. Ela volta a se sentar tentando secar a roupa e saca um lenço do bolso estendendo-o para ela.

— Edmundo não é o chefe disso, não adianta procurar por ele — ela diz enquanto se seca.

— Mas então, como posso derrubá-lo?

— Você tem que ir até os irmãos, os filhos de Botelho, eles são os chefes. Mas não vai encontrá-los, estão dando o maior golpe da história deles. Em algum político. Não sei mais do que isso.

— Quem são esses irmãos?

— Não sei dizer — ela está mentindo, mas se o que estou pensando estiver correto, sei exatamente quem são os chefes da quadrilha de Heitor.

Pisco para Suzana e aceno com a cabeça e percebo que ela também entendeu. Apenas Celina continua insistindo que a mulher diga mais alguma coisa.

— Vamos Célia, deixa a moça em paz, ela não tem culpa — diz Suzana e arrasta uma Celina confusa pelo restaurante afora.

Minhas garotas são geniais. Levanto-me para ir também, mas Helena me segura pela gravata.

— Eu ajudei as meninas, bonitão, agora quero meu prêmio.

Merda! Minha gravata agora tem as manchas de gordura dos dedos dela. E eu tenho um enorme problema. Olho para a porta esperançoso, por que a bruxa da Suzana não entra aqui e me salva? Helena dá um puxão na gravata e minha cabeça quase bate no prato de frango triturado, ela vem com aquela barba e aquele bigode na direção da minha boca, quando um barulho a faz se afastar com um grito. Foi atingida por uma sandália de dedo.

— Mas de onde saiu isso? — ela pergunta olhando para todos os lados e alguns garçons se aproximam.

Celina, minha diva. Aproveito a confusão e escapulo, para encontrar minha dupla preferida recostada em um carro, meu carro. E Celina descalça de um pé.

— Vocês são demais!

Vou abraçar Suzana, mas ela me afasta.

— Você ia beijar a tribufu. Não acredito, Cleber.

— Amor, não era por querer, aquilo foi quase um estupro.

Ela me lança um olhar irritado e entra no carro.

Na V.D.A. explico para Celina o que Suzana descobriu sobre o novo caso de Samuel e fica claro para ela também que os gêmeos amiguinhos de Suzana estão envolvidos. Suzana foi para a casa com Elias, e a fiz jurar que não procuraria nenhum deles sem mim. Temos que bolar um plano, nada pode dar errado.

Quando chego em casa à noite, minha bruxinha está chateada pelo meu quase beijo roubado no restaurante. Ela mal fala comigo, e quando passeio meu pau duro por sua bunda à noite, ela o aperta. Está realmente brava.

Quando acordo de manhã, ela já saiu. Meu dia começa péssimo, até que chego a V.D.A., e ali, em cima da minha mesa, está o jornal do dia. E a matéria principal dá uma guinada em meu humor:

Filho do governador tem caso escondido com garotos de programa.

Deu certo. É uma questão de horas para que a Academia Mineira de dança pertença a Suzana Leal.

Suzana

Samuel não apareceu para me levar a Academia hoje, e como não quis acordar Cleber, acabei vindo no carro de Elias. O homem (de dois metros) ficava me encarando e confesso que senti um certo medo. Para descontraí-lo, lhe estendi um chiclete, que ele pegou sem agradecer. Mal educado.

— A senhorita não gosta de mim — afirma.

— Não seja ingrato, eu divido meu almoço com você todos os dias, e acabei de te dar meu último chiclete.

Não estou olhando para ele, mas sabe quando você sente que a pessoa está te olhando? Pois é.

— Máquina de costura — ele diz.

— O quê?

— Consegui essa cicatriz abaixo do olho em uma máquina de costura. Com oito anos.

Demoro um pouco para processar a informação, ainda estou meio dormindo e ele falou isso do nada.

— Como isso é possível? — pergunto ao tentar imaginar dez maneiras diferentes de alguém acabar com uma cicatriz abaixo do olho em uma máquina de costura, mas não conseguir imaginar nem três.

— Minha mãe tentou me costurar. Ela não batia bem. Pobre velinha.

Eu o encaro em choque e ele está sério.

— Então, nada de perseguições alucinantes, bandidos perigosos, nem ameaças? — pergunto decepcionada.

— Nada disso, sinto muito.

— Ok. Isso é meio chato na verdade. Você é casado?

— Não.

— Bom, se alguma mulher te perguntar, diga que foi de uma maneira mais interessante.

Finalmente ele sorri.

— Pode deixar. Será que é isso? — pergunta depois mais para ele mesmo.

O celular dele toca e ele atende pelo viva-voz do carro.

— Bom dia, senhor Dantas.

— Elias, a Suzana está com você?

— Sim senhor, estamos chegando a Academia.

— Graças a Deus. — Cleber solta uma respiração dramática — Bom dia, Elias. A ligação está no viva-voz?

— Sim senhor.

— Suzana, sua bruxa, malvada e cruel. Não teremos filhos por sua causa.

— Eu só toquei seu pau, não seja um bebê chorão.

— Você não está falando sobre o meu pau na presença do segurança!

— Foi você quem começou!

— Quando você chegar em casa hoje, vai levar umas boas palmadas, para aprender a sair sem me dar bom dia. E a dormir sem me dar... nada... — ele diz a última palavra com um sorriso na voz e já estou sorrindo também.

— Cleber, querido. Vá dar palmadas no tribufu. Ou no Samarão, já que você parece gostar desse tipo de coisa. — Viro-me para Elias. — Preciso encerrar de uma maneira triunfal, como desliga isso?

Ele sorri e encerra a ligação.

— Obrigada.

Quando vou descer do carro, Elias diz:

— Não sou má pessoa, senhorita, não sou perigoso. Não precisa ter medo de mim. O senhor Dantas jamais permitiria que alguém em quem não confiasse cem por cento se aproximasse da senhorita.

— Eu sei. Máquina de costura. Entendido.

Samuel também não está na Academia e é a primeira vez que ele falta. Ligo para seu celular, mas ninguém atende. Da minha sala, reparo os cochichos pela academia, alguma coisa aconteceu. Aproveito a ausência do chefe e vou a cafeteria da esquina tomar um café. Faz dias que não gosto do café daqui, prefiro o do Cleber, é doce e forte na medida certa. Peço um cappuccino para não traír os cafés do meu namorado safado, e quando me sento a mesa, descubro o que aconteceu. Há um jornal esquecido ali, e a matéria principal quase me faz cair para trás:

Filho do governador tem caso escondido com garotos de programa.

Uma foto de Samuel aos beijos com Léo está estampada, e Téó aparece logo atrás dos dois. Os três, seminus, mas dá para ver claramente que se trata de Samuel. Como isso foi acontecer? Imediatamente tento ligar para ele de novo, mas não me atende. Nem Téó e Léo, e na verdade, não queria mesmo falar com os meninos. Ainda não acredito que meus meninos sejam os chefes de uma quadrilha, pelo amor de Deus! Mas acho que podem estar sendo usados pelos verdadeiros donos, pois acho que o político que vai tomar o golpe que a Tribufu nos alertou, é Samuel. Ela pode ter se confundido, já que ele é filho de um político.

Enquanto caminho de volta a Academia, vou pensando, tentando juntar as

coisas. Trabalho com meus meninos há tanto tempo, e não sei absolutamente nada sobre eles. Já dormi na casa deles, eles cansaram de me ver nua, eu os toco mais do que qualquer outra mulher sem estar pagando para isso, e mesmo assim, de repente, sinto que não os conheço. Não sei de onde vieram, quem são seus pais, o que fazem quando não estão no Red. Só não consigo acreditar que eles sejam chefes de uma quadrilha. Sei que são novos demais, e bobos demais para isso.

O dia se arrasta, os cochichos sobre Samuel não diminuem, e nem sinal dele. Apenas no fim da tarde, é que ele aparece. Está acabado, claramente andou chorando, e anda entre as pessoas que o observam de cabeça baixa. Chamo por ele que não me responde, mas o sigo assim mesmo até sua sala, onde ele começa a colocar algumas coisas em uma caixa.

— Samuel, como você está?

Ele não responde de imediato. Joga mais algumas coisas na caixa e sequer olha para mim.

— Você precisa de alguma coisa? — Tento de novo e finalmente ele me olha.

— Parabéns, Suzana. Parabéns! Diga ao seu namorado que ele conseguiu, ele acabou comigo!

— Do que você está falando?

— Então você não sabe? Claro que não sabe. — Ele pega um exemplar do jornal e joga em mim — Ele fez isso! Seu namorado, pagou alguém para me seguir e tirar essas fotos, para me afastar de você.

— Cleber não faria isso.

— Mas ele fez. Vamos, ligue para ele, confirme!

— Samuel, acalme-se...

— Você, pode pegar suas coisas e sair daqui agora! Rua! Está demitida!

Fico ali parada, em choque, morrendo por dentro por cinco segundos, até entender que ele acha que Cleber tem algo a ver com isso, pode ser que tenha, mas nem quero começar a imaginar que ele seria capaz de uma coisa dessas. Me viro para sair mesmo, mas então, a raiva me domina, me volto para ele de novo, e digo com toda classe:

— Na verdade, não deveria estar me punindo, já estava mais do que na hora de você sair do armário.

Ele arregala os olhos e me encara em choque:

— Isso mesmo, você dá atrás? E daí? Você gosta de homens? E daí? Seu pai é a merda do governador? E daí? Não é a bunda dele que você anda distribuindo. Olhe para você, um homem formado, que só sabe levar mulheres a programas infantis, tinha mais era que gostar de homens mesmo! E se sua família não está satisfeita, que se danem! Vá viver sua vida! Você não tem que ser o que querem

que seja. Vá dar o seu rabo pra quantos garotos de programa você quiser, liberte-se! Vista suas roupas rosa e seja feliz!

Já estou gritando quando acabo meu desabafo. Samuel está totalmente parado, sem reação, olhando para mim. E eu me sinto aliviada, relaxada e estranhamente tranquila. Me viro para sair de novo, e ele fala.

— Não uso rosa. Sou um homem, e não uso rosa.

— Homens usam rosa. E podem ser mais machos do que você.

— Pode ser, mas eu não. E você está certa, não sei o que fazer com uma mulher, porque cara, não gosto de mulheres. É sério, não gosto mesmo! Não só não gosto de me envolver com elas, não gosto nem de vê-las. Exceto quando estão dançando, mas mulheres são chatas, desconfiadas, maldosas e cruéis.

— Fale pelas mulheres da sua família — digo irritada.

— Sou gay! — ele grita.

— Samuel é gay! — grito para ajudá-lo e ele sorri.

— E você está demitida.

— Filho da puta. Eu te dei apoio.

— Não estou fazendo isso porque quero. Não sou mais o dono da Academia.

De repente seu semblante fecha de novo e ele fala com a voz irritada:

— Agradeça ao seu amado Cleber, por mim. Aquele imbecil ainda me paga.

— Cleber não tem nada a ver com isso!

— Bobinha, quantas vezes eu te disse que ele não presta? Vá Suzana, vá procurá-lo, tire você mesma a prova.

Empino o rosto, giro no salto e saio dali. Correndo. Direto para a rua, para o carro de Elias. Que Cleber não tenha nada a ver com isso, meu Deus.

Quando chego a V.D.A., Cleber está tomando champanhe com Sebastian em sua sala. Ouço apenas o final do que ele está dizendo ao me aproximar:

— Tenho certeza de que a essa hora, a Academia não pertence mais a ele.

Então entro como um furacão. Sebastian tem apenas um sobressalto com minha entrada repentina, mas Cleber, berra.

— Ahhhhhh. Mulher! Você quer mesmo me ver morto! Meu pau e meu coração em menos de vinte e quatro horas!

Ao ver que não sorrio, Sebastian se levanta e sequer me cumprimenta, deseja sorte a Cleber e bate a porta ao sair.

— O que houve, amor? Ainda está brava por causa do tribufu?

Pego o jornal que está em sua mesa e mostro a ele.

— Cleber, querido. Me diga por favor, que você não tem nada a ver com isso.

Aponto para a notícia e ele não diz nada. Tento de novo:

— Amor, estou te dando uma chance clara de não me transformar em uma

assassina. Me diga, por favor, que você não tem nada a ver com isso! — grito.

Ele se levanta, para de frente para mim e diz com toda sinceridade.

— Sim, eu sou o responsável por isso.

Não há arrependimento na maneira como fala. Ele deve estar brincando. Cleber é meio louco e completamente estúpido, mas não é mau. Ele não prejudicaria assim alguém que me estendeu a mão, apenas por ciúmes.

— O fato de você ter ciúmes de mim, e dele, isso tem algo a ver com o que você fez?

— Sim Suzana, isso tem a ver. Mas é mais do que isso.

— Nem precisa começar a dizer — respondo e saio de sua sala.

Ele não me segue. Sabe que preciso do meu tempo. Preciso dirigir.

— Elias, saia do volante.

— Ah não, senhorita Suzana, o senhor Dantas já me alertou que a senhorita é um perigo dirigindo.

— Saia da merda do volante!

— Eu acabei de comprar esse carro, e ainda nem me casei, quero ter uma mulher um dia, não me mate antes da hora!

— Saia desse volante agora mesmo ou vou rasgar minhas roupas e dizer ao Cleber que você me atacou.

Ele arregala os olhos e desce do carro. Subo no banco do motorista e o encaro.

— Você vem?

Ele nega imediatamente com a cabeça, mas parece mudar de ideia.

— Se eu for, a senhorita vai me matar em um acidente de carro. Se eu não for, o senhor Dantas me mata por deixá-la dirigir sozinha. Merda. Que fique claro que se eu sair vivo disso, eu me demito.

Ele entra no banco do carona e acelero o carro. Não sei de onde sai tantas coisas que encostam no carro dele, e cada vez que algum carro invade minha faixa, ou alguma calçada entra debaixo dos pneus, ele solta um palavrão e resmunga.

— Eu não dirijo tão mal assim! — respondo quando ele começa a rezar Ave Maria.

— Eu nem chamaria isso de dirigir.

— Idiota!

Paro na porta do meu prédio e salto do carro. Vou para meu apartamento, mas Cleber, está lá, claro que está.

As coisas estão confusas na minha cabeça, estava pesando enquanto dirigia, gosto de fazer isso, pensar na vida enquanto dirijo, me tranquiliza (não faça isso você, por favor), é libertador. E pensei no que Cleber fez, foi horrível. Ele não tinha o direito de acabar com toda a carreira de Samuel por ciúmes. Não tinha o

direto de expor suas preferências e fazê-lo perder a família, por ciúmes. Mais uma vez, ele foi egoísta ao extremo. Nunca pensei que ele fosse capaz de uma coisa assim. E nunca pensei que eu entenderia de certa forma uma atitude assim dele. Ele me ama. Mostra isso o tempo todo, e tem tanto medo de me perder, e juro que não entendo porque sequer cogita a hipótese de ficar sem mim. Será que ele não vê que só tomo o café dele? E sou viciada em café, isso é muita coisa! É amor mesmo! Sei que teremos que trabalhar isso, esse ciúme e esse medo. Mas hoje, não.

Samuel está envolvido com meus meninos, que estão envolvidos de alguma maneira com Heitor e seu bando. A única forma de descobrir o que está realmente acontecendo, é chegando até Samuel e os meninos. Então, preciso de uma noite das meninas na casa deles, com Samuel a tiracolo. Sei exatamente como fazê-los falar.

Jogo algumas coisas em uma mochila e Cleber logo barra a porta.

— Aonde você vai?

— Dormir fora.

— De jeito nenhum.

— Não tenho pai.

— Tem um homem. Sou seu homem, você não vai sair assim, sem mim.

— O fato de eu tê-lo não quer dizer que esteja presa a você. Você é meu, parabéns, agora eu vou sair.

— Suzana...

— Nem começa. Se essa conversa acabar em uma chantagem, Cleber Dantas, eu mato você!

Ele dá um passo para trás assustado. O maldito ia mesmo me chantagear de alguma maneira. Quando me aproximo da porta, ele me pega pelas pernas e me joga no sofá.

— Não vai amor, desculpa, você não entende, mas precisei fazer isso. Por favor, não vá.

— Eu preciso ir, Cleber. É só hoje, apenas essa noite. Vou para a casa de umas amigas.

— Você não tem amigas.

— Você não conhece. Deixe-me em paz, apenas hoje. Amanhã continuamos com isso, seus jogos, chantagens e toda sua estupidez, amanhã. Hoje, eu quero ficar sozinha.

Ele abaixa a cabeça e a deita em meu pescoço.

— Eu te amo.

— Eu sei, Cleber.

— Odeio quando você responde isso.

— Eu sei, Cleber.

— Vou morrer um pouco sem você aqui.

— Eu... deixe-me ir.

— Eu disse que você deveria se lembrar que me ama em momentos específicos, não disse?

— Eu me lembro.

— Não esqueça — ele diz e deixa que eu saia.

Quando entro no elevador, ele grita da porta do meu apartamento:

— É uma prova que eu mudei. Você sabe que jamais a deixaria sair assim, sabendo que vou cantar sofrência sem você aqui. Só estou deixando que vá, para que você fique bem, mas eu vou ficar na merda. Lembre-se disso Suzana!

As portas do elevador se fecham e tenho que rir.

Ah Cleber, o que é que eu vou fazer *com* você?

Terei tempo para decidir pois agora, preciso fazer algo *por* você. Preciso provar a existência da quadrilha de Heitor, Botelho, PP, e meus meninos. Espero mesmo que eles não estejam envolvidos, mas a essa altura, sei que isso é quase impossível. E por favor Cleber, se vai sofrer por mim hoje, faça isso ouvindo música de homem.

Capítulo 18

Suzana

O tempo todo dentro do táxi, fico pensando no que fazer com Cleber. Eu o amo, não é uma atitude exagerada por ciúmes que vai nos separar, mas preciso fazer algo para que ele entenda que o amo, e que ele não pode tentar me afastar de qualquer ser masculino que eu encontrar pelo caminho. Pensando nele, que deve estar agora bebendo meu estoque de vinhos baratos e cantando sofrência, me distraio, e só deixo para me preocupar de verdade, quando chego em frente ao prédio dos meninos. Somente quando olho para o prédio, me dou conta de que deveria ter um plano. Seduzi-los não vai funcionar porque são gays. Embebedá-los até que confessem, menos ainda. São bebedores profissionais. Terei que conseguir que me deixem entrar, mas e depois? Preciso de provas, fazê-los confessar tudo para mim não vai adiantar de nada. Então, tenho uma ideia. É minha única ideia e estamos no final do livro, portanto, tem que funcionar, certo?

Volto para o táxi e dou mais umas voltas enquanto faço uma ligação. Dou o prazo de uma hora para que a ligação surta algum efeito, e então, volto para o prédio dos meninos. Sei que o Red não abriu hoje, Cidão está resolvendo um problema com Botelho e preferiu não arriscar nenhum de nós. Não haverá melhor momento do que este. Que comece o show.

Eu não preciso ser anunciada para entrar ali. Subo direto ao apartamento e bato. Um Téó sem camisa e todo bagunçado abre a porta, ao me ver, ele parece se assustar, mas ao perceber o estado em que me encontro, me deixa entrar.

— Ei, Suzana o que houve?

— Terminei com o Cleber. Não quero vê-lo. Será que posso passar a noite aqui?

Ele me abraça e tenta me acalmar. Mas noto que está nervoso. É aí que o vejo: Samuel. Ele aparece também sem camisa, desfilando pela casa como se morasse ali. Se assusta ao me ver e olha para Téó meio em pânico, mas logo Léo surge atrás dele, vem até mim e me abraça.

— Tudo bem, é a Suzana, nossa amiga, já devíamos ter contado para ela — fala com Téó.

Conto a eles uma mentira, que terminei com Cleber ao saber que ele enviou as fotos de Samuel e os meninos para o jornal, e finjo estar em choque por encontrar Samuel ali. Mais uma vez sou abraçada pelos três, me sinto uma

salsicha disputada por três pães, quando só cabem dois a minha volta, mas não reclamo. Quando se afastam, jogo a bolsa no chão, faço um nó no cabelo, e ajo como a Suzana amiga agiria.

— Não quero falar dele. Quero beber. E fazer unhas. Coisas de menina.

Téo ainda me encara, quando Léo animado vai pegar seu kit manicure e Samuel meio sem graça me serve algo para beber.

— Você vem muito aqui? — pergunto a ele.

— Tenho vindo nesses últimos dias.

Concordo e enrolo para beber o que quer que ele esteja me dando, e acho que Téo percebe isso também. Sentamo-nos todos ao redor da pequena mesa de centro da sala, e enquanto faço as unhas de Léo, vou puxando conversa com Samuel.

— Então, esse relacionamento de vocês é sério?

O sorriso que Léo abre me convence de que ele realmente gosta de Samuel. Não está dando um golpe nele, alguma coisa está errada.

— Seriíssimo — responde Samuel.

— Ele não quer me assumir — reclama Léo.

— Ainda não é o momento.

— Ah, por favor! O Cleber já arrancou as portas do seu armário, você não quer me assumir mesmo assim.

— Fofinho, ainda tenho esperança de acalmar meu pai. Preciso disso para te dar uma vida de luxo.

Tenho um sobressalto pela forma carinhosa como Samuel chama Léo e tiro um bife da unha de Léo, que resmunga.

— E pensar que eu fui apaixonada por ele por tanto tempo. Me sinto quase traída, Léo — resmungo e ele sorri.

— Foi mal, baby. Sei que ele foi o amor de toda uma vida, mas agora é meu. Ou vai ser um dia.

Os dois voltam a discutir sobre Samuel assumir ou não Léo, quando Léo diz algo que chama minha atenção:

— Não vai ter que se preocupar com dinheiro se transferir tudo para o que te propomos.

Começo a prestar atenção à discussão dos dois, mas me esqueço da unha de Léo e praticamente arranco um pedaço de seu dedo. Ele grita, tira o pé de perto de mim e sai pulando pela sala.

— Desculpe.

— Suzana! Você nunca me tirou um bife sequer. O que houve?

— Estava pensando em Cleber — minto.

Téo se aproxima por trás e me abraça. E devo estar mesmo louca, mas tenho a

sensação de que há algo diferente no abraço dele, é o mesmo de sempre, mas não vejo mais como sempre. Ele encosta a boca em meu ouvido.

— Vai ficar tudo bem, baby. Você sabe que tem a mim, sempre teve.

— Eu sei — digo, mas não consigo afastar a sensação de que alguma coisa está errada.

Léo não me deixa mais fazer sua unha e me sinto ultrajada, eu sempre fiz a unha dele. Então resolvemos fazer uma sessão de filmes de mulherzinha. E quando digo filmes de mulherzinha, são de mulherzinha mesmo, começando com *Vestida para casar*. Preciso ter alguma boa ideia para conseguir ficar sozinha com Samuel. Preciso que a informação venha dele.

— Vou fazer pipoca — digo de repente. — Você vem comigo? — chamo Samuel.

— Não gosto de pipoca — ele responde.

— Jura? Você sempre me levou a programas tão infantis, achei que gostasse de tudo que crianças gostam.

Ele faz uma careta.

— Só a levava a sorveterias e parques porque quando era mais novo e tentei ter uma namorada, ela terminou comigo semanas depois dizendo que eu era um péssimo namorado que não a levava para parques e sorveterias como namorados comuns.

— E quantos anos você tinha quando isso aconteceu? Nove? Porque hoje em dia os programas de namorados são totalmente diferentes.

— Eu vou com você fazer a pipoca, Suzana — se oferece Téó.

— Na verdade, eu queria a pipoca do Léo.

Léo faz uma careta, mas faço uma cara de sofrida e ele acaba cedendo. Me livrei de um, agora preciso afastar o outro.

— Téó, você me traz uma água com gás?

— Claro baby. Já volto.

Assim que ele sai, não perco tempo, me viro para Samuel, que logo vai falando:

— Eu sabia que ele faria algo para me prejudicar, Suzana. Soube no momento em que ele me ameaçou.

Ameaçou? O quê?

— De quem está falando?

— De Cleber, e de ter me ameaçado dizendo que me faria perder a Academia.

— Quando foi isso?

— Quando fui até a V.D.A.. — Ao ver que pareço surpresa, ele sorri. — Pelo jeito seu amado andou te escondendo as coisas. Isso muito me admira. Ele me chamou até lá e me ameaçou. Queria que eu vendesse a Academia para ele,

porque ele queria ser seu chefe. Como eu não quis, disse que ia acabar comigo.

— Isso não é verdade — protesto.

Cleber não faria isso. Um ataque de ciúmes é uma coisa compreensível, embora não deixe de ser idiota, mas fazer isso por vingança porque Samuel não quis vender o que ele mais ama? Cleber não é assim. Não posso acreditar.

— É a mais pura verdade. E ele conseguiu, acabou comigo, perdi a Academia.

— Ele não faria isso! — respondo aos gritos e Téó, retornando a sala, me abraça.

Não era a informação que eu queria, as coisas estão dando tão erradas essa noite!

— Acalme-se querida. Acalme-se. Ele fez. Samuel nos contou no dia da ameaça. Você não deveria estar surpresa baby, Cleber é um tremendo de um chantagista. Você sabe disso melhor do que ninguém — diz Téó me estendendo a água, que viro de uma vez.

— São chantagens inofensivas, porque está apaixonado. Ele não faria nada para prejudicar alguém assim.

— Há poucos meses, ele e Sebastian arruinaram um conhecido empresário chamado Luciano Cartariam. Tudo porque Luciano deu em cima de Celina, a noiva do Sebastian. Agora fizeram o mesmo comigo. Desta vez, Cleber agiu sozinho. Ele é assim, eu sinto muito Suzana, mas esse é o verdadeiro Cleber — diz Samuel.

— Não é! — grito de novo e odeio a forma como me olham com pena.

Estou em choque. Eu ouvi algo sobre esse Luciano e sua falência, e acho que já vi em um jornal uma briga entre esse Luciano e a Celina. Mas arruinar a carreira do homem? Como fizeram com Samuel? Cleber não é assim. Celina não é assim. Tem que haver uma explicação.

— Ainda não acredito que Cleber fez isso — digo só para que eles saibam que não vou aceitar isso assim, só porque é o que estão dizendo. Tenho que ouvir isso da boca dele. — Preciso de um café! — peço a Téó.

— Vou fazer, mas acalme-se.

Ele sai correndo para a cozinha e tenho a minha chance de novo. Tento não pensar em Cleber ameaçando Samuel, mas antes que eu faça qualquer pergunta, o próprio Samuel acaba de novo com minha linha de raciocínio:

— Eu pretendia me casar com você, Suzana. Sei que não seria o homem que você sempre quis, mas chegaria o mais perto disso. Muito mais perto do que esse Dantas vai chegar um dia. Eu daria a você uma vida de rainha, te daria tudo. Um musical, luxo, joias, tudo. E prazer. Eu não a tocaria, é claro, mas ele, sim — ele diz apontando para Téó, na cozinha. — Quando a estava investigando e a vi no Red com eles, tudo se encaixou perfeitamente. Começamos a ter um caso, Léo e

eu. E Téo, às vezes participa. Mas quando disse a ele que pretendia me casar com você, ele se ofereceu para ser seu homem. Para ser aquele que te daria prazer.

— O quê? Téo? Mas ele não é gay? — Essa noite está cada vez mais estranha.

— Acho que ele tem uma paixão reprimida por você. Alguma coisa, mas ele se ofereceu para ser o seu homem na cama, enquanto eu seria o seu homem no papel.

— Mas ele é gay, e eu não sou um homem! — insisto.

Samuel apenas dá de ombros.

— Quer dizer, que se nos casássemos, os gêmeos viveriam com a gente? — Preciso saber até onde vai a relação deles, e se Samuel ao invés de uma vítima, também não é um envolvido nessa quadrilha.

— Com certeza. Nós vamos embora, Suzana. Vamos sair daqui. Você pode vir conosco. É a única mulher de quem eu gosto, não me importaria de ter sua companhia.

Vejo que Téo já desligou a cafeteira, em breve estará de volta, então tenho que me concentrar no que preciso arrancar dele e não no que poderia ter sido minha vida bizarra se tivesse me casado com Samuel.

— Você deu algum dinheiro a eles? — pergunto de repente.

Samuel se assusta com a mudança brusca de assunto.

— Deu, Samuel? Você assinou alguma coisa, ou passou algum dinheiro para Téo ou Léo?

Ele se levanta claramente confuso, e começo a me desesperar, tenho pouco tempo, preciso que ele fale.

— Tem alguma coisa errada, não tem? — ele pergunta desconfiado.

Levanto-me também, e abaixo o máximo a voz para que mais ninguém me escute.

— Sim. Vou te explicar tudo, mas eles não podem desconfiar de nada.

Ele assente e se aproxima de mim.

— Dei todo meu dinheiro a eles, e assinei apenas os papéis do investimento.

Não faz sentido. Se Samuel foi praticamente deserdado, perdeu a Academia e já entregou todo seu dinheiro, o que mais querem arrancar dele? Por que ainda não o deixaram?

— O que mais querem de você? Que dinheiro Léo estava te pedindo?

Ele abaixa a cabeça envergonhado e sou obrigada a puxá-lo pelo cabelo para que olhe para mim.

— Tenho acesso a conta principal do meu pai.

— Você não fez isso! Me diga que não transferiu dinheiro do seu pai para ele.

— É um investimento! Com o retorno eu poderei devolver esse dinheiro ao

meu pai, e ainda terei dinheiro o suficiente para viver bem!

— Não há investimento algum! Estão te passando a perna! Fazem parte de uma quadrilha! — grito.

Não, você não leu errado. Eu fiz mesmo isso. Após todo cuidado para ficar sozinha com Samuel e para que ninguém desconfiasse de nada, acabei de gritar na sala da casa de dois suspeitos. Que eles fazem parte de uma quadrilha. Não é necessário reparar que o barulho de pipoca estourando cessou completamente para saber que eles estão me observando, de perto, daqui da sala.

— Não fazemos parte de uma quadrilha, Suzana. Somos os chefes dela — diz Léo recebendo uma reprimenda de Téo.

— Como vocês conseguiram me esconder isso? Como montaram uma quadrilha?

Téo se aproxima demais de mim, e tenho a sensação, que por fazê-los falar, serei assassinada em seguida. Mas é minha melhor chance, só posso torcer para que minha ligação tenha dado certo, e que Gilcelle tenha conseguido fazer a ligação dela, antes de ficar sem sinal na estrada. Minha vida depende disso.

— Somos bons em esconder as coisas, Sue. Você sabe bem disso. Você é igual a nós. — diz Téo.

— Nunca formei uma quadrilha! — protesto.

— Também não formamos, ela caiu como uma luva em nossas mãos. Quando o idiota do Heitor deu um golpe no nosso pai, ganhamos um esquema totalmente montado, mas que era mal utilizado. — Téo toca meu cabelo, e me esforço para não parecer intimidada.

— Nós demos a essa quadrilha outro patamar. Por que dar o golpe em ricos, se podíamos pegar as empresas deles? — completa Léo.

— Então, vocês são ricos. Filhos de Romero Botelho, golpistas e ricos.

Léo sorri, mas Téo continua alisando uma mecha do meu cabelo entre os dedos. Não parecem surpresos por eu saber que são filhos do detetive estranho.

— Pelo visto você fez bem o dever de casa, Sue. Sim, Botelho é nosso pai. Mas o envolvimento dele com nosso esquema é mínimo. Ele apenas executa quem descobre demais.

Ok pernas. Isso não é hora de amolecerem. Preciso ser durona aqui.

— Executa? Tipo, mata?

— Sim, Suzana. Ele mata quem descobre nosso segredo — ele confirma dando um leve puxão em meu cabelo, como se dissesse “*e você descobriu*”.

— Então, por que não mataram Edmundo?

Léo arregala os olhos e Téo solta um palavrão baixo.

— O que mais você sabe, Suzana? Parece que não éramos os únicos a guardar segredos — pergunta Téo ameaçadoramente.

— Apenas sobre Heitor e Edmundo.

— E como ficou sabendo sobre nós?

— Através de Helena. Edmundo me levou a ela, que me mandou a vocês.

Os dois soltam palavrões e Léo esbraveja:

— Maldita! Esse foi o trunfo do imbecil do Edmundo, se envolveu com nossa tia, somente por isso ainda está vivo! — reclama Léo.

— Eu avisei ao papai que já deveríamos ter dado um fim nessa velha há muito tempo — diz Téó. — É uma pena, Suzana. É realmente uma pena.

Já vou morrer agora? Não quero! Ainda preciso brigar com Cleber por essa história de ameaça. Ainda preciso verificar que não danifiquei seriamente seu pau na noite passada, preciso fazer tantas coisas com ele antes de morrer.

— Eu sempre quis você, Suzana. Eu a levaria comigo e te daria tudo — diz Téó.

— Sempre me quis? Você é gay!

— Sou bi! Você não entende nada, não é? Só estou no Red ainda por sua causa! Entrei lá para ter acesso a homens ricos e poderosos, mas depois que ganhamos o esquema de Heitor, não precisava mais daquilo, eu só fiquei ali por você. E você nunca olhou para mim!

— Não venha jogar a culpa em mim! Se você quer conquistar uma mulher, dizer a ela que é gay é uma péssima ideia!

— Eu sempre olhei você. Sempre a toquei do jeito certo! Será que nunca viu o quanto fico excitado quando dançamos juntos?

— Jura? Não, nunca deu para notar! — digo encarando com desprezo o meio de suas pernas.

Ele me pega pelo pescoço e mordo a língua com força. Se eu sair viva dessa, vou aprender a acionar um filtro entre meu cérebro e minha língua quando estiver diante de um bandido, e jamais irei insultar a masculinidade dele. Téó me segura pelo pescoço, mas não aperta o suficiente para me deixar sem ar. Apenas o suficiente para eu tremer de medo.

— Foi por isso que aumentou os saques na V.D.A., não foi? Porque Cleber se aproximou de mim.

— Aumentei os saques para que a V.D.A. falisse. Você só era apaixonada por Samuel porque ele era rico, se Cleber perdesse tudo, você se afastaria dele — confirma Téó.

Sim, mesmo tendo a minha vida provavelmente nas mãos desse cara, ele me insultou, e não posso aguentar um insulto calada.

— Não sei de onde vocês tiraram que sou interesseira, mas só para constar, ressalto mais uma vez que não fui eu quem criou a merda de uma quadrilha para dar golpes. Os bandidos são vocês! E se você não sabe nem como conquistar

uma mulher que dormiu dezenas de vezes na mesma cama que você e nunca percebeu que não era gay, então deveria assumir apenas seu lado gay mesmo e se dedicar a homens! Porque com mulheres você não leva o menor jeito!

As coisas acontecem rápido demais. Téó me agarra e tenta me beijar, Samuel (que eu nem lembrava que estava ali) tenta correr pela porta, mas é agarrado por Léo, e Lagartão finalmente aparece. Ele sai com toda pose de trás da cortina, e penso que aquele é um péssimo esconderijo, mas afinal de contas, eu procurei por ele e não o encontrei. Ele aponta a pequena câmera que tem na mão para cada rosto dessa sala.

— Tudo gravado. Nem pensem em avançar em mim, não estou sozinho e vocês não vão querer mais acusações além das que já vão ter por causa deste vídeo aqui.

Téó me solta e toda sua atenção se volta para Lagartão. Lagartão passa por nós e para perto da porta, e lanço a ele um olhar de *“pelo amor de Deus não me deixe aqui sozinha.”*

— Como conseguiu entrar aqui? — pergunta Léo ainda segurando Samuel.

— Entro em qualquer lugar. E vocês estavam muito ocupados no quarto. — Ele olha para mim. — Você deve ser Suzana. Quer vir até mim agora?

— Por favor. — Já ia questionar por que ele não fez sua entrada triunfal no momento em que Téó colocou as mãos em meu pescoço. Para que me deixar todo esse tempo quase borrando a calça de medo?

No momento em que dou um passo em sua direção, a porta da frente abre e Cleber já entra gritando, com Sebastian a tiracolo:

— Tire suas mãos imundas dela!

No susto, Lagartão aponta a câmera para Cleber, que deve pensar ser uma arma, pois se ajoelha diante dele, de olhos fechados, mãos estendidas, e tremendo como um bambu ao vento.

— Não atira! Não atira! Não estou armado!

— Cleber, seu i... — Não tenho tempo de brigar porque Téó me puxa novamente para perto dele e coloca algo duro e frio em minha têmpora. É uma arma, uma arma de verdade.

Sim pernas, agora vocês podem ficar moles e até tremer como o Cleber.

— Me dê a câmera ou eu atiro — ameaça Téó.

— Não vai adiantar dar a câmera. Tenho um operador acompanhando essas imagens, tudo o que está gravado aqui, foi mandado direto para o computador dele — explica Lagartão.

— Imbecil! Para que contar isso pra ele? Por que não deu a porcaria da câmera calado? — esbravejo.

Ele dá de ombros e então olho para Cleber. Ele está ajoelhado, olhando

fixamente para mim, e o medo que vejo em seus olhos, me atinge. Não quero vê-lo assim. Não quero esse desespero em seu olhar, quero que ele fique bem.

De repente, algo acerta meu pé e caio para trás junto com Téo, no segundo seguinte, Cleber está em cima dele e um tiro é disparado na janela, estourando vidro em todos nós. Como no final tenso de uma novela mexicana, por um minuto ou dois, ninguém se mexe. E de repente, todo mundo se mexe junto. Não, não é uma dança. Sebastian se atira em cima de mim e me arrasta, meio pelos ombros, meio pelos cabelos para atrás do sofá. Lagartão tira a arma da mão de Téo, que tinha o braço imobilizado por Cleber. Samuel acerta as bolas de Léo, que o solta com um urro:

— Ingrato! Até poucas horas atrás você estava venerando essas bolas!

Então, todo mundo se move de novo. Sebastian me deixa e segura Léo, Samuel se esconde comigo atrás do sofá, Cleber sai de cima de Téo (enquanto Lagartão o segura) e pega Samuel pelo pescoço.

— Filho da puta! A arma podia ter disparado na cabeça dela! Que merda de ideia foi essa de dar uma rasteira no homem com uma arma apontada para a cabeça da Suzana?

Samuel dá de ombros:

— Deu certo, não deu?

Só então me dou conta de que foi Samuel o responsável pelo tombo de Téo e eu. Tombo esse que fez a arma disparar e só não foi realmente na minha cabeça, porque Cleber desviou o braço de Téo a tempo.

— Filho da puta! Eu estava te defendendo! — digo já partindo para cima dele com socos e pontapés.

Depois que a polícia chega, as coisas se acalmam. O vídeo-confissão deles é uma prova incontestável da existência dessa quadrilha, assim como os nomes revelados de seus membros, sem falar nas imagens de Téo com a arma apontada para a minha cabeça.

— Será que vão conseguir pegar Botelho? — questiono já dentro do carro de Cleber.

— Já o pegaram, parece que Big Cid e seus homens deram uma tremenda surra nele — responde Sebastian. — Como Lagartão foi parar na casa dos chefes da quadrilha?

— Eu chamei! Quer dizer, eu liguei para Matheus, que passou a ligação para a Gil, que ficou de ligar para Lagartão. Passei o endereço e pedi que ele desse um jeito de se esconder dentro do apartamento, que eu daria um jeito de fazê—los falar.

Cleber para o carro de repente e Sebastian se despede:

— Parabéns bruxinha, você desarmou uma quadrilha.

— Não a chame assim! — fala Cleber pela primeira vez desde que entramos no carro.

Seguimos em silêncio até nosso prédio, e sigo direto para o meu apartamento. Ele não vem atrás de mim, e não queria mesmo que viesse.

Após tomar um banho, só quero me jogar na cama. O dia está nascendo, mas estou desempregada mesmo, não tenho que me preocupar em ir trabalhar. Quando estou quase adormecendo, sinto um peso na cama e o cheiro de Cleber, misturado ao cheiro de sabonete tomam o ar. Antes que eu possa falar qualquer coisa, ele me abraça, bem forte, me aperta e acho que está chorando, sinto algo molhar meu rosto, mas não tenho certeza. Ele segura meu rosto entre as mãos e o salpica de beijos, por último, toca seus lábios nos meus, de leve e diz:

— Nunca mais faça isso comigo. Nunca mais me assuste assim. Achei que você fosse morrer, Suzana, e se isso acontecesse, eu também morreria.

Então ele beija minha boca, com força, como ele sempre faz, e depois se afasta e deita ao meu lado. Ele não me toca mais, mas posso sentir sua respiração em minha orelha quando fala:

— Por que você ligou para Matheus e não para mim?

— Não sabia que ele já estava viajando.

— Não justifica. Eu estou aqui Suzana, você pode contar comigo. Por que preferiu contar com ele?

Forço meu corpo pesado a virar ficando de frente para ele.

— Você ameaçou o Samuel? Ele foi te ver na V.D.A. e você o ameaçou? Isso é verdade?

Ele fica apenas me olhando e odeio seu silêncio. Sempre que ele se cala é porque fez alguma merda.

— Responda! Você queria comprar a Academia? Vazou as fotos dele com os gêmeos para que ele perdesse a Academia?

— Sim, Suzana. Sim para tudo o que você perguntou.

Algo afunda em meu peito quando ele responde sim. Esse não pode ser o homem por quem me apaixonei, o homem que eu amo nunca seria tão mau e egoísta. Então me dou conta que sim, Cleber sempre foi egoísta. Esse é Cleber, e seus defeitos. Está melhorando, mas sua natureza egoísta e chantagista ainda está ali. Cabe a mim amá-lo assim mesmo, ou não. Se eu o aceitar do jeito que ele é, terei que assumir seus erros com ele, e não poderei reclamar depois, porque sei desde agora como ele age quando quer alguma coisa. Mas eu também sou cheia de defeitos, ele já viu os piores, e está aqui assim mesmo. Ele me aceitou exatamente assim.

— Dorme, meu amor. Vou ficar aqui observando-a dormir — ele diz passando o braço por minha cintura e me puxando para junto dele.

Uma lágrima fujona desce por meu rosto e ele a seca com os lábios. Sinto-me estranhamente exausta e assustada de repente. Ah Cleber, por que você tem que ser tão estúpido?

— Não chore, amor, não chore. Isso logo vai passar. Logo, eu não a farei sofrer mais, nunca mais.

O que ele quer dizer com isso? Quero perguntar, mas meus olhos se fecham, eu me aconchego a ele e não vejo mais nada.

Cleber

A noite estava uma merda. Acabei com os vinhos ruins de Suzana e fiz uma anotação mental de lhe comprar vinhos de qualidade. Como ela merece. Talvez eu deva dar uma adega para ela. Talvez ela deva morar na minha casa, onde há uma adega pronta, esperando por seus vinhos ruins. Talvez eu devesse ter colocado uma aliança no dedo daquela maldita, e ela estaria comigo agora, e toda essa noite de merda não teria acontecido. Depois de ser obrigado a passar a noite ouvindo Maroon 5 porque Suzana não tem o CD do Pablo, e de cheirar cada roupa de seu armário ansiando sentir seu cheiro, chegou um momento da minha noite em que tive que ouvir a maldita sofrência. Tudo porque minha ficha caiu, quando eu resolvi desligar o rádio. E foi no exato momento em que um vizinho começou a ouvir a sofrência no último volume.

Suzana não tem amigas.

Quando me dei conta de que as únicas amigas que Suzana teria seriam as bibas dançantes, entrei em pânico, e saí imediatamente atrás de Sebastian. Detesto acordar Celina de madrugada, mas foi uma situação realmente urgente. Quando um Sebastian suado e nervoso veio me receber, soube que não estavam dormindo, na verdade.

— Quem foi que morreu para você aparecer aqui a essa hora, Cleber? Porque se for mais uma crise de sofrência por causa da Suzana vou atirá-lo por esta janela!

— Suzana está em perigo! Foi passar a noite na casa dos gêmeos.

Ele me encara em choque, eu o encaro de volta, deixando claro pelo meu desespero que estou falando sério, e no minuto seguinte, Celina está gritando:

— E por que vocês ainda estão aqui? Vão atrás dela seus molengas! Depressa!

Após se vestir em tempo recorde, Sebastian fez uma careta ao ver que o som do carro estava ligado.

— Estou ouvindo Nickelback homem! Entra na porra do carro!

— Menos mal, o pequeno estúpido está sofrendo como um homem.

— Cala a merda da boca e dirige!

Não tínhamos um plano, na verdade, eu sequer fazia ideia de como entraria lá, só sabia que entraria e tiraria minha mulher de lá. Passamos correndo pela portaria, Sebastian gritou que era da polícia, e o porteiro ficou tão desesperado, que começou a gritar ao invés de nos impedir. Quando estávamos nos aproximando, e ouvi a voz de Suzana, e vozes masculinas, me desesperei. E o resto você já sabe, não preciso detalhar a parte em que levei um pequeno susto

com a câmera de Lagartão.

Agora estou aqui, vendo minha amada Suzana dormir, em segurança, nos meus braços, e a imagem daquele maldito com uma arma apontada para a cabeça dela, não sai da minha mente. E a merda do momento em que aquele gay imbecil deu uma rasteira na biba armada, e eu vi aquela arma disparando, o medo que senti ali, porra! Não desejo esse medo nem ao meu pior inimigo.

Quase perdi minha bruxinha. Por culpa das minhas cagadas. Tenho feito tudo errado com ela desde o começo, sei que vou fazer mais uma cagada, mas me entenda, Suzana está puta da vida comigo, ela quase morreu por minha causa, não vai me desculpar de boa vontade. O que vou fazer não é exatamente uma chantagem. Não a forcerei a escolher ficar comigo, apenas darei um empurrão, para que ela escolha alguma coisa. E não me olhe assim. Você nunca precisou lutar com unhas, dentes e desespero por aquilo que mais ama?

Deixo a passagem e a reserva do hotel em um local onde ela possa ver, no meu quarto, e torço para que essa mulher me ame o quanto acho que ama, ou amanhã estarei indo embora do Brasil. Sem ela.

Assim que entro na V.D.A. tenho a sensação que as pessoas estão... tremendo. Tremendo e rindo. Não entendo o que está acontecendo até que entro no elevador, e antes de as portas se fecharem ouço:

— Não estou armado.

Ah merda! Como é que esse vídeo veio parar aqui? Nem me dou ao trabalho de procurar saber quem foi que o espalhou, vou direto a sala da culpada:

— Celina, sua bruxa!

Mas a sala está vazia. Vou para minha sala já atacando a secretária:

— Bah! Celina ainda não chegou?

— Nem vai chegar, está de licença. Se quiser culpar alguém por isso — diz apontando para a tela de seu computador — foi o senhor Vaughn.

Ali, na tela da minha secretária substituta que mal se aguenta de tanto rir, há um vídeo meu ajoelhado, com uma careta horrorosa implorando a uma câmera pela minha vida.

— Achei que fosse uma arma — justifico.

— Percebe-se — ela responde rindo e nem tento explicar, vou marchando até a sala do maldito do Sebastian.

— Por que caralho o mundo todo está tremendo? — berro.

— Em homenagem a você, Cleber. Vou te contar uma coisa, Suzana está me saindo melhor do que a encomenda. Nunca vi um homem pagar tanto mico por uma mulher. Você, meu amigo, merece um prêmio.

— Não me chame de amigo após me ridicularizar para a empresa inteira. Deixe-me ver as merdas desses vídeos.

Minha raiva some quando as pernas de Suzana aparecem no vídeo. A câmera está focada no meio da sala, mais nas bibas repetidas do que nela, mas ouço perfeitamente sua voz quando me defende. Mesmo estando ali para me salvar de uma merda enorme, ela me defende. Acredita em mim. Eu amo essa mulher!

— Você não está chorando, não é? Porque se estiver eu juro que arranco suas bolas e dou de presente para a Samarão — diz Sebastian.

— Não seja um maldito estraga prazeres, homem. Minha mulher estava ali para dar a vida por mim e mesmo assim me defendeu das acusações desse gay.

— Coitada. Ela não te conhece.

— Imbecil.

Ele se senta à minha frente, e pela forma como me encara, sei que o assunto será chato.

— Tudo certo entre vocês? Porque cara, você parece uma pilha de nervos, e duvido que tenha a ver com seu vídeo tremendo. Ele é quase tão ruim quanto o da sofrência, mas o da sofrência é pior, e você superou.

— Não está tudo certo. Suzana não quer falar comigo. Achei que fosse me odiar por ter estado em risco, mas não, ela está com raiva porque acha que ameacei Samuel e tirei a Academia dele.

— Mas você fez isso. Ou vai me dizer que não comprou a Academia?

— Sim, eu comprei. Para ela. Mas se não fosse eu, qualquer outra pessoa compraria. O governador estava disposto a vendê-la a qualquer preço.

— Então por que não explica a ela a verdade? Que ele o ameaçou primeiro e você apenas a defendeu.

— Porque sou um estúpido. Vai chegar um dia em que vou fazer uma merda tão grande, e não terei uma desculpa para isso. Será apenas eu sendo um estúpido de novo. E preciso que ela me perdoe. Mesmo que eu não tenha motivo para agir errado, mesmo que não tenha justificativa, preciso que ela me ame assim mesmo.

Sebastian fica sério por um bom tempo me olhando. Depois do que me parecem horas, e quando acho que há algum respeito por mim ali nos olhos dele, o filho de uma égua fala:

— Gay, você é a merda de um gay. Para que complicar uma coisa fácil? Deixe os momentos difíceis para os momentos difíceis. Agora é só você dizer a verdade e ela vai te perdoar, não tem porque complicar as coisas.

— Você não entende porque a Celina é compreensiva.

Ele dá uma gargalhada e tenho que rir também.

— Muito compreensiva. Se não se lembra, ela tem a melhor mira que você verá em toda sua vida e é vingativa e a rainha das bruxas. Mas ela me ama, graças a Deus. E Suzana te ama, então não acho que contar a verdade a ela

quando está fragilizada e assustada e precisando de dois braços ao seu redor, seja uma má ideia.

— Que porra! Por que não pensei nisso antes?

— Você deveria estar na cama com sua mulher agora — ele diz.

— Você também.

— Estou indo. Celina já está de licença e não posso deixá-la sozinha por muito tempo. As coisas estranhas que ela anda comendo vão fazer mal ao bebê.

— O médico disse?

— Não, eu disse. Minha filha precisa ser calma. Aquelas coisas não podem fazer bem nem a Celina, ainda mais para minha pequena tão frágil.

— Sinto te informar que as chances da sua filha ser uma criança calma, são nulas. Será uma mini Celina.

Rapidamente ele bate forte três vezes na borda de madeira da mesa.

— Vire essa boca, homem. Não há amor no mundo que aguentue duas Celinas.

— Você aguentaria até cinco. É um capacho.

— Suzana não é muito boazinha pra você ficar falando da Celina assim.

— Ela nunca tentou me matar asfixiado com um travesseiro.

— Mas já passou com o carro em cima de você.

Eu o encaro, ele me encara e começamos a rir.

— Pelo menos nenhuma delas nunca envenenou nossa bebida na festa da empresa. — ele diz.

— Pobre Matheus — completo imaginando o que meu amigo deve estar passando nas mãos de Gilcelle uma hora dessas.

— Você vai usar a Academia para fazer com que ela te perdoe?

Faço uma careta.

— Claro que não! A Academia é dela, independente de ela ficar comigo ou não. Além do mais, nesse momento, se tudo deu certo, ela já deve estar pensando seriamente em me perdoar.

— Como você conseguiu isso sem chantageá-la?

— Não disse que não a chantageei. Não exatamente. Nesse momento, Suzana acha que estou indo embora para Madri.

Ele me encara tentando entender, mas desiste.

— E por que ela pensaria isso?

— Talvez porque eu tenha deixado subentendido. — Ao ver que o imbecil ainda não entendeu, perco a paciência e explico. — Eu deixei uma passagem e uma reserva do hotel de Madri em meu nome, em um local onde ela possa ver. É isso!

— Mas você desistiu de ir para Madri, não desistiu?

— Sim homem, de jeito nenhum vou ir embora e deixá-la aqui, mas ela não

precisa saber disso. Vai ficar doida, achando que vou embora, vai me procurar e vamos fazer as pazes. Então darei a Academia a ela e tudo ficará bem.

Ele faz um gesto negativo com a cabeça e começa a rir.

— Sabe, de jeito nenhum isso vai dar certo. Isso é sim uma chantagem, cara, você é muito idiota! Ela vai ficar uma fera com você e é capaz que o mande a pontapés para Madri.

— Pare de me rogar pragas, você está passando tempo demais com a Celina.

— Se quer um conselho Cleber, não dê a Academia a ela até que ela o perdoe, porque cara, você vai ficar sem mulher e sem seu investimento.

Dou de ombros caindo como um chumbo de volta na cadeira. Não pode dar errado, não é uma chantagem. Você me entende, não entende?

— Não importa. Se ela não me perdoar, não fará diferença, a Academia é dela. É seu sonho, sempre foi. Se posso dar isso a ela, então é o que farei. Ela ficando comigo ou não.

Sebastian me encara por alguns segundos, então se aproxima e dá dois tapas nas minhas costas.

— Emocionante, o pequeno estúpido está agindo como um homem. Esse é o espírito, homem. Ela vai te perdoar.

Então meu amigo imbecil sai da sala e me deixa ali com o coração quase saindo por baixo.

Depois do almoço, já estou desesperado e nem sinal de Suzana. Verifico meu celular a todo momento e ela não me ligou. Será que não viu as passagens? Claro que não viu! Por que ela entraria na minha casa se estamos brigados? Preciso fazer com que ela veja. Ligo para ela.

— Oi. — A forma fria como atende faz meu peito doer e me lembra que ainda não procurei a merda do cardiologista.

— Oi Suzana, como você está?

— Desempregada.

Tapa número um. Voltamos ao estágio *lições no imbecil do Cleber Dantas*.

— Espero que esteja bem. Será que pode me fazer um favor?

— Se ninguém for ser exposto e arruinado por isso, faço com o maior prazer.

Tapa dois. Vamos lá, seja homem e aguente, Cleber.

— Esqueci uma coisa em algum lugar no meu quarto, será que poderia trazer para mim?

— O que seria?

— Uma passagem. E uma reserva.

Vamos amor, pergunte, pergunte...

— Ok, se eu achar eu levo. Mas posso ir dirigindo, por que não estou correndo

mais risco algum, certo?

— Não! De jeito nenhum! Você não vai dirigir até que eu te dê aulas de direção e compre um carro seguro, confortável, automático e...

— Nem sei porque estou perguntando. Tchau babaca. — Ela me corta e desliga o telefone na minha cara.

Sim, isso vai ser mais difícil do que eu imaginava.

Já é fim de tarde e nada de Suzana, neste momento, estou mais do que desesperado, não sei mais o que fazer. Será que devo ligar novamente? Não, ela vai perceber que estou desesperado, e vocês mulheres quando percebem que um cara está desesperado, o deixam mais loucamente desesperado ainda. Por isso amamos vocês, vocês nos enlouquecem. Estou pensando seriamente em pular do nono andar, porque se nem o fato de eu estar indo embora para sempre, serviu para convencê-la a me perdoar, não posso imaginar o que mais a convenceria. Talvez se eu estiver entre a vida e a morte funcione.

Saio para dar uma volta, tentando não enlouquecer mais, e quando volto a minha sala, a vejo. Está falando com a Bah.

— Entendi, um contador. Que bom! — Há raiva em sua voz e acho que estou encrencado.

— Olá, Suzana. Achei que não viesse mais — digo tentando parecer calmo, mas o olhar que ela me lança, quase me faz sair correndo.

Ela não diz nada, mas entra em minha sala e não preciso que diga que devo ir junto. A sigo imediatamente. Assim que fecho a porta, ela pergunta, a cabeça baixa, a voz com uma emoção diferente:

— Você está indo embora?

— Sim.

— Por quê?

— Porque a machuco demais e não quero isso. Estou indo para que fique bem.

Estou orgulhoso de mim, da maneira firme como falo e de como me controlo para não agarrá-la e beijá-la agora mesmo. Ela fica um tempo calada, depois diz, com a voz ainda mais triste:

— Você já confirmou essa reserva?

— Sim.

— E quando irá partir?

— Amanhã à noite, como está na passagem.

— Então por que me pediu que trouxesse a passagem aqui hoje, se você ainda vai para a casa e ainda poderia pegar essa passagem tranquilamente amanhã?

Tento ver sua expressão, mas há o maldito muro. Corra Cleber! Não! Seja homem e enfrente!

— Porque a única coisa nesse mundo que me faria ficar, seria um pedido seu.

— Isso é uma chantagem? Mais uma chantagem?

— Não, amor. De jeito nenhum. Estou mesmo indo embora, se me pedir o contrário, eu ficarei, mas não vou forçá-la a me pedir nada, entende?

Ela assente e permanece com a merda do muro ali. Então, de repente, atira os papéis em mim e a raiva que há em seu rosto quase me atira contra a porta pela força com que é lançada sobre mim

— Seu chantagista, filho de uma mãe! Você não está indo embora merda nenhuma! Não acredito que sempre tenha que resolver as coisas na base da chantagem! Sua secretária me falou que essa reserva já foi cancelada e sua passagem trocada para um maldito contador porque você não quis ir!

Merda, esqueci de pedir a secretária que mentisse quando ela chegasse.

— Amor, pedi para trocar exatamente para ficar com você! — me explico.

— Você fez isso meses atrás!

— Quando te conheci.

— Você me odiava quando me conheceu!

— Não é verdade, eu já queria te comer no momento em que botei os olhos em você.

— E desistiu de ir ao lançamento do maior hotel da sua empresa apenas porque queria me comer? Conta outra seu mentiroso! — ela grita e vem com os punhos cerrados pra cima de mim.

— Amor! — digo agarrando—a pelos braços — Eu desistiria da minha vida toda por você. Você não entende.

— Entendo perfeitamente. Você é mimado, egoísta, chantagista e frio. Se fosse homem de verdade pegaria essa merda dessa passagem e iria embora agora mesmo para o Japão, de preferência.

— Você não sabe o que está dizendo. Não posso ir para o Japão com uma passagem trocada, com destino a Madri. Acalme-se.

Ela me encara e não sei dizer o que há ali. Mas tenho a impressão de que ela quer rir. E que está com muita raiva também, pela forma como seus olhos brilham.

— O que eu faço com você, Cleber? Meu Deus! Por que você tem que complicar tudo?

— Porque te amo. Porque sou um idiota. Porque eu disse que faria isso e você disse que teria paciência, então por favor, lembre-se disso.

Ela não diz nada, e pior do que receber sua raiva, é receber sua indiferença.

— Suzana, minha fadinha, eu te amo. Mas se não puder se lembrar disso, lembre-se do quanto meu pau te ama, e do quanto você o ama, e por favor amor, não o abandone. Ele não sobreviveria.

Ela se afasta e sai sem dizer nada. Ainda tento fazer com que reaja enquanto entra no elevador, corro atrás dela e digo:

— Suzana, se preferir ainda posso ir embora. Para o Japão. Eu compro uma passagem nova.

— Você iria mesmo? Se eu pedisse? Faria isso por mim?

Isso é uma pegadinha, não é? Só tenho que dizer que sim, que faria tudo por ela, é o que ela quer ouvir. Não é? Socorro aqui. Ela é uma mulher, não deve querer me ouvir dizer que iria embora, mas deve gostar de saber que me mudaria para o outro lado do mundo por ela. Merda. Não sei o que fazer, então olho em seus olhos e digo a verdade:

— Não. Nunca iria embora sem você. Nem que você me implorasse. Sou egoísta quando se trata de você, Suzana. Não iria a nenhum lugar do mundo em que você não estivesse.

Ela assente com a cabeça, as portas do elevador se fecham, e o celular da secretária toca *All by myself*, da Celine Dion, tudo para tornar meu momento depressivo. Como um final triste de uma grande história de amor. E é assim que estou me sentindo. Olho para Bah, com os olhos cheios de lágrimas, vendo a cena, e digo:

— Por que essa música é o toque do seu celular? Quem em sã consciência coloca uma música triste desta como toque?

Ela agarra o celular e responde indignada:

— Celine Dion é uma diva e você não deve insultá-la. O celular é meu! Coloco uma marcha fúnebre como toque dele se eu quiser.

Sim, esse é o momento em que minha bruxinha precisa de um tempo, para pensar, para a raiva passar e para me perdoar, talvez. Ou é o momento em que eu devo admitir que não sou bom o bastante para ela. Mas você já percebeu que sou egoísta. Eu a amo, demais! Muito mesmo! Se não sou bom o bastante para ela, então aprenderei a ser, mas não posso desistir assim. Ela é minha.

Saio da V.D.A., e sei exatamente aonde ir. Uma loja de roupas. Não, não é uma chantagem de novo. Compro o que quis comprar para ela desde o primeiro momento em que o vi e deixo em cima de sua cama com um bilhete. Me arrumo e torço, muito mesmo, que ela leia o bilhete, veja o presente e me encontre no local marcado.

Suzana

Quando vi aquela passagem e a reserva de um hotel, em nome do Cleber, fiquei cerca de dez minutos sem reação alguma. Ele estava indo embora, de verdade. Foi isso o que quis dizer de manhã com “não a farei sofrer mais”. Sentei—me em sua cama e por um momento, não soube o que fazer. Mesmo que estivesse magoada com suas atitudes, ele não podia ir embora, eu não podia ficar sem ele. Levei horas pensando no que falar, no que fazer, em como convencê-lo de que vamos sim, dar certo um dia, que temos que continuar tentando. E quando entrei no prédio da V.D.A., parecia que meu coração estava inchado aqui dentro, e sentia uma angustia que nem sei descrever. Ele não podia estar mesmo indo embora, não podia estar desistindo de mim assim, eu não saberia viver sem ele.

Foi aí que vi sua sala vazia, a porta aberta e por um momento, achei que não encontraria seus pertences ali também. Até a secretária nova dele, me olhou com pena, acho que pensou que eu fosse cair em prantos a qualquer momento. Estava correndo um sério risco de, assim que ele aparecesse na minha frente, simplesmente pular em seus braços e implorar que ele ficasse.

Joguei a passagem meio sem jeito na mesa da secretária e praticamente supliquei que ela desmentisse aquilo.

— Isso é verdade? Ele está indo embora?

Ela pegou a passagem depressa para conferir, e quando abriu um sorriso, metade do peso que eu sentia se foi.

— Não, ele não vai mais. Não se preocupe. Ele desistiu há meses, escolheu um contador para ir em seu lugar.

O quê? Há meses? Um contador?

— Como?

Tomei a passagem de suas mãos, a data era para amanhã, mas ela pacientemente me explicou de novo, que Cleber desistiu de ir para Madri há muito tempo, e que essa passagem não era mais válida, pois havia sido trocada para outra com o nome do contador que faria essa viagem, assim como a reserva no hotel. Filho. De. Uma. Puta.

Você já sentiu quinhentas coisas ao mesmo tempo? Pois é, eu nunca tinha sentido, mas naquele momento, eu senti. Algo como alívio, pulos de alegria, esperança de que íamos mesmo dar certo. E coisas como, “irei matá-lo”, “maldito mentiroso” e “não acredito que fui enganada de novo” também passavam pela minha cabeça em dois segundos, até ouvir sua voz chamar por

mim, calma, resignada, como se ele não tivesse acabado de tentar me matar do coração com mais uma chantagem.

Sequer consegui falar, e entrei direto em sua sala. E meu Deus, vocês são testemunhas que eu dei uma chance de ele dizer a verdade, de desmentir essa maluquice toda, e ele não o fez. E então eu estava com tanta raiva por ele ser tão idiota, e quanto mais ele tentava se defender, mais a minha raiva crescia, mas aí, me dei conta da genialidade do plano dele. Sim, eu fiquei louca, acho que nunca senti tanto medo na vida, exceto quando tive uma arma apontada na minha cabeça. Mas pensar em perder Cleber quase acabou comigo. E ele sabia disso. Era exatamente isso que ele queria que eu sentisse. E então enquanto estava ali, tentando matá-lo, eu queria rir, e dar os parabéns por sua cafajestice. E devo estar mesmo louca por me divertir com a estupidez dele. Você já passou por isso? Já amou tanto alguém tão idiota a ponto de achar graça nas idiotices que ele faz por amor? Sinceramente, que coisa perigosa é o amor, não me reconheço mais, desde o momento em que assumi que o amo, nunca mais fui a mesma, parece que não faço mais sentido algum.

Precisei me afastar dele, precisei de um tempo para pensar. Mas de que adianta tentar usar a razão para as coisas do amor? Não adianta de nada! Após caminhar pela orla da Lagoa da Pampulha por um bom tempo, volto para casa para me arrumar e ir para o Red. Cleber não está no apartamento dele. Não gosto de estar assim, nessa situação indefinida com ele. Mas sinceramente, não sei o que fazer. Acho que está para nascer um homem mais estúpido, chantagista e desesperado do que ele. E o pior de tudo isso é que mesmo chateada com tantas merdas que ele faz, eu sei que as faz porque me ama. E quando ele dizia que não sabia lidar com isso, eu achava graça, mas ele realmente não sabe.

Tomo meu banho e quando entro no quarto, há um pacote em cima da minha cama, com um bilhete, dele:

Adorável safadinha

Sei que estou tão longe de ser o homem que você merece, aquele que você sonhou ter ao seu lado para o resto da sua vida. Mas quero que saiba, que entenda minha bruxinha, que a amo demais. Mais do que a mim mesmo. E mesmo sendo um completo babaca, ninguém no mundo vai te amar deste jeito.

Vista esse vestido, solte seu cabelo e me encontre no endereço abaixo. Se ainda me quiser, é claro.

Do sempre seu,

Cleber Estúpido Dantas

Ah meu adorável estúpido, o que fazer com você? Abro a sacola e examino o

vestido que ele me deu. É de um tom bem vermelho, colado ao corpo, vai até o meio das minhas coxas, com duas aberturas nas laterais das pernas, uma calda atrás e um decote enorme. A coisa mais maravilhosa que eu já vi. É confuso imaginar o que ainda vou passar por estar com ele, quantas merdas mais enfrentaremos juntos, mas é impossível imaginar viver sem ele. Nunca me senti assim. No momento, eu o odeio, e o amo. Talvez precise olhá-lo, e precise que ele não tente me manipular, para saber exatamente qual sentimento é mais forte. Ou talvez precise dar um tempo, afastar-me um pouco, sei lá. Não sei mais o que sentir por ele. Talvez simplesmente não tenha que fazer absolutamente nada, e deixar que o tempo resolva tudo. É isso, não irei a esse encontro misterioso. Não é o momento.

Olho novamente sua letra nesse bilhete e então, quase pulo na cama. Conheço esse endereço!

Ok, vamos ser sinceras aqui, todas nós sabemos que esperar que o tempo resolva uma coisa que você pode ir lá e resolver hoje, é burrice. Então, aqui estou eu, usando um vestido vermelho maravilhoso, com meu cabelo solto, como ele pediu, e caminhando receosa em direção à Academia. Só para constar, ele não deixou um motorista esperando por mim, não me forçou a ir. Exceto, claro, pelo endereço no bilhete, que com certeza atiçaria minha curiosidade. E eu sei que estou chateada com o que ele fez, ainda estou, mas é o Cleber. Não tenho forças para ir contra isso. Só quero ouvir o que ele tem a dizer, mais nada. Não vou dizer que também o amo. E que esses últimos dias têm sido uma enorme merda sem ele dentro de mim. No fim das contas o imbecil estava certo, não vivo sem o pau dele.

Entro na Academia que parece estar vazia. Estou me perguntando como ele conseguiu as chaves, mas conhecendo os seguranças daqui, deve ter subornado algum deles. Procuro por ele no primeiro andar, mas encontro apenas pétalas de rosas na escada. Elas formam uma trilha. Sorrio. Isso é tão brega, tão fofo e tão Cleber! Sigo essa trilha de rosas que me leva ao grande Salão de apresentações da Academia. Não há ninguém na plateia. Ninguém no meio do palco. Mas a trilha acaba ali.

Dou alguns passos incertos para o palco e a luz abaixa. Uma música suave começa a tocar. Procuro por ele, olho para todos os lados e não o vejo. Então, o ritmo da música muda, e o Tango Santa Maria começa a tocar. E é aí que Cleber aparece. Ele usa uma camisa social preta, com uma rosa vermelha colada no bolso. Uma calça social e um chapéu fedora preto com uma tira vermelha. E incrivelmente, ele se aproxima do centro do palco, com passos de tango.

Não. Posso. Acreditar.

Demoro um minuto para reagir, quando o vejo ali, parado no meio do palco, em posição, e então ele estende a mão para mim e pisca.

— Me daria a honra, safadinha?

Sorrio. Vamos dançar tango. Quase pulo em cima dele, mas me aproximo no ritmo da música, rodeio seu corpo com uma perna e ele me puxa para junto dele, me desce e beija de leve meu pescoço, logo, me levanta e me gira, e não acredito, mas está dançando perfeitamente. Nós giramos ao ritmo delicioso do tango, ele me pega pela cintura e me gira em seu corpo com perfeição, cada passo dele, sincronizado com o meu, como se fizéssemos isso a vida toda. O amor que sinto por ele, cresce de tal forma dentro de mim, que mal consigo controlar, antes mesmo da música acabar, pulo em cima dele o beijo.

— Ei, safadinha — ele sussurra em meus lábios — ainda não acabamos.

— Eu te amo — digo.

— Ah, minha Suzana.

Ele me deposita no chão, segura meu rosto entre as mãos e me beija, com tanto carinho, com tanta devoção. Depois me abraça bem apertado.

— Desde quando você dança tango?

— Não danço. Assisti Dança comigo umas quinhentas vezes para pegar esses passos e dançar com você.

Sim, o que ele tem de estúpido, tem de lindo, fofo, surpreendente e romântico. Como não amar Cleber Dantas? Ele me arrasta para o chão, e monto em seu colo, e ele fica ali, segurando meu rosto entre as mãos e olhando para mim.

— Suzana, eu sei que sou um idiota. Eu devia ter te contado antes porque fiz o que fiz com o Samuel. Sim, me incomodava demais saber que você passava o dia todo perto dele. Sabe, era como se ele estivesse do seu lado, à espreita, esperando meu primeiro escorregão para mostrá-la que não mereço você. E então ele a levaria de mim.

Acaricio seu rosto.

— Não tinha porque se sentir assim, Cleber. Eu amo você. Não são escorregões no caminho que vão nos afastar assim. Por que nunca me disse? Achei que fosse só ciúmes, você tem ciúmes até dos seus amigos, não achei que se sentisse desse jeito.

Ele encosta a testa na minha e diz:

— Suzana eu não sei lidar com isso. Eu amo você. Amo amar você. E isso foi a coisa mais maravilhosa e assustadora que já me aconteceu, e porra, é difícil pra caralho! Não entendo como as pessoas podem amar alguém assim, e conseguir ficar o dia todo sem saber o que a outra pessoa está fazendo. Eu fico louco pensando em você, em cada minuto. E não sei se é normal ou se não sei amar, mas tenho tanto medo de perder você. Sabe, eu vejo como o Sebastian gravita

em volta da Celina, e acho que amar é isso mesmo, é viver por alguém assim.

Concordo com a cabeça, não permitindo que nossas testas percam o contato.

— Também sinto isso, Cleber. Também penso tanto em você, que me atrapalho toda. E fico me perguntando se está pensando em mim, se já almoçou, se está estressado no trabalho, se os estúpidos estão pegando no seu pé. Eu quero ficar o tempo todo com você. E se isso não for normal, que se foda, amar não pode ser uma coisa normal. É, sei lá, uma coisa mágica demais, não é?

— Com toda certeza. — Ele afasta nossas testas e me olha nos olhos. — Suzana, me perdoe por ter vazado as fotos do Samuel. Juro que da próxima vez que alguém ameaçar tirar você de mim, falarei com você primeiro. E vamos juntos até a Celina para que ela pense em alguma vingança. E me perdoe por ter mentido sobre a viagem para Madri. Prometo que da próxima vez que ficar louco e desesperado de medo, vou apenas beber todas e cantar sofrência.

Começo a rir.

— Prefiro que me chantageie, mas por favor, pare de ouvir isso.

Ele sorri também e me aperta em seus braços.

— Suzana, isso aqui não é para te forçar a nada. Se você precisar de um tempo de mim, eu vou entender. Provavelmente não serei capaz de te dar esse tempo, vou mandar fazer outra cópia da chave do seu apartamento, vou entrar na sua casa, te espreitar enquanto toma banho e te dar enésimos sustos. E não vou te dar tempo, mas vou entender. Só não me diga que não tem volta. Por favor minha bruxinha, nunca me diga isso.

Desta vez, eu seguro seu rosto entre as minhas mãos.

— Eu sabia que você tinha mandado trocar a fechadura da sua porta! Meu Deus Cleber! Era coincidência demais sua chave abrir minha porta! Seu cachorro!

Ele sorri, e me beija, mas o empurro com as mãos e continuo:

— Ok, devo admitir que isso foi bem engenhoso da sua parte.

— Querida, eu sou um gênio.

— Não vou a lugar nenhum, Cleber. Eu não iria a nenhum lugar no mundo em que você não estivesse. Eu te amo. Com todos os seus defeitos, assim como você me ama com os meus. Mas por favor, tente não ser tão estúpido. E me diga quando se sentir assim, não me chantageie, converse comigo.

Ele assente.

— Haverá momentos em que você vai precisar se afastar de mim? — pergunta.

— Não. Haverá momentos em que eu tentarei matá-lo. Mas, mesmo assim não me afastarei.

Ele parece tão aliviado, e então percebo, alguma coisa está errada. Cleber não

é mau. É exatamente o homem maravilhoso por quem me apaixonei.

— Teve um motivo pra você ter feito o que fez com o Samuel, não teve?

Ele assente de novo.

— O que houve de verdade?

— Você vai ficar comigo mesmo se eu não tiver tido motivo algum para ter feito o que fiz?

— Sim, Cleber. Vou ficar com você de qualquer jeito.

— Você vai me deixar tocá-la, chupá-la e penetrá-la por toda noite?

— Sim amor, vou implorar que faça tudo isso.

Ele abre um sorriso enorme, como um menino travesso que acabou de ganhar seu tão sonhado skate de natal.

— Isso aqui é para você — ele diz estendo as mãos para os lados.

— Isso o quê?

— Isso tudo. Esse palco, esse salão, esse prédio. A Academia Mineira de Dança pertence a você.

Não reajo, ele deve estar brincando. É brincadeira, certo? Ele percebe que estou em choque, segura meu rosto de novo, com força e diz de uma forma bem firme:

— Suzana Leal, estou dando essa Academia para você. Ela é sua. Eu a comprei e passei para o seu nome. Você vai cuidar dela e administrá-la a partir de agora. É sua. Entendeu? Isto não é uma brincadeira.

Ok, ele está mesmo falando sério. A Academia. Meu maior sonho. É minha. Ele me deu. E não a usou como uma chantagem para que eu voltasse para ele. Simplesmente a deu para mim. Eu amo este homem! Agarro seu pescoço e ouço sua risada.

— Eu... nem sei... por que você... Cleber.

Ele me beija, me calando.

— Eu te amo — diz, como se isso explicasse o fato de ele ter acabado de me dar uma conceituada Academia de dança.

— Não acredito que você fez isso. Eu não... Cleber... nem sei o que dizer.

— Não precisa dizer nada. Me mostre como está feliz, minha safadinha. Antes eu só preciso que saiba, não expus o Samugay para que você ficasse com a Academia, fiz isso porque ele me ameaçou, quando foi a V.D.A., disse que a teria por bem ou por mal. E eu não podia permitir que ninguém a machucasse. Eu só queria proteger você, amor.

— Ah, Cleber.

Aperto seu pescoço de novo, e grudo meu rosto no dele. Eu o amo tanto, que quase posso tocar esse amor. E as lágrimas que caem por meus rosto são de extrema felicidade, e emoção, e contentamento por tê-lo aqui, assim, tão

estúpido, mas tão meu. Tão perfeito para mim, desse jeito.

— Calma, minha adorável safadinha, não chore. Ainda não estreamos o salão de apresentações. Venha aqui, e me mostre como está feliz pelo meu presente, ainda temos muitos cômodos para estrear por toda noite.

— Sabe o que é mais engraçado? Se você tivesse me chantageado usando a Academia como moeda de troca por meu perdão, eu o teria dado sem pensar duas vezes — brinco.

Ele arregala os olhos:

— Está dizendo que eu não precisava colocar esse chapéu horroroso e aprender a dançar tango para reconquistá-la? Era só te oferecer a Academia em troca do seu perdão?

— Sim.

Ele dá um tapa em minha bunda que me faz gritar e rir como uma louca.

— Ah sua safada, malvada e devassa! Vou descontar cada segundo que passei aprendendo essa porcaria! Vem aqui! Você me paga!

E então ele está em cima de mim, dentro de mim, em todos os lugares.

Capítulo 19

Cleber

Suzana descansa tranquilamente em meus braços, na minha cama, enquanto a observo dormir. Há duas semanas estamos dormindo em meu apartamento todas as noites, e parece que nunca vou me cansar de observá-la assim, tão tranquila, em meus braços. Essa noite, ela sorri enquanto dorme, e como o bobo apaixonado que sou, sorrio também. Porra! Você homem, que foge do amor como eu fugia, que acha que prazer compensa mais do que sentir, você está errado. Não há coisa melhor do que amar assim. Do que ter sua mulher em seus braços sorrindo e saber que esse sorriso é para você, que cada suspiro é para você, que cada gemido, grito, cada orgasmo, tudo isso é seu, e somente seu. Nada pode ser melhor do que isso.

Quero que Suzana se mude de vez para meu apartamento, mas quando tentei falar sobre isso, ela se assustou, então preferi não tocar mais no assunto. Mas, estou fazendo com que se mude aos poucos. Não, eu sei o que está pensando, mas não há nenhuma chantagem envolvida. Estou trazendo suas coisas para meu apartamento aos poucos. Já trouxe seu notebook, toalhas, carregador de celular, as panelas preferidas dela, todas as escovas de dente, algumas roupas, a maioria de suas roupas íntimas, Huguinho, e hoje, trarei seu travesseiro. Aos poucos, não conseguirá fazer mais nada em seu apartamento, para qualquer coisa, terá que vir para o meu. Ela está vindo morar comigo sem perceber.

Deixo o café pronto, e enquanto ela não acorda, vou buscar seu travesseiro. Ela raramente irá usá-lo, já que sempre dorme em meu peito, ou em meus braços, mas é bom que TUDO dela esteja aqui.

Quando volto para meu apartamento, ela está sentada na bancada, com uma xícara de café na mão. Sorri docemente quando me vê, mas franze a testa ao reparar o que trago na mão.

— Ei, conheço esse travesseiro! — ela diz.

— Mesmo? Achei que nem se lembrasse mais dele.

Ela se levanta e aproxima—se de mim com os braços cruzados. Fica deliciosa descabelada assim, usando apenas uma blusa social minha.

— Cleber Dantas, onde você está indo com o meu travesseiro?

— Relaxa amor, só vou deixá-lo no meu quarto, para o caso de você precisar dele uma noite dessas.

Vou andando em direção ao quarto, como se não fosse nada demais, e ela me

segue. De repente, puxa algo do meu bolso. Merda!

— Cleber, por que está com meu depilador no bolso? — Ela está segurando a maquininha rosa como se fosse me matar com ela.

— Hum... Vou fazer a barba?

— Isso não é um barbeador! A menos que esteja pretendendo depilar o pau, não faz sentido algum estar com isso no bolso.

Faço uma careta e dou um passo para longe da maquininha assassina.

— Não quero nada cortante perto do meu pau, obrigado.

Ela me olha, me olha, e de repente, me empurra na parede, e começa a apalpar os bolsos da minha bermuda.

— O que mais você pegou no meu apartamento?

Ela tira do meu bolso seu sabonete íntimo e me encara:

— Ok, o depilador e o sabonete íntimo. Estou começando a ficar preocupada.

Seu semblante irritado e zombeteiro me distraem por tempo o suficiente para eu demorar a perceber o que está insinuando. E ela nem me dá tempo de explicar nada, apalpa meu pau, por cima da bermuda e faz uma careta de preocupação:

— Seu pau não está duro. E o estou tocando. O que está havendo? Cadê sua ereção matinal?

— Fugiu no momento em que você falou do meu pau com essa maquininha nas mãos. E não vai subir enquanto estiver com isso.

Ela se afasta com um gesto de pesar, como se tivesse recebido a notícia que meu pau faleceu para sempre, e tenho vontade de estrangulá-la.

— Essas coisas não são para mim! São para você! A maquininha assassina para o caso de você precisar e o sabonete, porque não achei essa marca no mercado.

Ela arregala os olhos e aproveito para tirar a maquininha de sua mão e arremessá-la na cama, bem longe do meu pau.

— Espera! Estou entendendo tudo! Bem que eu estranhei você ter todos os meus cremes, perfumes e shampoos preferidos! Você os está roubando do meu apartamento! Para que isso Cleber?

Ela está brava, irritada e deliciosa. E meu pau está prontinho para estar dentro dela. Ela percebe, pois seu olhar irritado desvia do meu rosto e foca ali, e ela engole em seco.

— Eu vou pegar você agora e vou te comer com força, para aprender a duvidar da minha masculinidade.

— Precisamos falar sobre isso — ela diz, mas está sorrindo.

— Falamos depois, agora nossos corpos que vão se falar. O meu corpo faz questão de calar o seu, com movimentos bruscos, neste instante.

A puxo pelo cabelo e no minuto seguinte estou dentro dela. No batente da

porta, contra a parede e faço com que ela retire cada palavra absurda que falou sobre o sono de segurança do meu pau.

Passei a tarde pensando em uma coisa que Suzana me disse, desde que foi embora de casa, ela nunca mais falou com a mãe. Fala apenas com a avó, e muito pouco. Preciso que ela supere isso, para saber que está realmente bem.

Quando a pego na Academia, seu sorriso enorme e a empolgação com que fala de um musical que está montando, quase me fazem desistir de propor a ela o que vou propor. Mas sei que se não resolvermos isso agora, esse peso que ela carrega vai acabar caindo entre nós.

— Samuel me procurou hoje — ela diz olhando as unhas como se isso não fosse nada demais.

— O que aquele projeto de assassino queria?

— Um emprego na Academia. Enquanto o dinheiro que perdeu não é liberado pela justiça, está falido.

— Aquele gay quase provocou sua morte! Espero que tenha batido a porta na cara dele ou juro que vou trancá-la em casa a partir de hoje, Suzana!

— E o homem das cavernas dá as caras — ela diz rindo. — Não dei emprego a ele, Cleber. Mas pedi que um conhecido o ajude. Ele sempre soube que eu sou Miss Sue. Me deu o cargo de coordenadora na Academia mesmo sabendo minha identidade secreta.

— Eu sei.

— Sabe o quê?

— Que quando a contratou ele sabia sobre Miss Sue. Ele é filho do governador, vivia cercado por seguranças, claro que mandaria investigar toda sua vida antes de se envolver com você.

Ela está calada. De olhos arregalados, para mim. Com uma fúria assassina. Ah merda! Desço do carro na garagem, e ela nem espera que eu abra sua porta. Já desce com toda sua fúria direcionada a mim.

— Desde quando sabe disso? — pergunta.

— Dedee sempre. Um homem visado como ele jamais colocaria alguém em um cargo de segurança sem saber exatamente quem é a pessoa.

— E mesmo assim você me chantageou?

Sorrio. Sei que a situação é séria, ela está realmente invocada, mas não consigo conter o sorriso. Minha bruxinha ingênua. Acho que quer me matar.

— Amor, — digo com uma calma que parece irritá-la ainda mais. — Se eu não tivesse te chantageado, você nunca transaria comigo. Samugay teria te dado o emprego dos sonhos e você estaria casada com ele agora. E infeliz.

— Cleber! Você tem noção de que não vale nada? Você nunca joga limpo! Eu

morri de medo de você acabar com tudo quando fez aquela chantagem estúpida!

— Não me arrependo, Suzana. Sei que fiz muitas merdas, mas essa chantagem não foi uma delas. Essa estúpida chantagem foi o que fez você ser minha. Desde o dia em que a tive pela primeira vez, fui seu e você minha. Nós brigamos, mas nunca mais nos separamos, bruxinha. Essa estúpida chantagem foi a melhor coisa que fiz a nós dois. — Aproximo—me dela, que se afasta irritada.

— Você usou uma coisa sem base para me chantagear! Uma mentira, Cleber!

— Ainda bem que fiz isso.

Dou outro passo, mas ela acerta minha mão quando tento tocá-la.

— Não me toque! Sua cara não queima? Você é um safado, mentiroso e cafajeste!

— Estou melhorando — digo com um sorriso. — Agora venha aqui.

Seguro seu braço e ela acerta um tapa no meu rosto. Estaco. Ela arregala os olhos e parece querer rir.

— Ops! — diz esperando minha reação.

— Suzana Leal, sua bruxa agressiva! Ouse acertar meu rosto de novo e vou comê-la aqui mesmo, na garagem, em cima do carro.

Ela sorri e abaixa a cabeça resignada, eu boto moral nessa mulher. Então, de repente, acerta meu rosto com força.

— Você nem deve sentir dor nessa cara de pau!

Nem respondo, enquanto ela ri, a pego pelas pernas, a jogo no capô do carro e subo sua saia. Ah como eu amo essa mulher!

Suzana está com essa careta desde que saímos de casa, e, conforme nos aproximamos de sua cidade natal, a tromba só aumenta. Puxo seu bico para irritá-la, mas nem assim ela reage. Está tensa, preocupada e com medo.

— Amor, você sabe que precisa fazer isso, não sabe? — pergunto.

— Não precisava ser agora. Essa não é uma boa ideia.

— Precisava, Suzana. Na verdade, já era para ter sido há muito tempo, acho que deixamos ir longe demais.

Ela se vira para a janela e não responde. Entendo que esteja com medo, que não queira retornar àquela casa, mas ela precisa provar para si mesma que se superou, e darei um jeito de fazer com que a mãe dela admita isso, assim Suzana conseguirá superar esse passado de uma vez por todas. E talvez, se eu tiver muita sorte, não precise mais ser Miss Sue.

— Suzana, você não está voltando para aquela vida. E não está sozinha. Mas você precisa mostrar a sua mãe, a sua família, que é diferente dela, de todas elas. Precisa mostrar que se superou para superar isso.

— Eu sei — ela diz e deita a cabeça no meu ombro.

E é uma merda que eu não possa simplesmente apagar seu passado para que ela nunca mais se lembre disso. Sei que estamos em sua rua pela forma como ela aperta meu braço quando nos aproximamos, e então vejo a famosa casa rosa. Está desbotada, não há movimento a essa hora da tarde, mas de alguma forma, me parece assustadora. Suzana então, parece em pânico. Eu a rodeio com os braços e tento acalmá-la.

— Estou aqui amor, estou com você. Tudo vai ficar bem.

— Cleber, eu te odeio. Qualquer homem no seu lugar agradecería por não precisar conhecer a sogra. Por que você tem que ser o diferente?

— Porque quero saber como será sua aparência quando estiver velha — brinco.

Ela me encara com uma careta de repulsa.

— Não me pareço com ela.

Passamos pelo pequeno portão e subimos a escadinha que dá acesso a uma porta arredondada e tão cheia de adornos, que nem seria necessário o nome “Casa das flores” para entender o que é esse lugar. Encaro Suzana esperando que ela tenha uma chave, mas ela diz:

— Está sempre aberta.

Empurro a porta vagarosamente, ela range enquanto revela uma sala enorme, uma mesa de sinuca em um canto, vários *chaise longue* e o que deve ser a maior adega que já vi.

— Sua família não brinca em serviço! — digo admirado.

— Péssimo trocadilho. Juro que se disser “filha da puta”, eu arranco sua língua e limpo sua bunda com ela.

Arregalo os olhos, sorrindo.

— Você me enlouquece quando fica agressiva, amor.

Ela sorri e dá o primeiro passo para dentro da casa. Entro atrás dela e bato a porta. Então o barulho de saltos se aproxima e uma voz feminina irritada começa a dizer:

— Estamos fechadas! Só abriremos à noite! — A mulher arregala os olhos ao me ver e se recompõe. — Acabamos de abrir, querido!

É Suzana. É assustador! A mulher diante de mim é Suzana, mas sem vida. Os mesmos olhos negros, mas o cabelo não tem o mesmo brilho. O rosto, o tom moreno da pele, a maneira como me devora com os olhos, tudo é igual. É como ver uma Suzana sem vida, sem seu brilho, sem seu jeito moleca sedutora. A mulher é bonita, mas não chega aos pés de Suzana. Ela usa uma camisola transparente, é magra e tem os seios menores do que os de Suzana. Ela se aproxima de mim e passeia a unha por meu peito.

— De onde você saiu, delícia?

— Mãe! Quer tirar a mão do meu namorado!

A mulher congela totalmente por cinco segundos, então se vira para Suzana, e parece realmente emocionada ao ver a filha.

— Cleber, é bom que não esteja olhando para os seios dela ou eu juro... — Mas a mulher não permite que ela termine a ameaça, joga os braços em volta de Suzana e a abraça.

— Suzana, minha filha. — Ela se afasta e observa Suzana dos pés à cabeça. — Como está linda! Você deveria ter ficado aqui, nos renderia um bom dinheiro.

Suzana revira os olhos e se afasta da mãe, aproximando—se de mim.

— Cleber, essa é Rosália, minha mãe. Mãe, este é Cleber, meu namorado — ela enfatiza as palavras “meu namorado”, mas não parece adiantar nada já que a mulher continua me comendo com os olhos.

— É um prazer conhecê-la, senhora Rosália.

Ela segura minha mão arranhando a palma com a unha e diz de uma forma totalmente maliciosa:

— O prazer é sempre meu, querido.

Tiro minha mão da dela. Tudo bem, terei que vigiar o que falo enquanto estivermos aqui.

Logo, sou apresentado a avó dela, que é a pessoa que Suzana abraça por mais tempo, e tento não pensar muito no fato da velha estar praticamente nua na minha frente. E nem na forma estranha como seus peitos “achataados” encostam em mim quando ela me abraça. Pela reação de Suzana, isso é normal. E então conheço Violeta, a tia dela, que assim como minha sogra, consegue tocar meu corpo quase todo em um abraço.

Se um homem espera um jantar tenso e interrogativo ao conhecer a família da namorada é porque não namora Suzana Leal. Quando somos conduzidos à cozinha, Suzana me impede de entrar, me olha como se quisesse dizer alguma coisa, mas desiste e entra. Levando em consideração o tamanho do resto da casa, a cozinha é pequena. Várias mulheres nuas andam de um lado para o outro, se arrumando, penteando, maquiando e comendo. Pelo menos três delas não estão vestidas. Desvio meu olhar e espero alguma ameaça de Suzana, mas ela está com a cabeça baixa, envergonhada. Aperto sua mão e a puxo para junto de mim.

— Ei, eu quis passar por isso. Isto aqui não é você, Suzana, eu sei disso.

— Está falando isso agora, porque ainda não viu tudo. Será que podemos passar a noite em um hotel?

Nego veementemente com a cabeça.

— Nada disso. Viemos resolver as coisas como uma família, e vamos resolver as coisas como uma família.

— Se você sobreviver a isso com o mesmo amor e respeito por mim, Cleber,

terei que pedi-lo em casamento.

— Vou te cobrar isso, minha bruxinha.

Sentamo-nos à mesa apenas a família e eu. A avó de Suzana, embora pareça bem rigorosa com as “meninas” dali, trata Suzana com todo carinho. Rosália e Violeta sentam—se de frente para mim e não param de me olhar, e tenho a impressão de que estão flertando comigo. Então, tento ao máximo não olhar para elas.

— Fico feliz que tenha ficado para jantar, Cleber. Fiz questão de cozinhar eu mesma para você — diz Rosália.

— Estava ansioso para experimentar a comida da minha sogra.

Ela arregala os olhos e responde imediatamente:

— Estou mais do que disposta a te dar minha comida. — Então passeia a língua pelos lábios e me lança uma piscadela.

Merda! A velha assanhada está mesmo dando em cima de mim. Olho para Suzana imediatamente, mas ela está concentrada na avó. Melhor mesmo que nem perceba nada.

— Como você conheceu este homem tão lindo, Suzana? — ela pergunta a filha.

— Ele é meu vizinho.

Rosália parece surpresa.

— Um homem tão fino? Não sabia que estava ganhando tanto dinheiro como professora. — Se até eu percebo a insinuação por trás de suas palavras, imagina Suzana, que já vive assombrada com esse “passado”.

— Suzana é coordenadora da Academia Mineira de Dança, ganha muito bem. — Apresso—me em defendê-la, sem revelar que ela é na verdade, a dona. Não quero sua família gananciosa importunando—a em busca de dinheiro.

— Ainda com essa paixão por dança. Que bom que isso a está levando a algum lugar, a maioria das nossas paixões não dá em nada. — Então ela foca o olhar em mim — A pequena Suzie sempre foi uma ótima dançarina. É de família saber mover o corpo com perfeição.

A mulher quase me come ao falar a última frase de uma maneira tão arrastada, que foi quase soletrada. Ok, não falar sobre comida. Não falar sobre dança. Estou começando a achar que não há assunto inocente o bastante. Essa mulher consegue perverter tudo. É melhor que eu fique em silêncio. Mas é aí que o famoso interrogatório do primeiro jantar começa:

— Quantos anos tem, Cleber?

— O que você faz, Cleber?

— Quando se conheceram?

— Vocês moram juntos?

- Isso entre vocês é sério mesmo?
- Você gosta de mulheres mais velhas?
- Suzana é boa para você?
- Já saiu com garotas de programa?

Arregalo os olhos com a última pergunta e Suzana se levanta irritada:

— Por que não pergunta de uma vez o tamanho do pau dele e se ele não gostaria de metê-lo em você?

— Eu não gostaria! Nem um pouco — digo, só para deixar claro.

Rosália parece arrependida e se levanta também.

— Desculpe Suzie, não precisa ficar nervosa. Você sabe que sou movida pelos prazeres da carne, mas não vou mais mexer com seu namorado, tudo bem? Estou orgulhosa de você, ganhou na loteria filha, eu pagaria para transar com um homem como ele.

Engasgo com o vinho que estava tomando e minha crise de tosse é o suficiente para encerrar esse jantar.

Louca. A família de Suzana é completamente louca. Após o jantar, Rosália me convida para conhecer o quarto de Suzana, e quando arregalo os olhos meio desesperado, ela sorri:

— Suzana vai junto querido, não vou agarrá-lo.

Me desculpo sem graça por não dar uma dentro e sou conduzido ao quarto dela. Não preciso dizer que já anoiteceu, o local está cheio, uma música ruim toca, casais se beijam e vários sobem para os quartos, há vários quartos, muitos mesmo. Suzana parece cada vez mais deslocada aqui e é impressionante e triste que não tenha nenhuma familiaridade com a casa onde cresceu. Que realmente não tenha nada em comum com sua família. Mas fico aliviado por isso.

E então entro no que foi o quarto dela um dia. É pequeno, com móveis surrados e há várias fotos dela espalhadas pelas paredes. Com várias idades, desde pequena, com roupas de diversas danças. Linda. Observo atentamente cada uma das fotografias, admirado com a graça, a beleza, o brilho dessa mulher. Desde pequena. Sempre tão perfeita. De repente parece que ela está longe demais de mim, a puxo para meus braços e a beijo.

— Quero que nossos filhos se pareçam com você. Você é tão linda, minha bruxinha!

Acho que nunca a vi tão surpresa com uma declaração minha, ou tão feliz. Ela sussurra a palavra “obrigada” e me beija. E nem vejo a hora em que Rosália sai do quarto, perdido em seus beijos.

Só mais um pouco Cleber, uma noite e uma tarde, Suzana vai jogar na cara

dessas velhas safadas o quanto seu DNA é diferente do delas e então vocês irão embora. Você consegue Cleber, você a ama. Minha certeza vacila no momento em que somos separados, pois a avó de Suzana quer falar com ela a sós. Sou levado a um quarto de hóspedes, onde ficaremos. E decido tomar um banho.

Isso aqui parece o banheiro de um motel. A banheira redonda, os diversos saís de banho baratos, a decoração apelativa e o constante perfume feminino que parece não passar nunca. Estou ficando enjoado e arrependido de não ter concordado com a ideia de Suzana de dormirmos em um hotel. Tomo meu banho no chuveiro mesmo, vai saber o que já foi feito nesta banheira. E talvez esteja ficando louco, ou implicando demais com o lugar, mas tenho a estranha sensação de estar sendo observado. Como se houvesse um espírito devasso dentro do banheiro comigo. Estou parecendo a Suzana.

Tomo o banho mais rápido da história dos banhos rápidos e saio enrolado na toalha. Entro no quarto e um vulto se levanta de repente, me fazendo dar um salto nada gracioso para trás. (Mas eu não berro, só para você ficar sabendo) E então, quando reparo no “vulto” quase berro.

É minha sogra. E ela está nua. Totalmente nua. Ah merda!

— Quarto errado querido, mas mesmo assim é bem—vindo.

Não estou no quarto errado, minha mala e a de Suzana estão ali. A velha safada invadiu nosso quarto.

— Suzana! — berro. — Suzana! Socorro!

— Não precisa gritar, querido. Só quero conhecer melhor o namorado da minha filha.

Cubro os olhos com os dedos e vou andando de ré em direção a porta.

— Podemos nos conhecer vestidos. Aliás, devemos fazer exatamente isso.

— Se der mais um passo para trás, eu pulo em você, bonitão — ameaça e paro onde estou. — Não se preocupe tanto. Suzana foi criada aqui, sabe como as coisas funcionam. Ela não vai se importar. Aqui em casa, nós dividimos TUDO. É bom aprender isso já que vai penetrar na família.

— Não pretendo penetrar em nada — digo e fecho os olhos.

Me preparo para abrir a porta e sair correndo de uma vez, quando sinto um frio na bunda e arregalo os olhos imediatamente. A louca arrancou minha toalha. Ah merda! O que posso fazer? Não posso machucá-la, não posso sair correndo nu por um bordel e menos ainda “penetrar” na família. Dou a volta pela mulher que parece prestes a me atacar a qualquer momento, e agora a velha tarada está entre mim e a porta.

— Uau! Suzana sabe escolher! Que bom gosto tem a minha filha.

Penso que estou totalmente ferrado, mas aí tudo piora. Pois, saída do nada, alguém pula em meus ombros. Sinto pernas se enredarem no meu quadril, seios

murchos tocarem minhas costas, e começo a berrar:

— Suzana! Socorro! Bando de doidas!

E se isso não é uma situação fodida o bastante para você, a porta abre e Suzana aparece. E não sei se estou salvo ou ainda mais encrencado, pelo olhar que ela me lança. Ela fica totalmente parada, olhando a cena diante dela. Estou nu, sua mãe nua a minha frente, e sua tia nua pendurada nas minhas costas.

— Suzana, amor... — tento falar, mas as palavras somem. Não há o que falar.

Começo a chorar. Não sei de onde vem, mas fico desesperado, irritado, com essas mulheres loucas, com essa casa toda errada, com a criação que Suzana teve. Com o fato de ter sido pego nu com as velhas da família dela. Merda! É aí que Suzana começa a rir.

— Vocês são patéticas! Saiam de perto do meu namorado agora mesmo!

Me sinto totalmente desconfortável quando Violeta escorrega por meu corpo e se afasta.

— Venha aqui, Cleber — Suzana diz me estendendo os braços e corro como um menino para eles.

— Elas me agarraram. Nuas. Me agarraram — fico repetindo como um menino assustado.

Ela me abraça e acaricia minhas costas:

— Já passou, não aconteceu nada. Passou, amor.

— Venha me ver amanhã, Suzana. Vamos conversar. Há algumas coisas que preciso dizer a você — pede Rosália.

— Depois do que acabei de ver não há mais nada a ser dito. Vocês traumatizaram meu namorado, e olha que ele era um pervertido e safado, e vocês conseguiram traumatizá-lo.

— Por favor, venha. Sozinha se quiser, mas venha mais cedo. Para termos mais tempo juntas. Preciso trabalhar agora.

Suzana não responde, e percebendo que não terá uma resposta, Rosália sai do quarto seguida por Violeta. E eu ainda estou em choque. Fui agarrado. Pela mãe e pela tia da minha namorada. A velha tarada se pendurou nua nas minhas costas. É para deixar qualquer um em choque.

— Da próxima vez que eu disser que algo não é uma boa ideia, confie em mim e me obedeça — ela diz.

— Com toda certeza, você sabe das coisas.

— Sinto muito por isso, vamos para o hotel.

Concordo imediatamente e saímos dali.

Abraço Suzana o mais apertado que posso no hotel, que é próximo a “Casa das flores”. Ela está disposta a não ver a mãe nunca mais, e acho que está certa, mas primeiro precisa se libertar de todo esse passado. Não tento fazer amor com

ela fisicamente, sei que depois de tudo o que presenciamos ela não precisa disso, mas faço amor com ela emocionalmente. A abraço, e repito que a amo até que ela adormeça, repito que estou aqui, continuo aqui, sempre estarei aqui. Ela chora um pouco, depois brinca sobre como foi ter os seios de sua tia nas minhas costas, os apelido de dois ovos fritos frios e ela adormece finalmente.

Pego o telefone e ligo para Sebastian.

— E aí, cara, como é a casa da família da Suzana?

— Parece um filme pornô ruim. A tia e a mãe são duas velhas descontroladas que só pensam em sexo. E tentaram me agarrar.

Sebastian fica em silêncio para depois cair da gargalhada.

— Te agarrar? Isso foi filmado? Por favor me diga que foi.

— Claro que não! — Eu acho que não. Não deve ter câmeras nos quartos de lá, não é mesmo?

— Não pode ser tão ruim. Pelo menos são bonitas?

— A mãe dela até que sim, mas a tia, parece um maracujá chupado. Acredite, isso é pior do que os pesadelos que temos quando somos adolescentes e nossa mãe nos pega com revistas pornô no banheiro. Isso aqui é um inferno. Estou quase arrependido por ter obrigado Suzana a vir aqui.

— Vamos Cleber, seja mais homem. Você custa a tomar uma atitude que não seja egoísta e por você mesmo, então resista. Você já pegou tantos tipos de mulheres, duas velhas safadas não pode ser tão ruim assim.

— Vai à merda. Agora entendo porque precisavam de Suzana. É linda, quente, sensual. Essas taradas da terceira idade estariam ricas a essa hora se ela tivesse ficado. Escolheram a filha mais bonita para ter uma filha e dar continuidade ao negócio. Devem ter se ferrado bonito quando minha bruxinha fugiu.

— Você acha que a mãe dela engravidou de propósito?

— Tenho certeza.

— Ainda bem que ela fugiu. Preciso ir, Celina está sentindo dores. Força homem, vale tudo pela mulher que amamos.

— Eu sei. Só quero tirá-la daqui e levá-la para nossa casa, onde poderei cuidar dela como ela merece ser cuidada e vou tratar de fazer com que ela esqueça tudo o que aconteceu aqui.

— Está certo. De vez em quando você é admirável, Cleber Dantas. Agora vá dormir e sonhar com as velhas taradas.

— Cruz credo. Boa noite, homem.

Olho minha devassa, minha bruxinha e a aperto em meus braços. Esse fogo dela vem de uma herança, mas seu caráter, sua força e personalidade são dons unicamente dela. E são essas as qualidades que mais me fazem amá-la.

Suzana

Eu sabia que ou minha mãe ou minha tia atacariam Cleber no momento em que eu o deixasse sozinho, mas minha avó queria me falar algo em particular, tinha uma proposta para me fazer. Uma proposta ridícula, mascarada por seu amor por mim, que nem fiz questão de responder. A deixei falando sozinha, para salvar Cleber. E teria chegado a ele a tempo de evitar ter minha tia nua pendurada em suas costas, se não tivesse sido abordada por Tomas.

O tempo fez bem a ele, como sempre faz a homens ricos e mimados por seus pais. É um homem lindo, e claramente disputado pelas meninas aqui. Arregala os olhos ao me ver, e sai da rodinha seminua que o cerca, vindo diretamente até mim.

— Suzana! — diz admirando—me dos pés à cabeça.

— Não acredito que pague por sexo — digo.

— Não pago. Sou a diversão delas, elas precisam de prazer de verdade de vez em quando. Você está maravilhosa, Suzana.

— Então você continua o mesmo, vivendo por diversão. Achei que a essa altura já estivesse casado, com filhos e ao menos a sombra de um caráter.

Sua admiração começa a desvanecer quando sua expressão se fecha totalmente.

— Sou casado. Sou um homem de respeito, Suzana.

Observo as meninas esperando por ele como um bando de viciadas em algo que só ele pode dar, então, me dou conta:

— Você pega o dinheiro delas.

Pronto! Sua expressão muda totalmente e ele fica irritado.

— Não pego dinheiro de ninguém! Elas ganham o que ganham graças a mim.

— Uau! Você virou um cafetão.

— Não me chame assim! — ele diz elevando o tom de voz.

— Não precisa ficar alterado por eu ser sincera, já estou de saída. Até nunca, cafetão.

Dou um passo para longe dele, mas ele me puxa e rodeia meu corpo com os braços.

— Você adora acusar, não é mesmo? Sempre se achando tão melhor do que todos nós. Mas olhe para você, dançando seminua em um clube noturno. Dando um golpe em um ricaço. Você e sua família são todas farinha do mesmo saco.

Não posso imaginar como ele ficou sabendo sobre Miss Sue, não se pode guardar um segredo, todo mundo que não deve, descobre. Mas na verdade, nem

faço questão de saber como ele descobriu isso, afasto—me dele e digo calmamente:

— Cleber me ama, e sua situação financeira é irrelevante. Quanto a Sue, sim, eu danço seminua em um clube noturno. E há várias outras maneiras e vestimentas diferentes que posso usar para me expressar na dança. Mas mesmo que eu dançasse nua, isso não faria de mim uma criatura baixa como vocês. Meu corpo e meus movimentos podem ser admirados, mas as minhas pernas só abrem para o homem certo. Um único homem. E eu não recebo dinheiro por isso. Não me importa o que se passa na cabeça de quem me vê no palco, o meu corpo tem dono. Ele sabe que sou dele e apenas ele me tem. Tenho algo que você nunca ouviu falar, Tomas, tenho moral. E é por causa dessa sua mente machista e fechada que é tão ruim de cama!

Ele não responde, até tenta, mas não diz nada. E não fico para esperar que encontre as palavras. Subo para o quarto onde vou passar a noite com Cleber para tentar convencê-lo a irmos dormir em um hotel, e quando abro a porta, ele está ali, nu. Minha mãe está ali, nua e próxima demais dele, e minha tia está ali, nua, pendurada nas costas dele. Por um segundo, não sei o que pensar. Mas conheço minha família. Conheço meu homem quando não é culpado de algo, e sua cara de pânico, quase pedindo por socorro, prova que desta vez a culpa não foi dele. E aí ele diz:

— Suzana, amor... — Acho que não encontra nada que possa explicar essa situação. Ele não quer acusar minha família, e não sabe o que fazer. De repente, ele começa a chorar. E não consigo, começo a rir. De tudo isso, dessa situação ridícula, de encontrá-lo sendo agarrado por minha família maluca, rio da forma como ele me olha e como parece um menino desesperado com medo do bicho papão.

— Vocês são patéticas! Saiam de perto do meu namorado agora mesmo! — digo e estendo os braços para ele.

Meu Deus, permita que apesar de ter tido minha tia nua em suas costas, esse homem me ame o suficiente para não desistir de mim.

— Venha aqui, Cleber — chamo.

Ele vem até mim quase em pânico, assustado, acho que em choque.

— Elas me agarraram. Nuas. Me agarraram — ele fica repetindo e o abraço.

— Já passou, não aconteceu nada. Passou, amor.

— Venha me ver amanhã, Suzana. Vamos conversar. Há algumas coisas que preciso dizer a você — diz minha mãe.

— Depois do que acabei de ver não há mais nada a ser dito. Vocês traumatizaram meu namorado, e olha que ele era um perverso e safado, e vocês conseguiram traumatizá-lo.

— Por favor, venha. Sozinha se quiser, mas venha mais cedo. Para termos mais tempo juntas. Preciso trabalhar agora.

Claro que precisa, não respondo e ela sai finalmente do quarto.

Adormeço pouco depois de chegarmos ao hotel, após Cleber brincar e tentar me tranquilizar. Eu é que deveria tentar tranquilizá-lo, mas ele está ali, me acariciando, dizendo que me ama, que está aqui comigo, e isso é tudo o que preciso para me sentir em casa.

Eu soube desde o primeiro instante que esta era uma péssima ideia. Levar um homem como Cleber, bonito, rico e com a placa de neon “sexo excelente” na testa, para perto da minha família. Só podia acabar em merda. Achei que ele fosse correr na primeira hora. Quando essa hora passou, achei que correria no jantar, mas surpreendentemente, ele sobreviveu. E só foi entrar em choque quando minha mãe e minha tia o agarraram. É, parece que esse homem me ama mesmo. Ele está muito calado essa manhã, irritado, eu acho. Mas eu esperava que nem estivesse aqui essa manhã, então sua expressão fechada é lucro. Sento —me em seu colo, e imediatamente, a carranca some e ele sorri.

— Podemos ir embora quando você quiser — digo.

— Vamos hoje, assim que você falar com sua mãe.

— Não vou falar com ela! — digo e tento me levantar, mas ele me segura, quase me esmagando contra ele.

— Vai sim. Você vai voltar lá e vai dizer o que veio aqui para dizer, chega de guardar as coisas para si mesma, Suzana. Está na hora de botar tudo para fora.

Desisto de me debater e me recosto nele, derrotada.

— Ela não é má. Foi criada assim, esse é o jeito dela, não preciso botar as mágoas na mesa, vamos voltar para casa e esquecer isso.

— Boa tentativa, mas isso não é desculpa. Você teve a mesma criação e não é como ela. Suzana eu sou seu, estou com você. Deixamos isso bem claro e mesmo assim ela me agarrou.

— Mas não fez isso para me ferir. Fez porque é o que ela faz. Você é lindo e exala sexo, é uma reação natural do sexo feminino desejá-lo. Só que isso nela é exagerado. É movida a sexo.

— Não importa! Isso não justifica a forma como foi criada e a falta de consideração dela com você.

— Se formos embora agora, eu aceito morar com você — apelo.

Ele abre um enorme sorriso e por um momento, tenho a esperança de que vamos pegar a estrada imediatamente.

— Suzana Leal, você está me chantageando?

— Não. Estou te fazendo uma proposta justa.

— Estou criando um monstro — ele diz e mordisca minha orelha. — Proposta

negada, safadinha, você já mora comigo, só não aceitou isso ainda.

— Vou voltar para o meu apartamento assim que chegarmos em BH.

— Suzana, você vai ver sua mãe e vai ouvir o que ela tem a dizer, ou ficará o resto da vida se perguntando o que ela diria. E não adianta fazer essa careta! Dirigi até aqui e tive uma velha pelada pendurada em mim, só para você ter essa conversa, e você vai tê-la!

Sorriso.

— Ouvi dizer que homens adoram uma xoxota encostada em qualquer parte do seu corpo.

— Não uma xoxota velha e extremamente usada. Terei pesadelos por um bom tempo. Houve uma coisa estranha, os lábios de baixo dela, pareciam estar... — ele procura a palavra certa com uma careta de repulsa — pendurados. Não que eu tenha me concentrado na sensação de tê-los ali, mas foi uma coisa meio difícil de não reparar.

Não aguento mais. Um ataque de riso me toma e nem vendo a expressão raivosa dele consigo controlá-lo. Os seios são dois ovos fritos frios, e os lábios de baixo estão pendurados. Amo os sacrifícios de Cleber, amo os apelidos e comparações ridículas que somente ele sabe fazer. Amo esse homem!

Cleber ainda está com uma tromba e desesperado quando nos aproximamos da “casa fantasma” (é assim que sempre chamei a casa rosa).

— Não acredito que será tão má a ponto de me obrigar a entrar aí de novo, Suzana! Você não tem coração — ele resmunga.

—Tenho e ele é seu, por isso você vai comigo. Além do mais, essa péssima ideia de vir até aqui foi sua! Agora aguenta.

— Meu pai sempre dizia que não se pode contrariar uma mulher. Agora sei o que ele quis dizer. Vocês mulheres, são verdadeiras bruxas. Sempre dão um jeito de jogar nossas escolhas erradas em nós. E se essas escolhas forem algo que vocês não concordaram, então, fazem mais do que jogar em nós, vocês nos nocauteiam com elas.

Sorriso.

— Cleber, eu adoro suas filosofias de boteco, mas a questão é a seguinte: não vou entrar aí sozinha. Ou você vem comigo, ou voltamos para o carro e vamos embora. *Para sempre* — enfatizo tentando convencê-lo a entrar no carro.

— Chantagista! — Ele encara a casa e respira fundo, criando coragem, mais ou menos como eu faço quando vou tomar uma injeção.

Ah, meu adorável bundão.

— Amor, acalme-se — digo e aperto sua mão — ainda podemos voltar para o carro.

— Não. Vamos acabar logo com isso! Espero ser pedido em casamento depois disso, Suzana.

— Relaxa baby, eu te protejo — digo abrindo a porta e sou obrigada a rir quando Cleber entra atrás de mim cobrindo o meio das pernas com as mãos.

Não é necessário que eu chame ninguém, sempre que a porta é aberta, um sino toca. E logo, ela aparece. Minha mãe. Pelo menos está vestida. Com uma camisola bem curta, mas vestida.

— Eu sabia que viria, filha. — Então ela olha Cleber surpresa. — E você voltou. Acho que gostou do tratamento afinal de contas, bonitão.

— Não poderia ter sido pior — ele responde de forma tão fria que tanto eu quanto minha mãe nos assustamos.

Ela nos conduz ao que chama de mesa do café da manhã, onde minha avó já está bebendo seu café.

— Olá, Suzana — diz sem olhar para mim.

Sei que a magoei, mas ainda não mudei de ideia.

— Olá, vovó.

— Voltou aqui porque reconsiderou minha proposta?

Cleber, que estava andando praticamente colado nas minhas costas, me puxa para ele.

— Que proposta?

— Não é nada — digo. — Não, não mudei de ideia e não mudarei, só vim porque ela pediu, e Cleber me obrigou.

Minha mãe se senta à mesa e pega uma xícara de café, mas não a toma. Oferece para mim e Cleber, mas recusamos, então ela começa a falar. Esse é o lado bom dela, nunca faz rodeios.

— Não sei quando você se transformou em uma puritana cheia de moralismo, mas quero me desculpar por ter brincado com seu namorado.

Antes que eu possa responder, Cleber fala:

— Isso é mesmo um pedido de desculpas? Porque não parece.

Ela fecha a cara e volta a falar comigo.

— Me desculpe, filha. Não achei que a coisa entre vocês fosse assim, tão séria. Achei que tivesse voltado aqui porque percebeu que não pode viver de sonhos e que estaria disposta a cooperar. A proposta de sua avó é excelente, sempre quis ouvir algo do tipo e nunca tive essa oportunidade.

— Pessoas pequenas têm sonhos pequenos. Essa com certeza não é a proposta que eu queria ouvir ao voltar para a casa.

— Nunca fomos dadas a sentimentalismo, Suzana. Não me cobre isso agora.

— Nunca cobraria algo do tipo de você, mãe. Eu só queria... — as palavras travam.

Eu sempre quis gritar aos quatro ventos que sou diferente delas, que sou alguém afinal, com sonhos de verdade, com sentimentos bons, alguém que não escolhe um meio fácil de conseguir as coisas. Sim, sei de muitas meninas como elas que não veem isso como um meio fácil, sei de muitas histórias tristes, mas não é o caso delas. Fazem isso porque gostam. E é estranho que quando tenho essa oportunidade, as palavras não queiram sair. Não sei explicar, mas tenho a sensação que há algo que será rompido para sempre se eu disser que não faço parte da família. É como se eu fosse estar sozinha depois disso. Sei que é confuso, mas é tão difícil romper algo que você sempre soube que está ali, mesmo que seja algo que não te faz bem, parece que a gente precisa saber que alguma coisa está ali. Sempre ali. Se tudo desse errado, eu poderia voltar. Não que tenha pensado em fazer isso em algum momento, jamais me dedicaria ao negócio da família, agora, sinto que vou romper esse laço. Serei como uma órfã. Talvez isso seja melhor do que ter essa família, talvez não. Sei que preciso pôr para fora quem sou de verdade, porque parece que elas nunca prestaram atenção nisso, mas as palavras não saem. E de repente, quero sair correndo.

— O que você queria dizer a ela, Rosália? — pergunta Cleber — Espero que seja um pedido de desculpas decente.

Minha mãe sorri.

— Suzana não se ofendeu por termos te assustado, querido. Ela sabe a família que tem.

— E é exatamente por isso que você deveria pedir desculpas. Todas vocês deveriam. Não é justo o que fizeram com ela, não poderiam ter usado uma vida como um projeto de sobrevivência de vocês. A forma como a criaram foi quase desumana, não se cria um filho sem afeto e sem escolhas. O que vocês fizeram à mente dela, não se faz, menos ainda com alguém que amamos.

— Suzana é uma garota forte — ela diz irritada.

— Graças a Deus por isso! É muito fácil acreditar que ela é forte e jogar toda a merda em cima dela esperando que ela aguente, mas isso não diminui sua culpa! Você não faz ideia do que fizeram com a mente dela, não faz ideia do que ela tem passado. Será que você alguma vez se preocupou em como sua filha tem se virado? O que tem feito? Como tem passado? Você alguma vez ligou para ela para saber como estava, que não fosse interessada em saber se já estava vindo para cá encher seu rabo de dinheiro?

— Como ousa falar assim comigo? Você não me conhece! Não sabe nada sobre mim! — ela grita.

— Sei o suficiente! Sei o que vi. E vi sua filha procurando psicólogos e se escondendo do mundo para tentar reprimir desejos normais, porque não queria ser igual a você!

— Mas ela é igual a mim! Sempre foi! Ela se prende a esse moralismo barato e tenta não ser, mas sempre teve o desejo desenfreado, a luxúria, a devassidão dessa família. Está no sangue dela!

— Você nunca, nunca mesmo, vai chegar aos pés dela. Ela não é parecida com você em nada. Deveria lavar sua boca por falar tamanha asneira.

O olhar que Cleber lança a ela ao dizer é isso é tão intenso, e tão ameaçador, que ela não responde. Senta—se de novo na cadeira e fica calada, e Cleber volta a falar.

— Se você não tem um pedido de desculpas para ela, vou levá-la agora e você nunca mais irá vê-la. E irei garantir que sequer entre em contato com ela.

— Você tem um dono agora, Suzana?

— Não, ela tem amor agora. Tem alguém que a protege e que se preocupa com ela. E esse alguém não vai permitir que nenhuma de vocês a machuque de novo.

Minha mãe abre a boca para responder, mas é minha avó quem fala.

— Ele está certo, Rosália. O que fizemos com Suzana não foi direito. — Ela olha para Cleber. — Ontem propus a minha neta tudo isso. A casa, o nome, a fama. Pode parecer pouco, mas ganhamos muito dinheiro aqui, de várias formas.

— Eu imagino — ele diz.

— Não propus que ela se prostitua, nunca pedi isso, embora fosse o que esperava que ela fizesse, propus que administrasse esse lugar, passá-lo para o nome dela e ensiná-la tudo o que precisa. Estou velha e cansada, poderia passar meu legado para qualquer uma de minhas filhas, mas é Suzana quem não o perderia. Rosália e Violeta não terão mais nada em poucos meses, agem por impulso e desejo. Suzana é fria, e tem caráter. Não se deixaria corromper. Mas vejo que ela já tem uma vida, muito bem definida. Nunca precisará de nós para nada.

O silêncio que se segue após essa declaração me faz sentir um cachorrinho abandonado. Mas então, minha mãe segura a mão de minha avó e começa a falar.

— Achamos que toda a repulsa que víamos no seu olhar quando era criança, Suzana, toda a aversão que tinha pelo que fazíamos, fosse passar quando entendesse o que fazíamos. Por isso pedi a Tomas que se aproximasse de você, para despertá-la.

Arregalo os olhos e quero correr. Um plano. Elas pediram que Tomas ficasse comigo para me convencer a me vender como elas. Mas Cleber me segura onde estou, me abraça por trás e me aperta, me mantendo ali.

— Quando você fugiu — ela continua — ficamos em choque. Eu jurei que nunca mais a procuraria. Mas eu a amava Suzana, eu a amo. Não sei mostrar isso, amor não é algo que eu conheça, mesmo de um jeito errado, estou sempre

aqui e você sabe disso. Nunca te forçaria a nada e você sabe disso também. Só queria o que fosse melhor para você.

— Não. Você queria o melhor para si mesma. Acha que nunca reparei as vezes em que me fazia passar perto dos homens que mais almejava tirar dinheiro? Acha que eu era tão burra que não entendia que você os estava tentando, usando a filha virgem? Eu sempre soube. E sempre odiei o que você fazia. Nunca odiei você, mas sim quem você era. Eu queria tanto ser diferente de você, e olha para mim. Eu sou! Totalmente diferente! E nem vou começar com esse papo da modéstia de que ninguém é melhor do que ninguém, eu sou melhor do que você! Do que todas vocês! Porque eu sei exatamente quem eu sou. Você queria garantir meu futuro, mamãe? Onde eu estaria agora? Como você? Uma mulher sozinha, que já fez tanto sexo na vida que nem deve mais achar tanta graça, mas que não sabe fazer outra coisa? Eu sou mais do que isso. Tenho minha profissão, duas, sou dançarina e professora. Tenho meu lar, minhas coisas, meu sustento. Não dependo de ninguém. Não preciso do dinheiro de ninguém. Por tanto tempo eu tive medo de sentir desejo, de querer ser mais do que uma mulher como as outras na cama, mas agora, não tenho medo de assumir que sou sim uma devassa. E até mesmo meu lado devassa tem mais moral do que você. Eu não sou como você, nunca fui e nunca serei! E me desculpa se seu projeto de vida deu errado, mas nunca serei quem você esperava que eu fosse!

— Você é exatamente quem eu esperava que fosse. Não queria que fosse assim, mas esperava que fosse exatamente assim. Sempre foi tão forte, Suzana, tão decidida, tão cheia de si. Você nunca foi obediente, eu sabia que ninguém te dobraria fácil. Sempre bateu de frente com tudo, correu atrás do que quis, você sempre foi assim. E você está certa, não sei quem eu sou, mas sei quem você é.

Ela me olha com olhos marejados, e só quando sinto as lágrimas caindo por meu rosto, percebo que os meus também estavam assim.

— Desculpa, filha. Ainda bem que encontrou alguém que a ama, alguém que te dá o amor que nunca demos.

Assinto. Não quero mais falar. Quero ir embora. Me viro para Cleber, que me entende, mas de repente alguém me puxa, e minha mãe me abraça.

— Seja feliz, pequena Suzana. — É a primeira vez que ela me chama de uma forma carinhosa, sempre me chamou de pequena Suzie, o que sabia que me machucava. — Tenho orgulho de você. Sempre soube fazer suas escolhas.

— Você pode vir comigo mãe, posso arrumar um serviço para você na Academia, e você pode ficar com meu apartamento, fico mais no de Cleber mesmo — Olho para ele, e ele não está aqui. Onde ele foi?

— Não, filha. Meu lugar é aqui. Minha vida é essa. Sinto muito que a envergonhe, mas não vou a lugar algum.

Olho para ela, e para a minha avó. Amo as duas. Mas não quero ficar mais nem um minuto nessa casa.

— Então, até um dia — digo e a abraço de novo.

Minha avó se junta ao abraço, dizendo:

— Até um dia, Suzana. Seu lugar ainda está aqui, espero que nunca precise voltar, mas sempre terá este lar.

E fico feliz que meu ponto não tenha se perdido apesar de tudo. Afasto—me delas e procuro por Cleber, o encontro descendo as escadas correndo, de olhos arregalados. Ele pega minha mão e me arrasta porta afora, e vejo de relance minha tia apenas de lingerie correndo atrás dele.

Rio tanto, que ele praticamente me atira no carro e dá a partida como um louco.

— Uau! Parece que alguém aqui arrasou o coração da titia!

Ele faz uma careta e nem me responde. Depois de dez minutos ainda estou rindo, ele ainda está com um bico enorme e com a mão fixa na barriga.

— Está com dor de barriga? — pergunto.

— Você que está tendo uma crise de riso, por que eu estaria com dor de barriga?

— Não sei, está com a mão aí desde que saímos. Não me diga que tia Violeta conseguiu colocar os lábios pendurados ou os ovos fritos frios nessa parte do seu corpo. Porque isso meio que é perto demais do seu...

— Não fale sobre meu pau e sobre sua tia flácida na mesma frase.

— Você acabou de fazer isso.

— Foi explicativo, não conta. E não, ela não encostou nem perto do meu adorado pau. Só me assustou.

— Você anda muito assustado.

— Aquilo ali parece uma casa de terror. — Então ele me olha, e seu semblante muda, vejo em seus olhos todo amor reservado apenas para mim. — Mas estou orgulhoso de você, Suzana. Muito orgulhoso.

Quer agradecer por tudo o que ele fez, por estar ao meu lado e principalmente por continuar ao meu lado. E nem tenho ideia de como começar a agradecer por tudo. Sorrio e puxo sua mão para beijá-la, e aí ouço o barulho. Algo cai no chão. Observo atônita várias fotografias saírem de dentro da blusa de Cleber.

— O que é isso? — Pego uma delas, é uma foto minha com seis anos, com um tutu rosa em minha primeira apresentação de balé. — Cleber, você roubou minhas fotos?

— Não. Elas são suas, o que é seu é meu, então não é roubar.

— São da minha mãe — digo, mas já estou rindo.

— São lindas. Quero pendurá-las no meu escritório.

— Não acredito. Sua cara de pau, Cleber Dantas, não tem limite.

Ele sorri finalmente. Olha para mim com todo seu charme jogado naquele sorriso molhador de calcinhas e diz:

— Você me deve um pedido de casamento.

A casa está cheia. Olho pela sexta vez para o cartaz que está em meu camarim. É o cartaz que Cidão espalhou pela cidade. A volta de Miss Sue. Desde que os meninos foram presos, tenho vindo ao Red muito pouco, e apenas para auxiliar as novas dançarinas. (Juro que não tive nada a ver com o incidente que Lana sofreu, ela conseguiu furar a prótese de silicone) (e meus seios são naturais, caso esteja se perguntando) mas o movimento caiu muito, e Cidão resolveu promover a volta de Miss Sue, me dando o que eu tanto queria: um show só meu. Um número todo, uma vez na semana, onde não precisarei tirar a roupa. Apenas dançar, e seduzir. Mas é estranho que não queira mais seduzir ninguém além de Cleber. Ele está na plateia. Sorri ao me ver e me encoraja, mas sei que não queria que eu fizesse isso.

Nenhum homem em sã consciência aceitaria ter a namorada dançando em um clube noturno. E agora não tenho mais que fazer isso, já trabalho com dança, como sempre quis, já assumi meu lado devassa e seduzo meu homem todas as noites, Miss Sue não deveria mais existir. Mas é difícil me despedir dela. Observo escondida por uma fresta atrás do palco, Cleber sentado no bar. Está cabisbaixo, olha de rabo de olho para os homens que gritam o nome de Sue, está infeliz. Mas mais cedo, quando questionei sobre isso, ele me disse com o maior sorriso do mundo que não se importava. Estou aprendendo que esse homem faz sacrifícios demais por mim. E passou da hora de eu fazer um por ele.

A luz abaixa e a música começa. Não podia ser outra música, *Naughty girl*, que me descreve tão bem, e às vezes tão pouco. Subo no palco e a plateia grita. Aproveito isso, essa sensação de ser ovacionada e desejada, quero me lembrar disso exatamente assim. Tiro o sobretudo negro bem devagar, os homens gritam e procuro na multidão, até avistá-lo. Ele está na frente do palco, como sempre, seus olhos fixos nos meus, admirando meus movimentos. Então danço para ele. Cada passo, cada movimento, tudo é para ele. Não tiro meus olhos dos seus em nenhum momento e posso ver como ele começa a estufar o peito todo quando a plateia percebe que estou fazendo um show exclusivamente para aquele homem ali.

Quando a música acaba, as pessoas aplaudem. Há mulheres aqui essa noite também, vieram apenas para me prestigiar. Fico muito grata a cada uma dessas pessoas que saiu de duas casas a noite apenas para ver Miss Sue, e sei que é o momento perfeito. A luz do palco é acesa, a fumaça começa a se dissipar, não

quero dizer nada. Quero que todos entendam, mas principalmente, que ele entenda o que vou fazer. Fico parada em frente a plateia até que todos se calam e me observam, esperando meu próximo número. Mas não começa outra música. Não vai mais começar.

Agradeço com gestos por terem ido até ali e então, tiro a máscara, e em seguida a peruca. Há uma comoção geral na plateia, entre os seguranças, entre os atendentes e garçons, sei que o lugar todo está parado, vidrado em mim. Visto meu roupão negro de volta, solto o cabelo negro e seguro a peruca vermelha tão conhecida, junto ao peito.

— Foi muito bom ser Miss Sue. Obrigada a cada um de vocês por isso. Mas agora, quero ser eu mesma. — Olho para Cleber. — Quero ser sua. Só sua.

Ele não diz nada, mas me olha com tanto amor, que não precisa dizer. Sobe no palco em dois segundos e me puxa para seus braços.

— Sua bruxa, sexy, linda, safadinha. — Segura meu rosto entre as mãos e olha em meus olhos. — Eu te amo demais, mulher. Muito mesmo. Desesperadamente.

— Eu sei amor, também te amo exatamente assim.

— Não Suzana, você não entendeu, não existe outro amor como o que eu sinto por você. Você é mais do que a minha vida, adorável safadinha, você é tudo. É a definição perfeita de tudo.

Agarro seu pescoço e ele me beija, e o falatório que tomava a plateia desde o momento em que tirei a peruca, cessa. E todos aplaudem. Não quero saber o que Cidão tem a dizer, não quero saber o que a plateia tem a dizer. Quero ir para a casa, e mostrar ao meu homem o quanto tudo significa.

Em pensar que tive medo que Cleber fosse perder o encanto que sente por mim ao conhecer minha família, ao descobrir a profundidade da devassidão a qual fui submetida desde sempre. Mas ele continua o mesmo, aliás, está cada dia melhor. Parece cada dia mais apaixonado, é sempre tão paciente, tão fofo, tão intenso.

Estou preparando o café da manhã quando meu celular toca. É Gilcelle.

— Sue, acho que você deveria acessar o link que vou mandar no seu whats agora.

— Que link? O que houve?

— Veja você mesma. Só quero ressaltar que estou em um fim de mundo e até aqui esse vídeo já chegou.

Ah merda! Não acredito que ela fez isso. Encerro a chamada e clico imediatamente no link, e ao ver o vídeo, ligo para minha mãe.

— Por que foi que você fez isso? Cleber vai desistir de mim de uma vez por todas!

— Eu não fiz, querida. Foi um homem que me procurou. Entrou em contato comigo por e-mail e me deu um bom dinheiro por esse vídeo.

— Homem? Que homem? Como um homem qualquer poderia saber sobre esse vídeo, mãe?

— Não é um homem qualquer, ele trabalha com seu namorado. E não se preocupe, Suzana. Ele tem sobrevivido a todas as mensagens que Violeta envia para ele. Não será um vídeo bobo desses que o fará desistir.

Mas não estou mais ouvindo. Estou centrada em algo que ela disse. Um homem que trabalha com Cleber. Se Matheus não está na cidade, então... Cleber vai matar Sebastian!

Cleber

Estou no YouTube. De novo.

— Já posso me considerar o rei dessa merda! — digo irritado a Suzana. — Eu deveria criar um canal, chamado “Por Suzana” e então me tornaria uma celebridade do humor.

Suzana está calada, sentada no braço do sofá, bem ao meu lado.

— Então eu poderia convidar Celina para participar do meu canal, porque se os micos dela fossem filmados como os meus, ela ganharia de mim.

— Acho que não. Você cantou sofrência em uma boate lotada, depois fez uma tentativa de strip e caiu de cara no chão. Depois implorou por sua vida a uma filmadora, tremendo como um bambu. E agora, está desesperado com uma velha nua pendurada em suas costas. Você, definitivamente, é o rei do Youtube.

Algo está errado com ela. Ela não diz essas coisas rindo da minha cara, como normalmente faria, está séria e parece preocupada.

— Isso é porque você não conheceu a Celina antes. Ela é a rainha dos micos. — Fecho o notebook irritado com aquelas milhões de visualizações que só crescem a cada minuto. — Pelo menos Sebastian teve a decência de não deixar meu pau aparecer. Não gostaria de tê-lo exibido em um vídeo de comédia.

Ela apenas assente.

— O que eu poderia fazer? Se simulasse um assalto, onde o ladrão obrigasse Sebastian a cantar sofrência e ficar pelado, apontando uma arma de brinquedo para ele, provavelmente Celina entraria em trabalho de parto antecipado. E me mataria depois.

Ela arregala os olhos e me encara:

— Uau! Como pensou em tudo isso tão rápido?

— Sou bom com vinganças. Não tanto quanto uma mulher, mas muito bom.

— Assustador! — ela murmura.

— Talvez eu mande alguns amigos do Lagartão darem uma surra nele. Eles poderiam quebrar todos os seus dentes, e matar o Sebs.

— Celina te mataria em seguida e seríamos duas viúvas loucas. Não quero ser uma viúva louca.

— Tem razão. Deu trabalho demais domar você, não vou deixá-la agora.

A provocação funciona. Ela me lança um olhar irritado e rebate:

— Eu precisei ser domada? Não era eu que tinha alergia a palavra amor! Não era eu que dava altas festas regadas a sexo. Não era eu que trocava mais de mulheres do que de cueca. Não era eu...

A puxo para meu colo e a calo com um beijo.

— Entendi safadinha, eu fui o domado.

— Com certeza. E vai aceitar isso assim, tão fácil?

— Amor, eu nunca mais vou discordar de você.

— Vivendo e aprendendo, meu amado chantagista.

Ela se recosta em mim e fica quieta, quieta demais levando em conta o que sei que está sentindo cutucá-la lá embaixo.

— Qual é o problema, Suzana? O que você tem?

— Eu, nada. Você que deve estar chateado por causa do vídeo. De novo. — Ela se ajeita em meu colo, mas não olha em meus olhos ao falar. — Eu sinto muito Cleber, me desculpa. Detesto te causar isso.

Em um segundo mil coisas passam por minha cabeça, todas terminadas com Suzana me deixando. Me desespero e a aperto em meus braços.

— Por que está se desculpendo? O que acha que vai fazer comigo? Você não vai, Suzana! Seja o que for, pode esquecer! Você é minha. Não vai a lugar algum. Sei que pago muitos micos e devo envergonhá-la com esses vídeos, sei que sou a merda de um homem aprendendo a amar assim, mas sou um bom aluno. Tenha mais um pouco de paciência e não me deixe.

Então, ela está rindo.

— Me envergonhar com esses vídeos? Cleber! Eu era dançarina em uma casa noturna, fui criada em um bordel e você acha que me importaria com seus vídeos divertidos que me matam de rir?

Seguro seu rosto entre as mãos e olho bem em seus olhos.

— Você não vai me deixar?

— Claro que não! Nunca vou deixá-lo!

— Então, por que está me pedindo desculpa?

Ela fica séria de novo e afasta o rosto do meu antes de responder:

— Por causa desses vídeos.

O que? O vídeo? Levanto seu rosto de novo, obrigando—a a me olhar nos olhos antes de dar uma resposta a essa desculpa ridícula.

— Isso não foi culpa sua, Suzana. Foi Sebastian quem procurou sua mãe e espalhou esse vídeo. Você não tem culpa de nada.

— Você nem estaria naquele quarto, com minha família maluca se não fosse por mim.

— E se não estivesse nessa situação ridícula com essas velhas taradas, Sebastian encontraria alguma outra situação. Sempre fazemos isso. Esses não são meus únicos vídeos. Desde quando nos conhecemos, sempre trollamos um ao outro.

Ela me encara confusa.

— Por quê?

Dou de ombros.

— Vai saber. Tudo começou na faculdade. Eu era afim de uma garota, mas ela deu mole para o imbecil do Sebastian. Eu sempre fui o mais gostoso, mas vai saber o que se passa na cabeça dessas mulheres.

Ela sorri.

— Vai saber, não é? Não dá para entender porque uma mulher preferiria qualquer outro homem a você — diz com seu adorável tom sarcástico.

— Pois é, também não entendo. Enfim, para impedir que ele passasse a noite com a garota que eu queria, aproveitei que ele estava um pouco bêbado e o tranquei no banheiro com a zeladora do nosso campus. Uma mulher horrorosa. Não demorou dez minutos trancado com a mulher, ele a comeu. Eu filmei e mostrei para a garota que eu queria. E ela desistiu dele.

Ela está de olhos arregalados, me encarando divertida.

— E aí ela ficou com você?

— Não, ela preferiu o Matheus, dá para acreditar? Resultado: os dois se deram bem e eu não. Bom, Sebastian não se deu exatamente bem. Mas o que queria dizer é que ele se vingou, depois que eu coloquei o tal vídeo na internet. E aí eu me vinguei de volta e estamos nisso até hoje.

— Como dois adolescentes estúpidos — ela diz.

— Exatamente.

— Matheus também participa disso?

— Ele é o pior. As trollagens dele são terríveis.

— Então quer dizer que tem um vídeo do Sebastian comendo a zeladora no banheiro, solto por aí. A Celina ia ter um troço se descobrisse.

— Sim, e é melhor que ela nunca descubra.

Mordo seu lábio e tiro sua blusa.

— Por que achou que isso fosse culpa sua?

— Porque as coisas que você faz têm a ver comigo. É sempre por minha causa.

— Suzana, você é meu tudo, lembra? Qualquer coisa que me acontecer sempre terá a ver com você. E eu quero que seja exatamente assim. Quero você em cada segundo da minha vida, mesmo nos micos.

— Eu só fico imaginando, que um dia você vai se cansar disso. De sempre fazer tudo e passar tudo por mim.

Em um movimento certo, a coloco montada em meu colo, sentindo minha ereção bem dura no meio de suas pernas. Ela fecha os olhos e geme, e então seguro seu rosto, e digo olhando em seus olhos, para que não reste nenhuma dúvida:

— Tudo o que eu faço por você não é nada comparado ao que você faz por mim. Talvez você não perceba, mas, desde que nos conhecemos, você tem abrido mão de tudo, para se adaptar a mim. Abriu mão da sua casa, da sua independência, dos seus amigos, da sua paz, do seu carro, de poder sair a hora que quer sem ter que dizer a alguém onde está, porque sei que sou ciumento ao extremo e possessivo demais. Você abriu mão de Miss Sue, uma parte de você, nunca farei algo grande o bastante que supere isso.

Seus olhos estão cheios e ela acaricia meu rosto.

— Você aguentou as investidas da minha mãe e sobreviveu a ter minha tia pendurada nas suas costas. Cleber, eu amo tanto você.

— Por isso somos assim, Suzana, por isso vamos ser tão felizes juntos. Porque você aceita meus defeitos, cada um deles, sei que quer me matar às vezes, mas não desiste de mim. E eu nunca vou desistir de você, não me importa seu passado, seus sonhos escondidos, nem sua mania de transformar tudo em um jogo. Eu amo você exatamente assim. Você me completa, você me domina, você faz de mim um verdadeiro homem.

Ela pula em mim passando os braços por meu pescoço e sei que está mais tranquila agora, mais segura, pois o que temos, esse amor que sentimos, o respeito que criamos, tudo isso, nada pode derrubar. Não há segredo, obstáculo, vídeo, jogo, chantagem, estupidez e medo que nos separem. Ela é mais do que minha vida, mais do que esperava que fosse, e é perfeita exatamente assim, por ser tão minha a ponto de não sobrar mais nada longe de mim. E sou tão dela, que sequer consigo pensar em quem seria sem ela. Sem essa mulher, minhas amadas leitoras, eu não seria nada.

Sou o rei do Youtube graças a ela. Sou o rei da breguise também, graças ao que sinto por ela. Que se dane! Sou o rei do sexo e da felicidade também. Então, está tudo certo.

Minha vingança está preparada. Não me olhem assim, vocês fanáticas no Sebastian, o bastardo merece uma vingança. Agora, além de tremer, as pessoas fingem chorar quando me veem. Ele me paga por isso. A parte mais difícil do meu plano brilhante, foi convencer Samarão a invadir a casa de Celina. Até o traveco tem medo da louca da Celina, mas por fim, com muito custo e muito dinheiro, a(o) convenci. (Não usei meu charme, sua mente maldosa. Não jogo charme em um traveco, ok?) Acontece que ele não vai invadir a casa de Celina sozinho(a), vai levar um monte de amiguinhas. Isso mesmo! Sebastian terá esta noite, uma festa particular regada a travecos, de todos os tamanhos, estaturas e cores. Um verdadeiro banquete para meu amigo imbecil.

Quando estou voltando para meu apartamento, após fechar tudo com Samarão,

recebo uma mensagem no celular. É uma foto. Uma coisinha muito pequena, enrolada em uma manta rosa e com olhos arregalados, quase me faz bater o carro. Uma coisa estranha acontece. Meu coração pula como um doido, minhas penas tremem e meus olhos enchem. É ela, minha afilhada, meu pequeno anjo. Abaixo da foto, há apenas a frase.

Sebastian: *Nada realmente perfeito é exatamente como planejamos.*

Uma semana antecipada. Graças a Deus ela nasceu a tarde e não serei o culpado por isso. Suzana também recebeu uma mensagem igual, pois quando estaciono o carro, ela já pula dentro dele.

— Vamos logo, quero vê-la.

Nunca tirei tanta foto na vida, como tiro da pequena Nath, tão linda, tão perfeita. Principalmente quando Suzana a pega. A bebê fica um bom tempo olhando Suzana com seus olhinhos verdes escuros, e Suzana fica tão perfeita ali, com ela nos braços, que consigo imaginá-la segurando uma menininha moreninha, com cabelos mais negros e mais revoltos, e seu sorriso maravilhoso. Devo estar olhando—a como um bobo, porque Sebastian acerta minha cabeça com um tapa.

— Acorda homem. Vá fazer uma para você e pare de imaginar a minha saindo do seu pau.

— Ainda não estou falando com você, estúpido. — Então me viro para Celina — Como está, minha querida diva?

— Exausta. Descabelada. Fui rasgada em um lugar onde nunca imaginei que uma faca fosse passar perto, e tem leite escorrendo pelo meu corpo. Mas, acho que nunca estive tão feliz.

— Posso imaginar. E você está linda, mamãe.

— Cleber, você é um adorável mentiroso.

— É o que dizem.

Então volto o olhar para Suzana, minha linda Suzana, com Nath nos braços, babando emocionada nessa coisa pequena.

— Você vai ser uma mãe tão linda — digo e ela arregala os olhos.

— Linda e velha, porque isso não vai acontecer agora.

— Talvez seus remédios sumam do armário do banheiro — brinco.

— Talvez você fique sem sexo se isso acontecer.

— Ok, nada de sumir os remédios, entendi.

— Cleber, adoro seus micos, sério mesmo. Eles o tornam um verdadeiro submisso.

Sebastian dá uma gargalhada e retruco irritado:

— Vou te mostrar o submisso na cama essa noite, sua atrevida!

Passamos o começo da noite ali, ouvindo Celina contar sobre o parto. De vez em quando, um enfermeiro vem vê-la e estranhamente todos parecem ter medo dela. Também recebe a visita do tal açougueiro. O homem gigante e tatuado não deveria ser médico, ele olha duas vezes para Suzana com um sorriso idiota, que como um ex—idiota, reconheço esses sorrisinhos como um claro: *eu comeria você*. Então trato de ficar ao lado dela, e dobro a manga da camisa ressaltando meus músculos para que ele veja que se cairmos na porrada, posso machucá-lo também. Por fim ele se vai, mas vejo a atrevida da minha mulher soltar a respiração quando ele faz isso e belisco sua bunda.

— Você vai apanhar hoje, sua devassa.

— Estou ansiosa por isso, bonito.

De repente, Sebastian recebe uma ligação e me chama em um canto.

— Preciso sair sem que Celina perceba, há algum movimento estranho na minha casa, preciso ir ver o que é. Será que podem ficar mais uma hora?

— Vá homem. Eu cuido das suas mulheres.

— Cuide delas de longe.

— Minha mulher está aqui também caso não tenha notado. Vou tocar somente nela. Quero distância do peito espirrando leite da Celina.

Ele sorri.

— Que bom, porque eu vou mamar muito nele.

— Que nojo! — digo e ele se vai.

Ligamos para Matheus e uma Gilcelle histérica grita meia hora por ter perdido o parto. Estão vindo embora, para conhecer Nath. A hora que Sebastian pediu passa e Celina começa a desconfiar.

— Onde está o Sebastian

— No banheiro — minto.

— Há uma hora?

— Ele acabou de vê-la parindo, mulher. Deve estar vomitando as tripas agora que tudo passou.

Ela faz uma careta de dúvida, mas aceita. Então meu celular toca. Saio do quarto ao receber um olhar irritado das duas por ter acordado Nath, e corro antes que Celina arremesse o que quer que esteja ao seu alcance na minha cabeça, atendo no corredor.

— Cleber, seu imbecil! Por que tem um bando de travestis na minha casa?

Merda. Os travecos, esqueci de cancelar.

— Surpresa. Aproveite bem a noite.

— Idiota! Você me paga por isso!

— Sebastian! — digo e ele se cala — Sorria, você está sendo filmado. —

Então encerro a chamada.

O próximo rei do Youtube, querido amigo, será você.

Volto para o quarto e Nath está mamando (de novo) parece que ela só faz isso. E então Celina olha a hora no celular. A segunda hora está passando.

— Onde está o maldito do Sebastian? — pergunta irritada.

Olho para Suzana, olho para Celina e sorrio.

— O que você fez, Cleber? — pergunta Suzana receosa.

— Eu? Nada. Sebastian está com visitas, Celina.

— Que tipo de visitas?

— Do tipo grandes, peludas e com seios.

Ela faz uma careta.

— Ele não é chegado a travestis, não é?

— Não que eu saiba.

Então ela sorri.

— Que bom. Então vamos deixar que ele se divirta.

Quando acho que tudo ficará na mais absoluta paz, ela diz:

— Mas, se Sebastian não vai passar a noite aqui para ninar Nath, você vai. E não faça essa cara, você é o responsável por ele estar ocupado, vai substituí-lo. Comece agora mesmo, Nath precisa ser trocada.

Ah merda! Celina é pior do que um bando de travestis.

Suzana abre os olhos enquanto a observo dormir de madrugada.

— Oi — diz sonolenta.

— Oi.

— Ainda com essa mania de me ver dormir?

— Sempre.

Ela sorri e volta a fechar os olhos.

— Você está longe demais — sussurra.

Deito em seu travesseiro e a puxo para meu peito.

— Assim está bom?

— Muito melhor.

— Eu te amo, minha adorável safadinha.

— Também te amo meu amado chantagista. Ainda bem que tudo deu certo no final.

Acaricio seu cabelo até ela dormir de novo e sorrio. Porra! Não sei o que fiz para merecer tanta felicidade, mas isso é bom demais!

— Ainda não é o final, amor. Não será enquanto você não assinar meu sobrenome. Só vou sossegar quando você for minha, legalmente minha, para todo o sempre.

Epílogo — Um ano depois

Cleber

Após dois meses, está tudo pronto. Restaurante reservado, músicos e dançarinos contratados, aliança bem guardada e lustrada e meu coração quase tendo um troço. Vou pedir Suzana Leal em casamento.

Sebastian reuniu todos os conhecidos em uma festa surpresa e depois se ajoelhou aos pés de Celina diante de toda a empresa nas duas vezes em que a pediu em casamento. Preciso superá-lo. Por isso fiquei dois meses planejando tudo.

— Tudo certo, toca aqui Nath. — A pequena corre até mim e acerta a mão na minha — Agora vou dar um banho em você e levá-la para sua casa.

Para desespero de Sebastian e Celina, a bebê começou a andar aos dez meses, agora, com um ano, quase nunca anda, ela corre. Nathalia avista a aliança na palma da minha mão esquerda e a pega. Sorri admirada olhando o brilho das pequenas pedras que a adornam. Então, antes que eu possa impedir, coloca a aliança na boca. Quase tenho um treco e imediatamente retiro a aliança e lhe dou uma bronca:

— Nathalia! Não pode colocar objetos na boca!

Ela fecha a carinha e rosna.

Celina sempre apela e arremessa algo em mim quando digo que a pequena rosna, mas quando é contrariada, Nath emite um grunhido semelhante a um rosnado. Celina chama isso de resmungar, mas todos sabemos que é um rosnado, que ela emite como advertência, pouco antes de atirar algo em alguém. Sim, Nathalia é brava. Uma perfeita mini—Celina, como eu disse que ela seria. Mas é extremamente amorosa, e uma traíra. Essa garotinha passa muito tempo comigo, me chama de Kebi e é apaixonada pelo Matheus. Sério mesmo, ela não pode vê-lo, que sorri como uma boba, vive abraçada a ele e nunca arremessa nada quando ele está por perto. Mas isso vai durar pouco tempo, estou enchendo—a de presentes, e logo serei o tio preferido. Suzana diz que estou tentando comprar a menina, e respondo que espero que dê certo.

Após rosnar para mim, ela arremessa um ursinho de pelúcia na minha cara. Finjo chorar e ela corre até mim e me abraça. Depositando beijos babados no meu rosto. A pego de repente, o que faz com que ela grite em gargalhadas e a seguro de frente para mim.

— Vamos princesa, deseje boa sorte ao titio.

Minha ferinha sorri e beija a ponta do meu nariz, no que ela chama de desejar

sorte.

— Vamos tomar banho, pequena babona, porque essa noite você será meu chaveirinho da sorte.

Deixei uma mensagem para Suzana e ela já deveria ter chegado, mas até agora nada. Já liguei três vezes e nada de ela atender. Estou em pânico. Avisto na mesa ao lado, Matheus e Sebastian rindo da minha cara. Idiotas. Eles estão escondidos, para que Suzana não os reconheça de imediato. Na verdade, primeiro pedi que não viessem, mas as bruxas da Celina e da Gilcelle fizeram questão de assistir meu momento de força, e então estão todos aqui escondidos. Isso tem mesmo que dar certo, porque porra, deu trabalho demais!

Finalmente avisto sua cabeleira negra e minha bruxinha aparece usando o vestido que deixei para ela. Ele é dourado, com pequenas pedras e colado ao seu corpo maravilhoso. Ela está deliciosa. Faço com que se sente, e tudo está tão normal, que ela nem desconfia. Conversamos amenidades enquanto fazemos o pedido. E então faço o sinal. Levanto o pulso exageradamente e mexo no relógio. Imediatamente, a luz do restaurante se apaga.

— O que houve? — pergunta Suzana assustada.

— Não faço ideia — digo, mas aperto sua mão por cima da mesa para que ela não fique com medo.

Logo, uma música começa a tocar no piano, *Fogo*, do Capital Inicial. A luz se acende aos poucos e não há mais ninguém sentado. Ela olha em volta, procurando as pessoas, todos estão em pé, e quando uma voz maravilhosa começa os primeiros versos, a luz se acende o bastante para que ela perceba o que está acontecendo. As pessoas, que conversavam sem parar, se calam de repente. E então, começam a dançar, em harmonia, todas com os mesmos movimentos. Um perfeito Flash Mob.

“Você é tão acostumada a sempre ter razão.

Você é tão articulada, quando fala não pede atenção.

O poder de dominar é tentador, eu já não sinto nada, sou todo torpor.”

Suzana arregala os olhos olhando para todos os lados, vendo a coreografia. Está virada para trás, quando a maravilhosa voz feminina é substituída por uma voz masculina, nem tão maravilhosa assim, mas completamente apaixonada.

“É tão certo, quanto o calor do fogo.

É tão certo, quanto o calor do fogo.

Eu já não tenho escolha, participo do seu jogo, eu participo...”

Ela me olha de boca aberta ao perceber o microfone em minha mão. Sei que isso vai acabar em mais um vídeo no Youtube, mas por essa mulher, eu faço qualquer sacrifício.

*“Não consigo dizer se é bom ou mau.
Assim como o ar me parece vital.
Onde quer que eu vá, o que quer que eu faça,
Sem você não tem graça.”*

A música continua apenas no piano, quando tento dizer o que ensaiei dizer:

—¹ Você chegou como um furacão na minha vida, levando tudo que era meu com você. Isso assustou o inferno fora de mim. Era para você ser só mais uma aventura passageira pela minha cama, mas seu jeito atrevido e a maneira como você me esnobou me deixaram louco, completamente louco para ter seu delicioso corpo suado embaixo de mim. Nunca senti algo tão forte assim. Se isso é amor, por favor, me sirva doses intermináveis. É fascinante olhar seus olhos conectados aos meus, enquanto fazemos amor loucamente, até que nossos corpos fiquem esgotados pelo prazer e pela paixão.

Então, enquanto a vejo ali, olhando fixamente para mim, emocionada, de boca aberta, sem acreditar que estou mesmo fazendo isso, as palavras fogem. Não consigo pensar em nada, além de um monte de “eu te amo”, mas dessa vez, preciso dizer mais do que isso, preciso que ela tenha ao menos uma vaga noção do quanto a amo, cada dia mais. O pianista diminui o volume ao tocar a música, todos estão em pé à nossa volta, nos olhando, não há palavras. Essa é a verdade. Me viro para trás, e como combinado, ali está Celina, segurando uma almofada. E nela está o anel, que representa muito mais do que um compromisso, representa a minha vida, que estou entregando a ela. Apalpo a almofada e nem sinal do anel. Apalpo direito, com mais força, e nada. Tiro a almofada da mão de Celina e a giro, não há anel.

— Onde está?

Ela também parece desesperada e olha para o chão, procurando a aliança.

— Juro que estava aqui agora mesmo.

— Você a deixou cair! — acuso.

— Não grite com ela! — diz Sebastian aproximando—se com Nath no colo.
— Vamos achar.

A música para, a luz se acende completamente, e um mutirão de pessoas começa a procurar a aliança perdida no chão. Me viro para Suzana desesperado.

— Amor, espera um pouco, não se mexa, vou encontrar essa aliança.

Ela apenas assente com a cabeça e sorri, enquanto lágrimas escorrem por seus olhos. Abaixo—me no chão e procuramos, procuramos, até que olho para cima, para Sebastian, com a pequena nos braços. E ela está olhando para o chão, e seus lábios formam um bico

— Sua bruxinha — digo e tiro Nathalia com cuidado dos braços de Sebastian.
— Vamos Nath, abra a boca para o titio.

Ela nega com a cabeça.

— Vamos querida, preciso dar esse anel para a tia Sue, isso não é de comer.

Celina se levanta em pânico.

— O que o faz pensar que a aliança está na boca dela?

— Ela meio que gosta de mastigar essa aliança. Vamos princesa do titio, abra a boca e te dou uma porquinha horrorosa igual a Pepa.

Ela parece considerar, mas depois nega com a cabeça. Sebastian se aproxima e tenta enfiar o dedo em sua boca.

— Filha, abre a boca para o papai.

Ela fecha a boca e aperta os dentinhos, e não permite que ele consiga. Não tenho outra saída. Coloco a pequena em uma mesa, apoiada a mim e me preparo.

— Cleber Dantas, se minha filha engolir esse anel eu juro que assim que o médico tirá-lo dela, vou enfiá-lo em você pelo rabo! — ameaça Celina.

— A culpa disso é sua! — digo — Por que ficou com a almofada perto dela?

— Como eu ia imaginar que ela ia pegá-la e colocar na boca?

— Então não se meta — digo e ataco.

Faço cócegas em Nathalia, imediatamente ela ri, e com cuidado para que ela não engula, Sebastian enfia o dedo em sua boquinha e tira a aliança.

— Nathalia! — ele grita — Não pode colocar objetos na boca! Isso aqui é caro, se você engolisse ia ficar sem sua Pepa por uma semana!

A pequena faz uma careta e rosna. E logo, Matheus a pega e Sebastian me entrega meu anel. Todo babado. Então me aproximo de Suzana de novo.

— Amor. — Mas, sou obrigado a parar. — A música!

O pianista volta a tocar nossa música e continuo.

— Deu tudo errado. Este será mais um recorde de visualizações do Youtube. Então, só me resta implorar que você diga sim, porque se no final der certo, todos vão achar muito bonito tudo isto.

Ela sorri, a lágrimas continuam caindo, e fica ali parada, olhando para mim. Como o bom cavalheiro que sou, me ajoelho diante dela e estendo o anel babado.

— Suzana Leal, com esse anel abençoado pela baba da nossa sobrinha, quero dizer que a amo muito mais do que o amor é capaz de suportar. Que a quero muito além do que o querer pode ser medido. A desejo mais do que compreende

o desejo. Seja minha, adorável safadinha, seja minha por completo. Seja minha no papel, diante de Deus, de todas as pessoas, seja minha para sempre. Case-se comigo.

— Sim — ela sussurra. — Sim, meu amado chantagista, sou sua. Quero ser sua para sempre.

Eu a puxo e a beijo, e todos aplaudem. Nath também grita além de aplaudir, com suas gargalhadas estridentes. Amo essa mulher. E sei que seremos imensamente felizes, para todo o sempre.

— Parabéns Cleber, você acabou de nos dar o vídeo do ano — diz Gilcelle com os olhos cheios e o celular apontado para o meu rosto.

— Que seja. Que tenha milhões de visualizações, e que o mundo todo saiba que eu amo essa mulher.

E assim jantamos todos juntos, e rimos todos, quando Nath morde o dedo de Suzana, tentando comer o anel.

Um mês depois

Suzana

Estamos aqui reunidos, em um imenso jardim, em uma tarde de sábado, em que o sol brilha tanto, e tudo parece tão perfeito, que mal posso acreditar. Sim, Cleber me deu um mês para planejar um casamento, e não teria conseguido sem a ajuda de Celina e Gilcelle. Cleber é, sem dúvida, a melhor coisa que aconteceu na minha vida. Imagine você, que quando fui pegar meu buquê, havia um bilhete dele nele:

¹ Sua boca nervosa e inteligente me leva à loucura. Seu corpo perfeito me incita ao pecado. Fico fora da minha mente com seu mel escorrendo em minha boca. Minha safadinha, você agora está em meus braços, seus longos cabelos pretos enrolados em minha mão. Sou seu dominador. Você se desfaz em meus braços quando te beijo. Seus gemidos me levam ao paraíso, sinto o calor entre suas pernas me envolver e me prender. Você me ordenha com maestria. Nada jamais se comparou a você. Amo você minha Diabinha. Minha Suzana.

Eu o amo tanto, cada dia mais.

Ok. Estou pulando etapas, tudo aconteceu esta manhã. Eu estava ocupada em meu dia de noiva, sendo mimada e bem tratada por uma equipe supercompetente, quando senti falta do meu futuro marido. Assim, como quem não quer nada, disse que ia ao banheiro, e dei a volta pela casa de Celina, procurando avistá-lo, eu sabia que ele estava por ali com Sebastian e Matheus. Avistei Sebastian e Matheus bebendo e conversando, enquanto a pequena Nath dormia no colo de Matheus, e nada de Cleber. Rodei a casa enorme a procura dele, até que vi minha mãe. Ela veio cedo para ajudar nos preparativos, mais ainda não havíamos nos falado. Aproximou—se de mim com um sorriso que nunca havia visto nela.

— Você conseguiu. Está se casando. Tenho orgulho de você, Suzana.

— Espero que esse orgulho não tenha nada a ver com o fato de meu futuro marido ser podre de rico.

Seu sorriso desvaneceu um pouco e me arrependi por ter sido tão cruel, preciso dar uma chance de superarmos todas as mágoas.

— Não tem. Embora ache isso ótimo, pois assim seu futuro está garantido, mas estou orgulhosa da mulher que você é. Já te disse isso. Você será muito feliz minha filha, esse homem a ama loucamente.

— Eu sei. Também o amo assim.

Ela assentiu.

— Que bom que algumas paixões dão certo no final.

— Isso acontece normalmente quando não desistimos delas — respondi.

Após falar com minha mãe, voltei a procurar Cleber, então uma coisa me ocorreu. Se minha mãe chegou mais cedo, minha tia provavelmente veio com ela.

Cleber estava em perigo.

Corri feito uma louca, procurando por ele, e se não estava em nenhum cômodo da casa a que eu tive acesso, só poderia estar em um cômodo a que eu não tive acesso. Banheiros. Corri para o andar de cima, revirei todos os banheiros, e quando entrei no quarto de Celina e Sebastian, ouvi sua voz.

— Suzana! Socorro! Velha maluca!

— Cleber! — gritei de volta batendo na porta do lado de fora.

— Amor! Socorro! Tire-me daqui!

— Onde está a chave?

— Se eu soubesse não estaria preso com essa velha maluca!

— Só um minuto Suzana, só mais um minuto — gritou minha tia. — Faça uma velha feliz.

— Tia, se a senhora encostar qualquer parte do seu corpo sequer próximo ao pau dele, vou arrancar cada fio de cabelo da sua cabeça.

— Não adianta ameaçar, peça ao Sebastian a chave. Tire-me daqui.

Desci correndo a escada, e nem disse nada, puxei Sebastian pela mão até o andar de cima. Ao ouvir os gritos, sons de coisa quebrando, e berros de Cleber por socorro, Sebastian imediatamente caiu na gargalhada.

— Sebastian! Dá para ser um bom amigo pelo menos uma vez e abrir a merda desta porta?

— Claro, claro.

Ele tirou uma chave de um criado mudo e então, quando achei que fosse abrir a porta, saiu correndo.

— Onde você vai?

— Já volto.

— Já estamos indo, amor! — gritei para acalmar Cleber.

Pouco depois, Sebastian retornou e adivinhem o que ele foi buscar? A merda do celular.

— Inacreditável — reclamei.

— Brigue depois, querida Suzana, agora, preciso de um vídeo novo para o canal do seu futuro marido.

Ele ligou a câmera e abriu lentamente a porta. Mal ele tocou o trinco, Cleber a

abriu por dentro e saiu correndo, nu, pelo quarto, se enfiando dentro no closet.

— Amor, saia daí, estou aqui — tentei.

— A velha ainda está aí? — ele perguntou.

— Ela não vai chegar perto de você.

— Não vou sair.

Sebastian gargalhava com a câmera apontada para a porta do closet fechada. Quando de repente, tive uma ideia.

— Olha titia, sei que Cleber é maravilhoso, mas os três são. Os três donos da V.D.A., os três estúpidos. Um mais lindo que o outro. Te apresento Sebastian Vaughn, o estúpido número um.

Sebastian arregalou os olhos e tia Violeta varreu todo seu corpo em menos de um segundo, e como imaginei, ela o empurrou para dentro do banheiro e ele desesperado, começou a pedir socorro.

— Venha Cleber — disse batendo na porta. — Precisa filmar isto.

Assim, eles entraram em um acordo de apagarem os dois vídeos e meu futuro marido foi salvo de ser novamente o rei do Youtube.

— Eu te amo, mulher — ele me disse quando tudo se resolveu.

— Eu sei, querido. Eu sei.

Fazemos nossas juras, nossos votos. Amo a forma como ele me olha parecendo bobo, e abre a boca admirado, ele faz isso durante toda a cerimônia, fica me admirando. Quando nos beijamos, ele sussurra:

— Nunca a vi tão linda, minha safadinha.

— Não diga essa palavra no altar, amor.

— Você é uma visão e tanto Suzana, porra, como eu tenho sorte!

— Não diga palavrão no altar, amor.

— Desculpe.

Quando a cerimônia acaba, a noite já está caindo, Cleber me conduz até o centro da pista de dança para valsarmos. Dançamos colados ao som de Sonhos, da Khorus, tocada no saxofone, também não consigo parar de olhá—lo. Vocês sabem o quanto este homem é lindo, mas vestido de noivo, é um arraso, minhas pernas tremem, meu coração bate feito um louco e parece que há algo tão bom dentro de mim, crescendo cada vez mais, que vai explodir a qualquer momento.

— Eu te amo — digo pela milésima vez.

— Então prove isto não permitindo que sua tia dance comigo.

Sorrio.

— Prometo que ela não chegará perto de você.

Quando a dança acaba, ele me beija, e beija e os convidados aplaudem, ovacionam e espero que se juntem a nós, mas ficam todos à distância. Estranho.

É aí que eles entram.

Bailarinos da Bolshoi Ballet Academy, uma das companhias de balé mais famosas do mundo. *You and me* do Lifehouse começa a tocar e os bailarinos que mais admiro no mundo, estão dançando para mim, e para Cleber, no nosso casamento. Não posso acreditar. As lágrimas saem dos meus olhos como duas torneiras abertas, me recosto nele, que me ampara, pois minhas pernas tremem. Não posso acreditar que ele conseguiu isso, não posso imaginar como ele conseguiu, mas eu o amo ainda mais, e achei que isso não fosse possível. Quando a apresentação acaba, aplaudo emocionada. Olho para o homem ao meu lado, esse que amo mais do que a mim mesma:

— Como você conseguiu isso?

Ele acaricia meu rosto gentilmente.

— Amor, não há nada no mundo que eu não conseguiria por você.

— Eu te amo pra caralho, Cleber Dantas.

Ele sorri e encosta a testa na minha.

— Eu te amo ainda mais, minha adorável safadinha.

BÔNUS — TRÊS ESTÚPIDOS E UM BEBÊ

O primeiro natal de Nath

Dezembro de 2014, minha pequena está com três meses. Ela não fica quieta e sorri o tempo todo, o que me tranquiliza, não puxou o péssimo humor da mãe. Também, só fica no colo, mas isso é culpa dos quatro tios babões. Meus amigos simplesmente estragam essa menina. Não que eu esteja reclamando, desde que o resguardo acabou, a deixamos ao menos uma noite na semana na casa de um deles. Matheus precisa treinar, urgentemente, e o Cleber, bom, ele tem que ter trabalho com alguma coisa.

O natal está se aproximando, e como é nosso primeiro morando juntos, Celina resolveu fazer uma ceia. O que é péssimo, já que ela não sabe cozinhar. Por isso, pedi ajuda a Gilcelle, cozinheira nata. E hoje, as duas sairão com a Suzana para comprarem os perus.

— Não sei não, não sei se posso deixá-la com você — diz Celina pela milésima vez.

Faço minha melhor cara de seguro e uma careta de descontentamento.

— Sei cuidar de nossa filha, Celina. E não darei banho nela sem você por perto. Além do mais, o Matheus e o Cleber estarão comigo.

— Isso não é garantia de nada — diz Gilcelle.

— Gil, se não vai ajudar, fique calada.

— Não fale assim com ela, idiota — ralha Matheus.

— Celina — Cleber intervém. — Ela estará conosco. Você sabe que tenho mais cuidado com ela do que você, então, fique tranquila.

Ela faz uma careta, Cleber realmente leva jeito com crianças. Cuida muito bem da Nath.

— Tudo bem — concorda, mas olha para mim com o dedo em riste e aquela expressão assassina. — Se algo acontecer à nossa filha, vai acontecer muito pior ao Sebs.

— Você não prejudicaria seu melhor amigo — provoco.

— Ah sim, pode ter certeza. Por mais que o ame, amo mais a minha filha.

Coloco a mão no coração e engasgo exageradamente.

— Porra! Agora você acabou comigo! Vá logo, sua megera. Nada vai acontecer à Nath, está comigo, está com Deus.

Ela dá um beijo na pequena antes de sair rebolando e some com as mulheres;

— Finalmente — Cleber diz correndo até a geladeira e voltando em seguida com seis latinhas debaixo dos braços.

— Não vou tomar isso, estava em contato com seu sovaco — nega Matheus

quando ele a estende uma.

— Vá à merda, homem. Então fique aí assistindo.

Ele me estende uma, e a abro depressa.

— Sebastian, você está de babá hoje, na deveria beber — diz Matheus.

— Ah, qual é? Você está aqui e vai ficar sóbrio, além do mais, uma cervejinha de nada, não vou ficar bêbado — garanto.

Ele revira os olhos e liga a TV, no próprio aparelho.

— Por que nunca usa o controle remoto? — questiono.

— Porque você o usa. E você coça o saco. Não quero nenhum contato com germes do Sebs.

— Idiota! — acuso.

A pequena dorme tranquila em seu bebê conforto, o jogo da final do mundial vai começar, meus amigos estão aqui, e tenho uma tarde de folga da Celina. Hora de relaxar.

Até a merda da cerveja acabar.

— Cleber, vá comprar mais.

Estamos no intervalo do jogo e temos 15 minutos. Ele se levanta cambaleando.

— Você vai matá-lo se o fizer dirigir como está. Vá você — diz Matheus,

— Não estou muito melhor do que ele. Vá você então — respondo.

— Não toco em cervejas de boteco.

— Peça para o vendedor colocar na sacola.

— Não toco em sacolas de boteco.

— Você toca na xoxota da Gilcelle?

— Ela é mais limpa do que sua cara.

— Imbecil. Vamos todos, você dirige.

Saio atrás de Cleber e espero por Matheus, mas ele não aparece. Então volto para dentro da casa irritado.

— Vamos logo, caralho.

Ele está parado no meio da sala de braços cruzados.

— Não está esquecendo nada, estúpido? — Então aponta para baixo e ali, com olhos verdes arregalados, está minha filha.

— Céus! Ia deixando minha cria para trás. A Celina ia comer minhas bolas na ceia.

Aproximo-me dela, mas Matheus a pega primeiro.

— Não vai tocá-la com esse cheiro de cerveja. Eu a levo para o carro.

Ele carrega o bebê conforto até o carro.

— Se ia levá-la, por que não fez isso antes?

Vou atrás com minha pequena e Matheus encosta o carro em frente a uma

padaria.

— Andem logo, vocês dois.

Sáimos do carro, Cleber e eu, e entramos na padaria, mas nem dois minutos depois, recebo um SMS de Matheus.

“Nath está podre. Tragam uma fralda.”

— Vixe! A pequena defecou — digo e pego um pacote de fraldas, enquanto Cleber pega as cervejas.

Entrego a fralda a Matheus que faz uma careta,

— Não vou trocá-la em um carro. Faço isso em casa, porque há muita água perto para lavar as mãos, mas de jeito nenhum tocarei meu volante com as mãos sujas de bosta. Troque você.

— Eu não levo jeito com fraldas. Semana passada, prendi a fita na barriga dela e ela gritou quando tentei tirar. Celina apareceu e tive que dizer que ela estava ouvindo coisas.

— Ela caiu nessa? — pergunta Cleber tirando a pequena do bebê conforto.

— Não, mas achou engraçado minha insistência e cara de pau em tentar convencê-la de que estava louca, então não me matou.

Cleber olha para o banco e faz uma careta ao perguntar:

— Isso são pelos?

— Droga! — Matheus diz batendo no volante — Sim, longa história. Entrem, vamos ao shopping, é perto e o Cleber pode ir com ela ao trocador.

Entramos no carro e Matheus nos leva até o shopping.

Se três homens como nós andando em um local público, chamam a atenção, imagina se um deles tem um bebê lindo nos braços. Sim, todas as mulheres nos olham. Imagina se esse bebê está cagado e fedendo. Sim, todos os homens nos olham também. O fraldário, embora familiar, é cheio de mulheres, é claro. Paramos os três, de frente ao trocador e Cleber assume a responsabilidade.

— Você me deve dois engradados por isso, filho da mãe — diz.

— Cale a boca e a troque. Você não enche a boca para dizer que cuida melhor dela do que a Celina?

Ele a troca rapidamente, e quando achamos que está tudo bem, Cleber a levanta. E ali, na bunda de seu macacão lilás, há uma mancha amarela.

— Bosta! — reclamo.

— Estou vendo — Matheus diz com um sorriso.

— Mas, de que adianta trocar a fralda se a bosta continua na bunda dela? — reclamo.

— Pelo menos agora está do lado de fora. Vamos achar uma loja de bebês e comprar uma roupa nova — diz Cleber contrariado.

— E abre a boca para dizer que cuida melhor do que a mãe — zomba Matheus

recebendo um tapa na cabeça.

— Toma, Matheus, segura. — Cleber finge jogar a pequena para ele, já que está cagada e uma mulher que estava entrando com um bebê quase desmaia.

— Homens! Não sei por que tentam — ela resmunga.

— Não finja arremessar minha filha de novo, seu imbecil.

— Então a pegue. Amo essa pequena, mas não vou sair por aí com ela e essa mancha amarela na bunda.

— Venha para o papai, pequena. Esse tio bundão que nem sabe trocar uma fralda sem sujar sua roupa.

— Pelo menos eu não arranco a pele da criança — ele retruca e dessa vez é ele quem leva um tapa na cabeça.

— Fiz por você — diz Matheus.

— Obrigado.

Achamos uma loja de roupas e assim que entramos, várias vendedoras se aproximam.

— Ai que linda!

— É sua?

— Você é casado?

— Eles são casados?

— Ela é a sua cara!

— Se separou da mãe?

— Ele só precisa de uma roupa. A bebê sujou a dela — diz Matheus cortando as mulheres legais que nos atendem.

— Claro! Do que essa pequena precisa? Temos macacões, body, vestidos, calças, shorts...

— Qualquer coisa bonitinha que cubra sua fralda.

— E suas pernas — completa Cleber. — Está ventando.

Ela assente e escolhe uma roupa de joaninha. Uma boina, uma calça e uma blusa de frio, vermelhas, e a calça e a boina, com bolinhas pretas.

— Vai ser isso. Vocês também trocam os bebês? — tento.

— Ah, normalmente não. Mas, posso trocar se quiser.

— Por favor. — A mulher pega a pequena e senta-se em uma poltrona e observamos fascinados ela tocar Nath nas pernas, sem derrubá-la e sem parecer ter dificuldade.

— Uau! Ela é ninja! — diz Matheus espantado.

Ela me devolve minha pequena limpa e vestida, joga a roupa velha numa sacola e a joga em Matheus, que grita e saltita pela loja, fazendo algumas vendedoras murcharem seus semblantes sedutores. E então vejo em um telão na área de alimentação do shopping que o segundo tempo do jogo começou e claro,

iremos assisti-lo.

— Algo me diz que isso não vai dar certo.

— Cale a boca, Matheus, só vamos assistir ao segundo tempo e vamos embora.

Cleber e eu pedimos um chope e gritamos com os outros. E pouco tempo depois, Matheus está gritando também, nervoso com o juiz. Finalmente meu time faz um gol, gritamos como loucos, até me lembrar que Nath está por perto então bato nos dois.

— Não gritem assim, vão assustar minha pequena.

Olho para o bebê conforto para me certificar de que ela está bem, quando vejo que não há bebê conforto. Olho para a tela e para o chão, onde ele deveria estar, e continua não havendo bebê confronto.

— Ah merda, merda, merda.

— Seu time está ganhando, por que está reclamando? — diz Cleber focado na tela.

Levanto-me e confiro os colos dos dois, das pessoas à nossa volta.

— Ela sumiu. A Nath sumiu.

Os dois olham para o chão, olham para a tela, e olham para o chão de novo.

— Merda! — dizem e se levantam.

Rodamos a praça de alimentação. Perguntamos a todo mundo, mas ninguém a viu. Chamo os seguranças do shopping e explico a situação. Os olhares de reprimenda deles não me ajudam a me sentir melhor.

Minha filha.

Minhas bolas.

Estou ferrado.

— Vou ligar para a polícia — digo.

— Ligue para a polícia, para o FBI, para a NASA, temos que achar essa menina! — diz Cleber.

Estamos desesperados, Matheus sai parando todos os bebês que encontra, Cleber corre até a entrada do andar que estamos, mostro a foto da pequena em meu celular a todo mundo, mas ninguém a viu.

— Meu Deus! Se minha filha aparecer depressa e bem, eu juro ir à missa todos os domingos. Eu juro não assistir futebol por um ano. Eu juro não tocar na Celina por um mês.

— Pare de fazer promessas que não vai cumprir. Ligue para a Celina.

— Matheus, ficou maluco? Isso seria o mesmo que assinar minha sentença de morte.

— Você será morto de qualquer maneira. É melhor ligar.

— Não vou ligar. Eu disse que sabia cuidar dela.

— E não sabe.

— A culpa é do Cleber! Ele que inventou de tomarmos cerveja. Se não estivéssemos bebendo, ela não teria acabado, não teríamos ido comprar mais, a Nath não teria cagado e não chegaríamos ao shopping e não...

— A culpa não é minha. Os minutos em que ela esteve em meus braços, estava bem e babando. No segundo que a deixo com você, ela some. Estava em um bebê conforto! Como não a viu sumir? — acusa Cleber.

— O bebê conforto não passou voando sobre minha cabeça!

— Alguém o pegou. — Matheus constata o que rondava minha mente e eu não queria assumir.

— Sequestro. Minha filha. Nãoooooo. — Abraço Matheus e caio no choro.

A polícia não chega, reviro de novo o shopping, me sinto sem forças e desesperado. Pego o celular mais de dez vezes, mas não tenho coragem de ligar para Celina. A noite cai, nenhuma notícia da minha filha. Decido que essa não é uma notícia que eu possa dar por telefone. Volto para casa derrotado. Penso em um milhão de formas de contar isso a ela.

— Talvez eu possa dizer que ela foi passar a semana na casa de algum conhecido.

— De quem? Se todos que ela tem estão na sua casa.

— Não me desanime, Cleber. Preciso sobreviver para achar minha filha.

— Talvez você possa dizer que fomos assaltados — diz Cleber. — Isso! Vamos dar um sumiço no carro, rasgamos nossas roupas, chegamos desesperados e dizemos que ela foi sequestrada.

— Primeiro — Matheus interrompe nosso plano brilhante. — Não vão dar sumiço algum no meu carro. Segundo, isso a mataria antes mesmo da polícia achar a Nathalia. Terceiro, isso não salvaria sua vida, ela vai dizer que você deveria ter tomado um tiro, mas a Nath tinha que estar bem.

— Que merda, Matheus. Por que você não pode mentir para me fazer sentir bem?

— Não sou seu amigo para te deixar iludido. Você está morto. Aceite.

— Ele não está tranquilo demais com tudo isso? — percebo que Matheus está tranquilo demais, o desespero dele acabou assim que entramos no carro.

— Não estou tranquilo, não fui eu quem perdeu a filha e graças a Deus não moro com a Celina, então sei que vou sobreviver.

— Minha filha sumiu. Ela pode ter sido pega por uma quadrilha de traficantes de órgãos.

— Pois é, pensasse isso antes de deixar um bebê de três meses em um bebê conforto no chão de um shopping lotado.

— Por que não usou toda a sua inteligência para me dizer isso antes de tudo

acontecer?

— Porque você é o pai dela. Deveria pensar nisso sozinho.

— Merda!

Abaixo a cabeça nas mãos, fecho os olhos, e tento de novo.

— Deus, eu sei que não tenho sido exatamente um exemplo. Mas, perdoe-me por cada moeda que roubei das ofertas, quando era pequeno. Eu não sabia o que estava fazendo. Perdoe-me por ter invadido um convento e assustado uma freira. Eu fui coagido a isso. Perdoe-me por ficar excitado com a professora da catequese, eu era um adolescente hormonalmente descontrolado. Te peço, Deus, que minha filha esteja bem. Mesmo que a Celina me mate, mesmo que eu seja um homem sem bolas, só a traga de volta. Bem.

Cleber dá dois tapas no meu ombro.

— Seja mais convincente. Deus não vai sentir pena assim. Prometa algo grande — incentiva Cleber.

— Já prometi um monte de coisa.

— E não serviram para achar sua filha. Vamos, prometa sacrifício de verdade. Como não beber mais, não olhar para mulher nenhuma.

— Eu prometo, prometo isso.

— Abrir mão de uma parte das suas ações na empresa para mim. Nunca mais postar vídeo nenhum meu, limpar minha imagem.

— Ora, Cleber! Que merda! Isso não é hora para piadas!

— Não vai prometer? Foi bom ter te conhecido, homem — diz ele batendo novamente no meu ombro.

Descemos do carro, e não sei se sou errado por querer de presente de natal, minha filha em um embrulho de presente. Nem precisava de um laço enorme na cabeça, só quero que ela esteja bem.

Mal tenho forças para abrir a porta, e assim que entro, ela está ali, Celina, linda, em frente à árvore. Sorri para mim e procura por algo. Matheus entra atrás de mim com as mãos vazias e ela franze a testa. Cleber entra logo atrás com a mão vazia e ela fecha totalmente a cara. Olha bem para nós três e cruza os braços. Seu olhar assassino já começa a congelar minha alma.

— Sebastian Vaughn. Tem algo a me dizer?

— A cerveja acabou — começo. — Fomos à padaria. Aí a Nath cagou. Mas, o carro do Matheus por algum motivo que só Deus sabe estava cheio de pelos. Fomos ao shopping. No fraldário. Estava mais perto do que nossa casa. E Cleber a trocou.

Calo a boca e abaixo a cabeça.

— Que bom que o Cleber serve para alguma coisa — ela diz de forma fria.

— Ei, estou aqui. E sirvo para fazer a Suzana feliz.

Suzana ri e o abraça. E Celina revira os olhos.

— É só o que tem para me dizer?

— Bom. No shopping, o Cleber deixou a roupa dela sujar. Compramos uma nova.

— Vocês têm um gosto péssimo, como foram vestir minha filha de joaninha?

— Foi a vendedora. Então fomos ver o jogo, eu a coloquei... Ei! Como sabe que ela estava vestida de joaninha?

— Você me disse.

— Não disse, não. Como você sabe?

— Disse sim.

— Celina Morelli, se você tiver alguma coisa a ver com o sumiço da Nathalia eu juro que a prendo no fundo da piscina pelo resto da sua vida!

— Está dizendo que a Nath sumiu? Como ela sumiu? — grita e vejo que não tem nada a ver. Merda, não era para eu ter contado assim.

— Então, eu... — Não há uma maneira fácil de explicar isso. — Fui um idiota que deixei um bebê de três meses em um bebê conforto de um shopping lotado, e prestei mais atenção ao jogo do que nela.

Ela dá um passo assassino em minha direção e estendo as mãos suplicando:

— Celina, se não me matar, juro te dar outros filhos, um monte de filhos.

— Não quero outros filhos, quero a minha Nathalia! Não serei rasgada e remendada de novo, ouviu? Onde está a minha filha?

Deus, irei morrer agora, mas não esqueça do que supliquei, permita que ela esteja bem.

— Desculpa. Você estava certa, não sou confiável para ficar com ela. E preciso prestar mais atenção e me dedicar mais para aprender — confesso.

— Só que agora não há mais bebê para você treinar, homem. Mate-o, Celina — encoraja Cleber.

Mas Celina para bem a minha frente e cruza os braços, mantendo seu olhar assassino em mim.

— Sebastian Vaughn, está assumindo que cuido dela muito melhor do que você?

— Merda Celina, até o Matheus cuida. Sou uma bosta de pai.

Matheus está rindo, e Suzana parece sentir pena.

— O que há com vocês? Independente se a Celina irá me matar ou não, a Nath sumiu, temos que encontrá-la. Vocês não se preocupam com a sobrinha de vocês?

É aí que Gil entra com a pequena nos braços. Ela usa um vestido azul, com uma fita combinando na cabeça. Está chupando dois dedos e babando na roupa da Gil.

— Nath. — Aproximo-me emocionado da minha pequena e a aperto. Ela sorri e passa a mão babada na minha cara, então a encho de beijos, fazendo-a gritar em gargalhadas.

— Da próxima vez que sair com ela, tenha seis olhos, para todos os lados, porque eu peguei esse bebê conforto do chão, ao seu lado. Cleber e Matheus perceberam na hora, e você, estava vidrado na porcaria da tela! — grita Celina.

— E demorou cerca de quinze minutos para perceber que ela não estava ali — delata Matheus.

— Ok, sou um idiota, briguem à vontade. Ao menos minha filha está bem.

— Da próxima vez, que sair com essa menina e o idiota do Cleber deixar sua roupa sujar, comprem uma roupa bonita para ela, nada de vesti-la como uma joaninha — diz Gil.

— Sim senhora, não caio mais no papo das vendedoras.

E assim, uma semana depois nos reunimos para nossa ceia, não recebi minha pequena de presente em um saco, mas foi quase isso. Graça a Deus foi a Gilcelle quem cozinhou e a única coisa triste nisso tudo, é que Celina está ne castigando e só vai transar comigo depois da virada do ano.

Ela pega Nathalia nos braços e conversa com a pequena, que está vidrada nela, prestando atenção.

— Seu primeiro natal quase foi um desastre, princesa. Vamos ver o que seu papai vai arrumar na ceia da virada do ano.

— Que ceia da virada do ano? Nem pensar! Não vão fazer nada! Levarão a Nathalia para as compras! Nãaaaaoooo!

ESTÚPIDA
Proposta

Trilogia V.D.A.
Volume III

Dedicatórias

A trilogia V.D.A. sempre será dedicada a Amanda Lopes e Bárbara Pinheiro...

Mais uma vez, como sempre, vocês estão comigo quando concluo algo. Mais um sonho que realizamos aqui. Nossa trilogia acabou, maninhas. Mas que bom que ela me trouxe vocês. Que bom que Estúpido desejo foi sua primeira capa profissional, Mandy. E foi o primeiro livro meu que você leu, Bah. E quando tudo estava errado, foi justamente com ele, que vocês não me deixaram desistir, e me ajudaram a conquistar uma das melhores coisas da minha vida. A trilogia se encerra com mais de sete milhões de visualizações no Wattpad, então, sete milhões de vezes, obrigada minhas amigas, minhas irmãs, minha base. Amooo muito vocês.

Estúpida Proposta é dedicado a Amanda Lopes, que inspirou a Gil, a Mandy Lopes, criou a Ginger e meteu seu nariz no livro todo. É seu xodó, seu livro, minha amiga.

Agradecimentos

A Deus, mais uma vez, por tudo que tem me dado, muito além do que eu havia pedido. Por cada sonho novo, e cada oportunidade de realizá-los. Obrigada meu Pai.

A minha família, por estarem há dias sem falar comigo pra eu terminar isto. Obrigada pela compreensão, o apoio e amor de vocês.

As melhores amigas que uma pessoa poderia ter: Ellen, Michelle, Gleice, Amanda, Shirley, Daniele, Catarina, Paloma, Debora, Olivia, Naty, Andreia, Regiane e Vick.

A Maria Rosa e Maria Fernanda, nunca encontrarei palavras para agradecer a vocês por toda amizade e apoio.

A minha pimentinha Sara, a minha florzinha preferida, Jessica. A angolana mais linda do mundo, Rosa. A maluquinha mais adorável que conheço, Edilaine. A florzinha mais divertida e doce do meu jardim, Nathalia. A leitora mais linda de Proposta, Thais Martins. A minha baby mais criativa e talentosa, Emily. Um muito obrigada especial a vocês.

E sempre, sempre a minhas meninas, do Wattpad, do Face, do grupo do Whats, vocês que me ajudam, que comentam, que palpitam, que tornam tudo isso real. Nunca consigo citar todos os nomes, mas vocês sabem quem são, vocês estão sempre ali: Mel, Danny, Yanca, Shirlene, Kami, Thais, Mika, Liv, Andrezza, Martinha, Lilian, Denise, Aysha, Alexandra, Flavia, Duda, Krisley, Emanuela, Luana, Carla, Cirlene, Keissi, Lari, Josi, Jessica Bidoia, Nessah, Mony, Gabriela, Danila, Diana, Rozzy, Jessica Lorrane, Fabi, Larissa e Ícaro, Fernanda, Maria Elisa, Fabiana Nunes, Kamila Santos, Adriana Dutra, Estephanie, Glauce, Manu Moura, Mia Klein, Vic Gonçalves, Cris Fermino, Alessandra Fernanda, Emilene Choli, Eliane, Hemmylly, Dany, Raquel, Sabrina, Simone, Daisy, Julia, Thais Padalecki, Brenda, Mikaely, Leda, Mariazinha, Mirelle, Maria Evellyn, Cleide Martins, Camila Farias, Gra Giustina, Tio Eru, Nayana, Suelen Anjos, Isa Moraes, Maria Luisa, Jaliane, Thalia, Vic, Manu Becker, Simony, Juliana Felix, Debb, Daniela, Thay Braz, Yvana, Josilene, Nivia, Rosa, Luciane, Victoria, Carolina, Naah, Andreza, Sandrinha, Blenda, Deizeanne, Tatiana, Leticia, Fabiana Farah, Deborah, Lay Cezar, Carol Felicio, Vane, Deyse. E cada pessoa que leu este livro, que votou, que me mandou uma mensagem ou comentário, que indicou, ou que simplesmente acompanhou do começo ao fim, e se divertiu e se apaixonou com eles, obrigada infinitamente.

Obrigada, especialmente, a essas pessoas que conseguem me fazer sentir que estou no caminho certo, que são especiais de uma maneira surpreendente e me

ajudam sempre: Diana Medeiros, Bianca Patacho, Aline Mendes, Vanessa Fiorio, Cynthia Lopes, Nathalie Graff, Amanda Pessoa, Erika Will, Gracielle Rodrigues, Sol Wayne, Camila Lima, Isnathielly, Cleidi Alcantara, Uennia, Jaqueline Borges, Jaine Gonçalves, Tania Lopes, Middian Meireles, Angela Aguiar, Sue Hecker, Jessica Laine, Su Xavier, Lyssa Camargo, Leila Rios, Jaqueline Renata, Sheyla Mesquita, Juliana Cardoso e Sueli Pinheiro (mamis Su), obrigadaaaa!

Ao Recanto das autoras brasileiras e Livros do coração, pelo apoio, carinho e parceria.

A você, que está lendo agora, espero que se divirta bastante. E obrigada por fazer parte disto.

Capítulo 01

Matheus

Há três anos.

O dim-dom dos sinos quase para o coração que bate descontrolado em meu peito. Olho para o prédio antigo, uma bela construção, e ouço o resmungo de Cleber.

— Merda.

— Não diga palavrão aqui, seu idiota. Isso é solo sagrado — ralha Sebastian.

— Matheus, todas as vezes que eu te chamei de gay, não era para você arrumar uma freira. Tantas mulheres no mundo! Pelo amor de Deus! — reclama Cleber.

— Ela não é freira — respondo calmamente.

Ele aponta exageradamente para a construção à nossa frente.

— Olá? Estamos em um convento. O que mais ela estaria fazendo aqui?

— Pegando um padre — diz Sebastian.

— Querem parar vocês dois? Já estou nervoso o suficiente. Calem a boca!

Os dois ficam rindo e dando tapas em minhas costas.

— Relaxa, homem. Vamos salvar sua freira, mas depois você vai para o inferno — diz Cleber.

Será que Gilcelle virou mesmo freira? Embora tenha sido tão doce comigo, e sempre tenha cortado os caras na nossa cidade. Ela sempre me pareceu cheia de energia. Uma fera! Não entendo o que está fazendo em um lugar como esse.

— Vamos descobrir o que ela está fazendo aqui. E claro, vamos levá-la embora — digo.

— Se você diz... — os dois babacas respondem ao mesmo tempo.

Toco a campainha e espero diante da enorme porta de madeira. Sebastian, ao meu lado, enfia as mãos nos bolsos do terno e assovia. Mas sei que está nervoso. Cleber, do outro lado...

Olho para todos os lados e não vejo Cleber.

— Cadê o imbecil...

A porta se abre e uma freira nos olha com desconfiança. Ela já tem certa idade e com certeza sabedoria.

— Pois não? — pergunta desconfiada.

— Estamos procurando uma pessoa.

Sua expressão se fecha totalmente.

— Ninguém aqui está perdido.

Ela tenta fechar a porta, mas Sebastian a impede com o pé. Ela o encara com uma careta e ele logo começa a falar.

— Tenho uma vizinha que fugiu. Ela deixou seu filho pequeno sob meus cuidados. Mas, ele tem poucos meses e precisa mamar. Preciso que ela volte e cuide dele.

A freira parece sentir pena e o olha com compaixão.

— Sou Sebastian — ele diz estendendo a mão, que ela aperta e ruboriza.

— Não temos nenhuma fugitiva escondida aqui. As meninas que aqui estão vieram de bom grado e sabiam o que estavam fazendo ao escolher dedicar suas vidas ao Criador.

— Contratei um detetive e recebi a informação de que ela estaria aqui. Ele tem absoluta certeza disso. Será que nos deixaria dar uma olhada?

A freira parecia em um dilema, mas por fim, negou com a cabeça.

— Sinto muito. Mas é proibida a entrada de homens que não pertençam à paróquia. Talvez se você me disser o nome dela, eu possa olhar em nossos registros se ela está aqui. Mas, duvido muito.

Sebastian tenta disfarçar e me encara. Eu não havia dito o nome dela.

— Gilcelle, o nome dela é Gilcelle.

A freira então muda totalmente a expressão, e cruza os braços.

— Essa garota não é uma freira e nem deveria estar aqui! Está de visita. Veio ver a irmã e não vejo a hora de ela ir embora.

— Espera, Antônia está aqui? É uma freira? — pergunto atônito.

— Sim, Antônia é uma de nossas mais dóceis meninas. Mas a irmã... — Ela faz um gesto de cruz na testa e uma careta. — Não posso deixar que entrem. Nem sabia que essa menina era mãe, mas amanhã mesmo ela estará indo embora. Darei a ela o recado — ela diz e bate de uma vez a porta na nossa cara.

Encaro Sebastian sem saber o que fazer e o imbecil está sorrindo.

— Sua garota traumatizou a freira. Acho que gosto dela.

— Cale a boca. O que faremos agora?

— Temos que achar o Cleber.

Descemos as escadas da entrada e vamos andando, mas antes de chegarmos ao portão, algo acerta a cabeça de Sebastian.

— Merda.

Eu o encaro com uma expressão fechada e ele está acariciando a cabeça.

— Alguma coisa me acertou. Será que foi Deus? Mentir para uma freira deve ser pecado em dobro.

— Pare de falar besteiras e olhe para cima.

E ali, pendurado no muro está Cleber.

— Não sei o que seriam de vocês sem mim — ele diz se gabando.

— Não sei o que acha que vai conseguir pendurado em um muro que cerca um portão aberto — digo irritado.

— Matheus, tenha fé. E subam neste muro.

— Não vamos subir em um muro. Não há sentido nisso, Cleber, qual é o seu problema?

Olho para Sebastian buscando apoio, mas o imbecil já está subindo no muro com a ajuda de Cleber.

— Sebastian!

— O que? Não vou mais mentir para freiras, se ele diz que temos que subir no muro, então subiremos no muro.

Eu não subo. Os dois patetas vão se arrastando pelo muro, tomando cuidado para não cair e eu os sigo até onde o muro acaba. Paro ali, cruzo os braços e olho para eles. Mas, eles passam de onde parei e somem de vista.

— Ei, aonde vocês vão?

— Eu disse para subir no muro, seu babaca — grita Cleber.

— Volte aqui e me ajude.

— Não. Terá que se virar sozinho.

Sujo toda minha roupa, rasgo minha calça, sujo minhas mãos. Estou prestes a ter um ataque quando a cabeça de Sebastian aparece por cima do muro rindo de mim.

— Sabe, o lugar mais fácil de subir é perto do portão. Há uma falha no muro que serve de apoio.

— Está insinuando que terei que refazer todo o caminho e depois vir ridiculamente agachado no muro como vocês fizeram?

— Se quiser entrar aqui e descobrir onde esse muro nos leva, sim, terá que fazer isso. Mas, se quiser podemos ir embora, porque o que o Cleber deixou reservado para a gente aqui cara, é meio loucura demais.

Deveríamos ir embora. A freira disse que Gilcelle estará fora deste lugar amanhã. Amanhã eu volto e fico de plantão no portão. E ela vai fugir e resolver ficar mais uma semana assim que me vir esperando por ela. Droga!

Volto o caminho todo e acho a falha no muro. Consigo subir. Tento não me concentrar na areia grudando em minha mão, nem nestes arranhões que podem causar alguma infecção e finalmente passo pelo ponto onde Sebastian e Cleber sumiram. Pulo do muro e caio de bunda no chão.

— Isso doeu, você é o que tem mais classe entre nós e, no entanto pulou feito uma gazela com dor — diz Sebastian.

— Cale a boca.

Tiro um lenço de dentro do bolso e limpo os arranhões em minha mão o máximo possível com ele. Procuro por perto, mas não há água em lugar nenhum.

— Quer que eu cuspa? Assim você pode limpar sua delicada mãozinha.

— Vá se catar, Cleber.

— Por que não xinga como homem? — ele diz e lhe mostro o dedo do meio.

Olho para onde estamos e é a lateral da construção do convento. À nossa frente há apenas uma enorme janela, que está aberta. Poderíamos entrar por ela. Seria totalmente errado, e estaríamos cometendo o crime de invasão. Isso é loucura demais. Até mesmo por ela. Não posso obrigar meus amigos a cometerem um crime por mim. Olho para eles pronto para pedir para irmos embora, quando Cleber me estende uma roupa cinza.

— O que é isso?

— A garantia de que não seremos presos. Ou uma quase garantia.

É uma batina. A batina de um padre.

— Onde você conseguiu isso?

Cleber dá de ombros.

— Não precisa agradecer. Agora vista isso para que possamos entrar e resgatar sua pura donzela.

Pego a batina e a examino. Cheiro para ver se está usada, mas tem cheiro de amaciante. De repente um tapa acerta minha cabeça.

— Se você disser que não vai vestir porque não sabe quem a vestiu por último, juro que faço você entrar pelado neste lugar — ralha Cleber.

— Eu não ia dizer nada.

Sebastian tira a roupa e veste a batina, mas não chego a tanto. Tiro o terno e o penduro em uma roseira com cuidado e jogo a batina por cima da roupa.

— Isto está péssimo. Você parece um espião mal disfarçado — diz Cleber.

— Não importa. Esta coisa não terá contato direto com minha pele.

Cleber e Sebastian se olham, e antes que eu possa impedir, Cleber pega um pedaço da batina dele e a esfrega na minha cara.

— Idiota! — grito quando consigo me soltar.

— Não grite seu babaca, quer ser descoberto? — ele diz rindo.

— Agora que sua frescura acabou, tira a merda da roupa e vista a batina — ordena Sebastian.

— Sebastian, aqui é solo sagrado — ralha Cleber.

— Ah, eu menti para uma freira e vamos invadir um convento para que o Matheus possa dar umazinha com a garota. Vamos todos para o inferno.

Tiro a roupa e visto a batina cinza, igual a de Sebastian. Só então reparo que Cleber usa uma batina preta.

— Por que só você está com essa roupa preta?

— Porque sou o mais bonito. Não faça perguntas, me siga.

Apoiado em um vaso de planta, ele alcança a janela e passa por ela sem

dificuldade. Em seguida, Sebastian faz o mesmo. Na minha vez, fico entalado. Não tenho forças nos braços para suportar todo meu peso. Os dois me puxam pelos braços e praticamente me jogam ao chão.

— Fracote. Esse rosto de Barbie está desperdiçado neste corpo magricela. Você deveria malhar. Talvez assim comece a se parecer com um homem — diz Cleber.

— Não adiantaria nada. Ele não se parecerá com um homem enquanto não comer uma mulher.

— Sebastian! Estamos dentro de um convento, não use a palavra comer — ralha Cleber.

— O que eu deveria dizer? Procrastinar?

— Vocês dois deveriam ficar calados — concluo.

Fazemos o mínimo de barulho possível e paramos em um corredor, repleto de portas.

— Tenho certeza que você não sabe em qual porta está sua querida freirinha, não é? — pergunta Cleber.

— Ele nem sabia se ela era freira — responde Sebastian.

— Calem a boca e me sigam.

Vamos andando sem fazer barulho, passando bem devagar por cada porta. Tudo está no mais absoluto silêncio. Até que na antepenúltima porta do corredor, há um barulho.

— Escutem — digo baixinho.

Vem andar comigo, do Jota Quest, toca baixinho em um dos quartos. E alguém muito desafinada canta por cima da música.

— Essas freirinhas são bem ecléticas. Não achei que pudessem ouvir Jota Quest em um convento — diz Cleber.

— E não podem — respondo e abro a porta.

A música para de uma vez, e ali está ela. Minha Sereia. Meu paraíso. Gilcelle.

Não a via há sete anos e o tempo parece congelar quando ela nos encara atônita. Ela está usando uma blusa de frio de tricô e um shortinho tão curto, que mais parece uma calcinha. Não é mais uma menina. Não é mais a linda menina que desabrochou comigo. É uma mulher. Linda. Seu cabelo num tom bem mais escuro de vermelho, em longos cachos até sua cintura. Seus olhos cor de mel destacados por uma sombra preta. Não há mais sardas em seu rosto. Está ainda mais linda.

Fico tanto tempo parado ali, apenas olhando para ela, que Cleber é o primeiro a entrar. Usando aquela bata preta, encara-a em choque.

— Gilcelle?

Ela larga o esmalte que estava passando no pé e estende as mãos como se ele

fosse um policial e ela tivesse sido pega em flagrante.

— Não fiz nada. Era apenas uma música. E de onde saiu você? Eu olhei bem cada padre aqui e nenhum era tão bonito.

Cleber abre um enorme sorriso. Logo, uma porta no corredor bate e Sebastian me empurra para dentro do quarto, fechando a porta atrás de mim. É aí que ela me vê. E embora não tenha reconhecido Cleber, ela me reconhece.

Abaixa as mãos de uma vez, arregala os olhos e abre a boca. E não diz nada.

— Oi, Gilcelle — tento.

— Você? O que está fazendo aqui?

Nada bom. Ela me olha como se quisesse me matar. E de repente algo começa a coçar em minha barriga. Logo, coça minhas costas. Começo a me coçar, devo estar mesmo muito nervoso.

— Eu vim... buscar... droga! Droga! Está coçando.

Sebastian tenta tirar minha roupa enquanto Cleber tenta me ajudar a coçar as costas. Mas, está coçando em todos os lugares. Por fim, Cleber rasga a batina, mas continua coçando. Meu corpo está todo vermelho e estou parado diante de Gilcelle e de uma freira, apenas de cueca. Coçando-me feito um louco.

— Vocês roubaram estas roupas, não é? Há um padre aqui, que é muito chato. Pega muito no meu pé. Então eu preparei uma surpresa para ele.

— Você colocou pó de mico na batina de um padre? — pergunta Antônia espantada.

— Foi só um pouco.

— Não foi! — respondo ainda me coçando.

— Você precisa de um banho, Matheus. Não vai parar de coçar — diz Sebastian.

— Isso é impossível. Não dá para andarmos com ele assim até o banheiro. Ele seria visto pela madre superiora. Ela não dorme a noite. É como uma coruja armada pronta para matar alguém — diz Gilcelle.

— Então o que podemos fazer? — pergunta Sebastian.

— Nada. Vamos deixar que ele se coce até arrancar toda sua pele. E tomara que continue se coçando até os ossos e morra em pedaços ao chão! — ela grita.

Afasto-me de Sebastian e Cleber, e ainda me coçando, me aproximo dela.

— Gilcelle, eu ia te ligar. Vamos resolver as coisas, mas agora precisamos sair daqui.

Ela me encara.

— Você. Ia. Me. Ligar — diz pausadamente. — Claro que ia. Tenho certeza que apenas se esqueceu deste detalhe nos últimos sete anos. Olha a minha cara de quem acredita em você, seu estúpido — ela levanta o dedo do meio para mim.

Em seguida, se levanta e se atira em Cleber, pega-o de surpresa e o beija na

boca.

Antes que eu possa reagir, a porta do quarto se abre e a freira que nos atendeu, que deve ser a tal madre superiora entra. Ela olha para mim, vestido apenas de cueca diante de Antônia, e olha Gilcelle agarrada com Cleber, vestido de padre.

— Valha-me Deus! — exclama antes de desmaiar.

— Porra, Matheus! Agora vamos mesmo para o inferno. Acabamos de matar uma freira — diz Sebastian com as duas mãos na cabeça.

As coisas não poderiam ter sido piores.

Gilcelle

Estava tranquila no quarto de Antônia, pintando as unhas de rosa, e ouvindo-a reclamar que levaria uma bronca da madre superiora, pois aquela cor era berrante demais, quando a porta foi aberta, o quarto dela foi invadido e o imbecil do Matheus Amorim apareceu como um espírito mal encarnado na minha frente.

Estou pulando etapas, vou contar do começo.

Minha irmã mais velha, Antônia, resolveu ser freira. Tudo começou porque ela teve um namorado, o Jairzinho, e o filho de uma grande vaca sempre a comia por trás. Ela vivia colada com ele, não tinha amigas e mal nos falávamos. Mas então, nossos pais morreram. Uma tragédia enorme. E só tínhamos uma à outra. Acabamos nos tornando amigas. E ela acabou descobrindo por mim que estava cedendo o buraco errado. Não que eu tenha muita experiência com essas coisas, mas qualquer um sabe sobre isso. Menos ela, coitada. Ela entrou em depressão. Ficou dias de cama, sem falar com ninguém, sem comer nada. Quando resolveu sair daquela fossa e tomar as rédeas de sua vida, procurou o namorado. Assim, sem avisar, e o encontrou praticando a atividade preferida dele, no buraco preferido dele, em outro carinha. Minha irmã, um anjo de pessoa, teve um ataque. Quebrou a casa toda na cabeça dele, surtou e desapareceu. Isso foi há seis meses. E somente na semana passada, ela entrou em contato comigo para me contar onde estava e que havia se tornado uma freira. Então eu vim aqui resgatá-la. Uma mulher não pode se dar por vencida porque o namorado queima a rosca. Vim convencê-la a voltar comigo.

Mas, chegando aqui, ela me falou muito sobre a madre superiora, como era bondosa, compreensiva e sábia. Então resolvi conversar com ela, sobre uma coisa que andava me atormentando nos últimos anos. E esperava que ela me ajudasse de alguma maneira.

Ela se mostrou muito contente por eu tê-la procurado para pedir ajuda.

— Madre, tenho um problema. Há algo de muito errado comigo — eu disse.

— Não diga isto, querida. Conte-me o que a está perturbando e vamos ajudá-la.

— Eu ouço vozes. Na verdade, uma voz.

Ela arregalou os olhos e continuei falando.

— Na minha cabeça. Não é a minha voz. Mas ela sempre fala comigo.

— O que ela diz? — ela perguntou temerosa.

— Muitas coisas. Ela tem um senso de humor debochado. E não é muito boa, na verdade. Ela me dá conselhos de como agir em determinadas situações.

— O que ela te aconselha a fazer?

— Normalmente? A me defender. De homens. De pessoas más. Ela é bem agressiva.

— Olha, querida, isso pode ser um espírito mau que se apossou do seu corpo. Poderíamos exorcizá-la. Quando isso começou?

— Quando dei para meu vizinho. Eu tinha dezoito anos. Foi bom, na verdade, mas ele foi embora na manhã seguinte. E então essa voz ficou, dizendo-me o quanto eu o odiava e me mandando dar para um monte de outros caras pra não ficar pensando nele, sabe? No vizinho.

Ela arregalou os olhos e cobriu a boca com as duas mãos.

— Quando isso acontece, você perde os sentidos? Essa voz domina sua mente?

— Ah não. Ela conversa comigo. Na verdade, às vezes eu gosto dela. Ela me ensina a me vestir.

A madre olhou bem minha roupa curta e arregalou mais ainda os olhos.

— Ela também sabe um mundo de palavrões. A senhora acha que preciso ser exorcizada?

Ela negou veementemente com a cabeça.

— Precisa ser batizada! — gritou. — Se entregar para Deus, deixar essa vida mundana e fechar essas pernas, meu Deus!

Ela começou a fazer o sinal da cruz repetidas vezes desesperadamente.

— Não há espírito nenhum em você! Só mesmo a sua sem-vergonhice que é tão grande que tem voz própria.

Dei de ombros, satisfeita.

— Ah que bom. Não queria mesmo nada saindo do meu corpo. Isso é meio estranho.

E desde então, ela me deu vinte e quatro horas para sair daqui.

Eu só tinha esta noite para convencer Antônia a ir embora comigo, e agora, estou de novo na sala da madre superiora, enquanto Matheus, o fantasma, toma um banho e estou levando uma bronca por causa do pó de mico. E nem foi o chato do padre a vítima.

Enquanto ela foi verificar se arrumaram uma roupa para ele sair do banheiro, Cleber se aproxima de mim. Eu me lembro pouco dele, lembro que era um tremendo galinha e vivia cercado de meninas.

— Ele quer ajudá-la. O Matheus. Entrou aqui escondido, nos obrigou a fazer isso, tudo porque queria reencontrá-la.

Eu o encaro com todo o ódio de uma adolescente abandonada.

— Você sabia que esse imbecil tirou minha virgindade e foi embora na manhã seguinte?

— Não. Não fazia ideia. Acharia que ele ainda era virgem se não fossem as

festas da faculdade.

Faço uma careta e ele cobre a boca.

— Enfim, ele deve gostar mesmo de você. Porque ele é meio chato e bem fresco e escalou um muro e vestiu uma batina batizada por você.

— Não está fazendo nada disso por mim. Provavelmente serei expulsa agora, mas não vou a lugar nenhum com ele.

— Ele quer te propor um emprego. Em nossa empresa.

— Vocês têm uma empresa?

— Somos donos de alguns hotéis. Ele quer contratá-la.

Nem sonhando! Nunca que eu me submeteria ao imbecil que tirou minha virgindade e foi embora. Nunca mesmo!

Logo, a madre retorna, com Matheus vestindo uma enorme camisola feminina. A situação não é nada engraçada, mas tenho uma crise de riso. Cleber e o outro amigo deles também têm essa crise. Ele merece, depois do que fez comigo, merece ser visto usando uma camisola de carola com bolinhas cor-de-rosa. Somos todos expulsos dali. Até mesmo Antônia. Mas ela chora e se desculpa e a madre acaba apenas dando uma penitência a ela, e a deixa permanecer ali, infelizmente.

Quando saímos pelo enorme portão, ele é trancado atrás de nós.

— Droga! Nossas roupas! — reclama Matheus, mas a madre não permite que eles entrem ali de novo.

Assim, vou caminhando ao lado de dois padres e um homem vestido com camisola. Ando o mais distante possível dele. Eles me guiam até um carro.

— Obrigada pela noite de merda, meninos, passar bem — digo e me viro para ir embora, quando uma mão me segura.

E ali está ele. Seu cabelo loiro está comprido, acima do ombro, seus olhos mais azuis do que eu me lembrava, seu rosto, antes o de um anjo, agora é de um homem. Matheus sempre foi lindo. Essa barba loira por fazer e esse ar de bom moço caíram-lhe muito bem.

— Gilcelle, sei que você me odeia, mas venha comigo. Vamos conversar direito, tenho uma proposta para te fazer.

— Não, obrigada — digo tentando me soltar.

— Está muito tarde e você não tem para onde ir. Duvido que tenha algum dinheiro.

— Isso não é da sua conta! — respondo e puxo minha mão, mas ele não a solta.

— Venha comigo. Vou levá-la para um hotel. Amanhã, quando estiver mais calma, nós conversamos.

— Não vou a lugar nenhum com você!

— Você vai sim!

— Você não manda em mim!

— Vamos ver se não!

Respiro fundo e aviso:

— Não sou mais aquela garotinha boba que você conheceu. Eu sei me defender. Ou você me solta, ou eu vou furar seus olhos com as unhas.

— Tente.

— Um — começo a contar, mas ao invés de me soltar, ele me segura também com a outra mão. — Dois — um sorriso bobo surge em seu rosto. — Três — ele me puxa de repente e seus braços me rodeiam, seu cheiro é do sabonete do banheiro do convento, mas há um cheiro a mais, uma colônia masculina deliciosa. Um cheiro que senti por todos esses anos em cada cama que me deitei.

— Quatro.

Eu o empurro e começo a gritar, pedindo socorro. Imediatamente os outros dois comparsas dele me seguram e me jogam dentro do carro. Matheus vem atrás comigo. Eles arrancam o carro, mas, durante toda a viagem, não dou paz. Eu esperneio e tento acertá-lo, e mesmo assim ele fica ali. Quando me canso, respiro fundo e fico quieta. Ele me solta finalmente. E não diz mais nada.

O carro para em frente a um hotel caríssimo.

— Você vai ficar aqui — ele diz.

— Não vou não!

— Não vamos começar com isso de novo.

— Assim que eu sair desse carro vou gritar feito uma louca e vão chamar a polícia para você.

— Esse hotel é meu e ninguém vai fazer nada contra mim. Você será tachada de louca, por nada.

Faço uma careta e desço do carro emburrada. O hotel é puro luxo, nunca havia estado em um lugar tão chique antes. Ele me guia até o elevador, sendo avaliado por várias pessoas, por estar de camisola. Quando entramos no elevador, ele se olha no espelho e solta um palavrão. Não sinta pena dele. Ele mereceu. Guia-me pelo cotovelo até uma porta, a abre e me empurra para dentro.

— Se você acha que pode me arrastar assim e...

— Cale a boca! — ele diz bravo e me calo imediatamente com seu tom autoritário. — É o seguinte! Você vai ficar exatamente aqui o tempo que eu disser que vai ficar. Se tentar fugir ou for embora, descobrirei onde está e a trarei de volta, então nem perca seu tempo!

Assinto calada.

— Não receba ninguém aqui. Pode usar o telefone, e não adianta ligar para a polícia, tenho meus contatos e você não conseguiria nada.

— Eu não pretendia ligar.

— Ótimo! — ele diz e some pelo corredor.

Fico ali parada, olhando todo aquele luxo, e resolvo segui-lo. Ele está em um quarto, o closet aberto, vestindo uma blusa. A calça social que acabou de vestir, aberta.

— Este apartamento é seu?

— Sim.

— Então, aonde você vai?

— Para qualquer lugar, já que você não quer que eu fique.

— Não quero mesmo. Por mim, que você suma.

— Vou sumir, Gilcelle, somente por hoje. Amanhã, você vai agir como uma adulta e conversar comigo.

— Talvez eu tenha ido embora pela manhã — digo com ironia.

Ele para de se vestir e me olha.

— Nem tente, eu a encontraria mesmo se você se escondesse no inferno, e a traria de volta.

— Por quê? Por que está fazendo isso? Por que agora? Você teve sete malditos anos! — grito.

— Porque agora que tomei coragem, agora que decidi corrigir meus erros, e vou começar por você.

— Fico feliz em ser um erro na sua vida, mas não preciso da sua caridade.

— Você não tem a opção de recusar. Vai fazer o que eu mandar, do jeito que eu mandar.

A forma como ele fala, com tanta raiva, com tanta segurança, autoridade, me faz vacilar. Nunca abaixei a cabeça para homem nenhum. Sempre sonhei com o dia em que o reencontraria e então me vingaria por cada noite que não dormi pensando nele. Mas, nunca pensei que faria o que ele quisesse, como estou fazendo. Quero reagir e sair por aquela porta que nem está trancada. Mas ele está aqui. E estará aqui amanhã. E não sei que merda está acontecendo comigo, mas não consigo ir embora sabendo que ele me quer aqui.

— Vai sonhando, estúpido — consigo responder.

Ele sorri. Termina de fechar a blusa, anda até mim, me puxa pelo cabelo e dá um beijo leve em minha boca.

— Até amanhã, Sereia.

Então me atira na cama e vai embora.

— Ah meu Deus! — corro até o telefone e ligo para minha melhor amiga. Ela atende no quinto toque. — Celina, está acordada?

— Graças a você.

— Você não vai acreditar! Lembra-se do idiota que tirou minha virgindade e

foi embora?

— O que por acaso você fala todos os dias? Talvez eu me lembre.

— Ele apareceu. E você não vai acreditar, mas ele é um Dom.

— Um o quê?

— Um Dom, Celina, Dominador. Um homem que pega com força, que ordena, que domina. Desses de livro, sabe?

— Do tipo chicotadas e algemas? Sai fora. Homens já são chatos o suficiente se não pensarem que mandam totalmente em você.

— Eu não vou cair nessa de novo. Só estou contando.

— E onde você está agora?

— Longa história. Você ainda quer sair da casa da sua mãe?

— Com toda certeza.

— Ótimo. Conversaremos amanhã, acho que consegui um emprego.

— Isso tem alguma coisa a ver com o tal Dom? Aliás, como você sabe que ele é um Dom?

— Preciso dormir, amanhã nos falamos e te conto tudo.

— Não se atreva a desligar esse telefone, Gil sua...

Desligo o telefone e me jogo na cama macia de Matheus. E mais uma vez, durmo sentindo o cheiro dele, mas desta vez, sei que não é uma fantasia da minha cabeça.

Matheus

— Caralho, homem! A Gil Sereia! — Cleber fala espantado.

— Não a chame assim.

— Por que diabos nunca me disse? Por que nunca me contou? Foi com ela que você perdeu a virgindade, não foi?

— Sim, e a fiz gozar. Toma essa.

A expressão dele se fecha por um minuto, mas logo ele está sorrindo.

— Você é um safado escondido. Eu bem achando que você era gay e você conseguiu comer a garota mais desejada da cidade.

— Você nunca a desejou.

— Já sim, mas eu via que você olhava para ela, mais ou menos como um cão faminto encara um frango assado, então soube que ela era a responsável pelas horas que você passava no banheiro.

— Ah, cale essa boca!

— Ouvi dizer que ela é meio maluquinha. Você sabe, ela se enfiou em um convento.

— Ainda não sabemos o que estava fazendo lá. A madre acha que foi apenas visitar a irmã.

— Em um convento? Bom, boa sorte meu amigo. Acho que vai continuar virgem por um bom tempo.

Não durmo nada a noite. Ela está ali, a dois andares de distância. E o tempo todo tudo o que quero é encontrá-la. E tê-la de novo, desta vez sem pressa, desta vez amando cada pedaço de seu corpo. Minha Sereia.

Mal espero o dia nascer e vou ao seu encontro. Ela dorme espalhada na minha cama, seu cabelo vermelho, longo, embolado no meu travesseiro. Tiro uma foto com o celular para guardar aquele momento na lembrança, de como ela fica perfeita na minha cama. Deito-me ao seu lado e a observo. Mas é como se ela soubesse que estou ali, se mexe um pouco, resmunga algo e abre os olhos. Seus olhos cor de mel, turvos pelo sono, ela me olha por mais de um minuto e então sorri e volta a fechar os olhos.

Perco o controle.

Jogo-me em cima dela e beijo seus olhos para que ela os abra. Ela resmunga e sorri. Desço os beijos por seu rosto até alcançar sua boca. Mordo seus lábios e ela passa os braços por meu pescoço e me puxa para ela. Minha Sereia.

Isso tudo seria realmente lindo, se fosse verdade. Imagino tudo isso dentro do elevador, nos dois andares que nos separam. Mas, quando abro realmente a porta do meu apartamento, quase sou atingido por uma almofada. Ela está ali, parada

no meio da sala, usando um blusão meu apenas, e parece irritada.

— Bom dia — digo.

— Bom dia o caralho. Quero ir embora.

— A porta estava destrancada.

— Não se faça de engraçadinho. Quero ir embora agora. Com a sua palavra de que não irá me procurar nunca mais!

— Não. Se quer ir embora, vá. Mas vou atrás de você.

— Eu te perdoo. Tudo bem, Matheus, está perdoado. Siga sua vida, arranje um homem e seja feliz.

Cruzo os braços e a observo. Está realmente irritada.

— Você sempre acorda assim de mau humor?

— Não estou de mau humor! O dia em que acordei sorrindo, você não estava ali para ver.

Essa doeu. Bato a porta e a tranco para não correr riscos, então me aproximo dela. Ela parece prestes a explodir segurando uma almofada de forma ameaçadora.

— Vamos, Sereia, coloque para fora. Brigue, grite, desconte toda sua ira em mim.

Ela fecha os olhos, respira fundo, e quando espero que vá acertar a almofada em mim, senta-se no sofá, cruza as pernas e me observa.

— O que você quer comigo?

Caralho! Ela sabe jogar. Sento-me à sua frente.

— Me desculpar. E explicar.

— Ok.

— Gil, eu era um adolescente idiota.

— Ok.

— Você era tudo o que eu queria. Eu a desejei desde quando você tinha treze anos.

Ela arregala os olhos, mas tudo o que diz é:

— Ok.

— Quando finalmente a tive... eu tinha que ir. Para a faculdade.

— Ok.

— Não fiz por maldade, não quis ser um cafajeste com você. Eu sempre me importei com você.

— Ok.

— Isso é tudo o que vai dizer?

— Ah, você quer que eu comente as merdas que está falando? Vamos lá. Você não foi um idiota, é um idiota. Se me desejava quando eu tinha treze anos, além de idiota, é um pervertido. E entendo que precisou ir para a merda da faculdade,

mas não entendo por que isso te impediu de pegar a porra do telefone ou deixar a droga de um bilhete na cabeceira da cama da menina idiota que você desvirginou! — ela grita, mas respira fundo e me olha com toda calma. — Eu odeio você. Posso dizer que te desculpo, mas não desculpo porra nenhuma. Sabe essas coisas de mulher magoada? Pois é, você me magoou e uma mulher magoada guarda o ódio para sempre. Pouco me importa se você quer se desculpar e bancar o bom moço agora, por mim que você morra e vá para o inferno. Eu quero que você continue sendo o grande covarde que sempre foi e suma de novo da minha vida. Desta vez eu vou ficar feliz. Quer que eu continue falando?

— Não precisa, obrigado. Vamos trabalhar seu ódio por mim. Vamos nos aproximar de novo.

— Não quero. Não me importo com você. E você não é tão bom assim para que eu fique remoendo isso.

— Não vou jogar na sua cara que eu a fiz gozar na sua primeira vez.

— Ah, que bom que você é um homem decente! Você quer se desculpar, eu não quero te desculpar. Estamos em um impasse.

— Venha trabalhar comigo.

— Quanto você vai me pagar?

— O valor que você pedir.

— O que eu terei que fazer?

— Ser minha secretária.

Ela me encara em choque. Depois, tem uma crise de riso.

— Nem sonhando que eu vou receber ordens de você, seu babaca. Aceito se for para ser secretária do bonitão.

— Cleber? De jeito nenhum!

— Então nada feito, estou indo embora e você que se exploda.

Ela se levanta, mas a puxo pela perna e a jogo de qualquer jeito no sofá. Rapidamente jogo meu corpo sobre o dela, para que ela não se mexa.

— Querida, você vai ficar aqui e vai trabalhar comigo. Vamos poupar nosso precioso tempo com discussões bobas. Do que você precisa para começar a trabalhar? Quer dinheiro? Roupas?

Aqueles grandes olhos cor de mel me fitam. Tenho uma vontade louca de beijá-la, mas quando encosto meus lábios nos dela, ela aperta as minhas bolas. Com força.

— Caralhoouooo! — berro e caio de lado ao chão.

Ela se levanta, limpa as mãos e diz:

— Estarei na sua empresinha amanhã, mas trabalharei com o bonitão. Não quero você nem perto de mim. Ou isso, ou nada feito. Nunca me dirija à palavra

se não for algo relacionado ao trabalho e esqueça aquela noite horrível. No dia em que você tocar nesse assunto comigo, ou com qualquer pessoa, juro que aperto suas bolas com um alicate até que elas escorram como xixi pelo chão. Entendido?

Apenas assinto, a voz ainda não sai.

— Estou indo embora, não vou ficar no seu apartamento e você vai descobrir meu endereço quando eu preencher a ficha de contratação, então tenha a decência de não me procurar.

— Para onde você vai? — praticamente sussurro.

— Morar com uma amiga, não que isso seja da sua conta. Quero deixar bem claro uma coisa, Matheus, eu não gosto de você, não vou com a sua cara e só estou aceitando este emprego porque não tinha mesmo para onde ir. A próxima vez que colocar alguém para me seguir, vou pedir a um dos meus parceiros que te jogue em um bueiro.

— Um dos seus o que?

— Parceiros. Homens para quem eu abro as pernas. Você inaugurou querido, mas não foi o único visitante.

— Você não é escrota e rodada como tenta me convencer que é. Meu amigo te seguiu por muito tempo, Gilcelle.

— Então talvez ele também tenha me feito uma visita. Não me importa o que ele te disse, não quero você perto de mim. Acha que consegue fazer isso?

— Não é como se eu não tivesse experiência nisso.

Funciona. Ela fica magoada com minha resposta idiota.

— Estúpido — ela diz e sai batendo os pés.

E assim minha Sereia vai embora, usando um blusão meu e seu salto alto, enquanto tento recuperar minha masculinidade esmagada. E rezo para que ela realmente esteja na V.D.A. amanhã de manhã, ou meu próximo crime será sequestro.

Capítulo 02

Gilcelle

Ainda há três anos...

— Este apartamento é uma merda — digo desanimada.

— Então vamos ficar com ele — diz Celina sorrindo.

— Você ouviu o que acabei de dizer? Isto é uma merda!

— Gil, estamos na merda. Ou ficamos com ele, ou vamos morar as duas o resto da vida com a minha mãe. O que você prefere?

Olho em volta e torço um pouco o nariz.

— Ok, talvez não seja tão mau assim. O que aconteceu com seu chefe?

Ela dá de ombros, desanimada.

— O que ele tem a ver com esse apartamento?

— Não sei. Mas ele tem dinheiro, talvez possa nos indicar um lugar melhor.

Ela cruza os braços e me encara.

— Sim, ele tem dinheiro, mas seguindo sua lógica de homens que conseguem as coisas para nós, vamos nos lembrar de que o seu Dom é dono de uma rede de hotéis e flats. É mais provável que ele tenha algo melhor pra nos indicar.

— Celina, odeio quando você joga minhas ideias brilhantes contra mim.

— Odeia porque percebe que não são brilhantes coisa nenhuma.

— Você é a mais bonita de nós duas, deveria usar esse par de seios e toda sua classe a nosso favor.

— E você deveria usar sua mente suja e maldosa para fisgar o Dom. Quem sabe assim você não para de chamar por ele a noite? — ela diz e no minuto seguinte não está mais na minha frente porque sabe que vou pular em seu pescoço.

É começo de tarde quando resolvo ir conhecer meu novo emprego. Ok, preciso confessar uma coisa: não tenho dez reais. E não é exagero. Não tenho mesmo. Gastei meus últimos centavos pagando a passagem para ir buscar Antônio no convento, esperava convencê-la a vir embora comigo e então ela conseguiria com alguma alma bondosa daquele lugar nossa passagem de volta. E, se não a convencesse a sair comigo, então passaria um tempo trancafiada com Deus, provavelmente ia me fazer bem. Mas não fiz planos, além disso. Vivo um dia de cada vez.

Estou há duas semanas morando de favor na casa da Celina, nos conhecemos na faculdade, nos formamos há pouco e ela conseguiu emprego em uma engenharia. Conseguiu um emprego para mim também. Mas, o nosso chefe é um

idiota e na primeira vez que gritou comigo, espremi suas bolas com os dedos e o filho de uma mãe chamou a polícia. Só retirou a queixa porque queria comer a Celina. Não achei que ela fosse dar bola, mas agora acho que estão namorando. Eu deveria ter avisado antes que ele quase não tinha bolas, apertei as duas com uma mão só, logo, provavelmente não é bem dotado. Mas, quem sou eu para dar dicas de sexo ou tamanhos a alguém? O único pau que vi na vida pertencia a um ser gay e covarde. Mas isso não vem ao caso.

O prédio é tão elegante que me sinto meio fora do lugar com esse cabelo vermelho demais e essa roupa apertada demais. Sou encaminhada por uma criatura bem patricinha até a sala do bonito.

— Olá Gilcelle, sou Cleber Dantas — ele diz estendendo a mão.

— Olá — digo sentando-me à sua frente e aguardo o que ele vai dizer.

— Acabei de passar minha secretária para o Matheus, para que você possa trabalhar comigo — ele diz com uma careta de desgosto que entendo perfeitamente.

— Se ela ainda está no prédio então você ainda irá comê-la — digo.

Ele parece espantado no primeiro momento, mas logo sorri.

— Isso, com toda certeza. A questão aqui é, não vou comer você. Você é bonita, legalzinha, mas meu amigo, você sabe, ele é meio obcecado por você e não sou esse tipo de cara.

Abro um sorriso. Gostei deste cara.

— Bom saber que minha pureza e meu rabo estão a salvo com você.

— Vamos ao trabalho. O que você almeja entrando aqui?

— Não passar fome. E claro, me vingar do idiota do seu amigo.

Ele dá de ombros e diz calmamente:

— Tudo bem, desde que você não me envolva nisso. Soube que tem a mão pesada, por favor, mantenha-a longe das minhas bolas.

— Como quiser. Já que estamos sendo claros aqui, irei direto ao ponto. Só estou aqui, porque não tenho dez reais no bolso. Não tolero que gritem comigo, não me passe serviço aos finais de semana de maneira nenhuma, eu não faço hora extra, não sirvo cafezinhos e não sou simpática. São as minhas condições.

Ele arregala os olhos e não diz nada. Com um gesto me pede um minuto e sai da sala.

Dez minutos depois retorna, a cara fechada de quem foi derrotado e diz de má vontade:

— Está contratada. Por favor, tente não aceitar trabalho demais da secretária do Sebastian, ele é muito folgado e me passa tudo que é direcionado a ele. Não falte, fico perdido sem uma secretária. E se for dar uns pegadas no Matheus, não faça isso na minha sala. Deus me livre encontrar secreções do Matheus aqui.

— Ele o obrigou a me contratar, não é?

— Ah sim, ele acha que você estará na cama dele até o fim de semana. Amasse as bolas dele de novo e na semana que vem poderei demiti-la.

— Combinado — digo e estendo a mão.

Ele a aperta.

— Sua mesa é a de fora. Fique à vontade.

Não se passam duas horas até que ele abre a porta com uma careta e as mãos na cabeça.

— Gilcelle, desligue esse som! Não consigo fazer cálculos com esse barulho na minha cabeça. Estou tentando e tudo o que sai naquela planilha são “heys” e “fucks”. Que merda!

Abaixo o volume da caixinha de som do meu celular e o encaro.

— Você disse que eu podia ficar à vontade.

— Lembre-me de nunca mais dizer algo do tipo a você.

— Tudo bem. Posso apenas abaixar?

— O suficiente para que eu não escute nenhum gemido da minha sala.

— Chato.

— Abusada — ele diz e bate a porta ao entrar.

Abaixo o volume e cantarolo enquanto termino de organizar sua agenda. Nego pela quinta vez o que quer que a secretária de Sebastian fosse me passar, tiro os sapatos e faço um café para mim. Imediatamente o telefone na minha mesa toca me fazendo dar um pulo.

— O que é? — atendo.

— Gilcelle, traga um café para mim, por favor — pede Cleber.

— Só fiz pra mim.

— Então faça mais.

— Eu disse que não sirvo cafés.

— Quero esse café na minha mesa em cinco minutos ou colocarei a sua mesa ao lado da porta da sala do Matheus.

— Estarei aí com seu café, querido chefinho.

— Muito melhor assim, boa menina.

Bato o telefone em sua cara e preparo um café que vai acabar com sua dor de cabeça, ou explodi-la de vez. Acho que vamos nos dar muito bem.

Cada pessoa que se aproxima da sala de Cleber, eu olho. Sempre passa uma mulher por ali, elas ficam rondando, como urubus em defuntos, e fazem caretas para mim. Provavelmente acham que vou dar para o chefe preferido delas. Faço questão de aumentar meu decote e retocar o batom, deixando claro que vou dar para ele mesmo. Mas, claro que não farei isso.

Em nenhum momento ele aparece.

Quando o telefone de Cleber toca diretamente, sem passar pelo meu, sei que é Matheus do outro lado da linha. É estranho. Desde aquela manhã, eu nunca mais tive qualquer notícia dele. É estranho de repente saber onde ele está, saber que está ao telefone com meu chefe, que posso encontrá-lo dentro do elevador quando estiver indo embora. Eu o odeio, com todas as minhas forças, e me admira que ele tenha tido ao menos a decência de respeitar minha decisão e não tenha tentado se aproximar. Ainda não entendo por que então está me mantendo aqui. Provavelmente para desincumbimento de consciência, tirou minha virgindade, me deu um emprego.

— Boa troca — sussurro, irritada.

Para não correr o risco de vê-lo no elevador, desço de escada. Sei que isso se tornará um hábito.

Encontro Celina na porta do prédio onde vamos morar. É bem perto da empresa. Pego uma de suas caixas e subimos conversando. Ela parece bem desanimada.

— O que houve, Celina?

— Edmundo está aqui. Espero que não tenha problema.

— Desde que ele carregue caixas, problema nenhum.

— Boa sorte com isso — ela responde.

Entendo o que quer dizer quando entramos com as caixas no apartamento. Edmundo está sentado em cima de uma caixa, tomando uma cerveja e assistindo televisão em um celular.

— Me diz que isso não é sério — resmungo.

— Dá um desconto, Gil.

— Olá, Edmundo, como tem passado? — pergunto olhando diretamente para o meio de suas pernas, e ele imediatamente as fecha.

— Muito bem, obrigado.

— Que bom que está aqui. Há caixas bem pesadas lá embaixo, não conseguiremos carregá-las.

Ele me olha em choque, então encara Celina com olhos esperançosos.

— Passarinha, você sabe que não posso pegar peso. Quer que eu chame uma equipe de mudança?

Ela sorri.

— Não, querido, quero que desça lá embaixo e traga as caixas.

— Mas você sabe que não posso fazer esforço com os braços e as mãos, por conta da LER.

— Não pode fazer muito esforço. Mas visto que normalmente não faz esforço nenhum, pode carregar umas caixas. É melhor ficar com os braços doloridos, do que as bolas, não acha? — ela diz de forma angelical.

Ele se levanta resmungando e vai buscar uma caixa.

— Não faz esforço nenhum? Não me diga que ele é ruim de cama — questiono.

Ela solta um gemido frustrado.

— Nunca mais acredito em você e suas baboseiras sobre as maravilhas de abrir as pernas. Vaca mentirosa! — ela diz e sai batendo os pés.

— Ei, não tenho culpa se foi arrumar um namorado velho, preguiçoso e mal dotado.

Quando Edmundo sobe resmungando com uma caixa enorme, porém leve, coloco sutilmente o pé à sua frente para que ele tropece.

— Vira homem, Edmundo — digo e deixo-o ali resmungando no chão.

Dez minutos depois, ele recebe uma ligação misteriosa e vai embora.

— Celina, eu amo você, mas você é péssima com namorados. E por falar em amor, sua mãe aceitou bem sua mudança?

— Depende. Se você considera atirar todos os pratos da casa em mim, como aceitar bem, sim. Graças a Deus ela é ruim de mira. E você como foi reencontrar seu Dom?

A pizza que comemos desce quase me engasgando.

— Não o vi. Não o verei. Ao que parece, ele respeitará meu pedido de distância.

— Sinto muito.

— Não sinta. Estou feliz assim, e o valor que os babacas vão me pagar é obsceno.

— Então ele se importa com você.

— Celina, vamos fazer um trato — digo deixando a pizza de lado. — Não te aconselho mais sobre sexo e você não me aconselha sobre amor. Você é péssima nisso.

— Fechado. E deveria ter me dito que ele não tinha bolas — ela diz antes de enfiar o resto da pizza na boca e bater a testa na mesa. — Oh céus! Oh céus!

Matheus

Estou concentrado em alguns papéis, quando Cleber invade minha sala.

— Ela é maluca. Isso não seria problema, mas é folgada e preguiçosa também. Isso será um problema. Não vou contratá-la.

— Vai sim — digo sem desviar os olhos dos papéis.

— Cara, vou querer dez por cento das suas ações, da sua parte nos lucros e da sua casa.

— Ela é uma excelente funcionária. Eu vi o seu currículo, é muito bem instruída — defendo.

— Ela levou uma justa causa no último emprego por acabar com a masculinidade do chefe, como fez com você. Foi até parar na cadeia.

— Seja bonzinho e não correrá riscos.

Ele resmunga um palavrão. Depois, senta-se de frente para mim.

— Cara, há milhares de mulheres no mundo. Conheci umas indianas maravilhosas, poderia apresentá-las a você.

— Não, obrigado.

— Matheus, você precisa sair, homem. Ir a bares, casas de shows, pegar mulheres, liberar essa tensão que você reprime.

— Não estou tenso. Nem todo homem é movido a xoxotas como você.

— Amigo, homens que não são movidos a xoxotas, são movidos a paus. Assuma que é gay e me livre da louca.

Largo os papéis e o encaro.

— Ela não tem onde ficar desde que os pais morreram. Já morou em uma favela com uma tia estranha e agora mora de favor com uma conhecida da faculdade. Ela precisa desse emprego. Você vai contratar a Gilcelle, Cleber. Se de tudo ela enlouquecê-lo, daremos um jeito. Mas não me venha com resmungos agora, nós dois sabemos que as mulheres que você pega não são exatamente boas da cabeça.

— São boas em outras coisas.

— Mantenha suas mãos bem longe dela.

— Nem pensei nisso. Tudo bem, você me deve sua vida, cara.

— Vá contratá-la antes que ela desapareça.

— Seu gay — ele diz e sai da sala, contrariado.

Eu a observo de longe. Vejo-a colocar uma caixinha de música em cima da mesa e dançar como somente ela seria capaz em um ambiente sério como esse. Vejo-a ajustar o decote entre maior e menor. Maior quando uma das mulheres de Cleber se aproxima, menor quando é um homem. Vejo-a passar mais tempo no

espelho do que no computador cuidando de suas funções. Vejo-a procurar por mim. Aquele papo de fique longe foi da boca para fora. Embora esteja sem dinheiro algum, ela está aqui por mim. Nem que seja para se vingar, mas é por mim.

Dei uma semana para ela se adaptar, e durante toda essa semana, cuidei para que ela não me visse. Quero que pense que desisti, isso a deixará surpresa quando eu me aproximar. Preciso amolecê-la aos poucos. Gilcelle sempre foi como o fogo queimando, forte demais, devastadora, quase incontrolável. Não posso apagá-la, preciso dominá-la. Fazer com que queime somente para mim. Então ela atenderá ao telefone no próximo domingo de manhã quando mamãe ligar, e toda essa mentirinha que contei à minha família sobre nós, será verdade.

Na segunda semana, comecei com flores. Enviei um buquê de rosas vermelhas a ela. Higienizadas, para que ela não pegue nenhuma doença. Com um cartão em branco. Observei-a de longe, sei que ela adora.

No dia seguinte, esperei que ela saísse para o almoço, coloquei minha luva de plástico e mexi em seu mp3. Adicionei rapidamente uma música ali e a coloquei para repetir. Assim, quando ela voltou, havia um novo buquê em sua mesa, e *Unbreak my heart* tocava sem parar. Ela guardou as flores em um vaso, mas jogou o mp3 no lixo reclamando que não aguentava mais essa música chata.

No terceiro dia, mandei as flores e uma caixa de chocolate. Ela olhou para os lados procurando quem poderia ter mandado. Abriu a caixa, cheirou o chocolate, lambeu, pensou, e jogou um na boca. Então fez uma careta e jogou a caixa toda no lixo. Descobri assim que ela não gosta de chocolate muito amargo. E achei que isso fosse a cara dela.

Enviei chocolates nas duas semanas seguintes, junto com as flores. Ela gosta dos mais doces. Na terceira semana, ela deixou a caixa intacta em cima de sua mesa com um bilhete:

“Não me deixarão gordas suas vacas, ainda vou dar para seu chefe.”

Não entendo o que ela quis dizer, mas procurei Cleber.

— O que é isso? — digo mostrando o bilhete e a caixa de chocolate.

Ele a toma da minha mão e começa a comer.

— Isso é doce pra caralho. Não sei, mas pela letra horrorosa a Gilcelle quer dar pra alguém — diz rindo com os dentes marrons.

— Não tem graça. O único chefe que tem contato com ela é você.

— Não vou comer sua garota. Mesmo porque ela é louca. Competente, embora não sirva nem água e faça um café de levantar defuntos. Mas completamente louca. Matheus, por que você a trouxe para cá? Você sequer se aproxima dela.

— Vou fazer as coisas no momento certo. Só fique de olho nela, de longe, é

claro.

Ele bate uma continência.

— Sim, senhor.

No dia seguinte, pego o elevador no horário em que ela sai, mas ela desce de escada, espero-a na porta da escadaria, ela desce cantando desafinadamente uma música em japonês. Quando me vê, estaca de repente, empina o nariz e tenta passar direto, mas a paro com o braço.

— Olá, Gilcelle.

Ela olha para os lados e passa o olhar por mim como se não estivesse me vendo.

— Quem me chama?

Sorrio.

— Como estão as coisas com o Cleber? Está se adaptando?

— Ah sim, ele é muito bem dotado — ela responde para me irritar.

— É mesmo? Então imagino que esteja se divertindo — respondo calmamente, embora sinta vontade de dar umas palmadas em sua bunda.

— Ah claro, na maior parte do tempo, é muita diversão.

— Que bom. Gostaria que fosse à festa de fim de ano da empresa comigo.

Ela arregala os olhos, gagueja, mas rapidamente se recompõe e diz:

— Claro. Será um prazer.

Por um momento sinto medo pela forma como ela fala, mas a deixo passar e me parabenizo mentalmente por ter conseguido finalmente amaciá-la.

Doce ilusão.

Troco o terno seis vezes, até me decidir pelo primeiro que havia experimentado. Estou nervoso, quase suando. E odeio suar. É anti-higiênico. Dispensio o motorista, se tudo der certo, talvez Gil e eu precisaremos do carro esta noite só para nós dois. Pego o celular para ligar para ela quando paro em frente ao prédio onde ela foi morar, mas não é necessário. Ela está me esperando na porta. Está querendo me enlouquecer parada daquele jeito naquela merda de porta. Conto até cinco me decidindo entre jogá-la neste carro e rasgar este vestido indecente ou levá-la de volta ao seu apartamento e dar-lhe umas boas palmadas. Desço do carro e me aproximo dela.

— Boa noite, Gilcelle.

— Boa noite. Está atrasado.

— Eu nunca me atraso. Eu cheguei a comentar com você que a festa seria na empresa, não cheguei?

Ela dá de ombros e ajusta o tomara que caia que insiste em cair.

— É, acho que comentou algo.

— E você vai vestida assim?

— Vou. Te incomoda?

— De jeito nenhum. Vamos — digo abrindo a porta para que entre e ela tem dificuldade para se sentar com aquele vestido vermelho tão justo, tão curto, tão decotado. — Definitivamente vamos precisar deste carro hoje.

Ela não me dirige a palavra durante o caminho, e mal responde o que pergunto, então desisto de tentar conversar. Assim que chegamos à festa, todos a olham. Não achei que seria diferente, paro o primeiro garçom com caipirinhas que passa e viro um copo, me preparando para a noite que está por vir.

Quando olho para ela, está com dois copos vazios nas mãos.

— Você virou esses dois copos?

Ela dá um soluço enorme e sai andando. Eu a sigo.

Gilcelle para em cada maldito cara que encontra, se esfrega nele, dá mole e eu apenas observo, com a cara fechada o suficiente para que nenhum deles dê bola para ela. Ela ri alto, e continua virando copo atrás de copo, que eu me lembre, ela é fraca para bebidas, mas como não a vejo há anos, tenho a esperança de que tenha melhorado isso.

Mas não.

Uma hora depois de chegarmos, ela está no meio da pista de dança, o vestido já curto dobrado ainda mais, os seios quase saltando para fora, dançando e cantando feito uma louca, completamente descabelada. Ela ri e chora. E tem mais uma coisa, bate em cada homem que se aproxima dela. E quando digo bate, quero dizer que ela chuta e soca mesmo. Como uma maluca.

— Ela tem sérios problemas mentais — diz Sebastian se aproximando de mim.

— Só está bêbada.

— Bêbada e louca.

Tento me afastar dele, mas ele me segura, e me diz sério:

— Matheus, você a ama? Porque cara, se não a amar, mande-a embora amanhã mesmo. Não é difícil perceber que ela é encrência, se está nessa por causa de uma trepada, por favor, desista. Vou te arranjar quantas mulheres você quiser. Afaste-se dessa.

— Não a mandarei ir embora amanhã, Sebastian. Não mandarei nunca.

Tenho vontade de socar sua expressão de pena e depois o riso idiota que ele dá.

— Cara, sinto muito. Mas, acho que isso tudo vai ser muito divertido. Aliás, se você não quer que a cabeleira ruiva de baixo dela esteja nos jornais amanhã, é melhor tirá-la da pista de dança.

Olho imediatamente para trás, mas era apenas mais uma brincadeira dele, ela ainda está ali, dançando e cantando e chorando e rindo e gritando meu nome,

como uma maluca. Deixo que ela extravase toda essa mágoa. Talvez isso vá nos ajudar no final das contas. Mas, chega um ponto em que não permito mais que ela beba. Proíbo os garçons de chegarem perto dela, de levarem qualquer bebida que ela peça e neste momento, quando estou andando atrás de garçons, o som da música ambiente some, um ruído de doer os tímpanos toma o lugar e logo, a voz arrastada de Gilcelle surge em um microfone.

— Boa noooite — diz com sua voz arrastando as letras.

— Que merda! — Cleber exclama ao meu lado. — Que ela não tenha visto nada demais na minha sala, meu Deus!

Mas estou muito preocupado com ela, para perguntar que merda ele pode ter feito na própria sala que ela possa ter visto. Sei que não é dele que ela vai falar, não é ele que ela vai expor, ela vai falar de mim. Tudo o que não teve coragem de dizer na minha cara, vai dizer agora. No microfone, para todos da empresa. Caralho!

— Vá lá e a impeça, homem! — ordena Sebastian.

— Não! Nós invadimos um convento para resgatar essa louca. Agora vamos sentar e assistir ao espetáculo — diz Cleber.

Sim, eu deveria ir até lá e impedi-la. Mas não vou fazer isso. Quero saber o que ela pensa, o que ela sente. Quero que coloque para fora, vai fazer bem a ela. Que se dane o que vão pensar de mim. Imagino que ela vá começar com algo do tipo: “eu te odeio”, ou “você é um covarde”. Mas, a primeira coisa que ela diz é:

— Eu era virgem aos dezoito anos.

— Ah merda! — sussurro.

— Isso vai ser melhor do que eu imaginava — diz Cleber tirando o celular do bolso e preparando para gravar.

Tomo o aparelho de sua mão e arremesso longe.

— Nem pense nisso, seu babaca.

— Mas não porque era rejeitada pelos idiotas da cidade, não. Eu era bonita, sabe. Mas eu era apaixonada. Por um cara — ela dá um riso histérico e parece que vai chorar, mas volta a falar. — Então uma bela noite, quando eu tinha dezoito anos, ele disse que queria me comer.

Todo mundo ri e vou em sua direção para tirá-la daquele palco, mas Cleber me segura.

— Nem pensar, homem! Deixe a garota extravasar.

— Ela vai passar por ridículo!

Sebastian então praticamente abraça minha perna.

— É exatamente o que queremos ver.

— Gostei dele a vida toda e ele demorou longos três anos para falar alguma coisa assim. Aí eu dei, gente. Eu dei mesmo. Para ele, sabe. O cara. Bonitão

assim. Parecia um anjo — ela soluça e volta a falar. — Me entreguei para ele, e depois de me dar a melhor noite da minha porcaria de vida, ele sumiu. Puff! Evaporou. Acordei na manhã seguinte e estava ali, desvirginada e sozinha. E ele foi embora. Da minha casa, da cidade, do mundo! Puff!

Ela faz um gesto exagerado com a mão e se desequilibra, caindo para frente. Alguém a segura pela cintura, e ela fica com as pernas para cima, a calcinha à mostra, esperneado como uma louca. Finalmente os idiotas dos meus amigos me soltam e me aproximo dela. Ajudo a levantá-la e quando me vê, ela sorri.

— Você. Foi você.

Lembra-se do microfone na mão, que ela não soltou quando caiu e grita nele.

— Foi ele! Matheus Amorim! O filho de uma puta que me desvirginou e puff! Foi ele.

Nem preciso olhar para saber que as pessoas estão perplexas nos encarando. Tiro o microfone da mão dela e o jogo longe. Pego-a pela cintura e vou arrastando-a para fora do terraço. E tudo acontece rápido demais para que eu possa impedir. Não sei como ela consegue pegar uma garrafa de champanhe de um balde de gelo e a acerta com toda força na minha cabeça.

Ouçó o barulho, sinto o liquido gelado, e mais nada.

Gilcelle

Minha cabeça parece que vai explodir. Olho-me no espelho apenas para confirmar a merda em que me encontro, e sim, estou mesmo uma merda. Meu cabelo está bagunçado e todo enrolado em volta da minha cabeça. Meus olhos vermelhos, com bolas embaixo, e estou mais branca do que o normal. Pareço péssima. E me sinto assim.

Celina entra em meu quarto com uma xícara de café.

— Olá.

— Oi — respondo.

— Como está se sentindo?

— Como pareço.

— Que pena — ela diz e se senta na minha cama, então toma o café.

— Achei que isso fosse pra mim — resmungo.

— Quando foi que eu levei café no quarto para você?

— Nunca, mas hoje é uma situação especial.

— Você quase matou seu ex, bebeu até rasgar a roupa e tentou agarrá-lo quando ele estava desmaiado. Isso não é uma situação especial. Você não merece ser mimada, então fique aí com sua dor de cabeça e dor na consciência.

Viro-me para ela, irritada.

— Primeiro: eu odeio você! Segundo: ele não é meu ex, nunca fomos nada. E terceiro: não estou com dor nenhuma na consciência.

— Está sim.

— Não estou.

— Sim, você está.

— Não estou.

— Ele morreu.

— O que? — sem que eu possa impedir, algo atinge bem forte meu peito, parece que o ar sumiu e lágrimas rolam por meu rosto.

Celina se levanta enquanto eu caio no chão, sem forças.

— Estou brincando. Ele está bem. Mas você está com peso na consciência.

Então ela sai do quarto e me deixa ali, jogada ao chão, como uma boneca sem vida.

— Meu Deus! Por que não me deu amigas melhores?

Permaneço ali, naquele chão, até que a porta do meu quarto é aberta de novo.

— Ele está subindo e eu estou saindo — Celina diz.

— Celina, isso não tem graça.

— Não estou brincando. É melhor sair desse chão se não quiser que ele te veja

derrotada como está. Vou deixar a porta aberta, enfie-se em um chuveiro, de preferência com água fria e tente parecer alguém.

— Obrigada — digo com ironia.

— De nada, amiga — ela diz antes de bater a porta e sumir.

Conto até quatro, e me levanto. Mas não chego ao banheiro, caio na cama e fico ali, rezando para que seja mais uma brincadeira da Celina.

Mas não é.

A porta abre de novo e não preciso olhá-lo para saber que está ali. Sinto seu cheiro. Ele se aproxima a passos lentos, chama meu nome quase com medo.

— Não se aproxime. Posso estar com uma faca — digo.

— Acho que tenho sete vidas — ele diz e se senta na cama.

Então me sento também.

Ele parece péssimo. Tão ruim quanto eu, mas tem um curativo enorme na testa. Que cobre um de seus olhos.

— Eu ceguei você? — pergunto.

— Não, mas foi por pouco.

— Você deu queixa contra mim?

— Não.

— Por que não?

— Eu mereci.

— Uau! — é tudo que digo por um bom tempo.

— Como se sente? — ele pergunta.

O pior de sua pergunta, é que ele parece realmente preocupado, eu acabei de feri-lo com uma garrafada na cabeça, e ele está preocupado com uma possível ressaca.

— Uma grande e enorme bosta — respondo. — Vou me demitir. Matheus, isso nunca daria certo mesmo. Você e eu, definitivamente não é para dar certo.

— Não precisa se demitir — ele diz de forma fria, como se não fosse nada demais eu continuar ali depois do que fiz com ele. — Vá tomar um banho. E vamos conversar como adultos, Gilcelle.

— Não quero tomar banho.

— Vá tomar.

— Não vou.

— Vá agora! — ele grita. Levanto-me resmungando e vou.

Faço com que ele me espere por vinte minutos, até sair do banheiro de toalha.

— O que quer conversar? Sou louca, te odeio e bebi. A culpa foi sua por ter me levado à maldita festa. Por que não ouviu o que eu disse e ficou longe de mim?

— Porque sou um idiota — respondeu. — Você não vai se demitir. Precisa

desse emprego.

— Posso arrumar outro!

— Não pode. Não depois de ir parar na cadeia por causa do seu antigo chefe, fique na V.D.A., Gilcelle. Vou cuidar para que a noite de ontem seja esquecida. Ninguém mais falará disso.

Cruzo os braços e o encaro.

— E você?

— Eu o que?

— Não quero você perto de mim.

— Não chegarei perto de você, por que chegaria? Você é uma funcionária como qualquer outra.

Não quero sentir a mágoa que sinto. E ele sabe disso, pela maneira fria como diz.

— É assim que você quer, posso fazer isso. Volte para a empresa amanhã, eu não a conheço, nunca a vi antes, não dirigirei a palavra a você. Assim está bom?

— Ótimo! E não espere que eu agradeça. Você não terá dificuldade nenhuma em ficar longe, não é mesmo?

Ele se levanta de repente e me puxa, passando os dentes por meu pescoço e me fazendo calar e fechar os olhos, sentindo-o ali, tão perto de mim.

— Não, minha Sereia. Vou guardar meu coração na gaveta, e você não será mais nada. Só porque você quer assim. — Então ele se afasta de repente e segura meus ombros, olhando em meus olhos. — Não importa agora, Gilcelle. Eu a feri. Você se vingou. Não significa mais nada. Você não quer falar sobre, não quer que eu me aproxime, eu não a culpo. Volte para a empresa, não me aproximarei de você, não permitirei que ninguém a ofenda, você estará protegida. Você tem minha palavra. Vai ficar tudo bem.

Há anos não ouço essa frase. Há anos ninguém me diz que as coisas vão melhorar. Tenho uma vontade enorme de abraçá-lo, mas ele se afasta. Pega sua chave em cima da cama e vai embora.

Volto para a empresa na manhã seguinte, faço questão de pegar o elevador no horário em que ele entra. Ele está dentro dele. Ninguém me olha, ninguém cochicha e não faço ideia de como ele conseguiu isso. Mas ele é uma dessas pessoas que me ignora. Não olha para mim em momento nenhum, e eu sei, quando ele sai por essa porta, que tudo então foi apagado.

Matheus é gay. Devo ter sido a única mulher que ele comeu, por isso fugiu na manhã seguinte. Que ele seja feliz com os submissos dele, eu serei feliz também, e farei questão que ele veja isso.

Capítulo 03

Matheus... Dias atuais

Nunca na minha vida, bebi nada direto na garrafa. É anti-higiênico e nojento. Mas essa situação pediu por isso. Não tive tempo de procurar um copo, uma taça, nem nada disso. A garrafa de Jack desce rasgando minha garganta e me sinto aquecer quase que imediatamente. E isso tudo é culpa do imbecil do meu melhor amigo. Trancar-me em sua sala, com ela, foi uma péssima ideia. Eu preferia estar sozinho em um deserto sem um pingo de água. Preferia ser atirado em um mar de fogo. Preferia ouvir Britney Spears o dia todo, no volume máximo. Caralho! Eu dançaria Britney vestido de Xuxa no meio do centro da cidade, para não estar aqui trancado com ela.

Ela é meu pesadelo.

Ela é meu sonho.

Ela é tudo o que eu gostaria de não querer, e é tudo o que eu quero.

Há três anos finjo que não sinto nada. Há três anos respeito seu pedido de não me aproximar. E o imbecil do Cleber me força a quebrar minha promessa desse jeito. Sei que vocês sabem o que ela contou, sabem o idiota que fui. Mas as coisas não foram exatamente assim, vou contar para vocês.

Quando nos conhecemos, ela era uma menina. A menina mais linda da cidade. Não era boba, nem tímida, como as outras meninas da idade dela. Era esperta, tinha um brilho próprio e algo naqueles olhos cor de mel que sempre me deixaram louco. Claro que não encostei um dedo nela, tinha apenas treze anos, mas ela foi a responsável pela minha primeira ereção. E por todas as outras depois dessa.

Quando tínhamos quinze anos, eu a beijei. No baile da escola. Cleber e eu combinamos que não iríamos, era uma coisa muito brega, de menininha. Cleber já pegava todas as meninas da cidade mesmo, não precisava ir àquele lugar. Nessa época ele desconfiava que eu era gay, porque não me via com mulher nenhuma. E se eu fosse àquele baile, ele teria certeza. Então, claro que não ia. Até vê-la. Ela estava vestida como aquela Sereia da Disney, com um top verde e uma calda colada às suas curvas. E todos os babacas da cidade estavam apostando quem seria o mais esperto, que tiraria a virgindade dela. Tive que protegê-la. Fantasiei-me de zorro, sim coisa ridícula, mas eu era um adolescente. E as meninas ficavam doidas com aquela máscara preta e aquele chapéu horroroso. Fui ao baile escondido do Cleber. E naquele baile, dei o primeiro beijo nela. O primeiro beijo dela. Ela nunca soube que fui eu.

Seria uma historinha de amor bonitinha e fofa, se eu não tivesse feito dezoito

anos, ainda virgem, e não estivesse enlouquecendo de tanto tesão por ela. Era minha última noite na cidade. Eu sabia que teria muitas relações sexuais na faculdade, mas queria que a primeira fosse ela.

Apareci um dia em sua casa, como quem não quer nada. Nós mal conversávamos e fui meio bruto na verdade. Mas era minha última noite. Sabia que ela estaria sozinha. Quando me olhou com aqueles enormes olhos cor de mel, meio assustada e curiosa sobre porque eu estaria ali na casa dela, de madrugada, fui direto ao ponto.

— Oi.

— Oi – ela respondeu com um sorriso no rosto.

— Você é linda.

— Obrigada.

— Quero comer você agora.

Ela piscou os olhos, aturdida. Achei que fosse bater a porta na minha cara. Mas ela fez um gesto com a mão e me convidou a entrar.

— Tudo bem — disse.

Foi muito bobo, fiz tudo errado, estava desesperado demais por ela, assustado demais que ela tivesse cedido tão facilmente. Eu havia ensaiado um milhão de coisas românticas para dizer a ela, e tudo o que disse foi o que Cleber falava para as vagabundas que pegava. E mesmo sendo eu um perfeito idiota, ela disse sim. Estava apaixonada por mim, pois fui seu primeiro. E garota nenhuma entregaria a virgindade a um garoto idiota que disse que queria comê-la. Posso ter feito tudo errado, e depressa demais, mas ela gozou. Cleber e Sebastian não fizeram as primeiras deles gozarem e me gabo muito por isso. E foi isso, essa foi nossa história.

Na manhã seguinte, fui para a faculdade. Escrevi uma carta explicando a ela tudo, a forma como a vigiava desde que era uma menina, de como quebrei os dentes do idiota que cortou o cabelo dela na sétima série. De como trapaceei para que ela fosse a rainha do baile, tirando todos os nomes da urna e deixando apenas o dela. De como fui tolamente apaixonado por ela, toda a minha adolescência. Mas, no fim das contas achei aquilo meio gay, meio ridículo, e não enviei. Fui embora, tive outras mulheres, mas ela deve ter me rogado alguma praga, ela gosta de fazer isso, pois nenhuma transa foi melhor do que aquela primeira, que foi péssima.

O fato é que agora ela me odeia, com todas as forças. Quando consegui que ela viesse para a cidade e viesse trabalhar aqui, pretendia me reaproximar dela. Mas ela me recebeu com um gesto feio e ainda beijou Cleber na boca. Entendi que não queria que eu me aproximasse. E esses três anos têm sido um inferno desde então.

Ouço o som de seu salto quando ela volta à sala de Cleber e encara a cadeira dele vazia. Então ela olha para mim, com a garrafa na boca e parece aturdida.

— Que merda é essa? Você não diz que essas garrafas contêm germes?

— Sim, e do Cleber. O que é ainda pior.

— Então por que está bebendo no bico?

Estendo a garrafa para ela.

— Você vai querer também.

— Eu não bebo.

— Vai beber. Quando souber o que seu chefe fez.

— O que ele fez?

Aponto para a porta e ela vai marchando irritada até ela.

— Senhor Amorim, não pense que o fato de estarmos unidos para ajudar Cleber queira dizer que vou realmente me unir a você. De você eu quero distância.

— Não perguntei nada.

Ela tenta abrir a porta e percebe que está trancada. Então fica parada. Começo a contar, é sempre no quatro.

Um, ela tenta abrir de novo. Dois, ela respira fundo e tenta abrir pela terceira vez. Três, ela solta um palavrão baixinho e fica totalmente parada. Quatro, ela joga a tal pasta para o alto e começa a esmurrar a porta.

— Porra! Abre a porta! Cleber, seu imbecil! Eu vou apertar suas bolas até que elas escorram pelos meus dedos! Cleber! Filho de uma puta! Veado! Safado! Volte aqui agora! O que acha que está fazendo? Cleber! Vou atrás de você com uma foice! Seu idiota! Tira-me daqui!

Ela respira por alguns minutos e volta a bater na porta.

— Socorro! Alguém! Estou presa! Estou morrendo! Socorro! Ajudem-me!

A passos largos aproximo-me dela, a pego pelo braço e a puxo para mim.

— Acalme-se. Vamos dar um jeito de sair daqui.

Ela permanece em meus braços por dois minutos e doze segundos. É o triplo do que achei que ela ficaria, então me empurra e puxa a garrafa da minha mão. Virando-a toda na boca. Depois joga a garrafa ao chão e marcha até a mesa. Senta-se em cima dela. Tento não olhar para sua calcinha que está à mostra. Esta é Gilcelle, a louca, sempre mostrando o que não deve.

— Por que você acha que ele nos trancou aqui? — pergunta sem olhar para mim.

— Porque não consegue resolver a própria vida sentimental e quer resolver a minha.

— E o que eu tenho a ver com sua vida sentimental? Deixe-me adivinhar: ele acha que você é gay. E eu fui a azarada que estava perto quando ele teve a

brilhante ideia.

— Algo assim — digo e canso de ficar ali, fingindo que a calcinha vermelha dela não está aparecendo. Caminho até perto dela, e me sento à sua frente. Olho bem para o meio de suas pernas. — Sua calcinha é da cor do seu cabelo.

Ela me encara por um momento. Qualquer outra mulher fecharia as pernas, mas é Gilcelle. Ela levanta a saia apertada e confere a cor da calcinha.

— Isso é o tipo de coisa que você não deve dizer a uma mulher. Poderia dizer que meu cabelo é como o pôr do sol nas montanhas, mas não da cor da minha calcinha.

— O pôr do sol nas montanhas não é tão vermelho. E você a está mostrando por algum motivo, então não tem importância eu comentar.

Ela bufa e fecha as pernas.

— Faz muito tempo que não vê uma dessas? — provoca.

Eu a encaro ainda sério.

— Algumas horas.

— Cretino.

— Você perguntou.

— E você precisa aprender a mentir.

Ela pula da mesa e vai até a adega de Cleber. Sim, o imbecil tem uma adega na sala da empresa. Pega a garrafa de uísque e apenas uma taça e se seve. Então, volta a sentar em cima da mesa.

— Você não devia beber assim. Você não bebe. A última vez que bebeu...

— Eu sei o que eu fiz, mas o que poderia fazer hoje? Só estamos nós aqui. E você é gay. É a mesma coisa de ficar trancada com uma freira.

Ela é sempre assim quando está perto de mim. É agressiva, impertinente e engraçadinha. Cleber diz que é a maneira dela de se defender, mas acho que é a maneira de acabar comigo. Porque eu posso manter essa expressão séria e fingir que não dou a mínima, mas dou. Fico puto quando ela diz essas coisas. Quando me provoca para dizer que não farei nada. É como se ficasse jogando na minha cara que não fiz nada quando deveria ter feito. Mas esta noite, esta noite ela terá as respostas certas para suas provocações. Vou entrar em seu jogo.

— Se eu fosse gay você ainda seria virgem.

Ela engasga com o uísque e tosse tanto, que se desequilibra e cai da mesa. Eu a pego e a puxo rapidamente para meu colo. Ela me encara espantada. E meio zozza. Está bêbada. Ela nunca bebe, a bebida sobe rápido demais quando tenta.

— Você nunca toca nesse assunto — ela diz.

— Achei que você não gostaria de falar sobre isso.

— Foi minha primeira vez. Claro que eu queria falar sobre isso. Mas você é esquisito. Você foi embora e nunca me ligou. E quando me viu de novo, veio

cheio de ordens e ficou se desculpando sem realmente ter uma desculpa. Você nunca quis fazer amor comigo de novo.

Toco seu rosto, está vermelho, como seu cabelo. Seus lábios estão molhados de uísque. Ela está tonta e dizendo coisas que nunca diria se estivesse sóbria. Mas espero que se lembre do que vou falar quando a bebida passar. Porque provavelmente não falarei isso de novo. Não falarei isso nunca mais.

— Eu quero fazer amor com você todos os dias e todas as noites, desde aquela noite. Eu penso em fazer amor com você o tempo todo. Cada vez que te olho. Eu tive que ir embora e fui um idiota. Mas você, você foi a única mulher com quem fiz amor.

Ela está me encarando, acho que quer chorar. Uma lágrima desce por seu rosto e ela sorri. Essa é a Gil bêbada. Ela sempre chora.

— Você me ama? — ela pergunta em um sussurro.

— Por que não me beija e descobre?

Ela encara meus lábios e se aproxima. Detesto beijar mulheres bêbadas. Não gosto que o gosto de nada interfira no sabor do beijo da pessoa. Gosto de sentir o sabor dos lábios, da língua, e não de uma comida ou bebida qualquer. Mas sendo Gilcelle, mesmo tendo bebido coisas fortes, é o gosto dela que sinto quando ela lambe meus lábios. É seu gosto doce, e forte, e apimentado. Não sei como ela consegue fazer isso. Seguro seu rosto para que ela não se afaste e a beijo. Com força. Tenho dez anos de vontade de beijá-la acumulados. A puxo para mim, rodeio sua cintura com o braço e a mantenho ali. Ela joga o copo vazio no chão, ouço o barulho de vidro se quebrando, e tenta tirar minha blusa. Mas não tem coordenação motora o suficiente para isso, está tonta. Afasta-se de mim irritada e tenta abrir a blusa, mas seguro seus pulsos quando ela soluça.

Sou idiota, mas nem tanto. Não vou fazer amor com ela no estado em que está.

— Calma, minha Sereia. Vamos com calma.

Ela pisca os olhos e me encara. Quer me dizer alguma coisa, mas parece desistir.

A porta se abre com um estrondo e um segurança aparece.

— Senhor Amorim. Vi pela câmera de segurança que vocês estavam aqui, não sabia se estavam presos. Mas o senhor Dantas me disse para subir em uma hora se vocês não saíssem.

Sim, Cleber estragou minha noite duas vezes.

— Obrigado, Elias. Estávamos presos. Vou levar a senhorita Gilcelle para a casa dela.

E assim a levei para sua casa, a deposei na cama, ela estava praticamente desmaiada.

Não dormi nada a noite. Fiquei pensando se ela se lembraria, do beijo, do que eu disse, se estaria me odiando um pouco menos agora. Talvez agora eu possa me aproximar. Quem sabe convidá-la para sair. Ou ao menos falar sobre o que aconteceu há dez anos. Chego a sua mesa e a encaro. Mandeí que flores fossem entregues para ela esta manhã. Rosas vermelhas. As preferidas dela. Faço isso todas as manhãs, mas dessa vez, assinei o cartão.

Ela está concentrada em uma revista qualquer e as rosas estão no lixo. Não preciso que ela diga nada. Não se lembra do que aconteceu na noite passada. Despeço-me dessa esperança idiota e me afasto dali. Não sei como, mas vou arrumar um jeito de tê-la de novo em meus braços, disposta e excitada. Como estava ontem. Como venho sonhando em tê-la.

Infelizmente eu a amo a vida toda, e se esse amor não vai passar, só me resta fazer com que dure.

Gilcelle

Minha cabeça parece que vai explodir. Olho-me no espelho apenas para confirmar a merda em que me encontro, e sim, estou mesmo uma merda. Meu cabelo está bagunçado e todo enrolado em volta da minha cabeça. Meus olhos vermelhos, com bolas embaixo, e estou mais branca do que o normal. Pareço péssima. E me sinto assim.

Celina entra em meu quarto com uma xícara de café.

— Eu disse que você não deveria cortar o cabelo assim, quando está na merda, ele fica parecendo um capacete.

— Celina, eu te odeio. E você não mora mais aqui, pare de invadir meu quarto.

— Ingrata, eu fiz café para você — ela diz jogando-se na minha cama e alisando a barriga.

— Meu Deus, parece que tive um déjà vu. Mas você não parecia uma jiboia que acabou de engolir um boi — digo.

Ela me lança aquele olhar maligno e diz:

— Gil, não vou levar em consideração essa comparação ridícula, porque sei que está apenas com inveja. Você adoraria estar no meu lugar alisando a barriga com um pequeno ser fresco dentro dela.

— Vaca!

— Cleber me ligou ontem.

Pronto. Ela vai tocar no assunto, e não quero tocar neste assunto. Ainda me lembro. Não de tudo, mas lembro perfeitamente a sensação dos lábios dele nos meus. Lembro-me de seus braços a minha volta, do quanto ele me apertou, da ereção dele. Lembro-me que disse algumas coisas, coisas que fizeram meu coração quase parar, mas tenho apenas flashes da nossa conversa. E depois, não me lembro de mais nada.

Não sei como ele me trouxe, mas me lembro vagamente de ter sido depositada na cama, e de ele tirar minha roupa, beijar minha testa e ir embora. Ele também sussurrou alguma coisa ao fazer isso, algo que me fez dormir bem, mas não me lembro o que foi. Mesmo porque, não quero ficar me lembrando de sua boca na minha, nem de seu cheiro, nem da forma como ele me olhou. Não mesmo.

— Não quero falar sobre isso, Celina.

— Você precisa falar com alguém. Guarda isso há tempo demais, Gil. Precisa colocar para fora.

— Não preciso. Não tente resolver minha vida só porque a sua está bem. Conte-se em ser a psicóloga sentimental do Cleber, eu não preciso disso.

— Não estou sendo sua psicóloga, mas do Matheus. E você faz parte disso, então preciso falar com você por tabela.

Suspiro.

— Não aconteceu nada. Estou uma merda. E esta não é sua casa. Vá embora.

— Sente-se aqui — ela diz batendo a mão na cama.

— Não vamos falar sobre isso.

— Sente-se, Gil.

— Nunca falei nos três anos em que nos conhecemos, por que falaria agora?

— Porque estou mandando! Sente-se e abra a boca!

Com a cara emburrada me sento na beirada da cama e a voz na minha cabeça diz que devo contar, então conto a ela. Finalmente conto a alguém. Tudo.

De como me apaixonei por ele na sétima série, enquanto ele limpava todos os dias meu banco antes de eu me sentar. De como mesmo ele sendo tão estranho, sempre com um lenço pendurado no pescoço, ainda assim me apaixonei. Conto sobre a vez em que ele bateu em um garoto que me agarrou na saída da escola, em como eu sempre usava roupas curtas, apenas porque ele parecia me olhar muito mais quando eu fazia isso. E conto do baile, quando ele usou uma fantasia ridícula de zorro, só para entrar lá e me beijar. E mesmo que tenha sido o primeiro beijo dele (pois ele lambeu meus lábios antes de beijá-los, e se assustou quando eu enfiei a língua em sua boca) ainda assim continuei apaixonada. Conto a ela o quanto afastei os outros garotos e fiquei esperando por ele. E então falo sobre aquela noite, sobre sua tremedeira na minha porta, sua abordagem idiota, como me agarrou na metade da escada, os dentes, os dedos, a algema, conto tudo. E como sumiu. Despareceu, sem nunca me dizer sequer um *obrigada pela noite, sua vadia*.

Celina está me encarando. Não desce uma lágrima sequer por meus olhos. Sou forte. Tenho vontade de procurá-lo agora mesmo e enforcá-lo com sua gravata cinza, mas sinto isso todos os dias, também me controlo. Ela não diz nada por um tempo, e quando por fim fala, preferia que tivesse ficado calada.

— Uma história de amor tão linda, e tão fadada ao fracasso.

— Isso não é uma coisa legal de se dizer — rebato.

— Estou sendo sincera. Vocês se amam desde a sétima série, sofrem há anos um pelo outro, trabalham juntos e que caralho estão fazendo separados?

— Eu disse. Ele...

— Foi embora na manhã seguinte como um garoto de dezoito anos que conseguiu a garota de seus sonhos e teve que ir para faculdade porque não era dono de seu próprio nariz e os pais mandaram. Sim, ele foi um idiota, poderia ter deixado uma carta, uma mensagem, um bilhete de boa transa, mas homens são idiotas!

Sinto-me magoada. A voz na minha cabeça me manda lembrá-la o que o imbecil do PP fez, mas ela encontrou sua metade agora, e Sebastian era muito idiota, vai dizer mais uma vez que está certa.

— Não acredito que você o está defendendo, Celina, sua grande vaca. Saia da minha casa e vá lambar a bunda dele se acha que ele está tão certo.

Ela se levanta rindo.

— Eu não disse que ele está certo, não está. Ele foi estúpido. Só quero que você pense. Quando montou a empresa, e se tornou dono de seu próprio nariz, ele foi atrás de você. Ele te buscou naquele convento e te colocou sob a proteção dele.

— Ele sequer fala comigo.

— Porque você não deixa. Você tem esfregado homens na cara dele esse tempo todo. Homens com quem você nem dorme. Por que ele se aproximaria?

— Porque em algum momento ele deveria deixar de ser covarde e lutar por mim. Ao menos uma vez ele poderia insistir ao não encontrar a porta aberta. Ele sempre foi um idiota e eu sempre estive ali assim mesmo. Não estou mais, e o que ele faz? Arruma submissas e desiste.

— Não sei de onde você tirou que ele pode ser um Dom se ainda desconfio que possa ser gay. Mas enfim, você é muito rancorosa e isso está enrugando sua pele. Já está com vinte e oito anos, Gil. Está na hora de agir como a adulta que é.

Estico minha pele desesperadamente e a encaro.

— Eu já disse que te odeio? Preciso de uma nova melhor amiga.

— Sugiro que converse com ele. Amasse suas bolas de novo, bata a cabeça dele na parede se for preciso, mas converse, e se resolvam.

— Isso nunca vai acontecer. Eu o odeio.

— Não odeia.

— Odeio. E chega com isso! Suma! Tchau, vá procurar seu marido gostoso e fazer sexo selvagem, suma daqui!

Ela sai rindo, mas para na porta e me olha por cima. Solto minha pele e a encaro com o dedo do meio levantado.

— Matheus é um homem lindo, rico e pelo que você diz, selvagem. Não vai esperar você a vida toda. Ele não é tão idiota quanto os outros, Gil, Matheus foi feito para se casar, e ele vai se dedicar a sua companheira.

Cruzo os braços e dou de ombros.

— Não tenho nada com isso.

— Espero que pense assim quando vir a aliança na mão dele.

Levanto-me como um raio e me aproximo dela.

— Que aliança? Ontem ele me beijou e não havia aliança.

— Rá! Então ele te beijou! Eu sabia! Não há aliança, mas que bom que você

se importa. Adeus, preciso chegar mais cedo à V.D.A., pois quero conversar com ele.

Amo minha amiga, mas ela sabe ser uma vaca.

— Ele teria que ser muito gay para te contar — digo.

— Ele é um homem completamente apaixonado e deve estar louco para contar a alguém, ainda mais alguém inteligente como eu, tudo o que está guardando — ela grita da porta da frente.

— Você é uma traíra.

— Sou a diva desses estúpidos. Deixe-me fazer meu trabalho e ajudá-los. Adeus, querida amiga.

— Vaca! — repito e ela sai rindo.

Não posso aparecer na empresa com essas bolas negras embaixo dos olhos. O idiota do meu chefe gay não vai entender que isso é culpa da bebida, e não dele. Tomo um banho, arrumo meu cabelo e coloco meus óculos escuros. Jogo meu casaco preto por cima da roupa curta, gosto de me vestir de preto quando estou na merda. E gosto de levantar a cabeça.

Quando você está triste, normalmente anda cabisbaixa, olhando o chão, e mostrando ao mundo a merda toda que há no seu interior. Não gosto disso. Quando estou triste, coloco meus maiores saltos, empino a cabeça e ando como se fosse a rainha de tudo. Como se controlasse minha vida. É uma enorme piada. Não controlo nem mesmo a voz na minha cabeça. Mas todos me respeitam. E ele, sempre acha que estou bem.

Assim que chego, deixo minhas coisas em minha mesa e entro na sala de Cleber, ele ainda não chegou. Meu chefe é meu melhor amigo, mas é um idiota. E depois do que fez ontem, só penso em deixar claro que nunca, nunca mesmo, deve tentar algo assim de novo. Vou até sua adega e me certifico de que há bastante gelo nela. Ele vai precisar.

Volto à minha mesa e ligo o computador, então um buquê de flores é entregue, como todas as manhãs. Eu as recebo e as deixo ali, decidindo o que fazer com elas. Normalmente eu as guardo, como uma idiota, guardei todas até agora, nesses três anos. Há um cartão ali, mas nem me dou ao trabalho de abri-lo. Estou cansada de receber flores de manhã e fotos de suas submissas à noite. Ele não tem coragem nem mesmo de assinar esses cartões. Todos esses anos eu abri cada um deles, e todos estavam em branco. Junto as flores, o cartão e jogo tudo no lixo.

Uma hora depois, Cleber aparece cantarolando. Deseja-me bom dia, mas não respondo.

Há um vulcão dentro de mim. Ele estava adormecido, mas Cleber, esse babaca, o despertou. Entro em sua sala e caminho decidida até ele. Ele está

contemplando a vista como só um homem ferrado, apaixonado por duas mulheres é capaz de fazer. Assim que se vira para mim com aquele sorriso idiota, aperto suas bolas. Bem forte. Forte mesmo. Até todo o ódio que estou sentindo extravasar.

— Nunca mais tente bancar o cupido para cima de mim, seu estúpido! Você não dá conta nem do próprio pau!

Ele berra, e quando digo berra, quero dizer que grita como um maricas, sacode as mãos, põe a língua para fora e começa a ficar roxo. Então o solto. Ele está sem voz, e eu estou relaxada. Na mais completa paz.

— Tem gelo na adega.

Faço o favor de informar antes de sair de sua sala em cima do meu salto me sentindo muito melhor.

— Esses estúpidos, temos que saber lidar com eles — concluo.

Quando saio do serviço, após rir muito de Cleber, pois a vingança do idiota do meu chefe fresco, tenho que admitir, foi muito pior do que a minha. Estou rindo tranquila e calma a caminho de casa, quando um ser pequeno e rechonchudo, com um cabelo loiro embolado em um coque, me cerca com os braços e me sacode em uma dancinha ridícula.

— Gilcelle, minha querida. Estava indo ver meu menino, que bom encontrá-la, você estava com ele?

Ajeito os óculos escuros, olho para o ser e a reconheço. É uma das tias de Matheus, Lucília. Ao lado dela está um garotinho de uns oito anos tomando uma casquinha. Ele me encara com uma careta de vexame pelos gritos que a mãe acabou de dar.

— Imagino que seu menino seja o Matheus - digo.

— Sim. Saiba que toda a família está muito feliz por vocês. Desde a infância... é uma coisa tão bonita!

A mulher tira um lenço que está dentro de sua blusa, pendurado em seu pescoço e finge secar as lágrimas que não estão caindo. Quando ela faz isso, a peste de seu filho me acerta um chute na canela. O encaro imediatamente e ele está olhando a rua, tomando sorvete, como se não tivesse feito nada.

— Quando nos fará uma visita, querida? — ela pergunta.

— Eu?

Não entendo, por que precisaria visitá-la? Talvez ela esteja falando sobre Baependi como um todo.

— Não pretendo voltar à cidade tão cedo.

— Que pena! Marisa quer tanto vê-la. Vocês já marcaram essa data? Não quero ser mexeriqueira, mas todos na família comentam que você está enrolando nosso menino.

Ela se concentra em enfiar o lenço de volta dentro da blusa, e a peste do garoto me acerta outro chute na canela. Vou em sua direção para jogá-lo na rua, mas ele está tomando o sorvete como se não tivesse feito nada. Então paro ao seu lado quando a mulher me encara de novo.

— Não sei do que está falando. Que data eu deveria ter marcado com ele? — pergunto.

Um caminhão buzina alto fazendo-a pular e olhar para trás, e nesse momento, acerto a mão do garoto, enfiando o sorvete em seu nariz. Ele berra e se desespera, e a mulher imediatamente retira o lenço de dentro da blusa e se encarrega de limpá-lo. Fico ali, vendo a cena enquanto o garotinho me olha com ódio mortal.

— Caleb, seu desastrado! Você se sujou. Vamos embora agora mesmo! — Ela se vira para mim como quem pede desculpas. — Me desculpe, querida. Ia nos convidar para jantar com vocês, mas terei que levá-lo de volta ao hotel. Só estamos aqui para umas compras. Vemo-nos outro dia.

— Ok. Até outro dia — digo e ela sai brigando com o moleque.

Essa família dele nunca bateu bem da cabeça. Ainda bem que não demos certo, não queria fazer parte de toda essa loucura mesmo. Com essa conclusão, vou para a casa muito melhor do que me sentia após uma tarde com Sebastian e Celina rindo de Cleber.

Matheus

As flores estão no lixo. O cartão está por cima. Ela nunca jogou as flores no lixo antes, e a diferença é que dessa vez, eu assinei o cartão. Um recado claro, ela não quer que eu me aproxime. Ainda não.

Volto para minha sala, desanimado. Tenho que me vingar de Cleber de alguma maneira. Embora eu tenha conseguido um beijo, após três longos anos, as coisas parecem piores agora. Tenho certeza que um homem virá buscá-la essa tarde, como ela sempre faz cada vez que temos qualquer tipo de contato. Assim que entro, Celina está ali.

— Bom dia — digo.

— Bom dia querido, como está?

Encaro-a desconfiado.

— Não estou morrendo, eu acho. Por que está sendo gentil?

— Matheus! Sou a mãe da gentileza! — ela diz indignada.

— Graças a Deus isso não é verdade. O que quer Celina? Você já passou pela fase do vômito, não é mesmo?

— Não vou vomitar, sente-se na sua cadeira, precisamos conversar.

Celina é a mulher do Sebastian. É brilhante, linda e completamente maluca. Maluca no nível melhor amiga da Gilcelle, então você pode imaginar o quanto é maluca. Ela normalmente é mal humorada, atrevida e nunca, nunca mesmo, é dócil ou gentil.

— Cleber me contou o que fez ontem. Achei que quisesse conversar sobre isso — ela diz.

Eu a olho, ela me olha, e não entendo o que ela quer.

— Bom, o que quer que eu diga? Ele é um idiota e vou me vingar hoje mesmo.

Ela parece confusa.

— Não era isso que eu queria saber, mas já que tocou no assunto, como pretende se vingar?

— Ainda não decidi exatamente, mas estou pensando em algo como trancá-lo em algum lugar. Como ele fez comigo. Com algumas dessas mulheres desesperadas de quem ele foge.

Ela sorri.

— Você é brilhante, Matheus, mas no primeiro grito que ele der com ela, ela irá deixá-lo em paz.

— Então com quem posso trancá-lo?

— Um momento — ela diz e revira a bolsa, depois tira de lá um cartão e me

entrega.

Encaro aquilo por alguns minutos, mas não chego a nenhuma conclusão.

— Celina, por que tem o cartão de um traveco na sua bolsa?

Ela dá de ombros.

— Nunca se sabe quando vou precisar, como agora. Além do mais, não é qualquer traveco, é a Samarão. Ela é assustadora.

Já começo a rir prevendo a genialidade de tudo isso. Trancar Cleber com um traveco. Não poderia planejar algo melhor.

— Sabe Celina, eu entendo perfeitamente porque o idiota do Sebastian aposentou o documento para se casar com você.

Ela volta a ficar indignada.

— Ela não aposentou! O usa agora muito mais do que antes. E ligue para Samarão, ela é ocupada.

Espero que ela vá embora enquanto faço a ligação, mas ela fica ali, me encarando com seus olhos escrutinadores, e começo a ficar nervoso. Combino tudo com o traveco e quando desligo, aponto para a porta.

— Resolvido. Obrigado, Celina, você é brilhante. É melhor ir para sua sala.

Ela sorri docilmente e me assusto de novo.

— O que você quer? — pergunto.

— Vocês, estúpidos, praticam bullying comigo, sabia? Quero saber como está. E sobre ontem, quero que me diga o que sente.

— Por que eu diria alguma coisa a você?

— Porque posso ajudá-lo.

— Você resolveu ajudar o Cleber, e ele se apaixonou por duas mulheres. Quero você bem longe de mim!

Ela sorri e cruza os braços. E quando ela faz isso, é porque vai acabar comigo.

— Sinto te lembrar que sua vida amorosa está mais ferrada do que a dele. E o mérito é todo seu.

Eu sabia. A punhalada.

— Agora abra o bico e comece a falar, não dou conta de resolver tudo sozinha, você precisa fazer sua parte — ela completa.

— Não tenho nada a dizer. Minha vida amorosa ferrada não tem solução.

— É uma pena, a Gil tinha tantas coisas para me contar... mas já que não quer minha ajuda, melhor eu me retirar — ela se levanta e imediatamente a sento de volta, pelo ombro.

— Quer um café, conselheira?

Ela abre um enorme sorriso vitorioso.

— Adoraria, querido.

— Sem açúcar e forte, certo?

Ela nega.

— Com creme e leite, e adoçado. O bebê não gosta desses cafés. Se tiver limão, peça, por favor, para a Bah pingar algumas gotas no meu café.

— Limão?

— Sim. Não sei explicar, só estou com esse desejo de tomar.

Peço a minha secretária que faça isso e quando digo que o segundo café é com limão, ela já deduz que é para Celina. Enquanto o café não chega, conto a ela tudo o que aconteceu na noite de ontem. Da crise de Gil à porta da sala até o momento em que a deposei na cama. Quando termino o relato, ela me encara. E suspira.

— Ah Mateus! Você é mesmo o estúpido com defeito. Por que os outros não são tão românticos?

— Não sou romântico, e comece a falar. O que ela te disse?

Nesse momento Bah entra com os cafés e nos serve. Após o café ser servido, ela se retira e pergunto logo a Celina:

— O que a Gilcelle disse?

Ela sorri.

— Não vou ser uma amiga traíra e contar as dores dela. De jeito nenhum.

— Sua traíra! Só abri o bico porque você disse que tinha coisas para me contar!

Ela toma o café com aprovação e responde:

— E tenho. Basicamente, ela te odeia. Estava muito bêbada e não se lembra de nada sobre ontem. Então toda sua declaração de amor não serviu para nada. Seja homem, honre o que está no meio de suas pernas e se declare quando ela estiver sóbria.

Pego meu café com uma careta.

— Não se lembra de nada? Por que essas coisas acontecem comigo? Não posso me declarar com ela sóbria, me atiraria do décimo primeiro andar. As coisas com ela não funcionam assim. Você não me trouxe informação nenhuma que eu já não soubesse, não foi uma troca justa.

Ela dá de ombros e termina o café.

— Uma hora você terá que enfrentá-la.

— Eu preferiria entrar na jaula de um tigre vestido de bife a enfrentá-la. Ela pode me machucar mais do que fisicamente.

Celina suspira de novo.

— Oh Matheus! Tomara que vocês se acertem. Um amor tão lindo, fadado ao fracasso — ela diz se levantando.

— Não está fadado ao fracasso. Sua visão das coisas não ajuda muito.

— Só estou sendo sincera.

Volto a tomar o café e ela anda até a porta, mas para de repente e diz:

— Ah, ia me esquecendo. Ela acha que você é um Dom.

O café quente para na minha boca quando a encaro.

— E ela gosta disso.

Cuspo o café todo na mesa.

— Que merda! — exclamo.

— Alguma coisa a ver com algemas e submissas. Enfim, boa sorte — ela diz e bate a porta ao sair.

E eu entendo que conquistar minha Sereia será muito mais difícil do que imaginava. Mas se é um Dom que ela quer, é um que terá. Normalmente ela só me escuta quando a obrigo, então a partir de hoje, Gilcelle voltará a conversar amigavelmente comigo. Nem que eu tenha que ordenar que ela faça isso.

Imediatamente pego o telefone e ligo para Bah.

— Pois não, senhor Amorim?

— O que um Dom usa?

— O quê?

— Pensa rápido, criatura!

— Chicote?

— Isso! Obrigado!

Desligo o telefone e agendo no meu celular para essa tarde, preciso comprar um chicote.

Capítulo 04

Gilcelle

Tenho um puta problema. “Isso não é nada demais, todo mundo tem problema”. Cale a boca, voz. Deixe-me fazer meu drama. Essa madrugada, estava linda e quentinha embolada em meus lençóis (durmo com 2 porque detesto vento gelado na bunda à noite) quando meu celular tocou. E era Antônia. E Antônia nunca me liga. Ela disse que se envolveu em um problema e que precisava urgente de uma quantia muito alta de dinheiro.

Sei o que você está se perguntando, mas sim, ela disse que ainda está no convento, mas não pode pedir esse dinheiro a madre, obviamente. E não, ela não me disse o que aprontou. Mas, sendo minha irmã, posso imaginar. Claro que não tenho esse dinheiro, disse isso a ela, mas ela parecia tão desesperada! Preciso conseguir.

Entro no elevador da V.D.A. pensando em pedir esse dinheiro à Celina, isso seria passar por cima do meu orgulho, da minha fama de independente, de todas as vezes em que chamei Sebastian de estúpido, uma vez que o dinheiro da Celina é dele, mas não tenho saída. A não ser, Cleber. Meu adorado chefe. Ele é meu melhor amigo, ou algo parecido. Mas ele anda tão aéreo nessas últimas semanas, desde que caiu de amores por duas mulheres. É mesmo um estúpido, quem em sã consciência se apaixonaria por duas pessoas? Amar uma só já é merda o suficiente.

Na garagem do terceiro pavimento, o elevador para, e Bah entra. Ela é a secretária nova do Matheus. Ficou no lugar da Celina. É baixinha, com olhos bem redondos e uma cara de menina.

— Eu sei que você é velha — digo a ela. — Você tem essa cara de menininha, esses olhos de boa moça, mas é velha. Não é?

Ela sorri.

— Temos a mesma idade. E não vou pegar seu estúpido, Gil. Ele é fresco demais. Eu queria mesmo o Cleber, mas ele nem me olha.

Sorrio.

— Então você é mesmo nova. Não tenho um estúpido. E o Cleber está apaixonado. Desista dele.

Ela solta um suspiro frustrado:

— Somos meninas ainda. Mas queria dizer que o SEU estúpido é muito gentil comigo — diz enfatizando a palavra *seu*.

— Não tenho um estúpido — respondo puxando meus seios para cima do decote para que fiquem do tamanho dos dela.

— Que pena! Porque eu tinha uma coisa sobre ele pra contar, mas já que não quer saber...

— Uma coisa sobre quem?

— Sobre aquele que não é seu estúpido. Mas você não quer saber, já entendi — ela diz e sai do elevador no nosso andar.

Saio atrás dela, como quem não quer nada, a sigo. E assim que confirmo que ninguém está vendo, a arrasto pelo braço para a sala dele. Não queria entrar aqui, mas foi a primeira porta disponível.

— Está legal baixinha, o que você sabe?

Ela sorri.

— Ele me mandou pesquisar chicotes.

Arregalo os olhos.

— Chicotes?

— Sim. E tem um bem aqui mesmo, na gaveta dele — ela aponta para a mesa de Matheus.

— Matheus é mesmo um dom?

— Parece. Embora nunca o tenha visto dando ordens.

— Ah, mas ele dá. Ele acha que manda em mim — dou de ombros. — Obrigada, Bah.

— Às ordens. — Ela anda até a porta e ao ver que não me mexo, cruza os braços. — Então, você vai sair ou vai esperar que eu saia para ir ver o tal chicote?

— Por que esse lugar não tem um funcionário normal da cabeça, meu Deus? Não importa! Vou olhar com você aqui mesmo!

Corro até a mesa dele, ela grita qual é a gaveta, a puxo com tudo e ali está. Negro. Lustroso. O couro com cheiro de novo. Um chicote zerado. Arregalo os olhos e o contemplo.

— Eu adoro chicotes — sussurro.

— Merda! Alerta vermelho! — ela grita e sai da sala batendo a porta.

— Merda! Você tinha que ter dado o alerta laranja primeiro! — grito e fecho a gaveta.

Ouçó a voz de Matheus, rodo para um lado, rodo para o outro. Ele não tem uma adega, não tem uma salinha de arquivos, onde vou me enfiar? Me enfio em seu banheiro. Mas assim que entro, trombo com tudo em alguém, nós duas gritamos e Matheus entra correndo na sala.

— Mas o que está...

Ele estaca ao nos ver, emboladas na porta do pequeno banheiro, estamos Alzira e eu. Alzira é a copeira, e é meio obcecada pelo Matheus. Mais do que depressa, me empertigo, arrumo os ombros, empino o queixo e finjo estar me

limpando, preciso de uma desculpa. Já rolam boatos demais sobre Matheus e eu na empresa. Não preciso ser taxada como mais uma obcecada pelo chefe gay.

— Ouvi um barulho estranho na sua sala e vim ver o que era. Apenas isso — falo e vou saindo.

— Mentira! Ela estava com seu chicote — diz a obcecada bocuda.

Eu engasgo com o nada, Matheus engasga com o nada, e apenas a risada de Bah se ouve no ambiente.

— Como é legal trabalhar aqui! Vocês são todos malucos. Alzira, pare com essa mania de invadir a sala do senhor Amorim, isso está ficando chato. Venha comigo.

A obcecada abaixa a cabeça e segue até onde Bah está.

— Senhor Amorim, a senhorita Lopes só estava aqui para ver o seu chicote. Tenham um bom dia — e assim Bah sai da sala carregando Alzira.

Maldita secretária faladeira. E eu bem achando que podíamos ser amigas. Matheus está sorrindo. Aquele sorriso idiota, e presunçoso. Ele cruza os braços e me encara, e detesto o fato de não conseguir desviar de seu olhar quando ele faz isso.

— Então você quer ver meu chicote, Sereia?

— Não me chame assim!

— Eu o mostraria a você de bom grado.

Sorrio de volta.

— Não gosto de chicotes moles, obrigada.

— Não mesmo? Porque naquela noite você gritou tanto, que quase precisei amordaçá-la. Achei que as algemas apenas não bastariam para contê-la.

Engulo em seco, gaguejo. E antes que consiga falar, ouvimos palmas.

— Caralho! Você a prendeu com uma alga? Que merda homem, e eu achando que você é gay! — diz Sebastian aos risos.

Já disse que odeio com todas as forças Matheus Amorim? Esse traste idiota e insensível. Que mal me dirige a palavra e consegue acabar comigo com poucas delas. Maldito!

— Desculpem atrapalhar, Sereia e Tristão, mas preciso de vocês na sala de reuniões agora.

— O que houve? — pergunta o traste.

— Temos um pequeno problema, que acho que sua Sereia pode resolver.

— Se for sobre o Cleber, eu não sei de nada — já vou logo dizendo.

O traste fecha a cara e Sebastian passa o braço por meus ombros e com cada um de um lado, sou guiada a sala de reuniões.

— Por que a Celina foi excluída dessa reunião? — pergunto ao ver que seremos apenas nós três na sala.

Sebastian e Matheus se olham, e então Sebastian pega minhas mãos, e me encara com seus olhinhos de cachorrinho pidão.

— Gil, adorável Sereia, Celina está grávida, com o humor muito alterado, ela não precisa se aborrecer à toa, certo? Assim que descobrirmos exatamente o que o imbecil do Cleber está aprontando, vou contar tudo a ela, mas por enquanto, por favor, não diga nada.

Eu posso entender perfeitamente porque ele não quer que ela se envolva, mas estamos falando da Celina, e ela é a criatura mais perceptiva que conheço. E não vai gostar nem um pouco de ter sido excluída do bolo da descoberta.

— O que eu vou ganhar com meu silêncio?

Sebastian arregala os olhos e Matheus ri.

— Você está me pedindo para omitir coisas da minha melhor amiga. Para mentir para ela, caso me pergunte alguma coisa. Não vou fazer isso de graça.

Ele solta minhas mãos e bufa.

— O que você quer?

— Um aumento de salário.

— De jeito nenhum! Você já ganha quase o mesmo tanto que eu, e eu sou o dono, não vou aumentar seu salário.

Concordo com a cabeça.

— Celina! — grito. — Celina!

Imediatamente, Sebastian tapa minha boca com a mão.

— Caralho! — ele encara Matheus furioso. — Como é que você se apaixonou por essa mulher?

— Celina também não é fácil — é tudo o que ele responde, mas não nega que se apaixonou por mim.

Porém, não posso me prender às brincadeiras desses estúpidos agora, preciso de dinheiro, e esse é o momento certo.

— Tudo bem Gilcelle, te darei um aumento.

Abro um sorriso e digo:

— Mas você sabe que ela vai descobrir, vai descobrir que você a excluiu e vai atingi-lo com uma cadeira na cabeça.

— Graças a Deus, por causa da barriga enorme, ela não consegue mais levantar uma cadeira. Mas agora que estamos entendidos, isso é um pacto Gilcelle.

— Ok, eu entendi.

— Você não pode contar.

— Eu entendi.

— Ou não ganha seu aumento.

Dessa vez é Matheus quem responde.

— Sebastian, ela entendeu. Diga logo o que quer dizer, não tenho muito tempo.

— Cleber fez alguma merda.

— Qual a novidade? — pergunto.

— Essa merda envolve a V.D.A.

Começamos uma discussão sobre as ligações misteriosas que ele recebe, sobre como fica tenso sempre. Sobre algum detetive que eu sei que ele contratou para alguma coisa. Sobre como está nervoso nessas últimas semanas, o que é incomum para o sempre relaxado Cleber Dantas. Discutimos até mesmo as roupas repetidas que ele nunca usava antes, e o tempo todo, o traste fica calado. Ajeita a manga do terno, passa álcool gel na mão, e depois repete o processo, mas ele, sempre tão inteligente, não diz nada. Não esboça nenhuma reação com cada coisa que revelamos sobre Cleber, como se já soubesse de tudo. Por fim, me canso.

— Por que está calado?

Ele me encara, por longos dois minutos aqueles olhos tão azuis ficam focados nos meus. Começo a sentir falta de ar até que um sorrisinho surge em seu rosto.

— Está falando comigo, Sereia?

— Não me chame assim! Não dá para conversar com você nem mesmo assuntos profissionais. Sebastian, ele sabe de alguma coisa — acuso.

— Desembuche, Matheus.

— Sebastian, eu não sei o quão lerdo você é, levando em conta que sempre foi o mais inteligente de nós três. Mas enfim, Cleber está fazendo saques altos na conta da empresa. Há meses.

Não dá para dizer qual queixo toca o chão primeiro, o meu ou o de Sebastian. Imediatamente defendendo meu chefe. Sei que ele é um idiota, babaca e safado. Mas ladrão não. Ele adora esses dois, jamais os roubaria.

— Cleber não está roubando dinheiro da sua empresa. Isso aqui também é dele! Ele nunca faria nada contra vocês.

Não dá para identificar o que se passa na cabeça de Matheus, pela forma como ele me olha. Parece possesso, ferido e cansado. Não sei bem qual dos três.

— Não disse que ele está roubando. Ele está fazendo saques, em altas quantias. E devolve poucas horas depois, da conta pessoal dele.

Ele anda até o notebook da sala de reuniões e o liga. Nós o seguimos como dois sacerdotes seguindo o mestre. Nos prostramos cada de um de um lado seu. E juro que não fico reparando seu cabelo loiro comprido, nem fico com vontade de enfiar os dedos neles e puxá-los, como fiz aquela noite...

— Que nunca existiu! — penso alto demais.

— O que? — Sebastian me pergunta.

— Nada.

Sou salva pelo traste, que aponta o dedo para a tela.

— Vejam as movimentações somente nessas duas últimas semanas. Uma quantia enorme é sacada, sem nome, cada vez para uma conta diferente. E em seguida, a mesma quantia é transferida, diretamente da conta do Cleber.

— Não faz sentido. Por que ele tiraria essas quantias e devolveria logo em seguida? — questiono.

— Porque não é ele quem está sacando essas quantias. Ele apenas está repondo-as — diz Sebastian e Matheus concorda com a cabeça. — Que merda!

Os dois ficam naquela troca de olhares e assentem com a cabeça como dois robôs, mas não me dizem nada do que ambos parecem ter descoberto.

— Que lindo a sintonia de vocês dois, pessoas tão inteligentes, que sacam tudo com uma simples olhada e se comunicam telepaticamente, mas me chamaram para essa reunião secreta e eu não tenho um fio rosa que liga minha mente à de vocês. Querem me explicar o que está acontecendo?

— Cleber caiu em um golpe — diz Sebastian.

— De quem?

— Somos inteligentes, não adivinhas — diz Matheus.

— Na verdade, posso desconfiar de quem seja — diz Sebastian. — E se eu estiver certo, ele está sendo chantageado.

Uma gargalhada involuntária me escapa.

— Cleber? O rei das chantagens sendo chantageado? Conta outra.

— Isso faz todo sentido — diz Matheus. — Mas por que ele não nos contou? Por que não nos pediu ajuda? O homem tem andado à beira de um colapso.

— Como se Cleber, o rei do ego, fosse admitir que cometeu uma merda de proporções tão grandes.

— Querem parar de falar mal dele? Além do mais, isso é muito simples de descobrir, basta que vocês dois, ao invés de ficarem aí especulando sobre o porquê de ele ter escondido isso, perguntem a ele. Aliás, vou fazer isso.

Não dou dois passos antes que uma mão segure meu braço e me puxe, atirando-me contra a mesa, e logo o corpo de Matheus está me bloqueando.

— Vá Sebastian, vou explicar de novo à defensora do Cleber que essa reunião é secreta.

Nem vejo Sebastian sair da sala, mas logo Matheus me olha, seu olhar intenso e toda sua beleza lançados contra mim. Ele ainda segura meu braço com força, e quero desmanchar ali, apoiada na mesa, sendo prensada por ele.

— Isso é segredo. Você não vai abrir o bico sobre isso nem para Cleber, nem para ninguém! Entendeu?

Assinto com a cabeça e não digo nada.

— Ótimo! Não gostaria de ter que mantê-la algemada no meu quarto até descobrirmos tudo isso.

O ar me falha e gaguejo.

— Al... al... algemada? No quarto? No seu?

Ele confirma com a cabeça e se aproxima tanto de mim, que o ar que antes falhava, some completamente. Ele para sua boca a poucos centímetros da minha:

— Não abra a boca, Gilcelle — ordena com a voz baixa.

Nem consigo responder, quando de repente ele me solta, e sai da sala. Maldito traste dominador. Maldita eu com essa fraqueza!

Chego ainda zonzona à minha mesa e Celina está ali, alisando a barriga, elegantemente sentada. Abre um sorriso doce quando me vê.

— Você vai dizer ou terei que arrancar? — pergunta.

— Celina, eu não seria louca de te esconder nada. Foi apenas uma reunião secreta, Sebastian não quis que você participasse. Mas parece que Cleber se meteu em alguma roubada que envolve a empresa. Algo como ser chantageado por alguém.

Ela arregala os olhos.

— Cleber? O rei da chantagem?

— Foi a mesma reação que eu tive.

Ela se levanta determinada, e irradiando raiva.

— Então eu fui excluída?

— Vai matá-lo agora? Porque eu entendo a atitude dele. Você anda muito alterada.

— Estou mais calma do que nunca. Mas não vou matá-lo agora, precisarei dele a noite. Vou guardar minha vingança para o momento certo.

Assim minha amiga sai desfilando em seu salto e sei que ela vai descobrir o que quer que Sebastian acha que sabe, antes mesmo dele se dar conta disso.

Matheus

*Conserte meu coração
Diga que me amará novamente
Desfaça essa dor que você provocou*

— Mas que merda!

Não me dou ao trabalho de abrir os olhos e ver a cara de reprovação de Sebastian, ou a de zombaria. Não quero vê-lo. Por que não me deixam apenas me afogar nessa dor de vez em quando? Estou sentado em minha cadeira, com a cabeça enterrada na mesa. Não me movo. Não há um fio de vida em mim agora.

Ouçó a cadeira da frente arrastar e sei que Sebastian sentou-se nela. Ele pigarreia e diz:

— Matheus, não queria tirá-lo de seu momento de merda, mas terei que fazer isso — ele desliga o som e ouço quando se senta de novo. — Então as coisas ainda não se resolveram com ela, não é?

Balanço a cabeça o máximo que consigo, sem tirar meu rosto da mesa fria.

— Você sabe que ficar jogado na sua mesa, ouvindo música de gay, não vai fazê-la esquecer de dez anos de mágoa, não sabe?

Confirmo com a cabeça o máximo que consigo ainda sem tirar meu rosto da mesa fria.

Recebo o silêncio. Até mesmo meu amigo, um grande idiota, desistiu de mim. Não tenho conserto. Penso que Sebastian deve ter se levantado e está saindo porta afora para se livrar do meu coração partido, quando o filho de uma puta me atinge com um jato de água fria. Levanto-me imediatamente:

— Idiota! Onde estava essa água que você jogou em mim?

Ele estende a garrafa de Jack vazia ao mesmo tempo em que o cheiro da bebida em meu corpo me atinge.

— Vira homem! Ficar aí chorando pelos cantos só aumentam os boatos de que você é gay. Se quer a mulher, vá lá e a pegue.

— Imbecil! Como se você fosse fazer algo com a Celina contra a vontade dela.

Ele dá de ombros.

— Ela não está com minha aliança no dedo agora porque aceitei a situação de merda em que estava e desisti. Está comigo porque dei a cara a tapa, corri atrás mesmo e insisti. E graças a Deus fiz isso. Ficar aí se lamuriando não vai fazer a maluca da Gilcelle sentir pena e te amar de novo. Deixa essa barba crescer, honre o que tem no meio das pernas e vá pegar sua mulher!

Ele está certo. Ela é minha. Está aqui há três anos e embora a tenha visto com muitos homens, não a vi com um namorado fixo. Ela estava aqui com meu chicote, tem que significar alguma coisa. Saio marchando em direção à porta, mas ele me segura.

— Não agora! Temos um problema, descobri o que aconteceu com Cleber.

— Sim, precisamos falar sobre isso. O último saque foi alto demais.

— Então vamos para a sala de reuniões. E não se esqueça, cara de homem.

— Vá à merda.

Isso piorou nas últimas semanas. Estamos concentrados em descobrir o que está havendo com Cleber, para que possamos matá-lo, e depois ajudá-lo, é claro. E então tenho visto demais Gilcelle. E tenho estado com ela de menos. Ela me ignora completamente, é arisca, desrespeitosa é a Gilcelle de sempre comigo. A diferença está em mim. Eu a amo. E vejo Sebastian feliz, vejo o quanto ele baba cada vez que seu bebê se mexe na barriga de Celina. E então tem Cleber, o ser mais idiota que conheço, tão apaixonado e correndo atrás da Suzana. E ela está ali, todos os dias perto de mim, e nesses três anos, não consegui com que ela sequer falasse direito comigo. Não posso mais ficar assim. Ela é minha, isso é um fato. Está na hora de reclamar o que é meu. Mas, antes que conseguisse pensar em uma forma de fazer isso, perdi a merda do fio da vida. Estou sem vontade de fazer nada nesses últimos dias. Sentindo-me o Cleber quando cantou a sofrência. Estou a ponto de fazer isso.

Não, não chegarei a tanto.

E ali está ela. Sentada com as pernas abertas. Nem olho a cor de sua calcinha e me certifico pelo canto do olho que Sebastian também não olhou. Sento-me ao seu lado, coisa que nunca faço, e ela se empertiga na cadeira. Sebastian fecha a porta e a tranca, acredito que é para que Celina não entre. Gil franze o cenho, cheira o ar, e me encara com uma careta horrenda.

— Você bebeu? Veio trabalhar bêbado? Logo você?

Ela parece horrorizada. Olho para Sebastian que tenta esconder um sorriso. Valeu, amigo estúpido. E então a olho, ela está o máximo possível afastada de mim, com uma careta de desgosto, mostrando pela primeira vez em anos que se importa com o que faço. Sorrio para ela. E de repente, me aproximo, muito. Quase enfio o rosto em seu pescoço. E digo baixinho em seu ouvido:

— Você se importa, Sereia? Talvez você possa acabar com minha tristeza no lugar da bebida, o que acha?

Ela treme. Posso sentir isso. Mas finge que não sentiu nada. E eu me afasto.

— Diga o que tem a dizer, Sebastian.

— Cleber caiu na lábia de Heitor Martinez.

— Que merda!

— Pois é. Ele está fazendo os saques e Cleber cobrindo. Heitor o está chantageando e isso deve ser desde a época da faculdade.

— Então é por isso que Cleber chamou um detetive, para achar esse homem! — diz Gilcelle.

— Sim. E o imbecil está enfrentando tudo isso sozinho.

— O que vamos fazer agora? — pergunto.

— Matá-lo, é claro. Depois teremos que ajudá-lo. Alguma coisa não bate nessa história de Cleber, Heitor e Botelho, algo não fecha.

— Me dê esses papéis, vou tentar entender o que está havendo.

Sebastian joga os papéis em mim e os pego me levantando.

— Você vai estudar esses papéis, bêbado? — pergunta Gilcelle.

— Você não tem ideia das coisas que eu consigo fazer perfeitamente, bêbado.

Ela parece assustada e Sebastian sai da sala rindo e comentando:

— O homem acordou.

Não preciso de muito tempo analisando os papéis para me dar conta do que está havendo. Cleber pegou dinheiro com Heitor. Heitor deu um golpe nele. E então o chantageia. Cleber contratou Botelho, o detetive para descobrir onde Heitor está e mandá-lo para a cadeia. Mas Botelho não fez isso. Deve estar envolvido com o golpista. Cinco anos é tempo demais para que um detetive com a fama de Botelho não tenha descoberto nada. E somente o imbecil do meu amigo para não perceber isso. Dessa vez sou eu que convoco Sebastian e Gilcelle, para uma reunião rápida, em minha sala mesmo. Mas somente ela aparece.

— Onde está o Sebastian?

— Aconteceu um acidente. Tentaram atacar a Celina hoje cedo. Sebastian e Cleber impediram e foram todos para a delegacia.

— Celina? Ela está bem? A Nath...

— Não aconteceu nada — diz levantando as mãos. — Mas quem a atacou foi o Heitor.

— Heitor Martinez?

Ela confirma.

— Não faz sentido.

— Eu acho que faz — ela responde e se senta, e então conto a ela o que descobri e ela me conta o que deduziu. E tudo se encaixa. É a primeira conversa decente que temos nesses três anos e tudo por causa de uma merda enorme de Cleber. Devo uma ao meu amigo.

Quando eles voltam da delegacia, somos convocados a uma reunião por Cleber. Sebastian faz questão de deixar Celina de fora, o que considero assinar uma sentença de morte, mas a mulher é dele, não vou me meter. Então Cleber

desabafa todas as merdas que fez. E é exatamente como eu deduzi. Heitor está nisso e Botelho está nisso. Quando ele termina de falar, esperando que o matemos, o que de fato ele merece, algo atinge sua testa em cheio e ele cai com tudo para trás. O sapato de Celina. Ela ouviu atrás da porta. Cleber permanece no chão, caído, um vermelho enorme em sua testa e acho que não pretende se levantar nunca mais. Mas Celina está furiosa, e ele é quem tem que arcar com a fúria dela. Eu é que não vou passar por isso. Aproximo-me dele e o ajudo a se levantar.

— Vamos cara, enfrente seus demônios — digo encorajando-o.

Ele espera que ela o mate, eu espero que ela o mate, Sebastian espera ser morto por ela. E ela parece se controlar muito para não atirar o outro sapato quando diz:

— Em primeiro lugar, por que diabos eu fui excluída dessa reunião?

Cleber olha fixamente para Sebastian e Celina o fuzila com o olhar.

— A gente resolve isso em casa, Sebastian Vaughn.

Então ela se vira para Cleber, e o manda para a copa da sala de reuniões. Quando ele se afasta, nos encaramos.

— O que vamos fazer? — Sebastian pergunta.

— Primeiro, vamos comer um donut — diz Gilcelle. — Celina está nervosa, fica mais calma quando come doce.

Concordamos todos em ir comprar o tal doce para Celina e Gilcelle avisa a Cleber que espere.

— Isso vai ser uma tortura e tanto com o homem — Sebastian diz.

— Ele merece. Deixe-o sofrer um pouco.

— Estão sendo malvados demais com ele. Ele tem sofrido há cinco anos — defende Gilcelle e tenho vontade de apertar seu rosto nas mãos e enfiar em sua cabeça que Cleber ama Suzana e não está nem aí para ela.

No caminho, contamos tudo a Celina, como descobrimos, porque ela ficou de fora. Ela parece entender, mas ainda vai matar Sebastian, tenho certeza. Meu amigo amanhã vai andar de lado. Celina é excelente de mira. Voltamos para a sala, comendo o tal doce e libertamos Cleber de suas lamentações. Então nos reunimos para decidirmos o que fazer com Heitor, que agora está atrás das grades, por atacar Celina em plena luz do dia. Ele quis ser preso, isso é óbvio. Cleber acha que ele faz parte de uma quadrilha, uma vez que usa vários nomes. E eu acho que o detetive de Cleber é o chefe dela. Chegamos a um impasse.

— Precisamos descobrir se Botelho está metido nisso — digo, pois precisamos saber antes de procurar provas para incriminá-lo.

— Como vamos conseguir isso? Ele é um dos melhores e mais temidos detetives do submundo — diz Cleber desanimado.

— Então precisamos de um detetive ainda pior do que ele — conclui Sebastian.

— Não conheço ninguém pior do que ele, o cara tem a barba cinza — confirma Cleber.

Todos à mesa se olham, ninguém tem uma solução, até que ela, justamente ela, abre a boca.

— Acho que posso ajudar. Conheço um detetive pior do que ele.

Ela deve estar brincando.

— E você tem contato com ele? — pergunta Sebastian.

— Sim, posso procurá-lo. Farei isso. Tenho certeza que Lagartão ficará mais do que feliz em acabar com Botelho. Se provarmos que ele está envolvido.

Lagartão? Já ouvi falar desse cara. Traficante da pesada que se mete a detetive. Mas o que não entendo, é como Gilcelle pode ter algum contato com ele. Isso tem que ser alguma brincadeira!

— De onde você pode conhecer um homem como ele? — pergunto irritado.

— Conheço muitos homens — ela responde. — Vou procurá-lo essa semana mesmo. Vamos dar um jeito nas merdas do Cleber.

— Vou com você — afirmo.

— De jeito nenhum.

— Eu vou sim, ou você não vai. Que se danem as merdas do Cleber, você não vai procurar esse homem sozinha.

Ela me encara e eu a encaro. Só me faltava essa maluca ficar em perigo para defender Cleber. Mas que paixonite é essa que ela sente por ele?

— Ok guarda-costas gay. Você pode vir comigo.

E após todos abraçarmos Cleber como um bando de maricas, o dia finalmente acaba.

Para você ter uma ideia do que está acontecendo. Minha família acha que Gil e eu estamos noivos. Acha que estamos juntos há três anos. E no final do mês é aniversário da minha mãe, sabem o que ela me pediu de presente? Que eu vá passar uma semana lá com Gilcelle. Vocês sabem quais são as chances de eu convencê-la a ir comigo de boa vontade? Nulas. Tive que fazê-la precisar de mim, para que eu pudesse pedir isso em troca. Não foi uma coisa bonita, eu sei, mas com ela não dá para jogar limpo. Porém, se ela estiver apaixonada pelo meu melhor amigo, nem mesmo propondo o que vou propor a convencerei. E então, não posso fazer mais nada. Preciso tirá-la de perto de Cleber.

Quando entro cansado em meu apartamento, ouço uma risada feminina. Há alguém aqui. Caminho até o quarto tirando a roupa. Dobro a camisa e a coloco perfeitamente dobrada, no cesto de roupas sujas. E então a vejo. É Mel. Ela mora no prédio, e nas vezes em que venho para o apartamento, ficamos. Ela está

prostrada ao lado da cama, nua, com os braços colados ao lado do corpo, o cabelo preso em um rabo de cavalo e as algemas estão ali, em cima da cama, ao seu lado. Como sempre peço que ela fique.

— Olá, Mel.

— Olá, Matt. Você não parece bem hoje. Quer que eu vá embora?

— Estou bem — digo e tiro a calça e a boxer, dobrando-as e colocando-as por cima da camisa.

— É a Sereia de novo? — ela pergunta revirando os olhos.

— A partir de agora, você não fala, ou cobrirei sua boca com minha gravata. Junte as mãos. — Ela obedece e as prendo para trás, com as algemas. — Boa menina. Vai querer fotos, querida?

Ela assente e coloco a câmera em frente à cama, me certifico de que está pegando tudo, pego o controle da câmera e me aproximo da mulher nua a minha frente. Mas não sinto nada. Estou entorpecido.

— Hummmm hummmm — ela emite com os lábios colados.

— Pode falar.

— Quer apenas conversar hoje? Eu poderia te fazer uma massagem.

— Não quero suas mãos em mim, obrigado. E vou cobrir sua boca agora.

Ela assente animada e amarro uma gravata em seu rosto, cobrindo sua boca. Certifico-me de não tê-la apertado.

— Então Mel, enquanto o fio da vida não volta para mim, vou conversar com você. E fotografá-la.

— Hummm hummmm.

— Sim, pareço tenso, não é? Só estou pensativo. Não é nada demais.

Afasto-me e disparo a câmera, fotografando-a. Mas tudo me parece melancólico demais. Não sei se você consegue me entender, sentada aí, na sua cama, esperando que eu faça algo que vá fazê-la rir. Mas não vou fazer. Minha avó dizia que existe algo que faz com que levantemos da cama todos os dias, faz com que tenhamos vontades, esperanças, desejos, e isso seria o fio da vida. E somente um amor mal resolvido é capaz de nos perder desse fio. Após longos dez anos. Após muitas outras mulheres que não significaram nada. Após três, dos piores anos da minha vida vendo-a cada dia mais distante, perdi a merda do fio. Você sabe do que estou falando? É como vocês, quando estão de TPM, sentem vontade de chorar e querem comer chocolate. Estou assim, mas não como chocolate. Também não choro. E não tenho TPM, obviamente. Mas me sinto igualmente morto. Como um camelo desnutrido no deserto, que enxerga seu tão sonhado poço de água, e ele se encontra do outro lado da rocha, com um abismo profundo a ser percorrido até que o camelo alcance esse poço. Provavelmente ele morrerá antes de alcançá-lo.

A realidade às vezes é uma merda.

— Um Dom. A Sereia, quer um Dom. Você acha que posso ser um? — pergunto.

— Hummm hummmm hmmm — ela murmura desesperada.

— Foi o que pensei, não posso. Não conseguirei fazer isso. Só preciso fingir bem o suficiente para que ela acredite.

— Hummmm hummmm hummmm — ela continua murmurando.

— Acho que terei que vender seus olhos também. Está muito agitada hoje. Acalme-se, doce Mel. E silêncio!

Não faremos nada essa noite. Nada aqui está acordado. Nada aqui está bom. Darei o prazer que ela veio buscar e a deixarei ir embora. Se querem um pouco de sacanagem hoje meninas, me desculpem por desapontá-las. Voltem ao livro do Cleber, ele está melhor nisso do que eu.

Gilcelle

— Por favor, Gilcelle, seja uma boa menina e se cuide. Não quero que mais ninguém pague pelas minhas merdas — diz Cleber quando estou prestes a entrar no carro.

— Relaxa, bebê. Estou lidando com suas merdas há muito tempo. Além do mais, tenho um guarda-costas.

Ouçó “ele” resmungar de dentro do carro e então começa a buzinar, me mandando entrar.

— Eu nem queria que você fosse. — Ao entrar no carro, digo pela milésima vez só para não deixar dúvidas.

— Vou fazer você me pedir desculpas quando eu precisar defendê-la naquele lugar — ele diz sério. — E não precisava colocar uma saia tão curta.

Reviro os olhos e dobro a saia, deixando-a ainda mais curta.

— Lembre-se de duas coisas muito importantes, senhor Amorim. A primeira: eu não queria que você fosse. A segunda: não estou com paciência para seu ciúme hoje.

Ele me olha imediatamente e mantém seu olhar preso ao meu, mas não diz nada. Odeio quando ele faz isso. Odeio quando fico esperando que ele diga alguma coisa. Definitivamente odeio Matheus Amorim.

Esse silêncio entre nós me incomoda tanto, que ligo o rádio, e uma música antiga começa a tocar. *Unbreak my heart* de Toni Brexton, eu o encaro esperando que explique essa música gay, mas ele permanece exatamente como está, olhando para frente. Eu realmente odeio esse homem e a forma fria como ele age, fingindo ser o rei do universo, fingindo que não estou aqui. Quero mostrar para ele que estou sim aqui, bem ao lado dele. Então começo a cantar a música. A berrar a música, na verdade. Ele me olha e um sorriso idiota se insinua em seu rosto.

As coisas pioraram depois de o imbecil do Cleber ter nos trancado. Fazia muito tempo que eu não ficava sozinha em um lugar com Matheus, precisava sair de lá, de uma forma ou de outra, a forma que encontrei, foi bebendo. Tudo ficou estranho depois disso. E agora estou agindo como se nada tivesse acontecido. Como tenho feito todos esses anos.

— Tem certeza de que o endereço é esse? — ele pergunta estranhando o bairro em que estamos.

— É apenas uma fachada, o escritório dele é atrás de um consultório odontológico.

Ele fica batucando no volante em um tique que já reparei algumas vezes. E

diminui a velocidade. Diminui muito a velocidade.

— Eu gostaria de chegar lá hoje — reclamo.

— Você sabe que não precisa fazer isso, não é?

Apenas concordo com a cabeça e ele para o carro.

— Então não faça. Podemos encontrar outro detetive — pede.

— Você sabe que não podemos. E não me importo de fazer, ligue esse carro e vamos logo.

— Você está se arriscando.

— Novamente, eu não me importo. Pare de agir como se fosse minha mãe.

— Você precisa trabalhar essa mágoa.

— Não há mágoa a ser trabalhada, eu o conheço há três anos e mal nos falamos. Agora ligue a merda desse carro se não quiser que meu salto vá parar nas suas bolas!

Não olho para ele para ver qual é a sua reação, dessa vez também não quero que ele responda, quero que ligue o carro para acabarmos logo com isso. Mas claro que ele responde:

— Criança.

— Idiota.

— Fingir que nada aconteceu é o cúmulo da cianice, até mesmo para uma pessoa como você.

— O que quer dizer com *pessoa*? Por que falou com essa língua presa? O que quer dizer?

— Olhe para você, tentando bancar a forte só para se mostrar, deve estar tremendo por dentro de medo do Lagartão. Não consegue nem mesmo enfrentar seu passado.

Primeira coisa que a voz na minha cabeça me diz “*vire a merda do volante*”. Mas então percebo que estou dentro do carro e isso não seria nada inteligente. Então também ignoro seu segundo conselho “*finja que ele não disse nada*”. E respondo:

— Você disse certo, senhor Amorim, passado, não tenho porque enfrentar algo que não existe mais e que não significou nada.

Ele fica em silêncio pelo que me parece um minuto antes de retrucar:

— Está certa. Não foi nada mesmo, melhor fingirmos que nada aconteceu, não é mesmo? Você finge que não guarda as flores que te mando todos os dias e eu vou fingir que não as mando todos os dias. Melhor assim para você? Vamos fingir que nada aconteceu.

Não há raiva em sua voz, não há nenhum tipo de alteração em sua voz. Para ele é como um botão que liga e desliga. De vez em quando liga: oh, essa é a garota que desvirginei em minha última noite em Baependi. Desliga: Oh, essa é a

doida da secretária do Cleber que é amiga da Celina então só pode ser louca e nunca a vi na vida fora dessa empresa. Quer fingir que nada aconteceu? Vamos fazer isso direito.

Ele liga o carro e pouco depois volta a falar, como se não tivéssemos acabado de discutir a não existência de um passado.

— Está fazendo isso por ele, não é? Pelo Cleber. Você sente algo por ele.

Era só o que me faltava, daqui a pouco a Suzana vai bater na minha porta e quebrar minha cara por achar que estou de olho no estúpido dela.

— Ah sim, sinto muitas coisas por ele. É lindo, safado e bem humorado, tudo o que uma mulher gosta. Sem falar que não é fresco. Eu devia ter investido antes, agora a Suzana o fisgou, e duvido muito que ele vá se separar dela um dia. Esses estúpidos quando se apaixonam, é uma vez pra vida toda.

— Infelizmente — ele diz me lançando um olhar que me cala por longos cinco minutos.

O que esse maldito olhar quis dizer?

Ele não diz mais nada até chegarmos em frente ao consultório dentário. Mas, assim que solto meu cinto, ele trava a porta.

— Desdobre a saia, Gilcelle, isso aqui não é a sorveteria da esquina. Os homens que estão aí dentro estão acostumados a outros tipos de mulheres e não queremos que eu bata em alguém por olhar demais para suas pernas, não é mesmo?

Se tivesse como dobrar essa saia mais uma vez para ficar mais curta, eu teria feito.

— Na verdade, adoraria vê-lo tentando bater em um dos homens que vamos encontrar aí. Além de ter contato direto com o suor imundo deles, eles te partiriam em dois. E aí eu voltaria para casa no seu carro, ficaria com ele para mim e diria aos estúpidos que você explodiu.

Ele me olha com um sorriso idiota e se aproxima, se aproxima demais. A voz na minha cabeça diz para aproveitar o rosto dele ali, tão perto do meu e marcá-lo com a palma da minha mão, mas de repente meus músculos não se movem. Matheus já tirou seu cinto e planta as duas mãos no banco onde estou sentada, uma em cada lado do meu corpo, ele está praticamente em cima de mim.

— Acho que você não vai ganhar um carro hoje, maluquinha, tente a sorte da próxima vez. — Então ele desdobra minha saia, seus dedos roçando minha coxa e todas as terminações nervosas do meu corpo se contorcem com o toque dele.

Consigo finalmente levantar a mão, e a enfio direto no cabelo dele, puxando sua cabeça para trás de uma vez.

— Nunca mais chegue tão perto, seu estúpido.

Ele se afasta rindo e sai do carro. E mal termino de destrancar a porta, ele a

abre pelo lado de fora e estende a mão para que eu desça.

— Que merda! Como chegou aqui tão rápido?

Não daria tempo de ele dar a volta. Ou daria? Quanto tempo eu fiquei divagando dentro do carro sobre seu toque leve na minha coxa?

— Reflexos. Sou um vampiro.

Reviro os olhos e desço. Passamos pelo consultório odontológico, entramos no corredor onde algumas pessoas com cara de dor e outras com cara de pânico esperam. Imediatamente coloco minha mão na bochecha e finjo estar chorando.

— Ah! Esse médico é horrível. Fez um buraco na minha gengiva. Não vai parar de sangrar nunca.

Há um menino de uns doze anos que fica verde e acho que vai vomitar, então Matheus acaba com minha diversão, me puxando de repente para andar mais rápido.

— Não precisa ser tão cruel.

— É divertido.

Passamos pelo corredor todo, descemos uma escada, e então entramos em uma porta elegante, com um adesivo de um lagarto no vidro.

— Isso era mesmo necessário? Que ridículo! — digo apontando para o lagarto e Matheus dá de ombros.

Batemos e esperamos. A porta abre apenas uma fresta e um olho negro nos avalia.

— Sou Gil. Lagartão está me esperando.

Ele grita alguma coisa e depois abre a porta. Ouço a música alta assim que entro, há vários homens em atitudes estranhas espalhados pelo que parece ser uma recepção. Conforme passo, os olhos se voltam todos para as minhas pernas. Eles olham, olham mais, olham demais.

— A putinha nova do réptil? — pergunta um deles meio fora do ar.

O homem alto e assustador que está nos guiando dá de ombros, e outro deles, levanta a mão para tocar minha perna. Mas nem chega perto antes que a mão de Matheus segure a dele.

— Nem pense nisso.

O homem diz um palavrão e recua. Então entramos em uma sala de espera, com cadeiras acolchoadas e me joga em uma delas.

— Podem esperar aqui. Ele irá chamá-la quando estiver pronto — diz o grandalhão.

— Valeu.

Matheus não diz nada. Também não se senta. Fica em pé, sem tocar em nada, franzindo o cenho por conta do cheiro do lugar.

— Um traficante — resmunga.

— Ei, não fale assim, se ele ouvir vai arrancar sua língua com uma flecha. Não é traficante, é detetive, não viu na porta?

— Não, só vi o desenho de um lagarto.

Um homem se senta ao meu lado, não está bêbado nem parece estar viajando.

— Oi, beleza. Está sozinha aqui?

Matheus arregala os olhos e concordo com a cabeça. O cara sorri e se aproxima, mas estendo a mão.

— Pertença ao Lagartão. Afaste-se.

— Você não soube? Ele divide as mulheres agora.

Então antes que eu possa impedir, a língua áspera dele está em meu pescoço e sua mão entra por baixo da minha saia. Nem tenho tempo de gritar antes que alguém o pegue pela camisa e o atire no chão.

— Olhe para ela de novo e vou furar seus olhos.

Embora seja o mais bonito dos três estúpidos, Matheus não é forte como Cleber, não tem os gominhos de Sebastian, mas tem um corpo magro bem definido. O homem que me atacou é muito magro e somente por isso ele conseguiu jogá-lo ao chão como se fosse um boneco. O homem sai de cara fechada e não me mexo. Detesto quando esse imbecil está certo em algo de que discordei dele. Mas claro que ele não perde a chance. Aproxima-se do meu ouvido e diz:

— Eu não disse para você desdobrar a saia por ciúme. Estava apenas prevendo esse tipo de situação.

Dou de ombros fingindo que não me importo, e Lagartão finalmente me chama. Entro depressa e ele está jogado em um sofá, com dois homens a sua frente e o que nos guiou fica parado na porta.

— Olá, minha garota.

— Oi, querido.

Ele se levanta e envolvo seu pescoço com os braços, como sou baixinha perto dele, ele me levanta pela cintura e prolonga o abraço.

— O que está fazendo aqui, ruivinha? Isso não é lugar para você.

— Baby, preciso de um favor.

— Tudo o que minha princesa precisar.

Sorrio. E posso sentir a tensão de Matheus vindo até mim.

Ele já me perguntou umas seis vezes de onde posso conhecer Lagartão. Disse que sou uma das garotas dele, e não é de todo mentira. Mas não como você está imaginando. Quando vim para a capital, fui morar com uma tia, na PPL, a famosa favela Pedreira Prado Lopes, e foi lá que conheci Enzo, ou Lagartão, como todos o chamam por conta de um lagarto enorme que tem tatuado nas costas. Ele era curioso e investigava coisas pequenas na favela, depois, os

traficantes passaram a solicitar seus serviços, agora, tem um escritório muito bem escondido no Mangabeiras. E só atende peixe grande. Claro que seu nome correu e ele fez sua fama. Não nos falávamos há muito tempo, desde que fui morar com Celina, mas sabia que estaria aqui caso eu precisasse. Só para constar: nunca transei com ele.

Explico a situação da V.D.A., dos meus estúpidos amados e do estranho Heitor.

— Ele quis ser preso, não há dúvidas. Não se preocupe princesa, se há uma chance, por menor que seja de Romero Botelho estar envolvido, eu descobrirei. Estou com ele atravessado na garganta há anos, será um prazer ajudá-los.

É Matheus quem toma a palavra e negocia com ele, e quando Lagartão levanta a mão para selar um acordo, Matheus o cumprimenta com um lenço entre eles, evitando o contato.

— Ele é gay? — Lagartão pergunta.

— Com certeza — respondo.

Matheus não diz nada, mas pela maneira como me olha, sei que estou ferrada.

Vamos calados até o carro, os caras não mexem mais comigo, pois Matheus deposita uma mão na minha cintura deixando claro que estou com ele. A voz na minha cabeça quer que eu assuma, mas não vou assumir que é confortável tê-lo ao meu lado e que provavelmente não teria nem entrado nesse lugar se estivesse sozinha.

Assim que saímos do prédio, antes de entrarmos no carro, Matheus me puxa de repente e me joga contra a parede, prendendo meu corpo com o dele.

— Peça desculpas.

— O que?

— Eu disse que faria você se desculpar quando eu a defendesse nesse lugar.

Não consigo pensar direto. Ele tem cheiro de sabonete, uísque e um perfume amadeirado.

— Vamos Gilcelle, ou ficaremos aqui a noite toda. Peça desculpas.

— De jeito nenhum. Vai fazer o que se eu não pedir?

Ele enfia uma mão no meu cabelo e puxa minha cabeça de leve, expondo meu pescoço. Então raspa os dentes em meu pescoço e os para nos meus lábios.

— Peça — sussurra.

Não consigo pedir, nem negar. Não consigo ser nada ali, com a boca dele tão perto da minha.

— Se não pedir vou beijá-la, e vou entender que você quer o beijo.

Tenho que pedir, é só uma palavra, mas merda, quero esse beijo. Quero muito esse beijo. Fecho os olhos esperando o beijo e ele se afasta.

— Vamos.

O que? Filho da puta! Maldito! Custa a conseguir me mover, mas finalmente ando a passos lerdos até o carro, abro a porta no automático e me jogo no assento. E antes de fechar a porta, o braço de Matheus passa por cima de mim e a fecha, e então sua boca está na minha. Ele segura minha cabeça entre suas mãos e seus lábios dominam os meus, sua língua domina a minha. Não me movo, não consigo, mas correspondo o maldito beijo. E cedo demais ele se afasta, passa o cinto como se nada tivesse acontecido e diz:

— Da próxima vez que eu disser para trocar a saia, troque querida.

Ah! Eu o odeio! Viu o que ele faz comigo? Mesmo agindo como um imbecil completo que não se importa, consegue me dominar. É um dom dele. Sempre fez isso. Basta chegar perto de mim o bastante e não existo mais. Não tem voz na minha cabeça que me faça pensar quando ele quer algo de mim. Por isso sou tão arisca com ele, por isso tento me manter longe, para manter minha sanidade.

Arredo o máximo possível para perto da porta e me espremo ali. Ele apenas sorri quando vê a distância que consegui tomar.

— Você pode se sentar na janela se quiser, Sereia, mas isso não vai protegê-la de mim.

Tenho mil e uma repostas na ponta da língua, mas tudo o que sai é:

— Não me chame assim.

Capítulo 05

Matheus

Lagartão veio à V.D.A. hoje. E o rolo do Cleber é muito pior do que pensávamos. O detetive que ele contratou está mesmo envolvido. E o ex-noivo da Celina também. Está nas mãos de Pinto Pequeno, o ex dela, a informação que precisamos para colocarmos essa quadrilha atrás das grades. E ele odeia a todos nós.

Após nos dar a péssima notícia, o “detetive” da Gilcelle ainda fez questão de se despedir dela com um quase beijo na boca. E olhou para mim quando fez isso. Assim que ele saiu da sala, fiz questão de acompanhá-lo até a saída.

— Sabia que viria, Amorim — ele fala parando em frente ao elevador.

— O que quer com ela? — pergunto sem rodeios.

Não me intimido por seu olhar assassino, o meu não está menos assustador que o dele. Nós nos encaramos e ele é o primeiro a falar:

— Pesquisei sobre você. Sei sobre seu casinho com ela.

— Também sei que ela não é uma das suas garotas.

— De fato não é. Mas gosto dela e não vou permitir que um mauricinho qualquer a faça de boba.

— Estamos falando da Gilcelle, ninguém a faz de boba.

Ele abre um meio sorriso deixando que as portas do elevador se fechem sem entrar nele.

— O que você quer, Amorim?

— Saber onde a conheceu. E o que quer com ela.

Ele parece avaliar minhas perguntas e demora um pouco para responder.

— Admiro sua coragem, você sabe quem sou e se mesmo assim está disposto a me enfrentar para saber sobre a Gil, deve estar mesmo apaixonado. Posso te dar essas respostas. Se você for amigável.

Algo me avisa que a palavra amigável não pode realmente ter um significado bom.

— O que seria ser amigável? Você não precisa de mais dinheiro do que já está tirando de nós.

— Não estou tirando dinheiro de seus amigos estúpidos, estou recebendo por meu serviço, deveria me agradecer. Mas o que quero é bem simples, quero apenas que aperte minha mão.

Há uma pegadinha aqui. Ele permanece sério, sua expressão não vacila em nenhum momento, mas não pode querer algo tão bobo em troca de informações que percebeu que estou disposto a obter. Reparo bem em cada detalhe de sua

mão, e não há nada demais, só não pretendo tocá-la.

— O que quer com isso?

— Nada demais. Apenas um acordo amigável selado com um aperto de mãos. Isso é comum.

— Não vou tocar sua mão.

Não sei onde ele a colocou, o que costuma pegar. Não o vi lavando a mão desde que entrou aqui, e ele comeu aperitivos na sala de reuniões, não vou tocá-la.

— Então não terá suas informações.

Ele chama o elevador de novo e faço um esforço, é por ela, e somente por ela que vou fazer isso.

— Tudo bem. — Estendo minha mão e ele a avalia.

Então, faz o impensável, ele esfrega a mão no saco, por cima da calça, mas no saco. E volta a estendê-la para mim. Encolho a minha mão e percebo a pegadinha ali.

— Sei que é fresco, não tocou minha mão e em nada quando foi ao meu escritório. Quero saber se está disposto a passar por cima disso por ela.

— Esse é um teste inútil. Eu pegar na sua mão imunda não vai provar nada sobre o que sinto por ela. Peça-me uma prova mais inteligente.

— Sem joguinhos com minha mente, Amorim. Ou toca minha mão, ou não te dou a informação.

— Neste caso, boa tarde.

Eu me viro e volto para a sala de reuniões, mas no meio do caminho, hesito. E não acredito que vou fazer isso por uma megera, que nem sente nada por mim, mas mal tenho dormido tentando entender de onde ela o conhece. E o que acontece entre eles. Têm muita intimidade para serem apenas conhecidos. Dou meia volta e volto pelo corredor.

Entenda que o que vou fazer é nojento, anti-higiênico e não recomendável. Por mais assanhada que você seja, jamais pegue na mão de um cara que tocou qualquer parte do corpo próximo ao saco, sem tê-lo lavado nas últimas duas horas. E eu preferia estar nadando nu em um tanque de gelo do que ter que fazer isso.

Ele ainda está parado ali, as portas do elevador abertas, mas ele não pretendia entrar.

— Sabia que viria novamente, Amorim.

Se tenho que fazer, melhor fazer logo. Ergo sua mão e a aperto, rapidamente, e então a solto.

— Informações — digo.

— Você a ama.

— Não arrisquei me contaminar com germes do seu saco para ouvir algo que eu já sei. Quero saber de onde a conhece e que contato vocês mantêm.

— Ela foi minha vizinha quando veio de Baependi. Morava com a tia dela. E foi só isso. Éramos amigos, mas ela é meio maluquinha.

— Ela não é maluca.

— Ah sim, ela é. Sempre chamou a atenção dos caras da vizinhança, mas sempre que um deles se aproximava demais, acabava no chão, literalmente. E não com ela por baixo. Acho que ela ficava nervosa, algo assim, mas qualquer cara que se aproximava, ela derrubava. Não bate muito bem da cabeça, mas é inteligente e tem um bom coração.

— Ela não é maluca! — repito. — Então, ela afastava os garotos?

Ele concorda com a cabeça.

— E somente por isso não tive nada com ela. Nem tenho hoje. Não tínhamos contato até ela procurar por mim, aquele dia com você.

Respiro aliviado, apenas um vizinho, sei que ela morou um tempo na PPL, devia ter concluído que o conhecia de lá.

— Tudo bem — digo e me viro para voltar à sala.

— Boa sorte com ela. Se pretende mesmo conquistá-la, vai precisar.

Eu o encaro sem vacilar.

— Obrigado.

Chego à sala de reuniões e ouço um pouco da discussão que se segue ali. Então, pinto pequeno é o homem da vez, e provavelmente nenhum de meus sócios ou Celina poderão fazer nada para se aproximar dele. Só resta eu. Mas Gilcelle está certa, é mais fácil que uma mulher arranque isso dele do que eu. De repente, sei exatamente quem poderia arrancar essa informação. Conheço a mulher perfeita! Duvido que haja algum homem devasso nessa cidade que não a deseje.

— Posso arrumar uma mulher e arrancar as informações dele. Farei isso hoje mesmo — digo e todos concordam aliviados, pois ninguém queria realmente procurar por PP.

Saio da sala de reuniões para lavar minhas mãos, mas vejo quando Cleber e Gilcelle entram na sala dele, e ficam ali, com a porta fechada. Sei que não há a menor chance de estarem tendo um caso, Cleber é louco por sua Suzana e nunca faria isso comigo, mas por que sinto que a Gil não pensa assim? Talvez seja por isso que me afasta tanto, que me odeia tanto, talvez eu esteja em seu caminho para conquistar Cleber. Neste caso, só posso fazer uma coisa por ela, pegá-la para mim. Cleber ama a Suzana e eu nunca deixaria que ela ficasse com ele. Gilcelle é meu amor para vida toda e Cleber meu irmão. Pode me chamar de

egoísta se quiser, mas esses dois jamais ficariam juntos.

Sento na cadeira de Gilcelle e espero que ela saia. Ela estaca ao me ver, então me levanto e volto para minha sala. Não digo absolutamente nada. Não adianta falar com ela, ela não age assim. Age quando a irrita a ponto de querer descontar sua raiva na minha cara ou dizer as coisas que sabe que me matam cada vez que fala, mas com ela só funciona assim.

Assim que entro em minha sala, ela aparece. Não bate na porta, mas o fato de estar aqui já diz tudo o que eu precisava saber.

— Levou um fora do Cleber? Talvez devesse ter umas aulas de pole dance com a Suzana. Quem sabe assim não chama a atenção dele também?

— Não preciso disso para chamar a atenção de um homem. Olhe só para você, não fiz esforço algum e você nunca conseguiu me esquecer.

Encaro-a com um sorriso que a desconserta.

— O que quer aqui, Gilcelle, minha querida desconhecida?

— Que mulher pretende levar para arrancar a informação do pinto pequeno?

— Uma tão linda e tão sexy, que ele não vai resistir.

— Hum... — ela resmunga e mexe no cabelo vermelho, seu rosto começa a ficar vermelho também, e adoro isso.

— Quer mais alguma coisa?

— Você já a comeu?

— Sim. E posso garantir que ela pode arrancar qualquer coisa de qualquer homem.

— Você é um imbecil! Não acredito que tive coragem de... — ela cala a boca e respira fundo.

Vamos Sereia, continue. Diga que não acredita que teve coragem de perder a virgindade comigo. Vamos, assumo isso. Preciso que dê esse passo.

— Pode me dizer o nome dessa mulher? — pergunta.

Ela espera que eu pergunte o motivo, mas não posso fazer o que espera, ou ela me dará uma resposta e sairá vitoriosa. Preciso mantê-la irritada, e mais tempo aqui.

— Não. Ela é bem reservada.

— Não deve ser tanto, já que descobre as coisas com a boca de baixo.

— Conheço alguém que também adora usar a boca de baixo, não é mesmo? Foi assim que conheceu o detetive?

Ela está ainda mais vermelha, e sem palavras. Mas logo as encontra e as atira em mim.

— Ah sim, na verdade eu conheci o pau dele primeiro.

— Deve ter sido impressionante.

Não sei o que se passa na cabeça dela, mas pela forma como está me olhando,

não deve ser uma coisa boa. Daria qualquer coisa para entrar em sua mente agora e saber exatamente o que tenho que dizer a seguir para fazer com que ela fique aqui um pouco mais.

Ela fica um tempo calada, olhando para mim, por fim, diz:

— Vai levar uma de suas submissas?

Quase deixo meu copo cair. A encaro em choque e ela me olha de volta.

— Não, não as uso para isso.

Ela concorda com a cabeça. E o que vejo em seus olhos me assusta: mágoa. Era o que eu queria ver em seu olhar desde quando a encontrei, desde quando a trouxe para cá, mas nunca pensei que isso teria esse peso tão grande em mim. Quero que ela trabalhe essa mágoa que tem de mim, que coloque-a para fora. Que me agrida, como faz para afastar os homens, mas eu serei o homem que ficarei assim mesmo.

Dou a volta na mesa e me aproximo dela.

— Você guardou as flores de hoje?

— Não sei por que continua fazendo isso, se não significam nada.

— Significam mais do que você quer aceitar. Mas você as guardou, não guardou?

— Também manda flores para suas submissas?

— Sim, Gilcelle, eu dou o mundo para elas.

Ela pisca os olhos, mesclados entre raiva e confusão. Não sei de onde tirou que tenho submissas, mas não vou desmentir. Que esse seja um assunto que ela tente descobrir, pois assim, se aproximará mais de mim.

— Eu a convidaria para ser minha submissa, mas você é atrevida demais. Gosto de mulheres mansas, boazinhas e obedientes.

A raiva toma o lugar da confusão quando ela sorri.

— Claro que sim, assim você pode tirar a virgindade delas e ir embora na manhã seguinte.

Isso! Isso! Ela falou! O sorriso que se abre em meu rosto a irrita ainda mais.

— Achei que não nos conhecêssemos, Gilcelle.

— Eu não disse... não quis dizer... não estou falando sobre aquela noite.

— Que noite?

— Merda! Eu te odeio, sabia! Te odeio de verdade!

— Sexo com ódio é o sexo mais quente — digo, sei que ela disse isso para Celina em algum momento.

Ela parece assustada e surpresa.

— Como você sabe? Você me segue? Você grampeia minhas ligações? Por que não me deixa em paz?

— Porque mesmo que não tenha feito esforço algum, nunca consegui te

esquecer.

Puxo-a de uma vez para perto de mim e antes que minha boca toque a dela, ela agarra meus cabelos e puxa com toda força para trás, fazendo com que minha cabeça dê um solavanco e eu quase perco o equilíbrio.

— Não me toque, seu estúpido, dominador e comedor de virgens. Vá procurar sua submissa e faça bom proveito dela.

Então ela sai da sala batendo a porta. E só não fico mais feliz, porque a merda da minha cabeça lateja onde ela puxou.

— É você que me domina, minha Sereia agressiva.

Pegar esse telefone no celular do Cleber foi mais fácil do que pensei. O imbecil me viu com o celular na mão, não perguntou o que eu estava fazendo, nem se preocupou com isso. Nosso nível de confiança um no outro às vezes é assustador. Decorei o número dela e fiz a ligação.

— Sou eu, Matheus Amorim. Preciso de você. Estou indo buscá-la, preciso que venha comigo, se quiser ajudar o Cleber. E ele não pode de maneira nenhuma ficar sabendo disso, tudo bem?

Ela concordou meio receosa, e trinta minutos depois, aqui estou, na entrada da academia esperando que Suzana apareça.

Pouco depois avisto sua cabeleira negra e toda sua elegância quando ela se aproxima.

— Um homem tão lindo esperando por mim, estou mesmo com sorte! — brinca.

— Olá, Suzana.

— O que você quer que eu faça, Matheus?

— Você? Apenas que saia do serviço mais cedo. Mas quem vai realmente me ajudar é Miss Sue.

Ela arregala os olhos e eu arregalo de volta, sei exatamente como arrancar as informações de Edmundo. Bastou apenas uma ligação para o lendário Big Cid e minhas suspeitas foram confirmadas. Edmundo frequenta o Red. Cleber vai me matar se descobrir, mas Miss Sue é uma excelente moeda de troca.

Gilcelle

Ele deve estar com uma maldita submissa agora. Vai conseguir a informação do PP, ser o herói e comemorar com ela depois. Que se dane! Eu não me importo. Mas acordo de madrugada gritando o nome dele. De novo. Celina diz que eu sempre, sempre faço isso. As coisas estão mais difíceis agora. Antes, quando ele me evitava e fingia que eu não estava ali, era mais fácil odiá-lo e tentar fingir que ele não existe. Mas agora, que ele me provoca, me enfrenta e traz o passado de volta, isso é quase impossível. E já não consigo fazer nada direito porque penso tanto em Matheus Amorim.

Ainda tenho aquela algema.

Chego à empresa duas horas atrasada, mas Cleber está tão bobo nesses últimos dias, feliz por ter conseguido finalmente Suzana, que não diz nada. Não é como se fosse adiantar alguma coisa ele dizer. Jogo-me em minha cadeira, deito a cabeça na mesa e espero. Espero meu buquê de flores. Eles chegam todas as manhãs. Espero. Espero. Espero, e ele não vem. Já são onze da manhã e nada do buquê.

Estou irritada, e querendo chorar. Acho que estou de TPM. Acho que deveria quebrar alguma coisa para me acalmar. Ligo o fone bem alto, com uma música alegre, cantarolo desafinada. Mostro o dedo do meio para Cleber quando ele faz uma careta. Eu poderia subir na mesa e deixar passar, dançar ao ritmo da música, mas isso não me acalmaria. Entro na sala de Cleber. Ando até sua adegua. Ele apenas me observa e não diz nada. Pego uma garrafa qualquer e a atiro contra a enorme janela de vidro. Há um estrondo altíssimo, e a janela fica apenas com um trincado.

— Bela decoração na janela, Gilcelle. Melhorou?

Sim, a adrenalina me consome, o peso no peito diminuiu e não quero mais chorar, quero quebrar. Pego a segunda garrafa e ele calmamente diz:

— Você deveria quebrar essas coisas na sala do Matheus. Não acho justo que acabe com minhas bebidas se a culpa do seu estado é dele.

Ando até ele com a garrafa nas mãos e me sento.

— Você sabe quem é a mulher que ele vai levar para falar com PP?

— Não faço ideia, minha querida. Mas você pode perguntar a ele. Ele vai te dizer.

— Sim, por isso não vou perguntar. Ele é sincero demais, não quero ouvir verdades, gosto de ser iludida.

Ele larga seus papéis e me encara sério.

— Gil, sou seu amigo e por isso vou falar. Você sabe como eu tinha pavor ao

amor, e como achava que não era capaz de pertencer a uma mulher só. E esse medo idiota quase me fez perder a Suzana. E eu nunca estive tão feliz como estou agora.

— Eu sei. Nunca o vi com essa cara de bobo.

— Sim. Sei que você quer odiá-lo, e ele bem merecia, mas não funciona assim. Matheus foi um idiota com você, mas ele era jovem, e já pagou por isso. Não pense que é fácil para ele vê-la todos os dias e não poder se aproximar.

— Ele não se importa. É como um botão que liga e desliga. Só quer saber o que sei fazer na cama.

Ele nega com a cabeça.

— Não é assim. Por que vocês não conversam? Por que não tentam acertar as coisas? É uma idiotice sem tamanho cada um sofrer em seu canto quando podem ser felizes juntos.

Eu o encaro, ele me encara. E então abro a garrafa em minha mão e tomo. Cleber Dantas, que até poucas semanas atrás tinha alergia à palavra amor, me dando conselhos amorosos. É o fim!

— Essa não é uma boa ideia — ele me diz.

— Que se dane! Não gosto dele, não quero saber dele e não estou nem aí para sua felicidade e sua cara de bobo! — Viro mais um gole. — Não me importa se ele come garotinhas submissas e as dispensa na manhã seguinte sem deixar uma mensagem sequer. — Volto a virar a garrafa. — Não me importa se tenho uma coleção de algemas só porque ele me prendeu com uma quando me desvirginou. E não me importa se minha irmã está desesperada precisando de dinheiro porque provavelmente foi pega fazendo algo errado com algum padre naquele convento e quer comprar o silêncio da testemunha chantagista, que se dane! Que se explodam todos vocês!

Continuo gritando toda a merda que está entalada na minha garganta e Cleber pega o telefone. Paro de gritar e viro a garrafa na boca enquanto ele diz:

— Matheus, ainda está no prédio? A Gil está bêbada. Acho que você deveria resolver isso, já tenho uma louca como conselheira e uma louca como namorada, pelo amor de Deus, socorro.

— Você, Cleber Dantas é o pior dos estúpidos. Fuxiqueiro!

Minha cabeça gira quando me levanto, então deixo a garrafa por mais da metade em cima de sua mesa e saio de sua sala. As coisas estão dobradas. Ando até o banheiro e enfio minha cabeça debaixo da torneira da pia. Calma, não estou tentando morrer afogada. Água fria, cabeça para baixo. Choro. As lágrimas escorrem para minha testa e se misturam a água fria. Bato a cabeça na pia algumas vezes.

Sabe, eu seria uma boa submissa. Eu o obedeceria, seria como seu cachorrinho

adestrado se ele quisesse. E o filho de uma puta gay me abandona e pega essas mulheres estranhas que gostam de ser fotografadas. E ele ainda faz questão de me enviar as malditas fotos. Toda semana. Por que sempre queremos o errado? Ok, vamos parar por aqui, detesto filosofar.

Tiro minha cabeça de debaixo da água, porque minha nuca parece estar congelando. Molho todo o banheiro no processo. O rímel escorreu por meu rosto e pareço uma noiva cadáver. Se Celina me visse agora, entraria no banheiro com uma xicara de café que seria dela, e me diria que me avisou para não passar tanta maquiagem, pois quando estou na merda, fico parecendo um zumbi.

Não sei quanto tempo fico ali, olhando meu reflexo bagunçado no espelho. Pensando se Cleber descontará em meu salário caso eu o quebre. Pensando no passarinho idiota que me acorda todo dia às seis horas da manhã, cantando na minha janela e que já me fez perder seis travesseiros. Pensando na idiota da minha irmã que não consegue pegar um padre com descrição suficiente para não ser pega. Pensando no imbecil... não, nele eu não estou pensando. E não me olhe assim, não estou mesmo. Pensando que tudo o que eu precisava, além de dinheiro na minha conta, era de alguém que se importasse o suficiente para me abraçar, dizer que tudo ficará bem e que me dará todo o dinheiro que eu quiser. Isso era tudo o que eu queria.

De repente a porta do banheiro abre e ele aparece. A barba feita, o cabelo loiro bem penteado para trás, seu terno impecável e a expressão séria de sempre.

— O que está fazendo aqui? Esse é o banheiro feminino, é por coisas assim que te chamam de gay.

— Você está aqui dentro há duas horas, Gilcelle. O que está havendo?

— Estou de caganeira, não posso?

— Na pia do banheiro?

— Cago onde eu quiser.

— Não seja ridícula. Diga-me o que está havendo.

Cruzo os braços e o encaro. Ele quer ouvir? Então vou falar.

— Quer que eu comece por onde?

— Pela parte que mais te aflige.

— Então não chegaremos a lugar nenhum. Não gosto de reclamar da vida, Matheus, se estou trancada no banheiro, é porque tudo me aflige.

Ele sorri.

— Você disse meu nome.

— Pequeno deslize.

— Venha aqui — ele diz estendendo os braços.

— Vai sonhando — respondo e me viro para o outro lado. Mas aí, a comporta se abre, ele para ao meu lado e deito a cabeça molhada em seu ombro. E choro.

Ele me abraça, e fica ali alisando meu cabelo molhado e dizendo que tudo ficará bem. E nem vou comentar a sensação de ter os braços dele à minha volta e sua voz baixa ao meu ouvido enquanto ele demonstra se preocupar comigo. Quando me acalmo, ele abre a torneira da pia, molha a mão e limpa o rímel do meu rosto. Com toda paciência, bem devagar. Após fazer isso ele beija cada uma de minhas pálpebras e segura meus ombros.

— Posso te ajudar em alguma coisa?

— Dinheiro. Antônio precisa de dinheiro. Ela pegou um padre, e foi pega pegando o padre. Agora está encrencada.

— De quanto ela precisa?

— Seiscentos mil.

Ele assente como se não fosse nada.

— Te dou um milhão.

Ele está brincando. Claro que está. Não sorrio, não tenho ânimo para brincadeiras.

— Vou te passar o número da minha conta.

— Eu sei o número da sua conta.

— Sabe a cor da minha calcinha também?

— Vermelha — ele diz com um sorriso. — Você a mostrou quando estava dançando em sua cadeira, parecendo uma minhoca com dor.

— Eu não estava. E você não deveria ficar me espionando.

Uma mulher entra no banheiro e nos encara. Matheus segura minha mão e me tira do banheiro.

— Vamos conversar, Sereia.

— Não me chame assim.

— Às vezes eu adoro quando você bebe.

— Estou consciente. Não se anime.

Ele me guia até sua sala, onde me sento. Então joga em mim um convite. Um convite de aniversário.

— Sua mãe está ficando velha. Grande bosta — digo sem empolgação.

— Fomos convidados para a festa dela.

— Que bom, divirtam-se.

— Você também foi.

Hoje ele está cheio de gracinhas. Aproximo-me da ponta da cadeira, apoio os cotovelos na mesa e o encaro.

— Você entrou em um banheiro compartilhado e beijou meus olhos.

— Sim.

— Você nunca entra em um banheiro compartilhado. O Cleber disse que é capaz de você explodir se sentir necessidade longe de algum de seus banheiros

particulares.

— Pois é.

— Beijar pálpebras é nojento. Eu estava com a mão na pia, você não sabe onde eu peguei, posso ter esfregado os olhos e você os beijou.

Ele faz uma careta.

— Não precisa me dar todas as possibilidades.

— Por que está fazendo isso?

— Porque parece que eu me importo — ele responde depositando os cotovelos na mesa e aproximando-se o máximo possível de mim.

— O que você quer Matheus?

— Que você vá à festa da minha mãe comigo.

— Por quê?

— Porque você foi convidada.

— Por que eu fui convidada?

— Porque a minha mãe também se importa com você.

Cruzo os braços e franzo o cenho.

— Você está me enrolando. Pare de meias respostas. Por que precisa que eu vá com você? Sua família acha que você é gay? É isso, não é? Você quer uma mulher para servir de bibelô. Posso ser seu bibelô. Tenho algumas regras e quero uma semana de folga quando voltarmos.

Ele sorri.

— Eu te dou tudo o que você quiser se for comigo à essa viagem.

— Posso querer muitas coisas.

— Te darei cada uma delas.

Eu me levanto cansada, quero ir pra casa. Não me lembre de que eu cheguei atrasada e vou sair mais cedo. Que chata você! Deixa-me sofrer.

— Aonde você vai? — ele pergunta receoso.

— Para casa. Diga ao Cleber que vá se danar. Preciso de folga dele e sua cara de bobo apaixonado.

— Vou levá-la.

— Não. Fiquei aí. Você já foi bonzinho demais por hoje. Isso já está estranho o suficiente.

— Semana passada você bebeu e tirou a blusa no elevador da empresa. No elevador cheio da empresa. Não vai para casa sozinha.

— Então hoje tirarei a saia. Não me siga Matheus, quero você longe.

— Ok.

— Ok – digo e saio de sua sala. É claro que ele me segue até eu chegar em casa.

Acordo uma bosta, o cabelo uma bosta, meu estômago grita tanto que treme

todo meu corpo. Estou com fome, e com preguiça de ir para o trabalho. Antônio me liga pelo que deve ser a sexta vez nesses últimos dois dias, e como é dia de pagamento, acesso minha conta no celular para ver o que posso fazer por ela. É aí que engasgo.

— Um milhão de reais. Tem um milhão de reais na minha conta!

Eu me visto em tempo recorde. Chego à empresa cedo pela primeira vez na vida. Nem mesmo Bah, chegou. Entro na sala de Matheus e decido esperá-lo ali. Ok, ele foi legal comigo. Ok, ele foi mais do que legal. Mas me dar um milhão de reais? Isso eu não aceito mesmo! É como se ele estivesse pagando por aquela noite que não existiu. O tempo parece não passar e Alzira entra em sua sala. Faço uma careta feia o suficiente para fazê-la correr porta afora resmungando. Ele está demorando. Sento-me em sua cadeira e fico rodopiando. A dele é bem mais macia e confortável que a do Cleber. A mesa é branca. O notebook sobre ela, branco. O chão da sala, branco. As paredes, brancas.

— Que merda. Esse homem é muito estranho.

Fico agoniada com tantas coisas brancas, quero sujar tudo. Para me distrair, ligo o notebook, e pede a senha. Digito “estúpidos”, mas não é. “V.D.A.”, não é. “Cleber é um babaca”, não é. “Sebastian é um capacho” não é. O que pode ser? Tento de novo. “Sou a merda de um Dom”. Não é. Devo desistir, mas droga, agora quero descobrir qual é a senha do notebook dele. Olho pela porta para me certificar de que ninguém está vindo e tento mais um monte de apelidos e frases, higiene, bactérias, germes, frescura, chicotes, algemas, submissas, Gilcelle, e o notebook finalmente é acessado.

— Mais que merda! Meu nome! Que merda!

Assim que liga, chega um e-mail para ele. Deve ser a tal submissa que saiu com ele ontem. Abro o e-mail, como quem não quer nada. Não quero saber sobre a vida dele, liguei o notebook para olhar meu Facebook, mas já que está aqui, vou dar uma olhadinha rápida. E não faça essa careta para mim, você também olharia. Leio o e-mail que é de Miguel, seu irmão.

“Mamãe está ansiosa para que você e Gilcelle cheguem. Preparem-se, vocês não sairão daqui enquanto não marcarem a data desse casamento.”

Ok, isso é muito estranho. Matheus conhece outra Gilcelle. Não é? Meu nome não é comum, mas Matheus não é comum, ele é estranho, e conhece gente estranha de nome estranho, não é? Fecho o e-mail e abro um de uns dias atrás, de Marcus, o outro irmão.

“Matheus, é a mamãe. Como está sua noiva? Diga a ela que mandei lembranças. Estou com saudade, já marcaram a data do casamento?”

Noiva? Matheus está noivo? O que está havendo?

Neste momento a porta abre e ele entra. Estaca ao me ver ali. Fecho o

notebook correndo e cruza as pernas, fingindo que não estou fazendo nada demais. Ele se aproxima de mim calmamente.

— Bom dia, Gilcelle.

— Bom dia, guarda-costas gay.

— Por que está em minha cadeira?

— É sua? Ah, eu me confundi de lado, desculpa. — Levanto-me e sento na cadeira de visita.

Ele se senta em sua cadeira, e me encara.

— O que você quer?

— Te fazer duas perguntas. Você conhece outra Gilcelle?

Ele arqueia apenas uma sobrancelha e parece confuso.

— Não. Por quê?

— Hum. E por que tem um milhão de reais na minha conta?

— Foi o valor que você disse que queria.

— E você vai me dar de boa vontade?

— Talvez eu vá pedir alguma coisa em troca.

Tiro a bunda da cadeira e apoio minhas mãos na mesa, aproximando meu rosto do dele.

— Tenho uma terceira pergunta.

— Prossiga.

— Por que caralho sua família acha que estamos noivos?

Ele engole em seco, olha para o notebook, sobe a tela e percebe que estava ligado. Então me encara como se não fosse nada demais. Como se fôssemos mesmo noivos e eu fosse uma maluca por questionar uma coisa tão óbvia.

— Você descobriu minha senha. Parabéns — Ele respira fundo. — noiva.

— Você só pode estar de brincadeira.

— Antes que quebre a minha sala, escute. Sente-se e me escute.

— Você só pode ser louco.

Estou tentando controlar a ira que quer me tomar e me fazer apertar as bolas dele até que ele grite como uma galinha quando tem seu pescoço cortado.

— Gilcelle, há um milhão de reais na sua conta. E quero te fazer uma proposta.

— A resposta é não. Tire a merda do seu dinheiro da minha conta e conte a sua família que é gay.

Saio batendo os pés para não tentar enforcá-lo e ele grita antes que eu chegue à porta.

— Um milhão em troca de uma semana na casa da minha família. Uma semana apenas, Gil. Fingindo ser minha noiva.

Paro na porta. Acho que estou começando a entender o que está acontecendo.

O encaro e cruzo os braços.

— Você disse à sua família que somos noivos.

— Sim.

— E se eu não for com você?

— Você tem que ir comigo.

Volto para a cadeira e me jogo nela.

— Quero dois milhões. Uma semana é muito tempo, você é insuportável, sua família é maluca, e não sou obrigada.

Ele se apoia de novo nos braços e responde:

— Um milhão e meio, é minha última oferta.

— Dois milhões, nada menos. Se insistir eu desisto de ir com você.

— Então desista. Posso levar uma de minhas meninas e dizer que troquei de noiva.

— E eu vou ficar como a largada na cidade toda?

— Verdade. Não tinha pesando nisso. Te dou apenas um milhão, é pegar ou largar.

— Já disse que te odeio?

— Você é difícil de aturar. Vai assustar minha família e traumatizar minha mãe. Oitocentos mil.

— De jeito nenhum, não faço nada por menos de um milhão.

— Fechado. Te dou um milhão. Viajamos na semana que vem.

Não acredito que caí nessa. Não acredito que esse estúpido me dobrou desse jeito. O sorriso idiota que se instala em seu rosto me irrita, ele acha que ganhou.

— Posso chegar na casa da sua família e contar que você inventou tudo e me pagou para ser sua acompanhante. Que na verdade vive com um garoto de programa que torra todo o dinheiro da sua empresa. Quero dois milhões para ser sua noiva exemplar.

Ele sorri mais ainda.

— Eu amo a sua inteligência, Sereia. Fechado. Vou mandar depositar mais um milhão na sua conta. E vou lembrá-la toda noite sobre isso de ser uma noiva exemplar.

Levanto-me sorrindo.

— *Querido*, nem sempre exemplos são bons.

— Vou te manter na rédea curta, *querida*. Ainda tenho um chicote.

— Você não vai pôr as mãos em mim mais do que o necessário, *querido*.

Ele se levanta da mesa e se aproxima de mim. O encaro com o nariz empinado, deixando bem claro que eu venci essa.

— Vou colocar as mãos, e tudo o que eu quiser em você, a hora em que eu quiser, e você vai aceitar de bom grado e implorar por mais — ele diz com tanta

determinação, que quase ajoelho aos seus pés e digo “sim mestre”.

Mas me recupero a tempo e me afasto de seu olhar hipnótico e daquela voz autoritária deliciosa e me recomponho sem que ele perceba.

— Até mais, querido.

— Espere, temos que selar nosso acordo — ele diz e me puxa, e de repente sua boca está na minha. Ele segura minha cabeça com as duas mãos e me beija com tanta força, que dói, e gemo em seus lábios fazendo com que me aperte mais ainda. Enfio a mão em seus cabelos, puxando-o para mais perto, e ele me guia a algum lugar que só percebo ser a porta, quando ele se afasta de uma vez e a abre. — Vá para sua mesa querida, preciso trabalhar.

Ele me empurra porta afora, confusa e irritada, e quando me viro de costas, ainda acerta um tapa na minha bunda antes de bater a porta na minha cara atônita.

Bah também está atônita me encarando ali, com o batom borrado, os lábios inchados, descabelada e agredida.

— Tem cada doido neste lugar — ela comenta dando de ombros e me dirijo ainda atônita à minha mesa.

Ok, você que está de fora e não acabou de receber um beijo devastador seguido de um tapa do seu chefe gay, me diga: quem saiu por cima nessa proposta idiota? Que pergunta boba, eu, é claro. Terei dois milhões na conta. Posso suportar uma semana com a família maluca e o chefe gay por dois milhões. Posso suportar até mesmo Anitta cantando ópera por dois milhões. Eu saí por cima.

Ao chegar à minha mesa, me deparo com um conhecido envelope. O abro e ali está, a submissa da semana. No apartamento de Matheus, a mulher está vendada, amordaçada, com as mãos presas para trás, provavelmente por uma algema, e nua. E apenas um pedaço do corpo nu de Matheus aparece na foto de frente para a mulher.

— Maldito! Maldito! Vai achando que vai usar em mim o mesmo chicote que usa nelas. Você não vai suportar uma semana ao meu lado seu maldito! — grito para o pedaço de seu corpo nu na foto. — Você vai me mandar embora e terá que me pagar mais dois milhões por isso. Ah Matheus, não vai me fazer de boba de novo. Antes disso eu acabo com você. Vamos ver quem vai dominar quem, seu estúpido idiota.

Está decidido, Matheus Amorim vai aprender que ninguém brinca duas vezes com Gilcelle Lopes. Ninguém brinca sequer uma vez com Gilcelle Lopes, mas duas, é pedir para morrer.

Matheus

— Suzana Leal, a namorada do ser mais estúpido que conheço, é a mulher mais inteligente e sensual que já vi na vida — digo para Sebastian, que concorda.

— Cleber é um tremendo filho de uma puta sortudo.

— Não diria isso. Mulheres inteligentes são um perigo. Veja você, como se tornou um capacho.

Ele cruza os braços e me encara com um sorriso.

— Pelo menos a Celina não tem mania de apertar bolas. Vamos ver como vai se sair se a maluca da Gilcelle descobrir as fotos que estão no seu celular.

Dou de ombros. Ela esfrega homens na minha cara há três anos. Vai sobreviver a algumas mulheres nuas.

— Vou levá-la comigo para Baependi. E ela vai fingir ser minha noiva.

Ele fica tanto tempo olhando para o nada, parece em outro mundo. Espero. Conhecendo Sebastian como conheço, está analisando a situação. Pouco depois, ele abre um sorriso idiota e sei que estou mesmo ferrado.

— Ela concordou com essa merda?

— Por dois milhões.

Então ele cai na gargalhada.

— Dois milhões? Você vai ficar falido e sem bolas até o final da semana que vem. Meu amigo, foi um prazer te conhecer, por favor, deixe sua parte da empresa para mim no testamento. Nós dois sabemos que o Cleber não merece. E eu vou ser pai. Logo, mereço sua parte. E no mais, só posso te desejar que continue vivo. — Ele nota minha cara séria e para de rir. — Tudo bem homem. Do que você precisa?

— De você? Nada. Preciso da sua noiva.

Antes que ele responda, Celina entra na sala. Está linda com um vestido azul soltinho e sua barriga enorme.

— Olá, Matheus, você me chamou?

Levanto-me e beijo seu rosto, então toco sua barriga e a bebê chuta.

— Olá, lindinha do titio. Olá Celina, muito obrigado por ter vindo.

— Eu sabia que você ainda precisaria dos meus conselhos.

— Você vai pedir conselhos a ela? Amorosos? Que merda, não viu o que aconteceu com o Cleber?

Celina o encara com uma careta.

— Cleber só está com a Suzana agora, graças a minha inteligência e aos meus planos. Então Sebastian Vaughn, a menos que tenha algo que vá fazer a Gil amar

o Matheus incondicionalmente, sugiro que cale a sua boca e não opine no que não sabe.

Porra! Eu não sobreviveria à Celina Morelli de jeito nenhum. Mas Sebastian a encara com um sorriso, ela o encara de volta, e o bundão diz:

— Estava com saudade da sua agressividade, amor.

Ela sorri docemente e constato que meu amigo é realmente um gênio. O homem doma a Celina. Mesmo que pareça o contrário.

— Sei que vocês dois estão doidos para cutucar a cabeça da minha sobrinha agora, mas Celina, preciso de você.

Ela senta-se à mesa e me olha com um sorriso enorme.

— Preciso que me acompanhe a um encontro. Um encontro com Suzana. Preciso de conselhos dela, mas se for sozinho, Cleber me mata.

Ela arregala os olhos e parece que vai saltar sobre mim ao descer da mesa.

— Matheus Idiota Amorim! Você acabou de dispensar os meus conselhos amorosos para receber conselhos da Suzana? E ainda me fez sair de casa para isso? Para uma aula de conselhos amorosos e eu serei uma aluna apenas? É isso mesmo?

Olho para Sebastian pedindo socorro, mas o infeliz dá de ombros. Todos nós sabemos que a mira da Celina é mais certa do que a loucura da Gilcelle. Todos nós sabemos o quanto ela ama raios e sapatos voadores. Não me surpreendo com o raio que risca o céu enquanto ela me olha furiosa. Como dizia o Cleber, ela é uma bruxa. A bruxa mor das três bruxas que amamos.

— Ce... Celina. Minha querida Celina.

Ela cruza os braços e me encara. Preciso de uma desculpa. Algo que não deixe parecer que estou mesmo dispensando seus conselhos e os trocando pelos da Suzana. Veja se você me entende. Celina é ótima com conselhos, mas é extremamente cruel. Suzana ao menos é boazinha.

— Sim Celina, é exatamente isso. Mas você estará lá e não é como se fosse ficar calada a conversa toda. Tenho absoluta certeza de que você vai acabar comigo nas horas certas.

Então ela sorri.

— Vou mesmo. Acabar com vocês é meu esporte favorito. Vamos estúpido, vamos encontrar a odalisca do Cleber.

Conheci Suzana antes de ontem, ela foi comigo atrás de PP, e embora o imbecil não nos tenha dado a informação que precisávamos, quase babou por ela, e deu uma pista, que pode ajudar o Cleber a desvendar tudo e acabar com essa quadrilha golpista. Então, quando estávamos voltando ao apartamento dela, ela me ouviu. E devo dizer que é muito inteligente, e claro, por ser uma dançarina de um clube noturno, é extremamente sensual. É aí que preciso dela. E

Celina está nessa porque Cleber me pegou com Suzana no elevador, não estávamos fazendo nada, mas o estúpido do meu amigo é quase doente de tã ciumento, e me deu um recado claro de que não devo ficar sozinho com ela. Por isso, Celina vem comigo. Não quero de jeito nenhum lamber o chão.

As duas se cumprimentam como se fossem melhores amigas. E sinto o perigo, caso Celina decida apresentar Suzana e Gilcelle. As três juntas, não tem homem que aguente. Uma mistura perigosa de inteligência e loucura, essas três.

— Olá de novo, Matheus — ela diz com um sorriso.

— Suzana, querida, obrigado por ter vindo.

Sentamo-nos em uma pequena mesa de uma cafeteria, Celina pede um monte de coisas diferentes para beber, enquanto Suzana pede apenas um expresso. E eu, não peço nada porque esqueci minha caneca na empresa.

— Não vai pedir nada? — pergunta Suzana.

— Não — responde Celina. — Ele está sem a caneca, não coloca a boca em nada que não saiba qual é a procedência.

Suzana segura um sorriso e Celina dá de ombros.

— Em que posso ajudá-lo, Matheus? Ou será que dessa vez também precisa de Miss Sue?

— Suzana, eu preciso de vocês duas. Consegui o que você me disse, o que eu estava tentando. Vou tirar a Gilcelle da cidade.

Celina engasga com o mocaccino e me olha.

— Ela aceitou? Fácil assim?

— Não foi fácil, tive que usar toda minha inteligência, comecei o assunto quando ela estava meio bêbada, e terminei quando já tinha depositado um milhão na conta dela.

— Uau! Você sabe como agradar uma mulher — diz Suzana.

— Vou contar a vocês a confusão em que me meti. — Então conto à Suzana tudo desde o começo. Sobre aquela noite, sobre eu ter ido embora, sobre ter escrito uma carta me declarando que era idiota e gay pra caralho, e sobre minha mãe ter achado essa carta quando fui para a faculdade. E depois, quando achei Gilcelle e a coloquei na V.D.A., minha mãe deduziu que estávamos juntos, porque eu a amava. E nunca fui homem o suficiente para desmentir e revelar a ela o quão covarde sou. Digo sobre a mentira que não comecei, mas que desenvolvi e sustentei por três anos e digo que ela vai viajar comigo, para se passar por minha noiva.

— Essa é sua chance, Matheus. Você tem uma semana para domá-la — diz Celina. — Não acredito que vou fazer isso, eu ajudo mulheres a domar homens, não o contrário, mas me ligue durante essa viagem, e aconteça o que acontecer, não desista. Ah, e use um protetor para saco.

— Já pensei nisso.

— Bom, você conseguiu. Uma história tão linda fadada ao fracasso — comenta Suzana suspirando.

— Sempre digo isso — diz Celina.

— Não seja um covarde, não a deixe duvidar nem por um segundo do que sente e a terá em suas mãos — diz Suzana docemente.

Encaro Celina.

— Está vendo por que prefiro os conselhos dela? Por que você não pode ser doce?

Ela dá de ombros e enfia o resto da torta que comia na boca. Mastiga vagorosamente e quando engole, diz:

— Se eu fosse doce com vocês, Sebastian seria um mulherengo perdido e solitário. Cleber seria um solteirão comedor de gêmeas, e você estaria trancado na sua sala ouvindo aquela musiquinha insuportável, enquanto a Gil fingiria pegar homens que não pega para tentar chamar sua atenção. Vocês são todos enrolados, covardes e dramáticos demais. Precisam que eu chute suas bundas de vez em quando. Fazer o que, cada um tem a Celina que merece.

Sorrio. Adoro essa mulher. Sebastian é a merda de um sortudo, apesar de tudo.

— Não entendo por que me chamou aqui, Matheus. Você tem a Celina, ela é muito mais experiente em amor do que eu — diz Suzana.

— Acontece que não preciso dos seus conselhos no amor. O buraco é mais embaixo.

— Mais embaixo como?

Celina começa a rir e conto a Suzana:

— Gilcelle acha que sou dominador, e ela gosta disso. Então, preciso aprender a ser um, antes dessa viagem, será que você poderia me ajudar?

Primeiro ela arregala os olhos, depois encara Celina atônita, mas então, um sorriso surge em seu rosto.

— Matheus, querido, você está falando com a pessoa certa. Farei de você o dominador que sua Sereia quer.

Celina bate palmas imediatamente.

— Ah, vou adorar ver como você vai fazer isso. Porque duvido muito que nosso estúpido com defeito tenha coragem de pegar em um chicote, sem antes esterilizá-lo.

— Faria isso por uma questão de higiene, sua encrenqueira — retruco.

Mas Suzana faz uma careta e diz:

— Ah Matheus, primeira lição: deixa de ser fresco! Honre o que tem no meio das pernas e coma direito sua mulher.

Meu Deus, parece o Cleber falando. Acho que isso não foi uma boa ideia.

Acho que isso não vai dar certo. Devo ter dito isso em voz alta, pois Celina imediatamente responde:

— Se essa for a única maneira de conquistar a Gil, Matheus, então tem que dar certo.

Ela está certa, não tenho nada a perder. O que vai ser uma doencinha, uma bacteriazinha de nada, se eu tiver a Gilcelle comigo?

— Tudo bem. Sou todo seu, Suzana, me transforme na merda de um Dom.

Ela bate palmas, animada, e estende um dedo à minha frente.

— Pergunta número um, como você faz sexo?

Ainda bem que não estava bebendo nada, porque até Celina engasga com o suco de laranja.

Ah merda! Isso vai ser mais difícil do que eu pensava.

Capítulo 06

Matheus

As duas bruxas me encaram. O copo de suco está parado no meio do caminho entre a mesa e a boca de Celina, e ela me olha com tanta expectativa, que quase saio correndo. Desvio meu olhar para Suzana, e a bruxa boazinha está calmamente balançando a xícara de seu expresso, como se não tivesse acabado de me perguntar uma coisa dessas. Pigarreio. Talvez eu devesse beber alguma coisa.

— Vamos Matheus, não tenho o dia todo — reclama Celina.

Olho para Suzana em busca de socorro, mas ela me encara de volta com um sorrisinho.

— Não perguntei a senha da sua conta bancária, Matheus. Apenas como você faz sexo.

— Você fala isso como se fosse uma pergunta normal.

— É uma pergunta normal – ela responde. – Todo mundo faz sexo. Todo mundo conhece sexo. Por que não seria normal?

— As pessoas não andam por aí perguntando umas às outras como elas transam, Suzana. É por isso que o Cleber ama você, sua devassa.

Ela dá uma gargalhada e Celina revira os olhos impaciente.

— Você não vai dizer, não é? — Suzana insiste.

Nego com a cabeça e me encolho na cadeira. Malditas bruxas. Maldita hora em que me apaixonei por uma bruxa. Maldita ideia maluca de pedir conselhos à Suzana com a Celina por perto.

— Bom, neste caso, desista. Se a Gil gosta de um Dom e você sequer fala sobre sexo, nunca será o homem que ela espera. Diga a ela para me ligar, conheço uns dominadores que adorariam...

Levanto o dedo indicador e ela se cala. Tudo bem, eu preciso fazer isso. Não é pior do que apertar a mão de lagartão após uma passada dela no pau. Não é pior do que segurar o cabelo da Gilcelle cada vez que ela bebe mais do que seu corpo suporta e vomita tudo depois. Não é pior do que entrar no banheiro feminino e beijar suas pálpebras. Não é. Eu posso fazer isso.

Olho para Suzana e tento ignorar Celina, bruxa mor, me encarando em expectativa.

— Termina a droga desse suco! — digo a Celina — Não vou dizer nada com ela aqui. — digo a Suzana apontando para Celina.

Suzana é quem revira os olhos e Celina vira o copo de suco na boca e olha para Suzana.

— Vamos ao shopping, Sue? Esse estúpido não é homem para falar a palavra sexo, imagina para fazer? Uma história tão linda fadada ao fracasso, eu disse. — Então ela me lança seu olhar de bruxa com um sorriso doce. — Você vai conquistá-la querido estúpido. Assim que virar homem. Tchau.

Ela se levanta pegando sua bolsa, e Suzana a acompanha, soltando um suspiro frustrado e resmungando.

— Eu queria tanto ensiná-lo a ser um Dom! Matheus você tirou o doce das mãos de uma criança.

Merda! Lá se vai minha única esperança de não estragar tudo com ela nessa viagem. Não posso permitir. Preciso falar, falar não é nada demais, não faço nada demais, não vou morrer, nem adoecer por isso.

— Esperem! — grito.

Mais do que depressa as duas voltam e se jogam em suas respectivas cadeiras, e em perfeita sincronia penduram a bolsa, apoiam os cotovelos na mesa e me encaram.

— Isso é assustador. Vocês duas precisam parar de andar juntas.

— Sexo, Matheus. Agiliza. Como você faz sexo? — insiste Suzana.

Pigarreio, gaguejo, desaperto o nó da gravata. Não me importo de falar sobre sexo, mas é muito constrangedor quando são as namoradas dos meus melhores amigos perguntando. Elas vão contar para eles, e eles vão usar isso contra mim o resto da minha triste vida.

— Eu faço como qualquer outro cara faz — digo.

— Mais detalhes, Matheus. Mais informações — pede Suzana.

— As levo para o meu apartamento. As faço tirar a roupa. E depois as como.

— Espera — diz Suzana estendendo as mãos. — Você as faz tirar a roupa? Quer dizer que não as despe?

Concordo com a cabeça.

— Nunca? — ela insiste.

— Não.

— Por que não?

— Porque elas já sabem que devem estar nuas quando eu chegar.

Celina franze o cenho e Suzana estende novamente as mãos.

— Espera, está dizendo que elas vão sozinhas para o seu apartamento? Você não as leva?

Abro o primeiro botão da camisa. Parece que estou suando, odeio suar.

— Não tenho esse tipo de relações, Suzana. Não as levo para jantar e não mando flores. Não sou assim.

— Então, como você é? — ela pergunta — Qual é esse padrão que você segue? Você combina com elas de te esperarem nuas em seu apartamento? Tem

dias certos? Explique melhor.

Celina não diz nada. Mas me encara com olhos tão grandes que imagino que irão saltar das órbitas a qualquer momento. Está totalmente imóvel, acho que nunca a vi quieta assim por tanto tempo.

— Pare de me olhar assim, Celina. Você está me constrangendo.

— Vá à merda. E conte mais. Isso está mais interessante do que eu imaginava.

Encaro Suzana, que faz um gesto impaciente com a mão para que eu continue.

— Vocês pediram. São várias mulheres, só as levo para meu apartamento quando tenho absoluta certeza de que são de confiança. Tenho uma governanta ciente de tudo e ela deixa entrar apenas as que eu quero. Só como uma de cada vez. E elas sabem qual é o meu padrão. Quando chego, estão nuas, ao lado da minha cama, exatamente onde devem estar. Elas não falam, não me tocam e fazem apenas o que gentilmente peço. Sim, eu as como na cama, na cama própria para isso. Eu as beijo, as toco, como qualquer homem faz. Não tomo café com elas, não sei seus telefones, de algumas, o endereço. Não prometo nada. Não sou carinhoso. E elas não podem se envolver com nenhum outro homem que não seja eu.

Agora Suzana também está com os olhos grandes e totalmente parados. E isso me assusta.

— Diga alguma coisa, Suzana. Acha que tenho salvação?

Ela engole em seco e respira fundo antes de falar.

— Matheus, você disse que elas não falam, e não o tocam. Como você consegue isso? Como faz para que elas não falem nem o toquem?

Dou de ombros.

— Eu as amordaço e as algemo, é claro.

Celina dá um pulo na cadeira, e o copo que estava vazio em sua mão, estilhaça no chão. Suzana parece de repente sem ar. As duas se encaram e Suzana pede calma a Celina. Não estou entendendo mais nada.

— Matheus — Suzana chama com aparente excitação na voz. — Você sabe o que um Dom faz?

— Dá chicotada? Gilcelle fala muito de chicotes. Não sei, achei que você me ensinaria isso.

Ela nega com a cabeça.

— Um dominador exerce controle sobre tudo, Matheus. Sobre absolutamente tudo, quando se trata de suas submissas. Quando digo que exercem controle, quero dizer que elas fazem o que ele quer, do jeito que ele quer, na hora que ele quer. Dominadores têm um padrão, e elas seguem. Eles ditam as regras, e elas obedecem. E eles conseguem com que elas obedeçam amordaçando, amarrando, algemando, impedindo de alguma maneira que possam fazer algo que ele não

quer que elas façam.

— Mas eles usam chicotes — confirmo.

— Sim, porque quando elas não obedecem, são castigadas. Por isso usam chicotes e muitas outras formas de punição. O que você faz se uma delas não obedece?

Acho que ela não vai gostar de ouvir a resposta. Acho que Celina, defensora das mulheres, atirá o sapato na minha cara assim que eu disser, mas não consigo pensar em uma desculpa a tempo, e acabo soltando a verdade.

— Não é questão de obedecer, eu não ordeno nada, apenas peço. Eu as torturo. Com prazer. As levo ao limite e não permito que tenham o que buscam. É assim que as torturo por não fazerem o que peço.

Celina emite uma espécie de grito e Suzana bate palma maravilhada.

— Não acredito! Não acredito! — Suzana repete — É a primeira vez na minha vida que vejo algo assim, e olha que já vi de tudo nessa vida.

— O que isso quer dizer? — pergunto.

Então ela começa a rir, a gargalhar. E Celina também. Estão rindo como se eu tivesse cantado a sofrência em uma boate neste exato momento. Irrito-me. Estou aqui para pedir ajuda, e estou fazendo papel de idiota enquanto as duas bruxas malucas riem da minha cara. Levanto-me para ir embora, mas Suzana me segura pela mão.

— Desculpe-me. Sente-se. Vamos terminar a conversa.

— Não estou vendo qual é a graça – reclamo me sentando de novo.

— É que Matheus, eu nunca na minha vida vi alguém ser dominador sem saber que o é. Você é tipo um Dom por acidente — ela diz e começa a rir de novo, acompanhada de Celina que está vermelha de tanto rir.

— Espera! Vocês estão achando que sou um Dom porque prendo as mulheres? Estão enganadas, eu não sou. Apenas não gosto que me toquem, e descobri por acidente que algemas excitam e servem para impedir isso.

— Descobriu como? — pergunta Suzana.

— Eu... quando eu... eu... — olho para Celina, não é legal falar de minha noite com a melhor amiga dela em uma mesa de cafeteria.

— Você vai falar da Gilcelle, não é? Desembuche, eu não me importo. Já ouvi Cleber falar da minha xoxota mágica e até da xoxota da Suzana, acredite, depois de um ano convivendo com vocês, nada me assusta. Conte logo como você descobriu as algemas.

— Gilcelle tinha uma coleção. Não me perguntem por quê. Mas ela as tinha aos montes na gaveta do criado mudo. E então, enquanto estávamos... — Faço um movimento com o quadril, para não ter que falar e as duas riem, merda! — Ela é agressiva. Muito agressiva. Tinha as unhas enormes e me arranhou todo. E

tem mania de puxar cabelos. Vocês vão dizer que isso é excitante, e é verdade. Mas não gosto de ser controlado. Então não tive outra saída, tive que prendê-la com a algema, para que pudesse sair daquela cama com minha pele nas costas e meus cabelos na cabeça. Foi autopreservação.

As duas parecem em choque. Em perfeita sincronia olham uma para a outra.

— Que merda! Parem de fazer isso — reclamo.

E então as duas começam a rir de novo. Ainda mais do que antes. Lágrimas escorrem pelos olhos de Celina, e ela parece até sem ar. E Suzana joga a cabeça na mesa e vejo apenas seu corpo tremer e ouço sua risada de bruxa.

— Suas bruxas! Não sei por que ainda conto com vocês!

— Espere — Suzana diz com muito custo. — Desculpe-me novamente. — Ela respira fundo e parece se controlar. — É que Matheus, isso é hilário. Você se tornou um Dom porque sua primeira parceira te batia.

As duas voltam a rir e seguro as duas pelo queixo, obrigando-as a olharem em meus olhos.

— Parem de rir vocês duas. Calem a merda da boca e conversem como adultas.

Suzana pisca os olhos, confusa, e Celina se afasta de uma vez de meu aperto em seu queixo.

— Caralho! — grita Celina — Ele é mesmo um Dom. Você acabou de me dar uma ordem, Matheus Amorim? E eu obedeci. Não consigo mais rir. Que merda. Desfaça isso, me mande rir de novo agora. Que macumba é essa?

— Acalme-se, Celina. Isso não é nada demais, é dom de todo dominador. — Suzana então me olha séria, como se não estivesse se desmanchando de rir de mim há dois minutos. — Matheus, seu caso é fácil. Só preciso te mostrar algumas ferramentas, e o resto, você saberá fazer sozinho.

— Isso não me inspira muita confiança, Suzana querida.

— Não se preocupe. Vou mostrá-lo tudo o que vai precisar, e você irá me dizer como usaria cada coisa. Se estiver errado, eu aviso. Mas tenho absoluta certeza de que você vai se sair bem.

— De que ferramentas estamos falando?

— Ferramentas de um Dom – ela responde. – Só uma pergunta, por que a Gil tinha uma coleção de algemas?

Celina dá de ombros e responde:

— Ela ainda as tem. Muitas mesmo. Disse-me uma vez que gostava, achei que ela tivesse uma tara por policiais. Nunca imaginei que as guardaria porque o Matheus usou uma nela naquela noite que nunca aconteceu.

Por um momento, me perco perguntando-me se ela ainda tem “aquela” algema. Se ela tiver, então sim, signifiquei muito mais do que ela quer admitir,

muito mais do que o primeiro. Se ela guarda aquela algema, como guarda as flores que mando, então minha Sereia não é tão impossível assim. Volto a mim ao perceber a mão de Suzana estendida em minha direção, e Celina de pé ao seu lado. Ambas sérias demais.

— Vamos querido — Suzana chama.

— Para onde estamos indo? — pergunto, me levanto e as sigo.

— Para o sex shop, onde mais?

Paro imediatamente.

— De jeito nenhum! Não vou entrar num sex shop.

— Por que não? — pergunta Celina.

— Porque não! Homens não entram nessas coisas. Homens não usam essas coisas. Não vou entrar com uma grávida em um sex shop. Isso é ridículo.

Celina me puxa pela mão e Suzana me empurra, enquanto Celina resmunga:

— Homens não entram em sex shop? Querido, homens não ouvem Toni Braxton e não levam suas próprias canecas para beber em bares. Homens não têm medo de bactérias e germes e o mais importante, homens se preocupam mais em dar prazer às suas parceiras do que em como farão isso. Sua masculinidade já está afetada o bastante, Matheus, acredite, entrando em um sex shop com a Suzana, você a estará salvando. E vai entrar com uma grávida também, porque eu não perco isso por nada.

Assim, as duas bruxas conselheiras me arrastam até um maldito sex shop, em uma galeria no centro da cidade. O lugar é pequeno e para minha surpresa, está cheio. De mulheres, é claro. Nenhum homem está aqui dentro. Nenhum além de mim, o que me faz ser de imediato o centro das atenções. Olho tudo: várias pomadas, géis, fantasias, máscaras, chicotes, algemas, e paus. Paus de várias cores e vários tamanhos. Aponto para um indignado e cutuco Suzana.

— Não deveriam fazer isso. Para que um pau desse tamanho? Depois as mulheres começam a nos comparar com essas coisas. Ficam exigentes, sabe.

Suzana aponta então para uma bela loira que entra na loja, seus seios são enormes e aparentemente bem duros. Silicone, é claro. Mas não consigo deixar de olhar.

— Se vocês homens podem comparar os tamanhos dos nossos seios e bundas, também podemos comparar os tamanhos dos seus paus. — Então ela aponta para duas coisas estranhas com correntes penduradas. — Sabe o que é isso?

Leio a embalagem sem tocá-la.

— Grampos para seios.

— Dominadores usam isso – ela diz.

Assinto e a sigo. E Celina me segue calada, as pessoas também olham para ela com essa barriga enorme e esse rosto de anjo. Devem achar que a estamos

desvirtuando, Suzana e eu. Então Suzana aponta para uma coisa pequena, com uma cabeça redonda ligada a um fio, e antes que ela pergunte, já digo.

— Plug anal. Nem todas as mulheres cedem, e não é algo que eu possa exigir delas.

Ela sorri e bate palmas.

— Parabéns, querido Dom, você sabe respeitar limites.

Continuo seguindo-a com Celina atrás de mim, ela para perto de uma vitrine de vendas e mordanças, muitas delas.

— Isso você já conhece e sabe que precisa.

— Sim. Tenho algumas.

— Ótimo.

— Suzana, o que pretende com tudo isso? — pergunto quando ela pega nas mãos duas bolinhas que parecem de metal.

— Você teria nojo de enfiar isso em uma mulher? — pergunta me desafiando.

— Não querida, eu já fiz isso.

— Uau! Você está me saindo melhor do que a encomenda. Eu pretendo mostrar a você, adorável Dom, que você não precisa de nenhum tipo de lição quanto a isso. Pode ser por acidente, pode ser por frescura, mas você Matheus, é um Dom.

Dou um sorriso debochado.

— Isso é tudo? Vai me dizer que não vai dizer o que eu quero que diga, porque eu já sei?

— Não preciso ensiná-lo a usar coisas com as quais está habituado. Você pode tentar coisas diferentes, como gel, anéis, cordas, barras extensoras que pode usá-las para que fiquem suspensas no ar. Há muitas coisas que eu sei que você sabe para quê servem. Mas, há uma coisa que precisamos corrigir — ela diz olhando-me dos pés à cabeça. — Matheus Amorim! Onde estão as coisas que você deveria estar carregando?

— O que eu deveria estar carregando?

Celina me empurra e estende um amontoado de coisas, plugs, grampos, vendas, gel, coisas que Suzana me mostrou e que fiz questão de não tocar.

— Isso estúpido. Você deveria estar carregando isso. Não pretende usar com a Gil os mesmos apetrechos que usa com suas submissas, não é?

— Elas não são submissas — explico. — Apenas boazinhas. E não vou tocar em nada disso antes que passe por algum tipo de esterilização.

Celina fecha a cara e Suzana tapa os olhos com as mãos.

— Matheus! — Celina diz com a voz controlada. — Estão lacrados, fechados, virgens! Ninguém os usou. Qual o problema de você pegá-los?

Dou de ombros.

— Não sei. Quem me garante que não foram usados? Nunca se sabe quando uma vendedora assanhada fica depois do horário com um vendedor da loja ao lado, usa essas coisas e depois as limpa de qualquer jeito e as sela de novo na embalagem — digo e imediatamente peço desculpas à vendedora que me encara em choque. — Não a estou acusando de nada, são só hipóteses.

Celina olha para Suzana, e não consigo ver o que as duas tramam com essa troca de olhares. Mas de repente, algo voa em minha direção.

— Segura! — grita Suzana.

Pego a coisa no ar e é um pau. De silicone, já que a coisa fica balançando para todos os lados, e rosa, com glitter, para piorar. Arremesso a coisa mole longe e encaro Suzana, furioso.

— Sua louca! Você pegou isso desta banca? Desta banca de coisas usadas e jogou em mim?

— Não é uma banca de coisas usadas — ela explica. — É de produtos com pequenos defeitos.

O pau que ela jogou em mim estava ali, junto a muitos outros, fora das embalagens e há um cartaz dizendo que são produtos com defeitos leves.

— E como você acha que descobriram que está com defeito? Eles testaram! Suzana!

Saio do sex shop batendo os pés. Quero ligar para Cleber e dizer que jogarei o amor da vida dele do terceiro andar dessa galeria. Aliás, quero pular desse terceiro andar, porque sei que as bruxas que pensei serem minhas amigas, contarão isso aos estúpidos delas e ganharei no natal uma coleção de pintos moles e brilhantes. E como que adivinhando meus pensamentos, ouço as duas pegarem os celulares. Tiro-os das mãos delas e jogo-os em meus bolsos.

— Nem pensem nisso. Não vão contar para aqueles idiotas suicidas dos namorados de vocês. Celulares confiscados.

Volto a andar, irritado.

Ouçó as risadinhas das duas que me seguem e me viro irritado.

— Suas bruxas! Não me sigam!

As duas param imediatamente onde estão.

— Parem de me obedecer assim!

Então elas voltam a andar.

— Mais que merda! Vão embora as duas. E nunca mais falem comigo. — Elas se viram e caminham na direção oposta. — Não! Preciso levá-las! Voltem aqui. Vamos até o carro e não quero um pio de vocês duas.

Elas se olham de novo, dão de ombros em perfeita sincronia e me seguem.

— Caralho! Como é que vamos aguentar essas mulheres juntas, meu Deus? Como faremos isso? Vocês, duas bruxas, e aquela Sereia bruxa vão nos

enlouquecer, nos mandar para o hospício.

— Vocês nunca deveriam ter saído de lá — retruca Celina.

— Você falou, Celina?

— Não! — ela diz imediatamente. — Estou perfeitamente muda.

— Que bom. Andem mais rápido.

Tudo bem, nada de pânico. Só preciso amarrá-la, teria que fazer isso de qualquer jeito, pois suas unhas estão ainda maiores do que naquela noite. E seria bom prender seus pés também, pois ela meio que chuta forte quando goza. Tudo bem, posso fazer isso, você vê? Não é tão difícil. Dar ordens, foder direito, prendê-la. Eu posso fazer isso. Na verdade, se tratando da Gilcelle, eu nasci para fazer isso.

Vou domar você, minha Sereia bruxa e então a deixarei mole implorando por mais. Nem que eu tenha que tocar em um chicote usado. Nem que eu tenha que me ajoelhar diretamente no chão. Eu a dominarei Gilcelle Lopes. E vocês, minhas garotas, aguardem e verão o Matheus Dominador em ação.

Gilcelle

Há alguma coisa estranha entre Matheus e Suzana. Acabamos de sair de uma reunião com Cidão, o chefe dela, e Matheus não parou de olhá-la um minuto. Até deu uma piscadela para ela, e claro, foi ameaçado por Cleber em seguida. Mas não parou por aí. Os dois têm um certo tipo de intimidade. Sei que Cleber também percebeu. Pergunto-me se Matheus está fazendo isso para se vingar, já que acha que sinto alguma coisa pelo tapado do meu chefe, mas não, ele também acha que não sinto nada por ele. Quer dizer, não sinto mesmo, então isso não é uma vingança.

Matheus realmente gosta de Suzana. E passei toda a reunião imaginando o que eles fizeram quando ele a usou para arrancar informações de PP que os uniu assim. Assim que a reunião acabou, catei Suzana pelo braço e a trouxe para um tour pela empresa. Preciso ser rápida, pois Cleber logo virá atrás dela.

— Veja, essa é a recepção e aquelas três são as garotas que você deixou depressivas ao fisgar o Cleber.

— Ele pegava as três? — pergunta espantada.

— Nenhuma delas. Mas adorava ser paparicado. Atualmente ele mal dá bom dia.

Ela sorri satisfeita e subo para o quarto andar, já que o segundo e terceiro são garagem.

— Isso aqui é onde fica o almoxarifado e veja — digo aproximando-a da janela e fazendo-a olhar para baixo. — Já é alto o suficiente.

— Para? — pergunta.

Dou de ombros.

— Sei lá. Só quero que saiba que é bem alto.

— Entendi — ela responde com um sorriso.

Há algo sobre ela, onde passa, os homens olham. Sério mesmo, eles viram cabeça como a menina do exorcista para comê-la com os olhos. Suzana é muito bonita. Acho que Matheus percebeu isso.

Subimos para o oitavo andar e mostro o RH.

— Aqui é o RH. Aquela é a Lurdinha, Sebastian a pegava antes da Celina.

— E a Celina se dá bem com ela?

Dou uma gargalhada.

— Estamos falando da Celina e de uma ex do Sebastian. Claro que não se dão bem. Mas Celina é temida aqui dentro, ninguém vai contra ela. Você devia ver o que ela fez com a Vernee, outra ex dele.

— Claro, a pontaria. Estou sabendo. E a barata voadora, ela me contou.

— E as pragas. Não se esqueça das pragas. Eu que a ensinei.

Ela me olha com um sorriso estranho e assente com a cabeça.

— Agora vou levá-la até a sala dos estúpidos — digo arrastando-a até o elevador.

— Gilcelle, não tenho nada com o Matheus. Cleber já me deixa de cabelos brancos e por nada no mundo aguentaria dois estúpidos.

Devo estar da cor do meu cabelo, mas desconverso.

— Eu sei que não. Cleber é meio possessivo com você. Mas você é muito bonita e o Matheus percebeu isso.

— Acho que não. A maioria das vezes em que saímos ele fala de uma mulher aí, por quem é apaixonado. Mas, se quer saber as coisas que ele me conta, tem que ser minha amiga, não minha inimiga.

Agora sou eu que olho para ela como a menina do exorcista.

— Tudo bem, eu te adoro e sou sua melhor amiga. Comece a falar. Vocês saíram? Mais de uma vez? De quem ele fala? Por que ele te conta intimidades dele?

Ela levanta um dedo.

— Saímos algumas vezes, mas com exceção da primeira, a Celina nos acompanha.

Traidora.

Então ela levanta o segundo dedo.

— Ele tem uma paixão mal resolvida e sim, me contou certas intimidades. Você sabe, submissas, chicotes, algemas, essas coisas.

— Merda — digo e bato a cabeça no espelho do elevador.

— Mas ele nunca deu em cima de mim, Gil. Nem de ninguém que eu tenha visto. Ele só tem olhos para a tal Sereia que ele tanto fala.

— Você só está dizendo isso porque sabe que a Sereia sou eu.

Ela se faz de desentendida e responde:

— Ah, é você? Então você é criatura rancorosa e cruel que o tem feito sofrer por tanto tempo? Você é aquela que tem um dos homens mais devotos e apaixonados que eu já vi e vai perdê-lo por pura burrice? Ah sim, uma história tão linda, fadada ao fracasso.

Coloco a mão no coração e a encaro, espantada.

— Você é cruel. Agora entendo porque o Cleber a chama de bruxa. Não fale assim comigo, você não sabe o que ele fez.

— Sei sim, ele sumiu e não deu notícias e sinto te informar que você não é a única a acordar sozinha em uma cama. Homens fazem isso. É tipo um defeito de fabricação, uma marca ruim, sabe. Todos eles fazem. Provavelmente se você se apaixonar por outro homem, ele fará também. Até que você quebre o carro dele,

ou aperte suas bolas, então ele se lembrará para sempre de você.

Descemos no andar da presidência e a levo até a sala de Celina.

— Suzana, você é malvada e direta. E intrometida também. Gosto de você.

— Aproveite essa viagem, Gil. Não volte de lá sem o seu homem.

— Não vai ser fácil, mas vou tentar. Eu só preciso fazê-lo sofrer um pouquinho. Um pouco apenas, sabe.

— Não exagere. Matheus é fresco, e não aguenta o tranco.

— Eu sei, não vou exagerar — prometo com os dedos cruzados.

— Pobre Matheus — ela comenta antes de entrarmos na sala de Celina.

Está tudo pronto para a tal viagem, exceto é claro, Matheus. O fresco esqueceu a nécessaire em casa. Ok, ele não disse nécessaire, disse malinha com suas coisas de higiene, e se essa mala enorme que ele colocou no carro não está repleta com materiais de higiene, nem quero imaginar o tamanho dessa “malinha”.

Cleber me abraça antes de eu entrar no carro.

— Seja uma boa menina, Gil. Esqueça o passado, pense em sua felicidade e pega leve com ele.

Por que todo mundo me manda pegar leve com ele? Alô! Ele é um dom! Sou uma pobre desvirginada. Quem tem que pegar leve é ele (espero que não pegue).

— Isso, de jeito nenhum! Só estou indo a essa viagem para fazê-lo pagar!

Cleber faz uma careta e encara Matheus como se fosse a última vez que está vendo-o.

— Pelo menos tente devolvê-lo vivo, a V.D.A. precisa dele.

— Verei o que posso fazer — digo e entro no carro.

Passamos primeiro na casa de Matheus. Corrigindo: puta casa de Matheus. É enorme, tudo chique e para você que assim como eu esperava uma casa toda branca, sobramos. Tem creme e marrom. A casa é linda, de muito bom gosto.

— Não foi você que decorou essa casa, não é? — pergunto.

— Não. Um designer de interiores.

— E você deu carta branca para ele?

Ele me olha confuso.

— Não, eu escolhi tudo. Por que a pergunta?

Dou de ombros e me jogo no enorme sofá de canto da enorme sala.

— Nada. Só curiosidade. Achei a casa masculina demais para ser sua.

Ele abre um sorrisinho e sai falando:

— Você vai achar muitas coisas masculinas em mim, Sereia. É melhor ir se acostumando.

— Não me chame assim, estúpido! — berro.

“Luxo. Essa casa deveria ser sua.” Calo imediatamente a voz na minha

cabeça. Qual é a dela? Ela sempre odiou esse dom afeminado e agora está virando a folha por causa de uma casa bonita? “E de dois milhões na conta.” Não importa! Continua sendo o idiota que me desvirginou e foi embora. “Pare com isso sua birrenta. Ele fez isso há tanto tempo, que precisará desvirginá-la de novo.” Seguro a cabeça com as duas mãos e a sacudo.

— Saia da minha cabeça. Traidora, vira-folha, mentirosa!

Após acudir de um lado para o outro, vejo a sombra de Matheus. Ele está parado na porta me encarando. Provavelmente sem saber o que fazer comigo. Finjo estar dançando e me levanto cantando Shakira e dançando pela sala com a mão na cabeça. Ele cruza os braços e me encara. Há uma pequena bolsa marrom em sua mão.

— Isso é sua nécessaire? — pergunto.

— Não. É minha bolsa de higiene.

— Nécessaire — confirmo revirando os olhos.

— Não a chamo assim. Está pronta?

— Fazer o quê? Só tenho que me lembrar de dois milhões na minha conta — digo seguindo-o.

— E de ser uma noiva exemplar — ele cobra.

— Darei o meu melhor.

— Tenho absoluta certeza disso — ele responde rindo.

Paramos na minha casa e peço que ele suba para carregar minhas malas. Celina disse que devemos adestrar os homens desde o início. Acostume-o a carregar suas coisas e ele sempre fará isso. Dê uma de independente e carregue tudo sozinha e o idiota será folgado. Guio Matheus até meu quarto e aponto.

— A mala que está em cima da cama.

Ele faz uma careta horrenda.

— Qual delas? — pergunta receoso.

— Todas, *querido*.

— Só vamos passar uma semana, *querida*.

— Sim, por isso apenas seis malas.

Ele entra no quarto e avalia as seis malas em cima da cama. Vou dizer a verdade, estou levando praticamente todas as minhas roupas e algumas da Celina que ela deixou para trás. Não vou usar nem metade, é apenas uma semana. Mas nada assusta mais um homem do que uma mulher que carrega a casa toda em malas, principalmente quando ela o faz carregar as malas.

Matheus me olha sério, acho que vai pedir socorro, ou dizer que desiste, mas ele diz com muita convicção:

— Você não vai levar seis malas. No máximo duas. Escolha duas e as levarei, caso contrário, irá sem nada.

— Vai sonhando, *querido*. Pegue as malas, todas elas. Ou quer que eu chame o Ricardão para ajudar? É meu vizinho *macho*. E gostoso.

— É mesmo? Você soube disso sonhando com ele?

Sorrio de volta e não demonstro que esse joguinho de jogar de volta em mim o que jogo nele, me irrita.

— Não, montando no pau enorme e malhado dele.

Vejo um lampejo de raiva passar por seu rosto, mas ele diz com calma na voz:

— Duas malas, Gilcelle. Nenhuma a mais. Escolha.

Cruzo os braços como uma criança birrenta. Homens também odeiam isso.

— Não. Vou levar as seis, ou não vou.

— Terei que escolher para você?

— Você sequer se atreveria a tocar minhas malas, não sabe onde elas estavam, por onde elas passaram, ou o que coloquei aí dentro.

Ele anda até a cama e abre a primeira mala. Minha mala de roupas íntimas. Ele as pega, cheira, passeia os dedos por elas e faz uma careta.

— Velhas, compraremos novas para você. — Então anda até a janela e arremessa minha mala por ela.

— Matheus! — berro. — Você ficou louco? Minhas calcinhas! Você é maluco?

— Não fará falta. Vamos à segunda mala.

Antes que eu possa impedir ele abre a mala de roupas de cama. Sim, tive que levá-las para encher essa mala que é a maior de todas. Ele faz uma careta e segura a mala.

— Feias. Na casa da minha mãe há roupas de cama muito melhores e mais bonitas. — Então anda com a mala até a janela.

— Não jogue minhas roupas de cama fora, seu imbecil!

Pulo nas costas dele, passo minhas pernas por seu quadril e seguro seu braço. Sei que ele está rindo enquanto tenta jogar a mala pela janela, mas seguro bem forte e mordo seu ombro. Ele ri alto e vira a mala jogando todos os meus lençóis da Leader pelo ar. Então joga a mala no chão, segura minhas pernas e se aproxima comigo da janela, virando-me para que eu possa olhar para baixo.

— Veja, adeus roupas de cama. Alguns moradores de rua irão fazer a festa. Você é uma alma muito generosa.

Estou em choque. Solto seu pescoço e me apoio no parapeito da janela.

— Eu vou junto! Meus lençóis!

Ele me solta e me tira da janela, me depositando na cama.

— Ainda não, querida, ainda não é hora de pular.

Então se aproxima da terceira mala e mais do que depressa me levanto.

— Ok, você venceu essa, vou escolher duas malas.

O sorriso enorme que surge em seu rosto me irrita.

— Dois minutos — ele diz.

— Idiota.

Olho para minhas malinhas lindas, pego a de roupas, a que eu ia levar mesmo, e então fico indecisa entre outras duas. Minha nécessaire, (sim é uma mala, e fique quieta, dá trabalho ficar bonita) e minha mala de algemas. Sei que Matheus deve ter muitas, ele é um dom afinal de contas, mas as minhas são especiais. Tem de oncinha, colorida, de veludo, de coraçãozinho. São minhas. Tem até com meu nome gravado. E uma sem chave, mas não sei qual é.

Estou pensando, pensando e Matheus se aproxima.

— Acabou o tempo, vou escolher para você.

— Não! Eu quero essa – digo e pego a nécessaire. De jeito nenhum ele vai me ver na merda em que fico quando acordo. Celina estava certa, eu não devia ter cortado o cabelo. Ele tem uma mania horrorosa de subir.

Matheus pega a mala escolhida, a deposita em cima da mala grande e depois pega a outra mala, para minha surpresa. Ele a abre e arregala os olhos.

— Minha querida noiva, acho que você pode levar três malas.

Sorrio.

— Eu ganhei essa — decreto.

— Não ganhou. Você queria levar seis, eu queria que levasse duas e você vai levar três.

— Quem ganhou então?

— Empate técnico — ele diz e beija minha testa quando passa por mim.

Matheus carrega as três malas com dificuldade. Sei que a mala de roupas está muito pesada por conta dos alteres que coloquei nela. Minhas pernas tendem a ficar moles e preciso exercitá-las de vez em quando. Não podia viajar sem meus alteres. Ofereço pegar uma das malas pequenas, mas ele nega. Está suando, mais branco do que o normal e andando curvado, mas leva minhas malas até o carro. Praticamente as joga no banco, respira cerca de meia hora e depois as joga no porta-malas.

— O que tem nessas malas? — pergunta irritado.

— Algemas, maquiagem e roupa. Posso te emprestar a maquiagem, sou uma alma bondosa.

Um sorriso surge em sua expressão cansada.

— Empresta? Que bom!

Então o imbecil anda até mim rápido demais, com seus reflexos de vampiro e antes que eu possa impedir, sua boca cobre a minha, ele suga meus lábios e passeia a língua por eles. Não é exatamente um beijo, é mais como uma tortura. Então ele se afasta. Estou meio tonta e a boca dele vermelha.

— Obrigado pelo empréstimo, alma bondosa. Vou querer saber onde mais usa maquiagem.

Neste momento estou pensando em usá-la, tipo, no corpo todo. Entro no carro e me recomponho, preciso me fazer de indignada. Esse imbecil não vai me beijar e me deixar tonta desse jeito. Eu é que vou beijá-lo, quando eu quiser.

— Não me beije de novo, seu idiota! — reclamo.

Ele sorri.

— Essa viagem vai ser longa — diz e arranca com o carro.

Matheus

— Estou com fome — ela diz meia hora depois de sairmos do centro da cidade.

— Acabamos de pegar a estrada.

— E estou faminta. Não fico de bom humor quando estou com fome.

— E quando é que você fica de bom humor? — pergunto e ela faz uma careta.

Paro em um posto e a levo até um restaurante que há nele.

— Se você tem coragem de comer aqui, boa sorte.

Ela entra rebolando em seu salto, chama a atenção de alguns motoristas e faço uma cara feia para cada um deles, mas não parece surtir qualquer efeito. Eles continuam a olhá-la. Então me aproximo dela e a guio com a mão em suas costas. Ela pega um prato e o enche de tudo quanto é tipo de comida que há disponível ali. Eu apenas a acompanho, e guio até uma mesa assim que percebo que ela não quer pegar mais nada.

Sentamo-nos à mesa, um de frente para o outro. Há uma montanha em seu prato, e ela me encara.

— Não vai comer? — pergunta.

— Comi antes de sair de casa.

— Eu divido com você.

— Não, obrigado.

— O que é isso, *querido*? Momento fofo com sua noiva, venha comer comigo.

Sorrio, ela quer me irritar.

— Não, minha *querida*. Assim que sairmos daqui, te darei um momento fofo de verdade.

Ela sorri.

— É uma pena, perdeu sua chance de conhecer a Gil fofa, quem sabe daqui a dez anos?

Então ela começa a comer. E realmente, ela come aquilo tudo. Com uma boca tão boa, que embrulha meu estômago. Ela sequer olhou para a cozinha desse lugar, nem sabe se quem cozinha é um homem, que não usa aquele chapéu de cozinheiro, não usa avental e tem mania de coçar o saco. Então ele não lava a mão na pequena pia da cozinha porque acha que fica longe demais de sua panela fumegante e limpa os dedos na folha de alface molhada mais próxima. Que pode ser essa mesma folha que ela está mastigando com essa boca boa. E depois eu beijarei essa boca e conseqüentemente, os cabelos do saco do cozinheiro. Deus me ajude!

— Está tudo bem? Você está meio verde.

— Tudo ótimo. Gilcelle, você já comeu aqui antes?

— Sim.

Ela me surpreende com sua reposta.

— O Marcelão, cozinheiro, é meu amigo, se é que me entende.

Não sei se isso é verdade ou se ela quer me irritar, mas decido entrar em seu jogo.

— E imagino que cada caminhoneiro, garçom, e caixa daqui também sejam seus amigos.

— Os caminhoneiros não. São muito inconstantes, estão sempre em um lugar diferente, mas os garçons, delícias — ela diz enfiando o garfo de volta na boca.

Tenho vontade de dar-lhe umas palmadas, umas boas palmadas, para que ela aprenda a ficar calada. Mas mais uma vez, entro na dela.

— Você poderia chamar algum deles. Talvez algum possa me apresentar para a beldade sentada no caixa.

Imediatamente ela olha para trás, mas o caixa está vazio.

— Idiota!

— Termine a comida, *querida*.

Claro que ela come o mais devagar possível, mas se acha que está me irritando ao fazer isso, está enganada. Quanto mais tempo eu passar sozinho com ela, sem minha família “unida” para atrapalhar, mais chances tenho de acabar essa noite em um motel esquematizado no meio da estrada com ela.

— Não vá pensando que você ganhou, *querido*.

— Não tente competir comigo, Gilcelle. Não quero esmagá-la. Quero comê-la, amá-la e ensiná-la umas boas lições, mas esmagá-la, não.

Ela engasga com a farofa e tosse como uma minhoca retorcida. Bato em suas costas e espero que ela se acalme. Seus olhos estão lacrimejando e ela me empurra.

— Não me toque. E não me faça engasgar de novo. Pare de conversar comigo, por que não bebe alguma coisa?

— Não, obrigado — digo sentando-me novamente.

Então ela sorri.

— Claro, você não trouxe sua caneca, não é mesmo?

— Está no carro.

— E não vai pegá-la? Ah, já sei, não sabe a procedência das bebidas aqui, então não vai colocar a boca.

— Mais ou menos isso. — Tento não demonstrar o quanto ela está me irritando e seguro minha mão para não arrastá-la pelos cabelos de volta para aquele carro que deve sumir em uma hora e meia.

Ela termina de comer e bebe o refrigerante que pegou, então limpa a boca com

o guardanapo.

— Quer soda? — pergunta estendendo a garrafa para mim.

— Não, *querida*.

Ela sorri e resmunga.

— Não bota a boca em uma garrafa desconhecida, será que em uma boceta você põe a boca?

Sorrio. Era disso que eu precisava. Não respondo de imediato, deixo que ela termine o que está fazendo e assim que ela me encara, pronta para ir embora, me sento rapidamente ao seu lado e sussurro em seu ouvido:

— Por que não faz o teste?

Ela treme, vejo os pelos de seu braço arrepiados e embora abra a boca, não diz nada. Consegui. Mas imediatamente ela se levanta, parece revoltada e confusa.

— Não faça isso de novo, não fale no meu ouvido de novo e estou de saco cheio dos seus reflexos de vampiro. Desisto. Pegue seus dois milhões de volta, preciso dar uma volta.

Ela sai batendo o pé até o banheiro, e pago a conta enquanto a espero.

Acontece que eu espero, espero, espero e a maluca não sai do banheiro.

— Caralho, vivo entrando em banheiros femininos por sua causa, sua Sereia malvada, e depois você duvida da minha masculinidade.

Sem ter o que fazer, invado o banheiro. Ouço um grito, uma mulher rapidamente cobre os seios e saio envergonhado.

— Que merda!

Uma morena alta e muito bonita sai do banheiro em seguida, com um sorriso no rosto.

— Está procurando alguém, amor? — pergunta de forma oferecida.

— Sim, minha noiva. Ela entrou aí há quinze minutos e não saiu. É ruiva, tem olhos...

— Está com um vestido preto?

Confirmo.

— Ela não entrou no banheiro. Quando estava entrando aqui a vi, ela estava lá fora, conversando com um caminhoneiro. Um grandão, tatuado.

Respiro fundo.

— Onde esse caminhoneiro estava?

— Ali — ela diz apontando com o dedo.

— Obrigado — agradeço e saio atrás dessa maluca.

Meu Deus! Dê-me forças para não matar essa mulher.

Procuro entre os motoristas, um alto e tatuado e o vejo, do outro lado do posto, a certa distância. Então a vejo e a maldita está entrando no caminhão dele.

— Gilcelle! — grito e saio correndo, mas estão do outro lado do posto e não

chego a tempo, o homem sai com o caminhão e leva pela noite essa maluca embora. — Merda! Merda!

Meu celular vibra e o atendo imediatamente, pronto para deixá-la surda caso não volte aqui agora mesmo.

— Senhor Amorim? Tudo certo? Já posso roubar o carro?

— Não, não faça nada ainda, Lucio. Não estou no local combinado. E tenho um pequeno problema.

— Que problema, senhor?

— A maluca da minha noiva acabou de fugir com um caminhoneiro.

Um minuto de silêncio, e no minuto seguinte, três gargalhadas estrondosas ecoam em meu ouvido. Ele não está sozinho e o telefone está no viva-voz. Claro que está.

— Quer que recuperemos sua noiva, senhor? — ele pergunta em meio a gargalhadas.

— Eu vou fazer isso — digo com a voz mais grossa possível. — Vocês não saiam daí. Chego em uma hora.

Desligo o telefone e olho para o céu estrelado.

— Meu Deus! Ajude-me a achar a maluca da Gilcelle antes dessa hora, e não deixe que aquela montanha faça algo com ela, e então eu juro, que eu mesmo irei matá-la.

Capítulo 07

Gilcelle

— Meu Deus! E ela parecia ser tão certinha! — espanto-me.

— Foi o que me disseram. Mas a danada fugiu com o maldito do coveiro na primeira oportunidade.

Dou de ombros e lamento.

— Também, quem mandou morar ao lado de um cemitério?

Hércules faz uma careta, acho que ainda sofre pela esposa fujona. Conhecemo-nos quando morei com minha tia na PPL. Ele é caminhoneiro, e quando me mudei de lá, se casou com a filha de um pastor. Juro que a garota enganou até a mim. Parecia tão certinha! E, no entanto, fugiu com um coveiro. Estou sendo muito má em querer rir da situação? Ela poderia ter fugido com um vizinho, o padeiro, o encanador. A gente ouve falar dessas coisas. Mas com o coveiro? É a primeira vez.

— Você me deixa neste posto, por favor, Hércules?

— Mas já, ruivinha?

— Sim. É que meu... — a palavra custa a sair da minha boca — noivo está me esperando.

Ele me encara em choque e tenho vontade de bater nele. Qual o problema de eu ser noiva? Eu hein! Todo mundo tem seu outro par da meia neste mundo, parece que o meu é rosa choque.

— Da próxima vez vou casar com uma maluca, igual a você.

— Ei! Não sou maluca! E nunca traí meu noivo, tá!

Ele sorri e encosta o caminhão. Mal desço, avisto o carro de Matheus encostando. Ele desce furioso e se aproxima a passos largos. Está vermelho, e piscando um olho de tão nervoso. Está possesso. “Será que você vai apanhar hoje?” Cale a boca voz.

Acho que vou apanhar hoje.

— Olá, noivo — digo sorridente.

— Gilcelle! — Ele fecha as mãos e não diz nada. Parece realmente nervoso.

Ok, foi uma brincadeira, eu não planejei nada disso. Precisei me afastar de Matheus para recuperar minha sanidade, pois ele me fez imaginá-lo com a língua fresca no meio das minhas pernas, e eu não queria imaginar isso. “Queria sim!” Cale a boca voz! Como eu ia dizendo, saí para tomar um ar e avistei Hércules chorando em um canto. Ele perguntou se eu queria dar uma volta e fui. Eu sabia que Matheus me seguiria e eu pretendia parar no posto mais próximo. Seria bom para ele tomar um susto e parar de me vencer em batalhas verbais. Eu sou a

maluca e ele o fresco. Não é possível que sempre perca para ele nessas batalhas.

Dou um passo em sua direção e noto que seus olhos brilham. Mesmo no escuro consigo ver que ele realmente se preocupou. Uma mistura de raiva e alívio toma seu rosto.

— Está tudo bem com você? Ele te machucou?

— Está tudo bem, Matheus. Eu o conheço, ele era meu vizinho. Não precisa se preocupar. — Ando até ele e de repente ele me puxa para seus braços e me aperta. — Está tudo bem, querido. Estou aqui.

Ele me aperta ainda mais e posso sentir seu coração acelerado. Merda. Não era isso que eu queria. Não era para ele se preocupar assim. Afasto-me com muito custo e seguro seu rosto nas mãos, foçando-o a olhar para mim.

— Matheus, estou bem. Eu só precisava ficar um pouco longe da sua intensidade. Estou bem de verdade. Não quis assustá-lo assim.

— Às vezes eu tenho vontade de matar você — ele diz.

— A recíproca é verdadeira.

— Nunca mais faça algo do tipo.

— Ok. Desculpe.

Imediatamente ele sorri.

— Você me pediu desculpas, Sereia? Você foi a primeira de nós dois a pedir desculpas. Mais uma vitória para mim. É melhor para você se render logo, vai ser massacrada.

Afasto-me indignada.

— Isso tudo foi uma encenação? Tudo bem, ponto para você, estúpido. A guerra está só começando.

Ele sorri, sei que não foi encenação, mas você me conhece, sou a durona, sabe. Não posso me derreter toda porque o homem quase chorou por minha causa. Porém, não consigo evitar sorrir de volta para ele. E logo o idiota considera meu sorriso um sinal de rendição, pois me arrasta bruscamente pelo braço e me joga o carro.

— Da próxima vez que você sumir assim, vou colocar uma coleira em você, e arrastá-la como minha cachorrinha na frente de todos esses motoristas.

— Filho de uma puta!

— Maluca! — ele diz e dá a volta batendo a porta do carro ao entrar.

Não andamos meia hora e ele encosta o carro no acostamento.

— O que foi? — pergunto assustada.

— Preciso aliviar.

A nossa volta só há mato. Imediatamente tiro o cinto de segurança e saio do carro com ele.

— O que foi? — ele pergunta ao me ver.

— Nada. Só quero ver isso. Matheus Amorim pegando no pau no meio de um mato? Vamos ver se seu xixi fresco será capaz de sobreviver a isso.

Ele sorri enquanto abre a calça.

— Você quer ver meu pau, querida? Não se preocupe, o terá em cada parte do seu corpo daqui a pouco.

Faço uma careta e me viro de costas. Só preciso ouvir o barulho do xixi. Espero, espero e nada.

— Eu sabia! Seu xixi não sai. Até mesmo seus órgãos genitais são frescos.

— Você não o achou fresco quando ele te fez gozar. Duas vezes.

— Idiota!

Entro no carro e ele entra em seguida.

— A vitória foi minha, já que não ouvi barulho nenhum de xixi.

— Ok, você ganhou essa.

Sorrio satisfeita e ele arranca com o carro, mas para nem dois minutos depois em uma espécie de motel de beira de estrada.

— Preciso mesmo aliviar. Quer esperar no carro?

— Sim, vá num pé e volte no outro.

— Tudo bem, mas não se assuste se ouvir qualquer barulho ao lado de fora.

— Que tipo de barulho eu ouviria? — pergunto já me sentando totalmente ereta no banco e olhando para todos os lados pela janela. Mas tudo o que vejo é neblina.

— É o que as pessoas falam. Há muito mato, uma estrada, muitos acidentes, muito mato.

— Você já citou isso.

— Sim, é porque é fácil para um ladrão se esconder no mato. Mas eu já volto.

— Vai sonhando, vou com você.

Desço do carro às pressas e o sigo. Sei que o maldito está rindo, mas não me importa, prefiro estar segura. Acabo indo ao banheiro também. Curiosamente, isso parece um motel de beira de estrada olhando de fora, mas por dentro é muito arrumado, limpo, bem decorado. Não tem cheiro de sexo. Sempre imaginei que motéis tivessem cheiro de sexo. Ajeito o cabelo no espelho do banheiro. Parece mesmo um capacete, passo uma água no rosto, resmungo mentalmente por não ter levado minha nécessaire para retocar a maquiagem que quase não existe mais e saio.

Matheus está parado na porta, com as mãos nos bolsos da calça, e olha para o carro.

— O carro! — grito ao olhar para onde ele está olhando, e onde deveria estar o carro, não há nada. — Onde está o carro? Matheus! Diga-me que um manobrista o levou para lustrar, que um amigo o levou para encher a gasolina.

Diga-me qualquer coisa.

— Foi roubado — ele diz com toda paciência.

— Roubado? Mas como?

— Eu disse, aqui tem muitos ladrões — ele diz e volta para dentro do motel.

— E você está calmo?

— Sim, ele tem rastreador, logo será encontrado.

— E o que faremos até lá? E nossas coisas? Tudo ficou no carro! Até nossos celulares!

— Pois é. Já acionei o seguro e enquanto não resolvem tudo, nós vamos dormir.

— Vamos o quê?

— Dormir. Você sabe o que é dormir. Vamos fazer isso. Ainda bem que o carro foi roubado em frente um motel.

— Um motel de beira de estrada. Você vai ter coragem de deitar na cama?

— As camas aqui são bem arrumadas e higiênicas.

Como ele sabe? Aliás, é até bom demais que o carro tenha sido roubado justamente em frente a um motel. Ele está me enrolando. Matheus Cachorro Amorim aprontou alguma para passar a noite comigo neste motel. Ok, querido, você quer dormir comigo? Vamos dormir, então.

Entramos no quarto que é enorme e realmente lindo, e limpo. Sinto o cheiro de limpeza quando entro e Matheus o inspira como se fosse um alívio sentir esse cheiro.

— Não tenho roupa, nada de higiene, nada de nada. E estou exausta e suja de estrada.

Acho que ele responde algo como “cabelo de saco”, mas não tenho certeza e nem posso imaginar do que isso se trata.

— Vai tomar um banho, Sereia. Aqui deve ter roupões, durma com um e amanhã recuperaremos nossas coisas.

— É mesmo? Como você tem tanta certeza?

— Eu sempre tenho certeza no que falo, querida, está na hora de você aprender isso.

Mostro o dedo do meio para ele e vou para o banheiro. Tiro a roupa suja, estou realmente cansada. Não queria mesmo chegar à casa da família dele tarde da madrugada como chegaríamos. Melhor dormirmos aqui e viajarmos de novo pela manhã. E não quero que a mãe dele já me veja descabelada, suja e cansada. O que vai pensar de mim?

Estou ansiando por um banho quentinho e aconchegante e o alívio que só uma goteira de água quente na costela à noite é capaz de causar. Ligo o chuveiro enorme, sai muita água e não vejo vapor. Enfio meu braço para testar a

temperatura e quase fico sem ele. Parece que vai congelar. A água aqui não é fria, é gelada.

— Matheeeeeus! — berro.

Imediatamente ele entra.

— O que houve?

— Olha isso — choramingo apontando para a água, mas o maldito fica totalmente parado olhando meu corpo nu.

Está com os olhos focados na tatuagem que tenho acima da virilha. Ele se aproxima concentrado nela e a toca.

— Desde quando tem isso?

— Há muito tempo. Fiz logo depois de... — respiro fundo, quase falei merda — ir morar na PPL. A água está fria, gelada. Não tomo banho frio.

Ele me olha de uma forma tão doce, que quase me desmancho ali mesmo só para que ele me pegue no colo. Mas então, ele acaba com todo meu encantamento ao dizer:

— Então tome banho frio. Não seja *fresca*!

Ele enfatiza a palavra fresca e quero arrancar essa língua vingativa de sua boca.

— Eu não tomo banho frio.

— Azar o seu!

— Duvido muito que você tome – desafio.

— Não sou *fresco*, como você. — Novamente ele enfatiza a palavra fresco.

— Ainda bem.

Ele cruza os braços e me encara.

— Por quê?

— Vai tomar banho frio — digo e o empurro com tudo debaixo da água fria.

Ele berra, pior do que o Cleber quando apertei suas bolas. Quero rir, mas não tenho tempo, ele me puxa de uma vez para debaixo do chuveiro e berro ainda mais alto. Meu corpo tem um choque com a água gelada e tremo como um bambu.

— Você é muito mau — reclamo batendo o queixo.

— O que é isso, querida? Estou me sacrificando com você.

— Eu te odeio.

Ele sorri, e como se soubesse disso a vida toda, ergue o braço e alcança uma alavanca na lateral do chuveiro, que eu não alcançaria por estar muito no alto, abaixa essa alavanca e a água vai aquecendo até ficar bem quente.

Não acredito! Maldito! Maldito! E vocês ainda o defendem, tadinho do Matheus com essa louca! Ele é um ser humano terrível!

— Matheus Amorim, definitivamente eu te odeio! — digo e começo a socá-lo,

mas ele me abraça e deixo a água quente terminar de aquecer meu corpo antes de chutá-lo para fora do banheiro.

Quando saio do banheiro, ele está na porta, e alguém conversa com ele.

— Sempre ouço gritos aqui, mas vocês dois estão de parabéns. Nunca vi duas mulheres gozarem tão alto.

Aproximo-me da porta e um homem na casa dos quarenta, muito barbudo e com uma barriga enorme (e cara de pau minúsculo) tenta olhar para dentro do quarto.

— Olha amor, ele acha que eram duas mulheres. Conta para ele que um dos gritos femininos era seu — digo.

Matheus gagueja, o homem parece espantado, então ele dispensa o homem e bate a porta. Olha-me furioso. Sua calça molhada está colada ao corpo e está sem camisa. Vejo poucos pelos loiros em seu peito e o corpo magro, mas bem definido está muito melhor do que eu me lembrava. Ele é de dar água na boca, vocês não fazem ideia!

— Sua linguaruda, você me paga por isso.

— Não tenho medo de você.

— Pois é bom começar a ter.

Ele vem na minha direção com tanta raiva nos olhos, que grito, ele avança de uma vez e corro, mas ele me alcança e me joga com tudo na cama. Tira a calça em tempo recorde e sobe em cima de mim.

— Vou calar a sua boca, sua atrevida.

Tento empurrá-lo, mas começo a rir quando ele sobe as mãos pelo roupão fazendo cócegas. E então, sua boca toca a minha. Um toque leve, mas puxo sua cabeça para mim e me perco do mundo quando sua língua domina a minha. Sim, é de dar água na boca.

Matheus

Tê-la assim, rindo em meus braços, tentando me empurrar, mas cedendo com facilidade, correspondendo ao que sinto com tanta paixão, quase arranca o coração do meu peito, de tanto que ele bate. Seguro seu rosto enquanto a beijo e ela puxa meu cabelo de encontro a ela, para que vá mais fundo em sua boca. Essa é minha menina. Olho para seu rosto, e é como vê-la há dez anos. É como voltar no tempo, quando a peguei no meio daquela escada e ela gritou, exatamente como fez hoje e sorriu. E sim, ela é bem agressiva quando fazemos amor, mas é extremamente doce. Como está sendo agora. Quando me afasto de seus lábios, ela passa o rosto pelo meu, os olhos fechados, apenas me sentindo, e amo quando ela faz isso. Eu amo essa mulher.

Abro seu roupão vagarosamente, meus lábios acompanham cada pedaço de pele exposta. Suas mãos não deixam meu cabelo, mas ela não tenta me guiar, apenas mantém o toque. Beijo seus seios, tão maiores do que dez anos atrás, ela fica quieta, mas posso ouvir seu coração estando assim, tão perto. Passeio vagarosamente a língua por seu mamilo, ela geme, tão baixinho. Então sugo com força seu seio e ela grita. Isso, minha Sereia, é esse som que quero ouvir.

Passo os dentes por seu mamilo e desço arrastando-os por sua barriga, ela se contorce embaixo de mim, continuo abrindo o roupão enquanto minha boca se aproxima do que mais quero nela. Então me afasto. Com ela não funciona assim. Se fizermos amor, amanhã ela estará arrependida, ou agirá como se não fosse nada e vai me afastar muito mais do que fazia antes. Vai achar que eu ganhei mais uma, e não reconhecer que nós dois ganhamos. Mas essa noite, não podemos fazer amor. Essa noite, eu preciso dominá-la, preciso fodê-la, do jeito que ela gosta. Essa noite, ela não terá de mim tudo o que quer, mas terá aquilo que merece.

Puxo o roupão de uma vez de debaixo de seu corpo, fazendo-a pular na cama, e imediatamente ela arregala os olhos. Sua respiração está ainda mais acelerada, quando passeio o dedo por sua barriga e subo, circulo o seio e belisco seu mamilo. Ela grita. Me abaixo de novo, aproximando a cabeça de seus seios, mas tiro suas mãos de meu cabelo e as seguro com força ao lado de seu rosto.

— Não me toque! — ordeno e ela arregala ainda mais os olhos, mas assente.

Então eu chupo, com força, seu seio. Quero marcá-la. Quero que quando ela for tomar banho amanhã veja o círculo roxo em volta do mamilo e se lembre desse momento. Quero que admita, mesmo que para si mesma, que eu a domino. Chupo com tanta força que ela grita alto. Contorce-se, tenta desesperadamente soltar as mãos, mas não permito. Quando ela está se mexendo demais, me afasto.

Há uma marca rosa em seu seio e sei que isso logo será uma marca roxa em sua pele branca.

— Você está inquieta demais, terei que amarrá-la?

Ela nega com a cabeça.

— Acho que terei. Não confio em você.

Saio de cima dela e a liberto. Mas como previ, ela não se mexe. Fica ali, quieta respirando pesadamente, fitando o teto, meio perdida. Exatamente como eu queria deixá-la. A mala com as algemas ficaram no carro, por isso tenho que improvisar. Puxo a faixa do roupão que joguei no chão, subo novamente na cama, em cima dela. Ela me olha, fixamente. Pego seus braços e junto os punhos acima de sua cabeça.

— Quietinha, querida. Vou garantir que você não me desobedeça.

Ela ainda não diz nada, apenas me encara. Parece nem estar aqui, parece estar em outro mundo, perdida. Vou encontrá-la, minha Sereia linda, e prendê-la a mim para sempre. Amarro seus pulsos com a faixa e a amarro na cabeceira da cama. Fiz questão de ficar em um quarto que não tivesse uma cama box, pois sabia que precisaria de algum lugar para algemá-la, como me esqueci das algemas, isso vai servir para amarrá-la.

— Está te machucando?

Ela nega com a cabeça.

— Responda, Gilcelle. Eu quero ouvir sua voz.

— Não, não está.

Isso. Era isso o que eu queria ouvir, sua voz, normalmente tão cheia de sarcasmo e insultos, está falha, baixa, rouca, quase não pude ouvi-la. Seguro seu rosto entre minhas mãos e a faço olhar para mim, seguro bem firme e espero ter certeza de que toda sua atenção está em mim antes de lembrá-la.

— Eu a estou dominando aqui, Gilcelle. Não aceitarei que negue isso depois. Você está submissa a mim, entendeu?

Ela concorda com a cabeça.

— Ótimo, boa menina.

Normalmente eu gosto disso, gosto de ter a mulher amarrada, presa, obediente. Mas com ela é diferente. O foco essa noite é dar prazer a ela, é calar suas acusações e chacotas atrevidas. E preciso me controlar muito para não beijar sua boca, não colocar suas mãos em meu cabelo e não fazer amor com ela como quero fazer por longos dez anos.

— Se quiser que eu pare, tem que dizer agora. Não adianta me mandar parar depois. Não aceitarei que peça para eu pegar mais leve, não me afastarei e não pararei até que você se desmanche. Entendeu?

Ela assente.

— Quer que eu pare?

Ela nega desesperadamente com a cabeça. Mas eu espero, quero que ela diga, que se submeta.

— Matheus, seu ordinário. Não pare, não vou pedir que se afaste e menos ainda que pegue leve. Faça logo isso. Me fode com força, você queria me ouvir pedir, não é? Estou implorando.

Sorrio.

— Era o que eu queria, Sereia.

Então a beijo, com força, mordo seu lábio, ouço-a gemer cada vez que minha língua invade a dela e não dou espaço para que ela respire, para que se afaste ou deixe de me beijar em momento algum. Desço a mão pela lateral de seu corpo, apertando, beliscando de leve, até alcançar o meio de suas pernas. Sei que ela espera um toque leve, mas não faço isso. Passeio os dedos por uma perna, subo até tocar a tatuagem provocante de algema em sua virilha, e não deixo sua boca. Por fim, diminuo a intensidade do beijo, apenas porque quero ouvi-la. Mordo seu lábio devagar e em contraste, enfio um dedo nela com força, ao mesmo tempo em que alcanço seu clitóris e o esmago com o dedo. Ela grita, bem alto, se contorce, sacode as mãos tentando se soltar, lágrimas escorrem de seus olhos, e ela não consegue mantê-los abertos. Eu não paro. Volto a beijá-la com força, e enfio mais um dedo, rodo dentro dela, tão apertada, tão quente. Lembro-me dela exatamente assim. Ela geme em minha boca, chora, e sei que vai pedir que eu pare. Então me afasto de sua boca o suficiente para ouvi-la dizer.

— Pare, Matheus pare, eu não aguento mais, pare.

Imediatamente paro. Ela demora alguns minutos para abrir os olhos, seu corpo continua se contorcendo e ela tenta fechar as pernas, mas não permito, deixo meu joelho bem próximo ao seu centro, e quando se mexe demais, ele bate ali, e ela grita. Então percebe que é pior se mexer e fica quieta, abre os olhos devagar, estão desfocados.

— Você me pediu para parar, Sereia?

— Você é cruel — ela sussurra.

— Eu disse que não aceitaria que você me pedisse para pegar leve.

— Mas isso é tortura. E você parou.

Sorrio e a beijo levemente.

— Não parei. Você me desobedeceu. Só queria avisá-la que agora terei que castigá-la.

Finalmente ela abre os olhos totalmente.

— O que vai fazer?

— Não tenho um chicote, não quero tirar minha mão de perto da sua boceta encharcada. O que posso fazer?

Ela engole em seco e me olha. Nunca a vi assim, tão entregue, tão quieta em meus braços. Quase tremendo em expectativa.

— Acho que sei o que fazer, querida. Grite à vontade, me peça para parar, dessa vez, eu não vou te atender.

Saio de cima de seu corpo e vou mordendo-o até parar a boca a centímetros de onde realmente queria chegar. Ela tenta fechar as pernas, mas as seguro bem separadas.

— Acho que você vai fazer o teste agora, querida. Lembre-se disso a próxima vez que duvidar do que sou capaz de fazer com a língua.

Não espero que ela responda, e o que quer que fosse me dizer, morre em um gemido quando minha língua alcança seu clitóris, chupo com força, mordisco, e enfio o dedo novamente nela. Ela fecha as pernas ao redor de meu rosto, se contorce, grita, me pede para parar, grita que não aguenta mais, e quanto mais ela grita, mais forte eu faço. Mais forte chupo, mais giro o dedo dentro dela, ela grita cada vez mais alto. Meu pau lateja para entrar nela, mas hoje ele não fará isso. Ela esperará por isso, desejará isso e será ela a me pedir para dar isso a ela.

Quando ela começa a tremer e suas paredes apertam em volta do meu dedo, sei que está no limite então paro de chupar, não paro o movimento com o dedo nela, mas enfio mais um, lambo vagorosamente seu suco, ela chora, resmunga, tenta soltar as mãos, afasto-me apenas para olhar para ela.

— Eu sou seu dono. Lembre-se muito bem disso.

Então ataco de novo, me ajoelho para vê-la gozar, com dos dedos dentro dela, e preciso apenas apertar seu clitóris bem forte e ela goza. Grita, se contorce, e seu líquido escorre por meus dedos. E então acontece. Eu me esqueci totalmente do efeito de um orgasmo nela. No momento em que ela goza, levanta os pés em chutes fortes, e acerta com tudo minha orelha.

— Caralho! — grito.

— Matheus! Ai meu Deus, me desculpe. Você está bem? Desculpa!

— Não posso ouvi-la — digo batendo a mão no ouvido, parece que estou com um surdão. — Diga alguma coisa agora.

Então ela ri, ri alto, gargalha. E eu rio junto.

— Não estou surdo — digo.

— Que bom — ela murmura enquanto deito em cima dela e liberto seus pulsos, estão vermelhos do tanto que ela puxou. Massageio um pouco, mas ela não parece sentir dor. Confiro a marca em volta de seu mamilo, então apago a luz.

— Matheus? — ela chama confusa.

— Hoje não, querida.

— Mas...

A puxo para meus braços e a beijo.

— Durma, você disse que estava exausta.

— Mas...

— Dorme meu amor, terei uma eternidade para te dar o que você quer.

Aperto-a em meus braços e ela dorme. Enroscada em mim. E nem me importo em como estou suando, nem em como ela está suada, nem com o fato de meus dedos estarem pegajosos. Nada importa, ela está finalmente em meus braços. Calada, o que é melhor ainda. Beijo sua testa, a observo um pouco, logo o sono me toma e apago todas as luzes. E a aperto bem forte em meus braços, pois se tudo der certo, não a terei assim amanhã à noite. Se tudo der certo, ela me odiará pela manhã.

Ela resmunga alguma coisa e acaricio seu cabelo.

— Shhhhh, durma querida, durma agora, porque amanhã você vai provar do próprio veneno.

Preciso que ela sinta exatamente o que me causou, para que nunca mais aja da mesma maneira. E convenhamos, ela bem merece um pequeno susto.

Gilcelle

Acordo me sentindo dolorida, bem lá, sabe. Fecho as pernas imediatamente e resmungo. Sonhei. Sonhei bem forte. “Não foi um sonho, sua retardada. E foi algo de que você precisa se lembrar.” Então me lembro. De tudo, cada minuto, cada segundo, eu me lembro. Filho de uma mãe. Só vai me dar o que quero quando eu implorar.

Eu me viro pronta para atacá-lo, mas ele não está. A cama está vazia.

É como ter um déjà vu.

Levanto-me imediatamente e chamo por ele, mas não está em lugar nenhum. Ele não está. Olho pela janela a procura de seu carro, mas não o vejo. Foi embora. Foi embora de novo e me deixou aqui.

“Não seja paranoica, deve ter ido tomar um café.”

E essa foi a primeira frase que a voz na minha cabeça me disse na vida. E ele nunca mais voltou, e ela nunca mais parou de falar. Sento-me na cama e olho meus pulsos vermelhos, meu seio tem uma marca roxa enorme. Enrolo-me na coberta e penso no que fazer. É quando a porta do quarto é aberta e ele entra assoviando, olha para mim e estende uma bandeja com o café da manhã.

— Bom dia, Sereia.

Estou dividida entre querer matá-lo e querer pular nele por estar aqui. Ele parece perceber meu transtorno, pois deposita a bandeja na cama e se aproxima de mim.

— Está tudo bem? Você está com dor? Gil, por que está com essa cara?

Ah sim, com dor. Uma dor que você parece não saber como aliviar.

— Por que eu não te deixei surdo?

Ele sorri. Levanta-se de novo e volta a pegar a bandeja de café.

— Tome, já vamos sair.

— O carro apareceu?

— Sim.

— E sobrou alguma coisa? — Ele parece confuso. — Das nossas coisas. Levaram tudo?

— Ah isso. Não levaram nada, não se preocupe.

— Espera, está dizendo que roubaram seu carro para dar uma voltinha apenas? Não levaram nada?

— Sim. Não. É o que estou dizendo e não levaram. Parece que temos sorte.

— Parece — concordo com tanta ironia que ele ri.

— Vista-se, Gilcelle, te espero lá em baixo.

E assim, ele sai e bate a porta. Assim, sem um beijo, sem um carinho, como se

eu fosse uma qualquer. Tomo o café depressa, e desço enrolada no roupão, não quero vestir roupas sujas. Matheus está conversando com o recepcionista do motel quando me aproximo. Ele me olha, então volta a olhar para o homem e age como se eu não estivesse ali. Respiro fundo, vou até o carro, puxo minha mala e escolho um vestido. Então, tiro o roupão e troco vagarosamente de roupa. Tudo o que ouço então é o silêncio. Antes de ouvir um engasgo e passos rápidos em minha direção.

— O que está fazendo? — Matheus pergunta furioso e estende o roupão tentando me cobrir.

— Trocando de roupa. Você não levou minha mala lá em cima. Tive que me virar.

— Meu Deus, Gilcelle, eu juro que ainda mato você.

— Boa sorte, *querido*.

De repente ele sorri.

— Não preciso de sorte, *querida*.

Ele devolve o roupão para o recepcionista que mal pisca olhando para mim. Então dou uma piscadela para ele quando entro no carro. Assim que arrancamos, prevalece a maldita lei do silêncio. Sabe quando você tem um monte de coisas para falar, mas não quer ser a primeira a quebrar o gelo com uma pessoa que não merece que você se renda? Estou assim. Coloco os pés no banco, mas nem para chamar minha atenção ele me olha. Fica ali, como se fosse o dono do mundo, olhando para a estrada, com as duas mãos no maldito volante, a cara lavada de gay. Irrito-me. Você não faz ideia de como ser ignorada é irritante. É muito, muito mesmo. Não suporto. Grito e viro o volante.

Ele sorri enquanto o carro dá uma derrapada, e retoma a direção.

— Está nervosa, *querida*?

Yes, ele falou primeiro. Sou ou não sou demais?

— Eu? Nem um pouco, por que estaria? Mas eu queria conversar, sabe. Como foi sua noite? A minha foi estranha, andei tendo sonhos.

Ele não me olha, mas há um maldito sorriso em seus lábios e sei que está com apenas uma sobrancelha arqueada.

— A minha noite foi normal. Obrigado por perguntar.

— Normal? Filho de uma puta! Não foi uma noite normal quando você a passou com a boca no meio das minhas pernas!

Ele parece surpreso.

— Vamos falar disso? Achei que fossemos agir como sempre e fingir que nada aconteceu.

Eu o encaro em choque. Um, respiro fundo e tento me acalmar. Dois, tento me concentrar em algo que me acalme, como um frango bem assadinho girando no

assador. Três, foco seus olhos arregalados e de repente ele para o carro, no meio da pista mesmo.

— Quatro — dizemos juntos quando tiro o cinto, pulo em cima dele e puxo seu cabelo.

— Idiota! Idiota! Imbecil! Sua língua nem é tudo isso. Não gosto de faixas de roupão, idiota! Eu fingi o orgasmo.

Sacudo sua cabeça para frente e para trás, batendo-a no banco, que é macio, e ele está apenas rindo de meu ataque nada dolorido. Certifico-me de puxar bem seu cabelo, pelo menos isso, antes de me cansar de sua aceitação ao meu ataque e voltar para meu lugar frustrada, e grito:

— Vamos logo!

E o filho de uma puta está gargalhando.

Vamos ser sinceras, ok? Eu não esperava acordar com um buquê de flores. Não esperava que ele se declarasse, colocasse uma aliança no meu dedo e dissesse que estamos mesmo de casamento marcado. Não esperava nada disso. Eu só queria que ele estivesse na cama quando eu acordei. E depois, eu só queria que ele entrasse no quarto, e me abraçasse e me jogasse na cama, só para eu ver que ele esteve na cama comigo em uma manhã de dia seguinte. E agora eu só quero que um meteoro caia bem no lado dele do carro, levando metade do carro e ele todo terra abaixo. Ficarei triste por perder o carro, mas prometo que gargalharei como uma bruxa de felicidade por ele.

Mas, claro que nada do que eu quero acontece. Vida real. Ninguém tem o que quer. Vou encarar a merda da situação. Acalmo-me, me recosto no banco e fecho os olhos. E finalmente, ele liga o carro. Abro os olhos e de repente, ele está em cima de mim, me dá um beijo estalado na boca e se afasta.

— Bom dia, querida.

— Filho de uma puta! — Não espero chegar no quatro, pulo em cima dele de novo e ele volta a rir, dessa vez segura minha cintura e deita a cabeça em meus seios. — Me solta! Idiota! Língua pequena! Dedos pequenos! Idiota!

Ele afrouxa os braços e saio de seu colo.

— Meu Deus! Onde eu fui me meter? — reclama.

— Matheus Amorim, vamos deixar uma coisa bem clara aqui. Estou fingindo ser sua noiva, mas não sou de verdade. Não me toque, não me beije, nem me olhe, de preferência. Seja um noivo frio e relapso que não se importa com a noiva. Típico de homens ricos.

Ele arranca com o carro só para jogá-lo no acostamento. Abre a porta e sai. Espero, não vou sair atrás dele. Ele se recosta no carro, cruza os braços e olha para o sol rachando a estrada.

— Merda — saio do carro e me aproximo dele. — Vamos ficar aqui até

quando?

— Até conversarmos como adultos. Você acha que consegue?

Cruzo os braços também, e o encaro de nariz empinado.

— Tenta a sorte.

— Gilcelle, não podemos continuar assim. Minha família acha que somos noivos. Acha que nos amamos, que temos intimidade, que nos damos bem. Não vai funcionar se cada vez que eu tocá-la, você pular em cima de mim para me deixar careca.

— Não me toque, e não te machucarei.

— Vou tocá-la. Você é minha noiva. Vai ter que entrar na minha casa de mãos dadas comigo e sem uma careta de repulsa por meu toque. Vai ter que me beijar cada vez que acharmos que ninguém está olhando. Vai fazer seu papel direito, porque tem dois milhões meus na sua conta e você se comprometeu a isso.

Nem tem mais, já passei uma parte para Antônio.

— Tudo bem. Vou me comportar. Mas você também precisa se comportar. Matheus, por favor, não me beije de novo — peço olhando em seus olhos e noto que isso o magoa.

— Gil, me desculpa se eu...

Levanto as mãos imediatamente e ele se cala.

— Não peça desculpas. Não me peça mais desculpas. Estou cansada disso. Homens que se desculpam demais são craques em fazer merda. Nada aconteceu, nunca aconteceu. Você é um gay embutido, eu sou uma oportunista, você me pagou e vou fingir ser sua noiva. Depois vou pedir conta da V.D.A., jogar o Cleber pela janela e serei rica e feliz bem longe de você. Mas não me peça mais desculpas.

Ele assente.

— Não pedirei, Sereia. Talvez eu consiga mostrá-la isso.

— Muito trabalho em vão.

— Não me importa. Preciso que fiquemos em paz, tudo bem?

Concordo com a cabeça e ele me estende a mão. Estendo a minha e coloco sobre a dele. Tudo bem, vamos tentar não nos matarmos nessa semana. Mas então, o imbecil me puxa pela mão para o meio de suas pernas e me beija. Nada de pequeno estalo dessa vez, ele invade minha boca e aperta meu corpo ao seu. Sua mão aperta tanto minha bunda, que quase me levanta. Um carro passa buzinando por nós e alguém grita que tem um motel um pouco antes, e finalmente consigo me afastar. Vou direto com a mão em suas bolas, para matá-las de uma vez, mas ele prevê isso e a segura.

— Irei beijá-la muitas vezes. Você é minha noiva. Não pode apertar minhas bolas cada vez que eu fizer isso.

— Você não leva a sério as coisas simples que te peço. Quer tornar nossa convivência um inferno?

— Não quero, Gil. Quero apenas terminar essa e as outras noites na cama com você.

— Não é agindo assim que vai conseguir isso, seu estúpido.

Me solto de suas mãos e entro no carro. Ele entra em seguida, calado. Quando entramos em Baependi, me atrevo a perguntar, preciso mesmo saber.

— Matheus, eu fiz alguma coisa à noite?

Ele me lança um olhar malicioso.

— Que tipo de coisa?

— Falei alguma coisa enquanto dormia?

Ele franze o cenho.

— O que deveria ter dito?

— Não sei, algo como idiota, traste, imbecil, gay. Coisas assim.

Ele me olha nos olhos, parece ainda mais confuso, mas desvia o olhar para a estrada enquanto nega com a cabeça.

— Você não disse nada. Por quê?

Dou de ombros. Parece que não chamo por ele quando está na cama comigo. E então começo a pensar se é melhor que a mãe dele seja uma moralista que não nos deixará dormir juntos, como tenho rezado que seja, ou se é melhor que seja liberal e nos permita dormir juntos. Se eu dormir com ele, acabaremos todas as noites nos amando ou nos matando. Mas se eu não dormir, gritarei por ele à noite.

Descemos do carro em frente sua casa e respiro fundo quando avisto a cabeleira loira de Marisa na janela. Estou nervosa. De repente quero voltar para o carro e me esconder lá, mas Matheus passa o braço por minha cintura e me abraça.

— Relaxa, vai dar tudo certo.

— Isso vai ser um desastre, Matheus.

— Não vai. Você só tem que fingir que me ama. Eu não precisarei fingir.

Olho para ele, mas a porta é aberta e o grito de Marisa me faz olhar para frente.

— Gilcelle! Que bom vê-la querida! Por um momento tive medo que o meu Matt aparecesse aqui com um cara, acredita? Ainda bem que você é uma mulher.

Matheus revira os olhos e não sei o que responder. Meu Deus, essa semana vai ser longa!

Capítulo 08

Gilcelle

Marisa é uma mulher bonita, me lembro dela. Quando era mais nova, e tinha uma paixonite pelo Matheus (tinha, não tenho mais) eu meio que a vigiava, porque ela seria minha sogra um dia e eu queria que gostasse de mim. Agora está aqui pensando ser minha sogra. A vida é uma enorme bosta irônica. Ela tem o cabelo loiro bem claro, comprido, e uma cara desconfiada. Abraça rapidamente Matheus e me arrasta pela mão para dentro da enorme casa.

Quando era mais nova e tinha aquela paixonite boba, era doida para entrar nesta casa. Para ver como era por dentro, e ir ao quarto do Matheus, claro. Eu não esperava encontrá-lo lá, sua mente suja, seria constrangedor mexer nas cuecas dele com ele presente. Eu só queria confirmar que não eram cor de rosa. E ver de que tamanho eram, não me pergunte por quê.

Ela segura minha mão me arrastando e Matheus rapidamente segura a outra, me protegendo, eu acho.

— Vai com calma, mamãe — ele diz cauteloso.

— Não seja bobo. Só quero conhecer minha nora. Venha Gilcelle, querida. Vou te mostrar a casa — ela me puxa da mão de Matheus e de repente não estou mais na sala onde entramos.

A casa é enorme, é um tal de sobe e desce escadas, estou cansada quando ela diz que estamos na metade do tour. “Pelo amor de Deus faça-a calar a boca”. Cale a boca você, voz, ela é minha sogra. Ou quase.

— Marisa, será que podemos ir ao encontro do Matheus? — Não aguento e peço.

A velha abre um sorriso enorme e assente rapidamente com a cabeça.

— Claro, querida. Está com saudade dele, não é? Sei que moram juntos, trabalham juntos, se veem o dia todo. Você não aguenta ficar longe dele. Que lindo! Vou levá-la de volta a ele.

Sorrio meu sorriso menos assustador e a mulher pega minha mão de novo e me arrasta. Assim que entramos na sala, avisto um loiro lindo (não é o Matheus). Olho para o lado e avisto uma mulher pendurada nele. (No Matheus). Espero que ela seja sua irmã, porque se não for, esse cabelo liso dela estará nos meus dedos em dois minutos.

Marisa responde meu questionamento ao gritar:

— Amanda, saia de cima do seu irmão! Miguel, chame o Marcus, venham conhecer a noiva do Matheus. Noiva! Mulher! Chame-o!

Mas Miguel não se mexe. Ele me olha. De boca aberta e sem desviar os olhos.

Sinto-me sem graça e tento me enfiar atrás de Marisa, mas ela é baixinha, e o irmão de Matheus fica ali me secando. A loira, Amanda, sai de cima de Matheus e logo, mais um loiro entra na sala. Esse tem cara de malvado, e alguma coisa nele é estranha, mas não sei dizer o quê.

— Gil, minha querida nora. Esses são meus outros filhos, seus cunhados. Esse é Marcus, aquele é o Miguel, e a caçula, Amanda.

— Espera — digo antes mesmo de apertar a mão de algum deles. — Matheus, Marcus, Miguel e Amanda?

Marisa parece não entender, mas Amanda cruza os braços, claramente irritada.

— Sim, qual o problema?

— Nada. — Dou de ombros. — Só que você é meio que a renegada, sabe. Toda mãe tem aquele filho que escapuliu, e aí ela nem se preocupa em dar sequência a nomes. Tipo, eu não queria esse filho, então vai Amanda mesmo, é com A, primeiro nome que veio à mente. Coisas assim.

— Para o seu governo, me chamam de Mandy.

— Foi você quem escolheu esse apelido?

Ela assente.

— É, você é esperta.

Ela sorri e me estende a mão. Lembro-me bem pouco dela, era criança quando Matheus foi embora, deve ter uns dezessete anos agora, embora seja bem baixinha e tenha um rostinho de boneca.

Após todas as cansativas apresentações, em que não faço a menor questão de ser simpática, Marisa me inventa um almoço na casa de alguém, que é parente de não sei quem. E tudo o que menos quero hoje é sair. Meu cabelo está sujo de estrada, o meio das minhas pernas está dolorido, Matheus ainda está meio surdo e não faço mesmo questão de conhecer o resto da família dele. Só vamos ficar uma semana. Depois serei uma rica solitária, pra que laços familiares?

O encaro com um bico e ele entende que não quero ir.

— Mamãe, a Gil está cansada. Por que não deixamos para outro dia?

— Mas Matt, ela precisa conhecer a Cotinha, a Ernestina, a Rosalinda, a Rivalda, a Margarida e a Antonela. E o Afrânio. Ele sempre disse que você parecia uma Barbie. Eles precisam ver que você tem uma noiva.

— Meu Deus! Daqui a pouco vão me pedir para tirar a roupa e abrir as pernas para ter certeza que sou mesmo uma mulher! — Não quero ser hostil com ela, mas isso de ficar insinuando que ele é gay o tempo todo me irrita.

Amanda e Matheus riem, Miguel engasga e Marcus parece horrorizado. Eu já disse que há algo estranho com esse Marcus?

— Mamãe, ela está cansada. Acho melhor tomar um banho e dormir um pouco até a hora do almoço.

— Ficar um pouco sozinha — completo. Essa casa branca, com esses móveis brancos e esse monte de gente loira, preciso sair daqui.

— Venha então querida. Marcamos o almoço depois. Vou levá-la para o seu quarto.

Ela pega minha mão e vai me arrastando escada acima. Passamos por um corredor enorme e cheio de portas, mas adivinho a porta do quarto do Matheus, porque há um cavaleiro do zodíaco pregado nela. Aponto com o dedo.

— Este é seu quarto.

Ele sorri atrás de mim.

— Sim. — Pega minha mão e me leva para dentro dele.

— Tinha mesmo que ter um cavaleiro de armadura rosa? Tantos cavaleiros e você gosta do rosa? Depois não vá reclamar quando me pedirem para abrir a boceta para terem certeza que esse rachado não é resultado de uma cirurgia.

Ele dá uma gargalhada e bagunça meu cabelo.

— Acredite, esse não era o cavaleiro gay. Veja meu quarto, Sereia.

— Você está de brincadeira!

A parede do quarto de um adolescente espinhento de interior, é cheia de:

A – fotos de jogador de futebol

B – fotos de bola

C – fotos de banda de rock

D – fotos de mulher pelada

Mas, a parede dele é cheia de Ariel. Sim, a Ariel, Sereia da Disney. Nem no meu quarto quando eu era criança e doce, tinha princesas na parede. Encaro aquilo de boca aberta e olho para Marisa com uma careta.

— Eu sei, filha — ela diz resignada. — Isso também me assustou.

Matheus me puxa pelo braço e me abraça por trás, como se fosse o máximo ter um monte de Sereias espalhadas por seu quarto.

— Matheus, você sabe o quanto isso é gay? Tipo, mais gay do que o cavaleiro rosa na porta. Mais gay do que todas as frescuras juntas. Isso é muito gay.

Ele apenas sorri enquanto recosta o queixo na minha cabeça.

— Baile do ensino médio. Você foi vestida de Sereia. Parecia com ela. Você tinha o cabelo longo, e em ondas vermelhas. Usava um top verde atrevido e aquela saia colada às suas curvas. A apelidei de Sereia. Essa Sereia ruivinha sempre me lembrou você.

Merda. Odeio quando quero odiar e o suposto odiado é um fofo. E me faz ter vontade de beijá-lo e apertá-lo e até fazer carinho nele. Odeio gente fofa.

Não consigo responder, e o “own” exagerado que a mãe dele solta é que me faz voltar a terra.

— É fofo, mas continua sendo gay — digo e ele sorri, beija meu pescoço e se

afasta, pegando minha mala do chão e jogando sobre sua cama.

Mas não é fofo. É mais do que isso. Poxa, o cara encheu o quarto de Sereias por minha causa. Ou só me usou de desculpa para ter princesas espalhadas por seu quarto. Mas então, quando olho sua cômoda, quase caio para trás.

— Matheus! O que é isso? — Aponto para a foto que ele tem ali. Sou eu, com 13 anos. De aparelho, trancinha e a cara cheia de sardas. Meu apelido detestável era sardinha acesa. E ele fotografou isso.

Ele corre e abaixa o quadro, estende um dedo e fecha totalmente a cara antes de ordenar.

— Mantenha distância das minhas coisas. Não é para você tocar nisso.

— O caralho que não vou tocar, vou jogar isso fora agora.

Pego a foto, mas ele a tira da minha mão, tento pegar de novo, mas ele joga o quadro na cômoda e me pega pela cintura.

— Fica quieta ou vou te fazer cócegas.

— Covarde!

— Encrenqueira. É só uma foto.

— Não! É a pior foto, isso é pior do que uma foto minha cagando. Por que você fez isso?

— Você era assim quando a conheci.

— Não justifica.

— Foi o primeiro dia que te vi. Você estava correndo, e trombou em mim. Jogou suco de uva na minha roupa.

— E você gritou como uma menina e me mandou tomar no rabo.

Ele segura meu rosto nas mãos e sorri.

— Sim. Tive que ficar sem camisa a aula toda.

— Porque era um fresco. Foi só uma manchinha.

— A primeira de muitas, mas foi a primeira — ele diz.

— Para de ser fofo.

— Não estou sendo fofo. Eu disse que a mostraria, ao invés de pedir desculpas.

— Mentira. Você ligou para sua mãe e pediu para ela armar tudo isso. Safado.

Ele gargalha e me abraça. E Marisa nos interrompe batendo palmas como uma foquinha.

— Isso é lindo. Vocês se amam. E você é uma mulher linda, e terei muitos netinhos. Tomara que puxem seu cabelo, estou cansada de loiros nessa família. Venha Gil, vou mostrar seu quarto.

Tento ir, mas Matheus segura minha mão.

— Ela pode ficar aqui, mamãe.

— De jeito nenhum! Não me importa se dormem juntos lá na capital, debaixo

do meu teto, vão seguir as minhas regras! Cada um em um quarto, e nada de fornicção na minha casa.

Ela sai batendo o pé e a seguimos.

— Ela disse fornicção? — sussurro.

— Se ela soubesse como você é chata, não nos deixaria em quartos separados — ele diz.

— Se ela soubesse como você é idiota, nos deixaria em continentes separados.

Meu quarto é aconchegante e...

— Não é branco! Nada contra o resto da sua casa, Marisa, mas estava agoniada de tantas coisas brancas em um único lugar. Marrom. Cor linda! Obrigada, Senhor!

Ela parece magoada, e empurra Matheus porta afora para que eu descanse. Mas nem dois minutos depois, a porta abre e Marisa entra.

— Oi querida, está bem?

— Sim — digo desconfiada.

— Eu queria te perguntar uma coisa, mas não se assuste.

— Claro, Marisa.

— Você e meu filho... — Ela enrola os dedos um no outro e não entendo o que quer dizer. — Assim, sei que moram juntos e provavelmente sim, mas eu, ele faz direito? É que ele sempre foi meio fraquinho, sem pegada, nunca teve namorada...

Estou em choque. De olhos abertos, boca aberta e sem saliva na boca. Ela me encara, nem um pouco constrangida. Senhor, só falta eu ter que inventar coisas sobre minhas transas fantasmas com Matheus para essa mulher. O que posso dizer? Que ele fode gostoso com a boca e age como se não fosse nada na manhã seguinte? Que ele tem um chicote e eu uma coleção e algemas? O que essa mulher quer saber?

— Só quero saber se ele sobe — ela faz um movimento com o dedo — com você.

Então, finalmente entendo aonde ela quer chegar, e me irrita, muito.

— Sim Marisa, sobe. Ele fode com força, gostoso mesmo. Me faz gozar, toda noite. Por isso queríamos dividir o quarto. Ele é macho. Era isso o que queria saber? Seu filho é homem! Pare de insinuar o contrário!

Ela está em choque, mais do que eu estava. Gagueja, fica vermelha e aponta sem graça para um papel pregado na porta do guarda-roupa.

— Regras. Leia, por favor — então sai.

Jogo-me na cama. Até que não foi tão mal, não é? Só preciso resistir às fofurices dele e às loucuras da mãe. Uma semana. Posso fazer isso. Não vamos nos matar afinal de contas. Só preciso lembrar do frango assadinho rodando cada

vez que a mãe dele começar a falar, porque ela fala demais. E então a semana terá acabado e tudo ficará na mais absoluta paz.

Mas, quando desço para o almoço, percebo que não será tão fácil assim. Não preciso dizer que a cozinha é branca. Ok. Há uma mesa enorme e todos estão em pé, cada um diante de uma cadeira. Estranho. Ok. Assim que entro, Marisa sorri.

— Gilcelle — diz apontando para uma cadeira ao lado da de Matheus.

Caminho até ela e imito o que todos estão fazendo. Marisa me estende um laço. O pego sem entender para que aquilo.

— Vá prender o cabelo querida. Não queremos encontrar um fio vermelho boiando no ensopado, não é mesmo?

Olho para Matheus para me certificar de que ela está falando sério, mas ela está. Puxo o laço de sua mão com uma careta e prendo o cabelo.

— Pronto.

— Agora vá lavar a mão.

Respiro fundo e Matheus me olha quase com súplica no olhar. Saio batendo os pés e ouço Marcus, o estranho, resmungar que está faminto. Volto com as mãos molhadas e faço questão de sacudi-las em Marisa, para que ela veja a água respingando.

— Matheus, dê graças — ela ordena.

— Obrigado por esse alimento, que nunca nos falte.

Então todos se sentam. Menos eu, que achei que ainda teria mais alguma coisa na cerimônia. Matheus me puxa e caio na cadeira.

— Por que tem sete colheres aqui? — pergunto baixinho a ele.

— Uma para cada comida. A maior é a do arroz. A menor, a do purê.

— Está dizendo que não posso misturar arroz com feijão no prato?

Ele sorri, mas parece preocupado.

— Não. Eu devia ter mencionado antes. Uma coisa de cada vez. Ou enlouquecerá minha mãe.

Olho para a mesa e os siameses loiros todos comem apenas uma coisa por vez. Aliás, cada comida está bem distante da outra nos enormes pratos. Eles não misturam comida mesmo. Matheus coloca a comida no meu prato exatamente assim, uma coisa bem longe da outra.

— Gilcelle, querida. Essas colheres de cabo vermelho serão as suas. Comprei esse jogo especialmente para você.

— Obrigada?! — De tudo que imaginei ganhar de presente da sogra, um jogo de colheres não estava entre as opções.

— Você só vai comer com essas colheres enquanto estiver aqui — Matheus explica.

— Sério? E se eu quiser te dar comida na boca, da minha colher?

— Você não quereria.

— Estou com vontade agora — digo e levanto a colher de purê em direção a ele, que come da minha colher.

Então todos param de comer.

— Caralho de família esquisita! Por que ela não está com sete colheres? — pergunto apontando para Amanda.

— Ela é divergente. Não sei o que é isso, mas não me obedece — explica Marisa tristemente.

Eu quero mesmo que isso dê certo. Essa semana. Matheus me pagou bem e prometi ser uma noiva exemplar. Mas isso está me enlouquecendo! Respiro fundo. Um, é só uma semana. Dois, o frango assadinho girando no assador. Três, a comida longe uma da outra no meu prato. Quatro, Matheus conta comigo quando pego a maior colher por perto e misturo tudo. Faço uma verdadeira gororoba no meu prato. Ainda jogo farinha, junto tudo em uma montanha e finalmente, respiro aliviada.

— Assim, eu com assim. Como gente normal.

— Comer uma montanha não é normal — diz Marcus.

— Homem usar desodorante feminino, não é normal. O seu é igual ao que eu uso.

Ele parece sem ar e Marisa o olha, horrorizada.

— Matheus. Não estou com fome, não estou mais com fome! — grito.

— Claro, querida. Venha comigo.

Saímos da mesa sob os protestos do Marcus, o estranho, e Matheus me deixa chutar folhas do lado de fora e depois amontoá-las e jogá-las nele. Então, finalmente me acalmo.

— Não vou sobreviver — choramingo.

— Vai amor, vou fazer valer a pena.

— São loucos, Matheus. É frescura demais.

— Vai ficar tudo bem — ele diz me abraçando.

— Quero quatro milhões. Ou serei divergente com sua irmã.

— Nem pensar. Se tivesse pedido antes, eu aceitaria, mas você prometeu ser uma noiva exemplar por dois.

— Eu te odeio! — Merda. Isso vai ser mais difícil do que eu pensava.

Matheus

Há um motivo para eu ter ido estudar bem longe daqui. Recordei-me dele dez minutos depois de ter colocado os pés em casa. Não me leve a mal, amo minha família, mas eles enlouquecem qualquer um. Eu deveria ter levado a Gil para qualquer lugar do mundo, menos para cá. Não sei onde estava com a cabeça.

— Espero que no mínimo, nos seus próximos natais em família, parem de insinuar que você é gay.

— Não vai acontecer. Se eu aparecer no próximo natal sem você, vão achar que desistiu porque sou fraco.

Ela sorri enquanto guarda as roupas no guarda-roupa.

— Sua mãe veio me perguntar se você sobe comigo.

Engasgo com o nada e a observo curioso.

— Não se preocupe. Estou honrando meus dois milhões. Eu disse a ela que você fode com força e me dá vários orgasmos. — Sorrio. Não posso imaginar a cara da minha mãe ao ouvir algo assim. — Portanto, no próximo natal, você será o garanhão que terminou com a noiva encenqueira para curtir sua fama de bom fodeador.

— Talvez isso se espalhe por aqui e eu consiga pegar as Lacerda.

Ela me olha com uma careta.

— Elas ainda vivem aqui? Não se casaram?

— Não. São todas solteiras, fáceis e lindas, as quatro.

Elisa, Luísa, Laisa, e Lanisa, são quadrigêmeas que estudaram conosco. Lembro-me de se juntarem para bater na Gil uma vez, na oitava série. E essa pequena Sereia arrebentou as quatro.

— Cretino. Vá usar sua língua nelas, faça bom proveito de todas as doenças que aquelas pererecas carregam. — Ela suspira pesadamente e espero que vá pedir para ir embora, mas a reclamação é outra. — Não tenho uma calcinha. Nem um sutiã. Não vou descer para o chá da tarde assim.

— Não é um chá da tarde, é um lanche. E vamos a uma loja de lingerie comprar algo para você.

— Vou comprar a loja toda para você deixar de ser idiota. Não aguento mais ficar sem calcinha.

Quase engasgo de novo e me sento na cama.

— Está sem calcinha, Gilcelle?

— É claro! Você jogou todas fora! Qual acha que eu colocaria depois do banho no motel onde não dormimos?

— Está me dizendo que pulou no meu colo de vestido, sem calcinha?

— Sim.

— Sentou-se à mesa de frente para meu irmão, de vestido, sem calcinha?

— Sim. E se não me arrumar calcinhas novas hoje mesmo, amanhã farei questão de abrir as pernas para ele. Pelo menos assim ele vai dizer que minha xoxota é uma xoxota, e não tem nenhum pau embutido aqui dentro.

— Você tem ideia do quanto é atrevida?

— Seu irmão nem deve saber o que é uma xoxota. Você viu a cara dele para os meus seios? — Ela fecha a porta e encara a enorme folha que minha mãe deixou com as regras. — Vamos ver o que temos aqui. Não sentar na tampa do vaso. Uau! Essa é a regra número um! Como a Amanda faz xixi? Regra dois, usar apenas seu sabonete. Três, não entrar no quarto com sapato que veio da rua. — Ela me encara e assinto, então volta a olhar a folha, passa o dedo por um monte delas, soltando um palavrão de vez em quando. — Você precisa ver essa! Não tocar suas partes íntimas nos banheiros compartilhados. Que merda é essa?

— Muitos homens em uma casa.

— Você quer dizer, homens que não comem nenhuma mulher e precisam se masturbar, é isso? Ainda bem que tem essa regra, ela deveria ser a primeira, Deus me livre achar algo de seus irmãos estranhos na banheira.

Sorrio e volto a me deitar, ela está levando isso bem melhor do que eu teria imaginado. Quando Miguel trouxe a primeira namorada aqui, mamãe a fez correr em dois minutos.

Pouco depois, ela se joga na cama ao meu lado.

— Não foi tão ruim — diz, mas faz uma careta e cobre os olhos. — Mentira! Foi péssimo. Sinto muito, mas não vou obedecer a sua mãe. Ali diz que não posso dizer palavrão e minha cara por si só já é quase um. Sua mãe precisa transar.

— Por favor, não fale da minha mãe e de sexo na mesma frase.

Fitamos o teto por um tempo, e seguro sua mão. Ela resmunga, mas não a tira da minha, o que considero uma vitória.

— Obrigado. Sei que não há milhão no mundo que valha o que você está fazendo.

— Na verdade isso é questionável. Aumente minha conta mais um pouco e serei obediente.

— Você nunca seria obediente, Gil. Mas, você foi ótima. Não deixou a mamãe montar em você. Ela te adorou.

— Duvido muito — ela diz, mas sorri, sabe que mamãe realmente a adorou.

Não consigo levá-la à loja de lingerie porque assim que entramos no carro, Miguel e Amanda entraram também, querendo dar uma volta com a gente. Então fomos dar um passeio para rever a cidade e voltamos para casa.

— Vou ficar resfriada. Acho que minha bichinha nunca pegou tanto vento — ela resmunga baixinho.

— Não se preocupe, eu a aquecerei com a língua.

Ela faz uma careta. E não janta quando chegamos em casa. Preciso resolver isso.

— Mamãe, não quero que minha noiva morra de fome. Ela vai comer do jeito que quiser comer, não quero nenhuma careta por isso.

— Claro, querido. Ela vai demorar um pouco a se habituar às regras da família. É meio, como posso dizer, esquentadinha, a sua Sereia.

— Ah sim, ela é fogo.

Espero todos irem dormir e entro no quarto dela. Achei ridículo isso de termos que dormir em quartos separados, mas mamãe tem um caso sério de amor com regras, e aí de quem quebrá-las. Abro a porta no mais absoluto silêncio, e ela não está na cama. Vou até a suíte, mas não está. Por um momento, temo que a maluca tenha fugido, mas ouço sua voz no corredor, em uma daquelas risadas falsas e rezo que minha mãe não entre com ela. Mas, Gilcelle não permite, ela para na porta e dispensa minha mãe dali mesmo. Posiciono-me bem atrás dela, e quando bate a porta e se vira, a agarro e a beijo.

Seu grito fica preso na minha boca, mas ela corresponde. A beijo muito, a encosto na porta, subo minha mão por sua coxa e a passeio por dentro do vestido. Quando me afasto para respirar, ela diz:

— Regra número cinquenta e três, nada de beijos nessa casa. Tenho certeza que se tivesse lido até a regra noventa e oito, chegaria na parte das mãos embaixo de vestidos.

— Adoro seu humor. O bom e o mau.

— Você me ama. E vou querer cem mil a mais por cada beijo que me der.

— E se eu comer você? Quanto terei que pagar a mais?

— Você não pode me comer, seria contra todas as regras de não fornicar que tem naquela lista. Além do mais, amanhã você fingiria que nada aconteceu e eu o odiaria por isso.

— Aprendi com você, querida, a melhor.

Ela me empurra e aponta para a porta.

— Fora, querido. Esse não é seu quarto.

— Posso ficar um pouco, se quiser.

— Não quero.

— Posso ficar assim mesmo.

— Suma, Matheus. Não quero sua mãe me dando sermão porque você dormiu aqui. Você precisa ver o que ela disse quando percebeu que estou sem calcinha.

— E como ela percebeu isso?

— Acho que seu irmão mais novo está apaixonado por mim.

— Miguel tende a se apaixonar por mulheres bonitas. Qualquer uma que veja. Mas, o que isso tem a ver com ela ter descoberto que você está sem calcinha? — Meu olho treme em tiques quando junto as peças, e quase não consigo falar. Então, a malvada começa a rir.

— Adoro esses tiques. Ele reparou que não havia marca nenhuma na traseira do meu vestido.

— Ah bom.

— Agora saia.

— Boa noite.

— Idem.

Ela bate a porta e vou cabisbaixo até meu quarto, mal entro, dou de cara com Marcus, parado no meio dele.

Vou explicar uma coisa sobre Marcus. Fui o primeiro filho e muito protegido pela mamãe. Não me deixava fazer nada. Então, veio Marcus, era a mesma coisa. Quando Miguel chegou, ela não dava conta de vigiar nós três, e Marcus era um garoto "normal". Do tipo que jogava bola com os moleques. Eu não fazia isso, nada contra futebol, mas detestava suar, contato com lamas, e garotos sujos encostando-se a mim. Foi aí que começou esse papo idiota sobre minha masculinidade. Porque apesar de termos a mesma criação, Marcus agia como um menino. Não que eu não agisse, mas esse povo de cidade pequena fala demais.

— Sei que isso é uma farsa, Matheus. Sei sobre vocês. Ela sequer falava com você há um mês e agora age como uma boba apaixonada. Quanto você a está pagando? Por quanto a comprou?

— Não ouse insinuar que ela está à venda, Marcus. Não ouse sequer olhar na direção dela. Gilcelle é minha, encoste um dedo nela e não importa que tenha meu sangue, eu o matarei.

— Vou desmascará-lo, Matheus. Não vai enganar a mamãe assim. Vou provar para a família toda que vocês estão fingindo, e que você é gay.

Então ele sai e bate a porta. Caralho! Marcus vai tentar seduzir a Gil.

Estou inquieto rolando de um lado para o outro na cama, quando ouço algo.

— Matheus! Não! Não faça isso! Não vá!

É a voz da Gilcelle. Levanto-me correndo, mas mamãe, cujo quarto é exatamente em frente ao dela, também ouviu. Amanda e Miguel também vêm sonolentos ver o que está havendo. Entramos todos no quarto e Gil grita meu nome, e rola na cama, lágrimas escorrem por seu rosto, mas está dormindo.

— Gil. Ei, amor. Acorde.

Jogo-me na cama e a puxo para meus braços. Ela abre os olhos atordoada. Mamãe segura sua mão e tenta acalmá-la.

— Está tudo bem, querida, ele está aí, com você. Veja. Não vai a lugar algum. Ela olha para mim ainda atordoada e assente para mamãe, que solta sua mão.

— Vamos meninos. Deixem que o Matt a acalme.

— Mas, mamãe. Eles não podem dormir juntos. É contra a regra quarenta e oito. A senhora fez a Talula dormir na varanda! Mamãe! — resmunga Miguel.

— Chega, Miguel, falamos depois. Deixe-os.

Assim minha família maluca fecha a porta ao sair, e ela sai de meus braços e deita na cama. Deito-me ao seu lado, nem sei como começar a falar, como começar a entender o que aconteceu.

— Era isso que você achou que tivesse feito noite passada? Quando me perguntou no carro se havia dito alguma coisa, era isso? Você sempre chama por mim à noite?

— Foi um pesadelo — ela diz, mas não olha para mim.

— Você sempre tem esses pesadelos? Gilcelle, converse comigo.

— Preciso dormir! Não quero falar com você!

Ela seca o rosto e se vira para o outro lado. Apago a luz e a abraço. Ela não se afasta, mas sei que não está dormindo. Está tremendo levemente.

— Está com frio? — pergunto e ela assente. — Vem aqui, deite aqui comigo, vou aquecê-la.

Ela se vira para mim, mas antes que eu veja seu rosto, o enfia no meu peito. A abraço, cubro-a, e tento tranquilizá-la. Logo, ela adormece. Merda, o que foi que eu fiz com ela?

Estou louco de vontade de ir ao banheiro. Estou faminto, e ela ronca. Mas, não vou arriscar sair da cama e ela acordar bem nesse momento. Sozinha. Vou esperar que desperte, me veja aqui, brigue por eu estar aqui, mas saiba que eu estava exatamente onde deveria ter estado desde a primeira noite. Ela resmunga, ronca mais alto, e estende a mão, cobrindo minha face e empurrando.

— Para de me olhar dormir, seu esquisito.

Sorrio e mordo seus dedos.

— Você ronca como uma porquinha.

— Seu furico. Não ronco. Sou uma lady.

Ela esfrega os olhos, se espreguiça e então, me olha. Olha o sol lá fora, e olha para mim de novo.

— Estou aqui, amor. Na manhã seguinte. — Ela pisca os olhos e parece envergonhada. — Não vamos mais falar sobre ontem. Nada aconteceu — a tranquilizo.

— Sua mãe vai me dar um sermão por você ter dormido aqui? Porque se for, não vou tomar café da manhã. E o café daqui é preto, não é? Não gosto de café de outra cor. Tudo aqui é tão branco que me dá gastura. Seu irmão entrou no

meu quarto pouco depois que você saiu, disse que errou de quarto, eu podia jurar que você disse que o quarto dele é no andar de baixo. E sua irmã canta durante a noite. Imagino que use fones de ouvido, pois grita tanto que não conseguiria ficar em um ambiente fechado com a própria voz. Sua família é meio estranha, e tem muita gente. Um mais estranho que o outro. Não sei que tipo de anomalia tem o gene de vocês, para terem saído todos assim.

Sorrio, ela não para de falar, porque não quer me olhar. Não quer conversar comigo, e falar sobre o que aconteceu, quer fazer o que sempre faz, agir como se não fosse nada. E neste caso, tenho que permitir. Até descobrir o que aconteceu, ela precisa esquecer. Pulo em cima dela e a beijo rapidamente, então me levanto.

— Vista-se, preguiçosa. Vou pegá-la para tomarmos café na rede, o que acha?

— Sem sua família maluca controlando com qual xícara devo tomar café e qual devo tomar leite?

— Sim.

— Ótimo. Mas, não uso short sem calcinha e não tenho vestidos longos. Mantenha Miguel longe dessa rede.

— Vou cuidar disso.

Após fazer minha higiene e tomar um banho, ligo para Celina, mas quem atende é Suzana.

— Liguei para o número errado?

— Não, meu dom preferido. Estou com Celina, estamos tomando café, ela colocou algo vermelho no café dela e agora está com gases.

— Credo! Desnecessário ter me dito isso.

— Foi só para esclarecer porque estou com o celular dela. Como andam as coisas? Quentes?

— Não. Minha família é meio incomum, não sei se a Gil vai aguentar ficar aqui uma semana. Suzana, preciso de um conselho. Ela teve pesadelos à noite. Gritou meu nome, chorou. Acho que a traumatizei.

— Merda. Isso não é nada bom. Você precisa descobrir se...

Há um barulho e então a voz de Celina preenche meu ouvido com um grito.

— Ela sempre tem esses pesadelos, e isso é culpa sua, seu grande imbecil, aaai!

— Celina? Está tudo bem?

— Sim, são os gases. Como eu ia dizendo, desde que você a deixou depois daquela noite que nunca existiu, ela chama por você à noite. Mas, não fale sobre isso, ela odeia.

— Por que nunca me disse?

— Você ouviu o que acabei de dizer? Não falamos sobre isso! Ela odeia! Além do mais, jamais confabularia com o idiota responsável por eles. Resolva

isso, Matheus! Penso que não chamará seu nome se dormirem juntos. E esteja na merda da cama todas as manhãs. Ela provavelmente vai acordá-lo amassando suas bolas, mas é melhor do que lembrar que chamou seu nome à noite porque você foi um covarde há dez anos.

E fui ontem de manhã. Não estava na cama quando ela acordou. Merda. A voz de Suzana me diz de forma mais calma.

— Celina não está com o melhor dos humores. Fale sobre isso com ela. Quando conseguir conversar com você sobre isso, irá superar. Mas, não a force a falar nada, apenas deixe claro que ela pode falar.

— Suzana, você é uma mulher e tanto! Que filho da puta sortudo é o imbecil do Cleber. Já o Sebastian, coitado.

— Não fale da Celina quando ela está com gases — Suzana me adverte e ouço gritos de Celina desejando raios em algum lugar.

Só então percebo Gil parada na porta. Não sei quanto da conversa ela ouviu, mas não parece feliz.

— Então a queridinha do Cleber fica te ligando de manhã?

— Não, liguei para Celina, elas estão juntas.

Ela cruza os braços com um bico.

— Hum, não sei por que tem que tratá-la com tanto carinho. Tomara que o Cleber ainda quebre seus dentes.

Sorrio, mas ela sai batendo os pés. Mamãe já encara Gilcelle reparando algo em seu vestido, quando fecha totalmente a expressão, sei que reparou que ela está sem calcinha. Isso se confirma quando ela verifica se Amanda e Marcus estão olhando, e diz baixinho:

— Você não usa calcinha?

Ao que Gilcelle responde em alto e bom tom.

— Sim, eu uso. Mas, seu filho jogou todas as minhas calcinhas fora.

Todos a olham.

— Por que ele fez isso? — mamãe pergunta horrorizada e Gilcelle dá de ombros.

— Não sei, ele as cheirou e depois jogou todas no lixo. Vai entender.

Mamãe quase tem um ataque e Gilcelle sai em direção à varanda. Ou minha família enlouquecerá minha noiva, ou minha noiva enlouquecerá minha família. Não sei o que seria pior. Pego o café e a sigo, mas mamãe imediatamente nos impede.

— Nem pensar. Se quiser deitar nessa rede com sua noiva, vá comprar calcinhas para ela primeiro.

Tomamos café em pé na varanda, já que mamãe também não quer que a Gil sente-se à mesa sem calcinha. E logo depois, a levo para comprar as benditas

calcinhas.

Gilcelle

A loja de lingerie da cidade é enorme. Quando me mudei daqui, ela não existia, e acho que nenhum morador aceitaria uma loja de lingerie, mas hoje, quando parece que tudo é permitido, há a foto de uma mulher seminua, segurando os seios e abaixando a calcinha na vitrine.

Aponto para ela e digo para Matheus e Miguel:

— Os velhos do xadrez devem ter adorado isso.

— Ah sim, mudaram o ponto do xadrez para a praça aqui em frente — confirma Miguel.

Não preciso de dois minutos dentro da loja para reconhecer Lanisa. Ainda nos odiamos. Brigamos uma vez, na verdade minha briga não era para ter sido com ela, e sim com Elisa, a imbecil que estava planejando mostrar os seios para Matheus, enquanto Lanisa pegava o Cleber. Mas, vocês sabem como são meninas de colegial, a vaca da Elisa chamou as siamesas e vieram todas brigar comigo. Como na hora da raiva não consegui identificar qual delas era Elisa, bati em todas. E Antônia, a boa menina, sequer me deu apoio moral. Me dedou para mamãe e ainda levei uma surra quando cheguei em casa. Percebi naquele dia que essas quatro retardadas eram mais felizes do que eu, porque podiam contar uma com a outra.

Escolho alguns modelos, e em menos de dez minutos, apenas Miguel está ao meu lado. Ele levanta vários sutiãs e me mostra.

— Pequenos demais, Miguel.

— Sim, essa é a intenção. Seus seios ficarão pulando para fora.

Acerto uma calcinha nele que sai rindo para cantar Luísa. Duas Lacerda nesta loja. Saio jogando tudo o que vejo na sacola, vou comprar muitas coisas para o meu noivo pagar, já que o idiota jogou minhas coisas fora. Não vejo Matheus em lugar nenhum, mas homens nunca têm paciência de nos esperar comprar nada. Absurdo, já que provavelmente estamos comprando, esperando a reação deles.

De repente, duas mãos grandes apertam meus seios por trás, e Miguel diz admirado:

— Maiores, esses servem — me estende um conjunto enorme.

— Não tenho bunda para encher isso.

Ele se aproxima de novo e aperta minha bunda, dou um beliscão nele que se afasta rindo.

— Verdade. Quase nada de bunda.

— Imbecil. Você não diz a uma mulher que ela quase não tem bunda, é muito deselegante.

— Ok, Bob Esponja.

Faço uma careta e grito:

— Matheus, seu irmão está me bolinando!

— Miguel! — O grito de Matheus vem de algum lugar e entro satisfeita com minhas sacolas no provador.

E só então, vejo o nome da loja nas etiquetas: Lacerda's lingerie.

— Que bosta.

Abro a cortina e não vejo a cabeça loira do meu noivo, nem de nenhuma das siamesas.

— Merda.

Tiro a roupa, visto um conjunto vermelho bem pequeno, e abro toda a cortina saindo do provador.

— Miguel! Assim está bom?

Todos que estão na loja (sim, há homens também) me olham. E em menos de dois minutos, Matheus está na minha frente, com um olho piscando, vermelho como um tomate podre e me empurra de volta para dentro do provador.

— Mas, que merda! Não posso tirar os olhos de você por dois minutos! Por que quer me enlouquecer?

— Sorry, baby. Teria evitado isso se não estivesse ocupado se esquecendo das bactérias das pererecas dessas siamesas. Seu safado!

Ele sorri. O tique no olho para e ele avalia a lingerie.

— Linda! Muito melhor do que aquela furada de moranguinhos.

— Não fale assim da minha calcinha da Moranguinho, foi minha avó que me deu.

— Quando você tinha quinze anos, imagino.

— Minha bunda não cresceu muito desde então. Ainda servia.

— Compre todas essas. Vai ser mais gostoso rasgá-las depois.

— Não sei quando acha que vai fazer isso, segundo as regras da sua mãe, você terá que purificar seus olhos por ter visto minha calcinha.

Ele me puxa de repente e morde meu pescoço.

— Vista-se, Sereia. Vamos dar um perdido no meu irmão, quero fazer uma coisa.

— Que coisa?

— Castigá-la por ser tão atrevida — ele diz e acerta um tapa na minha bunda, então sai do provador.

— Matheus Amorim! Aproxime-se de uma dessas siamesas doentes e quem usará aquele chicote serei eu! — grito.

Há um silêncio de repente na loja e ouço apenas a risada de Miguel. Pronto querido, estou acabando com sua fama de gay.

Miguel não reclama quando Matheus informa que ele perdeu a carona, e enquanto ele roda com o carro, estou na expectativa de ser castigada. Tudo passa pela minha mente: algemas, aquele chicote com cheiro de novo, tapas, puxões de cabelo. Estou ansiosa e quase tremo por dentro. Um sorriso idiota se instala no meu rosto em antecipação.

— Por que está rindo como uma hiena relaxada?

— Não posso estar feliz?

— Tenho medo quando você está feliz. Não pode ser uma coisa boa.

Ah meu querido, será uma coisa ótima.

Ele para o carro em frente um drive in e quase tenho um troço. "Vocês vão mesmo fazer isso. Esqueça o passado e use camisinha." Ok voz. Meu sorriso aumenta, mas ele liga o carro e segue adiante. Meu sorriso murcha. Mas, ele para o carro em frente a um motel. "Ele quer mesmo impressioná-la." Meu sorriso volta e Matheus ri.

— Acabei de descobrir o que te deixa tão feliz, sua safada.

— Vai achando, querido. Minha tara é por algemas, não por você.

— É uma pena que não as tenha agora.

— Você sabe se virar — digo quando ele entra com o carro no motel.

— Oi, Matheus, há quanto tempo! — a recepcionista o cumprimenta. — Ei Gilcelle, não sabia que tinha voltado para a cidade.

Ok, motel da cidade pequena onde crescemos. Péssima ideia. Subimos para o quarto e ele avisa.

— Não grite muito, ou sairá daqui apelidada.

— Você fez de propósito, não foi? Trouxe-me onde alguém que nos conhecia veria, para contar para todo mundo que você é homem. E na verdade você quer que eu grite muito, quanto mais alto eu gritar, melhor para sua fama de bom fodeador.

Ele sorri.

— Não foi premeditado, mas você me deu uma excelente ideia.

— Ai! Filho da puta! — berro quando ele belisca minha bunda, com força. Está doendo pra caralho.

— Vou ter que melhorar seus gritos.

— Boa sorte.

Ele passeia pelo quarto. Não toca em nada, e duvido muito que vá subir em um local onde não sabe a procedência de nada. Não sabe nem quem estava neste quarto antes de nós, o que foi usado, como foi usado e se foi higienizado depois. Claro que sairemos daqui sem fazer nada. Merda.

Meninas, conselho para vocês, nunca, jamais, se apaixonem por um fresco. Principalmente se ele parecer um gay. Matheus é homem porque estamos em um

livro, mas os frescos da vida real, são gays mesmo. Caiam fora antes de terem o furico arrombado.

— Ok, você não é macho para me comer em um motel de cidade pequena. Vamos embora. Perdeu sua chance, playboy.

Aproximo-me da porta, mas ele me puxa de repente e me joga em cima da pequena cama.

— Adivinha, querida? Estou praticando a arte do que os olhos não veem a higiene não sente.

— Desde quando?

— Desde agora.

Abro as pernas na pequena cama o máximo que consigo, colocando os pés com as sandálias para cima.

— Comece. Aqueça minha bichinha com a língua.

— Não vai dar certo. Você vai chutar quando gozar e cair da cama.

Reviro os olhos e pulo da cama, me jogo na cama e abro as pernas.

— Esse lençol pode conter secreções do último casal que passou por aqui, vai encarar? — provoco.

Ele coça a testa e arqueia apenas uma sobrancelha.

— Por que não vamos para o banheiro?

Reviro os olhos e me levanto. Estou ficando cansada, ainda bem que esse quarto é pequeno. Mas, nem eu tenho coragem de transar neste banheiro.

— O que é isso na banheira?

— Querida, se não for cabelo, não posso imaginar o que seja.

— Verde lodo?

— Vai saber quem veio aqui.

— Vamos embora, Matheus.

— Não. Tive uma ideia.

Ele me puxa até a porta e me joga nela, me beijando em seguida. Passo os braços por seu pescoço e sua língua invade minha boca, me arrancando suspiros e gemidos. Amo o que esse homem sabe fazer com a língua. Ele aperta minha bunda com as duas mãos e tenta me levantar, mas não consegue. Tenta de novo, mas não tiro os pés do chão. Começo a rir em sua boca e ele se afasta. Vai até a cama, puxa a colcha que estava por cima, me pega pela mão e me atira na cama. Grito quando caio na cama e há outro grito junto com o meu. Agudo demais para ser de Matheus, e algo peludo roça minha mão.

— Ahhhhh! Ahhhhh! — Levanto-me aos berros, quando avisto. É um coelho. Tem um coelho na cama do motel, um coelho de cabeça vermelha.

— Chega! — Matheus grita. — Vamos embora. Vamos para casa.

Assim, saímos do quarto nem quinze minutos depois de termos entrado, e

ainda digo a recepcionista:

— Até mais Melina, há algo peludo para você na cama.

Ela arregala os olhos e Matheus me acerta um tapa.

— Para o carro, sua atrevida!

Ele está nervoso, está batucando no volante, com o tique no olho e respirando pesadamente.

— Relaxa, Matheus. Sei o quanto é fresco, quando entramos naquele quarto imaginei que não faríamos nada ali. De qualquer forma, precisarei de um banho demorado quando chegarmos a sua casa.

— Sim, vai saber onde entrou pelos.

— Pois é, estou sem calcinha.

Ele assente e dirige com a cara amarrada. De repente, algo me vem à mente e tenho uma crise de riso, o que o faz me encarar ainda mais irritado.

— Não estou rindo de você. É só que, depois dessa, jogamos todos os meus esforços para salvar sua fama no lixo. Agora sim vão dizer que você é gay.

Finalmente ele sorri.

— Você vai ter que se esforçar bem mais para acabar com essa fama agora, *querida*.

— Não faço milagres, *querido*.

— Vou descontar cem mil da sua conta, então. Você me prejudicou, ao invés de ajudar.

— A culpa não é minha se sua mãe é esquisita e anti-sexo. Não é minha se é fresco demais para mostrar seu pau para um coelho. E definitivamente não é minha, se o tesão que sente por mim não é maior do que suas frescuras. Não devolvarei dinheiro algum a você.

— Não precisa, posso descontar da sua conta.

— Trapaceiro. Você me contratou para enganar sua família, se limpar seu nome está na lista de afazeres, quero mais dois milhões.

— Fechado.

— Sério? Porque tipo, eu faria isso de qualquer jeito, mas agora que disse fechado, quero mais dois milhões na minha conta quando voltarmos.

— Sem problemas. Apenas lembre-se, para acabar com essa fama infundada, vou ter que comer muito você.

— Não precisamos disso. Sempre posso inventar as coisas. Sou muito boa em fazer isso.

— Não, chega de famas infundadas, não é mesmo? Vou comê-la direito, e você terá histórias para contar e salvar minha fama.

— Ok. Mas, já que quer sinceridade, vou ser bastante sincera. Deixe a desejar e acabo com você.

Ele sorri.

— Fechado. Mas, vou descontar cem mil cada vez que a fizer gozar.

— Não é justo!

— Claro que é. Você não pode ter os orgasmos e o dinheiro. Se eu fizer errado, você fica com o dinheiro e acaba comigo. Mas, se você gozar no meu pau, na minha língua, na minha mão, ou até mesmo no meu chicote, querida, descontarei da sua conta.

— Tanto faz. Não podemos transar na sua casa, e você é fresco demais para me comer em qualquer outro lugar mesmo. Fechado.

Ele sorri no mesmo momento que a voz na minha cabeça diz: "Você acabou de aceitar sua pobreza, sua idiota." Caralho. Será que esse imbecil me tapeou de novo?

Capítulo 09

Matheus

Estamos reunidos em volta da mesa, de novo, esperando a Gilcelle. Minha adorável noiva não gosta das refeições em família, e entendo perfeitamente o porquê. Amanda me lança um olhar questionador e apenas dou de ombros. Estou prestes a ir buscá-la, quando ela aparece. Para minha surpresa, tem o cabelo preso, e suas mãos estão molhadas. Sorrio. Ela está tentando. Aproxima-se da mesa e para estacada ao lado de sua cadeira, me imitando, mas pisca para mim quando a observo.

Eu já disse que amo essa mulher? Eu amo. Muito.

— Bom, já que nossa querida hóspede apareceu, vamos comer. Marcus, dê graças.

Marcus resmunga alguma coisa e todos nos sentamos, menos mamãe, que encara Gilcelle com uma careta, e antes que eu possa impedir, solta:

— Não a vi lavando as mãos, querida.

Encaro mamãe, aturdido, as mãos dela estavam molhadas quando entrou na sala de jantar. Mamãe está contendo um sorriso. Acho que gosta de irritá-la.

— É um teste — Amanda diz baixinho. — Está tentando enlouquecê-la, para ver até onde sua noiva aguenta.

— Eu lavei, querida sogra. Pouco depois de coçar a perereca — responde Gil pegando uma concha de arroz, e usando a mesma no feijão.

Mamãe se senta calada, e com a cara fechada.

— Acho que ela encontrou uma adversária à altura — sussurro para Amanda.

— Essa briga vai ser boa. Gosto da sua noiva, sabe que não sou dessa família. Você deveria me levar embora, sei que sou adotada.

Sorrio. Estranhamente, minha pequena Mandy, é a mais “normal” da família. Minha maior preocupação no momento, é com o dia de amanhã: almoço em família para a comemoração do aniversário da mamãe. Se você acha minha mãe e irmãos demais para uma pessoa normal aguentar, é porque não conheceu meus tios e primos. Temo que ela não sobreviverá, ou eu não sobreviverei. Queria fugir com ela essa noite, antes da catástrofe final, mas isso é impossível. Eu preferia andar descalço num mar de caco de vidros a forçá-la a passar um dia inteiro com toda a minha família. Acho que nem dez milhões na conta, pagariam o que ela vai passar com todos eles.

Mamãe é a primeira a se recolher a noite, acho que para fingir que não está vendo que eu vou para o quarto dela, mas é claro que vou. Não quero acordar de madrugada com ela gritando meu nome. Vou na ponta dos pés, e abro

vagarosamente a porta. Espero que ela já esteja dormindo, mas assim que entro, sou atingido na parte baixa da barriga por algo duro. Acendo imediatamente a luz.

— Ah, é você? Achei que fosse mais um de seus irmãos. Pelo amor de Deus, coloque placas luminosas nas portas dos quartos deles.

— Como me acertou no escuro? — pergunto tirando do chão o controle remoto que ela atirou.

— Não acertei, mirei na sua cabeça.

— Você quase acertou uma cabeça

— Na verdade, queria acertar a cara daquele Marcus, ele é estranho, sabia. Estava prostrado na porta do banheiro quando saí do banho. Quase tive um ataque com aquela coisa branca parada ali.

Tento controlar o tique nervoso que ameaça me tomar, enquanto me aproximo da cama.

— É mesmo? E o que ele queria?

— Provavelmente ver uma xoxota. Nem deve saber o que é uma. Matheus, vai ficar chateado se eu disser o que penso dele? Não importa, vou dizer assim mesmo, ele é gay. Seu irmão Marcus é uma bicha embutida. É sério!

Seguro o riso.

— E o que a faz ter tanta certeza?

— Bom, além de ele usar perfume feminino? Fácil, ele me pegou desprevenida de toalha saindo do banho e a primeira coisa que disse foi adoro a colônia que está usando. Eu estava ali, com os seios quase a mostra, a bichinha quase a mostra e ele presta atenção na colônia feminina que eu uso. Sinto muito. Você está sendo injustiçado, seu irmão é o gay da família.

Sento-me na beira da cama e decido ser sincero.

— Gil, Marcus quer nos desmascarar, desconfia que estamos fingindo, e quer provar para mamãe que não passamos de uma farsa.

— Que bosta! Eu já disse que essa sua família é muito estranha? Deixe comigo, Matheus, provo que seu irmão dá ré no quibe antes mesmo de ele pensar em colocar em questão nosso noivado.

— Eu amo você, sabia?

A frase me escapa. Ela me encara de um jeito estranho, mas logo, cai na gargalhada.

— Não jurarei amor a você. Isso não está no contrato, se tiver que dizer que o amo, quero cinquenta mil a mais a cada declaração.

Aproximo-me mais dela jogando-a na cama.

— Te dou cem mil se me disser agora que me ama. E mais cem mil se disser de novo, e mais cem cada vez que disser isso em voz alta.

Ela sorri quando encosto meus lábios aos dela.

— Vá embora, bonitão. Há uma regra naquela lista sobre homens em cima de mulheres nessa casa. Uma sobre ele estar com roupas e umas cinco se ele estiver sem.

— Não quer cem mil? Vamos Sereia, diga que me ama.

De repente ela me puxa, sua boca toma a minha, me convidando a invadi-la. Correspondo imediatamente, deixo meu corpo cair com tudo sobre o dela, a beijo com sofreguidão, saudade, desespero. Estamos sem ar, e mesmo assim não quero me afastar. Mas, quando o barulho da porta batendo é ouvido, me afasto num rompante.

— O que foi isso?

Gil levanta-se da cama de repente e parece atordoada.

— Seu irmão, Marcus. Eu o vi no momento em que ele abriu a porta devagar. Acho que ele nos ouviu, então o beije.

— Estamos encrocados, então. — Ela ainda tem a respiração acelerada. — Venha aqui. Venha para mim, Sereia.

— Não. Neguei cinquenta mil por declarações falsas, não vou perder meu dinheiro tendo orgasmos. Mesmo porque, naquela lista, há uma punição severa para qualquer orgasmo nessa casa.

— Você decorou aquela lista?

— Claro! Ela é um absurdo!

Ela se deita novamente, o mais distante possível de mim e diz, de forma resignada:

— Matheus, por que veio aqui?

— Você não quer que eu responda a verdade. Então vamos dizer que vim dormir com você, porque senti sua falta.

Ela assente, se deita debaixo da coberta e me olha.

— Então venha. Durma aqui comigo. — Demoro um pouco para reagir. — Não quero chamar seu nome à noite. Seria meio... constrangedor — ela explica cabisbaixa.

Algo aqui no meu peito quase me sufoca. Aproximo-me e deito embaixo da coberta com ela. Ela me olha. Não sorri, não diz nada, apenas fecha os olhos.

— Eu te amo, Gil — sussurro, e ela finge não ter ouvido. — Mesmo você sendo assim.

— Mesmo eu sendo assim como? — ela pergunta na mesma hora com os olhos arregalados e uma expressão de raiva.

Sorrio.

— Te amo por ser exatamente assim.

— Não tenho cem mil. Venha aqui e me beije logo.

Não precisa pedir duas vezes, a beijo, devagar, domino sua língua. Mordo seu lábio. Mesmo que não possa tocá-la como queria estar tocando, tento mostrar nestes beijos que a amo, que estou aqui, apesar de tudo, apesar de nunca ter demonstrado. Mas, como sempre acontece quando a toco, me perco nela. Quero mais, muito mais do que esses beijos. Quero tocá-la, em cada pedaço de seu corpo, amá-la, como venho imaginando por tantos anos. Quero que ela me peça para ser minha.

Seguro suas mãos acima de sua cabeça e a olho. Seus lábios estão vermelhos e seu olhar perdido.

— Você acha que consegue ficar calada?

— Sem chance — ela sussurra.

— Terei que amordaçá-la?

— Vai sonhando, querido. Saia de cima de mim.

— Por que você não quer? — pergunto apertando seus pulsos ainda mais, ao invés de soltar.

— Sua mãe está no quarto ao lado. Ela deixou regras no meu guarda-roupa. Seus irmãos entraram aqui a noite inteira. Não é que eu não queira, só não quero aqui. Com esse tanto de gente estranha. Se você me fizer gozar...

— Eu a farei gozar.

— Ok, se você fizer...

Solto suas mãos para segurar seu rosto com força.

— Não tem se, sua atrevida. Eu a farei gozar, dezenas de vezes, só para vê-la falida.

Vejo-a sorrir.

— Ok machão, *quando* você me fizer gozar, sabe que irei chutá-lo e você vai gritar ainda mais alto do que eu. — Um suspiro de frustração escapa de seus lábios. — Matheus, venha aqui, deite-se ao meu lado, e me faça dormir. E se quer mesmo me deixar falida, arranje um motel decente, onde possa fazer todas essas coisas que tem prometido. Ok?

— Você às vezes é frustrante.

— Frustrante é essa sua família maluca. Iriam nos pegar no pulo.

— Estão todos dormindo, sua exagerada.

Mas, bem neste momento, o trinco da porta se mexe. E ela me olha com a aquela cara que detesto de “eu te avisei, estúpido”.

— Ok, dormir, Sereia.

Jogo-me ao seu lado, ela se enrosca em mim, e rapidamente adormeço.

Não preciso abrir os olhos para saber que temos visitas em casa. Ouço gritos por todos os lados. Começo a me mexer na cama para que ela acorde, já que tem que me ver ali. Mas, ela não acorda. Cutuco-a com o pé, passeio meus dedos por

seu rosto, puxo de leve seu cabelo, e quando contornei seus seios com a mão, ela me belisca.

— Pare com isso. É muito cedo para eu ser bolinada.

— Acorde, Sereia, temos visitas.

— Não. Mal aguento sua mãe e irmãos. Tios e primos não sou obrigada.

— Levante-se logo. É aniversário da mamãe. Você é uma mulher ou um rato?

Levanto-me da cama e a deixo ali resmungando.

Meia hora depois de ter descido e cumprimentado toda a família, estou aqui sentado como um bobo na sala, olhando de segundo em segundo a escada, esperando que ela apareça. Mas a maldita da minha noiva realmente não acordou. Para piorar minha situação, Marcus está à minha frente, com os olhos, ora fixos em mim, ora fixos na escada, uma sobrancelha arqueada e aquela cara de *vou te desmascarar*.

Puxo Mandy para o meu lado e sussurro:

— Acha que consegue tirar todo mundo de casa hoje?

— Mil reais.

— Te dou dois mil se os fizer ficarem fora por duas horas.

— Fechado. Use camisinha, e esconda todas as provas depois.

Quase engasgo com o ar.

— Como? Amanda! Onde aprendeu essa palavra?

Ela revira os olhos e se levanta.

— Ah meu Deus, me poupe Matt, leio muito, acho que sei mais sobre sexo do que toda essa família. Até mais.

Só não vou atrás da minha caçula maluquinha, porque minha noiva finalmente dá o ar da graça. E quando digo dá o ar da graça, quero dizer que ela aparece na escada, trajando um macacão vermelho curto, e colado às suas curvas, com um batom mais vermelho ainda, e seus cabelos revoltos presos em um rabo de cavalo. Linda. Não há um homem nessa sala que não esteja olhando para ela. Claramente, ela está vestida para confrontar os padrões da minha família.

Ela desce as escadas vagarosamente, não abaixa a cabeça para os olhares reprovadores das minhas tias, Amanda a recebe na ponta da escada, cochicha algo que a faz rir. Um tapa no meu ombro me traz de volta a realidade.

— Acorde, homem. Sua baba irá nos afogar.

— Sai fora, Miguel.

— Ela é um espetáculo. Como um gay como você conseguiu isso?

— Sendo menos idiota do que você.

— Isso, com certeza.

Ela dá dois passos, ao lado de Amanda, quando de repente grita:

— Um rato!

É uma confusão. Todos se amontoam para subir em cadeiras, sofás, mesas de centro. As mulheres gritam e os homens mais ainda. Empoleirado no sofá, dividindo um pequeno espaço com Miguel, encaro-a. E a maldita está rindo. Ao lado dela, Amanda parece decepcionada.

— Meu Deus! Como são frescos! Isso é sério mesmo?

— Infelizmente — diz Amanda.

— Mandy, me acompanha no café?

— Claro, cunhada. Vamos.

As duas saem e eu sou o alvo de todos os olhares.

— Eu... sinto muito por isso. Minha noiva é, agitada.

Os olhares de reprovação me fazem querer rir. E Miguel bate de novo no meu ombro.

— Irmão, sua noiva é maluca. Gosto dela. Vai acabar a tarde pendurando cada membro dessa família no portão de entrada pelas calçolas.

— Ninguém aqui usa calçolas.

— Você não presta atenção na sua família — ele diz saindo para a cozinha, provavelmente para cantar minha noiva.

E ela se torna o centro das atenções. Todos querem falar com ela. Não estão sendo exatamente simpáticos, perguntam demais, cobram demais, até que minha tinha Rosalinda, bocuda como é, grita:

— Mas, onde estão suas alianças?

Caralho! Como fui esquecer as alianças? Gaguejo, tento controlar o tique no meu olho, e ela sorrindo, responde:

— Joguei fora. — Os olhares de espanto de todos a fazem continuar com a mentira. — No mesmo dia em que ele jogou minhas calcinhas no lixo. Foi meio que uma coisa por outra.

Tia Rosalinda parece sem ar, Marcus corre para socorrê-la, minha Sereia pisca para mim e recebo mais dois tapas nas costas.

— Irmão, seria mais fácil se você fosse mesmo gay. Essa mulher é realmente maluca.

Mas, nem estou ouvindo. As alianças. Estão na minha mala. Como pude esquecer-me de entregar as alianças? Preciso de algo. Uma coisa especial, preciso dar essas alianças a ela, essa noite mesmo.

— Amanda!

Rapidamente minha caçula se prostra ao meu lado.

— Preciso da sua ajuda.

— Dois mil, está ficando abusado.

— Fechado, venha comigo.

Gilcelle

Se mais alguém me perguntar se o Matheus sobe, juro que abaixarei suas calças e o farei subir, na frente de toda essa gente. Não estranhem, estou estressada. Vocês também estariam. Sim, podem falar: o Matheus é lindo, o Matheus é fofo, o Matheus é um dos sócios da V.D.A., não importa, não há mérito no mundo que valha essa família maluca. Imagina se fôssemos mesmo nos casar? Todos os natais aqui? Todos os aniversários aqui? Todos os nascimentos de qualquer ser loiro dessa família, aqui? Nem pensar! Nem mesmo por dez milhões. E Matheus ainda veio reclamar que preciso fingir melhor, pois vai descontar da minha conta minha falta de bons exemplos. Ele não perde por esperar.

Estou a ponto de sair correndo e fugir do mundo, quando esbarro em alguém na varanda.

— Olá, querida cunhada.

— Oi Marcus. Deixe-me passar.

— Para que a pressa? Mal nos falamos.

Ele me pressa contra a parede e só tenho vontade de rir.

— Verdade, e nas poucas vezes, você esteve meio que obcecado por minhas colônias. Eu as empresto a você. Aliás, pode ficar com elas, depois meu noivo me compra outras.

— Ele é gay, Gilcelle, você está sendo enganada.

Sorrio.

— Ele pode ser fresco, louco e chato. Mas gay, querido, ele não é.

— Está se engraçando para o irmão errado.

Acho que estou me engraçando para a família errada. Mas enfim, o barulho ensurdecador de uma moto é minha tábua de salvação. Ainda mais do que o loiro espetacular que desce dela. Quando eu digo espetacular, quero dizer que passo bons dois minutos olhando para o cara. Músculos, beleza, músculos, olhos azuis, músculos, cabelo loiro e uma moto.

Somente ao ouvir um suspiro exagerado ao meu lado, me dou conta de que minha cunhada, única pessoa que gosto nessa família, está ao meu lado.

— Hum, então esse é seu futuro marido — digo provocando-a.

— Não seja brega, não é porque suspiro para um cara que vou me casar com ele. Além do mais, somos primos.

— Sua mãe teria um treco.

— A mãe dele também — ela responde com um sorriso.

— Você vai pegar o primo, não vai?

— Não. Ele vai dar em cima de você.

— Claro que não. Sou a noiva do primo dele.

— Pois é, por isso mesmo. Esse é o Nuno, não tenha prazer ao conhecê-lo.

O Nuno se aproxima de mim com um sorriso enlouquecedor e me estende a mão.

— Prazer, prima. Sou o Nuno. Você só pode ser a Gilcelle.

Quase não consigo responder. Ele solta minha mão e olha para Amanda.

— Olá, cabritinha.

Ela revira os olhos e sai resmungando. E ele fica uns bons trinta segundos de olhos colados nela.

— Vocês vão se pegar, que legal! Quero ver a cara da Marisa quando descobrir isso. Não que eu vá contar! — digo rapidamente quando ele me lança um olhar desesperado. — Isso é, se me deixar dar uma volta na sua moto.

— Sabe pilotar?

— Não, quero morrer esborrachada — digo e puxo a chave de suas mãos.

Há anos não ando de moto. Há anos não sinto a adrenalina de ter o vento contra o rosto, e o poder de guiar minha direção de acordo com o que me causará mais adrenalina. “Está destreinada e acabará com a cara no chão”. Cale a boca, voz! Não vou cair. Olho de relance para os lados e vejo toda a família Buscapé na varanda me olhando. Ótimo. Sou de novo o centro das atenções. Acho que essa família na verdade me ama, é isso, querem ser como eu. Livres, loucos e com cabelos coloridos.

Aprumo-me mais na moto, empino a bunda para dar efeito, ouço os gritos de Matheus me pedindo para ter cuidado, e é aí que vejo. A pequena cabeça vermelha. Calma, mente suja! Estou falando do coelho. Um coelho de cabeça vermelha, na direção da moto, viro o guidão de uma vez e me desequilibro. Apoio os pés no chão e vou cambaleando com a moto até cair em cima de uma poça de barro. Dói pra caralho. Mas, ouço a família Buscapé vindo em minha direção, portanto, vou fingir que não foi nada. Tento me levantar, mas meu ombro dói, contenho o gemido, e duas mãos me levantam de repente.

— Você está bem? Está machucada?

Matheus parece uma pilha. E pegou no meu braço, sujo de barro.

— Estou ótima, amor! — Dou ênfase à palavra amor ao ver Marcus, Nuno e Miguel nos rodearem. Preciso tirar a atenção de mim, caí diante de toda a família Buscapé, o que podia ser pior do que isso? Preciso que foquem em outra coisa que não seja meu tombo espetacular, minha cara cheia de barro e meu orgulho engolido pelo maldito coelho. — Obrigada pela preocupação, meu amorzinho mais lindo. — Dou um passo e o abraço. Sujando toda sua roupa de barro.

Matheus fica totalmente parado, penso que sequer respira. De repente, começa

a tremer levemente. Está com os braços colados ao lado do corpo, e de olhos fechados. Toda a família Buscapé parece horrorizada com meu gesto. Espero que ele vá gritar como uma garota, ou simplesmente gritar comigo. Mas, ele me surpreende ao me pegar de repente pelo cabelo e me arrastar.

— Sua atrevida! Queria me sujar? Vou fazê-la limpar cada gota de barro com a língua. Atrevida! Peste!

Ele me arrasta pelos cabelos para dentro da casa e vamos em direção as escadas.

— Ok, não estão mais vendo, solte-me.

— Vai sonhando, estúpida.

Ele me joga no banheiro e tranca a porta. Está tão furioso, que rasga a camisa ao tirá-la.

— Matheus — suplico estendendo as mãos. — Não foi nada demais. Um barrinho bobo. Um pouco de água e tudo sairá. Não restará mais nada. Não precisa ficar tão bravo.

Mas, ele não sorri, nem parece estar me ouvindo. Puxa-me novamente, me recostando na pia, e empurra meu ombro para baixo, forçando-me e ficar em uma posição desconfortável, enquanto ele passeia a mão por minha bunda empinada, e dá um tapa forte.

— Estou tentando ser legal com você, estou tentando não enlouquecer com todo o seu atrevimento, mas você me leva ao limite.

Acerta mais um tapa e grito.

— Matheus! — grito. — Está indo contra a regra trinta e dois, onde homens não encostam em partes íntimas de mulheres, contra a regra cinquenta e alguma coisa sobre homens e mulheres fechados no banheiro, e contra a regra...

— Calada!

Ele puxa meu macacão, e o tecido de feirinha rasga, então ele o tira apressadamente.

— Quer me sujar, Sereia? Ficarei bem sujo agora, e você, cem mil reais mais pobre.

Antes que eu possa retrucar, ele me beija. Não é um beijo carinhoso, sequer possessivo, é punitivo. Empurra-me para debaixo do chuveiro e a água quente vai lavando a bagunça em que nos encontramos. Ele me prende à parede fria, puxa meu cabelo para ter acesso ao meu pescoço. Sua ereção aponta através da cueca branca, colada nela por causa da água. Quero tocá-lo, quero senti-lo em mim. Mas, quando toco seu membro, ele segura minha mão.

— Essa noite. Agora, toda a família está de ouvidos na porta, para saberem se baterei em você. É o que acham que eu deveria fazer após seu atrevimento.

Sorrio.

— Se soubessem como você é mole, jamais esperariam qualquer som de tapa... merda! Você ficou louco?

O maldito acertou minha bunda de novo, dessa vez com muita força, doeu. Olho para trás e há a marca certa de seus dedos ali.

— Não acredito que você me bateu! Tipo, de verdade!

— Não acredito que não te bati antes, cale a boca e vire-se de costas.

— Vai achando que porque sabe dar um tapa... ok, estou me virando.

Viro-me com medo e excitação, e de repente, sua língua contorna as marcas de seus dedos na minha bunda. Derreto, esse homem me enlouquece. Sinto minhas pernas moles e rapidamente ele me ampara.

— Não, nada de chão de banheiro. Vamos nos trocar, e mais tarde, farei você pagar por isso.

— Frescoooo! Por que tem que ser tão fresco?

Ele dá de ombros e fecha a torneira do chuveiro. Envolve-me em uma toalha, passa uma cobrindo seu membro, e me arrasta pelo braço porta afora. Rapidamente toda a família sai correndo.

— Mexeriqueiros! — grito, mas ele mal me dá tempo de brigar, me joga na minha cama e bate a porta do quarto.

— Sorte sua, que essa porta não tranca, ou eu a faria gritar tão alto, que minha família mexeriqueira a ouviria do outro lado da cidade. Agora vista-se, algo apresentável, solte esse cabelo e desça. Você tem três minutos.

— Nenhuma mulher se veste em três minutos. Sequer consigo escolher uma calcinha em três minutos.

Ele para na porta e me encara.

— Três minutos, Gilcelle. Virei pegá-la, é melhor estar pronta. — Então sai e bate a porta.

Jogo-me de novo na cama.

— Caralho! Merda! Como vou aguentar tanta tensão sexual assim?

“Pense depois, vista-se agora. Nada de ataque de Dom fora da cama. Obedeça”. Rapidamente me levanto e escolho uma roupa “decente” para me despedir da família mexeriqueira. Mal começo a fechar o zíper da blusa, Matheus entra no meu quarto. O cabelo loiro molhado, bagunçado como raramente o vejo estar. A camisa meio molhada por conta de seu cabelo. Aproxima-se calado, termina de fechar meu zíper, me puxa pelo ombro e me beija.

— Você me deixa louco, pequena Sereia. Agora seja uma boa menina — sussurra em meus lábios antes de me arrastar pela mão escada abaixo.

E estranhamente, passo o resto da tarde sendo a merda de uma boa menina, até sorrio para a tia carocha insuportável dele, e não bato na mão do velho tarado de

um tio que cisma ter uma sujeira na minha calça. Quero gritar com eles, quero gritar: olha o rato! Quero sair de perto de Matheus, tirar minha mão da sua e ser a Gil de sempre, mas não consigo. Há algo errado, uma magnitude inexplicável que me prende a ele, que me prende a esse sofá e me faz sentir tão feliz só porque esse babaca está com as mãos entrelaçadas nas minhas e não as solta por um segundo sequer. Algo me faz ficar eufórica quando tremo levemente e ele imediatamente me abraça, me aquecendo. Algo aqui, me faz admirar como uma besta cada palavra dele, sorrir quando ele sorri e inflar como um balão, quando alguém o elogia. Acho que é a primeira vez que o tratam com o devido respeito. E ele merecia esse respeito da família, a vida toda.

É estranho que eu não me importe que ele tenha conquistado isso passando por cima do meu orgulho. Que entendam que ele não é gay, porque ele foi um brutamontes comigo. Deveria estar possessa, mas sequer consigo ouvir a voz na minha cabeça, sinto-me feliz, por vê-lo feliz. Aninho minha cabeça em seu pescoço, ele me abraça mais forte e fico quietinha, ouvindo-o falar de mim, da empresa, dos amigos, de Nath e parece que não estou sozinha. Vejo de relance um olhar satisfeito no rosto de Marisa. Sim, isso é bom, apesar de tudo.

A família está se despedindo finalmente, a noite já caiu, e graças a Deus não querem esperar o jantar. Todos se apertam na varanda da frente, e várias mãos me são estendidas para que eu as aperte. Não faço questão. Passo a mão rapidamente por várias delas e depois volto a enfiá-las no bolso. Matheus me olha com uma careta e dou de ombros. Já fui boazinha demais por um dia.

— Até mais.

— Até mais, querida.

— Marquem logo essa data, até mais.

— Meu Deus, vão logo! Não se preocupem, serão convidados, agora sumam, estou faminta e estão atrasando o jantar.

Alguns riem sem graça, as mulheres balançam a cabeça de forma negativa, e é aí que começa. Fogos de artifícios brilham no céu. Várias cores, vários formatos. É um espetáculo. Estou centrada nas luzes, no barulho, na beleza de uma coisa tão simples, quando a família inteira suspira. Ao invés de um feliz 2015, o que aparece no céu estrelado é a frase: case-se comigo.

Estaco. Olho para Matheus imediatamente e ele está parado ali, uma caixinha preta em sua mão, e duas alianças douradas nela.

— Foi gay demais? — pergunta sorrindo.

— Definitivamente, mas eu gostei.

— Pegue uma, Sereia. E me diga sim.

É uma encenação. Tenho que me lembrar de que é a merda de uma encenação. Mas, não consigo esconder a emoção que me toma. Ele beija minha testa e

estende a caixinha preta. Tiro de lá a aliança maior e o encaro. Ele pega a menor, segura minha mão, beija cada um de meus dedos, e a encaixa no anelar. Então beija minha testa de novo.

— Para sempre. — Beija meu ouvido. — Minha.

E então para a ponto de beijar minha boca.

— Isto é sério — ele afirma olhando em meus olhos.

Seus lábios tocam os meus por poucos segundos, antes de ele se afastar e estender a mão.

— Não espera que eu me ajoelhe, não é? — brinco e todos riem.

Meio tremendo, enfio a aliança em seu dedo, e ela fica presa no meio dele. Certifico-me de que estou no dedo certo, minha vista está meio embaçada, vai saber. Tiro a aliança, conto os dedos, e enfio de novo, e ela fica agarrada na metade do dedo.

— Comprou duas alianças femininas? — pergunto espantada forçando para que a aliança entre.

—Não! — Ele ajuda a empurrar, mas ela não desce mais, e também não volta. Está presa no dedo dele. Ouvimos uma risada e ele encara Marcus com puro ódio. — Um pequeno problema com a minha aliança, amanhã mesmo resolvo isso. Fique com a sua, querida.

— Nem pensar! Não vou ficar como a comprometida, enquanto você é livre. Isso é o tipo coisa de uma menina iludida, usar uma aliança com seu nome enquanto você perambula mostrando esse dedo nu.

Começo a tirar minha aliança, mas ele segura minhas mãos bem afastadas.

— Você não vai tirar essa aliança. Falei que era para sempre. Não se atreva ou levará umas palmadas.

— Coitado de você se acha que vou ficar com isso exibindo como uma coleira por aí que você é meu dono, sendo que não sou sua dona. Vou tirar. Solte-me.

— Por Deus, Gilcelle, como você é difícil! — Ele me puxa para seus braços e me aperta. Morde meu pescoço de leve e sussurra em meu ouvido. — Cem mil para cada dia que permanecer com essa aliança.

Sorrio.

— Eu te amo, estúpido. Você me deve duzentos mil só hoje.

Ele fica paralisado um tempo longo demais, me prendendo em seus braços. Quando volta a falar, seu tom de voz parece estranho.

— Vou descontar esta noite, minha pequena Sereia.

Toda a família Buscapé nos encara, aquele monte de gente estranha.

— Duvido muito, machão. Mas, boa sorte.

Bem que eu queria acabar esta noite algemada, amordaçada e sendo comida.

Matheus

Gil vai bagunçando tudo o que pode pela casa. A casa de minha família, não é tão grande, mas é grande o bastante para uma pessoa apenas cuidar, e por isso, temos três secretárias do lar para auxiliar na limpeza. Mamãe na verdade gosta de fazer isso. Confesso que tudo é branco demais, mas arrumado demais, como deve ser. E ela, enlouquece aqui dentro. Sai pela casa, às vezes sem nem mesmo perceber, tirando as coisas dos lugares, jogando coisas pelo chão, entortando os quadros, e eu a sigo, consertando tudo o que ela bagunça.

— Pare de me seguir. Você tem TOC, sabia? — reclama.

— E você tem TOC ao inverso. Gosta de tudo pelo avesso.

Ela gargalha e para de repente, vendo uma foto minha aos dois anos. Ela toca o quadro, num gesto atípico, e sorri para mim.

— Você era tão lindo! Não que não seja agora, mas fico pensando, se você tivesse um filho um dia, ele se pareceria com você?

Não sei o que responder, encaro-a para ter certeza de que não estou tendo alucinações. Ela foi boazinha demais o dia todo, quero dizer, após me sujar de barro. Comportou-se tão bem, que por poucas horas esqueci-me da verdadeira fera que vive nela. Minha memória foi refrescada quando começou a bagunçar a casa, fez uma gororoba na hora do jantar e iniciou uma guerra de bolinhos com a Amanda que quase fez mamãe desmaiar. E então, de repente, ela está aqui, olhando uma foto minha bebê e falando sobre bebês comigo.

— Espero que se pareça com você. Não aguento mais loiros nesta família — digo.

Ela sorri, mas parece triste.

— Não terei filhos, Matheus. Estou velha demais. Até que eu me case e tenha estabilidade mental e financeira para ser mãe, não dará tempo. Ainda bem que tenho Celina. Ela engravidou em poucas semanas com Sebastian, provavelmente terá quinhentos filhos, serão como coelhos, aqueles dois. E eu serei mãe por tabela dos filhos deles.

Gil tem a minha idade, vinte e oito anos, é mais velha do que a Celina e a Suzana, mas ainda é bem jovem. Levanto sua mão e mantenho a aliança diante de seus olhos.

— Veja, já está noiva, primeiro passo dado. Se quiser filhos, podemos fazê-los agora mesmo.

— Isso é uma encenação, Matheus. Não é? Não podemos ter filhos de mentirinha.

Não é uma encenação, ela sabe bem disso. Só precisa que eu confirme, mas

não posso ainda. Ela precisa sentir que vai perder isso, minha proteção, meu amor. Precisa achar que não terá isso para sempre, para então querer não perder. Se souber que esse noivado é de verdade, que nosso casamento está realmente marcado, me afastará em dois tempos por ter mentido. E você é testemunha de que não estou mentindo, estou apenas omitindo algumas pequenas informações.

— Posso te fazer uma proposta. O que acha? Um milhão a cada filho?

Ela gargalha de novo e me abraça.

— Idiota! Não venderia meus filhos nem por todos os milhões do mundo. Mesmo eles sendo frescos como você. Serão meus.

— Se tenho certeza de uma coisa nesta vida, minha cara Gilcelle, é de que meus filhos serão seus.

— Matheus, já pedi para não ser fofo. Isso é chato. As pessoas não gostam de ler isso. Seja estúpido, eu serei louca e vamos ser felizes. Mas, quando você é fofo, vamos por caminhos tortuosos que não irão acabar bem. Seja estúpido, ok? Não fofo.

— Vocês dois, parem de agarramento nesta escada ou minha cunhada será punida pela regra dezesseis. Matheus, em dez minutos tirarei todos de casa, vocês têm duas horas. Aqui está o número da minha conta — diz Amanda me estendendo um cartão.

— Por que você tem um cartão com o número da sua conta?

— Sou boa em negócios. Minha conta é muito movimentada.

— Como vai tirar todos daqui? — questiono.

— Tenho meus meios — ela diz, sorri para Gil e desce a escada gritando.

Gil e eu descemos atrás dela. Ela coloca a mão na bochecha e lágrimas escorrem por seus olhos.

— Mamãaaa, está doendo! Socorro! Leve-me ao dentista!

Marcus e Miguel se aproximam. Imediatamente Miguel vai pegar o carro, e mamãe me olha:

— Vamos Matt, vamos levar sua irmã ao dentista.

— Ele não precisa ir — retruca Amanda.

— Claro que precisa!

— Apenas Marcus e Miguel bastam.

— Os três devem ir, é o dever de irmão.

Merda. Mamãe e suas leis de irmandade nesta casa.

— Ai! — Gil grita de repente. — Acho que meu ombro está machucado, pelo tombo. Matheus, pode me ajudar a colocar gelo?

Aproximo-me de seu ombro, mas não vejo nada, ela revira os olhos e sorrio ao entrar em seu jogo.

— Claro, querida. Venha comigo.

A arrasto para a cozinha e poucos minutos depois, ouvimos minha família saindo ao som dos gritos de Amanda.

— Adoro sua irmã. Deveríamos adotá-la — diz Gil empolgada.

— Adora porque conviveu poucos dias com ela, espere até o fim de semana e terá mudado de ideia.

Sem mais, a arrasto apressadamente para o quarto. Há anos anseio por esse momento. Há anos sonho com isso, em tê-la assim, só para mim. Só temos duas horas, não poderei amá-la da maneira que queria, mas a terei estas duas horas apenas para mim, passarei duas horas dentro dela.

— Como será, querida? Terei que amarrá-la? Amordaçá-la? Ou acha que pode ser uma boa menina?

— Nunca fui uma boa menina — ela responde tirando a blusa.

Merda. Não conseguirei esperar muito tempo.

— Adoro as meninas malvadas — digo tirando a roupa também. — Parada aí! — ordeno quando ela faz menção de tirar a calça. — Esta função é minha, faço questão de executá-la.

Ela para com a mão no zíper e me aproximo, abaixo-me diante dela, tiro suas mãos do zíper, e o desço bem devagar, roçando o dedo em sua calcinha. Sinto-a tremer, e lhe escapa um pequeno gemido. O primeiro de muitos. Após abrir o zíper, a olho, ainda abaixado diante dela, enfio um dedo de cada lado do cóis da calça e a puxo para baixo, vagarosamente. Admiro cada pedaço de pele exposta, quero tocar cada parte. Não terei tempo agora, mas ainda irei amá-la como ela merece, venerando-a por completo.

— Pare de me olhar assim. Como se nunca tivesse me visto antes. Você me viu nua hoje mesmo.

— Irei olhá-la assim cada vez que tirar a roupa perto de mim, Gil. Irei adorá-la dessa maneira, cada pedaço do seu corpo, todos os dias. Nunca será rotineiro ter você. Será sempre um momento único, e eu sempre reagirei como o garoto de dezoito anos que finalmente consegue sua Sereia. Você é sempre uma grande surpresa para mim, acostume-se a isso.

Ela não diz nada. Assente com a cabeça e toca levemente meu rosto.

— Por que você nos tirou tanto tempo juntos, Matheus?

— Porque sou idiota. Você me pede para ser estúpido, mas olha só o que acontece quando sou. Recuperaremos cada dia desses dez anos. Eu prometo a você.

— Beije-me — ela sussurra.

Levanto-me no mesmo instante e tomo seus lábios, a guio até a cama e caio sobre ela, nossas bocas não se separam, ela passa os braços por meu pescoço, está totalmente entregue. Paramos para respirar, mas não quero afastar o contato

de meus lábios com seu corpo. Passeio vagorosamente por seu pescoço, seus seios, subo novamente e mordisco seus lábios. Desço a mão por sua barriga, levemente, ela geme e arqueia o corpo em direção ao meu. Estou a ponto de explodir por ela.

Toco sua calcinha pequena, sinto-a tensa embaixo de mim, e no momento em que meu dedo ultrapassa a barreira do pano, e a toco, ela relaxa, geme mais alto e crava as unhas nos meus ombros. Com força. Droga, sairei todo arranhado de novo. Não importa. Aperto mais forte enquanto volto a beijá-la. Brincando ali, sentindo-a encharcar-se cada vez mais. Quero que ela goze no meu dedo, depois na minha língua, para então fazê-la desmanchar no meu pau. Preciso apenas colocar seu mamilo na boca, morder forte e enfiar um dedo nela, e ela convulsiona embaixo de mim em um orgasmo. Grita, agarra meu cabelo, e chuta o ar com a perna livre.

— Agora, minha pequena Sereia, a farei gozar na minha língua.

Ela nega com a cabeça.

— Nada disso. Quero você em mim. Preciso disso.

Imediatamente a puxo para cima de mim, só assim para ela não me chutar. A calcinha ainda está entre meu pau latejante e o lugar onde ele necessita estar, puxo a calcinha na intenção de rasgá-la, e quando ouço o barulho do pano rasgando, ouço também um outro barulho do lado de fora do quarto.

Gil se assusta e encara o corredor à nossa frente. Sequer fechamos a porta, não havia ninguém na casa mesmo.

— Que barulho foi esse? — pergunta assustada.

— Nenhum. Venha aqui e monte em mim.

— Não, Matheus, eu ouvi algo.

Ela se levanta e veste um roupão. Então sai pelo corredor.

— O que vai fazer? — pergunto indo atrás dela. — Se ouviu um barulho tem que fechar a porta e chamar a polícia, não sair procurando um possível ladrão!

— Não seja frouxo. Pode nem ser nada. Quer mesmo chamar a polícia em nossa única oportunidade de ficarmos sozinhos aqui?

— Então vamos voltar para o quarto e terminar o que começamos, volte aqui sua peste!

Paro na escada e a maluca desce. De repente, grita e corre até a cozinha.

— Gil! O que você viu? Por que gritou? Gilcelle!

Ela não responde. Merda! Não quero ir até lá, não quero descobrir o que causou o barulho, mas droga de mulher curiosa e metida a corajosa. Desço a escada correndo e a vejo na porta dos fundos da cozinha com uma frigideira em posição de ataque.

— Tem mesmo alguém aqui? — pergunto já procurando facas.

— Shhhh! Tem sim. E sei bem onde o meliante está.

— Ótimo, vamos chamar a polícia.

— Não vamos não — ela diz e abre de uma vez a porta da despensa, já descendo a frigideira no meliante, que por acaso, é Marcus, com uma filmadora nas mãos.

— O que você acha que está fazendo? — grito pegando-o pelo colarinho da blusa.

Gil toma a câmera de sua mão e olha horrorizada.

— Ele estava nos filmando, Matheus! Seu doente!

— Não queria filmar cenas íntimas de vocês. Queria filmar a conversa, para provar que estão mentindo.

— Ora, você atrapalhou nosso momento nada gay e ainda insiste nisso? — ela grita.

Ele parece confuso. O solto irritado e logo o barulho de carro lá fora faz com que Gil se desespere com a câmera para apagar o vídeo. Ajudo-a, e no minuto seguinte mamãe entra na cozinha.

— Miguel ficou com a Mandy porque esqueci o cartão de... — ela estaca horrorizada ao olhar para mim.

Eu estaco ao olhar para mim. Estou nu. Enfio-me atrás da Gil, tentando me esconder.

— Oi, mamãe.

— Mas, o que está acontecendo aqui? — ela parece prestes a ter um treco.

— Nada demais. Seu filho gay atrapalhou minha foda, para variar. Estou indo embora, Matheus, cansei desta sua família que só sabe empatar minha vida — diz Gilcelle irritada afastando-se de mim, mas a puxo de volta.

— Fique quieta! Cubra-me. — Então olho mamãe. — Não é possível que eu não possa ter um momento a sós com minha noiva, que a tenha colocado em um quarto sem tranca e mandado tirar a tranca do meu! O que acha que somos? Duas crianças que andam de mãos dadas? Chega! Vou subir com minha noiva e ao menos que queiram dar uma de *voyeur*, fiquem bem longe do andar de cima.

Saio detrás dela, a pego pela mão, e a arrasto decidido escada acima.

Ela entra no quarto cabisbaixa e se joga na cama.

— Dois minutos — digo e volto à cozinha. Mamãe e Marcus estão parados, estacados, um olhando para a cara do outro.

Passo por eles, pego duas cadeiras, os encaro para deixar claro que meu recado foi sério, e subo com as cadeiras.

— Para que trouxe estas cadeiras? — Gil pergunta sentando-se na cama.

— Não se preocupe, tarada, estou apenas providenciando a nossa chave.

Bato a porta, escoro uma das cadeiras abaixo do trinco e puxo para me

certificar de que não abrirá. Deixo a outra no centro do quarto e a encaro.

— Agora levante-se, Sereia.

— Está maluco se acha que vou querer alguma coisa sabendo que sua mãe e seu irmão mexeriqueiros estão aí de ouvidos colados na porta querendo saber se grito palavrão na hora H. Vou dormir. Vá dormir no seu quarto, bem longe de mim!

Ela se enfia debaixo da coberta e puxo a coberta com tudo.

— Saia desta cama em três segundos, ou eu a tirarei.

Ela me avalia, para saber se estou falando sério.

— Um, Gilcelle — digo estendendo o dedo. — Dois. — Ela continua me olhando com seu jeito desafiador. — Três!

A pego pelos braços, consigo arrastá-la pela cama, ela se levanta cambaleante com minha pressão, puxo a faixa de seu roupão e o tiro rapidamente. Empurro-a contra a cadeira e prendo seus braços para trás com a faixa do roupão. Dou a volta e paro à sua frente. Ela parece mais surpresa do que assustada.

— O que vai fazer? — pergunta.

Ajoelho-me diante dela e abro suas pernas.

— Eu disse que a faria gozar na minha língua. Farei. Se tentar fechar as pernas, então antes de fazê-la gozar no meu pau, te darei uma surra. Seja boazinha e terá logo o que tanto quer. A escolha é sua.

— Mas... não posso ficar parada se você estará com a língua no meio das minhas pernas!

— Se vire! Esta noite, querida, você vai fazer do meu jeito! E ai de você se fechar as pernas!

Ataco-a veementemente com a língua. Ah minha Sereia, não tem família no mundo que nos impeça agora. Dez malditos anos de espera. E essa espera acabará esta noite.

Capítulo 10

Gilcelle

Ouço o barulho quando o carro sai cantando pneus. A família dele se mandou. Seu dom de ser um Dom funciona até mesmo com sua mãe maluca e irmão estranho. Estou amarrada a uma cadeira, com as pernas abertas, enquanto Matheus ajoelha-se diante de mim. Não posso tentar fechar as pernas, mas, ao sentir seu hálito ali, imediatamente as aperto contra sua cabeça.

— Desobediente. Está querendo apanhar, Sereia?

— Estou querendo ser comida. Seja por sua língua ou por seu pau, então ande logo com isso.

Ele me toca com apenas um dedo. Levemente no começo, brinca com meu clitóris, e faço um esforço tremendo para não fechar as pernas. É um movimento repetitivo e torturantemente lento. Ele brinca ali, se diverte com a força que preciso fazer para não fechar as pernas, me olha, presta atenção em cada reação minha, em cada olhar que lhe lanço. E sorri, seu sorriso mais doce e mais cruel. De repente, ele aperta um dedo no meu clitóris e enfia outro em mim. Grito. Ele sorri ainda mais, e sua mão está longe de onde necessito que esteja. O encaro com súplica no olhar.

— Vou te dar o que você quer, minha Sereia. Darei a você tudo o que você quiser, todos os dias.

Não digo nada. Ele me desarma quando age assim, quando me olha como se eu fosse tudo, prefiro nem tentar formular respostas. Seus dedos agora passeiam por minhas coxas.

— Estamos sozinhos, meu bem. Pode gritar à vontade, pode se entregar sem medo ou pudor.

— Eu sei — consigo sussurrar.

— Só não pode fechar as pernas, lembre-se disso.

Merda, isso vai ser muito difícil. Ele confirma minhas suspeitas assim que sua língua me toca, não tem a delicadeza e a tortura lenta de seus dedos minutos antes, ele me domina, chupa com força, arranha com os dentes, me prende, de uma maneira deliciosa, me invade com a língua, e me perco. Tento fechar as pernas, mas elas param em sua cabeça, sua língua não para de se mover em mim, me puxando, me prendendo, me invadindo. Meu coração bate forte no meu ouvido, quero tocá-lo, afastá-lo dali ou puxá-lo ainda mais perto, mas minhas mãos presas tornam tudo ainda mais intenso. Quando estou prestes a liberar toda a tensão que quer explodir de mim, ele para. Simplesmente se levanta e fica me observando.

Atordoada, abro os olhos e levo um tempo para conseguir vê-lo com clareza. Está com os braços cruzados, a respiração acelerada e me olha atentamente.

— Por que você parou? — lamento.

— Porque você foi desobediente.

Quero matá-lo, mas ele está rindo.

— Venha aqui, amor. Eu amo seu gosto, amo quando ele preenche minha boca e a vejo perder os sentidos nela, mas não é isso que quero agora. Agora quero que perca tudo, que se perca comigo, que grite meu nome enquanto meu pau preenche cada centímetro de você. Gil, não me importa quantos homens você teve depois daquela noite, nem quantas mulheres tentei ter. Você sempre foi a única, sempre foi quem estive em meus pensamentos, em cada segundo. Anseio tanto por esse momento, você não faz ideia.

— Então pare de falar e me preencha logo.

Ele me desamarra, tento me levantar, mas estou bamba. Ele me ampara, e me leva até a cama. Observa cada pedaço de meu corpo como se nunca o tivesse visto.

— Você cresceu — diz com alguma emoção desconhecida na voz.

— Você também — retruco olhando seu pau enorme e duro.

Ele sorri.

Estou ficando louca, contado os segundos, quase posso sentir seu toque por antecipação.

— Posso te pedir uma coisa? — ele pede pairando seu corpo a centímetros do meu.

— Qualquer coisa.

— Beije-me. Sem medo, sem mágoa. Eu te amo, sinta apenas isso, e me beije.

Ele aproxima seus lábios dos meus, nenhuma parte de seu corpo toca nenhuma parte do meu, não consigo mais, levanto meu rosto e alcanço seus lábios. Não o toco com as mãos, apenas com a língua. O beijo devagar, mordo seu lábio, sugo sua língua, ele geme, e não tenta mudar meu ritmo. Não consigo mais, quero que seja ele a perder a cabeça, mas não aguento, toco seu peito, passeio meus dedos por seus poucos fios loiros, arranho seu ombro, suas costas, ele apenas geme, mas me dá o contato que preciso.

— Matheus, por favor, preciso de você, por favor — sussurro em seus lábios.

Ele afasta sua boca da minha e me olha. Há algo estranho em seus olhos. Ele sorri, não com alegria genuína, mas sim algo que não sei decifrar, algo parecido com como você fica quando olha para a pessoa que você ama e não pode acreditar que teve tamanha sorte.

Então de repente seus lábios estão nos meus, seu beijo é faminto, invade minha boca, e seu corpo cai sobre o meu. Sinto seu peito esmagando meus seios,

suas mãos estão em todos os lugares, suas pernas prendem as minhas, quero tocá-lo, em todos os lugares possíveis, mas não consigo me mover, ele me toma de tal forma, que não existo, eu sinto, cada toque, cada beijo, cada respiração, cada suspiro, sinto sua língua passeando por meu corpo, detendo-se em meus seios, sugando meus mamilos, sinto sua ereção passeando em minhas pernas conforme ele se move sobre mim. Sinto seus dedos como choques quando ele segura cada uma de minhas pernas e as afasta, encaixando-se no meio delas. O encaixe perfeito.

— Vou apagar da sua mente qualquer outro homem que tenha estado aqui. Vou apagar qualquer outra lembrança de alguém tocando-a. Você pertence a mim e somente a mim. Darei a você o que ninguém nunca deu, nem mesmo eu.

Suas palavras soam como promessas de um paraíso que imaginei não existir. Soam como a corrente, que me prenderá a ele sem volta. Não tenho escapatória, nunca tive. Eu pertenci a ele desde o primeiro momento em que ele me olhou e me mandou tomar no furico. Eu o amo tanto, e não quero amar. Mesmo que tenha mudado, mesmo que esteja aqui amanhã de manhã, não quero mais sentir o vazio desesperador, que ele deixou quando foi embora. Não quero dar a ninguém, especialmente a ele, tamanho poder sobre mim. E, como se estivesse lendo meus pensamentos, ele cobre lentamente seu sexo com a camisinha e me diz:

— Afinal de contas, o que é o amor senão dar a outra pessoa o poder total e completo sobre você? E aceitar que isso, é o que o fará feliz por toda vida, pertencer a alguém. Não ser mais você, mas o que você sente. — Ele me olha nos olhos. — Não tenha medo. Nunca mais irei machucá-la. De nenhuma maneira.

Olho de volta em seus olhos e quero acreditar em suas promessas, mas bem neste momento ele me invade, e sinto uma dor horrorosa, tento conter o grito, mas ele está totalmente parado, tenso, em cima de mim. Cubro o rosto, não quero olhá-lo, não quero que ele saiba que foi o único.

— Gil... — sussurra confuso.

— Saia de cima de mim — peço.

— De jeito nenhum. — Ele segura meu rosto entre suas mãos, não diz nada quando o olho de volta, apenas me observa com algo parecido com adoração em seu olhar. — Você sempre foi minha, desde o primeiro toque, e eu sofri tanto por imaginá-la com outros. — Ele sorri — Não posso acreditar.

— Matheus — peço. — Saia de cima de mim.

Ele nega veementemente.

— Olhe para mim, Sereia, olhe em meus olhos.

Eu o faço porque não tenho saída. Me sinto envergonhada e derrotada por ele

descobrir a enorme farsa que me tornei depois que ele me deixou.

— Eu. Amo. Você. Sempre amei. Achei que não existisse um amor maior do que o que eu sentia. Mas, saber que você só pertenceu a mim, me faz amá-la ainda mais, de uma forma que quase me sufoca, que me toma. Amo você. Não estou brincando Gil, isso não faz parte de nenhum acordo ou proposta. Eu amo você.

Ele não está brincando. Fico meio em pânico quando percebo a verdade exposta na maneira como me olha. Ele me ama. Mas então por que...

Seus lábios tomam os meus novamente e todo pensamento se esvai quando ele se move dentro de mim. Junto a dor suportável, a percepção de que é ele ali, me preenchendo, me dominando, cada centímetro, de novo, me faz esquecer de todo o resto. Agarro seu cabelo, o arranho e ele se move. Não deixa de me olhar, passeia suas mãos de forma carinhosa por meu corpo, me beija lentamente, em contraste com seus movimentos rápidos e fortes em mim. Eu posso senti-lo de tal forma, que não sei como vou sobreviver quando não o tiver mais dentro de mim. Ele alcança cada pedaço meu enquanto estoca cada vez mais forte. Seguro seu rosto entre as mãos, ele me olha de volta, do jeito que sempre quis que olhasse, e então acontece.

Se eu me desmonto quando sua língua ou seus dedos me dominam, isso não é nada comparado ao que o seu pau faz. A explosão é muito maior, mais forte, me deixa surda, me anula para tudo à minha volta, estou suada, quente, e pulsando e ele me toma mais forte, grito seu nome, cravo as unhas no seu ombro e o orgasmo me atinge com tudo, me nocauteia.

Ele grita comigo, se aperta em mim, e no momento em que se afasta para ir mais fundo na última estocada, acerto a lateral de seu rosto com o pé. Não sei se o grito que lhe escapa é de dor ou é por conta do orgasmo que o atinge. Mas ele parece não se importar, cai pesado sobre mim. Suado. A respiração pesada e me prende em seus braços.

— Gil — sussurra.

— Oi — respondo com dificuldade.

— Lembre-me sempre, sempre, de amarrar suas pernas. Merda. Está doendo pra caralho!

Começo a rir. Logo, ele também está rindo.

— Quanto tenho que descontar da sua conta mesmo? — provoca.

— Nem um mísero centavo. Você também teve prazer, e uma enorme vitória sobre mim. Portanto, preciso ao menos continuar rica.

— Certo. Vou ser bonzinho com você apenas esta noite, amanhã quando a fizer gozar, você ficará falida.

— Tenho quase dois milhões na conta. Vai ter que me fazer gozar muito se

quiser me falar.

— Está me desafiando, Sereia?

— Não mesmo. Apenas alertando.

Ele me aperta em seus braços e beija meu cabelo.

— Durma. Antes que minha família maluca retorne. Durma agora.

— Sua mãe vai me expulsar amanhã — sussurro sonolenta.

— Não vai. Vai te amar infinitamente por me fazer ser homem. Por que meu rosto e costas estão ardendo?

Dou de ombros.

— Corte essas unhas! — ordena.

— Não seja fresco.

Ele sorri porque isso nos é familiar. É assustadoramente familiar. Começo a enrijecer, mas ele me acalma, passeando os dedos por minhas costas e beijando meu rosto todo onde seus lábios alcançam.

— Não será como da outra vez. Isto é apenas familiaridade, mas estarei aqui, exatamente aqui quando você acordar. Estarei todas as manhãs. Acalme-se, amor. E durma.

Uma mistura de uma Gil iludida dez anos atrás e uma Gil iludida agora toma minha mente e adormeço. Mas lembro exatamente como tudo aconteceu.

10 anos antes... a noite que nunca existiu...

— Esqueça pirralha. Matheus Amorim é areia demais para seu caminhãozinho. Além do mais, desconfio que o cara é gay — Rosa comenta.

— Ele não é gay Rosa, é amigo do Cleber, e todas sabemos que o Cleber...

As duas suspiram e Rosa dá um tapa em Mia. Elas são o que mais posso chamar de amigas, mas não são exatamente isso. Elas riem de mim por ser virgem, e riem mais ainda por conta da minha obsessão por Matheus Amorim.

— Não podemos negar que ele é lindo. Tipo, modelo de revista. Aqueles olhos azuis, e aquele furo no queixo. E o cabelo? Adoro quando ele coloca aquele rabo de cavalo e...

Mia se cala quando puxo seu cabelo de uma vez, fazendo-a cair de costas na cama.

— Mais uma palavra cobiçadora sobre ele e ficará sem a língua! — Ameaço.

— Agressiva. Gilcelle aceite que vocês nunca dariam certo. Você é macho demais e ele de menos.

— Calem a boca as duas e sumam da minha casa.

As duas saem emburradas como nas últimas duas noites. Meus pais estão viajando e Antônia aproveitou para dormir na casa do namorado estranho dela. Para não ficar sozinha, pedi as minhas “amigas” para dormirem comigo. Mas é a terceira noite que elas vão embora porque as agrido de alguma forma. O que há de errado comigo?

Me jogo entediada no sofá e zapeio os canais, quando a campainha toca. Levanto-me emburrada, se aquelas idiotas tiverem voltado para me atormentar lançarei as duas escada abaixo. Mas, quando abro a porta, quase tenho um ataque e me derreto ao mesmo tempo.

É ele.

Matheus Glorioso Amorim está parado ali, na minha porta. Com as duas mãos plantadas nos bolsos da calça. Ele olha para o chão, para o alto, e finalmente, fixa seu olhar no meu. Aqueles olhos tão azuis focados em mim. Quase me derreto de novo.

— Oi — ele diz meio sem jeito.

— Oi.

— Você é linda.

Me sinto corar imediatamente. Nunca nos falamos e de repente ele me acha linda. Devo estar sonhando.

— Obrigada.

— Quero comer você agora.

O que? Comer? Tipo: comer?

— Tudo bem — digo quase num sussurro. Fico ali, parada o encarando, e ele olha para dentro de minha casa. Me toco que ele deve entrar, não vamos fazer isso na calçada. Mas, assim que ele entra, não sei como agir.

Não estou preparada para ter Matheus Amorim na minha casa, na minha cama, na minha bichinha. Sequer estou com uma lingerie bonita. Sequer me preparei. Graças a Deus tomei um bom banho pouco antes de ele chegar.

— Bom... quer... subir?

Ele assente, parece tão nervoso quanto eu. O que será que se passa pela cabeça de um garoto popular como ele, (Cleber é o popular na verdade, mas eles andam juntos, logo, Matheus acaba sendo conhecido também) ao saber que vai transar com uma garota idiota e virgem? Bom, ele não precisa saber que sou virgem. Que se dane, ele pode achar o que quiser, desde que me coma realmente e me dê um orgasmo, porque perder a virgindade com a paixão da sua adolescência e ainda gozar na primeira vez é o sonho de toda garota. Ainda mais quando ela tem dezoito anos, amigas piranhas insuportáveis e uma bichinha totalmente trancada.

Subo os degraus na sua frente, uma a uma, ouvindo meu coração bater no ouvido. Estou nervosa e meio tremendo. Ele vem silencioso atrás de mim, até que de repente, suas mãos pousam em minha cintura e ele me arrasta escada acima. Grito de susto, mas estou rindo como uma boba e ele também sorri. Abre a primeira porta que encontra e me lança contra a porta, sua boca já tomando a minha em um beijo selvagem. Uau!

— Math... Math... Matehus! — consigo gritar por fim — Este não é meu quarto.

Ele pisca confuso e pego sua mão, levando-o para meu quarto. Imagino que ele vá entrar e ficar reparando minhas coisas nada convencionais, mas ele não o faz. Não no quarto todo pelo menos, ele só repara em uma coisa praticamente, a algema no meu criado mudo. A ganhei de presente no ano passado da safada da Mia, e ganhei mais duas esse ano só porque deixei essa pendurada na minha cabeceira por um ano. E comprei duas, porque eram estampas de bolinhas e achei muito bonitinhas. Tenho quase uma coleção de algemas. Ficam na minha gaveta, mas a enxada da Mia a tirou essa noite para futricar. Deveria tê-la guardado. Ele encara a algema e me encara. Imediatamente e vergonhosamente, pego a algema, abro rapidamente a gaveta e a jogo lá. Então sento-me na cama e o olho com a maior cara de santa que consigo. Ele sorri.

Aproxima-se de mim e volta a me beijar. Dessa vez bem devagar, posso saborear seu gosto, sua língua brincando com a minha, ele me deita e deita-se por cima de mim. Seus lábios descem por meu pescoço, descem ainda mais e

rodeiam meu seio por cima da roupa. Então ele a tira, vagarosamente, começa a me despir de forma tão lenta e centrada, que perco a paciência. Tiro eu mesma a roupa, com pressa, e tiro a dele, para não correremos o risco de ele fazer isso com tanta paciência.

Sei o que está pensando, mas tente me entender. Ele é lindo, sou louca por ele há anos. Tenho dezoito anos e sou virgem. Nunca vi um pau, e o primeiro que vou ver é o dele. Então não me julgue por ficar tão desesperada e ansiosa para tê-lo em mim. Tiro rapidamente sua blusa e calça, enquanto ele ri. Mas não tenho coragem de tirar a cueca. Quando a toco, coro como um morango azedo e me afasto. Seu sorriso fica terno e ele acaricia meus cabelos.

— Tão linda. Parece uma Sereia.

Sorrio abobalhada. Que coisa tão linda de se dizer!

Ele volta a me beijar, estou completamente nua, mas não me sinto envergonhada por isso. Meu pudor foi substituído por puro tesão, pois o volume que vejo em sua cueca promete. Se joga sobre mim de novo e dessa vez seus lábios alcançam meus seios. Ele desce os dedos pelas laterais do meu corpo gentilmente, e me toca ali. Gemo alto. É algo inexplicável ser tocada ali. Não que eu já não tivesse me tocado antes, mas um homem que você deseja, lindo, gostoso e quente, te tocar ali enquanto suga seu mamilo e geme, é alucinante. Ele me toca tão de leve, mas há uma reação tão poderosa em mim, que puxo seu cabelo. Acho que o faço com força demais, pois ele grita.

— Perdoe-me — peço sem graça.

— Não tem problema — ele responde antes de pressionar com força seus dedos em mim e volto a gritar, puxando fortemente seu cabelo de novo.

— Perdoe-me.

Ele sorri, mas um sorriso meio para esconder a dor. Preciso manter minhas mãos ocupadas. As finco no lençol ao lado do meu corpo enquanto ele deposita beijos ternos em minha barriga e seu dedo mágico volta a trabalhar em mim. Mordo o lábio com força, tento me controlar, isso é muito gostoso. As coisas que ele me diz, me fazem viajar enquanto seus dedos me tocam como nunca fui tocada. Quando ele enfia um dedo em mim, grito mais alto ainda e agarro seu cabelo, puxando-o com força maior.

Ele se afasta e me olha fascinado.

— Não vou mais pedir perdão — digo louca para enfiar a cara no travesseiro e me esconder. — Sou meio, agressiva. Se quiser ir embora...

Ele se levanta e quase choro. Fico perdida entre pedir que ele fique, ou lançá-lo escada abaixo por me excitar assim e parar na metade do caminho por causa de um puxãozinho bobo de cabelo. Mas ele apenas abre a primeira gaveta do criado mudo, antes que eu possa impedir. Então ele estaca.

— Caralho! — diz admirado, ou assustado, não consigo decifrar. — Você tem uma coleção de algemas?

Dou de ombros envergonhada.

— Mas, você é virgem. Por que tem uma coleção de algemas?

O que? Isso é sério? Ele sabe sobre isso? Precisa jogar isso na minha cara?

— Olha Matheus, primeiro, você não diz a uma virgem que está prestes a desvirginar que ela é virgem. A garota com certeza está tentando esconder isso de você e não é legal jogar isso na cara dela.

— Não estou jogando na sua cara. Adoro saber que serei seu primeiro.

— Não venha me bajular agora. Segundo, eu sou virgem ainda, não quer dizer que vá morrer virgem. Nunca tive essa pretensão. Logo, posso ter algemas, fantasias, bolinhas de calor, canetas comestíveis e até mesmo pênis de borracha. Sou virgem, não retardada.

— Ai céus. Isso me lembrou uma coisa. — Ele corre até a roupa estendida no chão e apalpa os bolsos — Então, garota virgem atrevida e fogosa, você tem camisinha?

— Você veio me comer e não trouxe camisinha?

— Eu não vim te comer. Eu não... — Ele pega uma das algemas e aproxima-se de mim. Me empurra na cama, pega minhas mãos e as junta no alto da minha cabeça. — Você tem a chave disso, certo? — assinto e ele as prende com a algaema, e a prende na cabeceira da cama. — Pronto, problema cabelo sendo puxado, resolvido. Minha cabeça ficará quieta no meu pescoço.

— Ou não — retruco e ele me lança um olhar tão cheio de promessas que quase gozo.

— Ou não, Sereia. Espero que não. Agora, você tem camisinhas?

— Por acaso, tenho. Estão na gaveta.

Ele abre a gaveta e tira de lá um pacote verde.

— Isso acende no escuro? — pergunta sorrindo.

— Ah cale a boca, cubra logo seu bichinho e venha aqui.

Sorrindo, ele tira a cueca, então esqueço de provocá-lo porque merda! Ele é demais! Merda! Vai acabar comigo! Merda! Isso vai doer.

— Isso vai doer — ele me alerta ecoando meus pensamentos.

— Ok, a vida é dolorida e menos prazerosa do que perder a virgindade.

Ele volta a deitar-se por cima de mim e volta a me beijar. Com fogo, urgência, necessidade. Quero puxar seu cabelo, mas minhas mãos estão presas e posso ver em um vislumbre, suas costas arranhadas. Melhor mesmo ter as mãos presas. Nunca pensei que fosse realmente usar essas algemas, ainda mais com ele. Logo, seus dedos ágeis estão de volta ao meio das minhas pernas, ele me toca com tanta maestria, que por um momento penso que ele deve pegar mais ou o mesmo

tanto de garotas que o tal Cleber.

Mas, logo esses pensamentos somem na névoa do desejo. E, quando ele enfia novamente o dedo em mim, gozo, é uma coisa indescritível, muito forte, que me tira da realidade e me leva até o céu, para então me derrubar de uma vez de volta a realidade. Grito alto, impulsiono meu corpo e estico as pernas, tentando me libertar dessa coisa que aperta todo meu corpo nesse prazer delicioso. E só quando me acalmo, o vejo ali, ajoelhado na cama, com a mão na boca. E sua boca está sangrando.

— Ah meu Deus, o que houve? — Quero me soltar e tocá-lo, mas estou presa, e desesperada.

— Ei, acalme-se. Não foi nada.

— Eu chutei você? Fui eu que fiz isso?

— Você me avisou que era agressiva.

Estou assustada. Eu acabei mesmo de chutar a boca do cara por quem sou apaixonada, que graças a Deus não é gay e que está prestes a tirar minha virgindade? Ai meu Deus!

— Acalme-se, Sereia. Relaxe. — Sua boca volta e percorrer meu corpo, parando em meu seio, e me sinto relaxar mesmo contra a vontade.

Ele me beija um pouco mais, e logo sua boca volta aos meus seios alternando entre chupões e mordidas. Mas ele não se demora ali dessa vez, afasta-se e pega a camisinha estranha que brilha. Abre o pacote e xinga um palavrão.

— O que houve? — pergunto temendo que a porcaria esteja furada e que isso signifique que ele está indo embora.

— O líquido. Sujou minhas mãos.

— Não é a lubrificação? Você nunca usou uma camisinha?

Ele sorri.

— Quietinha, Sereia. E me desculpe.

— Pelo que?

Ele deita-se sobre mim, me beija, e então, me penetra. Grito, dói pra caralho.

— Por isso. Eu disse que ia doer.

Ele volta a se mover e grito mais ainda. Quero muito, muito mesmo enfiar as unhas em suas costas. Por que só eu tenho que sentir dor?

— Quer que eu pare? — pergunta preocupado.

— Ah não. De jeito nenhum. Continue, agora mesmo. E faça com força. Não me importo se doer.

— Não vou machucá-la mais do que o inevitável, Sereia.

Ele se move gentilmente, vagorosamente. Presta atenção em cada expressão minha. Vejo seu rosto ir mudando enquanto se movimenta, está se segurando. Não precisará se segurar muito tempo. Logo, a dor não me incomoda, e só

consigo senti-lo, inteiro dentro de mim. Tento desesperadamente mover minhas mãos, mas estão presas. Ele arremete contra mim mais algumas vezes e para.

— Sereia, vamos, goze comigo. Não aguento mais muito tempo.

Confirmo com a cabeça e ele se deita sobre mim e me beija. E quando me penetra de novo, aquela sensação deliciosa, esmagadora me atinge. Ele grita comigo, arremete como um louco, seu corpo todo se tenciona antes de relaxar completamente e ele cai sobre mim, após cair comigo. Nossas respirações aceleradas se misturam. Nossos corações apressados batem no mesmo compasso.

— Onde estão as chaves? — ele pergunta levantando-se e aponto com a cabeça na direção da gaveta, ele a revira e logo encontra a penca de chaves das algemas. Me solta meio desastrado, e assim que meus braços estão livres, ele massageia meus pulsos. Não doem muito. Acho que estou maravilhada demais para sentir qualquer dor. Ele me puxa para seus braços e acaricia meu cabelo. Ri como um menino, e fico quietinha ali. Quando passeio minha mão por seu corpo e toco seus ombros, ele geme.

— Por que meu rosto e costas estão ardendo? — pergunta confuso. Vira-se para o espelho que fica em frente minha cama e arregala os olhos. Seu rosto e costas estão muito, muito arranhados. — Caralho! Corte essas unhas!

— Não seja fresco — retruco, quando foi que fiz isso se minhas mãos ficaram a maior parte do tempo presas?

Ele sorri e me beija.

— Sereia agressiva. Da próxima vez amarrarei também suas pernas, para sair inteiro do seu quarto.

Sorrio como uma boba. Terá próxima vez. Me aconchego a ele e durmo. Não dizemos nada. O sinto acariciar minha cabeça umas duas vezes durante a noite. Me pergunto se ele não dorme, mas não consigo perguntar isso a ele, pois estou muito cansada. Caio em um sono profundo.

Acordo com a memória clara e lembranças nítidas até mesmo das sensações que ele me causou, e quando abro solhos, a cama está vazia. Levanto-me imediatamente e chamo seu nome. Desço as escadas correndo, louca para pular de novo nele. Mas ele não está. Ligo para sua casa, já são duas da tarde, por que dormi tanto? Uma mulher atende, e diz que o senhor Amorim já embarcou.

— Para onde? Como embarcou? Ele estava comigo agora mesmo!

— Não senhorita. Ele foi para a rodoviária. Está indo para a capital para cursar a faculdade.

Bato o telefone na cara dela e visto uma roupa rápido demais. Só quando pego o taxi percebo que está de trás para frente, que se dane! Ele não pode sair assim. Deve ter tido medo de me acordar, mas tem que me dizer alguma coisa, qualquer

coisa. Ele me disse que haveria próxima vez. Tem que haver.

Corro como uma louca pela pequena rodoviária, chamo seu nome, estou a ponto de ter um colapso nervoso, quando uma senhora aproxima-se. Conto entre soluços que estou procurando por Matheus Amorim e ela me diz o ônibus em que ele está. E é o ônibus que está saindo. Ele não pode ir. Não pode! “Tarde demais idiota. Você o perdeu. Tomara que o ônibus vire e ele quebre o saco em uma árvore caída no meio da estrada”. Diz uma voz estranha em minha mente.

Sim, tomara.

Gilcelle

Algo pesado está apertando meu peito, e não são mãos masculinas. Um sonho, acho que tive lembranças demais durante a noite, mas não quero mais esse sentimento de perda. Sei que o dia amanheceu porque o maldito galo está berrando quase em minha janela. Resmungo e me mexo, e algo me cutuca no meio das pernas. Uma fincada. Então me lembro da noite anterior, e de tudo o que fizemos. Sorrio. Tateio a cama em busca dele, mas ele não está.

Ele. Não. Está.

Abro os olhos de repente e a cama está vazia. Presto atenção, mas não está no banheiro também. Estou sozinha. Na cama. Na manhã seguinte. De novo.

— Idiota!

“Acalme-se e controle-se. Não seja paranoica. Você está na casa dele, para onde acha que ele iria:”

— Ele que vá para o inferno! Tinha que estar na cama comigo!

Levanto-me furiosa e visto um roupão. Saio descabelada e mal humorada escada baixo, toda a família Buscapé ainda está dormindo. Então, onde está Matheus? Ouço um ruído na porta e de repente ele aparece. Parece em pânico ao me ver, coloca todas as sacolas da padaria sobre a mesinha de entrada e aproxima-se de mim com passos cuidadosos. Não sei o que fazer, não sei o que sentir.

— Por que acordou tão cedo?

— Sonho ruim — respondo baixinho.

De repente, ele quebra o gelo e aproxima-se de mim. Me prende em um abraço e beija meu cabelo.

— Bom dia, meu amor. Não era para você ter acordado tão cedo. Eu deveria estar ao seu lado quando acordasse.

Não correspondo o abraço. Ainda estou meio assustada. E irritada. Afasto-me dele e subo de novo as escadas. Ele sobe atrás. Me joga na cama, estou cansada. Física e emocionalmente. Porque sei que não tenho volta, por mais idiota que ele seja, eu o amo. E preciso fazer isso dar certo. Pelo menos dessa vez ele não foi embora para outra cidade. Ainda.

Ele se deita comigo e me aperta em seus braços.

— Quer dormir mais um pouco? — Concordo com a cabeça. — Ficarei aqui com você.

— Até que horas? — pergunto com ironia.

— Até você acordar mal humorada, e empurrar meu rosto para que eu não a observe dormindo.

Sorrio.

— Você vai ficar aqui?

— Juro que não vou sair daqui.

Relaxo, pouse minhas mãos por cima das dele que me rodeiam e adormeço.

Quando acordo, o idiota não está na cama. Levo um susto inicialmente. “Ok, você precisa superar isso”.

— Preciso superar isso. Eu posso superar isso. Maldito Matheus estúpido de uma figa!

Levanto-me, nem quero saber qual a desculpa da vez. Tomo um banho rápido e pego meu celular.

— Bom dia, mãe, sou eu, Gilcelle, lembra-se de mim? — O barulho do bip soa em meu ouvido, ela desligou. — Velha mal educada.

Ligo de novo, e de novo e a velha não me atende. Então envio uma mensagem para o celular dela.

Gilcelle: *Olá mãe. Sou eu e quero falar com a Antônia. Vou ligar até que a senhora me atenda, portanto, pela pouca saúde que resta a minha audição, atenda a porcaria do telefone!*

Por favor!

Espero acalmá-la com esse por favor, porque fui meio grossa com ela. Espero alguns minutos, ligo novamente, e ela atende.

— Bom dia, mãe! Como é bom falar com a senhora, sua educação e seu humor!

— O que quer?

— Falar com minha irmã.

— Antônia não está.

— Como não está?

— Pediu para ir visitá-la.

É estranho, não estou em casa. Deve ter algo a ver com o tal padre em quem ela dá uns pegos.

— Hum. Mãe, eu vou me casar. Estou neste momento na residência da família do meu noivo.

Há um silêncio e depois ela murmura:

— Pobre alma!

— Não, ele não é tão mau assim. E meio estúpido, mas acho que posso resolver isso. Tenho uma amiga muito boa em consertar estúpidos.

— Não estou falando por você, e sim por ele. Deus tenha piedade dessa pobre alma que irá juntar-se a você para o resto da vida. Que ele aguentar sua loucura e

sem vergonhice que tem vida própria.

— Ei! Não sou tão ruim assim, sabia? Além do mais, se a senhora conhecesse a família dele, pediria misericórdia por mim. E além do mais, até mais. Espero que Deus lhe ajude também, mostrando que existe algo chamado educação. Passar bem. — desligo o telefone.

Será que voou para o inferno por desligar o telefone na cara dela?

Tomo café com Amanda, que abaixa a cabeça cada vez que Marisa passa por ela.

— O que houve, Mandy?

— Vocês são uns estúpidos! Mamãe flagrou vocês dois, não foi? Porque ela voltou furiosa para o dentista, e mandou que eu parasse de fingir pois ela daria tempo para que seus netos fossem fabricados. Resultado total da noite de ontem: mamãe babando seu ovo por tornar meu irmão gay um macho, chateada comigo por ter fingido estar doente para ajudá-los e Matheus trapaceiro se negando a me pagar os dois mil porque mamãe voltou em menos de meia hora e não em duas horas como combinamos.

— Você sabe que ele está certo. Foi pego nu em pelo pela sua mãe. Foi constrangedor. Você falhou, querida.

— Merda. Odeio falhas. E se vocês tivessem ficado quietos se comendo no seu quarto, ela não teria pegado ninguém nu pela casa.

— Isso também foi culpa da sua família estranha. Marcus estava nos espionando com uma câmera.

Ela engasga com o café.

— Marcus? Os filmando? Mas para quê?

Dou de ombros.

— Ele é estranho. Precisa de motivo?

Terminamos o café uma mais emburrada que a outra.

— Então, sabe onde está o Matheus?

— Não está desmaiado na cama? Não o vi hoje.

Estranho. Onde será que ele se meteu? Nesse momento Marcus aparece, nos olha com seu jeito estranho e aproxima-se de mim.

— Distância, Amorim estranho. Não estou com o melhor dos humores — aviso.

— Achei Gilcelle, que gostaria de saber onde está seu noivo.

O encaro de olhos arregalados e Amanda me cutuca.

— Isso está cheirando a armadilha, Gil. Não caia na dele.

Ela está certa. Mas ele está ali com a mão estendida a mim, me oferecendo o que mais quero no momento, achar a merda do meu noivo. Olho Amanda, esperando que eu seja forte, e não resisto. Pego a mão do estranho e Amanda

logo vem atrás com sua xicara de café das Super poderosas. Ele nos guia por trás da casa, anda um pouco, passa por umas árvores e avistamos uma garagem enorme.

— A garagem fica aqui? Que lugar mais escondido! Quero dizer, olha o tanto que vocês andam para chegar a casa. Qual o sentido de vir de carro?

Os dois dão de ombros e Marcus me indica com a mão que abra a porta de madeira da garagem.

— Gil, eu diria que não deve abrir essa porta, pois se Marcus a trouxe de tão bom vontade, é algo de que você não vai gostar. Por outro lado, estou muito curiosa. Abra logo essa porta — Amanda diz.

Meu coração está acelerado, o escuto retumbando nos ouvidos. Minha respiração falha. Algo me diz que não deveria abrir essa porta. Mas abro, porque sou dessas. E não acredito no que estou vendo. Estaco. Então fecho a porta e torno a abrir, dando a chance da cena que flagrei ali dentro ter mudado e eu me convencer de que foi uma alucinação.

Mas, quando torno a abrir a porta, é a mesma cena. Fecho a porta de novo e espero um pouco, logo, Amanda bate em meu ombro.

— O que há aí dentro? Gil querida, não importa o que você viu, não vai mudar só porque você fechou e abriu a porta. Abra a porta e deixe-me ver o que tem aí dentro.

Então eu abro. Que todos sejam testemunhas do porquê Matheus Amorim morrerá hoje.

Amanda arregala os olhos, escancara a boca e solta um palavrão.

— Merda! Eu não precisava ver isso! — Ela se vira de costas e não fecho mais a porta. Preciso encarar a merda da vez.

Meu Deus! Me de paciência! Ou força. Ou eu o mato, ou me mato.

— Meus parabéns, Matheus, isso supera todas as merdas que você já fez na vida.

— Gil, isso vai parecer clichê, mas não é o que parece.

— Definitivamente — confirma Alzira. Sim, aquela Alzira esquisita da V.D.A. que é vidrada nele.

Explique-se, querido. E para o seu bem, seja bem convincente.

Matheus

Uma hora antes...

A respiração leve da minha noiva me faz sentir uma calma e paz indescritíveis, ela acordou inesperadamente essa manhã, e eu não estava na cama. Idiota. Mas estarei quando ela acordar novamente, e todas as manhãs, e ela vai superar essa síndrome do abandono. Volto a fechar os olhos e tento dormir mais um pouco com ela, mas há um barulho, quase mínimo, vindo do guarda-roupa.

Aperto mais os olhos, não quero olhar.

Mas, e se for Marcus? E se estiver com a filmadora e a Gil acordar nervosa porque eu não estava na cama e falar de alguma forma sobre a proposta, sobre as merdas que passamos ou qualquer coisa que ele possa filmar e usar para me desmascarar? Meu Deus! Pareço um criminoso perigoso falando assim.

Abro os olhos, fico ali um tempo me decidindo entre dormir de novo e fingir que não ouvi nada, o que seria o sensato a se fazer. Ou levantar-me e descobrir o que está fazendo barulho. Merda. Terei de descobrir o que é antes que a maluca acorde e resolva descobrir ela mesma e se exponha ao perigo de alguma forma. Desvencilho-me dela e vou na ponta dos pés ver o que causou o barulho. E qual é a minha surpresa, ao ver a porta do guarda-roupa entreaberta. Aproximo-me, termino de abri-la, e ali, há uma foto minha.

Uma foto minha, nu, no quarto do meu apartamento. E Kami está nela. Uma de minhas antigas companheiras. Está nua, com os braços amarrados para trás, ao lado da minha cama. Como isso veio parar aqui? Como alguém conseguiu essa foto e por que ela está na mala da Gilcelle? Escondo a foto no guarda-roupa bem a tempo de ver um vulto correr porta afora. Visto rapidamente uma calça apenas e corro atrás.

O invasor de privacidade é lento, e consigo alcançá-lo quando está chegando perto da garagem. Está usando uma roupa toda preta, é bem rechonchudo e sua cabeça está coberta por uma touca também preta. Agarro seu braço e o viro. E quase caio para trás.

— Alzira?

— Olá, senhor Amorim.

— Mas que merda está fazendo aqui? E de onde tirou aquela foto? Que merda toda é essa?

Ela gagueja, pisca os olhos freneticamente, e então começa a chorar.

— Ok, acalme-se, você precisa me explicar o que está acontecendo.

O sol está nos matando, vou começar a suar se ficar aqui, e não curto esse tipo

de suor. O que a Gil me provoca quando estamos juntos na cama, eu curto. Esse, nem um pouco. A guio para dentro da garagem e ela se joga com tudo sobre uma caixa de madeira largada ali.

— Comece a se explicar.

— Senhor Amorim, eu não estava fazendo nada. Apenas senti sua falta, e queria vê-lo.

— Alzira, você invadiu minha propriedade, invadiu meu quarto, mexeu nas coisas da minha noiva e ainda tinha uma foto minha nu. É melhor se explicar ou chamarei a polícia agora mesmo.

Ela arregala os olhos e volta a chorar.

— Alzira, não quero ter de chamar a polícia. É melhor explicar-se.

— Não estou chorando por isso. Vocês estão noivos? Não é justo! Ela é maluca senhor, e sequer gosta do senhor.

— Isso é passado. E não me enrole. Explique-se, mulher.

É aí que acontece, um pequeno vulto passa pelos pés dela, que grita, e então corre em direção ao meu. Grito também, mas meu grito não surte efeito e a criatura abominável passa por meu calçado e sobe na minha perna. Ficando preso entre minha perna e a calça.

Tem um rato na minha perna. Um rato asqueroso na minha perna.

Berro, sacudo a perna e a criatura horrenda crava as garrinhas mais ainda.

— Merda! Tira isso daqui! Tira isso daqui!

Alzira se levanta para ajudar-me, ajoelha na minha frente e tenta acertar o rato.

— Assim não, Alzira, assim não. Se acertá-lo ele vai me morder. Meu Deus, que nojo! Tire-o daí de dentro.

— Então tire a calça, senhor.

Começo a abrir desajeitadamente o zíper da calça e quando a desço, o rato cai junto, e fica embolado na calça no chão. Então, o pequeno portão da garagem é aberto. Ela estaca ao me ver ali. Não sei por que está com essa cara horrorosa, droga! Eu não estava na cama, de novo. Mas ela fecha a porta, e pouco depois a abre de novo. Mais uma vez o olhar assassino e magoado. E só então me dou conta.

Estou com as calcas arriadas e Alzira está ajoelhada na minha frente. Ah merda!

— Mexa-se, Alzira, levante-se.

Ela se levanta aturdida e puxo a calça, mas o bicho guincha e não sei o que fazer. A porta é aberta novamente e dessa vez ouço o grito de Amanda.

— Merda! Eu não precisava ver isso!

— Meus parabéns, Matheus, isso supera todas as merdas que você já fez na vida — diz Gil não de uma maneira agressiva, mas magoada. Isso é bem pior.

— Gil, isso vai parecer clichê, mas não é o que parece — suplico.

— Definitivamente — diz Alzira.

— Você! — Aponto para ela. — A culpa é toda sua, sua maluca. Está demitida.

Ela põe a mão no coração com uma cara de dor.

— Não faça isso senhor! Meu emprego não. Como irei vê-lo todos os dias?

— Gil, ela invadiu nosso quarto. Mexeu nas suas coisas. Eu a peguei e ela correu para cá. A segui. Foi isso o que aconteceu.

Ela cruza os braços como se fosse me matar.

— Sei, e como essa perseguição alucinante terminou com a louca ajoelhada bem na frente do seu pau, e suas calças largadas no chão?

— Então, isso foi por culpa do rato.

— Que rato?

— A criaturinha asquerosa que subiu na minha perna.

Ela estende as mãos e me calo.

— Matheus, está querendo que eu acredite que você tirou as calças na frente dessa mulher porque um rato subiu na sua perna? Isso é sério?

— Sim. Veja você mesma. — Puxo a calça, mas o bicho sumiu. — Onde ele está? Rato! Apareça! — Olho para minha noiva, e há tanta mágoa em seu olhar, ela não pode acreditar que eu a traíria debaixo de seu nariz com a Alzira ainda por cima. Ela não pode acreditar que eu a traíria. — Gil, como foi que chegou aqui? Por que Marcus e Amanda estão com você?

Ela fica tempo demais calada. Então vira-se de uma vez para Marcus.

— Por que me trouxe aqui? Como sabia que eles estariam aqui?

— Eu o vi correndo atrás de alguém e pensei...

— Que a maluca ia me agarrar! Foi isso o que você pensou. Você a deixou entrar, seu idiota! Marcus, vou matá-lo! — Tento correr até ele, mas tropeço na calça caída aos meus pés e me desequilibro caindo de cara no chão.

— Você! — Gil grita apontando para Alzira — Tem dois minutos para sumir daqui ou arrancarei cada fio da sua cabeça maluca.

Vejo pelo canto do olho Alzira correr, pouco depois ela volta e para a uma certa distância de Gilcelle.

— Senhor Amorim, posso voltar para a V.D.A. não é?

— Não! — Gil grita. — Está demitida! Qual é o seu problema? Aproxime-se dele de novo e juro que vou furar seus olhos com minhas unhas!

Alzira volta a correr e Gil sai batendo os pés, e eu fico ali. Com a cara na poeira. Por que tanta merda em uma vida só? Por quê?

Amanda aproxima-se de mim e toca meu cabelo.

— Saia da poeira irmãozinho. Vai pegar alguma bactéria, seu sistema

imunológico não é acostumado a isso. Vá tomar um banho e depois vá acalmar sua noiva. E boa sorte, você vai precisar.

Resmungo e fico ali choramingando. Ou ela some da minha vida, ou ela tira a minha vida.

Gil está balançando na rede e não abre os olhos quando me aproximo. Está com o celular na mão e sua testa vincada.

— O que houve querida? Está preocupada?

Ela não responde. Continua ali, como se eu não estivesse ali. Ao longe, Mandy me dá apoio moral, com gestos, para que eu insista. Balanço um pouco a rede, e logo, um carro aproxima-se da entrada e mesmo assim, ela não se mexe.

— Matheus! Que bom vê-lo aqui! Sua mãe está?

— Olá dona Laís. Sim, está lá dentro, sinta-se à vontade.

Laís faz parte do clube de pingue-pongue da mamãe. As duas saem juntas algumas noites da semana para jogarem. Gil se levanta de repente da rede e Laís a avista.

— Ah, olá querida. Não sabia que tinha voltado para a cidade.

Mas Gil parece congelar. Parece ter visto um fantasma. Aproximo-me imediatamente, pois ela está prestes a cair, e a seguro pela cintura.

— O que foi, amor?

— Ah que bom que estão juntos finalmente. Sabe Matheus, sua garota protagonizou a cena mais linda e triste que já vi na vida. Quando você foi para a faculdade, sabe. Ela correu atrás do seu ônibus, estava desesperada, pobrezinha. Eu a levei de volta para a casa.

Acho que preciso de alguém para me segurar. Que merda! Gil solta-se da minha mão e corre para dentro de casa, e sei que devo ir atrás dela, mas não consigo me mover. Pesadelos à noite. Medo de acordar sozinha de manhã. Correr atrás do meu ônibus após eu tirar sua virgindade e sumir. Merda! Nunca conseguirei com que ela confie em mim. Nunca conseguirei sanar toda a mágoa que ela carrega. Preciso tentar mais, me esforçar mais. Preciso tê-la de volta.

Dou alguns minutos antes de ir procurá-la, até que ela pense um pouco e decida não me matar. Ou arme algo para me matar assim que eu entrar em seu quarto. Abro a porta e ela está parada, em frente o guarda-roupa com algo na mão. A foto.

Assusta-se quando entro e joga a foto no meio de suas roupas.

— Ela veio trazer isso. Alzira — digo apontando para a foto.

Ela arregala os olhos.

— O que? Alzira trouxe isto? Está me dizendo que esse tempo todo era ela?

— Era ela o quê?

Ela puxa a mala e abre um compartimento menor atrás dela, e tira de lá um

envelope. Abre e sacode em cima da cama. Várias fotos caem. Fotos minhas, com diversas mulheres diferentes, em diversas situações diferentes. Muitas fotos.

— De onde você tirou isso? — pergunto sacudindo-a.

— Eu as recebi. Toda semana, sempre recebo essas fotos. Desde quando entrei naquela empresa e decidimos esquecer tudo o que houve entre nós, comecei a recebê-las, e achei que fosse você esfregando na minha cara o quanto estava seguindo sua vida sem se importar comigo!

Estou em choque.

— Gilcelle, todos aqueles homens que iam buscá-la, que você beijava, tudo isso era para que eu visse?

Ela assente e segura para não chorar.

— Era minha vingança. Você me mandava as fotos com outras, por que não poderia me ver beijando outros? Por que não poderia pensar que eu tinha muitos outros também?

— Merda! — A seguro pelos ombros e a forço a olhar para mim. — Nunca te mandei essas fotos. Nunca nem soube que elas estavam sendo tiradas. Tenho o costume de fotografar as mulheres com quem... mas nunca percebi que estava sendo fotografado. Não fui eu Gil, jamais faria algo assim quando a levei para perto de mim para reconquistá-la e tê-la de volta.

Ela fecha os olhos e afasta-se.

— Então todo esse tempo era a Alzira me mandando as fotos?

— Meu Deus! Como você ainda aceitou viajar comigo depois de receber isto? Como ainda conseguia olhar para minha cara?

— Eu não conseguia. E se não fosse por Antônio, nunca teria aceitado essa proposta. E também, eu sentia sua falta, apesar de tudo. Mas isso não muda nada, Matheus. Não muda o fato de você ter dormido com tantas mulheres enquanto eu perdia minhas noites sem dormir e gritando seu nome. Não muda o fato de eu ter acordado sozinha na cama esta manhã. Não muda nada.

— Claro que muda, olha o que está falando! Eu te amo. Não me importo se me odeia nesse momento, não vou desistir, nem deixar que desista. Essas mulheres não significaram nada. Eu nunca fiz amor com elas, elas nunca me tocaram. Isso foi somente com você.

— Muito romântico na teoria, mas não diminui em nada a mágoa que sinto de você agora!

— Eu sei. Vou diminuir essa mágoa. Deixe-me fazer isso.

— Como? O que vai fazer? Aumentar minha conta? Quer comprar meu amor?

— Não, não preciso disso. Eu o tenho. Você não estaria aqui se não me amasse. Não teria ficado na V.D.A. recebendo essas fotos por três anos se não me amasse. Merda, eu nem estaria vivo uma hora dessas se você não me amasse.

Gil, eu não estava com a Alzira, por mais louco que pareça, a história do rato é verdade. Veja. — Estendo a calça e mostro os arranhões que a criatura horrenda deixou na minha perna. — Eu nunca a trairia. Não depois de todo o trabalho que tive para trazê-la até aqui. Você entende isso?

— Sim, Matheus, não sou nenhuma demente e sei que você não é burro.

— Você correu atrás do ônibus?

— Não quero falar sobre isso.

— Uma hora teremos que falar sobre todas essas coisas, Gil.

— Não será agora.

— Ótimo. Agora a jogarei nessa cama e a farei esquecer desse dia horrível.

— Vai achando que irá tocar em mim com esse corpo repleto de secreções de rato.

— Olha quem está ficando fresca?

— Vai à merda. Tenho algo a te falar, seu irmão Marcus, acho que sei como desmascá...

Eu a beijo. A aperto em meus braços porque não achei realmente que ela me deixaria aproximar de novo.

— Vamos tirar todas essas fotos de novo, mas com você no lugar dessas mulheres.

— Não vou reproduzir suas putas.

Sorrio.

— Então vamos tirar fotos muito melhores do que essas.

— Não vou abrir minhas pernas assim, de graça.

— O que você quer em troca?

— Descubra. — Ela se afasta e vai até a porta. — Vou sair com a Amanda. Se pretende cuidar da minha bichinha de novo terá que se esforçar bem mais. Boa sorte, estúpido.

— Não preciso de sorte, Sereia.

Ela sai e só tenho certeza de uma coisa.

— Essa mulher me ama! — berro.

Capítulo 11

Gilcelle

O celular está desligado, de novo. O que será que Antônia está aprontando dessa vez? Liguei mais três vezes para o convento na esperança de que a madre superiora estivesse de folga, mas parece que madres não têm folgas. Nem secretárias. Logo, saber sobre ela está se mostrando uma tarefa impossível. Olho para Amanda ao meu lado, estamos empoleiradas em uma árvore, esperando alguma coisa. Minha cunhada divergente segura um celular na mão e cantarola músicas da Taylor Swift.

— Minha bunda está dolorida — resmungo. — E até agora não entendi o sentido de ficarmos aqui como duas macacas.

— Você está ficando velha. Cale a boca, é agora.

O barulho de uma moto irrompe de repente e vejo Nuno aparecer no meu campo de visão. Não acredito que minha cunhada safada me fez ficar meia hora empoleirada nessa árvore apenas para avistar seu glorioso primo chegar.

— Não é o que está pensando — ela diz como se lesse meus pensamentos. — Você disse que Marcus esconde alguma coisa. Eu também acho. E tem a ver com o Nuno. Não sei explicar, mas sempre que o Nuno chega, o Marcus o recebe na porta. Basta ouvir o barulho da moto e ele se prontifica a recebê-lo. Houve um tempo em que desconfiei que estivesse apenas de olho em mim. Mas não, há algo de estranho nisso.

Ah minha queria cunhadinha. Se for o que estou pensando, seu querido Nuno queima a rosca. Claro que não digo isso a ela. Nuno olha para a árvore e nos cumprimenta. Fico totalmente sem graça, por ser pega ali como uma retardada observando de cima de uma árvore, mas Amanda reage tão naturalmente que penso ser normal para ela ficar empoleirada aqui.

— Olá, Nuno — digo.

— Olá, ruivinha. Fique longe da minha moto.

— Maricas — resmungo revirando os olhos.

E bem nessa hora, para confirmar as palavras de Amanda, a porta da frente abre, mesmo que Nuno não tenha chamado, e Marcus aparece. Ele não nos vê na árvore, mas aproxima-se de Nuno com um sorriso estampado no rosto que não o vi dar a mais ninguém desde que cheguei aqui. Toca a mão de Nuno em um cumprimento de homens, e então, enquanto Nuno dá dois tapas em seu ombro, Marcus passeia sua mão pelas costas de Nuno, que se afasta imediatamente.

— Amanda, tire uma foto — peço.

— Por quê?

— Explico depois, bata a foto.

Ela tira algumas fotos e não aguento mais ficar nessa posição. Pulo da árvore, fazendo Marcus dar um grito comprometedor e um pulo mais feminino dos que os saltos da Daiane dos Santos.

— Mas que merda estava fazendo empoleirada nessa árvore, sua maluca? — ele grita.

— Tirando algumas fotos, querido cunhado.

Ele arregala os olhos, mas não diz nada. Sei que deveria ser mais delicada e paciente e esperar o momento certo de atacar Nuno, mas que se dane, paciência nunca foi um de meus defeitos. O agarro pelo braço e o arrasto para debaixo da árvore, sob os olhares atentos de Marcus e Mandy.

— Então, desde quando o irmão estranho dá em cima de você? — Vou logo perguntando.

Ele faz um som estranho e estampa um sorriso sem graça no rosto.

— Não sei do que está falando.

— Querido, tenho umas fotos interessantes do seu lindo primo Marcus passeando a mão por suas costas. Se a Marisa teria um ataque por saber que você pega a Amanda, imagina se souber que pega o Marcus?

Ele arregala os olhos, olha para os dois que nos observam curiosos, e entra em minha frente de forma que meus cunhados não possam ler nossos lábios.

— Não tenho nada com ele, nem nunca pensei em ter. Veja bem, meu negócio é mulher, de preferência aquela loirinha atrevida naquela varanda, então não me venha com fotos estranhas agora. O que você quer? Dar uma volta na minha moto? Eu deixo. Fique à vontade, só não quero o Matheus me ameaçando de novo caso você caia de cara no chão. Ele é magro, mas tem uma mão muito pesada.

— Ele fez isso?

— Ah sim, ficou uma fera por eu não ter de dado equipamentos de proteção adequados. E ainda me fez comprar uma moto para você. Vim conferir se entregaram. Bem segura.

— Ele fez isso? — Meu coração parece que vai sair pelos ouvidos. Esse homem está me causando problemas cardíacos.

“Foco Gilcelle! Concentre-se nas fofuras do seu noivo estúpido depois, agora, vingança.” Volto a mim e balanço a cabeça afastando qualquer imagem de amarrar o Matheus na cama e chupá-lo a noite toda em forma de agradecimento.

— Marcus tem me dado dor de cabeça. E embora sua família maluca desconfie da masculinidade do Matheus, sei que é ele quem queima a rosca — confesso.

Nuno sorri.

— Na verdade, se eu não conhecesse você e sua cara de satisfação, diria que os dois são gays. Mas sim, Marcus é bicha.

— E desde quando dá em cima de você?

— É aí que mora o perigo, querida prima. Ele não dá em cima de mim. O máximo que faz é me lançar olhares estranhos, sempre me receber na porta e demorar demais com a mão em mim quando me cumprimenta. Nunca passou disso, graças a Deus. — Ele faz um gesto exagerado estendendo as mãos para o céu. — E não podemos acusá-lo com isso.

Sorriso. Sei exatamente como desmascarar meu cunhado queimador de roscas.

— Mas, você nunca o corresponde, certo?

— Claro que não! Sou homem! Graças a Deus! — Novamente o gesto exagerado.

— E se você o correspondesse? O que ele faria?

— Prima, não vamos descobrir isso porque nunca o corresponderei.

— Você pode fingir.

— Nunca farei isso.

— Consigo deixá-lo a sós com a Amanda nessa casa.

Ele me avalia como que medindo se eu conseguiria tal façanha.

— É sério, eu consigo mesmo. Não duvide de mim! — Faço minha pior cara de assassina e ele assente com a cabeça.

— Ok, desde que isso não inclua beijo, nem língua, nem abraços, nem nenhum tipo de toque. Ok.

Começo então a explicar o que ele deve fazer. Como faria meu primo, quase jogo os braços para o alto, porque graças a Deus, é só depois de combinarmos tudo que Matheus aparece zangado, puxa Nuno pelo braço e vai gritando:

— O que está fazendo debaixo dessa árvore com minha noiva, seu idiota? — E então, acerta o rosto dele com um soco.

Uau! Matheus irritado é muito sexy, mas não tenho tempo para isso agora. Deixo os dois quebrando o pau e arrasto Amanda totalmente contra sua vontade para dentro da casa.

— O Nuno vai quebrar o Matheus, você sabe disso, não sabe? — ela diz alarmada.

— Duvido muito, ele detesta sangue. Quando seu primo arrancar a primeira linha, o Matheus se renderá.

— Você é cruel. Matheus será eternamente feliz com você.

— Sente-se e cale a boca Amanda, temos um plano para colocar em prática, e se tudo der certo, você vai pegar seu primo.

— Sou toda ouvidos — ela cantarola sentando-se.

Quando voltamos para fora, os dois conversam, Nuno tem um roxo debaixo do

olho e Matheus uma fileira de sangue no canto da boca.

— Quem ganhou? — pergunto ao aproximar-me, mas Matheus me arrasta imediatamente para dentro de casa, e para dentro do banheiro, e praticamente me joga contra a parede, me deixando ali antes de ir lavar a boca. — Você está bem, certo?

— Estou furioso com você.

— Desta vez eu não fiz nada. Eu apronto muito, portanto deixe para se enfurecer comigo quando eu realmente fizer algo.

Ele me encara e tira a camisa. Ok, não estou gostando dessa brincadeira de fúria. “Está sim, sua safada”.

— Nunca mais se aproxime do Nuno desse jeito. Já não me basta a minha caçula suspirando por ele, terei que vigiar você também?

— Não suspiro por ele, gosto mais dos frescos. E a Amanda não é sua única irmã que suspira por ele.

Ele arqueia apenas uma sobrancelha e cruza os braços. Embora esteja me deixando falar, sua expressão não amenizou nada, e ele ainda parece furioso.

— Marcus está afim do seu primo gostosão.

Ele não diz nada. Espero pelo que parece uma eternidade. Por fim, ele dá um passo ameaçador em minha direção e diz parecendo ainda mais irritado:

— Você disse que ele é gostosão?

— Matheus! Você ouviu o que eu falei?

— Ouvi, você disse que meu primo é gostosão. Quer testar o quão gostosão ele é, *Gilcelle*?

— Não me venha com esse *Gilcelle* atravessado, estou dizendo que seu irmão... — Antes que eu possa concluir, ele me alcança, sua boca toma a minha com toda aquela fúria lançada sobre mim. Merda. Não tenho forças contra isso.

Seus braços me apertam contra seu corpo, ele morde meus lábios com força. Grito. E batidas na porta me fazem dar um pulo no instante em que ele me solta e pula também.

— Nada de gemidos nesta casa! Regra vinte e quatro! Saiam daí os dois! O almoço está pronto.

— Sua mãe é um porre — sussurro.

— Não sou! Vocês dois que mais parecem adolescentes virgens descobrindo o orgasmo. Saiam daí em dois minutos ou abro a porta.

— Ela tem a chave? — pergunto baixinho.

— Com certeza! — ela grita.

— Ela tem a chave, e uma ótima audição, querida. Continuamos isso mais tarde. — Ele se vira como se não fosse nada e examina a boca, então sai calmamente do banheiro assoviando enquanto custo mover minhas pernas.

Maldito homem e seu autocontrole.

Marisa me lança olhares feios durante o almoço. Então, também lanço olhares feios a ela. Quando os olhos dela se desviam para Matheus, os meus se desviam para Marcus. E então, voltamos à nossa batalha. Estou rodopiando a colher na boca e até franzindo a testa para minha sogra cafona, quando algo roça meu joelho. Levo um susto e dou um pulo na cadeira enfiando a colher quase toda na garganta. Engasgo em seguida e quase morro. Encaro Matheus furiosa.

— Que merda foi essa?

Ele dá de ombros e se certifica de que estou respirando antes de voltar a comer como se não tivesse acabado de enfiar a mão por baixo do meu vestido.

Entenda a situação: a enorme mesa de vidro onde nos encontramos é transparente. Portanto, sim, qualquer um da família Buscapé poderia ver sua mão atrevida roçando minha coxa. Contudo, há vários pratos e tigelas em cima dela, logo, a mão de Matheus parece bem escondida. Mal coloco a colher de volta na boca, a mão dele me roça de novo. Desta vez não dou um pulo. Apenas o encaro furiosa. E ele sorri. Maldito. Passeia calmamente a mão, e a sobe por minha coxa. Discretamente abro as pernas para que ele alcance onde quer chegar.

— Por que está arreganhando as pernas? — pergunta Marisa desconfiada.

É, acho que não fui tão discreta.

— Porque estou com calor na perereca. Se não quiserem vê-la é só não olharem debaixo da mesa.

Miguel dá uma gargalhada enquanto Marisa e Marcus resmungam algo. Pronto, querido estúpido, caminho livre, ninguém vai olhar por baixo da mesa, a não ser Miguel, mas ele não vai contar o que vir aqui embaixo.

Matheus espera um pouco e então sua mão volta a passear por minha coxa. Sei que os pelos do meu braço estão eriçados, estou toda eriçada. Mas pego a sobremesa e no momento em que ele alcança o meio das minhas pernas e aperta, gemo.

— Hummm! — Todos me olham e completo. — Que delícia esta mousse.

— Você comeu dela ontem, e não disse que estava bom — provoca Marcus.

— Porque o de hoje está melhor. Não posso elogiar as sobremesas da minha sogra?

Marisa finalmente sorri.

— Deve, querida. O Matheus ama essa mousse. Você sabe fazer mousse, não sabe?

Os dedos dele roçam de leve ali no meio e quero derreter nessa cadeira, mas minha sogra observadora aguarda uma resposta, então me forço a respondê-la.

— Claro! Sou uma cozinheira de mão cheia.

Marcus revira os olhos e Marisa parece maravilhada. Uns pontinhos com a

sogra não é nada mal a essa altura do campeonato.

— Que bom minha querida. Amanhã, o almoço é por sua conta.

Engasgo e fecho as pernas de uma vez, dando um puxão na mão de Matheus que passeava ali e fazendo-o dar um solavanco para o lado. Todos nos olham, mas ele apenas sorri e se levanta quando liberto sua mão.

— Com licença, querida família, mas minha noiva e eu precisamos dar uma volta.

Antes que Matheus alcance minha mão, Marisa me puxa para o outro lado.

— Nem pensar, filho. Vocês estão preocupados demais com necessidades carnis. Gilcelle vem comigo. Vamos à cidade fazer compras, coisas de mulheres.

Pelo canto do olho vejo Amanda saindo de fininho da mesa, mas Marisa a enforca também.

— Você também vai, Amanda! Há tempos não compramos nada juntas.

— Porque na última vez você me levou para a sessão infantil. E eu tinha quinze anos!

— Você não se desenvolveu muito — diz Marisa dando de ombros.

E assim, é decretada a tarde mais chata de toda a história das tardes chatas. Minto. O dia em que a família inteira se juntou e ficaram tentando me fazer falar sobre o Matheus fazendo sexo foi bem chato também. Ok, esse dia acabou bem, então vou considerar este o dia mais chato. A cidade é pequena, não há muitas lojas, não há nada que eu queira comprar, e estou em um estado constante de excitação desde que meu noivo dominador me arrastou até o banheiro para uns pegadas e minha sogra arcaica manteve minha bichinha presa na gaiola. Ou seja, estou irritada.

Não faço questão de ser simpática. Marisa me mostra um vestido horroroso de flores enormes e amarelas.

— Que tal, querida?

— Horroroso.

Ela passeia por mais algumas araras e levanta uma saia cinza quadrada.

— Nem ouse levantar isto — já vou advertindo e ela a devolve.

Então pega uma blusa florida de cores berrantes.

— Isto? — questiona esperançosa.

— Claro! Se você quiser parecer uma viúva que não faz sexo há três décadas. Espere um minuto.

Passeio pelas malditas araras, acho que minha sogra está na sessão para clientes do asilo, só pode. Vou para a sessão dos jovens e volto de lá com algumas peças. As jogo nela.

— Tome, nada atrevido demais, nem recatado demais. Você não vai parecer

uma menina, mas não parecerá mais velha. Não parecerá uma virgem e nem uma mulher que precisa dar. Experimente essas.

Ela vai com uma careta vestir as roupas e volta com um sorriso enorme no rosto.

— Vou levar todas!

Depois de pagarmos, ela me surpreende em um abraço.

— Você é minha nora preferida!

— Acho que sou a única que você tem.

— Das que já foram lá em casa. Miguel leva muitas, mas você, é a minha preferida.

— Achei que você me odiasse — confesso.

— Ah não. Sei que pego pesado às vezes, mas tenho uma menina em casa, tive que aprender a protegê-la em uma casa com tantos homens e tantos hormônios descontrolados. Além do mais, preciso ter certeza de que você é a mulher certa para o meu filho. Quero dizer, a história de vocês é linda, toda essa coisa de perderem a virgindade juntos e ele ir embora e você esperar por ele e depois ir encontrá-lo, é coisa de livro.

Engasgo com o vento e a encaro em choque. Como é possível que ela saiba que Matheus e eu tivemos aquela noite?

— Ah, sei porque se assustou. — Ela tenta me acalmar. — Mas não, ele não me contou o que vocês.... Eu li na carta.

— Que carta?

— A que ele deixou para você. Na certa te mandou uma outra bem menor e menos gay, mas aquela carta foi a coisa mais romântica e idiota que já li na vida.

— Que carta? — Matheus nunca me deu uma carta. Nunca me deu nenhuma explicação de nada.

— Quando ele foi para a faculdade, a que ele deixou para você. Quero dizer, ele deixou uma no quarto dele, na gaveta de cuecas. Eu a achei. É muito linda. Sinto orgulho que meu filho possa amar de uma maneira tão desmedida.

Espera, não estou entendendo nada. “Lenta, é muito simples. O gay do seu noivo deixou alguma carta mais gay ainda quando foi embora e não foi homem para te entregar. Agora pergunte onde está essa carta.”

— Você ainda tem essa carta? É que a que ele me deu eu já joguei fora e queria me lembrar do que disse.

— Claro! Vou procurá-la e a darei a você. É sua mesmo! Ele não vai se importar.

De repente, este dia chato não me parece mais tão chato. Há uma carta gay, romântica e idiota de dez anos atrás, do dia em que ele foi embora. Preciso lê-la.

Matheus

Espero ansiosamente que minha mãe retorne com ela, a semana está acabando, meus dias com ela estão chegando ao fim, só mais dois dias, e não sei dizer, se precisássemos ir embora neste momento, para onde ela iria ao chegarmos a capital. Não acredito muito que fosse para minha casa. E preciso corrigir isso. No momento, quero apenas que ela chegue, para que eu possa estar dentro dela. Esses contatos interrompidos estão me custando muito caro.

Finalmente a porta da frente abre e apenas Amanda aparece.

— Cadê elas? — pergunto.

— Você não quer saber da mamãe, só da Gilcelle. E não sei, dei um jeito de fugir. Mas se mamãe não tiver assassinado sua noiva por cada má resposta que ela está dando, então sua noiva assassinou mamãe por obrigá-la a passar essa tarde quente naquela loja cafona. Enfim, boa sorte para sua noiva.

Ela some de vista e fico me perguntando se Gil deveria ser mais boazinha com a minha mãe, ou mais grossa. O que me parecem horas depois, ouço o som do carro de mamãe. As duas aparecem sorrindo e conversando, e quando Gil me olha, há algo diferente ali. Um brilho diferente. Ela me dá um sorriso tímido, mas tudo o que quero agora é arrastá-la para cima, e para sua cama e comê-la de todas as formas que ela pode ser comida.

— Quero te mostrar uma coisa, amor. Vem comigo? — Estendo a mão e ela deixa as sacolas em cima de uma mesa e vem comigo.

Devo admitir, melhoramos muito. Mesmo o aparecimento de Alzira, e a descoberta de todas as merdas que causei a ela, não a fizeram sair correndo e me odiar como sempre achei que odiasse. Não fizemos amor ontem à noite, preferi não forçar a barra, apenas a abracei e dormimos assim. E claro, estava ao lado dela na cama quando acordou. Preciso trabalhar para que supere cada sequela que minha estupidez deixou nela.

Aliás, a descoberta das coisas que causei nela, é o que me faz amá-la ainda mais. Era uma garota, fui um idiota, fodi com sua mente, causei vários surtos e sequelas por isso, e mesmo assim ela está aqui.

A levo para a garagem e tiro a lona de cima de seu novo brinquedo. Seus olhos brilham, e ela parece sem fala. Aproxima-se da Kasinski 250 maravilhada e a toca.

— Isso é para você. Para que não fique dando voltas na moto do Nuno. Posso ensiná-la a pilotar, se quiser. E jamais ande sem os equipamentos de segurança. Me prometa que os usará sempre, Gilcelle.

Ela me olha e pula de repente em mim, passando os braços por meu pescoço e gritando:

— Eu prometo! Isso é meu mesmo? Quer dizer que posso levá-la quando formos embora? Posso ir nela?

— Calminha aí, querida. — Afasto um pouco para explicar as regras. — Gil, esta moto é sua, independente do que aconteça entre a gente, ela é sua. Mas não, não pode ir montada nela, você vai embora montada em mim, no carro.

Ela revira os olhos e afasta-se alisando a moto, fascinada.

— É linda.

— Combina com você. Não pode tirá-la daqui, Gil — digo de repente.

Não havia planejado estabelecer Baependi para que ela possa andar na moto, mas de repente, dar a ela uma opção de fuga não me parece inteligente.

— De Baependi. É seu brinquedo, para quando viermos para cá.

— Não entendi. Não viremos de novo para cá. Então não está de verdade me dando a moto.

— Estou.

— Então posso levá-la onde eu quiser.

— Não agora. Vou te fazer uma proposta.

Ela cruza os braços, esconde um sorriso e me encara.

— Você tem se saído bem com essas propostas, prossiga.

— Ela é sua. Pode usá-la à vontade, desde que com segurança, mas só poderá tirá-la daqui quando nos casarmos de verdade.

Seu sorriso some e ela abre a boca para brigar, mas a impeço, a beijo, mordo seu lábio, e em seguida a solto e viro de costas, dando um tapa em sua bunda.

— Vamos, me mostre o que sabe, querida. — Jogo o capacete e ela o pega no ar.

— Não pense que mordidas e tapas nos impedirão de ter essa conversa.

— Sei que não, meu pau impedirá. Sabe ligá-la ou não?

— Claro que sei, há alguma outra moto aqui? Poderíamos apostar uma corrida.

— Não precisaremos de outra moto, querida. Eu vou com você.

Subo na moto atrás dela e a agarro pela cintura. Mordo seu pescoço e ela me dá uma cotovelada.

— Se fizer isso vamos cair, gênio. Não me toque mais do que o necessário. E não me diga qual direção tomar, você é meu enquanto estiver de carona.

— Sou sempre seu.

Ela finge que não ouviu e arranca com a moto, nos guia em volta da casa, sorrindo e gritando, eu me seguro firme nela, não curto muito motos e todo o risco que elas oferecem. Ela não corre demais, acho que por eu estar sem

capacete, mas assim que a casa some de vista, ela diminui a velocidade e para a moto. Tira o capacete e olha para todos os lados.

Desço imediatamente da moto e a ajudo a descer.

— Ninguém pode nos ver aqui, amor. Venha aqui, não aguento mais.

Minha boca toma a sua imediatamente, ela geme quando encosta o corpo ao meu. Preciso tê-la. Abaixo seu vestido pelos ombros e tiro seu sutiã, passeio as mãos por todo lugar que elas alcançam em seu corpo. Ela é tão linda! Seguro um de seus seios na mão, a encho com ele, e aperto, minha língua toma a sua com mais vontade, posso estar machucando-a, mas não consigo parar, e ela não quer que eu pare.

Tento colocá-la em minha cintura, para que possa abrir minha calça e penetrá-la, mas não consigo levantá-la assim. Afasto meus lábios dos seus e enquanto beijo seu pescoço, tento encontrar uma solução para podermos fazer amor no meio de todo aquele mato. Ela se afasta e me encara, os lábios estão inchados e vermelhos, e sua respiração rápida demais.

— Podemos nos deitar em cima de nossas roupas — sugere.

— Não. Não sabemos o que pode haver nesse mato. Não queremos nenhum bichinho entrando aí — digo apontando para o meio de suas pernas.

— Você quer dizer além deste? — Ela aponta para a ereção que aperta minha calça.

— Isto aqui não é um bichinho. É enorme, ouviu? — Olho em volta e só há esse mato seco e sujo. — No mato não, Gilcelle.

Ela bufa, mas olha ao mesmo tempo que eu, para o que pode ser nossa solução. Olhamos a moto, olhamos um para o outro, sorrimos juntos. Nunca comi uma mulher em uma moto.

A puxo para meus braços e volto a atacar sua boca enquanto a guio até a moto. Consigo colocá-la sentada sobre ela, tiro minha roupa rapidamente, pegando apenas a camisinha de dentro do bolso da calça. Volto a beijá-la e a puxo com cuidado para mais perto, enquanto abro suas pernas, enfiando a mão por baixo do vestido. A altura não está batendo, não conseguirei penetrá-la assim.

Cuidadosamente, a arrasto na moto mais para a beirada, e a altura é a certa. A beijo e vou penetrá-la, mas encosto na moto e ela tomba para trás. Em um segundo, sua boca está na minha e meu pau a centímetros de penetrá-la e no segundo seguinte, ela está caindo com as pernas arreganhadas. A moto faz um barulho abafado no mato, mas temo que minha noiva tenha quebrado o pescoço.

— Gil, você está bem?

Consigo levantá-la e ela permanece com as pernas abertas, e parece em choque.

— Pode fechar as pernas, querida. Está bem? Machucou-se?

De repente, ela começa a rir.

— Você me pede para usar equipamentos de segurança para não cair da moto. Terei que pôr um cadeado na bichinha, querido, para me proteger do seu pau?

Sorrio também. A ajudo a se vestir, certifico-me de que não está ferida, me visto e a subo na moto atrás de mim.

— Ei, eu quero pilotar minha moto — ela reclama.

— Agora não, amor. Estou com pressa.

— Mas, eu posso correr.

— Nada disso, minha querida. Quero chegar logo, e vivo, para comê-la como você merece.

— Ok, ande logo com isso — ela diz passando os braços em volta de mim e deitando a cabeça em minhas costas.

Não curto motos, como disse, mas tenho carteira e sei pilotar. Fui meio que obrigado por Cleber quando fizemos dezoito anos e tiramos rápido demais a carteira B. Ele me fez tirar carteira de moto em seguida para dar mais emoção. Quase levei pau por pilotar devagar demais, enquanto Cleber levou pau, por pilotar como um louco alucinado.

Chegamos em tempo recorde, a desço da moto e praticamente a arrasto escada acima para seu quarto. A porta.

— Espere aqui, amor.

Desço correndo e pego uma cadeira, subo mais depressa ainda e a posiciono abaixo do trinco, fechando a porta. Mal me viro, Gil me abraça, sua boca está na minha e está nua. Tira rapidamente minha roupa e nossos lábios se juntam quando caminhamos em direção a cama. E como em um déjà vu, assim que nos jogamos sobre ela, há um grito esquisito. Nos levantamos depressa e ali, na nossa cama, está a merda do coelho de cabeça vermelha.

— Como isso veio parar aqui? — ela pergunta espantada.

— Tenho uma ideia de como isso aconteceu.

Juro que ainda mato o Marcus, tenho certeza de que tem dedo dele nisso. Esse idiota precisa crescer!

Gil se aproxima da criatura peluda e a pega, e quando solta um “own” me desespero.

— Querida, solte essa coisa, vamos tocá-lo para fora. Não sabemos de onde veio, não o toque.

Ela levanta o coelho e sorri.

— É uma menina. E deixa de ser fresco. Oi de novo coisa fofa. Essa coelhinha está sempre em meu caminho. Ela que me fez cair da moto.

Quase tenho um ataque. Maldito! Se Marcus tiver realmente algo a ver com esse coelho eu o mato! Mas descobrirei isso depois, agora, preciso tirar esse

bicho das mãos da minha noiva. Me aproximo cauteloso, e ela abraça o bicho, encostando-o em seu ombro.

— Que fofinha que você é. Quer ficar comigo?

O tique no meu olho ataca de uma vez. Tenho dificuldade de andar, falar e até mesmo respirar.

— Ti - Ti - vo - Gi.

— Não estou entendendo nada, Matheus. Fale como um homem.

— Tire as mãos desta coisa agora mesmo! Você não vai ficar com isso, não sabemos se isso tem alguma doença, deve estar imundo e você está nua! Chega! Coloque isto no chão e vamos tomar um banho!

Ela me encara com uma careta típica.

— É só um coelho, não seja fresco. — Levanta o bicho e olha seu focinho peludo. — Como vamos chamá-la, querida?

— Gilcelle! Ponha este bicho no chão agora mesmo!

Ela estende o coelho para mim e dou um pulo para trás.

— Não aproxime esta coisa de mim.

— Ok, Matheus, chega. Você está exagerando. Vamos deixá-la em uma caixa, no quarto e amanhã mesmo trato de limpá-la. É só um coelho, não é nojento assim.

— É um bicho que estava em um motel, que você não sabe como veio parar aqui, pode estar cheio de gozos de homens doentes, e outras secreções que tenho ânsia só de imaginar e você o está segurando próximo aos seios! — Aponto furioso para seus seios à mostra. — Eu coloco a boca nisso! Quer colocar esse bicho no chão?

Ela fecha a cara e aperta o coelho mais ainda em seus braços.

— Frescura. Vai se chamar Frescura. Venha Frescura, vamos dormir.

A maluca coloca o bicho de volta na cama, se embrulha no roupão, deita-se e o abraça.

— Vá para o seu quarto, estúpido — ordena.

— Você não pode estar falando sério. Gilcelle, seja sensata. — Sento-me na cama a uma certa distância da coisa peluda. — Se você quer um animal de estimação, compro o que quiser para você, até mesmo uma cobra. Desde que saibamos a exata procedência e higiene do animal. Amor, por favor, não deixe esse coelho de motel na nossa cama.

Ela se senta também e tenta pegar minha mão, mas a afasto. Ela pegou no bicho.

— Sinto-me sozinha, Matheus. Fico muito tempo sozinha em casa, não tenho com quem conversar ou para quem cozinhar. Eu deveria ter adotado um bichinho de estimação assim que a Celina foi embora, e não estou dizendo que ela era

meu bichinho de estimação, embora me desse muito trabalho, mas eu acho que preciso de um. Gostei desse. Entendo que queira saber se está doente, e cuidar de sua higiene, eu entendo. O colocarei para dormir em uma caixa. Mas me deixe ficar com ele.

— De jeito nenhum!

— Você disse que me amava!

— Amo você, não essa coisa cheia de pelos.

— Acontece que sou um pacote com coisas cheias de pelos, e há coisas cheias de pelos no meu pacote que você ama.

— Não compare minha bichinha limpinha com essa coisa asquerosa de cabeça vermelha.

— A Frescura fica! Você pode ficar também, se quiser, mas se eu tiver que escolher...

— Não acredito que está trocando uma noite de prazer por um coelho imundo. Isso estava num motel!

— Você não pode ter certeza de que é o mesmo coelho!

— Duvido muito que haja dois coelhos com a cabeça pintada de vermelho!

— Isso deve ser sua raça, seu idiota! Não é tinta! Ela é vermelhinha assim mesmo.

Respiro fundo, levanto-me e tento ser razoável. Mulheres gostam de bichinhos de estimação, nunca imaginaria a Gilcelle com a merda de um coelho, mas se é isso o que ela quer, posso aceitar.

Não.

Não posso.

Essa coisa defeca e solta pelos. Não vai rolar.

— Tudo bem amor, então vamos levá-la para baixo essa noite, está bem? Depois de devidamente limpa e avaliada, você pode deixá-la em uma caixa no quarto.

Seu sorriso em resposta é enorme.

— Sério mesmo? Uau! Eu acho que você me ama.

— Eu tenho absoluta certeza. Vamos, traga essa coisa.

— Ah não, estou cansada. Vou trocar os lençóis porque tenho certeza de que você não dormirá nesses. Leve a Ginger lá para baixo.

— Ginger?

— Sim, já que você parou de frescura não tenho mais porque provocá-lo. O nome dela é Ginger, por ter a cabeça vermelha assim, como a da mamãe, não é querida?

— Meu Deus, pare com isso. Você não é mãe de um coelho vermelho asqueroso, se quiser filhos posso dá-los a você aos montes. Não vou tocar nisso.

Desça.

— Será que terei de voltar o nome dela para Frescura? Talvez possa chamar-se Frescura Ginger, que tal?

Termino de vestir a roupa, puxo um lençol e o enrolo nos braços.

— Vamos, me dê essa coisa. Vou me livrar disso.

— Vai o que?

— Levá-la para baixo. Dê-me. — Pego o coelho asqueroso através do lençol e saio do quarto com a coisa pendurada.

— O que é isso, irmãozinho? — pergunta Miguel quando passo pela sala com o bicho.

— Tome, dê um sumiço nessa coisa. Cuide para que a Gil não o veja nunca mais na vida dela.

Ele encara o coelho com uma careta.

— Não vou tocar nisso. De onde tirou um coelho?

— Longa história. Pegue-o logo! Minha noiva está lá em cima, nua, à minha espera.

— Já disse que não vou tocar nisso.

A voz de uma Amanda irritada é minha salvação para não ficar mais tempo com a coisa nos braços.

— Meu Deus! Quanto alarme por conta de um coelho fofo. Me dê Matheus, eu cuido dele pra Gil.

Amanda pega o bicho e como a Gil fez, diz “own” e o aperta em seus braços.

— Não cuide, suma com ele.

Ela faz uma careta e vai para fora com o bicho, olho para Miguel.

— Ela quer que essa coisa durma com a gente. Toda noite. Pode por favor dar um sumiço nisso?

— Certo, vou sumir seu coelho, só porque você custou a encontrar sua masculinidade, não quero arriscar que a perca de novo.

Ele corre antes que eu o acerte. Rapidamente, joga o lençol no lixo, e corro escada acima. Só preciso pegar minha Sereia, levá-la para um banho relaxante na banheira e então estarei dentro dela. Mas, quase trombo em mamãe no alto da escada.

— Preciso falar com você. — Sua expressão me assusta, ela parece triste e decepcionada.

— Algum problema, mamãe?

— Você me dirá, meu filho. Você me dirá.

Sou conduzido em silêncio à biblioteca da casa, e assim que entramos, avisto Marcus em uma cadeira.

— Amanda e Miguel não vem? — pergunto.

— Não. O assunto hoje diz respeito apenas a você.

— Marcus, saia! — ordeno.

— Ele fica! — mamãe decreta.

Não pode ser coisa boa. Minha mente se divide por um momento entre a imagem de Gilcelle nua na cama à minha espera e o semblante de decepção no rosto de minha mãe. Mas, decido de qual lado ficar quando percebo a expressão de vitória no rosto de Marcus. Não acredito que ele fez mesmo isso.

— Matheus. — Mamãe senta-se na grande poltrona e me olha nos olhos, imediatamente sento-me também, na mesinha de centro, de frente para ela e de costas para o traíra do meu irmão — Quero que saiba que pode e deve me dizer toda a verdade. Não tolero mentiras nessa família e você sabe bem disso.

Apenas assinto. E torço, que ela não pergunte o que acho que vai perguntar.

— Você e Gilcelle estão mesmo noivos? Ou seu irmão está certo e isso é uma armação para nos convencer de que você não é gay?

Não respondo. Minha mente pensa em mil maneiras de matar meu irmão, meu problema maior, é como minha mãe ficaria depois. E a Gilcelle, porque eu seria preso e minha Sereia sofreria. Mas ele bem merecia uma morte dolorosa e lenta para que encontrasse seu caráter antes da morte. Não consigo olhar nos olhos da mamãe, não quero ver a mágoa ali também, está complicado demais trabalhar com a da Gil, não vou suportar mais uma pessoa que amo me olhar assim por conta da minha idiotice.

Eu poderia negar, sim. Dizer que ele está mentindo, que provas ele pode ter se realmente nos amamos? Mas não farei isso. Não posso mais, chega de mentiras. Se tudo der errado, levo a Gil embora amanhã mesmo e dou um jeito de obrigá-la a ficar comigo. Talvez, com ela ao meu lado, possa superar a perda de todo o resto. A verdade, posso dizer a verdade, boa parte dela, sem precisar mentir.

— Estamos noivos, mamãe. Nosso casamento está mesmo marcado. A senhora sabe disso, foi a tia Lucília quem me ajudou na última vez em que foi à capital. Eu a amo, a senhora sabe disso também, a amo a vida toda. E isso não é um plano para que pensem que não sou gay, pouco me importa o que vocês pensam, se não são capazes de respeitar alguém que carrega o mesmo sangue que vocês. Não me daria ao trabalho.

— Ele está mentido! — Marcus grita — Eu posso provar.

Meu irmão se levanta com o celular na mão, e logo, a voz de Gilcelle toma o ambiente.

— *Antônia, acalme-se. Eu consegui o dinheiro, transferei para sua conta. Vai dar tudo certo. O que quer tenha aprontado, resolva, e se quiser sair deste lugar, eu a ajudarei também. Podemos dar um jeito.*

— *Onde você conseguiu o dinheiro? Gilcelle! É muito dinheiro. Como*

conseguiu tão rápido?

Há um silêncio antes da voz dela voltar a preencher o ambiente, mais fraca, ela estava triste em falar disso.

— *Matheus Amorim. Ele me deu o dinheiro. Me pagou para fingir ser sua noiva por uma semana. Não se preocupe com isso, Antônio.*

O som de sua voz cessa e Marcus me olha com a vitória estampada no olhar. Posso matá-lo agora, não posso? Sei que você deixa, mas permaneço onde estou, e olho nos olhos de mamãe.

— Você mentiu — ela sussurra inconformada.

— Não menti. A senhora me perguntou se estamos mesmo noivos, sim, estamos. Ela não sabe disso ainda, mas essas alianças em nossos dedos, são reais. O amor que sinto por ela, é real, e acredite, ela também me ama.

— Eu sei disso meu filho, não é difícil perceber. Por isso não quis acreditar quando Marcus me contou, mas diante dessa ligação...

— Não foi um plano para enganar a vocês, foi para enganá-la.

Mamãe arregala os olhos, é hora de admitir o grande idiota que sou.

— Mamãe, eu tirei a virgindade dela. E fui embora na manhã seguinte. E ao contrário do que a senhora pensa, eu não fui homem para dar-lhe uma explicação. Eu sumi. A senhora não faz ideia de como me arrependo por ter feito isso, e de todo o mal que causei a ela.

— Pobrezinha — ela sussurra.

— Assim que pude a encontrei, e a levei para perto de mim, mas como pode imaginar, ela me odiava. Mamãe, há três anos tento de tudo para me aproximar dela, para reconquistá-la. Eu a amo, mas ela nunca dava uma brecha. Então eu tive que fazer isso. Procurei por sua irmã no convento, e pedi a ela que pedisse a Gilcelle uma quantia alta em dinheiro. Uma quantia que ela não pudesse conseguir sozinha. E então ofereci ainda mais do que essa quantia à Gilcelle, para que ela viesse para cá comigo.

— Meu Deus, Matheus! Não foi você que pensou nisso!

— Não, foi ideia do Cleber. Mas eu executei. O que preciso que entenda é que não fiz isso para enganar vocês, mas ela. Fiz porque foi a única forma de tê-la comigo. A senhora viu mamãe, ela me ama. A estou conseguindo de volta. Não me importo que pensem que armei tudo. Me importa que ela não pode saber que não é uma armação. Não pode saber que estamos mesmo noivos e que vamos mesmo nos casar, porque senão ela foge. E se isso acontecer, não irei mais atrás dela, não a machucarei mais.

Mamãe cobre a cabeça com as duas mãos. Estou desolado. Saber que você é um idiota já é ruim o bastante, mas ter de admiti-lo em voz alta diante de sua mãe e seu irmão sem caráter, é pior ainda. Sou um merda, não mereço aquela

mulher lá em cima, ainda não. Mas vou merecer, só não posso perdê-la agora.

— O que você pretende, filho? Irá forçá-la a se casar com você? O que acha que ela fará quando descobrir sobre este casamento?

— Me baterá, brigará, será agressiva. Mas vai aceitar. Ela me ama, mãe. Ela vai aceitar. Não estrague tudo agora.

Ela se levanta com sua imponência e uma expressão tão séria, que penso que subirá agora mesmo as escadas e dirá a minha noiva nua, o quão mentiroso eu sou. Mas, ela me surpreende ao dizer:

— Essa história de amor de vocês tem tudo para dar errado, é impressionante.

— Ah não, a senhora também não. Não vai dar errado.

— Já está dando errado, está tudo errado. Se tivesse me contado antes, eu teria ajudado. Não seria tão brava com ela, para começar, a faria se sentir mais confortável aqui em casa.

Marcus então, diz indignado:

— Mais confortável do que já se sente? Se a senhora fizesse isso a maluca a expulsaria da sua própria casa e dormiria na sua cama.

— Não direi nada, filho. E acho que posso ajudá-lo. Não faça mais isso, pode contar qualquer coisa a sua mãe. Agora vá, Deus abençoe que isso não seja um fiasco, e vá dormir com sua noiva, pois a última vez que abri a porta do quarto dela, estava apenas com um roupão testando posições estranhas na cama.

— Pare de abrir a porta do quarto dela. A senhora precisa bater antes. Deveria devolver a chave da porta.

— Não. Ela tem que merecer a chave da porta. Gosto dela, mas se tivesse uma chave eu não o veria o resto da semana, e sinto sua falta. Vá, suba, cuide dela. Depois nos falamos.

Dou um último olhar mortal ao meu irmão, e antes de entrar no quarto de minha noiva, ligo para Sebastian e conto a merda toda.

— Que caralho! O que vai fazer agora, homem?

— Agora? Vou ali comer minha mulher. Mas preciso descobrir como o Marcus teve acesso àquela ligação. Tenho certeza de que não foi através do celular da Gilcelle. Por que ela gravaria essa conversa?

— Se quer um conselho, conte a Gilcelle. Peça a ajuda dela. Se de tudo não pensarem em algo, ela pode torturar seu irmão até que ele dê com a língua nos dentes.

— Dê com a língua nos dentes? De onde tirou isso?

— Sempre quis dizer isso. Vá homem, preciso cuidar da minha mulher, você sabe que ela não é muito paciente.

— Ah sim, temos sorte meu amigo, temos muita sorte.

A luz do quarto está apagada, mas mesmo assim arrasto a cadeira para debaixo

da maçaneta. Tiro a roupa e me jogo na cama. Gil está dormindo, de costas para mim. Toco de leve seu cabelo e beijo seu rosto.

— Você dormiu, sua maluquinha? Vai me deixar na mão?

Ela não se move e continuo a acariciá-la. Minha mãe é uma péssima mentirosa, e é péssima em guardar segredos. Temos ainda mais dois dias aqui, e duvido muito que ela não dirá a verdade a Gilcelle até lá. Acho que está na hora de começar a contar a ela que temos um casamento marcado.

De repente, ela pula em cima de mim e beija meu pescoço.

— Você demorou tudo isso para achar uma caixa para a Ginger? E terá que me dar cem mil a mais por não te deixar na mão.

A puxo de repente e a beijo.

— Eu te amo — digo — de verdade. Por mais idiota que eu seja, lembre-se disso.

— O que foi que você fez?

— Eu? Absolutamente nada, mas vou fazer agora. Se...

Ela fica imóvel em cima de mim.

— Se? Precisa de um se para me comer?

Sorrio.

— Vou te fazer uma proposta.

Ouçó sua risada deliciosa e ela se aninha em mim, enquanto acaricia meu pau.

— Faça. Estou ouvindo.

— Estava disposto a dar a você três deliciosos orgasmos. Mas, se você fizer uma coisa por mim, te darei cinco.

— Eu não aguentaria cinco orgasmos. O que quer que eu faça?

— Quero que você acabe com o Marcus.

— Só isso? Eu já ia fazer isso querido, você me deu dois orgasmos de graça. Agora venha aqui e cumpra sua promessa.

A beijo novamente e a viro na cama, darei a ela tudo o que ela quiser e muito mais. A noite toda, todas as noites.

Gilcelle

Após me certificar de que minha Ginger estava limpinha e bem alimentada, fui encontrada pela minha querida sogra. A última vez que nos vimos foi meio estranha, eu estava tentando uma maneira diferente de ficar na cama para surpreender o Matheus, e ela abriu a porta sem avisar. Tenho certeza de que no mínimo, a traumatizei. Por isso, assim que a vi no corredor, dei meia volta e saí o mais discretamente possível correndo, mas ela, não tão discretamente correu atrás de mim.

— Maratona, minha nora? Por dentro da casa?

— Ah sim, estou tentando manter a forma.

Ela sorriu e de repente, me pegou em um abraço.

— Meu filho te ama, não importa o que aconteça, não se esqueça disso.

Afastei-me furiosa.

— O que foi que aquele imbecil fez agora?

Ela cobriu a boca com as duas mãos e me arrastou até a cozinha dizendo que eu não me livraria de fazer o almoço.

Agora, aqui estou, parecendo um astronauta. Mal consigo me mover. Já não bastasse a dorzinha no meio das pernas, ainda estou vestida de astronauta.

— Por que está andando assim? — pergunta Amanda com uma careta.

— Por que estou coberta dos pés à cabeça. Como queria que eu andasse?

Ela arqueia apenas uma sobrancelha e me encolho olhando para o feijão à minha frente e não para ela.

— Pare de me olhar assim e pique couve, garota. Está uma péssima ajudante de cozinha.

— Na verdade, não irei mais ajudá-la. Você tem um novo e melhor ajudante do que eu. — Ela desfila até a porta, mas para e nos olha dramaticamente com uma cena toda. — E só para que você saiba, não sou boba. Está andando com as pernas abertas desde cedo. — Olha para o irmão antes de acusar. — Matheus, você é um cavalo.

— Ora sua... — Mas ela já saiu correndo da cozinha quando ele tenta brigar.

Ele se aproxima de mim com um sorriso bobo no rosto.

— Onde está você? Só consigo ver seus olhos.

— Não tem graça — choramingo. — Sua mãe é cruel comigo.

Ele me abraça ainda rindo e tenta me beijar, mas não tem onde.

Veja bem minha situação, principalmente você que acha que sou má demais com esse estúpido. Queria ver você aqui, no meu lugar, enfrentado essa família maluca, e tendo de preparar o almoço. Só para constar, você seria obrigada a

lavar as mãos, os braços e o rosto com álcool gel. E vestir uma calça branca enorme e larga, para não correr o risco de cair nada na sua roupa. E uma blusa branca enorme e larga, para que não caia na comida, nada da sua roupa. E uma touca branca cobrindo todo seu cabelo, e luvas, porque o álcool gel também deve ter germes, e para finalizar seu visual cozinheira da NASA, uma máscara branca, para que você não converse, boceje, cuspa, ou solte bafo na comida. É sério. Apenas meus olhos estão para fora.

— Por favor, Matheus, não me diga que há alguma chance de ela me mandar colocar óculos.

— Não, meu amor. Vou ajudá-la.

Ok, agora quero ver você ter o lindo e delicioso Matheus Amorim como ajudante. O cara tem nojo do líquido do tomate. Não pega no pimentão sem luva e não consegue segurar a faca com luva. Corta as tirinhas de couve maiores do que a própria folha, reclama do cheiro do alho, e acho que está prestando atenção a cada movimento meu, com medo de que eu pisque em cima da comida, só pode.

Após todo esse tratamento de choque, me pergunto onde fui amarrar meu jegue. Mas bem, um pau para amarrar o jegue anda difícil, então não vou reclamar. Deixa meu jeguinho quieto nessa família maluca.

Saio andando com as pernas abertas atrás das meninas que levam a comida para a mesa, e me troco no quarto. Quando desço, ainda estou meio com as pernas abertas, tento disfarçar, mas sinto um incômodo quando fecho as pernas.

— Pronta para hoje à noite, querida? — Miguel caçoa dando um tapa na minha bunda.

Dói.

— Toque a bunda dela de novo e não sobrarão dedos para tocar seu pau esta noite, otário — diz Matheus virando a mão dele, que grita e afasta-se rindo.

— Não atrapalhe meus planos, irmãozinho.

Reviro os olhos. Por que os homens dessa família são tão esquisitos? É algum gene ruim, só pode.

Todos se sentam à mesa e é meu dia de dar graças, porque parece que sou tudo eu nesta casa. Fico nervosa rodando o garfo acima do prato, esperando o que a família Buscapé vai achar do meu Feijão Tropeiro, um prato típico mineiro que mistura um monte de coisas, não tem como comê-lo mantendo uma coisa em cada parte do prato, e essa é a graça. Estou esperando que surtem a qualquer momento tentando separar o feijão, da farinha, do ovo, do bacon, da linguiça, do toucinho, da couve, mas não é o que acontece. Sei que estou aprovada assim que minha ilustre sogra geme à mesa. Não estou nem aí se os outros não gostarem, ela gostou.

— Meu Deus, filha! Isso está esplêndido! Deveria ter colocado você para cozinhar desde que chegou!

— Deveria mesmo! — Amanda concorda entusiasmada — Matheus, definitivamente, quero ir morar com você.

— Por Deus, Matheus, como é que você conseguiu isso? A mulher é linda, inteligente, divertida, maluquinha e cozinha muito bem. Preciso de uma Gilcelle. — Fecha Miguel.

Sei que meu rosto está da cor do meu cabelo, estou lisonjeada e me inclinando na cadeira para disfarçar, mas estou feliz, de verdade, que tenham gostado assim. E eles gostaram mesmo, comem uma quantidade que nunca vi nenhum Amorim comer. Em um determinado momento, Matheus aperta minha mão por baixo da mesa e sussurra:

— Eu te amo, Sereia.

Minha felicidade está mais completa junto a minha excitação, pois esta noite, desmascararei o rabo do meu cunhado. Conto o plano a Matheus que faz uma careta.

— Isso não vai dar certo, Gil. Ele não é gay, e se fosse, não daria em cima do nosso primo. Quando você disse que sabia como derrubá-lo, achei que tivesse realmente alguma coisa.

Trinco os dentes e cerro os punhos, controlando-me para não matá-lo.

— Não subestime meus planos maquiavélicos, seu idiota. Quando isso der certo, você terá de me devolver os quinhentos mil pelos orgasmos de ontem.

— Isso não faz sentido, se seu plano bobo der certo, devolverei os quinhentos mil e você os perderá novamente esta noite.

Dou de ombros, desafiando-o.

— Talvez minhas pernas estejam fechadas esta noite.

— Talvez eu saiba como abri-las — ele responde aproximando-se de mim.

Sim, meu amor, você sabe. Mesmo assim me afasto tentando segurar o riso e me faço de ofendida, afinal, ele duvidou do meu plano brilhante.

A parte mais difícil dele, é manter Marisa no andar de cima, e para isso, Miguel foi designado, ele irá vigiá-la. Assim como fez Marcus achar que sairíamos todos para dar uma volta. Como a casa é muito grande, acredito que não correremos risco algum de ela aparecer e ver a cena. Matheus deve estar escondido em algum lugar desta enorme sala, Mandy está abaixada a minha frente com uma filmadora (a do próprio Marcus que ele usou para tentar nos desmascarar, sou ou não sou um gênio?) e só para garantir que não haverá erros, estou com um celular para tirar fotos.

— Você está muito ocupada agora, não está? — Amanda pergunta.

— Por que quer saber?

— Assim, se eu te contasse algo, você não sairia como uma louca para tirar a história a limpo, certo?

— Acho que não posso sair daqui agora.

— Ah bom. O Matheus mandou o Miguel dar um sumiço na Ginger.

— O que? — grito e ela acerta um soco na minha perna.

— Silêncio, quer estragar nosso plano? Uma coisa de cada vez, primeiro, o Marcus, depois, você pensa em algo para se vingar do Matheus. E vingue-se do Miguel também, ele está me dando nos nervos.

Deve ser sobre isso que Marisa estava se referindo quando disse que deveria recordar-me que Matheus me amava. Eu sabia que ele havia aprontando alguma coisa, mas isso é fácil de resolver. Ai dele se não me devolver minha coelha viva.

A moto de Nuno encosta ao lado de fora, e antes mesmo que ele a desligue, Marcus aparece. Olha para os lados desconfiado, anda com as mãos para trás como quem não quer nada, e então, corre para a porta. Não consigo ver o que estão fazendo lá fora, mas seguindo nosso plano, Nuno entra na casa com ele. Posso sentir como Nuno está nervoso, o imbecil não honra seus dois metros de altura e fica tremendo e gaguejando. Péssimo ator.

— Mandy, se este idiota continuar assim, seu irmão vai desconfiar — reclamo.

— O que você quer que eu faça?

— Mostre os seios.

— O que?

— Faça alguma coisa.

Ela resmunga e abre o primeiro botão da blusa que usa, esses dois tem uma ligação estranha, pois Nuno olha exatamente para onde ela está e sorri aliviado. Fica tempo demais olhando para ela e quero matá-lo, mas, munido de uma coragem que não pertence ao clã Amorim, ele diz estar com calor e tira a camisa. O sol está se pondo e realmente está quente. Ele a rodopia se abanando e Marcus falta lambar o suor em seu peito. Não podemos ouvir o que conversam, mas pelas caretas de Nuno, o irmão bicha está mostrando as garras. Eles ficam ali de conversinha por mais dez minutos. Merda! Marisa vai descer com essa lentidão toda. Isso não dará certo.

Faço alguns movimentos com o braço e Nuno me olha, então movo os lábios para que ele entenda: *anda logo, idiota!*

Ele fecha os olhos, toma um ar e passa a mão pelo braço de Marcus. É o suficiente, Marcus o ataca. Ataca mesmo. Gruda no peito dele e alcança sua boca em segundos. Nuno se afasta em nanosegundos e Mandy voa em cima de Marcus em um tempo menor ainda. Matheus sai de seu esconderijo chocado, e eu saio cantarolando e fazendo uma dancinha pela sala.

— É bicha, queima a rosca, dá ré no quibe, gayzinho.

Marcus olha furioso para cada rosto naquela sala. E Miguel desce correndo as escadas atrapalhado.

— Eu perdi? Perdi a cena?

— Não se preocupe, querido cunhado, gravamos tudo e você pode ver quantas vezes quiser — garanto.

— O que você pretende? — Marcus pergunta vindo para cima de mim, mas Nuno, Matheus e Miguel entram na minha frente, me protegendo.

Ahhh eu amo essa família!

— Eu? Nada cunhado, só gostei da sua ideia de filmar coisas que desmascaram. Não é que isso é legal mesmo?

Ele olha para os irmãos e o primo.

— Minha própria família contra mim. Meu sangue, se unindo com uma estranha qualquer contra o próprio irmão, como puderam? — ele dramatiza.

— Você não estava ligando para essa coisa de sangue quando agarrou seu primo. Seu sangue, que feio né. O que será que vai chocar mais a sua mãe? Você ser o gay da família ou ter agarrado o próprio primo?

Ele tenta ir para cima de mim de novo e saio de trás da minha bela parede de machos Amorim.

— Quer cair no tapa? Vem pra mão! Vamos brigar como mulheres!

Ele se controla e afasta-se. Então, abaixa a cabeça entre as mãos, e suplica a Matheus.

— Não faça isso, Matt. Somos irmãos.

— Você não se importou com isso ontem, não é mesmo? — ele retruca.

O que? O que esse idiota fez ontem? Olho para Matheus buscando uma explicação, mas ela não vem. Ele está olhando decidido para Marcus, e sou eu quem tomo a frente.

— Não mostrarei isso à sua mãe, Marcus, a menos que seja necessário. É você quem decide o destino desta gravação e destas fotos. Apenas lembre-se que deve ter cuidado, posso ser bem perigosa quando quero.

— Eu já percebi — ele responde olhando em meus olhos.

— Que bom, cunhado. Não se aproxime de mim ou do Matheus novamente.

Ele apenas assente.

— Meu Deus, Matt! — diz Miguel quase salivando em êxtase. — Ela é mais macho do que você. Eu preciso me casar com sua noiva!

Mandy some em seguida com Nuno, e o pobrezinho parece traumatizado. Eu corro para a sala de tevê e assisto ao vídeo, o edito e deixo apenas o necessário. Mas realmente, não pretendo mostrar essa gravação, apenas usá-la para chantageá-lo. Para que ele deixe Matheus em paz.

Quando estou saindo ainda cantarolando minha mais nova canção preferida, avisto minha ilustre sogra saindo escondido. Escondido, porque ela está com sandálias nas mãos e saindo pela porta dos fundos. Enfio a câmera nos seios e tiro o sapato, seguindo-a. Ela anda até a garagem, e há um carro a esperando por ali. Eu os espero sumirem de vista, pego minha moto e vou atrás dela.

Calma, eu coloquei o capacete.

Os sigo quase congelando por te esquecido a jaqueta, e eles param em frente a uma casa de dança. Espero um pouco, desço da moto, ajeito o cabelo e entro no local. Achei que me barrariam por estar descalça, mas isso não acontece. Há vários homens e mulheres ali, na flor da idade, como diria minha avó. Eles dançam e se entrelaçam em movimentos... estranhos.

É aí que avisto. Minha ilustre e cafona sogra. Está soltinha da vida com um dos vestidos que indiquei a ela, se agarrando com um coroa em um canto do que identifico agora, ser um rela bucho, um lugar onde os “velhos” dançam forró de uma maneira mais ousada. Ousada até demais para a idade deles. O rela do nome, é porque eles relam mesmo. Ok, parei de trocadilhos. Vamos ao que interessa.

A família Amorim é uma farsa. O irmão afeminado é macho, o macho é gay, e a matrona careta e cheia de regras, vai escondida a rela buchos. Filmo um pouco daquilo e volto na minha moto. Sento-me na varanda e aguardo, aguardo. Procuro por Ginger, mas não a encontro. Matheus mandou mesmo dar um sumiço nela. Envio-lhe uma mensagem.

Gilcelle: *Amor, vou demorar a subir, não encontro a Ginger.*

Passam-se quase dez minutos até ele responder.

Matheus: *Está com a Mandy, amor, suba, a cama está chamando por você.*

Gilcelle: *Não está com a Mandy querido, acabei de vê-la. O único bicho na mão dela é o do seu primo.*

Em seguida, antes que ele tem um enfarto, mando outra.

Gilcelle: *Brincadeira. Mas não está com ela.*

Matheus: *Sua peste, quase tive uma parada cardíaca e um surto de adrenalina ao mesmo tempo agora. Suba agora mesmo!*

Gilcelle: *Primeiro, a Ginger.*

Matheus: *Amor, ela deve ter ido passear, venha aqui cuidar de seu outro bicho de estimação.*

Gilcelle: *Não subo enquanto não encontrá-la. Vá dormir você.*

Rio da situação. Ele deve estar louco. Recebo em seguida a confirmação de Amanda de que encontrou Ginger e está com ela, e deixo que meu noivo idiota aprenda que não se mente para Gilcelle Lopes. Não mesmo.

Estou cansada de contar estrelas quando finalmente minha ilustre sogra entra. Veja bem, não estou na varanda da frente, mas na de trás, assim que ela me vê ali, estaca na escada e me encara em pânico.

— Ei sogrinha, que belas pernas.

— Gilcelle! — Ela baixa a cabeça desconsolada.

— Sabe, seus filhos amados não precisam saber que a senhora curte um rela bucho.

Ela arregala os olhos mais em pânico ainda.

— Mas, como sou uma nora muito boa em guardar segredos talvez mereça a chave da porta do meu quarto.

Um enorme sorriso surge em seu rosto, embora a tensão ainda esteja ali.

— É claro, você com certeza merece essa chave.

Entro com ela feliz da vida, após matar Matheus de susto por Ginger, teremos a noite toda só para nós sem precisarmos de uma cadeira no trinco. E a manhã toda, e a tarde toda, uau! Nunca pensei que a simples chave de um quarto pudesse me fazer tão feliz. Principalmente se essa chave não é de um quarto de dinheiro. Aliás, é de um quarto da falência, mas não importa, uma pobre bem comida é mais feliz do que uma rica frustrada.

Marisa coloca a chave em minhas mãos, seu sorriso vacila e ela as aperta entre as suas.

— Querida, sei que me acha uma farsa. Você não entenderia.

— Marisa, não vou me meter na maneira como cria seus filhos e menos ainda no que faz com suas noites. Seja feliz, solte-se mulher. Não contarei a ninguém.

Ela respira aliviada e quando nos viramos, ele está ali. Parado na escada, me olhando como se fosse me matar.

— Olá, Marcus — digo sorridente, que ele pense que contei tudo para a mãezinha dele, assim, terá uma péssima noite de sono antes de perceber que não falei nada.

Ele está mais branco do que o normal. Matheus desce correndo as escadas, e

estende as mãos para mim, como que prevendo que o matarei por não achar a Ginger. Mas, antes que Matheus me suplique pela vida de suas bolas, Marcus é quem fala.

— Você contou a ela, não contou? Deu o vídeo a mamãe? Tudo bem Gilcelle, eu não ia dizer nada, mas já que destruiu a minha vida, tenho o direito de retribuir.

A cena seria cômica, se não fosse tão foddidamente trágica.

Matheus percebe que ele vai falar algo e corre em sua direção, Marisa também corre em sua direção, e bem quando vão pular em cima dele, Marcus desce os últimos degraus e Matheus e Marisa trombam um no outro, em um tombo espetacular, enquanto Marcus acaba com o chão sob os meus pés ao gritar:

— Esse plano idiota de fingir ser a noiva do Matheus não foi para enganar nossa família. Nós sabemos, Gilcelle. Todos nós sabemos, que vocês tiveram apenas uma noite, que ele foi embora sem dar satisfações, pegou todas na faculdade e quando deu na telha, a pagou para fingir estar com ele. Nós sabemos, ele enganou você.

Matheus e Marisa estão gritando alguma coisa, mas só consigo ouvir nitidamente o que Marcus grita.

— A família sabia que era fingimento, fui orientado a fazê-la se sentir em casa, o plano na verdade, era para que você achasse que estão fingindo, para que ele tivesse acesso a você sem assustá-la. E funcionou, não é? Nem três noites ao lado dele e você já estava abrindo as pernas de novo. Fácil, como da primeira vez.

Ele para de falar quando Matheus o acerta com um soco. Seguido de outro. Marisa senta-se na escada e chora, enquanto Matheus desconta sua fúria em Marcus. Miguel aparece e os separa, e quando Marcus volta a gritar que eu fui a idiota enganada esse tempo todo, Miguel apenas abaixa a cabeça. Eles sabiam. Olho para os rostos de cada um ali, nenhum deles consegue me olhar nos olhos, exceto Marcus. Encaro Matheus, não há fúria em meu olhar, eu sei, é como se eu não tivesse forças para sentir fúria. Não tenho forças para sentir nada. As portas estão prestes a se abrir e só não quero cair sozinha.

Caminho até a sala de vídeo e ligo a câmera na tevê. Eu sabia que eles me seguiriam.

— Eu não pretendia fazer nada disso. Não havia dito nada a sua mãe, Marcus, não ia fazer isso. Assim como não pretendia contar o seu segredo, Marisa. Mas vocês, não merecem! Vocês não merecem que eu tenha qualquer consideração! Falsos! Bando de mentirosos! Vocês todos são uma farsa!

Grito tanto, que Matheus tenta aproximar-se de mim, mas o empurro, a fúria que não transborda em meus olhos, está concentrada em meus pulsos.

— Não me toque! Saia de perto de mim! Você é o pior deles! O pior!

Ligo a tevê e me afasto, e deixo que Marisa descubra o grande bicha que seu filho é, para em seguida, ele descobrir a safada que há nela. Que se danem todos eles.

Começo a juntar minhas roupas, enquanto as lágrimas rolam livres, não me importa. Matheus está parado na porta, me olhando. Há lágrimas em seus olhos também, mas sequer quero pensar nelas.

O pior de tudo, é que junto a dor por ter sido enganada, há a compreensão do motivo de ele ter feito isso. Sei porque ele agiu assim, talvez eu não mentisse tanto, mas seria algo que eu faria. Não vivi a vida toda cercada de mentiras? A única coisa boa que achei ter, era mais uma delas, de novo.

— Você não vai sair a essa hora sozinha, e nessas condições.

Não respondo. Continuo juntando minhas coisas. Quero ir embora. Só quero ir embora. Ou matá-lo, isso, quero matá-lo, me sentiria mais feliz do que indo embora com o coração em pedaços enquanto ele fica bem e inteiro.

— Vai parecer ridículo, e não me importo. Mas fiz isso porque a amo. E não estou dizendo que justifique, mas o que o amor não nos dá o direito de fazer?

Finalmente o encaro.

— Muitas coisas — respondo da maneira mais fria que posso. — Mentir e enganar, não há amor no mundo que justifique.

— Gilcelle, o que você faria no meu lugar? Eu não suportava mais estar tão perto e tão longe de você. Estava a ponto de roubá-la e fugir com você para uma ilha até que ficasse em abstinência e cedesse ao seu desejo por mim. Eu estava a ponto de fazer qualquer coisa. Porque eu te amo.

— Não use um sentimento como desculpa! Cadê meu coelho?

Ele arregala os olhos e dá um passo vacilante em minha direção.

— Ginger! A quero aqui agora! Vá buscá-la!

— Amor, sobre isso...

— O que você fez com o coelho? Até mesmo a merda do coelho você tirou de mim, não é? Será que não pode me permitir ter as coisas? Você nunca me deixa ter nada, me deu a merda do prazer para tirá-lo de mim em seguida. Me deu esse dinheiro, e quanto tem na minha conta mesmo? Você o está pegando de volta. E até o coelho você tirou, o que mais você quer? Quer as calcinhas que estou usando? As que você pagou? Eu devolvo!

Pego todas as calcinhas da mala e as atiro nele. Tiro a que estou usando e a atiro nele também. É essa que ele pega no ar e coloca no bolso.

— Gil...

— Ginger, sem ela, sem conversa.

Só preciso que ele saia de perto de mim agora, porque juro por Deus, quero

matá-lo, e nem mesmo o fato de sua mão estar coberta de sangue e ele, o fresco mor, não ter corrido para lavá-la ainda, ameniza a confusão em que me encontro. E o instinto assassino que ele me desperta.

— Ok, vou achar sua coelha, e você vai me ouvir.

— Boa sorte.

Ele desce correndo as escadas gritando por Miguel e imediatamente tranco a porta do quarto. Ele vai descobrir que está com a Amanda e voltar cedo demais, e não quero enfrentá-lo agora, estou furiosa demais. A merda do plano dele foi ótimo. Eu fui enganada, Gilcelle Lopes nunca é enganada.

Nunca pensei que quando finalmente tivesse essa chave, a usaria para trancá-lo para fora, mas é o que estou fazendo. Sento-me no chão recostada a porta. O que fazer? O que fazer?

“Você poderia fingir perdoá-lo e amassar as bolas dele durante a noite, assassiná-las.” Não. Isso me deixaria em um prejuízo eterno caso um dia eu o perdoe. E que merda. Não sei o que pensar. Quero acreditar que ele me ama, que todas as merdas que fez foi por pura estupidez, que há amor ali. Mas fica tão difícil quando ele é tudo o que acho que tenho e não posso ter certeza de que realmente o tenho.

— Gil — a voz de Marisa chama do lado de fora.

Estranhamente, ela não parece chorosa como achei que estaria.

— Querida, sei que não quer abrir a porta, mas tenho algo que pertence a você. Não a leia agora, e por favor, não jogue fora. Leia quando estiver pronta, quando achar que é o momento certo.

Ela empurra por debaixo da porta um papel envelhecido.

É a carta. A carta de Matheus.

— Querida — ela chama de novo. — Sei que está magoada, você estava certa, essa família se tornou uma farsa. Mas, por favor, pelo que ainda sente pelo meu filho, mesmo que seja ódio agora, leia esta carta.

— Tudo bem — respondo baixinho, mas sei que ela ouviu.

— Quando estiver pronta. De preferência, ainda este mês.

Não respondo, e ela continua.

— Aliás, esta semana. Vá para casa, descanse e a leia esta semana mesmo. Melhor, você poderia lê-la amanhã. Durma, amanhã acordará melhor disposta e poderá lê-la. Talvez...

— Entendi, Marisa. Lerei quando achar que é a hora. Mas eu lerei.

— Obrigada — ela diz e ouço seu salto afastando-se da porta.

Pego a carta envelhecida na mão e avisto pelo papel fino a caligrafia perfeita para um garoto adolescente.

— Agora, somos só você e eu, querida. Me diga o que fazer.

Capítulo 12

Matheus

— Vamos Miguel, ajude-me! — peço.

Passo por Amanda, sentada no balaústre da varanda com uma expressão tensa.

— Aonde você vai? — pergunta levantando-se.

— Procurar o coelho. Gil só vai me ouvir se eu tiver o maldito coelho.

Ela abre a boca para dizer algo, mas desiste e corro com Miguel mato adentro.

— Onde você o deixou? — pergunto desesperado.

— Se eu soubesse, já o teria levado até ele. O soltei por aqui.

O cansaço e o desespero começam a me tomar. Não encontraremos o coelho. Preciso achar esse coelho.

— Preciso achar esse coelho! — grito.

— Eu sei, cara. Relaxa. Vamos encontrá-lo. Ginger! — ele grita de repente.

O encaro para ter certeza de que está mesmo fazendo isso, e ele grita novamente.

— Coelhos não respondem pelo nome, seu tapado, não estamos procurando um cachorro — ralho.

Há muito mato, muito desespero e nada de coelho. Começo a golpear o mato, a escuridão da noite atrapalha, caio no chão, arrasto-me pelo mato procurando. A terra se mistura ao sangue em minhas mãos, mas não tenho tempo. Não tenho saída.

— Saia da terra, Matheus. Está ficando imundo.

— Foda-se. Foda-se a sujeira, preciso achar o coelho, preciso consertar as coisas. Prefiro fazer o parto de um bezerro a ver de novo aquele olhar de decepção no rosto dela.

Miguel joga-se ao meu lado no mato, desistindo de me fazer levantar.

— Meu Deus, cara, você está mesmo ferrado. Tudo bem, te ajudei a sumir com o coelho, te ajudo a achar o coelho. Tudo pela Sereia.

Reviramos quase toda a área, Miguel ajoelhado ao meu lado, não há nenhum rastro de Ginger. Sei que não vamos achá-la, é grande demais aqui, mas passarei a noite procurando. Não tenho coragem de voltar de mãos vazias para implorar que ela me ouça. Não tenho sequer uma desculpa decente para o que fiz.

Homens que leem este livro. Não sejam idiotas. Não tentem armar para conquistar suas amadas, ao invés disso, as comam direito. É mais fácil, mais gostoso e menos perigoso do que fingir assim.

Quando o sol começa a nascer, me sinto morrer no meio do mato. Caio de costas, não há coelho, já deve estar longe a essa altura, não há chance de ela me

ouvir. Não há mais nada. Prometi que não iria atrás dela se a perdesse de novo, e neste momento, não sei se conseguirei cumprir essa promessa. Como pude achar que suportaria ficar sem ela? Tento pensar em uma nova proposta, algo que a mantenha comigo, mesmo me odiando de novo, mas nada me vem. Estou cansado, com sono e praticamente morto.

— Deixa de frescura. Levante-se daí e vamos. Você deu uma moto para sua noiva maluca, não queremos arriscar que ela tenha fugido, certo?

Seguro na mão de Miguel e ele praticamente me arrasta até em casa.

— Valeu por passar a noite comigo, cara. Talvez possamos beber todas em um bar imundo de estrada esta noite — digo.

— Não, obrigado. Não quero morrer tão jovem e lindo. Beba você em bares imundos. Vai precisar.

Mal avisto a casa, avisto um zumbi nela, bem ali na varanda. Amanda, com olheiras enormes e cara de poucos amigos.

— Matheus Amorim, quero que saiba que você é um babaca. E toma esta droga de coelho. Passei a noite te esperando. — Minha irmã traíra tira de uma caixa Ginger, e me estende.

Puxo o coelho de sua mão e o abraço.

— Ginger! Ginger, meu amor! você apareceu!

Nem quero saber onde ela estava, ou como foi parar com minha irmã, nem quero começar a pensar no fato de que provavelmente estava com essa peste da Amanda o tempo todo e passei a noite me lamuriando no mato à toa, só quero entregar este coelho a Gil e tentar explicar a merda que não tem explicação. Paro no meio da escada, sem coragem.

— Ah, pelo amor de Deus! Se eu tiver que empurrá-lo escada acima também, eu mesma direi a Gilcelle para cair fora porque você é frouxo demais! — reclama Amanda ao pé da escada.

Subo sem ânimo e como previ, a porta está trancada.

— Gil, abra a porta! Gil! Trouxe o coelho.

— Você pode deixá-lo um pouco no seu quarto? — ela pergunta sem abrir a porta.

— O quê?

— Se não puder, deixe-o com a Amanda.

— Você disse que me ouviria se eu trouxesse isso — protesto.

— Se eu abrir essa porta agora, não ouvirei realmente nada do que me disser, te odeio demais neste momento. Só quero me acalmar e dar uma chance a você de me dizer algo que eu vá entender.

— Tudo bem, estamos no meu quarto, quando quiser conversar.

Sento-me no chão, ao lado da porta de seu quarto, sentindo-me como um

escritor que perdeu a inspiração, um pintor que perdeu sua musa, um motoqueiro que perdeu sua habilitação, um cozinheiro sem uma faca, vocês sem um estúpido para ler, estou acabado, faltando um pedaço e com o pedaço que sobra destruído.

Volto a mim quando alguém se aproxima e me estende o celular, não quero atender, mas é mamãe, e ela diz que é Sebastian e precisa falar comigo.

Pego o celular e Sebastian diz:

— Apenas escute.

Há um silêncio, e de repente, um resmungo baixo e fraco. Seguido de um choro fraco. Levanto-me imediatamente quase derrubando Ginger no chão.

— Ouviu? — ele pergunta com tanto orgulho na voz, que não pode ser outra coisa.

— Quando ela nasceu?

— Há poucas horas. Ela é linda, Matheus. A coisa mais linda que já vi na vida.

— Estamos indo — digo e desligo o telefone.

Bato na porta com força, para acordá-la, parece que fiquei algumas horas sentado ali, pois o sol que entra pela janela do corredor é da tarde, e não o morno da manhã.

— Gilcelle! Gil! Abre a porta!

— Ainda não.

Giro o trinco e a porta abre. Em algum momento ela abriu a porta, eu devia estar dormindo, que merda! Entro em seu quarto e ela está sentada na cama, parece horrível, com enormes olheiras e o cabelo todo bagunçado. Demoro um pouco para conseguir dizer.

— A Nath nasceu.

— O quê? — Ela se levanta imediatamente e tira Ginger da minha mão, depositando-a numa poltrona próxima a cama.

— Sebastian me ligou, eu a ouvi chorar, ela nasceu a pouco. Precisamos ir embora. — Por algum motivo, minhas palavras parecem estar arrastadas.

Gil se aproxima de mim e pega minha mão. Seus olhos estão cheios de lágrimas e ela sorri.

— Sim, temos que ir embora, como essa danadinha nasce uma semana antes?

— Pois é.

— Primeiro, você precisa de um banho. Não pode chegar lá assim.

Ela me guia até a suíte e me ajuda a tirar a roupa. Mal sinto a água quente escorrer por meu corpo. Logo, ela desliga o chuveiro e passa algum remédio no meu rosto. Resmungo e ela explica:

— Você está com alguns cortes aqui. Estou apenas impedindo que infeccionem.

Concordo fechando os olhos. Tenho dificuldade em mantê-los abertos.

— Estava imundo, e ferido. Onde você estava? — ela questiona.

— Procurando o coelho. No mato. E ele estava com a Amanda.

Ela não diz nada, me guia até a cama e só então percebo que vai me jogar nela.

— Nath, precisamos ir — insisto.

— Sim, vamos daqui a pouco. Mas durma um pouco primeiro. Não vou entrar em um carro com você neste estado, eu dirigiria, mas também não dormi nada. É melhor descansarmos um pouco.

— Você não vem? — digo estendendo a mão para que ela se deite comigo.

Ela parece hesitar, anda até a cortina e a fecha, então volta para perto da cama e deita-se ao meu lado. Estou cansado, provavelmente ela também. Sei que é só por isso que está aqui ao meu lado agora, mas preciso mesmo dormir. A puxo para perto de mim e adormeço antes mesmo que possa dizer que a amo.

A noite está caindo e estou sozinho quando acordo. Visto uma roupa qualquer e desço imediatamente, Miguel está ajudando Gilcelle a colocar suas malas no meu carro.

— O que está fazendo? — pergunto desesperado.

— Quero ver minha afilhada. Por sua culpa não estava lá para vê-la nascer. — Ela me encara impaciente. — Vamos, pegue suas coisas, temos que ir.

Ela está me incluindo nesta viagem de volta, então digamos que tenho um ponto a meu favor. Pego minhas coisas depressa, já estavam organizadas na mala há dois dias, iríamos embora amanhã de qualquer jeito. Ela está na porta, conversando com mamãe e escuto apenas o final da conversa.

— Espero que volte, querida. Não dissemos a avó dele que esse casamento não existirá, isso é o que a mantém viva, sabe.

Gil revira os olhos e me encara com uma careta.

— Isso é sério? Você colocou toda a família para me chantagear? A Amanda já disse que vai se matar afogada no poço se eu não entrar para a família, o Miguel ameaçou ir morar em BH e me perseguir até me pegar se eu não entrar para a família, agora isso? Serei responsável pela morte da sua avó?

Sorrio.

— Sim, Sereia, a culpa será toda sua.

Ela abraça mamãe, que fica repetindo que a adorou e precisa dela na família, e quando estamos prestes a entrar no carro, Marcus aparece.

— Espero que não volte nunca! Em uma semana você destruiu nossa família! — ele diz ressentido.

— Ah, para de drama, borboleta. Te dei liberdade. Agora você pode voar por aí com a bunda aberta à vontade — ela responde.

Ele tenta avançar na direção dela, mas Miguel o segura. Essa é minha família,

esse é o efeito que essa maluca causa nela. E eu devo ser mais maluco ainda por querer tanto que isso seja para sempre, mas merda, eu quero.

Seguimos as primeiras três horas em silêncio. Preciso que ela fale, mas ela fica ali, conversando com alguém pelo celular, quando ouço um áudio de um bebê chorando, sei que é com Celina, em seguida ela parece histérica por não ter visto o nascimento da pequena, mas não me dirige a palavra. Tenho vontade de tomar o aparelho de sua mão e arremessá-lo pela janela, mas estou ao volante, não quero essa maluca machucada em algum acidente quando ela virá-lo.

— Ela mandou fotos? — pergunto animado e Gil vira a tela em minha direção, ali, há uma coisa pequena, com um bico, os olhinhos fechados e toda encolhida nos braços de Sebastian. É linda! — Ela é linda!

— Sim.

É minha chance de puxar assunto. Filhos é uma questão pessoal para ela, acha que não os terá, e é louca para tê-los. Talvez eu possa animá-la a querer praticar filhos comigo. Só preciso tocá-la, uma única vez, e ela me perdoará.

— Acho que nossa filha será mais bonita do que a Nath. Pense, ela terá seu cabelo, meus olhos, o charme dos Amorim, a loucura das Lopes.

Ela me encara, parece estar segurando o riso, mas apenas revira os olhos e volta o olhar para a tela do celular.

— Você cuidou de mim ontem. Isso quer dizer alguma coisa, certo? Não fique aí fingindo que não quer falar comigo — provoco.

— Você apareceu como um pintinho ferido, sujo e perdido. Não arriscaria minha vida entrando em um carro com você naquele estado. Não foi por você, foi por mim.

— E dormiu aconchegada a mim por você também?

Ela se vira no banco e me encara.

— Matheus, está vendo esse corte no lado esquerdo da sua testa?

Olho pelo retrovisor e assinto.

— Pois é, posso fazer um pior no lado direito. Dirija em silêncio.

E lá se foi minha chance de conversa. Chegamos de madrugada e vamos direto para o hospital. Antes de destravar a porta, para que ela desça, tento mais uma vez.

— Eu deixei o coelho dormir no meu colo, andei arrastado pelo mato, fiquei horas com o sangue do Marcus na mão, tudo por você. Isso quer dizer alguma coisa, certo?

Ela pensa um pouco, mas quando fala, não é no tom que eu esperava sua resposta.

— Sim, quer dizer que é um grande idiota! Se não tivesse dado um sumiço na Ginger, não precisaria se arrastar pelo mato atrás dela. Se não tivesse me feito de

boba, o Marcus não teria o que revelar que o fizesse agredi-lo. Se não fosse estupidamente mentiroso e babaca, a porta estaria aberta e você não dormiria num corredor com o coelho no colo. Por que não abre esta porta e nos poupa dessa conversa? Não quero conhecer minha afilhada com todo o ódio que você me provoca estampado no rosto.

Destravo a porta e demoro cerca de cinco minutos para descer. Caralho! Meninas, me ajudem. Sei que fui um idiota, sou um idiota, mas tem que haver algo, qualquer coisa que a faça querer me bater e extravasar esse ódio. Enquanto ela estiver calma, e centrada assim, ficará remoendo e cultivando isso, e não me deixará aproximar.

Abro a janela para que Ginger tenha ar, desço do carro e encontro Cleber logo na entrada.

— Por que demorou, homem? — ele logo pergunta.

Abraço meu amigo que abre um enorme sorriso ao reparar minha cara.

— Você está na merda. Eu disse que ela acabaria com você. Fico feliz que tenha voltado vivo.

— Preciso que ela me bata — confesso.

Cleber me analisa um tempo, depois faz um gesto negativo com a cabeça.

— Não está totalmente vivo. Não acredito que aquela maluca afetou o cérebro mais pensante da V.D.A., vou matá-la. Gilcelle! — ele grita recebendo reprimenda das enfermeiras.

O sigo até uma porta, e assim que entro, não consigo dar um passo adiante. Gilcelle está ali, no meio do quarto, a pequena Nathalia está em seus braços, segura um de seus dedos e a olha com fascinação. E ela está tão linda ali, com um bebê nos braços. Um bebê que poderia ser nosso.

— Eu sei, homem — Cleber diz ao meu lado. — Quando vi a Suzana com ela nos braços, consegui visualizar todo um futuro de pequenos estúpidos nos braços dela. Sebastian é sempre o mais inteligente. Olhe para nós, dois idiotas, que quase perderam as mulheres de suas vidas por medo. Não temos tempo para medo, Matheus. Vou pedir a Suzana em casamento.

— Meu casamento com a Gilcelle já está marcado — digo.

— Merda! Sou sempre o último a fazer as coisas!

— Onde está o Sebastian?

— Ah, na casa dele, acompanhado. Ele merecia uma lição.

— Cleber, a filha dele acabou de nascer!

— Matheus, meu caro, você não estava aqui e não sabe o que aquele idiota aprontou, portanto, fica na sua. Vá pegar sua afilhada. Melhore esse rosto, ou vai assustá-la.

Aproximo-me de Celina e beijo sua testa.

— Celina, está incrivelmente linda para alguém que acabou de dar à luz.

— Adoro vocês, estúpidos, e o quão bem conseguem mentir. Obrigada, Matheus, senti sua falta.

Me aproximo de Suzana, que me olha preocupada.

— Olá, minha bela Suzana. — Beijo sua mão e Cleber resmunga atrás de mim. — Cleber está cuidando bem de você? Se não estiver, meu carro está aí fora.

— Por incrível que pareça, ele está. Mas obrigada pela oferta, meu querido.

Eu realmente adoro essa mulher. Pisco para ela, que assente e aperta minha mão. Ela sabe que precisarei de sua ajuda, de novo. Claro que desta vez tomarei o cuidado de não incluir a Celina nisso.

— Onde quer que a Suzana vá, eu irei. Só para você saber, Matheus — decreta Celina.

Caralho de mulher esperta.

Aproximo-me de Gil, com a pequena nos braços. Tento melhorar o rosto para não assustá-la.

— O que esta criança está fazendo acordada em plena madrugada? — pergunto quando a olho e a pequena olha para mim. Fixa seu olhar em mim e sua boca se move um pouco para o lado, rapidamente.

— Celina! Ela sorriu. Sorriu para o Matheus! — diz Gil animada.

— Não é possível! Ela tem a mãe mais engraçada que uma criança pode ter e sorriu para o idiota do tio zumbi dela? Olhe para a cara dele? Como uma criança pode sorrir para isso?

— Cale a boca, Celina, e aceite a derrota. Dê-me esta pequena — peço.

Gil hesita um pouco, mas estende o pequeno pacote de olhos verdes, e a pego com cuidado. Nunca segurei uma criança. Em menos de um minuto, Suzana e Cleber estão ao meu lado, com medo de que eu a derrube. Também estou com medo de derrubá-la.

— Oi, minha princesa. Que linda você é!

Toco levemente seu rostinho e a pequena me olha.

— Ela me ama — decreto.

— É bom mesmo que ame, já que passará muitas noites com você — diz Celina.

— Bruxa.

Ficamos alguns minutos conversando, não deixo que mais ninguém toque a pequena nos meus braços, travo uma briga com Cleber por isso, mas ela dorme aconchegada a mim. Não quero entregá-la nem mesmo a Celina quando a pequena precisa mamar.

— Acho que quero uma coisinha dessa! — digo derrotado a entregando a

Celina.

— Espere um pouco, por favor. Primeiro me ajudem a criar a minha, depois tenham quantos vocês quiserem — ela pede.

— Gil, você quer uma carona para casa? — tento.

— Vou ficar aqui, obrigada.

— Vá para casa, Gil. Está cansada. Volte amanhã durante o dia, Cleber e Sue irão embora, e você precisa me ajudar a ir para casa com a bebê — diz Celina.

Gil concorda e anda em direção a porta, mas Suzana a chama.

— Gil, será que podemos falar com você? A sós.

Cleber e eu saímos do quarto e Suzana vem fechar a porta, ela sorri para mim e dá uma piscadela.

— Ela vai tentar te ajudar, não vai? — pergunta Cleber.

— Espero muito que sim.

BÔNUS MANDY

O primeiro natal em família, do qual participei após os meus seis anos, foi quando eu tinha doze anos. Veja bem, antes que me julgue, não é fácil passar o natal com toda a minha família reunida. Mas, aos doze anos, uma coisa aconteceu. Eu, uma pirralha, pequena e magra, e nada desenvolvida, recebi um buquê de flores. Rosas vermelhas. Com um cartão em um papel rosa, e uma mensagem gravada: flores para uma flor. Contudo, havia rabiscado bem pequeno na parte detrás do cartão: *nos vemos no natal*.

Por conta disso, fiz questão de participar deste natal, que fique claro que foi o último desde então. Sentei-me na varanda, com o buquê nas mãos, esperando que ele aparecesse, pois, eu precisava realmente mandá-lo enfiar aquelas flores no rabo. Pelo amor de Deus! Se você vai mandar flores para uma garota, ao menos pesquise antes do que ela gosta. Rosas? Não gosto de rosas, gosto de tulipas, há tulipas no papel de parede do meu quarto, não pode ser tão difícil saber. Quando você entra em uma floricultura, a primeira coisa que te oferecem são rosas. E todo mundo compra rosas, é um presente que você não tem que escolher, pega o primeiro ramalhete oferecido, com o primeiro cartão de frase brega e manda para a idiota da garotinha de doze anos. Ela nem deve ter beijado na boca, vai te amar por conta dessas rosas. Passei toda a noite com aquele buquê horroroso nas mãos e o autor desta palhaçada, não se manifestou.

E então, no meu aniversário do ano seguinte, nasci em novembro, eis que recebo, outro buquê de rosas, rosas claras, tão delicadas. Só que eu não sou delicada. E no cartão? A mesma frase brega programada para todos os caras que traem suas esposas e mandam rosas para elas, enquanto as amantes recebem as mais belas e variadas flores. Não participei da reunião familiar, porém, fiz questão de jogar as belas rosas na lixeira da frente. Recado dado. E se isso fosse alguma armação do Miguel, eu o furaria com cada espinho daquelas rosas.

Porém, quando acordei na manhã seguinte, havia um recado na minha porta, colado com meu post-it rosa. O que mais me assustou não foi o fato de algum desconhecido ter entrado em meu quarto durante a noite, mexido nos meus post-its e escrito aquilo com minha caneta de brilho. O que me assustou foi que o idiota escreveu no bilhete:

Tulipas, entendido.

Tive que admitir que não era nenhum de meus irmãos, nunca seriam tão espertos. Não foi por isso que me recusei a usar as roupas de criança que a mamãe comprava e nem que comecei a pentear com mais frequência o cabelo, nada a ver. Mas o fato é que no aniversário de catorze anos, recebi uma caixa de

chocolates. Não gosto de doces, mas isso não vem ao caso. Comecei a entender que meu admirador, era retardado. E deixei um bilhete para ele, escrito com uma caneta de brilho em um post-it amarelo, nada de rosa, pelo amor:

Uma vez por ano? Sério isso?

Quando acordei na manhã seguinte, ele havia respondido atrás do bilhete:

Você precisa crescer, cabritinha.

Só não pulei mais, porque meus ossos sedentários sentiram os primeiros pulos e tive que me contentar em dançar pelo quarto em comemoração. Só havia um ser sem noção o suficiente para achar que cabritinha era um elogio, e esse ser era meu primo Nuno. Para que você entenda a dimensão da minha sorte, eu tinha catorze anos, uma pirralha. E ele estava prestes a fazer dezoito. Além de ser mais velho, ele ainda era extremamente gato, o mais famoso da cidade, o maior rival do Miguel, meu irmão, e mais disputado pelas meninas. Ele era tipo o sonho de consumo de toda garota de Baependi, e estava há três anos me mandando presentes errados. Tudo bem.

Fiz de tudo para marcar um encontro com ele, mas cada vez que conseguíamos ficar a sós, ele só falava das cabritas que haviam parido, dos bezerros que aprenderam a pular, dos passarinhos que cantavam Asa branca. Então, não tive saída, quis me livrar dele. Homens lindos e sem papo, não funcionam comigo.

No meu aniversário de quinze anos, o que ganhei de presente? Uma cabrita. É sério, não ria. Ele me deu mesmo. E ela se chamava Mandy, para piorar tudo. Não deu para ficar com o bichinho lá em casa, claro, ficou na fazenda da família, mas naquela noite, deixei um bilhete para ele no meu post-it preto, para que ele entendesse que era o fim:

Sinto muito, mas não vai rolar.

Você é chato demais.

Ass: Amanda, e não Cabritinha.

A partir daí, fiquei um ano inteiro sem vê-lo. Até que, no meu aniversário do ano passado, recebi um buquê de flores. Dessa vez não foi anônimo. Dei uma festa para poucos amigos, com um karaokê ao ar livre, estávamos bagunçando e nos divertindo e o filho de uma mãe apareceu de repente. Com aquelas roupas que os peões usam, blusas abertas e coladas, e calças coladas demais, e ele estava bem mais musculoso do que eu era capaz de me lembrar. E quando você tem dezesseis anos, um cara gostoso pode ser idiota à vontade. Então ele me apareceu com um buquê de rosas brancas.

— Você só pode estar de brincadeira — reclamei.

Ele apenas abriu um sorriso enorme. Enquanto todas as minhas amigas babavam nele e abriam os botões das blusas para que ele as visse, eu permaneci

ali, como se ele não estivesse ali, quase dois metros de puro músculo. Não escutei quando ele relatou os nascimentos de seus bezerros. E nem quando falou das namoradas. Ele era um idiota, certo? Certo. Mas era bem gostoso. E todos os homens eram idiotas, e nem todos eram tão gostosos. Acabei a noite escondida em cima de uma árvore, bem em frente a varanda para vigiá-lo, e no minuto em que o perdi de vista, ele apareceu atrás de mim na árvore, sentando-se ao meu lado.

— Oi, cabritinha.

— Amanda. Me chamo Amanda, Nuno, não cabritinha.

— Você cresceu.

Jesus, Maria, José. Só faltava eu crescer.

— Como vai a Mandy? — perguntei tentando disfarçar meu nervosismo.

— Cresceu também. Mas não está tão bonita.

— Que bom.

Olhamos um para o outro, e caímos na risada.

— Isso foi péssimo, desculpe — ele disse envergonhado. — Fico meio nervoso perto de você. — Então me olhou com olhos arregalados, meio em pânico. — Também não deveria ter dito isso.

— Cala a boca e me beija.

E assim demos nosso primeiro beijo.

Agora, aqui estou eu, sentada nessa mesma árvore, vendo meu irmão levar a única pessoa legal que já passou por essa família, embora. Nem consegui dar adeus a Gilcelle.

— Você acha que ela vai voltar? — ele me pergunta.

— Se for um pouco esperta, o que acho que é, não. O que viria fazer aqui?

— Sua mãe vai mesmo se mudar para a capital?

Eu o encaro e não preciso responder. Vamos nos mudar. Mamãe acha que isso será uma surpresa para o Matheus, eu acho que será um tormento para o pobrezinho, e ele já tem a Gil, não precisa de mais provações.

— Fuja comigo — ele diz de repente.

Sorrio e não respondo, ele segura minha mão e vira meu rosto para o dele.

— Fuja comigo, Mandy. Deixe-me levá-la daqui, na minha moto.

— Para onde iríamos? Não tenho dinheiro.

— Eu posso conseguir. Posso vender um boi.

Reviro os olhos e ele sorri.

— Cabritinha, um boi custa muito dinheiro, o suficiente para rodarmos por este país na minha moto, só você e eu.

— Você me devolverá intacta a minha mãe ao final da viagem? — brinco.

— De jeito nenhum. Estou falando sério, Amanda, fuja comigo. Não vá para a

capital sem mim.

— Se fugirmos, você sairá da sua amada terra de qualquer jeito. Como acha que vai sobreviver sem seus bezerros?

— Com a minha cabritinha. Não precisarei de mais nada. Venha comigo, não estou brincando.

Desço da árvore quando percebo Marcus nos olhando. Ele meio que travou uma guerra comigo pelo coração de Nuno.

— Eu me livraria da rivalidade com meu irmão — brinco.

— Não tem graça. Você vem?

— Me convença, caipira.

— Desafio aceito, cabritinha.

Ele se afasta quando mamãe se aproxima e desaparece em sua moto. E à noite, recebo um bilhete:

Vá para a capital com sua família, para que ninguém desconfie de nós. Eu a buscarei lá.

Não posso fugir com ele. Ele é fazendeiro, só pensa em bezerros, é meio bruto e todo safado.

Ah meu Deus! Vou fugir com meu primo!

Gilcelle

— Posso saber por que o Sebastian avisou ao Matheus sobre o nascimento dela antes de você me avisar, sua amiga da onça? — reclamo.

— Porque eu estava rasgada, sangrando e aprendendo a dar de mama para minha filha, acho que o Sebastian teve mais tempo — Celina responde com seu jeito delicado de sempre.

Dou de ombros e cruzo os braços.

— O que as duas amiguinhas traíras querem?

— Quero saber onde está a Gilcelle, minha amiga. Porque essa coisa pálida e sem vida, não é ela — diz Celina entregando Nath à Suzana.

Jogo-me na beira da cama e mantenho os braços cruzados.

— Não consigo me sentir eu mesma. O Matheus fez uma coisa terrível. Um monte de coisas, na verdade, e agora estou aqui pesando até onde vou aguentar tudo isso.

— Bem-vinda ao clube, Gil — diz Suzana. — Se eu fosse olhar quantas merdas o Cleber já fez, não estaria com ele agora. E não estaria feliz como estou agora. Há vantagens e desvantagens em amar um estúpido. Mas há mais vantagens, você vai ver.

— O que ele fez, Gil?

Então conto a elas, a coisa com Alzira, as fotos que recebi por três anos, e a grande farsa que foi nossa farsa. Sinto que Celina quer rir, e quero matá-la, então já vou logo apontando o dedo.

— Não ria, sua vaca! Não me faça atacar uma mulher recém parida.

— Gil, você tem noção de como isso é engraçado? Quer dizer, você foi para fingir ser noiva dele, e na verdade, é mesmo a noiva dele e ele fingiu que não era. É muita loucura para uma história só — ela diz rindo.

— Não tem graça nenhuma. Parece que ele não consegue dizer as coisa de frente, sabe. Sempre está mentindo e criando jogos e propostas e não sei mais como agir. Para piorar, ele deixou uma carta e ainda não consegui lê-la.

— Que carta? — as duas perguntam juntas.

— Há malditos dez anos quando ele me desvirginou e foi embora, deixou uma carta. Claro que não foi homem para me entregá-la. Mas agora, anos depois, esta carta chegou em minhas mãos. Já tentei lê-la, mas não sei se quero saber o que o Matheus de dezoito anos tinha para dizer que explicasse ele ter sumido depois daquela noite.

As duas se encaram e então me olham.

— Sebastian nunca me escreveu uma carta — reclama Celina.

— Você está com essa carta aí? — pergunta Suzana levantando-se para fazer Nath dormir.

— Suzana, não faça isso. Se a fizer dormir na base do balanço, terei que andar com ela todas as noites pela casa. Deixe-a na cama e ela dorme quando se cansar de resmungar — ralha Celina.

Suzana encara a pequena em seus braços e nega com a cabeça.

— Ah não! Você a educa depois, tias servem para estragar. Se ela quer que a tia Suzana a balance, a tia Suzana vai balançá-la.

— Sinto muito, Celina, mas ela está certa. Se a Nath resmungar para mim, imediatamente dançarei com ela.

— Vocês são duas vacas, apenas lembrem-se que um dia terão filhos e farei questão de estragá-los — ela ameaça. — Gilcelle, a carta está ou não está aí?

Levanto-me e a tiro do bolso. Eu queria lê-la, esperava que ela me fizesse simplesmente apagar o que Matheus fez e então ficaríamos bem. Mas, bem quando fui lê-la, Amanda bateu na porta, e me disse que Matheus estava pelo mato afora procurando Ginger, perguntando se ela deveria devolver o coelho. Pedi que deixasse que ele procurasse a noite toda, se fosse preciso. Mas não achei que ele fosse mesmo fazer isso. Quando o dia estava nascendo ele bateu na minha porta, não quis abri-la, estava com a carta na mão, pensando se deveria lê-la, ou se deveria esperar me acalmar um pouco para então lê-la. Quando a abri, ele estava no corredor, cochilando ao lado da minha porta, Ginger dormia em seu colo. Estava todo sujo e com alguns cortes no rosto. Primeiro, tive uma espécie de crise de amor por ele, queria acordá-lo e levá-lo para dentro e cuidar dele. Mas, não consigo diferenciar quando ele está realmente fazendo algo fofo por mim, ou quando está jogando de alguma maneira, para que eu caia na dele, então o deixei ali. E não consegui ler a carta.

Estendo o papel velho para Celina. Suzana me entrega Nath e joga-se na cama ao lado dela, as duas leem juntas.

— Seu tio é um idiota, pequena. Não deveria ter sorrido para ele. Aliás, você nem deveria olhá-lo. Mas não se preocupe, a dindinha vai ensiná-la a se proteger de homens como ele.

Celina ergue os olhos da carta por alguns minutos e me diz:

— Nem pense em transformar minha filha numa criatura agressiva e solitária que afasta o homem que ama por excesso de magia.

— Isso foi cruel, sabia? — reclamo.

Ela dá de ombros e suspira.

— Vou voltar para esta carta.

Não leram nem metade da primeira página e já estão contra mim. O que será que tem nesta maldita carta? Em algum momento, as duas começam a chorar.

Silenciosamente, lágrimas escorrem por seus rostos. Não sei se devo me preocupar. Seguro a mãozinha de Nath, que dorme tranquila e digo:

— Sua mãe e sua tia são duas bundonas. Estão se virando contra mim por conta de palavras idiotas de uma adolescente imbecil.

— Cale a boca, Gilcelle! Não estrague este momento — ralha Suzana me deixando ainda mais irritada.

— Chega vocês duas, devolvam minha carta. — Aproximo-me e a tiro das mãos de Celina.

As duas e olham e Suzana diz:

— Será que o Cleber me ama assim? Embora tenha sido meio gay, foi a coisa mais linda que já li.

— Tenho quase certeza de que esse tipo de amor, o Sebastian não é capaz de sentir — Celina responde.

Entrego Nath para Suzana e coloco a carta no bolso.

— Estou indo, passar bem suas traíras.

— Gil, espera — grita Suzana. — Pessoas passam a vida procurando em livros e filmes o tipo de amor que você tem agora. Nada é perfeito, não procure isso. Mas, um sentimento tão forte como esse, você não vai achar de novo. Leia essa carta, Gil. Abra sua mente e pense. Você só tem uma vida para viver isso, e já perdeu tempo demais. Não importa de quem foi a culpa, você pode consertar as coisas.

Não tenho que consertar nada! O errado foi ele! Por que estão contra mim? Encaro Celina e ela está assentindo freneticamente.

— Suzana, odeio você e sua inteligência. Celina, odeio você e sua queda por estúpidos, é sério, você me trocou por eles. E tchau para as duas, preciso dormir.

Quando saio do quarto, Matheus levanta-se imediatamente e vem em minha direção.

— Quer ir para casa?

— Para minha casa. — Despeço-me de Cleber e vou andando na frente.

Confirmo que Ginger está bem, Matheus lembrou-se de deixar o vidro da janela aberto. Coloco o cinto e abaixo a cabeça. De repente, quero chegar logo em casa e ler essa carta. Mais por curiosidade do que por vontade de perdoá-lo. É sério, não revire os olhos para mim, não quero perdoá-lo mesmo. Nem sentirei falta se não o vir nunca mais.

Ele não tenta falar nada durante a viagem, mas não é preciso. As palavras de Suzana ficam martelando em minha mente. Como o babaca do Cleber pode aguentar alguém tão inteligente como ela? Eu não aguento. E não sou babaca como ele. Bom, espero que não seja.

Quando o carro para em frente ao meu prédio, vou logo descendo. Matheus

desce atrás e tira minhas malas do carro, eu pego apenas Ginger.

— Pode deixar aí, eu mesma subo com elas.

— Não vai conseguir, e tem a Ginger — ele responde e há algo em sua voz que me assusta. Não está supondo que não vou conseguir subir as malas, está decretando. Algo em sua postura está diferente. Não estou gostando nada disso.

Ele pega a mala e vem atrás de mim. Subimos em silêncio, quero dispensá-lo da porta, mas quando tento, ele a empurra e entra, mesmo sem ser convidado. Meu apartamento de repente parece pequeno demais, está abafado e frio, e ele parece grande demais, ameaçador demais, completamente diferente do Matheus cansado e quieto de dentro do carro.

— Não passe a noite sozinha aqui. Venha comigo. Você pode dormir no meu quarto, eu fico em outro qualquer. Mas venha.

— Não, obrigada. O dia já está quase nascendo mesmo. É melhor você ir.

— Aqui está frio e duvido que tenha algo para você se alimentar, por favor, eu não falo com você se não quiser, sequer a olho, mas venha comigo.

— Eu já disse que não. Vá embora, Matheus!

Ele assente e deixa a mala no chão da sala. Coloco Ginger no chão para fechar a porta, e assim que me livro do coelho, ele me puxa pelo braço e me beija. Me beija com tanta força, que não tenho a opção de não corresponder, ele me toma completamente. Seus braços me apertam ao seu corpo, ele sobe uma mão por minhas costas e a prende em minha nuca, aprofundando ainda mais o beijo. Estou ficando sem ar, mas não quero me afastar.

De repente, ele se afasta. Nossa respiração está acelerada, precisamos recuperar o fôlego.

— Você quer ficar aqui? Tudo bem. Já entendi como você funciona. Nada de te dar uma opção ou você vai responder sempre que não.

— Não sei do que está falando — me esquivo.

Ele entra na minha cozinha e abre minha geladeira e os armários.

— Como eu disse, não tem nada para você comer.

— Isso não é da sua conta. Não estou doente, posso ir até a esquina de manhã e comprar algo.

— Claro, mas nós dois sabemos que não fará isso. Você vai beber até ficar bem tonta, fazer alguma besteira e depois, ficará trancada aqui com um capacete na cabeça. Na merda completa, remoendo sua vida triste.

O que? Como ele se atreve a me tratar assim? Vou com os punhos em sua direção, mas ele os segura.

— Você quer me bater? Por eu dizer a verdade? Vamos, me bata. — Ele me solta e espera ser atingido. É como se ele quisesse que eu fizesse isso, e não vou cair na dele.

— Caia fora da minha casa.

Ele sorri. Me paga pela mão e me arrasta até o banheiro.

— Tome um banho.

— Não quero tomar banho.

— Vai tomar sim! — Ele me empurra para debaixo do chuveiro e o liga, encharcando minha roupa. — Você não tem escolha, Gil. Eu disse que era para sempre, não importa quantas merdas eu faça, ou quão cabeça dura você seja, vai ficar comigo, e vai ficar bem, porque não vou sossegar enquanto não vê-la feliz e realizada ao meu lado.

— Adoro seus sonhos de contos de fadas e que bom que tem essa capacidade de sonhar, mas na real, você está longe de ser um príncipe, saia da minha casa, leve seu lado Dom para as putas das suas vizinhas e suma daqui.

— Sim, farei isso. E eu mesmo mandarei as fotos para você depois.

Ele fecha a porta do banheiro quando sai e quero matá-lo. Se horas antes eu não conseguia me sentir eu mesma, não conseguia reagir de nenhuma maneira a tudo, agora consigo. Quero matá-lo, quero muito afogá-lo no vaso, para que ele morra de nojo, antes de morrer afogado. Desligo o chuveiro e troco de roupa. Abro a mala na sala mesmo, puxo de lá um blusão qualquer e o visto. E só então percebo, a mala de algemas não está ali.

— Maldito!

Ele entra de novo em minha sala, como se tivesse o direito de fazer isso e deixa um pacote com alguma coisa na bancada da cozinha.

— Comida. Coma agora, de preferência, não quis comer nada a viagem toda. Nunca a vi tanto tempo sem comer. E durma.

— Vai me mandar cagar também? Já que controla meus olhos e meu estômago, por que não tenta controlar meu cu?

Ele sorri.

— Vou controlar, sua atrevida, vou controlar cada buraco do seu corpo.

— Fique longe dos meus buracos.

— Quer dormir comigo? Última chance.

— Vai à merda.

— Boa noite, meu amor.

Viro-me para não vê-lo sair e ele me acerta um tapa na bunda e me puxa, mordiscando meu pescoço.

— Eu te amo. Tenha uma boa noite — Então afasta-se de repente e sai porta afora.

“Você não pediu sua mala de algemas, sua anta. Não pode ver um homem gritando que já esquece do mundo.” Ah cale a boca, queria ver se fosse com você essa dominação toda.

Corro até o banheiro e tateio o bolso da calça. Matheus me enfiou embaixo do chuveiro, mas por sorte, a carta estava no bolso detrás, e saí debaixo da água antes que ele molhasse. Minha carta está inteirinha, sã e salva.

— Agora sim, o que você tem a me dizer, Matheus.

Jogo-me na cama fria e abro a carta.

Putá que pariu!

CARTA DE MATT PARA GIL - 2004

Minha Pequena Sereia.

Você deve estar me odiando agora, eu me odeio agora. Pensei em escrever algo que explicasse por que você acordou sozinha, mas não há explicação. O que eu poderia dizer que justificasse tamanha estupidez?

Talvez você possa entender coisas que eu mesmo não entendo. Vejo agora, enquanto termino de fechar essa mala, que deveria tê-la tido muito antes. Deveria tê-la mostrado o que sinto, muito antes. Eu vi você, desde o primeiro dia, desde aquele suco na minha roupa, como a coisa mais bela que já existiu. E você foi crescendo e se tornando ainda mais bela, mais viva, mais autêntica, tão diferente dessas meninas bobas que correm atrás do Cleber. Tão diferente dessas meninas nerds que acham que devo pegá-las porque sempre tenho um livro debaixo do braço. Você é tão diferente de tudo o mais que já vi neste mundo, e de tudo que já vi nele de errado, você é a única coisa certa. A melhor coisa. Eu amei você, quando sentou-se ao meu lado na sétima série, eu deixava que você colasse as minhas provas, eu seria capaz de fazer as suas por você, seria capaz de qualquer coisa por você, ainda sou.

Estou me perdendo, desculpa. Eu não vou te dar isso. Não entregarei essa carta, eu sei, tenho esse defeito. Sou um covarde. Não amo quase nada de verdade, e o que mais amo me assusta, você me apavora. Vou deixar essa carta aqui, na esperança de que tome coragem e a entregue a você um dia, e quem sabe nesse dia você não me odeie tanto. Porque você está livre agora, pode viver seus amores, ter suas histórias, enquanto eu estou tentando ser alguém para você. Mas eu voltarei para buscá-la, onde quer que esteja, te levarei comigo, sem essa covardia que agora me domina, e a farei feliz, mostrarei a você todo esse amor que guardo há tanto tempo, eu sei que me amará de volta. Sei que já me ama, e se soubesse disso há uma semana, não teria saído de dentro de você desde então. Bati na sua porta, esperando que a batesse na minha cara, só para eu ir em paz e não ter essa sensação de que não fiz nada em relação a você. Mas você a abriu e se abriu para mim, e nunca na vida vou esquecer cada segundo desta noite e nunca vou esquecer você. Você é minha. Vai me achar um maluco perseguidor, mas temos que ficar juntos. Nos pertencemos, simplesmente nos pertencemos.

Sereia, quero que seja assim, essa garota forte e viva, com esse sorriso delicioso e encantador, com esse humor ácido e seu jeito carinhoso, que continue a mulher que ninguém mais vai ter. Quando eu voltar, e a tomar de quem quer que pense ser seu dono, quero encontrar de volta a minha menina, a encenqueira que me fez tropeçar tantas vezes nos corredores da escola, a difícil que deixou

apenas que eu, vestido de zorro, me aproximasse. Agora entendo que você sabia que era eu, você sempre soube. Sempre foi minha. Se eu não tivesse sido um babaca covarde, poderia ter dito a você aos treze anos que a amava, e teríamos sido aquele tipo de casal cafona que se ama desde sempre e namora desde sempre e se casa logo após o colegial e tem uma penca de filhos, e se fôssemos assim, eu estaria mais feliz agora do que me sinto arrumando as malas sem você ao meu lado.

Então, por toda as vezes em que fui covarde, pela noite passada em que fui mais covarde ainda, quero dizer que te amo. E dizer que sim, impedi cada cara que tentou se aproximar de você, desde que seus seios cresceram. Sim, cuidei para que nada te faltasse quando seu pais se foram, consegui a escola da Antônia, eu a vigiei em cada dia, e cuidei de você como pude. Eu estava ali até mesmo nas noites em que você se escondia atrás do Pinheiro da praça e ficava ali perdida no seu mundo, ele não era só seu, eu sempre estive ali, do outro lado da rua, esperando que uma lágrima escorresse por seus olhos para então me aproximar, mas você sempre foi tão forte! Nunca a vi chorar.

E merda, estou fazendo errado de novo, você vai achar que estou jogando isso na sua cara, não estou. A única coisa boa que já fiz foi cuidar de você. Posso estar do outro lado do estado, e ainda cuidarei de você. Pode me achar o estranho perseguidor, mas você é meu ar, a razão por eu estar tentando não ser mais um fazendeiro nessa família, eu vou ser alguém a quem você irá admirar, e vou ser alguém que te dará tudo, e vou ser principalmente, alguém que vai te fazer feliz o tempo todo, como essas famílias cafonas de interior. São nossas raízes, Sereia.

Vou escrever aqui meu telefone, ninguém tem esse número, ele é apenas seu. Me ligue quando quiser, a qualquer momento, seja para me ofender, para me contar sobre seu novo namorado, ou cada coisa que aprender a fazer com suas algemas, ligue. Seja livre, se cuide, fique inteira para mim. Se alguma coisa te machucar, me ligue, juntarei seus pedaços, a farei inteira de novo, a farei inteira sempre, porque é para isso que tenho vivido.

Estou sendo dramático e meio gay, eu sei, o que não sei é como te dizer isso. Posso resumir toda essa baboseira desesperada em cinco pequenas frases.

Isso não é um adeus.

Sou um idiota.

Te amo demais.

E vou te buscar um dia.

E a quinta frase, que espero que seja a que mais vai ficar na sua memória.

Você é o meu mundo, então lembre-se que é o mundo de alguém e nunca se sinta menos do que tudo.

Eu te amo, perdoe as minhas merdas, a minha covardia, as minhas omissões, e

um dia, quando eu a encontrar e a resgatar desses amores rasos, me ame de volta.

Matheus Reis Amorim

Gilcelle

Não acredito que vou fazer isso. Pego meu celular, não é possível que ele ainda tenha esse número. Tenho acesso a todos os números dele, o que está na carta não é um deles. Sei que é um número que não existe mais, mas, para não ficar com essa pulga atrás da orelha, disco. Estou tremendo, não quero ser fraca, não quero ouvir meu coração no ouvido, quero que uma gravação me diga que esse número não recebe chamadas ou não existe. Mas o que ouço do outro lado da linha, é o bip de chamada.

Deve pertencer a outro alguém agora. Talvez um dos irmãos Buscapé. Espero ansiosa que atenda, talvez esteja em um aparelho largado, esquecido no cu do tempo, mas ele atende. A voz dele, me diz oi. Fico completamente muda, não sei o que falar, ouço o barulho da rua, ele está dirigindo.

— Ligo quando estiver em casa — digo baixinho.

— Parei o carro, pode falar. O que quer contar? Como conseguiu esse número? Desde quando sabe sobre ele? Você leu?

— Em que aparelho está esse chip?

— No meu principal. Gil, você está bem? Quer que eu vá até aí?

Não sei o que quero.

— Não, não venha. Eu quero te contar, você me disse para te contar qualquer coisa que acontecesse. Você disse que juntaria meus pedaços. — Tento disfarçar as lágrimas que teimam em correr, ele não precisa saber disso.

Ouço seu suspiro pesado do outro lado da linha, antes de ele me pedir:

— Fale, Sereia, o que a machucou? O que precisa que eu faça?

— Eu me apaixonei — sussurro. — Eu tinha treze anos, e entrou um garoto na escola, e ele era muito fresco e os meninos riam dele, mas ele era bonito, como um anjo. E eu queria me aproximar. E isso não passou. Eu recusava todos os outros garotos para que ele entendesse que estava esperando por ele, e mesmo que não o visse com nenhuma outra garota, eu não sabia se era porque era mesmo gay, ou se estava esperando alguma coisa.

Ele sorri.

— Meio devagar o seu amado.

— Totalmente parado. Mas isso não foi o pior e não quero ficar remoendo tudo. Você disse que me ajudaria, então como eu faço? Como faço para esquecê-lo?

Ele demora uma eternidade a responder.

— Por que você quer esquecê-lo?

— Porque ele sempre será devagar demais, covarde demais, e nunca será meu.

Eu fui dele. Desde o primeiro instante. Fui somente dele, mas ele teve tantas...

— Ele não deixou que nenhuma delas sequer o tocasse. Nenhuma, nunca. Você não sabe como ele sentia falta do seu toque, como ele o sentia, mesmo anos depois.

— Ele sabia onde eu estava. O tempo todo. Ele é tipo um detetive de Gilcelle. Sabia cada passo que eu dava, e mesmo assim, mesmo quando precisei, ele não me procurou.

— Está enganada. Ele estava ali, esteve por trás de tudo, tudo que envolveu você. Ele não ficou sequer uma semana sem notícias suas. Eu... — Ele respira fundo — Espere um pouco. — Então desliga o telefone.

Espero. Imagino o que ele vai fazer, e nem vinte minutos depois, ele entra no meu quarto. Parece péssimo. Não sei qual de nós dois está pior. Tira o sapato, a calça e senta-se na cama, de frente para mim.

— Não posso ajudá-la a esquecê-lo, meu bem. Não posso nem permitir que o esqueça. Tenho outro defeito além da covardia, sou egoísta — ele diz.

— Você tem um monte de defeitos.

— Tenho mesmo. Mas amo você acima de qualquer um deles. Venha aqui. — Pulo em seus braços e ele me aconchega em seu colo. Beija minha testa, meu pescoço, minha orelha. — Não chore, deixe-me amá-la, deixe-me te fazer esquecer tudo. Vou cuidar de você, tudo bem?

— Está me pedindo?

— Sim, sem ordens esta noite. Estou pedindo que seja minha. Vou ser mais claro. — Ele me coloca deitada na cama e paira sobre mim, quase tocando seu corpo ao meu. — Quero comer você agora. — Sorrio. — E depois, vou te fazer uma proposta.

— Ah não, Matheus.

— Ela inclui muito dinheiro na sua conta, e um coração nas suas mãos.

— Que coisa gay.

— Mas você amou — ele diz beijando o canto da minha boca.

— Parece que amo coisas gays — digo e ele me morde, fazendo-me dar um grito.

— Eu queria muito mesmo, amar você, não me force a castigá-la.

— Não consigo simplesmente esquecer tudo isso e dizer sim — confesso.

— Eu sei, vou fazê-la esquecer. Somente esta noite, amanhã você volta a me odiar, tudo bem?

Concordo e em segundos sua boca está na minha, de um jeito tão doce, e tão profundo. Suas mãos passeiam por meu corpo acariciando cada centímetro de pele que toca, ele tira meu blusão tão devagar, os primeiros raios de sol surgem pela janela, não consigo ouvir os carros lá fora, apenas as coisas que ele sussurra

em meu ouvido, e o barulho de seu corpo se chocando contra o meu, cada vez que me penetra. Em nenhum momento ele me solta, nossos corpos estão totalmente conectados, nenhuma parte minha sente frio, ele me cobre por inteiro. Posso sentir seu amor ali, posso sentir as palavras escritas naquela carta em cada movimento dele.

Merda, eu o amo. Amo demais. Não sei mais o que fazer.

Adormeço em seus braços, sequer nos damos ao trabalho de nos cobrir antes de cairmos no sono. Por isso, quando sinto um lençol sobre mim antes mesmo de abrir os olhos, sei que estou sozinha na cama.

— Ah Matheus, você não aprende.

Abro os olhos apenas para confirmar que estou sozinha, e há um bilhete dele ali. Em cima do travesseiro em que sua cabeça idiota deveria estar.

Você me disse que ainda não conseguia esquecer, eu disse que a faria esquecer por uma noite. Agora você sabe que posso. Se quiser esquecer mais coisas desse passado errado comigo, você tem meu número. Espero muito, muito mesmo, que ligue. Estou à sua disposição, sempre.

Pego o celular para discar. Ok, vamos ser sinceras aqui, vocês têm acompanhado toda essa bagunça que amar alguém causa a uma vida comum como a minha. Enfim, a questão é que Matheus Amorim é um tremendo estúpido. Ele é covarde ao ponto de não ser confiável, nós sabemos disso. A questão maior é que eu o amo. E ele me ama, da maneira estúpida dele, mas ama. E fico pensando no que a Suzana disse, talvez eu nunca mais vá encontrar um amor como esse.

“Você não quer encontrar um amor como esse, vá logo atrás dele.”

Deixo o celular em um canto, jogo um sobretudo por cima do blusão, escovo rapidamente os dentes, enfio os pés em um par de chinelos mesmo e corro escada abaixo porque a merda do elevador está em manutenção. Chego ao hall quase morrendo e tomo um fôlego enorme antes de ir atrás de um táxi. Assim que viro a esquina, não acredito no que vejo.

— Mas que merda é essa?

O mendigo me olha com uma careta e dá de ombros. E não consigo falar, nem me mover.

Era uma vez um homem idiota que pegou minha mala de lingerie e a jogou pela janela, mandando toda as minhas adoradas calcinhas vento abaixo. Era uma vez um morador de rua mais idiota ainda, que juntou todas as minhas calcinhas e fez um varal com elas. E se isso já não fosse ruim o suficiente, havia calcinhas personalizadas naquela mala. Logo, bem ao lado da minha querida calcinha de

moranguinho, está uma vermelha sangue com meu nome escrito em glitter.

— Quem usa calcinhas para fazer um varal? — pergunto.

— Como queria que eu as usasse? Não cabem em mim. Tentei vendê-las, mas estão muito puídas.

— Puídas estão suas nádegas, seu imbecil.

— Estas calcinhas são suas? As achei na rua, não devolvo não.

Ok, esse dia vai ser ótimo, já estou vendo. Acho que devo voltar para cima e dormir o resto da semana, mas não serei covarde como o senhor meu noivo, então, vamos negociar.

— Tudo bem, quanto quer por essas duas calcinhas? — digo apontando para a calcinha que minha avó me deu, não que eu vá usá-la, quero apenas guardar de lembrança, e para a calcinha com meu nome em glitter.

— Dez real, dona.

— Por essas calcinhas puídas? Tudo bem, dê-me elas, assim que voltar te pago.

— Ah não, não senhora. A senhora está usando uma roupa estranha por cima de um blusão, e está de chinelo e seu cabelo é estranho. Pega as calcinhas quando me der o dinheiro.

— Há quantos dias estas calcinhas estão penduradas aí?

— Uns três dias.

— Bom, então todo o prédio já viu meu nome bem estampado.

— Ah sim, alguns até tiraram fotos. O porteiro mesmo, foi um deles.

— Merda de porteiro, deveria ter deixado a Celina matá-lo. Não tenho trocado. Tire estas calcinhas do seu... varal... e te pago o dobro na volta.

— Fechado.

Ele tira feliz minhas calcinhas amadas do varal estranho de calcinhas e as guarda no bolso.

— Eu mereço.

Praticamente pulo na frente de um táxi, quando o vejo, e entro antes que o motorista me impeça. Dou o endereço da casa de Matheus, vamos resolver logo isso.

Capítulo 13

Matheus

Minha casa é grande demais. E silenciosa demais. Não que esteja com saudade de toda a bagunça que é morar com os Amorim, mas não me oporia a ter mais alguém aqui. Alguém bem barulhenta, ruiva, cuja presença fosse impossível ignorar.

Sorrio.

O telefone tocou. Por tantos anos, mantive esse chip no celular, eu o tirava, e tornava a colocar, porque pensava em enviar uma mensagem, em ligar como um desconhecido para ouvir sua voz. Pensava em tudo, menos que ela leria aquela carta. E ela a leu. E por mais gay e exagerada que essa carta tenha sido, ela a amoleceu, porque a maneira como ela me olhou quando entrei em seu quarto, foi a maneira como sempre quis que ela me olhasse.

Ando pela casa inquieto, sei que deveria dormir um pouco, mas não consigo. Tenho vontade de voltar lá, em seu apartamento e obrigá-la a ficar na cama comigo o dia todo. Temos tantos dias perdidos para recuperar! Tenho tanto amor, tanto desejo para dar a ela!

O barulho do meu celular me faz correr como um menino pela sala até o quarto, o pego meio desesperado, mas não é ela. É um número desconhecido, no meu chip principal.

— Alô.

— Matheus? Tenho um problema, poderia me ajudar? É a Thaís.

Thaís, Thaís. Ah sim, Thaís.

— Onde você está?

— Podemos nos encontrar no seu apartamento?

Sei que está pensando que não é uma boa ideia, mas, até pouco tempo atrás, ela era uma das mulheres com quem me divertia, e tínhamos um acordo, que ainda não rompi com elas, de que eu as ajudo, sempre.

— Claro, precisamos mesmo conversar.

Pego da minha mala tudo o que não deve ficar nesta casa e aproveito para deixar no apartamento. Se tudo der certo, como espero que dê, esse apartamento só será utilizado pela minha mulher. Deixarei que ela o redecore e será como uma válvula de escape, um lugar dela, para quando precisar se afastar, porque sei que haverá dias em que ela precisará. Gilcelle é muito acostumada a ser sozinha, e não posso de repente obrigá-la a ficar o tempo todo comigo.

Subo com a mala que contém: a maleta de algemas da Gilcelle, o chicote, e alguns apetrechos de dominador que comprei. Acabou que não precisamos usar

ainda. Ainda. Thaís deve chegar a qualquer momento e aproveitarei para avisar que nossas brincadeiras chegaram ao fim, pois estou noivo da mulher da minha vida.

Pode dizer que isso foi gay, estou feliz demais pra me importar com suas gozações.

Resolvo guardar a mala para esperá-la na sala, nada de entrarmos neste quarto de novo. Mas, assim que entro, dou de cara com ela, nua, a cabeça baixa, os braços para trás, ao lado da minha cama. E do outro lado da cama está Mika, outra de minhas amiguinhas, nua, a cabeça baixa, os braços para trás.

— Mas que merda! Preciso que se vistam. Precisamos conversar.

As duas não se movem.

— Thaís e Mika, por favor, vamos para a sala, não vamos brincar hoje.

Elas permanecem com as cabeças baixas e sem a menor intenção de se moverem.

— Vistam-se agora! — grito — É uma ordem!

Imediatamente as duas correm até suas roupas e saio do quarto para aguardá-las na sala. E então, quase desmaio. De verdade, minhas pernas perdem as forças.

— Amor! Que surpresa! — Que merda! O que Gilcelle está fazendo aqui?

— Oi, você me disse que podia ligar — ela diz olhando fixamente minhas mãos.

E devia ter ligado.

— Mas, eu quis vir vê-lo. Fui até sua casa e não estava, achei que estaria aqui.

— Estou muito feliz que tenha vindo, Gil. Quer tomar um café comigo?

Ela sorri docemente e quase desarmo ali mesmo. Nunca a vi tão serena assim diante de mim. Corando, meio nervosa, como se estivesse procurando palavras para me dizer.

— Esta hora, as pessoas já estão almoçando.

— Então quer ir almoçar comigo?

Ela sorri e assente.

Passo por ela e pego minha carteira e a chave do carro, saio pela porta, mas ela permanece parada. Por um momento, temo que tenha ouvido algo no quarto, mas ela está olhando fixamente para minha mão.

— Matheus, nós vamos almoçar, certo? Tipo, comer comida em um restaurante?

Que espécie de pergunta é esta?

— Sim, assim espero. Algum problema?

— É que não estou entendendo por que está levando este chicote.

Só então percebo o chicote em minha mão. Como isto veio parar aqui? Que

horas eu o peguei?

— Não! Não levarei isto, meu Deus, que cabeça a minha.

Vou até o quarto para guardá-lo, e assim que abro a porta, me deparo com a bunda de Mika, que está em uma posição bem reveladora, vestindo a calcinha. Fecho a porta de repente e olho para trás.

— O que foi isso? — ela pergunta desconfiada.

— Isso o quê? Não foi nada. Por que não vamos almoçar?

— Por que não guardou o chicote? — Ela vem em minha direção e meu tique no olho ataca. Ela para de repente e olha para esse tique maldito que não consigo controlar. — Por que está nervoso?

— Porque eu te amo. E você está aqui, e não está me ameaçando, então, estou nervoso. — Ela me lança um olhar ameaçador e completo. — E tem duas mulheres nuas no meu quarto, mas não tive nada a ver com isso.

Ela sorri, pensa que estou brincando. Peço a Deus que elas tenham ao menos vestido as calças e abro vagarosamente a porta.

—Gilcelle, essas são Thaís e Mika, que vieram para cá sem que eu as chamasse, sem me avisar, eu não sabia de nada. Meninas, esta é minha noiva, Gilcelle.

Não olho para trás para ver a reação das meninas. Mas minha noiva está totalmente parada. Estacada, olhando para dentro do quarto. Ela anda os dois passos que faltavam para me alcançar, e gentilmente, pede:

— Sai da frente!

— Amor, foi tudo um terrível engano. Eu não sabia que elas estariam aqui, assim que as vi, as mandei ir embora. Não foi meninas?

Mas as meninas não respondem, deixando-me em uma situação ainda mais complicada. Gilcelle assente, como se entendesse, o que sei, não é o caso. De repente, ela me empurra e entra no quarto. Para na porta, próxima a mim e avalia as duas meninas.

— Ele chamou vocês aqui? — pergunta.

As meninas se olham e não dizem nada.

— Que merda, respondam a pergunta dela!

— Não — as duas dizem em uníssono.

— Então, por que estão aqui?

— Não precisamos avisar quando viremos. Eles nos deu permissão para entrar — responde Mika claramente irritada.

— Ah, vocês entram quando querem?

— Não é bem assim, amor. Era o acordo antigo e eu ia agora mesmo dizer às meninas que não temos mais acordo... — Minhas desculpas são interrompidas quando ela puxa de repente o chicote da minha mão.

— Ele deu permissão para vocês entrarem? Estou revogando esta permissão. Vocês. Não. Entram. Mais. Aqui. Agora, fora suas sem vergonha, safadas, oferecidas e magrelas. Sumam! — Ela ataca as meninas com o chicote, elas gritam e saem correndo, com Gilcelle atrás, meio vestidas apenas, corredor afora.

Corro atrás delas e seguro Gilcelle que pretendia descer as escadas atrás das duas com o chicote, tamanha a sua raiva. O vizinho de corredor está na porta divertindo-se com a situação e acho que nunca me senti tão constrangido.

— Gilcelle! Acalme-se. Elas já foram, acabou.

Ela para de se mexer e respira fundo. Solto seus braços vagorosamente, e só percebo a burrice que foi fazer isso, quando ela os levanta de uma vez e desce com tudo o chicote em meu ombro.

— Safado! Filho da puta! Quer ser dominador, é? Gosta de brincar com chicotes? Vou te mostrar como se brinca com chicotes! — Ela me bate com força, acerta minhas pernas, braços, barriga, e, no momento em que o acerta em meu rosto, perco a paciência.

— Chega! — grito e puxo o chicote de sua mão, estendo-o diante dela. — Para dentro de casa, agora mesmo!

— Vai sonhando que eu vou entrar aí, onde suas putas...

— Entre!

— Não adianta gritar e levantar esse chicotinho de gay para mim. Você não é homem para.... Ahhh! — grita quando a acerto. — Caralho! Isso dói!

— Entre agora mesmo, porque minha vontade neste momento é de te dar uma surra, e você não vai querer que meu vizinho veja isto.

— Ela quer! — o vizinho grita animado.

— Matheus... não há necessidade... ahhh! Ok, estou entrando.

Ela entra afagando a bunda onde a acertei as duas vezes e para na sala.

— Para o quarto, Gilcelle.

— Não há chicote no mundo que me faça entrar no quarto onde você comia essas magricelas! O que pensa que eu sou? Mais uma das suas submissas?

— Sim. Não mais uma, mas no momento, é uma submissa.

Ela pisca os olhos rapidamente e gagueja um pouco, mas logo se recompõe e cruza os braços me confrontado.

— Não sou sua submissa coisa nenhuma.

— Você sabe que não tive nada a ver com essas meninas aqui. Não sabe?

— Não sei de nada.

Acerto o chicote em sua perna, sem força, mas ela grita.

— E agora, já sabe?

Ela tenta conter um sorriso.

— Você sabe que eu não seria burro a ponto passar a noite com você, e comer duas meninas em meu apartamento, e ainda mostrá-las a você quando entrou aqui. Não sabe?

Ela dá de ombros.

— Não. Nunca se sabe o tamanho da burrice de um homem.

Abaixo a cabeça em negativa.

— Ah, Gilcelle, por que você me obriga a ser mau? Você me acertou na frente do meu vizinho, me desafiou, desobedeceu e agora está duvidando da minha inteligência, o que vou fazer com você?

— Absolutamente nada, porque estávamos indo almoçar. Então sugiro que guarde esse chicotinho de gay e me leve para comer.

— Isso! — grito de repente assustando-a. — Irei levá-la para comer agora. E nunca mais insulte meu chicote.

Acerto o chicote em seu braço, e o mantenho ali. Ela sorri. Nunca usei uma coisa dessas, não era assim que convencia as minhas amigas a fazer as coisas como eu queria. Mas, esse troço doma até mesmo a Gilcelle, então, acho que gosto disso a partir de agora. Jogo-o no chão e a viro pelo braço bruscamente, acertando um tapa em sua bunda.

— Para o quarto!

Ela nem tenta retrucar, não dou tempo, já a empurro e bato a porta quando entramos. Vou até a cama e tiro todos os lençóis, deixando o colchão descoberto. Pego um lençol novo enquanto ela me observa com uma careta.

— Porra, acabei de perder a vontade! Você vai mesmo trocar os lençóis da cama antes de me comer?

— Há dias não venho aqui e as meninas estavam aqui. Nunca se sabe.

— Não consigo entender como é que você consegue chupar uma boceta, porque nunca vi ser tão fresco! — ela resmunga.

— Não entende? Eu te explico. — Termino de forrar o lençol e me aproximo dela bem devagar. Está uma bagunça, usa um blusão enorme e um sobretudo. Seu cabelo claramente não foi penteado. E está de chinelos de dedo. E está linda assim. Sorrio. — Eu te amo — sussurro e a beijo levemente. — Muito mesmo. — Mordo seu lábio devagar e ela geme. — E chuparia qualquer parte do seu corpo até fazer você desmaiar de prazer na minha boca, quantas vezes fossem necessárias.

Ela fecha os olhos e aproxima-se para me beijar, mas a viro de repente e a jogo na cama.

— Tire a roupa, agora!

Ela parece confusa, então eu mesmo tiro. Tiro seu roupão, ela me ajuda com a blusa, tiro o sutiã e rasgo a calcinha.

— Ei, você está me deixando sem opções de lingerie.

— Não vamos prender minha bichinha neste apartamento. Aprenda isso, sempre que vier aqui, venha sem calcinha.

— Quer que eu desça do táxi pelada, também? — ela desafia.

— Quem sabe ele não tenha essa sorte? — Vou até a mala largada em um canto e a abro, tiro de lá a maleta de Gilcelle, e ouço seu arquejo.

— Você me roubou isso.

— Não roubei. A trouxe para onde ela deve ficar a partir de agora.

Ela arqueia as sobrancelhas e explico, enquanto passeio por algemas procurando alguma que me chame atenção.

— Imagino que tenha vindo até aqui, para render-se. Você não viria atrás de mim se não fosse capaz de superar tudo o que já passamos.

— Não vim exatamente atrás de você.

— Sim, você veio. Já que quer superar tudo, é bom que saiba que não permitirei que fique naquele apartamento pequeno e mal ventilado.

— Eu não vou morar com você!

— Vai sim.

— Não vou! Posso estar cedendo para tentarmos recomeçar, mas isso não significa que viveremos sob o mesmo teto.

— Significa.

Ela emite um grunhido e cruza os braços, elevando seus mamilos rosados e quase me fazendo desistir dessa ideia de algemas para chupá-la primeiro.

— Você é tão ridículo quando age como um menino pirracento achando que manda em mim.

Paro de me mover e ouço sua respiração acelerar. Pego a primeira algema que toca minha mão e me viro para ela.

— Eu não acho que mando em você, eu mando em você. Agora cale a boca, não quero que dê mais um pio, só permito gemidos. — Pego suas mãos e as junto acima de sua cabeça, prendo uma parte da algema nelas, segurando-as, as mantenho elevadas e abaixo minha boca de encontro a dela. Passeio a língua por seus lábios e em seguida, mordo.

Ela geme.

— Isso, garota obediente.

— Idiota!

— Eu disse para não falar! — Prendo seus pulsos na cabeceira da cama, de forma que ela fica nua, estendida na cama à minha disposição. — Ah querida, eu poderia fotografá-la agora. Que tal um quadro novo neste quarto?

Ela arregala os olhos, penso que não sabe se estou falando sério. Mas eu estou. Apenas não farei isso hoje. Me aproveito de seu momento de confusão para

segurar seus pés. Subo minhas mãos por suas pernas, e as desço de novo. Ela não emite ruído nenhum. Com toda força possível, reforço meu aperto em suas pernas e a viro, deixando-a de barriga para baixo.

— O que está fazendo?

— Silêncio! — Acerto um tapa em sua bunda, e ela grita. — Fique de quatro.

Ela demora um pouco para se mover, e quando subo na cama, rapidamente se movimenta, apoiando-se nos joelhos, eu a amparo, até confirmar que está segurando na cabeceira com as mãos presas. Passeio os dedos por sua bunda, subo por suas costas, noto os pelos de seu corpo arrepiarem, e ela geme.

— Vou te fazer uma proposta, querida. Se você não emitir nenhum som, te dou cem mil reais.

Ela sorri.

— E se eu emitir?

— Tiro cem mil da sua conta.

— Mas apenas cem mil, independente do quando eu grite?

— Você vai gritar? Já está admitindo que não é capaz de se controlar?

— Eu não vou gritar, só não vou aceitar propostas suas às escuras. Você não é tudo isso, querido.

— Sim, irei descontar apenas uma vez, não importa o quanto você grite. — Acerto um tapa no meio de suas pernas e ela grita com a surpresa.

— Não valeu. Você não disse já — reclama.

— Tudo bem, valerá a partir do momento em que eu disser já.

Saio da cama e tiro minha roupa, vê-la ali, nua, de quatro, presa por uma algema, na minha cama, sempre foi o sonho, em cada noite que passei aqui. E cada garota que passou por aqui, nenhuma teve sequer metade da beleza que ela tem, estando assim, submissa a mim. Posso senti-la mesmo sem estar tocando-a. Eu a sinto em cada poro da minha pele, ouço sua respiração ao longe. Sei de cada reação que provooco nela, sei o quanto ela me quer dentro dela agora, e não vejo a hora de dar-lhe isso.

Subo novamente na cama e sua respiração acelerada cessa. Ela a está prendendo agora, em expectativa. Passeio dois dedos por suas costas e os desço por sua bunda, os afasto, e então enfio dentro dela. Ela grita.

— Está sensível, querida? Quem a deixou assim se eu não sou tudo isso?

Ela apenas sorri, recuperando-se da invasão. Tiro os dedos e alcanço seu clitóris, ela fica tensa à espera do toque, mas faço isso rapidamente e de leve.

— Não vai dizer já? — pergunta.

— Ainda não. Paciência, querida. — Então pressiono seu clitóris com força, ela grita. — Você veio fazer o que aqui, Gilcelle? Veio render-se? Dizer que vai ficar comigo? É o que veio fazer?

Ela não consegue responder, faço círculos em seu clitóris e pela posição em que está, consigo colocar mais força no movimento. Ela tenta se afastar de meus dedos, mas não tem força para se manter afastada muito tempo, e cai de novo em meus dedos.

— Só pararei quando disser o que preciso ouvir — alerta.

— Sim — ela sussurra. — Vim dizer que estou aqui. Estou aqui.

— Era tudo o que eu precisava ouvir.

Posiciono-me atrás dela, puxo sua cintura de encontro a mim e a penetro. Ela grita, e digo em alto e bom tom:

— Já.

Ela arqueja, penetro com força, belisco seus seios, deito meu torso sobre suas costas. Desço minha mão e ela nega veementemente com a cabeça em um pedido mudo para que eu não faça isso. Mas quero ouvi-la. Assim que toco seu clitóris, e a penetro, ela grita, alto.

— Merda! Vai mais fundo! Isso! Mai rápido! Mais forte! Ahhhh! Ahhhh! Ahhhhhh!

— Também não precisa gritar tanto.

— Cale a boca e meta mais rápido. Se estou pagando para gritar, farei valer cada centavo.

Meto mais rápido, mais fundo, como ela quer.

— O clitóris, seus dedos... — suas palavras saem confusas.

Aperto os dedos em seu clitóris e ela se desmancha, deixando o corpo cair com tudo na cama, desço meu corpo com o dela, sem perder o contato e arremeto mais três vezes antes de gozar com ela. Ela grita meu nome e treme levemente enquanto se acalma.

Deito-me sobre ela e fico ali. Nossos corpos suados, juntos. Salpico suas costas de beijos, e ela sorri.

— Então, estou cem mil mais pobre. Acho que gosto dessas suas propostas. Acabarei falida, mas estou gostando.

—Tenho outra. Uma bem melhor que vai encher sua conta de novo.

— Inclui que eu veja sua família maluca?

— Você os ama, então não reclame. Vou libertar suas mãos. Precisamos ir comer.

— Sim, exercício demais nas últimas horas, estou faminta.

Procuro na algema a chave pendurada, mas não está. Vou até a mala, e todas as chaves estão juntas em uma bolsinha. Subo na cama, Gil está com os olhos fechados, parece exausta, e imagino que ter de ficar com os braços para cima não seja nada confortável neste momento. Testo uma por uma as chaves, quando estou na nona, ela abre os olhos.

— Qual o problema?

— Nenhum, estou apenas procurando a chave certa.

Ela sorri e olha para cima, então sua expressão muda totalmente.

— Ah merda. Merda! — grita agitada.

— O que foi?

— Esta é a algema que não tem chave! Lembra que eu disse? Não tem!

Ela puxa as mãos desesperada.

— Como não tem chave? Por que você deixa uma algema sem chaves aqui dentro?

— Porque eu perdi a chave e não vou me desfazer de uma algema da minha coleção. Além do mais, nunca se sabe quando eu precisarei de algo que não abra. A encaro confuso.

— Está maluca? Por que precisaria de algo que não abre?

— Vai saber, a gente precisa de tudo em algum momento da vida.

Levanto-me da cama e me visto. Pego o celular e procuro o telefone de um chaveiro.

— O que está fazendo?

— Ligando para um chaveiro.

— Não pode trazer um chaveiro aqui, estou nua e isto é uma algema de sex shop. Vai me expor ao ridículo!

— Prefere ficar presa aí? Porque não tenho como soltá-la!

— Se você fosse mais macho, a abriria com um alicate!

— Se eu fosse um bandido, faria isso.

Ela começa a reclamar e ligo para o chaveiro, deixando claro que estou disposto a pagar qualquer valor para que ele venha o mais rápido possível. Assim que desligo, com Gilcelle resmungando o quão idiota tudo isso é, sorrio. A situação toda é ridícula.

— Quem manda você ser uma menina safada que tem uma coleção de algemas e gosta de um Dom? E se eu fosse você, parava de me insultar assim, porque você está presa e ainda tenho um chicote.

Ela sorri, e nesse momento, um barulho horrendo sai de algum lugar dela.

— O que foi isso?

— Estou com fome — ela reclama.

Vou até a cozinha e só o que acho são morangos. Vai ter que servir. Deito-me ao seu lado na cama e coloco em sua boca. No terceiro, ela resmunga que estão azedos. Então remexo o armário e acho creme de leite.

— Só tem isso, Sereia. Vai ter que servir.

Cubro o morango com o creme de leite e coloco em sua boca e ela aprova.

— Nem azedo, nem doce demais. Perfeito.

Provo um e o gosto é realmente bom. Vou colocar outro em sua boca quando meu celular toca, me assustando e o viro em seus peitos, sujando o meio deles de creme. O chaveiro avisa que chegará em dez minutos. Deixo a bandeja de morango de lado e aviso:

— Temos dez minutos.

— Para que?

Deito meu corpo sobre o dela e lambo o creme.

— Para que eu a faça perder mais cem mil. — Ela abre a boca para protestar, mas a impeço imediatamente. — Já.

Então, ataco seus seios, lambendo o creme e o espalhando por seus mamilos, para sugá-los em seguida. Desço a língua por seu corpo e tenho a brilhante ideia de jogar creme no corpo todo. É uma delícia. Chupo com força sua boceta deliciosa coberta de creme e ela goza no minuto nove, gritando como uma louca. Assim que saio da cama, a campainha toca.

— Espere, não abra ainda, não me recuperei — ela pede.

A cubro com uma coberta e beijo seus lábios.

— Boa sorte, Sereia.

E ela fica mais vermelha que seu cabelo enquanto o chaveiro arregala os olhos ao ver que se trata de uma algema, que ela está presa a cama e a quantidade de creme de leite espalhada no lençol. Fico apenas sorrindo e de olho para que ele não veja nada que não deve ser visto. Ele solta a algema e a tira envergonhado, então, sem saber o que fazer com ela, a joga dentro da mala de algemas.

— Não! — Gil grita assustando-o. — Tudo bem, eu a pego depois.

— Bom começo, Sereia. Bom começo — digo para sua cara fechada.

Gilcelle

Matheus para o carro em frente ao meu apartamento. Preciso de um banho, e de roupas que não estejam grudadas no meu corpo por conta de creme de leite, para ir ver a Nathalia. Confesso que tinha muita expectativa quando fui atrás dele, e ao ver aquelas garotas magricelas, nuas ali, quase corri de volta para casa, para não vê-lo nunca mais. Ainda bem que a raiva falou mais alto e quis bater nelas primeiro. Eu deveria saber que sendo o Matheus, a situação não era realmente o que parecia.

— A culpa disso é sua, que nem sabe lambar uma mulher direito. Por que não tirou todo o creme de leite? Assim minhas roupas não estariam grudando em meu corpo agora — reclamo.

— Da próxima vez, eu mesmo irei carregá-la para ao banheiro e te darei um banho de água gelada, para aprender a não ser reclamona.

Olho para a frente e avisto o mendigo. Então corro até ele.

— Ei, minhas calcinhas. — Estendo as notas de dez e ele as pega mais do que feliz.

Pego as calcinhas, mas antes que consiga guardá-las no bolso, Matheus as toma da minha mão.

— Ficou maluca? Está tocando em coisas íntimas de um mendigo?

— Eu não uso essas coisas — o morador de rua protesta.

Mas Matheus as joga no lixo, e me puxa pela mão levando-me para dentro do prédio, resmungando que terá que desinfetar nosso corpo todo. Olho para trás apenas para ver o mendigo sorridente tirar as calcinhas do lixo e gritar:

— Da próxima vez é vinte!

Merda!

Após um super banho com sr. Fresco e uma roupa limpa, estou terminando de pentear o cabelo no banheiro. Ouço Matheus assobiar a música chata da Toni Braxton e sou obrigada a pentear os cabelos no quarto, para que ele converse ao invés de assobiar essa música chata.

— Por que foi que você começou a ouvir isso? — questiono.

— Porque essa música fala de alguém que perdeu seu amor e não sabe viver sem ele. Eu vivia isso até hoje de manhã.

Estaco com a escova e tento não sorrir, mas falho miseravelmente.

— Não seja fofo comigo. Ainda não esqueci das duas magricelas nuas no seu apartamento.

— Aquele apartamento agora é seu, mais algumas ainda irão entrar lá, porque não sabem que nosso acordo foi rompido, mas tenho certeza de que você saberá

lidar com elas.

— Claro, querido, me dê uma arma e resolverei tudo.

— Gil, meu amor, eu jamais permitiria que você se aproximasse de uma arma.

— Ele abre a porta do meu guarda-roupa e passeia as mãos por algumas peças.

Não posso ver seu rosto de onde estou, mas ouço seu resmungo a cada peça que vai jogando no chão.

— Velho, indecente, feio, ruim, péssimo material. Meu Deus, de onde você tirou isso? Algum brechó de porta de cemitério? — ele pergunta levantando algo volumoso e negro.

— Ei, não fale assim do meu tutu.

— Você não usa realmente isso, usa?

— Tenho fetiches.

Ele dá uma gargalhada e pega o tutu, levando-o até o nariz. Olha para mim com uma expressão tão sexy, que quase tiro a roupa de novo para tê-lo no meio das minhas pernas, mas me controlo. Ele vem em minha direção e já começo a prender a respiração, quando ele passa direto, vai até a janela e joga meu tutu por ela.

— Matheus! Idiota! Terei que pagar caro para recuperar meu tutu agora!

— Você não vai recuperar isso. Aliás, podemos pôr fogo em todo seu guarda-roupa. Vamos te comprar coisas novas.

Sento-me na cama e cruzo as pernas, espero ter sua total atenção antes de resmungar:

— Vamos, continue, jogue tudo no lixo. Estou adorando ser a sua bonequinha. Você quer que eu me mude, quer engordar minha conta, quer trocar meu guarda-roupa, daqui a pouco vai me pedir para descolorir os cabelos da perereca. Você não é meu dono e não tem que decidir o que devo fazer só porque te deixei me dar chicotadas. Se você não me quer como eu sou, então você não me quer de verdade.

Ele senta-se na cama de frente para mim e me observa um tempo, antes de responder:

— Amo você exatamente do jeito que é, mas o fato é que me incomoda que tenha vivido tantos anos tendo tão pouco, sendo que eu poderia ter te dado tudo. Vou te dar tudo agora. Não adianta reclamar disso.

Abro a boca para retrucar, mas ele me impede, colocando o dedo sobre meus lábios.

— Gilcelle, este sou eu. Não sou fofo com você, sou apaixonado. Não quero ter coisas diferentes, quero te dar melhores. Não pediria nada disso se você estivesse em uma casa decente, com roupas decentes, como você merece, mas não é este o caso. Você pode brigar, fazer pirraça o que for, eu darei tudo a você.

E não vou permitir que me negue isso.

Não sei o que responder. Sempre fui independente e dona de mim. Sempre decidi tudo sozinha, e mesmo que nem sempre soubesse o que fazer, eu me virei até aqui. Por mais que o ame, é difícil me acostumar com alguém decidindo até mesmo que lençóis devo forrar na cama. Vamos ter que trabalhar isso.

— Vamos fazer assim, querida. Tenho umas propostas para te fazer, e elas te darão um bom dinheiro. Então você mesma comprará coisas melhores para você.

— Tudo bem, mas vou continuar morando aqui.

— Não vai. Isso não está em discussão! Este lugar é horrível, pequeno, mal ventilado, seu porteiro deixaria até a alma penada do maníaco do parque entrar aqui, e seu vizinho morador de rua tem um varal com suas calcinhas. Aquele apartamento agora é seu. Mude-se quando quiser.

— O dinheiro que vai depositar na minha conta, dessa tal nova proposta, também me permitirá mobiliá-lo como eu quero?

— Sim.

— Que proposta é essa?

— Mais tarde eu falo. Vamos, temos que ir ver a pequena.

— Por que não pode falar agora? Odeio ficar curiosa!

— Porque ela é um pouco diferente e pode ser meio assustadora.

Se eu esperava encontrar uma Celina diva, montada em um robe maravilhoso de seda, muito bem penteada, dando elegantemente de mamá a bebê, caí feio do cavalo. O que encontro quando entro é um choro estridente, Celina descabelada, com a camisola molhada de leite, uma pantufa do pateta em um pé e um chinelo xadrez no outro.

Sebastian não está muito melhor. Parece uma pilha e fica rindo e falando sem parar.

— Quantos energéticos você tomou, homem? — pergunta Matheus.

— Uns seis. Ela não dorme. A bebê não sabe dormir. — Sebastian olha para mim esperançoso e tenho vontade de sair correndo. — Gil, como se ensina um bebê a dormir?

— Acho que eles já nascem sabendo.

— Não — ele diz negando com a cabeça em movimentos rápidos. — Ela não sabe. Não dormiu desde que entrou aqui. Deve ser a casa. Celina! — grita me assustando. — Vamos nos mudar, vamos levá-la de casa em casa para que ela decida qual quer. Então dormiremos por uma semana.

— Não seja idiota. Uma criança de dois dias não vai decidir onde moraremos. Meu leite não está saindo, Gil. No hospital saiu normalmente, mas desde que cheguei aqui, parece que não sai o suficiente. E meus seios estão cheios e doloridos. Já fiz de tudo, e não sai. Ela está faminta.

— Não pode dar nada mais a ela?

— Não. Liguei para a pediatra e preciso conseguir puxar o leite. Ela disse que a Nathalia deve fazer isso, mas ela apenas chora quando percebe que vai continuar com fome. Não sei mais o que fazer.

Há o barulho de saltos e Suzana aparece animada.

— Boa tarde família... feliz? O que houve aqui? Alguém morreu?

— Um bebê que não dorme, dois seios que não saem leite e um namorado idiota que tomou energético demais. Está bom ou quer mais? — responde Celina me entregando Nath.

Assim que a pego, a pequena tenta mamar em meu braço, ao ver que não sai nada, chora. Coloco um dedo em sua boca e ela se acalma mamando nele, na esperança de que algo saia.

— Você pode usar uma dessas bombas de tirar leite, Celina. Vou até a farmácia. — Suzana sai e entrego Nath a Matheus saindo imediatamente atrás dela.

— Ei, Suzana.

— Ei, Gilcelle. Algum problema?

— Nenhum, só quero acompanhá-la, não posso?

Ela me olha desconfiada e reviro os olhos. Por que as pessoas estranham assim quando faço algo legal?

— Poder, pode. Mas antes, quero deixar bem claro que não tenho nada com o Matheus e amo o Cleber. Caso reste alguma dúvida.

Vamos até a farmácia, ela pede a tal bomba, e quando estamos voltando, me para.

— O que você quer, Gilcelle?

Preciso soltar. Ela provavelmente vai rir de mim, então, você que é mais minha amiga do que ela, não ria.

— OK, você sabe que o Matheus é um dominador. E ele tinha muitas amiguinhas, tipo, muitas mesmo. Hoje mais cedo, peguei duas delas em seu apartamento. Ele não teve nada a ver, mas a questão é que ele vai abrir mão de muitas mulheres.

Ela cruza os braços e me olha confusa.

— Ele ama você, não vai querer transar com nenhuma outra mulher.

— Sim, mas e se por acaso, ele enjoar sabe? De ter uma só?

— Pouco provável. Ele é homem de uma mulher só.

— Ah, não estou falando disso. Tenho medo que ele enjoje de uma bichinha só. Quer dizer, ele me amarra e me bate e tem todo esse lance de ter que segurar minhas pernas quando gozo, mas, ele foi meu único homem e não sei fazer muita coisa.

— Mas isso é fácil. Vocês praticam e você aprende.

Reviro os olhos e puxo seu braço, para voltarmos a andar.

— Suzana, não vou pedir a ele que me ensine. Seria constrangedor.

— E quer que eu te ensine? — pergunta espantada.

— Claro! Você já deve ter visto muita coisa na sua vida. Por causa da sua mãe. E do clube noturno onde dançava.

Ela começa a rir.

— Não sou uma especialista exatamente, Gil. Mas sei de alguns truques. Vá lá em casa e vou te dar umas coisinhas que podem ajudar.

— Certo, você acaba de se tornar minha melhor amiga. — Você perdeu, leitora! Suzana é mais devassa que você, quero ela como amiga.

A bomba funciona. Celina senta-se de frente para Matheus, que segura a pequena, e ordenha o leite com a coisa.

— Está parecendo uma vaca — observo.

— Não me importo, se minha bezerra conseguir ser alimentada, posso parecer qualquer coisa. Acontece que não sei como se usa isto.

Ela coloca a bomba no seio, aperta o seio, puxa, e de repente, quando puxa bomba, o leite sai. Não só sai, ele espirra, como se uma mangueira tivesse sido ligada. E cai tudo em Matheus. Ele fica totalmente parado por cerca de dois segundos. Quando começa a tremer, Suzana tira Nath de suas mãos.

— Foi mal, Matheus — desculpa-se Celina. — Dê-me ela, Sue. Já posso amamentá-la. Isso funciona mesmo.

E Matheus permanece ali, tremendo, com leite escorrendo por sua cara. Aproximo-me cautelosa e toco seu ombro.

— Amor, está tudo bem? Não quer ir lavar o...

— Ahhhhhhhhhh! Merda! Caralho! Tira isso de mim! Está quente! E é horrível! Celina!

— Não grite, está assustando minha filha! — ralha Celina.

Tenho tocar nele para arrastá-lo até o banheiro, mas ele tem um ataque. Literalmente, um ataque. Sai pulando pela sala, leva as mãos a centímetros do rosto, mas não tem coragem de tocar, grita feito uma mulher dando pela primeira vez e então, o ápice: ele começa a tirar a roupa. Não me pergunte porque está fazendo isso, não sei é medo de sujar a roupa ainda mais, ou se pretende tomar um banho na sala, mas não posso permitir que Sebastian filme isso. E o filho da mãe já pegou o celular.

— Sebastian! Abaixei isso! Matheus, venha comigo.

Tento segurar seu braço, ele já tirou a camisa e está abrindo a calça.

— Vá com ela homem, não quero mostrar seu saco no meu vídeo. Vou fazer um canal que terá mais visualizações que o do Cleber: amigos estúpidos do

Sebastian.

— Per que não coloca amigos estúpidos do Sebs? Daí vídeos seus com ele à mostra podem ir parar lá também — defendo meu homem.

— Que vídeos dele mostrando o Sebs? — pergunta Celina imediatamente

— Ops! Foi mal, Sebastian — digo.

Ele abaixa o celular e sorri docemente para Celina, mas posso ver o pânico em seus olhos.

Suzana finalmente me ajuda, pegamos Matheus cada uma por um braço e o arrastamos até o banheiro. Ela me ajuda a jogá-lo lá, e sai murmurando:

— Bando de gente doida. Como o Cleber aguenta?

Ligo o chuveiro e nem preciso pedir, ele corre para debaixo dele.

— Você, não terá filhos! Mudei de ideia, imagina se eu for chupar seus seios à noite e isso sair na minha boca?

— Ótimo, você matará duas fomes de uma vez — retruco.

— Não tem graça.

— Ah, vira homem! Você chupa minha boceta, não pode engolir meu leite? Acabe logo com isso e vamos, agora que a bebê mamou, quero pegá-la.

— Vou ficar a mil metros de distância da Celina e suas tetas assassinas.

— Se o Sebastian colocar esse vídeo no Youtube, acho que você vai ganhar do Cleber com a sofrência.

— Não é uma competição — ele diz temeroso.

Então uma ideia começa a se formar em minha cabeça. E sei que Sebastian vai adorar.

— Mas pode ser. Sebastian! — grito saindo do banheiro enquanto Matheus chama meu nome em desespero.

Adormeço no carro e quando acordo, Matheus está entrando na garagem de sua casa.

— Eu não moro aqui — resmungo.

— Você quer dormir sozinha hoje?

Nego com a cabeça e ele afaga meu cabelo.

— Para dormir comigo, tem que aceitar minhas condições. Então, vamos dormir aqui — seu sorriso idiota me faz querer acertá-lo com um tapa, mas ele prevê isso e segura minha mão, levando-a à boca. — Desça, minha Sereia, não vejo a hora de levá-la para a cama.

Desço do carro e aproveito para tentar falar de novo com Antônia, ainda não consegui nenhum contato com ela, apenas com a madre mal humorada. E mais uma vez, é ela que me atende.

— Puta que pariu! — solto sem querer, pois planejei este horário em que ela deveria ter se recolhido e não atenderia.

— Valha-me Deus, é você, Gilcelle?

— Olá madre, como a senhora está?

— Estava bem, até agora. O que você quer? Achei que nunca mais precisaria ouvir sua voz.

— Sabe, a senhora não é uma boa pessoa, não deveria ser uma madre. Quero falar com a Antônia, estou preocupada com ela.

— Então terei de admitir que temos algo em comum. Também estou preocupada com ela. Não a vejo desde a semana passada.

— Como assim?

— Ela foi embora do convento. Disse que descobriu que a vida de freira não é para ela. Um homem veio buscá-la. Me preocupo porque isso tem acontecido com muita frequência. Noviças desistem e homens aparecem na porta para buscá-las, mas se estavam sob minha proteção aqui dentro, não entendo de onde conhecem esses homens.

— Bom, vocês deveriam começar a fazer teste de virgindade antes de receber as noviças, então não correriam o risco de elas desistirem. Antônia disse para onde iria? Disse quem a buscaria? Deixou algum número?

— Nada, ela sumiu, portanto você não precisa me ligar de novo. Que Deus tenha misericórdia da sua alma, passar bem.

Onde Antônia está? Não tenho nenhum número que possa falar com ela, não tenho ideia de quem é esse homem que foi buscá-la. Se a madre não conhece, então não é um padre. Só posso esperar que ela precise de dinheiro, ou de alguma coisa, e apareça.

Tento comer e relaxar antes de dormir, mas minha cabeça está longe. Ainda não sei porque ela precisou de todo aquele dinheiro há poucas semanas, e agora vai embora com um homem. Nunca fomos as melhores amigas, mas ela sempre compartilhou seus dramas. Desde que descobriu que não era normal dar o rabo, passou a me contar tudo, para que eu a aconselhasse. E agora, simplesmente sumiu. Querendo ou não, ela é minha única família.

— O que foi, amor? Parece estar com a cabeça longe.

— Antônia foi embora do convento. A madre disse que um homem foi buscá-la. Ela não me ligou, não tenho ideia de onde pode estar.

Esperava que ele fosse ficar preocupado também, ou compadecer de minha angustia, mas a reação do Matheus e no mínimo, estranha.

— O que sabe sobre isso, Matheus? — pressiono imediatamente.

— Eu? Nada. Não sei nada. Não sei.

— Por que está com esse tique no olho?

— Eu? Nada, não sei nada. Não sei.

Cruzo os braços e fecho totalmente a cara, ele respira fundo e sei que desistiu

de esconder o que quer que esteja tentando esconder.

— Tenho uma proposta para te fazer — diz de repente.

— A menos que essa proposta tenha a ver com a minha irmã, não quero ouvir. Ele abre os dois primeiros botões da camisa e parece realmente nervoso.

— Na verdade, tem.

— Então sou toda ouvidos.

Ele segura minha mão e olha em meus olhos. Nas outras vezes em que me fez propostas, não parecia tão nervoso.

— Eu vou precisar de um favor seu, e em troca, posso trazer sua irmã de volta.

Acho que estou entendendo errado, ou o Matheus está me dizendo, que mandou dar um sumiço na minha irmã?

Matheus

— Não posso demorar. Celina e eu estamos revezando para dormir. A pediatra disse que isso é só nas primeiras semanas. Quantas semanas são consideradas as primeiras? Só essa, não é? — reclama Sebastian jogando-se na cadeira diante de mim. — Que merda é essa embaixo do seu traseiro?

Avalio o pano que trouxe e dou de ombros.

— A última vez em que estive aqui, tinha um cara vomitando nas cadeiras. Preferi me prevenir — explico.

— Gay. Fale logo o que quer, homem. E me pague uma cerveja.

Confiro o relógio em meu pulso e estendo a mão para ele.

— Três minutos e o Cleber aparece, vou contar para os dois de uma vez, não quero ter que repetir tudo.

— Sua cara não está da melhores, portanto, o assunto será um porre. Duas cervejas. — Ele chama o garçom e começa seus pedidos.

Logo, Cleber aparece. Um sorriso enorme no rosto, assoviando, tão sorridente que chega a irritar. Dá um tapa na cabeça de Sebastian e toma a cerveja de seu copo, então se joga na cadeira vazia. Joga uns papéis em cima da mesa e bate a mão nela, fazendo Sebastian dar um pulo na cadeira.

— Aqui está o que me pediu. Mas acho que não vai gostar de saber o que descobri — informa.

— Como é que descobriu o que quer que tenha descoberto, tão rápido? — questiono espantado.

— Você está falando com Cleber Dantas, eu sou rápido.

— Quanto tempo mesmo ele foi engando pela Suzana e a Sue? — pergunta Sebastian contando as semanas nos dedos.

— Vai à merda. Agora abra o bico, Matheus. Por que a Gilcelle foi dormir na minha casa? — pergunta Cleber curioso.

Então começo meu relato, pela parte mais difícil:

— Não mandei dar um sumiço na irmã da maluca da Gilcelle.

— Eu sei que não. Já sei quem foi que fez isso. Mas, ela acha que foi você? — pergunta Cleber contendo um sorriso.

Assinto. Explico para Sebastian, ele está mais por fora deste assunto, do que a própria Gilcelle. E olha que ela não sabe absolutamente nada.

— Ofereci dinheiro a Antônio, para que ela fingisse precisar de dinheiro e com isso, eu desse esse dinheiro a Gil e a convencesse a fingir ser minha noiva.

Ele levanta as sobrancelhas e vira seu copo.

— Engenhoso. Duvido que essa ideia tenha sido sua. Prossiga.

— Na noite passada, a Gil descobriu que a irmã dela fugiu do convento com um homem. E ninguém sabe quem é este homem. Eu desconfiava de quem era, e precisava de um outro favor dela. Então, ao invés de simplesmente explicar toda a situação, como um cara normal faria, prometi trazer a irmã dela de volta, caso ela me fizesse este favor.

Cleber resmunga e Sebastian solta:

— Que merda, homem! Está parecendo o idiota do Cleber!

— Parecer o Cleber não é a pior parte. Imediatamente, ela deduziu que eu mandei dar um sumiço na irmã dela, para chantageá-la.

— Uau! Ela achou mesmo que você se parece comigo! — diz Cleber admirado. — Acontece que você, mesmo que indiretamente, tem a ver com o sumiço da irmã dela. Você estava certo. O que pretende fazer? Vai atrás da freira arrependida?

Não sei o que vou fazer. Imaginei quem era o homem que a buscou na porta do convento assim que Gilcelle mencionou este fato. Mas, para ir atrás de Antônio, precisaria contar a Gilcelle a verdade sobre o dinheiro. Isso levaria dias, entre ela me perdoar e aceitar que eu fosse junto atrás da maluca da irmã. E não tenho esse tempo.

— Vou me casar amanhã — anuncio.

Os dois bebem suas cervejas e me olham com zero credibilidade. Acham que estou brincando.

— Vou ser mais claro. Meu casamento no civil está marcado para amanhã.

Cleber larga seu copo e me avalia, quando abre um sorriso, sei que entendeu que estou falando a verdade.

— Caralho! Mude esta data, homem. Não tem a menor chance de você convencê-la a comparecer ao próprio casamento amanhã.

— Não vou mudar. A próxima data disponível no cartório é para daqui a três meses. E nosso casamento na igreja é em duas semanas.

Os dois idiotas cospem as cervejas um no outro, e me encaram.

— Matheus Idiota Amorim, diga-nos que você está brincando. Não pode ter sido estúpido a ponto de ter marcado o casamento na igreja antes mesmo de voltar a falar decentemente com ela — pede Sebastian.

— Acontece que eu fui. E se aquele imbecil não tivesse dado um sumiço na Antônia, Gilcelle se casaria comigo. — Ou não? — Talvez. — Era uma possibilidade, certo? — Bom, estávamos caminhando para isto.

Cleber dá dois tapas em minhas costas e diz:

— Amigo, vou te ensinar como tratar as mulheres. Primeiro, não marque um casamento sem que elas saibam. Elas gostam de planejar essas coisas. Vestido, convites, festa, convidados. Se você anunciar a ela que o casamento é em duas semanas, mesmo que ela não esteja a ponto de te matar, ficará no mesmo instante. Não dará tempo de ela fazer nada.

— Você não entende. Nenhum de vocês entende. Ela não funciona assim. Se eu a pedir em casamento e deixar que ela marque as datas, nunca nos casaremos, porque brigaremos quinhentas vezes em uma semana e ela mudará a maldita data quinhentas vezes. Tenho que levá-la amanhã em frente ao cartório e anunciar que estamos nos casando. Se der a ela tempo para pensar, ela vai dizer não.

Os dois passam tempo demais calados me observando, e quando acho que vão acabar comigo, começam a bolar um plano.

— Celina não poderá organizar as coisas estando de resguardo. Mesmo porque, Nath nem daria tempo. Faça com que a Gilcelle vá para a minha casa esta noite — diz Sebastian a Cleber, que imediatamente saca o celular e liga para Celina. — Você Matheus, só precisa pedir um favor a sua melhor amiga.

— Suzana não irá convencê-la a aparecer lá amanhã.

— Não mesmo. Ninguém irá. Suzana deve apenas cuidar de deixar a Gil vestida de noiva. Acredite em mim, Cleber está certo. Ela não vai aceitar se casar trajando qualquer peça de roupa.

— Trajando? — questiono com uma careta. — Você anda lendo esses romances de faroeste de novo?

— Ah, cale a boca e ligue logo para a Suzana.

Assim, em uma mesa de bar, com dois amigos idiotas e suas mulheres, graças a Deus, inteligentes, tenho um plano.

Você deve estar perdida em tudo isso, certo? Vamos lá. Assim como você, a Gil está achando que sumi com a Antônia para convencê-la a fazer algo por mim. E isso, não é verdade. A verdade é que nosso casamento no civil estava mesmo marcado. Eu pretendia dar esta notícia a ela ontem à noite, na minha cama, enquanto estivéssemos fazendo amor. Mas, depois de se sentir chantageada, ela quis ir embora. E foi para o apartamento do Cleber, porque consegui falar com a Suzana antes que ela falasse com a Celina, e Suzana a

acolheu. Ela não quis me ver hoje, não quis me atender. Estou louco de saudade dela, mas pior do que isso, é o fato de que vou vê-la novamente no momento do nosso casamento e ela ainda está pensando que eu sumi com sua irmã.

Você deve estar se perguntando por que não conto a verdade a ela. Mas não posso. Eu não fui lá e sumi Antônio, mas, indiretamente, tive a ver com o sumiço dela. Se eu for sozinho atrás de Antônio, não conseguirei trazê-la de volta, e para que a Gilcelle vá comigo, precisarei contar tudo. E ela não vai aceitar se casar comigo depois. Pode parecer confuso, mas preciso me casar com ela, para então, irmos atrás de Antônio. Ela vai querer me matar de todo jeito, mas, estando casada comigo, vai pensar duas vezes antes de fazer isso.

Passo a noite em claro, entre súplicas silenciosas por misericórdia a Deus e pesadelos acordado, em que ela saca uma arma de dentro das calças e atira em mim quando a peço em casamento. Ou, na pior das hipóteses, grita um não na minha cara. Acho que prefiro levar um tiro.

A pior coisa do mundo é amar alguém sem medidas, amar a ponto de viver para essa pessoa, amar como se não houvesse mais nada no mundo digno do seu amor. Porque se essa pessoa te falta, não sobra mais nada.

Confiro meu terno pela décima vez, respiro fundo, e tento pensar que em poucas horas estaremos nesta cama, casados, e esta aliança que pesa um chumbo em meu bolso agora, estará em seu dedo. Então ela assinará meu sobrenome e isto será para sempre. Qualquer merda que vier depois disso, estaremos juntos para enfrentar.

Recebo uma mensagem de Suzana:

Suzana: *Tudo certo, ela está desconfiada, mas muito bem vestida. Terá a noiva mais linda que essa cidade já viu.*

Sorrio. Em seguida, ela me manda outra mensagem.

Suzana: *Estou muito orgulhosa de vc, não tenha medo. Dará tudo certo, hoje à noite, quando voltar para sua casa, levará sua esposa contigo. Sorte, querido.*

Assim espero, Suzana.

Quando estou saindo de casa, recebo uma mensagem de Celina:

Celina: *Matheus, não acredito que esteja mesmo fazendo isso. Quero que saiba que retiro o que disse sobre o fracasso de sua história, vai dar certo. Não tenha medo, ela pode até se negar a dizer sim no começo, para torturá-lo, não*

seria a Gil se não fizesse isso, mas tenho certeza de que entenderá a grandiosidade do que está fazendo. Nunca vi na vida, amor tão desmedido como o seu. Conserve-o assim.

Conservarei, Celina.

Enquanto as mensagens que recebo de Cleber e Sebastian, são de despedida, pois um deles está portando uma arma para dar a ela, quando eu disser o que fomos fazer no cartório.

Fico dando voltas como um maluco, mal respiro, estou nervoso e acho que vou suar. A menos que seja nu com a Gilcelle, odeio suar. Tiro o lenço do meu bolso e seco a testa a cada dez segundos, e nada delas aparecem. Celina e Sebastian são os primeiros a chegar e eu nem imaginei que eles viriam. Celina sorri docemente para mim e me abraça.

— Acalme-se, minhas tetas assassinas estão bem cobertas.

Sorrio e nem consigo responder. Pego a pequena de seus braços e ela fixa seus olhos verdes em mim. A encosto em meu rosto e a mantenho ali. De alguma forma, ela me acalma.

— Matheus, acho lindo que minha filha consiga acalmá-lo, mas acabei de dar de mamar a ela e é possível que ela golfe.

Em dois segundos a pequena está de novo nos braços de Celina, mas por pouco tempo, pois Cleber aparece e a pega.

— Onde está a pequena mais linda do titio mais gostoso deste mundo?

Celina e Sebastian reviram os olhos juntos, mas Cleber realmente leva jeito com ela.

— Suzana está chegando com ela, homem. Calma, ela não está dirigindo, Elias está.

E pouco depois, o carro de Cleber aparece, e Suzana é a primeira a descer.

— Sumam daqui vocês todos — ordeno e eles entram no cartório resmungando.

Gilcelle desce sorridente dizendo algo a Suzana, mas estaca no meio da rua ao me ver ali. É preciso que Suzana a arraste, dizendo alguma coisa, e finalmente ela está diante de mim. Suzana sorri me encorajando e vai ao encontro de Cleber. Gil cruza os braços e me encara esperando.

Ela está linda. Usa um sobretudo branco, que termina com uma renda negra, que toca o meio de suas coxas. Imediatamente quero tocar essa renda, saber se é macia como parece, e tocar nela. É quase como um desejo desesperado de ter qualquer contato com ela após tantas horas.

— Não consigo mais dormir sem você — constato.

— Você fez com que a Suzana me trouxesse aqui?

— Sim.

— O que quer?

— Te fazer uma proposta. Que não tem nada a ver com sua irmã, apenas com a gente. Você não precisará mentir, fingir nada, nem fazer algo que não queira.

— Estou ouvindo.

Está na hora. A proposta que deveria ter feito dez anos atrás. Preciso convencê-la a aceitá-la agora.

— Quero cuidar de você, dar a você tudo o que tenho, tudo o que você precisar, tudo o que desejar. Quero te dar os melhores dias, anos até, os maiores sorrisos. Quero dar os melhores orgasmos, os melhores momentos, quero fazer de você, a pessoa mais feliz deste mundo. Todos os dias. E em troca, quero apenas que você diga sim. E que seja um sim verdadeiro, que me deixe mesmo fazer tudo isso.

Seus olhos estão cheios, e ela desvia o olhar do meu. Aproximo-me e toco seus braços, seguro suas mãos nas minhas, e seus olhos voltam para os meus.

— Eu te amo. Não me condene a tentar sobreviver sem você.

— É uma proposta tentadora — ela diz contendo o choro.

— A maior proposta que já fiz na vida. Claro, que não será a única. Para domar você, Sereia, terei que propor coisas todos os dias, eu sei disso.

— E me quer mesmo assim?

Sorrio e a puxo para junto de mim.

— Para sua sorte, sou muito bom com propostas.

Quando tento beijá-la, ela se afasta.

— Você tem alguma coisa a ver com o sumiço da minha irmã?

Merda. Se eu for ser inteligente, direi que não, mas que irei ajudá-la a encontrá-la. Mas esta não seria a verdade, e quero ser o homem em quem ela vai confiar depois de tudo.

— Não mandei dar sumiço algum nela, Gil. Mas posso encontrá-la. E a pessoa que a levou, provavelmente fez isso por minha causa. Por nossa causa.

Ela franze o cenho e parece confusa, mas não permito que pense nisso por muito tempo.

— Vai me dizer sim? Estou a horas sem beijá-la, louco de saudade e quase suando nessa roupa fechada.

Ela sorri e assente.

— Sim, Matheus.

Nem sei dizer quantos quilos perco no momento em que ela diz sim. Beijo rapidamente seus lábios e a arrasto cartório adentro.

— Então venha, estamos atrasados.

— O que vamos fazer no cartório?

— Oficializar seu sim.

Ela estaca de repente ao ver nossos amigos ali dentro, e um juiz com cara de irritado resmungando que estamos atrasados.

— Você não pode estar falando sério. Ficou maluco? Não vou me casar com você.

— Você acabou de dizer sim.

— Não! Eu disse sim para tentarmos, sim, eu sinto sua falta. Não sim, vamos nos casar.

— Você não entendeu a minha proposta então, você disse sim, para se casar comigo.

— Não, eu não disse.

— Você vai se casar comigo agora!

— Não vou não.

— Vai sim!

— De jeito nenhum!

— Você não tem escolha.

— Não vou assinar esse livro.

— Vai assinar sim!

O juiz nos encara em choque, parece prestes a sair correndo.

— Por Deus, Gilcelle! Será que tudo na nossa vida será resolvido na base da discussão? Cale-se, me dê a mão e comporte-se ao menos no seu casamento!

Ela abre a broca para retrucar, mas não permito. Se eu deixar, ela vai dizer não. A arrasto para diante do juiz, ela olha para a rua de dois em dois minutos, acredito que tramando um meio de fugir, e por isso, aperto sua mão na minha. O juiz começa a falar e começo a rezar que ela assine esse caderno e não se atreva de maneira nenhuma a me dizer não.

Capítulo 14

Gilcelle

Ele me estende a caneta. Esse homem barbudo, que desde que entrei aqui, me olha como se eu fosse louca, agora me estende a caneta e espera que eu assine neste livro. Sei que você também espera isso. Eu mesma, deveria esperar isso. Acho que ninguém entenderia. Eu não sou normal, sei bem disso, tenho medo, e muitas vezes, acho que devo mesmo ser uma pessoa sozinha. E então tem o Matheus, que é o amor de toda uma vida, e é também o que mais me machucou. Não quero me prender a isso, mas o que martela em minha cabeça quando ele me estende essa caneta, é o que ele ainda pode fazer comigo.

É muito fácil nos casarmos agora, comemorarmos com uma noite de sexo alucinante, com esse brinquedinho novo que a Suzana me deu. Mas não será fácil quando ele tentar controlar cada passo meu, e eu revidar sendo agressiva. Não será fácil quando ele pisar na bola, porque ele é um estúpido e vai fazer isso, e eu não souber como aceitá-lo assim, sem passar antes por cima de mim mesma. E penso que deveríamos sim tentar, nós merecemos isso, mas não com um casamento. Não com algo que já nos obrigue a permanecermos juntos. Precisamos ficar juntos, por querer. Quero ir embora sempre que der na telha e quero poder expulsá-lo sempre que me irritar, e não poderei fazer isso estando na casa dele, sob o seu teto, ganhando o seu dinheiro, trabalhando em sua empresa. Serei muito dele, e nada minha. Não sei se dá para entender.

É claro em minha cabeça, eu o amo e não vou viver sem ele. Só preciso que ele entenda, que não podemos ir rápido demais, nenhum de nós dois sabe lidar com a pressa. Olho para ele, para dizer tudo isso que passou pela minha mente, quando seus olhos me encontram. Ele parece suplicar que eu pegue esta caneta. Parece que só assim vai acreditar no que sinto, ou perder o medo de me perder. Se esse idiota tivesse conversado comigo sobre isso antes, eu teria dito tudo, e teríamos resolvido antes de ele me assustar com esse homem mal humorado e essa caneta assassina em minha direção.

Olho novamente para a rua e ele solta a minha mão. Ele me deixa ir. Celina balança a cabeça e Suzana sussurra que eu não faça isso. Mas sei que posso procurá-lo mais tarde, e amá-lo, e ele vai entender que para mim não funciona assim. Que não preciso deste compromisso tão sério. Apenas de seu amor. Mas, quando dou o primeiro passo, em direção a saída, ele diz:

— É só uma proposta. É só uma promessa.

Estaco ali. A proposta. Ele me pediu para dizer sim, a ser o homem que toda mulher sonharia ao seu lado. E eu sei que você está dizendo que ele é o mais

perfeito que eu poderia encontrar e eu sei disso, mas eu não sou perfeita assim.

— Eu te amo. Juro que vou fazer isso dar certo. Juro que não vou fugir quando estiver com medo, eu vou protegê-la. Apenas venha aqui e assine meu sobrenome — pede mais uma vez.

Eu me viro para ele, quero pular nele, abraçá-lo e dizer que o amo, mas não sou assim, sabe. Não posso depender dele assim. Acho patético mulheres que amam a ponto de se tornarem uma metade, que vivem em prol da outra metade, que só vivam com ela. E não reste mais nada. Não serei essa mulher que passa por cima de qualquer medo por amor, e passa por cima de suas próprias escolhas por amor. Eu... “Continue fugindo. Corra. Você não tem que se encontrar.” Cale a boca, voz, não me confunda ainda mais. “Vamos, fuja enquanto é tempo. Para que você precisa de alguém que a ame? Quem precisa de amor? Vá embora e continue sendo a maluca solitária que verá o homem da sua vida se casar com outra que nunca sentirá por ele metade do amor que você sente.” Maldita voz, que resolveu ser irônica e estar certa.

De repente me vejo caminhando de volta em sua direção, paro em sua frente e seguro seu rosto. Nem sei como começar a falar.

— Olha só, não sei fazer isso. Eu sou maluca, ainda vou matar você. Eu vou estragar tudo todo dia, você não sabe como sou de verdade. Eu tenho medo, e fujo. E você não vai sempre estar ali quando eu me esconder. Não entende que se eu disser sim a isso, vou matar o que sente por mim? Quero te fazer uma proposta. Eu te amo, muito mesmo. Acho que era a única coisa que amava na vida, até a Nath nascer, e não posso perder isso de novo. Só me deixa dizer não agora, e ficar com você assim mesmo. Eu juro que fico. Aceite minha proposta.

Ele nega com a cabeça. Segura minhas mãos entre as suas e diz de forma tão serena, que nem parece que está prestes a me dar um ultimato.

— Gil, minha Sereia. Eu faço tudo por você, eu te prometo isso, faço tudo, menos isso. Não posso confiar em você assim. Se assinar esse caderno e se tornar minha, eu juro que a farei feliz não importa o que seja necessário para isso. Mas, se não puder assinar meu sobrenome, se preferir não se prender a mim, prefiro que paremos isso agora. Antes que seja tarde. Eu te amo, mas não quero mais me preocupar todos os dias se a terei na minha cama ou não. Quero me preocupar em fazê-la feliz, não em fazê-la ficar, entende? Posso ser tudo o que você quiser, e só estou pedindo que seja o que eu quero.

Malditos homens fofos, românticos, idiotas e chantagistas que usam de seus amores desmedidos para acabarem com sua vida.

Abaixo a cabeça derrotada. Me viro de costas para ele e olho para minhas amigas ali, e Cleber, meu estúpido preferido.

— Vocês são testemunhas de que eu tentei fazer isso não fracassar. São

testemunhas de que eu avisei que vou errar todos os dias. E principalmente, são testemunhas de que ele prometeu estar aqui assim mesmo. Vocês vão assinar isso comigo.

Puxo a caneta da mão do juiz e assino, a última vez que posso usar este Lopes no final. Gilcelle Lopes. Agora, Gilcelle Lopes Amorim. Parece que sou alguém de repente. Suzana e Celina quase saltam sobre mim, enquanto os meninos brigam para assinar o tal caderno. Eles me cercam, e só consigo vê-lo, quando o juiz decreta que fiz mesmo isso. Me tornei a senhora Amorim.

Preciso urgentemente elaborar uma lista de regras. Matheus é acostumado, vai se sair bem com elas.

Termino de vestir Nath e a estendo a Cleber, ele me seguiu quando entrei aqui para trocá-la, e está me olhando estranho desde então.

— O que é? Por que está me olhando com essa cara de demente?

Ele sorri pegando a pequena que já se aconchega a ele.

— Quem diria que vocês seriam os primeiros a se casar?

— Olha só, estou tentando não pensar muito nisso. Então, silêncio, ok?

— Não sei como quer esquecer com esta aliança de dez centímetros de largura no dedo.

— Tenho certeza que isso é coisa sua — acuso e ele apenas sorri. — O que quer de verdade, Cleber?

— Gil, você sabe que a amo. Só quero te dar um conselho.

— Eu mereço! — reclamo.

— Merece mesmo. O homem já se arrastou demais por você. Ele já abriu mão demais, por você. Talvez seja sua hora de começar a fazer isso.

Boto as mãos no peito em um gesto de dor e digo indignada:

— idiota! É assim que você me ama? Defendendo a ele?

— Estou defendendo você. Era bem divertido vê-lo com cara de tacho cada vez que você aparecia com aqueles homens estranhos, mas não quero te ver infeliz, bebê. E sem ele, você vai ser.

Cruzo os braços em claro sinal de pirraça.

— Eu sei. E se não percebeu já fiz isso, já cedi meu espaço, minha vida e até meu sobrenome pra ele. Estou tentando, ok? Você não é ninguém pra vir me dar lições de amor, tenho pena da Suzana.

— Eu também. Somos dois errados, mas temos a sorte de sermos amados.

Eu o empurro porta fora e o sigo.

— Pelo amor de Deus, não! Nada de filosofia de Cleber sofrência a essa hora do dia. Vá almoçar e me deixe em paz.

— Só prometa que não vai por tudo a perder.

— Não posso. Quem é que sempre sabe onde pisa no amor, Cleber? Nem

mesmo você, que sofreu pra aprender a amar, sabe. Prometo que vou tentar. Se ele quer viver pra me fazer feliz, quero viver para que ele faça.

Ele dá uma gargalhada e sai resmungando que esperava que eu fosse devolver o gesto.

Mas o senhor meu marido, que estranho dizer isso, não se aproxima de mim hora nenhuma. Ele sorri, me lança aqueles olhares com promessas devassas por trás, mas não se aproxima. Até que a noite cai, e estou mesmo cansada, e quero usar esse brinquedo no meu bolso. Então como quem não quer nada, levanto do sofá me espreguiçando e digo com voz de sono, esfregando os olhos.

— Ah, como estou cansada. Acho que vou pra casa dormir.

Ninguém me olha e ninguém diz nada do que quero ouvir. Me espreguiço mais alto, fico na ponta dos pés e repito a frase, nada. Perco a paciência. Eu não queria ser aquela que vai se aproximar primeiro, o imbecil me evitou o dia todo, mas quero ir pra cama com ele, e vocês sabem como ele é lento. Me aproximo e pego sua mão.

— Quer me levar pra casa agora? Estou cansada.

— Não parece cansada, aliás, parece animada até demais — responde me provocando.

— Ok, você está certo. Vamos ficar aqui. Eu nem queria transar a noite toda, mesmo. — Me jogo de volta no sofá e menos de dois minutos depois, ele está praticamente me jogando dentro do carro.

E fica calado todo o caminho. Eu assovio, cantarolo, e nada de ele falar comigo. Eu acabei de me casar com o cara, estou usando uma coleira na mão esquerda com o nome dele, e ele sequer se digna a falar comigo? Preciso de uma segurança aqui! Não acredito que ele vai ser tipo esses cara, que basta casar, para virar outro. E eu bem pensando que ele ia beijar o chão que eu piso. Me estrepei.

— Unbreak my heart, tell me love me again... — me pego cantando do nada.

Quando olho para o lado, ele me olha, e sorri. Me calo e ele liga o som do carro, e essa mesma música chata começa a tocar. Reviro os olhos e canto alto com a música, até que estou cantando a plenos pulmões e acredito que essa música dói? Só pode, porque uma lágrima escorre por meu rosto.

Quando ele para o carro eu desço ainda cantarolando a música, ele dá a volta no carro e me abraça. Ele me puxa para ele, me prende em seus braços, e distribui beijos por meu pescoço.

— Eu te amo, sua maluquinha atrevida e gostosa. Juro que achei que você fosse ir embora daquele cartório, e eu juro que teria ido atrás de você e a teria sequestrado. Você me leva ao limite. E eu te amo por isso. — Então ele me beija. Ele devora meus lábios, e há tanto desespero em seu beijo, que correspondo da mesma maneira, desesperada.

— Por que não falou comigo? Isso foi cruel da sua parte.

Ele me arrasta até a porta, sem me deixar afastar de seus braços e de seu corpo.

— Porque eu não sei como dizer o que sinto vendo-a com meu nome em seu dedo. Não sei agradecer o suficiente por tê-la em minha cama esta noite e todas as noites da minha vida. Eu quero te dizer que te amo de uma forma que você possa entender o quanto, e não acho palavras.

Eu o beijo.

— Eu amo quando você é fofo. Se eu te disser para parar de ser fofo, não me escute. Nenhuma mulher tem um homem fofo como o meu.

— Não sou fofo. Mas amo você. Se quer que eu demonstre isso em cada segundo de cada dia, eu o farei.

— Está vendo? Fofo!

Ele me morde em advertência e se afasta de repente.

— Vire-se Sereia.

Olho para os lados espantada. Ele mora em um condomínio elegante, e as casas não têm muros, de forma que qualquer vizinho enxerido pode nos ver agora.

— Está maluco? Não vai me bater na rua.

Seu sorriso é enorme e me faz rir também.

— Não vou te bater, sua safada. Quero pegá-la no colo, antes de entrarmos em nossa casa.

Dessa vez sou eu que abro um sorriso enorme.

— Amor, amo seu romantismo, mas nós dois sabemos que você jamais conseguiria me levantar do chão. Te faltam músculos e me sobram gorduras. Dê-me a mão e vamos entrar juntos.

Ele nega com a cabeça e se aproxima de mim.

— De jeito nenhum. É tradição. Você vai entrar em nossa casa carregada por mim.

— Matheus, não quero quebrar o nariz no dia da nossa lua de mel. Dê-me a mão e deixe de ser birrento.

Mas o teimoso tenta me levantar. Até que me divirto com suas tentativas frustradas, e quando me canso, advirto:

— Acho que está começando a suar, querido.

Ele se vira de costas para mim e abaixa-se na minha frente.

— Suba. Vai entrar no meu colo de um jeito ou de outro.

Sorrindo, passo as pernas por suas costas e ele me segura pelas coxas, e com muito custo, entra comigo empoleirada nele em nossa casa. Imediatamente após eu fechar a porta com os pés, ele me desliza por seu corpo e antes que meus dois

pés toquem o chão, estou em seus braços, e sua boca está na minha e sua ereção cutuca minha barriga e só quero ir para a nossa nova cama com ele. Mas nossa bolha erótica é estourada, por um arranhar de garganta.

Nos afastamos em um pulo com o susto, e quase desmaio ao ver o que há ali, na sala dele.

Marisa, Miguel, Amanda e uma velha que nunca vi na vida.

— Mas, que merda é essa? — pergunto fechando os olhos e esperando que a família Buscapé suma quando eu os abrir novamente.

Isso não acontece, é claro. Em menos de dois segundos, os braços de Amanda estão a minha volta e ela sussurra:

— Eu disse para ela que não seria uma boa ideia, mas a vovó insistiu.

— Isso foi mesmo uma péssima ideia — respondo a abraçando.

Marisa me abraça como se realmente me amasse e posso ver no rosto de Matheus que os Buscapé vieram sem avisar. Miguel me puxa para um abraço apertado em seus músculos e dá um tapa da minha bunda.

—E aí, gostosa já desistiu desse bichinha?

— Por falar em bichinha, cadê... — antes que eu possa completar, Amanda tapa minha boca, Marisa dá um grito e Matheus me belisca.

Acho que não posso falar sobre Marcus na frente da velha.

—Gilcelle, querida. Queremos que conheça Mariana, a mãe do meu falecido esposo, a senhora Amorim.

A velha me olha de cima abaixo com uma careta e olha para Matheus com uma careta pior ainda. Ele se ajoelha diante dela e beija sua mão, então ela a estende para mim. Todos me olham, mas se esperam que eu vá me ajoelhar e beijar essa mão que não sei de onde vem, vão sonhando. Toco sua mão e sacudo.

—E aí, vovó?

Todos parecem horrorizados. E ela puxa a mão da minha.

— Então, você é a famosa Gilcelle.

— Poxa, que legal! Eu sou famosa?

— Ah sim, toda a família fala de você.

— Que bom, devem ser bem gratos a mim por ter salvo a masculinidade do seu neto, não é mesmo?

Matheus me belisca de novo, e só quero matá-lo. Pra que assanhar minha bichinha se temos os Buscapé todos plantados na nossa sala?

A velha não responde, resmunga que está cansada e Matheus chama alguém que vai arrumar o quarto dela. Enquanto Marisa me diz toda feliz que resolveu fazer uma surpresa. Me estende uma xícara de café que ela acabou de passar e quando acho que tudo ficará bem, ela solta a bomba:

— Viemos morar com vocês. Acho importante que o Matheus tenha a família

por perto, para que não cometa mais nenhuma besteira com você.

Eu a encaro atônita. Quero chorar, jogar essa xícara para o alto e sair puxando os cabelos. Posso fazer isso?

— Mamãe tem medo de que você saia da família, cunhada — diz Miguel de maneira debochada.

— Então não deveria aparecer nessa casa sem avisar — retruco.

Ela sorri e bate em minhas costas.

— Ah, querida, como senti falta do seu senso de humor!

— Não estou sendo engraçada — tento argumentar, mas ela já está dando ordens às empregadas como se a casa fosse dela e eu não me casei para ter alguém dando ordens na minha casa.

Preciso dar um jeito nisso, já sei o que fazer, uma lista de regras. Minha casa. Minhas regras. Essa família maluca não perde por esperar.

Matheus

— Como é que você não me avisa que a mamãe pretendia trazer a vovó para cá? Que espécie de irmão é você? — ralho com Miguel.

— Irmão, elas estão planejando isso desde que vocês foram embora. Acho que mamãe está meio apaixonada por sua noiva. Ou isso, ou quer descobrir as festinhas de forró da capital.

Faço uma careta.

— Ela é minha mulher. Nos casamos hoje, e esta deveria ser a nossa noite de núpcias, seu bastardo. Suma com todos eles daqui.

Ele nega com cabeça.

— Não posso. Não há dinheiro no mundo que arraste dona Mariana de um lugar, quando ela quer ficar.

— Merda. Estão em que quarto?

Vovó escolheu o seu, mas sua mulher gentilmente a despachou para o quarto do primeiro andar. Aliás, ela arrumou quartos para todos nós aqui em baixo.

— Eu amo a minha mulher.

— Também amo sua mulher, mas sugiro que tomem cuidado. Vovó é muito ativa e curiosa. Você sabe.

E assim, com minha família instalada e vovó de cara virada para minha mulher, subo para meu quarto, para encontrá-la parada no meio dele, olhando para a cama.

— O que foi, meu amor?

— Não trouxe nada, nenhuma roupa. E não sei bem em que lado da cama devo dormir. Eu nem sei bem como é que fui me casar com você e encontrar toda sua família e uma velha extra na sala na nossa primeira noite! A família Buscapé não estava no pacote! — ela grita irritada.

— Amor, minha família está sempre no pacote, mas você os ama, e vai amar a vovó também. De qualquer forma, esta é a sua casa. Faça o que quiser, trate-as como achar que deve. Te dou carta branca.

Um sorriso assustador se insinua em seu rosto.

— Jura? Não chame a polícia para mim depois. Foi você quem deixou.

Ando até o closet e abro a porta.

— Venha aqui, Gilcelle. Quero que veja algo.

Ela caminha desconfiada e arregala os olhos ao entrar no closet.

— Caralho!

— Você quis dizer lindos, eu sei. São todos seus — afirmo.

— Eu sei, não achei que cada vestido desses, fosse para você. Quando

comprou tudo isso?

— Um pouco antes de viajarmos. Estou planejando ter você morando nessa casa há muito tempo. Você ainda vai se surpreender com cada coisa sua que vai encontrar aqui.

Ela me olha espantada, mas sorri.

—Matheus, você às vezes parece um personagem de livro. Eu amei tudo isso. Mas não quero que gaste mais do que deve comigo.

A puxo para meus braços e beijo seu pescoço.

— Vou começar a cumprir minha promessa agora. Diga-me o que quer eu faça para que fique feliz neste instante.

— Quero que suma sua família chata dessa casa. E que seu pau esteja em mim em no máximo cinco minutos.

— Você vai dar um jeito de sumir a minha família. Quanto ao seu segundo pedido, realizo com prazer.

Eu a empurro até a cama e acerto um tapa em sua bunda. Ela grita em surpresa e tapo sua boca com a mão.

— Sem gritos, ou terei que amordaçá-la.

Ela concorda com a cabeça.

— Tenho algo que gostaria de experimentar — diz tirando do bolso interno de seu sobretudo, um frasco preto, com o desenho de um morango bem vermelho na frente, só consigo ler algo terminado em shock, e imediatamente, sinto medo.

— O que é isso?

É impressão minha, ou ela parece nervosa?

— Quero te propor algo. Você não me bate e não me amordaça esta noite. Apenas passe isto em mim, e faça amor comigo. Garanto que a sensação será maravilhosa pra você também.

Não sou acostumado a tê-la pedindo as coisas tão gentilmente e confesso que isso me causa um certo receio, pego o frasco de sua mão para ler do que se trata, e então, sorrio. Um gel que causa a sensação de vibração. Isso pode ser interessante.

— Onde conseguiu isso, Sereia?

Ela dá de ombros.

— Você sabe que gosto dessas coisas.

Jogo o frasco preto sobre a cama e me aproximo lentamente dela.

— Então, hoje você quer fazer amor?

Por que continuo com a impressão que ela parece sem graça? Do que está com medo? Ela desvia os olhos dos meus, e está corando. Pego suas mãos. Acho que essa coisa de sempre dominá-la não está permitindo que eu a ame como deve ser amada na cama. Passeio meus dedos por seus braços, e espero que ela me olhe.

Quando seus olhos fixam nos meus, digo:

— Eu amo você a cada segundo do meu dia. Mesmo quando a amordaço, prendo suas mãos ou suas pernas. Amo quando você é agressiva e me arranha todo. Amo quando goza na minha boca. — A puxo para mim e rodeio seu corpo com meus braços, posso sentir seu coração acelerado e quero que permaneça exatamente assim. — Amarei ainda mais quando entrar em você, olhando em seus olhos e ouvi-la dizer que me ama.

Ela deita a cabeça em meu ombro e sorri.

— Não vou dizer. Você sabe que minhas declarações tem um preço.

A aperto ainda mais de encontro a mim, para que sinta a ereção que sua proximidade despertou.

— Seu bichinho de estimação preferido só vai trabalhar hoje se for muito amado.

Sua risada deliciosa só não é mais gostosa do que os beijos que ela deixa por meu pescoço. Até parar os lábios a centímetros dos meus.

— Não seja fofo agora, Matheus. Me joga nessa cama e faça amor comigo.

— Seu pedido é uma ordem. — A empurro na cama e tiro vagarosamente sua roupa. Não consigo fazer o mesmo com a minha, quase rasgo minha camisa na pressa.

Seus olhos não se desviam do meu corpo em nenhum momento, e quando estou totalmente nu, subo na cama por cima dela.

— Você não pode fazer barulho esta noite, meu amor. Quietinha, ok? — Ela assente e passeio meu rosto pelo seu, deixando beijos rápidos onde meus lábios alcançam. Então os desço por seu colo, alcanço seus seios, deixo apenas que minha língua os toque levemente, ela geme, mas desço a língua sentindo o sabor do resto de seu corpo. Posso ver cada pelo de seu belo corpo arrepiado com meu toque. Amo essa mulher.

Quando chego onde mais quero sentir seu sabor, me lembro do frasco negro. O abro e um cheiro de morango invade o quarto.

— Você pode pôr a boca nisso — ela diz sorrindo.

— Imaginei que pudesse.

— Está limpo, vê? Estava dentro do frasco.

A encaro atônito e ela tenta conter um sorriso.

— Está tirando uma com a minha cara quando estou fazendo amor com você?

— Vou considerar que está fazendo amor comigo, quando estiver dentro de mim. Até lá, estou tirando uma com a sua cara fresca.

Acerto um tapa em sua coxa e ela grita.

— Silêncio, Sereia. Você não quer a vovó batendo nessa porta em poucos minutos. A audição dela é melhor que a da mamãe, mas o coração não é tão forte

quando o dela.

— Deus me livre ter sua avó na nossa porta enquanto fazemos amor, e não tente jogar um problema de coração para me fazer ser boazinha com ela. Eu não sou boazinha. Se não quiser que ela tenha uma parada cardíaca, tire-a da nossa casa.

O gel gelado em meu dedo me dá uma ideia de como calar a boca dessa malcriada.

— Não é legal ser tão cruel, Gilcelle. Vou deixá-la mansinha esta noite. Amanhã você dará bom dia à vovó com um beijo em seu rosto.

— Boa sorte com isso.

Apago a luz, volto para a cama, e posiciono meu rosto entre suas pernas. Sei que ela espera o contato gelado do gel, mas primeiro, a ataco com a língua. Ela grita assim que a toco, e a belisco para que fique quieta. Passeio minha língua em seu clitóris bem devagar, com lambidas leves, ela move o quadril em direção a minha língua, mas não permito que tenha um contato mais forte com ela. Deposito beijos em suas coxas, tudo o que ouço é sua respiração pesada. Ainda beijando levemente sua coxa, pressiono o dedo com o gel em seu clitóris. Ela grita novamente e a mordo, em punição para que fique quieta. Então pressiono com mais força. Espalho aquilo por seu clitóris, ela morde os lábios para não gritar.

— Está sentindo a vibração? — pergunto e ela nega com a cabeça.

Passo ainda mais do gel e espalho, mordisco sua barriga, suas coxas, quero que ela sinta a vibração para então penetrá-la.

— Está sentindo agora? — Ela nega mais uma vez. — Acho que isso não funciona.

— Tudo bem, deixe isso para depois, quero você dentro de mim.

Mas insisto, pego bastante, talvez precise usar o frasco todo, e passo nela. Fico por ali, beijando suas coxas e provo o gel, realmente tem um gosto bom, levemente de morango. Por fim, não aguento mais, ela não mostra qualquer sinal de estar vibrando e meu pau já está doendo de vontade de se enterrar nela.

— Compramos um gel mais forte depois, amor — digo e a penetro.

Ela grita. Então olha para mim e tapa a boca com as mãos.

— Vou ficar quieta — diz entre os dedos — vai fundo!

Não é necessário que peça de novo. Deito meu corpo sobre o dela e ela tira as mãos da boca para puxar meu cabelo. Calo seus gemidos com a minha boca. Suas unhas passeiam por minhas costas e sei que sairei daqui ardendo e marcado, mas não me importo, cada vez que ela me arranha, eu meto mais fundo. Isso me excita mais, de uma maneira meio louca.

De repente ela grita, e mesmo com minha boca sobre a dela, não consigo

contê-la. Está gritando alto.

— Psiu! Amor, menos.

Mas ela grita ainda mais alto e começa a se mexer embaixo de mim, não entendo se quer que eu vá mais fundo, ou se quer se afastar. Mordo seus lábios e meto com mais pressa, e ela grita ainda mais. Tapo sua boca com a mão, ela morde meus dedos e lágrimas escorrem por seus olhos. Alguma coisa está errada. Paro de me mover e no momento em que tiro a mão de sua boca, ela grita:

— Tremeeeeendo. Está tudo tremeeeeendo. Socorro!

— O quê? — Saio de cima dela e ela começa a pular na cama, bate a mão no meio das pernas desesperada e se vira de bruços, pega o lençol e esfrega ali. — Gilcelle, por que está fazendo isso com a bichinha?

— Está tremendo! A porcaria do gel! Passou muito! Socorro!

Alguém começa a bater na porta e a minha mãe grita que eu a abra. Não sei o que fazer. Gilcelle grita se esfregando no lençol, mamãe grita que eu abra a porta, mas ela está nua se esfregando no lençol. Corro até a porta e grito para mamãe:

— Não posso abrir! Gil está nua! É um gel, que vibra, como faz parar?

Há um silêncio de repente do outro lado da porta, e só quando ouço a risada de Miguel, me dou conta que toda a família está ali e que acabei de expor minha mulher de uma maneira ridícula. Vão acabar com ela amanhã de manhã.

— Água, querido. Vá dar banho na bichinha da sua mulher. Boa sorte. Vamos, meninos, vamos dormir.

Por que caralho não pensei nisso sozinho? Corro até o banheiro e ligo as torneiras da banheira, então volto para perto dela.

— Venha, amor. Vamos tomar um banho que passa.

Ela se levanta com dificuldade e anda batendo a mão na bichinha, praticamente se joga na banheira. Ela passa a mão repetidas vezes, mas ainda chora e acho que não está adiantando. Entro na banheira com ela, pego o sabonete e a ajudo a tirar o gel. Aos poucos, ela parece aliviada, já não chora mais, e nem está dando pulos na banheira.

— Pronto? Melhorou?

Ela assente com a cabeça. Guardo o sabonete e ela me encara, de repente, temos uma crise de riso.

— Não vou sair do quarto amanhã — ela diz.

— Eles vão se lembrar disso em todas as festas de família. Agora, já que fez todo o escândalo, venha aqui, você ainda me deve um orgasmo.

Nada como estar de volta a V.D.A., tudo está uma bagunça, esses dois idiotas atrasaram tudo. Também, o que eu esperava tendo o Sebastian de licença e o

Cleber apaixonado como presidentes? Gilcelle não quis vir comigo, disse que viria depois, com um de meus carros, e imagino que esteja dando um jeito de se livrar da minha família. Eu os amo, mas isso de irem morar com a gente é demais até mesmo para eles. Espero que ela consiga.

A mesa vazia do lado de fora me lembra que preciso recuperar minha secretária. Deixo a bolsa sobre a mesa e vou até a sala de Cleber. Ali está ela, quietinha em sua mesa, colada a tela do notebook, concentrada em seu trabalho. Me aproximo e quando falo, ela dá um pulo na cadeira e fecha imediatamente a tela do notebook.

— Isso era o WhatsApp, Bah?

— Não senhor. Era uma planilha.

— Deixe-a em seu whats, homem. Ela trabalha mais feliz quando entra no grupo dos gogoboyes que participa logo pela manhã — diz Cleber me acertando um tapa.

— Aquilo não é um grupo de gogoboyes, são meus amigos — defende-se Bah.

— Sei. — Então ele se vira para mim com aquele sorriso de deboche. — Fico feliz que tenha sobrevivido à lua de mel. Onde dói?

— Na alma. Imagine você que toda a minha família está hospedada na minha casa. Toda não, o idiota do Marcus não está.

— Justo quem mais precisávamos. Mas não demorará a aparecer se sua família está lá.

— Ele tem que aparecer logo, antes que a Gilcelle os expulse.

— Por falar nela, onde está minha secretária linda?

— Estou bem, aqui — responde Bah sorrindo.

— Nada disso, você volta comigo e a Gil volta para o Cleber — decreto.

Barbara arregala os olhos e parece em pânico.

— Senhor Dantas. Eu juro que não limpo mais os óculos com sua gravata, juro que não como mais sua sobremesas, mas não me obrigue a voltar para ele. — Aponta o dedo para mim.

— Mas o que é isso? Você virou a casaca pra ele? Sua ingrata! Fui eu quem te deu emprego aqui! Volte agora mesmo para a sua mesa! — ralho.

— Senhor Amorim, agradeço sua ajuda, foi de grande valia, mas não sou obrigada a ter que esterilizar cada caneca, limpar sua mesa com álcool gel três vezes ao dia e usar luvas para tocar os seus papéis. Senhor Dantas, por favor, me mantenha com o senhor.

O sorriso de Cleber está ainda maior quando ele acaricia o cabelo dela.

— Claro, querida. Ela é minha, Matheus, você perdeu.

E assim, volto para minha sala derrotado, sem uma secretária e sem saber onde enfiar a Gilcelle quando ela aparecer. Não vai gostar nem um pouco de

saber que foi trocada pela dialeto gaúcho.

O que me parecem horas depois, a porta da minha sala abre e espero que minha mulher apareça, mas é Alzira quem me traz café em uma bandeja.

— Bom dia, senhor Amorim. Café com leite e creme, em sua caneca aquecida e esterilizada, como o senhor gosta.

— O que está fazendo aqui, Alzira? Achei que a tivesse demitido.

— Isso foi um equívoco, senhor. O senhor não me demitiu.

— Tenho absoluta certeza... — a porta abre e Gilcelle aparece. Ela encara Alzira que quase joga a bandeja sobre a mesa e sai correndo.

Gil anda a passos largos até minha mesa e espero que vá brigar por ter sido trocada pelo Cleber, ou por ter encontrado Alzira na sala comigo, mas sua reclamação é outra:

— Matheus Estúpido Amorim! Por que caralho tem seis milhões na minha conta? Você ficou maluco? Acha que vai ficar distribuindo dinheiro? Seu patrimônio é meu agora! Vamos lá, pra quem mais você deu dinheiro? Vamos pegar de volta.

Recosto a cabeça nas mãos e a observo segurando o riso.

— Amor, meu patrimônio é seu, certo? E o seu é meu — ressalto.

— Eu não tenho nada.

— Tem seis milhões na conta.

— Qual o sentido de tirar o dinheiro da sua conta e passar pra minha se continua sendo de nós dois?

Levanto-me e a abraço por trás, matando a saudade de seu cheiro delicioso.

— O sentido é que você não precisa me pedir nada. Pode usar seu cartão, do jeito que quiser, quando quiser. Claro que se quiser me pedir, estarei aqui para atendê-la. Mas se sentir-se mal com isso, este é o seu dinheiro.

Ela se vira de repente em meus braços e quando vou beijá-la, se afasta com um sorriso.

— Não pode me beijar aqui, é contra as regras da empresa.

— E quem foi que criou essas regras?

— Um idiota com mania de boas regras.

— Um tremendo idiota! Acho que vamos quebrar todas elas. — A puxo e beijo antes que ela possa correr, e ela sai da minha sala dez minutos depois sorrindo e descabelada.

Jogo-me em minha cadeira, acho que ela ainda não descobriu que foi trocada, então tenho mais alguns minutos de paz. Porém, essa paz acaba assim que abro a conta dela no notebook. Zerada. O extrato que ela esfregou na minha cara era de hoje de manhã, então...

A porta abre e ela entra furiosa.

— Estúpido! Eu gostei do seu gesto! Por que caralho mandou tirar o dinheiro da minha conta?

Passo as mãos pelos cabelos e me levanto.

— Amor, eu não mandei.

— Então, onde estão os seis milhões que estavam nela agora há pouco?

— Foram roubados.

Ela cai sentada na cadeira e tudo o que posso ouvir do que murmura em desespero, é a palavra *matar*.

Gilcelle

3 horas antes

Como é que eu vou dar as caras?

Estou sentada na cama enorme que agora também é minha, mirando a porta e amaldiçoando a Suzana e sua sabedoria em utensílios sexuais. Se não fosse por ela, toda a família do meu marido não estaria agora sentada naquela mesa de café da manhã, esperando ansiosamente que eu saia do quarto para rir da minha cara. Tenho certeza de que todos estarão tremendo ou com as vistas coladas no meio das minhas pernas para ver se há algum tremor aqui.

Um beijo estalado na minha testa me traz de volta a realidade e aquele par de olhos azuis, mais lindo do mundo, me fita com todo amor que um par de olhos azuis pode conter.

— Quer tomar café na rua comigo? Podemos sair pelos fundos, passamos em uma cafeteria e você não precisa enfrentá-los logo cedo — ele oferece.

— Não, não vou sair como um ladrão na surdina quando os donos da casa assaltada chegam mais cedo. Vá para o trabalho, você disse que eu poderia cuidar deles, quero fazer isso do meu jeito.

Ele arqueia apenas uma sobrancelha e parece com medo.

— Como você irá para a V.D.A. depois?

— Pego um de seus carros. E não faça essa cara, são meus carros agora.

Ele beija minha boca, pega sua pasta e se afasta, mas, para na porta e praticamente suplica ao me lembrar:

— A vovó é velha, bem velha, tem o coração fraco.

Cruzo os braços irritada e empino o queixo para ele.

— Por que está me falando isso?

— Só para que não se esqueça. Bom dia, meu amor.

É minha vez. Estou montada no salto, como diria Samarão, com meu macacão mais fino da linha de roupas finas que estão naquele closet obscuro lá em cima. E muito segura do meu papel na noite passada, mas principalmente, do meu papel nesta casa. A minha casa.

Cumprimento a todos com um sorriso, não grande demais, não precisam achar que estou feliz por estarem aqui, apenas para que saibam que não estou nem aí para seus julgamentos. Como eu previ, Miguel olha o meio das minhas pernas e as abro na cadeira.

— Quer tocar pra ver se está tremendo? — desafio e ele abaixa a cabeça, enquanto a velha arqueia e quase engasga com seus ovos mexidos. — Vamos

deixar uma coisa bem clara aqui! O que aconteceu na noite passada, provavelmente vai acontecer em quase todas as noites. Porque Matheus e eu somos casados. Nós transamos. Muito. E as coisas tendem a sair do controle quando fazemos isso. Na verdade, temos um azar danado quando se trata disso. Portanto, não quero ninguém no corredor de cima nas madrugadas. E não quero ninguém olhando minha bichinha no café da manhã. Fui clara?

Mandy e Miguel riem, Marisa parece meio desconsertada, mas assente. Apenas a velha me encara como se eu fosse um diabinho dançando Macarena na mesa.

— Não me olhe com essa cara, vovó. A senhora já foi casada e sabe o que é isso. Afinal de contas, os Buscapé vieram de algum lugar. Também quero tê-los, portanto, não atrapalhem. — Ao perceber o que acabei de falar, explico. — Quero ter filhos, não Buscapés, tomara que meus filhos não sejam loucos como vocês.

Assim, tomamos café em silêncio. No instante em que termina seus ovos frios mexidos, a velha Mariana tenta escapar, mas não permito.

— Espere, vovó. Há uma coisa que quero mostrar a vocês. Quando eu estava em sua casa, Marisa, havia uma lista de regras pregada em meu guarda-roupa. Era sua casa, suas regras. Eu juro que me esforcei para segui-las. Agora, vocês estão em minha casa, portanto, seguirão a minha lista de regras. Eu as preguei nos guarda-roupas de vocês. Devem segui-la à risca para garantirmos uma boa convivência. Caso não gostem de algo, sintam-se à vontade para sair porta afora. Agora sim, pode ir vovó, bom dia. A senhora sabe ler, não sabe?

A velha sai xingando mais palavrões do que eu seria capaz de xingar e vou feliz e contente para o meu trabalho. Vamos ver quando tempo os Buscapé sobreviverão à minha lista.

Hora atual

— Acalme-se querida, já chamei um especialista. Vamos descobrir quem fez isso e recuperar nosso dinheiro.

O mundo gira, a mesa do Matheus gira, o próprio Matheus gira. Não é possível. Sabe quando você tira um extrato, porque sua irmã anda fazendo saques na sua conta, e você está acostumada com alguns milzinhos ali, os que sobraram dos orgasmos que o Matheus não cobrou. E de repente, você é milionária, sua conta pula de casa e ele é o homem mais fofo e mais preocupado do mundo e você acha que seu dia será lindo e rico? Então, a égua da sua irmã vai lá e cata tudo. Tudo! Meu Deus! Como vou falar para esse homem lindo, que me deu sua fortuna de bom grado, que compartilhei a conta com a imbecil da

minha irmã, que deve estar de caso com algum padre salafrário que a convenceu a pegar tudo?

Alguém bate na porta e o alívio no rosto de Matheus me indica que é o tal especialista. Olho para a porta com súplica, mas quem aparece é Cleber. Sei que meus ombros murcham imediatamente, mas quero que esse homem chegue logo, para esclarecermos isso, e se Deus quiser, descobrirmos que a Antônia não tem nada a ver com esse sumiço.

Cleber senta-se de frente para mim, pega minhas mãos suadas e diz:

— Quem mais tem acesso a sua conta?

Eu o encaro aturdida, e olho para Matheus.

— Isso é brincadeira, não é? O seu especialista não pode ser o Cleber.

Ele se faz de ofendido e incha o peito antes de falar:

— Eu achei a sua irmã em um par de horas. Portanto, não duvide da minha capacidade. Vamos, quem mais tem acesso a sua conta?

Ok, não custa tentar.

— Antônia.

Ele e Matheus soltam mais palavrões do que a velha no café da manhã.

— Já sei como resolver isso — diz Cleber se levantando.

— Pode não ter sido ela! Você não pode simplesmente acusá-la — insisto.

— Não vou. Primeiro de tudo, abrirei uma conta nova para você, uma que apenas você terá acesso e não ouse passar essa senha nem mesmo para o seu marido.

— Vai achando. Eu vou abrir a conta da minha mulher, agradeço sua prontidão, mas eu sempre saberei a senha dela — defende-se Matheus.

Matheus sabe minha senha? Todo mundo sabe minha senha? Quando volto a mim, Cleber sumiu e estou no colo do meu marido, que beija meu cabelo e acaricia meu rosto tentando me acalmar.

— Acho que vou trabalhar. É melhor do que ficar pensando nisso. Me desculpa por não ter te contado sobre essa conta antes — digo de cabeça baixa.

Ele parece surpreso, mas logo sorri e me beija.

— Não tem que desculpar-se. Fique tranquila, darei um jeito em tudo.

Enfio minha cabeça em seu pescoço e ele me rodeia com os braços.

— Vai dar um jeito na minha burrice também? Como é que não cancelei o cartão que está com ela, assim que esse dinheiro caiu? Ela já havia feito saques na minha conta antes. Eu devia imaginar.

— Amor, ninguém imagina uma coisa dessas. Não fique assim, vamos dar um jeito.

Levanto-me para ir para a minha mesa, em frente a sala do Cleber, quando reparo que a mesa do Matheus está vazia.

— Onde está sua secretária nanica?

— Então, sobre isso. Ela não quer voltar para mim, quer ficar com o Cleber.

— E onde eu irei trabalhar?

— Amor, você não precisa...

— Que bom querido! — interrompo antes que ele estoure a bolha de amor que estou sentindo no momento, dizendo que devo ser uma louca e irreverente dona de casa. — Adorarei ser sua secretária.

Ele arregala os olhos e seu tique no olho ataca.

— Eu não... eu não disse... você não.

— Acalme-se amor, darei um jeito em tudo. Como gosta do café mesmo? No copo descartável?

Ele se segura para não brigar comigo por minha falta de paciência enquanto eu me seguro para não chamá-lo de gay por tantas frescuras. Assim passamos a tarde enquanto ele me explica como gosta de cada coisa, até que ele percebe que não serei a secretária que ele espera e desiste, transferindo boa parte dos afazeres para ele mesmo.

— Você deveria me contratar uma assistente — resmungo entrando em sua sala.

— Para dividir o serviço que você não tem? — retruca mal humorado.

— Sou a melhor secretária que você poderia ter.

Ele sorri com ironia. Aproximo-me dele e monto em seu colo.

— Sou a melhor secretária que você poderia ter. — Mordo seu pescoço e ele fecha os olhos — Discorda?

Sua boca toma a minha e ele sussurra em meus lábios que sou mesmo a melhor secretária de todos os tempos.

De repente um palavrão me faz sair de cima dele em um pulo e Cleber está parado ali com aquele sorriso safado.

— Parem de se agarrar e vamos, já sei como atrair Antônia até sua casa. Depois, caberá a você descobrir se esse dinheiro está com ela.

— Vamos! — grito correndo em direção a porta. — Coloque-a na minha frente, e eu me asseguro de arrancar tudo daquela vaca!

Se Antônia mexeu em um centavo que seja desse dinheiro, ela não perde por esperar.

Regras

Olá, você está na residência da Gilcelle Amorim. Leia e siga estas regras para garantirmos a boa convivência desta família. Críticas a minha lista, não serão aceitas. Se não concordar com algo, a porta da rua é serventia da casa, mas deixo que nos visite, às vezes, com hora marcada.

Casa da Gil. Regras da Gil.

- 1 - Proibido mais de um banho por dia
- 2 - Proibido usar roupas brancas
- 3 - Proibido usar sapato na sala de TV
- 4 - Proibido separar a comida no prato
- 5 - Proibido recusar a sobremesa
- 6 - Proibido mexer na arrumação da casa (Ex. Quadros, vasos e qualquer coisa aqui dentro devem permanecer no lugar e na posição em que estiverem)
- 7 - Só é permitido bebidas em copos descartáveis (questão de higiene, vocês entendem)
- 8 - Permitido colocar o pé no sofá
- 9 - Lavar as mãos antes de cada refeição e depois de usar o banheiro, nada mais do que isso.
- 10 - Vale a lei dos 5 segundos, se algo cair no chão tem que comer, não pode jogar fora (Nada de desperdício)
- 11 - Não pode lavar louça a noite
- 12 - Pode beijar a vontade dentro desta casa, sem restrições (isso vale para a borboleta também)
- 13 - É permitido sentar na tampa do vaso
- 14 - Ginger tem preferência no banheiro e nas refeições (ela é a bebê da casa)
- 15 - Pode falar palavrão à vontade
- 16 - O cardápio será escolhido apenas por mim (Gil, dona da casa)

Capítulo 15

Matheus

Ela se deita em meu ombro e Cleber me olha pelo retrovisor. Apenas assinto para ele. Eu vou contar. Só preciso achar a melhor maneira de fazer isto. Desde que voltamos à capital, muitas coisas têm acontecido e ainda não tive uma boa oportunidade após o nosso casamento no civil, de falar sobre nosso casamento na igreja. Sim, ela ficará furiosa quando descobrir, mas sinto que se ela souber antes, a data e o local, algo a impedirá de aparecer, então me deixe com minha covardia por enquanto.

Cleber fica para jantar em nossa casa, pois quer esperar que nossos ladrões apareçam, e vejo a careta que a Gil faz cada vez que ele se refere a irmã dela como ladra. Mas infelizmente, tem dedo nela no sumiço deste dinheiro. E com certeza, da merda do meu irmão também. Ela me abraça e caminhamos na mais absoluta paz, até entramos em casa.

Se alguém da minha família morresse e resolvêssemos velar seu corpo em minha sala, acho que a cena seria exatamente a que estou vendo. Com exceção de Amanda, que está descalça, com os pés em cima do sofá e um fone enorme no ouvido, cantarolando. Mal piso na sala, mamãe e vovó vêm para cima de mim como duas loucas, e não consigo entender nada do que falam. Por fim, Gil assovia fazendo as duas se calarem e me diz como se não fosse nada demais.

— Lembra a lista de regras que sua mãe nos fez seguir na casa dela? Pois é, elaborei uma parecida para que elas sigam na minha casa. Não é nada demais, mas tire o sapato ao pisar na sala. — Ela me lança um beijo e vai para a cozinha.

— Isto não é uma lista de regras, isto é um absurdo! Vai contra toda a tradição da nossa família! — reclama mamãe me estendendo um papel.

Passo a vista pela lista realmente absurda da minha mulher e me seguro para não ter um ataque de riso.

— Bom, mamãe. A casa é dela. E de qualquer forma, se formos analisar, a sua lista também ia contra todos os princípios dela e não fazia sentido, e mesmo assim ela a seguiu. Não custa tentarmos deixar minha esposa satisfeita, não é mesmo?

As duas parecem que vão me fuzilar, mamãe tira a lista da minha mão, cruza os braços e diz irritada:

— Quer satisfazer sua mulher? Ótimo! Tire o sapato para pisar na sala, está na lista dela, nada de sapatos na sala. E pode ir tirando esta camisa que está usando. Ela também proibiu roupas brancas.

Sim, a lista da minha Sereia é absurda e não dou dois dias para que minha

família se mande daqui.

Ela sai cantarolando do banho e a observo passar seus cremes, sorridente.

— Amo este creme — diz observando um de seus cremes preferidos que fiz questão de estocar aqui para ela. — Mas é muito difícil achar por aqui. Como o conseguiu?

— A Bah me ajudou com algumas coisas. Foi antes de viajarmos.

Seu sorriso aumenta e ela monta em meu colo, deixando o creme esquecido em cima da penteadeira. O cheiro dele, misturado ao aroma de sua pele formam uma combinação deliciosa. Cheiro seu pescoço e ela me abraça.

— Acho incrível a forma como preparou tudo antes mesmo de eu dizer sim.

— Amor, estou planejando tê-la na minha vida desde o primeiro instante em que pus os olhos em você.

— Eu amo tanto você. Por mais maluca que eu seja, e por menos que demonstre, não duvide disso.

Sorrio, acaricio seu rosto e me sinto um bobo. É tão difícil conseguir que ela fique assim, tão dócil, tão aberta sobre seus sentimentos.

— Achei que ficaria bravo pela lista de regras — confessa.

— Aquilo é mesmo um absurdo. Mas eu dei carta branca para que você os expulse do seu jeito. Fico feliz que não tenha utilizado uma arma de fogo.

Ela se levanta e volta para o creme, parece aliviada, e sei que estou encrocado quando explica seus suspiros de alívio.

— Ah que bom que você me entende, porque o jantar hoje será feijoada. E não faça essa cara, há regras contra o desperdício e contra separar comida no prato, você vai comer como uma pessoa normal.

— Não vou comer pés e orelhas cabeludas de porcos. Ficou maluca?

— Sim, você vai. Se eu abrir uma exceção para você, os Buscapé reclamarão. Além do mais, me diga uma maneira mais eficaz de tirar visitas indesejadas da sua casa do que fazendo-as passar fome.

Olho para aquela panela fumegante com enormes orelhas cabeludas boiando e meu estômago embrulha. Nada contra a culinária tradicional de nosso país, mas tudo contra partes nojentas de porcos boiando no meu estômago.

— Eu comi algo na rua — justifico quando percebem que não comerei. — Cleber, será que pode vir comigo ao meu escritório? Precisamos trocar uma palavra.

— Um segundo, homem. — Ele enche seu prato de feijoada e me segue.

Logo, Miguel entra atrás. Parece meio verde e sei que o prato da noite o enjoou também.

— Sei que querem nos expulsar, irmãozinho, mas sua mulher está iniciando a terceira guerra mundial com a velha Mariana. Isso não vai acabar bem.

— Não se meta e sairá vivo. Temos um problema maior do que este. — Saco os relatórios das últimas duas semanas e mostro a Cleber. — Estes são os relatórios das obras do hotel de Madri das duas últimas semanas. Avalie e me diga o que há de errado.

Ele termina calmamente sua refeição, antes de pegar os papéis da minha mão.

— Caralho! De onde saiu este valor?

— Solicitei hoje mesmo as notas fiscais e autorizações de gastos ao engenheiro, algo está errado.

— Algo está muito errado, se isto estiver certo, a V.D.A. vai falir em uma semana. — Ele me encara e sorrimos, os gastos são exagerados, mas não é para tanto.

— Estou te mostrando, porque essa é sua parte, portanto pare de agir como um estúpido apaixonado e preste mais atenção no seu serviço — alerta.

— Farei isso, amigo. E você, pare de agir como um estúpido covarde e conte a sua mulher sobre o casamento de vocês. Não é possível que em dez anos não tenha aprendido que ser covarde sempre dá merda.

— Farei isso, amigo. Esta noite.

Quando Miguel disse que a guerra se iniciaria em minha casa, não estava brincando. Ao invés de irem embora, como Gil queria, mamãe e vovó, principalmente a vovó, resolveram peitá-la. Estamos todos assistindo ao jornal na sala, e se não bastasse Ginger empoleirada na poltrona principal bem de frente para a TV, quando vovó deixa sua torrada cair no sofá, Gilcelle logo se levanta. Vovó a pega e prepara-se para jogá-la fora, mas Gil grita:

— Sem desperdício, vovó. Coma.

Minha avó a encara, esperando que ela diga ser uma brincadeira. Eu a encaro, esperando a mesma coisa, pois sei que esta lista é para expulsá-los, mas ela não precisa segui-la tão à risca. Não precisamos de nenhum extremo.

— Não estou brincando — ela informa.

— Não colocarei na boca algo que contém germes de nádegas de outras pessoas.

Gil revira os olhos com uma careta.

— Os únicos germes aí são dos peidos que a senhora soltou neste sofá, acha que não ouço?

Vovó parece prestes a ter um treco, e mais do que depressa, arrasto minha mulher escada acima pelo braço. Ainda acabarei com problemas nas pálpebras se ela continuar me fazendo ter estes tiques diários.

— Gilcelle! Estou usando uma blusa rosa, andando descalço por um tapete imundo e morrendo de fome, tudo isto para não tirar sua autoridade nesta casa, mas fazer a minha avó, uma senhora de idade, comer algo que caiu no sofá é

maldade!

— Muitas pessoas dariam tudo para ter uma torrada de sofá para comer — justifica-se.

— Amor, se quer fazer uma boa ação, eu te passo a lista de cada causa e Instituição que a V.D.A. ajuda e você pode doar e ajudar também, mas, por favor, tente não matar a minha avó do coração.

— Ok.

Esta é minha chance, ela está mansinha para que eu não brigue por conta desta lista absurda, não haverá momento melhor de iniciar isto.

— Sabe uma coisa engraçada que aconteceu hoje? — começo. — Imagine você, que encontrei um amigo da faculdade e ele está de casamento marcado.

Ela começa a tirar a roupa e vai logo avisando:

— E o convidou para ser padrinho de olho no presente, certo? Eu vou comprar o presente, você não vai gastar uma fortuna com alguém que sequer manteve contato.

— Não é isso. Imagine você, que ele organizou este casamento surpresa para sua noiva. Ela não sabe.

Ela para de tirar a roupa e me encara de repente.

— Como assim? Está dizendo que estão de casamento marcado na igreja e a noiva não sabe?

Quando confirmo ela sorri.

— Uau! Este sabe ser burro! Vai perder a noiva antes mesmo de se casar com ela.

— Você achou a ideia dele tão ruim assim? Achei meio... romântica. — Tento fazê-la ver as coisas por outra perspectiva.

— Amor, acredite. Não é nada romântico você descobrir que vai se casar no dia do seu casamento. Tipo, a graça é ficar noiva, escolher convites, fotógrafo, buffet, vestido. Como ela vai escolher o vestido se não souber? Com que roupa ele acha que ela vai se casar? Mesmo porque, um casamento é uma coisa tão de duas pessoas, que é idiotice e egoísmo que ele planeje tudo sozinho. Está privando os melhores momentos dela com isto.

Merda. Caralho. Estou fodido.

Saio do quarto com o rabo entre as pernas e vou atrás da mamãe. Ela me disse que deveria contar tudo a ela, então tomara que tenha uma boa ideia para me ajudar nessa. Explico a situação e ela coloca as mãos no rosto, chocada.

— Filho, me diga que está brincando e não cometeu tamanha burrice. Pelo amor de Deus, Matheus, você é mais inteligente do que isso.

— Não deu tempo de avisar, o que faço agora?

— Cancele! Adie! Faça qualquer coisa, mas não a leve para a igreja para

descobrir lá que é o casamento dela.

— E se ela receber o convite amanhã?

— Ficou maluco? O casamento está marcado para daqui a dez dias. Ela não conseguirá nem mesmo encontrar um vestido neste prazo. Vai matá-lo afogado no vaso se descobrir isso assim. Adie este casamento.

Sento-me de frente para ela e seguro suas mãos.

— Não posso. Vai me achar maluco, mas não posso fazer isto. É minha única chance.

— Filho, isto não é uma chance. Vocês já estão casados no civil, para que este desespero? Cancele esta data, a peça em casamento decentemente e deixe que ela marque e organize tudo.

— Mamãe, ela não é uma mulher organizada. Se eu deixar em suas mãos é capaz que ela se case usando um vestido vermelho ao som do Mc Gui.

— Melhor isto do que perdê-la de novo.

Mamãe não entende, então, tento minha melhor amiga.

— Alô, Suzana, como está, querida? Sim, o Cleber ainda está aqui, mas preciso da sua ajuda. Não sei se o Cleber comentou com você, mas meu casamento na igreja é em dez dias e vai ser uma surpresa para a Gilcelle.

— Ah Matheus, merda. Ele comentou e não levei a sério porque pensei que você não seria tão burro. Isto não vai funcionar, você viu a reação dela com o casamento no civil, se descobrir que vão se casar na porta da igreja, sairá de lá viúva.

— Então, o que eu faço?

— Cancele este casamento e marque outra data. A peça em casamento e deixe que ela planeje tudo.

— Mas será que vocês só sabem dizer isto?

De repente há um resmungo do outro lado da linha, um resmungo de um bebê e a voz de Celina preenche meus ouvidos.

— Olá, meu novo estúpido preferido. Primeiro de tudo, se você tivesse aceitado e seguido meus conselhos, jamais marcaria um casamento sem que a noiva soubesse. Isso é o cúmulo da burrice e do desespero, até mesmo para você.

— Ela me disse hoje mesmo que acha incrível a forma como planejei tudo para tê-la em minha vida.

— Acredite, ela não estava se referindo a um casamento na igreja. Mulheres gostam de planejar essas coisas. Mas, já que já cometeu a burrada, penso que ela se chateará também se descobrir que você marcou a data e desistiu. E já que já deu com a língua nos dentes e contou aos outros, não pode cancelar.

— Deu com a língua nos dentes? Você anda lendo esses romances de faroeste do Sebastian?

— Ah sim, eles contêm umas partes bem interessantes.

— Interessantes? O que podem conter de interessantes? Cavalos?

— Sim, nos dois sentidos. Mas vamos nos focar no seu casamento. Se você contar a ela, ela não irá, isto é fato. E se levá-la até lá para só então descobrir, ela sequer vai entrar na igreja.

— Então, o que eu faço?

— Não sei. Não mandei ser idiota a este ponto, agora se vire, querido. Mas não desmarque a data!

Maldita bruxa e seus conselhos inúteis.

— Mas — ela continua. — Talvez ela tenha uma melhor amiga que ficará os próximos nove dias dizendo a ela como é romântico este tipo de casamento surpresa e fazendo com ela que ela veja as coisas do casamento, sem saber que estamos falando do próprio dela.

— Celina, eu te amo. Juro que se ela disser sim naquele altar, nunca mais eu *trollo* seu marido.

— Ah não, não quero promessas tão bobas, quando ela disser sim, graças a mim, quero que se comprometa a ficar com a Nath todos os finais de semana em que eu e o Sebastian quisermos dar umas voltas.

— Eu deveria imaginar que você pediria a minha alma. Fechado. Leve a maluca da minha mulher para o nosso casamento e eu adoto a sua filha.

— É por coisas assim que você é meu estúpido preferido.

Cleber entra no meu escritório para receber algum fax e encerro a ligação menos desesperado. Celina sabe ser persuasiva. E gosta de bancar o cupido. Ela não contará a Gilcelle e ainda a convencerá de que este foi um gesto lindo da minha parte. Nada como ter a Celina Morelli como amiga.

Deixo Cleber com seus fax no escritório e vou à procura de Gilcelle, quando a vejo empoleirada em alguém. É Antônio. Está parada na sala, uma mala ao lado, parecendo meio fora do lugar.

— Olá, Antônio, que bom vê-la. Onde está o...

Não preciso terminar a pergunta, pois ele aparece. Com uma mala enorme nas mãos, sorrindo como só alguém que acabou de roubar seis milhões poderia sorrir.

— Boa noite, Matheus — diz.

— Boa noite, Marcus. Acho que precisamos conversar.

Ele assente e um Cleber meio pálido me arrasta para longe de onde minha avó abraça Marcus.

— Não sei como isto aconteceu, Matheus. Mas o engenheiro me enviou por fax as notas e autorizações dos gastos e todas elas, sem exceção, estão assinadas por você.

— O que?

Puxo os papéis de suas mãos e é minha letra ali, em valores absurdos que com certeza não foram gastos apenas nas obras.

— Quer me explicar por que caralho autorizou isto?

— Cleber, não seja idiota, é claro que eu não autorizei isto.

— Então, como é que sua assinatura foi parar aí?

Meu Deus, quantos capítulos faltam para o final mesmo? Não é possível que eu tenha caído em um golpe.

— Eu não faço a menor ideia — admito.

Este será o final de livro mais conturbado da história.

Gilcelle

— Mas que caralho está fazendo aqui? — pergunto atônita encarando Marcus. A careta de Antônia me faz começar imediatamente uma canção de negação na minha mente. Não é possível. Não pode ser. Isto não aconteceu...

— Ele está comigo, Gil. Marcus é o meu namorado.

Minha nossa senhora das mulheres ímãs de gays. Desse jeito minha irmã vai morrer virgem. Não tenho tempo de arrastá-la para um lugar reservado, para contar que seu bofe é uma borboleta, porque a velha, Mariana, a abraça e inexplicavelmente puxa muito saco dela. Cruzo os braços e a observo perguntar a vida toda de Antônia. Coisa que não fez comigo.

Fico mais de meia hora tentando arrastar Antônia da sala, onde todos querem conhecê-la, Marisa parece tão emocionada, que acho que vai chorar a qualquer momento, e mais uma vez serei eu a acabar com esta felicidade toda, mas não permitirei que minha irmã seja enganada por um comedor de rabo de novo. Quando finalmente consigo aproximar-me dela, a arrasto imediatamente para o andar de cima.

— Antônia, onde diabos você estava? Por que fugiu do convento? Por que não me deu nenhuma notícia?

— Oras, se foi você mesma quem me convenceu que aquele não era o meu lugar.

Abaixo a cabeça e respiro fundo, preciso começar do começo.

— Onde conheceu Marcus? Desde quando estão juntos?

— Ele me procurou pouco depois do Matheus, para ajudar-me a mando dele. Ele é lindo, educado e nos apaixonamos.

— Depois do Matheus? Para que o Matheus te procurou? — Ela abre a boca para explicar, mas não permito, preciso contar. — Olha, é impossível que tenham se apaixonado. A semana que passei na casa da família Amorim, acabou quando eu consegui provar para a família que o Marcus é gay.

Ela arregala os olhos, põe a mão no coração e parece indignada.

— Ele me disse que teve problemas com você e sua agressividade, e que poderia inventar algo do tipo. Mas achei que ficaria feliz por mim e não seria capaz. Eu não devia ter insistido para vim vê-la.

— Não estou inventando. Pode perguntar ao Matheus, e se acha que ele vai puxar sardinha para o meu lado, pergunte ao Miguel ou a Amanda, qualquer Buscapé pode confirmar o que estou dizendo.

— Chega, Gilcelle, ele não é gay. Espero que Deus tenha misericórdia da sua alma e tire de você toda essa inveja.

— inveja? Olhe minha mão, querida. Estou casada com o Matheus, jamais teria inveja de uma borboleta. Não estou mentindo, ok, vamos direto ao ponto. Quantas vezes ele comeu sua bichinha?

Ela parece ainda mais horrorizada.

— Vamos nos casar primeiro.

— Claro que vão. É essa desculpa que ele usa para não tocá-la?

— Não é uma desculpa. Ele me tirou de um convento há poucos dias, não sou você que vai abrindo as pernas para qualquer Amorim.

— Isso não foi legal da sua parte. Tudo bem, deixemos o assunto borboleta para depois. Agora, quero que me diga onde estava e quem mais teve acesso a minha conta além de você.

Ela abaixa a cabeça e meu coração para. Vai dizer que roubou meu dinheiro e terei que matá-la. Ah meu Deus, que final mais triste eu terei.

— Não posso dizer onde estava, não é um segredo meu. E não sei nada sobre sua conta. Desde aquele dinheiro que me deu há algumas semanas, não mexi em mais nada.

O que? Como não? Então, quem foi?

— Tem certeza? Porque sumiram seis milhões da minha conta hoje, Antônia, fora isso, vários saques foram feitos nos últimos dias e a única pessoa além de mim que tem acesso a minha conta é você.

— Além de tudo está me acusando de ladra? Não mexi na sua conta e me faça um favor. Não fale comigo até que queira me pedir desculpas. Passar bem! — Ela bate a porta ao sair e não estou entendendo mais nada.

A semana passa e os Buscapé não foram embora ainda, mas estão perto, pois Marisa resmungou que está emagrecendo por conta dos cardápios nojentos que escolho. Respondi que dizer que comida é nojenta é pecado e todos riram, menos ela. Além dessa bosta com Antônia, que não me deixa aproximar, cada vez que tento, ela pergunta se já vou pedir desculpas e quando começo a me irritar, me manda ir passear, algo está acontecendo na V.D.A.. Matheus, Sebastian e Cleber andam bem estranhos. No começo, faziam reuniões às escondidas, mas atualmente, trancam a sala e me deixam para fora mesmo. E nem consigo questionar Matheus sobre isto, porque o idiota está chegando muito tarde e saindo muito cedo, e só não vou ter uma crise de mulher traída, porque sempre que ligo para ele nas madrugadas, Sebastian está ao seu lado. E ele tem a Celina como namorada, jamais a traição, seria quase um suicídio. Logo, não estão fazendo nada demais.

Matheus está trancado no escritório com Miguel e Cleber há horas, então, só me resta uma coisa a fazer: resolver a questão do “amor” entre minha irmã e meu cunhado *purpurinado*. Para isso, só preciso de uma mãozinha, aliás, uma

mãozona: Miguel.

Sorrio para ele, que larga a colher de sorvete que tomava e me encara receoso.

— O que você quer?

Nem reclamo por sua desconfiança desnecessária, e vou logo pedindo:

— Seu irmão biba está fazendo a minha irmã, irmã de biba, de boba.

— Isso soou engraçado — ele diz rindo.

— Miguel, isso não tem graça! Preciso que me ajude. Marcus é bonito, mas você é bem mais. Só preciso que mostre qualquer tipo de interesse por minha irmã e ela vai trocar rapidinho o Marcus por você.

Ele olha para trás e observa Antônio atentamente.

— Sem sal. Lembre-se que só estou fazendo isto por você. E você me deverá uma.

— Ok, mas vá logo.

Ando de um lado para o outro no quarto, até que ele aparece. Está vermelho, irritado e andando meio encurvado.

— O que houve?

— Essa maluquice é de família? — grita irritado. — Dei um tapa na bunda da sua irmã e a chamei de gostosa, e ela me acertou as bolas berrando que eu ficasse longe de seu rabo. Qual é o problema de vocês?

Sei que não devia, Miguel é minha única saída, mas não resisto, tenho uma crise de riso.

— Desculpe-me, cunhado, me esqueci de avisá-lo. Antônio tem o rabo escaldado. Quando for tentar se aproximar de novo...

— Não vou me aproximar de novo, não há favor no mundo que valha minhas bolas. Arrume outro para aguentar as loucuras das Lopes. Adeus.

Merda. Estou ferrada.

O café da manhã é uma merda. Matheus não estava quando acordei, havia apenas um bilhete avisando que precisou sair mais cedo. E odeio acordar sem ele na cama. Sim, ainda não superei isso. Ainda há o fato de ter que aguentar Marcus me olhando de cima, como se fosse mais do que eu, e ainda não descobri o que esse idiota aprontou, mas assim que descobrir, darei uma rasteira enorme nele. E se não bastasse, a velha agora ama Antônio. Passei todo o café da manhã ouvindo frases do tipo “Você sim é uma boa menina”, “Pelo menos o Marcus sabe escolher”. Então, tive que devolver com frases do tipo “Não separe o bacon dos ovos, vovó” e “Gostou do chá? Tinha um fio de cabelo vermelho nele, mas eu tirei e ficou uma delícia”. Sou um pouco vingativa.

Encontro Celina, Nathalia e Suzana em um restaurante na hora do almoço. Estou chateada, disse ao Matheus que Antônio não teve nada a ver com o sumiço do meu dinheiro, e tudo o que ele fez foi me mandar solicitar um extrato

detalhado no banco. Estão andando os três estúpidos tão nervosos, que estou com uma pulga bem gorda atrás da orelha. Assim que as vejo, vou logo soltando:

— Está acontecendo alguma merda na V.D.A.. Os três estúpidos não saíram da sala de reuniões nos últimos dois dias.

— Cleber tem chegado em casa muito estranho, ontem mesmo, passou a noite mexendo em papéis e murmurando maldições — diz Suzana me estendendo Nath.

— Aqueles idiotas estão nos deixando de fora. Mas não se preocupe. Vou descobrir o que eles aprontaram — garante Celina.

Almoçamos e então, Celina me arrasta para uma loja de vestidos de noiva. Ela tem me feito almoçar com ela todas as tardes, e depois me leva para algo relacionado a casamento. No primeiro dia, desconfiei que fosse pegar o Sebastian pelo laço, mas ela ainda tem pavor a se casar, então não posso imaginar por que está pedindo minha opinião para convites, buffet e agora, vestidos.

— Gil, se o Matheus fosse idiota a ponto de marcar seu casamento na igreja sem avisá-la, que vestido você escolheria?

— Que tipo de pergunta é esta?

Ela dá de ombros e quase tenho um treco.

— Ah não. Não me diga que aquele idiota...

— Não estou dizendo nada — ela diz imediatamente. — Mas, me faça um favor e escolha um vestido.

Entro na loja entre vestidos brancos e véus brancos o que me lembra dos Amorim, o que já começa a me dar gasturas.

— Posso te garantir duas coisas, Celina. Se o Matheus fez algo sequer parecido, não tem a menor chance de eu entrar na igreja. E caso eu entre um dia, porque ele marcou a data e me avisou com um ano ao menos de antecedência, eu jamais me casaria de branco.

Ela encara Suzana, que faz uma careta, e as duas dizem juntas:

— Merda.

É, eu acho que vou matar meu marido.

Quando volto à V.D.A. eles ainda estão enfiados na sala de reuniões. Entro sem bater e os quatro se calam imediatamente. Não, você não leu errado, os quatro. Aponto para Miguel, irritada.

— O que é que ele está fazendo aqui, e por que tem direito a participar desta reunião secreta e eu não?

— Cunhada, estou tentando conseguir uma vaga aqui, você me deve uma, portanto fique quietinha.

Matheus levanta-se e me abraça. Apertado. Posso sentir que está tenso.

— Vamos conversar em casa, meu amor. Vou contar tudo o que está acontecendo.

Vejo pelo canto do olho as caras de bosta de Sebastian e Cleber para meu marido, afasto-me dele e vou logo avisando:

— Vocês dois, idiotas. O que quer que esteja acontecendo, caso estejam colocando a culpa no meu marido, eu mato vocês.

Matheus sorri e me abraça de novo, ainda mais forte.

— Não estamos colocando a culpa em ninguém, criatura. Vá fingir que trabalha e nos deixe resolver isso — diz Sebastian.

— Vocês sabem que só vão resolver o que quer que esteja acontecendo, quando chamarem Celina e eu para esta reunião.

— Desta vez, bebê, nem mesmo vocês duas poderiam ajudar — diz Cleber com um semblante meio triste.

Mas que merda está acontecendo?

— Bom, só queria saber se estava bem, Matheus, e se comeu alguma coisa. Ah, e não sei se faz diferença, mas hoje me lembrei de tirar o extrato no banco, e todos os saques na minha conta foram feitos em Madri.

De repente, quatro homens estão em cima de mim me puxando para todos os lados, pedindo para ver os extratos. Quando os mostro a eles, Matheus me beija, Cleber bate palmas, Sebastian e Miguel fazem uma dança estranha e fico ainda mais perdida do que estava quando entrei aqui.

— Amor — Matheus diz segurando meu rosto, parece realmente emocionado com alguma coisa. — Deveria ter te contado tudo bem antes. Você é a melhor secretária e esposa do mundo! — Então me beija de novo, de um jeito atípico dele na presença de outras pessoas, ainda mais, dentro da empresa.

Quando estou sem ar, ele me coloca porta afora com um tapa na bunda.

Ok, fui dispensada, logo, posso ir para casa, certo?

Há uma cabeça branca rondando a entrada da minha casa, e não é da velha chata. Aproximo-me na ponta dos pés e grito:

-Há!

O velho dá um pulo desajeitado e me olha com a mão no peito.

— O que o senhor quer aqui? Tem vindo aqui observar minha casa nos últimos três dias que eu vi.

Ele parece sem graça, mas admite.

— Há uns dias vi uma mulher entrando aí. Ela é alta, esbelta e tem os cabelos grisalhos.

— O senhor é casado? — pergunto logo.

— Viúvo.

— Ótimo, acaba de ser convidado para jantar conosco. — Arrasto o vizinho

de Matheus para dentro de casa. Serei agora, a neta preferida da velha Mariana.

Enquanto Matheus não chega para me contar que merda está acontecendo na V.D.A., preciso dar um jeito em outro problema: Antônia. Estou a semana toda tentando fazer com que ela entenda que não estou mentindo. Como não adiantaria ficar repetindo em sua cabeça que as colônias do namorado dela são femininas, resolvi mostrar de outra forma.

Sei que estão todos na sala, após o jantar, menos o Matheus que ainda não chegou, então, carinhosamente, jogo Ginger no colo de Marcus. Em menos de dois segundos ele está gritando e sambando pela sala, e vai correndo lavar-se. Antônia me encara com uma careta, mas ainda não está convencida. Entro escondido no banheiro onde ele toma banho e deixo minha loção Victoria's Secrets à vista. Sei que ele irá usá-la. Assim que ele desce, cheiro o ar e comento:

— Não sabia que também tinha uma loção da Vic's, Marcus.

— Não tenho. A encontrei no banheiro, não havia conseguido achar desta. — Ele se cala ao perceber que falou demais e enquanto Marisa nega com a cabeça em desolação, Antônia arregala os olhos e mais uma vez, fecha a cara para mim.

Preciso pegar mais pesado. Ligo para Celina, e é ela, minha amiga diva, que tem a melhor ideia de todas.

Todos estão na sala, alisando as barrigas cheias de buchada e fingindo que não gostaram, quando a campainha toca. Não me movo, e não tiro os olhos da entrada da sala, e então, ela aparece. Em seus dois metros e seu salto de três, minha mais nova melhor amiga (você perdeu de novo leitora, por não me ajudar com a Antônia).

— Samarão? O que faz aqui? — Marcus pergunta espantado.

— Oras, olá, Marcus. Há quanto tempo não nos vemos. Que bom te reencontrar.

Ela aproxima-se dele e o abraça e a família toda o está observando atentamente.

— Olha, não sabia que a conhecia, Marcus. Estou me perguntando de onde será que você pode conhecer a Samarão? — digo.

Ele gagueja, e Samarão, como sempre, fala primeiro.

— Ele frequenta a boate onde trabalho, toda vez que está na cidade. Celina disse que o Cleber estaria aqui, Gil, onde está meu gostosão?

Bem quando acho que irei levar uma surra de um traveco, Matheus chega acompanhado de Sebastian, e para deleite da minha amiga, Cleber. Assim que bota os olhos nele, Samarão sorri e Cleber sai correndo, mas claro que ela corre atrás.

— Boa sorte, Cleber! — grito.

Há um silêncio constrangedor para Marcus no ambiente, e é uma questão de tempo para que minha irmã aceite que seu namorado queima a rosca.

Matheus sobe as escadas corrigindo os quadros e eu vou atrás entortando-os de novo. Entramos no quarto em silêncio e ele parece realmente exausto.

— Vai me dizer agora o que está acontecendo?

— Sim, mas preciso que confie em mim, Sereia, mesmo que tudo aponte para o contrário, você sabe que nunca faria nada de ruim aos meus amigos, ou a V.D.A..

— Você está me assustando. Fale logo.

Ele me senta de frente para ele e solta a bomba da vez.

— Uma quantia muito alta de dinheiro foi desviada das verbas das obras do hotel de Madri. Foram autorizados saques enormes, e a V.D.A. não tem de onde cobrir esses saques. Solicitamos ao engenheiro as notas e todas elas estavam assinadas por mim. Mas não fui eu, não desviei dinheiro da empresa.

— Foi o Marcus, não foi? Filho de uma puta!

— Sim, graças a você descobrimos isso. Saques feitos em sua conta em Madri, se seu cartão estava com a Antônia e ela estava com o Marcus, só pode ter sido ele. Mas, para provarmos, precisaremos de Antônia, precisaremos que ela conte a verdade.

Eu pulo em cima dele e caímos juntos na cama.

— Podemos dar um jeito nisso, por que não me disse nada? Você não tinha que aguentar isso sozinho, devia ter me dito. Aqueles dois babacas desconfiaram de você?

— Era meio difícil não desconfiar. Era a minha assinatura ali. Mas não, não me acusaram em momento algum, embora eu visse a dúvida em seus olhares de vez em quando. Não os culpo, é uma merda de situação.

— Se provarmos que Marcus falsificou sua assinatura, será possível devolver o dinheiro que foi desviado?

— Sim, se o localizarmos. Já mandamos averiguar todas as contas em nome do Marcus e da Antônia, e apenas os seus milhões foram encontrados numa conta em nome dela. As contas do Marcus, todas elas, estão zeradas.

Onde será que esse imbecil enfiou tanto dinheiro?

— Vá falar com a Antônia, Matheus. Ela vai ajudar.

— Eu vou, só estou esperando que Cleber retorne. Tomara que ele retorne.

Não quero estar por perto quando provarem para Antônia o salafrário que a borboleta é. Por isso, fico dando voltas pelo corredor, perto da porta do escritório dele, para que se ela precisar de mim, ou de algum apoio, eu esteja ali bem perto. É aí que ouço um barulho estranho, vindo da janela. Devo estar mesmo louca, aproximo-me e vejo um vulto. Imediatamente saio correndo, passo pela porta

dos fundos e pulo em cima da coisa abaixada embaixo da janela do quarto de Amanda.

— Ladrão! Ladrão! — começo a gritar, mas a própria Amanda aparece alarmada.

— Psiu! Silêncio, Gilcelle! É o Nuno, não é um ladrão, fique quieta.

— O que?

Após sair de cima do primo é que reparo seu cabelo loiro, e os músculos.

— Oras, que ideia é essa de aparecer todo vestido de preto embaixo da janela? Por que não entrou pela porta, como uma pessoa normal? — reclamo.

Os dois se olham e só então percebo a mochila na mão de Amanda.

— Aonde você está indo, Mandy?

— Vou fugir com ele. Gil, por favor, não fale nada. Não aguento mais tanta loucura e não quero ser o que esperam que eu seja. Estou quase fazendo dezoito anos, quero uma comemoração de verdade, ao lado de alguém que goste de mim como sou. Eu já planejei esta fuga milhares de vezes, sozinha. Mas agora que ele irá comigo, não tenho mais medo.

Aproximo-me dela e tento colocar algum juízo em sua cabeça.

— Amanda, eu sei que não é fácil aguentar sua família. Mas não fuja. Vai matar a todos do coração, sua avó já é bem velha. — Não acredito que estou usando o truque de Matheus contra ela. — Você está quase fazendo dezoito anos, aguenta mais estas semanas, e assim que for maior de idade, eu te darei um apartamento e você irá morar sozinha. Consigo emprego pra você na V.D.A., sua família não poderá se opor.

Seus olhos brilham e ela aperta minhas mãos.

— Todos ficarão contra você — diz.

— Não gosto deles, estou pouco me lixando, você é minha Amorim preferida.

— Obrigada, Gilcelle, você é a melhor irmã que eu poderia ter. — Ela me abraça e vai levar Nuno até o portão.

Mas claro que sei que ela não vai aceitar isso assim, tão facilmente.

— Amanda! — grito.

Ela se vira meio desconfiada e volta ao meu encontro.

— Me passe o número da conta do Nuno, em poucos dias depositarei algum dinheiro para que se virem. Mas tem que me prometer que assim que fizer dezoito anos, estará de volta a esta casa.

— Eu prometo. — Ela me estende um cartão. — Esta é minha conta, pode depositar aqui. Eu não queria ir embora mentindo para você, Gil, obrigada por me entender.

— Você não está indo embora e não concordo com isto. Quero você aqui assim que completar dezoito anos. Tenho contato com um detetive nada legal,

não me obrigue a colocar alguém atrás de vocês.

— Juro que estarei aqui. Eu te amo. — Ela me abraça rapidamente e corre portão afora, montando na moto de Nuno.

E eu sei, que isso vai sobrar pra mim.

Matheus

Não queria ser eu a fazer isto, mas não tive saída. Não obrigaria minha mulher a acabar assim com a própria irmã. Antônia segura os extratos de Gil, alarmada.

— Não fiz estes saques — diz pela milésima vez.

— Verifiquei seu passaporte, Antônia. Você estava em Madri, você tem o cartão da conta dela, os saques foram feitos lá. Sinto muito, mas se não me disser a verdade, terei que chamar a polícia, e deixar nas mãos deles — ameaço. Não vou realmente fazer isto, jamais chamaria a polícia para minha cunhada, mesmo que a ladra fosse ela. Mas preciso assustá-la.

— Antônia — Sebastian tenta. — Será muito mais fácil se disser a verdade logo. Quem tirou o dinheiro da conta da Gilcelle?

Ela não vai falar, o que quer que Marcus tenha feito, fez muito bem feito. Não terei outra saída. Pego as notas assinadas por mim, e alguns papéis com a letra de Marcus e mostro a ela. Primeiro, mostro os papéis dele.

— Reconhece esta letra, Antônia?

— Sim, é do Marcus.

— Sim. — Então mostro a ela as notas fiscais assinadas com meu nome. — Estas são notas assinadas por alguém, em meu nome. Graças a estas notas, muito dinheiro foi desviado das contas da V.D.A., e se não recuperarmos esse valor logo, teremos que fechar as portas. Talvez você não entenda, mas não estive em Madri recentemente, como pode ver, a letra de Marcus se assemelha muito a esta assinatura. — Ela encara a assinatura e abaixa a cabeça, ainda não vai falar. — Antônia, se fecharmos a V.D.A. mais de cinco mil pessoas ficarão desempregadas. Cinco mil famílias dependem deste trabalho para sustentar seus filhos. E não estou falando só por eles, mas o cara ao meu lado tem uma filha de poucos dias. Eu acabei de me casar com sua irmã na intenção de dar a ela a vida que nunca teve. E por causa destas assinaturas que não são minhas, perderemos todo o império que trabalhamos anos para construir. Você acha isso justo?

Ela começa a chorar. Sei que estou pegando pesado, mas não estou brincando. O desvio foi muito maior do que havíamos imaginado, há notas frias envolvidas, se a V.D.A. for investigada agora, fecharíamos as portas e eu acabaria atrás das grades. Preciso que ela colabore.

— Ele vai ser preso. Ah meu Deus, não posso acreditar. Matheus. — Ela me olha com súplica nos olhos. — Marcus é homossexual?

— Sim. Ele não te contou?

Ela começa a chorar mais alto, dizendo repetidas vezes algo como “meu rabo”, mas não sei o que quer dizer. De repente, Gilcelle aparece. Ela puxa a

irmã para seus braços e tenta consolá-la, porém Antônio parece inconsolável.

Esperamos vinte minutos, Celina liga a cada três para Sebastian. Ele terá de contar a ela. Cleber finalmente aparece, há um rasgo em sua blusa, e quando vou perguntar, ele estende a mão me impedindo.

— Silêncio! Nem uma palavra sobre isto. Não me pergunte.

Sebastian e eu apenas rimos.

— Cara, se você não falar, chegaremos às nossas próprias conclusões — adverte Sebastian.

— Sebastian, se eu falar, vocês se tornarão meus cúmplices.

Então rimos mais ainda.

Por fim, até mesmo Gilcelle parece cansada de tentar consolar Antônio, a sacode até que minha cunhada olhe em seu rosto, e pede:

— Antônio, pare de chorar. Você precisa se vingar. Preciso que me diga se viu Marcus com estas notas, ou se ele se encontrou com alguém, qualquer coisa que possa nos ajudar a pegá-lo.

Antônio soluça e tenta falar, mas nada sai. Então Gilcelle me encara impaciente.

— Quer dar um jeito nisso?

— Eu? Se você que é irmã não consegue, o que eu poderia fazer?

— Você é um Dom! Ordene que ela diga.

— Amor, isso não funciona assim. Não posso simplesmente gritar com ela e fazer com que ela desenrole a língua.

— Quantas vezes você gritou comigo e eu fiz o que você queria? E estamos falando de mim, a chefe das pirraças. Faça o favor de vir até aqui e tentar, pelo menos.

Isso só pode ser uma brincadeira. Uma piada, um teste, algo que esses estúpidos filmarão e colocarão no canal do Sebastian no YouTube. Não farei isso. Todos me olham, Antônio ainda soluça, Gilcelle está ficando irritada, merda! Só podem ser loucos!

— Primeiro, Sebastian e Cleber, quero seus celulares. Ninguém vai filmar isso.

A contragosto, os dois me entregam os celulares e os enfio no bolso. Sinto-me um idiota caminhando até minha cunhada chorosa, sento-me diante dela e olho para minha esposa malvada implorando que não seja necessária esta cena tão ridícula.

— Nem adianta me olhar, ou isso ou você vai para atrás das grades. Vamos, tente. E tente com vontade.

— Antônio, sinto muito pelo que está passando... — Ela começa a chorar ainda mais alto.

— Assim não, com esse tom de voz não convenceria nem mesmo o Cleber a pagar um mico — ralha Gilcelle.

— E como você quer que eu faça?

— Quero que você ordene.

— Acontece que eu não mando nela, não mando nem mesmo em você, quem dirá nela.

— Apenas tente, homem! — diz Sebastian por fim. — Além de rirmos da sua cara, não tem mais nada a perder.

Ok, eu não queria fazer isso, vou parecer um idiota gritando neste escritório com uma criatura fragilizada, não sei porque fui inventar de amar logo essa louca, com uma irmã mais louca ainda.

— Antônio! Você viu o Marcus sacando a merda do dinheiro da Gil? — grito.

Ela arregala os olhos e nega imediatamente com a cabeça.

— E as notas? O que sabe sobre as notas? Fale logo!

— Isso eu vi. Ele as assinou, ele e um outro homem, mas não me lembro de seu nome.

— O que mais eles disseram? O que você sabe? — A seguro pelos ombros e ela desanda a falar.

— Nos encontramos com um homem lá, ele é bonito e elegante e falavam muito de dinheiro, Marcus tem muito dinheiro, não poupou gastos quando estávamos em Madri, ele visitou as obras do hotel. Como seu irmão, teve livre acesso a tudo, também estava com um investidor da V.D.A., e foi assim que teve acesso ao projeto de gastos do hotel. Eu o vi assinar as notas, mas achei que era ele mesmo quem deveria assiná-las, e não que estivesse assinando seu nome. É só isso que eu sei. — Então ela volta a chorar e encaro meus amigos, admirado.

— Caralho, homem! Essa coisa de Dom funciona mesmo! Me ensine a fazer isso! — pede Cleber.

Gil sobe com Antônio, orientando-a a não dizer nada a Marcus e nós ficamos ali até tarde matutando o que podemos fazer e mais ainda, quem é o tal homem que é investidor da V.D.A. e que ajudou Marcus a falsificar minha assinatura.

Estou cansado e desanimado, e morrendo de medo. Eu sempre fui muito correto com tudo na V.D.A., e agora, após anos de absoluto controle, saber que há notas frias com meu nome assinado rodando por aí não me permite um segundo sequer de descanso. Não é como se alguém fosse ligar para a Receita e nos denunciar, mas há essa possibilidade. E tudo me assusta neste momento.

O quarto está totalmente escuro quando entro, presumo que Gilcelle deva estar com a irmã. Acho que preciso de um banho. Talvez eu possa morrer afogado na banheira. Tudo bem, vou parar de drama, podia ser pior. Antônio podia não ter confessado e então meus amigos estariam achando que eu emiti essas notas

falsas, logo, não preciso me preocupar tanto. Ok, isso não funciona, eu preferia nadar num rio cheio de piranhas a passar por isto.

Entro no banheiro distraído, e um som horroroso quase me faz morrer de infarto.

— Hoje, é hoje, é hojeeeeeeee...

— Gilcelle, por que está berrando?

— Só estou cantando para você amor, veja.

Ela sai de trás do box do banheiro e quase não consigo falar. Está usando um top roxo, e uma calda verde colada às suas curvas deliciosas. Minha Sereia. Seu cabelo vermelho indomado me faz querer puxá-lo no mesmo instante.

— Sereia.

— Me vesti assim para você, achei que precisava se distrair um pouco.

— Gilcelle, eu te amo.

Em menos de um minuto minha boca está na dela, e sua língua brinca com a minha, e minha mão aperta seu seio por cima desse top atrevido. Ela me guia até a banheira e vai tirando minha roupa. Eu a ajudo e a puxo para a banheira que ela teve o cuidado de encher para mim. Tiro como um desesperado seu top e minha boca alcança seu mamilo antes mesmo que eu consiga jogá-lo ao chão. Ela geme e se se joga para frente, pressionando ainda mais o seio em minha boca. E então, puxa meu cabelo de uma vez para trás e acabo arranhando seu seio com os dentes.

— Caralho! Isso doeu! De verdade! — reclama.

— A culpa foi sua por puxar desse jeito meu cabelo, não sei como ainda não fiquei careca.

— Se não gostasse dos meus puxões de cabelo, já o teria cortado. Você mantém esse cabelo de Barbie exatamente para que eu puxe.

— Cabelo de Barbie? — Arqueio uma sobrancelha e ela começa a rir. — Vou te mostrar a Barbie, sua atrevida.

Jogo-a do outro lado da banheira e corro até o closet. Tiro a primeira algema que encontro e volto mais rápido ainda. Entro na banheira de novo e quase rasgo sua calda, na pressa para tirá-la.

— É por isso, minha Sereia atrevida, que temos algemas. Dê-me sua mão.

— Venha pegá-las, gostosão.

Pulo em cima dela, fazendo-a gritar, e consigo capturar suas mãos. Minha boca alcança seu mamilo de novo e enquanto prendo suas mãos para trás, sinto-a tremer presa em meus braços. Recosto-me na borda da banheira, a puxo pelas pernas e a posiciono de uma vez no meu pau. Ela grita, joga a cabeça para trás e depois para frente, acertando-a com tudo na minha.

— Merda, terei de prender sua cabeça também? — reclamo.

— Quer parar de reclamar e meter logo? Estou com saudade!

A levanto pelas coxas e a abaixo e vou repetindo o movimento, até que a amparo para que ela possa cavalgar em mim. Seus seios passam por meu rosto e tento abocanhá-los, mas a sensação de tê-la assim, de estar dentro dela, me toma, e só consigo dizer que a amo. Não me importo nem mesmo com a dor que lateja em minha testa. Ela tenta soltar as mãos desesperada e acho que vai gozar. Foco em seu rosto para observar esta cena, a que mais amo no mundo, quando ouço um grito:

—Matheeeeeeeus! Matheeeeeeeus! Abra a porta! Aconteceu uma tragédia!

Ficamos totalmente parados com os gritos da minha mãe. De repente, tentamos sair juntos. Nos embolamos um no outro e caímos com tudo de volta na água.

— Um de cada vez. Levante-se e eu me levanto em seguida.

Ela se levanta e a ajudo a sair da banheira. Enrolo a toalha em minha cintura e a cubro para que não sinta frio.

— Já vou mamãe! — grito. — Me espere aqui dentro amor, vou me livrar dela e já volto.

Tento abaixar a barraca que aparece pela toalha, mas meu pau ainda pulsa e mamãe não para de gritar, ela nos atrapalhou, então que saiba o que interrompeu. Abro a porta de uma vez e ela está chorando.

— Amanda sumiu. Desapareceu. Não há mais nenhuma roupa dela aqui. Ela fugiu, Matheus.

— Tem certeza? Já tentou ligar para ela?

— Ela não atende. Precisamos chamar a polícia. Quero minha filha.

— Mamãe, acalme-se. Vou apenas me vestir e vou lá para baixo. Vamos achá-la. Acalme-se.

Volto para o quarto e me visto rapidamente. Pego a penca de chaves e corro até o banheiro.

— A Amanda sumiu, temos que descer.

Ela apenas assente enquanto enfio as chaves na algema, que não abre. Na nona chave que não funciona, paro de me mover e a encaro.

— Ah não, Matheus.

Ela olha pelo reflexo no espelho e começa a xingar.

— Que merda! Mais de trinta algemas naquela mala, por que você só pega esta?

— Porque ela deve ter um ímã. Só pode!

— Onde está a chave?

E aí eu me lembro, e acho que ela se lembra junto comigo, porque quase chora ao resmungar. O chaveiro não deixou a chave. Estávamos tão envergonhados

com a situação toda, que ele abriu a algema, recebeu seu pagamento e se mandou. Saco o celular e rapidamente ligo para ele de novo, mas, como não posso ficar aqui esperando que ele apareça, cubro minha mulher com uma toalha e desço correndo.

A gaveta dela está vazia, há apenas um bilhete dizendo que foi ser ela mesma e a veremos de novo um dia. O celular só cai na caixa postal. Chamo a polícia, mando fazerem chás para a vovó e a mamãe que parecem prestes a ter um ataque e estamos todos aflitos na sala, quando Gilcelle aparece. Enrolada na toalha e com as mãos para trás.

— Mas por que é que esta criatura está algemada? — pergunta vovó horrorizada.

— Ela está meio... agressiva esta noite — justifico.

Ela dá de ombros e recosta-se em mim. E pouco antes da polícia chegar, Gil morde com força a boca, num gesto de nervosismo.

— O que foi amor? E o que é isso na sua testa? — Há uma mancha rosa ali.

— Está na sua também. Acho que foi do incidente na banheira. — Ela afasta-se de mim e completa — Amanda não fugiu sozinha, fugiu com o Nuno, mas disse que assim que completar dezoito anos voltará. Eu a darei um emprego na V.D.A., prometi a ela.

O que? Vamos todos para cima dela, e consigo acalmá-los para perguntar:

— Ela ligou para você? Te falou onde está? Por que caralho está com o Nuno?

Ela abaixa a cabeça e solta um palavrão. Então, a levanta de repente e diz de uma vez:

— Ela não me ligou. Eu a vi, ontem à noite. Vi um movimento estranho no jardim, fui ver o que era e era o Nuno, ela já estava com a bolsa pronta e me disse que estava indo embora. Tentei convencê-la a ficar, e consegui com que promettesse que voltará em poucas semanas. Então é meio que uma viagem, apenas.

— Está me dizendo que minha filha disse a você que estava fugindo e você simplesmente deixou? — pergunta mamãe aos gritos.

— O que queria que eu fizesse? Eu tentei colocar algum juízo na cabeça dela, mas estava decidida. Não pude fazer nada!

— Não pôde fazer nada? Você poderia ter gritado, tê-la segurado, é tão boa em bater nos outros, por que não o acertou? Deveria ter no mínimo nos contado isso assim que eles saíram! Como pôde ser cúmplice de algo assim? A minha filha é menor de idade e está por aí com um cara mais velho, sem um centavo!

— Não! Não está! Está com o Nuno, vocês o conhecem a vida toda, sabem que ele não faria mal algum a ela. Além do mais, eu deposei um dinheiro para ela, e ela...

—Você o que? — mamãe grita mais ainda. — Você financiou essa fuga maluca?

— Não! Ela ia fugir de qualquer jeito! Eu tentei convencê-la a ficar, como não consegui, tentei ajudá-la. Mas ela vai voltar, ela me prometeu. É só por algumas semanas.

Não ouço o que mamãe fala por alguns segundos. Há um zumbido em meus ouvidos, fecho e abro os olhos esperando que tenha entendido errado, e quando volto para aquela sala, consigo captar o que mamãe está falando.

— Eu estava muito enganada sobre você, mocinha. Achei que fosse uma boa pessoa apesar de tudo, que seria uma boa mãe para meus netos, mas uma mulher tão desajuizada como você sequer merece tê-los. — Posso sentir a mágoa de mamãe quando ela me olha. — Matheus, anule este casamento. Não quero ver esta maluca nunca mais na minha vida! Ou ela, ou sua família!

Gil me encara atônita e ainda não acredito que ela fez isso. A campainha toca e pouco depois o chaveiro entra. A situação está péssima, ele abre a algema de Gilcelle, que toma a chave de sua mão. Eu o pago e ele vai embora satisfeito. Gil esfrega os pulsos vermelhos e reprimo minha vontade de ir massageá-los para ela. Ainda não acredito que ela fez isso.

— Mamãe — digo por fim. — Acalme-se. A polícia está chegando, vou acionar uns detetives e até amanhã à tarde Amanda estará aqui. E quanto a você — digo a ela — não acredito que teve coragem de fazer isso. Como pôde, Gilcelle? Eu confiei em você. Achei que tivesse ao menos um pouco de juízo. Onde eu estava com a cabeça, meu Deus?

— Onde estava com a cabeça quando? Hein! Começou, termine! Ia reclamar de onde estava com a cabeça quando se casou comigo? É isso?

— Não! Onde estava com a cabeça quando parei de usar camisinha por achar que você poderia ser a mãe dos meus filhos!

Ela reage como se tivesse levado um tapa. Abaixa a cabeça e Antônia imediatamente a abraça, olhando-me como se o errado fosse eu.

— Não se preocupe com isso, Matheus, eu tomo remédio. E quanto a você — diz olhando minha mãe. — Amanda está certa. Deve ir embora mesmo, e se for esperta, não voltará nem mesmo quando fizer trinta anos, porque qualquer coisa deve ser melhor do que ficar nesta família que espera que ela seja tão certa e moralista como nenhum de vocês é! Quer cobrar dela? Por que não conta pra vovó os forrós que você frequenta nas madrugadas e o que seu filho é uma bicha que fica tentando derrubar o próprio irmão? Vocês todos têm teto de vidro e ela é a única que presta desta merda de família!

Ela sobe correndo as escadas, Antônia corre atrás dela e a polícia chega. Passo o resto da noite com eles, procurando pela maluca da minha irmã.

Volto para casa quando o dia está nascendo, mas não quero vê-la ainda. Vou para um quarto qualquer e durmo ali. Não sei o que me preocupa mais neste momento, a situação da V.D.A., o sumiço da minha irmã, ou o quanto me enganei com a Gilcelle.

Capítulo 16

Gilcelle

As horas passam, meu pulso arde, o celular do idiota do meu marido continua desligado e não sei mais o que fazer. Não ajudei a Amanda a fugir, eu simplesmente não podia obrigá-la a ficar, e eu no lugar dela, também fugiria. E o Matheus está sendo um idiota ao me culpar pelo fracasso de sua família maluca em ser uma família. Silêncio! Não venha defendê-lo.

Não consigo pregar os olhos nem por um minuto, sequer tento. Não tenho paciência para ficar na cama quando estou sem sono. Resolvo andar pra ver se distraio a cabeça de cada pensamento homicida que me toma, e mal abro a porta, vejo um vulto branco no corredor escuro. Berro imediatamente e acendo a luz, é a velha.

— Caralho, vovó! Ficou maluca? Quer me matar do coração?

A velha revira os olhos e entra no meu quarto sem pedir permissão.

— A senhora veio aqui me dar uma bronca, não é? Dispenso. A da Marisa já foi mais do que suficiente.

— Não vim dar bronca alguma, Amanda precisava mesmo se afastar desta família maluca antes que enlouquecesse.

Meu queixo só não toca o chão porque acho que ele some de sob meus pés.

— Gilcelle, eu tenho observado você. Marisa me disse que era uma mulher forte e meio difícil de lidar. Fui hostil com você propositalmente.

— Como? Por quê? Por qual motivo alguém é chato com outra pessoa de propósito? Porque a senhora foi insuportável!

— Eu sei. Para ser sincera, tirando o dia em que tentou me fazer comer a torrada do sofá, ter que tirar meus chinelos para entrar na sala, dividir a poltrona com um coelho, perder metade do meu guarda-roupa e cada comida estranha que me obrigou a comer, eu gosto de você.

— Uau! Eu fiz tudo isso e a senhora ainda gosta de mim?

Sua expressão séria me faz parar de rir e acabo me jogando ao lado dela na cama. A cara de enterro não condiz com as palavras quase gentis que disse.

— Vamos, vovó, dê a facada. O que houve?

— Meu filho, Arthur, morreu há quase nove anos. Foi pouco depois de o Matheus entrar para faculdade. Ele era dono de uma enorme fortuna e deixou em testamento este dinheiro dividido igualmente entre a mulher, e os três filhos.

Ah meu Deus, acabei de brigar com meu marido, estou cansada, com um orgasmo acumulado e a velha vai me contar a história da família! Preferia quando ela me odiava.

— Acontece que este dinheiro nunca chegou a nenhum deles. Apenas Marisa recebeu sua parte. Todas as outras foram para uma única pessoa. O Matheus.

Eu a encaro e ela me encara de volta. Espero que explique o que acabou de falar, mas ela espera que eu deduza. Ok, ela pediu.

— Então, o seu filho percebeu que ele era o mais sensato e deixou tudo para ele? Ou deixou nas mãos dele até que os outros merecessem receber suas partes?

— Nem uma coisa, nem outra.

Levanto-me irritada.

— Escuta aqui, vovó. Se a senhora acha que vou cair nessa de que o Matheus roubou o dinheiro dos irmãos, pode sair deste quarto agora mesmo. Ele nunca faria isso! A senhora deveria ter vergonha de sequer insinuar uma merda dessas!

Ela sorri e levanta-se também.

— Não insinuei nada, querida. Conheço muito bem os netos que tenho. Eu te garanto que o Nuno não fará mal algum a Mandy. Eu os conheço muito bem. Assim como sei que o Matheus jamais roubaria um centavo de ninguém. Ele é a educação e respeito em pessoa. Mas, também conheço o Marcus. Melhor do que qualquer outra pessoa desta família. E é isso que espero de você. Proteja-o.

— O Marcus? Ah nem, não mesmo. Nunca protegeria aquela biba maldosa. A senhora tem noção do que ele aprontou para cima do Matheus e da V.D.A. agora?

Ela sorri.

— Não quero que proteja o Marcus, quero que proteja o Matt. Sei que alguma coisa está acontecendo e sei que o Marcus está envolvido, não posso criar uma guerra na minha família colocando um irmão contra o outro, mas você já acabou com a família mesmo, você pode.

—Ei! Eles me amam! E não acabei com nada, só mostrei as verdadeiras faces. Ok, eu odeio o Matheus neste momento, mas posso protegê-lo. O que quer que eu faça?

A velha segura minha mão e sei que está triste ao dizer:

— Cuide dele. Fique de olho no Marcus, e ao menor sinal de qualquer coisa estranha relacionada a dinheiro, interfira. Matt não acredita que Marcus é capaz de certas coisas, mas ele é. Cuide do seu marido.

— Sim, senhora. Eu cuidarei. Se não matá-lo eu mesma, juro que cuidarei.

E assim, pelo menos alguém da família Buscapé gosta de mim. Pois, quando o dia amanhece e desço para ir para a V.D.A., estão todos à mesa tomando café. Todos, inclusive o Matheus, que não se incomodou em ao menos me avisar que chegou. As malas deles estão na sala. Nem pergunto, por mim que vão todos embora. Não dou bom dia a ninguém ao passar por eles, e apenas a velha chama por mim.

— Não vai comer, ruivinha?

— Ah não, obrigada vovó. Preciso ir.

Matheus sequer olha para mim. E só não acerto o vaso da entrada em sua cabeça até que ela exploda, porque quero que ele pense que não me importo com sua falsa indiferença. Não me importo mesmo!

Trabalhar com ele sem estarmos nos falando, já seria uma merda. Mas é uma merda maior ainda, porque ele não fala comigo, mas de mim. Sou obrigada a ouvir coisas do tipo: “Bom dia, Cleber, que tem uma namorada ajuizada em quem pode confiar sua vida.” Ou “E aí Sebastian, soube que minha irmã fugiu acobertada por uma maluca sem juízo?”.

Quando Bah se aproxima e ele abre a boca para falar de mim, aviso:

— Se fizer qualquer insinuação sobre mim de novo, esmagarei suas bolas até que elas explodam e não sobre nem mesmo a pele.

Ele me olha pela primeira vez no dia, e pela primeira vez desde que voltamos a nos falar, não há o amor e a admiração por mim ali. Eu deveria saber que aquele papo de estar ao meu lado mesmo quando eu vacilasse era conversa. O amor das pessoas anda tão frágil, que a menor ferida pode matá-lo. O do Matheus não era diferente no final das contas.

Quando estou indo almoçar, Bah entra comigo no elevador. Parece meio sem graça, encaro-a e ela solta de uma vez:

— Você sabe se Miguel Amorim é comprometido?

Meu cunhado já fez sua primeira vítima.

— Não que eu saiba. Mas ele não é homem de se comprometer. Por que não fala com a Celina? Estou indo me encontrar com ela agora, ela é muito boa em domar estúpidos, e acredite, Miguel é como eles.

Assim, arrasto a secretária do Cleber para nosso almoço, e Antônia. Ela está grudada em mim achando que vou ter um surto a qualquer momento, mas não vou. Apenas não estou pensando em nada, e assim vou deixar que as horas passem, que ele reconsidere, que a Amanda apareça e essa família maluca suma da minha vida.

Bah conta seu dilema a Celina, que como previ, vai logo falando:

— Estou desenvolvendo um manual que ensina mulheres a domarem pervertidos, como o Miguel Amorim. Enviarei esta noite para seu e-mail. Imprima-o e o siga à risca, não tem como falhar.

— E quanto vai querer por esta ajuda?

— Ah, nada demais. Faça isso porque agora somos amigas. E como somos amigas, preciso que alguém fique com a Nath amanhã à tarde. É rapidinho, só quero levar o Sebastian para conhecer um lugar.

— Celina, o seu resguardo já acabou? — pergunta Suzana preocupada.

— Não, Suzana. Mas o Sebastian me deu uns livros para ler e preciso mesmo de uma hora com ele, não passarei disso, porque minha pequena só mama no peito. E não vamos transar, Suzana, não se preocupe. Só preciso ver meu Sebs.

Assim, Nathalia passa para os cuidados de Bah, e Celina acaba de fazer mais uma amiga.

— Boa sorte, Bah — Suzana diz ao ouvir algumas das dicas de Celina sobre o manual.

Chego tarde e desanimada em casa. Espero que os Buscapé tenham ido todos embora, mas as malas ainda estão no meio da sala, com todo drama que uma ameaça de ir embora pode representar. *Isso é tão Amorim*. Jogo-me na poltrona e fecho os olhos, e duas mãos fortes apertam meus ombros. Abro os olhos, esperançosa, mas é Miguel.

— Olá, minha querida. Mamãe quer ir embora, irei com ela para que não fique sozinha, mas se meu irmão for um idiota com você, basta me ligar que eu te busco e a levo para um motel.

— O que?

— Um hotel — ele corrige com aquele sorriso safado.

— Espera, não vai me dar uma bronca por eu ter sumido com sua irmã caçula?

— É mais fácil que eu a aplauda por isso. — Ele dá a volta e para diante de mim. — Estava esperando ela completar dezoito anos para mandá-la para longe, seguir sua vida longe da mamãe. Sei que mamãe a ama, mas até mesmo eu me sentia sufocado pela forma como ela cercava a Mandy. Você nos fez um favor.

De repente, quero chorar. Alguém me entende, esse alguém deveria ser a merda do meu marido. Eu sei que errei, e ele tem razão em estar chateado, mas ela é irmã do Miguel também, e se ele pôde me entender, por que o Matheus não?

— Ei, você vai chorar? — ele pergunta preocupado.

Nego com a cabeça e faço uma careta quando as lágrimas rolam. Ele se abaixa a minha frente e pulo nele. E bem neste momento, passos ecoam perto de nós e sapatos pisam no tapete da sala. De Matheus e de Marisa.

— Chegou muito tarde, para uma mulher casada — provoca Marisa.

Não tenho ânimo para discutir, levanto-me, agradeço Miguel pela ajuda e vou saindo, quando a ouço dizer a Matheus:

— Vai permitir que eu saia desta casa, filho? Não vai pedir a ela que se retire?

É o bastante. Espero a voz na minha cabeça me mandar pular em cima dela e arrancar sua língua, mas, estranhamente, há dias ela não fala nada. Está muda e quieta em minha mente, então decido por mim mesma.

— Vamos, Matheus, me mande embora. Você só precisa pedir — desafio.

Ele me encara, olha bem em meus olhos, parece péssimo, tem olheiras

terríveis e em volta dos olhos está inchado. Nunca o vi assim. Não me diz nada, olhando para mim, responde sua mãe.

— Ninguém precisa ir embora, mamãe. Fique ao menos até que a Amanda apareça.

Não sei identificar o que vejo em seu olhar, entre angústia, cansaço e derrota. Mas ele falou com ela, então, eu ir embora não é uma opção para ele.

Subo para o quarto e não digo mais nada. Se ele me pedisse para dar uma volta que fosse, eu juro que arrancaria aqueles olhos azuis de sua cara. Que merda essa coisa de estar casada, em qualquer outra situação, eu já teria dado no pé e ficaria esperando ele ir atrás de mim depois, ou criaria situações para nos esbarrarmos acidentalmente, mas não, fui assinar o nome dele no meu, agora algo me obriga a ficar aqui, aturando toda sua babaquice.

Ele entra no quarto tarde da noite, pega uma muda de roupas e se dirige a porta.

— Vai ser assim agora? Vai agir como se eu não estivesse aqui? — pergunto.

— Acredite, estou fazendo isto para não tratá-la mal.

— Ah, quanta consideração da sua parte! Talvez eu goste de ser maltratada!

Ele abre a boca para responder, mas um sorriso idiota surge em seu rosto, considero uma vitória, só que imediatamente ele se recompõe e sai do quarto. Eu o sigo, é claro. Ele sorriu, não deve mais estar com tanta raiva. Ele entra em um quarto ao lado do nosso e noto que a cama está arrumada para ele dormir.

— Então, este é seu novo quarto? Detestei a decoração. Branco demais.

Ele não diz nada.

Vou até a penteadeira dele e pego um quadro com um retrato da mãe dele.

— Que gay ter uma foto da mamãe na cabeceira da cama. — Jogo o quadro no chão.

Ele me olha assustado, mas não se aproxima. Então, vou jogando tudo no chão. Faz um barulho imenso, e está uma bagunça, e ele fica ali, com os braços cruzados, me vendo fazer toda aquela bagunça e não vem até mim para me impedir. Nem mesmo quando saio entortando todos os quadros da parede e jogo os lençóis de sua cama no chão. Por fim, pego o travesseiro ultra macio, faço uma bola com ele, uso o cordão do meu roupão para amarrá-lo e o atiro com toda força em seu rosto. Ele chega dar um passo para trás com o impacto. E quando vem de uma vez em minha direção, saio correndo, para o nosso quarto, mas ele não me segue. Volto ao quarto substituto e a porta está trancada.

— Tudo bem! Você sabe o quanto sou orgulhosa. É muito bom saber que na primeira oportunidade que tive de estragar tudo, você realmente desistiu. Seu mentiroso! Amanhã à noite você vai chorar como uma Barbie falsificada por não me ter naquela merda de quarto esperando você!

Assim, corro dramaticamente para o nosso quarto e tranco a porta. Mas ele não tenta abri-la. Envio uma mensagem para Celina:

Gilcelle: *Matheus está agindo como se eu não estivesse aqui.*

Ela responde:

Celina: *Então não esteja. E veremos como ele vai reagir.*

Era tudo o que eu queria ler neste momento. Visto uma roupa, pego a chave do meu antigo lar e vou embora. Esse estúpido gay idiota que venha atrás de mim.

A chave não entra, sou avisada pelo porteiro que meu apartamento querido já foi alugado para outra pessoa. Brigo, questiono quem mais alugaria essa porcaria, mas estou na rua. Como o mendigo idiota que agora usa meu tutu como fronha. Eu mereço.

Aproximo-me dele que já se levanta sorrindo.

— Veio buscar suas calcinhas?

— Não, vim buscar companhia. Quer tomar uma cerveja?

Ele assente animado e viro a noite em um bar, chorando e rindo com o morador de rua, que agora é meu mais novo melhor amigo. Suzana me encontra bêbada pela manhã e me arrasta até sua casa. Caio na cama e durmo.

Mas poucas horas depois, sou sacudida por mãos enormes, e dois braços maiores ainda me carregam. Estou sonhando, porque Matheus jamais conseguiria me carregar assim. De repente, sou arremessada no chão frio, e só não reclamo do chão, porque uma ducha de água gelada faz minha alma correr do corpo dez vezes.

— Merda! Cleber! Ficou maluco?

— Este é o método difícil dele de acordar alguém. Boa tarde, Gilcelle — diz Suzana e Cleber sai do banheiro nos deixando a sós. — Sei que o último lugar que você quer ir é a V.D.A., mas iremos para lá agora mesmo.

— Não vou, não.

— Vai sim. Aconteceu alguma coisa, todos foram convocados para uma reunião. Você precisa ir, é o seu patrimônio também.

— Isso, com certeza, porque quando eu me separar daquele idiota, metade das ações dele da V.D.A., será minha.

— Então tome banho, pegue uma roupa minha e vamos. Você tem dez minutos.

O vestido mais curto de Suzana me faz parecer um gnomo enrolado em uma bandeira. É azul e embora deixe minhas pernas de fora, precisei dar duas voltas

com o cinto para amarrá-lo na cintura.

— Estou parecendo um saco de batatas? — pergunto a Cleber.

— Não. Nunca vi um saco de batatas azul. Mas se sua roupa fosse marrom, estaria.

Acerto um tapa nele, que mesmo tentando brincar, está sério demais. Tento controlar meus batimentos cardíacos ao ver Matheus, vou para o lado oposto a ele, e não o dirijo a palavra, como ele fez comigo. Celina e Sebastian não estão, nem Bah, então imagino que ela esteja matando a saudade de seu Sebs, enquanto Bah está em sua casa olhando minha afilhada.

Continuo no jogo de não olhá-lo. Não sei se ele me olha, não levanto a cabeça em momento algum para verificar. Mas, escuto sua voz, quando ele dá a merda da notícia:

— Fomos denunciados. A Receita Federal irá fazer uma auditoria nas obras do hotel de Madri.

— O que isto significa? — pergunta Suzana, que acabou ficando por estar preocupada com o Cleber.

— Que eles vão achar as notas frias, e todo o valor que não foi declarado.

— Você será preso? — pergunto quando a ficha começa a cair.

— Pior do que isto, a V.D.A. será fechada por eles.

Quero abraçá-lo, imagino o quanto sua cabeça deve estar confusa agora, o medo que deve estar sentindo. Ele sempre foi tão correto em tudo. Se eu ficar nesta sala mais um minuto que seja, acabarei em cima dele, e não quero dar o braço a torcer, deve ser ele a falar comigo primeiro, pois foi ele quem parou de falar. Pego minha bolsa e me dirijo à porta, e tudo o que ele diz é:

— Ainda está no seu horário de trabalho.

— Me demita — respondo sem olhar para ele e corro para fora dali.

Como a vida da gente pode desandar tanto em tão pouco tempo? Tudo culpa dos Buscapé. É, parece que nem todos têm seu final feliz.

Rodo pelo centro, meu amigo mendigo não está ali e não quero beber sozinha. Não tenho para onde ir e não vou de jeito nenhum para a casa do Matheus. Sei que Cleber e Sebastian devem estar igualmente desolados e não quero ser um peso para nenhum deles. Então, só posso passar a noite em um lugar.

Não tenho a chave, mas assim que digo quem sou, o porteiro me entrega uma chave extra. Subo para o apartamento enorme e elegante. A caseira me cumprimenta, prepara algo para que eu coma, e me pede a noite de folga, o que dou mais do que satisfeita. Preciso mesmo ficar sozinha. Como um pouco, observo aquele quarto, onde duas magrelas estavam nuas, onde todas as fotos com suas putas foram tiradas. Onde fiquei presa à cabeceira da cama em um dos momentos mais deliciosos e vexaminosos da minha vida. E vou tomar um

banho. O problema, é que o amo. Sei que não sou perfeita, mas esperava que ele fosse. E constatar que ele nunca será perfeito, me assusta.

Quando saio do banheiro, há alguém sentado no chão, com as costas encostadas a cama. Não tenho nada para vestir, então pego uma de suas camisas do closet e a visto. Não tenho nada para pentear os cabelos, então deixo que eles sequem ao vento, bagunçados como estão. Não dizemos nada. Ele sentou-se no chão ao invés de sentar-se na cama, então não está aqui em paz. Vai me pedir o divórcio.

Sento-me o mais distante possível dele, encostada à parede, mas de forma que possa vê-lo, ou pular em cima dele para matá-lo, dependendo do que ele disser. Espero que diga que quer se separar, ou que precisa escolher a mãe neste momento. Sua cara é tão ruim, que por um momento espero que ele vá dizer que Amanda foi encontrada destrozada, comida por um Pitbull, mas o que ele diz é:

— Preciso dormir. Não durmo há dias.

Sério isso, produção? O momento de maior tensão de todas nós e é isso o que ele tem a dizer?

— A cama está bem atrás de você — digo.

— Eu sei, há muitas camas no mundo. Meu problema não é a falta delas.

— Então não sei por que ainda está acordado.

— Porque eu não durmo sem você. Não consigo.

Não digo nada. Meu coração acelera e não sei mesmo se estou feliz ou magoada com ele.

— Quero te fazer uma proposta esta noite. — Sua voz é cansada, mas ele não olha para mim em momento nenhum, e isso me machuca. — Durma comigo, apenas deite-se nesta cama ao meu lado.

— O que eu ganho em troca? — pergunto.

Finalmente ele me olha e quase choro ao ver seu rosto, nunca o vi assim, tão abatido, tão fraco. Meu peito dói, a dor estampada em seu rosto, não posso lidar com ela. Matheus não é assim, é um idiota forte, seguro e que sempre sabe o que fazer. Ele não é essa casca diante de mim, prestes a desmoronar.

— Nada — diz cabisbaixo. — Não tenho absolutamente nada a te oferecer.

Levanto-me e saio do quarto. Preciso fazer com que ele coma alguma coisa antes de falarmos de sua proposta.

Algumas pessoas, definitivamente, não têm seus finais felizes.

Matheus

Não consigo decifrar o que vejo em seu rosto quando ela me olha. Mas não diz sim, não diz que vai deitar-se comigo. Ela simplesmente se levanta e sai. Demora cerca de dez minutos, antes de retornar com uma tigela nas mãos. Ela senta-se tão perto de mim, que poderia tocá-la, se tivesse forças para levantar o braço. Está linda. Ainda é a coisa mais linda que já vi na vida, usando apenas minha camisa, seus mamilos apontam através do pano fino. Mas não quero tocá-la. Não assim. Preciso apenas que ela durma comigo. Nem que seja nossa última noite.

Acho que ela estava certa, afinal, nos precipitamos com este casamento. Não estávamos preparados para fazer tudo tão rápido. Dez anos de repente não parecem nada. Não nos conhecemos. Estou aqui quase desmaiando de sono, passando por cima do meu orgulho para pedir a ela que durma comigo, e ela vai jantar tranquila e calma na minha cara.

Mas o que ela faz é estender a colher até a minha boca.

— Eu durmo com você se comer esta sopa primeiro. Caso contrário, você terá que ir embora agora mesmo. E sim, você terá de sair. Disse que este apartamento é meu, mandou alugar o que eu morava e tem muitas casas, não precisa desta.

Assinto. Não sabia que estava com fome até ela estender a colher a minha boca.

— Há quantas horas não come? — pergunta.

Dou de ombros, porque realmente não me lembro.

— Não foi você quem fez esta sopa — digo.

— Como sabe?

— Está um pouco salgada. Você nunca erra no tempero. Este tempero não é o seu.

— Não fui eu que fiz. Portanto, não está envenenada, coma sem medo.

Calmamente ela vai me dando as colheradas da sopa, e neste momento, olhando-a assim, não sei o que é maior em mim. O amor que sinto por esta mulher, ou o medo que sinto de ficar sem ela.

Tudo está dando errado, posso ser preso, minha empresa pode fechar. Pior do que tudo isto, é que meus amigos perderão o que é deles por minha causa, pois Marcus está atacando a mim. Tudo o que eu queria era chegar em minha casa à noite, ter esta maluca na minha cama e dormir abraçado a ela, para que pelo menos minhas noites fossem boas. Mas ela está certa em uma coisa. Na primeira chance dela de estragar tudo, de testar minha reação, eu falhei. Não sei se foi o momento em que me encontro, ou a gravidade do que ela fez, mas não consigo

simplesmente entender que ela ajudou uma garota menor de idade a fugir de casa. Parece-me desajuizada e inconsequente demais. Amanda tem apenas dezessete anos, e mamãe não é fácil, é normal que queira sumir. Mas Gilcelle é uma mulher, não poderia de maneira alguma tê-la acobertado, e me escondido isso. Então, eu queria apenas ficar com raiva e longe dela, até que esta raiva passe, mas não consigo. Sei que procurá-la esta noite acabará em uma briga, pois não estou pronto para perdoar algo que ela não está disposta a pedir perdão, sei que estou colocando nosso casamento em cheque aqui, mas não pude fazer outra coisa, senão procurá-la.

— Há algo que possa fazer antes dessa tal auditoria que possa consertar as coisas? — pergunta.

— Sim. Descobrir quem ajudou o Marcus, pois eu posso provar que ele falsificou minha assinatura e desviou o dinheiro, mas não posso recuperar o valor que ele desviou que não está em sua conta. E sem esse valor, a V.D.A. fica sem fundos.

— Que merda!

Concordo e termino a sopa. Ela se levanta e sai de perto de mim. Não sei de onde tiro forças para me levantar também. Estou me sentindo o super homem amarrado a uma rocha de Kriptonita, para você entender. Sento-me na cama, e quando ela volta, bato a mão ao meu lado. Mas ela não senta. Cruza os braços e recosta-se ao batente da porta.

— Deite-se. Vou apagar as luzes e me deito em seguida — diz.

— Você quer falar, não é?

— Na verdade, não. Quando eu quis falar você não quis ouvir. Agora quero apenas dormir.

Assinto e me deito, e ela sai pelo apartamento apagando as luzes. Sinto que hesita um pouco, e respira fundo antes de deitar-se na cama. Mas deita o mais longe possível de mim. Não apago a luz do abajur do meu lado da cabeceira, de forma que posso vê-la.

— Então — começo. — Você estava certa. Nos precipitamos.

— Então, você é como qualquer outro homem, que quando consegue o que quer, não se importa tanto.

— De todas as coisas que você pode me acusar, Gilcelle, não me importar com você, não é uma delas. Eu sempre coloquei você à frente até do que a minha própria vida. Isso nunca mudou.

Ela apenas me encara. Aqueles enormes olhos de mel cravam em mim.

— Fale — ela sussurra. — Porque também vou falar.

— Não vim aqui pedir o divórcio. Nem pedir que fique neste apartamento, mas também não vim pedir que volte para casa. Estou na merda, não tenho mais

nada, Gil. Eu precisava de você, quando tudo isso desmoronou, e você foi mais uma que me apunhalou pelas costas.

— Ah, pelo amor de Deus, quanto drama!

— Desta vez não estou sendo dramático. Eu amo você, muito. Mas não consigo te olhar com a mesma adoração, porque o que vejo quando olho pra você, é mais alguém que mentiu pra mim. É bem a sua cara ajudá-la a fugir, mas no mínimo deveria ter me contado. Fico com a sensação de que terei sempre que ficar de olho em você, para que não faça nada que uma menina de dezessete anos não faria.

Ela se aproxima de repente e seu rosto está tão perto do meu, que o acaricio.

— Chegou a alguma conclusão? — pergunta.

— Não. E sendo sincero, não sei se é tudo, todo esse momento que tem me feito desistir de tudo. Mas não tenho força agora para lutar por você de novo. — E espero muito, minha Sereia linda, que você lute pela gente desta vez.

— Então está desistindo?

Olho para ela ali, a mulher que amei a vida toda. A única mulher que amei. Vejo dois destinos em um segundo. Em um deles, ela está ao meu lado, e eu preciso sim vigiá-la e cuidar dela, como uma menina. Mas ela está ali. No outro, não a tenho mais, e por mais que não precise tomar conta de alguém, é como se não estivesse vivo. Nunca, jamais conseguiria viver sem ela.

Acho que fico tanto tempo em silêncio, que ela se deita em meu peito, eu a cerco em meus braços e ela segue fazendo com a boca, o som que meu coração faz, no mesmo ritmo.

— Você está sofrendo, Matheus. Seus amigos desconfiaram de você, seu trabalho está a ponto de ser jogado no lixo, pelo seu próprio irmão. Sua irmã fugiu e sua mulher, bem, você sabia que não seria fácil lidar com ela. Talvez você não possa fazer nada esta noite, que vá melhorar tudo isso. Mas você deveria chorar.

— Não deveria. Faria isso se estivesse sozinho. Mas mesmo desconfiados, meus amigos passaram as últimas noites em claro, me ajudando a entender aquela merda de assinatura. Mesmo longe, sei que a maluca da minha irmã está em segurança. E a minha mulher, bem, ainda é a única coisa boa nisso tudo.

— Mesmo traindo sua confiança?

— Ainda assim.

Ela beija meu queixo de leve. Mordisca de leve, e fecho os olhos, apenas sinto-a ali. Então encosta os lábios nos meus de leve, mordisca, deposita um beijo tão terno, tão delicado, que é como um botão que aciona todo meu corpo, e a puxo para mim. Domino sua boca, a viro na cama e deito-me sobre ela. Todos esses dias em que nossos lábios não se tocaram cobram seu preço. Preciso tê-

la assim, mais do que necessito dormir. Ela corresponde, enfia as mãos em meus cabelos, mas não os puxa. Quando desço meus lábios por seu pescoço, ela os puxa levemente, apenas para que eu me afaste.

— Estamos cansados — diz.

Descanso o rosto em seus seios e assinto. E fico ali, quero dormir bem neste lugar. Ela alisa meu cabelo com os dedos, em toques tão leves que nem parecem dela, e começa a falar:

— Eu errei, Matheus. Não em ajudá-la a fugir, mas em ter esquecido de mencionar isto a você. Mas eu disse a você que erraria todos os dias, e você me disse que estaria ali assim mesmo. Estou aturando sua família em nossa casa desde o dia em que nos casamos e demorei dias para errar. Você demorou um erro para se afastar de mim. E isso não justifica o que eu fiz. Mas, vamos contar nos dedos quantas vezes você errou, desde essa viagem maluca. Conte, quantas vezes você me feriu, e eu reagi na mesma hora, ou reagi assim que a dor passou, eu me esforcei e a fiz passar, e apesar de cada mentira, de cada omissão, de cada plano idiota, apesar de eu não poder confiar em você de verdade, eu tentei. Eu disse sim, quando estava apavorada. Eu dei todo o meu amor, mesmo quando você não merecia. E sei que não sou fácil, não achava mesmo que alguém, por maior que fosse o amor, conseguiria me amar e me adorar todos os dias a vida toda, como você prometeu. Esta sou eu. Sim, sou como qualquer outra mulher que você vai conhecer, a diferença estará sempre em você. Estará no que você sentir por cada uma delas. E não vou dizer a você que vou mudar e ser uma pessoa normal, e comportada e paciente com sua família chata, porque não serei. Mas eu nunca escondi isso, você me conhece a vida toda, e se só agora decidiu que não pode lidar com isso, eu sinto muito, muito mesmo.

Afundo a cabeça em seus seios. Merda. Ela acabou comigo. Há uma mistura terrível de mágoa e arrependimento em mim. É aí que ela diz:

— Eu quero o div...

— Não! — grito.

O desespero de horas antes parece estar de volta. Não quero que ela me veja assim, tenho que me acalmar. Afasto-me dela, deito ao seu lado e a puxo de volta para meus braços, a prendendo ali.

— Vá dormir, Gilcelle. Deixa tudo isso passar, então conversaremos de novo, não vai fazer bem a nenhum de nós falar agora. Estou sendo idiota, você está sendo vingativa e isso acabará com você presa nesta cama enquanto eu te marco com o chicote que está naquele closet.

— Você nunca teria essa sorte — ela diz.

Maldito amor, que te faz esquecer toda mágoa, toda dor e amar de volta. E te faz ter medo de perder alguém que pode acabar com você, mas você arrisca,

tudo, todo dia, e machuca sem querer machucar, e espera que essa pessoa te ame na mesma medida, para que ela esqueça, perdoe e ame de volta.

— O que você fará se eu perder tudo? — pergunto, mas ela já está dormindo.

O sol brilha no quarto todo e a janela está escancarada. Levanto-me meio zozinho, pelo calor, já deve passar das onze. Nunca acordei tão tarde. Tomo um banho rápido e vou para a cozinha, onde alguém cantarola desafinadamente.

Gilcelle está ainda com minha camisa, descalça, um coque no cabelo, cozinhando.

— Bom dia — digo rindo de seu bom humor.

— Eu abrirei a minha própria empresa e até te contratarei, mas eu serei a dona, porque vocês três, são três patetas.

Arqueio a sobrancelha e ela explica:

— Você perguntou o que eu farei se você perder tudo. Não consegui abrir a boca para responder por conta do sono, mas é isso. Eu serei a dominadora, você será meu escravo, mandarei em você o dia todo e te farei servir cafés em xícaras esterilizadas e aquecidas, para que você queime as mãos todos os dias, como faz comigo.

— Você queima mesmo as mãos?

— Sim. E não sei como a Bah não te meteu um processo por cada curativo que fez no dedo. Isso me faz pensar uma coisa, a Celina aquecia suas xícaras?

Sorrio. Só mesmo essa maluquinha linda para me fazer rir assim.

— Não mesmo. Ela sequer me servia café. Mas era tão inteligente e ágil, que eu detestava atrapalhar o trabalho dela para pedir qualquer coisa.

— Uau! A Celina manda em vocês desde sempre. Talvez eu a chame para ser minha vice-presidente.

Ela me serve o café e assim que deposita a xícara na bancada, a puxo pela cintura para o meio das minhas pernas.

— Eu amo você. Sempre vou amar, não importa o que aconteça — digo.

— Eu sei. Amo você também. Mas você estava certo, agora não é hora. Sei que quando pisarmos naquela casa, sua família estará lá e você não estará assim, tão leve e apaixonado, terá todo o peso do que fiz em cima de você, e eu terei todo o peso da noite que passei sozinha, com você em outro quarto e das coisas que disse.

Ela sai de perto de mim e senta-se do outro lado, com sua xícara. Toma seu café me observando.

— Me perdoa — digo.

Ela apenas me olha e não diz nada, nem faz qualquer gesto de que tenha me perdoado.

— Nosso casamento na igreja está marcado para amanhã — solto.

— Está mesmo? Desconfiei pelo tanto de coisa que a Celina me fez escolher.
— Você me mataria na igreja, não é?
— Sim, veja as coisas pelo lado bom e agradeça por não precisarmos ir à igreja. Vai manter sua vida.

Ela me espera tomar o café e diz:

— Está melhor?

Assinto e sorrio para ela. Estranhamente, me sinto bem melhor.

— Agora quero que saia deste apartamento e não ouse aparecer aqui esta noite. Se não consegue dormir sem mim, o problema é todo seu! Estou ciente que está magoado comigo, mas eu também estou com você. Da mesma forma que não confia em mim, também não confio em você. Portanto enfrente as merdas que quer enfrentar sozinho, e muito obrigada por não ter me convidado a dividir isso com você em momento algum. E quando estiver triste e solitário no seu quarto esta noite, lembre-se que os únicos momentos de paz que teve nesses últimos dias, foram comigo. Boa sorte, querido.

Ela anda até o quarto e bate a porta, e não preciso ir atrás para saber que está trancada. Será melhor assim, talvez um amor seja melhor conservado se não for testado todos os dias. Mas então, de que servirá esse amor, não é mesmo?

Cleber não olha para nenhuma das mulheres bundudas que passam por nós. Nem Sebastian. Há um ano, os dois virariam as cabeças e apostariam com qual deles elas dormiriam. Ajeito o pano que forrei na minha cadeira e os observo. A cerveja quente em minha caneca não me chama a atenção. Os dois bebem, mas não dizem nada. Até que Cleber pergunta:

— Vocês vão se separar?

Confirmo com a cabeça. Ele me encara, Sebastian me encara, e nós três caímos na risada. Às vezes rimos para não chorar.

— Isso é como um círculo vicioso — diz Sebastian. — Essas malucas acabam com a gente, mas somos loucos por elas. Supere essa mágoa, cara. E vá comer sua mulher.

— Bem que eu queria, mas ela é muito brava. Preciso de algo que a amacie primeiro — explico.

— E está tudo bem pra você? Passar alguns dias sem ela? — pergunta Cleber já com aquele sorriso idiota no rosto.

— Claro, ainda não perdoei o que ela fez comigo. Além de mentir para mim, ontem ela me alimentou, me fez rir, cuidou de mim para depois bater a porta na minha cara. Ainda me desejo sorte para sobreviver sem ela.

— Mulheres! Capetas em forma de anjos — diz Cleber quando seu celular toca, e atende — Oi, meu anjo, estou morrendo de saudade de você.

Sorrimos. O que seria de nós sem elas?

Não vejo a Gilcelle há horas. Há mais de vinte e quatro horas. Há anos não passo tanto tempo sem vê-la, pois em suas folgas na empresa, eu sempre dava um jeito de tirá-la de casa e ficava de vigia na porta do seu prédio para vê-la pela rua. Era meio doentio, eu sei, mas eu tinha essa necessidade de vê-la. Ainda tenho.

Cada coisa que falamos martela em minha mente. Ser casado com uma mulher como ela, requer muita paciência, cuidado, paciência e mais paciência. Esta é ela. E nunca me escondeu que seria assim. É como entrar em uma guerra sem estar armado, e torcer para não ser atingido. E ser casada comigo requer muito amor, porque parece que nunca deixarei de ser um estúpido.

O cabelo loiro da minha caçula aponta na esquina e me levanto imediatamente.

— Que bom te ver, Amanda.

Ela só não fica mais vermelha, porque é pequena, e não há mais espaço para a vermelhidão.

— Então, você trocou sua vida em minha casa por um trabalho neste café.

— Oi, Matheus. Na verdade, não. Só queria ver como é trabalhar, é meio que uma aposta que fiz com o Nuno. Mas iremos para outra cidade na semana que vem.

Quero brigar e dizer o quanto ela é irresponsável, mas minha irmã parece tão feliz e leve, como nunca a tinha visto.

— Como você se sente? Estando longe de todos nós?

— Bem, como nunca me senti antes. Você sabe do que estou falando. Você fez dezoito anos e se mandou para faculdade, quando foi a vez do Marcus, mamãe já o podou, e o Miguel também, não deu a eles a opção de continuarem aqui após se formarem. A mim, ela sequer permitiu estudar na capital. Qual você acha que seria meu destino?

— Você ainda é menor de idade e eu poderia acusar o Nuno de pedofilia.

— Ele quebraria seus dentes antes que você conseguisse terminar a palavra denúncia. Estou bem, irmãozinho. Vou passear um pouco e em poucas semanas volto. Preparem uma festa de dezoito anos para mim, prometi a Gilcelle que estaria lá.

— Então, ela ajudou você a fugir.

— Não. Ela me pediu para ficar, me prometeu não contar a ninguém, e me liga todos os dias para saber como estou. Também depositou em minha conta um dinheiro altamente desnecessário. Mas amo aquela maluca. De verdade. Você tem muita sorte.

Abraço minha irmã, peço um monte de vezes que se cuide e prometo não dizer a mamãe onde está, com a condição que ela ligue para a mamãe de vez em

quando.

Quando volto para perto dos meus amigos e me jogo no forro da minha cadeira, digo:

— Pode ser que eu perca tudo após essa auditoria e não poderei dar a ela a vida que prometi. Eu pensava que o amor que sinto por ela passaria por cima de qualquer loucura, como sempre passou. Como o dela sempre passou por mim. Mas casar é mais do que isso. Estaremos juntos todos os dias, ela vai aprontar sempre, eu também a machucarei de algum jeito, porque são dias demais e horas demais juntos para que tudo seja perfeito.

— Então, vai deixar que a Receita Federal decida seu casamento? Se a V.D.A. for fechada, adeus Gilcelle. Se a V.D.A. não for fechada e você continuar rico, bem-vinda de volta, Gilcelle. É isso? — questiona Sebastian.

— Tudo muda, meu caro amigo, quando você percebe que o amor que sente pela mulher da sua vida, não supera na verdade cada merda dela — admito. Então, olho bem para meus amigos babacas. — Supera cada merda de tudo.

Olho para o relógio e Cleber pede a conta.

— Você acha que ela vai aparecer? — pergunta esperançoso.

— De jeito nenhum! Mas ficarei plantado ali até que ela apareça, nem que seja de madrugada, um de vocês conta para ela com pena que estou ali, e mesmo que seja para rir da minha cara, uma hora ela vai.

— Então vamos, seu casamento é em duas horas e estamos em outra cidade.

— Você dirige como um maluco, Sebastian, vamos chegar a tempo.

Assim, corremos como três loucos para dentro do carro do Sebastian, ele arranca o carro antes do Cleber entrar e ele corre e grita por uns cinco metros para que Sebastian pare o carro, claro que ele não para e Cleber consegue pular dentro dele.

Chego a minha casa correndo e já vou avisando:

— Meu casamento é hoje! Ao menos que amem minha mulher e estejam dispostas a esquecer de tudo e tratá-la como uma rainha, espero que não estejam aqui quando voltarmos, a casa é dela. — Mamãe e vovó me olham espantadas e vou tomar meu banho.

Estou sentado no altar. O casamento estava marcado para às dezoito horas. Já são dez para as vinte, e nem sinal dela. Nem de Suzana. Nem de Celina. Sebastian e Cleber tentam me dar força de seus bancos, com gestos idiotas, mas nem mesmo eles conseguem esconder a verdade: ela não virá.

— Quem quiser ir embora, sinta-se à vontade. Agradeço a presença de cada um aqui, mas eu ficarei aqui até que ela apareça, e só Deus sabe quando será isso.

— Eu vou ficar, uma hora ela vem — diz vovó.

— Vou ficar também. Agora que não tenho mais a Amanda, preciso de outra filha — diz mamãe.

— Eu não saio daqui por nada — Miguel pisca para Bah, que revira os olhos.

— Estarei bem aqui quando ela aparecer. Não se preocupe, assim que perceber que está sentado no chão de uma igreja onde todo mundo pisa, irá te perdoar do que quer que tenha feito com ela.

— Obrigado, Bah, nem tinha reparado isso.

— De nada, senhor Amorim.

De repente Celina aparece, está balançando Nath e Suzana está atrás dela. Diz algo a Cleber e Sebastian, que se levantam e somem. Não conseguiram convencê-la e esperam que os meninos a arrastem a força, só pode.

As encaro esperando que digam qualquer coisa, mas Celina dá de ombros e diz sem emitir som:

— Sinto muito.

Ela não vem. E pior do que não ter o amor da sua vida ao seu lado no seu próprio casamento, é lembrar-se de cada momento em que a teve bem ali, em todos os lugares, em cima de você, embaixo de você. Cada dia em que ela te pertenceu volta à sua mente, e você se sente um merda, porque não foi capaz de passar por cima de um momento ruim de merda e ficar com ela.

Não vou chorar na frente desses idiotas que podem ter uma câmera e provavelmente tem, então o melhor seria ir para casa, mas não vou fazer isso.

— Filho, não seria melhor ir para casa? Descansar um pouco? — sugere mamãe.

— Não, mamãe. Fiquem bem aqui, obrigado.

O relógio badala as vinte horas, e antes que o vigésimo sino faça seu som, uma música começa a tocar, a marcha nupcial. Todo mundo se levanta, menos eu. Celina se aproxima e me levanta pelo cabelo.

O padre se levanta também, com a cara de tédio de alguém que espera há duas horas pela noiva mais atrasada da história, se espreguiça e boceja para realizar nosso casamento. As portas da igreja abrem e Cleber e Sebastian estão ali.

— Mas o que...

Eles dão um passo para frente, um meio empurrando o outro, e ela aparece. Usa um vestido pérola, de seda, colado ao seu corpo, tem algumas pérolas nele, e parece brilhar. Seu cabelo está preso em um coque, com alguns fios soltos, e uma coroa de pérolas o contorna. Nunca a vi tão linda. Nunca vi coisa mais linda na vida. Sei que estou babando, não consigo fechar a boca, não consigo me mover. Tão linda!

Cleber está de um lado e Sebastian do outro, ambos a trazem para mim, mesmo o espaço sendo apertado, mesmo que estejam esbarrando nas flores, um

parece mais orgulhoso que o outro. Quando se aproximam de mim, Sebastian beija sua testa, e diz algo que a faz sorrir, posso ver que está nervosa. Então, Cleber segura seu rosto entre as mãos, tenho vontade de saltar em cima dele, mas assim que me aproximo ele se afasta, beija sua testa, sua mão e coloca a mão dela na minha.

— Muito cuidado com meu bebê, homem. Gosto mais dela do que de você, se a fizer sofrer, esfrego sua cara no esterco.

— Já não faria antes, e agora então...

Ele se afasta e finalmente, ela é minha. Seu sorriso tímido e a maneira como tenta desviar os olhos me fazem querer beijá-la agora mesmo. Pego sua mão e a beijo, então beijo a outra, e cada lado de seu rosto lindo.

— Você é a coisa mais linda que já vi na vida — consigo dizer — obrigado por ter vindo. — Queria dizer obrigado por me dar mais uma chance, obrigado por me permitir pedir perdão todos os dias, obrigado por ser a única coisa de que posso ter certeza quando não tenho de mais nada.

— Tem certeza que quer fazer isso? — pergunta baixinho.

— Amor, a única coisa de que tenho certeza agora, é que quero fazer isso.

Ela assente e segura meu braço, e a encaminho para o altar. Minha, perante a lei, perante Deus. Minha em todos os sentidos, de todas as formas. Nunca mais passarei uma noite que seja sem ela.

— Estamos aqui reunidos — o padre começa, olha para mim e para ela, então arregala os olhos. — Gilcelle? É você?

De onde este padre conhece minha mulher? E por que parece tão horrorizado?

Gilcelle

Suzana estende a mão para que eu desça deste carro, mas estou nervosa. Não sei se quero fazer isso, mentira, sei que quero, mas não sei até onde isso pode dar certo.

— Quer parar de agir como uma galinha assustada e sair logo daí?

— Celina, sua vaca, não me compare a uma galinha. E além do mais, você não sabe o que passei nas últimas vinte e quatro horas, cale a boca e me ajude a respirar.

Ela entrega Nathalia a Suzana e entra de novo no carro, senta-se ao meu lado e me encara.

— Conte, conte suas últimas vinte e quatro horas, mas acelere, porque seu marido está prestes a ter um treco ali dentro.

— Ele nem espera que eu vá aparecer, portanto se eu demorar está no lucro.

— Conte, Gilcelle, desembuche para podermos sair deste carro. Você tem exatos dez minutos, porque minha filha vai chorar para mamar.

— Ok, tudo começou quando ele saiu do apartamento... Entrei no quarto, bati a porta e fui mexer no closet dele. Todas as roupas elegantes dele, com o cheiro dele, entrei ali, puxei umas cinco camisas e chorei. Foi uma cena muito sofrida. Passei a tarde ali me lembrando de cada dia em que ele usou cada uma daquelas camisas e eu sabia quando ele as havia usado. Cada uma delas. E percebi que isso é quase como uma doença, dessas que come seu cérebro, porque de tanta coisa para você lembrar na vida, por que vai se lembrar de cada dia em que alguém usou determinada camisa?

A noite chegou e quero deixar bem claro que consigo dormir sem ele tranquilamente, só tomei uma garrafa inteira de Gim porque eu estava afim de beber, e não para apagar. Também não foi para ignorar cada mensagem linda que ele me mandava dizendo como se sentia vazio sem mim e pedindo perdão. Acordei esta tarde, com um barulho chato, e era você, Celina, enchendo o saco. Enfim, você me disse para imaginar minha vida sem ele, e eu simplesmente não consegui fazer isso. Eu pensei em fazer lasanha na sexta, e imediatamente me veio à mente ele dizendo que está perfeito no sal. Pensei em fazer feijoada para mim, mas já planejei tirar as partes de porco e substituí-las por linguiça defumada, para que ele consiga comer. E então, quando comecei a me irritar com toda essa invasão na minha mente, enxerguei minha vida daqui há cinco anos, e eu tinha um menino lindo e ele era loiro, com os olhos azuis mais lindos que só vi uma vez na vida, no pai dele. Não tem vida sem Matheus. Isso é um saco.

— Que bom, agora vamos porque ele está te esperando para te dar um futuro,

não queremos que sua vida acabe hoje, não é?

— Espera, Celina. Não acabei... Você me encheu o saco e acabei atendendo a Suzana, eu estava chorando, mas essa vaca nem se importou em me consolar, tenho péssimas amigas, e me arrastou para aquela loja de vestidos. E só havia vestidos brancos. E eu bati o pé que não viria a esta igreja hoje, de jeito nenhum, até que vi uma mulher invejosa, pegar o meu vestido. Este aqui, sabe?! O de pérola, seda e mais pérolas. Então tive que pedi-la gentilmente que me cedesse o vestido porque meu casamento seria em quatro horas e eu não me casaria de branco, porque já dei muito para o meu marido, mas ela não quis.

Celina me interrompe com um gesto de mãos.

— Como foi que você conseguiu este vestido?

— Ela não matou ninguém — defende Suzana.

— Eu puxei o cabelo dela... Até encostar a cabeça dela no chão e disse que se não me entregasse o vestido, faria um arranhão enorme no seu rosto com minha unha que lascou, ela lascou, veja, e ela me deu o vestido de boa vontade. Chamou o segurança, mas tenho o sobrenome Amorim e ele não quis me tocar. Então voltei para o apartamento, eu tinha o vestido, tinha uma maquiadora e não tinha um sapato. Então Suzana e eu fomos a várias lojas ali no centro, e em nenhuma tinha um sapato que eu gostasse, então Suzana escolheu este, e eu não gostava dele, mas ela disse que o enfiaria na minha fuça se eu não o levasse. Então eu tinha o vestido, a maquiadora e o sapato. Deixei que ela brincasse de boneca comigo e o tempo todo minha mente estava divagando no que significa me casar com ele, e então você apareceu jogando a Nathalia em mim, e colocou isto em meu cabelo, e eu me senti a mulher mais linda do mundo quando me vi no espelho e quis que ele visse como estou bem sem ele, mas agora, chegando aqui, percebi que não faz sentido provar que estou bem sem ele, me casando com ele.

— Gil, respire. Acalme-se. Você o ama?

— Claro que amo, por que outro motivo eu aguentaria suas crises e frescura? Mas não vai dar certo, Deus vai nos abençoar e nos mataremos aos olhos Dele e não saberemos manter essa bênção.

— Gil, em toda minha vida, de tudo de estranho que já vi, nunca vi um amor como o de vocês. E olha que o Cleber e eu nos amamos loucamente, mas você e o Matheus, é uma coisa que venceu o tempo, e as diferenças e as loucuras e crises e meu Deus, se vocês não se mataram até agora, não se matarão mais. Se não quer entrar nesta igreja por ele, entre por você, porque ele é o homem que você merece e não pode aceitar menos do que ele, e jamais achará alguém melhor.

— Eu sei, Suzana, eu sei.

— Então não chore, custei fazer essa maquiagem e se borrá-la vai se casar com o olho roxo. Saia deste carro e entre naquela igreja para que ele babe em você.

— Gilcelle — Celina intervém. — Saia deste carro até eu falar cinco, ou juro que vou tirá-la daqui a pontapés. Um dois tres quatro...

Saio correndo, quase tropeço em Suzana e respiro o ar da noite.

— O Cleber, quero que ele entre comigo.

— Um segundo. — Celina pega Nathalia e Suzana sorri para mim antes de segui-la para dentro da igreja.

— Sem borrar a maquiagem! — avisa antes de entrar. — Parabéns, Gilcelle. Vocês serão imensamente felizes.

Espero que sim.

Fico me perguntando se tem alguém aí dentro, se ele está mesmo aí dentro, se o padre ainda está aí. Estou duas horas atrasada. De repente, quero entrar logo, olhar bem na cara dele e perguntar se ele tem certeza disso, e se ele gaguejar para responder, enfio essas flores na boca dele. Ele vai ter um treco por não saber de onde vieram, então sairei linda no salto, porque ele terá me visto assim, de noiva. E toda noiva é linda. E ai, meu Deus, estou surtando.

Cleber surge do outro lado da rua e me sinto acalmar. E ao lado dele, está Sebastian, que se aproxima de mim estendendo a mão.

— Não chamei você, chamei o Cleber — protesto.

— Porque é uma puxa saco desalmada. Somos um grupo, Gilcelle. Eu vou entrar também, também gosto de você — ele diz mantendo a mão estendida, então a pego, enfio o braço no de Cleber e vamos os três rua afora

O espaço do corredor é apertado, Cleber é bem largo e não sei como caberemos nós três ali. Vou falar isso para eles, quando Cleber percebe.

— Não tem espaço para nós dois — desafia Cleber.

— Vai ter que ter — responde Sebastian apertando minha mão.

— Vamos dar um jeito, agora parem com isso e me empurrem para que eu não saia correndo — peço.

A marcha nupcial começa, as portas se abrem e não vejo Matheus. O filho de uma égua foi embora. Mas é um gay mesmo! Estou prestes a dar meia volta para achá-lo e matá-lo (e para que ele me veja vestida de noiva) quando sua cabeleira loira surge de repente. Ele estava sentado. No altar. Da igreja. Onde todo mundo pisa. Esse homem me ama.

Sebastian despede-se de mim e sussurra que serei muito feliz, Cleber demora um pouco mais, me acalmando e ameaçando Matheus. Ele beija minhas mãos e meu rosto e diz emocionado:

— Você é a coisa mais linda que já vi na vida, obrigado por ter vindo. — suas

palavras saem meio emboladas e seus olhos brilham. Não quero chorar com ele, mas algo aqui no meu peito parece empurrar algo para fora dos meus olhos.

— Tem certeza que quer fazer isso?

O sorriso que ele dá antes de responder e toda certeza que ele representa é o suficiente para que esse medo passe.

— Amor, a única coisa de que tenho certeza agora, é que quero fazer isso — vocifera o que eu já havia lido em seus olhos.

Sorrio, e o sigo até o altar. Vou mesmo fazer isso, perante Deus, e ele terá que me amar e cuidar sempre, porque está prometendo em uma igreja e sei que ele é certinho demais para quebrar uma promessa desta magnitude, estou feita. Por que não me casei na igreja antes?

Olho para meu marido quando o padre começa a cerimônia, e ao ouvir sua voz, me viro imediatamente para frente.

— Estamos aqui reunidos...

Que bosta!

— Gilcelle? É você? — Ele arregala os olhos e fica meio roxo.

— Olá, padre Salvador.

Há três anos, quando fui ao convento convencer Antônia a sair de lá, este padre era um chato, que adorava pegar no meu pé e queria de todas as formas me exorcizar.

— Eu soube do pó de mico! — diz magoado.

— Padre, isso foi há muito tempo. O senhor sabe que não pode guardar mágoas, segundo seus ensinamentos, deve me dar outra batina para que eu batize.

Ele abre a boca para me repreender por algo que nem o afetou, mas Matheus contorna a situação.

— Padre, o senhor foi mesmo escolhido por Deus para realizar nosso casamento. Gilcelle hoje é uma nova pessoa!

Ele parece sem graça e este deve ser o casamento com o padre mais emburrado da história. E o tempo todo, me seguro para não rir, Matheus também, pois há um momento, quando o padre coça o braço pela quinta vez, que Matheus aperta minha mão, e aperta os lábios um no outro para não rir.

Matheus repete seus votos, me olhando daquele jeito de novo, com todo amor, adoração e aceitação por mim ali. Eu espero, querida leitora, que você tenha alguém que a olhe deste mesmo jeito, porque não há coisa melhor. E na hora de fazer meus votos, Matheus me pede que espere. Aproxima-se do meu ouvido e sussurra:

— Amor, eu prometi a você dar a vida que deveria ter tido desde sempre, cuidar de você e te dar somente o melhor. E talvez não possa cumprir isso.

Talvez eu perca tudo na semana que vem.

Posso sentir o medo em sua voz, e não é medo que eu o deixe por isso, mas entendo que é medo de eu sentir falta da vida que ele criou em minha mente, caso não possa me dá-la.

— Matheus, caso você fique pobre, então não poderá mais ser tão fresco. E não estou desejando vê-lo falido, mas adoraria vê-lo pegar no cabo de uma enxada, das fazendas da sua família, essas enxadas que ficam pelo pasto, onde as vacas passam deixando seu rastro de bosta e então você pegaria nesse cabo e...

— Na riqueza e na pobreza, entendi — ele me corta.

— Só quero que me ame desse jeito sempre.

— Isso, eu posso prometer. Cada dia mais. Sempre.

Então faço meus votos sem desviar meu olhar do dele, dessa sensação deliciosa de que sou para ele, tudo o que ele sempre quis. O padre tem uma espécie de coceira imaginária, fala correndo e meio embolado, e assim que decreta:

— Eu os declaro marido e mulher, pode beijar a noiva. — Temos uma crise de riso.

Para que beijo, se podemos rir?

Mariana me abraça e ressalta que eu cuide dele. Marisa me abraça desculpando-se por sua reação, mas eu a entendo, porém, faço-a prometer sumir da minha casa e nunca mais aparecer sem avisar. Serei assim agora, para que ninguém espere que eu seja uma boa pessoa e se decepcione depois, já vou cortar todas as mordomias e bondades desde o início.

Celina praticamente pula em cima de mim, emocionada. E quando vai abraçar Matheus ele questiona:

— Por que você disse “sinto muito”, quando entrou aqui?

— Ah, era só uma brincadeira. Foi para que sua felicidade fosse maior quando a visse.

— Celina. — O tique começa a atacar. — Você não vale nem um mísero centavo.

— Ei, não fale assim da minha mulher, você acabou de se casar com a Gilcelle, não pode falar da Celina — defende Sebastian.

— O que quis dizer com isso? — questiono e mais do que depressa ele arrasta Celina para longe de nós.

Não temos uma festa. Matheus convida a todos para um jantar em um bom restaurante, mas dá o cano no povo, pois me leva diretamente para sua casa.

— Ei, não vamos comer? — questiono.

— Com toda certeza — ele responde abaixando-se a minha frente para que eu suba nele, o que faço com receio.

— Da última vez que entrei em sua casa desse jeito, sua família maluca estava nos esperando na sala de mala e cuia. Se tiver uma alma que seja nesta casa eu juro por Deus que faço greve.

— Você precisa entrar no meu colo. É a regra.

— Seria mais fácil eu carregá-lo no colo.

— Seria mais fácil se você fosse muda, eu seria imensamente feliz.

— Idiota. Você não se sentiria o *bam bam bam* do sexo se eu não gritasse tanto.

Ele pensa um pouco, e responde:

— Na verdade, eu seria mesmo imensamente feliz.

E só não o acerto com o salto do meu sapato, porque ele abre a porta. Dá dois passos para dentro, me coloca no chão, e segura meu rosto entre suas mãos.

— Esta é sua casa, meu amor. É nossa casa. Quero que esqueça tudo o que aconteceu aqui desde a primeira vez que entrou aqui em minhas costas. Vamos começar agora. Nunca mais dormiremos em quartos separados, eu juro. E quando você me irritar a ponto de querer matá-la, descontarei minha ira com aquele chicote, ou sumindo a chave da nossa algema preferida.

— Se você usar aquela algema em mim de novo, Matheus, farei questão de passá-la por suas bolas assim que o chaveiro a abrir.

— Como eu disse, quem dera que você fosse muda.

— Então você não receberia meus avisos e suas bolas não existiriam uma hora dessas.

De repente ele fica sério e me faz olhar em seus olhos.

— Eu te amo. Você acha que pode esquecer aquelas noites e toda besteira que eu disse?

— Que noites? Nunca dormi aqui. Por que não me mostra a casa?

— Com todo prazer, meu amor. Vamos começar pelo quarto.

Afasto-me dele e subo correndo os degraus, e assim que entro no quarto, ele me alcança, quase rasgando meu vestido na pressa para tirá-lo. Estou com a mesma urgência, pois ele me deve um orgasmo desde o fatídico dia da nossa briga, e cobrarei com juros e correção monetária. Tento tirar sua camisa, mas acabo passando a unha lascada com força em seu ombro e ele dá o primeiro grito da noite.

— Desculpe, esqueci que minha unha quebrou.

Ele apenas assente, beijo o arranhão causado pela unha e voltamos a nos beijar, e quando vou abrir sua calça, algo fica preso na unha, e ele dá o segundo grito da noite.

— Ok, será que vou ter que amordaçá-lo? — ameaço.

Ele nega com a cabeça.

— Você vai agora mesmo cortar estas unhas!

— Não vou, não!

— Vai sim!

— Mas não vou mesmo!

— Corte essas unhas agora! — ele grita jogando-me na cama, pegando a tesourinha de sua cômoda e a arremessando ao meu lado. — Dois segundos para pegar esta tesoura, porque se eu tiver que pegá-la...

Começo a cortar as unhas. Bem pontudas. Vamos ver quem deveria ser mudo esta noite, querido.

BÔNUS BAH

1º DICA: NÃO SE APAIXONE POR UM PERVERTIDO.

Ah, dica desnecessária, claro que eu nunca faria isso. Não presto para nada relacionado ao amor, como costumo contar aos filhos da vizinha (ela tem sete, ninguém merece isso) era uma vez o amor, eu o matei, fim. Acho que é por isso que ela não os deixa muito tempo perto de mim. Enfim, ela não deveria me julgar, amou demais e acabou ali, sozinha e com sete filhos.

Olá, meu nome é Bárbara, mas todos me chamam de Bah. Tenho vinte e nove anos, dois seios enormes (não é silicone), muita coragem e uma imaginação muito fértil. Bom, basicamente isso é tudo o que eu tenho. Levando-se em conta que sou pobre, quase falida mesmo, devo mais de cinco cartões, de uma época em que fui feliz, tenho um sobrenome no mínimo estranho (não me pergunte que não direi) e não levo o menor jeito com crianças. Também não tenho casa, carro, nem bicicleta, ou namorado, mas não vamos começar este dia fazendo uma lista de tudo o que não tenho. Ninguém tem tudo o que quer, então uma lista dessas, qualquer um pode fazer.

Mas, também não tenho vergonha na cara, só para constar.

Leio a dica número um pela décima vez. Saio do elevador e me preparo. O clima na empresa está péssimo, é como um pré-enterro, estamos todos tensos, nervosos e tendenciosos a querer matar nossos chefes. Mas ainda esperamos um milagre. Não posso perder o emprego aqui, é divertido, são todos loucos, pagam bem e os chefes são lindos. São todos comprometidos, mas é muito bom trabalhar com a vista que os três patetas proporcionam. Mesmo porque, são os que pagam melhor suas secretárias e no momento, preciso de dinheiro.

Minha vida aqui era tranquila, na medida do possível, porque eles são todos meio malucos, mas então, quando eu achava que tudo acabaria bem, e estava superando minha paixão pelo Cleber, porque fiquei amiga da Suzana e a adoro, eis que ele me aparece. Miguel Amorim, irmão mais novo do Matheus. Imagine, lindo, gostoso, safado e um tremendo dum cafajeste. Antes de pegar este manual com a Celina, usei o manual da Bah, aquele que fica na mente da gente, para caso um dia você encontre um homem lindo e gostoso e tal, e dê para ele. Então, assim que ele passeou os olhos por cada mulher da empresa e os focou em mim, fechei o máximo que pude minha cara. Toda mulher sabe que homens não gostam de mulheres fáceis.

E então começou o meu dilema. Estou devendo até o último fio de cabelo do rabo, e aqui pagam muito bem. Estou morando de favor com uma prima, vizinha

dessa mãe da creche, e preciso limpar meu nome, sair do buraco, me reerguer e não pegar o caçula do chefe mais moralista da empresa. Porque ele vai me demitir.

Logo, foda-se manual da minha cabeça, serei cortês com o cara e ele vai atrás de alguém que não vai dar bola para ele. Simples assim.

— Bom dia, gatinha — ele disse em seu primeiro dia aqui, apoiando os braços fortes na minha mesa.

— Bom dia, senhor Amorim, deseja alguma coisa?

— Sim, que tal uma companhia para o café?

Ele estava me oferecendo sua companhia e seria muito deselegante recusar em seu primeiro dia, quando ele precisava fazer amigos, portanto, me fingi de égua.

— Uma companhia, o senhor deseja? Um minuto. — Levantei-me e berrei: — Mônicaaaaaa, o loiro aqui quer companhia. — Então me sentei e sorri docemente para ele. — Pronto, senhor Amorim, sua companhia já vem, mas só para que senhor saiba, a empresa não fornece este tipo de lanche para os funcionários.

Então ele sorriu, um sorriso lindo, repleto de dentes brancos e aqueles olhinhos azuis... Parei, não mesmo, tenho contas a pagar e não posso perder o emprego.

No segundo dia dele aqui, estava nervoso por alguma coisa, provavelmente porque a empresa está prestes a fechar as portas. Não sei o que foi que estes estúpidos dos meus chefes fizeram, mas precisam desfazer, pois como estou dizendo desde o início do capítulo, pois é, não posso. Estava almoçando me fazendo de égua para tentar ouvir o que eles falavam, levei o garfo até a boca quando Matheus começou a falar sobre alguma verba desviada, de repente, um prato foi depositado com tudo à minha frente e gritei como uma louca, engasgando com o macarrão. Tossi, tossi, o responsável pelo meu engasgo deu tapas tão fortes nas minhas costas que quase o acertei de volta com um chute nas bolas. No fim das contas, o macarrão saiu pelo meu nariz, todo mundo saiu do refeitório morrendo de nojo, Miguel, o babaca, quase teve um surto, e sumiu. Resultado, fui ao banheiro e lavei o rosto, voltei para a mesa e comi a comida dele. Não vamos desperdiçar, não é mesmo?

E então, teve o terceiro dia, que foi o dia em que precisei recorrer à ajuda da Celina. Estava eu tranquila e calma em minha mesa, mentira, nunca sou calma, quando um ramalhete de flores surgiu flutuando à minha frente. Pensei por um momento se deveria sair correndo ou pegar o tal ramalhete, mas tive a brilhante ideia de abaixar-me por baixo da mesa para tentar ver do que se tratava, e era um entregador. Anão.

— Ah, que susto — reclamei pegando o ramalhete e assinando a nota apenas

com meu primeiro nome.

Nunca na minha vida recebi flores. Era um ramalhete lindo de peônias. Uau! Quem se incomoda em escolher peônias? O cartão delicado, continha em uma letra perfeita, uma frase: *Para as flores, o espinho*.

Hum? Fiquei uns trinta minutos relendo a frase até entender que o idiota do Miguel estava me chamando de espinho. Na hora do almoço, outro ramalhete flutuou à minha frente. O tomei da mão do entregador e assinei o papel. Desta vez, era um ramalhete de orquídeas azuis, nunca vi orquídeas azuis. Eram lindas. O cartão poderia estar escrito: *flores para uma trouxa* que eu acharia lindo. Corri no Google e pesquisei, e eu estava certa, as flores eram raras. Como ainda tinha uns minutinhos, desci correndo e consegui vender as peônias e orquídeas por um preço exorbitante ao segurança da portaria, ele estava afim de uma das recepcionistas.

— Valeu por pagar minha janta, Miguel.

Fui embora feliz e saltitante como nunca fiz na vida. E quando cheguei a casa da minha prima, ela estava coberta de flores. Muitas mesmo, de variadas cores. E ele estava ali, sentado no pequeno sofá dela, com toda sua gostosura bem distribuída em músculos, estendido na pequena sala.

— O que é isso? — perguntei.

— Não sei por que vendeu as flores, mas, não venda estas, me deu trabalho para escolher.

Olhei para ele como se não me importasse com um jardim perfumado na minha sala e dei de ombros.

— O que é isso? — perguntei de novo e ele sorriu.

— Meu pedido de desculpas por tê-la feito engasgar.

— Legal, pode ir agora.

Então ele olhou minha mão. Tentei esconder a todo custo a caixinha de lasanha na sacola. Sabe essas lasanhas congeladas que você compra no mercado, esquentando no micro-ondas tira a água que escorre quando o queijo derrete e parecem borracha na hora de mastigar? Isso seria minha janta.

— Vendeu as flores para comprar isto? — perguntou espantado.

— Hunf! Até parece. Comerei isto porque sou viciada em lasanhas de borracha. Digo, de supermercado.

— Quer ir jantar?

— Não.

— Massa italiana.

— Não.

— Rodízio de carne.

— Por que você não vaza? Estou cansada, tenho uma lasanha, você está

sobrando.

Ele cruzou os braços como se fosse me convencer, quanta pretensão, eu não iria com ele mesmo!

— Comida japonesa.

— Ok, vou só tomar um banho.

Tchau lasanha emborrachada, amanhã à noite nos falamos. Coloquei-a na geladeira com um bilhete para minha prima de que era minha e ela não devia pôr a mão, e fui com ele. Ele ainda inventou de colocar uma flor no meu cabelo antes de sairmos, mas a joguei de volta nos buquês.

— Isso é brega. — Então, aponte para mim e para ele repetidamente, girando o dedo entre nós. — Isso não é um encontro. E estou faminta, vamos logo.

O jantar foi bem mais tranquilo e menos idiota do que teria imaginado. Embora eu não tenha dito nada, pois passei a noite mastigando, ele me contou toda sua vida. Seu irmão gay, sua irmã maluca, o Matheus, que acho que é as duas coisas, sua mãe chata e avó estranha. Também contou sobre sua faculdade e da vez em que bebeu demais e acordou com a cabeça enfiada em um plástico que estava grudado em seu pescoço, então ele entrou em pânico porque não sabia de onde tinha vindo o plástico e quem o colocou ali. Sim, ele é bem fresco, bem fresco mesmo. Forrou um pano para sentar na cadeira do restaurante, levou os próprios talheres e tomou vinho no canudo. Enfim, quem sou eu para julgar?

Naquela noite, cheguei em casa tão cheia, que custei a subir as escadas, minha barriga parecia ter uma mão batendo um tambor por dentro, nem mesmo um sal de frutas aliviou. Passei a noite no banheiro e percebi que não dá mesmo para confiar em homens bonitos, eles te ferram de um jeito ou de outro. Mas, o cara me mandou flores, me chamou de gatinha, me levou para jantar, então, tive que pedir ajuda a Celina, que me deu este manual.

A primeira dica é: não se apaixone por um perverso. Não vou me apaixonar, é claro, quero apenas pegá-lo.

Sento-me em minha mesa, arredo a tela do meu computador e viro a cadeira no ângulo certo. Pronto, agora posso vê-lo em sua sala trabalhando. O dia todo. Como é bom trabalhar aqui. Pego as folhas amassadas do manual da Celina para ver o segundo passo e quase caio da cadeira.

2º DICA: DESCUBRA SE É BOM DE CAMA

— Que espécie de dica é essa? Se eu preciso de ajuda para chegar no cara não tenho como saber isso.

E então, há as subdicas:

Reparar como ele beija, se tem pegada e se há volume em sua calça quando faz isso.

Sim, não vou perder meu tempo com um cara ruim de cama. Uau, reparar se tem volume, então não tenho que beijá-lo, tenho que me esfregar nele. Abro um enorme sorriso, estou adorando este manual.

Capítulo 17

Matheus

Estou deitado ao lado dela na cama, com a câmera nas mãos, vendo as fotos que tirei a noite passada. Fotos dela, vestida de noiva, despindo-se para mim, fotos estas, que em breve estarão por toda nossa casa, nossa verdadeira casa. E só serão divididas nas paredes, pelas fotos dela, com os nossos filhos.

Olho para o lado e seus grandes olhos cor de mel estão focados em mim.

— O que vai fazer com estas fotos? — pergunta.

— Você vai ver. — Largo a câmera na cabeceira e pulo em cima dela. — Bom dia, MINHA Sereia linda, MINHA mulher, MINHA amada.

— O que você quer? — ela pergunta com um sorriso.

— Desculpar-me. Não a tratei direito após nosso casamento no civil, quero corrigir isto. Quero que saiba que estava enganada, há bem aqui, um homem que a ama e a adora, com todas as forças, todos os dias. Por mais maluca que você seja.

Seu sorriso doce quase me faz desmanchá-lo em meus lábios.

— Já ouvi palavras parecidas antes, Matheus. Mas sei que ninguém é perfeito. Acho que idealizei demais a maneira como você me amava e toda essa coisa de dez anos me perseguindo e cuidando. Acho que pensamos que isso fosse maior do que realmente era. E não devemos fazer isso. Devemos apenas nos amar, como duas pessoas normais se amam.

Nego com a cabeça.

— Não quero amá-la como uma pessoa qualquer poderia amar. Não quero dar a você o que outro poderia dar. Eu a amo acima de qualquer coisa, acima de qualquer amor, e quero que entenda isso. Acima de cada mágoa, e de cada idiotice que eu disse, Gil, mesmo quando achei que não deveria amá-la tanto, foi o seu amor que me manteve são. O mundo pode acabar hoje para mim, posso perder tudo e todos, porque sei que eles me culparão no fim das contas, mas não posso perdê-la. Porque você me faz rir e me faz sentir inteiro, mesmo quando estou em pedaços. — Beijo seu pescoço e subo levemente os lábios até sua orelha, e sussurro. — Eu disse que juntaria seus pedaços sempre, mas é você quem me faz inteiro. Apenas você.

Ela me puxa pelos cabelos e me beija, mas me afasto mais cedo do que gostaria, precisamos colocar tudo nesta cama, e deixar qualquer mágoa do passado exatamente aqui.

— Espere aqui, minha Sereia linda, vou buscar algo para você comer.

— Eu posso descer e comer alguma coisa.

— Não, vamos conversar. Você só sai deste quarto depois de conversarmos — aviso.

— Sobre o que quer falar? Já aviso que não estou totalmente acordada e se for algo relacionado a sua família chata nesta casa, então dormirei o resto da vida.

— Não é nada disso. E esta casa é sua, só entra aqui quem você quiser que entre.

— Desde quando?

— Desde agora.

Ela abre um sorriso assustador, essa é minha garota.

— Sua família está proibida de entrar aqui. Seus amigos também. E seu irmão gay, porque não vou inclui-lo em família. Vejamos, quem mais não quero aqui dentro?

Beijo sua testa e busco algo para que ela coma. Ela toma o café quietinha em meus braços, e quando afasto a bandeja de seu colo, sento-me de frente para ela.

— Nas noites em que dormiu sem mim, você teve pesadelos? — pergunto logo.

Ela apenas nega com a cabeça, tudo bem, talvez tenha superado isso, eu só preciso entender.

— E quando acordou de manhã sem mim? Você sentiu medo?

Seus olhos desviam do meu, e ela se senta mais ereta, sei que é difícil para ela falar disso.

— Sim, Matheus, não só nesses dias em que não dormi com você, mas nos dias que você estava saindo mais cedo para ir à V.D.A., eu sempre me sobressalto quando acordo e você não está ao meu lado. Acho que nunca irei superar isto. E eu sei que já passei por muitas merdas, mas de todas as que já passei, essa parece ser a que não supero, porque foi em você que deposei minha maior fé.

Pego suas mãos nas minhas e a sinto acalmar-se aos poucos.

— Eu sinto muito, muito mesmo por isso. Mas precisamos superar isso, preciso que você fique bem, o tempo todo, mesmo se eu não estiver por perto. Não que eu não vá estar, estarei sempre aqui, Sereia. Quero que me fale quando estes pesadelos começaram. O que você sentia ao acordar sozinha na cama toda manhã? O que mais eu causei a você ao ir embora? Do que mais você guarda mágoa, Gil? Quero que coloque tudo para fora, que se abra, e me mostre o que tenho que fazer para que você não sinta medo nunca mais. Para que supere cada merda que causei a você. Quero saber tudo.

— É muita merda para falarmos a esta hora da manhã.

— Não importa. Quero levá-la à nossa casa, Gil. Quero levá-la para sua nova

vida ao meu lado, e não faremos isso com sombras do passado sobre nós. Eu quero que diga tudo, para que eu também possa dizer. Não quero brigar e prometo não me magoar com nada do que disser, sei que não é delicada, então, apenas coloque para fora.

A maneira como ela me olha, como parece enxergar dentro de mim, me hipnotiza.

— Eu não tive um exemplo de amor em casa. Você sabe disso. E então eu conheci você e eu te amei de uma forma tão pura, e era isso o que não me deixava enlouquecer, eu não era como eles, eu sabia amar. E então você foi embora. Eu passei a vida achando que não era nada, que ninguém se importaria comigo, porque eu não merecia. Porque eu sentia raiva e não conseguia me controlar, e eu morei em tantos lugares e todo mundo sempre se afastava. Até conhecer a Celina, acho que por ser tão maluca quanto eu, eu não a assustei.

— Na verdade, você ainda é mais maluca do que ela.

— Cale a boca. E você, era a lembrança da única coisa boa e da pior coisa que tinha me acontecido. Eu te odiei tanto quanto te amei, Matheus. E mesmo quando aceitei aquela viagem maluca, eu ainda sentia muita mágoa. Eu senti uma coisa ruim por você disputando com o amor imenso que você desperta em mim até o momento em que li aquela carta. Se você quer saber o que me causou, não foram apenas pesadelos. Eu desenvolvi uma espécie de trauma, por muito tempo, não permitia que ninguém me tocasse, se a coisa ficasse íntima, um pouco que fosse, eu me afastava, agredia, agia como uma louca. Eu comprava algemas para que um dia pudesse prendê-lo e torturá-lo por cada noite em que não dormi pensando em você. E tem a voz. Uma voz que fala na minha cabeça, desde o dia em que você foi embora, e eu me sentia ainda mais louca.

Uma voz? Era com isso que ela falava sozinha às vezes? Era por isso que a taxaram de louca na empresa?

— Tudo mudou quando li sua carta, porque eu percebi que você esteve por trás de tudo de bom que me aconteceu. Foi você quem pagou o tratamento da minha mãe. — Assinto e ela continua — Você pagou minha formatura, minha faculdade, até mesmo a casa que temos em Baependi, não é? Ela estava hipotecada e um dia simplesmente foi quitada e devolvida a mim e eu não sabia como isso tinha acontecido. E depois eu percebi, que cada vez que não tinha para onde ir, e um lugar aparecia ou alguém aparecia, foi você. Você cuidou de mim a vida toda, não entendo porque demorou tanto para se reaproximar. E disso, eu guardo mágoa.

— Porque sou um covarde. Porque quando estava na faculdade eu não tinha nada a te oferecer, cuidava de você como podia, mas não parecia ser o suficiente para te levar para junto de mim. E quando abrimos a V.D.A. eu não podia

simplesmente chegar em você anos depois e esperar que me perdoasse, você precisava conviver comigo, para que eu pudesse reconquistar sua confiança a cada dia. Mas, quando a levei para perto de mim, você estava tão magoada e tão inalcançável, achei que o tempo faria essa mágoa passar, mas não fez. Foi só aí que tive coragem o suficiente de fazer o que fosse preciso pra que você ficasse comigo.

Abaixo a cabeça e assumo, porque mesmo que às vezes duvide, sei exatamente como ela é, ela nunca escondeu nada de mim, e quero que saiba exatamente quem sou.

— Porque parece que posso superar todos os meus defeitos, menos este. Porque tudo o que vem de você me assusta o dobro e realmente tenho medo demais de te perder para sempre. Cada vez que você me afastava, mas voltava pra empresa no dia seguinte eu sabia que era uma nova chance. Quando eu fui te procurar naquela manhã que nunca existiu nessa casa, e você não estava e eu não consegui achá-la, fiquei louco. Gilcelle, eu achei que você iria embora, que sumiria e eu nunca mais a veria e então eu deixaria que a V.D.A. fechasse e deixaria meus amigos na mão, porque eu juro que estava disposto a deixar tudo e ir atrás de você onde você estivesse. E provavelmente eu serei um estúpido de novo. — Olho em seus olhos para que entenda. — Você tem tanto medo que não te amem por ser como é, e não percebe que é tão perfeita, que irei amá-la e adorá-la sempre, porque você é o que de melhor eu tenho na vida. E eu, Gilcelle? E eu que sou covarde, idiota e muitas vezes um estúpido? E eu que ajo pela paixão, que não respeito seu tempo, seus limites e a forço sempre a ficar comigo? Por que você me amaria?

Ela sorri e lágrimas descem por seus olhos. Seco-as com os lábios e ela responde tão baixinho, que só a escuto porque estou muito perto de seu rosto.

— Porque apesar de tudo, você foi o único que me amou de verdade, que me deixou amá-lo do meu jeito, que nunca pediu que eu mudasse, você foi e é a melhor coisa da minha vida. E é somente por isso que não te matei por marcar dois casamentos sem me avisar e dizer que eu não sirvo para ser a mãe dos seus filhos.

Jogo-me em cima dela derrubando-a e a beijo.

— Nunca vou me desculpar o suficiente por ter dito isso. Não estou acostumado a ficar tão perdido, eu deveria tê-la pedido ajuda ao invés de afastá-la, mas agora aprendi isso. — Olho em seus olhos e peço. — Pare de tomar o remédio, Gil. Achei que você não tomasse.

— Eu tomo, e não vou parar.

— Mas você quer ser mãe. E eu quero que você seja mãe, pare de tomar e te prometo praticar três vezes por dia para que nossos filhos nasçam o mais

depressa possível.

Ela sorri e morde meu lábio.

— Proposta tentadora, querido. Mas só vou parar de tomar o remédio, quando você provar que eu sirvo para ser a mãe dos seus filhos.

Levanto minha cabeça de seus seios e a encaro.

— E como eu vou fazer isso?

— Não sei, se vira. Se não me sentir segura, não serei mãe.

— Amor, se o Sebastian não matou a Nathalia até agora, você pode ser mãe.

— Preciso de mais do que isso — insiste.

— Se o Cleber leva jeito com crianças, você pode ser mãe.

— Ainda não é o bastante.

— Você quer que eu adote uma criança e a deixe sob seus cuidados para provar que você pode ser uma boa mãe?

Ela nega com a cabeça, com aquele sorriso de quem vai acabar comigo e apenas espero.

— Não quero ninguém como exemplo. Quero que você me prove que eu posso ser a mãe dos seus filhos. Como você vai fazer isto, não é problema meu, apenas me convença.

Merda. Malditas mulheres vingativas.

— Vamos sair desta cama, Matheus. Não concordo ainda com muitas coisas que fez, mas entendo perfeitamente. Vou tentar tirar todas essas mágoas.

A V.D.A. está um caos. A auditoria da Receita será amanhã, e embora já tenhamos provas o suficiente de que o Marcus foi quem desviou e falsificou as assinaturas, ainda não sabemos onde o dinheiro desviado está. Sebastian e eu estamos discutindo isso, quando Miguel aparece concentrado em alguns papéis.

— O que é isso? Achou alguma coisa? — pergunto esperançoso.

— Ah, isso é uma coisa que o Sebastian me deu. Uma espécie de manual para domar uma maluca.

— Um o que?

— Manual, homem — explica Sebastian — para que ele conquiste a secretária do Cleber. Ela não bate bem da cabeça, como a Celina, então dei este manual para que ele aprenda como domá-la.

Sorrio, só mesmo o imbecil do Sebastian para pensar em uma porcaria dessas e o mais imbecil ainda do meu irmão, para seguir isso.

— E desde quando você domou alguma coisa para achar que pode ensinar? — contesto.

— Desde quando enfiei um anel e um bebê naquela maluca e ela ainda está comigo. Eu domei a Celina, admita, homem, eu sou o rei em domar malucas.

— Opa, não quero nada de enfiar bebês nela, apenas dar uns pegas — diz

Miguel.

— Siga este manual, Miguel. O siga à risca e vai dar tudo certo — garante Sebastian.

Gilcelle entra quando ele está saindo e ouve o fim da conversa, então anda até Sebastian e o pega pela gravata.

— Você deu a ele um manual que anula o manual que a Celina deu à Bah?

Ele assente. Ela o solta e os dois caem na risada, e eu não estou entendendo nada.

— É muito simples, Matheus, meu velho. A Celina fez um manual que ensina mulheres a domar pervertidos e o deu à Bah. Então eu fiz um manual que ensina homens a não caírem no manual dela. Vamos ver qual de nós dois vai se sair melhor com essa coisa de manual.

— Sebastian, meu amigo. A essa altura do campeonato você deveria saber que não deve jamais entrar em uma disputa de nada com a Celina.

— São só uns manuais, o que de mais pode acontecer?

— Ele será massacrado — diz Gilcelle e concordo com a cabeça.

Essa, eu pago para ver.

O que mais me desespera nesta situação toda, é a cara dos funcionários. Estão desanimados e com medo. E não os culpo. O país prestes a entrar em uma crise, e todos ficarão desempregados se as coisas continuarem como estão. Os investidores estão abandonando o barco. A história da investigação da Receita no hotel de Madri vazou, e muitos acionistas estão entregando suas partes e retirando seu investimento. As ações da V.D.A. estão em baixa e ninguém irá comprar ações de uma empresa prestes a fechar as portas.

— Poderíamos abrir um clube noturno — Sebastian diz — colocaríamos a Miss Sue para dançar lá e ficaríamos ricos.

— Verdade. Você poderia chamar aquelas tias e a mãe maluca dela para serem as garotas da casa, o que acha, Cleber? — provoco.

— Claro. Somente se a Gilcelle fizer as apresentações, é só darmos um pouco de bebida para ela, e ela ficará rica mostrando a cabeleira ruiva — responde.

— Babaca.

— Foi você que começou.

— Na verdade, foi o Sebastian — defendo-me.

— Sim, mas não vou mexer com o nome da Celina. Ela é a bruxa mor, tenho pavor dela.

Pela primeira vez, tiro de boa vontade uma garrafa de Jack da adega do Cleber.

— Vamos brindar meus amigos, ao quão estúpidos somos. — Levanto a taça e

Sebastian pega uma na adega, enchendo-a em seguida.

— Vamos brindar por todas as vezes em que deixamos a V.D.A. à beira da falência, porque somos muito idiotas — diz ele.

Cleber então pega a garrafa da minha mão e a estende, encostando-a em nossas taças.

— Vamos brindar às mulheres maravilhosas que temos, porque se a empresa fechar dependeremos da inteligência delas — diz.

— Estou fodido — diz Sebastian virando sua taça.

Está quase na hora de irmos embora, sinto como se fosse nosso último dia ali. Gilcelle entra na sala do Cleber e faz uma careta, mas ordeno imediatamente que Cleber mantenha as garrafas longe dela. Ela me arrasta até o banheiro feminino. Estou meio zozinho e não consigo tirar os olhos do seu decote.

— Você vem trabalhar todo dia com essas tetas enormes?

— Não posso tirá-las para vir, querido.

— Por que eu permito isso? Estas tetas são minhas.

— Não sou uma vaca para que minhas tetas tenham donos. Agora abaixe a cabeça, você é muito alto.

Sorrindo como um bêbado apaixonado, abaixo a cabeça em direção as suas tetas, mas a traíra pega meus cabelos e enfia minha cabeça na pia, ligando em seguida a torneira e um jato de água gelada quase me mata afogado.

— Você ficou maluca? — grito afastando-me dela, que sorri tranquilamente.

— Descobri este método muito bom para curar bebedeira. Aliás, eu ainda estava meio bêbada quando aceitei sua proposta, mas enfim, você ainda tem meia hora de trabalho.

— E um chicote na gaveta, você me paga por isso.

Pego a atrevida da minha mulher pelo cotovelo, que grita enquanto a arrasto para minha sala, deixando água por toda parte.

— Pode ser meu último dia como CEO dessa porra, por isso, vou comer minha mulher na mesa. Sumam todos!

Por algum motivo ela parece mais vermelha do que seu cabelo, as pessoas saem correndo e rindo, foram liberadas meia hora mais cedo, devem mesmo estar felizes para rirem tanto. Minha vista está um pouco embaçada, mas consigo jogá-la sobre a mesa e abrir a gaveta.

— Matheus Idiota Amorim! É bom que esteja bêbado ou juro que vou apertar suas bolas...

— Calada! — grito acertando o chicote em suas pernas. — Você tem um minuto para tirar toda sua roupa e ficar de quatro nesta mesa.

— De quatro? — pergunta com os olhos arregalados.

— De quatro — confirmo com o chicote em riste.

— Mas, eu não consigo nem mesmo abrir todos estes botões em um minuto.

— Trinta segundos, se ainda tiver uma peça de roupa no seu corpo quando eu chegar ao zero, irei rasgá-la. Trinta, vinte e nove, vinte e oito...

Ela tira a roupa como uma desesperada, mas sua saia não escapa. Sobe na mesa meio desengonçada e antes que termine de perguntar para que lado deve virar a bunda, já a estou penetrando.

— Eeeee caralho, eu amo essa mulher! Abaixa a bunda, querida, quero ir mais fundo.

Não entendo por que ela está rindo, mas quando enfio dois dedos além do meu pau nela e mordo seu ombro, ela se cala.

— Veja quem deve ser muda agora, querida.

Estou segurando o máximo que posso, quero ouvi-la gritar primeiro. Quando finalmente ela grita, desmanchando-se sobre a mesa, grito também e caio sobre ela. Seus chutes fracos não machucam. Quase adormeço ali, mas ela me faz levantar e me ajuda a vestir a roupa. Xinga um monte por eu ter rasgado sua saia e amarra minha blusa social na cintura.

— Isso vai ter de servir. Lembre-me de montar um pequeno armário na empresa, caso vá me comer aqui mais vezes.

— Se a empresa ainda for minha depois de amanhã, te comerei aqui todos os dias.

— Promessas, promessas.

Assim que abrimos a porta, damos de cara com Alzira. Ela está com uma careta mais horrenda que sua cara normal.

— Mas que merda está fazendo aqui? Eu já não demiti você? — grita Gilcelle.

— Vai me dar meu emprego de volta quando eu te disser o que descobri.

— Não posso imaginar nada que me faria mantê-la aqui, sua ladra de fotos esquisita — acusa Gil.

— Tudo bem, se não quer saber o que descobri sobre o Sr. Marcus hoje, estou indo embora.

Não sei se estou lento, ou se a Gil é rápida demais, mas alcança Alzira como um flash e lança um olhar tão feio para ela, que eu quase começo a falar o que nem sei para que seu rosto melhore.

— Ok, me dê uma informação que valha a pena e eu te mantenho na V.D.A., desde que fique bem longe do meu marido, é claro.

— O Sr. Marcus deixou algum dinheiro na conta de um amigo e esse amigo está enrolando para devolver a ele o dinheiro. Ele estava bem nervoso falando ao telefone esta tarde. Parece que este homem está aqui na capital, ficará por poucos dias, e seu Marcus teme que ele vá embora sem lhe dar o dinheiro.

— Então, ele levou um golpe no golpe. E por que é que você estava com ele

esta tarde?

— Já dei a informação, preciso ir. Resolvam isso, não quero perder meu emprego, nem ficar sem ver seu marido.

— Ora, sua abusada... — Gil dá um passo em sua direção e ela sai correndo. As coisas estão cada vez piores.

Abro o carro e rapidamente minha mulher toma a chave da minha mão.

— Nada disso, baby. Banco do carona, hoje eu sou a motorista.

— Tudo bem, baby, eu te digo o endereço — aviso.

— Eu sei o endereço.

— Acho que não.

Ela vai cantarolando Toni Braxton e quando passa pela rua que deve entrar agora, grito de repente:

— Vire aqui!

Ela grita e vira o volante de uma vez, subindo o carro na calçada.

— Porra! Você é barbeira como a Suzana — provoco.

— A culpa foi sua por gritar assim! E ninguém é barbeiro como a Suzana, aquela ali deveria ser proibida até mesmo de sentar-se no banco da frente. Por que me mandou virar aqui? Não moramos aqui.

— Agora moramos.

Ela me encara com a confusão estampada no rosto, mas não digo nada. Minha cabeça não gira tanto, não tenho mais vontade de rir, então devo estar melhor. A guio para o que será nossa casa agora e quando a mando estacionar o carro, ela abre a boca exageradamente.

— Caralho! Quem mora aqui?

— Um casal feliz e apaixonado.

— E rico. Isso é tipo, a casa mais linda que já vi na vida, e não estou dizendo que a sua é feia, mas esta, uau!

— Que bom que gostou, meu amor. É aqui que vai morar a partir de agora.

Ela sorri, sai do carro e saio atrás dela. Olha para a bela construção e noto que acha que estou brincando.

— Então, a V.D.A. está falindo e você comprou uma casa?

— Claro, antes que todo meu dinheiro seja embargado para pagar as contas da empresa. Último presente, amor. — Ela me encara e digo a verdade — Eu já a havia comprado para você, antes dessa confusão toda.

— E caso a V.D.A. feche, como manteríamos uma casa dessas?

— Trabalhando, é claro.

— É claro. Você não está falando sério, não é? Não me comprou uma casa de presente.

Tiro do bolso a chave e estendo a ela. Ela a pega desconfiada e anda até a

porta, me olha como se fosse ser presa a qualquer momento por tentar invadir uma casa. Quando a chave gira na fechadura e a porta abre, ela fica totalmente parada. Corro até ela e a viro para mim, abaixando-me à sua frente. Ouço seu sorriso nervoso quando ela passa as pernas a minha volta e a levanto.

— Bem-vinda ao nosso lar, meu amor.

Desço-a por meu corpo e acendo as luzes. A casa é realmente linda, eu sabia que ela adoraria, mas nunca pensei que reagiria com uma boca aberta e esse brilho todo nos olhos. Coloco gentilmente a mão em suas costas e a guio de leve para o interior de sua nova casa. Ela levanta a mão para tocar em algumas coisas, mas não toca. Quando chegamos a sala principal, ela estaca. Encara a parede atônita e afasta-se de mim me olhando como se aquilo fosse uma miragem, ela reconheceu.

— Isso é porque você ainda não viu os quartos, amor — aviso e pego sua mão.
— Vou mostrá-los a você.

Gilcelle

Mal posso acreditar que ele fez mesmo isso. Uma vez, há uns dois anos, saiu uma matéria em uma revista sobre esta casa. Uma bela construção, feita por um homem muito rico, que levava chifre de sua mulher, na esperança de conquistá-la. Bom, a história não é exatamente esta, dizia que foi um homem muito apaixonado, para dar a sua amada a casa de seus sonhos, mas ela foi embora uma semana após se mudar para a casa dos sonhos, pois não se achava digna de tamanho presente. Ou seja, ela chifrava o cara. Ele sumiu em um cruzeiro e a casa ficou fechada por meses. Poucos anos depois, ele retornou ao Brasil e tentou residir nela, mas não conseguia sem sua amada fujona, então a deixou nas mãos dos empregados e foi correr o mundo. Os românticos dizem, que atrás da tal mulher. Eu acho que ele foi é beber em bares pelo mundo para superar esse puta chifre.

Uma frase nessa revista me chamou a atenção na época, claro, além da casa maravilhosa: *espero que um dia esta casa abrigue a mulher digna de receber todo o amor que a preenche*. Traduzi aquilo como: *espero que um dia outro ser compre esta casa para presentear sua mulher e que ela não o meta um par de chifres para que todo meu trabalho não tenha sido em vão*. O grande problema, além do preço exorbitante que ela deveria custar, era que o cara sumiu pelo mundo, e nunca pôs a casa à venda. Pelo menos eu nunca fiquei sabendo. E eu disse repetidas vezes que era meu sonho uma casa daquelas, embora não acreditasse em tamanho gesto de amor.

Enquanto me guia pela enorme escadaria para o quarto, Matheus vai me explicando:

— Uma vez, na cantina da empresa, você estava mostrando uma revista ao Cleber, e dizendo que era seu sonho ter um idiota que a amasse o suficiente para fazer ao menos um cômodo daquela casa para você. Eu jurei a mim mesmo, que no dia em que você fosse minha, viveríamos aqui. Quando aceitou minha proposta de viajar para Baependi, coloquei detetives atrás do dono desta casa. Conteí a ele nossa história, e o que eu pretendia fazer. Ele achou meu plano idiota e imaturo, mas disse que se desse certo, me venderia a casa. Assim que nos casamos no civil, enviei a ele uma cópia da nossa certidão. Então, ele me vendeu a casa. Também nos desejou muita felicidade e harmonia aqui. Agradei pela felicidade e não comentei que harmonia e Gilcelle não combinam.

Eu nem tenho palavras para mandá-lo à merda. Viro-me para trás de repente e o abraço.

— Isso é sério?

— Sim, meu amor. E veja bem, esta casa é sua. Ninguém que conhecemos entrou aqui além de nós. Não há lembranças ruins em nenhum cômodo dela. — Ele segura meu rosto entre suas mãos e olha em meus olhos, aqueles olhos azuis mais apaixonados do que já os vi. — Espero que possa ser feliz aqui. Que possamos ser. Quero te pedir que tente, de verdade, esquecer todo o resto, nos casamos ontem, nossa vida como um casal, o verdadeiro teste, começou ontem. Estou tentando não sentir medo, será que pode tentar me deixar provar que o meu amor por você é bem maior do que tudo o que você idealizou?

Acaricio seu rosto, não quero chorar na frente dele, não sou uma mulher emotiva, não mesmo.

— Você é mesmo, muito bom com essas propostas, meu bem. Milhões na conta, uma mansão dessas.

— E o maior amor do mundo.

— E o maior amor do mundo. Veremos, estúpido. Mas não serei boazinha com você.

— Você nunca foi — ele diz e me beija. Guia-me para um quarto no final do corredor e faz um gesto com a mão incentivando-me a abrir a porta. Ali na porta, há um papel colado, escrito: *Antes de entrar neste quarto, lembre-se que a amo da maneira mais perfeita, até mesmo em nossas imperfeições, não esteja armada e de preferência use o chicote.*

O que? Que espécie de quarto é esse? Abro a porta e caralho!

É um quarto todo branco, há um pufe macio e enorme no meio dele, alguns livros em uma pequena estante no centro, mas o que me faz soltar mesmo um palavrão são as paredes. Na parede branca à minha frente, há três frases escritas a tinta:

1 – Me perdoa por ser um covarde, prometo tomar emprestada toda sua coragem e assim jamais me afastarei de novo.

2 – Me perdoa por forçá-la a ficar ao meu lado, não posso viver sem você, mas prometo fazer valer a pena a minha companhia.

3 – Me perdoa por cada vez em que não te pedi perdão, prometo fazer o impossível para que essa palavra não seja necessária em nossa casa.

— Este é nosso quarto do perdão. Aqui devem ficar todas as mágoas. Está vendo estas paredes brancas? — ele pergunta atrás de mim. — São laváveis, em cima da estante, há diversas canetinhas, sempre que eu a magoar de alguma maneira, você pode vir aqui e escrever na parede o que fiz e como se sentiu. Caso eu não perceba por mim mesmo que estou sendo idiota. Virei aqui toda noite, Gilcelle. E prometo que meu pedido de desculpas não será escrito apenas na parede.

Meu Deus, o que eu vou fazer com este homem?

— Isto vale para você também. Sei que não sou fácil, mas sinta-se à vontade para pichar as paredes com todos os palavrões que eu despertar em você — digo e ele sorri.

— Vou descontar de outras formas, amor.

Olho para onde seu olhar aponta e em um canto, há um cesto e nele, algemas, chicotes, vendas e mordças. Acho que usarei bastante este chicote.

— Não tem uma arma?

— Você não precisa de uma arma para me matar. Naquele canto há um aparelho de som, é bem potente. Você gosta de dançar e cantarolar quando está nervosa, achei que poderia ajudar. Venha, vou levá-la ao nosso quarto.

Eu o sigo sem conseguir dizer uma palavra, nem sei começar a descrever o que se passa aqui dentro agora. Entramos no quarto, e quando me afasto apenas para acender a luz, me sinto congelar.

Ali, na parede de todo o enorme quarto, há varias quadros. Fotos. Minhas. De ontem. Vestida de noiva, sorrindo para a câmera, me despindo, nua. Não sei nem o que pensar sobre isto. Sei que ninguém virá em nosso quarto, e consigo ter uma noção do que significam estas fotos todas.

— Queimei todas as fotos, Gilcelle. Das outras mulheres. Quero apenas fotos suas em minhas paredes, em meus álbuns. Quero que apenas você exista em minha memória. São estas, as fotos que quero dormir e acordar vendo todos os dias, é você quem vai preencher cada cômodo desta casa, e cada minuto de cada dia meu. Eu amo tanto você.

Não é preciso que diga mais nada, pulo em seus braços e o beijo. E beijo, e beijo, porque o amo de uma maneira que quase me sufoca. Porque agora sei que ele não é demais para mim, é perfeito para mim, às vezes, tão maluco e perdido quanto eu. Mas quase sempre, é este homem que me coloca acima de tudo, e me faz feliz de maneiras que eu sequer poderia imaginar, e me faz sentir tantas coisas que jamais poderia descrever. Mas ele é definitivamente o amor da minha vida, meu maior presente, e tudo o que eu poderia pedir a Deus, mesmo não sendo uma boa menina.

Acordo de repente de madrugada. Matheus dorme tranquilo ao meu lado. Não ficamos ainda na casa nova, pois todas as minhas roupas ainda estavam aqui, mas nos mudaremos no fim de semana. Acordei com uma sensação ruim, e começo a pensar no que pode acontecer nesta tarde. A V.D.A. pode fechar as portas. Sei que no fundo, estes estúpidos esperam que um milagre aconteça, que os acionistas retornem seus investimentos, pois a Receita não fechará a empresa, mas eu sei por experiência própria que milagres assim, não acontecem simplesmente. Alguém tem que fazê-los por nós. Matheus foi o responsável por

cada milagre que aconteceu para mim, e preciso dar a ele um milagre também. Não quero vê-lo mais com essas olheiras enormes, os olhos inchados, noites sem dormir, bebendo e sem fome. Não quero ver nunca mais em seu rosto, o que vi quando estávamos brigados e ele foi ao apartamento para dormir comigo. Não, aquele homem fraco e tão perdido não é o meu Matheus, e não posso permitir que se torne ele.

Saio da cama sem fazer barulho, pego o celular e ligo para Suzana. Ela atende com uma voz sonolenta e explico a situação. Ela demora mais do que eu imaginava para responder:

— Por que vocês sempre me incluem em planos para salvar um ao outro? Estou me levantando, Gilcelle, te pego aí em meia hora.

— Não! — grito, fazendo Matheus se mexer na cama — Eu a pego. Precisamos estar vivas para salvarmos a empresa dos nossos homens. Imagina se eles ficam falidos e viúvos de uma vez só?

— Idiota. Estou me levantando e sugiro que ligue para a Celina. Dificilmente ela poderá ir, mas sabe que nos mata se descobrir que fomos, apenas depois.

— Eu ia ligar, mas tenho certeza que ela não vai.

— Não acredito que vai levar a Nath. Não acredito nem mesmo que você vai.

Celina joga a bolsa da bebê no banco de trás e com maestria prende a cadeirinha com minha pequena dorminhoca apagada.

— É claro que eu vou, Sebastian está péssimo, não aguento mais vê-lo assim. Não posso ficar longe dessa comilona por muito tempo, além do mais, é bom que ela comece desde cedo a defender seus interesses. Esse convento é longe? — Ela se senta ao lado da cadeirinha com tanta classe, que nem parece a mãe de uma bebê de dois meses, e sim uma agente secreta de algum órgão perigoso que está indo desvendar o crime do século.

— Pelo que vejo neste mapa, umas duas horas — diz Suzana.

— Ótimo, me acordem quando chegarmos. — Ela coloca seus óculos escuros e se recosta na cadeirinha da Nathalia prendendo o cinto em sua cintura. — Da próxima vez, arme planos que podemos executar durante a tarde, por favor. Nathalia e eu detestamos ser acordadas.

Ela dorme nem dois minutos depois, e vou cantando com Suzana o caminho todo.

Dois olhos verdes arregalados me encaram quando olho para o banco de trás para acordar Celina.

— Suzana, acho que assustamos a pequena com nossa cantoria.

Suzana se vira no banco e sorri para a carinha assustada da bebê.

— Bom dia, pequena. Quer cantar com a titia?

Nathalia abre um imenso sorriso para ela e cutuco Celina.

— Acorde, sua vaca, amamente a sua bezerra e vamos. Não temos muito tempo.

Acho linda a forma como a Nathalia segura a mão da Celina e fixa os olhos nela enquanto mama. Faço barulhos para chamar sua atenção, mas ela olha fixamente a mãe, para de mamar apenas para sorrir para ela algumas vezes e não permite que Celina afaste sua mão. É um tipo de amor que sonho em viver. O único que me falta.

Descemos as três no velho conhecido convento.

— Só para que vocês saibam, a madre é uma bruxa — aviso.

— Gilcelle, irá para o inferno por ofender uma madre — repreende Suzana.

— Não estou ofendendo, apenas constatando um fato. E alertando-as. Quando olhar para sua cara de safada e a cara de má da Celina, ira tratá-las no mesmo nível em que me trata, vocês verão.

O sol está nascendo quando aperto a campainha. Um vento gelado faz Suzana apertar Nathalia em seus braços, e a pequena adormece de novo. O portão range e espero que um porteiro apareça, mas claro que não tenho essa sorte, e a madre, a própria, está ali.

Ela me encara e fecha a porta na minha cara. Torno a bater campainha e grito:

— Estou com um bebê neste frio! Vai deixar a criança morrer congelada?

Ela abre a porta de má vontade e nos deixa passar. Ri apenas para a bebê adormecida nos braços de Suzana. Explico a madre que preciso ver Antônia, pois somente ela pode salvar a empresa dos nossos maridos. Ela acha que estou mentindo, mas a contragosto, chama minha irmã.

Ela parece péssima. Tem bolas pretas em volta dos olhos e vai dizendo ao sentar-se:

— Eu já disse tudo o que sabia, Gilcelle, não sei mais como ajudá-los.

— Antônia, o homem que estava com o Marcus está na cidade. Ele está indo embora e parece que o dinheiro que foi desviado está com ele. Precisamos saber quem é para recuperarmos esse dinheiro, a maioria dos acionistas deixaram o barco e a V.D.A. vai falir se não recuperarmos esse dinheiro.

— Eu sinto muito, Gil, mas não sei o nome dele.

— Não há nada que se lembre sobre ele? Como ele é, algo que disse? — pergunta Suzana.

Ela tenta, tenta, e não diz nada. Pressionamos e ela começa a ficar nervosa, de repente começa a chorar:

— Eu não me lembro de nada! Desculpem, mas estou me perguntando por que eu só arrumo homens gays que querem comer meu rabo? — Ela tapa os olhos e

chora compulsivamente. — Estou pensando em mil maneiras de protegê-lo. — De repente, ela tira as mãos do rosto e me olha esperançosa — Gil, há um jardineiro careca aqui. Você acha que eu deveria tentar para não dizer que morri virgem pela metade?

— Você tem certeza de que ele é homem? Antônia, não vá dar de novo o rabo!

— Eu acho que sim, mas sempre acho que sim. — Ela chora mais um tempo, então levanta de novo a cabeça e diz esperançosa. — Talvez você devesse dar uma olhada nele e me dizer se posso confiar.

— Valha-me Deus — a madre sussurra antes de desmaiar.

— Acho que você acabou de perder sua vaga aqui — digo a ela.

Antônia olha espantada a madre e faz um gesto negativo de pesar com a cabeça.

— Ela nunca fica calada, ficou tão quieta que me esqueci que estava aqui. Mas você irá, falar com o jardineiro? Principalmente se eu perder meu teto, precisarei dele.

— Farei algumas perguntas a ele, se você quiser. Mas agora, antes que a madre acorde e nos expulse, me diga alguma coisa que valha a viagem exaustiva que fizemos carregando um bebê.

— Vocês são malucas, mas não me lembro mesmo de nada. Ele não disse nomes na minha presença e o Marcus me levou apenas uma vez para o local das obras, quando teve algum contratempo. A única coisa que o homem disse, foi algo sobre os idiotas da V.D.A. terem-no falido e que ele se vingaria.

— Mas isso é uma informação, Antônia, como não se lembrou disso antes? — resmunga Suzana.

Mas nem abro a boca para brigar, Celina também não. Nos olhamos ao imaginar o único acionista da empresa que perdeu tudo graças a Cleber e Sebastian. O mau caráter que chantageou a Celina, e que por acaso, é um dos únicos acionistas que não retirou seu capital da V.D.A..

— Você faz alguma ideia de onde ele pode estar, Celina? — pergunto.

— Se ele estiver na cidade, sim, eu faço — ela diz levantando-se. — Vamos mosqueteiras, temos umas bolas para matar e uma empresa para salvar.

— Vocês sabem quem é este homem? — pergunta Suzana.

— Sim, Suzana. Um imbecil que deu o maior capital de investimento para o hotel de Madri, e que me chantageou para que desse esse investimento. Ele me manteve longe do Sebastian por mais de um mês. Eu devia imaginar que ele não deixaria barato a vingança do Sebastian — explica Celina.

— O que vamos fazer? — pergunto.

— Nós? Apertar suas bolas e furar sua testa, mas isto, apenas depois que uma outra pessoa importante falar com ele — ela olha para Suzana que vai logo

falando:

— Não sou tão agressiva, o que vou fazer para ajudar?

— Você nada — digo.

— Mas vamos entrar no quarto dele com a ajuda de Miss Sue — Celina completa.

— Que merda. Vocês precisam parar de achar que ela pode desencadear qualquer segredo. Não deu muito certo quando o Matheus tentou com aquele Pinto Pequeno.

— Relaxa, Suzana. Não sou o Matheus. E com a ajuda de Miss Sue, vamos entrar no quarto do hotel de Luciano Cartariam. Tenho mesmo umas contas a acertar com ele — diz Celina soprando as unhas em um gesto de perigo.

— Isso não vai dar certo — resmunga ela.

— Vai sim! — dizemos as duas e a madre acorda.

Após tentarmos convencê-la de que foi um pesadelo, ela claro, expulsa Antônio do convento. Mas, surpreendentemente, me pergunta quando estamos saindo:

— E a sua voz da sem vergonhice? Como está?

Paro para pensar, mas estranhamente, ela não voltou a me atazanar. Faz tantos dias que não a ouço, que estou até sentindo falta dela.

— Não sei, há semanas não a ouço mais. Desde que me casei, eu acho.

A madre coloca as mãos no rosto em um gesto exagerado.

— Você, casada, curada e correndo atrás de ajudar o seu marido. Enquanto sua irmã está seduzindo o jardineiro do convento. É o fim dos tempos. Tudo está errado neste mundo! Valha-me, Deus! — Ela sai corredor afora resmungando e fico com uma leve sensação de que enlouquecemos a madre.

Faço umas perguntas básicas ao tal jardineiro quando me aproximo. “Você já foi casado?” “Com uma mulher?” “Subia com ela?” “Já pegou mais alguma freira daqui?” “Já teve experiências *bibais*?” Ele fica vermelho, roxo, azul, mas me responde exatamente o que eu precisava ouvir.

— Excelente, este não é gay, Antônio, faça bom proveito! E você — digo apontando o dedo para ele. — Mantenha distância do furico da minha irmã.

Temos um plano, descobrimos em qual dos hotéis da V.D.A. ele está hospedado, e Miss Sue está emburrada ao meu lado. Estamos dentro do carro, meu celular já tocou doze vezes e o de Celina dezessete, enquanto Suzana esqueceu o celular em casa e desconfiamos que Cleber neste momento, esteja acionando dez detetives diferentes, ou ameaçando a vida do Elias, o segurança estranho dela. Suzana usa a peruca vermelha, um sobretudo que cobre a lingerie e nada de máscaras.

— Não preciso ser Miss Sue para seduzir um homem — diz quando a chamo

pelo nome artístico.

Dou de ombros e deixamos que ela vá na frente. Entramos sem problemas, pois somos as mulheres dos donos, sei que em questão de minutos os três saberão que estamos aqui, mas é nossa única saída. Nos escondemos enquanto Suzana bate na porta do quarto em que Luciano está. Não ouço a conversa deles de onde estou, mas o sorriso de Suzana indica que ela conseguiu. Nathalia começa a rir do nada e Celina desesperadamente tenta fazê-la calar-se, mas a pequena insiste em ser feliz audivelmente.

— Vamos, meninas! — Suzana chama e entramos rapidamente no apartamento de Luciano.

Suzana pega Nathalia enquanto ele arregala os olhos ao ver Celina.

— Olá, Celina, está exuberante — diz meio gaguejando e desconfio que esteja com medo, por algum motivo.

— Obrigada, querido.

— Não posso imaginar o que quer aqui. — Ele parece realmente assustado e nem sabe o que tem lá fora. Por que será que está tapando a bunda com as mãos?

— Me parece, Luciano, querido, que você está com algo que nos pertence, na sua conta. — Ela aproxima-se dele, que parece prestes a desmaiar.

— Não sei do que está falando.

— Hoje, tenho coisas mais pesadas e afiadas por perto. Talvez devesse colaborar.

Ele aperta as mãos na bunda e nega com a cabeça.

— Celina, não sei mesmo do que está falando. Estou aqui a passeio e claro, para retirar meu investimento dessa empresa que irá falir, nada mais.

— Sim, imagino. A empresa que ajudou a desmascarar suas falcatuas, está fechando as portas por falcatuas de alguém. É muita coincidência, não?

— Não sei mesmo do que está falando.

— Que merda — reclamo. — Por que vamos precisar de homens? Eu tinha certeza que você conseguiria assustá-lo, Celina.

— Ele está assustado, ok. Não me culpe e chame logo seus amigos.

Abro a porta do quarto e meu amigo aparece, acompanhado de duas montanhas.

— Ora, o que temos aqui, Luciano Cartariam. Você se superou dessa vez, ruivinha, o que querem que eu faça com ele?

— Apenas que o faça falar, Lagartão. Ah, e que o faça transferir o dinheiro que roubou da V.D.A. para aquela conta da qual falamos — explico.

— Certo, mas depois dessa, eu deveria ser sócio dessa bosta de empresa, estou sempre salvando-a.

O olhar que Celina lança para ele assusta até mesmo a mim, ele sorri e beija a

mão dela, então estrala os dedos antes de aproximar-se de Luciano.

— Espera! — grito aproximando-me. Olho bem para aquele merda de homem tremendo ali e me lembro do rosto de Matheus naquela noite no apartamento. Eu acho que nunca vou esquecer aquela expressão, a derrota que havia ali, e esse ser imbecil a minha frente contribuiu para que ele ficasse daquele jeito. — Você também é responsável pelo inferno que meu marido tem vivido. Espero que se lembre de nunca mais se aproximar de nada ligado a ele ou a V.D.A.. E isso, é pelas noites que ele tem passado sem dormir procurando o dinheiro que está com você. — Enfio a mão no meio de suas pernas, e como ele está usando uma calça social, é mais fácil apertar suas bolas até torcê-las. Desconto toda a minha ira e quando minha mão começa a latejar o solto.

Sequer ouvi seu grito, mas como Suzana e Celina estão tapando o ouvido de Nath, imagino que tenha gritado bastante. Respiro satisfeita e me sinto muito melhor. Então Celina se aproxima e dou lugar a ela.

— E isso é porque eu deveria ter feito bem antes — ela diz pouco antes de acertá-lo no meio das pernas com o bico do sapato.

Ele cai no chão em posição fetal, abanando o saco.

— Porra! Depois dessa, não me procurem mais! — diz Lagartão de olhos arregalados.

—Não seja frouxo, Lagartão. Agora resolva, ele é todo seu. Vamos tomar café, meninas.

Assim, vamos à cafeteria torcendo que Lagartão consiga fazer isso em tempo recorde, pois as ações da V.D.A. precisam ser compradas ainda hoje.

Matheus

Mandar ou não mandar, o meu irmão para a cadeia? Eis a questão.

Estou há mais de duas horas sentado nesta cadeira, olhando o nada e não conseguindo decidir nada. Estou atrasado para o que pode ser meu último dia de trabalho, e nem mesmo isto me faz ter ânimo de levantar-me. Minha Sereia não estava na cama quando acordei, havia apenas uma mensagem de que foi ajudar Suzana com alguma coisa e nos veríamos na empresa. Tentei ligar diversas vezes, mas ela não atende. E penso, que se ela me disser que tudo vai ficar bem e me mandar levantar desta cadeira e ir assumir meus erros, me levantarei, e tudo ficará bem. Eu só queria ouvir sua voz.

Alguém bate na porta e Sebastian aparece.

— Gilcelle também desapareceu para ajudar Suzana em alguma coisa? — pergunta e assinto.

— Por que não está na V.D.A.?

— A Receita nos contatará esta tarde. Achei que podíamos chegar mais tarde hoje.

Concordo.

— O que vai fazer com o Marcus?

— Matá-lo é uma opção? Sebastian, não consigo entender por que o meu irmão, sangue do meu sangue, quer me derrubar assim. Isso não vem de agora, você sabe quantas coisas tenho acobertado da mamãe nos últimos anos, mas tentar me mandar para a cadeia, nunca imaginei que chegaria a tanto.

— Sinto muito, homem. Não tenho irmãos, mas você e Cleber são o mais próximo disso. E não consigo imaginar como seria se um de vocês fizesse uma merda dessas. Mas não há o que pensar, Matheus. Ou você manda seu irmão para a cadeia ou é você quem vai parar atrás das grades. Está na hora do Marcus pagar pelo que fez.

Assinto. Isso vai destruir a minha família. Sei que são malucos, e muito errados de tantas formas, mas são minha família. Meu sangue. São aqueles que não importa quantas merdas eu faça ou diga, ainda estarão ali. Não consigo sequer imaginar como será o natal deste ano, com Marcus na cadeia por uma denúncia minha.

— Onde está o Cleber? Preciso que ele contate o Marcus. Há uma coisa que preciso entender. Antes que eu mande as provas contra ele para a polícia, preciso fazer uma reunião.

— Não importa o que seu irmão diga ou faça, você vai mandar estas provas

para a polícia, entendeu?

— Sim, Sebastian. Não vou pagar pelos erros dele. Tenho uma mulher para cuidar, não a deixarei sozinha.

— Graças a Deus por isto, ou tenho certeza de que você não o entregaria.

Não discuto, ligo para Cleber e não consigo falar com a Gil para que ela participe. E era de suma importância que ela participasse.

Todos estão amontoados no meu escritório, desta casa que deixará de ser minha. Se por algum milagre as coisas derem certo, em breve ela será uma ONG de ajuda a crianças carentes. E meu verdadeiro lar será com a Gil, na casa dos sonhos dela. Encaro cada um ali, mamãe, vovó, Marcus, Miguel, Sebastian e Cleber. Sei que a conversa não será fácil, mas não posso mais evitá-la.

— Mamãe, vovó, o que tenho para dizer será difícil. Mas não posso mais esconder isso.

As duas parecem apreensivas e Cleber resmunga:

— Ah, para de drama, homem e diga logo.

— Silêncio, Cleber. Deixe-me fazer as coisas do meu jeito. — Afrouxo a gravata, olho mamãe e vovó ali e começo a contar de uma maneira que não provocará um infarto em nenhuma delas. — As senhoras sabem sobre o hotel de Madri, o maior passo que a V.D.A. já deu, e o que é a promessa de maior retorno da empresa. Nas últimas semanas, descobrimos que a verba destinada a essa obra, está sendo desviada.

As duas arregalam os olhos e respiro fundo. E peço a Deus que não permita que a vovó tenha um infarto. Penso, penso, penso em uma maneira de chegar a parte das notas falsificadas, vejo Marcus se remexer na cadeira e olhar toda hora para a janela lá fora. Estranhamente, ele não disse nada para se defender, mesmo sabendo o que vou falar. E mesmo tendo ensaiado isso diversas vezes na minha mente, não consigo achar uma melhor maneira de dizer a uma mãe, o grande ladrão que seu filho é.

— Essa bicha do seu filho desviou uma quantia enorme de dinheiro da empresa, sonegou esse valor e agora a Receita Federal está nos investigando — diz Cleber de uma vez.

— Cleber! — repreendo.

— Ah, você estava fazendo drama demais. Sua avó ia acabar tendo mesmo um infarto de tanta expectativa. É isso. Estamos falindo por culpa dessa biba.

— Matheus! — mamãe coloca a mão no coração e me lança um olhar decepcionado e trato de explicar logo:

— Não fui eu, mamãe, foi o Marcus. Não sou gay, pelo amor de Deus!

Então ela olha para Marcus com a mão no coração e o mesmo olhar destinado a ele.

— Marcus!

— Nunca achei que você chegaria a tanto — diz vovó levantando-se e aproximando-se dele. — Desde quando você descobriu sobre aquele dinheiro, estou esperando que venha falar comigo. Que venha me perguntar sobre isto, mas não, você agiu o tempo todo pelas costas, tentando derrubar o seu irmão.

— A senhora ainda o defende? Ele roubou minha herança! Roubou todos nós. A senhora tem mais três netos aqui e fomos lesados por esse imbecil. Ele fundou a empresa dele com o meu dinheiro, portanto tenho sim direito de fechá-la.

O que? De que dinheiro ele está falando?

— Não peguei dinheiro nenhum seu! Ficou maluco? Você nem tem nada que eu pudesse pegar, o dinheiro que torra é o da mamãe.

— Não se faça de santo! O dinheiro todo está em seu nome, você o roubou!

— Briga, briga, briga — Cleber, Sebastian e Miguel começam a bater os punhos na mesa e cantar em coro.

— A culpa disso tudo é minha — diz vovó desolada. — Matheus, quando seu pai morreu, deixou em testamento a herança igualmente dividida entre Marisa e vocês quatro. Amanda e Miguel eram ainda crianças, e Marcus muito imaturo. Por isso, dei a Marisa a parte dela e a sua a você, e abri aquela conta depositando nela o dinheiro dos meninos. Esperei que cada um viesse me perguntar sobre isso. Miguel o fez quando completou dezoito anos, dei a ele a opção de retirar sua parte, mas ele preferiu deixá-la ali até que precisasse dela. Amanda me perguntou aos treze e me pediu para investir uma parte do dinheiro dela na V.D.A., e deixou o resto na conta. Apenas o Marcus não havia me perguntado nada. — Então ela olha para Marcus — Abri a conta em nome do Matheus e disse a ele que o dinheiro era meu e apenas queria que ele administrasse. Ele nunca soube que vocês não receberam suas partes.

Mamãe parece prestes a desmaiar, eu pareço prestes a pular na bicha do meu irmão e matá-lo, quando Marcus se levanta com o nariz empinado.

— Eu não tinha como adivinhar. Descobri meu dinheiro na conta dele e o pegaria de volta de qualquer jeito.

— Então é por isso que você pôs toda a minha empresa a perder? Por uma vingança idiota?

Antes que eu possa perceber seu movimento, Cleber o acerta com um soco, que o faz dar um urro e cair para trás no sofá.

— Foi mal, dona Marisa, mas estou sem dormir há dias por culpa dele — justifica-se.

— Marcus, onde está o dinheiro que você desviou? Diga-nos onde está! — pressiono.

Ele nega com a cabeça ao levantar-se.

— Nunca saberão. Pode tentar me mandar pra cadeia, irmãozinho, mas a sua empresa já era. A menos que consiga alguém milionário e idiota o suficiente para comprar todas as ações que perderam, você é um bosta agora, tanto quanto eu.

Cleber vai em sua direção novamente, mas ele corre. Corremos todos atrás dele, mamãe e vovó atrás de nós, ele passa pela porta como um vulto e pula dentro de um carro colorido. Colorido mesmo, cheio de glitters. Ao volante está Samarão.

— Mas o que...

Marcus joga os braços para cima, *It's Raining Men* toca alto no som do carro e ele grita de um jeito bem afeminado:

— Nunca me acharão seus babacas! Vou ser livre! Usar rosa! Viva a Gilcelle!

E assim, o carro canta pneu e some pela rua abaixo.

— Cleber, achei que tivesse matado essa coisa — diz Sebastian.

— Ficou maluco, homem? Só dei um susto nele.

Assim, vamos para a empresa, derrotados. Entrego as provas que incriminam Marcus à polícia. A Receita liberou a V.D.A., e por mais que tenhamos feito com que esta notícia corra rapidamente, sabemos que os investidores não comprarão suas ações de volta assim, após um escândalo desses. Perdemos nossa credibilidade.

Vamos os três para a minha sala, Cleber chega por último, pois foi pegar suas Jacks. Ele beija cada uma delas e abaixa a cabeça, desolado.

— Meu Deus, que eu ainda tenha capital para viver de Jacks.

— Pelo que eu saiba, Suzana está indo muito bem na Academia, relaxe, ela te dará suas Jacks — diz Sebastian. — Tenho uma filha para criar. Não quero que a Nathalia passe pelas privações que passei na infância.

— Não fique assim, homem — diz Cleber. — Daremos um jeito. Pensem pelo lado bom.

— Essa merda não tem lado bom, Cleber — retruca Sebastian.

— Tudo tem um lado bom. Ainda somos amigos, temos mulheres gostosas e maravilhosas, me liberei da Samarão, e Suzana está preparando alguma surpresa para mim.

— Só mesmo a Suzana para pedir ajuda às duas malucas para preparar algo. Eu no seu lugar, estaria com medo — diz Sebastian.

— Não vai falar, nada, Matheus? Vai ficar como um babaca aí calado? — reclama Cleber.

— Todos nós, colocamos a empresa em cheque em algum momento. Sebastian, quando se envolveu com a Celina. Por pouco não perdemos o investimento de Luciano Cartariam e depois, quando não se envolveu com a Vernee e por pouco a família dela não nos faliu retirando tudo o que pertencia a

eles na V.D.A..

— Um brinde a mim que fiz isso duas vezes — ele diz levantando a taça e nós brindamos, ele e Cleber viram tudo de uma vez.

— Cleber, caiu em um golpe de Heitor, tornando-o o quarto sócio da V.D.A., e quase conseguiu falir a empresa com aqueles saques que ele e sua quadrilha faziam.

— Quase consegui me falir também. Um brinde a isso. — Levantamos as taças e mais uma vez os dois viram as suas.

— E eu, bem, por vingança do meu irmão, consegui finalmente falir a empresa.

— Não vamos brindar a isso — afirma Cleber.

— Vamos ser sinceros, meus amigos. Nós três, babacas, não merecemos a V.D.A., a empresa nem tem dez anos e já esteve três vezes à beira da falência. Não sabemos administrar essa porra — confesso.

— Você está certo, homem. Somos péssimos com isso. Uma hora íamos perder mesmo a V.D.A., nos ocupamos demais com nossos paus e falhamos miseravelmente — diz Sebastian.

— O que será das nossas vidas como três bobocas desempregados? — questiona Cleber.

— Você poderia ganhar a vida com covers da Sofrência. Ou com seus vídeos no YouTube — Sebastian diz.

— Por que não está bebendo sua Jack, Matheus? Não podemos mais nos dar ao luxo de deixar uma taça de Jack esquentar, dê-me isso. — Cleber pega minha taça e a vira na boca.

— Esta não é minha taça. E como minha secretária não está aqui para pegar a minha, não beberei.

A porta abre e a secretária do Cleber aparece.

— Você deveria me amar por isso. Tome sua taça. Beba à vontade. Aliás, me deem uma destas garrafas. — Bah me entrega minha taça, toma uma garrafa da mão de Sebastian e sai virando-a na boca.

— Pobre Miguel — dizemos os três.

— E se abrissemos outra empresa? — tento. — Não, acabaríamos falidos e fodidos em poucos anos.

— Não sabemos administrar — concorda Cleber. — Seria uma empresa de que?

— Não vamos abrir outra empresa. A V.D.A. não pode continuar sem a gente. Vaughn, Dantas, Amorim. Somos nós. Se outra pessoa a assumir, terá que mudar o nome. Sejam sensatos aqui, é impossível que todos os investidores devolvam seu dinheiro a nós, e mais ainda que novos investidores decidam comprar as

ações e nos salvar. O melhor a se fazer, seria declarar falência. Pagar nossos funcionários, vendermos todos os hotéis e ao menos não ficaríamos na sarjeta — diz Sebastian.

— A voz da razão — brinca Cleber de maneira trise.

— Então é isso? Vamos anunciar o fim da V.D.A.? — pergunto e os dois assentem com a cabeça.

Olhamos um para o outro, viramos nossas taças e caímos na risada. Somos patéticos. Perdemos a empresa. É isso aí leitor, a trilogia acaba, a V.D.A. acaba. Talvez vocês possam ver o futuro de nossos filhos sem nossa empresa, e tomara que sejam menos estúpidos do que os pais.

De repente, o contador aparece vermelho como um pimentão.

— Vocês não vão acreditar!

Atrás dele entra Miguel afobado.

— O que houve? — pergunta Sebastian alarmado.

— Compraram as ações. Todas elas. A V.D.A. tem capital para continuar.

Mal consigo me mover, isto não é possível.

— Mas, como? Os investidores voltaram?

— Aí é que está a má notícia, irmãozinho — Miguel diz. — Os investidores não voltaram. São três investidores novos. Eles têm um CNPJ, e compraram a empresa por ele, ou seja, como se fosse apenas um investidor.

— Merda. Merda. Merda — Cleber começa a murmurar.

— Isso significa — pergunto sabendo muito bem a resposta — que a V.D.A. tem um novo dono?

— Infelizmente, sim. Com este investimento a maior parte das ações da V.D.A. pertence agora a um único CNPJ, comandado pelos três investidores. Sinto muito, meninos, vocês não são mais os acionistas majoritários da empresa. A V.D.A. agora pertence a outras pessoas.

Não sei o que é pior, ver minha empresa fechar as portas, ou vê-la sendo dada a outras pessoas. E nem quero começar a imaginar quem teria todo esse capital para investir nas ações e comprar todas.

Bah entra na sala e diz alarmada:

— Estão aqui, os novos presidentes da empresa, devo mandá-los entrar?

— Mande, Bah, o que podemos fazer? — Sebastian diz derrotado.

Nós três nos levantamos, nos empertigamos e fazemos nossas piores caras de homens de negócios seguros, quando de repente, nossas mulheres aparecem pela porta. Imediatamente corro até Gilcelle e a abraço. Respiro em seu cabelo, sinto seu cheiro e ela me abraça de volta. Nem sei como dizer a ela que perdemos nossa empresa para estranhos. Ela alisa meu cabelo e tenta me acalmar, Cleber está sufocando Suzana e procurando por alguma surpresa e Sebastian abraça a

filha que sorri para ele e abraça Celina, derrotado.

Elas estarão aqui quando os novos donos da empresa chegarem. Ao menos, não enfrentaremos isto, sozinhos. Puxo Gilcelle para junto de mim e encaro a porta. Sebastian e Cleber fazem a mesma coisa.

— O que estão esperando? — pergunta Celina.

Ela irá nos matar. Sebastian abaixa a cabeça e praticamente sussurra:

— As ações da V.D.A. foram compradas, amor.

— Que bom! — ela diz animada.

— Agora não somos mais os donos — ele completa.

— Isso é que dá serem tão estúpidos.

— Sabemos — Sebastian diz, e olha alarmado para Celina. — O que?

Olhamos todos para Celina, ela não está surtando? Não está gritando nem atirando coisas? Gilcelle também está calma demais para quem acabou de perder um patrimônio como a V.D.A., e Suzana, sorri para Cleber com toda sua pose e sabedoria. Olhamos para a porta e ninguém aparece.

— Prazer, Celina Vaughn — diz Celina fazendo uma mesura.

— Bom, ainda poderei dizer isto, mas, prazer, Suzana Dantas — diz Suzana elegantemente.

Não acredito. Não acredito.

Gilcelle nos olha com sua cara de bruxa e com as mãos na cintura, sendo superior a todos nós, diz:

— Olá rapazes, sou Gilcelle Amorim, uma das presidentes da V.D.A. Rede Hoteleira.

— Como é que é? — Cleber pergunta espantado.

Não acredito que perdemos a V.D.A. para nossas mulheres.

Capítulo 18

Gilcelle

Os babacas não conseguem fechar a boca e só não explodo de tanto orgulho da gente, porque boa parte da grande ideia veio do Lagartão. Foi ele quem nos deu a ideia de comprarmos as ações como um investidor apenas, e assim, a empresa seria nossa. Estamos as três de um lado, os três do outro, na enorme mesa da sala de reuniões. Cleber fala mais palavrões do que sou capaz de contar, Sebastian encara Celina e aperta Nathalia nos braços como se fossem suas últimas horas de vida e Matheus me olha de uma maneira estranha. E é ele o primeiro a falar.

— Então, o dinheiro estava com o Luciano?

— Sim, e vocês deveriam ter desconfiado disso, uma vez que o maior investimento no hotel era dele e foi o único que não o retirou — digo.

— Sim, deveríamos. E como é que vocês conseguiram fazê-lo confessar e devolver o dinheiro a vocês?

— Temos nossos meios e não diremos.

Então, Cleber, com aquela cara de cachorrinho sem dono, encara Suzana.

— Quer dizer que a surpresa que estava fazendo para mim é tomar minha empresa?

Ela sorri ao responder:

— Não sei de que surpresa está falando, mas não tomei sua empresa, querido. Eu a salvei para você.

— Então, vai me doar suas ações? — pergunta esperançoso.

— Não. Mas é você mesmo quem diz que o que é seu é meu.

— Não seja bobo, Cleber. É claro que as meninas nos deixarão ainda como presidentes da empresa, apenas administraremos as ações delas — diz Sebastian.

— Nunca seríamos tão burras — Celina responde imediatamente.

Os três arregalam os olhos e não sei dizer quem fica mais em pânico. Me seguro para não rir. É claro que não somos burras a ponto de doar as ações para eles, já tivemos provas de que são péssimos administradores e não vamos arriscar o suado dinheirinho que conseguimos. Mas, claro que temos consciência que esse dinheiro usado para comprar as ações, é deles. Porém, eles estão com as mãos atadas. Mesmo sendo deles, as ações estão em nossos nomes e eles, em nossas mãos. Nunca pensei que seria tão feliz.

— Celina, meu amor — Sebastian tenta. — Por mais inteligentes que vocês sejam, e vocês realmente são muito mais inteligentes do que nós, não saberiam administrar uma empresa como a V.D.A., sem terem qualquer experiência, vocês

colocariam suas ações em risco e as nossas.

— Sebastian, meu querido, agradeço sua preocupação e elogios, mas em primeiro lugar: Gilcelle e eu estudamos para isso.

— Na verdade, acho que foi tudo um plano divino e nos formamos exatamente para administrarmos a V.D.A.. — provoco.

— E depois — Celina continua — claro que não temos a pretensão de simplesmente nos denominarmos as presidentes da empresa e fazer o lucro dos hotéis dobrar.

Sebastian suspira aliviado.

— Ainda bem amor, como eu disse. Não vão nos doar as ações, mas nos deixarão administrá-las.

— Elas não vão fazer isso — Matheus diz. — O que é irônico levando em conta que o dinheiro que usaram para comprar a empresa, é nosso. Vocês a compraram com o dinheiro que foi desviado das obras do hotel de Madri, dinheiro esse, que nós havíamos levantado.

Sorrio para meu amado marido.

— O que torna vocês, ainda mais estúpidos.

— Não entendo, o dinheiro que foi desviado somente, não seria o suficiente para vocês comprarem todas as ações, como conseguiram o restante? — pergunta Cleber.

— Não usamos apenas este dinheiro, bebê, não somos tão bobas — esclareço. — Luciano gentilmente também nos doou as ações dele.

Os três abrem a boca mais uma vez e sequer piscam os olhos. Nunca me senti tão inteligente. Cutuco Suzana e sussurro:

— Uau! Ser inteligente é muito legal!

— Você ainda não viu nada. — Então ela olha para os meninos e termina de dar as facadas. — E as ações, compramos com o dinheiro que foi desviado, o dinheiro que venho juntando na Academia, já que Cleber não me deixa pagar nada e...

Ela para de falar e os três parecem prestes a pular sobre nós.

— Quer dizer a eles, Gilcelle?

— Claro, Suzana, querida. E as partes da herança da Amanda, Miguel e Marcus. Marisa me contou, que após o surto do Marcus, ela não teve mais como manter a parte dele sob os cuidados do Matheus, então já tinha combinado com ele de devolver. Mas, entrei em contato com ele antes, assim como com o Miguel e a Amanda. Falei com todos eles, que concordaram em me emprestar esse dinheiro. Quero dizer, menos a Amanda, que quer mesmo ações na empresa. No mais, os meninos receberão o valor que emprestaram com juros.

— Caralho! Muito inteligente da parte de vocês! — diz Cleber admirado.

— E então, como vai ser? — Matheus cruza os braços e sei que acha que vai nos derrubar do cavalo — Vão brincar de presidentes por aqui? Quero só ver quantos dias as três aguentam.

— Vamos conseguir, Matheus, meu estúpido com defeito, porque vocês vão nos orientar — decreta Celina.

— Como é que é? — Sebastian faz um careta tão horrenda que sei que desvendou como eles farão isso.

— O que você ouviu, amor. A partir de agora, você três serão nossos assistentes. Ou isso, ou serão demitidos.

— Vocês não podem fazer isso! — Cleber resmunga.

— Podemos sim, a empresa é nossa — diz Suzana.

Cleber sai da sala e some, pouco depois retorna com uma garrafa nas mãos e alguns copos. Dá um a Sebastian e um a Matheus, os enche e diz aos amigos:

— Um brinde a mim, grande babaca, que dei uma Academia de dança à minha namorada, sem ter tido a maldade de deixar boa parte dela em meu nome, e agora a ingrata me agradece usando os lucros deste presente, para mandar em mim. Vamos brindar porque eu mereço.

Eles brindam e viram os copos. Então Sebastian, coloca Nathalia em seu bebê conforto e pega seu copo, o levanta e diz:

— Um brinde para mim, que cometi a burrice de pedir em casamento a mulher mais esperta que já conheci na vida, que a coloquei em um cargo de confiança na empresa o que permitiu a ela saber como tudo funciona, e não dei um fim decente ao idiota do Luciano por tê-la chantageado e agora, a bruxa mor é minha chefe. Um brinde, porque eu mereço.

Eles gritam e brindam e encaram Matheus, mas meu marido olha para mim quando levanta o copo, que não é o dele e que ele não encostou os lábios até agora.

— Um brinde, porque passei a vida cuidando da mulher que amo, dei a ela tudo o que ela chamou de milagres, e agora tive um milagre de volta, porque ela foi capaz de salvar a minha empresa, quando nós três não fomos. Este brinde vai para minha mulher. E para Celina e Suzana, por serem malucas, corajosas e tão espertas. Por serem vingativas, ardilosas e tão inteligentes. Por terem contatos assustadores que com certeza são os responsáveis por toda essa colaboração do Luciano e por não nos demitirem. Eu amo vocês. — Então ele vira o copo na boca.

Sorrimos e gritamos como só três mulheres que acabam de derrotar seus homens na empresa deles são capazes. Somos demais, ou não somos?

— Eu fico com esta sala — vou logo falando ao entramos na sala do Matheus.
— E você, quero um café bem forte — digo para Matheus, que sorri e sai da

sala.

— Estou desempregada? — Bah pergunta.

— Ah não, querida, você ocupará meu antigo cargo — diz Celina observando Sebastian fazer a pequena dormir.

— Eu sou um acionista da empresa — Miguel diz a ela, que revira os olhos e sai da sala. Ele finge que não se importou, assobia, olha para o teto e sai atrás dela.

— Sebastian, acho que o manual da Celina está sendo mais eficaz que o seu. Viu? Foi ele quem foi atrás — digo.

— Que manual do Sebastian? O que significa isso, Sebastian?

Ele imediatamente levanta Nath na frente de seu rosto.

— Amor, não é nada demais, é só uma brincadeira.

— Ele fez um manual para o Miguel ensinando homens a não caírem no seu manual — deduro.

— Gilcelle, sua cobra! Você precisa aprender a manter a língua dentro da boca!

— Psiu! Não grite comigo, Sebastian, sou sua chefe. Me respeite.

— Para a minha sala, agora mesmo, Sebastian Vaughn! — ordena Celina.

Ele abaixa a cabeça e vai na frente desanimado, ela pisca para mim e sai atrás dele.

Matheus retorna à minha sala com uma xícara fria de café.

— Você não aqueceu minha xícara — reclamo.

— Você não me pediu, chefinha.

Arqueio a sobancelha e bebo. Credo, cuspo tudo na mesma hora.

— Isso está horrível! Você ficou maluco? Não colocou açúcar?

— Você não me pediu, chefinha. Pediu apenas um café bem forte.

Entendo o jogo dele. Está sendo eu. Agindo como eu agia quando trabalhava de secretária.

— Entendi, você vai fazer do jeito difícil.

Ele sorri.

— Longe de mim. Só não me passe trabalho aos sábados e domingos, eu não faço hora extra, não ensino o que não quiser ensinar e não sirvo cafés. Também não aceito que grite comigo, sou eu quem vou definir meu salário e você deve sempre me pedir as coisas, por favor.

Sorrio. Essa guerra vai ser boa.

Nem mesmo quando vejo Matheus conversando em um canto com Suzana, meu dia azeda, pela primeira vez, não sinto um pinga de ciúme. Eu sempre achei a Suzana uma mulher tão linda, e tão segura de si, ela conseguiu colocar rédeas

no Cleber, coisa que eu considerava impossível, e eu tinha para mim que Matheus poderia perceber que ela era muito mais mulher para ele do que eu. Isso não me fez tentar ser como ela, mas confesso que a admiração que ele tem por ela me incomodava. Agora, não mais. Sei que Matheus não admira ninguém na vida como admira a mim, foi para mim que ele olhou quando descobriu que éramos as novas presidentes, foi para mim que fez o brinde e foi para mim, que lançou aquele olhar de admiração, respeito e adoração que somente ele é capaz de deixar transparecer em um olhar. E como que lendo meus pensamentos, ele me abraça por trás e beija meu pescoço.

— Posso roubar um beijo da minha chefe ou isso é proibido?

— Ah não, na verdade fará parte das suas funções — digo virando-me em seus braços.

— Estou tremendamente orgulhoso de você, minha Sereia. Você não imagina o quanto. — Então seu beijo é tudo o que preciso para que este se torne um dos melhores dias da minha vida.

O dia termina uma loucura, anunciamos a alguns funcionários que somos as novas presidentes e Celina quase pulou em cima de um monte deles, que riram incrédulos e zombaram. Suzana não poderá vir todos os dias, ela tem a Academia, e quando não estiver, Cleber deve se reportar a mim, ou seja, terei dois escravos, quero dizer, assistentes, adoro a Suzana, você perdeu de novo, leitora.

Sentamo-nos apenas as três na sala de reuniões, cansadas e mais felizes do que já estivemos.

— A cara deles, foi impagável. Precisava ver quando mandei o Sebastian me dar a senha do perfil dele do notebook da própria sala, ele começou a gaguejar e fui logo gritando, acho que vou me divertir muito — comemora Celina.

— Eu, não poderei ficar muito aqui, mas, passarei quase todos os dias, faço questão de poder mandar no babaca do meu namorado — diz Suzana. — E o que faremos? Mesmo vocês tendo estudado para isso, duvido muito que queiram ser mesmo as presidentes da empresa. Você Celina, não vai querer passar sua vida aqui e deixar a Nath.

— Não mesmo. Não quero ser a presidente, isto é apenas para que esses idiotas aprendam a ter mais cuidado com o que é nosso. Além do mais, qualquer decisão a ser tomada aqui dentro a partir de agora passará por nós.

— E só devolveremos o trono a eles, quando nos provarem que são capazes de mantê-lo. Ou seja, seremos mulheres felizes e mimadas pelos nossos homens nos próximos meses — explico.

— Preciso dizer uma coisa — Suzana diz e parece tão tensa, que por um momento tenho medo. — Estou grávida.

Celina sorri e a parabeniza e eu também, mas sinto um incômodo, pois ela também é mais nova do que eu e já vai ser mãe.

— Agora só falta você, Gil. Já parou de tomar o remédio? — Suzana pergunta. Nego com a cabeça.

— Mas, achei que você queria ser mãe, por que ainda o toma? — pergunta Celina.

— Eu quero, mas não posso deixar de tomar... aconteceu uma coisa. Lembram-se quando o Matheus e eu brigamos porque ajudei a Amanda a fugir? Quando estava nervoso ele disse que eu não servia para ser a mãe de seus filhos

— O que? Eu mato aquele estúpido idiota de merda!

— Calma Celina. Estou me vingando dele. Ele está louco para ser pai e eu disse que só vou parar de tomar o remédio, quando ele me convencer que posso ser a mãe de seus filhos.

— Mas Gilcelle, você acha mesmo que não pode ser?

— Claro que não, Suzana. Sei que sou capaz. Mas, ele precisa se sentir culpado por me deixar com mais um trauma por conta de sua estupidez. Então, deixemos que ele tente, quando eu quiser, pararei de tomar os remédios e não direi a ele. Vamos ver como meu marido fará para se redimir.

Celina sorri admirada e diz batendo nas costas de Suzana.

— Minha cria, estou muito orgulhosa dela. A verdade é que eles sempre vão nos ferir de algum jeito, é impossível que não o façam, são homens. Devemos esperar que façam isso e não permitir que nos atinja demais, e claro, castigá-los e ensiná-los como devem nos tratar. O Sebastian foi um babaca, ele transou com outra, completamente bêbado, quando eu estava começando a sentir algo por ele. Mas não éramos nada um do outro, ele não havia me prometido nada. Engoli isso, passei por cima e joguei na cara dele muitas vezes depois. Sem falar da Vernee e seu noivado que fui a última a saber.

— Nem me fale, se eu for contar nos dedos quantas merdas o Cleber fez. Entre festas em seu apartamento, as gêmeas estranhas que viviam lá, e dar em cima de mim e de Sue quando não sabia que éramos a mesma pessoa, com uma tremenda conversinha fiada para cima de cada uma. Sem falar, que ele escolheu Miss Sue quando estávamos em perigo e ainda destruiu Samuel por ciúme, praticamente. Isso porque nem vou citar quantas vezes fui pega transando com ele, porque essas partes foram culpa minha também. Mas enfim, ele era mentiroso, safado e completamente estúpido. Mas passei por cima de tudo, porque não podia mais viver sem ele, e confesso que nunca pensei que pudesse ser tão feliz.

— Suzana, o Cleber e o Matheus estão empatados, a diferença é que pelo menos o Matheus assumiu os seus sentimentos. Mas as armas que ele usou para

me prender a ele, foram baixas. Do tipo que eu usaria em alguém, então você tem uma ideia de como foram baixas. Enfim, um viva a nossos estúpidos, são idiotas, mas são nossos.

— Viva! — as duas gritam rindo.

Mas, quando o Matheus aparece, Celina o encara, furiosa.

— Você, Matheus Idiota Amorim! Estou decepcionada com você. A convivência com esses dois não te fez bem, consertaram seu defeito.

— Perdoe-me, Celina, minha diva. Prometo a você que serei de novo seu estúpido com defeito.

Ela sorri para ele e levanta-se dizendo:

— Vou procurar minha filha porque não confio em deixá-la tanto tempo com o Sebastian. E você, pare de olhar para nós com estes olhos azuis tão pidões e nada dessa cara de menino sofrido, estou de olho em você, Matheus.

Quando finalmente chegamos em casa, em nossa casa. Saio saltitando por boa parte dela para conhecê-la direito. Aponto para tudo como uma menina boba e nem acredito que tudo aquilo é meu, Matheus não colocou a escritura em nosso nome, colocou no meu.

— Não acredito que perdi a biba do seu irmão me dando um viva. Mas, foi por isto que me atendeu quando liguei e ainda me ajudou. Ele não vai ser preso? — resmungo enquanto subimos para o quarto, após o jantar.

— A polícia o está procurando, mas se ele a ajudou no final das contas, não sei bem se direi onde está.

— Não diga, mesmo porque, será quase impossível que o encontrem.

— Do que está falando?

— Em breve você saberá.

Assim que saio do banho, meu marido me ataca. Ele me puxa para seus braços e sua boca domina a minha, mas o empurro e jogo na cama usando toda minha força.

— Nada disso, meu bem. Eu sou sua dona agora. Lembra o que disse que faria caso você falhasse? Você é meu escravo, quietinho aí.

Corro até a gaveta especial do closet. Pego uma venda e me aproximo dele.

— Tire a roupa e deite-se de costas na cama.

— O que? — pergunta alarmado.

— A partir de agora você não fala, apenas obedece. Faça o que mandei.

Sorrindo ele tira a roupa e deita-se como eu pedi. O pau delicioso já está em pé para mim, mas vai ter que esperar um pouco. Subo por cima dele na cama, que me toca, então o belisco.

— Não me toque, seu desobediente. — Passo a venda por seus olhos e ele parece tenso. — Hoje, eu serei sua dominadora e você, meu submisso.

— O que é que você vai fazer, Gilcelle?

Vamos ver se meu amado Dom vai conseguir aceitar receber ordens na cama. Porque vamos ser sinceras, se deixar ser vendado e amarrado por mim, é quase um suicídio.

Matheus

Posso senti-la pairando em cima de mim na cama. Ouço sua respiração acelerada e sinto seu cheiro, e o calor que emana dela. Ela desce as unhas delicadamente por meu corpo e quando se aproxima do meu pau, passeia o dedo por todo seu comprimento.

— Se você emitir qualquer som, querido, descontarei do seu salário.

Sorrio. Minha amada dominadora.

— Serei seu submisso, minha dona — digo com a voz rouca.

— Merda, não fale ou me desconcentrará.

Ouço quando ela sai da cama e há um silêncio no quarto, começo a temer o que será que essa maluca está aprontando? Gilcelle é vingativa e bem criativa, duas combinações perigosas. Ela pode simplesmente me depilar com cera quente e me matar de dor, ou montar no meu pau e me fazer o homem mais feliz do mundo. Ouço seus passos quando ela volta ao quarto, aproxima-se da cama e passa algo frio pelas minhas mãos.

— Esta não é aquela algema, é? — merda.

— Silêncio! Ou terei de puni-lo.

Mais uma vez ela se afasta e volta pouco depois, sobe na cama e quando seus seios roçam a lateral do meu corpo, sei que está nua.

— Quero tocá-la.

— Ah, Matheus, você quer mesmo ficar sem salário. Não queria ser uma chefe carrasca, mas você está me obrigando. Por que não se ajuda e fica quietinho?

Engulo em seco enquanto ela passeia os dedos por meu corpo, quando se aproxima do meio da minha barriga, seus dedos se afastam, e sua língua assume o lugar. Caralho. Tento não me mexer muito para não machucá-la de nenhuma maneira e o toque leve de sua língua percorre meu corpo me enlouquecendo. Até que se aproxima do meu pau.

Ela se afasta de mim na cama, acho que vai sair para pegar alguma coisa, mas em vez disso, ela passeia a língua por toda extensão do meu pau.

— Caralho!

Ouço apenas sua risada, a língua se afasta e poucos segundos depois, seus lábios doces contornam a cabeça do meu pau. Ela não pressiona, passeia sua boca ali bem de leve. De repente, aperta os lábios em volta dele e suga.

— Merda, Gil, mais forte!

Então ela sai da cama e me deixa ali.

— Gilcelle? Amor? Onde está? Amor? — Mas não ouço mais nada — Amor,

eu te amo, me perdoa por cada merda que fiz, por cada vez que a algemei e amordacei ou vendei, você sabe que é minha vida, agora volte aqui e termine isso.

— Ah Matheus, como você é rebelde. O que posso fazer com você?

— Por que não me castiga chupando meu pau?

— E então eu poderia mordê-lo.

— Não se aproxime do meu pau.

Incomoda-me não poder me mexer e não gosto da sensação de estar à mercê dela. Quero tocá-la, foder sua boca com meu pau, fodê-la com a minha boca. Quero jogar essa atrevida embaixo de mim e penetrá-la com força, por cada ordem que me deu hoje.

— Gilcelle, me solte. Solte-me amor. Preciso tocá-la.

— Nada disso, você prometeu ser meu submisso, fique quietinho aí.

— Eu sei que prometi, mas não aguento mais. Por favor, amor, faço o que você quiser, mas me deixe tocá-la.

— Não! — ela diz de forma tão decidida que me calo. — Cale a boca e pare de se mexer. Vou tocá-lo agora, e se emitir qualquer som, você será punido, Matheus. Não fale, não se mova. Não esqueça.

Ouçó seus passos calmos em volta da cama e sua mão acaricia de leve meu pau, que já lateja de saudade do toque dela. Gemo. Sua mão se afasta e ela fica quieta, tento ouvir qualquer barulho quando de repente algo acerta meu braço, com força.

— Ahhhh! O que foi isso? Você pegou o chicote? Gilcelle, você limpou isto?

— Sim, está limpo, não se preocupe. Ai que merda — reclama com a voz preocupada.

— Ai que merda o que? O que aconteceu?

— Vai ficar um vergão, acho que bati forte demais.

— Tenho absoluta certeza disso.

— Então, fique em silêncio, parece que tenho a mão pesada.

Pressiono um lábio no outro para não emitir som algum.

— Eu sou sua CEO agora, amor. Na empresa e em casa, você é meu. Vai fazer o que eu quiser, exatamente o que eu pedir. Acho que gosto de vê-lo assim, tão à minha mercê.

— Não preciso estar algemado para estar à sua mercê, eu vivo em função de você, amor.

Ouçó seu sorriso.

— Silêncio ou irei acertá-lo de novo.

Ela volta a subir na cama, toca meu pau, o acaricia e sua boca o toma novamente. Chamo seu nome e ela chupa com mais força, minha pequena Sereia

é voraz e quase não aguento mais.

— Gilcelle, monte em mim, agora!

Sua boca abandona meu pau e sinto suas pernas passarem por mim, ela monta em mim, afundando de uma vez. Gritamos juntos. Cavalga depressa, suas mãos se apoiam no meu peito e sinto seu cabelo tocando meu rosto. Quero puxá-lo. Quero colocar seus seios na boca, quero vê-los balançando enquanto a faço pular em mim. Ela prende meu pau por mais tempo dentro dela antes de voltar a cavalgar e sei que está perto de gozar. Conheço seus gemidos quando está próxima ao ápice. Ela grita, prende meu pau e não aguento mais.

— Goze! Agora, amor! Goze comigo! — ela grita junto comigo e gozamos.

Sinto o prazer me dominar por completo e em seguida algo me atinge no nariz e uma dor insuportável me faz gritar ainda mais alto do que ela.

— Ai meu Deus! — ela diz apavorada.

Eu nem pergunto o que aconteceu, sinto que minha esposa dominadora quebrou meu nariz.

— Você me tapeou — ela diz pressionando o pano com força demais em meu nariz, enquanto resmungo. — No final, você me deu ordens, será que não podia ficar calado?

— Amor. — Sei que é difícil entender o que estou falando por causa do nariz quebrado, mas tento. — Você ligou para o chaveiro?

Estou neste momento no carro do Cleber, indo para um hospital. Nem vou tentar explicar o que senti ao olhar-me no espelho e ver a sangueira que escorria por meu rosto, e para completar, Gilcelle não sabe onde está a chave da maldita algema. Juro que irei jogá-la fora. Então sim, estou no carro do Cleber, com as mãos para cima presas pela algema e Gilcelle segura um pano para tentar conter o sangramento.

— Sim, Matheus, ele está esperando na entrada do hospital. Você sabe que não podíamos nos dar ao luxo de esperá-lo chegar para virmos. Foi muita sorte sua o Cleber e a Sue terem passado para conhecer nossa casa.

— Muita sorte mesmo — diz Cleber que não para de rir desde que botou os olhos em mim. — Você está filmando isso, amor?

— Suzana, você não faria isso — digo, mas sai tão embolado que ela apenas faz uma careta pelo retrovisor.

— Matheus, eu sinceramente não gosto desses seus joguinhos de vídeos, mas sim. Você vai definitivamente passar a sofrência depois desse vídeo.

Merda.

É claro que o chaveiro não está na entrada do hospital e como a porcaria do sangue não para de descer, entro assim mesmo, sem camisa, com as mãos para

cima. Algumas pessoas riem, outras parecem horrorizadas, mas todo mundo, todo mundo mesmo, olha para mim. Se não bastasse o espetáculo a parte que estou dando, há Cleber com seu celular filmando meus passos e narrando da maneira idiota dele e Gilcelle, que quando o médico se aproxima, e pergunta como isso aconteceu, vai logo dizendo:

— Estávamos fazendo um sexo selvagem e ele era meu submisso, por isso está com as mãos presas. Sou meio agressiva quando gozo, ele me deu ordens e eu bati a cabeça no nariz dele. O senhor acha que é grave?

Cleber e Suzana mal conseguem parar em pé de tanto rir e até mesmo o médico está rindo.

— Acho que você quebrou o nariz do seu submisso.

— Sou marido dela — digo, mas ninguém entende.

Ainda com as mãos para cima, sou guiado até a sala de raio-x, onde os técnicos caem na risada, Cleber entra comigo e filma tudo. Digo que vou processar o hospital por permitir a presença dele ali, mas eles alegam que precisarei de ajuda por conta das mãos presas. A merda do chaveiro não chega. Meu nariz dói pra caralho, o sangue não para e estou a ponto de enlouquecer e sair gritando como um doido varrido quando saio da sala de raio-x e Gilcelle aproxima-se com uma chave nas mãos.

— O chaveiro chegou? — pergunto.

— Não, eu roubei a chave dele da última vez. Tinha colocado no bolso deste casaco, que estava usando, mas na hora do susto me esqueci.

— Solte minhas mãos agora mesmo para que eu possa matá-la.

Quando ela disse que não seria boazinha comigo não estava brincando.

Após as mãos para baixo, o nariz com um curativo horrível e um remédio para dor aplicado na veia, de uma agulha que nem vi de onde a enfermeira tirou e juro que vou fazer um monte de exames de sangue quando sair daqui. Olho para Gilcelle sentada ao meu lado, e quase a mato com meu olhar.

— Amor, não me olhe assim. Você disse há pouco que me ama, que sou sua vida e que faria qualquer coisa por mim.

— Você é uma pessoa cruel e vingativa. Não tem coração. Juro que quando me recuperar, Gilcelle, irei matá-la!

— Seu marido possui alguma arma? — a enfermeira pergunta assustada.

— Um chicote — a atrevida responde e a enfermeira chega a suspirar e passa a me dar olhadelas indiscretas. — Mas fui eu que quebrei o nariz dele só para você saber como ajo quando me irritam.

Rapidamente a mulher sai do ambiente nos deixando a sós. Ela conversa comigo, mas não a respondo, fazendo-a rir. Isso terá volta.

Estou sem moral na minha empresa. Além de ser o assistente da minha mulher, o que de fato não me incomoda, pois ela foi brilhante salvando a V.D.A., estou com um curativo no nariz e recebendo algemas de presente. O idiota do Cleber colocou o vídeo no YouTube. Só não o mato, porque mesmo sendo muito assistido, ainda não chegou sequer a metade das visualizações dele. Então lhe mando uma mensagem.

Matheus: *Bom dia, eterno rei do YouTube.*

Ele responde:

Cleber: *_ll_*

Então, a próxima mensagem, é para Suzana.

Matheus: *Como ela reagiu quando vc disse que estava grávida?*

Suzana: *Ficou muito sentida. Estou me sentindo mal por isso, Matheus, conserte sua merda e pare de me envolver.*

Matheus: *Sinto muito, minha bela Suzana. Ela disse que vai parar de tomar o remédio?*

Suzana: *Não. E Celina pediu, mas ela disse que não serve para ser a mãe do seu filho. Não sei o que fez com ela, mas desfaça. Terá que consertar isso, você mesmo.*

O que eu poderia fazer? Se ser a única das três a não ter um bebê não foi o suficiente para ela desistir de tomar o remédio, não sei mais o que seria. De repente, sei sim.

— Celina — entro em sua sala afobado. — Estou roubando seu marido, é apenas por uma hora e caso de vida ou morte.

A maldita coloca as duas mãos acima da cabeça, como se estivesse algemada e diz:

— Vá, leve o celular, amor. Não perca um passo.

— Está comigo — ele responde me seguindo.

Cleber nos vê correndo para o elevador e corre atrás.

— Seja o que for, também quero ir.

Maura, a secretária do Sebastian tem três lindos filhos. Um bebê de pouco

mais de um ano, um menino de uns oito anos e uma linda menina de cinco. Preciso que me empreste seus filhos. Conto o plano para eles que já começam a rir.

— Não vai dar certo, mas vou rir muito com o resultado. Tente a sorte — diz Sebastian.

— Você trouxe o celular? — pergunta Cleber sorrindo quando ele assente. — Você é nosso melhor amigo, Matheus.

— Falou o rei dos micos. Meu vídeo algemado e com o rosto sangrando ainda não superou a tia velha da Suzana pendurada pelada nas suas costas. Aquilo foi muito mais assustador que todo sangue do mundo.

— Cale a boca ou conserto seu nariz no murro. Ninguém viu aquele vídeo.

Sebastian e eu tossimos e rimos de sua ilusão. O vídeo é uma febre.

Ela aceita o dinheiro que ofereço, assim que explico a causa, quero ser pai. Buscamos seus filhos na creche e coloco meu plano em ação. Cleber liga para Gilcelle e pede a ela que o encontre na cafeteria que fica a três quarteirões.

Assim que ela sai da empresa, tromba em Gui, o filho mais velho de Maura, derrubando-o. Ele finge chorar e ela se ajoelha à sua frente, conversa com ele e lhe estende uma nota de cinquenta. Ao que o menino aceita e sai correndo.

— Ela é maluca! Deu cinquenta reais a uma criança desconhecida?

— Calado, Sebastian, não comentaremos isso — repreendo.

A seguimos escondidos e quando está perto da cafeteria, a pequena Jaine entra em ação. A menina linda puxa a roupa de Gilcelle e diz que está perdida. Fecho os olhos e peço: meu Deus, que ela chame o guarda, ou a leve até a mulher vestida de babá que está por perto para fingir ter perdido a menina. Mas minha mulher, pega a menina no colo, entra com ela numa loja de doces e sai de lá com uma sacola enorme e uma Jaine com as bochechas azuis chupando um pirulito.

— Se a menina estivesse mesmo perdida e a mãe a encontrasse neste estado, mandaria prender sua mulher por sequestro.

— Sebastian, já disse para ficar calado.

— Talvez você devesse simplesmente aceitar que ela não está preparada para ser mãe. Eu adoro sua mulher, mas ela é maluca.

— Merda.

Vejo a mulher que se passa por babá se aproximar da criança, e pelo menos Gil faz um mundo de perguntas a ela antes de deixar a menina com ela, então caminha tranquilamente até a cafeteria.

— Melhor eu ir — diz Cleber dando dois tapas em meu ombro, com aquela cara de sinto muito e entrando na cafeteria.

— O que você vai fazer? — Sebastian pergunta.

— Vamos tomar cappuccino.

E vamos nós para a cafeteria também. Mal entramos, ouvimos um grito. É Cleber, ele corre até nós e não sei dizer se está desesperado ou feliz. Ele me abraça, quase me mata de dor, abraça Sebastian, o pega pelo rosto e beija sua testa e não diz nada com nada.

— Pare com isso, homem! Está babando em mim, seu gay! — reclama Sebastian.

— O que aconteceu, Cleber? — pergunto.

— Eu vou ser pai! — ele diz com os olhos brilhando. — Vou ser pai, Suzana está esperando um filho meu.

Olho para dentro procurando por Suzana e só me dou conta da merda toda, quando Gil aparece sem graça.

— Suzana vai me matar, eu não fazia ideia que ela ainda não havia contado a ele, ela não pediu segredo, então achei que ele soubesse. Você acha que ela vai me desculpar? — Ela se esconde em meus braços preocupada e desta vez é Sebastian quem dá dois tapas no meu ombro com um sorriso idiota no rosto.

— Boa sorte, homem. Você vai precisar.

Nem sei como desfazer tudo isso. Levo todos para uma mesa, pois é um local público e assim eles não me matarão, eu espero. Quando todos se sentam, digo com um gesto teatral para que olhem meu nariz enfaixado.

— Meu nariz está quebrado, não se esqueçam. — Eles fazem caretas e começo. — Cleber, Suzana não está grávida, você não vai ser pai.

Seu sorriso enorme some de uma vez.

— Que papo é esse?

— Eu queria convencer a Gilcelle a parar de tomar o anticoncepcional, porque fui idiota o suficiente para dizer a ela que não servia para ser mãe dos meus filhos, e agora ela não se acha capaz de cuidar deles e não quer ter filhos e eu quero ser pai.

— E o que meu filho tem a ver com isso?

— Não acredito! — Gilcelle grita — Você a mandou mentir para mim?

— Sim. Porque achei que você se sentiria excluída sendo a única a não ter um bebê e pararia de tomar o remédio.

— Você parou para pensar que a barriga dela não cresceria e eu o mataria quando percebesse?

— Você não faria isso porque não deixaria seu filho órfão de pai.

Ela abaixa a cabeça na mesa e encaro Cleber, que apesar de decepcionado, está sorrindo.

— Não vou matá-lo, homem. A Gil vai fazer isso por nós.

— Espera! — Gil grita de repente — Aquelas crianças esbarrando em mim hoje. Isso tem dedo seu também?

Aponto claramente para o meu nariz, cubro o saco com as mãos e assinto.

— E se permite dizer... — começa Sebastian.

— Não permito — interrompo, mas ele continua assim mesmo.

— Você fez tudo errado, Gil. Você deu cinquenta reais a uma criança desacompanhada que nem conhece e levou uma garota perdida para uma loja de doces, como se fosse sua. O que faria se a mãe de algum deles tivesse aparecido?

Ela gagueja e abaixa a cabeça, e quero matar o Sebastian. Percebendo a reação dela, ele tenta consertar a cagada.

— Bom, se alguém me dissesse que a Celina seria mãe, eu mandaria a pessoa à merda, e ela é a mãe mais paciente e dedicada que já vi. Sequer grita com a Nath.

— Isso é verdade — Gil diz aborrecida, então me encara. — Satisfeito? Nem você nem eu estamos prontos para termos filhos agora.

Concordo com a cabeça.

— Precisamos ficar prontos, pare de tomar esses remédios. — Ela me olha espantada, mas preciso que ela faça isso — Fui um idiota ao plantar isto na sua mente, mas você está sim preparada para ser mãe. Estará no momento em que sentir o bebê se mexendo dentro de você, em que o pegá-lo nos braços e nos ver nele. Você estará preparada quando tiver de alimentá-lo, quando perceber o quanto ele depende de você, e sei que dará a vida por ele, assim como eu. Então não importa o quão idiota sejamos, eu te amo. Me desculpe mais uma vez pela merda que disse e pare de tomar o remédio, porque eu não poderia encontrar uma mãe melhor para os meus filhos.

Ela deita a cabeça em meu ombro e diz baixinho:

— Eu não entupiria nosso filho de doces.

— Eu sei.

— Também não daria cinquenta reais a ele.

— Eu sei amor, pare de tomar o remédio e vamos deixar que nosso pequeno pedaço nos ensine como devemos ser pais.

— O Sebastian não aprendeu a ser pai até a hoje e a Nathalia está viva — diz Cleber quebrando o clima e nos fazendo rir.

Seguro o rosto da minha mulher entre as mãos e pergunto esperançoso:

— Você vai parar de tomar o remédio?

Ela sorri docemente.

— Não! E volte para a empresa que está em horário de trabalho. — Ela se levanta e sai.

— Vou treinar com sua filha, Sebastian. Aprenderei a ser um bom pai.

—Cara, se a Gilcelle não se vingou da sua mentira idiota, terei mesmo que voltar seu nariz para o lugar — diz Cleber e em dois segundos não estou mais na

frente dele.

Gilcelle

UM ANO DEPOIS...

— Eu sabia que ele estaria aqui — digo vitoriosa.

— Não consigo acreditar.

— E você preocupado em ser o responsável pelo fim da sua família, mas veja só, como está o seu irmão.

No palco da boate onde nos encontramos, há dois “homens”. Ok, vou falar direito, há duas bibas dançantes. Uma delas usa uma peruca ruiva chamativa e um salto maior do que sua canela, está com um vestido de paetês e uma pluma rosa choque enrolada no pescoço. A outra usa uma peruca loira com lindos cachos, um vestido vermelho de couro, com um cinto de lantejoulas brancas. O sapato não é tão alto, um salto tamanho o que?

— Qual o tamanho daquele salto? Vinte e um?

— Não faço ideia, assim como não faço ideia de como alguém consegue se equilibrar em cima disso, e aquilo, definitivamente, não é o meu irmão.

— Sinto te informar, que sim, é ele. Marcus! — grito e aceno quando a música acaba e ele acena de volta, mais delicado do que miss.

Matheus abaixa a cabeça nas mãos e quando Marcus se aproxima, não toca a mão suada dele.

— Oras, quem vejo aqui. Obrigado pelo dinheiro, Gilcelle, querida. Vou montar um show com ele, se a polícia não me pegar, é claro. Você acha que a Suzana me ajudaria com a coreografia?

— Se você pagar, ela te ajuda sim, ou algum dos professores da academia dela.

Ele bate palmas como uma foquinha encantada.

— Excelente. Amanhã mesmo a procurarei. Você acha que me reconhecerão se eu andar assim pelo centro da cidade?

— E quem te reconheceria? — Matheus responde. — Parece um manequim de loja de drag ambulante. Mamãe te viu assim?

— Para o seu governo, sim. Ela também vai pegar boa parte do meu dinheiro e doar a você, para repor o que peguei emprestado.

— Você não pegou emprestado, você roubou. Quase acabou com minha empresa, minha vida e meu casamento.

— Não seja dramático. — Marcus me olha com uma careta — Sério, como é que você aguenta isso? Gilcelle, você deveria ser minha madrinha no bloco este ano.

— Só me falar a data.

— Não vai mesmo. Minha mulher não vai desfilhar por aí com um monte de homens suados, mas não vai mesmo!

— Acalme-se Matheus. Marcus, não queremos seu dinheiro, o hotel de Madri é um sucesso, estamos abrindo outro em Paris, pegue o valor que roubou e doe para a uma instituição de caridade.

— Mande mamãe fazer isso, então. Agora preciso ir, meu show começa em segundos.

Ele joga um beijo exagerado para o ar e sai desfilando de volta para cima do palco.

— Você não vai chamar a polícia, não é? — pergunto.

— Quem diria que teríamos outra dançarina noturna entre nós. Meu Deus, onde essa família foi parar?

— Essa família nunca existiu, Matheus, vamos, vamos buscar a Suzana e o Cleber.

Estamos reunidas no restaurante. Desde cedo, tenho achado Celina séria demais. Parece preocupada e com a cabeça longe. Tanto que Nathalia está virando sua papinha dentro da bolsa dela e ela sequer reparou.

— Celina, espero que não tenha nenhum documento dentro da sua bolsa — digo comendo minha almôndega.

Só então ela olha a bolsa e solta um palavrão, batendo na boca em seguida.

— Mêda. Titia, mêda — Nath diz me olhando entusiasmada.

— Não pode falar isso, Nathalia, esqueça.

A pequena assente e cantarola a palavra mêda.

— Ainda bem que ela não ouviu direito. Celina, o que está acontecendo?

— Nada, por quê?

— Você está estranha. Não está, Suzana?

Mas Suzana, que voltou ontem de sua lua de mel após um dos casamentos mais lindos que já vi na vida, parece irritada. Ela briga com o bife no prato e por fim, finca o garfo nele repetidas vezes. Nathalia acha graça e bate palmas, pedindo a ela o bife furado. Suzana o corta em pequenas tiras e coloca na boca da pequena.

— O que está havendo com vocês duas? — questiono.

— Peguei o imbecil do meu marido chupando um dos meus comprimidos de anticoncepcional — diz Suzana.

A encaramos curiosas e ela explica.

— Experimentei chupá-la também, e adivinhem? Ele trocou todos os comprimidos do frasco por balas.

— E ainda ficou chupando? Mas é um tapado mesmo — reclamo

decepcionada com meu amigo.

— Você está grávida? — Celina pergunta, mas Suzana nega com a cabeça.

— Mas vou fazer greve até ir ao ginecologista pegar outra receita e não posso prometer que não matarei esse idiota.

— Dota! Kebi dota! — Nathalia diz nervosa, e fica em pé em sua cadeira depositando um beijo babado em Suzana, que a pega no colo e a abraça.

— Sim, pequena. Seu tio Cleber é um idiota.

— Suzana, não ensine minha filha a xingar o Cleber, ela aprenderá sozinha quando começar a entender as coisas.

— Amanhã ela já esqueceu — digo.

Celina sorri e pergunta à pequena.

— Nathalia, o que seu papai é?

A pequena sorri e diz pausadamente:

— Tu – pi – do.

— E só me ouviu chamando-o de estúpido uma vez. Vocês subestimam a inteligência da minha filha.

— Ele é estúpido mesmo. Deveria ensiná-la que todos eles são, e não deixá-la chamar por nada mais, apenas assim. O que há com você, Celina? — pergunto ao ver que ela sequer presta atenção ao que estou dizendo.

— Acho que preciso de um favor — diz com pesar e temo o que vai pedir.

Nessa hora, um garçom passa com uma porção de fígado de boi e como em sincronia, Celina e Sue se sentem enjoadas, voltando o almoço cada uma de um lado meu.

— Vocês estão de brincadeira! Se fosse o Matheus aqui, o teriam matado de forma cruel. Homicídio doloso, hediondo — resmungo me certificando de que nada tocou meu pé.

— Farmácia — Suzana diz e as duas se levantam.

Pego Nathalia e as sigo. Vamos todas para a V.D.A., trancamos o banheiro e espero. Nathalia ficou com Sebastian, que irá levá-la para a babá, assim que Matheus e Cleber pararem de babar nela.

Ali, em cima da pia do banheiro, estão alguns testes de gravidez.

— Funciona assim — Celina explica. — Você mija neste pote e depois enfia isso dentro. Se der um pauzinho, coloque um DIU. Se der dois, procure imediatamente um psiquiatra.

Suzana assente e segura seu teste meio tremendo. Uma olha para a outra como que dando força e cada uma entra em uma cabine.

— Boa sorte! — grito. Mas não sei se sorte para elas é estarem ou não grávidas. Pelas caras que estavam, imagino que não.

Olho aqueles testes ali, nunca fiz um teste na vida. Há meses não tenho

tomado o remédio corretamente, mas quando me lembro, tomo todos os dias esquecidos de uma vez. Ainda preciso de forças para ser mãe, a V.D.A. está expandindo e não acho que seja o momento de me ausentar por uns três anos, pois não vou deixar que meu pedacinho seja criado por uma estranha. Por mais boazinha que ela seja. Quero ser eu a vê-lo crescer e ver tudo o que ele descobrir enquanto criança.

Por curiosidade, porque nunca fiz um destes, pego um e vou para a terceira cabine. Assobio enquanto faço xixi no potinho, coloco o teste nele e saio do banheiro. Lavo as mãos e olho para dentro da cabine, mas nada. De repente, a porta de Celina abre e ela sai com o teste nas mãos e branca como um fantasma.

— O que deu? — pergunto.

— Estou grávida — Suzana diz abrindo a porta de sua cabine.

Celina estende pra ela seu teste e os dois estão iguais, duas listrinhas.

— Psiquiatra? — Suzana pergunta sussurrando, acho que quer chorar.

— Pelo menos vamos juntas — Celina responde ainda mais desolada. — Dois filhos, meu Deus.

— Eu juro que mato o Cleber, matarei a cada choro deste bebê, matarei se não souber cuidar dele. Eu sempre quis ter filhos, mas não quando estou prestes a viajar em turnê com meu espetáculo. Não acredito!

Mas não respondo, estou parada, vidrada, olhando minha cabine.

— Gil, está tudo bem? — Celina sacode as mãos na frente dos meus olhos e só consigo apontar como uma retardada para a cabine onde meu teste está depositado em cima da tampa do vaso.

Celina se aproxima o tira de lá, então com um sorriso enorme, me estende ele.

— Oba! Vamos as três enlouquecer algum psiquiatra.

Putá merda, eu estou grávida. Suzana está grávida e Celina está grávida de novo. Estamos todas grávidas.

— É bebê demais — sussurro e as duas concordam, então nós três choramos.

Quando saímos do banheiro, Matheus corre até mim, parece assustado, temo que tenha descoberto sobre a gravidez, mas não teria como, não é mesmo? Nem estou tendo sintoma nenhum.

— Gil, o Marcus foi preso.

— O que? Como?

— Parece que ele se meteu em uma briga com um traveco na praça, e o traveco puxou sua peruca. Bem em frente à delegacia de polícia da praça.

— Que retardado! E agora? Vai contratar um advogado para ele?

— Eu? Não. Mas mamãe provavelmente vai.

— Ele vai adorar ser a dondoca da cadeia — digo rindo.

Matheus faz uma carreta horrível e sai resmungando que não precisava

imaginar isto.

Saí mais cedo da empresa, passei na farmácia e comprei duas chupetas, preciso contar ao Matheus que vamos ser pais. O aguardo na escada da entrada da nossa casa. Quando ele chega, sorri para mim, e peço que pare antes de me alcançar.

— O que houve, amor? — pergunta preocupado.

Devo estar parecendo uma louca com as duas mãos para trás parada no meio das escadas.

— Escolha uma mão — digo.

— O que?

— Uma mão, direita ou esquerda, escolha um lado.

Desconfiado, ele aponta para meu braço direito, quando o tiro de trás de mim, está a chupeta azul.

— É, não vai ser a Gilsuelina.

— O que?

Balanço a chupeta à sua frente.

— Será um menino, este teste é infalível. Ah, quando sua mãe fez o teste na gravidez do Marcus, deve ter saído rosa, não é?

— Gravidez?

— Ai, mas você está lento esta noite, amor. — Desço os degraus e paro de frente para ele. — Escondi atrás de mim uma chupeta rosa e uma azul, mandei que você escolhesse, e você escolheu a azul, logo, será um menino.

— O que será um menino?

— Nosso bebê, Matheus. Ah, me esqueci de contar, desculpe. Estou grávida. E vai ser um menino.

Ele deixa a pasta cair e arregala os olhos. Não consigo dizer se está feliz ou triste.

— Amor, está me ouvindo? — chamo, mas ele permanece parado, olhando para meu rosto.

Começo a me preocupar quando uma lágrima solitária rola por seu rosto.

— Esta lágrima é de felicidade, não é? — pergunto temerosa.

Então ele sorri, o sorriso mais lindo que já o vi dar e me abraça, me puxa para ele e chora. Está emocionado. Me aperta em seus braços e murmura diversas vezes em agradecimento. Quando consigo me afastar. Acaricio seu rosto e ele segura minha mão, beijando-a com devoção.

— Eu amo você. Gil, eu amo você demais!

— Eu sei, também amo você.

— Nós vamos cuidar dele, seremos ótimos pais. E seremos uma família de verdade.

— Seremos sim, amor. Nosso filho saberá desde sempre como cada um de nós somos.

Ele assente e encosta a testa na minha.

— Obrigado.

Eu o abraço bem forte e digo, com toda emoção e confiança, deixando claro que isto é indiscutível.

— Ainda assim, sua mãe está proibida de entrar na minha casa. Apenas quando eu marcar, e ela não vai de jeito nenhum cuidar do nosso filho. Fui clara?

Ele apenas balança a cabeça em meu pescoço e deposita beijos leves.

É, seremos pais.

— Que meu filho não puxe o pai, meu Deus — peço.

— Que ele não puxe a mãe, meu Deus — Matheus responde.

Sorrimos.

7 meses depois

— Está querendo apostar corrida comigo, homem? — Cleber grita no viva-voz do telefone.

— Vamos chegar primeiro, meu filho será mais velho do que o seu! — responde Matheus empolgado.

— Mas não será mesmo!

Respiro fundo e me concentro em não rir destes babacas. Suzana entrou em trabalho de parto há duas horas, Cleber ficou desesperado e ligou para Sebastian, que ficou ainda mais desesperado e ligaram para Matheus, que ficou desesperado como eles. Para resolver a situação, tomei o telefone de sua mão e gritei com Cleber o que deveria fazer. Foi aí que algo escorreu pelas minhas pernas. Então gritei para Matheus fazer tudo o que eu havia acabado de ordenar ao Cleber. Foi uma loucura.

Minha gravidez foi bem tranquila. Eu não senti enjoos, tontura, nada assim. Celina e Suzana enjoavam tanto, que às vezes pensava que este ser na minha barriga é diferente dos delas. Suzana e Celina também esperam meninos, mas o de Celina está marcado para a partir da semana que vem.

Minha sogra ligou algumas vezes, converso com ela numa boa, mas ainda não permiti que pisasse na minha casa. Quando nos encontramos, é nas festas da família em Baependi, ou então em restaurantes. Ou quando vamos visitar o Marcus, ele é uma espécie de atração na cadeia. O chamo de biba dançante enjaulada, mas ele não gosta muito. Acho que sempre teremos nossas rixas.

Amanda voltou como havia prometido aos dezoito anos, fizemos sua festa de aniversário e no dia seguinte começou a trabalhar na V.D.A., é bem competente,

minha cunhada. Desde então, mora sozinha, no apartamento que alugamos para ela. Ela fez questão de pagar aluguel, então não pudemos discutir. Também, assumiu o Nuno, o que quase levou Marisa à loucura.

Os três patetas cortaram um dobrado com a gente nesses últimos meses. Nos trataram como rainhas, era divertido, eles não só mimavam cada um sua esposa, como mimavam as três. Imagine ter o trio de estúpidos aos seus pés todos os dias?

O que mais posso dizer? Matheus chorou como um bobo a cada ultrassom que fizemos. O filho da Suzana, estava sempre com um bico nas ultrassons e brincamos que será besta como o pai. E o da Celina, estava sempre com um dedo mais levantado do que todos os outros da mão, mas ela apela quando dizemos que está mandando todos nós tomarmos naquele lugar, então, vamos esperar que ele seja um anjo. Nossa pequena Nathalia é a princesa das nossas vidas. Ainda mais que agora estão vindo três homens. Tomamos todo cuidado para que ela não sinta ciúme, e estamos colocando desde sempre na cabeça dela, que ela mandará neles. Ela parece muito satisfeita em ter três tu-pi-dos para brincar. E, só para constar, Sebastian é um excelente pai.

As dores vêm e voltam e quase me matam. Quero deitar e me encolher, mas a vaca da enfermeira que tem uma verruga no nariz, me manda ficar andando pelo corredor para que a dilatação aumente. Quero matá-la, e para ajudar, Suzana caminha tranquila, apenas respirando pausadamente, para conseguir dilatação também. Por fim, damos as mãos e cantamos Legião Urbana pelos corredores, mas imagine minha voz com dor. Levamos bronca, é claro. Cada vez que me abaixo e berro de dor, arrasto Suzana comigo e aperto sua mão. Ela não parece sentir dor e tem que sofrer também, não é?

Celina chega pouco depois com sua barriga enorme, essa vaca não engordou quase nada. Suzana e eu parecemos duas, cada uma, de tanto que comemos. Já avisei que o bebê da Celina vai nascer raquítico. Ela nos dá dicas de como respirar corretamente, Nath fica agoniada pedindo ao seu anjo que faça seus meninos nascerem logo, às vezes ela passa a mãozinha nas nossas barrigas e diz:

— Vai pala de doer, titia.

E quero muito que esteja certa. De repente, Sebastian paira ao lado de Celina como um urubu na carniça e sua expressão fecha. Celina olha para cima e sorri.

— Lá vem o médico, meninas. Acho que seus maridos vão aparecer em menos de um minuto.

— Por quê? — pergunto e então entendo. — Puta que pariu!

— Este é o açougueiro — ela diz.

— Me chama de carne, e me coma — diz Suzana baixinho.

E quase que instantaneamente, Cleber está ao seu lado e Matheus ao meu.

O médico que vai tirar uma criança pela minha perereca, é alto, gostoso, tatuado, gostoso, musculoso, gostoso. Uau! Não quero que ele veja minha bichinha aberta, não. Assim que se aproxima, cumprimenta Sebastian com um aceno e sorri largamente para Celina.

— Olá, senhorita Morelli.

— É senhora Vaughn — diz Sebastian possessivamente.

Celina se levanta para tocar a mão dele, quando estaca de repente, e o chão aos seus pés se enche de água e fecha os olhos apertando a mão do médico.

— Mas que droga que meus filhos nunca respeitam todos as semanas em que devem ficar dentro da minha barriga!

— Oh céus! O que vamos fazer? Onde está a bolsa? Não a que estourou, mas o do bebê. Onde está meu sapato? — Sebastian corre para perto da porta, então volta e pega Nath pendurada — Vamos, Celina!

— Sebastian! Vá lá em casa, depressa e pegue a bolsa.

Ele assente e sai correndo e quase gritamos todos juntos seu nome. Ele volta desesperado e Matheus se aproxima cauteloso e estende os braços para pegar Nathalia.

— A pequena fica, cara. Agora, vá.

Então ele corre. E a vaca da Celina, olha para o médico, que imediatamente esconde as mãos e então diz:

— Preciso de mãos, quem se habilita?

Cleber e Matheus tiram no par ou ímpar e Cleber tem que dar a mão a ela.

— Pega leve — ele pede antes de começar a gritar com a gente.

Arthur Lopes Amorim e Victor Leal Dantas nasceram no mesmo dia, mas meu Arthur nasceu duas horas antes do Victor da Sue, graças a Deus, eu já não aguentava mais sentir dor. Já Diogo Morelli Vaughn nasceu na madrugada do dia seguinte, apenas uma hora e meia depois do de Suzana.

— Arthur será o mais velho, portanto, vai mandar nos seus — encaro meu pequeno, ele tem os cabelos loiros e os olhos de um tom azul bem escuro.

Marisa pareceu decepcionada por ele não ser ruivo, mas ele não poderia ser mais perfeito.

Diogo é uma cópia masculina de Nathalia, porém, seus olhos são castanhos, como os da Celina, mas tem a mesma pele clarinha com os mesmos cabelos negros. E Victor, este vai dar trabalho. Os olhos verdes e a pele bronzeada já conquistaram todas as enfermeiras da maternidade.

— Nathalia é a mais velha, vai mandar em todos eles — diz Celina.

— Ela mandaria mesmo se fosse mais nova. E se você tiver outra filha, Celina, enlouqueceremos com mais uma mini-Celina.

— Não terei outra filha — ela bate desesperadamente na madeira.

— Como coelhos — cantarolo e ela me acerta o potinho de gelatina. — Vaca!

Não dá para dizer quem baba mais, entre os três babacas com os meninos no colo. Matheus queria passar a noite com o pequeno nos braços e tivemos que brigar para que deixasse o corpinho dele descansar. Marisa queria dormir aqui, mas já cortei dizendo que quem passaria as noites acordado comigo seria o Matheus, então que começasse desde já. Até os tamanhos dos piu-pius dos meninos os babacas compararam, e Victor venceu. Por hora. Nathalia não sabia em que cama pedia para ficar, não aceitou ir para casa com a babá e Celina pediu que a deixassem dormir com ela. Então ela passou a noite alisando a cabeça de Diogo e dando beijos nele. Quando quis vir para minha cama pela manhã, ficou alisando bem de leve a cabecinha de Arthur, enquanto eu o fazia arrotar. Assim que ele golfou a primeira vez e acertou um pouco nela, a pequena fez uma careta e desceu a mão nele. O que fez Arthur sorrir.

— Acho que nossos filhos estão apaixonados — digo quase fazendo Sebastian ter um infarto.

— Os seus filhos não colocarão as mãos na minha filha, mesmo porque, Nathalia é mais velha, a turma dela será outra — garante ele.

— É pouca diferença — diz Matheus — vamos ver qual dos dois conquista a Nath, Victor ou Arthur?

— Se eles puxarem os pais, nenhum deles — garante Celina.

— Ninguém vai pôr as mãos na minha filha. Venha, Nathalia, vamos passear com o papai.

E todos rimos quando Sebastian tira a pequena de perto dos meninos. Mas meu riso some assim que Arthur berra copiosamente e só para quando tiro sua roupa golfada.

— Meu Deus, me diz que isso não foi por causa da sujeira. Por favor, me diz.

Mas, quando vou dar de mamar a ele, e um pouco do leite espirra em seu rosto, ele grita novamente. Achei que estivesse assustado, porém, se acalma assim que o limpo.

— Eu mereço — reclamo.

— Você não é a única — reclama Suzana e quando a olho, Victor está com os dedinhos em seu peito enquanto mama.

Nós duas olhamos imediatamente para Celina, mas Diogo apenas observa fascinado a mãe.

— Como os pais deles — constato. E que Deus me permita ser feliz com dois Matheus em uma única casa.

Capítulo 19

Sebastian

4 anos depois...

Chego em casa mais cedo para ficar um tempo maior com os meninos, mas assim que abro a porta, um sapato passa a centímetros do meu rosto.

— Merda! Perdi minha pontaria!

— Ficou maluca, Celina?

Acendo a luz e no meio da sala está minha mulher. Está descabelada, há algo preto escorrido em seu rosto e parece tremer. Aproximo-me cautelosamente.

— O que foi, meu amor? O que houve? Deu algo errado no ginecologista?

Celina ia hoje colocar algum método contraceptivo que duraria dez anos. Não que esteja reclamando de nossos filhos, Nathalia é como a mãe e Diogo agitado como uma criança de quatro anos, e eu os amo mais do que tudo na vida. Mas um casal nos basta.

— Deu algo errado no ginecologista? — ela repete irritada — Não sou eu que tenho que colocar DIU é você quem deve fazer uma vasectomia seu maldito! — Ela pega as almofadas, os vasos e tudo o que encontra pela frente e atira em mim. Nathalia desce assustada e ao ver a cena, me dá a dica.

— Vá de uma vez, papai. Corra que não dará tempo de ela pegar mais nada e pule cima dela.

Assim o faço. Corro de uma vez e pulo em cima dela, derrubando-a no sofá. Então ela chora, de soluçar em meus braços.

— O que foi, meu amor? O que aconteceu? — pergunto preocupado.

— Estou grávida. De novo. Estou grávida! — ela grita.

Nathalia imediatamente pergunta:

— Mamãe, me diz que é uma menina, porque se for outro Diogo eu vou morar com o tio Matheus.

— Amor. Acalme-se. Não planejamos, mas aconteceu, tudo bem? Nossos filhos são maravilhosos, o que quer dizer que damos conta, vamos dar conta de novo.

— Você diz isso com essa cara lavada porque não é você que vai engordar, não é você que vai passar mal e comer coisas estranhas, não é você que vai morrer de dor e ter a coisa aberta para o bebê passar, você não sofre nada!

— Não é verdade. Eu preciso te dar muita atenção quando engravidar, você sabe. Além do mais, sou eu que aguento suas mudanças súbitas de humor, que te

dou a mão na hora do parto e fico sem dormir ao seu lado porque nossos filhos nunca nascem sabendo dormir.

Nathalia senta-se no colo dela e a abraça.

— Parabéns mamãe. Eu vou ajudá-la, tudo bem? Vai ser uma menina e vou dar todas as minhas bonecas para ela.

Celina respira fundo e beija a cabecinha da nossa pequena.

— Obrigada, meu amor. Que bom que vai ajudar a mamãe, mas não pode jogar leite no nariz de bebê, você se lembra, não é?

A pequena assente, ela fazia muito isso com Diogo, Victor e Arthur.

— Está vendo, amor? É por momentos assim que vale a pena passar por tudo. Recebemos mais um presente, e não pense que fico feliz que a praga da Gilcelle tenha pegado e seremos como coelhos, mas não posso negar que sinto falta de um bebê nesta casa.

Diogo aparece correndo e pula em cima de mim.

— Olá, meu campeão. — Fazemos nosso cumprimento e ao ver a mãe chorando, vai para o colo dela e a enche de beijos, então contorna seu pescoço com os bracinhos e a aperta.

O olhar que ela me lança é de gratidão, e sei que assim que o susto passar, minha esposa ficará muito feliz com o bebê.

Depois de colocarmos as crianças na cama, acerto um tapa em sua bunda.

— E aí, já está na fase de querer transar toda hora?

— No momento? Estou na fase de querer matar. Idiota! Quem manda me comer o tempo todo? Você deveria ser como maridos normais que perdem o interesse sexual pela mulher depois de dois filhos e sete anos juntos, pare de desfilas nu por este quarto e nunca mais irá tomar banho comigo!

Sorrio e a puxo para meus braços.

— Amor, homens normais não têm a mulher que eu tenho, você é o tesão ambulante, não tenho culpa se o Sebs não pode nem mesmo ouvir sua voz para acordar. Agora venha aqui que ele acabou de acordar neste momento.

Ela me beija e diz:

— Se você enfiar mais um bebê em mim, eu juro que não sobraré Sebs para correr esse risco de novo.

— Vou fazer uma vasectomia — digo, mas claro que ninguém além dela, vai colocar a mão no meu Sebs.

Amo esta mulher, amo minha família, e não me importaria se tivesse mais dez filhos como ela. E amanhã bem cedo vou dar um jeito de garantir que o obstetra dessa vez não seja aquele médico ridículo e açougueiro, pois ele já viu demais as partes íntimas da minha mulher.

Cleber

— Papai! — aquele gritinho estridente me faz desviar os olhos dos seios da minha mulher e minha pequena bailarina levanta as mãozinhas e fica na ponta do pé — Aplendi.

— Parabéns minha princesa! Você será uma bailarina linda como a sua mãe.

Ela abre um sorriso enorme e beija meu rosto, antes de Victor levá-la para ver desenho em seu quarto. Levanto-me do sofá e puxo minha esposa pela cintura.

— A Maria Rosa aprendeu a ficar na ponta dos pés.

— A vi fazendo a ponta, mais cedo — ela diz me abraçando — é esperta demais para uma menina de três anos.

Suzana quase me matou quando engravidou pela segunda vez, Victor não tinha nem um ano. Usávamos camisinha, mas ela estava furada. E para colocar na cabeça dela que não fui eu quem furou a camisinha propositalmente? E juro que não foi, foi um presente do destino, que a impediu de ir à segunda temporada da turnê que ela queria fazer, com um monte de homens bailarinos seminus. Depois, com dois bebês em casa, ela desistiu dessa turnê. Mas não tive nada a ver com isto, assim como não tive a ver com o nascimento do Victor. Não precisei tentar um terceiro filho, porque ela desistiu da turnê, assim como começou a tomar injeção para se prevenir. Não consegui burlar esse método.

Victor é um menino de ouro. Vive atrás da Nath, pegando tudo o que ela joga no chão e a obedece fielmente. Maria Rosa, minha princesa, tem os cabelos negros da mãe, os mesmos olhos castanhos, o mesmo sorriso, e a mesma inteligência. E assim como Victor, é doce e calma. Tivemos muita sorte.

A tia maluca dela faleceu há pouco mais de um ano, não quis ir ao velório, seria imperdoável se eu risse, e não que desejasse a morte da velha, de jeito nenhum, mas fiquei aliviado de saber que aqueles beijos jamais tocariam nenhuma parte do meu corpo de novo. E além do mais, estava no enterro da Ginger. Infelizmente ela faleceu, foi um choque para todos nós, ainda acho que a Marisa teve alguma coisa a ver com isso. Pelo menos, ela não sofreu.

Verifico que os meninos estão vidrados no desenho, fecho a porta do quarto, e arranco Suzana do sofá?

— Cleber, o que está fazendo?

— Cálculos, o desenho começou agora, temos meia hora.

— Amanhã é nosso dia de folga, o Matt vai buscar os meninos, não prefere esperar do que arriscar?

— Amor, nunca fui um homem de esperar. Venha logo, trancaremos a porta e

nada de errado pode acontecer.

A arrasto para dentro do quarto, mal tranco a porta já começo a despi-la. Então o paro de repente.

— Melhor não tirarmos a roupa. Suba seu vestido e eu abro a calça.

Ela concorda e se joga na cama, deito por cima dela e nossas bocas se encontram. O fogo que ela acende em mim só faz crescer cada dia mais, sou mesmo maluco por essa mulher. Meus lábios passeiam por seu pescoço e quando vou tirar o pau da cueca, ouço um gritinho.

— Papaiiiii, o Victor caiu.

— Manda ele se levantar, princesa.

Volto a beijá-la e quando arrasto sua calcinha para o lado.

— Papai, ele não consegue.

— Diga a ele que já estou indo.

— Mas tem que segula a tevê, falou o desenho.

Começo a penetrá-la, quando paro de repente. O que ela disse?

— Maria, onde o Victor caiu? — Suzana pergunta.

— No quarto.

— E por que parou o desenho?

— Porque ele caiu. E a tevê caiu. E falou o desenho.

— Ah meu Deus!

Nos levantamos depressa, tento enfiar o pau para dentro da calça, mas está duro e não quer fechar o zíper.

— Fique aí, vou ver o que aconteceu — diz Suzana abrindo a porta e correndo com a Maria no colo para o quarto.

Fico em uma briga de uns cinco minutos, vejo que não vai ter jeito, tomo um banho gelado, e depois de muita conversa, convenço meu amigo a descansar. Ele não gosta de ser iludido e deixado na mão. Suzana não voltou, então a coisa foi séria. Corro para o quarto como um desesperado, e quando entro, Victor dorme no braço direito dela, e Maria Rosa no esquerdo. Os três estão deitados sobre a cama e a televisão está no chão. Respiro aliviado, na certa ela foi acalmá-lo e acabou dormindo. Apago a luz, deito-me ao lado da princesa e adormeço. Essa é nossa vida aventureira de pais.

Matheus

Arthur sobe na cadeira e pega um de meus perfumes da penteadeira, apenas observo enquanto me visto. Ele borrifa um pouco no ar, cheira e parece aprovar, então abre o vidro e antes que eu possa impedir, vira o frasco todo nele.

— Não é assim que usa, filho. Venha, vamos tomar um banho.

Espirrando por conta do cheiro, ele me dá a mão e tiro de novo toda a minha roupa, para não molhá-la ao dar banho nele. Após vesti-lo e me vestir, espiro um pouco de perfume nele e em mim e o levo satisfeito para o quintal.

Cleber está na beira da churrasqueira mostrando uma linguça enorme para Suzana e lançando uma piscadela que a faz revirar os olhos. Celina penteia os cabelos de Maria Rosa e faz um coque perfeito, como a princesa gosta.

— Ela está treinando — Sebastian diz aproximando-se de mim.

— Quem?

— Celina, está grávida.

— Parabéns, homem. — digo apertando sua mão, e ele faz uma careta de dor ao afastar a mão da minha.

— Como eu disse, está treinando. Tomara que seja uma menina — diz ao ver Diogo atirar Arthur na piscina.

— Eu acabei de dar banho nele — reclamo.

Meu filho sai da piscina e se faz de chateado, mas assim que tira a água dos olhos, acerta Diogo com um soco.

— Vai começar — Sebastian diz e corremos até eles antes que Victor consiga alcançá-los para entrar na brincadeira.

— O Arthur me lembra tanto alguém — diz Suzana. — Embora seja fresco como o pai, ele é bem marrento, briguento e encenqueiro.

— Ninguém é mais encenqueiro do que o Diogo — Gilcelle diz.

— Meu filho não é encenqueiro, pare de difamá-lo — defende Celina no momento exato em que ele estoura uma garrafa de cima da mesa com uma pedra — A mira dele é excelente — ela diz antes de gritar: — Diogo!

O menino arregala os olhos e mais do que depressa começa a pedir desculpas a ela e a Gil, pela bagunça. Quando Maria Rosa cai dançando no jardim, imediatamente Diogo corre até ela e ajuda a levantar-se, tenta amarrar sua sapatilha, mas seus dedos embolam na fita, e ele olha suplicante para o pai.

— Vá ajudar seu filho com a garota dele — digo a Sebastian.

— Eu ouvi isso! O Diogo não vai colocar as mãos na Maria Rosa, minha filha vai ser freira — diz Cleber.

Sento ao lado da minha mulher, que acaricia sua barriga enorme e diz:

— Sei o futuro de todos deles, vou contar a você. Obviamente, o encenqueiro do Diogo vai ser aquele típico bad boy e vai se apaixonar pela Maria Rosa, ela é uma princesa delicada, então, vai precisar de um manual da Celina. O Arthur e o Victor vão continuar disputando a Nath, ela sempre será a mais velha, e sendo como é, vai mandar nos dois a vida toda. E essa menina aqui — diz alisando a barriga. — Tenho esperança de que será muito boazinha, uma vez que o Arthur já dá muito trabalho.

— Está faltando um na sua conta — Celina diz se aproximando — ou uma.

— Você está grávida? — Gil grita e quando ela assente, minha mulher pousa a cabeça nas mãos desolada. — Droga! Estou ferrada. Arthur e Victor inverteram os papéis. O Arthur é bobão como o Cleber e o Victor fofo como o Matheus. Agora serão nossas filhas. Se seu bebê for uma menina, a minha Gilsuelina será uma peste e a sua boazinha.

Celina franze o cenho e diz:

— Primeiro, se está insinuando que elas inverterão os papéis puxando a gente, agradeça a Deus se sua filha for como eu, e compre tornozeleiras, capacete e cotoveleiras para ela. Tomara que não herde meu desastre. E segundo, se a minha filha puxasse seu caráter eu estaria ferrada, ela nunca seria boazinha.

Gilcelle sorri.

— Não sei qual de nós duas estaria mais ferrada.

— A Celina está grávida? — Suzana pergunta se aproximando, então encara Sebastian, que a apelidou de dona da escada quando ela engravidou da Maria Rosa, sendo o Victor ainda um bebê. — Olha só, sou a dona da escada e você o dono da creche.

— Vou abrir uma — ele responde. — E colocar a Nath para tomar conta. Terei crianças quietas e pais babacas que pagarão uma fortuna para deixar seus filhos lá. Vocês deveriam me ajudar, homens, que tal Creche V.D.A.?

— Já querem falir a creche — Gil diz com uma careta.

A V.D.A. nunca esteve tão bem. O hotel de Madri é um sucesso, em Paris já temos dois e agora vamos abrir o mais sofisticado e incrível hotel que já se viu em Tóquio. E não podemos negar que ter a mão firme delas nos negócios ajudou bastante a empresa a ir para frente.

Aproveito um momento em que todos estão distraídos e arrasto minha mulher para dentro de casa.

— O que está fazendo?

— Estou sentindo sua falta — digo puxando-a para um beijo.

— Ainda não acredito na paz em que vivemos, isso é como aqueles finais de contos de fadas, sabe. O felizes para sempre — ela diz suspirando.

— Você sabe que não seremos felizes para sempre.

— Enquanto eu tiver você, serei feliz mesmo nos piores momentos.

— Então, você será feliz para sempre. Eu te amo, Gil. Um amor da vida toda. Eu nasci para amar você. E que bom que Deus te fez assim, exatamente para mim.

— Se ele me fez assim exatamente para você, você não foi um bom menino na vida passada.

Sorrio.

— Acho que fui um excelente menino, o melhor deles.

— Não seja fofo.

— Não sou fofo, só te amo demais. Venha aqui, estou morrendo de saudade de você.

Ela me beija de volta e respiro aliviado ao constatar que o meu final, foi ainda melhor do que eu teria imaginado. Que coisa maluca é o amor, tão perigoso, e é o que te protege. Tão incerto e sua única certeza é que precisa dele. A pior e melhor coisa que pode te acontecer, então não julgue, não cobre, não fuja, simplesmente ame, com tudo o que pode, é arriscado, sim. Mas nenhuma certeza poderá te fazer tão feliz.

Epílogo

Gilcelle

Encaro a parede branca, lavada pela última vez há três dias. Sim, estas paredes do quarto do perdão são muito usadas, e como prometido, Matheus entra aqui todas as noites, quando não há nada escrito, ele me deixa uma declaração por mais um dia em que conseguimos manter algo além de todas as idealizações. Claro que foram muitas as noites em que algo estava escrito ali. Uma noite, escrevi cinco coisas de uma vez, e por duas vezes, ele escreveu para mim. Foi estranho. Estava acostumada a escrever ali toda minha ira em enormes palavrões e sempre mandá-lo à merda, mas no dia em que entrei para escrever e havia uma mensagem dele, meu coração doeu. Porque ele estava certo, eu estava sendo infantil e é estranho que o fato de ter decepcionado alguém que ama, seja pior do que saber que você errou. E mais estranho ainda que ler isto escrito em uma parede pela letra dele, tenha me feito entender sem brigas que eu estava errada. É legal essa coisa de quarto do perdão.

Decidimos por colocar este ano uma parede assim no quarto do Arthur. Apenas em um lado, onde assim que ele aprender a ler, escreveremos as coisas que não deve mais fazer e os riscos das consequências. E ele poderá nos dizer como se sente nos tendo como pais. Matheus é um pai maravilhoso, tão dedicado! Foram tantas as vezes em que se atrasou para o trabalho porque o pequeno chorava para que ele ficasse, e ele ficava. São tantas as noites chuvosas em que temos que levá-lo para dormir conosco e Matheus brinca com ele até tarde e não o deixa pensar ser fraco por ter medo da chuva. É engraçado quando Arthur se machuca, não dá para dizer quem berra mais de nojo, mas me divirto muito torturando os dois.

Sei o que está se perguntando e sim, ele é mesmo aquele homem que me ama e adora, que cuida de mim e me olha com a mesma admiração desde o começo, que me algema e amordaça quando está irritado, mas me ama como só ele sabe amar. Ele erra, muito, é um idiota, não tem jeito, mas já tenho o meu jeito de lidar com ele, de fazê-lo parar antes que chegue ao meu limite, e parece que cada tropeço é compensado quando estou em seus braços.

Acreditem ou não, mas sou uma boa mãe, do tipo que nunca colocou o filho em risco, nunca falou palavrão na frente dele e nunca deixou que nenhum incidente acontecesse com ele. Eu mereço palmas, e nem estou pegando dicas com a Celina, aprendi no Google. Mentira, aprendi convivendo com as

responsabilidades de ser mãe, mas tudo em que tenho dúvidas, pesquiso no Google.

Estou aqui guardando as últimas roupas que minha bebê ganhou, ela está quase para nascer e está herdando tudo da Maria Rosa, ainda bem, porque a princesa da Suzana é delicada como uma rosa, e suas roupinhas são dignas mesmo de uma princesa. Como não precisamos gastar quase nada com isso, usamos o que gastaríamos em doações a orfanatos e minha Gilsuelina vai aprender desde cedo a doar seus brinquedos, como Celina fez com Nathalia e Diogo.

Não faça essa cara para mim, Gilsuelina é um nome lindo, meu e de minhas melhores amigas. Claro que não vou colocar esse nome horroroso na minha filha, de maneira nenhuma. Não sei escolher nomes, mas gosto de assustar o Matheus chamando-a assim, ele tem tiques e fica vermelho, é engraçado. Eu não queria seguir o padrão da família dele, e sei que se ele escolher o nome, dará um começado por A. Mas quando tento pensar em um nome para ela, só me saem coisas do tipo: Maristela, (não é com A), Arthina, (não, nada de feminino de Arthur), Mathelle, Giltheusa, não dá para juntar nossos nomes. Enfim, vou deixar que ele escolha o nome quando ela nascer, como fez com o Arth. Ele sabe fazer isto melhor do que eu. Bem que eu gostaria que nossos coelhinhos não tivessem nomes começados pela mesma letra e sim, identidade própria, mas, amo demais essa criaturinha na minha barriga para decidir o nome dela.

Meu pequeno entra no quarto e pega uma das roupinhas que estou dobrando.

— Mamãe, quando sua barriga vai sumir?

— Por que quer que a barriga da mamãe suma?

— Porque quero pular em você — ele diz com aquele sorrisinho que sempre me derrete.

— Falta pouco, meu amor. Daqui a pouco sua irmãzinha sai da barriga da mamãe e ela some.

Ele parece confuso, arqueia apenas uma sobrancelha e me encara.

— A minha irmã está aí dentro? — Assinto. — Como ela foi para aí?

Oh merda. Meu filho tem quatro anos, isso não é hora de fazer uma pergunta dessas. Largo as roupinhas, abaixo-me diante dele e tento explicar:

— Eu a engoli. — Não estou exatamente mentindo, de certa forma.

Ele arqueia as duas sobrancelhas e arregala os olhos, aos poucos, vai dando passinhos para trás, como medo de mim. Ok, talvez eu não seja realmente tão boa mãe assim. Como não dá tempo de ir olhar no Google, nem de ligar pra Celina, tenho que inventar outra coisa.

— Sua irmã era uma sementinha, meu amor. Mamãe a engoliu e agora ela está crescendo na barriga da mamãe. Quando nascer, será uma linda menina.

— Sementinha? — De repente ele arregala os olhos. — Eu engoli uma semente hoje, mamãe. De melancia. Tem uma menininha na minha barriga!

— Ai, meu Deus, não! — O pego no colo e tento acalmá-lo. — Mamãe está brincando, meu amor, não há sementinha nenhuma e mamãe não engoliu sua irmãzinha.

— Não? — pergunta olhando em meus olhos com aqueles olhos azuis marejados.

— Não.

— Então como ela foi parar aí?

— Pergunte ao papai, foi ele quem a colocou aqui. — Pronto! O Matheus que se vire. Espero que ele se saia melhor do que eu.

O som da campainha indica que Cleber chegou para buscar Arthur, ele costuma pegar os meninos nos fins de semana e levá-los para andar a cavalo, pescar e coisas assim, que não incluem um aparelho eletrônico. O Cleber até joga amarelinha com eles, é ridículo para um homem do tamanho dele. Quando chego à ponta da escada uma dor horrível me atinge e caio sentada.

— Amor, abra a porta para mamãe — consigo dizer a Arthur que corre assustado até a porta e já vai pulando em Cleber.

— A mamãe caiu. A mamãe caiu.

Cleber me olha ali, com cara de dor e dá meia volta.

— Não estive aqui hoje.

— Volte aqui agora mesmo, seu imbecil. Ligue para o Matheus.

Ele volta para dentro e me ajuda a sentar-me no sofá. Então liga para Matheus, que diz algo que o faz soltar um palavrão e arregalar os olhos.

— Merda, tenho mais duas crianças naquele carro e não acredito que isso aconteceu perto de mim. Onde está a bolsa da bebê? Vou levá-la para a maternidade.

— Onde está o Matheus?

— Ele nos encontra lá.

Mas, quando chego a maternidade, nem sombra dele. Onde se meteu a merda do meu marido?

Matheus

Ignoro o telefone, até que o tatuador para seu serviço e me encara. Acho que o barulho o está desconcentrando. Então resolvo atender.

— Matheus, onde caralho você está? Sua mulher está em trabalho de parto.

— Merda. Não posso ir agora, leve-a para a clínica, encontro vocês lá.

— Eu não, estou com os meninos, venha embora agora.

— Estou no meio de uma tatuagem, não posso simplesmente sair correndo, leve a minha mulher para o hospital!

Ele diz um monte de palavrões e desligo o telefone. Merda. Encaro o tatuador.

— Preciso ir, minha filha vai nascer.

Ele arregala os olhos.

— Mas você não pode sair assim!

Mas já estou vestindo minha blusa.

— Você consegue terminar daqui depois, não consegue?

— Não, isso é um rosto, preciso terminar agora.

— Merda, faça logo isso.

— Pare de se mexer ou sua mulher vai sair aqui com um lado do rosto torto.

Ele enfia a agulha, o barulho insuportável volta, mas está demorando e só consigo pensar na minha Sereia e minha Sereinha que está nascendo e de jeito nenhum seria justo o Cleber vê-la nascer, me levanto de repente.

— Preciso mesmo ir. É minha primeira menina, minha mulher é agressiva e meu melhor amigo bombadão está indo com ela para a maternidade.

— Vá logo. Deixe-me apenas colocar um plástico nisso.

— Não, daqui a pouco eu volto.

— Vai infeccionar!

Imediatamente retorno e espero pacientemente que ele limpe o que fez e coloque o plástico, mas nem tenho tempo de olhar. Corro para a maternidade.

Cleber já está vestido com as roupas de quem vai assistir o parto, mas está tentando acalmar os meninos, com enormes olhos arregalados ouvindo os gritos que vem do bloco cirúrgico. Assim que apareço, Arthur corre até mim.

— Papai! Tire a bebê de dentro da mamãe! Foi o senhor que a colocou lá, tire, mamãe está com dor.

Ele chora e está assustado. E quem disse para essa criatura de quatro anos que eu coloquei a menina lá dentro? O abraço e tento acalmá-lo e o entrego a Cleber. Visto a roupa o mais rápido possível e assim que me vê, ela parece aliviada.

— Eu vou matá-lo por isso! — diz.

— Mate seu marido depois, senhorita Lopes, agora faça força.

— É senhora Amorim. — corrijo.

O maldito açougueiro e sua mania de chamar minha mulher pelo nome de solteira. Gilcelle grita, empurra, aperta minhas mãos, tento acalmá-la, nem posso imaginar a dor que está sentindo, e quando diz que não aguenta mais, o médico grita que está quase, não sei de onde ela arruma força e empurra mais uma vez. O médico levanta uma coisa pequena e branca em suas mãos e logo o choro estridente da minha princesa ecoa pelo quarto. Meio tremendo, corto seu cordão umbilical e a enfermeira a enrola em uma manta e leva para Gilcelle.

— Ela é a sua cara.

Gil chora ao ver a pequena e beija sua mão emocionada. Eu a pego nos braços e ela para de chorar, fazendo um bico e franzindo a testa. Seu cabelo é ruivo, mas de um tom alaranjado, e mesmo com o rostinho inchado, se parece com a mãe. Espero ansioso que abra os olhos para que possa ver a cor deles, mas a enfermeira a leva para dar banho antes que eu consiga.

Já limpa e mamando, minha pequena abre os olhinhos, são cor de mel como os da mãe. Ela é a cópia da mulher da minha vida. Estou embasbacado olhando as duas juntas quando Gil me tira de meus devaneios.

— Por que está com este plástico no braço? E onde estava que demorou tanto a chegar aqui?

Levanto a camisa e mostro a ela, não era para ver assim, era para vê-la linda completa e sem esse inchaço e esse plástico. Ela parece surpresa e sem falas.

— Essa metade de rosto é...

— Sim, é você. Ia fazê-lo inteiro, claro. Mas a bebê resolveu nascer quando estava no processo.

— Mas, isso é uma tatuagem! — quase grita e assinto — Mas, você é fresco demais para fazer uma tatuagem. Tipo, você comprou essa agulha? Pesquisou sobre o tatuador? Fechou o estúdio dele ou o que?

Sorrio.

— Após todos esses anos você já deveria saber que sou capaz de qualquer coisa por você.

Uma lágrima solitária escorre por seu rosto.

— Termine isto. Não quero metade do meu rosto no seu braço. Eu te amo.

Beijo-a e agradeço por mais um momento em que meu amor a deixou sem palavras. Eu disse que viveria para isso.

— Também quero escrever os nomes dos meninos abaixo, Arthur e... — A encaro esperançoso. — O nome dela, se não for Gilsuelina.

Ela faz uma careta e sorri.

— Vamos ver sua carinha. Ela está sempre tão irritada, com essa carinha

azedo. — Então ela dá um sorriso e temo por minha filha. — Valentina.

— Valentina? Por conta da carinha azedo? Mas o que você pensou de azedo que a fez escolher o nome Valentina?

— Você escolheu o dele, eu escolho o dela, se chamará Valentina e não reclame.

A e V, letras bem diferentes, mas ela está certa, escolhi o dele, ela escolhe o da bebê. Mas tinha que ser com V? Tantos nomes bonitos com A. Os babacas chegam e babam na minha pequena, Maria Rosa parece encantada com ela, mas Arthur faz todos lavarem as mãos antes de tocá-la e então há uma curiosidade sobre a bebê. Cada vez que alguém a pega, ela franze o cenho e faz o bico.

— Mas que garotinha mais mal humorada, é você — comenta Suzana com ela nos braços, mas nem assim ela desfaz a careta.

Só a desfaz quando está nos braços da mãe, principalmente quando está mamando. Espero que quando estiver enxergando perfeitamente, minha caçulinha ria das coisas. Pois os babacas dos meus amigos a estão apelidando de Nath 2, e eu amo minha afilhada atrevida e inteligente, mas não quero minha filha acabando comigo como a Celina faz.

— Celina não será a madrinha — decreto. Será a Suzana, já demos o Arth para Celina.

Ela faz uma careta e é aí que a turma zoa mais ainda a carinha fechada da minha pequenina Sereia.

Gil finalmente recebeu alta e estamos chegando com a pequena dorminhoca em casa, ela é tão tranquila, tão diferente de Arthur que nunca dormia. Aconteceu uma coisa, que não contei a você. Ontem, fui com Sebastian e Cleber registrar a bebê. Deveria ser Valentina Lopes Amorim. Foi este nome que a minha mulher escreveu no papel. Lembra-se daquele quarto do perdão? Pois é, hoje irei usá-lo para pedir isso.

Gilcelle sobe as escadas com a pequena e decide colocá-la em seu quarto. Tento argumentar que a coloque no nosso, mas ela insiste, abre a porta sem perceber e entra, respiro aliviado, mas nem três segundos se passam antes que ela volte para trás e puxe a porta, reparando as letras cor de rosa penduradas nela.

— Por que tem essas letras A aqui? Iguais as que estão na porta do Artth?

— Amor. — Tento pegar a bebê de seus braços para me proteger, mas ela não permite. Merda. — Combinou, não? Uma porta AA azul e na da frente AA rosa. Ficou sincronizado. Vá olhar o quarto do perdão — digo e saio correndo.

Ela vai me matar.

Meia hora se passa e nem sinal da minha mulher com uma metralhadora atrás de mim. Resolvo enfrentar o perigo, prometi que não seria mais um covarde e

vou atrás dela. Não está no nosso quarto, nem no quarto do Arth, nem no quarto da Alexia, sim, foi com este nome que registrei a bebê. Alexia Amorim, combina com Arthur Amorim. Nem quero pensar no que pode estar nas mãos dela quando me aproximo do quarto do perdão, uma vez que a pequena Alexia dorme em seu berço. Abro a porta vagarosamente e ali está ela, totalmente parada, encarando a parede, onde escrevi ontem mesmo, após sair do cartório.

Amor, de todos os amores que me deste, são estes, os mais valiosos.

Arthur e Alexia e perdão.

Lembre-se que temos dois filhos, sou um excelente pai, e a bebê não dormirá a noite por alguns meses, então, você precisará de mim. Eu te amo, e amo tudo o que me dá todos os dias.

— Ainda bem que a VALENTINA dorme muito — ela diz quando me ouve aproximar.

— Amor, eu não consegui. Me deu nervoso, meu olho deu tique, não consegui colocar Valentina. A e V, não consegui. — Sinto que estou tremendo, meu tique ataca e ela está mais vermelha do que um pimentão.

— Então que colocasse Ana Valentina!

— Não pensei nisso — digo me amaldiçoando por minha burrice.

— Você vai segunda mesmo ao cartório e vai trocar o nome dela. Entendeu?

— Não dá mais — digo.

— Por que não?

Tiro vagarosamente a blusa e mostro a ela, em meu braço, seu rosto está completo e logo abaixo, dois nomes: Arthur e Alexia.

— Tem espaço para uma Valentina. Veja, tenho o braço todo para termos filhos e batizá-los como você quiser.

Ela fecha os olhos e me desespero.

— Seis milhões. Te dou seis milhões para não me matar e não trocar o nome da bebê, inutilizando minha tatuagem que quase morri para fazer.

Ela arregala os olhos e quando acho que vai me matar, sorri.

— Ah, Matheus, você acha mesmo que se eu quisesse que minha filha se chamasse Valentina, te daria a chance de ir registrá-la sem mim? Nunca seria tão burra.

— Espera, então não era pra ser Valentina?

— Não, descobri que sou péssima com nomes. Não consigo pensar em nada melhor do que Gilsuelina, que é péssimo, então deixei para você escolher. A ideia de dizer que seria Valentina foi só para te irritar um pouquinho.

Como é? Me irritar? Estou há mais de vinte e quatro horas contando os segundos para morrer e a malvada só queria me irritar?

— Mas que fique bem claro que se você tivesse mesmo mudado o nome dela

sem meu consentimento, eu o mataria e ainda pegaria suas bolas e as penduraria...

Beijo-a. Amo essa mulher, essa maluca, que sempre me surpreende, me irrita e fez agradecer a cada dia em que vivo com ela. Nunca é entediante ser casado com a Gilcelle, ela é como um ímã para encrenca e engenhosa como só ela. Sei que é exatamente por ser assim, que serei feliz a cada dia, a cada surpresa, a cada pegadinha, a cada vez que precisar usar aquele chicote e a cada mensagem na parede do perdão. Porque era para ser minha desde sempre, assim como fui seu desde o instante em que botei os olhos nela. Isso é o amor, ser capaz de viver isso a cada dia, por mais que te assuste, é o verdadeiro caminho da felicidade. As pessoas a buscam no lugar errado, amem mais e serão imensamente felizes.

BÔNUS: V.D.A. 20 ANOS DEPOIS...

Coloco meus óculos escuros assim que desço do carro. Estes olhares dos seguranças não me incomodam nem me agradam. Sou uma mulher de negócios, estou me acostumando a ser admirada. Principalmente porque agora sou a chefe deles. Papai e mamãe me surpreenderam ao me darem a presidência da V.D.A. aos vinte e seis anos. Não sou uma garota mimada, trabalhei duro para conseguir isto. Meus pais sabiam o que estavam fazendo, e eles e meus tios, queriam descansar. Papai e os titios ainda vêm aqui todos os dias, apenas não resolvem assuntos chatos, segundo eles.

Mamãe, tia Gil e tia Sue, são três dondocas lindas, que passam os dias jogando cartas e planejando o fim do mundo. Mentira, elas estão aqui todos os dias também. Ajudam-me e apoiam em tudo, só ficam menos tempo do que os homens, mesmo porque, a tia Gil precisa ficar de olho na Lexi, e a mamãe, bem, Cat Vaughn não é nada fácil. Mas vamos chegar nas caçulas depois. Recebi a presidência da V.D.A. há uma semana, e hoje é minha primeira entrevista. Preciso de um novo assistente, papai estava comigo, mas quer viajar com a mamãe, e desconfio, meus tios irão também, todos eles, são como grudes. Então quer que eu contrate um assistente, para que ele possa me ajudar aqui.

Mal saio do elevador, uma caneca de café fumegante paira à minha frente e vejo as mãos de Victor vermelhas. Ele sorri aquele sorriso tímido lindo dele e gagueja um pouco ao dizer:

— Bom dia, Nath. Trouxe o café para você.

— Obrigada, Victor. — Pego o café fumegante e sem olhar para trás, advirto.

— Não me siga, meu humor hoje não está recebendo medalhas.

Chego a minha sala e tio Matt, meu tio preferido (que o tio Cleber não me ouça) está ali.

— Bom dia, tio. O que faz aqui tão cedo?

— Bom dia, pequena. — Ele se levanta e me dá um beijo no rosto.

Tio Matt é muito bonito, sei que a tia Gil corta um dobrado com ele. As mulheres caem matando, principalmente, desde uns dez anos atrás, quando ele foi fotografado em pleno centro da cidade, seminu, com um chicote nas mãos. O detalhe é que suas mãos estavam presas para trás por uma algema. Ninguém soube explicar como isto aconteceu. Eu tinha dezesseis anos e lia alguns livros e zoei tanto a tia Gil, mas agora, após algumas experiências, a entendo. E o tio Matt se tornou ainda mais meu tio preferido.

— Queria apenas saber se precisa de companhia na entrevista.

— Oh, obrigada, tio. Adorarei ter sua companhia.

Vamos abraçados até a sala de reuniões, onde entrevistarei meu futuro assistente, e assim que entro, noto Diogo, Victor e Arth girando como bocós nas cadeiras.

— O que estes três babacas estão fazendo aqui? — reclamo.

— Não adianta esbravejar, minha querida irmã. Somos vice-presidentes, temos direito de participar de tudo.

Sim, não mencionei este fato, perdão. Os três babacas são vice-presidentes. Isto, eu digo que não foi justo, porque além de pamonhas, eles são preguiçosos, bagunceiros e mais atrapalham do que ajudam. Há também uma coisa chata sobre eles estarem aqui. Aproximo-me de uma cadeira e imediatamente Arth e Victor a arrastam para mim, bem quando já ia me sentar. Me desequilibro no salto, e só não caio estatelada no chão, porque o Diogo me segura em tempo recorde. Essa é a coisa chata.

— Vocês dois — diz de maneira ameaçadora. — Fiquem longe da minha irmã. Esse cerco de vocês já encheu o saco, ela é mais velha, não vai ficar com nenhum de vocês!

— Agradeço, Diogo, mas eu tenho voz. Vocês dois — aponto o dedo para cada um deles — preciso de um chocolate quente.

Mais do que depressa eles correm porta afora e Diogo cai na risada com o tio Matt.

— Você é muito malvada com eles, irmã.

— São amores falsos, eles sobreviverão. Então, onde está meu suposto novo assistente?

— Atrasado — diz tio Matt com uma careta.

— Então está dispensado. Se não chega no horário para a entrevista de emprego, imagine quando já estiver contratado? Não tenho tempo para gente descompromissada.

— Talvez, o seu suposto novo assistente, tenha se atrasado dois minutos, por não achar uma vaga para estacionar o carro. Você, deveria ampliar o estacionamento da sua empresa ao invés de reclamar dos atrasos dos funcionários — diz alguém entrando na sala.

Não. Não. Não. Não.

Sabe quando a vida quer rir da sua cara, mas você é uma diva, em cima do salto e não faz careta para ela? Pois é, não seja assim. Abaixar a crina e seja humilde, porque você dribla as gracinhas da vida e o que ela faz? Joga baixo com você. Olho para ele ali e não posso acreditar, é ele mesmo. Mais lindo do que eu me lembrava, e ainda mais forte. A sabedoria em seu olhar está ainda mais evidente. Merda. Péssimo começo, Nath.

— Não me diga que esse é o famoso professor? — pergunta tio Matt

aproximando-se de mim.

— Como sabe sobre isto? Meu Deus, papai sabe sobre isto?

— Querida, todo mundo sabe sobre isto. Seu tio Cleber colocou um segurança para segui-la e os seguranças do Cleber tendem a abrir o bico facilmente.

— Eu juro que ainda mato o tio Cleber. Tio, sente-se aí e fique quieto. Nenhum pio sobre isto — peço.

Ele se senta sorrindo e analisa o homem ali, parado na porta, com seu sorriso presunçoso.

— Você está ainda mais linda, Nathalia, se me permite dizer.

— Não permito. Entre e sente-se, isto é uma entrevista, não um bate papo.

Ele entra ainda sorrindo e senta-se de frente para mim. Não teria acontecido se eu tivesse sentado na cadeira da ponta, onde pretendia me sentar se os dois babacas dos meus primos não a tivessem arredado. Oh céus, só preciso me acalmar, não é nada demais. Você deve estar confusa, não é mesmo? Vamos lá, um breve resumo daquela história, traumática ou cabeluda que todo mundo tem.

Era uma vez uma menina que estava cursando a faculdade e eis que no seu último período, aparece um professor lindo, gostoso, enigmático e que faz todas as alunas babarem. E então, indo contra toda a lógica, uma vez que ela não gosta do que todos gostam, ele olha para ela. Justamente para ela. Então ela, uma pobre criatura virgem, abre as pernas para ele, porque convenhamos, o cara é lindo, professor, mais velho, toda garota tem uma tara por algum professor, esses de faculdade então. E a boboca pensa que estão namorando. Mas um dia, ela descobre que o traste é casado. Então ela gentilmente se afasta dele, não o atende mais, eles sequer terminaram, mas claro, ela põe fogo no carro dele, porque isto não podia ficar assim, certo? Ele é casado, ela é solteira, vai curtir a vida e ele que continue com sua vidinha sem sal. E então, quatro anos depois, ele se candidata a uma vaga de emprego para ser assistente dela. Essa é minha breve história.

Avalio seu currículo, ele saiu da faculdade onde me formei há seis meses. O salário dele lá logicamente era um pouco mais alto do que vai receber aqui, tendo em vista que ele tinha mais de um turno. Abro a boca para questionar esta mudança de ares, quando a porta abre e antes que eu possa evitar, Victor tropeça na cadeira arredada do entrevistado e vira o chocolate quente nele. Arth se aproxima de mim com a caneca, todo sorridente e beija o canto da minha boca, porque estou distraída demais, vendo a cena a minha frente. Sem desviar os olhos daquele homem ali, tirando a camisa por conta do queimado, corrijo a ousadia de Arth.

— Não faça isso de novo, seu babaca. — Jogo um pouco do chocolate quente no saco dele. Só um pouco, porque não posso desperdiçar chocolate quente, é

pecado.

Ele berra grita e guia meu entrevistado descamisado até o banheiro da sala. E eu, estou sendo avaliada por meu irmão e meu tio, então nem posso me abanar, porque Jesus, ele não tinha tantos gominhos quando minhas mãos passeavam por aquele pedaço.

Aproveito o momento “queimadura” dos garotos e ligo para mamãe.

— Mamãe, a senhora já está chegando? Não vai acreditar, o melhor candidatado ao cargo de meu assistente — faço uma pausa dramática — é ele.

— Ele? Tem certeza?

— Claro, mamãe. Eu o vi, com os cabelos desgrenhados, o cavanhaque sem vergonha e os gominhos, é ele. O que eu faço? Posso jogá-lo por esta janela?

— Não querida, não comece sua gestão provocando acidentes. Contrate-o. Mande nele.

— Mamãe, a senhora é meu exemplo e sabe disso, mas não sou tão forte assim. O homem exala sexo e eu não sei se... — olho parra trás e ele está ali, vestindo a camisa molhada, com um sorriso idiota, perto demais de mim. — O que você quer?

— Podemos voltar à entrevista?

— Chega atrasado e ainda quer exigir? Até logo, mamãe. Te amo.

Volto para a mesa e ele sorri ao sussurrar.

— Exalo sexo, gostei disso.

Então delicadamente mostro o dedo do meio para ele. Se ele espera encontrar a garota virgem e boazinha que ele conheceu por diversas noites, está muito enganado.

A apresentação de Maria Rosa é hoje, e Diogo parece estar suando.

— Por que está levando este violão, Digo? — pergunto.

— Eu? Não. Que violão?

— O que está na sua mão.

— Eu? Ok, isso é segredo, Nath. Após a apresentação da Maria Rosa, eu vou cantar.

— Cantar aonde?

— Se Deus for com a minha cara, no ouvido dela.

— Não vá acertá-la com o violão, nós dois sabemos como você é desastrado.

— Eu nunca machuquei minha princesa, não farei isso agora.

De repente, Cat aparece alarmada.

— Nathalia, me salve. Diga ao papai que me levará com você.

— Você vai ter que arrumar meu quarto por um mês, terá de voltar antes de a apresentação acabar e tome cuidado para chegar com as roupas inteiras.

— Eu te amo, você é a melhor irmã do mundo! — Ela me beija e corre até o

papai.

Catarina Vaughn tem vinte anos. Não é porque é minha irmã, mas ela é linda. Só é meio maluquinha. Ela é guitarrista em uma banda de rock, nunca teve um namorado e pelo que percebi, está de olho no Pedro. O Pedro, é filho da Antônia, a irmã da tia Gil. E é padre, então, é isso, minha irmã é maluca.

— Nath, você vai levar a Cat?

— Sim, papai.

— Promete trazê-la de volta?

— Isto, eu não prometo. O senhor me ensinou a analisar todos os riscos antes de assumir algo, só garanto que entrarei com ela na Academia Mineira de Dança, nada mais.

Ele arqueia a sobrancelha, avalia Cat quase implorando para sair, e quando nota que Diogo também vai, se aproxima do meu irmão ajeitando seu cabelo.

— Arrume-se direito, filho, a Maria Rosa é delicada. Não pode aparecer com essas roupas amarrotadas e este cabelo desgrehado.

— Relaxa, velho. Ela me conhece a vida toda, vai gostar de mim de qualquer jeito.

— Ela te conhece a vida toda e nunca gostou de você, então, seu método de ser você mesmo não funciona. Boa noite, família — diz Lexi entrando em casa.

— Olá, Lexi, o que é isto que está usando? Um tutu? De que século veio isto?

— Quieta Nath, isso é a nova tendência, e de moda você sabe que eu entendo.

Sim, esta é a Alexia Amorim, mas não a chame assim. AL, é como ela assina suas criações, Alexia Lopes. Ela estuda Moda, mas não pense que anda bem vestida. Quer dizer, elas usa umas roupas legais, mas geralmente é uma combinação de preto, roxo e glitter. Com seu cabelo vermelho gigante, suas maquiagens sempre fortes e seu jeito maluquinho, ela é nossa bruxinha. E por algum motivo que desconheço, eu que sou tão boazinha, sou a bruxa mor. Vai entender.

— Como estou, Lexi? — pergunta Diogo girando na frente dela.

— Horrível. Escove esses dentes, penteie este cabelo e vista uma roupa decente. Você não pretende ver a Maria Rosa deste jeito, não é?

— Vocês são todos muito babacas. Vou assim. Se quiserem ir comigo, vamos embora, pirralhas.

Despeço-me de papai, não moro com eles há dois anos, foi difícil sair daqui, papai escondeu minhas chaves por dias, e depois dormia quase todo dia no meu apartamento, isso foi até a Cat conhecer o padrecó, então ele voltou para casa e a colocou em um castigo eterno.

Avisto tio Cleber e tia Sue, assim que entro na Academia.

— Uau! Quem é este homem deliciosamente forte? — brinco.

— Oras, se não é minha pequena babona com um decote grande demais.

— Nem começa, tio. Olá, tia.

Tia Sue é a mulher mais linda que já vi na vida. Depois da minha mãe, claro. Mas ela é linda. Mesmo após anos, lembro-me de quando era criança, sempre a olhava onde quer que ela entrasse, e agora, continua a mulher mais linda deste lugar.

— Oi, meu doce. Fiquei sabendo do professor — diz me puxando pelo braço.

— Não me lembre disso, tia. Estamos fora da empresa e quero esquecer que terei de lidar com ele todos os dias.

— Olá, meninas. Nath, olhe para mim. — Tia Gil avalia minha maquiagem, tira um batom vermelho de sua bolsa e passa rapidamente na minha boca.

— O que está fazendo, tia?

— Oh não! Nath, levante a cabeça, empine a bunda e não dê o braço a torcer — aconselha tia Sue.

— O que? Por quê?

Então o vejo. Lindo em um terno elegante, meio aberto e sem camisa por baixo. O filho da puta consegue ser sexy sem passar por ridículo com uma roupa dessas. Arth se aproxima e beija minha mão.

— Beijo sua boca para fazer ciúme no grandalhão ali, se você quiser — oferece.

— Não escovo os dentes desde ontem, Arth.

Ele faz uma careta e se afasta de mim, eu sempre soube que este amor deles por mim, era falso.

Veja a ironia da vida, Arth e Victor sempre estiveram no meu pé, e não vou mentir. Por mais babacas que sejam, são lindos. Victor tem dois metros de puro músculos, a pele morena e tentadores olhos verdes, já tive uma paixonite por ele, mas, ele é meio sonso. Bonzinho demais, covarde demais, coisas assim. E temos Arth, o filho da mãe parece um modelo. Tem os olhos mais azuis que já vi na vida, mais ainda do que os do tio Matt, um furo irresistível no queixo, um corpo magro, mas musculoso, porém, é um safado. Ele já foi capaz de dizer que me ama com a mão enfiada no peito de outra, numa festa da empresa. Enfim, se juntar os dois, não dá um. Meu irmão é um pouco melhor. Ele parece um imã para mulheres, mas é mesmo muito bonito, se parece demais com a mamãe, e seu jeito largado e ainda o fato de que toca e canta muito bem, sempre chama atenção das mulheres. Mas ele, desde sempre, só tem olhos para ela, minha melhor amiga Maria Rosa. Não estão juntos ainda porque o tio Cleber marca pesado. E porque meu irmão foi meio babaca um tempo atrás e minha amiga é muito vingativa. Mas não se engane ela é um doce de pessoa.

Após o espetáculo maravilhoso, avisto a cabeleira castanha clara de Cat sumir

pelos bastidores e olho para todos os lados, menos para ele, que ainda não me viu ali. Aperto as alças do sutiã para que meus seios subam mais, empino a bunda, como a tia Sue ensinou e bem quando vou me aproximar dele e de sua acompanhante horrorosa, meu salto fica preso num espaço do piso de madeira, e fico parada feito uma idiota, perto demais dos dois. Puxo de leve, mas não quer sair, puxo mais uma vez, não quer sair. Olho para os lados e Maria Rosa corre até mim. Ela usa um roupão por cima de sua roupa de balé e olha alarmada o homem a minha frente e o salto aos meus pés.

— Amiga, eu não sei como você sempre consegue fazer essas coisas. É impressionante!

— Fale menos e aja mais, Maria, tire meu salto daí.

— Se eu me abaixar para puxar seu salto, ele vai perceber e vai ser o mico do século. Finja conversar comigo e vamos aguardar que ele saia.

Ela olha para os lados e seus olhos se prendem um tempo maior em Diogo, rodeado de meninas, faz um gesto negativo com a cabeça e quando solta um palavrão, sei que algo ruim vai acontecer. Minha amiga é uma lady, dificilmente fala palavrão. É aí que Victor aparece. E toda vez que ele aparece, algo me acontece.

— Oh céus, que ele não perceba que eu,...

— Está presa, Nath? Eu te ajudo — Ele corre até mim e puxa de uma vez meu pé, me desequilibrando e acho que torceu meu tornozelo no processo.

Quando estou nervosa, emito uma espécie de grunhido, é incontrollável, e sei que estou fazendo isto neste momento, porque ele está ali, olhando para mim com aquele sorriso idiota. Para o mico não ser maior, cutuco Victor com o dedo.

— Vic, me tire daqui. Acho que você quebrou meu pé, seu babaca.

Ele me pega no colo de repente, acho que minha calcinha ficou a vista porque todos os olhares se prenderam em mim. E, para não sair por baixo da carne seca, pego o sapato que está na mão dele, e atiro num garçom que passa no segundo andar. É certo, ele acerta a bandeja e cai, mas nem me preocupo em onde ele vai parar, o que me importa é que ele a acertou por baixo, virando a bandeja aqui embaixo, em cima dele e de sua acompanhante. Porém, primeiro o sapato acerta em cheio sua cabeça e em seguida vêm as taças de champanhe.

Meio zozzo, ele pega o sapato e olha para o meu pé.

— Ops! Corre Victor, corre.

Meu grandalhão corre comigo para fora da Academia e só avisto o babaca do meu professor parado na porta do teatro com meu sapato nas mãos, enquanto Vic me leva para longe.

— Meu Deus, que eu acorde amanhã e tenha sido um pesadelo. Obrigada. De nada.

CONTATO COM A AUTORA

FACEBOOK: <https://www.facebook.com/carlieferrerautora>

WATTPAD: http://www.wattpad.com/user/Carlie_Ferrer

E-MAIL: carlieferrers@gmail.com

SITE: <http://carlieferrers.wix.com/autora>